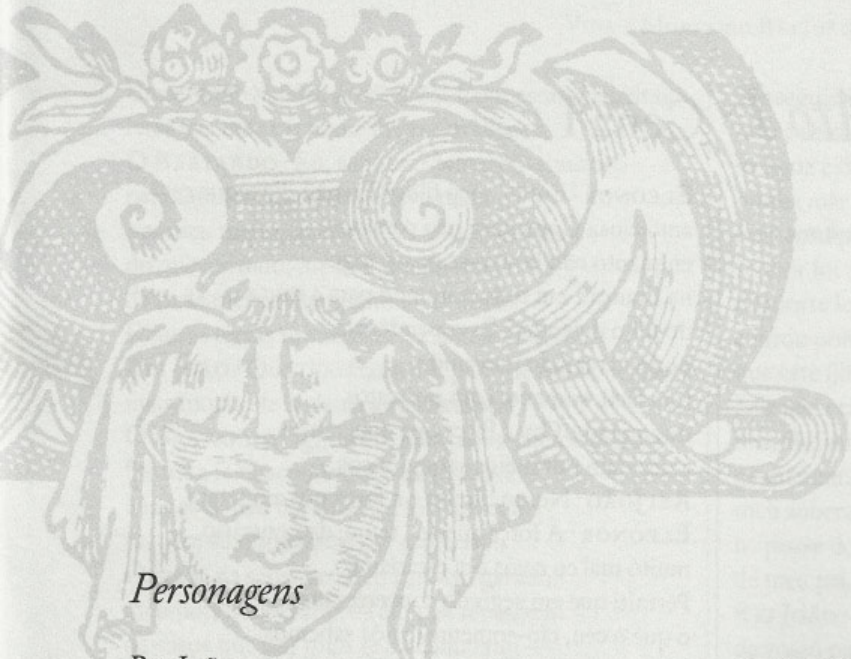
shakespearebrasileiro.org



Personagens

Rei João.
Príncipe Henrique, filho do rei.
Artur, duque da Bretanha, sobrinho do rei.
Conde de Pembroke.
Conde de Essex.
Conde de Salisbury.
Lorde Bigot.
Hubert de Burgh.
Roberto Faulconbridge, filho de sir Roberto Faulconbridge.
Filipe, o Bastardo, seu irmão materno.
James Gurney, criado de lady Faulconbridge.
Peter de Pomfret, profeta.
Filipe, rei da França.
Luís, delfim.
Limoges, duque da Áustria.
Cardeal Pandolfo, legado do papa.
Melun, nobre francês.
Chatillon, embaixador da França.
Rainha Eleonor, mãe do rei João.
Constança, mãe de Artur.
Branca de Espanha, sobrinha do rei João.
Lady Faulconbridge.
Nobres, fidalgos, cidadãos de Angers, xerife, arautos, oficiais, soldados, mensageiros e gente de serviço.

Cena

Ora na Inglaterra, ora na França.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

A sala do trono no palácio.
Entram o rei João, a rainha Eleonor, Pembroke, Essex, Salisbury e outros, com Chatillon.

Rei João · Agora dize, Chatillon: A França
que deseja de nós?
Chatillon · Após saudar-vos,
desta arte o rei da França por mim fala
ao Poder, à emprestada Majestade
da Inglaterra.
Eleonor · Começo muito estranho:
Majestade emprestada!
Rei João · Não falemos,
bondosa mãe; ouçamos a embaixada.
Chatillon · Filipe, rei da França, com o direito
que lhe herdou teu irmão já falecido,
filho de Godofredo, Artur, de nome
Plantagenet, reclama legalmente
esta bela ilha e mais os territórios
de Anjou, Poictiers, Touraine, Irlanda e Maine;
deseja que de lado a espada ponhas
que te defende os usurpados títulos,
e ao moço Artur a entregues, teu sobrinho
e, já agora, também teu soberano.
Rei João · E que resultará se renuirmos?
Chatillon ·
O julgo altivo de uma guerra a um tempo
violenta e sanguinosa, que demonstre
pela força o direito contestado.
Rei João · Então guerra por guerra, dize à França,
sangue por sangue e força contra força.
Chatillon · Por minha boca, pois, o desafio
te deixo do meu rei; é o extremo encargo
de minha comissão.
Rei João · Leva-lhe o meu,
também, e parte em paz. Sê um relâmpago
para os olhos da França, que, bem antes
de poderes dar conta da embaixada,
eu farei que o trovão por lá se escute
dos meus canhões. Vai logo! Sê a trombeta
de nossa cólera, o ruim presságio
de vossa própria perda. Que lhe seja
dada uma escolta honrosa; cuidai disso,
Pembroke. Chatillon, é tudo; adeus.
(Saem Chatillon e Pembroke.)

Eleonor · Então, meu filho? Eu não dizia que essa
ambiciosa Constança não parava
enquanto não houvesse posto fogo
na França e em todo o mundo para a causa
do filho defender? Essa pendência
poderia ter sido prevenida,
fora fácil, somente com protestos
de amizade. Ora é força que dois reinos
a decidam por meios sanguinosos.
Rei João · Nosso direito e a força nos amparam.
Eleonor · A força apenas, temo; do contrário,
muito mal eu e vós ora estaríamos.
Permiti que em segredo conversemos
o que o céu, tão-somente, e nós sabemos.
(Entra um xerife, que fala baixo a Essex.)
Essex · Meu príncipe, aqui temos a pendência
mais estranha do mundo, que vos chega
do interior, a fim de ser julgada.
Posso mandar entrar os querelantes?
Rei João · Sim, fazei-os entrar.
(Sai o xerife.)
As abadias e os prioratos hão de
pagar todos os gastos dessa guerra.
(Volta o xerife com Roberto Faulconbridge e Filipe, seu irmão bastardo.)
Quem sois?
O Bastardo · Sou súdito fiel, de origem nobre,
nascido aqui em Northamptonshire e filho
mais velho, como penso, de Roberto
Faulconbridge, soldado que foi feito
cavaleiro no campo de batalha
pela mão generosa de Ricardo
Coração de Leão.
Rei João · E tu, quem és?
Roberto · Filho e herdeiro do mesmo
Faulconbridge.
Rei João ·
Como! Se este é o mais velho, és tu o herdeiro?
Tendes mãe diferente, ao que parece.
O Bastardo · Uma só mãe, decerto, poderoso
monarca; isso é sabido; e um pai apenas,
segundo creio. Mas sobre esse ponto
somente ela e o alto céu é que vos podem
revelar a verdade. Eu, como todo
filho de homem, mantenho as minhas dúvidas.

shakespearebrasileiro.org

Eleonor · Sai daí, grosseirão! Com essas suspeitas
feres tua mãe e o nome lhe enxovalhas.
O Bastardo · Eu, senhora? Jamais tive motivo
para tanto. A questão foi levantada
por meu mano, que, vindo a aduzir provas
do que afirmou, me levará uma renda
de nada menos que quinhentas libras.
Deus as terras me ampare e a honra materna.
Rei João · Que tipo franco! E por que causa, sendo
mais moço, ele reclama a tua herança?
O Bastardo · Ignoro-o; mas talvez cobice as terras.
De uma feita acoimou-me de bastardo.
Mas se o meu nascimento foi legítimo
ou não, só minha mãe é responsável.
Quanto ao saber-se se eu fui bem gerado,
meu nobre soberano — em paz repousem
os ossos que por mim se azafamaram! —
julgai vós mesmo, os rostos comparando-nos.
Se o velho Sir Roberto nos gerou,
realmente, e é nosso pai, e se esse filho
se parece com ele, Oh Sir Roberto,
meu bom velho, agradeço aos céus de joelho
por não te ver quando me vejo ao espelho!
Rei João · Que espírito estouvado o céu nos manda!
Eleonor · Há um quê de parecença com Ricardo
Coração de Leão; a voz é a mesma.
Não achais alguns traços de meu filho
na avantajada compleição deste homem?
Rei João · Meus olhos o examinam e concluem
que é Ricardo tal qual. E vós, que causa
vos leva a reclamar as terras dele?
O Bastardo · Por ter como meu pai só meio rosto,
quer com ele abiscoitar-me as propriedades;
um perfil de moeda vai render-lhe
a ninharia de quinhentas libras.
Roberto · Meu soberano, vosso irmão, em vida
de meu pai, o empregou freqüentes vezes...
O Bastardo ·
Assim não heis de obter as minhas terras.
O que cumpre saber é de que jeito
ele então empregava minha mãe.
Roberto ·
...e o mandou de uma feita em embaixada
à Alemanha tratar de altos negócios
com o Imperador. O rei soube valer-se
de sua ausência e morou nesses entrementes
em casa de meu pai. Quanto ele pôde
conseguir, envergonha-me dizê-lo;
mas a verdade é uma: muitas léguas
de água e de terra se interpunham entre
minha mãe e meu pai — como por vezes
ouvi meu pai dizer — quando este alegre
senhor foi concebido. No seu leito
de morte legou-me ele seus haveres
e jurou por aquela hora solene
que este filho de sua esposa, filho
dele não era, salvo se tivesse
nascido antes do tempo nada menos
de quarenta semanas. Por tudo isso,
meu soberano, permiti que eu entre
na posse do que é meu: as propriedades
de meu pai, tal como este o desejava.
Rei João · Vosso irmão é legítimo; a consorte
de vosso pai o teve após as núpcias.
Se ela prevaricou, a falta é sua,
falta, aliás, que se inclui entre os azares
de quem toma mulher. Se não, dizei-me:
meu irmão, que, segundo o revelastes,
se esforçou na feitura deste filho
de vosso pai, o reclamou acaso?
Vosso pai, caro amigo, poderia
ficar com o bezerro de sua vaca
contra a opinião de todos. Sim, podia,
sem dúvida. Ainda mesmo que ele fosse
de meu irmão, o mano não teria
nenhum direito, como não podia
vosso pai recusá-lo, embora dele
com certeza não fosse. Em suma: o filho
de minha mãe foi quem gerou o herdeiro
de vosso pai; o herdeiro, então, que fique
com os bens que vosso pai possuía em vida.
Roberto · Então de nada vale o testamento
de meu pai, nem tem força para um filho
deserdar que ele disse não ser dele?
O Bastardo ·
Não tem força, senhor, de deserdar-me,
como não teve de gerar-me, creio.
Eleonor · Que preferes: chamar-te Faulconbridge
e, como teu irmão, ter propriedades,
ou ser considerado como filho
de Coração de Leão, senhor de tua
nobreza, tão-somente, sem fortuna?
O Bastardo ·
Se meu irmão, senhora, uma aparência

shakespearebrasileiro.org

como a minha possuísse, e eu, por meu lado,
com Sir Roberto em tudo parecesse,
tal como ele, e tivesse as pernas finas
que nem duas varas de montar, os braços
como peles de enguias estofadas,
e um rosto tão delgado que uma rosa
na orelha eu não pusesse, só de medo
de alguém dizer: Olá! Uma moeda nova!
E, se com essa figura, eu fosse herdeiro
de toda a terra, afirmo-o, não quisera
dar mais um passo e abrira mão de tudo,
até do último real, para ser esse
mesmo que sou, embora não comesse.

Eleonor · Agradas-me; não queres tua fortuna
renunciar e a teu irmão ceder as terras,
para me acompanhares? Sou um soldado
e de viagem me encontro para a França.

O Bastardo ·
Irmão, ficai com tudo; aceito esta ansa;
bela renda ganhaste com esta cara,
que por cinco vinténs ainda era cara.
Até à morte, senhora hei de seguir-vos.

Eleonor · Não; prefiro que vades vós na frente.

O Bastardo · Os melhores que nós têm
precedência.

Rei João · Como te chamas?

O Bastardo · Filipe, primogênito da esposa
de sir Roberto, que já em paz repousa.

Rei João · Passarás doravante a usar o nome
de quem trazes a forma. Dobra os joelhos
como Filipe e te alça como o grande
sir Ricardo e Plantagenet. Levanta-te!

O Bastardo ·
Irmão materno, a mão! Eu herdo um nome;
vós, terras; nunca mais passarei fome.
Louvarei noite e dia o instante azado
em que, ausente Roberto, eu fui gerado.

Eleonor · Plantagenet legítimo no gênio!
Ricardo, eu sou tua avó; dá-me esse nome.

O Bastardo ·
Por acaso é que o sois; mas que importa isso?
Quem não pode andar certo, anda de esguelha,
pula a janela ou mesmo a clarabóia,
foge da luz, com a noite se aconselha
para ser rico, embora com tramóia.
Um pouco mais ou menos de fuligem...
Se eu sou quem sou, que importa a minha origem?

Rei João · Já tens, Ricardo, quanto te apetece;
um cavalheiro pobre te enriquece.
Vamos, vamos, senhora, para a França
com toda a pressa; a hora solene avança.

O Bastardo · Adeus, irmão; o céu de ti se agrade;
foste gerado em plena honestidade.

(Saem todos, menos o Bastardo.)

Sou agora um pé de honra mais do que antes,
mas perdi muitos pés de terras boas.
Posso fazer senhora qualquer Joana.
"Bom dia, sir Ricardo!" "Deus vos guarde!"
lhe respondo; e se Jorge for seu nome,
Pedro lhe chamarei porque a nobreza
concedida de pouco troca os nomes
às pessoas, é indício de respeito
na nova situação e de importância.
Mas passemos agora à sobremesa,
que o nosso amigo, a palitar os dentes
se acha no meu lugar. Quando bem farto
sentir o nobre estômago, um pouquinho
chupo os dentes e digo ao elegante
provinciano: "Meu caro..." assim falando
me apóio ao cotovelo, deste modo:
"Peço-vos..." A Pergunta, agora, é tudo.
A Resposta é igualzinha à da cartilha:
"Oh, meu senhor", diz a Resposta, "às vossas
ordens; em tudo vosso, caro amigo!"
"Não", retruca a Pergunta, "Eu é que em tudo
me acho ao vosso dispor". E assim, muito antes
de saber a Resposta o que deseja
dela a Pergunta, em cumprimentos toda
se desfazendo e a parolar, sem pausa,
do rio Pó, dos Alpes e Apeninos
e até dos Pireneus, espicha a sua
conclusão até a mesa levantar-se.
Mas isso é sociedade respeitável
que diz bem com um espírito elevado
como o meu, pois não passa de um bastardo
do tempo quem não tem faro aguçado
para sentir o alto valor das formas —
aliás bastardo eu sou de qualquer jeito —
não somente o que diz respeito aos traços
exteriores, às vestes e à conduta,
como também quem não gerar veneno
desde o íntimo, bem doce, muito doce,
para o gosto do tempo, o que hei de logo
procurar aprender, não com o intuito

shakespearebrasileiro.org

de enganar, mas tão-só como defesa,
para aliviar-me o esforço da subida.
Mas quem chega apressada, à cavaleira?
Uma mulher-correio? Não tem ela
marido que o trabalho a si tomasse
de anunciar com um corno a sua chegada?
(Entram lady Faulconbridge e James Gurney.)
Que vejo! Minha mãe! Então, senhora,
que é que vos traz à corte com tal pressa?
LADY FAULCONBRIDGE ·
Onde se acha teu mano, aquele biltre
que atassalha minha honra em toda a parte?
O BASTARDO · Roberto, meu irmão? Filho do velho
sir Roberto? O gigante irresistível,
Colbrant, o homem de força mais que humana?
Buscais o filho, então, de Sir Roberto?
LADY FAULCONBRIDGE ·
Como, rapaz irreverente! Filho
de sir Roberto? Zombas, porventura,
de sir Roberto? Não é ele, acaso,
tão filho de Roberto como tu?
O BASTARDO · James Gurney, não queres afastar-te
por algum tempo?
GURNEY · Sim, meu bom Filipe.
O BASTARDO · Filipe? suba! James, há um zunzum
aí por fora. Depois conversaremos.
(Sai Gurney.)
Minha mãe, eu não sou filho do velho
sir Roberto, que bem podia a parte
que ele em mim tem comer na sexta-feira
da Paixão sem quebrar, com isso, o jejum.
Sir Roberto era gente; mas, franqueza:
podia ele gerar-me? Sir Roberto
não podia fazê-lo; conhecemos
sua marca. Por isso, mãe querida,
a quem devo a feitura destes membros?
Sir Roberto jamais fez esta perna.
LADY FAULCONBRIDGE ·
Estás mancomunado com Roberto,
quando devias a honra defender-me
para vantagem própria? Que traduzem
semelhantes palavras, malcriado?
O BASTARDO · Boa mãe, cavaleiro, cavaleiro,
como o foi Basilisco. Fui armado
cavaleiro; ainda trago a marca no ombro.
Mas, minha boa mãe, eu não sou filho
de sir Roberto. Já abri mão de tudo,
de sir Roberto e de suas terras: nome,
nascimento legítimo, acabou-se!
Por isso, mãe, falai-me à puridade:
quem foi meu pai? Algum sujeito digno,
quero crer. Mas, seu nome, mãe querida?
LADY FAULCONBRIDGE ·
Renegaste o teu nome Faulconbridge?
O BASTARDO · Como se renegasse o próprio diabo.
LADY FAULCONBRIDGE ·
O rei Ricardo Coração de Leão
foi teu pai. Após longas e veementes
investidas, pôde ele convencer-me
de deixá-lo subir para o meu leito
conjugal. Não me puna o céu por isso.
És o produto dessa cara ofensa
que me deixou sem forças e indefensa.
O BASTARDO · Por esta luz, senhora, se de novo
tivesse eu de nascer, não desejara
melhor pai. Há pecados que desfrutam
de certos privilégios. Nesse caso
se acha o vosso; não foi loucura a falta.
Importava rendêsseis a vontade,
como tributo voluntário, ao ímpeto
da paixão de Ricardo, a cuja cólera
e força irresistíveis nem o impávido
leão o ousio teve de antepor-se,
deixando nas mãos fortes do adversário
o coração real. Quem teve força
para arrancar o coração às feras,
facilmente vencera uma mulher.
Agradeço-te, Oh mãe, mui cordialmente,
o ter o pai que tenho. E se algum biltre
disser que eu não nasci de amor eterno,
mandarei sua alma logo para o inferno.
Agora a meus parentes vou mostrar-te.
Todos dirão, verás, que foi honroso
no teu leito Ricardo tomar parte.
E quem o não disser é mentiroso.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena I

França. Diante dos muros de Angers.
Entram, por um lado, o duque d'Áustria, com tropas, por outro, Filipe, rei da França, com tropas, Luís, Constança, Artur e séquito.

Rei Filipe · Salve, diante de Angers, Áustria valente!
Artur, teu grande antepassado, aquele
Ricardo que arrancou ao rei das feras
o coração e foi na guerra santa
da Palestina, prematuro ao túmulo
baixou por causa deste bravo duque,
que ora, em reparação aos descendentes,
aqui se acha, atendendo a nossas súplicas,
com as cores desfraldadas na defesa
do teu direito e, assim, para castigo
da usurpação de teu perverso tio,
o inglês João. Abraça-o, por tudo isso,
tem-lhe amor e lhe almeja as boas-vindas.
Artur · Possa o céu perdoar-vos pela morte
de Coração de Leão, já que ora vindes
dar vida a seus herdeiros, amparando-lhes
o direito sob vossas fortes asas.
Dou-vos as boas-vindas com mão fraca,
mas com amor sem mancha a transbordar-me
do peito. Sede, pois, bem-vindo, duque.
Filipe · Nobre criança, quem não te amparara?
Áustria · Este beijo afetuoso que na face
te deponho, é o carimbo do contrato
por que me obrigo a não voltar a casa
enquanto Angers e o jus que tens na França
com esta praia pálida, esta praia
de faces brancas, cujo pé rechaça
as ondas mugidoras do oceano
e contra o assalto dos demais países
protege os insulares; enquanto essa
Inglaterra, cercada pelas ondas,
esse baluarte de muralhas líquidas,
confiar na proteção que a põe a salvo
de estranhas incursões; enquanto esse último
recanto do ocidente não te houver
saudado como rei. Até esse instante,
não pensarei em ver a minha casa,
nem deporei as armas, belo jovem.

Constança · Aceitai o que pode dar-vos uma
viúva e mãe: somente muitas graças,
até que vosso braço forte o mostre
vigoroso bastante, para dar-vos
outras provas de amor mais adequadas.
Áustria · A paz do céu está com quem empunha
a espada em tal pendência justa e santa.
Filipe · Mãos à obra, pois. Viremos contra o rosto
da cidade rebelde os nossos fortes
canhões. Chamai os entendidos na arte
da guerra, porque os planos nos indiquem
de melhores vantagens. Os reais ossos
deixaremos defronte destes muros,
andaremos a vau em puro sangue
francês, até o mercado, mas, submissa
a cidade a esta criança entregaremos.
Constança · Esperai a resposta da embaixada,
porque as espadas não se tinjam antes
de haver necessidade. É bem possível
que da Inglaterra Chatillon nos traga
precisamente a paz que ora intentamos
obter pela violência. Cada gota
nos pesara, do sangue que uma cólera
impensada desse azo a se perder.

(Entra Chatillon.)

Filipe · Um milagre, senhora! Vosso anelo
se positiva: eis Chatillon que chega!
O que disse a Inglaterra, dize em poucas
palavras, gentil lorde. Todos calmos,
vamos ouvir-te. Fala, Chatillon.
Chatillon · Virai, pois, vossas forças deste cerco
mesquinho e as aplicai num grande feito.
Inglaterra, irritado com a justiça
de vossa causa, encontra-se ora em armas.
A monção, que foi causa da demora
do meu retorno, lhe deu tempo para
desembarcar junto comigo as suas
legiões que a esta cidade se encaminham.
Suas forças são fortes; os soldados,
confiantes em si próprios. Com ele, ainda,
vem a rainha-mãe, Ate medonha,
que a sangue e lutas sem cessar o incita.
Lady Branca de Espanha, sua sobrinha,
a acompanha, e o bastardo do monarca

shakespearebrasileiro.org

falecido. O vigor irrefreado
do país, voluntários ardorosos,
turbulentos sem medo, de aparência
feminil, mas com ímpeto de ardentes
e temíveis dragões, de seus haveres
na pátria desfizeram-se e, orgulhosos,
agora o patrimônio ao dorso trazem,
para nova fortuna aqui tentarem.
Em resumo: um pugilo tão seleto
de peitos indomáveis, como os que ora
nas quilhas da Inglaterra se balouçam,
jamais flutuou nas ondas empoladas
para a ruína trazer à cristandade.

(Ouve-se ruído de tambor.)

Dispensam seus tambores impudentes
fúteis divagações; acham-se à mão,
ou para luta, ou para conferência.
Preparai-vos, portanto.

Filipe · Como chega
fora de tempo semelhante exército!

Áustria · Quanto mais imprevisto, mais é força
que primemos nos meios de defesa.
Exalta-se a coragem com o momento.
Sejam bem-vindos; prontos nos achamos.

(Entram o rei João, Eleonor, Branca, o bastardo, nobres e tropas.)

Rei João · A paz seja com a França, caso a França
nos permitir em paz a justa posse
do que temos direito. Do contrário,
venha a sangrar a França e a paz se evole,
enquanto nós, iroso mandatário
da cólera de Deus, corrigiremos
a insolência que expulsa a paz divina.

Filipe · Seja a paz com a Inglaterra, se esta guerra
da França se virar de vez contra ela,
a fim de em paz ali viver. Amamos
a Inglaterra; é por ela, tão-somente,
que suamos sob o peso destas armas.
É a ti que competia este trabalho;
mas o amor da Inglaterra está tão longe
de dar-te algum cuidado, que arruinaste
seu próprio rei legítimo, cortaste-lhe
a ordem da sucessão, lançaste escárnio
sobre a menoridade da realeza
e violaste a inocência da coroa.
Contempla aqui as feições de teu irmão
Godofredo: estes olhos, esta fronte,
foram moldados por seus traços; este
pequenino resumo abrange quanto
morreu em Godofredo; a mão do Tempo
vai transformá-lo num volume grande.
Mais velho do que tu Godofredo era;
é seu filho este aqui. Era a Inglaterra
de Godofredo por direito, que ora
passou por sucessão para seu filho.
Em nome, pois, de Deus, como se explica
o chamares-te rei, se nestas fontes
pulsa ainda o sangue vivo a que compete,
tão-somente, a coroa que usurpaste?

Rei João · Quem te confere, França, ora o direito
de exigires de mim tantas respostas?

Filipe · O juiz superno que desperta em todos
os peitos generosos o desejo
de descobrir as manchas e desonras
ao Direito infligidas, esse mesmo
juiz que me fez tutor deste menino,
que hei de salvaguardar de toda injúria.
Com seu auxílio espero castigar-te.

Rei João · Não queiras usurpar autoridade.

Filipe · Perdão! A usurpação é que eu coíbo.

Eleonor · França, a quem chamas tu de usurpador?

Constança ·
Eu quero responder: teu próprio filho.

Eleonor · Para trás, insolente! Desejaras
que teu bastardo fosse rei, somente
para, como rainha, governares.

Constança · Meu leito sempre foi fiel a teu filho
como o teu, porventura, a teu marido,
e este menino tem mais parecença
com seu pai Godofredo do que, acaso,
no gênio, João contigo, em que pareçam
como água e chuva, o diabo e a própria mãe.
Bastardo, o meu filhinho! Por minha alma!
Não creio que seu pai tivesse sido
gerado mais lealmente. Não! Como isso
fora possível, se a ele deste vida?

Eleonor · Que mãe, menino, que a teu pai difama!

Constança · Que avó, meu filho, que infamar-te
almeja!

Áustria · Ficai quietas!

O Bastardo · Ouçamos o pregoeiro!

Áustria · Que diabo és tu?

shakespearebrasileiro.org

O Bastardo · Alguém que há de convosco,
senhor, fazer de diabo, quando acaso
vos encontrar sozinho e a vossa pele.
Sois a lebre da fábula, que puxa
pela barba ao leão morto; se de jeito
vos pegar, o casaco hei de sujar-vos.
Acautelai-vos, tipo; hei de fazê-lo!
Branca · Assentam bem as vestes do leão
a quem ao próprio leão soube roubá-las.
O Bastardo ·
Assentam-lhe tão bem ao dorso, como
as de Hércules num asno. Vou tirar-vos,
asno, das costas esse fardo ingente
e outro pôr que vos vai deixar doente.
Áustria · Quem é o fanfarrão que nos aturde
as orelhas com fôlego supérfluo?
Filipe · Decide logo, Luís, o que faremos.
Luís · Olá, mulheres e homens sem juízo,
cessai de discutir! Rei João, eis quanto
nos importa: a Inglaterra, Maine, Irlanda,
Anjou e Touraine eu as reclamo, como
pertencentes a Artur. Estás disposto
a resigná-las e a depor as armas?
Rei João · Antes a vida. França, desafio-te!
Vem, Artur de Bretanha! A mim confia-te;
meu amor vai te dar mais do que quanto
pudesse conquistar a mão covarde
da França. Vem, menino!
Eleonor · Vem, meu filho;
é tua avó que te chama.
Constança · Vai, meu bem;
vai com tua avó e lhe oferece um reino,
que tua avó te dará uma cereja,
passas e figo. É uma excelente avó!
Artur · Paz, minha boa mãe!
Desejara já estar na sepultura.
Não sou digno da luta que se trava
por minha causa.
Eleonor · Coitadinho! Chora;
sua mãe o envergonha.
Constança · Em vós recaia
toda a vergonha se isso for verdade.
Os insultos da avó, não a vergonha
da mãe são que lhe arrancam essas pérolas
que o céu comovem e que o céu recebe
como penhor. É certo: esse rosário
de cristal vai peitar o céu, levando-o
a fazer justiça e castigar-vos.
Eleonor · Monstro que o céu e a terra calunia!
Constança ·
Monstro que ao céu e à terra atira injúrias!
Não digas que me valho de calúnias.
Tu e teu filho é que usurpais as terras,
a realeza e os direitos desta criança
desprotegida, filho de teu filho
mais velho, que em ti, só, encontra causa
de chamar-se infeliz. Os teus pecados
são castigados nesta pobre criança.
A lei o atinge, visto ele encontrar-se
separado do ventre do pecado
por duas gerações, tão simplesmente.
Rei João · Basta, louca!
Constança · Direi mais isto, apenas:
que meu filho não é só castigado
pelos pecados dela; Deus fez dela,
como de seus pecados, o castigo
deste seu descendente, castigado
por ela e por sua causa. O seu pecado
à criança causa dano, é o responsável
por tudo. Na pessoa desta criança
ela é punida. A peste que a carregue!
Eleonor · Boca ferina, eu poderia o título
de teu filho anular com um testamento.
Constança ·
Quem o duvida! Ora essa! Um testamento
de mulher, de uma avó sem coração.
Filipe · Calma, senhora, calma nessa língua!
Este lugar é impróprio para palmas
a essas repetições desafinadas.
Chame algum trombeteiro para os muros
os cidadãos de Angers. Que nos declarem
qual o título que eles reconhecem:
o de Artur ou o de João.

(Toque de trombeta; aparecem cidadãos sobre os muros.)

Primeiro Cidadão · Quem nos convoca
para parlamentar desta muralha?
Filipe · França, pela Inglaterra.
Rei João · Inglaterra, por si. Vós, cidadãos
de Angers, meus fiéis súditos...
Filipe · Vós, homens
de Angers, a Artur sujeitos, convocou-vos
nossa trombeta para amável fala...

shakespearebrasileiro.org

Rei João · ...que nos toca de perto. Ouvi-nos, pois.
As bandeiras da França, desfraldadas
ante a vista e as feições desta cidade,
aqui vieram, tão-só, para arruinar-vos.
Seus canhões têm entranhas transbordantes
de cólera e se encontram preparados
para cuspir em vossos muros sua
indignação de ferro. Os impiedosos
preparativos para um cerco horrível
os olhos ora ameaçam da cidade,
estas portas fechadas. Se não fosse
nossa vinda, essas pedras sonolentas
que, como cinto protetor, vos cercam,
a estas horas teriam de seu leito
de cal sido arrancadas pela força
da atroz artilharia, que estadeara
larga brecha por onde a sanguinosa
violência vossa paz destruir pudesse.
Mas à vista do vosso rei legítimo —
que, com bastante sacrifício, em marchas
forçadas conseguiu colocar forças
eficientes em face destes muros,
a fronte protegendo da cidade —
os franceses, tomados de surpresa,
em uma conferência condescendem,
e agora, em vez de balas envolvidas
em fogo, para febre abaladora
nos muros produzir-vos, eles jogam
palavras brandas em fumaça envoltas
porque os ouvidos a erro vos induzam.
Concedei-lhes o apreço que merecem,
caros concidadãos, e entrada franca
permiti-nos, a vosso soberano,
cujo ânimo, no afã de tantas marchas
cansativas reclama asilo certo
no recinto de vossa alta cidade.
Filipe · Depois de eu ter falado, respondei-nos.
Aqui vedes à minha mão direita
que se votou diante de Deus à causa
do bem e da justiça, o jovem príncipe
Plantagenet, sobrinho que é deste homem,
por ser filho de seu irmão mais velho
e, por isso, seu rei e de quanto ele
possa ter. É no nome da eqüidade
conspurcada que a relva ante estes muros
calcamos com o aparato belicoso
de nossa expedição, ainda que vossos
inimigos não somos, senão quanto
de nós o exige o zelo hospitaleiro
que a consciência nos dita para alívio
desta criança oprimida. É de justiça,
portanto, que presteis fidelidade
a quem for de direito: ao jovem príncipe.
E como urso açaimado, nossas armas,
tirante o aspecto, mansas vão tornar-se;
a malícia de nossa artilharia
será vãmente gasta contra as nuvens
invulneráveis do alto; em retirada
sem cólera e entre bênçãos, livres nossos
elmos de qualquer mossa, espadas limpas,
a casa o sangue alegre levaremos
que viemos derramar ante estes muros,
e as esposas e os filhos vos deixamos,
bem como a vós, em paz. Mas se afastardes
nossa oferta amigável, loucamente,
não será, por sem dúvida, a espessura
de vossos muros carcomidos que há de
proteger-vos de nossos mensageiros
da guerra, muito embora estes ingleses,
com sua disciplina, arigo achassem
em seu âmbito rude. Declarai-nos,
portanto, se a cidade nos conhece
como donos, e donos que aqui viemos
desafiar-vos, ou se é, ainda, preciso
fazer soar o sinal de nossa cólera
irreprimível e através de sangue
alcançarmos a posse do que é nosso.
Primeiro Cidadão · Em resumo: guardamos a cidade
para o rei da Inglaterra, de quem somos.
Rei João · Reconhecei-me, pois; deixai-me entrar.
Primeiro Cidadão ·
Não pode ser; ao que provar que é rei,
nos mostraremos leais; mas, até então,
ao mundo inteiro as portas fecharemos.
Rei João · Não servirá de prova esta coroa?
Se não bastar, aduzo testemunhas:
trinta mil corações da cepa inglesa...
O Bastardo · Bastardos e outros.
Rei João · ...que com a vida o direito nos defendem.
Filipe · Tão numerosos e tão bem nascidos...
O Bastardo · Também com alguns bastardos...
Filipe · ...estes aqui lhe negam tal direito.

shakespearebrasileiro.org

Primeiro Cidadão ·
Enquanto não provardes quem possui
melhores títulos, em nome desse
mais digno vos negamos submissão.
Rei João · Que Deus absolva, então, todas as almas
que hoje subirem para a sua eterna
morada, antes que chegue a tarde rórida.
Filipe · Amém! Amém! Às armas, cavalheiros!
O Bastardo ·
São Jorge, que o dragão malhou de rijo,
e que montado em seu cavalo ainda hoje
se acha na tabuleta sobre a porta
da hospedagem em que eu resido há tempos,
que me ensine a brigar!
(Ao duque d'Áustria.)
Olá, maroto!
se na vossa caverna eu me encontrasse
com vossa leoa, eu colocara nessa
pele de leão uns alentados chifres,
em monstro transformando-vos.
Áustria · Silêncio!
O Bastardo · Tremei, que estais ouvindo o leão
rugir.
Rei João · Para a planície, porque nossas tropas
disponhamos em ordem de combate.
O Bastardo ·
Com pressa, então; fiquemos com a vantagem
do terreno.
Áustria · Será dessa maneira.
(A Luís.)
Na outra colina conservai as tropas
de reserva. E ora: Deus é nossa causa!
(Saem.)
*(Toque de rebate e movimento de tropas;
depois, retirada. Entra um arauto
francês, com trombetas, e avança até às portas da cidade.)*
Arauto Francês ·
Abri de par em par, homens de Angers,
vossas portas a Artur, o jovem duque
da Bretanha, que graças à mão forte
da França deu assunto para lágrimas
a muitas mães inglesas, cujos filhos
sobre o solo sangrento ora se encontram.
Muitas viúvas, também, vêem os maridos
abraçando, sem vida, a terra pálida.
Com poucas perdas a vitória exulta
nos lábaros franceses que, triunfantes,
já se acham desfraldados para entrarem
como conquistadores e, aqui dentro,
proclamarem o duque da Bretanha
rei da Inglaterra e vosso soberano.
(Entra um arauto inglês, com trombetas.)
Arauto Inglês ·
Homens de Angers, mandai tocar os sinos
em sinal de alegria, que o rei João,
rei da Inglaterra e vosso soberano,
já se aproxima como vencedor
deste dia difícil e agitado.
Suas armas, tão brancas até há pouco,
voltam tintas no sangue dos franceses;
nenhuma pena, ondeante, a nossos elmos,
foi tirada por lanças inimigas;
nossas bandeiras ainda vêm trazidas
pelas mãos que, ao partirmos, as levavam.
É como caçadores turbulentos
que os alegres ingleses ora voltam,
com mãos empurpuradas pela tinta
que correu da matança dos inimigos.
Abri, pois, vossas portas à vitória!
Primeiro Cidadão ·
Arautos, destas torres nós pudemos
acompanhar o assalto e a retirada
das forças em combate, sem que nossos
melhores olhos censurar pudessem
seu perfeito equilíbrio: sangue a sangue
comprou, golpes a golpes respondiam,
força a força se opunha, resistências
iguais se confrontavam. Sois iguais.
Assim, de ambos gostamos igualmente.
Mas é preciso que um de vós dê provas
de superioridade. Enquanto fordes
de peso igual, não há de ser a nossa
cidade de nenhum, mas de vós ambos.
(Voltam os dois reis com suas tropas, separadamente.)
Rei João ·
Ainda podes perder, França, mais sangue?
Dize-nos se a corrente do direito
que defendemos já tem livre curso.
Irritada com tua resistência,
vai ela o leito abandonar e em fúria
vastadora inundar os teus domínios,
a menos que consintas vão suas águas
argentinas defluindo no seu curso
pacífico, até o oceano.

shakespearebrasileiro.org

Filipe · Ouve, Inglaterra:
nesta prova ardorosa não poupaste
uma gota de sangue mais que a França.
Perdeste muitas mais. Por esta mão
que impera até onde o clima aqui se estende,
juramos não depor as nossas armas
votadas à Justiça, sem que ao solo
te joguemos, escopo desta guerra,
ou aumentemos o número dos mortos
de uma unidade real, para que a lista
que relatar o morticínio ingente
se enriqueça com o nome de um monarca.
O Bastardo · Oh Majestade! como a tua glória
sobe de ponto, quando o rico sangue
dos monarcas se incende! Agora a morte
recobre de aço os fortes maxilares;
são-lhe dentes e garras as espadas
dos soldados; alegre banqueteia-se,
tragando carne humana nas contendas
indecisas dos reis. Por que se encontram
estupefactas essas tropas reais?
Gritai "Chacina!" Oh reis! Levai de novo
para o campo sangrento vossas forças
equilibradas, vossos inflamados
espíritos! Depois, que a perda de uma
das partes a vitória da outra afirme.
Mas até lá, só golpes, sangue e morte!
Rei João · A gente da cidade com quem fica?
Filipe · Falai pela Inglaterra, cidadãos:
quem é vosso monarca?
Primeiro Cidadão · É o da Inglaterra,
logo que o conhecermos.
Filipe · Nesse caso,
reconhecei-o em nós, que o defendemos.
Rei João · Em nós, representantes de nós próprios,
e que nossa pessoa aqui trazemos,
donos de nós, de vós e da cidade.
Primeiro Cidadão ·
Um poder mais possante do que o nosso
não nos deixa aceder. Enquanto a luta
não ficar decidida, trancaremos
comportas bem fechadas nosso medo,
que em nós há de mandar, até que venha
depô-lo e desfazê-lo um rei de fato.
O Bastardo ·
Oh reis! Essa canalha está zombando
de todos vós! Postados nas ameias
dos muros, como em teatro, sem correrem
perigo algum, criticam calmamente
vossas cenas sutis e atos de morte.
Que vossas reais presenças sigam nisso
meu conselho: firmai pacto amistoso,
como em Jerusalém de certa feita
os rebeldes fizeram e, de acordo,
dirigi contra os muros da cidade
toda a vossa malícia destruidora.
Poste a França e a Inglaterra a leste e a oeste
seus canhões carregados até à boca,
para que seus bramidos terrorantes
façam ruir por terra os pétreos membros
da cidade impudente. Em vosso caso,
eu não daria trégua a esses velhacos,
enquanto não ficassem entre as ruínas
tão despidos como o ar que respiramos.
Isso feito, apartai de novo as forças
e as bandeiras que unidas estiveram;
oponde rosto a rosto e ponta a ponta
sanguinosa, e a Fortuna, em pouco tempo,
seu feliz favorito dentre as vossas
filas há de escolher, a quem, bondosa,
cederá toda a glória da jornada,
conferindo-lhe o beijo da vitória.
Poderosos Estados, agradais-vos
do conselho selvagem? Não revela
certo sabor, que lembra o da política?
Rei João · Por este céu, que no alto se distende,
agrada-me o conselho. Queres, França,
unir as forças e arrasar Angers,
para, após, decidirmos pelas armas
quem deve governá-la?
O Bastardo · Se tiveres
brio de rei, magoado como deves
estar qual nós estamos, com as ofensas
desta cidade impertinente, faze
como nós: vira a tua artilharia
contra esta fortaleza petulante,
porque depois de ao solo a nivelarmos,
daremos pábulo a nosso ódio eterno
em luta pelo céu ou pelo inferno.
Filipe · Que seja. E ora dizei-nos: de que ponto
dareis o assalto?
Rei João · Do oeste mandaremos
destruição ao peito da cidade.

shakespearebrasileiro.org

Áustria · Eu, do norte.
Filipe · Do sul, nossos trovões
despejarão seus raios contra os muros.
O Bastardo ·
Sul contra norte! Oh! esplêndida estratégia!
França e Áustria, assim, com a artilharia rouca
uma à outra há de fazer calar a boca.
Convém espicaçá-los. Toca! Avante!
Primeiro Cidadão ·
Grandes reis, atendei-nos um instante.
Vou mostrar-vos o modo de firmardes
paz, tornar-vos amigos, a cidade
conquistar sem mais perdas nem violência,
permitindo que a Morte, de futuro,
no leito alcance as vidas que nos campos
agora ao sacrifício se acham prontas.
Não prossigais, monarcas, e atendei-nos.
Rei João · Fala; tens permissão; vamos ouvir-te.
Primeiro Cidadão ·
Essa filha da Espanha, lady Branca,
aí presente, é parenta da Inglaterra.
Contai os anos dessa linda moça
e os do delfim Luís. Se o vigoroso
Amor saísse em busca de beleza,
onde a achara mais bela do que em Branca?
Se o Amor zeloso ansiasse por virtude,
onde a achara mais pura do que em Branca?
Se, cheio de ambição, o Amor fizesse
questão de nascimento, onde encontrara
sangue de mais nobreza do que o sangue
que em suas veias pulsa? Tal como ela,
em beleza, virtude e nascimento,
é, também, o Delfim, completo em tudo.
Se algo falece, é que ele ela não é.
A ela, por sua vez, nada lhe falta —
se em falta se falar — a não ser que ela,
não sendo ele, não pode ser completa.
Ele é a metade de um feliz mancebo,
que deve ser por ela completada;
ela, excelência em parte dividida,
que espera a perfeição dele somente.
Se essas correntes argentinas vierem
a se unir algum dia, glória imensa
conferirão às margens que as ladeiem.
Sede, portanto, oh reis, para essas duas
correntes confundidas as fronteiras,
os limites, as praias, contribuindo
para a união dos dois jovens. Esse enlace
será de mais efeito sobre os nossos
bem fechados portões que toda a fúria
de vossas baterias, pois mais rápido
que a pólvora, fará que se escancarem
para vos dar passagem. Mas sem ele,
não há de ser mais surdo o mar furioso,
os leões, mais resolutos, nem mais firmes
montanhas e rochedos; nem a própria
Morte poderá ser mais peremptória
do que nós na defesa da cidade.
O Bastardo · Eis um pregão que a pútrida carcaça
da Morte faz mexer-se nos seus trapos!
Boca imensa, de fato, que vomita
morte e montanhas, mares e rochedos,
e tão familiarmente se refere
a leões ferozes, como, a seus cãezinhos,
menina de treze anos. Terá sido
gerado esse sujeito tão valente
por algum canhoneiro? Só se exprime
por canhões, fogo, fumo, estrondo e gritos.
Com a língua, bastonadas ele aplica;
rompe-nos os ouvidos; não profere
palavra que não bata mais certeira
do que um punho francês. Nunca as palavras
me desancaram tanto, dês que o nome
de papai dei ao pai de meu irmão.
Eleonor *(à parte, ao rei João)* ·
Filho, aceita a proposta, firma as núpcias;
prontifica-te a dar um dote grande
para nossa sobrinha, que esse laço
de tal modo a coroa pouco firme
virá consolidar-te; luz propícia
jamais poderá ter aquela criança
para os frutos opimos que promete.
No semblante de França leio anuência.
Vê como eles cochicham. Vamos! Urge
com eles insistir, enquanto na alma
revelam ambição, para que o zelo
da piedade e da súplica de novo
não se congele e volte a ser o que era.
Primeiro Cidadão ·
Por que as duas grandezas nada dizem
à idéia amiga da cidade aflita?
Filipe · Inicie Inglaterra, por ter sido
quem a cidade interpelou primeiro.
Que dizeis?

shakespearebrasileiro.org

Rei João · Se o Delfim, teu nobre filho,
ler neste livro de beleza "Eu amo",
como de uma rainha será o dote
da noiva, porque Anjou, Touraine bela,
Maine, Poictiers e tudo quanto deste
lado das águas — excetuando apenas
esta cidade a que ora pomos cerco —
a nossa Dignidade está sujeito,
dourará o leito à noiva e a fará rica
em poderios, títulos e estima,
como em sangue, beleza e fino trato
ela a qualquer princesa se equipara.
Filipe · Que dizes, filho? Olha de frente a moça.
Luís · É o que eu faço, senhor, e maravilha
nos olhos lhe descubro, ou bem, milagre
maravilhoso: minha sombra aí vejo,
que embora seja a sombra, simplesmente,
de vosso filho, em sol se torna e deixa
vosso filho a uma sombra reduzido.
Juro que nunca amei tanto a mim mesmo
como agora, ao me ver reproduzido
na tela aduladora desses olhos.

(Fala em segredo com Branca.)

O Bastardo · Desenhado na tela dos seus olhos!
Pendente de um dos ganchos das pestanas!
No peito, esquartejado! Que de abrolhos
no caminho do amor! Só sinto ganas
de esquartejar, de fato, esse pascácio
que para amar recorre a tal prefácio.
Branca · Neste particular acedo a quanto
meu tio decidir. Se ele vir algo
que lhe possa agradar em vosso todo,
seja o que for, farei com que esse adorno
para minha vontade se transfira,
ou, se o quiserdes, sem ambages: hei de
saber recomendá-lo ao meu afeto.
Mais não direi, milorde, lisonjeando-vos,
que me merece amor quanto em vós vejo.
Direi somente que não vejo nada —
ainda que viesse a Inveja ora julgar-vos —
que ódio ou repulsa despertar consiga.
Rei João · Que diz o jovem par? E vós, sobrinha?
Branca · Que a honra obriga a fazer sempre o que vossa
sabedoria decidir por ela.
Rei João · Então, Delfim, responde-nos se podes
amar esta beldade.
Luís · Perguntai-me
se me é possível de adorá-la abster-me,
porque lhe tenho amor sinceramente.
Rei João · Com ela, então, te dou cinco províncias:
Anjou, Poictiers, Vexin, Touraine e Maine,
com mais trinta mil marcos de ouro inglês.
Vê, Filipe da França, se concordas
em que teus filhos ora as mãos apertem.
Filipe · Apraz-nos, sim; uni, filhos, as mãos.
Áustria · E os lábios, por que não? Nem fareis mais
do que eu, quando asselei meus esponsais.
Filipe · Abri as portas, agora, homens de Angers,
para entrar a aliança que firmastes,
pois vão ser celebradas logo as núpcias
na capela dicada à mãe de Deus.
Não está lady Constança entre os presentes?
Vejo que não; caso contrário, fora
perturbada a alegria desta aliança.
Onde ela está? E o filho? Quem o sabe?
Luís · Triste, à tenda se foi de Vossa Alteza.
Filipe · Por minha fé, a aliança que firmamos
só dará pouco alívio às suas penas.
Caro irmão da Inglaterra, de que modo
contentaremos a rainha viúva?
Viemos a defendê-la; no entretanto,
Deus o sabe, desviamo-nos da estrada,
para nossa vantagem.
Rei João · Será fácil
sanar tudo isso: o título daremos
ao moço Artur de duque da Bretanha
e conde de Richmond, sobre fazermo-lo
senhor desta cidade rica e bela.
Sem demora chamai lady Constança;
vá logo um mensageiro convidá-la
para a solenidade. Penso ser-nos
possível, quando não toda a medida
encher de seus desejos, pelo menos
satisfazê-la de tal modo que ela
ficará sem motivo de queixar-se.
Vamos com a pressa que nos for possível
para a festa imprevista e improvisada.

(Saem todos, com exceção do Bastardo.)
(Os cidadãos se retiram das ameias.)

O Bastardo ·
Mundo louco! Reis loucos! Louca aliança!
Para deter as pretensões, por junto,
de Artur, de grado João cede uma parte;

shakespearebrasileiro.org

a França, que com as armas da consciência
seria invulnerável e que o zelo
cristão e a caridade transformaram
num soldado de Deus, impulsionando-a
para o campo da luta, ouvidos presta
a esse muda-projetos, a esse diabo
manhoso, o alcoviteiro que transforma
no contrário a lealdade, jura falso
cem vezes por minuto e ganha sempre
de todos, de mendigos, reis, mancebos,
raparigas e anciões, e que, no caso
de não ter a perder mais coisa alguma
senão o termo "virgem", burla as virgens;
esse senhor de tão macio rosto,
o Interesse insinuante e adulador,
sim, o Interesse, a rampa em que despenha,
sem se deter, o mundo, que em si mesmo
revelava equilíbrio e que rolava
lisamente em terreno sempre plano
até que esse proveito, essa ladeira
viciada, esse fautor de movimento,
o Interesse, o tirasse do equilíbrio,
de toda a direção, projeto e intento!
E esse mesmo pendor, esse Interesse,
esse alcaiote tecedor de intrigas,
palavra que transforma tudo a todos
os momentos, lançado contra os olhos
da França tão volúvel, fez que logo
desistisse do auxílio que ela própria
decidira prestar e de uma guerra
principiada com honra, para, agora,
concluir uma paz vil e infamante.
Por que cubro de injúrias o Interesse?
Tão-somente por não me ter ainda
conquistado. É certeza: eu não teria
coragem de fechar a mão, se, acaso,
se dispusessem seus bonitos anjos
a me cumprimentar. Não tendo sido
tentada ainda, ela é como a dos pobres
mendigos que os ricaços vitupera.
Pois o mesmo farei, enquanto pobre:
não há pecado como o da riqueza,
direi então; mas quando ficar rico,
direi ser a miséria o único vício.
Se a ambição, entre os reis, é quase uma arte,
Interesse, és meu deus: quero adorar-te.

(Sai.)

Ato III · Cena I

França. A tenda do rei francês.
Entram Constança, Artur e Salisbury.

CONSTANÇA · Foram casar-se! A paz vai ser jurada!
Sangue perjuro unido a sangue falso!
Vão ser amigos! Luís fica com Branca,
e esta fica de posse das províncias!
Não pode ser; ouviste mal; enganas-te.
Reflete bem; repete a tua história;
não pode ser assim; és tu que o dizes,
simplesmente. Confio que não posso
confiar no que disseste, que a palavra
saída da tua boca é o sopro, apenas,
de indivíduo comum. Fica sabendo,
homem, que não te creio; oposta a isso,
tenho a jura de um rei. Vais ser punido
por me assustares tanto; eu sou sensível
ao medo, sou doente, acabrunhada
de injustiças. Por isso, tenho medo;
não tenho já marido, sou viúva,
medrosa, sou mulher, naturalmente
nascida para estar sujeita ao medo.
E embora confessasses que querias
apenas gracejar, eu não pudera
mais sossegar o espírito assustado
que vai ficar tremendo o dia todo.
Por que a cabeça abanas tanto e tanto?
Por que tão tristemente olhas meu filho?
Por que essas tristes lágrimas te escapam
dos olhos, como rio que transborda?
Confirmam tais sinais o que disseste?
Fala de novo, não a história toda
de há pouco, mas somente uma palavra:
se é verdade ou mentira o que contaste.
SALISBURY · Tão verdadeiro, como credes falsos
quantos os que têm culpa de sentirdes
a verdade de toda a minha história.
CONSTANÇA · Se me ensinas a crer nessa tristeza,
mostra à tristeza o meio de matar-me,
fazendo que se encontre a crença e a vida,

shakespearebrasileiro.org

como a fúria de dois desesperados
que se chocam, a um tempo e, mortos, caem.
Luís casar com Branca! Onde te encontras,
meu filho? Amiga a França da Inglaterra,
que de mim será feito? Homem, retira-te!
Já não suporto ver-te! Essa notícia
te transforma em criatura horripilante.
Salisbury · Senhora, que fiz eu, senão contar-vos
o mal que outras pessoas praticaram?
Constança · Tão odioso é esse mal em sua essência,
que quem dele se ocupa causa dano.
Artur · Acalmai-vos, senhora, eu vos suplico.
Constança · Se tu, que me concitas a acalmar-me,
fosses feio, ridículo, a vergonha
do ventre de tua mãe, cheio de nódoas
repugnantes, de manchas repulsivas,
coxo, idiota, cambaio, negro, monstro,
cheio de horríveis marcas, de verrugas
desagradáveis, pouco me importara;
poderia ficar, até, contente,
porque, assim, não te amara, não terias
sido merecedor de tua alta estirpe,
nem da coroa. No entretanto, és belo;
ao nasceres, criança, a natureza
com a Fortuna, em porfia, te exaltaram.
Em dons da natureza tu suportas
paralelo com os lírios inocentes
e com os botões de rosa. Mas a falsa
Fortuna se mudou, foi corrompida,
desviada do teu lado; ela comete
a toda hora adultério com teu tio;
com sua mão dourada incita França
a pisar os direitos da realeza,
transformando-o num reles alcaiote.
França faz o papel de alcoviteiro
entre a Fortuna e João, essa Fortuna
prostituta e o rei João usurpador!
Dize, amigo, se França não é perjuro.
Envenena-o ao menos com palavras,
ou retira-te e as dores abandona
que suportar a mim, tão-só, compete.
Salisbury ·
Perdão, senhora, mas sem vós não posso
retornar à presença dos monarcas.
Constança · Podes e deves; não irei contigo.
Vou ensinar a tristeza a ter orgulho,
que a dor é altiva e ao sofredor faz digno.
Os reis que me procurem nos domínios
da minha grande dor. Tão grande ela é,
que só poderá ter como suporte
a imensidão da terra. Aqui me fico;
com tal dor não me sinto em abandono;
venham curvar-se os reis ante o meu trono.
(Senta-se no chão.)
(Entram o rei João, o rei Filipe, Luís, Branca, Eleonor, o Bastardo, o duque d'Áustria e séquito.)
Filipe · Sim, filha encantadora, a França há de esta
data comemorar daqui por diante.
Para solenizá-la, o sol glorioso
vai deter a sua marcha para ao jeito
fazer dos alquimistas, transformando,
com o brilho dos seus olhos, esta magra
costa da terra em ouro cintilante.
A volta anual de semelhante dia
há de ser para nós sempre feriado.
Constança *(levantando-se)* ·
Feriado não! Um dia amaldiçoado!
Qual o valor do dia, que fez ele
para ficar inscrito em letras de ouro
como alto festival do calendário?
Não! Deveis apagá-lo da semana,
porque indica opressão, perjúrio e opróbrio.
No caso de ficar, então que rezem
as mulheres em véspera de parto
porque do peso não se vejam livres
neste dia maldito, só de medo
de monstros se tornarem seus anelos.
Só neste dia os viajantes devem
ter medo de naufrágio; nele, apenas,
não mantenham palavra os contratantes.
Quanto for começado nesta data,
terá de acabar mal; até a lealdade
se mudará na vil hipocrisia.
Filipe · Penso, senhora, que não tendes causa
de amaldiçoar os feitos deste dia.
Não tendes em penhor minha realeza?
Constança ·
Passastes-me uma moeda com a aparência,
tão-só, dessa realeza, que não pôde
resistir aos exames. Sois perjuro,
perjuro! Armado viestes para o sangue
verter dos meus imigos, mas agora
com vossas armas reforçais as deles.

shakespearebrasileiro.org

O vigor combativo e a catadura
da guerra se embrandecem na amizade,
no artifício da paz; esse contrato
vai buscar força em nosso sofrimento.
Armai-vos, céu! Puni os reis perjuros!
É uma viúva que clama! Esposo sede-me!
Que as horas deste dia amaldiçoado
não transcorram em paz, mas que muito antes
de o sol se recolher nasça a discórdia
entre estes reis perjuros. Atendei-me!
Áustria · Lady Constança, calma!
Constança · Guerra! Guerra!
não paz! A paz é guerra para mim.
Oh Limoges! Oh Áustria! — tu envergonhas
teu espólio sangrento! Miserável,
cobarde, escravo indigno! Tu, valente
pequeno, grande apenas nas torpezas!
só reforças o lado dos mais fortes.
Pioneiro da Fortuna, tu não lutas
senão quando essa dama caprichosa
se acha perto e te enseja a salvaguarda.
És perjuro, também, porque bajulas
a grandeza. Que tolo primoroso
te revelaste, um tolo rastejante,
para te pavoneares tanto e tanto
no meu lado e jurares defender-me!
Não trovejaste do meu lado, escravo
de sangue frio, que me ampararias?
Não me disseste que confiasse em tua
fortuna, em teu poder? E não passaste
para os meus inimigos? Trazes uma
pele de leão. Retira-a, envergonhado;
põe nesses ombros vis a de um carneiro.
Áustria · Se um homem me dissesse essas palavras!
O Bastardo · Põe nesses ombros vis a de um carneiro.
Áustria · Por tua vida, vilão, não mo repitas!
O Bastardo · Põe nesses ombros vis a de um carneiro.
Rei João · Esqueces-te de ti; não gosto disso.

(Entra Pandolfo.)

Filipe · O legado do papa vem chegando.
Pandolfo · Salve, ungidos de Deus e deputados
do céu! É a ti, rei João, que se dirige
minha missão sagrada. Aqui me encontro,
eu, Pandolfo, cardeal de Milão bela,
como legado de Inocêncio, para
te perguntar por ele, em sã consciência,
por que com tanta obstinação maltratas
a Igreja, nossa mãe, e por que causa
com violência expulsaste de sua sede
a Estêvão Langton, arcebispo eleito
de Cantuária? É em nome do citado
santo papa Inocêncio, que eu te faço
todas essas perguntas.
Rei João · Qual é o nome
terreno que se arroga o privilégio
de impor qualquer tarefa ao livre sopro
de um monarca sagrado? Não podias,
cardeal, citar um nome tão ridículo,
tão indigno e vazio, para a alguma
resposta me forçar, como o do papa.
Pois conta-lhe isso e o que ora sai da boca
da Inglaterra: nenhum padre italiano
receberá em nossas terras dízimos
ou qualquer outro imposto. Porque somos
sob o céu o poder mais elevado,
determinamos governar sozinhos
onde afeta nos é a supremacia,
sem o auxílio de mão mortal alguma.
Dize isso ao papa, sem maior respeito
a ele ou sua usurpada autoridade.
Filipe · Blasfemais, caro mano da Inglaterra!
Rei João · Ainda que os reis da cristandade em peso
vos deixeis conduzir grosseiramente
por esse padre intrometido, e medo
mostreis da maldição que se abastarda,
uma vez que se compra por vil ouro,
por escórias, por poeira, o corrompido
perdão de um indivíduo que na venda
mercadeja o perdão dele somente;
embora enriqueçais com vossas rendas,
vós e os mais, a esse astuto feiticeiro,
eu sozinho — sozinho! — me levanto
contra o papa, passando dora avante
a ter por inimigos seus amigos.
Pandolfo · Então, pelo poder de que me encontro
revestido, és maldito e excomungado!
Abençoado será quem seu apoio
negar daqui por diante a um tal herege,
e meritória seja a mão chamada,
canonizada e tida como santa,
que conseguir truncar, de qualquer jeito,
essa vida execranda.
Constança · Oh, que me seja
permitido também, por um momento,

shakespearebrasileiro.org

amaldiçoar com Roma! Dizei *amen*
meu bom padre cardeal, a meus ardentes
votos de maldição. Sem os motivos
dos meus agravos, todos, língua alguma
poderá com direito amaldiçoá-lo.
Pandolfo · A minha maldição, senhora, encontra
confirmação na lei.
Constança · Também a minha.
Quando não pode a lei fazer justiça,
é legal impedir que seja injusta.
Por lei, meu filho não obtém seu reino,
porque quem o detém, detém a lei.
Se a lei, pois, é injustiça, como pode
obstar que minha língua amaldiçoe?
Pandolfo ·
Filipe, deixa a mão desse arqui-herético,
se não queres ficar amaldiçoado,
e levanta contra ele toda a França,
a menos que ele a Roma se submeta.
Eleonor · Empalideces, França? Não retires
a mão.
Constança · Atenção, Diabo! Não consintas
que França tire a mão; perdes uma alma.
Áustria · Rei Filipe de França, ouvi o cardeal.
O Bastardo ·
Põe nos ombros a pele de um carneiro!
Áustria · Sou forçado a embolsar, biltre, essa afronta,
porque...
O Bastardo · ...tendes as calças bem folgadas.
Rei João · Filipe, que respondes ao cardeal?
Constança ·
Que poderá dizer, senão o que o próprio
cardeal já enunciou?
Luís · Pai, refleti,
que a diferença é a maldição pesada
de Roma ou a leve perda da Inglaterra.
Abri mão da mais leve.
Branca · A maldição
de Roma.
Constança · Luís, sê firme; o Diabo veio
tentar-te sob a forma de uma noiva
de cabelos ao vento.
Branca · Não se exprime
lady Constança com lisura; apenas
fala a necessidade.
Constança · Se concedes
essa necessidade, que só vive
porque a fé pereceu, ser-te-á forçoso
inferir que vivera a fé de novo,
caso a necessidade perecesse.
Quando a necessidade derrubares,
a fé se elevará resplandecente;
deixa aquela de pé que esta se abate.
Rei João · O rei está comovido; não responde.
Constança ·
Dele te afasta e dize-lhe o que importa.
Áustria · Faze isso, rei Filipe; não prossigas
mais suspenso.
O Bastardo · Suspende a pele, apenas,
de um carneiro, Oh meu doce paspalhão!
Filipe · Estou perplexo; o que dizer, não sei.
Pandolfo ·
Mais perplexo hás de ser com o que disseres,
se ficares maldito e excomungado.
Filipe · No meu lugar vos ponde, reverendo,
e dizei-me o que havíeis de fazer.
Esta real mão e a minha, não faz muito,
viram-se unidas; acham-se casados
os corações, ligados no imo peito
pela força de votos religiosos
e liames sacrossantos. O nosso último
alento que fez soar umas palavras
tratava de amizade, amor sincero,
paz e fidelidade entre os dois reinos
e nossas reais pessoas. No entretanto,
pouco antes dessas tréguas, não mais tempo
do que o preciso para as mãos lavarmos,
a fim de que esse pacto real firmássemos,
só Deus o sabe, estavam elas sujas
do pincel carregado da chacina
com que a Vingança desenhado havia
o terrível dissídio entre monarcas.
E ora essas mãos, que só de pouco se acham
limpas de sangue, tão recentemente
no amor entrelaçadas, que tão fortes
em ambos se mostravam, esses laços
irão quebrar e os sacros juramentos?
Zombar, assim, da fé? Brincar com as coisas
sagradas, como crianças inconstantes,
e desligar as mãos tão bem unidas?
Mostrarem-se perjuros, sobre o leito
de núpcias, todo em flor, lançar um hóspede
sanguinoso e aprestar um morticínio
na gentil fronte da amizade pura?

shakespearebrasileiro.org

Oh reverendo padre, homem sagrado,
resolvei de outro modo! Em vossa graça
excogitai, imponde outra medida
menos severa, que feliz seremos
em acatá-la, continuando amigos.
PANDOLFO · Informe é a forma e desordeira a ordem
que contra o amor inglês não se opuserem.
Por isso, às armas! Sê campeão da Igreja;
caso contrário, a Igreja, nossa mãe,
a maldição te lança, maldição
de uma mãe contra o filho revoltado.
França, ser-te-á mais fácil segurares
pela língua a serpente, o leão zangado
pela pata terrível e o famélico
tigre pelos queixais, do que nas tuas
essa mão prosseguires apertando.
FILIPE · Posso a mão retirar, não a palavra.
PANDOLFO · Fazes da honra a inimiga da própria honra;
como em civil discórdia, juramento
opões a juramento, língua a língua.
Em primeiro lugar, realiza o voto
que ante o céu assumiste, isto é, de seres
campeão de nossa Igreja; o que juraste
depois, contra ti próprio foi jurado;
por ti mesmo não pode ser cumprido,
pois tudo o que juraste erradamente,
se com acerto obrares, se corrige.
Onde a ação tende ao mal, o certo, sempre,
consistirá em não fazer mais erros.
O melhor, sempre que algo de incorreto
pretendemos fazer, é errar de novo.
Conquanto isso consista num desvio,
este vai dar, alfim, no bom caminho.
A falsidade cura a falsidade,
tal como o fogo abranda o próprio fogo
dentro das veias que o cautério abrasa.
É a religião que os votos nos preserva.
Foi contra a religião que te empenhaste;
jurando por aquilo por que juras,
apresentaste um juramento como
penhor de tua fé, numa emergência
contra esse juramento. A fé, no entanto,
que a jurar te levou, te obriga, apenas,
a não seres perjuro. Do contrário,
que escárnio não seria o juramento!
Juraste para ser, tão-só, perjuro,
o que serás mais ainda, persistindo.
Teu voto último, pois, contra o primeiro
é revolta de ti contra ti mesmo.
Jamais conseguirás maior vitória
do que armando a constância e o que de nobre
tens no imo peito contra esses engodos.
É para essa porção que dirigimos
nossas preces, no caso de atendê-las.
Caso contrário, sabe que o perigo
de nossa maldição sobre ti pende
por maneira tão grave que impossível
ser-te-á livrar-te dela, sendo força
pereceres sob esse negro fardo.
ÁUSTRIA · É franca rebelião!
O BASTARDO · Não tapará
essa boca uma pele de carneiro?
LUÍS · Pai, às armas!
BRANCA · No dia de tuas núpcias?
Contra o sangue que acabas de esposar?
Como! Festejaremos nosso enlace
com corpos mutilados? As trombetas
atroantes e os tambores rumorosos —
clamor do inferno — marcarão o compasso
para o nosso cortejo? Oh esposo, escuta-me!
Esposo! Como é nova essa palavra
dita por mim! Por esse nome caro,
que eu jamais pronunciei até este instante,
imploro-te de joelhos não pegares
armas contra meu tio.
CONSTANÇA · Nestes joelhos,
à força de ajoelhar tão calejados,
Oh virtuoso Delfim, eu te suplico
não mudares o curso do destino
que o céu determinou!
BRANCA · Ora vou ver se me amas. Qual o nome
que mais te obrigará do que o de esposa?
CONSTANÇA ·
O que ampara teu próprio sustentáculo:
tua honra! Luís, tua honra, a tua própria honra!
LUÍS · Por que tão frio Vossa Majestade
se mostra, quando tem tantos motivos
para atuar sem delongas?
PANDOLFO · Vou lançar-lhe
a maldição.
FILIPE · Não tens necessidade.
Inglaterra, separo-me de ti.
CONSTANÇA · Oh! retorno admirável da banida
Majestade!

shakespearebrasileiro.org

Eleonor · Oh! traição mais do que abjeta
da inconstância francesa!
Rei João · Antes de uma hora,
França, vais lastimar este momento.
O Bastardo · Se o velho Tempo concordar, o calvo
relojoeiro que inuma as horas todas,
muito bem, vai a França arrepender-se.
Branca · De sangue se acha o sol ora coberto.
Dia formoso, adeus! Para que lado
decidir-me? Sou de ambos. Cada exército
me prende uma das mãos; a ambos estando
presa, é força que fique desmembrada,
quando se separarem. Caro esposo,
rezar não posso para tua vitória;
tio, devo pedir que tu não venças;
pai, não posso almejar tua fortuna;
avó, não quero que teus votos vinguem.
Vença quem for, a perca será minha;
minha derrota se acha assegurada,
antes mesmo que o jogo principie.
Luís · Tua fortuna se acha onde eu me encontro.
Branca · Onde ela vive, minha vida morre.
Rei João · Primo, reúne logo as nossas forças.
(Sai o Bastardo.)
França, queima-me cólera esbraseante.
O calor que me inflama é de tal monta
que nada o aplacará, senão só sangue,
sangue do mais precioso que haja em França.
Filipe · Ficarás consumido pela cólera,
a cinzas reduzido, antes que o nosso
sangue possa apagar esse braseiro.
Toma conta de ti; ao Fado escuta.
Rei João · Faze o mesmo, também. À luta! À luta!
(Saem.)

Ato III · Cena II

O mesmo. Planície perto de Angers.
Rebate. Movimento de tropas. Entra o Bastardo com a cabeça do duque d'Áustria.

O Bastardo · Por minha vida, o dia está ficando
quente demais. Algum demônio aéreo
paira no céu e faz chover desgraças.
Cabeça de Áustria, fica aí enquanto
Filipe toma fôlego.

(Entram o rei João, Artur e Hubert.)
Rei João · Hubert, guarda o menino. Toda a pressa,
Filipe. Minha mãe foi assaltada
em nossa tenda e aprisionada, temo.
O Bastardo · Eu a salvei, milorde; Sua Alteza
Se acha em lugar seguro; não temais.
Mas continuemos, meu senhor; um pouco
mais de esforço dará bom fim a tudo.
(Sai.)

Ato III · Cena III

O Mesmo.
Rebate. Movimento de tropas. Entram o rei João, Eleonor, Artur, o Bastardo, Hubert e nobres.

Rei João *(a Eleonor)* ·
Será assim; bem guardada, Vossa Graça
vai ficar para trás. Não te amofines,
caro primo; tua avó te ama, e teu tio
por ti fará como um segundo pai.
Artur · Oh! minha mãe vai sucumbir de angústia!
Rei João · Para a Inglaterra, primo, a toda pressa!
E antes de nós chegarmos, trata logo
de sacudir os sacos do tesouro
dos prelados; liberta os anjos presos.
As costelas da paz vão ser o pingue
sustento dos famintos. Cumpre nossa
comissão sem pesar as conseqüências.
O Bastardo · Sinos, livros e velas força alguma
terão para impedir que eu me aproxime,
quando o ouro e a prata o invite me fizerem.

shakespearebrasileiro.org

Deixo Vossa Grandeza. Boa avó,
hei de rezar — no caso de ter tempo
para tornar-me um tanto religioso —
por vossa segurança. As mãos vos beijo.
ELEONOR · Adeus, meu gentil primo.
REI JOÃO · Primo, adeus.
(Sai o Bastardo.)
ELEONOR · Meu netinho, vem cá; quero falar-te.
(Afasta-se com Artur.)
REI JOÃO ·
Vem aqui, meu caro Hubert. Oh caro Hubert,
devo-te muito! Dentro destes muros
de carne, uma alma habita que te exalta
como credor sem par, determinando
pagar-te o amor com juros generosos.
Teu juramento voluntário, amigo,
com carinho se encontra neste peito.
Dá-me a mão. Tencionava dizer-te algo,
mas vou deixar para momento azado.
Pelo céu, Hubert! Quase me envergonha
confessar a amizade que te voto.
HUBERT · Sou muito grato a Vossa Majestade.
REI JOÃO · Caro amigo, não tens ainda motivo
para exprimir-te assim. Mas hás de tê-lo.
O tempo há de em seu curso demorado
propiciar ocasião de bem fazer-te.
Ia dizer-te... Bem; deixemos isso.
Brilha o sol no alto; esse orgulhoso dia
é frívolo demais, é muito alegre
para me ouvir. Se porventura o sino
da meia-noite soasse com sua boca
de aço e língua de ferro uma pancada
na noite sonolenta; se estivéssemos
num cemitério e tu te visses presa
de desgostos sem conta; se esse espírito
triste, a Melancolia, te fizesse
crasso e pesado o sangue, embarançando-o
de correr e nas veias fazer cócegas,
para que o riso idiota dominasse
os olhos e tornasse as belfas túmidas
numa ociosa alegria — mostras essas
odiosas a meus planos — ou se, acaso,
me enxergasses sem olhos e me ouvisses
sem ouvidos, podendo responder-me
sem à voz recorreres, só valendo-te
do pensamento, sem ouvidos, olhos
e o nocivo barulho das palavras...
então eu te confiara ao peito quanto
na alma retenho, sem temor do dia
vigilante que os gestos nos espia.
Não, não quero!... Contudo, amo-te muito.
E penso que também tu me amas muito.
HUBERT · Tanto, milorde, que podeis mandar-me
fazer seja o que for. Embora a morte
a isso esteja ligada, hei de cumpri-lo.
REI JOÃO ·
Porventura não o sei? Hubert, bom Hubert,
contempla aquela criança. Escuta, amigo:
é uma serpente que se me depara
no caminho; onde quer que eu ponha o pé,
ela sempre se encontra. Tu me entendes;
deixo-a sob tua guarda.
HUBERT · Hei de guardá-la
de maneira que a Vossa Majestade
não possa ela ofender.
REI JOÃO · Morte!
HUBERT · Milorde?
REI JOÃO · Quero uma sepultura.
HUBERT · Entendo.
REI JOÃO · Basta.
Posso alegrar-me, agora. Hubert, eu te amo.
Bem, nada te direi do que tenciono.
fazer por ti; recorda-te. Senhora,
passai bem; vou mandar aquelas tropas
para guarda de Vossa Majestade.
ELEONOR · Recebe minha bênção.
REI JOÃO · Parti, primo,
para a Inglaterra; como companheiro
tereis Hubert, em tudo devotado.
Não percais tempo. Vamos! A Calais!
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena IV

O mesmo. A tenda do rei da França.
Entram o rei Filipe, Luís, Pandolfo e séquito.

Filipe · Por uma tempestade, assim, nas ondas,
a armada inteira as velas viu destruídas
e dispersada toda sua maruja.
Pandolfo · Coragem! Tudo ainda há de correr
bem.
Filipe · Que é que pode correr, senão nós mesmos?
Não fomos derrotados? Não perdemos
Angers? Não se acha Artur em mãos imigas?
Muitos amigos nossos não morreram?
E Inglaterra sangrento não se encontra
novamente a caminho da Inglaterra,
a despeito da França e dos obstáculos?
Luís · Quanto ganhou, soube deixar bem firme.
Tamanha rapidez com tanta ordem,
tudo tão bem pensado em meio à pressa,
é sem exemplo. Quem já leu ou, ao menos,
já ouviu falar de coisa semelhante?
Filipe · O elogio à Inglaterra eu suportara,
se pudesse encontrar algum modelo
para nossa vergonha.

(Entra Constança.)

Eis quem nos chega!
O sepulcro de uma alma que, bem contra
seu alvedrio, o sempiterno espírito
ainda retém no cárcere aflitivo
do próprio peito. Por favor, senhora,
vinde comigo.
Constança · Vede o resultado
da vossa paz!
Filipe · Paciência, nobre dama!
Gentil Constança, calma!
Constança · Não! Desprezo
qualquer conforto, todo desagravo,
com exceção do conforto verdadeiro,
o último desagravo: a morte! a morte!
Oh Morte amável, podridão cheirosa,
sã carniça, levanta-te do leito
da Noite sempiterna, tu que nutres
ódio e terror a tudo o que prospera,
e hei de beijar-te os ossos detestáveis
e os olhos pôr nessas vazias órbitas;
adornarei os dedos com teus vermes,
entupirei com poeira repugnante
esta frincha de alento, para monstro
putrefeito virar como tu própria!
Vou fazer-te caretas, porque eu pense
que me sorris e beijos te prodiga
como se noivos fôssemos! Oh amante
miserável, assiste-me!
Filipe · Oh magnífica
aflição, tende calma!
Constança · Não, não hei de
ficar calada, enquanto tiver fôlego
para gritar! Oh, se eu tivesse a língua
da boca do trovão! Abalaria
com minha dor o mundo e despertara
do seu sono fatal esse esqueleto
maldoso que se mostra surdo aos débeis
queixumes de uma dama e faz caçoada
das fórmulas comuns dos exorcismos.
Pandolfo · Senhora, isso é loucura, não tristeza.
Constança · Um homem santo não me desmentira
desse modo. Não estou fora do juízo;
os cabelos que arranco, me pertencem;
sou Constança; já fui a esposa amada
de Godofredo; o moço Artur — ai dele! —
é meu filho... Perdido para sempre!
Não estou louca. Ao céu assim prouvera,
porque então me esquecera de mim própria.
Oh, se eu ficasse louca, de que imensa
tristeza eu me livrara! Prega-me uma
filosofia que me deixe louca
de todo, e tu serás canonizado,
Cardeal! Não sendo louca e continuando
sensível ao sofrer, procura a parte
racional que me é própria o meio azado
de livrar-me das dores, ensinando-me
a enforcar-me ou matar-me. Fosse eu louca,
poderia esquecer-me do filhinho,
ou imaginar que ele era, tão-somente,
um boneco de trapos. Não sou louca;
sinto perfeitamente as variadas
torturas de cada uma das desgraças.
Filipe · Prendei as tranças... Quanto amor eu noto
na bela multidão desses cabelos!

shakespearebrasileiro.org

Se cai neles, acaso, uma só lágrima
argentina, de pronto pressurosos
amigos, aos milhares, aí se colam
numa comunidade de tristeza,
tal como amantes fiéis e inseparáveis
que nas calamidades se congregam.
Constança · Vamos para a Inglaterra, se o
quiserdes.
Filipe · Prendei esses cabelos.
Constança · Sim, fá-lo-ei.
Mas para que prendê-los? Ao soltá-los
dos atilhos, gritei: Oh, se pudessem
estas mãos libertar meu caro filho
como o fazem, soltando estes cabelos!
Agora invejo a liberdade deles
e de novo prendê-los desejara,
por saber que meu filho se acha preso.
Cardeal, já vos ouvi dizer que havemos
de ver e conhecer nossos amigos
no céu. Se isso é verdade, então eu hei de
tornar a ver meu filho. Desde o dia
em que Caim nasceu, o primeiro homem
que veio à luz, até à última criança
que ontem, somente respirou gritando,
jamais nasceu criatura tão graciosa.
Ora, porém, o cancro da tristeza
vai corroer meu botão e de suas faces
expulsar o frescor e encantos próprios,
deixando-o com a aparência dos espectros,
tão magro quanto a febre e, assim, tão triste,
para, alfim, perecer. Ressuscitado,
quando, acaso, o encontrar na corte empírea,
não poderei sequer reconhecê-lo.
Por isso nunca mais terei a dita, —
nunca mais! — de rever o meu Artur,
meu gracioso filhinho.
Pandolfo · Isso revela
um odioso respeito à desventura.
Constança · Quem assim fala nunca teve filho.
Filipe · Estimais igualmente a dor e o filho.
Constança · A dor tomou o lugar de meu filhinho,
deita-se no seu leito, anda ao meu lado,
assume aquele olhar, repete apenas
suas palavras, traz-me a todo o instante
à memória seus dotes inefáveis,
reveste a forma dele com os vazios
trajos que lhe são próprios. Logo, eu tenho
razões de sobra para amar a minha
dor incomensurável. Passai bem.
Se tivésseis perdido o que eu perdi,
eu vos consolaria por maneira
melhor do que o fazeis. Não mais suporto
na cabeça este enfeite, quando tenho
no espírito a desordem. Oh Senhor!
Meu Artur, meu menino, meu filhinho,
minha vida e alegria, meu sustento,
meu tudo neste mundo, meu consolo
de viúva, meu remédio na tristeza!

(Sai.)

Filipe · Temo alguma violência; vou segui-la.

(Sai.)

Luís · Nada há no mundo que me faça alegre.
A vida é tão tediosa como história
duas vezes contada, que importuna
o ouvido de pessoa sonolenta.
Uma vergonha amarga de tal modo
me estragou todo o gosto deste mundo,
que amargor e ignomínia em tudo sinto.
Pandolfo · Antes da cura de uma doença grave,
no instante do vigor e da melhora,
o cesso é sempre forte. Quando os males
se despedem, o fazem com violência.
Que perdestes com a perda deste dia?
Luís · Todos os dias belos e gloriosos.
Pandolfo · Isso seria, se o tivésseis ganho.
Não, não! Quando a Fortuna quer aos homens
fazer um benefício, ela os contempla
com olhos pouco amigos. É espantoso
quanto o rei João perdeu no dia em que ele
julga tão bem concluído. Não vos causa
tristeza o ver Artur seu prisioneiro?
Luís · Tão cordialmente quanto ele se alegra
por tê-lo como presa.
Pandolfo · Tendes a alma
tão jovem quanto o sangue. Ouvi-me agora,
que vos falo com espírito profético.
O sopro do que entendo ora dizer-vos
vai tirar todo o pó, qualquer palhinha,
os menores obstáculos da estrada
que deverás pisar para alcançares
o trono da Inglaterra. Ouve-me atento:
João prendeu Artur; enquanto o sangue
correr quente nas veias dessa criança,
em sua posição tão deslocada

shakespearebrasileiro.org

não poderá ter João uma hora, menos,
um minuto sequer, em que lhe seja
possível repousar tranqüilamente.
Um cetro arrebatado com violência
precisa ser mantido por processos
iguais aos da conquista. Quem se encontra
em lugar pouco firme não despreza
meio algum por que possa sustentar-se.
Para que João se firme, é necessário
que Artur caia. Não há outro dilema.
Luís · E que posso lucrar com a queda dele?
Pandolfo · Pelo direito da senhora Branca,
vossa esposa, podeis, certo, arrogar-vos
as pretensões de Artur.
Luís · E, como Artur,
também perder a vida e tudo o mais.
Pandolfo · Como sois novo neste velho mundo!
João conspira por vós; o tempo o ajuda,
pois quem mergulha a salvação em sangue,
só alcança salvação sangüínea e falsa.
Esta ação, concebida com perfídia,
vai esfriar o peito de seus súditos
e o zelo enregelar-lhes de tal modo
que eles procurarão todo pretexto,
ainda o menos razoável, para o trono
investir-lhe e abalar-lhe. Os sinais todos
do céu, por mais comuns, qualquer fenômeno
natural, uma tarde enfarruscada,
um vento inesperado, ou mesmo um fato
não previsto, serão por todos logo
despojados de suas causas simples,
tornando-se prodígios, advertências
do céu, presságios, maus sinais, abortos
que chamam contra João a ira celeste.
Luís · É possível que a vida ele não tire
do moço Artur, tratando de firmar-se
tão-somente com tê-lo prisioneiro.
Pandolfo ·
Oh céus! Quando ele ouvir que estais chegando,
fará morrer o moço Artur, se este ainda
vivo estiver acaso. Então, seus súditos
a afeição lhe retiram, para os lábios
beijar de uma mudança inesperada,
encontrando pretexto suficiente
de cólera e revolta no espetáculo
dos dedos reais, com sangue real manchados.
Parece que já vejo deflagrada
toda essa confusão. Oh! Como as coisas
se arranjarão ainda melhor em vosso
benefício do que eu posso contar-vos!
Faulconbridge, o bastardo, se acha agora
na Inglaterra, pilhando nossos templos,
manchando a caridade. Se uma dúzia
de franceses armados lá estivessem,
valeriam por grito de chamada
para logo reunir dez mil ingleses
do lado deles, como um flocozinho
de neve que, ao rolar, vira montanha.
É inconcebível quanto pode vir-nos
do descontentamento dessa gente.
Ora que o ódio fermenta na alma deles,
cuidemos de passar para a Inglaterra.
Eu vou tratar de estimular o rei.
Luís · Os grandes feitos nascem da razão;
se dizeis sim, o rei não dirá não.

(Saem.)

Ato IV · Cena I

Northampton. Um quarto no castelo.
Entram Hubert e dois criados.

Hubert · Aquecei logo os ferros e vos ponde
por detrás da cortina. Ao me escutardes
bater com o pé no chão, sem mais delongas
acorrei e amarrai bem firmemente
na cadeira o menino que encontrardes
comigo! Sede cautos. Ide! A postos!
Primeiro Criado ·
Espero que em tudo isso tenhais plena
responsabilidade.
Hubert · Ora, que escrúpulos
descabidos! Por que tanto receio?
Mãos à obra, logo!

(Saem os criados.)

shakespearebrasileiro.org

Vinde cá, menino;
tenho algo que dizer-vos.
(Entra Artur.)
Artur · Hubert, Bom dia!
Hubert · Meu pequeno príncipe,
Bom dia!
Artur · Tão pequeno, na verdade,
quanto possível, possuindo título
para ser maior príncipe. Estais triste!
Hubert · Já estive mais alegre, é fato.
Artur · Oh céus!
Pensava que eu, somente, tinha causa
para estar triste. Mas agora ocorre-me
que na França os rapazes, por capricho,
pareciam tão tristes como a noite.
Pelo meu cristianismo, se eu me visse
livre desta prisão e a guardar cabras,
alegre ficaria o dia todo.
Sim, até mesmo aqui podia sê-lo,
se não fosse o cuidado de que intenta
meu tio contra mim qualquer maldade.
Receia-se de mim, tal como eu dele.
É minha a culpa, acaso, de ser filho
de Godofredo? Não; de forma alguma.
Quem dera, Hubert, que eu fosse vosso filho,
porque, assim, me teríeis muito amor.
Hubert *(à parte)* ·
Se eu me puser a conversar, a sua
garrulice inocente acorda a minha
piedade que está morta. Urge, portanto,
não perder tempo e pôr um ponto nisso.
Artur · Hubert, sentis-vos mal? Hoje estais pálido.
Desejara, de fato, que estivésseis
um pouco doente, só para que as noites
eu passasse de guarda a vosso leito.
Uma coisa é certeza: que eu vos amo
mais do que vós a mim.
Hubert *(à parte)* · Suas palavras
prendem-me o coração.
(Mostrando um papel.)
Lede isto, Artur! *(À parte.)*
E agora esta água estúpida, tocando
porta a fora a tortura! Urge apressar-me,
se não a decisão me cai dos olhos
como lágrimas débeis de mulher.
Não podeis ler? Não se acha bem escrito?
Artur · Até demais para uma ação tão vil.
Com ferro quente ides queimar-me os olhos?
Hubert · É preciso, menino.
Artur · E ides fazê-lo?
Hubert · Sim, estou decidido.
Artur · Não vos falta
coragem? Ao doer-vos a cabeça,
amarrei-vos a testa com meu lenço,
o melhor que eu possuía; uma princesa
bordara-o para mim. No entanto, nunca
pedi que o devolvêsseis. Suspendi-vos
a cabeça com jeito em meio à noite;
e assim como os minutos cuidam da hora,
eu, sem pausa, animava o lerdo tempo
dizendo: "Que vos falta?" "Onde vos dói?"
ou "Que prova de amor vos posso eu dar?"
Muitos meninos pobres ficariam
sem se importar convosco e sem dizer-vos
uma palavra, ao menos, de carinho.
No entanto tínheis um enfermeiro príncipe!
Talvez imagineis que o meu afeto
seja fingido e o batizeis de astúcia.
Fazei como o quiserdes. Se a vontade
do céu for que eu receba alguma ofensa
de vossa parte, bem: deveis fazê-lo.
Arrancar-me-eis os olhos? Estes olhos
que nunca olhar severo vos lançaram,
nem jamais o farão?
Hubert · Dei a palavra;
por isso, com estes ferros vou queimá-los.
Artur · Somente nesta nossa idade férrea
é que há quem possa praticar tal ato!
O próprio ferro, embora ao rubro aceso
ao tocar-me nos olhos, minhas lágrimas
beberia, estancando a indignação,
justamente por ver minha inocência.
Mais, ainda: estragara-se em ferrugem
depois disso, por ter contido fogo
capaz de me ofender os fracos olhos.
Sois mais duro que o ferro endurecido?
Ainda que viesse um anjo procurar-me
para dizer-me que Hubert pretendia
tirar-me os olhos, não no acreditara;
somente no próprio Hubert eu creria.
Hubert *(batendo com o pé no chão)* ·
Vinde logo!
(Entram os criados, com cordas, ferros, etc.)

shakespearebrasileiro.org

Fazei como vos disse.
Artur · Socorro, Hubert, socorro! Ao só aspecto
destes homens ferozes sinto os olhos
saltarem-me das órbitas!
Hubert · Os ferros
entregai-me, vos digo, e atai-o bem.
Artur · Ai de mim! Por que serdes tão violentos?
Não farei resistência; vou manter-me
quieto como uma pedra. Pelo céu,
Hubert, não consintais que eles me amarrem,
e eu ficarei sentado, tão quietinho
como uma ovelha; não direi palavra,
não farei gesto algum, não hei de aos ferros
lançar olhar zangado. Mandai esses
homens embora e eu vos perdôo quantas
torturas ainda vierdes a infligir-me.
Hubert · Retirai-vos; deixai-me só com ele.
Primeiro Criado ·
Alegra-me sair deste negócio.

(Saem os criados.)

Artur · Ai de mim, que perdi um grande amigo!
É de olhar duro, sim, mas de boníssimo
coração. Novamente o mandai vir,
porque sua compaixão desperte a vossa.
Hubert · Vamos, menino, preparai-vos!
Artur · Como!
Não há remédio algum?
Hubert · Nenhum, afora
ficardes sem os olhos.
Artur · Oh meu Deus!
Se nos vossos houvesse um grão apenas,
um argueiro, um mosquito, uma poeirinha,
um pequeno cabelo, qualquer coisa
que o precioso sentido vos turvasse:
então, sentindo como as coisas mínimas
ali causam tormento, vosso abjeto
plano vos parecera mais que horrível.
Hubert · Foi isso o que me prometestes? Vamos,
refreai essa língua.
Artur · Em se tratando
de assunto da defesa de dois olhos,
não é demais a fala de duas línguas.
Não mandeis que eu me cale, Hubert; deixai-me
continuar a falar, ou, se o quiserdes,
Hubert, a língua me arrancai, contanto
que os olhos eu conserve. Sim, poupai-mos,
ainda que seja só para eu vos ver.
Olhai como o instrumento já está frio;
não me quer fazer mal.
Hubert · Posso aquecê-lo.
Artur · O fogo se extinguiu só de tristeza,
por se ver obrigado a causar dores,
ele que fora criado tão-somente
para espalhar o bem. Vêde vós mesmo:
não tem malícia este carvão ardente;
o céu soprou-lhe a chama, e na cabeça
deitou-lhe as cinzas do arrependimento.
Hubert · Posso avivá-la, criança, com meu sopro.
Artur · Fareis, com isso, apenas que ele core,
Hubert, e se enrubesça por vosso ato.
Talvez aos olhos ele vos atire
faíscas e, tal como o cão que o dono
quer obrigar à luta, a mão ofenda
que tentar incitá-lo. As coisas todas
que empregardes com o fim de molestar-me,
se negarão a isso. Vós, somente,
careceis de bondade que é inerente
ao duro ferro e ao fogo, que são tidos
como elementos sem piedade alguma.
Hubert · Vede para viver; não hei de os olhos
vos tocar, nem por todos os tesouros
de vosso tio. No entretanto, criança,
jurei fazê-lo e tinha resolvido
que eu próprio os queimaria com estes ferros.
Artur · Finalmente voltastes a ser Hubert!
Até este instante estáveis disfarçando.
Hubert · Nem mais uma palavra! Vosso tio
não poderá saber que estais com vida.
Vou jogar a esses cães que nos espiam
falsas notícias. Adorável criança,
dorme tranqüila, que Hubert, nem todo ouro
do mundo o levará nunca a ofender-te.
Artur · Oh céus! Eu te agradeço, Hubert.
Hubert · Caluda!
Nem mais uma palavra. Vem comigo;
por tua causa eu corro atroz perigo.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena II

O mesmo. A sala do trono no palácio.
Entram o rei João, coroado, Pembroke, Salisbury e outros nobres. O rei se senta no trono.

Rei João · Eis-nos aqui de novo, novamente
coroado e, quero crê-lo, objeto apenas
de olhares amistosos.
Pembroke · Se não fora
a Vossa Alteza grato, o "novamente"
se tornara supérfluo, pois já estáveis
coroado; a alta realeza não vos tinha
sido arrancada, a fé de vossos súditos
não se vira manchada com revoltas,
o país não se achava perturbado
por nenhuma esperança ou velho anseio
de alteração para melhor estado.
Salisbury · Por isso, tomar posse duas vezes,
enriquecer um título já rico,
dourar ouro de lei, pintar o lírio,
despejar mais perfume na violeta,
querer deixar o gelo ainda mais liso,
nova cor ajuntar ao arco-íris,
ou presumir que a luz de vela pode
dar mais brilho ao formoso olho celeste,
é ridículo excesso, sobre inútil.
Pembroke · Tirante vosso real prazer, esse ato
se assemelha a uma história já sabida
que, ao ser contada, engendra apenas tédio,
por ser lembrada fora de propósito.
Salisbury ·
Desse modo a aparência digna e simples
dos costumes antigos se transforma,
e, como faz o vento incerto, muda
de sua diretriz o pensamento,
de forma tal que a consideração
se espanta e assusta, adoece a opinião sã
e a verdade não pode mais ser crida
por trocar, só por moda, a vestimenta.
Pembroke · Os artesãos que querem fazer muito,
por ambição a habilidade estragam,
e, tentando por vezes desculpar-se
de uma falta, por fim mais grave a tornam,
como remendo posto num pequeno
rasgão, que, em vez de o mascarar, o deixa
mais à vista do que antes do conserto.
Salisbury · A esse respeito conversamos antes
da nova coroação, mas foi do agrado
de Vossa Alteza não levar em conta
nosso modo de ver, o que nos deixa
satisfeitos, por vermos que as menores
partes do que queremos vão quebrar-se
ante a vossa vontade irresistível.
Rei João · Já vos apresentei alguns motivos
da dupla coroação, que julgo fortes,
e quando diminuir o meu receio
vos darei outros mais, bem mais valiosos.
Até lá, me pedi somente quanto
julgardes que precisa de reforma,
porque vos convençais de quanto almejo
ouvir-vos e atender a vossas queixas.
Pembroke · Nesse caso, como órgão escolhido
pelos presentes, eu, por mim, por eles,
a bem de vossa própria segurança,
que constitui o objeto dos cuidados
de nós todos, vos peço a liberdade
de Artur, cuja prisão dá pasto aos lábios
dos descontentes, que se apegam a este
perigoso argumento: se o que tendes
em paz vos pertencesse por direito,
não vos levara o medo — que, segundo
todos dizem, sequaz é da injustiça —
a prender um parente delicado,
seus dias oprimir na mais selvagem
ignorância e negar-lhe à mocidade
a alta vantagem do exercício livre.
Para que os vossos inimigos de hoje
não se possam valer desse argumento,
permiti que um pedido dos que, há pouco,
nos mandaste fazer, seja o de pordes
em liberdade o jovem prisioneiro.
Só cuidamos de nossos interesses
por dizer nosso bem, que em tudo se acha
dependente do vosso, que a soltura
de Artur ao vosso bem é imprescindível.
(Entra Hubert.)
Rei João · Que seja; entrego a sua mocidade
à vossa direção. Hubert, que novas?
(Conversam à parte.)

shakespearebrasileiro.org

Pembroke · Eis quem devia executar o feito;
ele próprio mostrou a um meu amigo
a ordem do infando crime, que nos olhos
se lhe reflete. Seu sombrio aspecto
denuncia o conflito do imo peito.
Diz-me o medo que é fato consumado
tudo quanto temíamos que o fosse.
Salisbury · A cor do rei se encontra vacilante
entre sua consciência e seus intentos,
como arauto postado entre dois campos
de temíveis exércitos. Madura
sua emoção se encontra; estala prestes.
Pembroke · Receio muito que, ao estalar, expila
a corrupção da morte de uma criança.
Rei João · Não podemos prender os fortes braços
da Morte. Bons senhores, muito embora
tenha eu vivo desejo de atender-vos,
morreu vosso pedido, já não vive:
disse-me ele que Artur não mais existe.
Salisbury · Receávamos, de fato, que a doença
de que sofria fosse sem remédio.
Pembroke · Já ouvíramos falar, realmente, que ele
muito perto da morte se encontrava
antes de a própria criança aperceber-se
de que estava adoentada. Aqui ou alhures
isso terá de ser chamado a contas.
Rei João · Por que me olhais assim com tal conspecto?
Imaginais, acaso, que eu disponho
da tesoura do Fado, ou que no pulso da
vida eu possa ter qualquer influência?
Salisbury · O jogo é vergonhoso; causa pasmo
que a grandeza se preste a tais manobras.
Desejo-vos bom lucro. Passai bem.
Pembroke · Espera, Salisbury; irei contigo,
em busca do legado dessa criança,
o reinozinho de um forçado túmulo.
O sangue a que tocava toda esta ilha,
ocupa só três pés. Oh! mundo infame!
É insuportável! Tudo está tão tenso,
que explodirá mais cedo do que eu penso.

(Saem os nobres.)

Rei João · Ardem de indignação; eu me arrependo.
Não se constrói em sangue; vida alguma
tranqüila pode haver com a morte de outrem.

(Entra um mensageiro.)

Tens o olhar espantado: onde está o sangue
que eu já vi residindo nessas faces?
Um céu assim tão lúgubre só pode
tornar-se claro com uma tempestade.
Despeja logo: em França que se passa?
Mensageiro ·
Passa para a Inglaterra o que há na França.
Nunca tais forças foram levantadas
em terra alguma para invadir outra,
porque, quando devíeis ter aviso
de seus aprestos, o que chega é a nova
de que todos já se acham deste lado.
Rei João · E onde se embriagou nossa polícia?
Onde dormiu? Onde se encontra o zelo
de minha mãe, que nada ouviu na França
acerca da reunião de tal exército?
Mensageiro ·
Milorde, a poeira lhe enche ora os ouvidos;
a primeiro de abril morreu a vossa
nobre progenitora. Ouvi rumores
de que lady Constança a precedera
de três dias, após longo delírio.
Mas, como o disse, ouvi da voz do povo,
não podendo afirmar se isso é verdade.
Rei João · Terrível ocasião, refreia o passo!
Oh! liga-te comigo até que eu possa
contentar os meus pares! Como! Morta
minha mãe? Meus negócios pela França
como andam, pois? E esse poder da França
quem o comanda, para assim dizeres
que já desembarcou em nossas praias?
Mensageiro · O Delfim é que o traz.
Rei João · Tuas notícias
tão ruins, me deixaram com vertigens.

(Entra o Bastardo, com Peter de Pomfret.)

Que diz o mundo, então, de vossos atos?
Não procureis meter-me na cabeça
mais notícias ruins, que já está cheia.
O Bastardo ·
Se ouvir o pior vos causa medo, então
sobre vós caia o pior, sem ser ouvido.
Rei João · Primo, desculpa-me; a maré deixou-me
meio atordoado; mas agora inspiro,
de novo sobre as ondas e ouvir posso
qualquer notícia, por pior que seja.
O Bastardo · Quanto pude alcançar junto do clero,
sabê-lo-eis pela soma que vos trouxe.
Contudo, em minha viagem de retorno
me foi dado ver gentes esquisitas,

shakespearebrasileiro.org

dominadas por boatos, perseguidas
por sonhos maus, que as causas ignoravam
do medo que sentiam, mas com medo.
Eis um profeta que comigo eu trouxe
das ruas de Pomfret, onde o encontrei
seguido de centenas de curiosos
que lhe ouviam, cantado em versos rudes,
o vaticínio de que Vossa Alteza
vai, na manhã da próxima Ascensão,
a coroa depor.

REI JOÃO · Por que motivo,
sonhador mentiroso, disseste isso?

PETER · Porque conheço a ciência do futuro.

REI JOÃO · Fora daqui com ele, Hubert; atira-o
na prisão e, daí, ao meio-dia,
na data em que terei, como ele disse,
de abdicar a coroa, à forca o levem.
A boa guarda o entrega e volta logo,
que eu preciso de ti.

(Sai Hubert com Peter.)

Oh gentil primo,
não sabes quem chegou às nossas praias?

O BASTARDO · Os franceses, milorde; não há língua
que fale de outra coisa. Mais, ainda:
acabei de encontrar-me com dois lordes,
Bigot e Salisbury, cujos olhos
brilhavam mais que fogo recém-feito,
e mais outros, que andavam à procura
do túmulo de Artur, matado, afirmam
todos, por vossa própria sugestão.

REI JOÃO · Meu gentil primo, sai e te mistura
com eles; tenho um meio para o afeto
de novo conquistar-lhes. Traze-os cá.

O BASTARDO ·
Vou procurá-los.

REI JOÃO · Sim, mas vai com pressa;
um pé lá, outro cá. Não é possível
ter como imigos os meus próprios súditos,
quando as cidades o estrangeiro espanta
com mostras pavorosas de uma intrépida
invasão. Sê Mercúrio na ida, usando
asas nos pés, e volta tão depressa,
da parte deles, como o pensamento.

O BASTARDO · O espírito do tempo me faz lestes.

REI JOÃO · Falas como um fidalgo entusiasmado.

(Sai o Bastardo.)

Acompanha-o; talvez ele precise
de uma pessoa que entre mim e os pares
sirva de intermediário: serás isso.

MENSAGEIRO · De todo o coração, meu soberano.

(Sai.)

REI JOÃO · Faleceu minha mãe!

(Volta Hubert.)

HUBERT · Dizem, milorde, que esta noite cinco
luas apareceram: quatro, fixas,
e mais uma que em torno delas dava
giros extraordinários.

REI JOÃO · Cinco luas?

HUBERT · Velhos e velhas pelas ruas fazem
profecias terríveis sobre o caso.
A uma coisa, somente, se referem:
o trespasso de Artur, e, assim fazendo,
as cabeças sacodem, falam baixo,
junto do ouvido. O que discorre, pega
o punho ao companheiro, que estarrece,
faz gestos de terror, a testa franze,
vira os olhos, a fronte balanceia.
Eu vi um ferreiro com o martelo, assim...
Enquanto o ferro na bigorna esfriava,
de boca aberta, ele engolia quanto
contava um alfaiate, que a tesoura
e a medida sustinha e que se achava
de chinelas — na pressa, ele as calçara
com os pés trocados — a falar de muitos
milhares de franceses aguerridos
que estão em Kent em ordem de combate.
Outro artista, magrela e pouco limpo,
lhe interrompeu a narrativa, para
falar da morte do infeliz Artur.

REI JOÃO · Por que procuras inspirar-me susto?
Por que insistes assim sobre o trespasso
do moço Artur? Tu o mataste. Eu tinha
razão para querer que ele morresse,
mas tu, nenhuma para assassiná-lo.

HUBERT · Como, senhor! A instigação foi vossa.

REI JOÃO · É maldição dos reis serem servidos
por escravos que vêem em seus caprichos
ordens para irromper pela sangrenta
casa da vida, leis num simples gesto
de autoridade encontram, o sentido
da perigosa majestade escrutam,
quando, acaso, ela o sobrecenho enruga
mais por irreflexão do que por zanga.

HUBERT · Vossa carta e este selo me asseguram
por tudo quanto fiz.

REI JOÃO · Oh! quando forem
feitas as contas entre o céu e a terra,

shakespearebrasileiro.org

vão servir contra nós de testemunhas
essa carta e esse selo, para nossa
condenação. Por vezes, a só vista
do instrumento do mal provoca o fato.
Se perto não te achasses, como um tipo
marcado pela mão da natureza,
apontado, escolhido para um feito
vergonhoso, esse crime não me viera
sequer ao pensamento. Mas notando-te
o horroroso conspecto, por ter visto
que eras apto para essas vilanias
sanguinárias e pronto para os casos
perigosos, falei-te vagamente
sobre a morte de Artur, e para as graças
conquistares de um rei, não vacilaste
um momento em tirar a vida a um príncipe.

Hubert · Milorde...

Rei João · Se a cabeça tivesses sacudido,
sequer, ou vacilado, quando em termos
obscuros eu falei do meu projeto,
ou me houvesses lançado olhar de dúvida,
como a pedir que eu fosse mais explícito,
eu teria calado de vergonha,
sem mais dizer palavras; teus receios
me teriam também feito receoso.
Mas meus sinais te foram suficientes,
e, por sinais, com o crime tu falaste;
sim, sem vacilações prontificou-se-te
o peito e, conseqüentemente, a rude
mão a efetuar o ato que nós ambos
coramos de nomear. Fora de minha
presença! Não me surjas mais à vista!
Meus nobres me abandonam, meus Estados
vêem-se desafiados por exércitos
estrangeiros até nas suas portas.
Dentro mesmo do corpo desta terra
de carne, nos confins do sangue e alento,
reina a guerra civil e a hostilidade
entre a minha consciência e esse delito,
a morte do meu primo.

Hubert · Armai-vos contra
os outros inimigos, que eu me incumbo
de firmar paz entre vossa alma e vós.
Artur vive; esta mão ainda está virgem,
é inocente, não se acha maculada
de crimes sanguinários. Neste peito
nunca entrou um terrível movimento,
sequer, de pensamento criminoso.
Caluniastes em mim a natureza;
por mais rude que seja a minha forma,
abriga uma alma demasiado bela
para açougueiro ser de um pobre infante.

Rei João · Vive Artur? Sai em busca de meus pares,
derrama essa notícia em sua cólera
inflamada e de novo os deixa dóceis
para a obediência. Esquece os comentários
que fez minha paixão sobre os teus traços,
porque se achava cega a minha cólera,
e os olhos, vendo sangue em toda parte,
muito mais horroroso te faziam
do que és em realidade. Oh! não respondas!
Os nobres! Vai! Não sei mais como peça;
sou lento no falar; vai mais depressa!

(Saem.)

Ato IV · Cena III

O mesmo. Diante do castelo.
Aparece Artur sobre a muralha.

Artur · A muralha é muito alta... Apesar disso,
vou saltar. Chão bondoso, tem piedade,
não me machuques. Poucos me conhecem,
talvez ninguém... Mas mesmo assim, com este
trajo de marinheiro, estou mudado.
Tenho medo; contudo, é necessário.
Se eu saltar sem quebrar-me, hei de achar meios
para evadir-me. Tanto vale a morte,
tentando a fuga, como de outra sorte.

(Salta.)

Meu tio influi de longe nesta terra!
Ao céu dou a alma, os ossos, à Inglaterra.

(Morre.)

(Entram Pembroke, Salisbury e Bigot.)

Salisbury · Senhores, vou estar com ele em Santo
Edmundsbury.

shakespearebrasileiro.org

É a nossa salvação; urge aceitarmos
a oferta amável deste tempo incerto.
PEMBROKE · Por quem o cardeal mandou esta carta?
SALISBURY · Pelo conde Melun, nobre da França,
que pessoalmente me falou da parte
do Delfim, com mais provas de amizade
do que se deduzira dessas linhas.
BIGOT ·
Amanhã cedo, então, vamos-lhe ao encontro.
SALISBURY · Não! Partamos já, já, pois, para vê-lo,
teremos de viajar dois longos dias.
(Entra o Bastardo.)
O BASTARDO · Senhores agastados, novamente
Bom dia! O rei, por mim, manda chamar-vos.
SALISBURY ·
Privou-se o rei de nós por culpa própria.
Nossa honra não se presta para forro
de sua capa fina e maculada,
nem pode ir nas pegadas de quem deixa
sujo de sangue o chão por onde passa.
Dizei-lhe isso; sabemos já o bastante.
O BASTARDO · Pensai como quiserdes, mas eu julgo
que é conveniente uma resposta calma.
SALISBURY · Não fala agora a cortesia; as queixas
é que em nós raciocinam.
O BASTARDO · Mas há poucas
razões em vossas queixas; fora, entanto,
razoável revelardes-vos corteses.
PEMBROKE · A impaciência, senhor, tem privilégios.
O BASTARDO · Sim, de prejudicar quem se
impacienta.
SALISBURY · Eis a prisão...
(Vendo Artur.)
Mas quem se acha aqui morto?
PEMBROKE · A Morte está vaidosa com a pureza
desta beleza real. Não tem a terra
um buraco onde esconda esta façanha.
SALISBURY · O criminoso, odiando seu próprio ato,
deixou-o patente, a reclamar vingança.
BIGOT · Ou melhor: ao fadar esta beleza
para o sepulcro, achou-a em demasia
preciosa e principesca para um túmulo.
SALISBURY · Que pensais, sir Ricardo, de tudo isso?
Já lestes ou já ouvistes o que vedes,
podeis pensar, ou imaginais, apenas,
que vedes, muito embora estejais vendo?
Sem esta vista, acaso, existiria
a idéia de tal ato? Eis o remate,
o pináculo, a crista da cimeira
das armas do assassino. É a mais sangrenta
ignomínia, a crueldade mais selvagem,
a ação mais repulsiva que já tenha
em qualquer tempo a cólera esgazeada
ou a raiva furibunda oferecido
às lágrimas da branda compaixão.
PEMBROKE · Todos os assassínios do passado
desculpa encontram neste; este, sozinho,
na sua hediondez, vai tornar puras
e santas as façanhas mais terríveis
que o tempo no seu seio ainda conserva.
Diante deste espetáculo horroroso,
não passarão de simples brincadeira
as mais terríveis efusões de sangue.
O BASTARDO ·
É uma ação sanguinária e amaldiçoada,
ato imperdoável de uma mão grosseira,
se é que pode haver mão para tal crime.
SALISBURY · Se é que pode haver mão para tal crime!
Por um pressentimento, já sabíamos
que isto viria a dar-se. É o vil trabalho
da mão de Hubert, o efeito de um projeto
do próprio soberano, a quem minha alma
se recusa a prestar mais obediência.
De joelhos ante a ruína desta vida,
esparo na excelência que não vive
o incenso de uma jura sacrossanta:
não provar dos prazeres deste mundo,
nem ficar infectado com os deleites,
nem ao ócio entregar-me e ao comodismo,
sem dar glória a este braço, consagrando-o
no culto da vingança.
PEMBROKE E BIGOT · Nossas almas
com toda a unção confirmam esse voto.
(Entra Hubert.)
HUBERT · Senhores, aqueci-me a procurar-vos;
Artur está com vida, o rei vos chama.
SALISBURY ·
Oh, que desfaçatez! Nem mesmo a morte
o faz enrubescer! Fora, patife
desprezível! Retira-te daqui!
HUBERT · Não sou patife.
SALISBURY *(sacando da espada)* · Violarei a lei?
O BASTARDO ·
Senhor, guardai a espada; ela está limpa.

shakespearebrasileiro.org

Salisbury · Enquanto a não meter num criminoso.
Hubert · Detende-vos, milorde Salisbury!
Pelo céu! Minha espada é tão afiada
quanto a vossa, é o que eu digo. Não desejo
que venhais a esquecer-vos de vós próprio,
nem a enfrentar o risco decorrente
de uma justa defesa, porque diante
dessas mostras de cólera eu podia
olvidar-me de vossa dignidade
e, assim, de vosso mérito e nobreza.
Bigot · Fora, monturo! Insultas um fidalgo?
Hubert · Por minha vida, não! Mas na defesa
de minha vida honrada, não me temo
nem de um imperador.
Salisbury · És assassino!
Hubert ·
Dai-me as provas. Não o sou. Quem quer que a
[língua
use para tal fim, diz inverdades;
quem não fala verdade, é mentiroso.
Pembroke · Picai-o em pedacinhos.
O Bastardo · Paz, eu digo!
Salisbury · Para trás, Faulconbridge; do contrário
eu vos irritarei.
O Bastardo · Fora mais prático
irritares o diabo, Salisbury.
Se fizeres carranca ou o pé mexeres,
ou ensinares a cólera a ofender-me,
jogo-te morto ao solo. Guarda a espada,
se não te malharei e a esse espeto,
de maneira que penses seja o diabo
que te surgiu do inferno.
Bigot · Que pretendes,
famoso Faulconbridge? Dar mão forte
a um vilão e assassino?
Hubert · Não sou isso,
lorde Bigot.
Bigot · E quem matou o príncipe?
Hubert · Deixei-o bom, talvez não haja uma hora;
tinha-lhe amor, honrava-o; enquanto o alento
me sustentar, hei de chorar a perda
de uma tão doce vida.
Salisbury · Não confieis
nas lágrimas astutas desses olhos,
que a maldade é capaz de tais chorrilhos.
Matreiro como ele é, faz que pareçam
córregos de piedade e de inocência.
Os que sentirem na alma repugnância
a essas emanações de matadouro,
venham comigo; sinto-me abafado
com este miasma de crime.
Bigot · Vamos todos
para Bury; o Delfim lá nos aguarda.
Pembroke · Dizei ao rei que lá pode ele achar-nos.
(Saem os nobres.)
O Bastardo · Vão indo bem as coisas... Conhecíeis
este belo trabalho? Por mais ampla
que seja a Graça, infinda, ilimitada,
se esta ação criminosa, Hubert, for obra
de tua mão, no inferno já te encontras.
Hubert · Senhor, ouvi-me ao menos...
O Bastardo · Vou dizer-te
uma coisa: És um réprobo tão negro...
Nada há tão negro. Estás mais condenado
do que o príncipe Lúcifer; no inferno
não pode haver demônio mais monstruoso
do que tu, se mataste este menino.
Hubert · Por minha alma...
O Bastardo · Ainda mesmo que só
[tenhas
dado o consentimento para este ato,
podes perder toda a esperança. Caso
necessites de corda, o mais delgado
filamento que o ventre de uma aranha
já expeliu servirá para esganar-te.
Uma palhinha é força resistente
para te pendurares; se quiseres
afogar-te, é bastante despejares
água numa colher: será um oceano
para cobrir um biltre do teu porte.
Desconfio demais de tua pessoa.
Hubert · Se por ação, ou conivência, ou ao menos
por pensamento eu tenho a menor culpa
no roubo do doce hálito que nesta
bela argila morava, só desejo
que seja o inferno pobre de suplícios
para me torturar.
O Bastardo · Leva-o nos braços.
Estou confuso, creio; desoriento-me
pelos riscos e espinhos deste mundo.
Como suspendes fácil a Inglaterra!
Dessa migalha de realeza morta
já se evolaram para o céu a vida,
o direito e a verdade deste reino,
só restando à Inglaterra engalfinhar-se,

shakespearebrasileiro.org

dilacerar, rasgar até com os dentes
a sucessão sem dono da orgulhosa
soberania. Por esse osso roído
da majestade, a guerra, enraivecida,
se eriça toda e rosna para os meigos
olhos da paz. As forças estrangeiras
e o descontentamento dos de casa
já se encontraram num só ponto, achando-se
ora a devastação à espreita, apenas —
como os corvos o fazem ante a presa
moribunda — da queda inevitável
da realeza alcançada pela força.
Feliz de quem possui cintura e manto
para essa tempestade. Leva a criança
e me segue depressa; o rei busquemos.
Mil negócios nos surgem desta guerra;
o próprio céu ameaça nossa terra.

(Saem.)

Ato V · Cena I

Um quarto no palácio.
Entram o rei João, Pandolfo com a coroa, e séquito.

REI JOÃO · Desta arte em vossa mão deponho o círculo
de minha glória.
PANDOLFO *(entregando a coroa a João)* ·
Recebei de novo
de minha mão, por jus que vem do *papa,*
vossa grandeza real e autoridade.
REI JOÃO · Vossa palavra santa ora mantende,
aos franceses buscai e toda a força
de Sua Santidade usai com o intento
de deter-lhes a marcha, antes que em chamas
nós fiquemos. Os nobres se revoltam,
com a obediência o povo se acha em luta,
jurando submissão e amor sincero
a realeza estrangeira e a sangue estranho.
A inundação de tanta seiva azeda
só por vós poderá ser corrigida.
Por isso, não tardeis; tão doente se acha
nosso tempo, que é urgente ministrar-lhe
medicina adequada, se quisermos
evitar conseqüências incuráveis.
PANDOLFO · Meu sopro deflagrou esta tormenta
por vossa teima em resistir ao *papa;*
mas uma vez que vos tornais um dócil
convertido, farei que a tempestade
belicosa se aplaque, restituindo
a calma a vossa terra perturbada.
Lembrai-vos que hoje, dia da Ascensão,
depois de vos mostrardes fiel ao *papa,*
eu saí ao encontro dos franceses
para incitá-los a depor as armas.

(Sai.)

REI JOÃO · Hoje é a Ascensão? Não disse aquele vate
que eu tinha de depor esta coroa
na manhã deste dia? Assim se deu.
Pensava que o faria constrangido;
graças a Deus, foi tudo por vontade.

(Entra o Bastardo.)

O BASTARDO ·
Todo o Kent se rendeu; somente há luta
no castelo de Dover. Como a um hóspede
bem-vindo, Londres o Delfim recebe
com todo o seu poder. Os vossos nobres
não vos querem ouvir; foram em busca
do imigo, a oferecer-lhes os serviços.
Terrível confusão transtorna os poucos
amigos duvidosos que vos restam.
REI JOÃO ·
Não voltaram os nobres, quando ouviram
dizer que o moço Artur estava vivo?
O BASTARDO ·
Encontraram-no morto em meio à rua,
um escrínio vazio, de onde fora
por mão danada arrebatada a jóia
preciosa da existência.
REI JOÃO · O miserável
Hubert me disse que ele estava vivo.
O BASTARDO ·
Disse, realmente, o que ele acreditava
ser a verdade. Mas por que penderdes

shakespearebrasileiro.org

a cabeça? Por que vos mostrais triste?
Sede grande nos atos como o fostes
nos pensamentos. Não perceba o mundo
que o medo e a indecisão no movimento
do olhar do rei influem. Sede vivo
como o tempo; com o fogo sede fogo;
gritai alto com quem vos faz ameaças,
enfrentai a carranca jactanciosa
do temor. Desse modo os olhos miúdos
que a atitude dos grandes sempre imitam,
com vosso exemplo hão de crescer, enchendo-se
de decisivo e inelutável ânimo.
Vamos! Brilhai tal qual o deus da guerra,
quando ingressa nos campos de batalha.
Mostrai confiança altiva e atrevimento!
Virão, pois, procurar o leão na cova,
para assustá-lo e medo lhe infundir?
Oh! que ninguém diga isso. Correi logo
contra a desgraça, para subjugá-la
bem antes de ficar ela mais perto.

Rei João · Esteve aqui o embaixador do *papa:*
concluímos feliz paz, tendo ele dito
que mandaria para a França as forças
do Delfim.

O Bastardo · Oh! que liga vergonhosa!
Pois então, quando as eras nos invadem,
enviamos saudações, nos resignamos
a aceitar compromisso, a enviar recados,
propor às armas invasoras trégua
desonrosa? Um menino ainda imberbe,
um maricas de seda há de manchar-nos
a terra, estadear sua coragem
neste solo guerreiro, e com os ociosos
estandartes zombar de nossos ventos,
sem achar resistência? Às armas, logo,
meu soberano, às armas! É possível
que não cumpra o cardeal o que promete;
mas embora essa paz ele consiga,
diga-se, ao menos, que eles todos viram,
em nós, firme intenção de resistência.

Rei João · Assume a direção deste momento.

O Bastardo · Avante, pois! Com toda a alacridade
evitemos que o imigo nos degrade.

(Saem.)

Ato V · Cena II

Planície perto de Santo Edmundsbury. Acampamento francês.
Entram, armados, Luís, Salisbury, Melun, Pembroke, Bigot e soldados.

Luís · Lorde Melun, tirai disto uma cópia
que guardareis para memória nossa.
O original convém que seja dado
novamente a estes nobres, para que eles
e eu, compulsando as notas aí contidas,
nas quais nossos desejos se consignam,
nos lembremos da causa de ora havermos
tomado o sacramento, e mantenhamos
firme e inviolável a palavra dada.

Salisbury · Jamais de nosso lado a quebraremos.
Mas meu nobre Delfim, ainda que jura
vos tivéssemos feito de espontânea
fidelidade e de uma voluntária
devoção, não me apraz que esta enferma época
ande usando revolta despicienda,
como emplastro que cure uma ferida
produzindo milhentas. Oh! Compunge-me
a alma ter de arrancar do flanco a espada
para tornar-me um fazedor de viúvas
justamente onde o nome Salisbury
significa socorro e salvamento.
Mas assim é a infecção do nosso tempo;
o zelo que a saúde do direito
nos impõe sempre, sempre nos obriga
a atuar tão-só com a mão da mais severa
sem-razão e dos males da desordem.
Não causa pena, Oh amigos agravados!
que nós, filhos e crianças desta terra,
tenhamos vindo ao mundo para sermos
testemunhas de um dia como o de hoje
em que o seio da pátria nós pisamos
nas pegadas de tropas estrangeiras,
completando as fileiras inimigas —
sou forçado a afastar-me, para ao choro
me entregar, pela força desta escolha —

shakespearebrasileiro.org

para honrarmos nobreza peregrina
e aqui mesmo juntarmo-nos a estranhos?
Como! Aqui? Oh Nação! Se te mudasses!
Se os braços de Netuno, que te abarcam,
te tirassem de teu conhecimento,
para em praia pagã te colocarem
onde os cristãos em luta o exacerbado
sangue correr fizessem pelas veias
de uma aliança, em lugar de o derramarem
pelo chão, como o fazem maus vizinhos!
Luís · Revelas nesse apelo alma de escol.
A luta dos afetos nesse peito
causa um tremor de terra de nobreza.
Oh! que nobre combate sustentaste
entre o bravo respeito e a compulsão!
Permite-me que limpe o orvalho honroso
que te desce das faces como prata.
Já senti muitas vezes abalar-se-me
o coração com o choro feminino,
que é inundação, aliás, de todo dia;
mas a efusão de lágrimas tão másculas,
esse aguaceiro provocado pela
tempestade de uma alma, os olhos deixa-me
espantados e faz-me mais confuso
do que se eu visse na sidérea abóbada
multidão de meteoros incendiados.
Famoso Salisbury, ergue esse rosto
e, decidido, aplaca a tempestade;
deixa essas águas para os olhos fracos
dos meninos que nunca contemplaram
o gigante do mundo enraivecido,
nem jamais se encontraram com a Fortuna
senão em festas, no calor do sangue,
em galhofas inócuas e alegria.
Vem mergulhar a mão na rica bolsa
de que a Prosperidade se envaidece,
bem como vós, Oh nobres, que ajustastes
à minha resistência os nervos fortes.

(Entra Pandolfo, com séquito.)

Julguei ouvir há pouco a voz de um anjo.
Vede o santo Legado que nos chega
para nos transmitir plenos poderes
da mão do céu, e todos nossos atos
justificar com seu sagrado sopro.
Pandolfo · Saúde, nobre príncipe da França!
Eis a última: o rei João fez paz com Roma;
converteu-se-lhe o espírito, que tanta
resistência mostrara à santa Igreja,
a sede, a alta metrópole romana.
Por isso enrola essas terríveis cores
e aplaca o bravo espírito da guerra,
para que esta se torne como leoa
na mão alimentada, e venha, calma,
deitar-se aos pés da paz, sem revelar-se
perigosa, a não ser nas aparências.
Luís · Perdoe-me Vossa Graça; eu não recuo.
Nasci muito alto para ser mandado,
para me submeter como um escravo
que recebe ordens, como humilde e dócil
servidor, o instrumento de que possa
dispor a seu prazer qualquer potência.
O vosso sopro foi que ateou as chamas
do carvão apagado desta guerra
entre mim e este reino tão culpado.
Trouxestes material para animá-las;
agora o fogo está muito alto para
ser apagado pelo fraco vento
que a princípio o avivou. Vós me ensinastes
a conhecer a face do direito,
a encontrar interesse nesta terra;
mais, ainda: despertastes-me a vontade
para tal entrepresa. E ora me vindes
comunicar que João fez paz com Roma?
Que me importa essa paz? Reclamo esta ilha
para mim, pelo jus do matrimônio,
visto ter falecido o moço Artur.
E ora que me acho em meio da conquista,
hei de recuar por ter o rei João feito
paz com Roma? Serei de Roma escravo?
Quanto dinheiro, acaso, gastou Roma,
que homens mandou, que munições de guerra
para apoiar a empresa? Não suporto
sozinho todo o peso? Quem mais pode,
afora eu e os que ao mando me obedecem,
dizer que sua neste empreendimento
e esta guerra sustenta? Por acaso
não ouvi como os íncolas gritavam
"Vive le roy!" quando por suas vilas
eu costeava? Não me acho ora de posse
das cartas decisivas para o jogo
facilmente ganhar em que por prêmio
foi posta uma coroa? E justamente
nesta altura abrirei mão da partida?
Por minha alma, ninguém dirá tal coisa.

shakespearebrasileiro.org

Pandolfo · Considerais o assunto só por fora.
Luís · Ou por fora, ou por dentro, pouco importa.
Não voltarei, enquanto a tentativa
não estiver glorificada quanto
foi prometido à minha alta esperança
antes de eu ter reunido este pugilo
de guerreiros, espíritos eleitos
que do mundo tirei para esta empresa
em que hão de conquistar alto renome
nas fauces dos perigos e da morte.
(Ouve-se toque de trombetas.)
Que trombetas alegres nos convocam?
(Entra o Bastardo, com séquito.)
O Bastardo ·
Seguindo nisto o belo uso do mundo
dai-me audiência. Aqui vim para falar-vos.
Por mandado do rei, meu santo lorde
de Milão, vim saber o que fizestes
por ele. Como for vossa resposta,
ficarei conhecendo a liberdade
que à língua me concedem, os seus liames.
Pandolfo · Obstina-se o Delfim na resistência,
sem querer atender a meu pedido;
declara não querer depor as armas.
O Bastardo · Por quanto sangue a Fúria já bebeu,
tem razão! Escutai ora Inglaterra,
pois sua real pessoa por mim fala:
Ele está preparado e vos declara
que esta entrada ridícula em suas terras,
mascarada, arnesada, rega-bofe
sem reflexão, imberbe petulância
que estas tropas de crianças lhe provocam
somente o riso, e que ele se acha pronto
para expulsar a chicotadas essas
armas-anãs, esses pigmeus-soldados,
para além das fronteiras de suas terras.
Pois a mão que vos deu tão grande tunda
diante de vossas portas, obrigando-vos
a procurar abrigo e, como baldes,
a mergulhar em poços escondidos,
a ficar sob o estrado resistente
das camas; como coisas penhoradas,
a demorar em cofres e canastras,
dormir com porcos, procurar a doce
salvação nas prisões e em catacumbas,
a estremecer de medo até com o canto
do galo nacional, por confundi-lo
com o linguajar de algum inglês armado,
vai fraquejar agora, ela que soube
castigar-vos em vossos próprios quartos?
Oh, não! Ficai sabendo que o valente
monarca se acha armado e, como uma águia
em suas altas ameias, está pronto
para atirar-se sobre o menor vulto
que o ninho lhe ameaçar. E vós, ingratos
revoltosos, e vós, degenerados,
vós, Neros que rasgais o ventre a vossa
cara mãe, a Inglaterra, envergonhai-vos,
corai de pejo! Até vossas mulheres
vossas pálidas filhas, como nobres
Amazonas, ao rufo dos tambores
pressurosas acorrem, transformando
os dedais em manoplas, as agulhas
em lanças resistentes e a brandura
que lhes é própria em sanguinária e altiva
disposição.
Luís · Aqui terminam tuas
bravatas; vai-te em paz. Concedo: vences-nos
em saber descompor. Adeus; não temos
tempo para gastar em falatórios.
Pandolfo · Deixai-me ora falar.
O Bastardo · Não; falo eu mesmo.
Luís · Não ouvirei nenhum. Tocai tambores!
Fale a língua da guerra, na defesa
de nossas pretensões neste momento.
O Bastardo ·
Que seja! Ao lhes baterdes, os tambores
hão de gritar, tal qual vós, quando fordes
batidos. É bastante despertares
a voz do teu tambor, para que logo
responda outro tambor na mesma altura.
Faze soar um terceiro, e, in continenti,
outro mais alto abalará o ouvido
do firmamento, rindo do profundo
barulho do trovão, porque bem perto —
por não confiar neste Legado coxo,
de que ele se serviu mais por brinquedo
que por necessidade — se acha João,
que traz na fronte a Morte descarnada,
cujo ofício vai ser, hoje, somente
regalar-se em milhares de franceses.
Luís · Tambores! Quero ver esse perigo.
O Bastardo · Hás de vê-lo, Delfim; é só o que eu digo.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena III

O mesmo. Um campo de batalha.
Rebate. Entram o rei João e Hubert.

Rei João · Como está o dia para nós? Dize, Hubert.
Hubert · Receio que vá mal. E Vossa Graça?
Rei João ·
Esta febre, que nunca me abandona,
pesa demais em mim. Oh! Dói-me tudo!
(Entra um mensageiro.)
Mensageiro · Milorde, vosso primo valoroso,
Faulconbridge, aconselha Vossa Graça
a abandonar o campo e a aproveitar-me,
para lhe enviar notícia do caminho
que pretendeis tomar.
Rei João · Para Swinstead,
dizei-lhe; na abadia.
Mensageiro · Reanimai-vos,
porque os grandes reforços esperados
pelo Delfim, sofreram há três noites
naufrágio nas areias de Goodwin.
Foi trazida a Ricardo essa notícia,
não faz muito. Os franceses já perderam
o entusiasmo e o terreno vão cedendo.
Rei João · Ai de mim! Esta febre me tortura;
não me deixa gozar essa notícia.
Vamos para Swinstead. Minha liteira!
Sinto-me fraco. Vamos! Já desmaio.
(Saem.)

Ato V · Cena IV

Outra parte do campo de batalha.
Entram Salisbury, Pembroke, Bigot e outros.

Salisbury · Jamais imaginei que o rei tivesse
tantos amigos.
Pembroke · Novamente à carga!
Animemos os francos; estaremos
perdidos se caírem.
Salisbury · Faulconbridge,
esse diabo, a despeito do despeito,
sozinho é o sustentáculo do dia.
Pembroke · Dizem que o rei João foi retirado
do campo, muito doente.
(Entra Melun, ferido, conduzido por soldados.)
Melun · Levai-me aos revoltosos da Inglaterra.
Salisbury · Quando éramos felizes, não nos davam
esse título.
Pembroke · É o conde de Melun.
Salisbury · Mortalmente ferido.
Melun · Fugi, nobres
ingleses, porque estais todos vendidos.
Desfiai a rebelião de aspecto rude
e acolhei novamente a fé banida;
procurai o rei João e aos pés caí-lhe,
pois se o Francês ganhar esta jornada
barulhenta, pretende indenizar-vos
das penas, as cabeças vos cortando.
Isso o Delfim jurou, e eu junto com ele,
e outros muitos comigo, ao pé do altar
de Santo Edmundsbury,
justamente no altar em que vos tínhamos
jurado gratidão e amor eterno.
Salisbury · Será possível? Pode ser verdade?
Melun · Diante de mim não vejo a morte hedionda?
E a vida que me resta, quase nada,
não dessangra aos pouquinhos, como fôrma
de cera que se esfaz junto do fogo?
Que me faria ora mentir no mundo,
se nenhuma vantagem me vem disso?
Por que seria eu falso, se é bem certo
que aqui morrer eu devo para, adiante,
reviver na verdade? Ouvi de novo:
se Luís ganhar o dia e vós puderdes
contemplar o nascer do sol no oriente
mais uma vez, ele será perjuro.
Não! Será nesta noite, cujo negro
hálito venenoso já se exala
do penacho esbraseante do sol velho,
fraco e cansado do trabalho diurno.
O imposto da traição foi avaliado
justamente no fim traiçoeiro e infame
de vossas vidas, caso Luís consiga

shakespearebrasileiro.org

vencer com vosso auxílio esta jornada.
Recomendai-me a um Hubert, que se encontra
com vosso rei. O amor que lhe dedico
e o fato de eu provir de avós ingleses,
me leva a confessar-vos estas coisas.
Em recompensa, peço conduzirdes-me
para longe do ruído e dos clamores
da batalha, onde em paz reunir eu possa
os pensamentos que me restam e a alma
do corpo separar, voltado todo
para a contemplação e anseios pios.
Salisbury · Acreditamos-te, e maldita seja
minha alma, se eu não vier a amar a forma
desta bela ocasião que nos enseja
desandar o caminho a esta danada
deserção. Como as águas na vazante
da maré, deixaremos nosso curso
violento e irregular, para reentrarmos
nos limites que havíamos transposto,
defluindo na mais plácida obediência
até que em nosso mar desemboquemos,
no nosso grande João. Auxílio certo
vais achar nestes braços para pôr-te
fora daqui, pois vejo nesses olhos
os sinais da cruel luta da morte.
Em fuga, amigos! Outra novidade,
mas no rumo da prístina lealdade.

(Saem.)

Ato V · Cena V

O mesmo. O acampamento francês.
Entra Luís com seu cortejo.

Luís · Pareceu-me que o sol mostrava certa
repugnância em baixar, tendo parado
na descida e tingido o firmamento
pelas bandas do ocaso, quando em fuga
desarvorada o próprio solo pátrio
os ingleses mediam. Oh! que bravo
remate o nosso, quando lhes mandamos
a última carga, quase dispensável
depois de tanto sangue, ao lhes enviarmos
nosso Boa noite e as flâmulas rasgadas
enrolarmos, os últimos no campo
de batalha e senhores, quase, dele.

(Entra um mensageiro.)

Mensageiro ·
Meu príncipe, o Delfim, onde se encontra?
Luís · Aqui. Que novas há?
Mensageiro · Morreu o conde
Melun. Por seu conselho, os da Inglaterra
novamente traíram. Os reforços,
que esperáveis há tanto, se perderam
num naufrágio na praia de Goodwin.
Luís · Que novas infernais! Maldito sejas
por mas trazeres! Não pensei que havia
de ficar esta noite assim tão triste.
Quem foi que disse que o rei João fugira
pouco antes de haver feito a noite incerta
separar nossas forças esgotadas?
Mensageiro · Quem o disse, milorde, não mentiu.
Luís · Muito bem; ponde guardas vigilantes
esta noite. Não há de o novo dia
levantar-se antes que eu de pé me encontre
para a bela aventura de amanhã.

(Saem.)

Ato V · Cena VI

Praça descampada na vizinhança da abadia de Swinstead.
Entram o Bastardo e Hubert, separadamente.

Hubert · Quem está aí? Falai; falai depressa,
se não disparo.
O Bastardo · É amigo. E tu, quem és?
Hubert · Da parte da Inglaterra.
O Bastardo · Teu destino?
Hubert · Que tens que ver com isso? Por que causa
não posso eu perguntar de teus negócios
como o fazes com os meus?
O Bastardo · Penso que és Hubert.

shakespearebrasileiro.org

HUBERT · Pensaste certo. A todo azar aposto
que és um dos meus amigos, pois conheces
tão bem meu tom de voz. Como te chamas?
O BASTARDO ·
Como o queiras. Se for do teu agrado,
podes dar-me o prazer não despiciendo
de pensar que o destino, em linha reta,
ao dos Plantagenet ligou meu sangue.
HUBERT · Oh, que memória! Tu e a noite cega
me envergonhastes. Bravo herói, perdoa-me
por terem escapado alguns acentos
de tua voz à minha percepção.
O BASTARDO · Basta de cortesias. Que há de novo?
HUBERT · Achava-me a passear na face escura
da noite só com o fito de encontrar-te.
O BASTARDO · Sê breve, então; qual é a novidade?
HUBERT · Oh, meu doce senhor, novas de acordo
com a noite: horríveis, negras pavorosas
e desencorajantes.
O BASTARDO · Sem rodeios.
mostra-me a chaga dessa má notícia;
não sou mulher para cair de susto.
HUBERT · Temo que o rei se encontre envenenado
por um frade; sem fala, quase, estava,
quando o deixei. Depressa vim buscar-vos,
para vos pôr a par da má notícia,
porque pudésseis precaver-vos contra
o imprevisto, melhor do que se viésseis
a saber mais de espaço do ocorrido.
O BASTARDO ·
Veneno! Como foi? Quem provou antes?
HUBERT · Um frade, disse; um biltre decidido,
cujas entranhas rebentaram logo.
O rei ainda falava; talvez seja
possível escapar.
O BASTARDO · E quem deixaste
para cuidar de Sua Majestade?
HUBERT · Pois não o sabeis? Os nobres já voltaram;
estão ao redor dele; vieram juntos
com o príncipe Henrique, a cuja súplica
o rei perdoou a todos.
O BASTARDO · Céu potente,
refreia a indignação, sem nos tentares
além de nossas forças! Ouve-me, Hubert:
esta noite, metade dos meus homens,
ao passar os baixios, foi tragada
pela maré; os lamaçais de Lincoln
a todos devorou. Com muito custo
pude escapar, por ter um bom cavalo.
Vamos, leva-me ao rei; temo que a morte
lhe venha, antes que possa estar com ele.

(Saem.)

Ato V · Cena VII

Jardim da abadia de Swinstead.
Entram o príncipe Henrique, Salisbury e Bigot.

PRÍNCIPE HENRIQUE ·
É muito tarde; corrompida se acha
toda a vida do sangue. As incoerentes
fantasias do cérebro — morada,
segundo alguns, bem frágil de nossa alma —
o fim predizem da mortalidade.

(Entra Pembroke.)

PEMBROKE · Sua Alteza ainda fala alguma oisa;
pensa que se o expusermos ao ar livre,
achará lenitivo para o fogo
do veneno traiçoeiro que o domina.
PRÍNCIPE HENRIQUE ·
Determinai que sem demora o tragam
para o jardim.

(Sai Bigot.)

Ainda está furioso?
PEMBROKE · Está agora mais calmo do que quando
viestes de lá; há pouco ele cantava.
PRÍNCIPE HENRIQUE ·
Oh! vaidade da doença! O sofrimento,
quando excessivo e demorado, acaba
por deixar-nos à dor indiferentes.
A morte, após fartar-se no de fora,
deixa-o insensível, dirigindo o assalto
contra o espírito, que ela espeta e fere
com legiões de esquisitas fantasias,
que, no aperto do embate contra este último
reduto, acabam sempre confundindo-se.
É curioso que a Morte cantar possa.
O cisnezinho eu sou desse outro cisne
descorado que entoa o lastimoso
hino da própria morte e que com as notas
da fraqueza canta a alma e o corpo canta,

shakespearebrasileiro.org

prestes a repousarem para sempre.
Salisbury · Príncipe, sede forte; ao mundo viestes
para impor alguma ordem na matéria
rude e informe que o rei deixa, ao morrer.
(Volta Bigot, acompanhado de criados, que trazem o rei João em uma cadeira.)
Rei João ·
Minha alma agora está com o espaço livre;
não quis sair por portas nem janelas.
Sinto um verão tão quente no imo peito,
que as entranhas em poeira se convertem.
Sou uma figura desenhada em folha
de pergaminho; vou me engruvinhando,
pouco a pouco, a este fogo.
Príncipe Henrique · Como passa
Vossa Grandeza?
Rei João · Envenenado, doente,
morto, esquecido, abandonado, tudo...
E ninguém manda vir o inverno e ordena
na boca me enfiar a mão gelada,
nem faz que os rios todos do meu reino
venham banhar-me o seio afogueado,
nem pede ao Norte que seus ventos frios
os lábios ressequidos me umedeçam
e algo me reconfortem. Não vos peço
nada excessivo: um pouco só de frio.
Mas tão sovinas sois, além de ingratos,
que até mesmo esse pouco me negais.
Príncipe Henrique ·
Se houvesse em minhas lágrimas virtude
para vos reanimar!
Rei João · Contém sal quente.
Trago o inferno aqui dentro, onde o veneno
se confina à maneira de um demônio
que tiranize o sangue condenado
sem remissão possível.
(Entra o Bastardo.)
O Bastardo · Oh! encontro-me
quase a ferver, por ter corrido muito,
no afã de poder ver Vossa Grandeza.
Rei João · Vieste para fechar-me os olhos, primo.
Amolgada e queimada está a polia
do coração, achando-se a cordoalha
do velame da vida reduzida
a um filamento, um fio de cabelo.
O coração trabalha sustentado
por uma fibra apenas, que resiste
tão-somente até o ponto de dizeres
o que há de novo. Então, de tudo quanto
vês aqui, restará somente um pouco
de argila sem valor, imagem falsa
da realeza destruída para sempre.
O Bastardo · Prepara-se o Delfim para atacar-nos
aqui mesmo. Só Deus sabe a maneira
de resistir-lhe, pois numa só noite,
um recuo intentando vantajoso,
inesperadamente a melhor parte
dos meus homens perdeu-se nuns baixios,
submergida em maré traiçoeira e súbita.
(O rei morre.)
Salisbury · A ouvidos mortos dais notícias mortas.
Meu soberano! Meu senhor! Há pouco,
tão grande majestade, ora isto apenas!
Príncipe Henrique ·
Como ele, hei de correr e, assim, parar.
De que vale a mais fúlgida carreira,
se o que há pouco era rei, agora é poeira?
O Bastardo · Partiste desse modo? Eu me demoro
mais um pouco, somente o necessário
para o obséquio prestar-te da vingança,
depois do que minha alma irá servir-te
no céu, como na terra vem fazendo.
E agora, estrelas que girais em vossas
legítimas esferas, onde se acha
vosso poder? Mostrai-vos mais constantes
e agora mesmo retornai comigo,
para que repilamos a ruína
e a vergonha perpétua para longe
das fracas portas desta terra exausta!
Antecipemo-los, se não seremos
procurados. Em nossos calcanhares
o Delfim furibundo já vem vindo.
Salisbury · Parece que sabeis menos que nós,
porque o cardeal Pandolfo se acha aí dentro,
descansando. Não faz uma hora, veio
da parte do Delfim com uma proposta
de paz que, sem desdouro, poderemos
aceitar para pormos termo à guerra.
O Bastardo ·
Mais apressado em tudo há de mostrar-se,
quando souber que vamos defender-nos.
Salisbury · Sim, de algum modo é coisa decidida,
porque ele já mandou muita bagagem
para o lado do mar, havendo entregue

shakespearebrasileiro.org

sua causa ao cardeal, a quem delega
poderes irrestritos. É com este
que eu, e vós, e outros nobres, se julgardes
de bom aviso, ainda esta tarde havemos
de encontrar-nos, a fim de dar remate
feliz a este negócio demorado.

O BASTARDO ·
Que seja assim. E vós, meu nobre príncipe,
juntamente com outros que puderem
ser dispensados, ficareis com o fito
de cuidar das obséquias.

PRÍNCIPE HENRIQUE · Seus despojos
em Worcester depois devem ser postos.
Era esse o seu desejo.

O BASTARDO · Será feito
como o determinou. E ora consiga
suportar felizmente vossa grata
pessoa o Estado e a glória desta terra!
Com toda a submissão, de joelhos, ponho-vos
aos pés os meus serviços, como preito
do meu devotamento sempiterno.

SALISBURY ·
Nosso amor, de igual modo, vos dicamos,
porque sem mancha fique eternamente.

PRÍNCIPE HENRIQUE ·
Minha alma desejara, amiga, dar-vos
mostras de gratidão; porém só sabe
fàzê-lo se de lágrimas valer-se.

O BASTARDO ·
Só paguemos ao tempo a indispensável
tristeza, por se ter antecipado
demais à nossa dor. Esta Inglaterra
nunca jamais caiu sob o orgulhoso
pé de inimigo algum, senão no instante
em que ela quis ferir o próprio seio.
Mas agora que os príncipes voltaram,
ainda que contra nós armados venham
os três cantos do mundo, saberemos
defender-nos. Jamais teremos causa
de pesar, se, na paz como na guerra,
fiel a si mesma for, sempre, a Inglaterra.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Personagens

Rei Ricardo II.

João de Gaunt, duque de Lencastre
Edmundo de Langley, duque de York
} tios do Rei.

Henrique, cognominado Bolingbroke, duque de Hereford, filho de João de Gaunt, depois Henrique IV.
Duque de Aumerle, filho do duque de York.
Tomás Mowbray, duque de Norfolk.
Duque de Surrey.
Conde de Salisbury.
Lorde Berkeley.

Bushy
Bagot
Green
} do serviço do rei Ricardo.

Conde de Northumberland.
Henrique Percy, cognominado Hotspur, seu filho.
Lorde Ross.
Lorde Willoughby.
Lorde Fitzwater.
Bispo de Carlisle.
Abade de westminster.
Lorde Marechal.
Sir Pierce de Exton.
Sir Stephen Scroop.
Capitão de um grupo de galenses.
Esposa do Rei Ricardo.
Duquesa de Closter.
Duquesa de York.
Damas de companhia da rainha.
Nobres, arautos, oficiais, soldados, jardineiros, carcereiro, mensageiro, palafreneiro e outros criados.

Cena

Em vários lugares da Inglaterra e do País de Gales.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Londres. Um quarto no palácio.
Entram o rei Ricardo, com séquito; João de Gaunt e outros nobres.

REI RICARDO ·
Lencastre honrado, velho João de Gaunt,
conforme teu penhor e juramento
trouxeste Henrique de Hereford, teu filho
temerário, porque ele ora sustente
a grave acusação que não pudemos
ainda julgar e que ele fez, há pouco
contra Tomás Mowbray, duque de Norfolk?
GAUNT · Sim, veio ele comigo, Majestade.
REI RICARDO · Dize-me, ainda: acaso já o sondaste?
Não se funda em antigas desavenças
a acusação lançada contra o duque,
ou provém essa queixa, como fora
de esperar de um vassalo dedicado,
de provas positivas de traição?
GAUNT · Tanto quanto sobre isso foi possível
examiná-lo, trata-se, realmente,
de perigo que ameaça Vossa Alteza,
não de malícia alguma da denúncia.
REI RICARDO · A nossa real presença os trazei logo.
Face a face, sobrolho carregado
contra sobrolho, agora nos dispomos
a ouvir o que disserem livremente.
(Saem alguns homens do séquito.)
São teimosos; da cólera no afogo
surdos são como o mar, ardem qual fogo.
(Voltam os homens com Bolingbroke e Mowbray.)
BOLINGBROKE · Muitos anos de dias venturosos
desejo ao meu gracioso soberano,
meu senhor e meu rei idolatrado.
MOWBRAY · Que ultrapasse em venturas cada dia
quantos o precederam, té que a inveja
do céu, ante a terrena e feliz sorte,
um título imortal vos acrescente.
REI RICARDO · A ambos agradecemos, muito embora
seja um dos dois adulador, tal como
se depreende da causa que vos trouxe,
a alta traição de que vos acusais.
Primo Hereford, que assacas contra Norfolk,
Tomás Mowbray?
BOLINGBROKE · Primeiro — o céu me sirva
de testemunha! — é como devotado
súdito, sempre cioso da saúde
preciosa de seu príncipe, liberto
de qualquer ódio baixo ou mal nascido,
que no papel de acusador eu me acho
na vossa real presença. Ora, Tomás
Mowbray, é a ti que eu digo o que se segue;
observa minha saudação, pois tudo
quanto eu disser, na terra este meu corpo
vai confirmar, ou responder minha alma
divina no alto céu. És miserável
e traidor; de origem boa para seres
isso, e ruim demais para viveres.
Quanto mais belo o céu, mais ele esplende,
mais feia é a nuvem que lhe o brilho ofende.
E a fim de arrematar o caso, digo
que és traidor e que para teu castigo,
se meu rei consentir, a minha espada
vai logo te privar da alma danada.
MOWBRAY ·
Que minhas expressões pouco violentas
o zelo não me acusem. Nossa causa
não será decidida pela prova
de guerra entre mulheres, por grosseiros
palavrões de duas línguas irritadas:
quente está o sangue para que se esfrie
por esse meio. Mas também não posso
de paciência orgulhar-me assaz submissa
para nada falar e ficar calmo.
Em primeiro lugar, o alto respeito
diante de Vossa Alteza não me deixa
soltar as rédeas e calcar esporas
em meu discurso livre, que teria
disparado até haver lançado ao rosto
deste homem, duplicada, a felonia
de que ele ora me acusa. Se de parte
pusermos a realeza de seu sangue,
sem que do parentesco nos lembremos
que o liga ao meu senhor, eu o desafio,
cuspindo-lhe no rosto: dou-lhe os nomes
de covarde, de vil e maldizente.
Sustento quanto disse, concedendo-lhe
vantagens, ainda mesmo que eu tivesse

shakespearebrasileiro.org

de ir a pé até aos picos congelados
dos Alpes, ou a qualquer lugar inóspito
em que jamais inglês haja pisado.
Isto defenderá minha lealdade
contra sua perfídia e falsidade.
Bolingbroke · Eis, trêmulo covarde, que te atiro,
também, o meu penhor, pondo de lado
meu parentesco real e renunciando
à nobreza do sangue, que teu medo,
não o respeito, agora fez lembrada.
Se o medo criminoso ainda te deixa
força bastante para levantares
o penhor de minha honra: então te abaixa
para apanhá-lo, que, por ele e todo
rito cavaleiresco, braço a braço,
sustento agora quanto aqui te disse
ou o que de pior tua malícia invente.
Mowbray · Levanto-o, e juro pela minha espada
que a honra de cavaleiro gentilmente
nos ombros me depôs, que hei de encontrar-te
em qualquer condição lícita e justa,
segundo as nobres regras dos costumes
cavaleirescos. E, uma vez montado,
não quero descer vivo se, em verdade,
traidor eu for ou falto de lealdade.
Rei Ricardo · Que acusação levanta o nosso primo
contra Mowbray? Grande é, decerto, para
nos fazer despertar o pensamento
de algo ruim por ele praticado.
Bolingbroke ·
Vede: o que eu vou dizer, provo-o com a vida.
Digo, pois, que Mowbray recebeu oito
mil nobres como empréstimo do soldo
do exército de Vossa Majestade,
que ele desviou para uso inconfessável,
como biltre injurioso e vil traidor.
Afirmo, ainda, e o provarei na liça,
aqui ou alhures, ou nas mais distantes
paragens que olho inglês possa ter visto,
que todas as traições imaginadas
durante estes dezoito últimos anos
têm no falso Mowbray a fonte e a origem.
Digo mais, e pretendo sustentá-lo,
tirando-lhe a existência miserável,
porque surja a verdade, que ele a morte
deu ao duque de Gloster, por ter feito
sugestões aos seus crédulos imigos,
e assim, como traidor e pusilânime,
em sangue lhe afogou a alma inocente,
sangue esse que me grita, como o sangue
de Abel sacrificado, das cavernas
mudas de toda a terra, reclamando
justiça pronta e justa punição.
Por meus avós, eu perderei a vida
ou lhe darei a pena merecida.
Rei Ricardo ·
Como alto as suas decisões se elevam!
Tomás de Norfolk, que respondes a isso?
Mowbray · Oh! que meu soberano vire o rosto
e deixe surdo o ouvido alguns instantes,
até que eu mostre à mancha do seu sangue
como Deus e as pessoas de respeito
dedicam ódio a tais caluniadores.
Rei Ricardo ·
Ouvidos e olhos imparciais eu tenho,
Tomás Mowbray. Se irmão ele me fosse,
digo mais: fosse o herdeiro da coroa —
com ser apenas filho do meu tio —
juro pelo respeito do meu cetro
que a vizinhança ao nosso sacro sangue
privilégio nenhum lhe ensejaria,
nem deixara parcial a inabalável
firmeza de minha alma íntegra e justa.
É meu vassalo, como ele o é também;
fala, pois, sem receio de ninguém.
Mowbray · Então te digo, Bolingbroke, ao baixo
coração, pela porta estreita e falsa
dessa garganta: mentes! Pois três partes
do pagamento de Calais em tempo
foram devidamente distribuídas
entre os homens de sua Majestade.
A outra parte eu guardei, depois de obtido
consentimento do meu rei. É que ele
me devia ainda o resto de uma conta,
do tempo em que eu à França fora enviado,
para trazer-lhe a esposa. Agora engole
toda a tua calúnia. Quanto à morte
de Gloster, não fui eu seu assassino,
mas por minha desgraça, neste caso
me acusa a consciência de um descaso
do dever. Quanto a vós, meu nobre lorde
de Lencastre, muito alto e venerando
pai do meu inimigo, uma cilada,
de fato, eu preparei para matar-vos,

shakespearebrasileiro.org

pecado que me punge a alma angustiada.
Mas antes de tomar o sacramento,
não faz muito, eu contei todo o ocorrido,
já tendo suplicado a Vossa Graça
que me perdoasse a falta, o que, suponho,
não me foi denegado. Eis o meu erro.
Tudo o mais da denúncia nasce apenas
do rancor de um vilão, de um miserável,
da inveja de um traidor degenerado,
contra o que eu próprio ainda hei de defender-me,
motivo por que jogo a minha luva,
também, aos pés desse traidor ousado
para, no sangue que seu peito albergue,
provar que sou um fido gentil-homem.
Marque, pois, Vossa Alteza, sem demora,
para o nosso recontro o dia e a hora.

REI RICARDO · Guiai-vos por mim, fidalgos enraivados,
deixando-vos placar sem perder sangue.
Sem ser médico, digo que não há de
cortar fundo demais vossa maldade.
Sede cordatos, esquecei; que o dia,
diz o doutor, não é para sangria.
Vamos, bondoso tio, achar um meio
que ponha logo um fim a este torneio.
Vós vos incumbireis de vosso filho;
eu, de Mowbray: sairão ambos com brilho.

GAUNT · Esse ofício diz bem com a minha idade.
Vamos, filho, revela urbanidade:
solta o penhor do duque.

REI RICARDO · Faze o mesmo,
Mowbray, com o dele.

GAUNT · Como! Acaso, a esmo
falamos, Harry? A obediência manda
que ordens eu dê usando de voz branda.

REI RICARDO · Norfolk, a luva joga; qual o dano
que disso te advirá?

MOWBRAY · Meu soberano,
atiro-me a teus pés. De minha vida
podes dispor, porém não te é devida
minha vergonha. Devo-te a primeira;
mas meu nome, que a Morte, embora o queira,
jamais me apagará da sepultura,
só poderá viver com a fé mais pura.
Acusado me vejo, escarnecido,
tratado com desprezo imerecido,
transpassado até na alma pela espada
venenosa da infâmia, de que nada
me poderá curar, senão somente
todo o sangue do biltre cujo dente
me fez esta ferida.

REI RICARDO · Não devemos
soltar rédeas à cólera; os extremos
se destroem: leões domam leopardos.

MOWBRAY ·
Mas perduram as manchas, pelos dardos
provindos da calúnia. Se a vergonha
me tirares, prometo que a peçonha
não mais me há de lembrar. Meu soberano,
o mais puro tesouro, o mais que humano
benefício que o tempo nos concede
é um nome imaculado, sem que adrede
lhe manchemos o brilho. Não passamos,
sem isso de uma argila com recamos,
simples poeira pintada. A mais preciosa
jóia em cofre inviolável é danosa
reputação num peito leal e puro.
Minha honra é minha vida; meu futuro
de ambas depende. Serei homem morto,
se me privarem da honra, do conforto
de um nome imaculado. Por tudo isso,
meu caro rei, far-me-ás alto serviço,
se me deixares defender com a vida
minha reputação tão bem nascida.

REI RICARDO · Vamos, primo, começa.

BOLINGBROKE · Deus não queira
que minha alma se manche por maneira
tão vergonhosa. É crível que eu, à vista
de meu pai, me rebaixe e que ele assista
à minha humilhação, sem que eu me guarde
de mostrar-me inferior a este covarde?
Antes que a língua possa a honra ferir-me
por maneira tão baixa, ou que confirme
minha queda, chamando a parlamento
vergonhoso, servindo-me do alento
que me resta, com os dentes eu cortara
o órgão servil da humilhação amara
e ao rosto de Mowbray o jogaria,
sangrento, onde se açoita a vilania.

(Sai Gaunt.)

REI RICARDO · Não temos por costume pedir nada,
senão dar ordens. Já que não podemos
vos deixar como amigos, aprestai-vos,
respondendo com a vida nesse ponto,

shakespearebrasileiro.org

que em Coventry vos batereis no dia
de São Lambert. As lanças e as espadas
patentearão as intenções malvadas.
Já que o não pude, incumba-se a justiça
de fazer ressaltar a fé castiça.
Marechal, aos arautos manda aviso
para que vejam tudo o que é preciso.

(Saem.)

Ato I · Cena II

O mesmo. Um quarto no palácio do duque de Lencastre. Entram Gaunt e a duquesa de Gloster.

Gaunt · Ai, a porção que me tocou do sangue
de Gloster, muito mais do que essas queixas,
me concita a ir de encontro aos carniceiros
de sua vida. Mas, como o castigo
se acha nas mãos que a falta cometeram,
que punir não podemos, à vontade
do céu entregue fica nossa causa.
Quando vir que é chegada a hora oportuna
sobre a terra, vinganças esbraseantes
ele fará chover nos criminosos.
Duquesa · Os laços fraternais não te esporeiam
com mais vigor? O amor não tira chispas
desse teu sangue velho? Os sete filhos
de Eduardo, e tu és um deles, eram como
sete vasos de seu sagrado sangue,
ou sete ramos que de um tronco viessem.
Destes, alguns secaram pelo próprio
curso da natureza; outros cortados
foram pelo destino antes do tempo.
Mas Tomás, minha vida, meu querido
senhor, meu Gloster, vaso do sagrado
sangue de Eduardo, ramo florescente
de seu real tronco, foi despedaçado,
tendo-se derramado toda a seiva
preciosa, foi cortado, emurchecendo-se
as folhas estivais, pela mão dura
da Inveja e a foice rubra do assassino.
Ah, Gaunt, era o teu sangue! O leito, o seio,
o coração, o molde de onde a forma
recebeste, fez dele uma criatura,
e, embora estejas vivo e ainda respires,
nele a vida perdeste. De algum modo,
concordas em que fosse o teu pai morto,
vendo teu pobre irmão perder a vida,
ele que de teu pai era o retrato.
Não dês, Gaunt, a isso o nome de paciência;
chama-lhe desespero. Consentindo
que seja teu irmão assassinado,
pões a nu o caminho de tua vida,
mostrando ao duro criminoso o modo
de te matar. O que nos homens baixos
tem nome de paciência, é covardia
pálida nas pessoas de alto sangue.
Como direi? O meio mais seguro
para salvaguardares a tua vida
é vingar o assassínio do meu Gloster.
Gaunt · É de Deus a questão, porque essa morte
foi causada por seu representante,
o mensageiro ungido em seu conspecto.
Se um crime cometeu, que Deus o puna,
porque eu jamais levantarei o braço
vingador para ir contra o seu ministro.
Duquesa · A quem dirijo, pois, as minhas queixas?
Gaunt · A Deus, amparo e defensor das viúvas.
Duquesa · Então, que seja. Velho Gaunt, adeus.
Vais a Coventry para ver a luta
que entre Mowbray, o sanguinário, e o nosso
caro primo Hereford vai ser travada.
Oh, se o dano causado ao meu esposo
na espada de Hereford fizesse peso
porque ela o peito atravessasse ao duro
carniceiro Mowbray! Ou se a desgraça
não o alcançar desde a primeira volta,
que a culpa de Mowbray de tal maneira
lhe oprima o peito, que o árdego cavalo
tenha o dorso quebrado e o cavaleiro
ao comprido da liça atirar possa,
pálido e trêmulo o entregando à fúria
de Hereford. Velho Gaunt, adeus. A esposa
de teu defunto irmão vai ter na vida
por companheira a sua dor comprida.
Gaunt · Adeus, irmã; para Coventry eu sigo;
consolo tenhas quanto vai comigo.

shakespearebrasileiro.org

Duquesa · Uma palavra, ainda. As grandes dores
ressaltam de onde caem, não por serem
vazias: pela ação do próprio peso.
Despeço-me sem ter falado nada,
que o luto torna a dor mais abafada.
Dá recomendações a Edmundo York,
meu caro irmão. É tudo. Agora podes
partir. Não, não te vás! Conquanto seja
tudo, um consolo, à minha dor enseja.
Ocorre-me dizer-lhe... Em que pensava?
Que em Plashy me viste a toda pressa.
Mas que pode o bom velho encontrar nessa
morada, senão muros desornados,
salões vazios, quartos sem pessoas,
caminhos não pisados? Que ouvir pode,
senão a dor que o peito me sacode?
Que não pense em ir lá buscar tristeza,
pois dela em toda parte será presa.
Chorando aceito a minha triste sorte;
desesperada parto para a morte.

(Saem.)

Ato I · Cena III

Área perto de Coventry. Liça demarcada. Um trono. Arautos, etc.
Entram o lorde Marechal e Aumerle.

Marechal ·
Milorde Aumerle, Henrique de Hereford
se acha pronto?
Aumerle · De todo, só deseja
poder entrar.
Marechal · Cheio de audácia e afogo,
Tomás Mowbray aguarda tão-somente
o sinal da trombeta do apelante.
Aumerle · Sendo assim, preparados estão ambos
os combatentes, dependendo o encontro
da chegada de Sua Majestade.

(Fanfarras. Entram o rei Ricardo, que se assenta no trono, Gaunt, Bushy, Bagot, Green e outros, que se colocam em seus lugares. A um toque de trombeta na cena, responde outro dentro. A seguir, entra Mowbray, completamente armado, precedido de um arauto.)

Rei Ricardo · Pergunta, marechal, ao cavaleiro
que ali se encontra a causa de estar ele
neste lugar, armado. Qual o nome,
pergunta-lhe, também, e o juramento
lhe toma de que vem por causa justa.
Marechal · Dize, em nome de Deus e do monarca,
como te chamas, por que estás armado
qual cavaleiro, contra quem vieste,
e o motivo nos conta da pendença.
Pela cavalaria que professas
e por teu juramento, sê verídico.
E assim te ampare o céu e o brio próprio.
Mowbray ·
Tomás Mowbray eu sou, duque de Norfolk;
aqui me encontro por haver jurado —
Deus não permita que perjuro eu fique! —
lutar por minha lealdade e pela
fé que me liga a Deus, ao rei e a sua
linhagem, contra o duque de Hereford,
que me acusa, e, esta arte, com o auxílio
de Deus e deste braço, demonstrar-lhe,
ao tempo em que a mim próprio me defendo,
que ele traiu a Deus, ao rei e a mim.
Como estou com a verdade, o céu me ampare.

(Senta-se no seu lugar.)

(Soam trombetas. Entra Bolingbroke, apelante, com armadura e precedido de um arauto.)

Rei Ricardo · Pergunta, marechal, ao cavaleiro
que armado ali se encontra, qual seu nome,
por que razão aqui se acha vestido
de couraça de guerra e, sempre às luzes
de nossas leis, lhe obtém o depoimento
da justiça da causa que defende.
Marechal ·
Como te chamas? Por que causa te achas
diante do rei Ricardo e em sua liça?
Contra quem te apresentas? Qual a queixa
que aqui te trouxe? Como cavaleiro,
dize a verdade e o céu que te defenda.
Bolingbroke ·
Sou Harry de Hereford, Lencastre e Derby.
Armado me apresento nesta liça
para, com a ajuda do Senhor e minha
própria força, provar que Mowbray, duque

shakespearebrasileiro.org

de Norfolk, execrando e perigoso,
traiu a Deus, ao rei Ricardo e a mim.
Como estou com a verdade, o céu me ampare.
MARECHAL · Pois, sob pena de morte, ninguém seja
tão atrevido que ouse entrar na liça,
senão somente o marechal e quantos
oficiais ele tenha designado
para a alta direção deste torneio.
BOLINGBROKE ·
Permiti, marechal, que a mão eu beije
de Sua Graça e que os joelhos dobre
ante o meu rei, porque Mowbray e eu próprio
somos como pessoas que se aprestam
para uma viagem longa e cansativa.
Permiti, pois, façamos despedida
cerimoniosa e adeus muito saudoso
aos amigos que ficam presenteemos.
MARECHAL · O apelante saúda com respeito
Vossa Grandeza e solicita a graça
de vos beijar a mão e despedir-se.
REI RICARDO *(descendo do trono)* ·
Para abraçá-lo, o trono nós deixamos.
Primo Hereford, em sendo a causa justa,
ampare-te a Fortuna nesta justa.
Se meu sangue perderes, a departe
te poderei chorar, mas sem vingar-te.
BOLINGBROKE ·
Olho nobre nenhum de mim se importe,
se a espada de Mowbray me der a morte.
Como o falcão no vôo, assim, confiante,
contra Mowbray me atiro, a meu talante.
Meu amado senhor, eu me despeço
de vós e de meu primo, lorde Aumerle,
não abatido, ainda que a morte eu vejo,
mas moço e alegre e com vigor sobejo.
Como nas festas pátrias, eu saúdo
o mais doce manjar no fim de tudo:
Oh tu, autor terreno do meu sangue,
cujo espírito moço, renovado
dentro de mim, me empresta vigor duplo
para que eu me alce à altura da vitória
que, airosa, plana sobre a minha fronte,
com tuas orações invulnerável
a armadura me deixa, e, com tuas bênçãos,
torna mais fina a ponta desta lança
porque ela possa penetrar na cota
de cera de Mowbray e brilho ao nome
de João de Gaunt ainda aumentar consiga
na atitude altanada de seu filho.
GAUNT · Deus te auxilie em tua causa justa.
Como o raio, sê rápido na luta;
que teus golpes, dobrados, redobrados,
qual o trovão atroador, no casco
de teu imigo pernicioso caiam.
Reanima o sangue jovem desse peito.
BOLINGBROKE ·
Com a ajuda de São Jorge e do Direito.
(Senta-se em seu lugar.)
MOWBRAY *(levantando-se)* ·
Como a Fortuna e o céu determinarem,
vai morrer ou viver aqui um súdito
fiel ao rei Ricardo, um gentil-homem
honrado, leal e justo. Nenhum preso
jamais com o coração tão levantado
longe os ferros jogou do cativeiro,
para abraçar com mostras delirantes
a liberdade de ouro, como agora
minha alma dança ao celebrar, alegre,
esta festa de sangue. Poderoso
monarca, companheiros de nobreza,
meus votos vos dirijo com lhaneza.
Como para um passeio eu me despeço,
confiante em vir a obter alto sucesso.
REI RICARDO · Adeus, milorde; nesses olhos vejo
da virtude e valor forte lampejo.
Dai logo início, marechal, à pugna.
(O rei e os nobres voltam para seus lugares.)
MARECHAL · Henrique de Hereford, Lencastre e Derby,
recebe a lança e que o Direito vença.
BOLINGBROKE *(levantando-se)* ·
Qual torre de esperança, "Amém" eu digo.
MARECHAL *(a um oficial)* ·
Leva ao duque de Norfolk esta lança.
PRIMEIRO ARAUTO ·
Henrique de Hereford, Lencastre e Derby,
diante de Deus, do rei e de si próprio
aqui se acha, sob pena de ser tido
como impostor sem fé e sem coragem,
para trazer a prova de que o duque
Tomás Mowbray faltou com a lealdade
ante Deus, ante o rei e ante ele mesmo,
desafiando-o, por isso, para duelo.
SEGUNDO ARAUTO ·
Aqui também está o duque de Norfolk,

shakespearebrasileiro.org

Tomás Mowbray, sob pena de ser tido
como desleal e falto de coragem,
não somente em defesa de si próprio,
como também para trazer a prova
de que Harry de Hereford, Lencastre e Derby
foi desonesto a Deus, ao rei e a ele,
o que faz com vontade livre e altiva,
só aguardando o sinal para o combate.
MARECHAL ·
Trombetas soai! À frente, combatentes!
(Toque de ataque.)
Parai! Parai! O rei soltou o bastão!
REI RICARDO · Pondo de lado o capacete e a lança,
voltem a ocupar ambos seus lugares.
Vinde conosco, e que as trombetas soem
até voltarmos e trazermos nossa
resolução que será dita aos duques.
(Toque demorado de fanfarra.)
(Aos combatentes) · Aproximai-vos
e ouvi o que decidimos no conselho.
Porque o solo do reino não se manche
com o caro sangue a que ele dera vida;
por nos ser repugnante à vista o aspecto
cruel das civis chagas, produzidas
por espadas afins; e por pensarmos
que o *orgulho* de asas de águia e os *pensamentos*
cuja ambição ao céu remontam sempre,
de par com a inveja que os rivais odeia
foram causa de terdes despertado
nossa paz que dormia infantil sono
no berço calmo desta nossa terra,
e que assim despertada pelo ruído
dos tambores discordes, pelos gritos
selvagens e estridentes das trombetas
e o áspero choque das irosas armas,
expulsará, talvez, a paz formosa
dos nossos quietos lindes, resultando
o mal de em sangue amigo mergulharmos:
vos banimos de nossos territórios.
Primo Hereford, sob pena de perderdes
a vida, enquanto duas vezes cinco
verões nossas campinas não dourarem,
não saudareis nossos domínios belos
mas os caminhos pisareis do exílio.
BOLINGBROKE · Seja como o dizeis. Minha alegria
será, tão-só, no exílio, todo dia
saber que o sol que aqui vos ilumina
me dará, também, luz, e que a ruína
de minha vida, triste e malfadada
dourará, como em fúlgida alvorada.
REI RICARDO · Norfolk, é mais pesada a tua pena,
digo-te a contragosto: as sorrateiras
horas não marcarão jamais o termo
do teu exílio caro e sem limite.
Contra ti pronunciamos a implacável
palavra "Nunca mais!" Ou isto ou a morte.
MOWBRAY · A sentença é terrível, soberano
senhor. Eu não contava que da boca
de Vossa Majestade ela me viesse.
Dádiva mais valiosa, não tão grave
mutilação como me ver lançado
na infinda vastidão que a todos cabe,
das mãos de Vossa Alteza eu merecera.
A língua que durante quarenta anos
eu aprendi, o inglês nativo, devo-a
doravante esquecer. Vai ela, agora,
ser para mim como viola ou harpa
sem cordas, ou qualquer fino instrumento
sempre no estojo, ou, quando fora dele,
posto em mãos que de todo o jeito ignoram
de tirar dele acordes harmoniosos.
Em minha boca a língua me prendestes,
trancando-a duplamente com a barreira
dos dentes e dos lábios e deixando
que a estúpida Ignorância, bronca e estéril,
como meu carcereiro, de mim cuide.
Sou muito velho para adular ama,
muito avançado em anos para aluno
voltar a ser. O que é, pois, a sentença
cominada, senão a morte muda,
que me tira da língua toda a ajuda?
REI RICARDO · Por que do teu sofrer fazer alarde?
Para lamentações é muito tarde.
MOWBRAY · Então vou procurar onde me açoite:
na treva espessa da infinita noite.
(Faz menção de retirar-se.)
REI RICARDO ·
Espera mais um pouco e faze um voto:
ponde as banidas mãos na real espada
que aqui tendes, e pela obediência
que ao céu deveis — convosco nós banimos
a porção que era nossa — prometei-nos
cumprir a jura que ora formulamos:
Que jamais! — a verdade e Deus vos guiem! —
vos ligareis no exílio pelos laços
da amizade, nem nunca face a face

shakespearebrasileiro.org

vos vereis; que não há de haver entre ambos
troca de cumprimentos ou de cartas,
que não atenuareis a tempestade
desses ódios domésticos e nunca
vos vereis de pensado, ou seja para
tramar, ou para maquinar alguma
coisa contra nós próprios, nosso Estado,
qualquer vassalo nosso ou nossa terra.
Bolingbroke ·
Juro.
Mowbray · Eu, também, juro cumprir tudo isto.
Bolingbroke ·
Norfolk, como entre imigos se permite:
a esta hora, se tivesse o rei querido,
uma de nossas almas vaguearia
pelo ar banida do sepulcro frágil
da nossa carne, como nossa carne
banida agora se acha da Inglaterra.
Confessa-te traidor, pois, antes de ires
do reino. Já que partes para longe,
não carregues por todo o mundo o fardo,
tão pesado, de uma alma criminosa.
Mowbray · Não, Bolingbroke; se traidor eu fosse,
quisera ver meu nome derriscado
do livro da existência, e ser banido
do céu, como da pátria. Mas o que és,
só Deus, tu e eu sabemos. Mas suspeito
de que cedo o rei venha a arrepender-se.
Adeus, meu rei; é minha toda a terra,
salva a estrada que vier ter à Inglaterra.
(Sai.)
Rei Ricardo · Tio, no espelho desses olhos vejo
que o coração te sangra. O triste aspeito
conseguiu apagar quatro dos anos
do exílio.
(A Bolingbroke) · Decorridos seis invernos,
tragam-te a este país ventos galernos.
Bolingbroke ·
Que tempo enorme uma palavra encerra!
Fala um monarca: quatro invernos frios
ele respira e alegres quatro estios!
Gaunt · Agradeço ao meu rei ter encurtado,
por consideração a mim, quatro anos
do exílio de meu filho. Mas é mínima
a vantagem que eu possa auferir disso.
Porque antes de mudarem os seis anos
do exílio de meu filho as suas luas
e o curso completarem, minha lâmpada
sem óleo, minha luz quase apagada,
os anos as farão mergulhar cedo
numa noite infinita. O meu pequeno
pavio vai perder, em pouco, o brilho,
sem que eu possa rever meu caro filho.
Rei Ricardo · Tio, ainda contas com uma longa vida.
Gaunt · Não, porém, com uma hora malsofrida
que um rei me possa dar. Sim, poderias
deixar mais curtos meus tristonhos dias,
roubar-me longas noites de veladas,
mas dar não podes róseas alvoradas.
Ajudarás o tempo em seu trabalho
de abrir sulcos em mim; mas será falho
qualquer intento de deter o passo
das lentas rugas em tão pouco espaço.
Podes matar-me, sim, ninguém duvida;
mas, morto eu, nem teu reino me dá vida.
Rei Ricardo · Teu filho foi banido após conselho
demorado, em que tua língua teve
parte no veredicto. Por que causa
procurar rebaixar nossa justiça?
Gaunt · Quanto a gula insaciável mais cobiça,
mais nos pesa no estômago. Mandaste
que eu fosse juiz direito num contraste
com minhas emoções; eu preferira
que falar me deixasses sem mentira,
na posição de pai. Mais indulgente
me teria mostrado, se na frente
um estranho tivesse, não meu filho.
Porque a suspeita não manchasse o brilho
do meu nome, com a pecha de parcial,
fui parte em minha pena capital.
Esperei que um de vós me reprochasse
tanto rigor e me dissesse em face
que eu muito exagerava por ter sido
fautor de meu destino dolorido.
Consentistes, assim, que minha língua
venha a ser causa de eu morrer à míngua.
Rei Ricardo · Adeus, primo; repete-lhe, bom tio,
que o exílio é de seis anos; seis, a fio.
(Toque de clarins; sai o rei Ricardo com seu séquito.)
Aumerle · Adeus, primo; do exílio, por escrito,
direis o mais que houver para ser dito.
Marechal · Não me despedirei, é só o que eu falo;
até à fronteira iremos a cavalo.
Gaunt · Por que amealhas, assim, tuas palavras,
não dando uma resposta aos teus amigos?

shakespearebrasileiro.org

Bolingbroke · De muito poucas eu disponho agora
para me despedir, quando devera
pródiga ser a língua em seu ofício,
para exprimir a dor que me angustia.
Gaunt · Tua dor é só ausência de algum tempo.
Bolingbroke · Sem alegria, é dor todo esse tempo.
Gaunt · Seis invernos que são? Passam depressa.
Bolingbroke · Para quem é feliz; mas a tristeza
transforma uma hora em dez.
Gaunt · Pensa que te achas
viajando por vontade e com proveito.
Bolingbroke · A esse nome de viagem suspirara-me
o coração, por oprimi-lo a angústia
da peregrinação forçada e longa.
Gaunt · Imagina que o círculo sombrio
de teus cansados passos seja apenas
o caixilho em que tens de pôr a jóia
preciosa de tua volta para a pátria.
Bolingbroke ·
Não; cada trecho que eu andar, tedioso,
lembrado me fará da porção grande
do mundo que me afasta dessa jóia.
Terei de entrar em longo aprendizado
no estrangeiro, somente para, ao cabo
do meu exílio, vir a vangloriar-me
de que fui operário do infortúnio?
Gaunt · Qualquer lugar que o olho do céu visita,
para o sábio é feliz enseada e porto
de salvamento. Ensinar deves tua
necessidade a assim julgar as coisas.
Não há melhor virtude do que a própria
necessidade. Pensa que não foste
banido pelo rei, mas que, ao contrário,
tu és o que o baniste. O sofrimento
pesa mais onde observa que é levado
com mais dificuldade. Ora imagina
que eu te enviei para buscares honras,
não que o rei te exilou. Supõe, ainda,
que em nosso ar voraz peste ora se encontra,
razão de procurares outros climas.
Deves pensar que o que à alma te for caro
se acha no ponto de chegada, nunca
no lugar de onde vieste; considera
músicos os canoros passarinhos,
a grama em que pisares, lindo junco,
belas mulheres quantas flores vires
e teus passos não mais do que a cadência
deliciosa da dança. Que a tristeza
rosnadora com menos força morde
quem com ela se põe menos acorde.
Bolingbroke ·
Oh! Quem nas mãos sustentaria fogo,
imaginando ser o frio Cáucaso?
Ou embotara a ponta do apetite,
pensando apenas em manjares finos?
Ou, nu, passeara as neves de dezembro,
evocando fantásticos calores?
Não! A imaginação do que é agradável
torna mais doloroso o sentimento
do que nos causa dor. Nunca destila
tanto veneno o dente da tristeza
como quando não mata logo a presa.
Gaunt · Quero mostrar-te, filho, o teu caminho:
se eu fosse a ti, deixara o pátrio ninho.
Bolingbroke · Seja assim; adeus, solo da Inglaterra;
querida terra, minha mãe, minha ama
que me nutres ainda, adeus! Eu parto
e, ufano, mostrar-me-ei ao mundo inteiro,
sempre inglês, muito embora no estrangeiro.

(Saem.)

Ato I · Cena IV

Londres. Um quarto no castelo real.
Entram o rei Ricardo, Bagot e Green, por uma porta;
Aumerle por outra.

Rei Ricardo ·
Notamos, sim... Aumerle, até que ponto
do caminho levaste o alto Hereford?
Aumerle · Levei o alto Hereford, se vos agrada
dar-lhe esse nome, até à estrada próxima,
onde o deixei.
Rei Ricardo · E à despedida, quantas
lágrimas derramaste?
Aumerle · Ora, nenhuma
ou, antes, o noroeste que soprava

shakespearebrasileiro.org

contra nós com violência e, desse modo,
me endefluxou, fez que, por mero acaso,
caísse em nossa fria despedida
a graça de uma lágrima.
Rei Ricardo · E que disse
nosso primo no instante em que o deixaste?
Aumerle · "Adeus."
E como o coração não me deixasse
profanar esse termo, arranjei forças
para que o abatimento simulasse
tanta dor, que as palavras pareciam
sepultadas na tumba da tristeza.
Com a breca! Se a palavra "Adeus" as horas
alongasse e bastantes anos desse
a esse pequeno exílio, ele teria
recebido de mim muitos volumes
de adeuses. Mas não tendo a faculdade
de assim fazer, não recebeu nenhum.
Rei Ricardo · É nosso primo, primo; mas chegado
que seja o fim do exílio, é duvidoso
que o parente a rever volte os amigos.
Nós próprios, Green aqui, Bagot e Bushy
observamos como ele costumava
bajular o povinho, parecendo
mergulhar-lhe no peito com saudares
de cortesia familiar e humilde;
como ele prostituía reverências
com escravos, ganhando os operários
a poder de sorrisos e fingindo
paciente suportar o triste fado,
como se para o exílio carregasse
a afeição deles todos. Pois se o gorro
tirou para uma vendedora de ostras!
Dois carroceiros lhe gritaram: "Possa
Deus vos servir de guia!" Ao que o tributo
receberam de seus maleáveis joelhos
com "Meus compatriotas! Agradeço-vos
de todo o coração, caros amigos!"
como se por herança ele tivesse
recebido a Inglaterra e da esperança
dos meus súditos fosse o degrau próximo.
Green · Bem, mas já foi e com ele, esses cuidados.
Urge pensar na rebelião da Irlanda.
Medidas prontas devem ser tomadas,
meu soberano, antes que mais descanso
lhe propicie recursos que redundem
em prejuízo de Vossa Majestade.
Rei Ricardo · Iremos em pessoa a essa campanha.
E já que nossos cofres, com tão grande
corte e tantas larguezas, se tornaram
leves demais, seremos obrigados
a penhorar nosso real domínio.
Servirá essa renda para os gastos
do negócio imediato. Se for pouco,
nossos representantes aqui dentro
receberão letras em branco para
fazer que grandes somas de ouro assinem
as pessoas de haveres, o que logo
nos enviarão para suprirmos nossas
necessidades. Sim, que sem delongas
embarcar pretendemos para a Irlanda.

(Entra Bushy.)

Bushy, que novidade?
Bushy · O velho João de Gant está de cama,
milorde, muito mal. Foi repentino.
Mandou recado urgente porque Vossa
Majestade lhe faça uma visita.
Rei Ricardo · Onde se acha?
Bushy · Em Ely House.
Rei Ricardo ·
Deus, sugere a seu médico que o ajude
a baixar, sem demora, para o túmulo!
O forro de suas arcas vai servir-nos
para enroupar os homens que levarmos
para as guerras da Irlanda. Gentis-homens,
vinde comigo! Vamos visitá-lo.
Ainda que no caminho não paremos,
Deus queira que cheguemos muito tarde.
Todos · Amém.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena I

Londres. Um quarto em Ely House.
Gaunt, no leito; junto dele, o duque de York e outros.

GAUNT · Dizei-me: o rei não vem? No último alento
quero conselhos ministrar à sua
mocidade inconstante.
YORK · Não seja isso
causa de vos ralar, porque os conselhos
nem de leve lhe tocam os ouvidos.
GAUNT ·
Sim, mas dizem que a fala dos que se acham
no transe de morrer a atenção força
qual profunda harmonia. Quando poucas
são as palavras, raramente ficam
desperdiçadas. Quem respira a custo,
só respira a verdade, é sempre justo.
Mais a atenção nos prende o moribundo
do que o jovem estúrdio e tresloucado;
o fim nos fere mais do que o jucundo
passatempo da vida. O fatigado
pôr-do-sol, como o fim das harmonias
e as últimas porções das iguarias
com mais força nos ficam na memória
do que as coisas de fama transitória.
Espero que Ricardo ora me atenda,
que a voz da morte é sempre reverenda.
YORK · Não, que tem os ouvidos entupidos
por sons aduladores: elogios
ao seu governo, esses lascivos versos
de ritmo venenoso, que não deixa
de nas ouças calar da mocidade;
as modas da vaidosa e altiva Itália
cujos costumes nosso povo tardo
macaqueia, coxeando-lhe no encalço
com vil imitação. Quando no mundo
surgiu qualquer frivolidade — mesmo
que seja desprezível, pouco importa —
que depressa aos ouvidos não lhe viessem
sussurrar? Os conselhos sempre chegam
retardados, se se acham desacordes
a vontade e a razão. Servir não queiras
de guia a quem despreza o auxílio alheio;
vais esgotar o alento em vão torneio.
GAUNT · Qual profeta inspirado ora eu me sinto.
Eis o que, na hora extrema, a seu respeito
vou predizer: durar não pode a sua
chama impetuosa de dissipação,
porque o fogo violento se consome
depressa. As chuvas finas duram muito,
mas são curtas as grandes tempestades.
Quem faz imoderado uso da espora,
termina por matar a montaria;
quem come com sofreguidão, acaba
por se asfixiar com os próprios alimentos.
A vaidade falaz, corvo insaciável,
após consumir tudo, se devora.
Este real trono, esta ilha coroada,
este solo de altiva majestade,
esta sede de Marte, este novo Éden,
este meio paraíso, fortaleza
que a Natureza para si construiu
contra as doenças e os braços invasores;
esta raça feliz, mundo pequeno,
esta pedra preciosa, colocada
num mar de prata que lhe faz as vezes
de muro intransponível ou de fosso
que lhe defende a casa contra a inveja
das terras menos fartas; este solo
bendito, este torrão, esta Inglaterra,
esta ama, esta matriz, sempre fecunda,
de grandes reis, famosos pela origem,
temidos pelo braço, celebrados
por seus feitos em prol da cristandade
e da cavalaria — tão distante
desta pátria, quão longe, entre os judeus
teimosos o sepulcro se levanta
do Salvador do mundo, o santo filho
de Maria; esta terra de almas caras,
este país caríssimo, querido
pela reputação de que se goza
no mundo, agora se acha hipotecado —
só de dizê-lo, morro! — como casa
particular ou herdade abandonada:
a Inglaterra, que o mar triunfante cinge,
cujas costas de pedra inutilizam
os assaltos da inveja do marinho
Netuno, de ignomínia está coberta,
pelos apodrecidos pergaminhos

shakespearebrasileiro.org

dos contratos e manchas de escrituras:
esta pátria querida, esta Inglaterra
que terras outras conquistava, agora
fez a triste conquista de si mesma.
Ah! se possível fosse que esse escândalo
com minha vida desaparecesse,
feliz seria a morte que me adviesse.
(Entram o rei Ricardo, a rainha, Aumerle, Bushy, Green, Bagot, Ross e Willoughby.)

York · O rei chegou; poupai-lhe a mocidade,
que os potros ardorosos, ao se verem
espicaçados, mais furiosos ficam.

Rainha · Como é que vai passando o nosso nobre
tio Lencastre?

Rei Ricardo · Então, homem, que é isso?
Que foi que aconteceu com o idoso Gaunt?

Gaunt · Como diz esse nome com o meu todo!
Gaunt, de fato; e guante, por ser velho,
só pele em cima de ossos. A tristeza
dentro de mim passa um jejum forçado.
Quem fica sem comer, e não acaba
como pele de guante? Fiz vigílias
longas pela Inglaterra adormecida;
as vigílias produzem só magreza,
e a magreza é só pele. Fiquei sempre
jejuno do que os pais tanto se alegram:
a vista de meus filhos. Desse modo,
à força de jejuar, tu me deixaste
reduzido a este estado: ossos e pele.
Pele de guante eu sou para o sepulcro,
vazio como um túmulo, cujo oco
vai receber de mim tão-somente ossos.

Rei Ricardo ·
Podem doentes fazer tais trocadilhos
com o próprio nome?

Gaunt · Não; mas a miséria
folga em ser escarninha de si própria.
Já que o meu nome em mim matas desta arte,
rio-me dele — Oh rei! — para adular-te.

Rei Ricardo · Adulam moribundos aos que vivem?

Gaunt · Não, os vivos adulam os que morrem.

Rei Ricardo · Estou vivo e me adulas: é patente.

Gaunt · Não; tu morres, embora eu seja o doente.

Rei Ricardo · Estou forte, respiro; tu definhas.

Gaunt · Deus, que me fez, me diz que de mezinhas
tu precisas e que já te avizinhas,
como eu, do fim da vida. Tens por leito
de morte a própria pátria, onde agoniza
tua reputação. E tu, por seres
um doente negligente, o ungido corpo
aos cuidados confiaste dos que tantas
feridas te causaram: os milhares
de aduladores que se abrigam dentro
da coroa, cujo âmbito, contudo,
se mede apenas pela tua cabeça.
Mas, com ser tão pequeno o ninho deles,
estende-se a devastação por toda
tua terra. Ah! se teu avô pudesse
ter sabido que o filho de seu filho
viria a ser a ruína de seus filhos,
longe de ti ele teria posto
tua grande desonra e te haveria
deposto antes de seres empossado
na posse que depor te ameaça agora.
Sim, primo, embora fosses rei do mundo,
seria vergonhoso hipotecares
este país. Cingindo-se o teu mundo
a ele somente, é mais do que vergonha
desonrá-lo a esse ponto. És o intendente
da Inglaterra, tão-só, não seu monarca.
O Estado soberano à lei se curva;
mas tu...

Rei Ricardo · ...és um lunático sem miolo,
que te vales da febre, como se ela
te concedesse privilégio para
com teus glaciais conselhos nos deixares
pálido o rosto, o sangue real tocando,
colérico, de sua residência
natural. Pois pela alta majestade
do meu trono, se acaso tu não fosses
irmão do filho do magnífico Eduardo,
essa língua que rolas na cabeça
com tal desembaraço, te faria
também rolar dos ombros a cabeça.

Gaunt · Filho do mano Eduardo, não me poupes
por eu ser filho de seu pai Eduardo.
Já fizeste correr a jorros este
sangue, tal como o pelicano, e nele
te embriagaste. Meu mano Gloster, alma
simples e boa — possas entre as almas
gozar no céu da bem-aventurança! —
constitui precedente eloqüentíssimo,
que a todos mostra como não te corres
de derramar o sangue de Eduardo.

shakespearebrasileiro.org

Alia-te aos achaques que me abatem
presentemente, e o teu furor transforma
na foice curva que de um golpe apare
esta fanada flor. Vive na infâmia,
mas que a infâmia não morra juntamente
contigo. Que te sirvam de carrasco
minhas palavras. Conduzi-me logo
para o leito; depois, para o sepulcro.
(Sai, carregado pelos criados.)

Rei Ricardo ·
E morra quem for velho e rabugento;
o túmulo já está de ti sedento.
York · Eu peço, instante, a Vossa Majestade
que impute essas palavras à velhice
e à doença caprichosa. Ele vos ama,
por minha vida, tão ardentemente
como Hereford, se aqui fosse presente.
Rei Ricardo ·
Como o deles é o meu amor, também.
Lesado, assim, não ficará ninguém.
(Entra Northumberland.)

Northumberland ·
Meu nobre suserano, o velho Gaunt
se recomenda a Vossa Majestade.
Rei Ricardo · Que disse ele?
Northumberland · Já disse o que restava
para ser dito. Tal como instrumento
sem corda, tem a língua. O pensamento
já se lhe foi, palavras, vida, tudo,
reduzindo Lencastre a um corpo mudo.
York · Possa ser York o próximo a sofrer
falência igual e, em paz, adormecer.
Rei Ricardo · No tempo certo a fruta cai, madura.
É lei geral; a vida humana dura
para uns curta; para outros, longa. Ao termo
da peregrinação ele chegara;
nós ainda estamos longe. Mas, sobre isso
basta. Agora falemos da campanha
da Irlanda. É necessário dominarmos
esses quernes selvagens de cabelos
em desalinho, que prosperam como
veneno onde veneno algum se encontra
senão eles, que têm o privilégio
de viver. É de vulto o empreendimento,
mas impõe-nos despesas excessivas.
Em vista disso, nós nos apossamos
da prataria, do dinheiro e rendas,
acrescidas de todos os bens móveis
pertencentes ao nosso tio Gaunt.
York · Até quando terei de ser paciente?
Até quando o respeito reverente
me fará suportar tantas violências?
Nem a morte de Gloster, nem o exílio
de Hereford, os insultos dirigidos
a Gaunt, nem as queixas intestinas
da Inglaterra, os motivos que frustraram
o casamento ao pobre Bolingbroke,
nem as minhas desgraças conseguiram
perturbar-me a paciente compostura,
ou o semblante vincar-me, quando em frente
do meu senhor. Eu sou o último filho
do nobre Eduardo, cujo primogênito
foi teu bom pai, o príncipe de Gales.
Nunca se viu tão bravo leão na guerra,
nem cordeiro, na paz, mais delicado
do que esse real e jovem gentil-homem.
Pareces-te com ele, que essas mesmas
feições ele mostrava, quando o número
de teus anos havia completado.
Mas se o cenho fechava, era somente
para os franceses, não para os amigos.
Sua mão nobre conquistava quanto
viesse ele a gastar, mas não gastava
quanto seu pai triunfante houvesse ganho.
Suas mãos não ficaram maculadas
com o sangue dos parentes, mas vermelhas,
tão-só, com o dos imigos da família.
Oh Ricardo! A tristeza fez que York
fosse longe demais. A não ser isso,
jamais teria feito esse confronto.
Rei Ricardo ·
Ora, tio; que é que há?
York · Meu soberano,
perdoai-me se o quiserdes; do contrário,
resignar-me-ei por não me ver perdoado.
Como! É vossa intenção vos apossardes
dos bens e dos direitos soberanos
do banido Hereford? Não morreu Gaunt?
Não vive, ainda, Hereford? Não era honesto
Gaunt, assim como leal sempre foi Harry?
Herdeiro não merece ter aquele?
Não é um filho digno o seu herdeiro?
Espoliar Hereford de seus direitos
equivale a tomar do tempo as cartas

shakespearebrasileiro.org

de privilégio e o seu direito usual.
Desse modo impedis que o dia de hoje
tenha por sucessor o de amanhã.
Por que sois rei, senão por descendência
legal e sucessão? Digo, portanto,
diante de Deus — não queira Ele que seja
verdade quanto eu falo! — se espoliardes,
sem razão, Hereford de seus direitos,
e não quiserdes receber as cartas
patentes com que o seu representante
reclamar sua posse e vassalagem,
sobre vós mesmo chamareis milhares
de perigos, vireis a perder muitos
corações afetuosos, obrigando
minha terna paciência a pensar coisas
que a honra e a obediência me proíbem.
Rei Ricardo · O certo é que seus bens e sua prata
passarão a ser nossos nesta data.
York · Não verei isso; meu senhor, adeus.
As conseqüências, só as conhece Deus;
mas de ruins princípios, é sabido,
jamais bons resultados têm saído.

(Sai.)

Rei Ricardo · Bushy, vai logo procurar o conde
de Wiltshire e dize-lhe que venha ver-nos
em Ely House para vermos isso.
Amanhã partiremos para a Irlanda,
o que não é sem tempo, e nomeamos,
em nossa ausência, o nosso tio York
governador do reino. É leal, e sempre
nos foi muito afeiçoado. Vinde, minha
rainha; é inevitável separarmo-nos.
Não fiqueis triste, que é por pouco tempo.

(Clarins.)

(Saem o rei, a rainha, Bushy, Aumerle, Green e Bagot.)

Northumberland ·
Lordes, morreu o duque de Lencastre.
Ross · Não, vive ainda que o seu filho é duque.
Willoughby · Tem o título, apenas, não a renda.
Northumberland ·
É rico de ambos, se ainda houver justiça.
Ross · Sinto repleto o coração e a ponto
de arrebentar, se do pesado fardo
eu não o aliviar, falando às claras.
Northumberland ·
Expõe sem restrições teu pensamento;
e que mudo se torne para sempre
quem dano te causar, ao repeti-lo.
Willoughby · Quanto queres dizer-nos se refere
ao duque de Hereford? Se for o caso,
não te embarace o medo; presto ouvidos
a tudo quanto seja em seu proveito.
Ross · Não se trata de bem nenhum que eu possa
proporcionar-lhe, a menos que tal nome
dês ao fato de eu ter dele piedade
por o ver esbulhado de sua herança.
Northumberland ·
É vergonhoso que essas injustiças
se pratiquem com um príncipe de sangue
e com outros mais de nobre nascimento
nesta terra a tal ponto decadente.
O rei mudou demais; guiado se acha
por vis aduladores. Tudo o que estes
lhe alvitram contra nós, movidos de ódio,
põe em prática o rei, severamente,
contra nossa fazenda, a vida e os filhos.
Ross · Sobrecarrega o povo com pesados
impostos, o que a todos dele afasta;
multou, por questões velhas, muitos nobres,
o que todos, também, afasta dele.
Willoughby · Todos os dias surgem novas taxas,
como letras em branco, dons gratuitos
e coisas desse gênero. Dizei-me,
por Deus, que nos virá de tais processos?
Northumberland ·
A ruína geral não vem de guerras,
que ainda o rei não declarou nenhuma.
O que fez foi, em pactos vergonhosos,
entregar quanto os seus antepassados
haviam conseguido em campo aberto.
Muiro mais caro a paz lhe tem custado
do que as grandes empresas deles todos.
Ross · O reino se acha hipotecado ao conde
de Wiltshire.
Willoughby · O rei faliu, qual negociante
que fosse à bancarrota.
Northumberland · O opróbrio e a ruína
pendem sobre ele.
Ross · Meios não teria
para a guerra da Irlanda, não obstante
seus pesados impostos, se não fosse
roubar a herança do exilado duque.
Northumberland ·
Seu digno primo. Oh, que monarca objeto!

shakespearebrasileiro.org

Mas, senhores, o certo é que escutamos
roncar a tempestade ameaçadora
sem que tratemos de buscar abrigo
que da procela nos resguardar nos venha.
Vemos forçar os ventos nossas velas
e, sem nos decidirmos a amainá-las,
perecemos incautos e confiantes.
ROSS · Temos diante dos olhos o naufrágio
que é força padecermos; o perigo
tornou-se inevitável, porque todos
concordamos com a causa do desastre.
NORTHUMBERLAND ·
Não é assim. Percebo que até mesmo
das órbitas da morte a vida espia,
mas não ouso dizer quanto está próxima
a notícia que implicava salvamento.
WILLOUGHBY · Dize o que pensas, como já o fizemos.
ROSS · Northumberland, sê franco em teu discurso.
Nós três não somos mais do que tu próprio;
será só pensamento o que disseres.
Reveste-te, portanto, de coragem.
NORTHUMBERLAND ·
Eis o que soube, então, de Port le Blanc,
baía da Bretanha: Harry Hereford,
lorde Reinaldo Cobham, que de pouco
rompeu com o duque de Exeter, seu mano
que já foi arcebispo de Cantuária,
sir Tomás Erpingham, sir Roberto Waterton,
sir John Ramston, sir John Norbery e, ainda,
Francisco Quoint, armados pelo duque
da Bretanha, com oito altos navios
e três mil homens prontos para a guerra,
vêm vindo para cá com toda a pressa,
calculando saltar dentro de pouco
na nossa praia norte. Já podiam
estar aqui muito antes, mas aguardam
tão-somente que o rei vá para a Irlanda.
Se sacudir quisermos, pois, o jugo,
pôr novas penas na asa fraturada
do país sucumbido, da hipoteca
vergonhosa livrar logo a coroa,
tirar o pó que o ouro do cetro encobre
e restituir a forma à majestade,
sigamos logo para Ravenspurgh.
Mas se medo vos causa esse caminho,
guardai reserva, que eu irei sozinho.
ROSS · De que ter medo? O meu corcel ligeiro!
WILLOUGHBY · Se o meu for bom, eu chegarei
primeiro.

(Saem.)

Ato II · Cena II

O mesmo. Um quarto no palácio.
Entram a rainha, Bushy e Bagot.

BUSHY · Senhora, Vossa Majestade se acha
muito triste. Lembrai-vos da promessa,
quando vos despedistes do monarca,
de vos desvencilhar do abatimento
prejudicial e de assumir alegre
disposição.
RAINHA · É certo; mas só o disse
para agradar ao rei, que, por mim mesma,
não me fora possível. No entretanto,
não sei qual o motivo por que deva,
como a hóspede, acolher o pesadume,
senão por ter-me despedido de hóspede
tão suave como o meu doce Ricardo.
Às vezes me parece ver chegar-se-me
tristeza inexplicável, sazonada
no ventre da Fortuna; por coisinhas
minha alma se apavora, revelando
maior sofrer do que o que lhe viria
da despedida do meu rei e marido.
BUSHY · A essência da tristeza emite vinte
sombras que com a tristeza se parecem,
sem que o sejam, contudo, porque os olhos
do desgosto, cegados pelas lágrimas,
dividem cada corpo em mil objetos.
Como se dá com os quadros que, mirados
de frente, não revelam coisa alguma,
mas permitem, de viés, ver a pintura:
do mesmo modo Vossa Majestade,
considerando de viés a ausência
de vosso esposo, vê formas de agruras
mais para lastimar do que ele próprio,
as quais, vistas de frente, se revelam
como sombras, tão-só, de coisa alguma.

shakespearebrasileiro.org

Não choreis, pois, graciosa soberana,
mais do que a ausência dele, que só vedes
isso, tão-só. Mas se outras coisas virdes,
por acaso, é certeza estardes vendo
pelos olhos da dor que, de ordinário,
chora apenas o fato imaginário.
Rainha · É possível, embora me convença
do contrário o imo peito. Esteja tudo
como devera estar, deixar não posso
de revelar-me triste e, de tal modo,
que, se em nada eu pensar, o pensamento
desse nada me tira, quase, o alento.
Bushy · Pura imaginação, graciosa dama.
Rainha · Não; a imaginação sempre é gerada
por tristeza anterior. Mas no meu caso
tal não se dá. Ou nada foi a causa
da angústia que me oprime, ou alguma coisa
gerou o nada que me deixou triste.
Minha dor me pertence de direito.
O que ela seja, ninguém sabe ainda;
é dor sem nome, creio, que não finda.

(Entra Green.)

Green · Deus guarde Vossa Majestade! Caros
lordes, bom dia. Espero que o monarca
não tenha ainda partido para a Irlanda.
Rainha · Por que o esperas? Melhor fora esperares
que já houvesse partido. Seus projetos
exigem toda pressa, e a pressa é origem
de grandes esperanças. Por que esperas
que não houvesse ainda ele embarcado?
Green · Porque nossa esperança, ele, suas forças
deter pudesse e reduzisse ao máximo
desespero a esperança de um imigo
que acaba de firmar-se em nosso solo:
Bolingbroke, o banido, a si chamou-se
do exílio e acaba de chegar, com forças,
em Ravenspurgh.
Rainha · Oh! Deus não o permita!
Green · Infelizmente é certo, majestade.
Mas o pior é ter-se-lhe juntado
lorde Northumberland, seu filho Henrique
Percy, lordes de Ross, Beaumond e Willoughby
com todos seus amigos influentes.
Bushy · Por que razão não proclamastes lorde
Northumberland traidor e toda a malta
de revoltosos?
Green · Fi-lo; e à vista disso,
o bastão de intendente o conde de Worcester
quebrou, abandonando logo o cargo,
depois do que se foi, com os que se achavam
no palácio, juntar a Bolingbroke.
Rainha · Desta arte, Green, serviste-me no parto
de minha mágoa, sendo Bolingbroke
o produto horroroso. E ora que ao monstro
já deu à luz minha alma, como exausta
parturiente eu me encontro, acrescentando
dor sobre dor e angústia sobre angústia.
Bushy · Não percais a esperança, Majestade.
Rainha · Quem mo impede? Desejo o desespero;
quero ser inimiga da esperança
falaz: é aduladora e parasita;
retarda a morte, brandamente os liames
desata da existência com fingidas
esperanças que a luta lhe prolongam.

(Entra York.)

Green · Aí vem o duque de York.
Rainha · Traz nas velhas espáduas sinais certos
de guerra; o olhar traduz negócios graves.
Tio, por Deus, insinuai conforto.
York · Se o fizesse, enganara-me a mim próprio.
O conforto é do céu; somos da terra,
onde só se acham cruzes e tristezas,
desespero e cuidados. Vosso esposo
partiu para salvar o reino longe;
mas aqui mesmo outros perder o fazem.
Fiquei para servir de esteio ao reino;
mas a idade e a fraqueza não permitem
que a mim mesmo eu sustente. Eis chegada a hora
doentia que se segue a todo excesso.
Agora o rei terá de pôr à prova
quantos amigos o adulavam antes.

(Entra um criado.)

Criado · Vosso filho, senhor, tinha partido
antes de eu lá chegar.
York · Tinha ido embora?
É assim? Que tudo, então, tome o caminho
que entender. Já fugiu toda a nobreza;
frio se mostra o povo, parecendo-me
que ficará do lado de Hereford.
Vem cá, maroto; vai depressa a Plashy;
dize à minha irmã Gloster que me envie,

shakespearebrasileiro.org

sem demora, mil libras. Um momento:
toma este anel.
Criado · Milorde, eu me esquecera
de vos comunicar que, de passagem,
eu cheguei até lá. Mas tenho medo
de vos aborrecer contando o resto.
York · Que foi que houve, rapaz?
Criado · Falecera a duquesa, havia uma hora.
York · Deus nos ampare! Que ondas de infortúnios
se vêm quebrar, a um tempo, nesta terra
desgraçada! Não sei mais o que faça.
Prouvera a Deus — assim tivesse sido
possível irritá-lo sem valer-me
de falsidade — sim, prouvera a Deus
que o rei houvesse decepado a minha
cabeça juntamente com a do mano.
Até agora não foram enviados
correios para a Irlanda? Como obtermos
recursos para a guerra? Vinde, mana —
prima, quero dizer; peço desculpas. —
Rapaz, vai até casa, arranja uns carros
e traze as armaduras que encontrares.
(Sai o criado.)
Aliciareis soldados, meus senhores?
Se eu souber a maneira de pôr ordem
nestes assuntos que em desordem vieram
ter-me às mãos, não me deis mais nenhum crédito.
Ambos são meus parentes. Ao monarca
me obriga a defender o juramento,
como o próprio dever; o outro é sobrinho,
que o rei prejudicou por modo injusto,
cujos direitos a consciência e os laços
de parentesco mandam que eu defenda.
Preciso fazer algo. Vinde, prima;
vou vos pôr em lugar de menos risco.
Senhores, chamai logo os vossos homens;
depois nos reuniremos no castelo
de Berkeley. A Plashy é necessário,
também, que eu vá...
Não há tempo de nada. Que má sorte!
Todo o mundo carece de suporte.
(Saem York e a rainha.)
Bushy · Os ventos são propícios para enviarmos
notícias para a Irlanda, mas nenhuma
de lá nos mandam. Aliciar soldados
em proporção igual à dos imigos,
é de todo impossível.
Green · Além do mais, o termos nosso posto
junto do amor do rei, nos deixa próximos
do ódio dos que o não amam.
Bagot · Sim, do povo
sempre mudável, cujo amor se mede
pelo estado da bolsa: o esvaziá-la
enche-lhe o coração de mortal ódio.
Bushy · Então por todos está o rei julgado.
Bagot · Se do povo depende o julgamento,
condenados estamos, visto termos
sempre ficado ao lado do monarca.
Green · Vou, já já, refugiar-me no castelo
de Bristol; para lá já foi o conde
de Wiltshire.
Bushy · Irei convosco. Pouco obséquio
nos poderá prestar o povo odiento,
senão, como lebréus, espostejar-nos.
Acompanhais-nos?
Bagot · Não; vou para a Irlanda,
para onde Sua Majestade se acha.
Adeus; se o coração fala a verdade,
despedimo-nos para a eternidade.
Bushy · A menos que York expulse Bolingbroke.
Green · Pobre duque! A tarefa que lhe coube
equivale a contar a areia infinda,
ou a beber todo o mar. Por um soldado
que o defenda, mil vão para o outro lado.
Adeus, pois, para sempre.
Bushy · Ainda é possível
que nos vejamos.
Bagot · Não; jamais, é incrível!
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena III

Nas florestas de Gloucestershire.
Entram Bolingbroke e Northumberland, com forças.

Bolingbroke ·
Milorde, a que distância fica Berkeley?
Northumberland · Nobre lorde, asseguro-vos,
sou estrangeiro aqui em Gloucestershire.
Estes caminhos rudes e as colinas
selvagens e altas nossas milhas deixam
mais longas e a fadiga nos apressam.
Vossa prosa agradável, no entretanto,
fez o papel de açúcar, de tal modo
que ficou doce o amargo da jornada.
Por isso mesmo penso nas canseiras
que hão de ter padecido Ross e Willoughby
de Ravenspurgh até Cotswold, privados
de vossa companhia, que, repito,
atenuou muito a insipidez da viagem,
Mas a deles, também, se acha atenuada
pela esperança de gozarem logo
de vantagem de que ora eu me enalteço.
A esperança de um bem é pouco menos
do que o bem alcançado. Por tudo isso,
aos fatigados lordes há de a estrada
parecer curta, como curta a achei,
por possuir vossa nobre companhia.
Bolingbroke · Vale menos a minha companhia
do que essas delicadas expressões.
Mas quem vem lá?

(Entra Henrique Percy.)

Northumberland · Meu filho Henrique Percy,
mandado, não sei de onde, com recado
do mano de Worcester.
Henrique, como passa o vosso tio?
Henrique Percy ·
Esperava, senhor, que me dissésseis
como ia ele passando.
Northumberland · Como! Acaso
não se acha com a rainha?
Henrique · Não, milorde;
abandonou a corte, após a vara
de comando quebrar e ter a casa
dispersado do rei.
Northumberland · E a razão disso?
Na última vez que conversamos, ele
não pensava em tal coisa.
Henrique Percy · Por ter sido
proclamado traidor Vossa Grandeza.
Foi para Ravenspurgh, milorde, pôr-se
a serviço do duque de Hereford;
a Berkeley me enviou para que eu visse
com quantos homens conta o duque de York.
As minhas instruções mandam que eu volte,
depois, a Ravenspurgh.
Northumberland · Já te esqueceste
do duque de Hereford? Que é isso, Henrique?
Henrique Percy ·
Não, meu senhor; que me esquecer não posso
do que não me lembrou jamais. Suponho,
até, que nunca o vi em minha vida.
Northumberland ·
Então aprende a conhecê-lo agora:
eis o duque.
Henrique Percy · Gracioso lorde, ponho
às vossas ordens meu serviço, jovem
embora e inexperiente, mas que os dias
da idade hão de deixar maduro e forte
para melhor serviço e maior mérito.
Bolingbroke · Gentil Percy, obrigado. Podes crer-me
que nada tão feliz me deixa como
possuir um coração que não se esquece
de seus amigos. Caso a minha sorte
cresça com teu afeto, a recompensa
ela será de teu amor sincero.
Faz o peito o contrato; a mão o sela.
Northumberland ·
Berkeley quanto dista? Que proveito
de seus soldados tira o bom velho York?
Henrique Percy ·
O castelo se encontra além daquele
grupo de árvores, forte de trezentos
soldados, me disseram. Nele se acham
os lordes de York, Berkeley e Seymour.
Não sei que outros fidalgos lá se encontrem.

(Entram Ross e Willoughby.)

shakespearebrasileiro.org

NORTHUMBERLAND · Aí vêm vindo lordes Ross e Willoughby
com as esporas sangrentas e afogueados
de tanta pressa.
BOLINGBROKE · Meus saudares a ambos,
milordes. Sei que vosso amor procura
somente um sublevado posto fora
da lei. Minha riqueza, por enquanto,
são agradecimentos que não pesam,
mas que serão, depois de enriquecidos,
a justa recompensa dessas vossas
canseiras e de vosso amor sincero.
ROSS · Vossa presença nos faz ricos, muito
nobre senhor.
WILLOUGHBY · E com excesso paga
todo o esforço que o obtê-la nos custasse.
BOLINGBROKE ·
Obrigado, de novo. Esse é o tesouro
dos pobres, que franqueado há de manter-se
à liberalidade que me é própria,
até crescer a minha infantil sorte.
Mas quem vem vindo aí?

(Entra Berkeley.)

NORTHUMBERLAND · Milorde Berkeley,
segundo penso.
BERKELEY · É para vós, milorde
de Hereford, a mensagem que me trouxe
a este lugar.
BOLINGBROKE · Só vos darei resposta
como Lencastre, nome que eu procuro
presentemente na Inglaterra e que hei de
ouvir de vossa boca antes que possa
retrucar qualquer coisa ao que disserdes.
BERKELEY ·
Senhor, não compreendais mal o que eu disse;
não tencionava suprimir um título,
ao menos, de Vossa Honra. Vim, milorde,
lorde do que quiserdes, por mandado
do gracioso regente desta terra,
o duque de York, a fim de me dizerdes
a causa que vos leva a aproveitar-vos
do tempo ausente e a alvoroçar, desta arte,
nossa nativa paz com armas de guerra.

(Entra York, com séquito.)

BOLINGBROKE · Não vos empregarei como correio
do que eu disser. Vem vindo aí, em pessoa,
Sua Graça. Meu muito nobre tio...

(Ajoelha-se.)

YORK · Mostra-me o coração humilde e franco,
não esses joelhos de obediência falsa
e enganadora.
BOLINGBROKE · Meu gracioso tio...
YORK · Nada disso!
Não tenho graça alguma, nem sou tio
de ninguém, muito menos de um traidor.
Essa palavra "Graça" se abastarda
em boca desgraciosa. Por que causa
esses pés interditos e banidos
a tocar se atreveram na poeira
do solo inglês? Mas ainda há mais "Porquês":
Por que motivo ousaram tantas milhas
andar no seu pacífico regaço,
as pálidas aldeias assustando
com a guerra e a ostentação de armas mesquinhas?
Vieste por estar longe o rei ungido?
Insensato! O monarca está presente;
neste leal peito o seu poder se encontra.
Se eu dispusesse, ainda, da fogosa
mocidade, tal como quando, ao lado
de teu valente pai, o bravo Gaunt,
libertamos aquele jovem Marte,
que de príncipe Negro nós chamávamos,
das filas de milhares de franceses,
este braço que preso ora se encontra
pela paralisia, sem demora
te aplicara o castigo reclamado
por tua falta.
BOLINGBROKE · Meu gracioso tio,
revelai-me essa falta. Em que consiste?
YORK · É das mais graves: rebelião grosseira,
traição abominanda. Estás banido;
contudo, antes do prazo aqui te encontras
em pé de guerra contra o rei legítimo.
BOLINGBROKE · Se banido eu me achava, fui banido
como Hereford; mas vim, como Lencastre.
Por isso, nobre tio, instantemente
suplico a Vossa Graça ver com olhos
imparciais meu caso: em vós eu vejo
meu pai, o velho Gaunt redivivo.
Permitireis, então, meu pai, que eu fique
condenado a viver qual vagabundo
e que as prerrogativas e os direitos
do meu nome me sejam arrancados,
para esbanjados serem por uns tantos
perdulários mimosos do destino?

shakespearebrasileiro.org

Então, por que nasci? Se o rei meu primo
for o rei da Inglaterra, é inevitável
que duque de Lencastre eu também seja.
Tendes um filho: Aumerle, meu parente
muito prezado. Se morrido houvésseis
primeiro e ele se visse espezinhado
como eu agora, certo ele teria
um pai achado no seu tio Gaunt
que as injustiças lhe vingara e à malta
imporia respeito. Estou proibido
de reclamar aqui os privilégios
que por cartas-patentes me couberam.
Meu patrimônio todo foi vendido
e, como os outros bens, mal empregado.
Que desejais que eu faça? Sou um vassalo;
apelo para a lei: negam-me juízes.
Por isso ora eu reclamo pessoalmente
a herança que me toca por direito.

NORTHUMBERLAND · Abusaram demais do nobre duque.

ROSS · Dependerá da Vossa Graça, apenas,
justiça ora fazer-lhe.

WILLOUGHBY · Suas rendas
enriqueceram muita gente baixa.

YORK · Milordes da Inglaterra, ora escutai-me:
senti também as injustiças feitas
contra meu primo e procurei saná-las
quanto me foi possível. Mas com armas
ameaçadoras vir, desta maneira,
ele próprio cortar o seu pedaço,
abrir caminho, assim, fazer justiça
por meio injusto... Não; não pode ser!
E vós que fomentais a rebelião,
encorajando-o, sois também rebeldes.

NORTHUMBERLAND · O nobre duque nos jurou que veio
só para reclamar o seu direito.
Por nosso lado, nós também juramos
ajudá-lo na empresa. Que não tenha
jamais prazer quem se tornar perjuro.

YORK · Bem, bem; já estou enxergando as verdadeiras
intenções destas armas. Desfazê-las,
não me é possível, força é confessá-lo,
que o meu poder é fraco o meu foi tudo
deixado em condições mais que precárias.
Mas se eu pudesse — pelo céu o juro! —
vos deteria todos, obrigando-vos
a implorar a clemência do monarca.
Mas já que me é impossível, vos declaro
que me conservo neutro. E agora, adeus,
salvo se entrar quiserdes no castelo,
para aí repousardes esta noite.

BOLINGBROKE · Oferta, meu bom tio, que aceitamos.
Mas Vossa Graça tem de acompanhar-nos
ao castelo de Bristol, que, segundo
nos disseram, se encontra sob o mando
de Bagot e de Bushy, com seus cúmplices,
essas pragas nocivas à república
que eu jurei extirpar e consumir.

YORK · É possível que eu vá; mas dai-me tempo,
que violar não me agrada as leis do reino.
Amigo ou imigo, pouco importa: entrai.
Em caso desses, não direi nem ai.

(Saem.)

Ato II · Cena IV

Um campo no País de Gales.
Entram Salisbury e um capitão.

CAPITÃO · Milorde Salisbury, já esperamos
dez dias. Tenho feito muito esforço
para conter os nossos conterrâneos.
Estamos sem notícias do monarca;
por isso vamos dispersar; adeus.

SALISBURY · Espera mais um dia, fiel galense;
a confiança do rei em ti repousa.

CAPITÃO · Dizem que ele morreu; não ficaremos.
Mirrados estão todos os loureiros
de nossa terra; meteoros causam
medo às estrelas fixas; sobre os campos
projeta luz sangüínea a lua pálida;
profetas magros falam em segredo

shakespearebrasileiro.org

de mudanças terríveis; as pessoas
ricas se mostram tristes, os mendigos
dão saltos de alegria; um, porque teme
perder quanto ora goza, outro, esperando
vir a gozar pelo furor da guerra.
Sem erro, esses sinais nos pressagiam
morte ou queda de rei. Adeus; os nossos
compatriotas se vão, eu inclusive,
certos de que Ricardo já não vive.

(Sai.)

SALISBURY · Ah, Ricardo! Com os olhos da tristeza
vejo tua glória que, como uma bólide,
se precipita sobre a terra baixa.
Teu sol, chorando, já procura o ocaso,
conseqüência fatal do teu descaso.
Reforçam teus amigos o inimigo;
transmuda-se o teu bem, todo, em perigo.

(Sai.)

Ato III · Cena I

Bristol. Acampamento de Bolingbroke.
Entram Bolingbroke, York, Northumberland, Henrique Percy, Willoughby, Ross, seguidos de oficiais com Bushy e Green, prisioneiros.

BOLINGBROKE · Trazei-me logo os homens.
Bushy e Green, não desejo atormentar-vos
a alma — pois neste instante ireis perdê-la —
inquirido-vos sobre a perniciosa
vida que ambos leváveis; fora falta
de caridade. Mas, para lavar-me
de vosso sangue as mãos, publicamente
darei algumas das razões de estardes
condenados à morte: a causa fostes
de se transviar um príncipe, um monarca
da mais alta nobreza, um gentil-homem
no sangue e na aparência, que deixastes
infeliz e de todo transmudado.
Com vossas horas criminosas fostes,
de algum modo, os fautores do divórcio
entre o rei e a rainha; a legal posse
do leito real rompestes; maculastes
a beleza das faces de uma linda
soberana, com o prato provocado
por vossas vilanias. Eu, um príncipe
graças ao fado e o nascimento; eu, próximo
do meu rei pelo sangue e, próximo, inda,
pela afeição, até que lhe ensinásseis
a me compreender mal, a cerviz tive
de curvar sob o peso das injúrias
que me assacastes e de meus suspiros
ingleses exalar em céus estranhos,
comendo o amargo e seco pão do exílio,
enquanto em minhas posses vos fartáveis,
limpáveis as coutadas, abatíeis
minhas florestas e até o próprio escudo
de família tiráveis das janelas
de minha casa e o lema lhe apagáveis,
sinal algum deixando, afora o sangue,
meu sangue vivo, e o juízo dos estranhos
que ao mundo revelassem que eu sou nobre.
Tudo isso e muito mais, mais de dois tantos
disto tudo é que à morte vos condena.
Levai-os logo para a mão da Morte.
BUSHY · Acolho mais alegremente o golpe
da morte do que a pátria a Bolingbroke.
Lordes, adeus.
GREEN · Consola-me a certeza
de que o céu vai abrir-nos suas portas
e penas infernais dar à injustiça.
BOLINGBROKE · Lorde Northumberland, levai-os logo.

(Saem Northumberland e outros, com Bushy e Green.)

Tio, dissestes que a rainha se acha
em vossa casa. Pelo céu, que nada
lhe falte. Transmiti-lhe os meus saudares
amistosos. Deveis pôr muito empenho
em lhe fazer chegar meus cumprimentos.
YORK · Já lhe foi enviado um gentil-homem
de minha casa com missivas cheias
de expressões que vos pintam todo o afeto.
BOLINGBROKE · Caro tio, obrigado. Vamos, lordes,
lutar contra Glendower e seus comparsas.
Um pouco mais de esforço e folgaremos.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena II

Praia no País de Gales. Ao longe, um castelo.
Toque de clarins. Tambores e trombetas. Entram o rei Ricardo, o bispo de Carlisle, Aumerle e soldados.

Rei Ricardo ·
É o castelo de Barkloughry que vemos?
Aumerle · Sim, milorde. Como acha Vossa Graça
o ar, depois de sofrer tantos abalos
no mar revolto?
Rei Ricardo · Bom tenho de achá-lo.
A alegria me faz derramar lágrimas
por de novo pisar o solo pátrio.
Com a mão eu te saúdo, cara terra,
muito embora com os cascos dos cavalos
os rebeldes te firam. Qual saudosa
mãe que longe do filho tenha estado
e, ao revê-lo, sorri, terna, brincando
com as próprias lágrimas: assim, sorrindo,
minha terra, e chorando eu te saúdo
e com estas reais mãos te acaricio.
Não alimentes, minha gentil terra,
os inimigos de teu soberano,
nem com tuas doçuras satisfaças
seus vorazes sentidos. Os caminhos
lhes enche com as aranhas que te sugam
o veneno e com os sapos vagarosos,
porque lhes façam mal aos pés traiçoeiros
que usurpadoramente te machucam.
Aos meus imigos dá somente acúleos:
se de teu seio eles colherem flores,
põe como guarda delas, eu te peço,
uma serpente cuja língua bífida,
de contacto fatal, a morte leve
a quantos a teu rei adversos forem.
Senhores, não zombeis desta insensata
conjuração. Primeiro a terra é que há de
sentidos revelar e destas pedras
hão de sair soldados aguerridos,
antes de vir seu rei a cair vítima
dos golpes de uma infame rebelião.
Carlisle · Milorde, não temais; a mesma força
que vos fez rei terá poder bastante
para os conservar no vosso posto
contra todas as forças. É preciso
não desprezar os celestiais recursos,
mas saber acatá-los; do contrário,
se o céu o quisesse e nós nos opuséssemos
aos seus intentos, equivaleria
tal proceder a recusar o auxílio
celeste e a toda oferta de socorro.
Aumerle · Milorde, ele, com isso, está dizendo
que somos indolentes e que a nossa
tranqüilidade enseja a Bolingbroke
aumentar os recursos e os amigos.
Rei Ricardo · Primo desanimado, então não sabes
que quando o olho do céu fica escondido
por trás do globo, e o mundo lá de baixo
deixa claro, passeiam sem ser vistos,
por aqui, os ladrões e os bandoleiros,
cometendo façanhas saguinárias?
Mas quando se alça da terrestre esfera
e os cimos orgulhosos dos pinheiros
orientais ilumina, dardejando
sua luz pelos recantos criminosos,
as traições, os pecados detestando,
todos os assassínios, porque o manto
da noite os deixa agora descobertos,
se patenteiam, nus e, de si próprios,
dão mostras de pavor. Do mesmo modo,
quando o ladrão, o biltre Bolingbroke —
que se entrega, no escuro, a essas orgias,
enquanto nós estávamos no lado
dos antípodas — vir que nós surgimos
em nosso claro trono do nascente,
rubra a traição no rosto há de ficar-lhe,
sem poder suportar a luz do dia,
tremendo de si mesmo e do pecado.
Toda a água do mar áspero e selvagem
o óleo santo não tira que foi posto
na fronte de um monarca. O curto sopro
de homens terrenos é impotente para
depor um rei que foi por Deus eleito.
Para cada homem alistado à força
por Bolingbroke, para o aço astucioso
levantar contra a nossa áurea coroa,
tem Deus para Ricardo um dos seus anjos
gloriosos, a que dá celeste paga.

shakespearebrasileiro.org

Se não há homem que essa força enfrente,
vencerá a justiça plenamente.
(Entra Salisbury.)
Sede bem-vindo. A que distância se acham
nossas forças, milorde?
SALISBURY · Não mais longe,
gracioso soberano, nem mais perto
do que este fraco braço. A falta de ânimo
me guia a língua, não deixando que ela
nada anuncie senão o desespero.
Um dia apenas de retardo, temo,
nobre senhor, escureceu teus dias
felizes sobre a terra. Chama o dia
de ontem, faze que o tempo atrás retorne,
e doze mil soldados serão teus.
Mas este hoje, este dia de amargura
te destrói os amigos e a ventura,
pois os galenses, que te julgam morto,
foram buscar abrigo noutro porto.
AUMERLE · Coragem! Por que causa ficais pálido?
REI RICARDO · De doze mil soldados aguerridos
o sangue, há pouco, eu tinha, na cabeça;
se ele me foge e fico sem sentidos,
que muito, pois, que pálido eu pareça?
Quem quiser se salvar, me deixe agora,
que a mão do tempo o meu brasão esflora.
AUMERLE · Lembrai-vos de quem sois, meu soberano.
REI RICARDO ·
Havia-me esquecido de mim próprio.
Não sou rei? Indolente majestade,
desperta! Estás dormindo. Pois não vale
o só nome de rei vinte mil nomes?
Às armas, nome! Um súdito mesquinho
se atreveu a atacar tua grande glória.
Não prossigais olhando para o solo,
favoritos de um rei! Grandes não somos?
Sejam grandes os nossos pensamentos.
Meu tio York, estou certo, ainda tem forças
para nos ajudar. Mas quem vem vindo?
(Entra sir Stephen Scroop.)
SCROOP · Mais saúde e ventura em sorte caiba
ao meu rei do que pode ser-lhe dito
por minha língua que a tristeza inspira.
REI RICARDO · O coração já tenho preparado
e abertos os sentidos. Não me podes
anunciar senão perdas deste mundo,
nada mais. Dize, pois: perdi a coroa?
Era preocupação. Será, então, perda
ficarmos sem cuidados? Ora entende
Bolingbroke igualar-nos em grandeza?
Ultrapassar-nos não será possível.
Se ele a Deus serve, a Deus nós serviremos
também, para ficarmos ao seu lado.
Revoltaram-se, acaso, os nossos súditos?
Nada posso fazer; o juramento
violaram, feito a Deus, como o fizemos.
Fala de dor, de males em porfia;
o pior é a morte, e essa há de ter seu dia.
SCROOP · Alegra-me saber que Vossa Alteza
se encontra assim armado contra os golpes
da adversidade. Como tempestuoso
dia, fora de tempo, que os regatos
cristalinos obriga a derramar-se
pelos meigos vergéis, como se o mundo
todo estivesse em lágrimas desfeito:
desta arte os seus limites passa a raiva
de Bolingbroke, vosso amedrontado
país cobrindo de aço duro e fúlgido
e de peitos mais que o aço resistentes.
Os barbas-brancas as cabeças calvas
armaram contra Vossa Majestade;
meninos de vozinha efeminada,
que eles procuram deixar grave, os membros
gráceis agitam dentro de armaduras
tesas para atacarem-te a coroa.
Até teus próprios capelães aprendem
a armar o arco de teixo, duplamente
fatal, contra o teu reino; as fiandeiras
deixam as rocas e, com paus tostados,
avançam contra ti. Moços e velhos
se revoltam. É grave a situação,
muito mais do que a minha descrição.
REI RICARDO · Contaste muito bem tua triste história.
Mas onde se acha Green? Onde está o conde
de Wiltshire? Onde está Bagot? Que foi feito
de Bushy, para que eles permitissem
que inimigo, desta arte perigoso,
medisse nossas terras com seus passos
imperturbáveis? Se ganharmos, todos
me pagarão com a vida. Aposto que eles
já firmaram a paz com Bolingbroke.
SCROOP · Sim, milorde; é verdade: já firmaram.
REI RICARDO · Biltres! Serpentes! Réprobos!
Danados

shakespearebrasileiro.org

sem salvação possível! Cães, dispostos
sempre a rojar aos pés de todo mundo!
Víboras aquecidas no meu peito,
que o coração me pungem! Oh! Três Judas,
cada um mais traiçoeiro do que Judas!
Fizeram paz? Que o inferno pavoroso
a suas almas imundas faça guerra
sem tréguas, pela ofensa praticada.
Scroop · Vejo que o doce amor, quando se altera,
em amargo e mortal ódio se muda.
Retira a maldição que lhes lançaste:
com a cabeça a paz eles fizeram,
não com as mãos. Os que assim amaldiçoas,
já os visitou a Morte que não erra,
e em repouso se encontram sob a terra.
Aumerle ·
Bushy está morto, e Green, e o conde Wiltshire?
Scroop · Em Bristol a cabeça lhes cortaram.
Aumerle ·
E onde está meu pai York com suas forças?
Rei Ricardo ·
Não importa onde esteja. Não me fale
ninguém mais em conforto, mas em túmulos,
epitáfios e vermes. Transformemos
em papel a poeira, e sobre o seio
da terra as nossas mágoas escrevamos
com olhos inundados. Apresemos
testamenteiros, e de testamento
seja nossa conversa. Não! Cautela!
Que poderíamos legar? Mais nada,
senão, à terra, o corpo destronado.
Nossas vidas, o reino, tudo, agora
pertence a Bolingbroke. Nada resta
a que chamemos nosso, afora a morte
e esse punhado de infrutuosa argila
que a nossos ossos serve de coberta.
Pelo alto céu, no chão nos assentemos
para contar histórias pesarosas
sobre a morte de reis: como alguns foram
depostos, outros mortos em combate,
outros atormentados pelo espectro
dos que eles próprios destronado haviam,
outros envenenados pela esposa,
outros mortos no sono: assassinados
todos! É que, no centro da vazia
coroa que circunda a real cabeça
tem a Morte sua corte, e, entronizada
aí, como os jograis, sempre escarnece
da majestade e os dentes arreganha
para suas pompas, dando-lhe existência
fugaz, somente o tempo necessário
para cena pequena, porque possa
representar de rei, infundir medo,
matar apenas com o olhar, inflada
de ilusório conceito de si mesma,
como se a carne que nos empareda
na vida fosse de aço inquebrantável.
E após se divertir à saciedade,
com um pequeno alfinete ela se adianta,
fura a muralha do castelo e, pronto:
era uma vez um rei! Ponde os chapéus;
não zombeis, com solenes reverências,
do que é só carne e sangue. Despojai-vos
do respeito, das formas, dos costumes
tradicionais, dos gestos exteriores,
que equivocados todos estivestes
a meu respeito. Como vós, eu vivo
também de pão, padeço privações,
necessito de amigos, sou sensível
às dores. Se, a tal ponto, eu sou escravo,
como ousais vir dizer-me que eu sou rei?
Carlisle · Milorde, os sábios nunca se detêm
para chorar seus males, mas atalham,
resolutos, o passo às amarguras.
Recear um inimigo, já que o medo
oprime toda força, é dar mais força
ao inimigo, à custa da fraqueza
que revelais. Assim, vossa loucura
luta contra vós próprio. Mostrai medo,
e morto já estareis. Pior não nos pode
suceder num combate. Achar a morte
combatendo é destruí-la por si mesma;
com temor, é ceder a uma avantesma.
Aumerle · Meu pai dispõe de forças; procurai-o,
para fazerdes de uma chispa um raio.
Rei Ricardo ·
Tens razão de increpar-me, tens. Vaidoso
Bolingbroke, eis-me pronto para dar-te
combate e decidir nosso destino.
O frio do temor era aparente;
fácil coisa é ganhar o que é da gente.
Fala, Scroop: onde se acha o nosso tio?
Sê brando, embora o olhar tenhas sombrio.
Scroop · Pelo aspecto do céu o pastor sabe
o estado e inclinação dizer do dia;

shakespearebrasileiro.org

o mesmo em meu olhar fazer vos cabe,
que a língua vos falar não quereria.
Sou como o algoz que a vítima atormenta
pouco a pouco, deixando a pior notícia
para o fim. Vosso tio York juntou-se
a Bolingbroke. Todos os castelos
do norte já caíram; os fidalgos
do sul, em armas, se acham do seu lado.
REI RICARDO · Já falaste demais.
(A Aumerle) · Maldito sejas,
primo, que deste modo me desviaste
do meu doce caminho da desgraça.
Que ides ora dizer-me? Que esperança
ainda podemos ter? Votarei ódio —
pelo céu! — para toda eternidade,
a quem me vier falar ainda em conforto.
Ao castelo de Flint nos recolhamos.
Ali hei de finar-me; um rei, escravo
da aflição, como rei, lhe acata as ordens.
Dispensai meus soldados; a esperança
da safra está perdida, a ruína avança.
Vão todos se engajar para a colheita
do novo rei; a minha está desfeita.
Não me retruquem nada; fora em vão
procurar demover-me da intenção.
AUMERLE ·
Senhor, uma palavra.
REI RICARDO · Dupla ofensa
me fará quem mostrar língua propensa
para a bajulação. Mandai embora
todos os meus soldados, sem demora;
saiam da noite de Ricardo, fria,
para o de Bolingbroke excelso dia.
(Saem.)

Ato III · Cena III

País de Gales. Diante do castelo de Flint.
Precedidos de tambores e estandartes, entram Bolingbroke e suas tropas, York, Northumberland e outros.

BOLINGBROKE · Ficamos, pois, sabendo, pelas últimas
informações, que o exército galense
se dispersou e que foi encontrar-se
Salisbury com o rei, chegado há pouco
a estas praias, seguido de um pequeno
grupo de partidários.
NORTHUMBERLAND · A notícia,
milorde, é bela e boa, que Ricardo
a cabeça escondeu aqui por perto.
YORK · Seria conveniente que milorde
Northumberland dissesse: "o rei Ricardo".
Que tempo o nosso, em que um rei ungido
necessita esconder a sacra fronte!
NORTHUMBERLAND ·
Vossa Graça se engana; foi apenas
para encurtar que eu lhe tirei o título.
YORK · Já houve tempo em que se, assim, tão curto
com ele houvésseis sido, ele teria
sido curto convosco, por alçardes
a cabeça a esse ponto, e vos deixara
mais curto o comprimento da cabeça.
BOLINGBROKE · Não tomeis à má parte, caro tio,
mais do que vos compete nestas coisas.
YORK · Não tomeis, caro primo, senão quanto
vos competir, que vos seria fácil
esquecer que o alto céu a todos cobre.
BOLINGBROKE ·
Sei-o, tio, e de forma alguma intento
opor-me a seus desígnios. Mas, quem chega?
(Entra Henrique Percy.)
Harry, sejas bem-vindo. Este castelo,
afinal, não se rende à nossa força?
HENRIQUE PERCY ·
É que ele está, milorde, guarnecido
por modo real para impedir-te o ingresso.
BOLINGBROKE ·
Por modo real! Está algum rei lá dentro?
HENRIQUE PERCY ·
Sim, meu senhor, um rei: o rei Ricardo
se encontra no interior desse recinto
de cimento e de pedra. Estão com ele
também, lordes Aumerle e Salisbury,
sir Stephen Scroop, além de um sacerdote
cujo nome não sei.
NORTHUMBERLAND · Ah! Com certeza
é o bispo de Carlisle.

shakespearebrasileiro.org

Bolingbroke · *(a Northumberland)* · Nobre lorde,
aproximai-vos do costado rude
desse antigo castelo, por trombetas
de bronze enviai aos seus ouvidos velhos
convite a conferência e assim dizei-lhe:
Henrique Bolingbroke
de joelhos beija a mão do rei Ricardo,
fidelidade pura e vassalagem
envia à sua muito real pessoa.
Aqui fui vindo para aos pés depor-lhe
minhas armas e forças, admitindo-se
que meu exílio seja revogado,
restituídos meus bens e a posse destes
reconhecida. Do contrário, é força
que eu aproveite todas as vantagens
do meu poder e aplaque a estival poeira
com torrentes de sangue, despejadas
das feridas dos nossos compatriotas.
Quão longe se acha do sincero anseio
de Bolingbroke provocar tão grande
tempestade purpúrea sobre o verde
regaço da aprazível propriedade
do rei Ricardo, vai prová-lo a minha
submissão respeitosa e reverente.
Ide lhe declarar tudo isso, enquanto
ficamos a passear sobre o tapete
deste ameno relvado. Conversemos
sem o barulho ameaçador dos nossos
tambores, porque sejam compreendidas,
em todo o seu valor, pelas ameias
instáveis do castelo as razoáveis
propostas por nós feitas. Tão terrível,
me parece, vai ser o nosso encontro
como o dos elementos, a água e o fogo,
quando seu choque tonitruante as faces
nebulosas do céu abala e rasga.
Seja ele o fogo; eu, a água que se entrega;
ele, a cólera, enquanto eu sobre a terra
lanço minhas torrentes. Sobre a terra,
notai bem, não sobre ele. Avançai todos
e notai bem como olha o rei Ricardo.

(Ouve-se um toque para parlamentar, respondido logo do interior. Toque de clarins. Aparecem sobre as ameias o rei Ricardo, o bispo de Carlisle, Aumerle, Scroop e Salisbury.)

Henrique Percy ·
Vede que o próprio rei Ricardo surge
como o sol enfarado, que se tinge
de vermelho, na porta flamejante
do oriente, ao perceber que as invejosas
nuvens a sua glória empanar querem
ou macular o trilho do brilhante
caminho para o ocaso.

York · No entretanto,
seu olhar é de rei. Vede-lhe os olhos,
brilhantes como os da águia, ora irradiam
majestade imperiosa. Oh, que desgraça,
tanta nobreza vir a ficar baça!

Rei Ricardo *(a Northumberland)* ·
Estamos admirados. Muito tempo
ficamos esperando que dobrasses
os trêmulos joelhos, por pensarmos
que nos considerasses rei legítimo.
Se ainda o somos, como se atreveram
teus membros a esquecer o pagamento
da homenagem terrível que é devida
à nossa real presença? Se o não somos,
mostra-me a mão de Deus que nos houvesse
privado do poder. Pois bem sabemos
que mão alguma existe, de osso e sangue,
capaz de nos arrebatar o cetro,
senão para roubá-lo ou profaná-lo.
E embora imagineis que, a vosso exemplo,
todos do peito os corações tirassem,
para os desviar de nós, e que em penúria
nos achamos de amigos: ficai certos
de que Deus, meu senhor onipotente,
para nos socorrer passa revista,
neste instante, nas nuvens, em possantes
exércitos de pestes, que hão de os filhos
nascituros e ainda os não gerados
atacar dos que a mão vassala ousarem
levantar contra nós e se atreverem
a ameaçar minha coroa excelsa.
Dizei a Bolingbroke — pois parece
que o vejo ali — que cada um dos seus passos
em meu reino é traição horripilante.
Veio ele para abrir o testamento
purpúreo de uma guerra sanguinosa.
Mas antes de ele ter, em paz, na fronte
a almejada coroa, dez mil outras
frontes sangüíneas de ardorosos filhos
hão de desfigurar as róseas faces
da Inglaterra, mudar a cor virgínea
da paz em escarlate indignação

shakespearebrasileiro.org

e umedecer os campos arrelvados
da pátria com o fiel sangue de seus filhos.
NORTHUMBERLAND ·
Não queira o rei do céu que o nosso caro
senhor e rei se veja alvo das armas
incivis e civis. Humildemente
te beija as mãos teu primo muito nobre,
Henrique Bolingbroke e jura pelo
túmulo ilustre que contém os ossos
de vossos reais avós, pela nobreza
do sangue dele e vosso, originado
da mesma fonte grata e favorável,
e pela mão guerreira do defunto
Gaunt, bem como por sua própria glória,
por sua honra, incluindo tudo quanto
jurar possa ou dizer: que sua vinda
tem por finalidade, tão-somente,
reclamar seus direitos e pedir-vos,
de joelhos, a imediata liberdade.
Se teu real consentimento deres
ao que te pede, votará as armas
brilhantes à ferrugem, o ajaezado
ginete à estrebaria e o leal peito
ao serviço de Vossa Majestade.
Jura, como fidalgo, que isso é justo;
e eu, como gentil-homem, creio nele.
REI RICARDO ·
Northumberland, transmite-lhe a resposta
do rei: seu nobre primo é aqui bem-vindo.
Suas reclamações eqüitativas
vão-lhe ser concedidas sem protestos.
Com o poder persuasivo que te é próprio
transmite-lhe aos ouvidos atenciosos
saudações amigáveis.
(Northumberland vai para o lado de Bolingbroke.)
(A Aumerle) Rebaixamo-nos,
primo, não te parece, por mostrarmos
tanta pobreza e usarmos de linguagem
a tal ponto benigna? Aconselharas
chamar Northumberland e enviar por ele
meu cartel ao traidor e, assim, morrermos?
AUMERLE · Não; que valham palavras por espadas
até possuirmos armas aceradas.
REI RICARDO ·
Oh Deus! Oh Deus! É força, pois, que a língua
que a sentença ditou do amargo exílio
daquele insolente homem, com palavras
brandas ora a revogue! Oh! Não ser eu
tão grande quanto a minha dor, ou, ao menos,
menor do que o meu nome! Oh! Se eu pudesse
esquecer o que fui, ou não lembrar-me
do que preciso ser neste momento!
Estás inflado, coração altivo?
Bate quanto quiseres; dou-te plena
liberdade, que os nossos inimigos
têm liberdade de bater em nós.
AUMERLE · Northumberland, de volta, já vem vindo.
REI RICARDO · Que é preciso que o rei agora faça?
submeter-se? Fá-lo-á. Deixar o trono?
Ficará satisfeito o rei com isso.
Perder o título de rei? Em nome
de Deus, que seja assim. Darei as jóias
por um rosário; meu palácio esplêndido,
por um eremitério; as vestes ricas,
por andrajos de pobre; minha alfaia
lavrada, por um prato de madeira;
meu cetro, por bastão de peregrino;
meus vassalos, em troca das imagens
de dois santos, e meu imenso reino,
por sepultura exígua, pequenina
sepultura, um sepulcro obscuro e humilde.
Ou me inumem em meio à estrada real,
onde haja movimento e o povo possa
calcar com os pés, a todo instante, a fronte
do soberano, sim, que sobre o peito
já em minha vida eles estão pisando.
Por que não me calcar, pois, a cabeça,
depois de eu morto? Aumerle, estás chorando,
primo sentimental? Com nossas lágrimas
vamos deixar o tempo transtornado.
Nossos suspiros vão fazer que o trigo
do verão quebre todo, ocasionando
miséria nesta terra revoltada.
Ou distração faremos do infortúnio,
inventando brinquedos divertidos
com nossas próprias lágrimas? Desta arte,
por exemplo: deixarmos que elas caiam
sempre no mesmo ponto, até nos terem
no solo aberto um par de sepulturas,
sobre as quais a inscrição seria posta:
"Aqui jazem dois primos que cavaram
com o pranto, no chão duro, o próprio túmulo".
Não nos faria bem nossa desgraça?
Sim, sim; mas vejo que disserto à toa

shakespearebrasileiro.org

e que zombas de mim. Potente príncipe,
lorde Northumberland, que manda, agora,
o alto rei Bolingbroke? É da vontade
de Sua Alteza que Ricardo viva
até que venha a falecer Ricardo?
Dele e de vós o meu destino aguardo.

NORTHUMBERLAND ·
Milorde, ele se encontra à vossa espera
no pátio baixo. Não quereis descer?

REI RICARDO ·
Descer... Descer... Já vou, como o brilhante
Faetonte, que não tenha mais domínio
sobre os corcéis indóceis. É para irmos
ao pátio baixo? Pátio baixo, é certo,
onde os reis se rebaixam, visitando
traidores e ficando às ordens deles.
Baixa, rei, que o sinistro mocho pia
onde exultar devera a cotovia.

(Retiram-se da ameia.)

BOLINGBROKE ·
Que diz Sua Majestade?

NORTHUMBERLAND · Os infortúnios
fazem-no divagar como um lunático.
Contudo, aí vem.

(Entra o rei Ricardo e séquito.)

BOLINGBROKE · Ficai todos de parte,
e respeitosos vos mostrai à Sua
Majestade.

(Ajoelhando-se.)

Gracioso soberano...

REI RICARDO · Aviltais, caro primo, esses joelhos
principescos, deixando que o vil solo
se orgulhe de beijá-los. Eu quisera
que o coração sentisse o vosso afeto,
não, como agora, pôr os olhos tristes
em vossa cortesia. Levantai-vos!
Tendes o coração muito elevado,
sei-o bem; pelo menos a essa altura,

(Leva a mão à altura da cabeça)

embora calque o joelho a terra dura.

BOLINGBROKE · Gracioso soberano, vim somente
pelo que me pertence.

REI RICARDO · O que for vosso
vos pertence; eu sou vosso; é vosso tudo.

BOLINGBROKE · Sede meu, meu temido soberano,
até onde possa a minha lealdade
merecer vosso amor.

REI RICARDO · Pois não; soubestes
merecê-lo; merecem possuí-lo
quantos sabem obtê-lo pela estrada
segura da violência. Tio, a mão.
Enxugai esses olhos, porque o pranto
não é remédio salvador, conquanto
vos produza a afeição. Sou muito moço
para servir de vosso pai, meu primo,
muito embora sejais bastante velho
para herdardes meu reino. Tereis tudo
quanto quiserdes; dar-vo-lo-ei de grado,
que ceder à violência sou forçado.
Primo, Londres vai ser nossa estação?

BOLINGBROKE ·
Sim, meu bom lorde.

REI RICARDO · Então não direi "Não".

(Toque de clarins. Saem.)

Ato III · Cena IV

Londres. Jardim do duque de York.
Entram a rainha e duas damas.

RAINHA · Neste jardim que jogo intentaremos
para expulsar o fardo dos cuidados?

PRIMEIRA DAMA · Vamos brincar com bolas,
majestade.

RAINHA · A imaginar o jogo me obrigara
que o mundo é só asperezas e que a minha
fortuna em vão se esforça na ladeira.

PRIMEIRA DAMA · Vamos dançar, senhora.

RAINHA · Impossível ser-me-á manter no ritmo
sempre os pés, quando, cheio de tristeza,
o coração não bate certo nunca.
Por isso, em dança, jovem, não falemos;
outro qualquer desporto.

PRIMEIRA DAMA · Então, senhora,
contaremos histórias.

RAINHA · As histórias
serão tristes ou alegres?

shakespearebrasileiro.org

PRIMEIRA DAMA · À vontade,
senhora.
RAINHA · Então, nem tristes, nem alegres,
rapariga; porque se for jocosa,
faltando-me a alegria por completo,
mais me fará lembrada da tristeza;
se for um caso triste, tendo eu tantas
tristezas a pesar-me, trará nova
tristeza à minha falta de alegria.
Não desejo dobrar o que já tenho;
nem me quero queixar do que me falta.
PRIMEIRA DAMA ·
Senhora, eu cantarei.
RAINHA · Se tens motivo
para isso, bem está; mas preferira
que chorasses.
PRIMEIRA DAMA · Senhora, eu poderia
chorar, se algum proveito achásseis nisso.
RAINHA · Eu chorar poderia, se com o choro
me viesse algum alívio e eu não tivesse
necessidade de pedir-te lágrimas.
Mas pára aí; vêm vindo os jardineiros;
ponhamo-nos à sombra destas árvores.
Aposto as minhas amarguras contra
um papel de alfinetes em como eles
vão do Estado falar, que todo o mundo
outra coisa não faz, quando há mudança;
o infortúnio não pára; jamais cansa.

(A rainha e as damas se retiram.)
(Entram o jardineiro e dois criados.)

JARDINEIRO · Olha aqueles damascos pendurados;
vai amarrá-los. São como crianças
turbulentas que os pais a dobrar forçam
sob a pressão de seu pródigo peso.
Põe estacas nos ramos mais descidos.
Tu aí, faze ao jeito dos carrascos:
decapita as vergônteas mais viçosas,
as que se sobressaem na república.
Em nosso Estado há uma bitola apenas.
Enquanto cuidais disso, eu tiro as ervas
daninhas, que desviam, sem proveito,
toda a seiva do solo, em prejuízo
das flores benfazejas.
PRIMEIRO CRIADO · Por que causa
devemos observar, no âmbito estreito
deste recinto, a lei, a forma e todas
as proporções, mostrando, como exemplo
digno de ser seguido, o nosso Estado
de fundamentos firmes, quando é certo
que nossa terra, esse jardim cercado
pelo mar, está cheio de cizânias,
suas flores mais belas se estiolam,
asfixiadas, as árvores frutíferas
carecentes de poda, arruinadas
as sebes, os canteiros em desordem
e as ervas boas cheias de lagartas?
JARDINEIRO ·
Cala-te! O causador de tal desordem
da primavera já perdeu as folhas.
As ervas más, que estavam protegidas
por sua fronde extensa e que, tirando-lhe
a seiva, pareciam sustentá-la,
arrancadas já foram com as raízes
por Bolingbroke; ao duque me refiro
de Wiltshire, Bushy e Green.
PRIMEIRO CRIADO · Que estás dizendo?
Morreram?
JARDINEIRO · Sim, morreram. Além disso,
Bolingbroke apossou-se do monarca
dissipador. Que pena não ter este
cultivado o país como o fazemos
com o jardim. Na sazão apropriada
fazemos incisão na casca, a pele
das árvores frutíferas, por medo
de que o excesso de seiva e sangue as deixe
muito orgulhosas, vindo a se destruírem
pela própria riqueza. Se ele houvesse
feito assim com as pessoas ambiciosas
e de influência, elas teriam tido
vida bastante para dar os frutos
do dever e ele enfim os gostaria.
Suprimimos os ramos parasitas
para que os produtivos viver possam.
Tivesse ele feito isso, e não teria
perdido o cetro em tal madraçaria.
PRIMEIRO CRIADO · Acreditais que seja ele deposto?
JARDINEIRO · Já está abaixando; e, quanto a ser
deposto,
não há dúvida alguma. Ainda esta noite
chegaram cartas para um grande amigo
do bravo duque de York, noticiando
coisas bem negras.
RAINHA · Isso me asfixia,
impedindo-me a fala.

(Avançando.)

shakespearebrasileiro.org

Oh tu, retrato
do velho Adão, a este jardim trazido
para vesti-lo, apenas: por que causa
tem essa língua rude o atrevimento
de propalar notícias tão penosas?
Qual foi a Eva, revela-me, qual serpe
te tentou a anunciar mais uma queda
do homem amaldiçoado? Por que dizes
que o rei Ricardo foi deposto? Atreves-te,
sendo pouco melhor do que esta terra,
a pressagiar sua queda? Como, quando,
onde obtiveste essas notícias lúgubres?
Responde, miserável.

JARDINEIRO · Majestade, perdão. Pouca alegria
me causa propalar essas notícias;
mas só disse a verdade. O rei Ricardo
na mão forte já está de Bolingbroke.
Já foi pesada a sorte deles ambos.
No prato em que se encontra vosso esposo
nada mais há, senão poucas vaidades
de nenhum peso, que mais leve o deixam;
mas no lado do grande Bolingbroke
se acham todos os pares da Inglaterra,
sem contarmos com ele. Essa vantagem
vai decidir a seu favor a sorte.
Se a Londres fordes, sabereis de tudo
quanto fala entre nós o povo miúdo.

RAINHA · Ágil adversidade, de pés leves,
tua embaixada a mim, só, diz respeito,
e em sabê-la sou a última? Deixaste-me
para o fim, para que eu muito mais tempo
tua dor no imo peito conservasse.
Vamos a Londres, moças, que o deposto
rei de Londres se fina de desgosto.
Nasci, então, para aumentar o triunfo
de Bolingbroke e lhe servir de trunfo?
Por tuas más notícias, jardineiro,
vai-te o esforço frustrar Deus verdadeiro.

(Saem a rainha e suas damas.)

JARDINEIRO · Pobre rainha! A praga eu aceitara,
se ela curasse a tua sorte amara.
Neste ponto umas lágrimas, donosas,
ela deixou cair. Não serão rosas
que nele eu vou plantar, senão arruda,
planta da compaixão, da dor aguda,
planta amarga da graça. Aqui, asinha,
será sempre lembrada uma rainha.

(Saem.)

Ato IV · Cena I

Londres. Sala de Westminster.
Os lordes espirituais se encontram à direita do trono; os temporais,à esquerda; os comuns, embaixo. Entram Bolingbroke, Aumerle, Surrey, Northumberland, Henrique Percy, Fitzwater, outro lorde, o bispo de Carlisle, o abade de Westminster e séquito. No fundo, oficiais com Bagot.

BOLINGBROKE · Chamai Bagot.
Agora, exprime livremente, Bagot,
teu pensamento e nos revela quanto
sabes da morte do altanado Gloster,
quem a tramou com o rei; qual foi o braço
que executou o ofício sanguinário
de sua morte triste e prematura.

BAGOT ·
Ponde-me em frente, então, de lorde Aumerle.

BOLINGBROKE · Avança, primo, e fita esta pessoa.

BAGOT · Milorde Aumerle, eu sei que vossa ousada
língua não se desdiz. No mortal tempo
em que a morte de Gloster foi tramada
eu vos ouvi dizer: "Não tenho o braço
longo bastante para que da corte
da Inglaterra a cabeça de meu tio
possa em Calais tocar?" Pela mesma época,
entre outras falas mais te ouvi dizer
que preferias recusar a oferta
de cem mil libras a assistir à volta
de Bolingbroke, acrescentando, ainda,
que fora sumo bem para a Inglaterra
vir vosso primo a perecer no exílio.

AUMERLE · Nobres lordes e príncipes, dizei-me
que resposta darei a este homem baixo?
Rebaixarei minhas estrelas belas
para, em termos iguais, dar-lhe o castigo?

shakespearebrasileiro.org

Sou forçado a fazê-lo; do contrário,
terei a honra empanada pela mancha
de uns lábios aleivosos. Eis a luva,
meu sinete manual que vai deixar-te
marcado para o inferno. Mentes, digo,
e provarei no sangue que te corre
no coração que o que disseste é falso,
muito embora ele seja vil bastante
para a espada manchar-me de fidalgo.
Bolingbroke · Bagot, não deves levantar a luva.
Aumerle · Desejara que fosse o mais notável —
com exceção de um só — entre os presentes
o que me provocou dessa maneira.
Fitzwater · Se o teu valor reclama paridade
de nascimento, eis meu penhor, Aumerle,
como resposta ao teu. Por este belo
sol que ilumina a tua fronte agora,
ouvi quando disseste, e com jactância
o afirmavas, que o nobre Gloster tinha
sido morto por ti. Se vinte vezes
negares o que afirmo, estás mentindo
vinte vezes. Com a ponta desta espada
te enfiarei no coração a tua
falsidade, lugar de origem dela.
Aumerle · Não tens coragem de viver, covarde,
para ver esse dia.
Fitzwater · Por minha alma,
desejara que fosse agora mesmo.
Aumerle · Fitzwater, isso te condena ao inferno.
Henrique Percy ·
Aumerle, estás mentindo. Sua honra
neste negócio está tão pura quanto
culpado tu te encontras. Como prova,
te lanço o meu penhor, que minha vida
defenderá até o último suspiro.
Abaixa-te e ergue-o, se tiveres brio.
Aumerle ·
Se o não fizer, que minha mão se estrague,
sem nunca mais poder brandir a espada
vingadora sobre o elmo do inimigo.
Outro Lorde · Perjuro Aumerle, por igual motivo
defendo eu o terreno e te espicaço
com tantos desmentidos quantos possam
ser gritados, de sol a sol, no ouvido
de um traidor. Eis o meu penhor fidalgo;
se te atreveres, alça-o para um duelo.
Aumerle · Quem mais quer provocar-me? Desafio
a todos, pelo céu! Meu peito abriga
mil espíritos, prontos para o embate
resistir de um milhão da vossa laia.
Surrey · Lorde Fitzwater, estou bem lembrado
da época em que vós e Aumerle conversastes.
Fitzwater · É certo; estáveis perto. Será fácil
confirmardes, assim, que foi verdade
quanto eu disse.
Surrey · Pelo alto céu, tão falso
quanto o céu, em si mesmo, é verdadeiro.
Fitzwater · Mentes, Surrey!
Surrey · Menino descarado,
teu desmentido pesa em minha espada
de tal modo que a paga ela vai dar-te,
sobre vingar-me, até que o desmentido,
com quem o disse, fiquem sob a terra
tão quietos como o crânio de teu pai.
Eis meu penhor fidalgo, como prova
do que afirmo; levanta-o, se te atreves.
Fitzwater · Como, sem tino, excitas um cavalo
de si tão ardoroso? Se coragem
não me falece para estar com vida,
nem para respirar e alimentar-me,
ousarei num deserto enfrentar Surrey,
no rosto lhe cuspir e dizer: mentes,
mentes, de novo. Eis meu fiel contrato,
para deixar-te preso à minha rude
correção. Pelo meu maior desejo
de subir nesta nova ordem de coisas,
Aumerle é criminoso do que eu disse
na minha acusação. E mais: recordo-me
de ter ouvido do exilado Norfolk
que tu, Aumerle, havias enviado
dois homens de tua casa para o nobre
duque, em Calais, privarem da existência.
Aumerle · Entregue-me qualquer cristão honesto
seu penhor. Como prova de que Norfolk
mentiu, lanço o meu repto, para o caso
de poder ele vir para bater-se.
Bolingbroke · Vão ficar em suspenso todas estas
divergências até que seja Norfolk
chamado do desterro. Sim, que em breve
há de ser repatriado. Muito embora
seja meu desafeto, restituído
vai ter todos os bens e senhorios.

shakespearebrasileiro.org

Logo que retornar, aprestaremos
tudo porque se batam ele e Aumerle.
CARLISLE · Jamais veremos esse dia honroso.
Muitas vezes lutou o banido Norfolk
por Jesus Cristo no glorioso campo
da cristandade, desfraldando a insígnia
da Cruz de Cristo contra o pagão negro,
turcos e sarracenos. Fatigado
dos bélicos trabalhos, retirou-se
para a Itália; em Veneza, essa aprazível
região, entregou o corpo à terra
e a alma tão pura ao comandante Cristo,
sob cujas cores tanto se batera.
BOLINGBROKE ·
Como assim, bispo: Norfolk está morto?
CARLISLE · Sim, milorde; tão morto quanto eu vivo.
BOLINGBROKE ·
Que a doce paz conduza sua alma doce
para o seio do meigo velho Abraão.
Senhores querelantes vossas rixas
vão ficar em suspenso até que o dia
determinemos para vos baterdes.

(Entra York, com séquito)

YORK · Grande Lencastre, venho procurar-te
da parte de Ricardo despojado
de seus ornatos, que, de *motu proprio*,
te adota por herdeiro e entrega em tuas
mãos reais o alto cetro. Sobe ao trono
que te pertence por herança próxima.
E viva Henrique, o quarto desse nome!
BOLINGBROKE ·
Em nome, pois, de Deus, ao trono eu subo.
CARLISLE · Deus não o permita!
Ainda que eu fale mal nesta assembléia
de reis, dizer toda a verdade quero.
Prouvera a Deus que neste nobre círculo
houvesse alguém bastante nobre para
servir como juiz direito e justo
para o nobre Ricardo. A verdadeira
nobreza, então, lhe ensinaria a abster-se
de semelhante crime. Que vassalo
pode julgar seu rei? E das pessoas
aqui presentes, quem não é vassalo
de Ricardo? Os ladrões só são julgados
após serem ouvidos, até mesmo
quando estão bem patentes seus delitos.
E ora o emblema da própria majestade
de Deus, seu capitão, representante
por ele eleito, ungido e coroado
há tanto tempo e sobre o trono posto,
vai ser julgado sem presente achar-se,
por um sopro interior e dependente?
Deus não permita que em país cristão
almas de tal quilate a fazer venham
ação tão imoral, odiosa e negra.
A súditos eu falo, como súdito
que em prol de seu monarca Deus inspira.
Milorde de Hereford, aqui presente,
a que chamais de rei, é um pusilânime
traidor ao rei do nobre e alto Hereford.
Se o coroardes, faço a profecia
que o sangue dos nativos vai o solo
fertilizar da pátria e que as idades
futuras gemerão por esse crime
detestando. Irá a paz dormir no meio
de turcos e de infiéis, e na sua sede
confundirá a guerra tumultuosa
famílias e parentes. A anarquia,
o horror, o medo, o saque desenfreado
virão morar aqui, passando o nosso
país a ser chamado o novo campo
de Gólgota e depósito de crânios.
Se levantardes casa contra casa,
nascerá a divisão mais desastrosa
que jamais viu este país maldito.
Evitai esses males, retirando
vosso apoio; se não, os vossos filhos
e os filhos destes, mesmo com voz lassa,
vos gritarão aos túmulos: Desgraça!
NORTHUMBERLAND ·
Argumentastes bem, senhor. Agora,
pelo vosso trabalho, vos detemos
por crime de traição contra a realeza.
Damo-vos a incumbência, nobre lorde
de Westmoreland, de o manter sob boa guarda
até o dia em que houver de ser julgado.
Acedeis, lordes, no que o povo pede?
BOLINGBROKE · Trazei Ricardo para que ele possa,
de público, abdicar. Dessa maneira,
ficaremos estremes de suspeita.
YORK · Serei seu condutor.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

BOLINGBROKE · Lordes, que à nossa
ordem vos achais presos, dai-nos fiança
para o dia do vosso julgamento.
(A Carlisle) ·
Pouco, bem pouco, ao vosso amor devemos;
por isso, não contávamos convosco.
(Volta York com o rei Ricardo e oficiais,
que trazem a coroa, etc.)
REI RICARDO ·
Ai de mim! Por que frente a um rei me chamam,
antes que eu me despoje das idéias
com que reinei? Não tive tempo, ainda,
de insinuar-me, saudar, dobrar os joelhos,
mostrar-me adulador. Deixai que a mágoa
me ensine a submissão. No entanto, lembro-me
das feições destes homens. Meus vassalos
não foram todos? Não gritavam: "Salve!"
amiúde para mim? Assim fez Judas
com Cristo. Este, porém, de doze apóstolos
só num não encontrou fidelidade;
eu em nenhum, de doze mil vassalos.
Deus salve o rei! Ninguém me diz Amém?
Terei de ser meu próprio sacristão?
Pois não faz mal; direi Amém, embora
rei deixasse de ser. Amém, de novo,
se Deus pensar como não pensa o povo.
A que serviço eu sou chamado agora?
YORK · Para fazer de *motu-proprio* o ofício
que a lassa Majestade te autoriza:
teu Estado e a coroa resignares
a favor de teu primo Bolingbroke.
REI RICARDO · Dai-me a coroa. Primo, segurai-a.
Aqui, primo.
Minha mão deste lado; a vossa, no outro.
Assemelha-se agora esta coroa
de ouro a um poço profundo com dois baldes
que em tempo diferente se enchem de água:
dança no ar o vazio; o outro, no fundo,
cheio de água, é invisível. O de lágrimas
cheio, sou eu, que bebo as minhas dores;
ascende o vosso: é todo riso e flores.
BOLINGBROKE ·
Pensei que resignáveis por vontade.
REI RICARDO · Sim, a coroa; não minha saudade.
A glória me tirais; mas a tristeza
que me é própria, terá sempre realeza.
BOLINGBROKE ·
Ficais sem a coroa e sem pesares.
REI RICARDO · Talvez; mas nestes dares e tomares
nada podeis fazer-me. É meu cuidado
não ter cuidado algum, pois quis o Fado
que todos eu perdesse; mas os vossos
cuidados vão crescer, ainda estão moços.
Livrar-me dos cuidados não consigo;
vão com a coroa e ficarão comigo.
BOLINGBROKE · Ficais contente em resignar o trono?
REI RICARDO ·
Sim, não; não, sim, pois tenho de ser nada;
daí, não dizer não, que é tua a alçada.
Vede agora a maneira por que eu próprio
vou me destruir: esta coroa incômoda,
retiro-a da cabeça; o cetro inútil,
jogo-o longe, varrendo do imo peito
todo o real orgulho de comando.
Com as lágrimas eu próprio tiro o bálsamo
de minha fronte; o diadema entrego
com minhas próprias mãos; com minha língua
renego meus sagrados privilégios;
minha palavra anula os juramentos
de todos os meus súditos; abdico
da pompa régia e toda majestade;
entrego todos os meus bens, as rendas,
todos os meus proventos; anulados
considero meus atos e decretos.
Deus não castigue quem me for perjuro
e enseje aos teus vassalos bom futuro.
Tudo me tirou ele; estou contente;
tudo te deu; contigo é conivente.
Possas ter vida longa, porque o trono
conserves de Ricardo e, em abandono,
possa este logo, sob a terra fria,
vir a esperar em paz o último dia.
Deus salve o rei Henrique, o felizardo,
lhe diz o rei deposto, o ex-rei Ricardo,
e lhe conceda muitas alegrias
em longos anos de brilhantes dias.
Que mais falta?
NORTHUMBERLAND *(Mostrando-lhe um papel)* ·
Mais nada, salvo lerdes
estas acusações e os crimes bárbaros
praticados por vós e os vossos cúmplices
contra o interesse e as leis de nossa terra,

shakespearebrasileiro.org

Vejamos; é verdade, as minhas mágoas
estão dentro. Estas mostras exteriores
de desespero são somente a sombra
da tristeza invisível que, em silêncio,
se intumesce numa alma torturada.
Eis a sua substância. Eu te agradeço,
rei, a tua bondade incalculável,
pois tu não só me deste a causa toda
do desespero, como me ensinaste,
também, a lastimá-la. Vou pedir-vos
um favor, simplesmente; depois disso
partirei, sem vos ser mais importuno.
Conceder-me-eis?

BOLINGBROKE · Dizei-o, belo primo.

REI RICARDO · "Belo primo!" Maior eu sou que os reis.
Quando era eu rei, os meus aduladores
não passavam de súditos; agora
que me tornei vassalo, um rei me adula.
Sendo tão grande assim, não vejo causa
por que deva pedir alguma coisa.

BOLINGBROKE · Pedi, contudo.

REI RICARDO · E alcançarei a graça?

BOLINGBROKE · Sem dúvida.

REI RICARDO · Deixai-me, então, partir.

BOLINGBROKE ·
Para onde?

REI RICARDO · Qualquer parte em que me encontre
longe de vossa vista; isso é que importa.

BOLINGBROKE · Conduza-o um dos presentes para
a Torre.

REI RICARDO · Oh, belo! Conduzir-me? Como
açores
em torno a um rei são vossos condutores.

(Sai o rei Ricardo, levado por um guarda.)

BOLINGBROKE · Marcamos para a quarta-feira próxima
a coroação. Milordes, preparai-vos.

(Saem todos, com exceção do bispo de Carlisle, o abade de Westminster e Aumerle.)

ABADE · Triste demais a cena a que assistimos.

BISPO · Mais tristes serão outras; como espinhos,
hão de na alma as sentir nossos filhinhos.

AUMERLE · Padres, não haverá qualquer conjura
que a pátria limpe e a deixe outra vez pura?

ABADE · Milorde,
antes de eu expandir com liberdade
sobre assunto tão grave, é necessário
que, ao vos ser ministrado o sacramento,
jurais não só guardar todo segredo
sobre o meu plano, como pôr em prática
quanto, acaso, eu mandar. Tendes a fronte,
vejo-o bem, descontente, marejados
de lágrimas os olhos, de tristeza,
o coração. Vamos cear; ufano
vos deixai, após contar meu plano.

(Saem.)

Ato V · Cena I

Londres. Uma rua que vai ter à Torre.
Entram a rainha e uma dama de companhia.

RAINHA · O rei há de passar por este ponto.
Este é o caminho que conduz à Torre
de Júlio César, construída para
triste finalidade, em cujo seio
de pedra o meu senhor foi condenado
a ficar prisioneiro pelo altivo
Bolingbroke. Sentemo-nos um pouco,
caso haja nesta terra revoltada
lugar para repouso da consorte
de seu rei verdadeiro.

(Entram o rei Ricardo e guardas.)

Mas, cuidado!
Olhai, ou antes, não olheis a minha
bela flor que emurchece. Contemplai-o,
sim, porque de piedade venhais todas
a róridas ficar e um banho fresco
lhe deis com vosso orvalho de sinceras
lágrimas de afeição. Ó tu, modelo
do lugar onde estava a velha Tróia,
tu, mapa-múndi da honra, tu, sepulcro
do rei Ricardo, não o rei Ricardo:
Oh templo da beleza, por que causa
dás abrigo à tristeza repulsiva,
quando o triunfo se aloja numa tasca?

REI RICARDO · Não te alies à dor, bela consorte,
para apressar meu fim. Daqui por diante,
bela alma, aprende a ver em nosso estado

shakespearebrasileiro.org

primitivo somente um feliz sonho.
Ora, despertos, vemos a verdade
do que somos de fato. Boa amiga,
uma jura me fez irmão da feia
necessidade: ela e eu somos aliados
até à morte. Vai logo para a França
e entra para uma casa religiosa.
Nossa vida, mal gasta foi o proêmio
do que no céu vai ser o nosso prêmio.

Rainha · Que vejo! O meu Ricardo está mudado
na alma e no corpo, assim, e enfraquecido?
Privou-te Bolingbroke do intelecto?
No imo peito te entrou? Ainda nas vascas
da morte, o leão possante estende as garras
e, em falta de outra coisa, fere a terra,
na raiva de se ver, alfim, domado.
E tu, agora, como um colegial
aceitas o castigo, a vara beijas,
humildemente o ultraje acaricias,
tu, que és um leão e o rei das bestas feras?

Rei Ricardo · É certo: rei das feras. Se não fosse
ter sido eu rei de feras, ainda estava
como um feliz rei de homens. Não demores,
minha boa rainha de outros tempos,
vai para a França logo; como morto
me considera, e que esta despedida
foi o adeus que eu te disse do meu leito
de morte. No correr das longas noites
do inverno senta-te à lareira, ao lado
de boa gente idosa e ouve as histórias
que te contarem, de épocas terríveis,
há muito acontecidas. Como paga,
antes de lhes dizeres o Boa noite,
conta-lhes minha história lamentável
e em lágrimas os faze ir para o leito.
Até mesmo os tições sem sentimento
hão de simpatizar com os dolorosos
acentos de tua língua comovida
e de piedade extinguirão o fogo,
chorando — alguns em cinza, outros com vestes
cor de carvão — a sorte de um monarca
legítimo que o trono a perder veio.

(Entra Northumberland, com séquito.)

Northumberland ·
Milorde, Bolingbroke já mudou
de parecer: ireis para Pomfret,
não para a Torre. Sobre vós, senhora,
ficou também de pouco resolvido
que deveis ser levada para a França.

Rei Ricardo · Northumberland,
escada de que o altivo Bolingbroke
se utilizou para alcançar meu trono:
não ficará o tempo muitas horas
envelhecido antes que o teu delito
vire postema e em podridão se esfaça.
Ainda que Bolingbroke venha a dar-te
metade do seu reino, acharás pouco,
porque o ajudaste a conquistar o todo.
Ele, também, sabendo que conheces
o meio de implantar reis ilegítimos,
há de pensar que por motivos fúteis
acharás meio de jogá-lo abaixo
do trono ilegalmente conquistado.
Muda-se em medo o amor dos maus amigos;
o medo em ódio; o ódio a um deles leva,
ou a ambos, à luta e à morte merecida.

Northumberland ·
Que a minha falta sobre mim recaia,
e acabemos com isto. Despedi-vos
logo e apartai-vos, que deveis seguir.

Rei Ricardo · Divorciado duas vezes! Oh homens
sem consciência! Violais dois casamentos
ao mesmo tempo: o meu com a coroa,
e o meu com minha esposa idolatrada.
Desmanchemos a jura que fizemos
ao nos beijarmos. Não, não é possível,
que um beijo a consagrou. Vem separar-nos,
Northumberland: eu sigo para o norte,
onde o clima é agravado pelas doenças
e pelo frio horrível; para a França
seguirá minha esposa, de onde, em pompa,
ela veio, outro maio só de flores,
para em Finados retornar de dores.

Rainha · É certo, então, que nos separa a dor?

Rei Ricardo · As mãos e os corações, meu grande amor.

Rainha · Mandai comigo o rei para o desterro.

Northumberland · Compaixão isso fora, mas grande erro.

Rainha · Deixai, então, que eu fique, também, presa.

Rei Ricardo · Juntos, assim, os dois, uma tristeza,
somente, perfaríamos. Na França.
por mim, vais tu chorar; eu, em lembrança
do que és me finarei só de cuidados.

shakespearebrasileiro.org

Antes longe que perto e separados.
Medirás com suspiros teu caminho;
eu, com gemidos.
Rainha · Mais pungente espinho
será a saudade em todo o meu percurso,
por ser maior que o teu.
Rei Ricardo · Mas no discurso
do meu eu gemerei mais fundamente,
porque mil passos minha dor aumente.
Vamos logo; abreviemos o noivado
da nossa dor, que vai ser demorado
demais o casamento. Um terno beijo
para o silêncio vai nos dar ensejo.
Festejamos, assim, novo himeneu;
levas meu coração, fico com o teu.

(Beijam-se.)

Rainha · Não! Dá-me o meu de novo; cruel sorte
fora ficar com o teu e dar-lhe a morte.

(Tornam a beijar-se.)

Agora, sim; é meu; mais nada aspiro;
vou tentar dar-lhe a morte com um suspiro.
Rei Ricardo · Da dor esta demora nos faz presa.
Seja a última palavra a da tristeza.

(Saem.)

Ato V · Cena II

O mesmo. Um quarto no palácio do duque de York. Entram York e a duquesa.

Duquesa · Milorde, íeis contar-me o que faltava
dizer do encontro, em Londres, dos dois primos,
quando o pranto vos fez cortar a história.
York · Onde parei?
Duquesa · Naquele ponto triste
em que dissestes como mãos grosseiras
e incivis atiravam das janelas
terra e espurcícias sobre o rei Ricardo.
York · Então, como eu dizia, o grande duque,
Bolingbroke, montado num fogoso
e altanado corcel, que parecia
conhecer o ambicioso cavaleiro,
devagar avançou, mas imponente,
enquanto as bocas todas o aclamavam
num só tom: "Deus te ampare, Bolingbroke!"
Diríeis que as janelas tinham fala,
tantos olhos, ansiosos, se alongavam
de seus caixilhos, de anciões e moços,
para seu rosto, e bem assim que todas
as paredes, colgadas de pinturas,
a um só tempo gritavam: "Sê bem-vindo,
Bolingbroke! Jesus te ampare sempre!"
Ao que ele, para todos se virando,
cabeça descoberta e ainda mais baixa
que o colo do cavalo, respondia:
"Meus caros compatriotas, obrigado!"
E assim passou, fazendo sempre o mesmo.
Duquesa · Pobre Ricardo! E, nesse meio tempo,
como ele se mostrava em seu cavalo?
York · Como os espectadores de uma peça
no teatro, após sair o ator querido,
indiferentes olham para o que entra
depois dele, julgando insuportável
sua tagarelice: desse modo,
se não com mais desprezo, os assistentes
zombavam de Ricardo. Ninguém disse:
"Deus te salve!" Nenhuma voz amável
lhe deu as boas-vindas; atiravam-lhe
terra na fronte consagrada, que ele
sacudia com gesto de tristeza
tão cativante, a luta revelando
nas feições, entre as lágrimas e o riso,
sinais de seu pesar e de paciência,
que se Deus, por algum desígnio oculto,
não tivesse deixado empedernido
o coração dos homens, fora certo
ficarem comovidos e sentirem
piedade de Ricardo os próprios bárbaros.
Mas nisso tem a mão Deus poderoso,
cujo alvitre acatar nos é forçoso.
Agora Bolingbroke é o novo rei;
obediência e lealdade eu já jurei.
Duquesa · Eis Aumerle, meu filho.
York · Aumerle, outrora;
mas por ter sido amigo de Ricardo,
mudou de nome. De ora em diante, minha
senhora, só deveis chamar-lhe Rutland.

shakespearebrasileiro.org

Dei-me como fiador no parlamento
de sua lealdade ao novo rei.

(Entra Aumerle.)

Duquesa · Sede bem-vindo, filho. Que violetas
ora o regaço enfeitam da ridente
primavera?

Aumerle · Senhora, não me ocupo,
no mínimo, com isso. Só Deus sabe
que eu não me importo de ser uma delas.

York · Sede cauto na nova primavera;
se não, a vossa vida se acelera:
sereis ceifado antes do tempo. E agora,
de Oxford, que novidades? Ainda duram
as justas e os festejos?

Aumerle · Sim, milorde,
pelo que me disseram.

York · Deveríeis
comparecer às festas.

Aumerle · Deus querendo,
essa é a minha intenção.

York · Que selo é esse
que do peito te pende? Empalideces?
Deixa-me ver o escrito.

Aumerle · É sem valia,
milorde.

York · Pouco importa; agora eu hei de
saber o que é; desejo ver o escrito.

Aumerle · Peço que Vossa Graça me perdoe,
mas o assunto carece de importância.
Contudo, não quisera revelá-lo.

York · Pois eu quero saber de que se trata.
Tenho medo...

Duquesa · De que podeis ter medo?
Certamente há de ser alguma letra
que ele aceitou para pagar os gastos
com o vestuário da festa.

York · Aceitou letra
que ainda traz consigo? És uma tonta,
mulher. Rapaz, desejo ver o escrito.

Aumerle · Peço que me perdoeis, mas é impossível
mostrar-vo-lo.

York · Já o disse: quero vê-lo.

(Toma-lhe, à força, o papel e o lê.)

Traição! Crime! Traidor! Escravo! Biltre!

Duquesa ·
Que é que há, senhor?

York · Olá! Há alguém aí dentro?

(Entra um criado.)

Sela o cavalo. Deus se apiade dele.
Traição inominável!

Duquesa · Que há, senhor?
Que aconteceu?

York · Já o disse. As minhas botas!
Apronta-me o cavalo!

(Sai o criado.)

Por meu nome,
minha honra, a própria vida, eu mesmo quero
denunciar o vilão.

Duquesa · Mas o que é que houve?

York · Silêncio, mulher tonta.

Duquesa · Não, não hei de
ficar calada. O que foi que houve, Aumerle?

Aumerle · Boa mãe, acalmai-vos; não fiz nada
que minha vida resgatar não possa.

Duquesa · Resgatares com a vida!

York · Traze as botas!
Vou procurar o rei.

(Entra o criado, com as botas.)

Duquesa · Bate-lhe, Aumerle.
Pobre menino; estás estupefacto.
(Ao criado) · Retira-te, vilão, da minha vista!

York · Dá-me as botas, já o disse.

(Sai o criado.)

Duquesa · Que pretendes fazer? Não dissimulas
nem os deslizes de tua própria gente?
Temos mais filhos? Porventura estamos
em condições de os ter? O tempo, acaso,
não fez secar minha fecundidade?
Tencionas a velhice despojar-me
do meu único filho e do bendito
nome de mãe deixar-me órfã de todo?
Não tem ele os teus traços? Não é teu filho?

York · Mulher louca, sem juízo,
pretendes ocultar essa monstruosa
conspiração? Juraram doze deles,
por ocasião do sacramento, e as próprias
mãos, neste escrito, o fato confirmaram,
matar o rei em Oxford.

Duquesa · Não deixamos
que ele vá; ficará aqui conosco.
Que lhe importa tudo isso?

York · Sai, maluca,
mulher sem juízo! Fosse vinte vezes
ele meu filho e, certo, o denunciara.

Duquesa · Se tivesses passado pelas dores
que por ele eu passei, tu te mostraras

shakespearebrasileiro.org

mais compassivo. Mas somente agora
compreendo o teu pensar: é que suspeitas
que eu não fui leal ao nosso próprio leito.
Um bastardo vês nele, não teu filho.
Doce York, amado esposo, expunge ao espírito
tão suspeitosa idéia! Tanto quanto
possível, ele tem tuas feições.
Não tem meus traços, nem de meus parentes.
No entanto, eu o amo.
YORK · Sai, mulher indócil!

(Sai.)

DUQUESA · Vai atrás dele, Aumerle, em seu cavalo!
Apressa-te; esporeia-o, porque possas
chegar diante do rei primeiro que ele,
para pedir perdão antes de seres
acusado por ele. Eu não demoro;
conquanto seja velha, não duvido
que possa cavalgar tanto quanto York.
Não me levantarei do solo, enquanto
não te houver perdoado Bolingbroke.
Vai logo! Não demores!

(Saem.)

Ato V · Cena III

Windsor. Um quarto no castelo.
Entram Bolingbroke, como rei; Henrique Percy e outros nobres.

BOLINGBROKE ·
Ninguém me dá notícias de meu filho
perdulário? Três meses já passaram
da última vez que o vi. Se há malefício
que sobre nós impenda, é ele, sem dúvida.
Prouvera a Deus, senhores, que o encontrásseis.
Investigai em Londres, nas tavernas,
por ser aí, segundo dizem, que ele
diariamente se encontra, acompanhado
de gente licenciosa e sem princípios,
tal como essas pessoas, é o que dizem,
que ficam pelas vielas, procurando
bater nos guardas e roubar quem passa,
enquanto ele, esse moço libertino,
rapaz efeminado, considera
ponto de honra amparar tamanha corja
de desbriados.
HENRIQUE PERCY · Milorde, eu vi o príncipe
há cerca de dois dias e lhe disse
que os festejos iriam ser em Oxford.
BOLINGBROKE · E que disse esse estúrdio?
HENRIQUE PERCY ·
Disse que tencionava ir a um alcouce
para tomar a luva a uma rameira,
que ele, como penhor, carregaria,
jurando derrubar da sela quantos
ousassem desafiá-lo nestas justas.
BOLINGBROKE ·
Tão libertino quanto ousado. Réstias
entrevejo, no entanto, de melhores
esperanças, que podem, de futuro,
patentear-nos dias mais risonhos.
Mas quem vem vindo aí?

(Entra Aumerle.)

AUMERLE · Onde está o rei?
BOLINGBROKE · Que quer o primo que olha desse modo?
AUMERLE · Deus guarde Vossa Graça. Imploro a Vossa Majestade secreta conferência
com Vossa Graça.
BOLINGBROKE · Retirai-vos todos;
deixai-nos sós.

(Saem Henrique Percy e os nobres.)

E agora, primo, que há?
AUMERLE *(ajoelha-se)* ·
Desejo ter os joelhos ao chão presos,
grudada a língua ao paladar, se acaso
não me perdoardes antes de me ouvirdes
e de eu ficar de pé.
BOLINGBROKE · Foi essa falta
concebida somente ou posta em prática?
Se o pensamento mau não alçou vôo,
para ganhar-te o afeto eu te perdôo.
AUMERLE · Então permite que esta porta eu feche,
para que interromper ninguém nos venha
antes de eu dizer tudo.
BOLINGBROKE · Como queiras.

(Aumerle corre o ferrolho da porta.)

shakespearebrasileiro.org

York *(fora)* · Cautela, meu senhor; tomai cuidado,
que está um traidor junto de Vossa Graça!
Bolingbroke *(arrancando da espada)* ·
Miserável! Vou pôr-te em condições
de não me fazer mal.
Aumerle · Sustai o braço
vingador; nada tendes a recear.
York *(dentro)* · Abre a porta, acautela-te, rei louco!
Será preciso, então, que, por lealdade,
tenha eu de ser traidor? Abre essa porta,
se não a arrombarei.
(Bolingbroke abre a porta, correndo, de novo, logo depois, o ferrolho.)
(Entra York.)
Bolingbroke · Tio, que é que houve?
Falai; retomai fôlego; dizei-nos
quão perto está o perigo, porque seja
possível removê-lo pelas armas.
York · Verás por este escrito que perigo
correste e corres, que ele está contigo.
Aumerle · Lembra-te, quando o leres, da promessa
que me fizeste. Estou arrependido.
Não leias o meu nome; divorcia-se
meu coração da mão que isso subscreve.
York · Mas estava a ela unida, biltre, até antes
de teres assinado. Eu tirei isso
do peito do traidor, meu soberano.
Não é a dedicação, é o medo, apenas,
que o induz a se mostrar arrependido.
Não te lembres, portanto, de perdoar-lhe,
porque tua piedade não se mude
numa serpente que te morda o peito.
Bolingbroke ·
Oh, que monstruosa, enorme, temerária
conspiração! Que pai sincero e digno
de um filho falso! Oh fonte argêntea e límpida
de onde provém esta corrente suja
que por desvãos imundos se conspurca!
Teu transbordante bem em mal se muda;
mas há de ser o excesso de bondade
que vai atenuar o mortal crime
de teu transviado filho.
York · Desse modo
será minha virtude a alcoviteira
de seus vícios, pagando ele a vergonha
com minha honra, como sempre o fazem
os filhos perdulários com o dinheiro
dos avarentos. Para ficar viva
minha honra, há de morrer sua desonra;
mas se esta não morrer, já não tenho honra.
Se o deixares com vida, dás-me a morte.
Decide, pois, Oh rei, da nossa sorte.
Duquesa *(dentro)* · Deixai-me entrar, meu caro soberano,
por tudo o que é sagrado!
Bolingbroke · Quem suplica
com voz tão estridente e assim tão alto?
Duquesa *(dentro)* · Uma mulher, Oh rei! Sou eu, tua tia!
Fala-me! Tem piedade, abre essa porta!
Quem te está implorando é uma mendiga
que nunca mendigou.
Bolingbroke · A nossa peça
virou comédia, permiti que o diga,
e ora se chama: "O Príncipe e a Mendiga".
Meu perigoso primo, abri essa porta
que é vossa mãe, eu sei; mas pouco importa,
que, de cansada, ela há de vir arfando
para pedir por vosso crime indando.
(Aumerle abre o ferrolho da porta.)
York · Se lhe perdoardes, seja a que pedido,
maiores crimes te farão rendido.
Para que não se perca a vida cara,
corta-se o membro podre; o corpo sara.
(Entra a duquesa.)
Duquesa · Não o ouças, rei, que o filho ele difama;
quem não ama a si próprio, a ninguém ama.
York · A que vens, louca? Em busca de algum meio
para pôr novamente o monstro ao seio?
Duquesa · Paciência, meu bom York.
(Ajoelha-se.)
Ouvi-me, Oh rei!
Bolingbroke · Boa tia, de pé.
Duquesa · Não; falarei
como me encontro, sem que possa o dia
de calma jamais ver e de alegria,
se não me deres a certeza, agora,
de que meu filho não se encontra fora
de teu bom coração, meu filho amado,
meu Rutland, que aqui está como culpado.
Aumerle · Dobro os joelhos; reforço o seu pedido.
(Ajoelha-se.)
York · Pois contra ambos, senhor, meu corpo fido
se prostra neste instante.

shakespearebrasileiro.org

(Ajoelha-se.)
Só desgraças
te virão da brandura; não desfaças
tua felicidade.
DUQUESA · É ele sincero?
Vede-lhe o rosto: acaso está severo?
Lágrimas não derrama; sua prece
não vem do coração; alma refece
não traduz: é enunciada por brinquedo.
Quanto ele diz, não passa de arremedo
de palavras; as nossas, do imo peito
se originam; são límpidas, no jeito
de quem pede com alma e coração.
Ele pede, querendo ouvir um "Não".
Seus joelhos se alçariam de bom grado,
sei-o bem; mas os nossos, com o cuidado
que aqui nos trouxe, estreme de malícia,
lançariam no chão raiz propícia.
Sua prece revela hipocrisia;
a nossa dor e o zelo concilia.
Mais do que a dele a nossa prece alcança;
dai-nos, pois, o perdão, sem mais tardança.
BOLINGBROKE · Ficai de pé, boa tia.
DUQUESA · Não "de pé";
dize "perdão", primeiro, e, após, "de pé".
Se a falar eu tivesse de ensinar-te,
na palavra "perdão" toda a minha arte
concentraria, para que a aprendesses
em primeiro lugar. Oh! Dá corpo a esses
meus anseios, Oh rei! Dize: "perdão";
seja tua mestra, nisto, a compaixão.
Termo curto, mas doce sem medida;
quando um rei o profere, é a própria vida.
YORK · Fala, rei, em francês: "Pardonnez moy".
DUQUESA · Ensinas ao perdão a lição má,
porque ela se destrua? Oh! que marido
sem alma, coração empedernido,
que a palavra contra ela própria lança.
Dize "perdão", acorde com a usança
de nossa terra. A rude algaravia
dos franceses inculca barbaria.
Já começam teus olhos a falar;
à língua ensina, pois, o linguajar
do verdadeiro amor, ou põe o ouvido
no coração piedoso, porque o ruído
possas ouvir que fazem nossas preces
e o almejado perdão tu nos apresses.
BOLINGBROKE · Ficai de pé.
DUQUESA · Não vim pedir apenas
para ficar de pé, senão que as penas
me alivies.
BOLINGBROKE · Concedo-lhe o perdão,
para que Deus também me estenda a mão.
DUQUESA · Oh! Quanto pode um joelho que se curva!
Mas o temor a mente ainda me enturva.
Torna a dizer, que repetir o mesmo
vocábulo não é perdoar a esmo,
mas é dar-lhe asas para excelso vôo.
BOLINGBROKE · De todo o coração eu lhe perdôo.
DUQUESA · És um deus sobre a terra.
BOLINGBROKE · Quanto ao nosso
fiel cunhado, e o abade, e todo o resto
dessa malta de sócios, vou soltar-lhes
no encalço a destruição. Bondoso tio,
mandai para Oxford suficientes forças,
ou para onde os traidores se encontrarem.
Farei que sem demora o bando imundo
de seu peso alivie o nosso mundo.
Tio, adeus; caro primo, adeus também;
soube tua mãe interceder com arte.
DUQUESA · Vamos, meu filho; Deus vai transformar-te.
(Saem.)

Ato V · Cena IV

Outro quarto no castelo. Entram Exton e um criado.

EXTON · Não prestaste atenção no que o rei disse?
"Não terei um amigo que me livre
deste receio vivo?" Não foi isso?
CRIADO · Foram exatamente essas palavras.
EXTON · "Não terei um amigo?" disse; e duas
vezes o repetiu com bastante ênfase.
Não é verdade?
CRIADO · É certo.
EXTON · Assim falando, ele me olhava fixo,
como a dizer: "Quisera que tu fosses

shakespearebrasileiro.org

o homem capaz de me tirar do peito
semelhante temor", alusão clara
ao soberano que em Pomfret se encontra.
Vou demonstrar que sou do rei amigo
e que ele poderá contar comigo.

(Saem.)

Ato V · Cena V

Pomfret. O calabouço do castelo.
Entra o rei Ricardo.

Rei Ricardo · Estive a refletir como me seja
possível comparar esta angustiosa
prisão ao vasto mundo. Sendo o mundo
tão populoso e aqui não existindo,
além de mim, nenhuma outra criatura,
não sei como o consiga. Mas não paro
de martelar a idéia: darei provas
de que minha alma e o cérebro casaram
e que uma geração de pensamentos,
logo após, conceberam. É, são esses
pensamentos que o meu pequeno mundo
povoaram de caprichos, da maneira
por que vemos no mundo, visto como
jamais os pensamentos se acomodam.
Os mais graduados, como os pensamentos
relativos a assuntos religiosos,
de dúvidas se mesclam, provocando
conflito entre as palavras.
Por exemplo: "Deixai que os pequeninos
venham a mim". E após: "É bem mais fácil
um camelo passar pelo buraco
de uma agulha do que eles alcançarem
o reino de meu pai". Os pensamentos
ambiciosos cogitam só de absurdos:
como estas fracas unhas abrir possam
uma passagem através das pétreas
costelas deste mundo, esta minha áspera
prisão. E, porque falham, morrem vítima
do próprio orgulho. Os pensamentos calmos
se iludem com dizer não serem eles
os primeiros escravos da Fortuna,
nem os últimos, ainda, como certos
imbecis que, no potro de suplícios,
se consolam do opróbrio, com dizerem
que outras pessoas por ali passaram
e outras mais passarão. Com essa idéia
eles experimentam certo alívio,
jogando a desventura para as costas
dos que passaram por iguais tormentos.
Desta arte, eu represento ao mesmo tempo
muitas pessoas, todas descontentes.
Sou rei, por vezes. A traição, nessa hora,
me leva a desejar ser um mendigo,
e mendigo me torno. Então o peso
da miséria de novo me persuade
que eu estava melhor sendo monarca.
Torno a ser rei; mas nesse mesmo instante
ponho-me a imaginar que Bolingbroke
me destronou e que eu não sou mais nada.
Seja o que for, porém, nem eu nem homem
algum, que seja um homem, simplesmente,
com coisa alguma poderá mostrar-se
contente, enquanto não ficar tranqüilo,
virando nada. Mas que ouço? Música?

(Ouve-se música.)

Conservai o compasso! Como a doce
música é insuportável para o ouvido,
quando falha o compasso e não se observa
nenhuma proporção. A mesma coisa
se passa na harmonia da existência
dos mortais. Aqui eu tenho ouvido fino
para apanhar pequena dissonância
de uma corda mal posta. No entretanto,
não percebi a falta de compasso
que deveria haver na consonância
do meu tempo e do Estado. Malgastei
todo meu tempo; o tempo ora me gasta,
porque me vejo transformado agora
no relógio do tempo. Os pensamentos
são minutos, que com suspiros batem
no quadrante dos olhos, onde se acha
sempre meu dedo, à guisa de ponteiro
para marcar as horas e limpá-las
de lágrimas. Agora, meu querido
Ricardo, o som que nos indica as horas
são suspiros profundos que me batem
no coração: o sino. Assim, suspiros,

shakespearebrasileiro.org

lágrimas e gemidos, os minutos,
o tempo e as horas marcam. Mas meu tempo
corre atrás da alegria presunçosa
de Bolingbroke, enquanto eu, como um néscio,
me transformo no João de seu relógio.
Mas estou quase louco com esta música!
Parem com isso! Embora tenha a música
restituído a razão a muitos loucos,
no meu caso, parece, deixa os sábios
loucos de todo. Não; bendito seja
o coração que teve tal idéia.
Revela amor; e amor para Ricardo
é como jóia usada neste mundo
tão cheio de ódio.

(Entra um palafreneiro.)

PALAFRENEIRO · Salve, real príncipe!
REI RICARDO · Nobre par, obrigado. O mais barato
de nós dois ainda é caro dez vinténs.
Mas quem és tu, rapaz? Por que motivo
vieste até onde ninguém chega, afora
esse sombrio cão que não se esquece
de me trazer comida porque possa
viver minha desgraça?
PALAFRENEIRO · Eu sou um pobre
palafreneiro, Oh rei, de teu serviço
no tempo em que eras rei, que, de passagem
para York, após muito trabalho, obtive
permissão para o rosto contemplar
do meu nobre senhor de antigamente.
Como meu coração ficou apertado,
quando em Londres, no dia dos festejos
da coroação eu vi montar o altivo
Bolingbroke no teu ruão Berbere,
justamente o cavalo em que folgavas
cavalgar, o cavalo, justamente,
de que eu tratava com tamanho zelo!
REI RICARDO · Cavalgava o Berbere? Amigo, dize:
como o animal, com ele ao dorso, estava?
PALAFRENEIRO · De tanto orgulho, desdenhava a terra.
REI RICARDO · Por carregar o altivo Bolingbroke,
mostrava-se orgulhoso? Esse sendeiro
já comeu pão em minhas mãos reais;
esta mão já o deixou vaidoso, apenas
com lhe dar palmadinhas. No caminho
não tropeçou? Não sofreu queda alguma —
já que é forçoso vir abaixo o orgulho —
e o pescoço partiu do homem vaidoso
que lhe usurpava o dorso? Mas perdoa-me,
cavalo. Por que causa repreender-te,
se foste criado para ser domado
pelos homens e ao dorso carregá-los?
Eu não nasci cavalo; no entretanto,
como um asno carrego um fardo ingente
e me veio esporeado, até à canseira
máxima, pelo altivo Bolingbroke.

(Entra o carcereiro, com um prato.)

CARCEREIRO · Basta, rapaz; vai logo dando o fora.
REI RICARDO · Se amor me tens, não fiques; vai-te
embora.
PALAFRENEIRO · Nada pode dizer a alma que chora.

(Sai.)

CARCEREIRO · Não quereis dar início à refeição?
REI RICARDO · Antes, porém, deves prová-la, não?
CARCEREIRO · Não me atrevo, milorde, pois sir
Pierce
de Exton, que veio do palácio há pouco,
trouxe ordens radicais nesse sentido.
REI RICARDO · O diabo leve a Henrique de Lencastre,
juntamente contigo! Já está gasta
minha paciência; estou cansado disto.

(Bate no carcereiro.)

CARCEREIRO · Socorro! Socorro!

(Entram Exton e criados, armados.)

REI RICARDO · Que quer a Morte neste rude assalto?
Tua própria mão me vai dar o instrumento,
bandido, de tua morte.

(Arranca a espada de um dos criados e o mata.)

E tu, vai logo,
desce a ocupar outro lugar no inferno.

(Mata outro criado; então, Exton o prostra.)

Há de ficar nas chamas sempiternas
essa mão que abalou minha pessoa.
Exton, com sangue real tua mão ousada
manchou a própria terra ao rei sagrada.
Desça meu corpo, já de tudo falo;
sobe, minha alma, teu lugar é no alto!

(Morre.)

EXTON · Cheio de ardor como de sangue real!
Derramei ambos; não redunde em mal.
O diabo, que a princípio me dizia
que era bem feito, agora me cicia
que este meu ato se acha para eterno
registado na crônica do inferno.
Vou levar ao rei vivo o rei defunto;
enterrai estes corpos aqui junto.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena VI

Windsor. Um quarto no castelo.
Toque de clarins. Entram Bolingbroke e York, com nobres e séquitos.

Bolingbroke · Bondoso tio, as últimas notícias
recebidas nos dizem que os rebeldes
puseram fogo em Cicester, cidade
de Gloucestershire. Contudo, ignoro
se conseguiram escapar ou não.
(Entra Northumberland.)
Sede bem-vindo. Que notícias há?
Northumberland · Primeiro, votos de felicidade
ao teu sagrado Estado. A outra notícia
é a seguinte: mandei já para Londres
as cabeças de Spencer, Salisbury,
Blunt e Kent. A maneira por que foram
todos eles vencidos, neste maço
de papéis podeis vê-la mais de espaço.
Bolingbroke ·
Gentil Percy, obrigado; a recompensa
do teu trabalho não terá detença.
(Entra Fitzwater.)
Fitzwater ·
Mandei, milorde, de Oxford para Londres
as cabeças de Brocas e sir Bennett
Seely, dois dos traidores conjurados
que em Oxford intentaram derrubar-te.
Bolingbroke · Não ficará teu mérito esquecido,
que eu bem sei quão fiel tu me tens sido.
(Entra Henrique Percy com o bispo de Carlisle.)
Henrique Percy ·
O abade de Westminster, milorde, o grande
conspirador, com o peso dos remorsos
e da melancolia acabrunhante
cedeu o térreo corpo à sepultura.
Mas Carlisle aqui está, porque a sentença
lhe comines de sua audácia imensa.
Bolingbroke · Carlisle, vais ouvir o teu castigo:
escolhe logo algum secreto abrigo,
de fama religiosa mais fervente
do que foi sempre a tua, e aí, contente,
passa teus dias. Nesse calmo asilo
se bem viveres, morrerás tranqüilo.
Conquanto sempre fosses meu contrário,
sei bem que não possuis peito nefário.
(Entra Exton, com criados que trazem um ataúde.)
Exton · Grande rei, neste esquife eu te apresento
teu medo sepultado. Sem perigo
mais para ti, aí jaz teu inimigo,
Ricardo de Bordéus, por mim trazido.
Bolingbroke · Exton, não te agradeço; o cometido
feito de que te orgulhas me enxovalha,
cobrindo a nossa pátria de mortalha.
Exton · Tu mesmo, Oh rei, me insinuaste o feito.
Bolingbroke ·
Quem recorre ao veneno, só proveito
dele entende tirar; ódio lhe vota.
Não te amo; muito embora eu a derrota
de Ricardo almejasse, ora abomino,
quanto lhe tenho amor, seu assassino.
Em tua própria consciência, que te esmaga,
procura agora a merecida paga,
não em palavras de agradecimento,
nem em favores reais e valimento.
Como Caim, passa a vagar de noite,
sem jamais encontrares quem te acoite.
Senhores, asseguro-vos que da alma
confrangida fugiu-me toda a calma,
por ver que necessário se tornasse,
para minha subida, este traspasse.
Vinde chorar comigo o que eu lamento
e ponde luto desde este momento.
À Terra Santa pretendo ir, contrito,
para limpar-me deste atroz delito.
Solidários ficai na minha agrura,
lastimando esta morte prematura.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Personagens

Rei Henrique iv.

Henrique, Príncipe de Gales
João de Lencastre
} filhos do rei.

Conde de Westmoreland.
Sir Walter Blunt.
Tomás Percy, Conde de Worcester.
Henrique Percy, Conde de Northumberland.
Henrique Percy, chamado Hotspur, seu filho.
Edmundo Mortimer, Conde de March.
Ricardo Scroop, Arcebispo de York.
Arquibaldo, Conde de Douglas.
Owen Glendower.
Sir Ricardo Vernon.
Sir John Falstaff.
Sir Micael, amigo do Arcebispo de York.
Poins.
Gadshill.
Peto.
Bardolfo.
Lady Percy, mulher de Hotspur e irmã de Mortimer.
Lady Mortimer, filha de Glendower e mulher de Mortimer.
Mistress Quickly, estalajadeira da taberna "Cabeça de javali", em Eastcheap.
Nobres, oficiais, xerife, taberneiro, criados, dois carreteiros, viajantes e gente de serviço.

Cena:

Inglaterra.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Londres. Palácio.
Entram o Rei Henrique, Westmoreland e outros.

REI HENRIQUE ·
Muito embora ainda pálido e abalado
pelas preocupações, achamos tempo
para deixar que a Paz aterrorada
e arquejante nos fale em termos curtos
de outras lutas em plagas bem remotas.
As fauces ressecadas deste solo
não mais os lábios tingirão com o sangue
dos próprios filhos, nem a guerra os campos
cortará com trincheiras ou as flores
esmagará com os cascos inimigos.
Os olhos incendiados, quais meteoros
em torvo céu, só de uma natureza
todos eles, de uma única substância,
até há pouco travados em contendas
internas e hecatombes fratricidas,
marcharão ora em filas harmoniosas
por um mesmo caminho, sem mais luta
contra amigos aliados e parentes.
A guerra, como faca em bainha velha,
não mais o dono há de ferir. Por isso,
amigos, até ao túmulo de Cristo —
de quem soldados somos, obrigados
a lutar sob a cruz sempre bendita —
levaremos guerreiros da Inglaterra,
de braços conformados na mãe-pátria
para os pagãos vencer dos campos sacros
onde os pés abençoados assentaram,
e onde, há quatorze séculos, na amarga
cruz, para nosso bem, foram cravados.
Essa resolução data de um ano;
inútil será, pois, dizer que iremos;
não viemos discuti-la neste instante.
Dizei-nos, caro primo Westmoreland,
o que esta noite fez nosso Conselho
em prol de tão grandiosa e cara empresa.
WESTMORELAND · Meu soberano, a pressa foi pesada
devidamente e as verbas aprovadas
ainda esta noite; mas atravessou-se-nos
um correio de Gales, carregado
de notícias, das quais a pior dizia
respeito ao nobre Mortimer, que gente
de Herefordshire havia conduzido
contra o insurrecto e rústico Glendower,
e que nas mãos caiu desse galense.
Pereceram mil homens de suas tropas,
cujos corpos com tal brutalidade,
com tal bestial furor foram tratados
pelas galenses, que não é possível,
sem rubor, falar nisso ou repeti-lo.
REI HENRIQUE · Parece que a notícia desse fato
frustra a viagem ideada à Terra Santa.
WESTMORELAND ·
Sim, gracioso senhor, ao lado de outras,
pois notícias mais cruas e importunas
do norte nos chegaram, que referem
como ali se chocou, no dia exato
da Santa Cruz, o moço Henrique Percy,
o valoroso Hotspur, contra Arquibaldo,
o escocês sempre bravo e sempre esperto,
em Holmedon,
onde uma hora bem triste eles passaram,
a julgar pelos trons da artilharia
e ainda outros indícios. O emissário
que a notícia nos trouxe, cavalgara
no momento mais árduo da refrega,
sem saber com certeza o resultado.
REI HENRIQUE · Eis que acaba de apear-se do cavalo
um amigo querido e diligente,
Sir Walter Blunt, que vem todo coberto
de manchas, apanhadas no caminho
entre Holmedon e nossa augusta sede,
e que novas mui gratas nos refere:
derrotado a estas horas se acha o Conde
de Douglas; dez mil homens escoceses,
vinte e dois cavaleiros, viu Sir Walter
no próprio sangue tintos, pelos plainos
de Holmedon; prisioneiros fez Hotspur
Mordake, o herdeiro do vencido Douglas,
Duque de Fife, e os Duques de Angus, Murray,
de Athol e de Menteith.
Em verdade, um despojo muito honroso,
não vos parece, hem, primo, um belo prêmio?
WESTMORELAND · De fato, é uma conquista destinada
a encher de orgulho um príncipe.

shakespearebrasileiro.org

REI HENRIQUE · Fazes-me triste e, mais, pecar me fazes, pois tenho inveja ao pai abençoado, Lorde Northumberland, por ter tal filho, tema constante da honra, a mais esbelta árvore da floresta, o delicado favorito e, ainda, o orgulho da Fortuna, ao passo que eu, sua glória contemplando, vejo o vício e a desonra na pessoa do meu jovem Henrique. Oh! se possível fosse provar que um gênio buliçoso trocara nossos filhos, dando o nome de Percy ao meu e ao seu Plantageneta, meu fora o seu Henrique e o dele meu. Mas esqueçamos isso. Que pensais, primo, da altanaria desse jovem Percy? Intenta ficar, para uso próprio, com os prisioneiros todos capturados nessa aventura, e manda-me recado de que Mordake só, Duque de Fife, me reserva.

WESTMORELAND · É o que o tio lhe ensina; Worcester sempre em tudo é vosso desafeto, donde vem envaidar-se Percy e a jovem crista levantar contra Vossa Dignidade.

REI HENRIQUE · Mas intimei-o a vir prestar-me contas, motivo de deixarmos por um tempo nosso santo propósito da viagem até Jerusalém. Primo, na próxima quarta-feira o Conselho reuniremos em Windsor; informai todos os lordes, mas voltai para nós com toda a pressa, que ainda falta dizer e fazer muito mais do que me permite a indignação.

WESTMORELAND · Pois não, meu soberano!

(Saem.)

Ato I · Cena II

Palácio. Um quarto dos aposentos do príncipe. Entram o príncipe e Falstaff.

FALSTAFF · Então, Hal! Que horas são, rapaz?

PRÍNCIPE · Embruteceste de tal modo, à força de beber xerez, de desabotoar-te depois da ceia e de dormir à tarde sobre os bancos, que te esquece perguntar o que, realmente, mais importa saberes. Que diabo tens tu que ver com o tempo? A menos que as horas sejam copos de xerez; os minutos, capões; os relógios, línguas de alcoviteiras; o quadrante, escudo de bordel, e o próprio sol abençoado, fogosa e bela rameira vestida com tafetá flamejante, não vejo razão para fazeres perguntas supérfluas, como essa relativa às horas.

FALSTAFF · Deste no vinte, Hal, não há que ver, porque nós outros, os tomadores de bolsas, nos guiamos pela lua e as sete estrelas, não por Febo, "o belo cavaleiro errante". Uma coisa te peço, meu querido, quando fores rei — conserve Deus tua graça — majestade, queria dizer, porque o certo é que isso de graça nunca terás nenhuma.

PRÍNCIPE · Como! Nenhuma?

FALSTAFF · Palavra! Nem mesmo a suficiente para servir de prólogo a um ovo com manteiga.

PRÍNCIPE · Bem; e que mais? Arredonda logo o discurso.

FALSTAFF · Já chego lá, meu caro: quando fores rei, não permitas que nós outros, os cavaleiros da Ordem da Noite sejamos denominados ladrões da beleza do dia; que nos dêem o nome de guardas florestais de Diana, gentis-homens da sombra, favoritos da lua, e que nos considerem gente de bom governo, visto sermos governados da mesma maneira que o mar, por nossa nobre e casta senhora, a lua, sob cuja proteção roubamos.

PRÍNCIPE · Dizes bem e com propriedade, porque a fortuna dos que nós chamamos homens de bem deve ter fluxo e refluxo como o mar, uma vez que é governada pela lua. E a prova, aqui a temos: uma bolsa de ouro, resolutamente roubada na noite de sexta-feira e mais dissolutamente esvaziada na terça, adquirida com o dito de "Larga!" e gasta com os gritos de "Traga-me!" agora, com a maré baixa, no pá da escada, para depois, com a cheia, tocar no alto da forca.

shakespearebrasileiro.org

Falstaff · Por Deus, tens razão, rapaz; mas dize-me uma coisa: a hoteleira da taberna não é uma criatura deliciosa?

Príncipe · Tanto quanto o mel de Hibla, meu velho fanfarrão. E não é verdade também que um colete de búfalo é peça que dura muito tempo?

Falstaff · Que estás a dizer, maluco? Outra vez com sarcasmos e sutilezas? Que diabo tenho eu que ver com um colete de búfalo?

Príncipe · E que me importa a mim a hoteleira da taberna?

Falstaff · Como não? Muitas e muitas vezes a tens chamado para pagar-lhe a conta.

Príncipe · E já te chamei alguma vez para que pagasses a tua parte?

Falstaff · Não, justiça seja feita; lá, sempre pagaste tudo.

Príncipe · E em outros lugares, também, uma vez que disponha de numerário; e, quando falta o dinheiro, recorro ao crédito.

Falstaff · É fato; e de tal modo usas dele, se não fosse presumir-se que és o herdeiro presuntivo... Mas dize-me uma coisa, delicioso pândego, quando fores rei, ficará de pé alguma forca na Inglaterra? E será a resolução maltratada como hoje em dia, pelo freio enferrujado dessa antiqualha que se chama lei? Não enforques nenhum ladrão, quando fores rei.

Príncipe · Não; tu o farás.

Falstaff · Verdade? Oh boniteza! Por Deus, vou dar um juiz admirável.

Príncipe · Começas julgando mal; o que eu quis dizer é que tu próprio enforcarás os ladrões, tornando-te, assim, excelente carrasco.

Falstaff · Muito bem, Hal; de certo modo isso vai com o meu temperamento, tanto como ficar de espera na ante-sala do palácio, asseguro-te.

Príncipe · Para obter proventos?

Falstaff · Sim, para obter roupas, porque, como sabes, o guarda-roupa dos carrascos sempre está bem provido. Com a breca! Encontro-me hoje tão melancólico quanto um gato velho ou um urso com mordaça.

Príncipe · Ou como um leão decadente ou o alaúde de um namorado.

Falstaff · Ou como o ronco de uma gaita-de-foles de Lincolnshire.

Príncipe · E que dizes de uma lebre ou da melancolia do charco de Moor-ditch?

Falstaff · Sempre te vales das comparações mais desagradáveis, sendo, como de fato o és, o mais comparativo, maroto e delicioso principezinho que já se viu. Mas, meu caro Hal, por favor não me fales mais dessas vaidades. Por Deus, desejaria que eu e tu soubéssemos onde se pode comprar provisão de bons nomes. Um velho lorde do Conselho me admoestou em público, recentemente, por vossa causa, senhor, mas não lhe dei atenção alguma; falou muito assisadamente, mas não olhei para o seu lado; no entanto, falou assisadamente, e no meio da rua, tudo isso.

Príncipe · Fizeste bem, que a sabedoria grita pelas ruas, mas ninguém lhe dá ouvidos.

Falstaff · Fazes sempre citações execráveis; és capaz de corromper um santo. Tu me tens prejudicado muitíssimo, Hal; Deus te perdoe. Antes de conhecer-te, Hal, ignorava tudo; e agora, para dizer toda a verdade, valho pouco mais que um pecador. Preciso deixar esta vida, e hei de deixá-la. Por Deus, se o não fizer, não passarei de um rematado velhaco; não quero ir para o inferno por causa de nenhum filho de rei da Cristandade.

Príncipe · Onde roubaremos uma bolsa amanhã, Jack?

Falstaff · Cáspite! Onde quiseres, rapaz: adiro ao bando; se eu recuar, podes chamar-me de vilão e zombar de mim quanto quiseres.

Príncipe · Estou vendo que te encontras, realmente, no caminho da regeneração; passas da prece para o roubo.

(Entra Poins, a distância.)

Falstaff · Que queres, Hal? É vocação. Não se pode censurar ninguém, por trabalhar de acordo com a vocação. Poins!... Vamos ficar sabendo neste instante se Gadshill tem alguma coisa em perspectiva. Oh, se os homens tivessem de salvar-se pelo merecimento, que buraco no inferno será bastante quente para este? É o mais onipotente dos velhacos que já gritaram "Alto lá!" para um homem de bem.

Príncipe · Bom dia, Ned.

Poins · Bom dia, caro Hal. Que diz Monsieur Remorso? que diz Sir John Vinho-com-açúcar? Jack, como te arranjaste com o diabo a respeito de tua

shakespearebrasileiro.org

alma, que lhe vendeste na última sexta-feira santa por um copo de madeira e uma perna fria de capão?
PRÍNCIPE · Sir John cumprirá a palavra e o diabo obterá a parte que lhe toca na barganha. Sir John jamais desmentiu nenhum provérbio; há de dar ao diabo o que é do diabo.
POINS · Então te condenarás por cumprires a palavra dada ao diabo.
PRÍNCIPE · De outra sorte se condenaria, também, por tê-lo enganado.
POINS · Muito bem, rapazes; amanhã bem cedo, pelas quatro horas, em Gadshill. Haverá peregrinos para Cantuária com ricas oferendas e comerciantes para Londres com bolsas recheadas. Arranjei máscaras para todos; cavalos, já os possuis. Gadshill fica esta noite em Rochester; a ceia de amanhã em Eastcheap já está encomendada; será tão fácil fazer a coisa como dormir. Se me acompanhardes, encher-vos-ei de coroas as bolsas; se não o quiserdes, ficai em casa e enforcai-vos.
FALSTAFF · Escuta, Eduardo: se eu ficar em casa e não te acompanhar, mandarei enforcar-te por teres ido.
POINS · Então vais mesmo, costeleta?
FALSTAFF · E tu, Hal, não aderes ao bando?
PRÍNCIPE ·
Eu, ladrão? salteador? Por minha fé, que não.
FALSTAFF · Em ti não se encontra nem honestidade, nem coragem, nem espírito de camaradagem. Demonstrarás não provires de sangue real, se não te atreveres a um assalto por dez xelins.
PRÍNCIPE · Bem, seja; farei uma loucura, pelo menos uma vez na vida.
FALSTAFF · Isso é que é falar com acerto.
PRÍNCIPE · Não; não vou; ficarei em casa, venha o que vier.
FALSTAFF · Por Deus, tornar-me-ei traidor, quando fores rei.
PRÍNCIPE · E a mim, que importa?
POINS · Sir John, por obséquio, deixai-me só com o príncipe. Hei de apresentar-lhe tais razões em prol dessa aventura, que ele não deixará de tomar parte nela.
FALSTAFF · Bem; Deus te conceda o espírito da persuasão e a ele ouvidos de aproveitar, para que as tuas palavras o abalem e ele acredite no que lhe disseres e, desse modo, um príncipe verdadeiro se transforme, por passatempo, em um falso salteador. Os pobres abusos desta época necessitam de amparo. Adeus, encontrar-me-ás em Eastcheap.
PRÍNCIPE · Adeus, primavera retardada; adeus, verão de Todos-os-Santos.

(Sai Falstaff.)

POINS · E agora, meu querido príncipe de açúcar, vinde conosco amanhã; tenho uma brincadeira engatilhada, que não posso levar a cabo sozinho. Falstaff, Bardolfo, Peto e Gadshill roubarão essa gente que já temos em mira; nem vós nem eu estaremos lá; mas, se depois de se haverem eles apossado da presa, não lhe pusermos a mão em cima, podeis separar-me dos ombros a cabeça.
PRÍNCIPE · E como nos livrarmos deles à saída?
POINS · Muito fácil: partiremos antes ou depois deles e marcaremos lugar de encontro, a que não havemos de comparecer. Desse modo, eles se aventurarão sozinhos à empresa; uma vez levada esta a efeito, cairemos em cima deles.
PRÍNCIPE · Bem; mas poderão reconhecer-nos pelos cavalos, ou pela roupa, ou por qualquer outra particularidade.
POINS · Ora! Não verão os cavalos, porque os esconderei no bosque; as máscaras, trocaremos logo que nos separarmos deles; além do mais, arranjei capas de bocaxim para vestirmos por cima da roupa.
PRÍNCIPE · Mas ainda assim, receio que não possamos com eles.
POINS · Qual! Considero dois deles os mais alentados de quantos poltrões já se puseram em fuga; quanto ao terceiro, se lutar mais do que for razoável, abjuro do ofício das armas. O chiste de tudo isso está na mentirada que esse velho pançudo há de contar-nos quando nos reunirmos para a ceia: como se terá batido com trinta pelo menos; quantas paradas tenha feito, os golpes que haja recebido, os perigos por que tenha passado. O auge da brincadeira consistirá, precisamente, em lhe darmos o desmentido.
PRÍNCIPE · Não há dúvida, irei contigo; prepara o que se fizer necessário, que amanhã à noite nos encontraremos em Eastcheap, para cear. Adeus.
POINS · Passe bem, meu príncipe.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

PRÍNCIPE · Eu vos conheço, e quero, por um tempo,
prestar-me ao vosso humor vadio e infrene.
Com isso, imitarei o sol radioso
que consente que nuvens desprezíveis,
ante o mundo, a beleza lhe atenuem,
porque, quando lhe apraz ser ele próprio,
faça o anelo crescer a admiração,
ao cortar ele as brumas e vapores
que pareciam prestes a asfixiá-lo.
Se o ano todo só fosse de feriados,
como o trabalho, o esporte entediaria;
mas, porque não freqüentes, são bem-vindos.
Os acidentes raros sempre agradam.
Assim, mal eu me dispa desta vida
desregrada que levo, e me disponha
a pagar até mesmo o que não devo,
serei tanto melhor do que prometo,
quanto mais enganar a expectativa
do mundo inteiro.
Como metal brilhante em fundo escuro,
há de minha reforma sobre os erros
resplandecer, mostrando-se mais bela
de ver e mais atraente, que a virtude
cujo brilho nenhum contraste exalta.
Serei assim, pelo erro convertido,
quando todos me derem por perdido.

(Sai.)

Ato I · Cena III

Londres. Outra sala no palácio.
Entram o Rei Henrique, Northumberland, Worcester, Hotspur, Sir Walter Blunt e outros.

REI HENRIQUE · Bem temperado e frio está meu sangue,
incapaz de agitar-se a essas vilezas,
certo o notastes, para assim pisardes
em minha paciência. Mas afianço-vos
que vou ser doravante o que fui sempre:
poderoso e temido, não untuoso
como o óleo e de macieza de penugem,
o que me fez perder o alto respeito
que aos grandes sempre os grandes tributaram.
WORCESTER · Não merece, senhor, a nossa casa
que o poder a flagele desse modo,
justamente o poder que a nossos braços
tanto deve.
NORTHUMBERLAND · Senhor!
REI HENRIQUE · Retira-te, Worcester,
que em teus olhos os meus já vêem perigo
e rebelião. Senhor, vossa presença
é por demais audaz e peremptória;
não deve suportar a majestade
carrancas atrevidas de um vassalo.
Tendes licença de sair; se acaso
necessitar de vossos altos préstimos
ou conselhos, de novo hei de chamar-vos.

(Sai Worcester.)

Íeis falando...
NORTHUMBERLAND · Sim, meu soberano,
sobre esses prisioneiros reclamados
por Vossa Majestade e que Harry Percy,
aqui presente, em Holmedon fizera.
Conforme diz, não foram recusados
tal como a Vossa Alteza o noticiaram.
A inveja, porventura, ou acaso, engano
foram causa desse erro, não meu filho.
HOTSPUR · Meu soberano, não vos neguei nada;
ocorre-me, porém, que, finda a luta,
quando, sedento, esfomeado, exausto,
por causa do furor com que lutara,
apoiado me achava em minha espada,
chegou-se-me um senhor mui bem vestido,
tão guapo quanto um noivo, a barba feita
como campo de sega após a festa.
Parecia um modista perfumado;
trazia uma caixinha entre o dedo índice
e o polegar, que às vezes encostava
no nariz, ora dele o retirava,
até que este, irritado com a insistência,
se pusesse a espirrar. Ria e pairava,
e ao passarem soldados com cadáveres,
chamou-lhes grosseirões, mal-educados,
porque punham um corpo feio e sujo
entre o vento e sua alta Senhoria.
Interrogou-me usando só de termos

shakespearebrasileiro.org

raros e efeminados, reclamando-me,
entre outras coisas mais, os prisioneiros
para Vossa Grandeza. Nesse instante,
com a dor das feridas que esfriavam,
já farto de aturar o bonifrate,
por demais irritado e sem paciência,
respondi qualquer coisa: que os teria...
que não lhos dava... Louco me deixava
vê-lo assim tão casquilho e perfumado,
a falar tal qual uma camareira,
de tiros de canhão, tambor e golpes —
Deus lhe perdoe! — sobre asseverar-me
que para as contusões internas nada
no mundo se compara ao espermacete,
e que era grande lástima, em verdade,
que o vilão do salitre fosse extraído
das entranhas da terra inofensiva,
para a tantos varões grandes e belos
destruir covardemente, acrescentando
que sem esses canhões tão desprezíveis
com certeza soldado ele seria.
A esse tão descosido palavrório
respondi, como disse, vagamente.
Não consintais, vos peço, que seus ditos
venham meter-se entre o meu grande amor
e vossa alta e acatada Majestade.

BLUNT · Dadas as circunstâncias, bom senhor,
de tudo o que Harry Percy há relatado,
semelhante pessoa, em tal momento,
no local indicado, em suma, quanto
nos contou, pode bem ser enterrado
para não mais surgir, nem, de algum modo,
prejudicá-lo, visto retratar-se
de quanto porventura houvesse dito.

REI HENRIQUE ·
O fato é que só entrega os prisioneiros
com a expressa condição de resgatarmos
à nossa própria custa o seu cunhado,
Mortimer, esse idiota, que traiu,
por minha alma, a sabendas, quantas vidas
levara a combater contra o maldito
feiticeiro Glendower, cuja filha,
segundo ouvi dizer, acaba o Conde
de March de esposar. Esvaziaremos
nossos cofres por causa de um traidor?
Compraremos traição? Transigiremos
com poltrões que a si mesmo se perderam?
Não; que morra de fome nas montanhas
estéreis; não terei mais como amiga
a pessoa que vier pedir-me um pêni
para com ele pagar todo o resgate
deste rebelde Mortimer.

HOTSPUR · Mortimer, um rebelde!
Ele não vos deixou, meu soberano,
senão pela inconstância da fortuna.
Para prová-lo, basta uma só língua
de todas as feridas, que têm boca,
e que ele recebeu galhardamente
quando da pugna singular nas ribas
juncosas do Severne prazenteiro,
em que a melhor porção de uma hora, em duelo,
gastou ele, trocando, mão por mão,
ousadias com o ínclito Glendower.
Três vezes descansaram, três beberam,
sob acordo, do rápido Severne,
que, com medo de seus sangrentos vultos,
tratando de ocultar a crespa fronte
pelos trêmulos juncos se esgueirava,
em sua margem cavada, retingidas
com o sangue dos valentes inimigos.
Nunca a traição mesquinha e repugnante
manchou sua própria obra com feridas
tão mortais, nem possível fora ao nobre
Mortimer receber tantas e todas
de bom grado. Que cessem, pois, as vozes
caluniosas que o acusam de traição.

REI HENRIQUE · Mentes a favor dele, Percy, mentes;
ele nunca lutou contra Glendower,
afianço-te.
Melhor lhe fora ver-se a sós com o diabo,
do que ter Owen Glendower por inimigo.
Não te envergonhas? Que daqui por diante
não vos ouça falar mais nesse Mortimer.
Mandai-me os prisioneiros logo e logo,
ou, como agora, haveis de ouvir-me, certo,
coisas que vos serão desagradáveis.
Lorde Northumberland, tendes licença
para vos retirardes, juntamente
com vosso filho. Mas enviai-me logo
todos os prisioneiros; do contrário,
ainda ouvireis algo sobre o assunto.

(Saem o Rei Henrique, Blunt e a comitiva.)

HOTSPUR · Recusara-os, ainda que os pedisse
o diabo com rugidos. Vou atrás dele

shakespearebrasileiro.org

para dizer-lho; desabafo o peito,
muito embora com risco da cabeça.
NORTHUMBERLAND ·
Que é isso? Tanta cólera? Acalmai-vos;
eis vosso tio.
(Volta Worcester.)
HOTSPUR · Falarei de Mortimer!
Com a breca, hei de falar! Que se condene
minha alma, se com ele eu não me unir.
Por ele esgotarei todas as veias,
gota a gota, a pingar na areia o sangue,
contanto que levante o pobre Mortimer
à altura desse ingrato soberano,
o torpe, o gangrenoso Bolingbroke.
NORTHUMBERLAND ·
O rei deixou vosso sobrinho louco.
WORCESTER ·
Quem deu causa a esse fogo em minha ausência?
HOTSPUR ·
Vede! Quer que lhe entregue os prisioneiros!
E ao falar-lhe de novo no resgaste
do irmão de minha esposa, ficou pálido,
ao rosto me lançando o olhar da Morte,
a tremer, só de ouvir falar em Mortimer.
WORCESTER ·
Não o censuro. Não foi, acaso, Mortimer
considerado o herdeiro mais direto
pelo extinto monarca?
NORTHUMBERLAND · Sim; eu mesmo
lhe ouvi a proclamação. Passou-se o fato
quando esse infeliz rei — Deus lhe perdoe
os pecados! — seguiu para a campanha
da Irlanda, donde veio bruscamente
para ser destronado e executado.
WORCESTER · E, pela morte dele, a grande boca
do mundo nos vomita infâmia e injúria.
HOTSPUR · Devagar! Por favor: o Rei Ricardo
proclamou meu irmão Edmundo Mortimer
herdeiro da coroa?
NORTHUMBERLAND · Eu próprio o ouvi.
HOTSPUR · Então ao rei seu primo eu não censuro
por querer que ele morra nas montanhas
estéreis. Mas concebe-se que vós,
que a coroa pusestes na cabeça
desse homem sem memória, e que por ele
carregais o labéu de um assassínio
deprimente; concebe-se que todos
suporteis maldições que vos rebaixam
ao papel secundário de sequazes,
de carrascos, de cordas e de escadas?
Mas perdoai-me por ter descido tanto
no afã de revelar-nos em que nível
vos encontrais sob esse rei astuto.
Dir-se-á em nossos dias — que vergonha! —
falarão disso as crônicas futuras,
que homens de tal nobreza e poderio
se empenharam em causa tão injusta
como vós ambos — Deus que vos perdoe! —
fizestes, arrancando a suave rosa —
Ricardo — e, após, plantando em lugar dela
este espinho, este cancro Bolingbroke.
E se dirá, para maior vergonha,
que fostes enganados e alijados
por quem tão grande opróbrio padecestes?
Não; vossa honra banida pode agora
ser resgatada; é tempo de subirdes
novamente no juízo são do mundo,
de vos vingardes do humilhante escárnio
desse rei orgulhoso que só pensa,
noite e dia, em pagar o que vos deve
fazendo-vos sofrer sangrenta morte.
Por isso eu digo...
WORCESTER · Calma, primo! Basta!
Ora um livro secreto vou folhear-vos
e ler ao vosso perspicaz desgosto
coisas tão perigosas quão profundas,
tão pejadas de riscos e de audácia
quanto a que se requer para torrente
rugidora vencer sobre uma lança
vacilante em pinguela improvisada.
HOTSPUR ·
Quem despencar, boa noite! Ou nada, ou some.
Se o perigo mandardes de este a oeste,
desde que a honra de norte a sul o encontre,
que se avenham! O sangue é mais ativo
na caçada de um leão do que na simples
corrida de uma lebre.
NORTHUMBERLAND ·
A só imaginação de um grande feito
fá-lo transpor as raias da paciência.
HOTSPUR · Pelo céu! Penso ser coisa de nada
saltar à lua pálida para a honra
brilhante daí tirar, ou no mais fundo
descer do abismo, onde jamais a sonda

shakespearebrasileiro.org

chegar consegue, e, assim, pelos cabelos
arrastá-la, uma vez que toda a glória
do feito o salvador a alcançar venha.
Jamais hei de aceitar a glória a meias.
WORCESTER ·
Vê um mundo de imagens, sem a forma
perceber, que importava fosse vista.
Primo, dai-me atenção por um momento.
HOTSPUR · Apresento desculpas.
WORCESTER · Esses nobres
escoceses, os vossos prisioneiros...
HOTSPUR · Todos são meus! Por Deus, esse monarca
não há de obter nenhum dos escoceses,
embora a salvação de um só lhe viesse.
Não os terá! Por esta mão, são meus.
WORCESTER · Exaltai-vos por nada, sem prestardes
atenção aos meus ditos. Guardareis
os prisioneiros.
HOTSPUR · Sim, nem se discute!
Disse que não resgataria Mortimer;
proibiu-me à língua de falar em Mortimer;
mas hei de achá-lo quando entregue ao sono,
e no ouvido gritar-lhe: Acorda! Mortimer!
Mais:
Hei de ensinar a um papagaio o nome
de Mortimer e dar-lho de presente,
com o fim de exacerbar-lhe sempre a cólera.
WORCESTER ·
Ouvi-me, primo; uma palavra, ao menos.
HOTSPUR · Renuncio a qualquer preocupação,
exceto a de irritar o Bolingbroke
e o Príncipe de Gales, o arruaceiro.
Se eu não soubesse que seu pai não o ama
e que folgara, até, com algum desastre,
com um jarro de cerveja o envenenara.
WORCESTER · Adeus, parente; voltarei a falar-vos,
quando vir que já estais disposto a ouvir-me.
NORTHUMBERLAND ·
Que abelha te picou, ou que impaciente
loucura te domina, que assim ficas
tal qual uma mulher, sem dar ouvidos
a nenhuma outra língua além da tua?
HOTSPUR · É que me sinto flagelado, todo
cortado de chicote e em verdadeiro
formigueiro, quando ouço o nome apenas
desse politiqueiro Bolingbroke.
No tempo de Ricardo — qual o nome
do lugar? Que o carregue, então, o diabo! —
Fica em Gloucestershire, onde morava
seu tio, o duque louco, o Duque de York,
onde eu dobrei os joelhos diante desse
rei dos sorrisos pela vez primeira,
sim, esse Bolingbroke, quando viestes
de Ravenspurgh com ele.
NORTHUMBERLAND · No castelo de Berkeley.
HOTSPUR · Justamente!
Quantos salamaleques esse galgo
me dispensou ali! "Querido primo!"
e "Gentil Harry Percy!" e "Quando a sua
fortuna, ainda infantil, se tornar grande..."
Vão para o inferno os primos dessa laia!
Deus me perdoe. E agora, tio, vamos
ouvir a vossa história; terminei.
WORCESTER · Se acaso o não fizestes, sem nenhuma
cerimônia, contai tudo de novo.
HOTSPUR · Não, terminei; palavra!
WORCESTER ·
Voltemos, pois, aos vossos prisioneiros:
ceidei-os sem resgate e usai o filho
de Douglas como vosso agente para
ganhar os escoceses. Por diversas
razões que por escrito hei de mostrar-vos,
será coisa bem fácil, asseguro-vos.
(Para Northumberland.)
Vós, milorde,
enquanto vosso filho pela Escócia
estiver operando, deveis coar-vos
no ânimo desse nobre e venerado
sacerdote, o arcebispo...
HOTSPUR · De York, não?
WORCESTER · Certo.
Ele ainda se ressente do traspasso
do irmão, em Bristol, Lorde Scroop. Não falo
por simples conjeturas, nem de coisas
que presumo factíveis, mas de quanto
foi ruminado, resolvido e escrito,
e que apenas espera ver o rosto
da ocasião, a fim de realizar-se.
HOTSPUR · Já o farejo. Por Deus! Vai ser magnífico!
NORTHUMBERLAND ·
Sempre soltas os cães antes de haveres
a caça levantado.
HOTSPUR ·
Como assim? É impossível melhor plano.

shakespearebrasileiro.org

E depois: o poder de York e da Escócia
a Mortimer se juntam, não?
Worcester · É isso.
Hotspur · Realmente, tudo está bem combinado.
Worcester · Razão não despicienda nos apressa:
salvar nossas cabeças, colocando-nos
na cabeça de tropas; pois embora
nos comportemos todos com modéstia,
o rei há de julgar-se sempre em dívida
conosco, por pensar que não estamos
satisfeitos, até que encontre o ensejo
de ajustar contas. Vistes todos como
principia a afastar-nos de sua graça.
Hotspur · É assim, de fato; importa, pois,
vingarmo-nos.
Worcester · Adeus, primo; fiquemos nesta altura;
por carta eu vos guiarei no ulterior curso.
Quando a hora for chegada — e há de ser breve —
saberei até Mortimer esgueirar-me
e Glendower. Então vós, Lorde de Douglas
e nossas forças lá nos reuniremos
sem dano algum, que a tudo hei de prover,
para que em nossos braços resistentes
sustentemos o peso da Fortuna
que por ora parece vacilante.
Northumberland ·
Adeus, mano; confio no nosso êxito.
Hotspur · Adeus, tio; que as horas sejam curtas
até que os campos de batalha, e golpes,
e gemidos conosco rejubilem.

(Saem.)

Ato II · Cena I

Rochester. Pátio de uma taberna.
Entra um carreteiro com uma lanterna na mão.

Primeiro Carreteiro · Olá! Quero ser enforcado, se já não forem quatro horas da manhã. O carro lá do alto já se encontra por cima da nova chaminé, e até agora o nosso cavalo ainda não foi atrelado. Olá, palafreneiro!
Palafreneiro *(dentro)* · Um momento!
Primeiro Carreteiro · Por favor, Tom, bate a sela de Cut e enche um pouco mais as almofadas; o pobre animal está com o lombo que dá pena.

(Entra outro carreteiro.)

Segundo Carreteiro · As ervilhas e as favas daqui são tão úmidas como o capeta; não há coisa melhor para fazer que os pobres animais fiquem com vermes. Esta casa ficou uma desordem depois da morte do palafreneiro Robim.
Primeiro Carreteiro · Bom amigo aquele! Não teve um momento de alegria desde a alta da aveia; foi o que o matou.
Segundo Carreteiro · Em toda a estrada de Londres não se encontra casa mais infame do que esta, por causa das pulgas. Estou picado que nem uma tenca.
Primeiro Carreteiro · Uma tenca? Pela Santa Missa! Nenhum rei de toda a Cristandade foi mais picado do que eu, desde que o galo começou a cantar.
Segundo Carreteiro · É isso; nunca põem urinol para a gente; servimo-nos da própria chaminé, o que, em matéria de pulgas, transforma o quarto em verdadeiro viveiro de cadozes.
Primeiro Carreteiro · Palafreneiro, eh! vem para a forca, demônio!
Segundo Carreteiro · Tenho de levar até Charing Cross um presunto e duas raízes de gengibre.
Primeiro Carreteiro · Com todos os demônios! Os perus do meu cesto estão quase mortos de fome. Palafreneiro! Que um raio te parta! Não tens olhos na cara? Estás surdo? Quero ser o mais velhaco, se abrir-te a cabeça não for tão gostoso como beber um trago. Vem para a forca! Não tens consciência?

(Entra Gadshill.)

Gadshill · Bom dia, rapaz; que horas são?
Primeiro Carreteiro · Penso que já são duas horas.
Gadshill · Empresta-me, por obséquio, a tua lanterna, para ir ver na cocheira o meu cavalo.
Primeiro Carreteiro · Mais devagar, meu velho! Conheço uma pilhéria que vale por duas dessas.
Gadshill · Empresta-me a tua, por obséquio.
Segundo Carreteiro · Como é o negócio?

shakespearebrasileiro.org

Empresta-me a lanterna? Para o diabo! Primeiro hei de ver-te enforcado.

GADSHILL · Senhor carreteiro, a que horas esperais chegar a Londres?

SEGUNDO CARRETEIRO · A tempo de ir para a cama com um candeeiro, asseguro-te. Vizinho Mugs, vamos acordar aqueles senhores; desejam ir em nossa companhia porque levam muita carga.

(Saem os carreteiros.)

GADSHILL · Servente!

SERVENTE *(dentro)* · Ligeiro como um batedor de carteira!

GADSHILL · O que equivale a: ligeiro como um servente, porque a diferença que há entre ti e um batedor de carteira é a mesma que existe entre a indicação e a execução. És tu que preparas o golpe.

(Entra o servente.)

SERVENTE · Bom dia, mestre Gadshill. As coisas continuam no mesmo pé de que vos falei ontem. Acha-se aqui um rendeiro das selvas de Kent, que traz consigo trezentos marcos de ouro. Ouvi-o ontem à noite, por ocasião da ceia, quando falava nisso a um dos de sua companhia, uma espécie de auditor, que traz também um mundo de volumes; só Deus sabe o que contêm. Já se levantaram; pediram ovos com manteiga; vão partir logo.

GADSHILL · Dou-te este pescoço, amigo, se eles não se encontrarem com os irmãos de São Nicolau.

SERVENTE · De nada me serviria; deixa-o para o carrasco, porque bem sei que és tão devoto de São Nicolau quanto um indivíduo sem fé.

GADSHILL · Por que me falares em carrasco? Se me pendurarem, completarei um par de forcas adiposas; sim, se me enforcarem, o velho Sir John me fará companhia, e tu bem sabes que ele não está ético. Babau! Há outros troianos com que nem sonhas, que se dignam de emprestar alguma graça à profissão, por simples amor ao desporto, e que se incumbiriam de arranjar as coisas, para seu próprio crédito, no caso de querer alguém bisbilhotar. Eu não me ligo com vagabundos de pé no chão, esses indivíduos armados de grandes paus, que assaltam por seis pence, nem com bigodudos aloucados, de rosto vermelho de tanto chuparem cerveja, mas com senhorios e sereníssimas, burgomestres e tesoureiros, gente de responsabilidade, mais dispostos a bater do que a falar, a falar do que a beber, a beber do que a rezar, isto é, minto, que eles não cessam de ajoelhar-se diante de seu santo, o erário público. Ajoelhar-se diante dele, digo mal: montar nele, porque cavalgam livremente daqui para ali, fazendo botas do erário público.

SERVENTE · Como!? Do erário público eles fazem botas? E serão elas à prova de água nas estradas ruins?

GADSHILL · Perfeitamente; a própria Justiça se incumbiu de azeitá-las. Roubamos com tanta segurança como em um castelo à prova de fogo; possuímos o segredo da receita das sementes de feto, que nos permitem andar sem sermos vistos.

SERVENTE · Por minha fé, penso que isso de não serdes vistos deveis mais à noite do que às sementes de feto.

GADSHILL · Aperta aqui! Hás de ter a tua parte da presa, tão certo como eu ser homem de bem.

SERVENTE · Não, prefiro que a prometas por seres um ladrão falsificado.

GADSHILL · Ora deixa! *Homo* é o nome comum a todos os homens. Dize ao palafreneiro que traga da estrebaria o meu cavalo. Adeus, imundo!

(Saem.)

Ato II · Cena II

Estrada de Gadshill.
Entram o príncipe e Poins.

POINS · Vamos! Ocultemo-nos! Escondi o cavalo de Falstaff e este está ringindo como veludo engomado.

PRÍNCIPE · Esconde-te.

(Afastam-se.)
(Entra Falstaff.)

FALSTAFF · Poins! Que te enforquem! Poins!

PRÍNCIPE *(avançando)* · Silêncio, maroto enxundioso! Que gritaria é essa?

FALSTAFF · Onde está Poins, Hal?

PRÍNCIPE · Foi ao alto da colina; vou à sua procura.

(Sai.)

FALSTAFF · É preciso que eu seja amaldiçoado para roubar na companhia desse ladrão. O velhaco

shakespearebrasileiro.org

furtou-me o cavalo e o amarrou não sei onde. Se eu andar mais o comprimento de quatro pés, fico sem fôlego. Deixa estar! Não duvido de que hei de ter uma boa morte, se escapar da forca por tirar a vida a esse bigorrilhas. Faz vinte e dois anos que, hora por hora, eu juro livrar-me da companhia desse biltre; até parece feitiço. Quero ser enforcado, se esse patife não me deu a beber qualquer mezinha para que lhe tenha amor. Poins! Hal! Que a peste vos carregue! Bardolfo! Peto! Quero morrer de fome, se der mais um passo para roubar. Se não for certo que é tão boa ação beber e tornar-me honrado, quero ser o mais chapado biltre que já mascou com um dente. Oito jardas a pé num terreno acidentado equivalem para mim a setenta milhas, o que esses vilões de coração de pedra sabem muito bem. Que a peste leve os ladrões que não guardam verdade aos próprios companheiros. *(Ouve-se um assobio.)* Huf! Que a peste vos carregue! Meu cavalo, bandidos! Dêem-me o meu cavalo e vão para a forca!

PRÍNCIPE *(avançando)* · Fica quieto, salsichão! Deita-te aí; cola o ouvido ao solo e dize-me se percebes passos de viajantes.

FALSTAFF · Tendes porventura alavancas para levantar-me, depois que eu estiver deitado? Com os diabos! Não carregarei mais a minha carne um só passo adiante, por todas as moedas do tesouro de teu pai. Que peste vos levou a pisar-me deste modo?

PRÍNCIPE · Enganas-te; não estás pisado; estás peado.

FALSTAFF · Meu bom príncipe Hal, ajuda-me a achar o cavalo, excelente filho de rei.

PRÍNCIPE · Sai daí, velhaco! Porventura sou teu palafreneiro?

FALSTAFF · Enforca-te em tua própria liga de herdeiro presuntivo. Se eu for preso, denunciar-vos-ei por causa disto. Quero ser envenenado com um copo de vinho, se não vos puser a todos em versos, que farei cantar nas toadas mais sujas. Quando a brincadeira chega a esse ponto, e ainda por cima, de pé, não é comigo.

GADSHILL · Alto lá!

FALSTAFF · É o que eu tenho a fazer, quer queira, quer não.

POINS *(avançando)* · Oh! é o nosso perdigueiro! Conheci-o pela voz.

(Entra Bardolfo e Peto.)

BARDOLFO · Que novidade há?

GADSHILL · Disfarçai-vos! Ponde as máscaras! O dinheiro do rei vem descendo o morro; vai para o tesouro real.

FALSTAFF · Mentes, velhaco; vai para a taberna real.

GADSHILL · Há o suficiente para elevar a todos nós.

FALSTAFF · Até à forca.

PRÍNCIPE · Senhores, vós quatro os enfrentareis no desfiladeiro. Ned Poins e eu iremos mais devagar, se eles vos escaparem, cairão em nossas mãos.

PETO · Quantos são ao todo?

GADSHILL · Oito ou dez.

FALSTAFF · Salta! Não poderão roubar-nos?

PRÍNCIPE · Como! Covarde, Sir John Pança?

FALSTAFF · Em verdade, não digo que eu seja vosso avô João de Gaunt; mas covarde, Hal, isto é que não.

PRÍNCIPE · É o que vamos ver agora.

POINS · Amigo Jack, teu cavalo está atrás da cerca; quando precisares dele, será fácil achá-lo. Adeus e agüenta firme!

FALSTAFF · Se pudesse moê-lo de pancada, embora me enforcassem por isso!

PRÍNCIPE *(à parte para Poins)* · Ned, onde estão os nossos disfarces?

POINS · Aqui ao lado. Escondei-vos.

(Saem o príncipe e Poins.)

FALSTAFF · E agora, mestres, quem tiver mais sorte pegará o melhor quinhão. Que todos se esforcem.

(Entram viajantes.)

PRIMEIRO VIAJANTE · Vamos, vizinho; o menino descerá a colina com os cavalos; andemos um pouco para esticar as pernas.

LADRÕES · Alto lá!

VIAJANTES · Valha-nos Jesus!

FALSTAFF · Pau neles! Ao chão com todos! Cortai o pescoço a esses biltres! Ah, gusanos miseráveis! Comedores de toicinho! Têm inveja de nós, por sermos moços! Ao chão com todos! Depenemo-los!

VIAJANTES · Oh! Estamos arruinados para todo o sempre; nós e toda a nossa família.

FALSTAFF · Enforcai-vos, birbantes barrigudos! Qual arruinados, pançudos de uma figa! Quisera que se encontrasse aqui toda a vossa fortuna. Vamos, cevados, toca a andar! Que estais dizendo? Nós, os moços, também precisamos viver. Sois grandes jurados, não é verdade? Pois vamos jurar-vos desta vez.

(Despojam-nos, amarram-nos e saem.)

(Voltam o príncipe e Poins.)

shakespearebrasileiro.org

PRÍNCIPE · Os ladrões amarraram os homens de bem; se pudéssemos, agora, roubar os ladrões e voltar alegres para Londres, teríamos assunto para uma semana, gargalhadas para um mês e uma boa pilhéria para sempre.

POINS · Escondei-vos; ei-los que chegam.

(Voltam os ladrões.)

FALSTAFF · Agora, amigos, vamos repartir o bocado, e tratemos de montar antes que nasça o dia. Se o príncipe e Poins não forem dois poltrões de marca, já não há seriedade no mundo. Há tanta coragem nesse Poins quanta num pato silvestre.

PRÍNCIPE · A bolsa ou a vida!

POINS · Vilões!

(Enquanto se achavam dividindo a presa, o príncipe e Poins caem sobre eles; correm todos; Falstaff, depois de trocar um ou dois golpes, foge com os outros, deixando todo o espólio.)

PRÍNCIPE · Fácil vitória! E agora, galopar!
Dispersos os ladrões, tal medo os enche,
que enfrentar a si mesmos não se atrevem.
Cada um vê no outro a sombra de um polícia.
Vamos, amigo Eduardo! Falstaff sua
de morrer e o caminho vai deixando
que é só gordura. Se não fosse tudo
para rirmos, teria pena dele.

POINS · E que urros o velhaco vai soltando!

(Saem.)

Ato II · Cena III

Warkworth. Um quarto no castelo.
Entra Hotspur, lendo uma carta.

HOTSPUR · "No que apenas a mim se refere, milorde, ficaria bastante satisfeito se me encontrasse aí, pelo amor que dedico a vossa casa." Ficaria satisfeito... Então, por que não vem? Pelo amor que dedica a nossa casa: revela com isso que é mais afeiçoado a sua granja do que a nossa casa. Vejamos mais um pouco: "A empresa que tentais é perigosa". Certo! É perigoso, também, tomar um resfriado, dormir, beber; mas afianço-vos, milorde estúpido, que é do espinho do perigo que se colhe a flor da segurança. "A empresa que tentais é perigosa; os amigos que nomeastes, incertos; o próprio momento, inoportuno, e o plano em si muito leve para o contrapeso de tamanha oposição." É assim? Pois eu vos digo também que mentis e que não passais de um rústico sem coragem. Por Deus! Nosso plano é tão bom como os melhores; nossos amigos, verdadeiros e constantes: bom plano, bons amigos e ótima expectativa; plano excelente, amigos fidelíssimos. Que alma de gelo tem esse biltre! No entanto, milorde de York aprova o plano e a marcha geral da ação. Com todos os demônios! se eu pegasse agora esse vilão, abrir-lhe-ia o crânio com o leque da própria esposa. Então, meu pai, meu tio e eu próprio não nos encontramos nisso? Lorde Edmundo Mortimer, o Arcebispo de York e Owen Glendower? E os Douglas, ainda por cima? Não tenho em meu poder cartas deles todos, em que afirmam que virão em armas unir-se a mim no dia 9 do próximo mês? Alguns, até, já não se encontram em caminho? Que pagão miserável! Renegado! É certeza que com a sinceridade do medo e da pusilanimidade ele vai revelar ao rei todos os nossos projetos. Oh! Dá vontade de picar-me em pedacinhos e de esbofetear-me, por haver metido esse pote de coalhada em empreendimento de tal monta! Que se enforque! Que conte ao rei! Estamos preparados; partirei ainda esta noite.

(Entra Lady Percy.)

Então, Kate! Tenho que deixar-te dentro de duas horas.

LADY PERCY ·
Por que te achas tão só, querido esposo?
Que fiz eu para estar há uma quinzena
exilada do leito do meu Harry?
Conta-me, esposo amado, qual a causa
que de todo te priva do apetite,
a alegria e do sono da inocência?
Por que os olhos assim cravas na terra,
e estremeces amiúde, quando ficas
sozinho? Por que o sangue rubicundo
as faces te fugiu? Por que assim trocas
meu tesouro e o direito sobre ti,

shakespearebrasileiro.org

pela meditação de olhar sombrio
e essa melancolia amaldiçoada?
Observando-te o sono tão inquieto,
ouvi-te murmurar de lutas férreas
e incitar teu cavalo irrefreável
com gritos de "Coragem!" "Para a frente!"
Falavas de saídas, retiradas,
barracas e trincheiras,
paliçadas, fortins e parapeitos,
basiliscos, canhões e colubrinas,
de soldados sem vida, de resgates,
e de quanto um combate ardente integra.
Tanto, dentro de ti, se achava em guerra
teu espírito, e tanto te agitava
que o suor, em bagas, te banhava a fronte
como bolhas em riacho remexido.
Estranhas contrações tu revelavas
no rosto, talqualmente essas pessoas
que o fôlego detêm, quando no ponto
de súbita entrepresa. Que presságios
são esses? Meu senhor tem algo em mente,
que vai dizer-me; a menos que não me ame.

HOTSPUR · Olá!

(Entra um criado.)

O Guilherme partiu já com o pacote?

CRIADO · Há uma hora, senhor.

HOTSPUR · Butler trouxe os cavalos do xerife?

CRIADO · Acaba de chegar trazendo um deles.

HOTSPUR · Qual deles? Por acaso o ruão cabano?

CRIADO · Esse mesmo, senhor.

HOTSPUR · Farei dele o meu trono. Vou montá-lo
sem mais perda de tempo. Oh, *Espérance!*
Dize a Butler que o leve para o parque.

(Sai o criado.)

LADY PERCY · Atendei-me, senhor.

HOTSPUR · Que dissestes, senhora?

LADY PERCY · Que vos leva de minha companhia?

HOTSPUR · Meu cavalo, querida, meu cavalo.

LADY PERCY · Sai, macaco estouvado!
Uma doninha revelara menos
caprichos. Em verdade, Harry, desejo
saber o que vos traz tão preocupado.
Temo que meu irmão Mortimer queira
defender seus direitos e que auxílio
buscasse em vós. Se vos partis, realmente...

HOTSPUR · A pé, tão longe, cansaria, amor.

LADY PERCY · Vamos, meu periquito, respondei-me
diretamente a quanto vos pergunto.
Juro, Harry, que o minguinho vou quebrar-te
no caso de ocultares a verdade.

HOTSPUR · Adiante,
cabecinha de vento. Amar-te? Nunca!
Não me interessa, Kate. Achas que é hora
de brincar com boneca e parolar?
Precisamos agora de narizes
partidos e coroas amassadas,
que passemos por boas. Meu cavalo,
santo Deus! Que disseste, Kate? Queres
de mim alguma coisa?

LADY PERCY ·
Não me amais, não é certo? Pois que seja.
E porque não me amais, vou desprezar-me
a mim própria, também. Odiais-me, é certo?
Dizei se falais sério ou por brinquedo.

HOTSPUR · Não queres ver-me cavalgar, querida?
Quando estiver montado, hei de jurar-te
que te amo até o infinito. Porém, Kate,
escutai-me; não quero mais ouvir-vos
perguntar aonde eu vou, nem nada sobre
semelhantes questões. Vou aonde devo.
Enfim, para concluir: ainda esta tarde
precisarei deixar-vos, gentil Kate.
Sei que sois mui prudente, mas não mais
do que a esposa de Percy. Sois constante;
contudo, sois mulher. Quanto a segredos,
ninguém te vence em discrição; mas creio
que não revelarás o que não sabes.
A minha confiança, gentil Kate,
vai até esse ponto.

LADY PERCY · Não mais longe?

HOTSPUR · Nem uma polegada mais. Ouvi-me,
porém, Kate: aonde eu for, também ireis;
hoje eu saio; amanhã partireis vós.
Contentais-vos com isso, Kate?

LADY PERCY · Sim,
não há outro remédio.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena IV

Eastcheap. Um quarto na taberna "Cabeça de Javali". Entram o príncipe e Poins.

PRÍNCIPE · Por favor, Ned, sai desse quarto engordurado e ajuda-me a rir um pouco.
POINS · Por onde tens andado, Hal?
PRÍNCIPE · Com três ou quatro lorpas, em meio de sessenta ou oitenta barricas. Fiz soar a corda mais baixa da humildade. É certo, amigo, entrei para a irmandade de três caixeiros de taberna e posso chamá-los pelos nomes de batismo, Tom, Dick, Francis. Todos eles juram pela própria salvação que embora eu não passe de príncipe de Gales, já sou o rei da cortesia, e me afirmam no rosto que eu não sou qualquer Jack cheio de empáfia, como Falstaff, mas um verdadeiro coríntio, um bom menino, um rapaz de valor — palavra! é assim que eles se referem à minha pessoa! — acrescentando que, quando eu for rei da Inglaterra, assumirei o comando de todos os bons rapazes de Eastcheap. Beber à farta, na sua linguagem, é tingir de escarlate, e, quando respirais ao beber, gritam "Hum!" incitando-vos a não parar até ao fim. Em suma, fiz tais progressos em um quarto de hora, que por toda a vida me sinto capaz de beber com qualquer caldeireiro em sua própria língua. Afianço-te, Ned, que perdeste a oportunidade de ganhar muita honra, não me acompanhando em semelhante ação. Mas, doce Ned, para adoçar-te o nome dou-te o estes dois vinténs de açúcar com que há pouco me presenteou um caixeiro de taberna que em toda a vida não falou mais inglês do que "Oito xelins e seis pence" e "Sede bem-vindo!" com o acréscimo estridente: "Neste momento, senhor! Vou buscar uma pinta de bastardo na Meia-lua!" e algo pelo estilo. Agora, Ned, para passarmos o tempo até que chegue Falstaff, vai para uma das peças contíguas, enquanto eu pergunto ao simplório do caixeiro para que fim ele me deu o torrão de açúcar. Não deixes de chamar "Francis!" para que ele não possa dizer mais do que "neste momento!" Põe-te aqui ao lado, para eu mostrar-te como deve ser feito.

POINS · Francis!
PRÍNCIPE · Magistral.
POINS · Francis!

(Sai Poins.)
(Entra Francis.)

FRANCIS · Neste momento, senhor! Neste momento! Ralph, vai ver o que na Romã estão querendo.
PRÍNCIPE · Vem cá, Francis.
FRANCIS · Senhor!
PRÍNCIPE · Francis, quanto tempo ainda terá de servir?
FRANCIS · Por Deus, cinco anos e tanto como...
POINS *(dentro)* · Francis!
FRANCIS · Neste momento, senhor! Neste momento!
PRÍNCIPE · Cinco anos? Por Nossa Senhora! prazo enorme para fazer tinir o estanho. Mas, Francis, não terás tu a coragem suficiente para revelar-te medroso diante desse contrato mostrar-lhe um belo par de calcanhares, fugindo dele?
FRANCIS · Oh, senhor! Posso jurar sobre todos os livros da Inglaterra que eu teria coragem bastante para...
POINS *(dentro)* · Francis!
FRANCIS · Neste momento, senhor!
PRÍNCIPE · Que idade tens, Francis?
FRANCIS · Deixai ver... No próximo São Miguel farei...
POINS *(dentro)* · Francis!
FRANCIS · Neste momento! Esperai um momento, milorde.
PRINCÍPE · Escuta, Francis; o açúcar que tu me deste custou-te um pêni, não é verdade?
FRANCIS · Oh, senhor! Quisera que houvesse custado dois.
PRÍNCIPE · Vou dar-te mil libras por ele; quando as quiseres, é só pedir, e serão tuas.
POINS *(dentro)* · Francis!
FRANCIS · Neste momento! Neste momento!
PRÍNCIPE · Neste momento, Francis? Não, Francis, amanhã, Francis; ou, Francis, na quinta-feira; ou melhor, Francis, quando o quiseres. Mas, Francis...
FRANCIS · Milorde!

shakespearebrasileiro.org

Príncipe · Atrever-te-ias a roubar um sujeito de colete de couro, com botões de cristal, de cabelos cortados rentes, com anel de ágata, meias cor de pulga, ligas de lã, voz melosa, bolsa espanhola...
Francis · Oh, senhor! Que quereis dizer com isso, milorde?
Príncipe · Ora bem; estou vendo que só bebeis do vosso bastardo escuro. Toma cuidado, Francis; a tua camisa de linho branco pode sujar-se. Na Berberia, senhor, não chegará a tanto.
Francis · Como, senhor?
Poins *(dentro)* · Francis!
Príncipe · Toca, moleque! Não estás ouvindo que te chamam?
(O príncipe e Poins chamam por Francis ao mesmo tempo; Francis fica atrapalhado, sem saber para que lado corra.)
(Entra o taberneiro.)
Taberneiro · Como é que ficas parado, quando te chamam desse jeito? Corre a servir os fregueses. *(Sai Francis.)* Milorde, o velho Sir John com mais uma meia dúzia de companheiros se encontra aí fora. Devo fazê-lo entrar?
Príncipe · Que esperem um pouco; depois abre-lhes a porta. *(Sai o taberneiro.)* Poins!
Poins · Neste momento, neste momento, senhor!
Príncipe · Escuta lá: Falstaff e os demais ladrões estão aí. Vamos divertir-nos um pouco?
Poins · Como grilos, rapaz. Mas contai-me como vos saístes na brincadeira com o caixeiro. Qual foi o resultado?
Príncipe · Sinto-me agora com todos os humores que se revelaram humores desde os velhos dias do honesto Adão até a hora juvenil da meia-noite que acaba de soar.
(Francis atravessa o quarto, levando vinho.)
Que horas são, Francis?
Francis · Neste momento, senhor! Neste momento!
Príncipe · É inconcebível que seja filho de mulher um sujeito como esse, que conhece menor número de palavras do que um papagaio. Toda sua habilidade consiste em subir e descer escadas; sua eloqüência, a nota dos fregueses. Ainda não estou com a disposição de Percy, o Esporão quente do norte, o tal que vos mata seis ou sete dúzias de escoceses antes do almoço, lava as mãos e diz à mulher: "Que raio de vida ociosa! Necessito de movimento!" "Meu querido Harry", diz ela, "quantos mataste hoje?" "Dêem de beber ao meu ruão", diz ele; e, uma hora depois: "Uns quatorze", responde; "uma ninharia!" Manda Falstaff entrar. Vou fazer o papel de Percy e esse javali dos diabos, o de Lady Mortimer, sua mulher. *Rivo,* como dizem os bêbados. Chama a esse fardo de toicinho, esse monte de sebo.
(Entram Falstaff, Gadshill, Bardolfo, Peto e Francis.)
Falstaff · Que a peste carregue com todos os covardes, é só o que eu digo, e que a vingança os persiga. É isso; amém. Rapaz, traze-me um copo de xerez. A continuar nesta vida, prefiro fiar meias, remendá-las e até pisá-las. Que a peste leve os poltrões. Vamos, maroto; dá-me um copo de xerez. Já não há virtude neste mundo?
(Bebe.)
Príncipe · Nunca viste o Titã de coração bondoso beijar um prato de manteiga e esta derreter-se sob as carícias do sol? Se já o viste, olha para esse conjunto.
Falstaff · Maroto, este vinho contém cal. De velhaco só pode vir velhacaria, apesar de que um poltrão é pior do que um copo de xerez com cal. Poltrão infame! Segue teu caminho, velho Jack; morre quando te aprouver. Se o heroísmo, o verdadeiro heroísmo, não desaparecer da face da terra, não passo de um arenque seco. Na Inglaterra só há três pessoas de bem que ainda não foram enforcadas e uma delas é gorda e começa a envelhecer. Que Deus nos ampare. Mundo infame, é só o que eu digo. Quisera ser tecelão, para cantar salmos ou coisas do mesmo gênero. Uma vez mais, que a peste leve a todos os poltrões.
Príncipe · Que é que estás resmungando, saco de lã?
Falstaff · Um filho de rei! Se eu não te expulsar de teu reino com uma espada de pau, tocando na tua frente a todos os teus súditos como um bando de gansos selvagens, não quero ter mais um só pêlo no rosto. Vós, príncipe de Gales?
Príncipe · Mas, afinal, que é que houve, pançudo de uma figa?
Falstaff · Sois ou não covarde? Respondei a isso. E aquele Poins, também.
Poins · Com todos os diabos, barrigudo! Se me chamais de covarde, coso-te a punhaladas.
Falstaff · Eu, chamar-te de covarde? Primeiro te verei no inferno, antes de fazê-lo. Mas é certo que eu daria mil libras para correr como tu. Tendes as

shakespearebrasileiro.org

espáduas direitas e não vos importais que vos vejam pelas costas. É a isso que chamais escorar os amigos? Para o diabo com semelhantes escoras! Arranjem-me quem me olhe de frente. Vamos! Um copo de xerez! Macaco me morda, se eu já bebi hoje alguma vez.

PRÍNCIPE · Oh, descarado! Ainda estás com os lábios úmidos do último copo de vinho!

FALSTAFF · É a mesma coisa. *(Bebe.)* O que eu digo é que a peste leve a todos os covardes.

PRÍNCIPE · Mas, afinal, que aconteceu?

FALSTAFF · Que aconteceu? Esta manhã, quatro dos que aqui estão presentes puseram a mão em cima de mil libras.

PRÍNCIPE · Onde estão elas, Jack? Onde estão?

FALSTAFF · Onde estão? Tomaram-nas de nós; uma centena contra quatro infelizes.

PRÍNCIPE · Como assim, homem! Uma centena?

FALSTAFF · Quero ser o maior velhaco se não cruzei espadas com uma dúzia deles pelo espaço de duas horas. Escapei por milagre; atravessaram-me oito vezes o gibão e quatro os calções; meu escudo é só buracos; a espada parece mais uma serra: *ecce signum!* Desde que sou homem, nunca briguei tão bem. Que a peste leve os poltrões. Aqueles ali que o digam, e, se não contarem a verdade, sem tirar nem pôr, é que não passam de velhacos e de filhos das trevas.

PRÍNCIPE · Falai, senhores: como se deu o caso?

GADSHILL · Nós quatro caímos sobre uns doze...

FALSTAFF · Dezesseis, pelo menos, milorde.

GADSHILL · ...e os amarramos.

PETO · Não; não foram amarrados.

FALSTAFF · Como não, birbante! Foram todos amarrados, até ao último, ou eu não passo de um judeu, um judeu hebreu.

GADSHILL · Quando nos achávamos na repartição do espólio, seis ou sete indivíduos de fresco caíram sobre nós...

FALSTAFF · ...e soltaram os prisioneiros, que logo se juntaram a eles.

PRÍNCIPE · Que é isso? E lutastes contra eles todos?

FALSTAFF · Todos? Não sei o a que dais o nome de todos; mas se eu não lutei com quarenta, quero ser um feixe de rabanetes, e se cinqüenta e dois ou cinqüenta e três não caíram em cima do velho Jack, então não sou criatura de duas pernas.

PRÍNCIPE · Queira Deus que não tenhas morto a alguns deles.

FALSTAFF · Já não adianta rezar. Empimentei a dois dos tais; dois, com certeza, ficaram liquidados, dois patifes com roupa de bacaxim. Uma coisa eu digo, Hal, se eu estiver mentindo, podes cuspir-me na cara e chamar-me de cavalo. Conheces muito bem minha velha guarda: era assim que eu estava, a espada desse jeito. Quatro velhacos de bocaxim caíram sobre mim...

PRÍNCIPE · Como quatro, se acabaste de dizer que eram dois?

FALSTAFF · Quatro, Hal; eu disse quatro.

POINS · Sim, sim; falou em quatro.

FALSTAFF · Esses quatro me atacaram de frente; todos de uma vez. Mas eu não me dei por achado e com o meu escudo aparei-lhes as sete pontas, assim!

PRÍNCIPE · Sete! Mas neste momento não passavam de quatro!

FALSTAFF · De bocaxim.

POINS · É isso: quatro, vestidos de bocaxim.

FALSTAFF · Sete! Pela empunhadura desta espada, ou eu não sou mais do que um velhaco de marca.

PRÍNCIPE · Deixa-o prosseguir, que ainda vai aparecer mais gente.

FALSTAFF · Estás me ouvindo Hal?

PRÍNCIPE · Sim, e também observando-te, Jack.

FALSTAFF · Fazes muito bem, que a história merece ser ouvida. Esses nove de bocaxim de que te falei...

PRÍNCIPE · Já apareceram mais dois.

FALSTAFF · ...uma vez saltados os botões...

POINS · Caíram-lhes as calças.

FALSTAFF · ... começaram a ceder-me terreno; mas cosi-me aos tais, pé com pé, mão por mão, e num abrir e fechar de olhos, liquidei sete dos onze.

PRÍNCIPE · Que portento! Onze indivíduos de bocaxim saídos de dois!!

FALSTAFF · Mas nesse ponto o diabo trouxe três bandidos com roupa de cor verde de Kendal, que me atacaram pelas costas, obrigando-me a recuar; porque fazia tamanha escuridão, Hal, de não se enxergar a mão diante dos olhos.

PRÍNCIPE · Essas mentiras são tais como o pai que as gerou: do tamanho de um monte, visíveis, palpáveis. Lingüiça com miolo de barro, imbecil de cabeça encalombada, sujo, indecente, monte de sebo...

FALSTAFF · Que é isso? Estás louco? A verdade é a verdade.

PRÍNCIPE · É certo; mas como pudeste perceber que as vestes desses homens eram de cor verde

shakespearebrasileiro.org

de Kendal, se a escuridão era tamanha que não enxergavas a mão? Vamos; dá-nos a tua razão; que respondes a isso?

POINS · Vamos; vossa razão, Jack; vossa razão!

FALSTAFF · Como! Sob coação? Ainda que me pusessem na polé ou me aplicassem todos os suplícios do mundo, coagido, não vos diria coisa alguma. Apresentar razões sob coação! Ainda que elas fossem mais abundantes do que amoras, obrigado, não apresentaria uma sequer. Eis aí.

PRÍNCIPE · Não quero continuar por mais tempo como cúmplice de semelhante pecado; este poltrão sangüíneo, este entorta-camas, este descadeira-cavalos, este montão de carne...

FALSTAFF · Sai daí, faminto, pele de duende, língua defumada de vaca, vergalho de boi, bacalhau seco! Oh! Quisera ter fôlego para dizer tudo com que te pareces, bainha, vara de alfaiate, caixa de guardar arco, espadim imprestável...

PRÍNCIPE · Muito bem; agora, respira um pouco, para recomeçares, e quando houveres esgotado todas as comparações ignóbeis, ouve-me por um instante.

POINS · Toma nota, Jack.

PRÍNCIPE · Nós dois vimos quando vós quatro caístes sobre quatro indivíduos, os amarraram e se apoderaram de seus haveres. E agora ouve como te reduzo a zero com uma história muito simples. Logo depois, nós dois caímos sobre vós quatro, tendo bastado uma palavra para tomar-vos a presa, que se acha conosco e que poderá ser-vos mostrada aqui mesmo nesta casa. Quanto a ti, Falstaff, jogaste as tripas ao ombro e te puseste a correr lestamente, berrando por clemência, não cessando de correr e de berrar como jamais ouvi a nenhum bezerro. É preciso que sejas um mentiroso de marca para deixares a espada naquele estado e depois vires dizer que foi em combate. Que artimanha, que estratagema, que escapatória vais inventar agora para esconder-te de tão grande e manifesta vergonha?

POINS · Vamos ver, Jack; que vais inventar agora?

FALSTAFF · Por Deus! Eu vos reconheci tão bem como quem vos fez. Agora, caros mestres, ouvi-me: é crível que eu pudesse matar o herdeiro da coroa? rebelar-me contra o príncipe legítimo? Sabes perfeitamente, Hal, que eu sou tão valente quanto Hércules. Mas observa o instinto: o leão não toca no verdadeiro príncipe. O instinto é uma grande coisa: fui covarde por instinto. Enquanto viver, hei de ter opinião mais elevada de mim mesmo e de ti: de mim, como leão valente; de ti, como príncipe de verdade. Com a breca, rapazes, alegra-me saber que o dinheiro está convosco. Estalajadeiro, fecha as portas! Velarás hoje à noite, rezarás amanhã! Valentes rapazes, companheiros, corações de ouro, deixai-me dar-vos todos os títulos da boa camaradagem. Toca a divertir! Vamos improvisar uma comédia?

PRÍNCIPE · Boa idéia; tua fuga servirá de argumento.

FALSTAFF · Se me tens amizade, Hal, não me fales mais nisso.

(Entra a estalajadeira.)

ESTALAJADEIRA · Oh Jesus! milorde príncipe!

PRÍNCIPE · A senhora hospedeira! Que tens a dizer-me?

ESTALAJADEIRA · É que, milorde, se acha à porta um nobre da corte, que deseja falar-vos; disse que vem a mandado de vosso pai.

PRÍNCIPE · Pois dá-lhe o suficiente para fazer dele um indivíduo de coroa e manda-o de volta para minha mãe.

FALSTAFF · Que espécie de homem é ele?

ESTALAJADEIRA · Um velho.

FALSTAFF · Que faz a gravidade fora do leito à meia-noite? Queres que lhe dê a resposta?

PRÍNCIPE · Sim, Jack.

FALSTAFF · Deixa isso por minha conta, que o despacharei em dois tempos.

(Sai.)

PRÍNCIPE · Pois foi assim, senhores! Por Nossa Senhora! lutastes valentemente; e vós, Peto; e vós, também, Bardolfo; sois leões, também, correstes por instinto, por não quererdes tocar no príncipe... Ora, deixai de conversa!

BARDOLFO · É certo; eu só corri, quando vi os outros correrem.

PRÍNCIPE · Mas, falando sério, dizei-me como foi que a espada de Falstaff ficou tão cheia de dentes.

PETO · Foi ele mesmo que fez isso com a adaga, afirmando que havia de jurar por quanta verdade há na Inglaterra que vos feria acreditar que fora em combate. Depois, concitou-nos a fazer o mesmo.

BARDOLFO · Sim, e mandou que esfregássemos grama no nariz até sair sangue, para com ele mancharmos as vestes e podermos jurar que se tratava de sangue de verdadeiros homens. Aconteceu

shakespearebrasileiro.org

comigo o que, havia sete anos, não se dava: corei de ouvi-lo inventar tantas mentiras.

PRÍNCIPE · Oh tratante! Há dezoito anos foste apanhado, quando roubavas um copo de xerez, e desde essa época vives sempre corado *ex tempore.* Com esse fogo e a espada ao lado, por que te puseste a correr? Que instinto te impeliu?

BARDOLFO *(mostrando o rosto)* · Milorde, vedes estes meteoros? Percebeis estas exalações?

PRÍNCIPE · Perfeitamente.

BARDOLFO · Que pensais que significam?

PRÍNCIPE · Fígado quente e bolsa fria.

BARDOLFO · Bile, milorde; bile, para o bom entendedor.

PRÍNCIPE · Não é isso; para o bom entendedor significa forca.

(Volta Falstaff.)

Aí vem o magro Jack, o nosso esqueleto. Então, meu doce boneco de assoprar, há quanto tempo não enxergas os teus próprios joelhos?

FALSTAFF · Os joelhos? Quando eu tinha a tua idade, Hal, era mais fino do que uma garra de águia; poderia esgueirar-me pelo anel de um vereador. Que a peste carregue suspiros e tristezas! É isso que faz a gente ficar que nem uma bexiga estufada. Correm notícias miseráveis. Quem esteve aí foi Sir John Bracy, a mandado de vosso pai; deveis apresentar-vos à corte pela manhã. Esse louco do norte, Percy, e o tal galense que deu uma sova em Amaimon, pôs cornos em Lúcifer e obrigou o diabo a jurar-lhe vassalagem sobre a cruz de uma alabarda galense... Como diabo lhe chamais?

POINS · Owen Glendower.

FALSTAFF · Owen, Owen, esse mesmo, e o seu genro Mortimer, e o velho Northumberland, e o mais vivo escocês dos escoceses, Douglas, que sobe a cavalo por uma encosta a pique...

PRÍNCIPE · E a galope mata com um tiro de pistola um pardal em vôo.

FALSTAFF · Acertaste no alvo.

PRÍNCIPE · Como ele nunca o fez quanto ao pardal.

FALSTAFF · Sim, mas é um bandido de coragem; esse não há de fugir.

PRÍNCIPE · E por que então, desgraçado, o elogias por correr tão bem?

FALSTAFF · A cavalo, meu cuco, que a pé ele não dará um único passo.

PRÍNCIPE · É certo, Jack, por instinto.

FALSTAFF · De acordo, por instinto. Mas, como ia dizendo, esse também toma parte na coisa, e um tal Mordake, e mais um milheiro de gorros azuis. Worcester fugiu esta noite; a barba de teu pai branqueou com a notícia. As terras vão ficar ao preço de cavala podre.

PRÍNCIPE · E se tivermos um junho quente e demorar muito essa pancadaria civil, poderemos comprar virgindade como eles compram cravos para ferradura, aos centos.

FALSTAFF · Pela Santa Missa, rapaz, é isso mesmo! Não há dúvida, vamos fazer ótimos negócios nesse ramo. Mas dize-me uma coisa, Hal, não sentes um medo horrível? Sendo tu o herdeiro presuntivo, não irá o mundo obrigar-te a enfrentar três inimigos do porte desse endemoninhado Douglas, esse louco Percy e esse diabo Glendower? Não sentes um medo horrível? Teu sangue não congela?

PRÍNCIPE · Nada absolutamente, asseguro-te; falta-me um pouco do teu instinto.

FALSTAFF · Bem; mas amanhã vais ser repreendido de verdade, quando te apresentares diante de teu pai. Se me tens amor, prepara uma resposta.

PRÍNCIPE · Então faze o papel de meu pai e examina-me sobre particularidades de minha vida.

FALSTAFF · Verdade? Com muito gosto. Esta cadeira vai servir-me de trono; esta adaga de cetro e este coxim de coroa.

PRÍNCIPE · Teu trono passará por uma cadeira furada, o cetro de ouro, por uma adaga de chumbo e tua coroa preciosa e rica, por miserável tonsura.

FALSTAFF · Pouco importa; se não te encontrares inteiramente destituído do fogo da Graça, vais ficar abalado. Dá-me um copo de xerez, para que meus olhos fiquem vermelhos e pareça que chorei, pois disponho-me a falar com afogo e na veia do Rei Cambises.

(Bebe.)

PRÍNCIPE · Muito bem; eis aqui minha reverência.

FALSTAFF · E eis aqui meu discurso. Senhores nobres, ponde-vos de lado.

ESTALAJADEIRA · Oh Jesus! Excelente passatempo, não há que ver.

FALSTAFF · Não choreis, doce rainha, que pouco adiantam agora esses chorrilhos de lágrimas.

ESTALAJADEIRA · Santo Deus! Como ele se compenetra do papel!

shakespearebrasileiro.org

Falstaff · Por Deus, senhores! Tirai daqui a minha triste rainha, que as lágrimas lhe obstruem as comportas dos olhos.
Estalajadeira · Interessante! Ele faz tal qual os cômicos indecentes que eu já vi representar.
Falstaff · Silêncio, dona caneca! Fique quieta, senhora cachaça! Harry, não me causam apenas admiração os lugares em que perdes o tempo, como a espécie de gente de que te cercas. Porque embora a camomila cresça tanto mais rapidamente quanto mais pisada for, a mocidade se consome na medida em que é devastada. Que és meu filho, convence-me em parte a palavra de tua mãe, em parte minha opinião pessoal, mas, principalmente, um maldito sestro que revelas nos olhos e essa maneira estúpida de deixar cair o lábio inferior. Sendo, pois, tu meu filho, bato no ponto: por que motivo, sendo tu meu filho, chegas a ser apontado desse modo? Deve, acaso, o bendito filho dos céus andar sem rumo pelos campos, a comer amoras? Eis uma pergunta que pode ser formulada. Deve o filho da Inglaterra proceder como qualquer ladrão e batedor de carteiras? Eis uma pergunta que deve ser apresentada. Existe uma coisa, Harry, de que já ouviste falar freqüentes vezes, e a que muitas pessoas de nossa terra dão o nome de pez; esse pez, conforme o afirmam escritores vetustos, costuma sujar: o mesmo se dá com a companhia que freqüentas. Porque, Harry, neste momento eu não te falo sob a influência da bebida, porém das lágrimas; não por prazer, mas indignado; não simplesmente com palavras, mas também com aflições. Contudo, há um homem virtuoso que eu já vi em tua companhia, mas que não sei como se chama.
Príncipe · A que espécie de homem se refere Vossa Majestade?
Falstaff · A-la-fé, um indivíduo corpulento, de presença majestosa, semblante alegre, olhar prazenteiro e ademanes nobres, que poderá ter cinqüenta anos ou talvez mesmo já se abeire dos sessenta. Sim, agora me recordo: chama-se Falstaff. Se esse indivíduo for inclinado à devassidão, é que me iludiu redondamente, porque leio, Harry, virtude nos seus olhos. Se se conhece a árvore pelo fruto, como o fruto pela árvore, declaro peremptoriamente que há virtude nesse Falstaff. Liga-te a ele e desterra os demais. E agora me dize, lacaio mal-educado, por onde tens andado todo este mês.
Príncipe · Falas como rei? Põe-te no meu lugar, que eu vou fazer o papel de meu pai.
Falstaff · Depões-me? Se revelares na palavra e no gesto a metade, ao menos, da gravidade e da majestade de que dei mostras, pendura-me pelos pés como um coelho ou lebre na porta de um vendedor de aves.
Príncipe · Muito bem; sento-me aqui.
Falstaff · E aqui fico eu. Agora julgai, senhores.
Príncipe · Então, Harry, de onde vens?
Falstaff · De Eastcheap, meu nobre senhor.
Príncipe · São muito graves as queixas que ouço a teu respeito.
Falstaff · Com a breca, senhor, é tudo mentira. Longe disso; ides ver que maravilha de príncipe vou mostrar-vos.
Príncipe · Estás praguejando, mal-educado? De hoje em diante não levantes mais os olhos para mim. Encontras-te muito desviado do caminho da salvação; há um demônio que te persegue sob a figura de um velho gordo. Tens por companheiro um tonel humano. Por que freqüentas esse baú de humores, essa tina de bestialidade, esse volume inchado de hidropisia, essa pipa monstruosa de xerez, essa maleta de instestinos, esse boi assado de Manningtree com o ventre recheado de pudim, esse vício reverendo, essa iniqüidade grisalha, esse padre alcoviteiro, essa vaidade encanecida? Para que presta ele, a não ser para provar xerez e bebê-lo? Em que se mostra puro e limpo, senão em trinchar um capão e devorá-lo? Em que consiste sua habilidade, a não ser na astúcia? ou sua astúcia, afora as vilanias? Em que é ele vil, se o não for em todas as coisas? e em que louvável, se não em coisa nenhuma?
Falstaff · Desejara que Vossa Graça me permitisse acompanhá-lo: a quem Vossa Graça se refere?
Príncipe · A esse abominável canalha, corruptor da juventude, Falstaff, esse velho Satanás de barba branca.
Falstaff · Conheço o homem, milorde.
Príncipe · Sei perfeitamente que o conheces.
Falstaff · Mas dizer que reconheço nele mais defeitos do que em mim mesmo, será dizer mais do que sei. Que infelizmente é velho, provam-no seus cabelos brancos; mas que seja, com perdão de Vossa Reverência, libertino, nego-o de pés juntos. Se xerez e açúcar constituem falta, que Deus perdoe aos que erram; se é pecado ser velho e alegre, nesse caso estão condenados muitos hoteleiros do meu

shakespearebrasileiro.org

conhecimento; se a gordura provoca ódios, então louvemos as vacas magras de Faraó. Não, meu bom senhor, desterrai Peto, desterrai Bardolfo, desterrai Poins; mas quanto ao doce Jack Falstaff, o gentil Jack Falstaff, o verdadeiro Jack Falstaff, o valente Jack Falstaff, e tanto mais valente por tratar-se do velho Jack Falstaff, esse não desterreis da companhia do teu Harry: desterrai o gordanchudo Jack e tereis desterrado o mundo inteiro!

PRÍNCIPE · Fá-lo-ei; quero-o.

(Ouvem-se batidas.)

(Saem a estalajadeira, Francis e Bardolfo.)

(Volta Bardolfo, a correr.)

BARDOLFO · Oh milorde! milorde! acha-se à porta o xerife com uma patrulha monstro.

FALSTAFF · Fora daqui, maroto! Concluamos a peça; ainda tenho muito que dizer em defesa desse Falstaff.

(Volta a estalajadeira.)

ESTALAJADEIRA · Oh Jesus! Milorde! Milorde!

PRÍNCIPE · Eh! eh! O diabo cavalga um arco de violino. Que é que há?

ESTALAJADEIRA · Estão aí o xerife e a patrulha; vieram revistar a casa. Deixo-os entrar?

FALSTAFF · Estás ouvindo, Hal? Nunca digas que é falsa uma moeda de ouro verdadeira; tu és falso de verdade, sem que o pareças.

PRÍNCIPE · E tu, um covarde natural, sem instinto.

FALSTAFF · Nego a maior. Se não quiserdes receber o xerife, bem; caso contrário, deixai-o entrar. Se eu não fizer tão boa figura numa carreta como qualquer outro, que a peste leve a minha educação! Penso que uma corda me estrangulará tão depressa como aos outros.

PRÍNCIPE · Anda, esconde-te atrás da cortina; os demais subam. E agora, meus senhores, bom semblante e boa consciência.

FALSTAFF · Já tive ambos, mas isso já se foi; portanto, sumo daqui.

(Saem todos, com exceção do príncipe e de Peto.)

PRÍNCIPE · Fazei entrar o xerife.

(Entram o xerife e um carreteiro.)

Que desejais de mim, mestre xerife?

XERIFE · Primeiro, desculpar-me. O clamor público seguiu certas pessoas a esta casa.

PRÍNCIPE · Uma delas, meu príncipe, é bastante conhecida: um indivíduo grande e gordo.

CARRETEIRO · Gordo como manteiga.

PRÍNCIPE ·

Esse homem, podeis crer-me, aqui não se acha,
pois eu mesmo lhe dei certa incumbência.
E, xerife, eu te dou minha palavra
que hei de enviá-lo amanhã depois do almoço
para que ele responda em tua presença,
ou de quem for, por quanto lhe atribuem.
Podeis, pois, retirar-vos desta casa.

XERIFE · Pois não, milorde. Aí fora se acham dois senhores que perderam nesse roubo trezentos marcos.

PRÍNCIPE · Pode ser. No caso de os ter ele roubado, há de pagar-lhes o que lhes for devido. Passai bem.

XERIFE · Boa noite, bom senhor.

PRÍNCIPE · Penso que é já bom dia, não é mesmo?

XERIFE · É isso, senhor; são duas horas, creio.

(Saem o xerife e o carreteiro.)

PRÍNCIPE · Esse velhaco oleoso é tão conhecido quanto a igreja de São Paulo. Chama-o.

PETO · Falstaff! Adormeceu atrás da cortina e ronca como um cavalo.

PRÍNCIPE · Ouve como ele respira com dificuldade. Revista-lhe os bolsos.

(Peto remexe nos bolsos de Falstaff.)

Que encontraste?

PETO · Apenas alguns papéis, milorde.

PRÍNCIPE · Vejamos o que contém. Lê.

PETO *(lê)* · Item: um capão, 2 xelins e 2 pence. Item: molho, 4 pence. Item: 2 galões de xerez, 5 xelins e 8 pence. Item: enchovas e xerez depois da ceia, 2 xelins e 6 pence. Item: pão, 1/2 pêni.

PRÍNCIPE · Oh monstro! Apenas meio pêni de pão para toda essa quantidade de xerez! Guarda o resto, para examinarmos mais de espaço. Deixa que durma até clarear. Irei à corte pela manhã. Todos teremos de ir para a guerra; esse velhaco obeso obterá um posto honroso. Vou arranjar-lhe um lugar na infantaria, por saber que uma caminhada de cem passos liquidará com ele. O dinheiro vai ser restituído com juros. Vem ter comigo pela manhã. E com isso, bom dia, Peto.

PETO · Bom dia, meu bom senhor.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena I

Bangor. Um quarto na casa do arcediago.
Entram Hotspur, Worcester, Mortimer e Glendower.

MORTIMER · Brilhantes, as promessas; as pessoas,
seguras; o começo é esperançoso.
HOTSPUR · Lorde Mortimer, e vós, primo Glendower,
não resolveis sentar-vos?
Tio Worcester... Que a peste leve tudo!
Esqueci-me do mapa.
GLENDOWER · Aqui está ele.
Sentai-vos, primo Percy, caro Hotspur,
pois sempre que Lencastre vos nomeia
desse modo, suspira e empalidece,
desejando poder ver-vos no céu.
HOTSPUR · E a vós no inferno, sempre que ouve
falar em Owen Glendower.
GLENDOWER · Não posso censurá-lo, que no dia
em que eu nasci, cobriu-se o céu de estranhas
figuras e de tochas incendiadas.
Na hora em que eu vim à luz, os fundamentos
e a estrutura da terra, só de medo,
puseram-se a tremer.
HOTSPUR · O mesmo se teria dado, se naquela
hora a gata pertencente a vossa mãe houvesse tido
gatinhos e se nunca houvésseis nascido.
GLENDOWER ·
Quando eu nasci, tremeu a terra. Disse!
HOTSPUR · Pois eu digo que a terra não pensava
como eu, se imaginais que o fez de medo.
GLENDOWER · O céu, em fogo; a terra a tremer toda.
HOTSPUR · Vendo em chamas o céu, tremeu a terra,
não por causa do vosso nascimento.
Padece a natureza muitas vezes
de estranhas erupções. A terra grávida
freqüentemente sofre de uma espécie
de cólica, dos ventos irrefreáveis
dentro em seu seio, que sair tentando,
a boa terra abalam, e derrubam
campanários e torres com seus musgos.
Quando nascestes, nossa avó se achava
com essa indisposição; daí tremer.
GLENDOWER · Primo, de poucos homens eu suporto
contradizerem-me. De novo digo
que no instante em que eu vi a luz do dia,
o céu ficou coberto de figuras
fulgurantes; as cabras se atiravam
dos montes e os rebanhos não cessavam
de atroar as planícies espantadas.
Tais sinais inculcavam coisas grandes.
Toda a minha existência é a melhor prova
de que escapo do rol dos homens baixos.
Onde se acha o mortal, em todo o vasto
recinto da Inglaterra, Escócia e Gales,
que o mar circunda, que chamar-me possa
de aluno, ou que me tenha ensinado algo?
Um filho de mulher mostrai-me, ao menos,
que me tenha assistido na senda áspera
das artes, ou comigo cooperado
em quaisquer transcendentes experiências.
HOTSPUR · Melhor galês, decerto, ninguém fala.
Vou jantar.
MORTIMER ·
Calma, primo! Com isso o deixais louco.
GLENDOWER · Posso evocar espíritos do abismo.
HOTSPUR · Isso, até eu, e assim qualquer pessoa;
mas eles vêm, no caso de os chamardes?
GLENDOWER · Posso ensinar-te, primo, a ter
domínio sobre o diabo.
HOTSPUR ·
Como eu, primo, também posso ensinar-te
a zombar do demônio com a verdade:
fala a verdade e zomba do demônio.
Se podes evocá-lo, põe-no aqui,
que eu me incumbo, depois, de zombar dele.
Falai sempre a verdade, para rirdes
do demônio.
MORTIMER · Já basta. Vinde! Vinde!
Parai com essa conversa sem proveito.
GLENDOWER ·
Henrique Bolingbroke por três vezes
desafiou meu poder; por outras tantas,
desde as margens do Wye e do arenoso

shakespearebrasileiro.org

Severne o fiz voltar para a Inglaterra
descalço e sob os golpes do mau-tempo.
HOTSPUR · Para casa, descalço e exposto à chuva!
E como conseguiu evitar febres?
GLENDOWER · Eis o mapa. Ora vede: partiremos
nossos domínios ao sabor de nossa
tríplice convenção?
MORTIMER · Já o arcediago
dividiu tudo em partes muito iguais:
a Inglaterra, do Trento e do Severne
por leste e sul até este ponto, é minha;
tudo o que fica a oeste do Severne,
Gales e as terras férteis deste espaço,
para Owen Glendower; tudo o mais que sobra
para o norte do Trento, caro primo,
vos coube por quinhão. Já se acham prontos
nossos contratos tripartidos; falta
selá-los alternadamente, coisa
que poderá ser feita ainda esta noite.
E amanhã, primo Percy, iremos ambos,
juntos com o meu bondoso Lorde de Worcester,
ao vosso pai juntar-nos e aos soldados
escoceses, conforme o combinado,
em Shrewsbury. Meu pai Glendower ainda
não está pronto; aliás não precisamos
de seus homens por toda esta quinzena.
(A Glendower) · Aproveitai esse ínterim reunindo
vossos arrendatários e afeiçoados,
bem como os cavalheiros da região.
GLENDOWER ·
Em menos tempo estarei lá, senhores,
levando em minha companhia vossas
esposas. Ora cumpre que vos vades
sem que vos despeçais, que é certo termos
um dilúvio de lágrimas no instante
em que delas quiserdes separar-vos.
HOTSPUR · Vejo que a minha parte, aqui de Burton
para o norte, é menor que as outras duas.
Notai como este rio vem serpeando,
e corta do melhor de minhas terras
este enorme pedaço em meia-lua.
Vou fazer neste ponto uma barragem;
em novo leito o claro e alegre Trento
correrá suavemente e sem tropeços.
Não mais continuará dando essas voltas
para roubar-me terras tão valiosas.
GLENDOWER ·
Não dará mais? Bem vedes que é preciso.
MORTIMER · Notai, contudo,
como ele aqui prossegue e me desfalca
com igual desvantagem deste lado,
mutilando no oposto continente
tanto quanto vos tira naquele outro.
WORCESTER ·
Com bem pouca despesa o cortaríamos
aqui, lucrando ao norte esta saliência:
desta arte correrá sem mais obstáculos.
HOTSPUR · É o que eu reclamo; o gasto é pouca coisa.
GLENDOWER · Não quero alterações.
HOTSPUR · Ah! não quereis?
GLENDOWER · Nem na fareis.
HOTSPUR · E quem mo impedirá?
GLENDOWER · Eu, sem dúvida.
HOTSPUR · Então arranjai modo
de eu não vos entender; falai galês.
GLENDOWER · Posso falar, milorde, inglês tão puro
quanto vós, porque fui criado na corte
da Inglaterra, onde moço ainda, compunha
cantigas em inglês, para harpa, dando
modulações benéficas à língua,
virtude que jamais em vós se há visto.
HOTSPUR · De todo o coração me alegro com isso;
preferira ser gato e miar sem pausa,
a ser compositor de tais baladas;
gosto mais do ringir desses candeeiros
de cobre e do eixo seco de uma roda.
Nada aos dentes me faz tanta gastura,
como ouvir recitar uma poesia
prentensiosa: é tal qual o falso trote
de um cavalo que raspa o chão com o casco.
GLENDOWER ·
Basta! basta! Podeis desviar o Trento.
HOTSPUR · Não faço caso; em terra, isso, três vezes
eu daria a qualquer amigo certo;
mas em negócios, tomai nota, eu brigo
pela novena parte de um cabelo.
Já estão passados os contratos? Vamo-nos?
GLENDOWER · Faz belo luar; podeis partir de noite.
Vou apressar o escrevente e, ao mesmo tempo,
dar a vossas esposas a notícia.
Temo se torne louca minha filha,
de tal modo é apegada ao seu esposo.

(Sai.)

MORTIMER ·
Como tratais meu pai, Percy! Que coisa!
HOTSPUR · Não está em mim; amiúde me exaspera

shakespearebrasileiro.org

falando da toupeira e da formiga,
do encantador Merlin, de profecias,
peixes sem barbatana, dragos, grifos
de asas cortadas, corvos, quando em muda,
de um leão deitado, um gato rastejante,
e não sei mais que coisas que me põem
fora do siso. Digo mais: na noite
passada ele prendeu-me umas nove horas
a enumerar os nomes dos demônios
que o servem. Eu dizia: Hum! Adiante!
sem prestar atenção. É mais cacete
do que mulher colérica ou cavalo
cansado, muito pior do que uma casa
cheia de fumo. Fora preferível
viver à parte num moinho, apenas
de queijo e de alho, a ser rico de tudo,
tendo de suportá-lo, em qualquer casa
luxuosa de verão da Cristandade.

Mortimer · Digo que é um gentil-homem de valor,
muito lindo e senhor de extraordinários
segredos, tão valente como um leão,
afável como poucos, generoso
como as minas das Índias. Acho, primo,
que ele tem vosso gênio em grande apreço,
pois domina sua própria natureza,
quando o contraditais. Certo: domina-se.
Juro-vos que não há viva alma alguma
que, como o tendes feito, o provocasse,
sem incorrer no risco da resposta.
Sede mais cauteloso, é o que eu vos peço.

Worcester · Sois passível, milorde, de censura.
Desde que aqui chegastes, fazeis tudo
para que ele a paciência a perder venha.
Urge desse defeito corrigir-vos;
pois embora, por vezes, seja prova
de coragem, grandeza, sangue nobre —
o que de mais gracioso vos confere —
amiúde é sinal de ímpeto colérico,
ausência de domínio, de cordura,
presunção, altivez, desdém e orgulho.
O menor deles num fidalgo basta
para alienar os corações e deixa
mácula na beleza das virtudes,
tirando-lhes o mérito inerente.

Hotspur · Muito bem; aprendi; sede bonzinhos.
Aí vêm nossas esposas; despeçamo-nos.

(Volta Glendower com Lady Percy e Lady Mortimer.)

Mortimer · Mortal contrariedade! Minha esposa
não fala inglês, nem eu galês entendo.

Glendower · Chora porque vos ides sem levá-la;
deseja ser soldado e ir para a guerra.

Mortimer · Bondoso pai, dizei-lhe que ela e a tia
Percy irão ter conosco brevemente,
sob vossa proteção.

(Glendower fala em galês com Lady Mortimer, e esta lhe responde na mesma língua.)

Glendower · Ela está desesperada; é uma bichinha
teimosa e cabeçuda, que não atende a coisa alguma.

(Lady Mortimer fala a Mortimer em galês.)

Mortimer · Compreendo teus olhares; o adorável
galês que me despejas desses túmidos
céus, conheço-o bem; não fora o pejo,
no mesmo linguajar te respondera.

(Lady Mortimer torna a falar em galês.)

Teus beijos, os compreendo; os meus, entendes;
eis tudo para um diálogo sensível.
Mas não descansarei, querida, enquanto
não houver aprendido teu idioma,
pois tua língua o galês deixa tão doce
quanto suaves canções que uma rainha
num bosque de verão canta com meigas
modulações ao toque do alaúde.

Glendower ·
Bah! Se vos derreteis, ela enlouquece.

(Lady Mortimer torna a falar.)

Mortimer · Sou a própria ignorância nessa língua.

Glendower · Pede que vos deiteis nos juncos leves
e a cabeça pouseis em seu regaço,
que ela vos captará quanto quiserdes,
o deus do sono aos olhos fará vir-vos
e vos encantará em deliciosa
languidez, separando da vigília
o sono de tal forma, como se acha
da noite o dia, na hora em que a divina
parelha o áureo percurso a este começa.

Mortimer · De todo coração desejo ouvi-la,
enquanto, é de supor, a ata se apronta.

Glendower · Fazei-o;
os músicos que devem deleitar-vos
a mil léguas daqui, no ar, ainda se acham;
não tardarão a vir; sentai-vos logo
para escutá-los.

Hotspur · Vem, Kate, para aqui; em questão de
deitar, tu és mestra. Vamos! Depressa! depressa! para
que eu recoste a cabeça em teu regaço.

shakespearebrasileiro.org

Lady Percy · Vamos, ganso estouvado.
(Glendower fala algumas palavras em galês, e logo se ouve música.)
Hotspur · Vejo agora que o diabo entende galês; não admira que seja tão caprichoso. É certo: ótimo músico!
Lady Percy · Nesse caso deveríeis ser excelente músico, por serdes governado por caprichos. Mas ficai quieto, celerado, e escutai a lady cantar em galês.
Hotspur · Preferira ouvir minha cachorra Lady uivar em irlandês.
Lady Percy · Queres que te parta a cabeça?
Hotspur · Não.
Lady Percy · Então fica quieto.
Hotspur · Também não; é defeito das mulheres.
Lady Percy · Que Deus te guie.
Hotspur · Para a cama da dama galesa.
Lady Percy · Que foi que dissestes?
Hotspur · Caluda! Ela está cantando.
(Lady Mortimer canta um romance galês.)
Hotspur · Kate, desejo ouvir também vossa canção.
Lady Percy · Eu não canto; palavra de honra.
Hotspur ·
Palavra de honra! Meu coração, jurais tal qual
mulher de confeiteiro. "Eu não canto, palavra de honra!"
e: "Tão certo como estar viva!" e: "Deus que me perdoe!"
e: "Por esta luz do dia!"
em tanta seda as juras envolvendo,
como se teus passeios não chegassem
adiante de Finsbury. Kate, faze-me
um juramento como a dama que és,
com a boca cheia, e deixa as tais palavras
de honra e esses protestos de confeitos
para essa gente em trajes de veludo,
que passeia aos domingos. Vamos, canta.
Lady Percy · Não quero cantar.
Hotspur · Não há como isso para fazer passar por alfaiate ou educador de pássaros. Se os contratos já estiverem prontos, partirei dentro de duas horas. Portanto, vinde quando quiserdes.
(Sai.)

Glendower ·
Lorde Mortimer, vinde; sois tão lento
para partir quanto é fogoso Percy
no ardor em que se agita. Já estão prontos
os contratos; agora, é só selá-los
e montar a cavalo in continenti.
Mortimer · De todo coração.
(Saem.)

Ato III · Cena II

Londres. Um quarto no palácio.
Entram o Rei Henrique, o príncipe e lordes.

Rei Henrique ·
Deixai-nos, lordes, que eu preciso agora
falar com o príncipe de Gales. Mas
não vades para longe, que teremos,
breve, necessidade de vós todos.
(Saem os lordes.)
Não sei se Deus assim quis que se desse
em seu desígnio oculto, por alguma
falta de minha parte, que a um só tempo
me nascesse do sangue a pena e o açoite.
Mas em todo o decurso de tua vida
fazes-me crer que estás assinalado
para a vingança ardente e atroz vergasta
de minhas transgressões. Se não, responde,
como paixões tão baixas e selvagens,
ações de tal vileza, impuras e íntimas,
tão estéreis prazeres, sociedade
tão soez como aquela que freqüentas,
a nobreza do sangue te acompanham
e ao teu sentir de príncipe se igualam?
Príncipe · Se Vossa Majestade consentisse,
desejara poder justificar-me
de minhas faltas todas como tenho
certeza de apagar muitas de quantas
se me atribuem. Por isso vos imploro
que depois de eu destruir muitas das fábulas
que chegam ao ouvido da grandeza
por vis novidadeiros e risonhos
bajuladores, venha a ser perdoado

shakespearebrasileiro.org

graças à confissão de alguns deslizes
que não nego e em que a minha mocidade
mal dirigida e irregular, se tenha
porventura extraviado.
Rei Henrique ·
Deus te perdoe. Contudo, Henrique, admiro-me
de tuas afeições, que em direção
contrária o vôo soltam à de todos
os teus antepassados. Já perdeste
teu lugar no Conselho, ora ocupado
por teu irmão mais moço, e te tornaste
estranho a toda a corte e mesmo aos príncipes
de meu sangue; a esperança e expectativa
de teu futuro se acham arruinadas,
não havendo ninguém que na alma deixe
de prever tua queda inevitável.
Se eu houvesse também malbaratado
minha presença servilmente, expondo-me
aos olhares dos homens, por vender-me
tão barato à vulgar gente do povo,
a opinião, que me fez subir ao trono,
fiel teria ficado ao rei legítimo,
deixando-me em desterro desonroso
como homem sem valor e sem futuro.
Mas, sendo pouco visto, despertava
admiração, como os cometas, sempre
que me mexia. Aos filhos uns diziam:
É aquele! E outros: Qual deles? onde se acha
Bolingbroke? E eu, nessa hora, arrebatava
do céu as homenagens e vestia-me
com tamanha humildade, que obediência
do coração de todos recolhia,
e das bocas os vivas e os saudares,
té mesmo quando junto ao rei coroado.
Desta arte conservei-me intacto e novo;
minha presença, como vestimenta
pontifica, causava sempre assombro
por sua raridade: deste modo
minha passagem, rara, mas suntuosa,
quase sempre uma festa parecia;
a própria raridade lhe emprestava
tal caráter solene. O rei estróina
com bufões deambulava e com essa gente
de cabeça de palha que se extingue
mal começa a acender; malbaratava
seu estado, manchando a realeza
com saltimbancos; seu augusto nome
com sarcasmos insulsos profanava,
consentindo, a despeito de quem era,
em aplaudir motejos de seus pajens
e a ser alvo, até, de ínfimas pilhérias
de qualquer peralvilho desbarbado.
Tornou-se familiar das vias públicas
e se deu como feudo ao populacho,
que, por vê-lo a toda hora e sem medida,
desse mel se fartaram, começando
a mostrar repugnância até à doçura,
que, um pouco mais de nada, é já excessiva.
Por isso, quando acaso se mostrava,
era tal qual o cuco em mês de junho:
ouvido; não notado; visto apenas
por olhos fatigados pelo abuso,
não mais afeitos à visão mirífica
do sol da majestade, que mui raras
vezes cai sob as vistas extasiadas,
olhos adormecidos, cujas pálpebras
caíam diante dele como soem
homens sombrios frente aos inimigos
de presença enjoativa e fatigante.
Nesse mesmo caminho, Harry, te encontras,
após teres perdido os privilégios
de tua posição com tais comparsas.
Todos os olhos se acham fatigados
de teu banal aspecto, com exceção
dos meus, que mais e mais mirar-te anseiam,
e que ora, a meu malgrado ficam cegos
por este absurdo excesso de ternura.
Príncipe · De futuro, senhor, hei de mostrar-me
mais digno de mim mesmo.
Rei Henrique · Exatamente
como és agora era Ricardo, quando
vim de França e saltei em Ravenspurgh,
e como eu, nesse tempo, é Percy agora.
Pelo meu cetro e por minha alma, Percy
se mostra muito mais digno do trono
do que tu que és herdeiro só de nome,
pois sem sombra sequer de algum direito
cobre os campos do reino com soldados,
afronta a goela do leão sanhudo,
e sem dever aos anos mais que tu,

shakespearebrasileiro.org

guia lordes antigos e prelados
reverendos a pugnas sanguinosas
e combates mortais. Que excelsa glória
ganhou vencendo o tão famigerado
Douglas, cujas façanhas, atrevidas
incursões e o alto nome, entre os soldados
por grande maioria lhe asseguram
o título de chefe incontestado
onde quer se acate a lei de Cristo!
Por três vezes Hotspur, esse guerreiro
na infância, Marte em cueiros, pôde o grande
Douglas desbaratar; numa das vezes
o aprisionou, deixando-o livre após;
fez-se-lhe amigo, para encher a boca
do desafio, e a paz e a segurança
do nosso trono, assim, pôr em perigo.
Que dizes a tudo isso? Percy, Mortimer,
Douglas, Northumberland, mais o arcebispo
de York contra nós se levantaram.
Mas por que revelar-te essas notícias?
Por que falar-te, Henrique, de adversários,
se és meu maior imigo e o mais querido?
És bem capaz, talvez, por servil medo,
baixo pendor, ou mesmo algum capricho,
de lutar contra mim sob o alto Percy,
seguir-lhe como um cão todos os passos
e agachar-te a seus gritos, tão-somente
para que todos vejam quanto e quanto
de mim degeneraste.

PRÍNCIPE · Não, tal não se dará; não penseis nisso.
Que Deus perdoe a quantos a afeição
de Vossa Majestade me desviaram.
Na cabeça de Percy hei de tudo isso
redimir, e, depois de uma jornada
gloriosa, quero ter, enfim, o orgulho
de poder declarar-me vosso filho,
quando vestes trajar tintas de sangue,
e, de sangue, no rosto trouxer máscara,
que, lavada, a vergonha há de limpar-me.
Será no dia, pouco importa quando,
em que esse filho da Honra e da Fortuna,
o galante Hotspur, o mui louvado
cavaleiro, e o vosso Harry já esquecido
derem de se encontrar. Que as honras todas
que no elmo ostenta, em número crescessem,
redobrando as vergonhas que me pesam
sobre a cabeça! Há de vir tempo, afirmo-o,
em que esse herói do norte suas proezas
trocará pelas minhas ignomínias.
Percy, senhor, é apenas um preposto
que guarda, para mim, seus altos feitos;
mas hei de pedir contas tão severas,
que ele há de restituir-me as glórias todas,
até o menor louvor, ou, do contrário,
com a conta o coração hei de arrancar-lhe.
Isso em nome de Deus aqui vos juro,
e se Ele consentir que o leve a cabo,
suplico a Vossa Majestade queira
pensar essas feridas de meus vícios;
senão, visto partir a Morte os vínculos,
passar por cem mil mortes eu prefiro,
a quebrar desta jura a menor parte.

REI HENRIQUE ·
Cem mil rebeldes morrem com esta jura.
Terás pleno poder e inteiro apoio.

(Entra Sir Walter Blunt.)

Bondoso Blunt, a pressa tens nos olhos.

BLUNT · E no assunto, também, que aqui me trouxe.
Lorde Mortimer manda-nos da Escócia
a notícia do encontro dos rebeldes
ingleses e de Douglas no dia onze
deste mês, em Shrewsbury. Mais temível
e poderosa força — se as promessas
feitas de parte a parte se cumprirem —
jamais causou no Estado tal distúrbio.

REI HENRIQUE · O conde de Westmoreland
partiu hoje com Lorde de Lencastre,
meu filho; o aviso viera, há cinco dias.
Seguirás quarta-feira próxima, Harry;
marcharemos na quinta; nosso encontro
se dará em Bridgeworth. Deves, Harry,
cortar Gloucestershire. Desse modo,
dentro de doze dias, por meu cálculo,
é certo nos juntarmos em Bridgeworth.
Há muito por fazer; vai, que eu te sigo;
nossa demora é a vida do inimigo.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena III

Eastcheap. Um quarto na taberna "Cabeça de Javali". Entram Falstaff e Bardolfo.

Falstaff · Bardolfo, não achas que eu decaí vergonhosamente depois desse último feito? Não estou menor? Não estou desaparecendo? Vê como a minha pele está pendurada, tal qual roupa de velha; encontro-me tão murcho que nem maçã cozida. Vou cuidar do arrependimento, enquanto me restam algumas carnes; dentro de pouco tempo, com o desânimo, me faltará energia para tanto. Se eu já não me esqueci de como é feito o interior de uma igreja, quero ser grão de pimenta ou cavalo de cervejeiro. O interior de uma igreja! As companhias, as más companhias é que foram a minha perdição.

Bardolfo · Sir John, andais tão irritado que não podeis viver muito tempo.

Falstaff · Sim, é isso; canta-me algo obsceno, para alegrar-me. Eu era dotado da virtude necessária para um cavalheiro; sim, bastante virtuoso; blasfemava pouco, não jogava mais de sete vezes por semana, não entrava em casas suspeitas mais de uma vez em cada quarto... de hora, paguei três ou quatro dívidas, vivia bem e sempre com muita medida. E agora, vivo sem ordem alguma e fora de toda medida.

Bardolfo · Sois tão gordo, Sir John, que necessitais andar fora de toda medida, de toda medida razoável, Sir John.

Falstaff · Reforma primeiro tua cara, que eu reformarei minha vida. És o nosso almirante; trazes a lanterna na popa, isto é, pendente do nariz: és o cavaleiro da lâmpada ardente.

Bardolfo · Ora, Sir John: minha cara não vos faz nenhum mal.

Falstaff · É certo, posso jurá-lo; tiro dela o mesmo proveito que para algumas pessoas tem um crânio ou um *memento mori*; sempre que olho para o teu rosto, me lembro do fogo do inferno e do rico que vivia na púrpura; ali está ele, de fato, com suas vestes, ardendo, ardendo. Se revelasses um resquício de virtude, eu juraria pelo teu rosto da seguinte maneira: Por este fogo divino! Mas estás perdido de todo; a não ser pela luz que irradias do rosto, poderias ser considerado filho das trevas. Quando subias Gadshill, a correr, de noite, para pegar o meu cavalo, se eu não te tomei por um *ignis fatuus* ou uma bola de fogo de artifício, então o dinheiro já não tem valor. És um triunfo perpétuo, uma fogueira perene. Já me poupaste uns mil marcos de círios e tochas, por andares comigo de taberna em taberna, mas o xerez que me chupaste daria para comprar luz do mais careiro fabricante de vela de toda a Europa. Há trinta e dois anos que eu alimento o fogo dessa salamandra. Que Deus me recompense por isso.

Bardolfo · Com todos os demônios! Quisera que meu rosto estivesse em vossa barriga!

Falstaff · Misericórdia! Só assim eu morreria de azia. *(Entra Mistress Quickly.)* Então, dona Galinha Partlet, a senhora já verificou quem me esvaziou os bolsos?

Estalajadeira · Ora, Sir John! Que estais pensando, Sir John? Imaginais, porventura, que em minha casa eu dou abrigo a ladrões? Procurei por tudo; eu e meu marido interrogamos homem por homem, menino por menino, criado por criado. Em minha casa nunca ninguém perdeu a décima parte de um cabelo.

Falstaff · Estais mentindo, estalajadeira; Bardolfo fez-se barbear aqui e perdeu muito cabelo. Juro que me limparam os bolsos. Ide embora; não passais de uma mulher; ide.

Estalajadeira · Quem? Eu? Quanto a isso, eu te desafio. Pela luz divina, até hoje nunca fui tratada desse jeito em minha casa.

Falstaff · Ide-vos logo; conheço-vos muito bem.

Estalajadeira · Não, Sir John; não me conheceis, Sir John; eu, sim, é que vos conheço, Sir John; deveis-me dinheiro, Sir John, e agora armais essa briga, para ver se eu me esqueço disso. Comprei uma dúzia de camisas para cobrir-vos as costas.

Falstaff · Grosseira linhagem, sem nenhum valor! Dei-as a umas padeiras, para que fizessem peneiras delas.

Estalajadeira · Isso agora! Tão certo como eu ser uma mulher honesta, as camisas eram de holanda de oito xelins a vara. Além disso, Sir John, deveis-me refeições, bebidas extraordinárias e ainda dinheiro emprestado, num total de vinte e quatro libras.

shakespearebrasileiro.org

FALSTAFF · Aqui está quem também tomou parte nisso; ele que pague.

ESTALAJADEIRA · Esse coitado? É pobre; não tem coisa nenhuma.

FALSTAFF · Pobre? Vede-lhe o rosto. A que dais o nome de rico? Ele que mande cunhar o nariz e as bochechas. Não pagarei um centavo. Tomais-me por um mocinho inexperiente; não posso repousar na hospedaria que freqüento, sem que me revistem os bolsos? Tiraram-me o anel que foi de meu avô, e que valia quarenta marcos.

ESTALAJADEIRA · Jesus do céu! Já ouvi o príncipe dizer não sei quantas vezes que esse anel era de cobre.

FALSTAFF · Como!? O príncipe é um João-ninguém, um palhaço. Se ele estivesse aqui e me dissesse isso, eu o espantaria como a um cão.

(Entram o príncipe e Poins, marchando; Falstaff lhes sai ao encontro, usando do bastão como de flauta.)

FALSTAFF · Que há de novo, rapaz? Sopram os ventos aqui pelo quarto? Teremos de seguir, também?

BARDOLFO · Que dúvida! Dois a dois, à moda de Newgate.

ESTALAJADEIRA · Milorde, por obséquio, ouvi-me.

PRÍNCIPE · Que é que há, Mistress Quickly? Como vai passando o teu marido? Quero-lhe muito bem; é um homem honesto.

ESTALAJADEIRA · Meu bom senhor, ouvi-me.

FALSTAFF · Manda-a embora e escuta-me.

PRÍNCIPE · Que estás a dizer, Jack?

FALSTAFF · Roubaram-me aqui a noite passada, quando eu adormeci atrás da cortina. Esta casa está ficando com muito má fama; revistam o bolso da gente.

PRÍNCIPE · E que perdeste, Jack?

FALSTAFF · Acreditar-me-ás, Hal? Três ou quatro cédulas de quarenta libras e um anel que foi de meu avô.

PRÍNCIPE · Uma frioleira! Quando muito poderia valer oito pence.

ESTALAJADEIRA · Foi o que lhe disse, milorde, acrescentando que ouvira isso de Vossa Graça. Milorde, ele fala de vós em termos muito baixos, como desbocado que é; afirmou que havia de espancar-vos.

PRÍNCIPE · Como!? Não é possível.

ESTALAJADEIRA · Se não o disse, quero que não haja em mim nem fé, nem verdade, nem sexo.

FALSTAFF · Não há mais fé em ti do que em uma maçã cozida, nem mais verdade do que em uma raposa arrancada da toca. Quanto ao sexo, a donzela Mariana se prestaria muito melhor do que tu para mulher de um inspetor de quarteirão. Sai daí, coisa!

ESTALAJADEIRA · Como coisa? Dizei: que coisa?

FALSTAFF · Que coisa? Ora, um genuflexório.

ESTALAJADEIRA · Eu não sou nenhum genuflexório, é bom que o saibas; sou mulher de um homem de bem; ao passo que tu, se pusermos de parte a tua condição de cavaleiro, és um grande maroto por me dares esse nome.

FALSTAFF · E se pusermos de parte a tua condição de mulher, és um bicho por dizeres o contrário.

ESTALAJADEIRA · Como bicho, velhaco? Que espécie de bicho?

FALSTAFF · Que espécie? Ora, uma lontra.

PRÍNCIPE · Uma lontra, Sir John? Por que uma lontra?

FALSTAFF · Por quê? Por não ser nem carne nem peixe; a gente não sabe por onde pegá-la.

ESTALAJADEIRA · És injusto falando por esse modo; como todo o mundo, sabes muito bem por onde pegar-me. Velhaco!

PRÍNCIPE · Tens razão, estalajadeira; ele te calunia grosseiramente.

ESTALAJADEIRA · E a vós também, milorde; ainda outro dia ele disse que lhe deveis mil libras.

PRÍNCIPE · Miserável! Eu vos devo mil libras?

FALSTAFF · Mil libras, Hal? Um milhão! Teu amor vale um milhão. Deves-me o teu amor.

ESTALAJADEIRA · Fez mais, milorde; chamou-vos de João-ninguém e prometeu espancar-vos.

FALSTAFF · Eu disse isso, Bardolfo?

BARDOLFO · Em verdade, Sir John, vós o dissestes.

FALSTAFF · Sim, não o nego, no caso de dizer ele que o meu anel era de cobre.

PRÍNCIPE · Pois repito que é de cobre; atreves-te agora a fazer o que prometeste?

FALSTAFF · Bem sabes, Hal: considerando que és apenas homem, atrever-me-ia; mas na qualidade de príncipe, temo-te como ao rugido de um filhote de leão.

PRÍNCIPE · E por que não o leão?

FALSTAFF · O rei é que é para ser temido como um leão; pensas, então, que eu tenho tanto medo de ti

shakespearebrasileiro.org

como de teu pai? Se for o caso, peço a Deus que o meu cinturão arrebente.

Príncipe · Oh! Se tal acontecesse, as tripas viriam bater-te nos joelhos. Grande patife, em teu corpo não há lugar nem para a fé, nem para a verdade, nem para a honestidade: só contém intestinos e diafragma. Acusar uma mulher honesta de esvaziar-te os bolsos! Velhaco estufado e sem vergonha, se em teus bolsos havia mais do que contas de taberna, endereços de casas de má fama e um miserável torrão de açúcar do valor de um pêni, para dar-te um pouco mais de fôlego; se teus bolsos continham outras riquezas, além dessas porcarias, quero ser um vilão chapado. E ainda vos obstinais, sem quererdes embolsar um desmentido! Não tens vergonha?

Falstaff · Escuta, Hal; bem sabes que Adão pecou no estado de inocência. Que poderia fazer o pobre Jack Falstaff nesta época de corrupção? Bem vês que tenho mais carne do que ninguém e, conseguintemente, mais fragilidade. Confessais, então, que me esvaziastes os bolsos?

Príncipe · É o que se conclui da história.

Falstaff · Eu te perdôo, estalajadeira. Vai logo aprontar o almoço; ama a teu marido, vigia os criados, cuida dos hóspedes; sempre me encontrarás disposto a acatar razões honestas. Como vês, já me acalmei. Vai, não recomeces; vai embora, por favor.

(Sai Mistress Quickly.)

E agora, Hal, as notícias da corte: em que deu a questão do assalto?

Príncipe · Oh meu suculento rosbife! Continuo sendo o teu anjo da guarda: o dinheiro foi restituído.

Falstaff · Não me agrada isso de restituir dinheiro: é trabalho dobrado.

Príncipe · Eu e meu pai, agora, somos amigos; posso fazer o que quiser.

Falstaff · Então começa roubando o tesouro real, e o faze sem lavar as mãos.

Bardolfo · Isso mesmo, milorde.

Príncipe · Jack, arranjei-te um posto na infantaria.

Fasltaff · Ficaria mais satisfeito com cavalaria. Onde poderei achar quem saiba roubar com perfeição? Oh! um bom ladrão de seus vinte e dois anos! Estou inteiramente desprevenido. Deus seja louvado por causa desses rebeldes; só fazem mal aos virtuosos; eu, de mim, os aprecio e aplaudo.

Príncipe · Bardolfo!

Bardolfo · Milorde?

Príncipe · Leva esta carta a meu irmão João,
João de Lencastre; dá esta a milorde
de Westmoreland.
Vamos, Poins; a cavalo, que até à hora
do jantar precisamos ter vencido
trinta milhas de chão. Jack, procura-me
amanhã em Temple-Hall, pelas duas horas.
Ficarás conhecendo tuas funções,
e, com dinheiro, ser-te-ão dadas ordens
para equipar teus homens.
A terra queima; Percy está nos cimos;
ele ou nós a sorte decidimos.

(Saem o príncipe, Poins e Bardolfo.)

Falstaff · Bela frase! Que mundo! O almoço, flor!
Fizesse eu da taberna o meu tambor!

(Sai.)

Ato IV · Cena I

O campo dos rebeldes, perto de Shrewsbury. Entram Hotspur, Worcester e Douglas.

Hotspur · Belo, nobre escocês! Se falar franco
neste mundo sutil não fosse o mesmo
que adulação, tais elogios Douglas
ora receberia, que o mais bravo
soldado destes tempos não correra
com mais fama por todo o vasto mundo.
Por Deus! não sei fingir; desprezo as línguas
desses aduladores; mas é certo
que em minha alma ninguém mais alto posto
reclama do que vós. Ponde-me à prova,
milorde; segurai-vos do que eu digo.

Douglas · És o rei da honra;
não há ninguém tão forte sobre a terra
que eu não reptasse.

Hotspur · A mim; é bom que o faças.

(Entra um mensageiro, com cartas.)

Que trazes tu?

(A Douglas.)

Só posso agradecer-vos.

shakespearebrasileiro.org

MENSAGEIRO · Cartas de vosso pai.
HOTSPUR · De sua parte!
Por que causa não veio ele em pessoa?
MENSAGEIRO · Não pode vir, milorde; está doente.
HOTSPUR ·
Com os demônios! Como acha ele ocasião
de adoecer em tal tempo? E suas tropas,
quem as conduz? Quem marcha à frente delas?
MENSAGEIRO · Suas cartas o dirão; não eu, milorde.
WORCESTER · Informa-me uma coisa: está de cama?
MENSAGEIRO · Sim, milorde, fazia quatro dias;
e no instante de minha despedida
os médicos se achavam muito inquietos.
WORCESTER · Desejara que as coisas melhorassem
primeiro, antes que a doença o visitasse.
Jamais seu bem-estar valeu como hoje.
HOTSPUR · Adoecer agora! Perder forças!
Essa doença infecciona os próprios estos
de nosso empreendimento; seus efeitos
se estenderão por todo o nosso campo.
Escreve-me que é interna a enfermidade,
que não pôde apressar os partidários
por meio de recados, pois receava
semelhante missão, tão perigosa
quão prezada, confiar fosse a quem fosse.
Contudo, nos envia o audaz conselho
de avançarmos com as nossas fracas forças
para ver se a Fortuna está conosco,
pois, escreve, recuar é já impossível,
porque o rei deve estar a par de todos
os nossos planos. Que pensais sobre isso?
WORCESTER · Essa doença deixou-nos mutilados.
Terrível golpe; é um membro que nos cortam.
Mas, vendo bem, nem tanto; exageramos
a falta que nos faz. É aconselhável
arriscar quanto temos num só lanço
de dados e jogar tão rica presa
no duvidoso azar de uma hora incerta?
Não fora bem: poríamos às claras
a alma e o fundo de nossas esperanças,
o termo, o limite último de nossas
aspirações.
DOUGLAS · Realmente; assim façamos,
que nos resta, ainda, bela expectativa;
podemos gastar tudo, na esperança
do que há de vir.
Fica-nos o consolo de um recuo.
HOTSPUR · Um refúgio, um lugar onde abrigar-nos,
se o demônio e a má sorte cobiçarem
as primícias de nosso empreendimento.
WORCESTER · Ainda assim, desejara que conosco
vosso pai se encontrasse. A natureza
de nosso intento não admite quebras
nem divisões. Quem não souber a causa
de achar-se ausente, há de pensar que o conde
se afastou por lealdade ou por prudência,
ou mesmo antipatia ao que fazemos.
Semelhante apreensão, pensai bem nisso.
pode fazer que uma facção medrosa
venha a mudar de curso, ocasionando
questões no seio mesmo da entrepresa.
Pois bem sabeis que nós, os que exigimos,
precisamos fugir de exames longos,
tapar todas as fendas e os buracos
por onde o olho do juízo espiar-nos possa.
Essa ausência descerra uma cortina
que mostra ao ignorante um novo medo
com que antes não sonhara.
HOTSPUR · Avançais muito.
Vejo nela, ao invés, certa vantagem,
que é ter a nossa empresa maior brilho,
maior autoridade e mais prestígio
do que se o conde aqui estivesse. Os homens
pensarão que se nós, sem tal auxílio,
podemos fazer face à monarquia,
com ele a deixaríamos de borco.
Por enquanto estão sãs nossas junturas;
tudo está bem.
DOUGLAS · É a visão da coragem, pois na Escócia
a palavra temor não se ouve nunca.

(Entra Sir Ricardo Vernon.)

HOTSPUR ·
Primo Vernon! Bem-vindo, por minha alma!
VERNON · Deus permita que as novas o mereçam!
O Conde de Westmoreland,
forte de sete mil, se acha em caminho;
o Príncipe João também vem com ele.
HOTSPUR · Não faz mossa; que mais?
VERNON · Soube, além disso,
que se pôs o monarca mesmo em campo
ou se dispõe a vir celeremente
para cá, comandando ingentes forças.
HOTSPUR ·
Também será bem-vindo. E onde se encontra

shakespearebrasileiro.org

seu filho, tão ligeiro e tresloucado,
o Príncipe de Gales? Onde o bando
que o acompanha e que o mundo pôs de parte,
mandando que não pare?
Vernon · Em armas todos;
todos bem equipados, semelhantes
a avestruzes, ao vento as plumas soltas,
sacudidos como águias ao banharem-se,
nas cotas de ouro o brilho das imagens,
cheios de vida como o mês de maio
e, como o sol do estio, esplendorosos;
na inquietação, cabritos, e selvagens
como touros. O moço Henrique hei visto,
de viseira calada e armado a ponto,
levantar-se do solo como o alado
Mercúrio, e tão ligeiro à sela alçar-se
tal como se das nuvens viesse um anjo
para domar um Pégaso altanado
e o mundo enfeitiçar com sua destreza.
Hotspur · Basta! basta! Pior que o sol de maio,
gera febre esse encômio. Pois que venham!
Chegam já ataviadas como vítimas
que vamos ofertar quentes e rubras
à deusa de olhos ígneos dos combates
fumacentos. Com sangue até às orelhas
em seu altar vai Marte ora sentar-se.
Ardo ao pensar que, assim tão perto, ainda
não é nossa tal presa. Meu cavalo,
ides ver, vai lançar-me como um raio
contra o peito do Príncipe de Gales.
Corcéis em togo, Henrique contra Henrique
lutará até que morto um deles fique.
Oh, se Glendower cá estivesse!
Vernon · Há novas:
em Worcester ouvi, quando em caminho,
que ele não poderá reunir seus homens
antes de quinze dias.
Douglas · Esta é a pior
até agora de todas as notícias.
Worcester ·
Sem dúvida nenhuma, um som glacial.
Hotspur · A quanto monta o exército do rei?
Vernon · Trinta mil.
Hotspur · Pois que chegue até a quarenta.
Mesmo estando meu pai e Glendower ausentes,
lutarão nossas forças mui contentes.
Façamos a revista; o último dia
já está perto; morramos com alegria.
Douglas · Não faleis em morrer, não temo a sorte,
nem, ainda, este meio ano, a mão da Morte.

(Saem.)

Ato IV · Cena II

Uma estrada pública perto de Coventry.
Entram Falstaff e Bardolfo.

Falstaff · Bardolfo, vai indo na frente, até
Coventry, e enche-me uma garrafa de xerez. Nossos
soldados atravessarão a cidade; teremos de chegar à
noite a Sutton-Colfield.
Bardolfo · Quereis dar-me o dinheiro, capitão?
Falstaff · Gasta, gasta à vontade.
Bardolfo · Essa garrafa custa um anjo.
Falstaff · Se é assim, toma meu trabalho, ainda
que custe vinte, fica com todos eles, que eu respondo
pela cunhagem. Dize ao meu tenente Peto que me
procure na outra ponta da cidade.
Bardolfo · Assim farei, capitão; passai bem.

(Sai.)

Falstaff · Quero ser bacalhau seco, se os meus soldados não me envergonham. Abusei miseravelmente da ordem real de alistamento. Por cento e cinqüenta soldados, ganhei trezentas e tantas libras; só alisto proprietários sólidos e filhos de lavradores; procuro informar-me dos noivos cujos proclamas já tenham sido lidos duas vezes, esses comodistas bem agasalhados que preferem ouvir o diabo a um tambor, aos quais um tiro de espingarda infunde maior medo do que a uma ave assustadiça ou a pato silvestre ferido. Só recrutei desses torradas-com-manteiga, de coração situado no ventre e pequenino como uma cabeça de alfinete. Todos compraram a dispensa do serviço, motivo por que a minha tropa se compõe agora de porta-bandeiras, sargentos, tenentes, oficiais de companhia, uns pobres-diabos tão esfarrapados

shakespearebrasileiro.org

quanto Lázaro dos panos de decoração, a quem os cachorros do glutão lambem as chagas; indivíduos que nunca sentaram praça, criados despedidos por desonestidade, os filhos mais jovens dos filhos segundos, criados de taberna que fugiram ao emprego e estalajadeiros arruinados, cancros, todos eles, de uma sociedade tranqüila e de uma paz prolongada, dez vezes mais vergonhosamente andrajosos do que a velha bandeira remendada. É essa a gente de que disponho para pôr no lugar dos que compraram a dispensa do serviço, a ponto de imaginardes que se trata de cento e cinqüenta filhos pródigos andrajosos que até então cuidassem de porcos, compartilhando de seus bagaços e babugens. Um tipo aloucado, que passou por mim na estrada, disse que eu havia esvaziado as forcas e recrutado cadáveres. Jamais olho humano contemplou semelhantes espantalhos. É de ver que eu não atravessarei Coventry com eles, tanto mais que estes velhacos marcham de pernas abertas como se carregassem grilhetas, porque em verdade os mais deles vieram das prisões. Não há mais do que uma camisa e meia em toda a companhia, não passando essa metade de dois guardanapos costurados e postos sobre os ombros, no jeito da túnica sem mangas dos arautos. Quanto à camisa, para dizer toda a verdade, foi roubada do meu hoteleiro em Santo Albano, se é que não o foi do homem de nariz vermelho do albergue de Daventry. Mas, que tem isso? Não lhes faltará roupa branca por todas essas cercas.

(Entram o príncipe e Westmoreland.)

PRÍNCIPE · Então, Jack pançudo? Como vai isso, acolchoado?

FALSTAFF · Olá, Hal! Que tal, maluquinho? Que diabo andas fazendo por Warwickshire? Meu bom lorde de Westmoreland, peço-vos perdão; julgava que Vossa Honra já estivesse em Shrewsbury.

WESTMORELAND · De fato, Sir John; era mais que tempo; ambos nós já devíamos ter lá chegado; no entanto, minha tropa ainda está por aqui. Posso afiançar-vos que o rei conta com a vossa cooperação; teremos de andar a noite toda.

FALSTAFF · Babau! Não vos preocupeis comigo; sou sempre tão vigilante quanto gato no ponto de furtar creme.

PRÍNCIPE · Bem apanhado: furtar creme! porque, à força de o fazeres, te transformaste em manteiga. Mas, dize-me uma coisa, Jack, que gente é essa que vem aí atrás?

FALSTAFF · Minha, Hal; minha.

PRÍNCIPE · Nunca vi chusma mais miserável.

FALSTAFF · Ora, ora! bons de sobra para serem espetados. Carne para canhão, carne para canhão. Saberão encher um fosso tão bem como os melhores. Pois é, amigo: homens mortais, homens mortais.

WESTMORELAND · Não há dúvida, Sir John; mas parece-me que estes são por demais pobres e mal nutridos; excessivamente andrajosos.

FALSTAFF · A pobreza, não sei de onde lhes veio; quanto ao serem mal nutridos, tenho certeza de que não aprenderam comigo.

PRÍNCIPE · É o que eu ia jurar; a menos que dês o nome de magreza a três dedos de gordura nas costelas. Mas vamos logo; Percy já se encontra no campo de batalha.

FALSTAFF · Como! O rei já acampou?

WESTMORELAND · Já, Sir John; receio que estejamos demorando demais.

FALSTAFF · Bem;
para guerra no fim e almoço posto,
mau soldado e conviva bem disposto.

(Saem.)

Ato IV · Cena III

O campo dos rebeldes perto de Shrewsbury.
Entram Hotspur, Worcester, Douglas e Vernon.

HOTSPUR · À noite atacaremos.

WORCESTER · Não é possível.

DOUGLAS · Dar-lhe-eis vantagens.

VERNON · Absolutamente.

HOTSPUR · Por que o dizeis? Não espera ele reforços?

VERNON · Tal como nós.

HOTSPUR · Os dele são seguros.

WORCESTER · Prudência, primo; é conveniente não atacar de noite.

shakespearebrasileiro.org

VERNON · Isso, milorde.
DOUGLAS · Vosso conselho é mau; o medo e o frio
do coração vos faz falar agora.
VERNON ·
Douglas, não me injurieis. Por minha vida! —
sustentarei com a vida o que vos digo —
desde que a honra prudente me aconselha,
dou tanto ouvido ao fraco medo, como
qualquer escocês vivo, ou vós, milorde.
Amanhã, na batalha, mostraremos
qual de nós dois tem medo.
DOUGLAS · Ainda esta noite.
VERNON · Que seja.
HOTSPUR · A noite, digo.
VERNON · Vamos, não pode ser. Muito me espanta
que vós todos, caudilhos tão conspícuos,
não vejais a seqüência de empecilhos
que a empresa nos retarda. Alguns cavalos
do primo Vernon ainda não chegaram,
só tendo hoje alcançado o nosso campo
os do vosso tio Worcester, que se acham
no momento com o brio entorpecido
pelo cansaço e faltos de coragem,
valendo cada um deles a metade
da metade do que eram.
HOTSPUR · Em conjunto,
do mesmo modo estão os do inimigo;
cansados das jornadas e abatidos.
Dos nossos, os melhores já folgaram.
WORCESTER ·
Os do rei sobreexcedem muito aos nossos.
Por Deus, primo, aguardai que cheguem todos.
(Ouve-se toque de corneta, anunciando a chegada de um parlamentar.)
(Entra Sir Walter Blunt.)
BLUNT · Trago do rei propostas mui graciosas,
se quiserdes ouvir-me e respeitar-me.
HOTSPUR ·
Sir Walter Blunt, bem-vindo! O céu quisesse
que estivésseis também do nosso lado.
Muitos aqui vos amam; e esses mesmos
o bom nome e os trabalhos vos invejam
por não serdes de nossa qualidade,
mas a todos tratardes como imigos.
BLUNT ·
Deus impeça o contrário, enquanto os lindes
transgredirdes das leis, alevantando-vos
desta arte contra a sacra majestade.
Mas, ao que vim: mandou-me o rei com o fito
de saber vossas queixas e o motivo
de hostil vos levantardes desse modo,
no seio da paz pública, ensinando
tamanha crueldade a seu leal povo.
Se o rei pôde olvidar vossos serviços —
que são grandes, conforme o reconhece —
formulai vossas queixas, pois com a pressa
possível heis de ter, com juros, tudo
o que pedirdes, sobre conceder-vos
absoluto perdão, que abrange quantos
por vossas sugestões se achem transviados.
HOTSPUR · Muita bondade de sua parte; todos
vemos bem que o rei sabe quando é tempo
de prometer e tempo de pagar.
Meu pai, meu tio e eu próprio lhe ofertamos
o cetro que ora ostenta. Quando apenas
tinha vinte e seis anos e era muito
malvisto em toda parte, pobre e mísero,
um banido sem nome, que na pátria
só podia viver às escondidas,
meu pai foi recebê-lo em nossas praias.
E quando o ouviu jurar que como Duque
de Lencastre, somente, é que voltava,
a reclamar seus bens e a paz, com lágrimas
de inocência e protestos de lealdade,
meu pai, dele apiedado, comovido,
jurou prestar-lhe auxílio e foi sincero.
Mas, logo que os barões e os lordes viram
Northumberland para eles inclinado,
vieram todos, os grandes e os pequenos,
saudá-lo reverentes, nas cidades,
vilas e lugarejos; esperavam-no
nas pontes, nos caminhos; presenteavam-no;
prestavam juramentos e entregavam-lhe
os filhos para pajens, em douradas
multidões sempre aos passos a seguir-lhe.
Mas a grandeza se conhece, e agora
fica ele um pouco acima da promessa
feita a meu pai, no tempo em que era pobre,
em Ravenspurgh, na praia desolada.
Hoje intenta a reforma de uns editos —
imaginai! — de alguns decretos rígidos,
que pesam demasiado sobre o povo,
grita contra os abusos e se mostra
compungido com os males da república.
E com esse rosto, sob essa aparência

shakespearebrasileiro.org

de justiça, conquista os corações
de quantos ele engoda. Foi mais longe:
mandou decapitar os favoritos
do rei ausente que este aqui deixara
no seu lugar, no tempo em que partira
para a guerra da Irlanda.
BLUNT · Não vim para ouvir isso.
HOTSPUR · Chego ao ponto:
depôs o rei dentro de pouco tempo;
da existência o privou logo após isso;
impôs taxas pesadas sobre o Estado;
ainda pior: permitiu que seu parente
March — que, com rigor, houvera sido
seu verdadeiro rei — ficasse em Gales
preso e por lá deixado sem resgate;
defraudou-me da glória dos meus louros,
procurou enredar-me em seus manejos,
destituiu meu tio do Conselho,
raivoso demitiu meu pai da corte,
quebrou jura após jura, errou cem vezes,
forçando-nos, em suma, a neste exército
procurar segurança, sobre termos
de contestar-lhe o título que achamos
doloso por demais para ser dele.
BLUNT · Deverei dar ao rei essa resposta?
HOTSPUR · Não, Sir Walter; queremos combinar.
Retornai para o rei; que ele nos mande
caução para o retorno do emissário,
e amanhã muito cedo irá meu tio
levar-lhe nossas condições. Adeus.
BLUNT · Desejo que aceiteis amor e graça.
HOTSPUR · É bem possível.
BLUNT · Deus proveja nisso.

(Saem.)

Ato IV · Cena IV

Um quarto no palácio do arcebispo.
Entram o Arcebispo de York e Sir Micael.

ARCEBISPO · Meu bom Sir Micael, levai nas asas
da pressa ao Lorde Marechal a carta
selada que aqui tendes. Para o primo
Scroop esta outra; as demais, conforme os nomes
dos endereços. Creio que poríeis
toda a pressa, se o assunto conhecêsseis.
SIR MICAEL · Meu bom senhor,
suspeito o que contém.
ARCEBISPO · É bem possível.
Amanhã, meu bondoso Sir Micael,
a fortuna de dez mil homens deve
passar por prova decisiva. É certo:
porque em Shrewsbury, Sir, conforme pude
colher de fonte limpa, o rei com forças
poderosas e à pressa levantadas,
deve atacar Lorde Harry. Sir Micael,
receio que a doença de milorde
Northumberland, em cujas forças todos
confiávamos, e a ausência de Glendower,
que de apoio valioso lhes servira,
mas que não foi, por certas profecias,
receio que o poder de Percy seja
fraco demais para enfrentar as forças
do rei sem dilação.
SIR MICAEL · Não vejo causa
para assustar-vos, meu bom lorde; o Douglas
lá se encontra e, com ele, Lorde Mortimer.
ARCEBISPO · Não; Mortimer não foi.
SIR MICAEL · Mas Lorde Percy, Mordake, Vernon,
sem levarmos em conta Lorde de Worcester
e um pugilo de nobres valorosos.
ARCEBISPO · De fato; mas está com o rei a nata
de todo o reino: o Príncipe de Gales,
Lorde João de Lencastre,
o nobre Westmoreland, Blunt ardoroso,
e muitos outros concorrentes, todos
experientes guerreiros de prestígio.
SIR MICAEL ·
Não o duvideis: hão de encontrar repulsa.
ARCEBISPO · É o que espero; contudo é bom ter medo.
Para evitar o pior, sir, apressai-vos.
Se Percy for vencido, o rei tenciona,
antes de dissolver suas forças, vir-nos
fazer uma visita, pois já sabe
que entramos na conjura. É mui prudente
fortificar-nos. Portanto, pressa,
que ainda vou escrever a outros amigos.
E com isso, passai bem, Sir Micael.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena I

O acampamento do rei, perto de Shrewsbury.
Entram o Rei Henrique, o Príncipe João de Lencastre, Sir Walter Blunt e Sir John Falstaff.

REI HENRIQUE ·
Como surge sangrento o sol nos bosques
daquela elevação! Parece pálido
o dia, a tal conspecto.
PRÍNCIPE · A seus desígnios
o vento sul faz de trombeta, uivando
roucamente nas folhas o presságio
de um pavoroso dia de tormenta.
REI HENRIQUE ·
Faz causa com os vencidos, que aos que vencem
coisa alguma sombrio lhes parece.
(Soam trombetas.)
(Entram Worcester e Vernon.)
Como milorde de Worcester, não fica
bem que nós dois nos encontremos nestas
circunstâncias. Burlastes a confiança
que em vós depositávamos; forçaste-nos
a despir a ampla veste da quietude
e a apertar no aço duro os velhos membros.
Isso não é bom, milorde; isso é bem triste.
Que respondeis? Quereis de novo o laço
desatar de uma guerra abominável,
retornando para a órbita de sempre,
onde luz natural e tão radiosa
vos distinguia, sem mais continuardes
como úmido meteoro que suscita
pavor, presságio certo de desgraças
que impendem sobre os tempos não nascidos?
WORCESTER · Meu soberano, ouvi-me.
De meu lado, ficara satisfeito,
se passasse o restante da existência
gozando as horas quietas, pois protesto
que jamais hei buscado esse desgosto.
REI HENRIQUE ·
Não o buscastes? De onde, então, proveio?
FALSTAFF · Encontrou no caminho a rebelião.
PRÍNCIPE · Empadão, fica quieto!
WORCESTER ·
Quis Vossa Majestade o olhar da graça
desviar de minha casa e de mim próprio,
conquanto vos relembre que nós fomos
vossos primeiros e mais fiéis amigos.
Quebrei, por vós, no tempo de Ricardo,
meu bastão de comando; dia e noite
viajei para que a mão vos osculasse,
quando em prestígio e posição não éreis
como eu tão poderoso e afortunado.
Fomos, eu próprio, meu irmão, seu filho,
os que vos repatriamos, enfrentando
os perigos do tempo. Então jurastes —
e foi isso em Doncaster — que não tínheis
em mente nada contra o Estado, e apenas
vínheis reivindicar vosso direito
sobre Gaunt, o ducado de Lencastre.
Nessas bases, juramos-vos ajuda.
Mas a Fortuna logo choveu tanto
sobre vossa cabeça, e tão grande onda
vos colheu de venturas: nosso auxílio,
a ausência do monarca, os desvarios
de uma época corrupta, os sofrimentos
aparentes que tínheis suportado
e os ventos que o monarca tanto tempo
prenderam na infeliz guerra da Irlanda,
a tal ponto que todos na Inglaterra
o julgavam sem vida. Nesse enxame
de vantagens risonhas encontrastes
a ocasião de fazer que vos pedissem
enfeixásseis na mão todo o governo;
esquecestes a jura de Doncaster;
como o cuco, essa raça ingrata e rude,
faz com o pardal: tomastes-nos o ninho;
com a nossa ajuda tanto vos inchastes,
que de vós nosso afeto se afastava
para não ser tragado; sim, forçoso
nos foi, por segurança, bater asas
para onde não nos vísseis, e estas mostras
de guerra organizar. Ora contamos
com quanto contra vós próprio forjastes
com atitudes odiosas e ações graves
e a violação de toda a fé que tínheis
afiançado no albor de vossa empresa.
REI HENRIQUE · As coisas que ora articulastes foram
proclamadas nas ruas dos mercados,
lidas em todas as igrejas, para

shakespearebrasileiro.org

dar brilho à vestimenta da revolta
com cores que encantar a vista possam
de alguns novidadeiros e dos pobres
descontentes que ficam boquiabertos
e o cotovelo coçam, à notícia,
dessas reviravoltas imprevistas.
Nenhuma insurreição careceu nunca
de cores de aquarela para a sua
causa dar certo brilho, nem da inquieta
canalha, que faminta sempre se acha
de confusões, ruínas e desordens.
PRÍNCIPE · De parte a parte muitas almas devem
pagar caro este encontro, se em verdade
viermos a combater. Dizei o vosso
sobrinho que com todo o mundo o Príncipe
de Gales se associa no elogio
de Harry Percy. Por minhas esperanças!
se pusermos de parte esta entrepresa,
não creio que haja nobre algum mais bravio,
mais ativo e valente, ou moço e forte,
mais audaz e arrojado e digno em tudo
de o tempo engalanar com atos nobres.
Por minha parte — coro ao confessá-lo —
tenho sido o mandrião dos cavaleiros,
opinião, que o sei bem, de mim faz ele.
Mas ante a majestade de meu pai,
declaro que terei grande alegria
se ele ficar com todas as vantagens
de seu nome e da fama e estiver pronto,
para pouparmos sangue dos dois lados,
a tentar só por só comigo a sorte.
REI HENRIQUE ·
Nós, Príncipe de Gales, te arriscamos,
ainda que a isso se oponham infinitas
objeções. Não, bom Worcester; não, não;
amamos nosso povo, é certo; amamos
até mesmo os que se acham seduzidos
pelo vosso sobrinho. E se aceitarem
nossa graça na oferta que lhes damos,
ele e eles, como vós, todos, em suma,
serão nossos amigos e eu de todos.
Dizei a vosso primo isso e trazei-me
sua resposta. Mas, caso não ceda,
a força e a repressão conosco se acham,
e farão seu ofício. Podeis ir-vos.
Não quero mais cansar-me com essa fala;
boa é a oferta; tratai de aproveitá-la.

(Saem Worcester e Vernon.)

PRÍNCIPE · Por minha vida! Não serão aceitas.
Juntos, Douglas e Hotspur, como se encontram,
o mundo inteiro armado desafiam.
REI HENRIQUE ·
Avante, pois; os chefes em seus postos.
Assim que responderem, lá estaremos;
que Deus ampare a nossa causa justa.

(Saem o rei, Blunt e João de Lencastre.)

FALSTAFF ·
Hal, se me vires tombar na batalha, cobre-me
com o teu corpo; é preito de amizade.
PRÍNCIPE · Somente um colosso poderia prestar-me
semelhante preito de amizade. Dize as tuas orações,
e adeus.
FALSTAFF · Desejara, Hal, que fosse hora de deitar e
que tudo estivesse bem.
PRÍNCIPE · Ora, deves uma morte a Deus.

(Sai.)

FALSTAFF · A letra ainda não está vencida; repugna-
me pagá-la antes do termo. Que necessidade tenho
eu de ir ao encontro de quem não me chama? Bem,
não importa: é a honra que me incita a avançar.
Sim, mas, se a honra me levar para o outro mundo,
quando eu estiver avançando? E então? Pode a honra
encanar uma perna? Não. Ou um braço? Não. Ou
suprimir a dor de uma ferida? Não. Nesse caso, a
honra não entende de cirurgia? Não. Que é a honra?
Uma palavra. Que há nessa palavra, honra? Vento,
apenas. Bela apreciação! Quem a possui? O que
morreu na quarta-feira. Pode ele senti-la? Não. Ou
ouvi-la? Não. Trata-se, então, de algo insensível?
Sim, para os mortos. E não poderá ela viver com os
vivos? Não. Por quê? Opõe-se a isso a maledicência.
Logo, não quero saber dela: a honra não passa de um
escudo de porta de casa de defunto. E aqui termina o
meu catecismo.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena II

O acampamento dos rebeldes, perto de Shrewsbury. Entram Worcester e Vernon.

WORCESTER · Sir Ricardo, não deve o meu sobrinho
saber que o rei foi liberal na oferta.
VERNON · Fora bom que o soubesse.
WORCESTER · Nesse caso,
todos nós estaríamos perdidos.
Não é possível, nunca pode dar-se
que o rei nos ame sempre, como o disse;
sempre há de desconfiar e de achar tempo
de punir esta ofensa noutras faltas;
cheia de olhos será sempre a suspeita,
porque confiamos na traição do mesmo
modo que na raposa: por mais dócil,
domesticada e presa, não se esquece
dos selvagens ardis da própria raça.
Mostremos o semblante alegre ou triste,
nosso olhar há de ser sempre suspeito;
nossa vida será a do boi no estábulo:
se o tratamento é bom, perto está a morte.
O erro do meu sobrinho será fácil
de esquecer, que o desculpa o sangue ardente
da mocidade, além da alcunha em tudo
privilegiada de chamar-se o doido
Hotspur e de possuir miolo de lebre.
Sobre a cabeça de seu pai e a minha
cairão seus erros todos: educamo-lo;
e já que se estragou por nossa culpa,
como fonte do mal, tudo expiaremos.
Por isso, caro primo, que Harry nunca
venha a saber das condições propostas.
VERNON · Falai como entenderdes, que eu confirmo;
vosso primo aí vem vindo.

(Entram Hotspur e Douglas; atrás, oficiais e soldados.)

HOTSPUR · Meu tio já voltou; soltai milorde
de Westmoreland. Que novas, meu bom tio?
WORCESTER · O rei vai atacar-nos sem detença.
DOUGLAS · Enviai-lhe um desafio por milorde
de Westmoreland.
HOTSPUR · Lorde Douglas, dizei-lhe essas palavras.
DOUGLAS ·
Como não? Bem contente e sem demora.

(Sai.)

WORCESTER ·
Não há no rei nem sombra de clemência.
HOTSPUR · E acaso a mendigastes? Deus nos livre.
WORCESTER ·
Com bons termos falei de nossas queixas
e de seus juramentos quebrantados,
o que ele pensa corrigir jurando
que não quebrou nenhuma. Dá-nos o nome
de traidores, rebeldes, e promete
castigar pelas armas nosso gesto.

(Volta Douglas.)

DOUGLAS · Às armas, cavalheiros! Já no rosto
lancei do rei Henrique um repto ousado;
Westmoreland, que era refém, levou-o;
isso há de aqui trazer-no-lo depressa.
WORCESTER · Diante do rei o Príncipe de Gales
para combate singular, sobrinho,
vos reptou.
HOTSPUR · Oh! Quem dera que a contenda
sobre nossas cabeças repousasse
e que ninguém, salvo eu e Harry Monmouth,
a vida hoje perdesse! Dizei logo:
em que termos o fez? Mostrou desprezo?
VERNON ·
Não, por minha alma; nunca em minha vida
soube de desafio mais modesto,
a menos que um irmão a outro invitasse
para exercício de armas amigável.
Quanto a um homem adorna, concedeu-vos;
em linguagem de príncipe teceu-vos
o elogio; falou de vossos feitos
como uma crônica, deixando sempre
seus encômios aquém de vossos méritos,
por julgá-los acima de elogios.
Depois, tal como a um príncipe compete,
fez crítica severa de si mesmo,
censurando seus erros com tal graça,
como se dispusesse de dois dotes,
o de ensinar e o de aprender a um tempo.
Nisso ficou. Ao mundo, entanto, eu digo
que se ele sobrevive ao presente ódio,
jamais terá a Inglaterra uma esperança
tão bela e promissora e ao mesmo tempo
tão mal interpretada em seus desvios.

shakespearebrasileiro.org

HOTSPUR · Primo, penso que estais enamorado
de suas estroinices. Nunca houve
príncipe tão devasso e amalucado.
Mas, seja ele o que for, antes da noite,
com braços de soldado hei de apertá-lo,
derrubando-o com minha cortesia.
Armai-vos logo! E, amigos, camaradas,
considerais melhor vossos deveres
do que eu, tão carecente de eloqüência,
poderia dizer para exaltar-vos.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Milorde, aqui estão cartas para vós.
HOTSPUR · Não é possível lê-las.
Cavalheiros, a vida é muito curta;
mas gastar em baixezas esse tempo,
fora longo demais, ainda que a vida
cavalgasse o ponteiro de um relógio,
para extinguir-se dentro de uma hora.
Viver, para pisar em reis e príncipes;
morrer, mas com bravura, e eles conosco.
Quanto à nossa consciência, belas sempre
são as armas, se o espírito for justo.

(Entra outro mensageiro.)

MENSAGEIRO · Preparai-vos, milorde, o rei já chega.
HOTSPUR · Sou-lhe grato por vir interromper-me.
Não gosto de discurso; isto, apenas:
que se esforce cada um o mais possível.
Saco de minha espada, cuja lâmina
pretendo enrubescer no melhor sangue
que se me deparar nas aventuras
deste dia tão cheio de perigos.
E ora: *Espérance! Percy!* e avançar sempre.
Mandai tocar os nobres instrumentos
de guerra e ao seu clangor nos abracemos,
porque — o céu contra a terra! — muitos, certo,
jamais renovarão tal cortesia.

(Soam trombetas; abraçam-se e saem.)

Ato V · Cena III

Planície entre os dois acampamentos.
Entra o rei com suas forças; toque de combate; depois, entram Douglas e Sir Walter Blunt.

BLUNT · Que nome tens, para que assim me cruzes
no caminho da luta? Que honras buscas
sobre minha cabeça?
DOUGLAS · Vais sabê-lo:
meu nome é Douglas; e se assim me afano
sempre em teu seguimento na batalha,
é por me haverem dito que és o rei.
BLUNT · Contaram-te a verdade.
DOUGLAS · Lorde Stafford pagou hoje bem caro
parecer-se contigo, Rei Henrique;
matou-o, em teu lugar, a minha espada,
que o mesmo a ti fará, se, porventura,
não te entregares logo prisioneiro.
BLUNT · Orgulhoso escocês, não nasci fraco;
vais encontrar um rei que vinga a morte
de Lorde Stafford.

(Combatem; Blunt é morto; entra Hotspur.)

HOTSPUR · Oh Douglas, se tivesses desse jeito
lutado em Holmedon, eu não teria
jamais a um escocês levado a palma.
DOUGLAS · Vencemos; acabou-se: eis morto o rei,
HOTSPUR · Onde?
DOUGLAS · Aqui.
HOTSPUR · Esse, Douglas? Jamais! Conheço-o bem:
um guerreiro de prol, chamado Blunt,
que como o próprio rei trazia as armas.
DOUGLAS ·
Que um louco a alma te siga em toda parte.
Pagaste caro o título emprestado.
Por que disseste, então, que eras o rei?
HOTSPUR · Vestido como o rei, muitos o seguem.
DOUGLAS ·
Por minha espada, vou matar-lhe as cotas,
e, mais, peça por peça, o guarda-roupa,
até que, enfim, o rei seja encontrado.
HOTSPUR · Prossigamos, então; nossos soldados
mais que nunca se mostram esforçados.

(Saem.)

(Toque a rebate; entra Falstaff.)

FALSTAFF · Embora eu haja conseguido escapar
de Londres, sem pagar, receio ter de prestar contas
aqui. Neste lugar a conta é riscada no toutiço do
freguês. Devagar! Quem és tu aí? Sir Walter Blunt!

shakespearebrasileiro.org

Que honra para vós! Quanta vaidade! Estou tão quente como chumbo derretido; tão quente e tão pesado! Deus me preserve de chumbo; não necessito de mais peso do que o de minhas próprias entranhas. Deixei os meus farrapos de gente onde os apimentaram a valer: dos cento e cinqüenta, escaparam apenas três, e assim mesmo em condições de só prestarem para mendigar o resto da vida nas portas da cidade. Mas quem vem aí?

(Entra o príncipe.)

Príncipe · Estás parado? Empresta-me a tua espada. Muitos nobres tombaram duros e hirtos sob os cascos do inimigo jactancioso, sem serem vingados. Dá-me a tua espada.

Falstaff · Oh Hal! Por piedade, deixa-me respirar um pouco. O turco Gregório jamais realizou as façanhas guerreiras que eu fiz hoje. Justei contas com Percy; pu-lo em lugar seguro.

Príncipe · Não duvido que o esteja; encontra-se vivo para matar-te. Vamos, empresta-me a tua espada.

Falstaff · Não! Por Deus, Hal; se Percy ainda está com vida, não terás a minha espada; mas, caso queiras, podes levar a minha pistola.

Príncipe · Pois seja. Mas que vejo! Ainda se encontra no estojo.

Falstaff · Sim, Hal; está quente, está quente; dará para engarrafar uma cidade.

(O príncipe arranco do estojo uma garrafa de xerez.)

Príncipe · Como! Isto é hora de brincadeiras e de galhofes?

(Atira-lhe a garrafa e sai.)

Falstaff · Está bem; se Percy ainda vive, vou furá-lo; bem entendido, no caso de atravessar-se ele em meu caminho, porque no caso de eu ir, por minha vontade, ao seu encontro, pode ele reduzir-me a carne assada. Não me agrada absolutamente a honra careteira que adorna Sir Walter. Dêem-me vida! Se puder conservá-la, bem; se não, a glória virá sem ser chamada. E com isso chegamos ao fim.

(Sai.)

Ato V · Cena IV

Rebate. Movimento de tropas.
Entram o Rei Henrique, o príncipe, João de Lencastre e Westmoreland.

Rei Henrique · Peço-te,
Henrique, sai do campo; estás sangrando.
Lorde João de Lencastre, ide com ele.

Lencastre ·
Não, milorde; eu também quero sangrar.

Príncipe · Peço que Vossa Majestade volte
para a luta; receio que essa ausência
desanime os amigos.

Rei Henrique · Vou fazê-lo.
Milorde de Westmoreland,
levai-o para a tenda.

Westmoreland · Vinde, milorde; vou
acompanhar-vos.

Príncipe · Acompanhar-me? Não, não necessito
de vossa ajuda. Deus me livre que uma
simples arranhadura tire o Príncipe
de Gales deste campo de batalha
em que a nobreza está sendo esmagada
e os rebeldes triunfam no massacre.

Lencastre ·
Já descansamos bem; vamo-nos, primo
de Westmoreland, que ali se acha o caminho
do dever. Por amor de Deus, partamos!

(Saem João de Lencastre e Westmoreland.)

Príncipe ·
Por Deus, Lencastre, muito me enganavas;
não julgava que fosses de tal têmpera.
Amor fraterno, João, te devotava,
porém, como a própria alma, hoje te prezo.

Rei Henrique · Eu o vi fazer frente a Lorde Percy
com tal desenvoltura, como nunca
se esperara de um moço inexperiente.

Príncipe · Essa criança a nós todos encoraja.

(Sai.)

(Rebate. Entra Douglas.)

Douglas ·
Outro rei! São tais quais cabeças da Hidra.
Eu sou o Douglas fatal a quantos usam
semelhantes insígnias. Quem és tu,
que a pessoa do rei desta arte imitas?

Rei Henrique ·
O próprio rei, que sente muito, Douglas,

shakespearebrasileiro.org

por teres encontrado tantas sombras
dele em vez dele próprio. Meus dois filhos
a Percy e a ti procuram na batalha.
Mas já que tive a sorte deste encontro,
vou experimentar-te. Assim, defende-te.
(Lutam; no momento em que o rei se encontra em perigo, entra o príncipe.)

PRÍNCIPE · Vil escocês, levanta essa cabeça,
ou jamais o farás. O braço anima-me
o espírito de Shirley, Stafford, Blunt.
É o Príncipe de Gales que te ameaça,
que nunca prometeu, sem que pagasse.
(Combatem; Douglas foge.)
Refazei-vos, milorde. Como se acha
Vossa Majestade?
Sir Nicolas Gawsey mandou socorros,
como Clifton também; corro para este.

REI HENRIQUE · Pára; respira um pouco. Redimiste
teu crédito perdido, demonstrando
todo o apreço que tens à minha vida
com o socorro tão nobre que me deste.

PRÍNCIPE · Oh Deus! Injuriaram-me a esse ponto,
dizendo que eu queria vossa morte?
Se assim fosse, deixara que a mão ímpia
de Douglas sobre vós pesasse agora,
que vos teria dado fim tão rápido
quanto os venenos todos deste mundo,
poupando essa traição a vosso filho.

REI HENRIQUE ·
Vai para onde está Clifton; vou juntar-me
a Sir Nicolas Gawsey.
(Sai.)
(Entra Hotspur.)

HOTSPUR ·
És Henrique Monmouth, se não me engano?

PRÍNCIPE · Presumias, acaso, que o negasse?

HOTSPUR · Chamo-me Henrique Percy.

PRÍNCIPE · Neste caso,
vejo um bravo rebelde desse nome.
Sou o príncipe de Gales. Deixa, Percy,
de disputar-me a glória por mais tempo.
Não se movem dois astros numa esfera,
nem pode na Inglaterra haver, tampouco,
dois cetros: o do Príncipe de Gales
e o de Harry Percy.

HOTSPUR · É certo, Harry, o momento
chegou de um de nós dois deixar a vida.
Quisesse Deus que tua glória de armas
fosse agora tão grande quanto a minha?

PRÍNCIPE · Vou fazê-la maior ao separarmo-nos,
ceifando do teu casco os botões da Honra,
para tecer coroa que me adorne.

HOTSPUR · Enfara-me essa tua gabolice.
(Combatem.)
(Entra Falstaff.)

FALSTAFF ·
Bem respondido, Hal! A ele, Hal! Isto aqui não
é passatempo de crianças, podes crer-me.
(Entra Douglas, que combate com Falstaff, o qual se atira ao solo, fingindo-se morto; Douglas sai; Hotspur é ferido e cai.)

HOTSPUR ·
Roubaste-me, Harry, a mocidade. A perda,
porém, da vida frágil me dói menos
do que os títulos nobres que em mim ganhas.
Meu pensamento sofre mais que a carne
ferida por tua espada. Mas escravo
da vida é o pensamento, e a vida é apenas
bufão do tempo, e o tempo, que domina
tudo o que existe, há de parar um dia.
Oh! quisera falar do teu futuro,
mas a fria e terrosa mão da Morte
me pesa sobre a língua. És poeira, Percy,
só poeira e pasto...
(Morre.)

PRÍNCIPE · De vermes, bravo Percy.
Adeus, coração grande! Mal tecida
ambição, como agora te engrouvinhas!
Quando este corpo a uma alma dava abrigo,
limite ainda acanhado lhe era um reino;
mas agora dois passos de vil terra
são-lhe espaço bastante. Não se encontra
cavalheiro mais nobre nessa terra
que sustenta o teu corpo. Se ainda fosses
sensível aos encômios, não faria
demonstração tão franca de meu preito.
Mas que minhas insígnias te recubram
o rosto mutilado. Eu me agradeço
tal prova delicada de ternura.
Leva ao céu tão-somente os elogios;
que em tua sepultura durma a tua
desonra, não lembrada no epitáfio.
(Percebe Falstaff caído.)

shakespearebrasileiro.org

Um velho conhecido! Tanta carne
não reteve um pouquinho só de vida?
Adeus, meu pobre Jack! Melhor fora
se eu tivesse poupado melhor homem.
Pender-te me pesara hoje, em verdade,
se afeiçoado ainda eu fosse da vaidade.
Muitos corpos a Morte hoje há colhido,
mas nenhum como o teu, gordo e querido.
Vou mandar estripar-te; até que o faça,
de Percy jaze no cruor, na graça.

(Sai.)

FALSTAFF *(levantando-se)* · Estripar-me! Se me estripares hoje, consinto em que amanhã me salgues e depois me comas. Com os demônios! Já era tempo de fingir de morto, antes que esse escocês turbulento me livrasse das dívidas. Fingir, minto; não fingi coisa alguma. Morrer é que é fingimento, porque quem não tem vida de homem, não passa de fingimento de homem; mas, fingir de morto para conservar a vida, não é fingir a imagem da vida, senão representá-la com verdade e perfeição. A prudência é a parte melhor do valor; salvei a vida, graças a essa parte melhor. Com a breca! Apesar de morto, esse Percy pólvora de canhão me mete medo. E se ele também estivesse fingindo e se levantasse agora? Receio bem que saiba fingir melhor do que eu. Por isso mesmo, vou pô-lo em lugar seguro; sim, e hei de jurar que o matei. Por que motivo não poderá ele levantar-se tão bem como eu o fiz? Só poderiam contestar-me, se me vissem, o que não acontece neste momento. Por isso, amigo — *(dá-lhe uma punhalada)* — vinde comigo com mais este ferimento na perna. *(Põe às costas o cadáver de Percy.)*

(Entram o príncipe e João de Lencastre.)

PRÍNCIPE · Vamos, mano! Estreaste bravamente
tua espada ainda virgem.

LENCASTRE · Devagar!
Quem nos surge! Não tinhas dito que esse
homem gordo morrera?

PRÍNCIPE · Disse; eu próprio
o vi no chão, sangrento e inanimado.
Estás vivo, ou não passas de ilusão
de nossos olhos? Peço-te, responde.
Não confiamos na vida sem o ouvido;
não és o que pareces.

FALSTAFF · É certo; não sou um homem duplo; mas se não sou Jack Falstaff, quero ser um João-ninguém. Aqui está Percy — *(Atira o corpo ao solo.)* — Se vosso pai quiser conceder-me alguma honra, bem; caso contrário, que ele mesmo mate o próximo Percy. Espero tornar-me conde ou duque, posso assegurar-vos.

PRÍNCIPE · Mas se Percy foi morto por mim, ao tempo em que te encontravas sem vida!

FALSTAFF · Por ti? Senhor! Como este mundo é mentiroso! Concedo que me achava no solo, sem fôlego. O mesmo se dava com ele; mas nos levantamos logo e combatemos uma boa hora, calculada pelo relógio de Shrewsbury. Se acreditarem no que eu digo, bem; se não, que semelhante pecado recaia sobre a cabeça dos que têm por obrigação premiar o valor. Morro dizendo que fui eu que lhe fiz esta ferida na coxa. Se o homem estivesse vivo e quisesse negá-lo, obrigá-lo-ia a engolir um pedaço de minha espada.

LENCASTRE · Jamais soube de caso tão curioso.

PRÍNCIPE · É que esse tipo, mano, é o mais curioso de quantos têm vivido. Pois carrega
com nobreza teu fardo. De meu lado,
se uma mentira te for útil, quero
dourá-la com as palavras mais bonitas.

(Ouve-se toque de retirada.)

Tocam a retirada; o dia é nosso.
Vamos agora, mano, ver no campo
que amigos estão vivos, quais morreram.

(Saem o príncipe e João de Lencastre.)

FALSTAFF · Vou segui-lo como se diz, atrás da recompensa. Que Deus recompense quem me recompensar. Se eu crescer, diminuirei, porque pretendo purgar-me, abandonar o xerez e viver limpamente, como convém a um gentil-homem.

(Sai)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena V

Outra parte do campo de batalha.
Trombetas. Entram o Rei Henrique, o príncipe, João de Lencastre, Westmoreland e outros, com Worcester e Vernon, prisioneiros.

Rei Henrique ·
Sempre encontrou castigo a rebelião.
Não vos mandamos graça, malvado Worcester,
perdão para vós todos e amizade?
Expuseste o contrário do que eu disse,
e abusaste da fé de teu sobrinho.
Três cavaleiros nossos, mortos hoje,
um nobre conde e muitas mais criaturas
ainda estariam vivos,
se, como bom cristão, tivesses dado
bom recado entre os dois campos contrários.
Worcester · Só fiz o que exigia a minha própria
segurança. Paciente, aceito o fado
que inevitavelmente em mim recai.
Rei Henrique · Levai Worcester logo para a morte,
e também Vernon com ele. Sobre os outros
rebeldes, com vagar decidiremos.
(Saem Worcester e Vernon, escoltados.)
Em que pé se acha o campo de batalha?
Príncipe · O nobre escocês Douglas percebendo
que a sorte da jornada era contra ele,
o nobre Percy morto, os outros homens
prestes a debandar, fugiu com o resto,
mas machucou-se tanto numa queda,
que logo o aprisionaram. Douglas se acha
na minha tenda; peço a Vossa Graça
que eu possa dispor dele.
Rei Henrique · De bom grado.
Príncipe · Esse ato honroso de bondade, mano
João de Lencastre, cabe a vós agora:
ide a Douglas e ponde-o em liberdade
plena, incondicionada e sem resgate.
Seu valor, comprovado em nossas armas,
ensinou-nos a honrar os altos feitos
até mesmo no peito dos imigos.
Lencastre · Desejo agradecer a Vossa Graça
tão grande cortesia; serei prestes.
Rei Henrique · Ainda nos resta dividir as forças:
filho João, vós com o primo Westmoreland
sobre York marchareis a toda pressa,
contra Northumberland e o Bispo Scroop,
os quais, segundo ouvimos, se azafamam;
a Gales, filho Henrique, iremos ambos,
contra o Duque de March e Owen Glendower.
Mais um dia como este e a rebelião
rojará certamente pelo chão.
Depois de tal vitória, não paremos
sem que nossos bens todos conquistemos.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Personagens

O Rumor, apresentador da peça.
Rei Henrique IV.

Henrique, Príncipe de Gales, depois Henrique V } seus filhos.
Tomás, Duque de Clarence. }

João de Lencastre.
Humphrey de Gloster.

Conde de Warwick
Conde de Westmoreland
Conde de Surrey
Gower
Harcourt
Blunt
} partidários do rei.

Lorde Grande Juiz, do Tribunal do Rei.
Um oficial do Lorde Juiz.

Ricardo Scroop, Arcebispo de York
Lorde Mowbray
Lorde Hastings
Lorde Bardolfo
Sir John Colevile
} adversários do rei.

Travers e Morton, criados de Northumberland.
Sir John Falstaff.
Seu pajem.
Bardolfo.
Pistola.

Poins.
Peto.

Shallow
Silêncio
} juízes rurais.

Davy, criado de Shallow.

Mofado
Sombra
Verruga
Fraco
Bezerro
} recrutas.

Garra
Cilada
} oficiais do xerife.

Um porteiro.
Um dançarino, locutor do epílogo.
Lady Northumberland.
Lady Percy.
Mistress Quickly, estalajadeira em Eastcheap.
Doll Tearsheet.
Fidalgos, oficiais, soldados, mensageiros, moços de taberna, beleguins, lacaios, etc.

Cena

Inglaterra.

shakespearebrasileiro.org

Introdução

Warkworth; diante do castelo de Northumberland.
Entra o Rumor, com vestes em que se vêem pintadas muitas línguas.

RUMOR · Abri os ouvidos! Quem quer pôr entraves
à passagem dos sons, ao vir falar-vos
o Rumor barulhento? De este a oeste,
valendo-me do vento como posta,
relato o que se passa nesta bola
terrestre. Em minha língua sempre se acham
imposturas, que em todos os idiomas
eu anuncio, enchendo de mentiras
os ouvidos dos homens. Falo apenas
de paz, quando a fingida hostilidade,
sob o riso tranqüilo, o mundo talha.
Quem, se não eu, quem mais, se não o Rumor,
bandos reúne medrosos, faz defesas,
enquanto à época, inchada de outros males,
passa por esta grávida de Marte,
quando tal não se dá? O Rumor é flauta
de conjeturas, ciúmes e suspeitas,
instrumentos tão simples e tão fácil,
que o monstro rude de cem mil cabeças,
a ondeante multidão, sempre indecisa,
pode tocá-lo. Mas, por que meu corpo
tão conhecido dissecar na frente
dos próprios familiares? Qual a causa
de encontrar-se o Rumor aqui nesta hora?
Corro mais que a vitória do Rei Harry
que nos campos sangrentos de Shrewsbury
venceu o moço Hotspur e seus guerreiros,
as chamas apagando da orgulhosa
rebelião com o sangue dos rebeldes.
Mas por que dizer isso? Meu ofício
é contar que caiu Harry Monmouth
sob o gládio feroz do nobre Hotspur
e que o rei, ante a cólera de Douglas,
até à morte inclinou a fronte ungida.
Foi isso que espalhei pelas aldeias,
desde o campo de lutas de Shrewsbury
até esta fortaleza carcomida
em que finge estar doente o velho pai
de Hotspur, Northumberland.
Cansados, os correios se sucedem,
não contando eles mais do que as notícias
que aprenderam comigo. Pelas línguas
do Rumor chegam ledos e ligeiros,
mais fatais do que males verdadeiros.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Warkworth; diante do castelo de Northumberland. Entra Lorde Bardolfo.

LORDE BARDOLFO · Quem é o porteiro aqui?
(O porteiro abre o portão.)
Onde está o conde?
PORTEIRO · A quem devo anunciar?
LORDE BARDOLFO · Dá-lhe a notícia
de que Lorde Bardolfo o está esperando.
PORTEIRO · Sua Excelência se encontra no jardim;
se Vossa Honra quiser bater à porta,
ele mesmo abrirá.
(Entra Northumberland.)
LORDE BARDOLFO · Vem vindo o conde.
(Sai o porteiro.)
NORTHUMBERLAND ·
Lorde Bardolfo, que notícias? Cada
minuto agora engendra um fato grave.
Os tempos são difíceis; a discórdia,
qual cavalo de trato primoroso,
insana, o freio perde e, à sua passagem,
derruba quanto encontra.
LORDE BARDOLFO · Nobre conde,
trago-vos certas novas de Shrewsbury.
NORTHUMBERLAND ·
Boas, se Deus quiser.
LORDE BARDOLFO · Como as deseja
o coração: o rei se acha ferido
mortalmente e, na glória de milorde
vosso filho, foi morto o Príncipe Harry;
às mãos de Douglas os dois Blunts morreram;
Westmoreland e João, o jovem príncipe,
com Stafford a batalha abandonaram;
o roliço chumaço de Monmouth,
Sir John, caiu nas mãos de vosso filho.
Dia assim, disputado e tão bem ganho,
nunca o tempo exornou com tanto lustre,
desde as glórias de César.
NORTHUMBERLAND · Quem vos disse?
Vistes o campo? Viestes de Shrewsbury?
LORDE BARDOLFO ·
Falei, milorde, com alguém que veio
justamente de lá, um gentil-homem
de bom sangue e alto nome, que a notícia
como certa me deu sem que eu o pedisse.
NORTHUMBERLAND ·
Aí vem meu criado Travers, que eu mandei
na última terça-feira a colher novas.
LORDE BARDOLFO · Alcancei-o, milorde, no caminho;
não traz maior certeza do que quanto
pudesse ter ouvido de meus lábios.
(Entra Travers.)
NORTHUMBERLAND ·
Que boas novas, Travers, vem convosco?
TRAVERS · Milorde, Sir John Umfrevile fez-me
voltar da estrada com notícias ótimas;
porque melhor montado, ultrapassou-me.
Depois dele, a esporear com todo o empenho,
veio um fidalgo, morto de fadiga,
que ao meu lado estacou para ao cavalo
sangrento dar descanso. Perguntou-me
pela estrada de Chester; dele soube
notícias certas de Shrewsbury; disse
que a rebelião não tinha tido sorte
e que o esporão de Percy estava frio.
Com isso, as rédeas larga ao bruto altivo
e, inclinando-se, enterra o armado salto
nos flancos palpitantes do coitado,
té o botão da roseta. Desse modo,
partiu sem falar mais, só parecendo
que tragava o caminho.
NORTHUMBERLAND · Ah! Novamente:
frio estava o esporão de Henrique Percy?
Em vez de Esporão-quente, Esporão-frio?
Que a rebelião tivera sorte adversa?
LORDE BARDOLFO ·
Milorde, ouvi-me: se milorde moço,
vosso filho, a vitória não obteve,
pela minha honra, troco a baronia
por um laço de fita. Não falemos
mais nisso.
NORTHUMBERLAND ·
Então por que esse gentil-homem,
que por Travers passou, disse isso tudo?
LORDE BARDOLFO ·
Esse tal? Com certeza algum medroso
que roubara o cavalo e que falava
por falar. Eis notícias mais recentes.
(Entra Morton.)

shakespearebrasileiro.org

NORTHUMBERLAND ·
Sim, a fronte deste homem, como a capa
de certos livros, fala de tragédia.
É esse o aspecto da praia em que a ressaca
deixou a marca do império incontrastável.
Fala, Morton: vens vindo de Shrewsbury?
MORTON ·
Sim, meu nobre senhor, vim de Shrewsbury,
onde a Morte terrível pôs a máscara
mais feia que possuía para o nosso
partido amedrontar.
NORTHUMBERLAND · Como se encontram
meu filho e meu irmão? Tremes; mais apta
que tua língua, a palidez do rosto
me diz o teu recado. Um mensageiro
como tu, já sem forças, alquebrado,
no olhar a Morte, louco de infortúnio,
a cortina de Príamo, nas horas
mortas da noite, descerrou, querendo
dar-lhe a notícia de que Tróia ardia
pela metade. Mas o fogo Príamo
encontrou antes que ele a língua achasse,
e a morte do meu Percy eu, sem que fales.
Dir-me-ias: "Vosso filho fez tais atos;
vosso irmão outros tais; o nobre Douglas
assim lutou", enchendo-me os ouvidos
vorazes com seus feitos audaciosos.
Mas no fim, entupindo-os de verdade,
com um suspiro esfarias os encômios,
para finalizares: "Filho, irmão,
todos morreram."
MORTON · Douglas ainda vive,
bem como vosso irmão. Quanto a milorde,
vosso filho...
NORTHUMBERLAND · Ah! morreu! Vede que língua
pronta tem a suspeita. Quem receia
algo que conhecer lhe infunde medo,
lê nos olhos dos outros, por instinto,
que se deu justamente o que receava.
Agora fala, Morton; dize ao conde
que seu pressentimento é mentiroso,
e eu terei esse insulto por brinquedo,
sobre tornar-te rico pela ofensa.
MORTON · Sois muito grande para eu contestar-vos;
fiel, o pressentimento; o medo, justo.
NORTHUMBERLAND ·
Mas, apesar de tudo, não me venhas
revelar que Harry Percy já não vive.
Estranha confissão leio em teus olhos;
abanas a cabeça, parecendo-te
medo ou falta contar toda a verdade.
Se morreu, conta-o; não ofende a língua
que sua morte anuncia; erra somente
quem calunia um morto, não quem fala
para dizer que o morto não tem vida.
Contudo, o portador de infaustas novas
exerce um triste ofício; sua fala
ressoa como dobre de finados
que a perda de um amigo nos recorda.
LORDE BARDOLFO ·
Não posso crer, milorde, que morresse.
MORTON · Dói-me ter de obrigar-vos a dar crédito
ao que não desejara — Deus o sabe — jamais ter
visto. Mas estes meus olhos
o viram dessangrado, revidando,
quase sem força e alento, os feros golpes
de Harry Monmouth, cuja incontida cólera
fez o invencível Percy vir ao solo
de onde, vivo, não mais devia alçar-se.
Em suma, a morte de Harry Percy — cujo
espírito animava os mais remissos —
logo que foi sabida, o ardor e o fogo
gelou dos mais dispostos de sua tropa.
Ao partido o seu aço dava a têmpera;
morto ele, a ser o que eram todos voltam:
chumbo por demais rombo e assaz pesado.
E como as coisas que em si mesmas pesam,
quando forçadas, voam mais velozes,
nossos homens, com a perda de Harry Percy,
tão leves se tornaram pelo medo,
que, semelhos à flecha, quando a mira
procura, desertaram da batalha,
só cuidando de pôr a vida a salvo.
Foi então que o nobre Worcester deixou-se
aprisionar e que esse escocês louco,
Douglas sangrento, cuja espada excelsa
três espectros do rei já havia morto,
sentiu baquear-lhe o peito e honrou a vergonha
dos que volviam costas, sendo preso
na fuga, ao tropeçar de puro medo.
O rei venceu, em suma, e a vosso encontro,
milorde, já enviou forças ligeiras,
à testa das quais vem João de Lencastre
e Westmoreland. Eis todas as notícias.

shakespearebrasileiro.org

NORTHUMBERLAND ·
Para chorar, o tempo há de sobrar-me.
O veneno é remédio; essas notícias,
que, se eu bom estivesse, mal fariam,
doente, de certo modo, me curaram.
E tal como o infeliz, de juntas fracas
pela febre, qual mola que se encurva
sob o peso da vida, e que num rasgo
de furor, como o fogo, se liberta
dos braços do enfermeiro: assim meus membros,
de dor enfraquecidos e furiosos,
são três vezes o que eram. Fora, fora,
muleta inútil! É a manopla dura
de escamas de aço que, daqui por diante,
vai servir-me de luva. Fora, gorro
de doente! És proteção muito irrisória
para a cabeça que visar costumam
príncipes altanados. Minha fronte
cingi de ferro, e que a hora se aproxime
mais funesta que o tempo e o sofrimento
possam trazer para ameaçar o iroso
Northumberland. Que a terra e o céu se beijem!
Que a mão da natureza não detenha
mais as ondas selvagens! A ordem morra!
Deixe o mundo de ser, daqui por diante,
um palco em que as contendas se sucedem
com atos enfadonhos! Que no peito
de todos reine o espírito somente
do primogênito Caim, que os faça
ávidos só de sangue, porque o drama
brutal possa chegar ao termo exato
e o coveiro dos mortos seja a Noite.
TRAVERS · Essa emoção, milorde, vos faz mal.
LORDE BARDOLFO ·
Uni, meu caro conde, a honra à prudência.
MORTON · A vida das pessoas que vos seguem
pende de vossas forças. Entregando-vos
desse modo às paixões, é inevitável
que cedo delas decaiam. Calculastes,
meu nobre lorde, as conseqüências todas
desta guerra e pesastes seus azares
antes de à frente dela vos postardes.
Conjeturastes, certo, a sós convosco,
que, na distribuição dos golpes, vosso
filho talvez morresse. Bem sabíeis
que ele andava por cima dos perigos,
numa crista, da qual era possível
que viesse a despenhar-se, sem transpô-la.
Sabíeis que não era invulnerável
sua carne aos ataques e que o nobre
caráter o impelia aos mores riscos.
Contudo, o incentivastes: Vai! Nenhuma
dessas razões tão fortes deter pôde
vossa obstinada ação. Que é que de estranho
sucedeu? Que gerou a audaz empresa
se não o que era justo se previsse?
LORDE BARDOLFO ·
Quantos nos enredamos nesta perda,
sabíamos que o mar que navegávamos
fervilhava de escolhos e que tínhamos
uma em dez ocasiões de nos salvarmos.
Todavia, arriscamos, que a esperança
da glória compensava a expectativa
do perigo provável. Já que fomos
derrotados, tentemos novamente.
Vamos! Joguemos tudo: os bens e os corpos!
MORTON · É mais que tempo. Nobre e alto senhor,
sei de fonte segura, e a nova posso
secundar, que o valente Bispo de York
se levantou com tropas bem munidas.
É um homem que com dupla segurança
prende e liga os adeptos do partido.
Milorde vosso filho só dispunha
de corpos; meras sombras, aparências
de homens para lutar, porque o vocábulo
"rebelião" lhes trazia dissociados
a alma e o corpo; com náuseas e forçados
é que lutavam, como quem ingere
poção. De nosso lado apenas tínhamos
suas armas, porque as almas, à palavra
"rebelião", se tornaram congeladas
como peixes no tanque. Mas o bispo
transforma a insurreição em religião.
Porque honesto e de santos pensamentos,
de alma e corpo é seguido, e, ademais, sabe
fortalecer a causa que defende
com o sangue de Ricardo, o bom, raspado
das pedras de Pomfret; do céu deriva
seus princípios e a causa da revolta,
propondo-se livrar a infeliz terra
que geme sob o grande Bolingbroke.
Os grandes e os pequenos se lhe agregam.
NORTHUMBERLAND ·
Já o sabia; contudo, a falar franco,

shakespearebrasileiro.org

fizera-me esquecê-lo a dor de agora.
Ficai comigo e aconselhai-me a via
mais segura da glória e da vingança.
Expedi cartas; conquistai amigos;
nunca são por demais nestes perigos.

(Saem.)

Ato I · Cena II

Londres. Uma rua.
Entra Sir John Falstaff, seguido de um pajem que traz o escudo e a espada dele.

Falstaff · Olá, gigante, que disse o doutor de minhas águas?
Pajem · Disse, senhor, que, em si mesmas, as águas eram boas e sadias, mas que a pessoa a que pertenciam devia ter mais doenças do que ele suspeitava.
Falstaff · Homens de toda a espécie encontram prazer em zombar de mim. O cérebro desse estúpido composto de argila que se denomina homem não é capaz de inventar coisa alguma que provoque o riso, além do que eu invento ou do que se inventa a meu respeito; não somente sou espirituoso por mim mesmo, como também a causa de que outros venham a ter espírito. Andando deste modo diante de ti, pareço uma porca que houvesse esmagado todos os leitões, com exceção a um. Se o príncipe não te pôs a meu serviço apenas para que eu sobressaísse pelo contraste, é que careço completamente de juízo. Filho espúrio da mandrágora, ficarias melhor espetado no meu chapéu do que me seguindo os calcanhares. Nunca tive, até hoje, uma ágata; mas não é por isso que vou encastoar-vos em ouro ou prata, se não em trajos pífios, para devolver-vos a vosso patrão, como jóia de valor; sim, vosso patrão, o príncipe, esse juvenal de queixo ainda desprovido de penugem. O que eu digo é que primeiro me nascerá barba na palma das mãos do que a ele no queixo. No entanto, não tem escrúpulo de afirmar que possui cara real. Deus lhe dará à cara a última demão, quando bem lhe aprouver, que não se perderá com isso nenhum pêlo. Diga ele o que quiser; mas nessa cara real o barbeiro não ganhará nunca seis pence. No entanto, assume sempre uns ares de importância, como se já passasse por homem no tempo em que seu pai ainda era solteiro. Pois que fique com a sua graça, que na minha é que ele não mais se encontra, posso assegurar-lhe. Que disse mestre Dombledon a respeito do cetim para o meu manto curto e meus calções?
Pajem · Disse, senhor, que era necessário aval melhor do que o de Bardolfo; recusa tanto as letras deste como as vossas; considera-as pouco seguras.
Falstaff · Pois que seja condenado como o glutão rico, e que a língua se lhe torne ainda mais quente! Miserável Arquitofel! Velhaco das dúzias! Fazer esperar a um gentil-homem, para, no fim, pedir fiança! Esses malditos carecas, agora só usam sapatos altos e molho de chaves na cintura, e quando alguém lhes compra honestamente alguma coisa, emperram nas fianças. Preferira que me enchessem a boca com pó de matar rato a taparem-na com as tais fianças. Por ser eu fidalgo de verdade, estava certo de que me mandaria vinte e duas jardas de cetim; e, ao invés disso, me envia pedido de fianças! Bem; que durma em paz, visto possuir o corno da abundância, através do qual brilha a ligeireza de sua mulher. No entanto, não vê nada, muito embora tenha sua própria lanterna para alumiá-lo. Onde está Bardolfo?
Pajem · Foi a Smithfield, a fim de comprar um cavalo para Vossa Senhoria.
Falstaff · Comprei-o em São Paulo, e ele vai comprar-me um cavalo em Smithfield! Se me fosse possível, ao menos, arranjar uma mulher num alcouce, ficaria servido, montado e casado.

(Entram o Lorde Grande Juiz e um beleguim.)

Pajem · Senhor, aí vem o nobre que prendeu o príncipe, quando este bateu nele por causa de Bardolfo.
Falstaff · Fica perto de mim; não quero vê-lo.
Lorde Juiz · Quem é aquele que vai ali?
Beleguim · Com licença de Vossa Senhoria, é Falstaff.
Lorde Juiz ·
O que foi processado por causa do roubo?
Beleguim · Esse mesmo, milorde; mas depois disso prestou bons serviços em Shrewsbury e, segundo ouvi dizer, vai agora em missão junto a Lorde João de Lencastre.

shakespearebrasileiro.org

LORDE JUIZ · Como! A York? Chamai-o.
BELEGUIM · Sir John Falstaff!
FALSTAFF · Rapaz, dize-lhe que eu sou surdo.
PAJEM · Falai mais alto; meu amo é surdo.
LORDE JUIZ · Acredito-o; para ouvir notícia boa. Puxa-o pelo cotovelo; preciso falar-lhe.
BELEGUIM · Sir John!
FALSTAFF · Como! Tão moço e já mendigando? Porventura não há guerra? não há emprego? não necessita de súditos o rei e de soldados os rebeldes? Embora só não seja vergonhoso pertencer a um dos partidos, é mais vergonhoso mendigar do que ficar do lado pior, por pior que possa conter-se no nome "rebelião".
BELEGUIM · Enganai-vos a meu respeito, senhor.
FALSTAFF · Como, senhor? Acaso eu disse que sois um homem honesto? Pondo de parte a minha qualidade de cavaleiro e de soldado, seria um mentiroso de marca, se houvesse afirmado semelhante coisa.
BELEGUIM · Pois bem, senhor: ponde de lado vossa qualidade de cavaleiro e de soldado e permiti que vos declare que não passais de um mentiroso de marca, se afirmais que eu não sou um homem honesto.
FALSTAFF · Eu, dar-te permissão para me dizeres isso? Pôr de lado o que faz parte de mim mesmo? Se o obtiveres de mim semelhante licença, quero que me enforques, e se vieres a consegui-la, melhor te valeria ser enforcado. Fora daqui, sabujo! Toca!
BELEGUIM · Senhor, milorde deseja falar-vos.
LORDE JUIZ · Sir John Falstaff, uma palavra.
FALSTAFF · Meu bom lorde! Deus conceda a Vossa Senhoria um bom dia. Alegra-me imenso ver a Vossa Senhoria aqui fora; tinha ouvido dizer que Vossa Senhoria estava doente; espero que Vossa Senhoria saísse por indicação do médico. Porque, embora não se possa dizer que Vossa Senhoria já não seja moço, é certo que se ressente do sabor dos anos, algo picante da salmoura do tempo; por isso rogo humildemente a Vossa Senhoria cuidar da saúde com o máximo respeito.
LORDE JUIZ · Sir John, eu vos mandei intimar antes de vossa expedição a Shrewsbury.
FALSTAFF · Com licença de Vossa Senhoria, ouvi dizer que Sua Majestade voltou indisposto do país de Gales.
LORDE JUIZ · Não estou falando agora de Sua Majestade; não atendestes à minha intimação.
FALSTAFF · Além disso, ouvi dizer que Sua Alteza ficou também atacado dessa infame apoplexia.
LORDE JUIZ · Bem; o céu dará remédio a isso. Mas permiti que vos fale, por obséquio.
FALSTAFF · Essa apoplexia, no meu fraco pensar, é uma espécie de letargia, com licença de Vossa Senhoria; uma espécie de adormecimento no sangue, uma zoeira dos demônios.
LORDE JUIZ · Mas a que vem isso, afinal? Seja ela o que for.
FALSTAFF · Provém de tristezas, do estudo e de perturbações do cérebro. Li em Galeno a causa de seus efeitos: é uma espécie de surdez.
LORDE JUIZ · Acho que é disso que estais sofrendo, porque não ouvis o que vos falo.
FALSTAFF · Perfeitamente, milorde, perfeitamente; mas, com vossa licença, o que me aflige mais é a doença de não escutar, de não prestar atenção.
LORDE JUIZ · Um castigo nos calcanhares faria melhorar essa desatenção dos ouvidos; não se me dava de ser o vosso médico.
FALSTAFF · Sou tão pobre quanto Jó, milorde, porém não tão paciente; para a minha pobreza, Vossa Senhoria poderá ministrar a mezinha da prisão; mas, quanto ao sabermos se eu teria paciência para seguir as vossas prescrições, é ponto sobre o qual os sábios podem alimentar uma dracma de escrúpulos, ou, ainda, um escrópulo inteiro.
LORDE JUIZ · Mandei chamar-vos para falar-me, quando pendiam sobre vós acusações de importância vital.
FALSTAFF · E eu, seguindo nisso o parecer do meu advogado, que é muito entendido nas leis do país, não compareci.
LORDE JUIZ · Bem; mas a verdade, Sir John, é que viveis em grande relaxamento.
FALSTAFF · Quem afivela um cinto do tamanho do meu, não pode viver com menos.
LORDE JUIZ · Vossos meios são escassos e os gastos excessivos.
FALSTAFF · Quisera que fosse o inverso; os meios, maiores, e o desgaste, insignificante.
LORDE JUIZ · Desencaminhastes o jovem príncipe.
FALSTAFF · Foi o jovem príncipe que me desencaminhou; eu sou o homem de ventre volumoso e ele o meu cão.
LORDE JUIZ · Bem; não quero reabrir uma ferida que acabou de cicatrizar; vossos feitos do dia de

shakespearebrasileiro.org

Shrewsbury douraram, de algum modo, as façanhas noturnas de Gadshill; podeis agradecer à inquietação da época a quietude com que tudo isso terminou.

FALSTAFF · Milorde!

LORDE JUIZ · Mas, uma vez que tudo está bem, acomodai-vos; não desperteis o lobo que dorme.

FALSTAFF · Despertar um lobo é tão ruim como cheirar uma raposa.

LORDE JUIZ · Sois uma vela, cuja parte melhor já se gastou.

FALSTAFF · Uma vela de festa, milorde; toda de sebo, infelizmente. Fosse ela de cera de minha fabricação, não pararia de crescer.

LORDE JUIZ · Todos esses fios brancos da barba deveriam dar testemunho de vossa gravidade.

FALSTAFF · Gravidade, gravidade, peso...

LORDE JUIZ · A todas as partes seguis o príncipe como seu anjo ruim.

FALSTAFF · Não é bem isso, milorde; vosso anjo ruim é leve demais; mas penso que basta verem-me para me aceitarem sem pesar-me; mas, ainda assim, concordo que, sob certos aspectos, não posso entrar em circulação. Nesta época de verdureiros, a virtude é tão pouco acatada, que o valor legítimo se tornou guardador de ursos; o engenho virou taberneiro, malgastando em contas a agudeza de espírito; os demais dotes do homem, do jeito que os deforma a corrupção do século, não valem uma groselha. Os velhos como vós, não percebem as faculdades que nós, moços, possuímos; calculais o valor de nosso fígado pelo amargor de vossa bile; e nós, que nos encontramos na vanguarda da mocidade, forçoso será confessar, somos por vezes bem marotos.

LORDE JUIZ · Inscreveis o vosso nome na lista da juventude, assinalado, como o estais, com os caracteres da velhice? Não tendes olhos úmidos, mãos secas, faces descoradas, barba branca, pernas cada vez mais curtas, ventre a aumentar sempre de volume? Não tendes a voz entrecortada, o fôlego curto, o queixo duplo, o espírito simples, todas as vossas faculdades, em suma, estragadas pelo tempo? E apesar de tudo, vos chamais de jovem. Ora, Sir John!

FALSTAFF · Milorde, eu nasci por volta das três horas da tarde com a cabeça branca e o ventre um tanto crescido. Quanto à minha voz, estraguei-a à força de cantar no coro. Não vos apresentarei outras provas de minha juventude; a verdade é que eu só sou velho no juízo e no entendimento; quem quiser apostar cabriolas comigo, por mil marcos, é só passar-me o dinheiro e cuidar de si. Quanto à bofetada que vos deu o príncipe, deu-a como príncipe grosseiro, e vós a recebestes como lorde sensível. Repreendi-o por esse ato, penitenciando-se o leãozinho do que fez, não, evidentemente, entre cilício e cinzas, mas com vestes novas de seda e xerez velho.

LORDE JUIZ · Que Deus conceda ao príncipe um companheiro melhor!

FALSTAFF · Que Deus conceda ao companheiro um príncipe melhor! Não posso livrar-me dele.

LORDE JUIZ · Bem; o rei já vos separou do Príncipe Harry. Ouvi dizer que seguis com Lorde João de Lencastre contra o arcebispo e o Conde de Northumberland.

FALSTAFF · Sim, graças ao vosso amável e delicioso espírito. Todos os que beijais em casa a milady Paz, rezai para que os nossos exércitos não se encontrem em dia muito quente, porque só trouxe comigo duas camisas, não pretendendo suar muito. Se tal se der em um dia quente e eu brandir alguma coisa além de minha garrafa, não quero cuspir branco nunca mais. Não pode aparecer um caso perigoso, sem que me joguem no meio. Está certo: não hei de durar eternamente; mas é sestro velho de nossa nação inglesa banalizar o que tem de bom. Mas, uma vez que insistis em dizer que eu já estou velho, deveríeis arranjar meios de eu descansar. Prouvesse Deus que meu nome fosse menos temido do inimigo. Preferira que a ferrugem me gastasse a ver-me reduzido a nada por um movimento perpétuo.

LORDE JUIZ · Bem; sede honesto; sede honesto; e que Deus abençoe vossa expedição.

FALSTAFF · Vossa Senhoria não estaria disposto a emprestar-me mil libras para o meu equipamento?

LORDE JUIZ · Nem um pêni! Nem um pêni! Mostrai-vos muito pressuroso em carregar os cruzados. Passai bem; recomendai-me ao primo Westmoreland.

(Saem o Lorde Grande Juiz e o beleguim.)

FALSTAFF · Se o fizer, que me achatem a marretadas. É tão impossível a um mortal separar a velhice da avareza, como da luxúria a mocidade; a gota atormenta uma e o mal gálico belisca outra, motivo por que

shakespearebrasileiro.org

ambas dispensam a minha maldição. Rapaz!
PAJEM · Senhor!
FALSTAFF · Quanto dinheiro há na bolsa?
PAJEM · Sete vinténs e dois pence.
FALSTAFF · Não posso encontrar remédio para a consumpção da bolsa; pedir emprestado só serve de paliativo, que o mal é incurável. Leva esta carta para milorde de Lencastre; esta outra para o príncipe; esta para o Conde de Westmoreland, e esta para a velha Mistress Úrsula, a quem todas as semanas juro desposar, desde que percebi o primeiro fio branco em minha barba. Toca! Já sabes onde encontrar-me. *(Sai o pajem.)* Que o mal gálico leve a esta gota, ou esta gota ao mal gálico! Ambos se divertem no dedão de meus pés. Não importa; se eu mancar, a guerra servirá de pretexto; assim, a minha pensão parecerá mais justa. Quem tem cabeça, aproveita tudo; vou tirar partido das doenças.

Ato I · Cena III

York. Um quarto no palácio do arcebispo.
Entram o arcebispo de York e Lordes Mowbray, Bardolfo e Hastings.

ARCEBISPO · Conheceis nossa causa e nossos meios.
Nobres amigos, peço-vos dizer-me
francamente o que achais de nossos planos.
O Lorde Marechal fale primeiro.
MOWBRAY ·
Convenho com as razões de nossas armas,
mas desejara que se me explicasse
como, com nossos meios, poderemos
olhar com fronte altiva e assaz possante
para a força e o poder do soberano.
HASTINGS · Nossa revista revelou que temos
vinte e cinco mil homens escolhidos,
sem se meter em conta que do grande
Northumberland nos chegarão reforços,
pois seu peito se abrasa com as injúrias
recebidas.
LORDE BARDOLFO · O caso, pois, Lorde Hastings,
se reduz a saber se os vinte e cinco
mil homens poderão lutar sem ele.
HASTINGS · Com ele, poderemos.
LORDE BARDOLFO · Eis a dúvida.
Mas, se sem ele nos julgamos fracos,
penso que não devemos ir mais longe
antes de vir o auxílio que esperamos,
pois num plano de face tão sangrenta
não cabem conjeturas, aparências
ou espera de reforços duvidosos.
ARCEBISPO · Tendes razão, Lorde Bardolfo; deu-se
isso mesmo em Shrewsbury, com Hotspur.
LORDE BARDOLFO ·
Sim, milorde; entupiu-se de esperanças,
comendo o ar de promessas de socorros;
lisonjeou-se com a idéia de um reforço
menor que o mais modesto dos seus sonhos;
e assim, com sua grande fantasia,
própria de louco, os seus levou à morte,
jogando-se no abismo sem ver nada.
HASTINGS · Perdão! Não vejo mal em desejarmos
o plausível e em termos esperanças.
LORDE BARDOLFO ·
Como não há? Em guerra desta espécie,
dado o primeiro passo, a ação premente,
ter esperança é estar contando com esses
botões que a primavera deita cedo,
produzindo menor expectativa
de virem a dar fruto do que medo
de mordidas da geada. Quando vamos
construir, estudamos o terreno,
traçamos o modelo, e ao contemplarmos
o desenho da casa é que fazemos
o cálculo do custo da obra toda.
Se vemos que ultrapassa nossos meios,
que fazemos, se não traçar um plano
menos custoso, ou mesmo pôr de lado
a idéia de construir? Principalmente
nesta obra gigantesca, em que se trata
de derrubar um reino e de erguer outro,
devemos estudar bem o terreno
da situação, rever todo o modelo,
acordar na questão dos alicerces,
falar com o construtor, pesar os meios,
ver se estes são idôneos e capazes

shakespearebrasileiro.org

de contrabalançar os do inimigo.
De outro modo, é ser forte em algarismos
e no papel, é usar apenas nomes
em lugar de seus donos, como aquele
que concebesse o plano de uma casa
sem pensar nos recursos e a largasse
por terminar, deixando a parte feita
com tanto custo às lágrimas das nuvens
e à tirania rústica do inverno.
Hastings · Dado que nossos sonhos tão risonhos
morram no nascedoiro e que tenhamos
o último homem que fora de esperar,
penso que, como estamos, poderemos
medir-nos com as forças do monarca.
Lorde Bardolfo ·
Como! Só contra o rei com vinte e cinco
mil homens, porventura?
Hastings · Contra nós,
apenas isso; não, nem tanto, Lorde
Bardolfo, que suas forças, nestes tempos
de tumulto, em três corpos se partiram:
contra os franceses, um; contra Glendower,
o segundo; forçoso é que um terceiro
destine contra nós. Desta arte o débil
rei se divide em três, só ressoando
seus cofres com o vazio da penúria.
Arcebispo · Não é de recear que ele reúna
num só corpo suas forças divididas
e venha contra nós.
Hastings · Se tal fizer,
desguarnece as espáduas, com os franceses
e os galeses ladrando-lhe no rasto.
Disso não vos temais.
Lorde Bardolfo · Quem poderia
vir contra nós à frente de suas forças?
Hastings · Westmoreland e o Duque de Lencastre;
ele próprio e Monmouth, contra os galeses,
mas não tenho notícias muito certas
de quem vai contra a França.
Arcebispo · Avante, pois!
Demos a conhecer nossos motivos.
É por própria eleição que o Estado sofre;
seu muito ávido amor se mostra farto.
Casa vertiginosa e pouco firme
tem quem constrói no coração da plebe.
Oh cega multidão! Com que atroadores
aplausos abençoaste Bolingbroke
antes de ele tornar-se o que querias
que fosse! E ora que se acha acomodado
segundo os teus desejos, tão saciado,
glutão bestial, te mostras, que provocas
irritação com o fim de vomitá-lo.
Assim, povo canino, de teu ventre
insaciável lançaste o Rei Ricardo,
e agora desejaras novamente
comer o corpo morto que expeliste,
chamando-o com teus ladros. Tempo ingrato!
Os que queriam ver Ricardo morto,
quando ele ainda vivia, estão agora
de sua sepultura enamorados.
Tu que lançaste terra em sua cabeça,
quando ele, a suspirar, atravessava
Londres altiva, no soberbo rasto
de Bolingbroke,
gritas agora: "Oh terra! restitui-nos
aquele rei, toma este!" Oh pensamento
de malditos: o que é, não tem valor;
só ao que foi e há de ser se vota amor!
Mowbray · Reunimos nossos homens? Partiremos?
Hastings · Somos Filhos do tempo; não paremos.
(Saem.)

Ato II · Cena I

Uma rua de Londres.
Entram Mistress Quickly, Garra e seu criado, seguidos de Cilada.

Estalajadeira · Entrastes com a ação em juízo,
mestre Garra?
Garra · Perfeitamente.
Estalajadeira · Onde está vosso oficial? É sujeito
de confiança? Não baqueará antes do tempo?
Garra · Olá!, Onde está Cilada?
Estalajadeira · Oh, senhor! O bom mestre
Cilada!

shakespearebrasileiro.org

CILADA · Aqui estou! Aqui estou!
GARRA · Cilada, temos de prender Sir John Falstaff.
ESTALAJADEIRA · Sim, bom mestre Cilada, intentamos-lhe uma ação completa.
CILADA · Pode bem dar-se que uns tantos tenhamos de perder a vida, que é certo fazer ele uso do punhal.
ESTALAJADEIRA · Que dia! Tomai cuidado! Apunhalou-me em minha própria casa e de maneira mais brutal. Uma vez arrancada a arma, não mede as conseqüências; dá botes que nem o diabo, sem perdoar homem, mulher ou criança.
GARRA · Uma vez grudado com ele, pouco me importam seus botes.
ESTALAJADEIRA · Nem eu, tampouco; ficarei perto, para ajudar.
GARRA · Se chegar a dar-lhe ao menos um murro... Se ele me cair nas unhas...
ESTALAJADEIRA · Sua partida me arruína. Asseguro-vos que a conta dele, aqui em casa, não tem fim. Bom mestre Garra, segurai-o firme; bom mestre Cilada, cuidado, não o deixeis escapar. Ele vem sempre a Pie-Corner — com licença do vosso respeito — comprar sela, e está agora invitado a jantar na "Cabeça de Leopardo", à Rua de Lumbert, com mestre Smooth, comerciante de seda. Pelo amor de Deus, uma vez que a minha ação já deu entrada e que todo o mundo sabe do meu caso, obrigai-o a prestar contas. Cem marcos é muita coisa para uma mulher sozinha. No entanto, eu agüentei, agüentei, agüentei; e ele foi adiando, adiando, de um dia para outro, que dá vergonha só em recordá-lo. Isso não é sério, a menos que se faça da mulher um asno, um animal para suportar os malfeitos de qualquer maroto. Ali vem ele, acompanhado do consumado velhaco de nariz de malvasia, o tal de Bardolfo. Cumpri vosso ofício, mestre Garra e mestre Cilada; cumpri-me vosso ofício.

(Entram Sir John Falstaff, o pajem e Bardolfo.)

FALSTAFF · Então? De quem era a mula que morreu? Que novidade há?
GARRA · Sir John, eu vos detenho a requerimento de mistress Quickly.
FALSTAFF · Para trás, canalha! Saca da espada, Bardolfo! Corta-me a cabeça a esse velhaco! Atira essa bruaca no canal!
ESTALAJADEIRA · Atirar-me ao canal? Eu é que vou atirar-te ao canal, bastardo imundo. Experimenta, experimenta! Homicídio! Homicídio! Velhaco assassino, pretendes matar os oficiais de Deus e do rei? És um assassino, um matador de homens e de mulheres.
FALSTAFF · Espalha essa canalha, Bardolfo.
GARRA · Socorro! Socorro!
ESTALAJADEIRA · Boa gente, ajudem aqui... Uma ou duas pessoas... Ah! é assim? Não queres, não? Toma, velhaco; toma, assassino.
FALSTAFF · Desafasta, lava-pratos! Víbora! coisa à-toa! se não queres que te faça cócegas na catástrofe.

(Entra o Lorde Grande Juiz com seu séquito.)

LORDE JUIZ · Que aconteceu? Quietos, eh!
ESTALAJADEIRA · Meu bom senhor, sede-me favorável: ficai do meu lado, por compaixão.
LORDE JUIZ · Então, Sir John! Aqui nesta algazarra? Condiz isso com vosso tempo e cargo, com vossa posição? Na estrada de York é que há muito devíeis de encontrar-vos.
ESTALAJADEIRA · Oh meu muito venerável lorde, com licença de Vossa Graça, eu sou uma pobre viúva de Eastcheap, e ele está detido a meu requerimento.
LORDE JUIZ · E quanto é a soma que ele deve?
ESTALAJADEIRA · É mais do que soma, milorde; é tudo junto, tudo o que eu tenho. Devorou-me com a casa e os bens; pôs toda a minha substância naquele ventre enxundioso. Mas hei de recuperar alguma coisa; se não, hei de cavalgar-te, como pesadelo, todas as noites.
FALSTAFF · Eu é que poderia montar na mula, se tivesse a vantagem do terreno.
LORDE JUIZ · Que significa isso, Sir John! Que vergonha! Que homem honesto suportaria semelhante tempestade de exclamações? Não vos envergonheis de obrigar uma pobre viúva a recorrer a meios tão ásperos para recuperar o que lhe pertence?
FALSTAFF · Quanto te devo ao todo, afinal?
ESTALAJADEIRA · Por minha alma, se fosses homem de bem, confessarias que me deves tua pessoa e mais o dinheiro que me pediste. Juraste-me sobre uma taça meio dourada, sentado no meu quarto do Delfim, na mesa redonda, ao pé de um bom fogo de carvão, numa quarta-feira de Pentecostes, quando o príncipe te quebrou a cabeça por haveres comparado seu pai a um cantor de Windsor — não juraste, quando eu te lavava a ferida, que haverias de casar comigo e fazer-me milady tua esposa?

shakespearebrasileiro.org

Atreves-te a negá-lo? Não entrou nesse momento a boa Keech, mulher do açougueiro, e não me tratou ela de comadre Quickly? Não veio ela pedir-me um pouco de vinagre, dizendo que tinha um bom prato de camarões; e não desejaste comer alguns, tendo eu dito não ser bom para ferida aberta? E, não me disseste, quando ela desceu as escadas, que eu não devia mostrar-me familiar com gente baixa, acrescentando que dentro de pouco tempo me chamariam madame? E não me beijaste, então, pedindo que te fosse buscar trinta xelins? Vamos; avivo-te agora o juramento; nega-o, se fores capaz.

Falstaff · Milorde, esta pobre mulher é louca; anda espalhando pela cidade que o seu filho mais velho se parece convosco. Já esteve bem; mas a verdade é que a pobreza a deixou avariada das idéias. No que respeita a estes oficiais imbecis, peço-vos que me deixeis desagravar-me.

Lorde Juiz · Sir John, Sir John, conheço perfeitamente vosso costume de torcer a boa causa pelo mau caminho. Não há de ser um semblante confiado, nem esse chorrilho de palavras que deixais escapar com descaramento mais que impudente, que me farão quebrar a serenidade. Parece-me claro que abusastes do espírito crédulo desta mulher, levando-a a servir-vos com a bolsa e com a pessoa.

Estalajadeira · É isso mesmo, milorde.

Lorde Juiz · Caluda! Pagai o que lhe deveis, e reparai a vilania que lhe fizestes; uma coisa, poderá ser feita com moeda corrente; a outra, com arrependimento sincero.

Falstaff · Milorde, não deixarei passar sem protesto semelhante repreensão. Chamais de descaro impudente a franqueza honrada. Para vós é virtuoso todo indivíduo que se desmancha em mesuras e não vos objeta coisa alguma. Não, milorde; sem me olvidar de meu humilde dever, não vos falarei como suplicante; digo-vos apenas que preciso ficar livre destes oficiais, porque me encontro em missão urgente, da parte de Sua Majestade.

Lorde Juiz · Falais como se tivésseis poder para fazer o mal; mas respondei de acordo com vosso caráter e satisfazei a essa pobre mulher.

Falstaff · Vem aqui, estalajadeira

(Chama-a à parte.)

(Entra Gower.)

Lorde Juiz · Então, mestre Gower! Que novidades há?

Gower · O rei, milorde, e o Príncipe de Gales estão perto; o restante a carta o diz.

(Entrega uma carta.)

Falstaff · Pela minha qualidade de gentil-homem!

Estalajadeira · Isso mesmo já o dissestes outras vezes.

Falstaff · Palavra de calaveiro! Vamos, não falemos mais nisso.

Estalajadeira · Por este chão celeste em que eu piso, vejo-me forçada a empenhar toda a minha baixela de prata e os tapetes das salas de jantar.

Falstaff · Copos, copos, é só do que se necessita para beber! Quanto às paredes, qualquer coisa engraçada, ou a história do filho pródigo, ou a caçada alemã em aquarela valem mais do que mil dessas cortinas de cama ou desses tapetes comidos de moscas. Que sejam dez libras, se te for possível. Vamos, tirando o teu gênio, não há mulher tão boa como tu em toda a Inglaterra. Vai lavar o rosto e retirar a queixa. Vamos, não te aborreças comigo. Não me conheces? Vamos, vamos; sei bem que foste insinuada.

Estalajadeira · Por favor, Sir John, vinte nobres não bastariam? Juro que me custa empenhar as minhas pratas; por Deus!

Falstaff · Então não falemos mais nisso; saberei arranjar-me; és a tonta de sempre.

Estalajadeira · Pois hei de obter essa importância, ainda que tenha de empenhar a própria roupa. Penso que viestes para cear. Pagar-me-eis tudo junto, não é verdade?

Falstaff · Viverei? *(A Bardolfo.)* Vai com ela! Vai com ela! Não a deixes!

Estalajadeira · Quereis que eu convide Doll Tearsheet para a ceia?

Falstaff · Nem mais uma palavra; que venha.

(Saem mistress Quickly, Bardolfo, oficiais e o pajem.)

Lorde Juiz · Ouvi melhores notícias.

Falstaff · Quais são, meu bom lorde?

Lorde Juiz · Onde dormiu o rei a última noite?

Gower · Em Barsingstoke, milorde.

Falstaff · Espero, milorde, que tudo esteja bem; quais são as notícias, milorde?

Lorde Juiz · Todas as suas forças já voltaram?

Gower · Mil e quinhentos peões e mais quinhentos de cavalo seguiram para unir-se
às forças de milorde de Lencastre,
contra Northumberland e o bispo de York.

shakespearebrasileiro.org

FALSTAFF · Volta o rei ao país de Gales, meu nobre lorde?
LORDE JUIZ · Breve entregar-vos-ei algumas cartas. Vinde comigo, meu bom mestre Gower.
FALSTAFF · Milorde!
LORDE JUIZ · Que é que há?
FALSTAFF · Mestre Gower, poderei convidar-vos para cear comigo?
GOWER · Tenho de aguardar aqui as ordens de meu bom lorde. Muito obrigado, meu bom Sir John.
LORDE JUIZ · Sir John, perdeis muito tempo por aqui, visto estardes incumbido de recrutar soldados nos condados por que passardes.
FALSTAFF · Quereis cear comigo, mestre Gower?
LORDE JUIZ · Qual foi o tonto que vos ensinou essas maneiras, Sir John?
FALSTAFF · Mestre Gower, se elas não me vão bem, é que foi um tonto quem mas ensinou. A perfeita graça da esgrima, milorde, consiste nisto: elas por elas, e ao se separarem, os amigos de sempre.
LORDE JUIZ · Que o Senhor te ilumine! És um grande louco.

(Saem.)

Ato II · Cena II

Londres. Outra rua.
Entram o príncipe e Poins.

PRÍNCIPE · Podes crer que me sinto cansado a mais não poder.
POINS · Chegou a esse ponto? Sempre pensei que o cansaço não ousasse ligar-se a pessoa de tão alto sangue.
PRÍNCIPE · No entanto, é o que se dá comigo, embora confessá-lo faça empalidecer a minha grandeza. Não é sinal de vulgaridade, em mim, ter vontade de beber cerveja fraca?
POINS · Não se concebe um príncipe com educação negligente a esse ponto, para lembrar-se, sequer, de composição tão mesquinha.
PRÍNCIPE · É que, com certeza, o meu apetite não é de natureza real, pois não me sai da idéia essa pobre criatura, a cerveja fraca. Em verdade, essas considerações humildes me fazem detestar a própria grandeza. Que desgraça é para mim lembrar-me de teu nome, ou ter de ver amanhã o teu rosto, ou observar quantos pares de meia de seda possuis, a saber, essas aí e as que já foram de cor de pêssego; ou fazer o inventário de tuas camisas, mais ou menos deste jeito: uma no corpo e uma sobressalente... Nesse ponto o guarda do campo de tênis é ainda mais bem-informado do que eu, porque quando empunhas uma raqueta é que andas em maré baixa de roupa, o que há muito tempo não se dá, por terem os países-baixos achado jeito de consumir a tua Holanda. Só Deus sabe se chegarão a herdar o teu reino os que andam a berrar nas ruínas de tua roupa branca. Aliás, dizem as parteiras que as crianças não têm culpa; e com isso o mundo se povoa e a parentela se fortalece cada vez mais.
POINS · Como vos fica mal falar tanta futilidade depois de haverdes trabalhado com tanto afinco! Dizei-me, quantos jovens príncipes fariam o que fazeis, se tivessem os pais no estado em que se encontra o vosso?
PRÍNCIPE · Queres que te diga uma coisa, Poins?
POINS · Sim, com tal que seja algo excelente.
PRÍNCIPE · Será adequado para entendimentos do alcance do teu.
POINS · Pois que venha; agüentarei de pé firme o que disserdes.
PRÍNCIPE · Pois digo-te que não fica bem mostrar-me triste com a doença de meu pai, conquanto pudesse assegurar-te — como a alguém a quem me apraz, em falta de melhor, chamar de amigo — que estou, de fato, bem triste, bem triste mesmo.
POINS · Ninguém acreditará que seja por essa causa.
PRÍNCIPE · Juro-te por esta mão! Pensas que eu já me encontro no livro do Diabo, como tu e Falstaff, por perversidade e obstinação? O tempo se incumbirá de prová-lo; mas afianço-te que, por dentro, o meu coração está sangrando, por causa do estado de meu pai. É pelo fato de freqüentar companhias tão vis, como a tua, que me coíbo de qualquer demonstração de tristeza.
POINS · E a razão?
PRÍNCIPE · Que pensarias de mim, se me visses chorar?

shakespearebrasileiro.org

POINS · Pensarias que és o mais principesco dos hipócritas.
PRÍNCIPE · É o que todo o mundo haveria de pensar, também; és um rapaz feliz, por pensares como todo o mundo. Não há pensamento que trilhe tão bem a estrada batida como o teu; de fato; todo o mundo me tomaria por hipócrita. E que é o que leva vosso muito digno pensamento a pensar dessa maneira?
POINS · Ora essa, por terdes sido sempre dissoluto e muito ligado a Falstaff.
PRÍNCIPE · E a ti.
POINS · Por esta luz, eu não ando na boca do povo, e o que se diz de mim, posso ouvi-lo com estes ouvidos. O pior que poderão dizer é que sou irmão segundo e que sei valer-me das mãos, coisas essas, confesso-o sem rebuços, que não está em mim modificar. Pela Santa Missa! Aí vem Bardolfo!

(Entram Bardolfo e o pajem.)

PRÍNCIPE · Juntamente com o pajem que eu dei a Falstaff. Entreguei-lhe um cristão; vê agora como aquele velhaco obeso fez dele um macaco.
BARDOLFO · Deus salve a Vossa Graça!
PRÍNCIPE · E a vossa também, muito nobre Bardolfo.
BARDOLFO *(ao pajem.)* · Chega-te mais para perto, asno virtuoso! tolo envergonhado! Precisas corar dessa maneira? Por que ficares rubro? Que soldado virgem me saíste! É tão grande coisa, assim, roubar a virgindade de um jarro de cerveja?
PAJEM · Há pouco, milorde, ele me chamou através de umas rótulas vermelhas, o que impediu que eu lhe distinguisse o rosto, a tal ponto se confundia com a janela! Por fim, percebi-lhe os olhos, e tive a impressão de que ele houvesse feito dois furos na saia nova da taberneira, por onde me estivesse espiando.
PRÍNCIPE · Não é que o rapazinho aproveitou?
BARDOLFO · Fora daqui, maldito coelho de dois pés; fora!
PAJEM · Fora daqui, também, indecente sonho de Altéia!
PRÍNCIPE · Explica-nos isso, pajem: de que sonho se trata?
PAJEM · Não o sabeis, milorde? Altéia sonhou que havia parido um tição ardente. É por isso que lhe chamo sonho de Altéia.
PRÍNCIPE · Essa explicação vale uma coroa. Toma para ti, rapaz.

(Dá-lhe dinheiro.)

POINS · Prouvera que semelhante flor se livrasse dos vermes! Bem, aqui tens mais seis pence para te protegerem.
BARDOLFO · Se não conseguirdes que ele vos faça companhia na forca, o prejuízo será desta.
PRÍNCIPE · Como vai passando teu amo, Bardolfo?
BARDOLFO · Bem, milorde; soube que Vossa Graça se encontrava na cidade e mandou-vos esta carta.
POINS · Que foi mui respeitosamente entregue. E como vai passando o veranico do teu patrão?
BARDOLFO · Com saúde corpórea, senhor.
POINS · Com a breca! A parte imortal necessita de médico; mas isso pouco se lhe dá; embora doente, não há de morrer.
PRÍNCIPE · Tenho permitido a esse quisto a mesma familiaridade que a meu cão, do que ele sabe tirar partido. Vede só como me escreve.
POINS · "John Falstaff, cavaleiro." É o que todo o mundo tem de ficar sabendo, sempre que encontra ensejo para falar de si mesmo, exatamente como certas pessoas aparentadas com o rei, que não se espetam no dedo sem exclamar: "Lá se vai um pouco de sangue real!" "Como assim?", pergunta quem quer que finja não ter compreendido a alusão, a que se segue a resposta tão pronta como a saudação de quem usa gorro emprestado: "É que eu sou o pobre primo do rei, senhor."
PRÍNCIPE · Sim, querem ser nossos parentes, ainda que tenham de subir até Jafé. Mas vamos à carta.
POINS · "Sir John Falstaff, cavaleiro, ao filho do rei, o primeiro depois de seu pai, Henrique, Príncipe de Gales, cumprimentos." Parece mais uma certidão.
PRÍNCIPE · Caluda!
POINS · "Imitarei o honrado Romano em sua brevidade." Refere-se, sem dúvida, à brevidade do fôlego, à curteza da respiração. "Eu me recomendo a ti, eu te recomendo e eu te deixo. Não sejas muito familiar com Poins, porque ele abusa de teus favores, a ponto de jurar que estás para casar com sua irmã Nell. Penitencia-te como puderes nas horas vagas, e com isso, adeus. Teu, sim ou não — o que equivale a dizer, conforme o tratares — *Jack Falstaff*, para os meus familiares; *John*, para os meus irmãos e irmãs; *Sir John*, para toda a Europa." Milorde, vou enfiar esta carta em xerez e obrigá-lo a engoli-la.
PRÍNCIPE · Seria o mesmo que obrigá-lo a engolir vinte de suas próprias palavras. Mas, é assim que

shakespearebrasileiro.org

procedes comigo, Ned? É então verdade que vou casar-me com tua irmã?

POINS · Que Deus não conceda tão ruim sorte à rapariga! Jamais disse semelhante coisa.

PRÍNCIPE · E assim gracejamos com o tempo, enquanto o espírito dos sábios, sentado nas nuvens, troça de vós. Vosso amo está em Londres?

BARDOLFO · Está, milorde.

PRÍNCIPE · Onde se encontra? O velho javali ainda babuja no antigo chiqueiro?

BARDOLFO · No mesmo lugar, milorde; em Eastcheap.

PRÍNCIPE · Em companhia de quem?

PAJEM · Efésios, milorde, da velha igreja.

PRÍNCIPE · Vão mulheres também à ceia?

PAJEM · Nenhuma, milorde; com exceção de mistress Quickly e de mistress Doll Tearsheet.

PRÍNCIPE · Que espécie de pagã é essa?

PAJEM · Uma senhora alinhada, milorde, parenta de meu amo.

PRÍNCIPE · Sim, parenta, do mesmo modo que as vacas da paróquia o são dos touros da cidade. Vamos surpreendê-los durante a ceia, Ned?

POINS · Sou vossa sombra, milorde; seguir-vos-ei a toda parte.

PRÍNCIPE · Olha, rapazinho; e tu, Bardolfo: nem uma palavra a vosso amo de que me encontro na cidade. Aqui tendes para ficardes calados.

(Dá-lhes dinheiro.)

BARDOLFO · Não terei língua, senhor.

PAJEM · Quanto à minha, senhor, saberei governá-la.

PRÍNCIPE · Passai bem; ide embora!

(Saem Bardolfo e o pajem.)

Essa Doll Tearsheet deve ser alguma estrada.

POINS · Afianço-vos que é tão freqüentada quanto o caminho de Santo Albano a Londres.

PRÍNCIPE · Como será possível arranjar modo de vermos Falstaff em suas verdadeiras cores, sem que ele o perceba?

POINS · Ponhamos jaqueta de couro e avental e vamos servi-lo à mesa como se fôssemos empregados da taberna.

PRÍNCIPE · De Deus a touro: que queda pesada! Foi o caso de Júpiter. De príncipe a servente: que baixa transformação! Será o meu caso, porque em todas as coisas a intenção deve equilibrar-se com a loucura. Acompanha-me, Ned.

(Saem.)

Ato II · Cena III

Warkworth. Diante do castelo de Northumberland. Entram Northumberland, Lady Northumberland e Lady Percy.

NORTHUMBERLAND ·
Querida esposa e meiga filha, curso
deixai livre a meus graves pensamentos; não tomeis
as feições das circunstâncias
para serdes, como elas, contra Percy.

LADY NORTHUMBERLAND ·
Já parei; não direi mais coisa alguma;
fazei como quiserdes; que vos guie
vossa prudência.

NORTHUMBERLAND · Ah, minha doce esposa,
minha honra está empenhada; apenas essa
resolução consegue redimi-la.

LADY PERCY ·
Por Deus do céu, não vades a essa guerra!
Já quebrastes, meu pai, vossa palavra,
quando dela pendíeis mais do que hoje,
na hora em que o vosso Percy, o Harry querido
de minha alma, lançava para o norte,
tantas vezes, o olhar, na expectativa
da ajuda de seu pai. Mas foi debalde.
Quem vos suadiu a não sair de casa?
Duas reputações ali tombaram:
a vossa e a dele. A vossa — possa o brilho
restituir-lhe o céu! — A de Harry Percy
se lhe aderia como o sol na abóbada
azul do firmamento, dirigindo
com sua luz os fidalgos da Inglaterra
para altos feitos. Sim, ele era o espelho
ante o qual a nobreza se enfeitava;
todos os próprios passos lhe imitavam;
sua fala ceceosa — que do berço
lhe viera esse defeito — converteu-se
em linguagem dos bravos, que até os mesmos
que podiam falar doce e pausado,

shakespearebrasileiro.org

trocavam pela mácula as vantagens,
para serem como ele. Na linguagem,
no regime de vida, gostos, modo
de andar, nas preferências, nos caprichos
do sangue e nos preceitos militares,
era o espelho e o modelo, a cópia e o livro
por que os outros se guiavam. E a ele — que homem!
verdadeiro milagre! — o abandonastes!
Quem era sem segundo, secundado
não foi por vós; com desvantagem viu-se
forçado a olhar o horrível deus da guerra,
a disputar um campo de batalha
que como defensão contava apenas
com o som do nome Hotspur. Abandonado!
Nunca, oh! nunca façais à sua alma a afronta
de serdes mais fiel aos outros que a ele.
Deixai-os sós; o marechal e o bispo
se acham fortes. Se o meu querido Henrique
tivesse tido apenas a metade
de seus homens, pendente do pescoço
do meu Hotspur, agora eu poderia
falar da sepultura de Monmouth.

Northumberland · Doce filha, maldigo esse teu gênio;
privas-me da coragem, lamentando-te
por erros do passado. Mas importa
que eu mesmo vá buscar ali o perigo;
do contrário, ele alhures me procura,
para achar-me, quiçá, desprevenido.

Lady Northumberland · Oh, foge para a Escócia, até que os nobres
e as comunas armadas ocasião
tenham de se medir com os inimigos.

Lady Percy · Caso ganhem terreno e outras vantagens,
uni-vos a eles como viga de aço
que lhes enrijará mais a pujança.
Mas, por tudo o que amamos, que a experiência
eles façam primeiro. Vosso filho
dessa arte procedeu; vós o quisestes;
e assim eu enviuvei, sem que me seja
dado viver bastante para as minhas
recordações regar com o choro, a ponto
de crescerem e o céu alto atingirem,
em memória do meu nobre marido.

Northumberland · Vamos; entrai comigo; meu espírito,
neste instante, se encontra como as águas
na mais alta maré, quietas e calmas,
sem que defluam para lado algum:
de grado eu o arcebispo procurara,
mas mil razões contrárias me retêm.
Vou para a Escócia; ali deixo ficar-me,
té que o tempo e a ocasião vão lá buscar-me.

(Saem.)

Ato II · Cena IV

Londres. Um quarto da taberna "Cabeça de Javali", em Eastcheap.
Entram dois criados.

Primeiro Criado · Que diabo trouxeste aí? Peras de São João? Bem sabes que Sir John não suporta essas peras.

Segundo Criado · Com a breca! Tens razão. Certa vez o príncipe pôs diante dele um prato de peras de São João e lhe disse que ali se continham mais cinco Sir Johns. Depois, tirando o chapéu, disse: "Agora vou despedir-me destes seis redondos, secos e enrugados cavaleiros." Isso o irritou até à alma; mas já esqueceu.

Primeiro Criado · Nesse caso, cobre-as e vai servi-lo, para depois veres se encontras a barulheira de Sneak; mistress Tearsheet gostaria de ouvir um pouco de música. Vamos, despacha-te! A sala em que eles ceiam está muito quente; não demora, eles estarão aí.

Segundo Criado · Olha, o príncipe e mestre Poins vão chegar daqui a pouco; vão usar nossas jaquetas e aventais, mas Sir John não deve sabê-lo; foi o que Bardolfo veio dizer.

Segundo Criado · Vou ver se encontro Sneak.

(Sai.)

(Entram mistress Quickly e Doll Tearsheet.)

Estalajadeira · É muito certo, coraçãozinho, parece que vos encontrais agora em ótima temperatura; vosso pulsozinho bate tão extraordinariamente, quanto pode desejar o coração, além de estardes vermelha como uma rosa. Verdade!

shakespearebrasileiro.org

Mas o fato é que bebestes canárias um pouco mais da conta, que é um vinho que sobe à maravilha e perfuma o sangue antes que se possa perguntar: que houve? Como vos sentis agora?

DOLL · Melhor do que há pouco.

ESTALAJADEIRA · Antes assim; um bom coração vale ouro. Vede! Sir John vem vindo ali!

(Entra Falstaff, cantando.)

FALSTAFF · Quando Artur veio à corte a vez primeira... Vai despejar o urinol!

(Sai o primeiro criado.)

Que grande rei aquele! Então, mistress Doll?

ESTALAJADEIRA · Não está se sentindo bem; tem náuseas.

FALSTAFF · Assim são todas; quando as deixamos calmas, adoecem.

DOLL · Velhaco imundo, é esse o consolo que me dás?

FALSTAFF · Deixais gordos os velhacos, mistress Doll.

DOLL · Eu! Sou eu que os faço engordar? A gula e as doenças é que os deixam estufados, não eu.

FALSTAFF · Se o cozinheiro é auxiliar da gula, vós o sois das doenças, Doll. É de vós que as apanhamos, Doll; é de vós que as apanhamos. Concordai nisso, minha virtude; concordai nisso.

DOLL · Sim, de nós apanhais jóias e correntes.

FALSTAFF · Ah, vossos broches, pérolas e brincos! pois, como bem o sabeis, quem serve como bravo, volta coxo. Avançar para a brecha, brandindo a lança como um bravo, e enfrentar bravamente o cirurgião... Aventurar-se contra as peças carregadas...

DOLL · Vai te enforcar, congro imundo!

ESTALAJADEIRA · É sempre a mesma história! Nunca estais juntos sem brigar. Sois tão reumáticos como duas tornadas secas; um não suporta as conformidades do outro. Ora, por tudo o que há! é preciso que um agüente o outro, e isso compete a vós, por serdes o vaso mais fraco, como eles dizem, o mais vazio.

DOLL · Como pode um vaso fraco e vazio suportar um tonel cheio como este? Traz no corpo um carregamento de bordéus. Nunca se viu navio tão carregado. Mas façamos as pazes, Jack, uma vez que vais para a guerra. Quanto a saber-se se ainda voltarei a verte, é assunto que não interessa a ninguém.

(Volta o primeiro criado.)

PRIMEIRO CRIADO · Senhor, o porta-bandeira Pistola está lá embaixo e deseja falar-vos.

DOLL · Enforquem esse maldizente de uma figa! Não o deixeis entrar aqui; não há boca mais suja em toda a Inglaterra.

ESTALAJADEIRA · Se ele é maldizente, não o deixeis entrar. Não, por Deus! Preciso viver bem com os vizinhos; não quero saber de mexeriqueiros; gozo de bom nome e boa fama entre a melhor gente. Fechai as portas! Aqui não entra nenhum maldizente; não cheguei com a vida até hoje para vir a ser falada. Peço-vos a todos; fechai as portas.

FALSTAFF · Escuta, estalajadeira...

ESTALAJADEIRA · Nada de histórias, Sir John; não me venhais com essa! O vosso insigne maldizente não pisará dentro destas paredes. No outro dia eu fui apresentada ao mestre Físico, deputado, e, como ele me disse — e não faz muito tempo, foi na quinta-feira última — "Vizinha Quickly", disse-me ele — achava-se presente mestre Dumbe, nosso ministro — "vizinha Quickly", disse-me ele, "recebei em vossa casa apenas pessoas de bem, porque", disse ele, "não gozais de boa reputação" — eu bem sei porque ele se exprimiu dessa maneira — "porque", disse ele, "sois uma mulher honesta e considerada. Por isso, tende cuidado com a espécie de gente a que dais acolhida; que não seja gente desordeira". Dessa marca não me entra ninguém. Havíeis de benzer-vos, se o houvésseis ouvido falar. Não, não quero saber de maldizentes em minha casa.

FALSTAFF · Ele não é maldizente, estalajadeira; um tanto falador, é certo, mas inofensivo. Podeis acariciá-lo com tanta meiguice como a um pequeno galgo; não faria frente a uma galinha de Berberia, se esta arrepiasse as penas para defender-se. Manda-o subir, rapaz.

(Sai o primeiro criado.)

ESTALAJADEIRA · Falador, dissestes? Não fecho a minha casa para nenhum homem de bem, embora seja falador de profissão; mas detesto barulhos, afianço-vos. Fico até doente, só de ouvir falar em arruaceiros. Vede, senhores, como estou a tremer; podeis crer-me; olhai para isto.

DOLL · Realmente, estalajadeira.

ESTALAJADEIRA · Não é verdade? Sim, por minha fé, até pareço uma folha de álamo, de tanto que eu tremo; não suporto arruaceiros.

(Entram Pistola, Bardolfo e o pajem.)

shakespearebrasileiro.org

PISTOLA · Deus vos salve, Sir John!
FALSTAFF · Sê bem-vindo, porta-bandeira Pistola; Eis aqui, Pistola: carrego-te com um copo de xerez; agora descarrega na minha estalajadeira.
PISTOLA · Vou descarregar nela, Sir John, com duas balas.
FALSTAFF · Ela está à prova de pistola, meu caro senhor; dificilmente podereis ofendê-la.
ESTALAJADEIRA · Não sou eu que vou engolir vossas provas e vossas balas; não bebo nada só para ser agradável a quem quer que seja; só beberei o que me fizer bem.
PISTOLA · Então será convosco, mistress Dorotéia; vou carregar-vos.
DOLL · Carregar-me! Eu te arrenego, piolhento! Como! Um sujeito esfarrapado, sem eira nem beira, um falador! Para trás, bolorento! Eu sou iguaria só para o teu patrão.
PISTOLA · Nós nos conhecemos, mistress Doll.
DOLL · Sai, indecente batedor de carteira! Ladrão imundo, para trás! Por este vinho, enfiarei minha faca nessa queixada podre, se vos meterdes comigo. Para trás, botija de cerveja, espadachim desenxabido! Desde quando, senhor, por obséquio? Tem graça! Por causa dessas duas riscas nos ombros, que não valem nada?
PISTOLA · Que Deus não me deixe viver! Vou assassinar-te a gorja por tudo isso.
FALSTAFF · Basta, Pistola! Não desejo que estales aqui; vai descarregar longe de nossa companhia.
ESTALAJADEIRA · Não, meu bom capitão Pistola; aqui não, meu doce capitão.
DOLL · Capitão! Não te envergonhas, maldito, trapaceiro de uma figa, de te chamarem de capitão? Se os capitães pensassem como eu, te dariam uma coça por usares o título antes de o mereceres. Capitão tu, biltre? Capitão por quê? Por haveres arrebentado em um bordel a gola a uma pobre rapariga? Capitão, ele! Vai te enforcar, velhacão! Um sujeito que só come ameixas podres e bolo seco! Capitão! Pela luz divina, esses tratantes acabam deixando a palavra capitão tão odiosa como a expressão possuir, que era vocábulo excelente antes de lhe haverem emprestado acepção ruim. Os capitães que tomem cuidado.
BARDOLFO · Por favor, porta-bandeira, vai embora!
FALSTAFF · Uma palavrinha, mistress Doll.
PISTOLA · Daqui eu não saio! Digo-te uma coisa, sargento Bardolfo: preciso vingar-me; vou deixar essa mulher em tiras.
PAJEM · Por favor, descei logo.
PISTOLA · Primeiro hei de vê-la condenada por estas mãos no lago danado de Plutão, nas profundezas do inferno, debaixo do Érebo e das mais terríveis torturas. Tirai a linha e o anzol, é só o que eu digo. Descer, cães? Descer, traidores? Não temos Irene aqui?
ESTALAJADEIRA · Acomodai-vos, meu bom capitão Pistola; já é tarde; agravai a vossa cólera.
PISTOLA · Que brincadeira! Os animais de carga,
esses sendeiros da Ásia, ocos e fartos,
que fazem trinta milhas só por dia,
podem ser, por acaso, comparados
aos canibais e aos Césares, ou mesmo
aos troianos da Grécia? Não; que sejam
com o rei Cérbero todos condenados,
e ruja o firmamento. Acaso vamos
brigar por ninharias?
ESTALAJADEIRA · Por minha fé, capitão; são bem amargas essas palavras.
BARDOLFO · Meu bom alferes, ide embora; isso vai acabar novamente em barulho.
PISTOLA · Que os homens morram como cães!
Jogadas como alfinetes, vejam-se coroas!
Não temos por acaso Irene aqui?
ESTALAJADEIRA · Dou-vos minha palavra, capitão; é o que não temos. Que tempos! Pensais que o negarias? Acomodai-vos, pelo amor de Deus.
PISTOLA · Então, come a fartar, bela Calípolis!
Vamos, dá-me xerez.
Si fortuna me tormenta, sperato me contenta.
Por que temer as salvas? Que o inimigo
faça fogo. Xerez, vamos! Repousa
neste canto, benzinho.
(Depõe a espada.)
Concluiremos?
Vamos deixar de lado esses et céteras.
FALSTAFF · Pistola, desejo ficar quieto.
PISTOLA · Excelso cavaleiro, beijo-te a escrava. Ora! Já não vimos o sete-estrelo?
DOLL · Jogai-o pelas escadas! Não suporto a linguagem empolada desse biltre.
PISTOLA · "Jogai-o pelas escadas"? Desconhecemos, acaso, os cavalinhos de Galloway?

shakespearebrasileiro.org

FALSTAFF · Atira-o lá para baixo, Bardolfo, como um xelim de jogo; se só sabe dizer sandices, está sobrando aqui.
BARDOLFO · Vamos, vá descendo.
PISTOLA · Vamos ter incisões? fazer sujeiras?
(Sacando da espada.)
Acalenta-me, Oh Morte, no meu sono!
Encurta-me essa vida tão sofrida!
Que os mais terríveis golpes e profundos
cindam as três irmãs. Átropos, vinde!
ESTALAJADEIRA · Vai haver coisa grossa!
FALSTAFF · Dá-me a minha espada, rapaz.
DOLL · Jack, por compaixão, não saques da espada.
FALSTAFF · Vamos, descei logo!
(Empurra-o.)
ESTALAJADEIRA · Que tumulto! É preferível não ter casa a passar por semelhantes trancos e sustos. Vai haver morte, podeis crer-me. Por favor! Por favor! Embainhai as espadas, embainhai as espadas!
(Saem Bardolfo e Pistola.)
DOLL · Peço-te, Jack, fica quietinho; aquele birbante já se foi. Que bandido valente me saíste!
ESTALAJADEIRA · Não estás ferido na virilha? Quis parecer-me que ele vos deu um bote traiçoeiro na barriga.
(Volta Bardolfo.)
FALSTAFF · Puseste-o porta fora?
BARDOLFO · Sim, senhor; o velhaco está bêbado; vós o feristes no ombro.
FALSTAFF · Um biltre desses afrontar-me!
DOLL · Ah, bandidinho querido! Pobre macaquito, como estás suando! Deixa que te enxugue o rosto; vamos, presunto de uma figa. Ah, bandido! não há dúvida, amo-te muito. És tão valente como Heitor de Tróia; vales por cinco Agamémnones e dez vezes mais do que os nove heróis. Ah, vilão!
FALSTAFF · Miserável escravo! Vou mantear esse bandido.
DOLL · Faze-o, se o coração te pede isso, que eu te ajudarei entre um par de lençóis.
(Entram músicos.)
PAJEM · Chegou a música, senhor.
FALSTAFF · Que toquem! Tocai, senhores! Doll, senta-te em meus joelhos. Fanfarrão miserável! O velhaco escapou-me como azougue.
DOLL · Isso mesmo! E tu o perseguiste como uma igreja. Ah, bandido leitãozinho de São Bartolomeu! Quando deixarás de brigar durante o dia e de dar estocadas à noite para começares a remendar o teu velho corpo para o céu?
(Entram pelos fundos o príncipe e Poins, disfarçados de criados.)
FALSTAFF · Fica em paz, querida Doll; não fales como uma caveira; não me obrigues a pensar no meu fim.
DOLL · Então dize-me de que humor é o príncipe.
FALSTAFF · Um mofo superficial; daria um bom padeiro; cortaria pão à maravilha.
DOLL · Dizem que Poins é muito espirituoso.
FALSTAFF · Espirituoso! Que me enforquem esse macaco! Seu espírito é tão espesso quanto a mostarda de Tewksbury; não tem mais entendimento do que um pedaço de pau.
DOLL · Então por que o príncipe lhe dedica tanta afeição?
FALSTAFF · Porque ambos têm as pernas do mesmo tamanho e ele joga malha muito bem, come congro com funcho, engole tocos de velas acesos em lugar do vinho, brinca de cavalo com as crianças em um cabo de vassoura, sabe pular por cima dos bancos, blasfema com donaire, traz as botas sempre tão justas como pernas penduradas no portal, não se mete em barulhos por contar histórias discretas, além de outras faculdades de saltador, que são mostras de corpo flexível e de entendimento mesquinho, causas de aceitá-lo o príncipe ao seu lado. É que o príncipe é outro como ele, um fio de cabelo faria inclinar a balança que os pesasse.
PRÍNCIPE · Não cortaremos as orelhas a este cubo de roda?
POINS · Vamos dar-lhe uma coça diante da amásia.
PRÍNCIPE · Vê se esse velho enrugado não tem a cabeça calva, tal qual a de papagaio.
POINS · Não é estranho que o desejo sobreviva tanto tempo à capacidade de satisfazê-lo?
FALSTAFF · Dá-me um beijo, Doll.
PRÍNCIPE · Saturno e Vênus em conjunção este ano! Que diz a isso o almanaque?
POINS · Vede ali o trígono de fogo, seu escudeiro, como lambe o velho registro do patrão, seu livro de notas, a confidente.
FALSTAFF · Teus beijos são aduladores.
DOLL · Juro que te beijo de todo o coração.
FALSTAFF · Estou velho! Estou velho!

shakespearebrasileiro.org

Doll · Quero-te mais do que a todos esses casquilhos.
Falstaff · De que fazenda desejas o saiote? Receberei dinheiro na quinta-feira; amanhã terás o gorro. Vamos, uma canção alegre! Está ficando tarde; é hora de deitar; quando eu me for embora, tu nem te lembrarás de mim.
Doll · Se te pões a falar assim, far-me-ás chorar. Hás de ver se usarei roupa nova, enquanto estiveres longe. Espera até ao fim.
Falstaff · Francis, um pouco de xerez!
O Príncipe e Poins · Neste momento, senhor! Neste momento!
Falstaff · Ah! Um filho bastardo do rei! E tu, não és o seu irmão, Poins?
Príncipe · Globo de continentes impuros, que vida a tua!
Falstaff · Melhor do que a tua; sou um gentil-homem, ao passo que tu não passas de um tirador de cerveja.
Príncipe · Perfeitamente, meu senhor; aqui vindo para tirar-vos as orelhas.
Estalajadeira · Que o Senhor preserve tua Graça! Por minha alma, sê bem-vindo a Londres! Que o Senhor abençoe tua doce figura. Oh, Jesus! Chegastes de Gales?
Falstaff · Oh tu, maldito composto de loucura e majestade! Por esta carne fraca e este sangue corrupto, *(apontando para Doll.)* bem-vindo sejas!
Doll · Como, louco enxundioso! Eu te desprezo.
Poins · Milorde, o que ele quer é fazer-vos esquecer da vingança e levar tudo em brincadeira; não vos descuideis.
Príncipe · Imunda mina de sebo, que coisas abjetas disseste agora mesmo de mim, diante desta senhora honesta e virtuosa!
Estalajadeira · Bendito seja vosso bondoso coração! Em verdade, é o que ela é.
Falstaff · Estavas me ouvindo?
Príncipe · Estava; e vós me recebestes, como no dia em que correstes em Gadshill; sabíeis que eu me encontrava ali atrás, e só falastes daquele modo com o fito de experimentar-me a paciência.
Falstaff · Não, não, não é assim; não imaginava que podias estar escutando o que eu dizia.
Príncipe · Nesse caso vou obrigar-vos a confessar que os insultos foram premeditados, sabendo depois como tratar-vos.
Falstaff · Não houve insulto, Harry; palavra de honra; não houve insulto.
Príncipe · Então não é insulto menoscabar a minha pessoa, chamar-me de saquiteiro, cortador de pão, e não sei o que mais?
Falstaff · Não houve insulto, Hal.
Poins · Não houve insulto?
Falstaff · Não houve, Ned; de espécie alguma, honesto Ned. O que eu fiz foi depreciá-lo diante dos réprobos, para que estes não lhe adquirissem afeição. Procedi como amigo zeloso e súdito leal; teu pai deve ser-me agradecido por isso. Não houve insulto, Hal; nenhum, Ned, nenhum; palavra, rapazes, não houve insulto.
Príncipe · Ora vê, como por puro medo e covardia, injurias a esta senhora virtuosa, para te reconciliares conosco. Faz ela parte dos réprobos? Está incluída, também, entre os réprobos a estalajadeira aqui presente? É réprobo o pajem? E o honesto Bardolfo, cujo zelo arde no próprio nariz, faz também parte dos réprobos?
Poins · Responde a isso, olmo morto, responde!
Falstaff · Bardolfo já está assinalado pelo demônio por maneira irremissível; seu rosto é a cozinha particular de Lúcifer, em que a toda hora se assam os bêbados; quanto ao rapaz, é certo que um anjo bom o acompanha; mas já se acha dominado pelo diabo.
Príncipe · E as mulheres?
Falstaff · Uma já está a arder no inferno, pobre alma! Enquanto à outra, devo-lhe dinheiro, ignorando se ela vai ser condenada por isso.
Estalajadeira · Não, posso assegurar-vos.
Falstaff · Não o serás; penso que disso estás quite. Mas pesa sobre ti outra acusação, por permitires que se coma carne em tua casa, contrariamente às leis, pelo que me parece que vais urrar.
Estalajadeira · Todos os donos de estalagem fazem o mesmo; que são um ou dois quartos de carneiro em toda a quaresma?
Príncipe · Vós, distinta senhora...
Doll · Que disse Vossa Graça?
Falstaff · Sua Graça disse algo contra o que sua carne se rebela.

(Batem.)

shakespearebrasileiro.org

Estalajadeira · Quem bate com tanta força? Vai ver, Francis.

(Entra Peto.)

Príncipe · Então, Peto, que novidades há?

Peto · O soberano vosso pai se encontra
em Westminster e com ele se acham vinte
mensageiros exaustos de fadiga,
que do norte acabaram de chegar.
Em caminho passei por uma dúzia
de capitães, suarentos, sem chapéus,
que batiam em todas as tabernas,
perguntando notícias de Sir John.

Príncipe · Pelo céu, Poins; confesso-me culpado
por gastar em brinquedo um tempo destes,
em que a tormenta da desordem, como
vento sul a arrastar vapores negros,
começa a derreter e chove em nossas
cabeças desarmadas. Minha espada,
vamos, e minha capa! Adeus, Falstaff.

(Saem o príncipe, Poins, Peto e Bardolfo.)

Falstaff · Agora, justamente, que vinha o pedaço mais apetecível da noite, é-nos forçoso partir sem tocar nele! Mais batidas!

(Batem.)

Bardolfo · Deveis apresentar-vos imediatamente à corte, senhor. Uma dúzia de capitães vos esperam lá embaixo.

Falstaff · Paga os músicos, moleque! Adeus, estalajadeira; adeus, Doll. Bem vedes, raparigas, como os homens de mérito são procurados. Quem não presta para nada, pode dormir à vontade, enquanto o homem de ação é solicitado. Adeus. Se não me despacharem com urgência, ainda vos verei antes de partir.

Doll · Nem posso falar... Se o meu coração não arrebentar... Adeus, Jack adorado, toma cuidado contigo.

Falstaff · Adeus, adeus.

(Saem Falstaff e Bardolfo.)

Estalajadeira · Adeus. Na próxima estação das ervilhas verdes fará vinte e nove anos que nos conhecemos. Homem mais honrado e de coração sincero... Adeus.

Bardolfo *(dentro)* · Mistress Tearsheet!

Estalajadeira · Que é que há?

Bardolfo *(dentro)* · Dizei a mistress Tearsheet que venha ter com o meu amo.

Estalajadeira · Corre, Doll, corre! Corre, bondosa Doll!

(Saem.)

Ato III · Cena I

Westminster. Um quarto no palácio.
Entra o Rei Henrique, em trajos de noite, com um pajem.

Rei Henrique ·
Chama os Condes de Surrey e de Warwick;
mas que antes de aqui virem leiam estas
cartas e as considerem. Vai depressa.

(Sai o pajem.)

Quantos súditos meus dormem tranqüilos
a estas horas! Oh sono! Oh gentil sono!
ama da natureza, que motivo
de espanto em mim descobres, para as pálpebras
não me vires cerrar, nem mergulhares
meus sentidos no olvido? Por que, sono,
te comprazes em choças enfumadas,
e em enxergões incômodos te estendes,
pelo ruído embalado dos insetos
noturnos, em vez de ires para os quartos
perfumados dos grandes, sob esplêndidos
e faustosos dosséis, acalentado
pelo som das mais suaves melodias?
Oh deus inepto, por que causa dormes
com o miserável, em imundos catres,
e o leito real transformas em guarita
de sentinela ou sino para alarma?
Nos mastros mais vertiginosos selas
os olhos do grumete e lhe acalentas
a cabeça nas águas imperiosas
e no ímpeto dos ventos que acometem
pelas cristas as ondas desalmadas
e as cabeças monstruosas lhes erriçam,
suspendendo-as nas nuvens fugitivas
com trons de ensurdecer, a cujo estrondo
desperta a própria Morte. Podes, sono
parcial, dar teu repouso ao tiritante
grumete em hora assim tão rude, ao passo

shakespearebrasileiro.org

que na noite mais calma e silenciosa,
com as solicitações mais confortantes
o recusas a um rei? Dormi, portanto,
tranqüilos, pequeninos, que pesada
sempre se encontra a fronte coroada.
(Entram Warwick e Surrey.)
Warwick · Mil bons dias a Vossa Majestade.
Rei Henrique · Já é bom dia, milorde?
Warwick · Já é pouco mais de uma hora.
Rei Henrique ·
Então, bom dia a todos, caros lordes.
Lestes com atenção aquelas cartas?
Warwick · Lemos, meu soberano.
Rei Henrique ·
Então sabeis quão doente se acha o corpo
do nosso reino e como ingentes males
e perigos o peito lhe consomem.
Warwick ·
Mas não passa de um corpo perturbado,
que pode readquirir a força prisca
com pouca medicina e bons conselhos;
Lorde Northumberland cedo arrefece.
Rei Henrique · Oh Deus! Se se pudesse ler o livro
do destino e as mudanças ver do tempo:
montanhas que se aplainam, continentes —
enfarados da sólida estrutura —
fundirem-se no mar! Ou, noutras épocas,
ver a úmida cintura dos oceanos
larga para as costelas de Netuno,
e as chacotas da sorte, e a variedade
de licores da taça da inconstância!
Se se visse tudo isso, o mais risonho
mancebo, ao contemplar a estrada ingente,
os perigos passados, os desgostos
em perspectiva, o livro fecharia
e a chamar pela morte se deitara.
Dez anos não passaram
dês que Ricardo com Northumberland
se regalavam juntos, como amigos.
E, dois anos depois, se combatiam!
Há oito anos este Percy era a pessoa
mais chegada à minha alma; em meus trabalhos,
como irmão, me ajudava; punha a vida
e a afeição a meus pés; foi mesmo a ponto
de lançar a Ricardo um desafio.
Qual de vós lá se achava? *(A Warwick.)* Primo Nevil,
lembra-me agora, vós, quando Ricardo,
com os olhos marejados, posto em xeque
já por Northumberland, disse as palavras
que proféticas ora se tornaram:
"Northumberland,
escada de que o primo Bolingbroke
se serve para vir até o meu trono..."
ainda que eu não tivesse — Deus o sabe —
semelhante intenção; mas o infortúnio
tanto o Estado abaixou, que eu e a grandeza
nos vimos compelidos a beijar-nos:
"Há de chegar o tempo", continuou,
"há de vir tempo em que este crime hediondo
romperá qual postema". Desse jeito
prosseguiu, predizendo os fatos de hoje
e a divisão de nossos sentimentos.
Warwick · Na vida dos mortais há sempre um fato
que é símbolo dos tempos decorridos.
Observando-o, podemos ser profetas,
quase sem erro, do volver das coisas
não nascidas que ainda entesouradas
se acham nos fracos germes e começos.
Tais coisas o ovo e o fruto são do tempo.
De sua forma necessária pode
Ricardo a conclusão tirar que o grande
Northumberland, então falso para ele,
de semelhante germe cresceria
a uma traição maior, cujas raízes
careceriam de terreno, a menos
que fosse em vós.
Rei Henrique · São, pois, necessidade esses eventos?
Como necessidade os aceitemos.
É esse o termo que agora nos concita.
Dizem que o bispo com Northumberland,
tem cinqüenta mil homens.
Warwick · Impossível,
milorde! Como a voz do eco, duplica
sempre o rumor as coisas que se temem.
Repouse Vossa Graça. Por minha alma,
milorde, as forças que mandastes contra
eles, conseguirão vitória fácil.
Para melhor tranqüilizar-vos, digo
que soube do trespasse de Glendower.
Há quinze dias Vossa Majestade
não tem passado bem; essas vigílias
agravarão, decerto, vossos males.
Rei Henrique ·
Sigo o vosso conselho. E uma vez livres
as mãos da guerra que nos prende agora,
à Terra Santa iremos sem demora.

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena II

Pátio diante da casa do juiz Shallow, em Gloucestershire. Entram Shallow e Silêncio, que se encontram; no fundo. Mofado, Sombra, Verruga, Fraco, Bezerro e criados.

SHALLOW · Vinde, vinde, senhor! Dai-me a mão, senhor, dai-me a mão! Um bom madrugador, pela Santa Cruz! Como vai passando o meu bom primo Silêncio?

SILÊNCIO · Bom dia, bom primo Shallow.

SHALLOW · Como passa a prima, vossa companheira de leito? E a nossa bela filha, a minha afilhada Helena?

SILÊNCIO · Ah! um melro negro, primo Shallow.

SHALLOW · Pelo sim pelo não, atrevo-me a dizer que o primo Guilherme deu ótimo estudante. Ainda está em Oxford, não é verdade?

SILÊNCIO · É fato, senhor; à minha custa.

SHALLOW · Se assim é, dentro de pouco irá para a Escola de Direito. Freqüentei a de São Clemente, onde penso que ainda se lembram do amalucado Shallow.

SILÊNCIO · Éreis ali conhecido como "o robusto Shallow", primo.

SHALLOW · Pela Santa Missa! Chamavam-me de todo jeito; eu fazia coisas do arco-da-velha, sem pensar nas conseqüências. Éramos eu, o pequeno João Doit de Stafordshire, e o negro Jorge Barnes, e Francis Pickbone, e Will Squele, de Costwold. Nunca houve em toda a escola quatro ferrabrases como nós. E uma coisa vos asseguro: sabíamos onde encontrar o pessoalzinho e tínhamos sempre as melhores à nossa disposição. Nesse tempo Jack Falstaff, hoje Sir John, era menino, pajem de Tomás Mowbray, Duque de Norfolk.

SILÊNCIO · É esse mesmo Sir John, primo, que vem fazer aqui o recrutamento?

SHALLOW · O mesmo Sir John, o mesmo. Vi-o certa vez quebrar a cabeça a Skogan, na porta da escola; era um pirralho deste tamanho. No mesmo dia eu briguei com um tal Sansão Stockfish, fruteiro, atrás da Escola de Gray. Jesus! Jesus! que dias de loucura aqueles! E lembrar agora quantos desses velhos conhecidos já morreram!

SILÊNCIO · Todos nós teremos de segui-los, primo.

SHALLOW · É certo, é certo; não há dúvida, não há dúvida. A morte, como diz o salmista, é o que há de mais positivo; todos nós temos de morrer. Qual é o preço de uma junta de bois na feira de Stamford?

SILÊNCIO · Para falar certo, primo, não estive lá.

SHALLOW · A morte não falha. Ainda vive o velho Double de vossa cidade?

SILÊNCIO · Já morreu, senhor.

SHALLOW · Jesus, Jesus, morreu! Atirava otimamente com arco; e morreu! João de Gaunt lhe tinha grande afeição e costumava apostar muito dinheiro sobre ele. Morreu! Acertava no alvo a duzentos e quarenta passos; a duzentos e oitenta, e até mesmo a duzentos e noventa ele vos lançava uma flecha, que era um gosto presenciar. Qual é o preço de uma vintena de ovelhas?

SILÊNCIO · Isso depende; uma vintena de boas ovelhas pode valer dez libras.

SHALLOW · Então o velho Double já morreu!

SILÊNCIO · Aí vêm dois dos homens de Sir John Falstaff, segundo creio.

(Entra Bardolfo acompanhado de um homem.)

BARDOLFO · Bom dia, honrados cavalheiros. Por obséquio, quem é o juiz Shallow?

SHALLOW · Sou eu, Roberto Shallow, senhor, senhor; um pobre rendeiro deste condado e um dos juízes de paz do rei. Que desejais de mim?

BARDOLFO · Meu capitão, senhor, manda-vos muitas recomendações; meu capitão, Sir John Falstaff, um gentil-homem de boa estatura — como não! — e valente oficial.

SHALLOW · Agradeço-lhe os cumprimentos, senhor. Conheci-o como ótimo esgrimista. Como passa esse excelente cavaleiro? Poderei, também, pedir notícias de milady sua esposa?

BARDOLFO · Perdão, senhor; mas um soldado se acomoda melhor sem mulher.

SHALLOW · Muito bem dito, senhor, por minha fé, muito bem dito. "Acomoda-se melhor!" muito bem! Excelente! As boas frases são seguramente, e sempre o foram, muito recomendáveis. Acomodado! Vem de "accommodo"; ótimo! Bela frase!

shakespearebrasileiro.org

Bardolfo · Perdão, senhor! Já ouvi essa palavra. Chamais a isso frase? Por tudo o que há, não conheço a frase; mas manterei com a minha espada que essa palavra é uma palavra soldadesca e de excelente comando. Acomodado, isto é, quando o indivíduo está, como se diz, acomodado; ou, quando ele está, estando, por onde se possa imaginar que esteja acomodado, o que é uma excelente coisa.

(Entra Falstaff.)

Shallow · Justíssimo. Mas vede! Aí vem o bom Sir John. Dai-me vossa boa mão! Dai-me a boa mão de Vossa Senhoria! Por minha fé! Estais com ótima aparência e carregais admiravelmente os anos. Sede bem-vindo, bom Sir John.

Falstaff · Alegra-me vê-lo com saúde, bom mestre Roberto Shallow, Mestre Sure-card, se não me engano?

Shallow · Não, Sir John; esse é o meu primo Silêncio, que está comissionado comigo.

Falstaff · Bom mestre Silêncio, assenta-vos muito bem essa ocupação pacífica.

Silêncio · Vossa Senhoria é muito bem-vindo.

Falstaff · Uf! Que calor está fazendo, cavalheiros! Arranjastes-me uma meia dúzia de homens aptos para o serviço?

Shallow · Perfeitamente. Não quereis sentar-vos?

Falstaff · Deixe-me vê-los, por obséquio.

Shallow · Onde está a lista? Onde está a lista? Onde está a lista? Vejamos, vejamos, vejamos... É isso, é isso... Sim, aqui está ela, senhor. Rodolfo Mofado! Venham vindo à medida que eu for chamando; não façam confusão. Vejamos: onde está o Mofado?

Mofado · Aqui, senhor, com vossa licença.

Shallow · Que vos parece, Sir John? Um rapagão bem constituído, moço forte e de boa família.

Falstaff · Teu nome é Mofado?

Mofado · Sim, senhor; com vossa licença.

Falstaff · Então já é mais que tempo de seres usado.

Shallow · Ah, ah, ah! Excelente, em verdade! Os objetos que criam mofo necessitam de uso. Particularmente excelente. Realmente, muito bem dito, Sir John, muito bem dito.

Falstaff · Uma espetada nele.

Mofado · Eu já tenho sido espetado demais na vida; bem podíeis deixar-me tranqüilo. Minha velha patroa vai ficar desesperada, sem ter quem lhe cuide da lavoura e dos demais afazeres. Não há necessidade de espetardes o meu nome; há gente muito mais capaz do que eu para seguir.

Falstaff · Cala a boca, Mofado! Haveis de seguir, Mofado; já é tempo de serdes usado.

Mofado · Usado!

Shallow · Quieto, rapaz! Quieto! Ficai de lado; não sabeis onde vos encontrais? Quanto aos demais, Sir John... Vejamos: Simão Sombra!

Falstaff · Com a breca! Quero esse para sentar-me embaixo dele. Deve ser um soldado refrigerante.

Shallow · Onde está o Sombra?

Sombra · Aqui, senhor!

Falstaff · Sombra, de quem és filho?

Sombra · Sou filho de minha mãe, senhor.

Falstaff · Filho de tua mãe? Sim, é muito provável, e também sombra de teu pai. Desse modo, o filho da mulher é a sombra do marido, que é o que se dá na mais das vezes, mas sem a substância dele.

Shallow · Convém-vos este, Sir John?

Falstaff · Sombra vai servir no verão; uma espetada nele, porque temos muitas sombras para encher a lista do recrutamento.

Shallow · Tomás Verruga!

Falstaff · Onde se encontra este?

Verruga · Aqui, senhor!

Falstaff · Teu nome é Verruga?

Verruga · Sim, senhor.

Falstaff · Pois és uma verruga bem andrajosa.

Shallow · Uma espetada também nesse, Sir John?

Falstaff · Seria supérfluo, porque ele traz às costas toda a bagagem, apoiando-se o conjunto do edifício sobre dois alfinetes. Não; basta de espetadas.

Shallow · Ah, ah! Podeis fazê-lo, senhor; podeis fazê-lo. Felicito-vos por isso. Francisco Fraco!

Fraco · Presente, senhor!

Falstaff · Fraco, qual é a tua profissão?

Fraco · Alfaiate de senhoras, senhor.

Shallow · Uma espetada nesse também, senhor?

Falstaff · Decerto; mas se ele fosse alfaiate de homens, seria sua a vez de espetar-vos. És capaz de fazer tantos furos nas fileiras dos inimigos quantos já fizeste nas saias das senhoras?

Fraco · Farei o que me for possível, senhor; não podeis exigir mais.

shakespearebrasileiro.org

FALSTAFF · Muito bem respondido, excelente alfaiate de senhoras! Muito bem dito, corajoso Fraco! Hás de ser tão valente como uma pomba enfurecida ou um rato magnânimo. Uma espetada no alfaiate de senhoras! Muito bem, mestre Shallow! Com força, mestre Shallow!
FRACO · Eu queria que Verruga também seguisse, senhor!
FALSTAFF · Eu queria que fosses alfaiate de homens para que o remendasses e o deixasses apto para seguir. Não posso fazer um simples soldado de quem conduz às costas tantos milheiros deles. Que isso te baste, fortíssimo Fraco.
FRACO · É o bastante, senhor.
FALSTAFF · Sou-vos muito agradecido, reverendo Fraco. Quem segue?
SHALLOW · Pedro Bezerro do Prado!
FALSTAFF · Magnífico! Vejamos esse bezerro.
BEZERRO · Presente, senhor!
FALSTAFF · Por Deus, um rapagão! Vamos, uma espetada nesse bezerro, até que ele torne a mugir.
BEZERRO · Oh, senhor! Meu bom lorde capitão...
FALSTAFF · Que é isso! Estás mugindo antes de te espetarem?
BEZERRO · Oh, Jesus, Senhor! Eu sou um homem doente.
FALSTAFF · De que doença sofres?
BEZERRO · De um bandido resfriado, senhor; uma tosse, senhor, que apanhei à força de repicar os negócios do rei, no dia de sua coroação, senhor.
FALSTAFF · Bem; irás para a guerra com roupão; havemos de tirar-te esse resfriado e vou arranjar as coisas de modo que teus amigos repiquem por ti. Não há mais ninguém?
SHALLOW · Foram chamados dois a mais do número; mas só deveis escolher quatro, senhor; e, com isso, convido-vos para cear comigo.
FALSTAFF · Tomarei apenas um trago; não posso ficar para a ceia. Alegra-me revê-lo, mestre Shallow; palavra de honra.
SHALLOW · Oh, Sir John! Ainda vos lembrais da noite que passamos no moinho de vento no campo de São Jorge?
FALSTAFF · Não falemos mais nisso, bom mestre Shallow; não falemos mais nisso.
SHALLOW · Ah! Que noite alegre! Ainda vive a Jane Nightwork?
FALSTAFF · Vive, mestre Shallow.
SHALLOW · Ela não passava sem mim.
FALSTAFF · Não passava, mesmo; estava sempre a dizer que não suportava o mestre Shallow.
SHALLOW · E como eu sabia deixá-la enfurecida! Naquele tempo ela era uma boa rapariga. Ainda está bem conservada?
FALSTAFF · Velha, velha, mestre Shallow.
SHALLOW · Tem de estar velha, mesmo; não há por onde escolher; sim, decerto está velha. Teve a Robin Nightwork do velho Nightwork antes de eu entrar para a Escola de São Clemente.
SILÊNCIO · Lá se vão já cinqüenta anos.
SHALLOW · Ah, primo Silêncio, se tivésseis visto o que eu e este cavaleiro vimos! Não é verdade, Sir John?
FALSTAFF · Ouvimos os carrilhões da meia-noite, mestre Shallow.
SHALLOW · Ouvimos, ouvimos, Sir John; é verdade, ouvimos mais. Tínhamos como senha: "Hê rapazes!" E agora vamos comer. Jesus! Que dias nós vimos! Vamos, vamos.

(Saem Falstaff, Shallow e Silêncio.)

BEZERRO · Bom mestre caporal Bardolfo, sede meu amigo; aqui tendes quatro henriques de dez xelins em moeda francesa. Para dizer a verdade, senhor, gosto tanto de ser enforcado como de seguir para a guerra. Não é que eu me importe de ir; mas é que não tenho desejo disso, além de que, por minha parte, prefiro ficar com os meus amigos. Não fosse isso, senhor, de minha parte pouco se me dava.
BARDOLFO · Bem; passa para este lado.
MOFADO · Meu bom mestre sargento capitão, pela saúde de minha velha patroa, interceda também a meu favor. Quando eu me for, ela ficará sem ninguém a seu lado para ajudá-la; já está muito velha; não pode fazer nada. Dou-vos quarenta xelins, senhor.
BARDOLFO · Bem; passa para cá.
FRACO · Para mim, tanto faz; a gente só morre uma vez; devemos uma morte a Deus. Não me rebaixarei; se for esse o meu destino, bem; se não for, bem. Ninguém é demasiado bom para servir ao príncipe; tome o caminho que tomar, quem morrer este ano ficará quite para o próximo.
BARDOLFO · Muito bem dito; és um rapaz de coragem.

(Voltam Falstaff, Shallow e Silêncio.)

FALSTAFF · Vejamos, senhor: quais são os homens que eu devo levar?

SHALLOW · Quatro, a vosso critério.
BARDOLFO *(à parte, a Falstaff)* · Uma palavra, senhor: recebi três libras para deixar livres a Mofado e a Bezerro.
FALSTAFF *(à parte, a Bardolfo)* · Está bem; podes ir.
SHALLOW · Vejamos, Sir John; quais são os quatro que escolheis?
FALSTAFF · Escolhei vós por mim.
SHALLOW · Nesse caso, escolho Mofado, Bezerro, Fraco e Sombra.
FALSTAFF · Mofado e Bezerro: vós, Mofado, ficai em casa até que vos torneis imprestável para o serviço; no que vos respeita, Bezerro, crescei, até ficardes em condições; não quero nenhum de vós.
SHALLOW · Sir John, Sir John, não vos prejudiqueis! Esses dois são justamente os mais capazes. O meu desejo é que fiqueis bem servido.
FALSTAFF · Mestre Shallow, quereis ensinar-me a escolher homens? Importam-me, acaso, os membros, os nervos, a estatura, o volume e o aspecto grandalhão de uma pessoa? Dai-me o espírito, mestre Shallow. Aqui tendes o Verruga! Vede que aparência andrajosa ele apresenta; pois é certeza que ele vos carregará e descarregará uma arma com a presteza de um martelo de picheleiro; irá daqui para ali com a rapidez de quem enforca o balde de cerveja na manivela. E aquele vosso amigo de meia cara apenas, o Sombra! Dai-me esse. Um homem assim não oferece alvo ao inimigo, para quem tanto faz apontar nele como no fio de um canivete. E numa retirada! Com que presteza este indivíduo fraco passará pelo alfaiate de senhoras! Oh! dai-me apenas homens insignificantes, que para mim os grandalhões nada significam. Põe-me um arcabuz na mão de Verruga, Bardolfo.
BARDOLFO · Assim, Verruga; apontar! Assim, assim.
FALSTAFF · Manobrai-me vosso arcabuz. Assim, muito bem. Outra vez! Excelente! Oh! dêem-me só atiradores pequenos, magros, velhos, ossudos e sem cabelo. Perfeitamente, Verruga; és um bicho. Toma lá um tostão.
SHALLOW · Ele não entende do ofício; não sabe manobrar direito. Lembra-me que no prado de Mile-end, quando eu cursava a Escola de São Clemente — nesse tempo eu fazia o papel de Sir Dagonet na pantomima de Artur — havia um rapazinho lesto, que vos manejava a peça deste modo: fazia meias-voltas sucessivas, ia para lá, tornava a vir, "ra-ta-tá", dizia ele, "bum!" dizia ele, e tornava a ir, e tornava a vir. Nunca mais encontrei ninguém como ele.
FALSTAFF · Estes aqui servirão muito bem, mestre Shallow. Deus vos guarde, mestre Silêncio. Não desperdiçarei palavras convosco. Ficai com Deus, cavalheiros. Agradeço-vos. Ainda tenho de andar doze milhas esta noite. Bardolfo, dá farda a estes soldados.
SHALLOW · Sir John, o céu vos abençoe e faça prosperar vossos negócios. Deus vos dê paz. De volta, aparecei em nossa casa; renovemos nossa velha amizade; é provável que eu vá convosco à corte.
FALSTAFF · É o que eu desejo também, mestre Shallow.
SHALLOW · Parti, já disse tudo; Deus vos acompanhe.
FALSTAFF · Adeus, gentis cavalheiros. *(Saem Shallow e Silêncio.)* Vamos, Bardolfo; leva esses homens.

(Saem Bardolfo, os recrutas, etc.)

Quando eu voltar, pretendo sondar esses juízes; já vi o fundo do juiz Shallow. Oh, Senhor, Senhor! Quão sujeitos estamos os velhos ao vício da mentira! Este mesmo juiz faminto nada mais fez do que dar à língua a respeito de suas loucuras da mocidade e de suas proezas na rua Turnbull; não dizia três palavras sem uma mentira, que pagava ao ouvinte com maior pontualidade do que a do tributo do Turco. Lembro-me dele em São Clemente, como uma dessas figuras feitas depois das refeições com a casca do queijo; sem roupa, parecia um rabanete partido, em que se houvesse cortado com faca uma cabeça fantástica. Era tão franzino, que uma pessoa de pouca vista não podia distingui-lo; verdadeiro gênio da fome. No entanto, lascivo como macaco; as mulheres da vida alegre lhe chamavam Mandrágora; andava sempre na retaguarda da moda e cantava a suas companheiras mais do que engraxadas as cantigas que ouvia dos carreteiros, jurando que eram invenções próprias ou serenatas. E agora temos esta espada de Arlequim feito proprietário; fala de João de Gaunt com a familiaridade de um irmão de armas. Estou a jurar que só o viu uma vez, no campo de justas, quando

shakespearebrasileiro.org

lhe partiram a cabeça por ter ido meter-se entre os homens do marechal. Vi-o nessa ocasião, e disse a João de Gaunt que estavam batendo em seu próprio nome, porque poderíeis metê-lo em uma pele de enguia com todos os seus pertences. O estojo de um oboé lhe serviria de casa, verdadeiro palácio. No entanto, agora possui terras e gado. Muito bem; se eu voltar, estreitaremos relações; e não terei sorte se não o transformar em dupla pedra filosofal para meu uso. Se salmonete novo é comida de primeira para lúcio velho, não encontro nenhuma razão na lei da natureza para que eu não possa engoli-lo. Quando chegar a ocasião, já tudo estará feito.

(Sai.)

Ato IV · Cena I

Uma floresta em Yorkshire.
Entram o arcebispo de York, Mowbray, Hastings e outros.

ARCEBISPO · Como se chama esta floresta?
HASTINGS · Chama-se
floresta de Gaultree, com permissão
de Vossa Graça.
ARCEBISPO · Aqui ficai, milordes,
e espias enviai, a fim de o número
sondar dos inimigos.
HASTINGS · Já o fizemos.
ARCEBISPO · Ótima providência. Meus amigos,
meus irmãos neste grave empreendimento,
devo dar-vos a nova de ter cartas
recém-datadas de Northumberland.
Esta é a substância, o tom e o assunto frio:
desejara aqui estar com força digna
de sua posição; mas impossível
lhe foi reuni-la, e, conseguintemente,
foi esperar na Escócia que a ventura
crescente lhe madure. Ardentes votos
envia, ao terminar, para que vossos
esforços a melhor sobre o azar levem
e o encontro temeroso do inimigo.
MOWBRAY · Desta arte as esperanças que sobre ele
fundávamos, se esfazem totalmente.

(Entra um mensageiro.)

HASTINGS · Que novidades há?
MENSAGEIRO ·
A menos de uma milha a oeste da selva,
em boa forma, o imigo se aproxima;
pelo espaço que ocupam, faço o cálculo
de serem trinta mil ou pouco menos.
MOWBRAY · Exatamente quanto calculamos.
Vamos ao seu encontro na planície.

(Entra Westmoreland.)

ARCEBISPO · Que chefe tão armado se aproxima?
MOWBRAY ·
Lorde de Westmoreland, se não me engano.
WESTMORELAND · Saudações cordiais do general
de nossas forças, Lorde João, Príncipe
e Duque de Lencastre.
ARCEBISPO · Sem receio,
Lorde de Westmoreland, nos revelai
o fim de vossa vinda.
WESTMORELAND · Então, milorde,
é sobretudo a vós que ora dirijo
a substância de todo o meu discurso.
Viesse esta rebelião, em si coerente,
com multidões abjetas e sem crédito,
inspirada na cólera, trazida
por uma juventude sanguinária,
e apoiada por moços e mendigos;
se tão maldita comoção, repito,
desta arte aparecesse, em seu feitio
mais próprio e natural, na forma inata,
vós, reverendo padre, e estes fidalgos
não seríeis aqui para vestirdes
os feios traços da sangrenta e baixa
revolução com vossa alta aparência.
E vós, Lorde Arcebispo, cuja sede
sob a paz se conserva, cuja barba
pela argentina mão da paz foi benta,
que à paz deveis a ciência e as belas-letras,
que refletis nas vestes a inocência,
a pomba e o santo espírito da paz,

shakespearebrasileiro.org

por que tão mal vos traduzis da língua
da paz, que tanta graça nos sugere,
na da guerra tão áspera e violenta,
transformando em perneiras vossos livros,
em sangue vossa tinta, em lança a pena,
e a linguagem divina da trombeta
barulhenta que soa para a guerra?
Arcebispo ·
Por que faço isso? É fácil de responder-vos
à questão. Todos nós estamos doentes;
a lascívia e os excessos nos causaram
febre ressecadora, que reclama
sangria muito urgente. Dessa doença
foi que morreu Ricardo. Mas meu nobre
Lorde de Westmoreland, eu não pretendo
que me tomeis por médico nesta hora,
nem é na qualidade de inimigo
da paz que a homens armados me incorporo;
se assumo esta aparência por instantes,
é com o fim de cuidar de almas que sofrem
e remover as obstruções que as veias
da vida nos ameaçam. Serei claro:
em balança imparcial pesei os males
que podemos causar e os sofrimentos
que vimos suportando, e achamos que estes
pesam mais do que tudo o que fizemos.
Vemos a direção que o tempo toma:
é a rude correnteza da ocasião
que nos tira de nossa esfera quieta.
Já se acham sumariadas nossas queixas;
no momento oportuno esses artigos
serão apresentados, o que, há muito,
pudéramos ter feito, se o monarca
não se houvesse esquivado de escutar-nos.
Se injustiça sofremos e queremos
expor-lhe as nossas mágoas, vemos logo
vedado o acesso à sua pessoa, pelos
mesmos que mais prejuízos nos causaram.
Os perigos dos dias mais chegados —
cuja memória a terra ainda conserva
com sangue bem visível — e os exemplos
de todos os minutos, casos de hoje,
a estas armas impróprias nos levaram,
não para a paz romper ou um de seus ramos,
mas para que uma paz aqui fundemos
em que concorra o nome e a qualidade.
Westmoreland ·
Quando vos foi negada, acaso, audiência?
Em que vos tem magoado o soberano?
Que par foi subornado em vossa perda,
para o selo divino colocardes
neste livro ilegal de uma sangrenta
rebelião, consagrando o fio amargo
da arma das comoções e das revoltas?
Arcebispo · Dos malfeitos ao Estado e das
crueldades infligidas ao meu irmão de sangue
faço o assunto de minhas próprias queixas.
Westmoreland ·
Não cabe desagravo algum; mas mesmo
que fosse o caso, a vós tal não compete.
Mowbray ·
Por que a ele não, em parte, e aos outros todos
que sentimos os golpes do passado
e mais ainda sofremos no presente,
cuja mão grave e injusta calca sobre
nossa honra postergada?
Westmoreland · Oh meu bom Lorde
Mowbray, julgai o tempo pelos fatos
e concluireis, sem dúvida, que é o tempo,
não o rei, que vos faz tais injustiças.
Contudo, enquanto a vós, quer parecer-me
que nem o tempo, nem o rei vos deram
um nada de terreno em que pudésseis
construir alguma queixa. Não vos vistes
reintegrado na posse dos domínios
do Duque de Norfolk, vosso mui digno
genitor, de colenda e alta memória?
Mowbray · Em que meu pai perdera na honra, para
que fosse necessário eu reanimá-la?
Por injunções do Estado, o rei, que o amava,
a expatriá-lo se viu, então, forçado.
E isso quando? Quando ele e Bolingbroke,
montados ambos, ambos já nas selas,
os cavalos nitrindo sob a espora,
no riste as lanças, as vizeiras caídas,
faiscando os olhos pelas fendas de aço,
e a sonora trombeta o estimulá-los...
Nessa hora, quando nada mais podia
desviar de Bolingbroke a lança aguda
de meu pai, deixou o rei cair por terra
seu bastão de comando. A própria vida,
com o bastão, de si mesmo ele arrojava;
condenava-se, assim, e a todos quantos,
à espada ou por sentença, sob o peso
de Bolingbroke, até hoje pereceram.

shakespearebrasileiro.org

WESTMORELAND · Falais, Lorde Mowbray, do que ignorais.
O Conde de Hereford era então tido
como o par mais valente da Inglaterra.
Como saber a quem teria a sorte
sorrido então? Mas, ainda que a vitória
vosso pai alcançasse, chegaria
de Coventry a sair ele com vida?
De modo unânime o país o odiava;
todas as preces dele e todo o afeto
objetivaram Hereford, que o povo
abençoava e endeusava sobre tudo,
muito mais do que o próprio soberano.
Mas com isso me afasto do meu ponto.
Venho em nome do príncipe somente
para ouvir vossas queixas e dizer-vos
que Sua Graça vos concede audiência.
Se vossas exigências forem justas,
serão logo atendidas, esquecendo-se
quanto possa inquinar-vos de inimigos.
MOWBRAY · Essa oferta, nós mesmos lha impusemos;
não o move o amor, apenas a política.
WESTMORELAND ·
Mowbray, muita arrogância isso revela;
vem da clemência a oferta, não do medo.
Vede que, perto, nossos homens se acham,
e, por minha honra! todos mui confiantes
para darem guarida ao pensamento,
sequer, do medo. Nomes mais ilustres
se vêem em nossas filas; nossos homens
no manejo das armas são mais destros;
são como as vossas, nossas armaduras;
nossa causa, melhor. Temos, portanto,
razão de estar deveras animados.
Não digais que é forçada a nossa oferta.
MOWBRAY ·
Não deve haver acordo, é o que eu proponho.
WESTMORELAND · Isso prova a consciência da
injustiça; uma causa ruim não sofre exame.
HASTINGS · Tem o Príncipe João plenos poderes
de seu pai, e irrestrita autoridade
para ouvir-nos e, após, apresentar-nos
as condições que o caso lhe sugira?
WESTMORELAND ·
Isso está compreendido no seu título
de general; admira tal pergunta.
ARCEBISPO · Nesse caso, milorde Westmoreland,
recebei esta cédula, em que se acham
expostas nossas queixas. Seus artigos
devem ser atendidos pontualmente;
todos os implicados nesta causa,
daqui ou de alhures, devem ser perdoados
por maneira sincera e insofismável.
E que logo nos seja assegurada
a execução de quanto objetivamos.
Então reingressaremos nos limites
veneráveis da lei, para nos braços
da paz nossos poderes enlaçarmos.
WESTMORELAND ·
Mostrarei tudo ao general. Milordes,
se concordardes, falaremos, ainda,
à vista dos dois campos. Praza a Deus
que paz firmemos; do contrário, as armas
decidirão lá mesmo a diferença.
ARCEBISPO · Milorde, assim faremos.
(Sai Westmoreland.)
MOWBRAY · Algo na alma
me diz que as condições apresentadas
não podem ser duráveis.
HASTINGS · Não o temais;
se pudermos concluir a paz em termos
tão amplos e absolutos como o exigem
as nossas condições, há de ser firme
nossa paz como a rocha da montanha.
MOWBRAY · Sim; mas de tal maneira hão de julgar-nos,
que o mais leve pretexto e o mais fortuito,
o motivo mais vão, trivial e fútil,
ao rei farão lembrar nossa revolta.
Embora como mártires provássemos
nossa lealdade, com tão rude vento
seríamos joeirados, que até mesmo
nosso grão subiria como palha,
sem que o bom do ruim se distinguisse.
ARCEBISPO ·
Não, não, milorde; ouvi-me; o rei está farto
de tantas queixas vãs e complicadas;
já viu que sufocar uma com a morte,
é despertar duas outras mais pujantes
nos herdeiros da vida. Esse o motivo
de agora ele querer limpar as telas
da memória, expungindo aí as lembranças
que lhe possam mostrar a todo instante
seus desastres passados, pois bem sabe

shakespearebrasileiro.org

que é impossível carpir todo o terreno
de quanto lhe sugere a suspicácia.
De tal maneira amigos e inimigos
se encontram vinculados, que tentando
um destes arrancar, abala aqueles.
Desta arte a terra toda é como esposa
provocadora que o irritasse ao máximo
e que, ao ser castigada, lhe mostrasse
seu próprio filho, a pena suspendendo
do braço que devia executá-la.
Hastings · Além do mais, o rei gastou suas varas
nos últimos culpados, o que implica
não ter mais instrumentos de castigo.
Seu poder, como leão sem garras, pode
apenas ameaçar, atacar, não.
Arcebispo · É verdade; por isso, meu bom Lorde
Marechal, ficai certo de que se hoje
resolvermos o caso, a paz firmada
há de ser como um membro fraturado
que se mostra mais forte após a cura.
Mowbray · Antes assim. Mas eis que vem de volta
Lorde de Westmoreland.

(Torna a entrar Westmoreland.)

Westmoreland ·
O príncipe está à mão; fora do agrado
de Vossa Senhoria a igual distância
de nossas forças entender-se com ele?
Mowbray ·
Que Vossa Graça de York, então, em nome de
Deus tome a dianteira.
Arcebispo · Antes, milorde,
cumprimentai Sua Graça; já chegamos.

(Saem.)

Ato IV · Cena II

Outra parte da floresta.
Entram, por um lado, Mowbray, o arcebispo, Hastings e outros; pelo outro lado, João de Lencastre, Westmoreland, oficiais e séquito.

Lencastre ·
Primo Mowbray, sois mui bem-vindo aqui;
bom dia, meu gentil Lorde Arcebispo,
e a vós também, Lorde Hastings, e a vós todos.
Milorde de York, tínheis melhor vista,
quando vosso rebanho, ao som dos sinos,
vos circundava, para, reverentes,
ouvir-vos comentar o texto sacro,
de que nessa armadura que vos cinge,
a animar multidão de rebelados,
ao rufo dos tambores, transmudando
em morte a vida, em armas a palavra.
Quem reside no peito de um monarca
e à luz do seu favor amadurece,
quando chega a abusar dessa confiança,
que de estragos não causa, acobertado
por tamanha grandeza! O mesmo, Lorde
Bispo, se dá convosco. Quem não sabe
que nos livros de Deus sois mui profundo?
Como orador de seu congresso sempre
vos tivemos, a voz do próprio Deus,
o intérprete, o acatado intermediário
entre a graça do céu, com seus favores,
e os nossos rudes feitos. Quem previra
que iríeis abusar da reverência
de vossa posição; a ajuda e a graça
do céu malbaratando, como um falso
cortesão que usa o nome do monarca
para atos pouco honrosos? Sublevastes,
sabendo aparentar o amor de Deus,
os súditos de seu representante,
meu pai; é contra a paz do céu, contra ele,
que ora os amotinais.
Arcebispo · Meu caro Lorde
de Lencastre, não vim como inimigo
da paz de vosso pai; mas, como disse
a Lorde Westmoreland, foi a desordem
simplesmente do tempo, em sentido amplo,
que nos reuniu, sob esta forma insólita,
em defesa de vossa liberdade.
Já enviei a Vossa Graça a relação
minuciosa de todos os agravos —
com desdém pela corte repelidos —
causa de haver nascido a hidra da guerra.
Mas é possível encantar-lhe os olhos
ameaçadores, com satisfazerdes
nossas reclamações legais e justas;

shakespearebrasileiro.org

a obediência sincera, então, curada,
virá, mansa, curvar-se ante a realeza.
MOWBRAY · Caso contrário, a sorte tentaremos
até o último soldado.
HASTINGS · E se tombarmos,
teremos quem nos leve adiante a empresa,
como outros o terão, se fracassarem,
o que fará nascer uma seqüência
de insurreições, que de um para outro herdeiro
fará passar a luta, enquanto houver
gerações sobre o solo da Inglaterra.
LENCASTRE ·
Sois bem pouco profundo, Hastings, bem pouco,
para a sonda lançardes no futuro.
WESTMORELAND ·
Dir-nos-á Vossa Graça, sem rebuços,
o que pensais de nossas pretensões?
LENCASTRE · Aceito todas elas e as aprovo;
e juro aqui, pela honra de meu sangue,
que meu pai não tem sido compreendido;
muitos dos seus validos lhe adulteram,
com freqüência, a opinião e a autoridade.
Vossas queixas, milorde, por minha alma,
serão sanadas. Se isso vos agrada,
reenviai para suas terras vossas forças,
como vamos fazer também com as nossas.
E aqui, entre os exércitos, bebamos
cordialmente e abracemo-nos, a fim
de que todos os olhos levar possam
para casa o penhor de nosso afeto
renovado e do amor que aqui se afirma.
ARCEBISPO · A palavra de um príncipe me basta.
LENCASTRE ·
Dou-vos minha palavra e hei de mantê-la.
E ora bebo à saúde de vós todos.
HASTINGS *(a um oficial)* ·
Transmiti, capitão, a nossos homens
essas novas de paz; que sejam pagos
e se dispersem. Sei que a nova a todos
agradará. Depressa, capitão!

(Sai o oficial.)

ARCEBISPO ·
A vós, meu nobre Lorde Westmoreland!
WESTMORELAND ·
Também à Vossa Graça. Se soubésseis
que de esforço esta paz me vem custando,
beberíeis à larga; mas espero
que o meu amor se vos revele em pouco
mais claramente.
ARCEBISPO · Não me inspirais dúvida.
WESTMORELAND · Alegro-me sabê-lo; e ora à saúde
de milorde Mowbray, meu gentil primo.
MOWBRAY · Desejais-me saúde em tempo azado,
porque me sinto agora algo indisposto.
ARCEBISPO · Na véspera de um mal, fica-se alegre,
mas a tristeza inculca eventos gratos.
WESTMORELAND ·
Alegrai-vos, portanto, primo, que essa
tristeza apenas diz: Boas notícias
chegarão amanhã.
ARCEBISPO · Acreditai-me,
hoje eu me sinto muito bem-disposto.
MOWBRAY · Tanto pior, se for certa a vossa máxima.

(Ouvem-se aclamações.)

LENCASTRE · A paz foi anunciada; ouvem-se vivas.
MOWBRAY · Mais ruidosos seriam, se tivéssemos
vencido.
ARCEBISPO · A paz é como uma conquista:
com nobreza as duas partes se submetem;
nenhuma delas perde.
LENCASTRE · Ide, milorde,
e dispersai também o nosso exército.

(Sai Westmoreland.)

E, meu bom lorde, se acordais, façamos
desfilar ante nós ambas as tropas,
porque vejamos que homens nós teríamos
de combater.
ARCEBISPO · Ide, meu bom Lorde Hastings,
fazei-os desfilar antes de se irem.

(Sai Hastings.)

LENCASTRE · Espero, lordes, que hoje à noite havemos
de dormir juntos.

(Volta Westmoreland.)

Primo; por que causa
ainda se acha parado o nosso exército?
WESTMORELAND ·
Os chefes, aos quais destes outras ordens,
não querem dispersar sem vos ouvirem.
LENCASTRE · Conhecem seu dever.

(Volta Hastings.)

HASTINGS · Milorde, nossas forças já se foram.
Como novilhos livres, debandaram
para este, oeste, norte e sul; ou como

shakespearebrasileiro.org

crianças depois da escola, correm todos
em direção de casa ou dos folguedos.
Westmoreland · Boas novas, Lorde Hastings. Como prêmio,
eu te prendo, traidor de alta traição;
e vós, Lorde Arcebispo, e vós, Mowbray,
por traição capital a ambos detenho.
Mowbray · Semelhante conduta é justa e honrosa?
Westmoreland · Vossa sublevação o é, por acaso?
Arcebispo · Faltareis, desse modo, ao juramento?
Lencastre · Não jurei coisa alguma; apenas disse
que iria corrigir alguns abusos
de que vos lamentáveis. Por minha honra!
com consciência cristã hei de fazê-lo.
Mas vós, rebeldes, heis de ter a paga
que se deve à traição e a atos quejandos.
Com simpleza a esses homens aliciastes,
e ora mais loucamente os dispersastes.
Persigamo-los, pois! Toca a rebate!
Não somos nós, é Deus que hoje combate.
Para o cepo os traidores sigam breve,
que é o leito onde a traição expirar deve.

(Saem.)

Ato IV · Cena III

Outra parte da floresta.
Rebate. Movimento de tropas.
Entram Falstaff e Colevile, e se encontram.

Falstaff · Qual é o vosso nome, senhor? Qual a vossa condição? De que lugar sois, por obséquio?
Colevile · Sou um cavaleiro, senhor; chamo-me Colevile do Vale.
Falstaff · Muito bem; Colevile é o vosso nome; cavaleiro, vosso título e o vale o vosso lugar. Pois Colevile ficará sendo o vosso nome para sempre, traidor o vosso título e o calabouço vosso lugar, aliás, lugar bem fundo: desse modo continuareis sendo Colevile do vale.
Colevile · Não sois Sir John Falstaff?
Falstaff · Tão bom quanto ele, senhor, seja eu quem for. Ide render-vos, senhor, ou será que terei de suar por vossa causa? Mas se eu suar, hão de ser lágrimas de teus amigos no pranto de tua morte. Por isso, desperta o medo e o tremor e entrega-te à minha clemência.
Colevile · Penso que sois Sir John Falstaff; e nessa crença me entrego.
Falstaff · Carrego nesta pança uma escola de línguas, e nenhuma delas sabe pronunciar outra palavra além do meu nome. Se eu tivesse um ventre como todo o mundo, seria o camarada mais ativo da Europa. Esta pança, esta pança é que me prejudica. Aí vem o nosso general.

(Entram João de Lencastre, Westmoreland, Blunt e outros.)

Lencastre · Passou o calor; mais longe não os sigamos; bom primo Westmoreland, chamai as tropas.

(Sai Westmoreland.)

Onde andastes, Falstaff, todo esse tempo?
Quando tudo termina é que chegais.
Por minha vida, essas graçolas hão de
qualquer dia quebrar alguma forca.
Falstaff · Causar-me-ia grande pesar, milorde, se tal não acontecesse, pois tenho observado que as censuras e reprimendas sempre foram a recompensa do valor. Tomais-me por uma andorinha, uma flecha ou uma bala? Disponho, por acaso, na minha pobre e velha mobilidade, da rapidez do pensamento? Corri até aqui sem o atraso de uma polegada; estrompei cento e oitenta cavalos de posta, e apesar disso, ao chegar aqui, com todas estas pinturas do caminho, e com o meu valor puro e imaculado aprisionei Sir John Colevile do Vale, cavaleiro furiosíssimo e inimigo dos mais bravos. Mas, para que insistir? Bastou ver-me, para entregar-se, de forma que, com toda a justiça, poderia dizer como o Romano de nariz de gancho: cheguei, vi e venci.
Lencastre · Isso foi mais cortesia dele do que valor vosso.
Falstaff · Não saberei dizê-lo; aqui está ele e aqui vo-lo entrego. Suplico a Vossa Graça que esta façanha seja devidamente anotada com os demais feitos do dia; caso contrário, por tudo o que há, mandarei compor uma balada especial, com meu retrato no alto e Colevile beijando-me os pés. Se

shakespearebrasileiro.org

chegar a esse ponto e todos vós não ficardes ao meu lado como moedas de dois pence, enquanto eu brilhar no claro céu da fama, ofuscando-vos como faz a lua cheia com as chispas do firmamento, que ao seu lado não passam de cabeças de alfinete, podeis descrer da palavra de um fidalgo. Por isso, concedei-me o meu direito e deixai subir o merecimento.

LENCASTRE · O teu é pesado demais para subir.

FALSTAFF · Então, deixai-o brilhar.

LENCASTRE · É demasiado espesso para isso.

FALSTAFF · Fazei qualquer coisa, meu bom lorde, que me seja favorável, e dai-lhe o nome que vos aprouver.

LENCASTRE · Teu nome é Colevile?

COLEVILE · Sim, milorde.

LENCASTRE · És um rebelde famoso, Colevile.

FALSTAFF · E foi um súdito famosamente leal que o aprisionou.

COLEVILE · Sou, senhor, o que são os superiores
que aqui me conduziram. Fossem eles
por mim trazidos, e a vitória, certo,
vos teria custado bem mais caro.

FALSTAFF · Ignoro por quanto se venderam; mas o que é certo é que tu, como bom camarada, te entregaste de graça; agradeço-te a pessoa.

(Volta Westmoreland.)

LENCASTRE · Mandastes recolher os nossos homens?

WESTMORELAND · Já se retiram; finda está a matança.

LENCASTRE · Enviai logo para York a Colevile
com os demais companheiros, para serem
executados sem detença. Blunt,
fica ele a vosso cargo; sede atento.

(Saem Blunt e outros, com Colevile.)

Ora, milorde, vamos para a corte;
soube que o rei meu pai se acha bem doente.
Devem antecipar-nos as notícias,
cabendo a vós, meu primo, transmiti-las
a Sua Majestade; seguiremos
com sóbria rapidez em vosso encalço.

FALSTAFF · Eu desejaria permissão, milorde,
de ir por Gloucestershire e que me fôsseis
na corte bom senhor, enaltecendo-me.

LENCASTRE · Adeus, Falstaff; em minha qualidade direi mais do que cabe ao vosso mérito.

(Saem todos, menos Falstaff.)

FALSTAFF · Só desejara que tivesses espírito; valeria mais do que o teu ducado. Por minha fé, esse moço de sangue-frio não me tem afeição. Nada o faz sorrir; mas isso não admira; não bebe vinho. Os jovens de temperamento muito sisudo jamais dão coisa que preste; a sobriedade no beber e o excesso de peixe na comida, de tal jeito lhes esfria o sangue, que caem em uma espécie de anemia masculina, só gerando filhas, depois de casados. No mais das vezes são estúpidos e covardes, o que também seríamos, se não nos inflamássemos. Um bom copo de xerez é de duplo efeito; sobe-me ao cérebro, seca-me ali todos os vapores tontos, obtusos e ásperos que o envolvem, deixando-o sagaz, vivo, imaginoso, cheio de formas leves, petulantes e deleitosas, que, entregues à voz, recebem vida da língua e se convertem em excelente espírito. A segunda propriedade do vosso excelente xerez é a de aquecer o sangue, que, por ser naturalmente frio e pesado, deixa o fígado branco e pálido, sinal certo de pusilanimidade e covardia; mas o xerez o aquece e o faz correr do interior para as partes extremas, ilumina o rosto, que, como farol que é, chama às armas a esse pequenino reino denominado homem. E então todos os moradores e os pequenos espíritos da província se congregam em torno do seu chefe, o coração, que, aumentado e envaidecido com o cortejo, se torna capaz de qualquer empreendimento de valor. Todo esse valor vem do xerez, a tal ponto que a habilidade no manejo das armas de nada vale sem o xerez, que é o que a põe em movimento. O saber não é mais do que uma mina de ouro guardada por um demônio, que só vale depois que o xerez a explora e a põe em obra e uso. É daí que vem a valentia do príncipe Harry, porque o sangue-frio que ele herdou naturalmente do pai, tal como terreno mesquinho, desnudo e estéril, foi por ele lavrado, adubado e cultivado com o excelente esforço de beber grandes e grandes quantidades do fértil xerez, que deixou o príncipe ardente e valoroso. Se eu tivesse mil filhos, o primeiro princípio humano que lhes inculcava, seria absterem-se de bebidas fracas e entregarem-se ao xerez.

(Entra Bardolfo.)

Então, Bardolfo?

BARDOLFO · O exército foi licenciado e já se dispersou.

FALSTAFF · Deixa-os. Irei por Gloucestershire, onde pretendo visitar mestre Roberto Shallow, esquire. Já o amolguei um tanto entre o polegar e o indicador; dentro de pouco lhe porei o meu selo. Vamo-nos.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena IV

Westminster. Sala de Jerusalém.
Entram o Rei Henrique, Clarence, Gloster, Warwick e outros.

Rei Henrique ·
Se Deus, milordes, permitir bom êxito
ao debate que sangra em nossas portas,
decidimos levar os nossos moços
a mais altas campanhas e somente
fazer uso de espadas consagradas.
A postos está a armada, as forças prontas,
investido quem deve substituir-nos,
tudo, em suma, conforme o desejamos.
Só de força pessoal é que careço;
assim, descansaremos até que esses
rebeldes ao governo se submetam.
Warwick · Coisas que, certo, a Vossa Majestade
mui breve hão de alegrar.
Rei Henrique · Humphrey, meu filho
de Gloster, onde se acha o vosso irmão?
Gloster · Penso que foi caçar, milorde, a Windsor.
Rei Henrique ·
E quem o acompanhou?
Gloster · Não sei, milorde.
Rei Henrique ·
E Tomás de Clarence, está com ele?
Gloster · Não, milorde; esse se acha aqui presente.
Clarence · Que deseja de mim meu pai e senhor?
Rei Henrique ·
Apenas o teu bem, Tomás Clarence.
Por que longe te encontras de teu irmão?
Ele te ama, e tu dele te deslembras;
em seu afeto tens mais alto posto
do que os outros irmãos; conserva-o, filho.
Desta arte preencherás o nobre ofício
de mediador, após a minha morte,
entre os outros irmãos e sua grandeza.
Não o evites, portanto; não embotes
seu amor, nem desprezes as vantagens
de sua graça, por frio pareceres
ou mesmo indiferente a seus desejos,
pois quando procurado, ele é atencioso;
sempre tem uma lágrima voltada
para a piedade, e, aberta como o dia,
sempre a sua mão à caridade é afeita.
Não obstante, irritado é como pedra,
sombrio como o inverno e tão violento
como no amanhecer rajada fria.
Estuda-lhe o temperamento, exprobra-lhe
os defeitos, mas faze-o com cordura,
quando o vires de humor propenso à graça;
irritado, porém, solta-lhe a linha,
té que as paixões, como baleia em seco,
debatendo-se, parem. Aprende isso,
Tomás, para que possas transformar-te
em amparo eficaz de teus amigos,
o laço de ouro que os irmãos te prenda,
porque o vaso comum do vosso sangue
com o veneno de estranha sugestão —
o que há de vir com o tempo — não se turve,
ainda que tenha ação tão poderosa
como o acônito e pronta como a pólvora.
Clarence · Cuidarei dele com carinho e amor.
Rei Henrique ·
Tomás, por que não te achas com ele em Windsor?
Clarence · Ora lá não está; vai cear em Londres.
Rei Henrique ·
E os companheiros, sabes quais são eles?
Clarence ·
Os companheiros? Poins e os mais de sempre.
Rei Henrique · Terra boa é sujeita a muita praga;
ele, imagem mui nobre de mim mesmo,
por elas invadido ora se encontra.
Eis porque muito além da hora da morte
minha dor se prolonga. O sangue em lágrimas
me sai do coração, quando me esforço
por figurar os dias de extravio
e a corrupção que haveis de presenciar,
quando eu dormir com meus antepassados.
Carecendo de freio os seus excessos,
quando a cólera e o sangue ardente forem
seus companheiros únicos, e os meios
a prodigalidade estimularem,
com que asas seus pendores hão de alçar-se
para aos perigos atirá-lo e à ruína!
Warwick · Meu gracioso senhor, não o conheceis:
o príncipe só estuda os companheiros
como língua estrangeira, que nos força,

shakespearebrasileiro.org

para ser aprendida, a buscar todos
os termos imodestos; mas, sabidos
que sejam, Vossa Alteza não o ignora,
ficam à margem, sem nenhum emprego,
em completo desdém. Como com os termos
grosseiros, fará o príncipe no tempo
de descortino com esses companheiros,
cuja memória servirá somente
de modelo, ou melhor, de exemplo vivo,
com que Sua Graça há de julgar os outros,
aproveitando, assim, do seu passado.

REI HENRIQUE · Raro a abelha abandona o favo feito
na carniça.

(Entra Westmoreland.)

Quem chega? Westmoreland!

WESTMORELAND ·
Saúde a meu bom lorde, e que outras ditas
às que ora vim trazer-vos acrescentem.
Oscula a mão de Vossa Graça o príncipe
João, vosso filho. O bispo Scroop, Mowbray,
Hastings e os outros todos, sob o jugo
correcional de vossa lei já se acham.
Já não há uma espada de rebelde
desembainhada; a paz, por toda parte,
faz brotar o seu ramo de oliveira.
A maneira por que isto conseguimos,
com mais vagar lerá Vossa Grandeza
neste relato certo e minucioso.

REI HENRIQUE · Oh Westmoreland!
És como o pássaro estival que canta
sempre na anca do inverno o nascimento
do dia.

(Entra Harcourt.)

Olhai! Mais novas vêm chegando.

HARCOURT · De inimigos o céu proteja Vossa
Majestade, e quando eles se insurgirem,
que caiam como aqueles de que venho
nesta hora relatar. Lorde Bardolfo,
o Conde de Northumberland, com as forças
inglesas e escocesas, o xerife
de Yorkshire os esmagou completamente.
O modo e a ordem verídica da luta
neste despacho se acham consignados.

REI HENRIQUE ·
Por que me fazem mal tão boas novas?
Nunca a Fortuna vem de mãos repletas,
mas sempre escreve os termos mais bonitos
com letras repulsivas; dá apetite,
mas recusa a comida: é o que acontece
com o pobre de saúde; ou dos banquetes
a apetência retira: assim são os ricos,
que vivem na fartura e não na gozam.
Alegrar-me quisera com estas novas,
mas a vista me foge e o mundo oscila.
Sinto-me muito mal; acorrei todos!

(Desmaia.)

GLOSTER · Coragem, Majestade!
CLARENCE · Oh meu real pai!
WESTMORELAND ·
Abri os olhos, senhor; tende coragem!
WARWICK · Paciência, príncipes; sabeis que acessos
como este são comuns em Sua Alteza.
Afastai-vos; dai-lhe ar, que já melhora.
CLARENCE · Não, não; não poderá por muito tempo
suportar essas dores. As idéias
sempre em luta, e os trabalhos incessantes
de tal maneira o muro que os envolve
corroeram, que consegue espiar a vida
através dele, ansiosa de escapar.
GLOSTER · O povo me faz medo; já observaram
filhos que não têm pai, partos monstruosos
da natureza. As estações se alteram,
como se o ano tivesse achado meses
a dormir e saltasse por sobre eles.
CLARENCE · Três marés teve o rio, sem refluxo;
a gente velha, crônica dos tempos,
conta que o mesmo aconteceu pouco antes
de cair doente o nosso avô Eduardo.
WARWICK · Príncipes, falai baixo; o rei desperta.
GLOSTER · O fim virá depois da apoplexia.
REI HENRIQUE · Rogo-vos levantar-me e conduzir-
me para outra sala. Por favor, com jeito.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena V

Outro quarto.
O Rei Henrique, no leito; Clarence, Gloster, Warwick e outros, de pé.

REI HENRIQUE ·
Que não façam barulho, meus amigos,
a menos que mão lenta e carinhosa
música me sussurre ao lasso espírito.
WARWICK · Fiquem no quarto perto os tocadores.
REI HENRIQUE · Ponde a coroa aqui nesta almofada.
CLARENCE ·
Está com os olhos fundos; mudou muito.
WARWICK · Silêncio! Falai baixo.

(Entra o príncipe.)

PRÍNCIPE · Quem viu o Duque de Clarence?
CLARENCE · Aqui
me encontro, irmão, prostrado de tristeza.
PRÍNCIPE · Como assim? Chuva dentro e nada fora?
Como está o rei?
GLOSTER · Bem mal.
PRÍNCIPE · Não soube as novas?
Transmiti-as.
GLOSTER · Piorou quando as contaram.
PRÍNCIPE · Se é de alegria a doença, escusa médicos.
WARWICK · Menos ruído, milordes; baixo, príncipe;
vosso pai se dispõe ora a dormir.
CLARENCE ·
Retiremo-nos, pois, para o outro quarto.
WARWICK · Quererá Vossa Graça acompanhar-nos?
PRÍNCIPE · Não; fico aqui sentado, a cuidar dele.

(Saem todos, menos o príncipe.)

Por que se acha a coroa na almofada,
se do leito é comparsa tão molesto?
Oh desordem brilhante, áurea ansiedade,
que escancaras as portas do repouso
para as noites insones! Dorme com ela,
mas não tão bem, nem tão profundamente
como quem põe na fronte um simples gorro
e fica a ressonar. Oh majestade!
oprimes quem te leva como rica
armadura que, em dia muito quente,
só protege abrasando. Nos portões
de seu hálito vê-se uma peninha,
que não se mexe; se ele respirasse,
essa pena, tão leve, se movera.
Meu gracioso senhor, meu pai querido!
Este sono é profundo, certo; é o sono
que já fez divorciar-se deste círculo
de ouro a muitos monarcas da Inglaterra.
Devo-te apenas lágrimas, tristezas
de meu sangue, que o amor, a natureza
e a ternura filial, pai extremoso,
te pagarão sobejamente. Deves-me
esta coroa real, que por direito
de sangue e sucessão a mim me toca.
Ei-la aqui posta!

(Coloca-a na cabeça.)

O céu que ma conserve;
e ainda que o mundo inteiro toda a força
num só braço gigante a reunir venha,
jamais me privará desta honra avita.
Como a recebo, aos meus a deixarei.

(Sai.)

REI HENRIQUE *(Despertando)* ·
Gloster! Clarence! Warwick!

(Voltam Warwick, Gloster, Clarence e outros.)

CLARENCE · O rei chamou?
WARWICK · Que manda Vossa Majestade? Como
se encontra Vossa Graça?
REI HENRIQUE · Por que causa,
milordes, me deixastes tão sozinho?
CLARENCE · O príncipe ficara aqui, senhor,
resolvido a velar Vossa Grandeza.
REI HENRIQUE · O Príncipe de Gales? Onde se acha?
Chamai-o; não está aqui.
WARWICK · Foi por aquela
porta que se acha aberta.
GLOSTER · Não passou
pelo quarto em que nós nos encontrávamos.
REI HENRIQUE · Quem tirou a coroa da almofada?
WARWICK · Estava aqui, senhor, quando saímos.
REI HENRIQUE · O príncipe a levou; ide chamá-lo.
Tão apressado se acha, que com a morte
confunde o meu repouso?
Lorde de Warwick, chamai-o; repreendei-o.

(Sai Warwick.)

shakespearebrasileiro.org

Sua conduta alia-se à doença,
para o fim me apressarem. Vede, filhos
como sois! Quão depressa a natureza
se revolta, quando o ouro é o seu objetivo!
É por isso que os pais, em tanta insânia,
com o pensamento o sono desfizeram,
com cuidados, a mente, e, com trabalhos,
os próprios ossos; e tão-só para isso
acumularam montes de ouro impuro,
vindos de estranhos; é para isso que eles
em iniciar os filhos se afanaram
nas artes e nas práticas da guerra.
Enquanto, como abelhas, nós tiramos
de cada flor a seiva generosa,
cheias de cera as coxas,
de doce mel a boca, que levamos
para a colmeia, tal como a elas fazem,
nos matam como prêmio. Esse gosto acre
ao moribundo pai confere o ganho.

(Volta Warwick.)

Então, onde se encontra o que não pode
esperar que sua amiga me liquide?

WARWICK · Milorde, eu fui achar no quarto próximo
o príncipe a banhar o gentil rosto
com lágrimas sinceras, e tomado
de tão grande tristeza e tão profunda,
que a própria Tirania, que só bebe
sangue, se o visse ali, lavara o gládio
nas gotas que dos olhos lhe corriam.
Ei-lo que vem chegando.

REI HENRIQUE · E por que carregou ele a coroa?

(Volta o príncipe.)

Ah! Aproxima-te, Harry. Retirai-vos
do quarto, porque sós ambos fiquemos.

(Saem Warwick e os demais.)

PRÍNCIPE · Pensei que não tornasse mais a ouvir-vos.

REI HENRIQUE · Teu desejo era pai de tal idéia.
Minha demora, eu sei, te cansa muito;
tanta fome revelas de meu trono
vazio, que envergaste minhas honras
pouco antes de tua hora? Ah moço insano!
A grandeza a que aspiras vai calcar-te.
Espera apenas um momento; a nuvem
de minha dignidade está sustida
por um vento tão fraco, que não falta
nada para fundir-se. É quase noite.
Roubaste o que seria teu sem crime
dentro de poucas horas; em meu leito
de morte o selo pões em meus receios.
Em vida demonstraste que não me amas,
do que queres que eu morra convencido;
nos pensamentos mil punhais escondes,
que no teu pétreo coração afiaste
para ferir-me no último momento.
Como! Nem meia hora me concedes?
Vai, pois, tu mesmo e cava-me o sepulcro;
faze que os ledos sinos te anunciem
que estás coroado, não que eu me acho morto.
Sejam todas as lágrimas que o féretro
me deveram banhar, gotas de bálsamo
para santificar-te a fronte augusta;
mistura-me no pó do esquecimento;
entrega aos vermes quanto te deu vida;
toca os meus criados, meus decretos rasga,
que é chegado o momento da desordem:
Henrique quinto é rei! Viva a folia!
Abaixo a real grandeza! Fora, sábios
conselheiros! À corte da Inglaterra
vinde de toda parte preguiçosos
macacos! Regiões próximas livrai-vos
de vossa escória! Se possuís rufiões
que saibam blasfemar, folgar à noite,
roubar, beber, dançar, cometer toda
sorte de crimes por processos novos,
ficai felizes, que eles vão deixar-vos!
A Inglaterra vai dar duas mãos de ouro
em sua tríplice infâmia; vai premiá-los
com poder, honra e postos, porque Henrique,
quinto de nome, vai tirar o açaimo
da Impudência domada, para os dentes
poder cravar impune na inocência
a cadela selvagem. Pobre reino,
que padeces de lutas intestinas!
Se meus cuidados não te libertaram
de tais desordens, como hás de viver,
quando for a desordem quem te assista?
Voltarás à barbárie, a ser povoado
de lobos, teus antigos habitantes.

PRÍNCIPE · Perdoai-me, meu senhor; mas se não fossem
as lágrimas, esse úmido empecilho
do meu discurso, houvera antecipado
tão cruel e tão profunda reprimenda,

shakespearebrasileiro.org

para que não falásseis tão sentido,
nem eu chegasse a ouvir-vos a esse ponto.
Eis a vossa coroa. Possa o que usa
a coroa imortal guardar-vos esta
por muito tempo. Mas se outra valia
nela descubro além da da vossa honra,
que não mais eu consiga levantar-me
desta postura humilde, que me ensina
meu espírito leal e verdadeiro,
mostra exterior de minha reverência.
Deus o sabe: ao chegar e convencer-me
de que faltava o alento a Vossa Graça,
que frio me transiu o íntimo peito!
Se tudo for mentira, oh! desejara
morrer agora, assim, como um perdido,
sem conseguir provar no mundo incrédulo
a troca radical que me propunha.
Ao ver-vos, presumindo-vos sem vida,
quase morto também de assim julgar-vos,
à coroa falei, vituperando-a,
como se me entendesse: "Os sobressaltos
que a ti se prendem se locupletaram
no corpo de meu pai; por isso, embora
do melhor ouro, és ouro desprezível;
outro de menos lei é mais precioso,
porque como remédio à vida é grato.
Tu, porém, tão formosa, honrada e célebre,
devoraste o teu dono". Assim, meu muito
real suserano, amaldiçoando-a, pu-la
na cabeça com o fim de expr'rimentá-la,
tal como a um inimigo que, ante os olhos,
me houvesse morto o pai, querela, certo,
de um muito leal herdeiro. Mas se o sangue
me infeccionou de gozo ou o pensamento
fez inchar pela mácula do orgulho,
se em mim espírito rebelde ou fútil
fez nascer um resquício do desejo
de acolhida ao poder que ali se encerra,
que Deus a tenha sempre distanciada
de minha fronte e me converta agora
no mais pobre vassalo que se ajoelha
diante dela, a tremer e reverente.

Rei Henrique · Oh meu filho!
Foi Deus quem te inspirou para levá-la,
porque o amor de teu pai acrescentasses
advogando tua causa desse modo.
Chega-te, Henrique, assenta-te em meu leito
e ouve — assim penso — os últimos conselhos
que posso respirar. Deus é que sabe,
meu filho, por que vielas e caminhos
tortuosos eu cheguei até à coroa,
não ignorando eu próprio quão pesada
me foi sempre à cabeça. Bem mais calma
desce ela para ti, com mais respeito
da opinião, por estar ratificada,
que as manchas da conquista irão comigo
para o sepulcro. Em mim, se afigurava
somente honra pilhada com mão forte;
tive de suportar que muita gente
me fizesse lembrado o havê-lo obtido
com a ajuda que me deram, causa sempre
de contendas, de golpes sanguinosos,
numa paz ilusória. Esses temores
arrogantes — tu o sabes — arrostei-os
com assaz perigo, pois o meu reinado
não passou de uma cena em que essa idéia
fosse desenvolvida. Minha morte
vai mudar isso tudo, pois o que era
compra, te passa agora por maneira
mais digna, por direito hereditário.
Contudo, embora estejas mais seguro,
não te achas ainda firme, pois as queixas
não murcharam de todo. Os meus amigos —
que teus deverão ser — somente há pouco
se privaram de dentes e de garras;
à sua ajuda brutal devendo o trono,
receava sempre vir a ser deposto
pela força que tinham. Dividi-os,
a fim de evitar isso, e era meu plano
conduzi-los agora à Terra Santa,
para que o ócio e o repouso não lhes dessem
vagar de examinar-me mui de perto.
Toma por norma, Henrique, ocupar esses
espíritos inquietos em contendas
distantes, porque a ação longe da pátria
perder faça a memória do passado.
Mais te diria; mas tão gastos se acham
meus pulmões, que falar não me é possível.
A coroa... que Deus me perdoe à alma,
e te conceda usá-la com mais calma.

Príncipe · Meu gracioso senhor,
foi por vós ganha e usada; agora a obtenho;
legítimo direito nela eu tenho.

shakespearebrasileiro.org

A defendê-la correrei primeiro,
ainda mesmo que a ataque o mundo inteiro.

(Entra João de Lencastre.)

REI HENRIQUE · Oh! Meu João de Lencastre vem chegando.
LENCASTRE · Paz, saúde e sossego, meu real pai!
REI HENRIQUE · Sossego e paz me trazes, João, meu filho;
a saúde, ai de mim! nas asas jovens
já fugiu deste tronco dessangrado.
Sob tua própria vista meus negócios
no mundo o termo alcançam. Onde se acha
milorde de Warwick?
PRÍNCIPE · Milorde de Warwick!

(Voltam Warwick e outros.)

REI HENRIQUE · Tem algum nome especial o quarto
em que eu fui atacado de desmaio?
WARWICK · Jerusalém lhe chamam, Majestade.
REI HENRIQUE · Que Deus seja louvado! É ali que a minha
vida deve acabar. Há muito fora
profetizado que em Jerusalém
viria eu a morrer, tendo eu suposto
vãmente que seria a Terra Santa.
Levai-me para lá; que ali eu fique;
nessa Jerusalém feneça Henrique.

(Saem.)

Ato V · Cena I

Gloucestershire. Sala em casa de Shallow.
Entram Shallow, Falstaff, Bardolfo e o pajem.

SHALLOW · Por tudo o que há, senhor, não partireis esta noite. Olá, Davy!
FALSTAFF · Desculpar-me-eis, mestre Roberto Shallow.
SHALLOW · Não, não vos desculparei; não ficareis desculpado; não se admitem desculpas; não há desculpa que sirva. Olá, Davy!

(Entra Davy.)

DAVY · Presente, senhor!
SHALLOW · Davy, Davy, Davy, Davy, como direi? Davy... Como direi? Sim, precisamente, William, o cozinheiro; dize-lhe que venha até aqui. Não, Sir John, não sereis desculpado.
DAVY · Sim, senhor; aqueles mandatos não podem ser executados. E uma vez mais, senhor, devemos semear trigo no alqueive?
SHALLOW · Trigo vermelho, Davy. Quanto ao cozinheiro William, não há pombos novos?
DAVY · Sim, senhor. E agora aqui está a conta do ferreiro, relativa às ferraduras e os ferros do arado.
SHALLOW · Que seja conferida e paga. Não, Sir John, não tereis desculpa, Sir John.
DAVY · Além do mais, senhor, é preciso pôr alça nova no balde. É verdade, senhor, não pretendeis tirar um tanto do ordenado de William, para pagar o saco que ele perdeu no outro dia na feira de Hinckley?
SHALLOW · Responderá por isso. Alguns pombos, Davy, duas galinhas nanicas, um quarto de carneiro e algumas miudezas saborosas. Avisa William.
DAVY · O homem de guerra vai ficar aqui a noite toda, senhor?
SHALLOW · Sim, Davy; desejo tratá-lo bem. Mais vale um amigo na corte do que uma moeda na bolsa. Trata bem seus homens, Davy, porque são uns marotos de marca, e podem sujar-nos pelas costas.
DAVY · Não nos poderão sujar mais do que o fazem a si próprios, senhor, porque a roupa branca de todos eles está maravilhosamente imunda.
SHALLOW · Bem apanhado, Davy; e agora o teu serviço, Davy.
DAVY · Eu queria, senhor, que protegêsseis William Visor de Wincot, contra Clemente Perkes da Colina.
SHALLOW · Há muitas queixas, Davy, contra esse Visor; esse Visor, pelo que eu sei, é um refinado tratante.
DAVY · Concordo com Vossa Excelência que ele seja tratante, senhor; contudo, senhor, Deus não permita que um tratante não possa encontrar proteção por pedido de um amigo. Um homem de bem, senhor, pode defender-se, o que não se dá com os velhacos. Há oito anos que eu sirvo a Vossa Excelência com fidelidade; e se eu não puder, uma ou duas vezes em cada trimestre, interceder a favor de um velhaco, contra um homem de bem, é sinal de que não gozo de crédito junto de Vossa Excelência. Esse tratante é um amigo honesto; por isso, rogo a Vossa Excelência que o favoreça.

shakespearebrasileiro.org

Shallow · Podes ir; prometo que nada lhe acontecerá. Cuida do serviço, Davy. *(Sai Davy.)* Onde estais, Sir John? Vinde para cá; arrancai as botas. Vossa mão, mestre Bardolfo.
Bardolfo · Alegra-me rever Vossa Excelência.
Shallow · Agradeço-te de coração, gentil mestre Bardolfo. *(Ao pajem.)* Bem-vindo, grande amigo. Vamos, Sir John.
Falstaff · Já vos sigo, bom mestre Roberto Shallow. *(Sai Shallow.)* Bardolfo, cuida dos cavalos. *(Saem Bardolfo e o pajem.)* Se me serrassem em pedaços, daria quatro dúzias de bordões de eremitas barbados como mestre Shallow. É coisa admirável verificar a coerência existente entre o espírito de seus empregados e o seu: aqueles, à força de observá-lo, comportam-se como juízes tontos; ele, pelo trato com os seus homens, já se converteu em criado de juiz. Os espíritos deles todos de tal modo se casaram, pela convivência, que só andam em bandos, como patos silvestres. Se eu tivesse de fazer algum pedido a mestre Shallow, adularia seus criados somente com dizer-lhes que desfrutam da intimidade do patrão; no caso de necessitar daqueles, faria cócegas em mestre Shallow, afirmando não haver quem melhor dirija seus próprios empregados. Não há dúvida; a sabedoria e a ignorância se transmitem como as doenças; daí a necessidade de saber escolher as companhias. Este mestre Shallow vai dar-me assunto de sobra para deixar o príncipe Harry em contínua hilaridade, durante seis modas — que equivalem a quatro termos ou duas ações — a rir sem intervalo. Oh! é inconcebível o que pode alcançar uma mentira secundada por juramento leve, ou uma pilhéria dita com semblante sisudo a um rapaz que nunca sofreu de dor nas espáduas. Oh! vê-lo-eis rir até que o rosto se lhe torne como capa molhada e vestida com descaso.
Shallow *(dentro)* · Sir John!
Falstaff · Já vou, mestre Shallow! Já vou, mestre Shallow!

(Sai.)

Ato V · Cena II

Westminster. Um quarto no palácio.
Entram Warwick e o Lorde Juiz.

Warwick · Para onde ides, meu Grande Lorde Juiz?
Lorde Juiz · Como está o rei?
Warwick · Otimamente; as penas se acabaram.
Lorde Juiz · Não morreu, quero crer.
Warwick · Fez o caminho
da natureza; para nós, morreu.
Lorde Juiz · Desejara que Sua Majestade
me tivesse levado; os leais serviços
que em vida lhe prestei, ora me deixam
exposto a toda sorte de vexames.
Warwick · Penso que o jovem rei não vos tolera.
Lorde Juiz ·
Não o ignoro, e já me acho armado para
sofrer as conseqüências; ninguém pode
olhar-me com mais fera catadura
do que eu próprio concebo em fantasia.

(Entram Lencastre, Clarence, Gloster, Westmoreland e outros.)

Warwick · Aí vem a prole do defunto Henrique.
Quem nos dera que o Henrique vivo o gênio
revelasse do pior destes três nobres!
Quantos nobres nos postos ficariam,
sem terem de arriar vela ante a gentalha!
Lorde Juiz · Prevejo uma completa viravolta.
Lencastre ·
Bom dia, meu primo Warwick; mui bom dia.
Gloster e Clarence · Bom dia, primo.
Lencastre · Encontramos pessoas que perderam, parece, o uso da fala.
Warwick · Ainda falamos;
mas nossos argumentos são pesados
demais para admitirem muita prática.
Lencastre ·
Que tenha paz quem nos deixou tão tristes.
Gloster · Oh meu bom lorde! É certo que perdestes um grande amigo. Não fingis, sem dúvida;
esse aspecto tristonho é vosso, mesmo.
Lencastre ·
Conquanto ninguém saiba até que ponto

shakespearebrasileiro.org

cairá na graça a vossa expectativa,
parece muita fria. Isso me pesa;
desejara que fosse de outro modo.
CLARENCE · Ora deveis tratar Sir John Falstaff
com toda a cortesia, o que é contrário
à corrente de vossa dignidade.
LORDE JUIZ · Quanto fiz, caros príncipes, foi guiado
pelos ditames da honra, pela norma
imparcial de minha alma. Jamais heis de
ver-me solicitar perdão indigno.
Se a verdade e a inocência me faltarem,
irei para onde está meu rei defunto
e lhe direi quem me mandou após ele.
WARWICK · Aí vem vindo o príncipe.

(Entra o Rei Henrique quinto.)

LORDE JUIZ · Bom dia; salve Vossa Majestade!
REI HENRIQUE V · Esse novo vestuário, majestade,
não me assenta tão bem como o julgais.
Irmãos, revelais medo em vosso luto;
isso é terra de ingleses, não de turcos;
Amurat não sucede a outro Amurat,
mas Henrique a outro Henrique. Aliás, é justo
que reveleis tristeza; isso vos orna.
Tal realeza revela o vosso luto,
que eu vou adotar a moda e carregá-lo
no imo do coração. Sede, pois, tristes;
mas considerai isso, irmãos queridos,
como um fardo comum que nos oprime.
Enquanto a mim, por Deus, ficai tranqüilos,
pai e irmão quero ser para vós todos.
Dai-me amor, que vos livro dos cuidados.
Chorai a Henrique morto, como o faço;
mas vive o Henrique que vos troca as lágrimas
em outras tantas horas de alegria.
LENCASTRE, etc. · Todos nós esperamos isso mesmo
de Vossa Majestade.
REI HENRIQUE V · Olhais-me todos
estranhamente. *(Ao Lorde Juiz.)* Sobretudo vós.
Com certeza sabeis que eu não vos amo.
LORDE JUIZ · Com toda a retidão, não terá Vossa
Majestade motivo para odiar-me.
REI HENRIQUE V · Não!
Concebe-se que um príncipe de tantas
esperanças, como eu, venha a esquecer-se
de quanta indignidade lhe causastes?
Como! Descomposturas, reprimendas,
prender tão rudemente o herdeiro próximo
da Inglaterra! É isso pouco? Pode, acaso,
ser lavado no Lete e não lembrado?
LORDE JUIZ ·
Representava eu vosso pai, nessa época;
a imagem de sua força em mim se achava.
E enquanto eu me afanava no bem público,
a administrar suas leis, Vossa Grandeza
se comprazeu em esquecer meu posto,
a majestade e a força da Justiça,
a figura do rei que em mim se via,
chegando a esbofetear-me em plena audiência.
Vendo em vós o ofensor de vosso pai,
foi que fiz uso enérgico de toda
a minha autoridade, a fim de enviar-vos
para a prisão. Se o feito é condenável,
ora que estais coroado, imaginai
um vosso filho a desprezar os vossos
decretos, a arrancar da sede augusta
vossa justiça, a lei lançar por terra,
ou a embotar a espada que assegura
vossa paz e sossego. Mais, ainda:
a desdenhar a vossa real imagem
e rir do que fizer vosso outro corpo.
Fazei vosso esse caso; aconselhai-vos
com vossos reais conceitos; por instantes
sede pai, figurando-vos um filho:
ouvi que vosso brio se enxovalha;
vede que vossas leis mais temerosas
com escárnio são tratadas; contemplai-vos
desprezado a esse ponto por um filho,
e imaginai-me, então, de vosso lado,
para, com a vossa força e sem violência,
impor a vosso filho que se cale.
Pós esse frio exame, sentenciai-me.
Já que sois rei, falai-me como rei:
que fiz, em desacordo com meu posto,
minha pessoa, ou a própria dignidade,
e a nobreza do meu real soberano?
REI HENRIQUE V ·
Tendes razão, Juiz; é com eqüidade
que pesais isso tudo; conservai,
pois, a espada e a balança. Só desejo
que vossas honras cresçam té que a vida
vos chegue, para verdes que meu filho
vos ofende e obedece como o fiz.
Possa eu também viver para as palavras
repetir de meu pai: "Feliz me julgo

shakespearebrasileiro.org

por ter um servidor de tanta têmpera,
que se atreve a julgar meu próprio filho,
e não menos feliz por ter um filho
que assim entrega sua grandeza ao braço
da Justiça". Pusestes-me em custódia;
por isso, em mãos vos ponho, agora, a espada
sem mancha que a levar vos afizestes,
com a recomendação de que a useis sempre
com o mesmo espírito imparcial e justo
que usastes contra mim. Eis minha mão;
pai ides ser da minha mocidade;
só dirá minha voz o que disserdes;
sujeitarei, humilde, os meus intentos
à vossa direção sábia e sensata.
Vós, oh príncipes, crede no que eu digo:
zangado foi meu pai para o sepulcro;
meus erros lá com ele ora se encontram;
seu espírito austero em mim revive
para burlar a expectação do mundo,
zombar das profecias e o consenso
carcomido apagar que me condena
pela aparência. Até hoje a maré cheia
do meu sangue derrama só vaidades;
ora reflui e para o mar retorna,
porque com as ondas todas se misture,
reassumindo a consueta majestade.
Convoquemos agora o Parlamento,
e escolhamos tais membros do Conselho,
que possa equiparar-se o grande corpo
do nosso Estado às mais bem governadas
nações do mundo. A paz e a guerra, ou ambas,
daqui por diante devem ser-nos coisas
familiares, *(Ao Lorde Juiz.)* nas quais, pai, heis de sempre
manter a preeminência. Como o disse,
depois da coroação convocaremos
nossos Estados todos; e no caso
de ser-me Deus propício, jamais súdito
lhe pedirá, por falta de alegria,
que encurte a feliz vida de Harry um dia.

(Saem.)

Ato V · Cena III

Gloucestershire. Jardim da casa de Shallow.
Entram Falstaff, Shallow, Silêncio, Bardolfo, o pajem e Davy.

Shallow · Não; ireis agora ver a minha horta, onde, debaixo do caramanchão, haveis de comer uma maçã raineta do último ano, enxertada por mim, com um prato de doces e outras guloseimas. Vamos, primo Silêncio; depois, para o leito.
Falstaff · Por Deus! Tendes uma ótima residência e terras ricas.
Shallow · Estéril, estéril, estéril; somos todos mendigos, Sir John; somos mendigos. Realmente, os ares são bons. Põe a mesa, Davy; põe a mesa, Davy; muito bem, Davy.
Falstaff · Esse Davy vos presta bons serviços; é criado e trabalhador do campo ao mesmo tempo.
Shallow · Um bom criado, bom criado, excelente criado, Sir John. Pela Santa Missa! Bebi demasiado na ceia. Agora sentai-vos, agora sentai-vos. Vinde, primo.
Silêncio · Caramba! Como se diz, só faremos,
só faremos comer e viver ledos,
agradecendo a Deus os anos cheios;
a carne está barata, as fêmeas caras,
e os rapazes rondando em galanteios,
alegremente,
sim, muito alegremente!
Falstaff · Isso é que se chama coração alegre! Bom mestre Silêncio, vou beber desta vez à vossa saúde.
Shallow · Vinho a mestre Bardolfo! Vamos, Davy!
Davy · Caro senhor, sentai-vos. Voltarei neste instante. Sentai-vos, caríssimo senhor. Mestre pajem, meu bom mestre pajem, sentai-vos. Toque! O que vos falta em carne, teremos em bebida; mas haveis de desculpar; a boa intenção vale tudo.

(Sai.)

Shallow · Alegria, mestre Bardolfo! E o meu pequeno soldado ali, alegria!
Silêncio · Alegria! A mulher que se amofine.
Nenhuma escapa; todas fazem mal;
onde há só barba, encontra-se a alegria.
Que venha o carnaval!

shakespearebrasileiro.org

Alegria! alegria!
FALSTAFF · Não sabia que mestre Silêncio era tão folgazão.
SILÊNCIO · Quem, eu? Em toda a vida, só fiquei alegre uma ou duas vezes.
(Volta Davy.)
DAVY · Aqui está um prato de maçãs de casca dura.
(Pondo-as diante de Bardolfo.)
SHALLOW · Davy!
DAVY · Vossa Excelência! *(A Bardolfo.)* Voltarei neste momento. Um copo de vinho, senhor?
SILÊNCIO · Bebida fina que manais da vinha,
quero saudar a amada que ainda é minha.
E alegre a vida inteira!
FALSTAFF · Muito bem, mestre Silêncio.
SILÊNCIO · É preciso que nos alegremos; estamos no melhor trecho da noite.
FALSTAFF · Saúde e vida longa, mestre Silêncio.
SILÊNCIO · Ponde o copo até à borda; hei de esvaziá-lo, muito embora a uma milha esteja o fundo.
SHALLOW · Bem-vindo, mestre Bardolfo; se precisares de alguma coisa e não pedires, então vai para os quintos. *(Ao pajem.)* Bem-vindo, garotinho, muito bem-vindo. Bebo à saúde de mestre Bardolfo e de todos os cavaleiros de Londres.
DAVY · Espero ainda conhecer Londres antes de morrer.
BARDOLFO · Se eu te pegasse lá, Davy...
SHALLOW · Pela Santa Missa! Ainda haveis de beber juntos um quartilho, eh! Não é verdade, mestre Bardolfo?
BARDOLFO · Sim, senhor; um jarro de duas canadas.
SHALLOW · Com a breca! Muito obrigado; o rapaz vai grudar-se em ti, posso asseverá-lo; não te largará; é de bom sangue.
BARDOLFO · Eu também grudarei nele, senhor.
SHALLOW · Isso é que se chama falar como rei. Nada de cerimônias; alegrai-vos. *(Batem.)* Vê quem está à porta.
(Sai Davy.)
FALSTAFF *(a Silêncio, que esvazia um copázio)* · Agora, sim, jogais com as minhas armas.
SILÊNCIO · Dai-me essas armas,
dai-me armadura...
Samingo!
Não é assim?
FALSTAFF · Isso mesmo.
SILÊNCIO · Isso mesmo? Como vedes, os velhos ainda servem para alguma coisa.
(Volta Davy.)
DAVY · Com licença de Vossa Senhoria, encontra-se aí um tal Pistola, que acaba de chegar da corte com novidades.
FALSTAFF · Da corte? Manda-o entrar.
(Entra Pistola.)
Então, Pistola?
PISTOLA · Deus vos guarde, Sir John.
FALSTAFF · Que vento vos trouxe para estes lados, Pistola?
PISTOLA · Não foi o vento mau que nunca sopra coisa boa. Meu doce cavaleiro, presentemente és um dos maiores homens do reino.
SILÊNCIO · Por Nossa Senhora! Também concordo, mas depois do compadre Puff de Barson.
PISTOLA · Puff!
Puff em teu dente, baixo e vil covarde!
Sir John, o teu Pistola e amigo certo
até aqui sem parar tem cavalgado,
para trazer notícia alvissareira,
tempos áureos e novas de alto preço.
FALSTAFF · Peço-te, então, que mas contes, no estilo de gente deste mundo.
PISTOLA · O diabo leve o mundo e a gente dele!
Que o rei Cofétua saiba o que se passa.
SILÊNCIO *(canta)* · E Robin Hood, Scarlet e João.
PISTOLA · Os vira-latas contra os filhos de Hélicon?
Zombadas as notícias de tal monta?
Nesse caso, Pistola, deita a fronte
no regaço das Fúrias.
SHALLOW · Honesto gentil-homem, não entendo os vossos modos.
PISTOLA · Então, ide chorar.
SHALLOW · Perdão, senhor; mas se trazeis novas da corte, penso que só há dois caminhos: dizê-las, ou calar. Desfruto de alguma autoridade, senhor, junto ao rei.
PISTOLA · De que rei, vagabundo? Fala ou morre!
SHALLOW · Junto do rei Henrique.
PISTOLA · Quarto ou quinto?
SHALLOW · Henrique quarto.
PISTOLA · Ao diabo o teu ofício!
Sir John, o teu cordeiro está coroado:
Henrique quinto é o homem! Falo certo.
Se Pistola mentir, faze-lhe figa
como o orgulhoso hispano.
FALSTAFF · Como! Morreu o velho rei?
PISTOLA · Como prego na porta. Falo certo.
FALSTAFF · Toca, Bardolfo! Encilha-me o cavalo. Mestre Roberto Shallow, escolhe no reino o

shakespearebrasileiro.org

emprego que quiseres, que teu será. Pistola, vou carregar-te com dupla carga de dignidades.
BARDOLFO · Oh dia alegre!
Não troco a minha sorte por um título.
PISTOLA · Não são boas as novas?
FALSTAFF · Levai mestre Silêncio para a cama. Mestre Shallow, milorde Shallow, sê o que te aprouver, que eu me encontro agora no posto de mordomo da Fortuna. Vai calçar as botinas; teremos de galopar a noite toda. Oh, doce Pistola! Toca, Bardolfo! *(Sai Bardolfo.)* Vem para cá, Pistola, conta-me mais alguma coisa, enquanto pensas no que possa convir-te. As botas, as botas, mestre Shallow; tenho certeza de que o moço rei está doente por ver-me. Tomemos os cavalos sejam lá de quem forem; as leis da Inglaterra agora se encontram à minha disposição. Felizes dos que se mostraram meus amigos, e ai do milorde Juiz!
PISTOLA · Que os bofes lhe devorem vis abutres!
"Onde está a vida que eu levava?" dizem;
pois bem: ela está aqui. Viva a folia!

(Saem.)

Ato V · Cena IV

Londres. Uma rua.
Entram dois beleguins, arrastando a mistress Quickly e Doll Tearsheet.

ESTALAJADEIRA · Não, velhaco de uma figa! Quisera que Deus me matasse, para que fosses parar na forca; arrancaste-me do lugar o ombro.
PRIMEIRO BELEGUIM · O oficial de paz ma entregou, e agora ela vai apanhar uma sova de mestre, é só o que eu digo. Ultimamente mataram um ou dois homens por causa dela.
DOLL · É mentira, gancho de apanhar nozes! Eu só te digo uma coisa, maldito velhaco com cara de tripa: se o filho que eu trago no ventre nascer antes do tempo, fora melhor para ti bater em tua própria mãe, vilão de cara de papel.
ESTALAJADEIRA · Oh, Senhor! Se Sir John aqui estivesse! Muita gente havia de ter um dia cheio de sangue. Só peço a Deus que o fruto de suas entranhas nasça antes do tempo.
PRIMEIRO BELEGUIM · Se tal acontecesse, teríeis de usar novamente doze almofadas, em lugar das onze que ora levais. Vamos! Ambas estão intimadas a acompanhar-me, por ter morrido o homem em quem destes uma surra juntamente com Pistola.
DOLL · Vou dizer-te uma coisa, figura mirrada de braseiro: por causa disto ainda hás de ser balouçado em regra, mosca azul de uma figa! Se não levares uma boa coça, deixarei de usar o meu saiote.
PRIMEIRO BELEGUIM · Vamos, cavaleira errante; taca a andar!
ESTALAJADEIRA · Oh! que o direito se sobreponha desse modo à força! Está bem; depois do sofrimento virá a alegria.
DOLL · Vamos, vilão; vamos; leva-me à presença do juiz.
ESTALAJADEIRA · Sim, vamos, sabujo faminto.
DOLL · Compadre esqueleto! É ver a Morte!
ESTALAJADEIRA · Tu, esqueleto! Tu!
DOLL · Vamos, coisa fina! Vamos, velhaco!
PRIMEIRO BELEGUIM · Muito bem.

(Saem.)

Ato V · Cena V

Praça pública, perto da abadia de Westminster.
Entram dois criados, espalhando junco.

PRIMEIRO CRIADO · Mais junco: mais junco.
SEGUNDO CRIADO · As trombetas já soaram duas vezes.
PRIMEIRO CRIADO · Eles não virão da coroação antes das duas; despachemo-nos logo.

(Entram Falstaff, Shallow, Pistola, Bardolfo e o pajem.)

FALSTAFF · Ficai perto de mim, mestre Roberto Shallow; farei que o rei vos distinga com a sua graça. Quando ele passar, hei de piscar-lhe deste jeito; prestai atenção na cara que ele vai fazer-me.
PISTOLA · Deus te abençoe os pulmões, bom cavaleiro.
FALSTAFF · Vem para cá, Pistola; fica por trás de mim. Oh! se eu tivesse tido tempo de mandar fazer

shakespearebrasileiro.org

uma libré nova, teria gasto as mil libras que vos pedi emprestado. Pouco importa; é melhor assim mesmo, com esta aparência pobre; desse modo dou provas da minha diligência em revê-lo.

SHALLOW · Realmente.

FALSTAFF · É a prova da sinceridade de minha afeição.

SHALLOW · Perfeitamente.

FALSTAFF · Da devoção que lhe consagro.

SHALLOW · Com efeito, com efeito, com efeito.

FALSTAFF · Cavalgar, desse jeito, noite e dia, sem pensar em mais nada, sem me lembrar de nada, sem paciência até para trocar de roupa...

SHALLOW · É muito certo.

FALSTAFF · Postar-me aqui, ainda com as marcas da viagem, suando só de impaciência de revê-lo; sem pensar em outra coisa, olvidando-me de todos os outros assuntos, como se só importasse vê-lo de novo.

PISTOLA · É *semper idem,* porque *absque hoc nihil est.* É assim em toda parte.

SHALLOW · Assim é, realmente.

PISTOLA · Meu nobre cavaleiro, vou inflamar-te
o peito generoso
e fazer-te raivar.
A tua Doll, a Helena dos teus sonhos
se acha num duro transe e infecto cárcere,
lançada ali
por desprezíveis mãos e em tudo imundas.
Desperta do antro de ébano a serpente
vingadora de Alecto, porque Doll
se acha no pau. Pistola nunca mente.

FALSTAFF · Hei de libertá-la.

(Ouvem-se aclamações e toques de trombeta.)

PISTOLA · Muge o mar; a trombeta alegre soa!

(Entra o Rei Henrique V com o séquito, no qual se vê o Lorde Juiz.)

FALSTAFF · Deus salve tua graça, rei Hal, meu real Hal!

PISTOLA · Os céus te guardem e te preservem, augusto garfo da Fama!

FALSTAFF · Deus te proteja, meu doce menino.

REI HENRIQUE V · Falai a esse homem vão, Lorde Juiz.

LORDE JUIZ · Sabeis o que dizeis? Estais no juízo?

FALSTAFF · Meu rei, meu Jove! É a ti que eu falo, amor!

REI HENRIQUE V · Não te conheço, velho; vai rezar.
Como vão mal as cãs num galhofeiro!
Muito tempo sonhei com um homem destes,
profano e velho, inchado pela orgia;
mas, desperto, renego do meu sonho.
Diminui o teu corpo, aumenta a graça,
deixa a gula; compreende que o sepulcro
vai abrir para ti boca três vezes
maior que para os outros. Não repliques
com uma dessas chalaças de bufão;
não presumas que eu seja o que já fui,
pois Deus bem sabe — e o mundo há de notá-lo —
que me livrei de minha antiga forma
e outro tanto farei com os companheiros.
Quando ouvires dizer que eu sou o que fui,
volta para tornares-te o que foste:
tutor e incitador dos meus excessos.
Mas até lá, desterro-te, sob pena
de morte, como fiz com os outros todos
que me descaminhavam, não deixando
que a dez milhas de mim eles estejam.
Quanto aos meios de vida, vou prover-vos,
porque ao mal a carência não vos leve;
e se virmos que vos regenerastes,
dar-vos-emos emprego na medida
do vosso esforço e mérito. Incumbi-vos,
milorde de dar corpo a nossas ordens.

(Saem o Rei Henrique e o séquito.)

FALSTAFF · Mestre Shallow, devo-vos mil libras.

SHALLOW · Perfeitamente, Sir John; e eu vos peço que me deixeis levá-las para casa.

FALSTAFF · Será muito difícil, mestre Shallow; mas não vos amofineis: hei de ser chamado em particular para falar-lhe. Vede bem, é preciso que para o mundo ele apareça assim. Não temais pela quantia que me adiantastes; ainda hei de ser o homem que vos tornará grande.

SHALLOW · Não atino como possa ser isso, a menos que me désseis vosso gibão e me enchêsseis de palha. Meu bom Sir John, por compaixão, das mil entregai-me quinhentas.

FALSTAFF · Cavalheiro, hei de manter a minha palavra; tudo o que ouvistes, não passa de simples cor.

SHALLOW · Só receio que venhais a morrer dessa cor, Sir John.

FALSTAFF · Não temais as cores; vinde cear comigo.

shakespearebrasileiro.org

Vamos, tenente Pistola; vamos, Bardolfo; serei chamado antes da noite.

(Voltam João de Lencastre e o Lorde Juiz, com oficiais.)

Lorde Juiz · Vamos, conduzi logo para a armada Sir John Falstaff e seus comparsas todos.

Falstaff · Milorde, milorde!

Lorde Juiz · Não posso agora; ouvir-vos-ei depois. Levai-os.

Pistola · Si Fortuna me tormenta, espero contenta.

(Saem Falstaff, Shallow, Pistola, Bardolfo, o pajem e oficiais.)

Lencastre · Agrada-me esse gesto do monarca: deseja que os antigos companheiros sejam mui bem tratados; mas desterra a eles todos, até que sua conduta ante o mundo se mostre mais modesta.

Lorde Juiz · É certo; fez com todos.

Lencastre · Milorde, o rei já convocou o Parlamento.

Lorde Juiz · De fato.

Lencastre · Quanto apostais? Desejo dar-vos ansa: nosso brio nativo irá até à França dentro de pouco. Um pássaro mo disse, e essa música ao rei causa ledice. Vamos; não quereis vir?

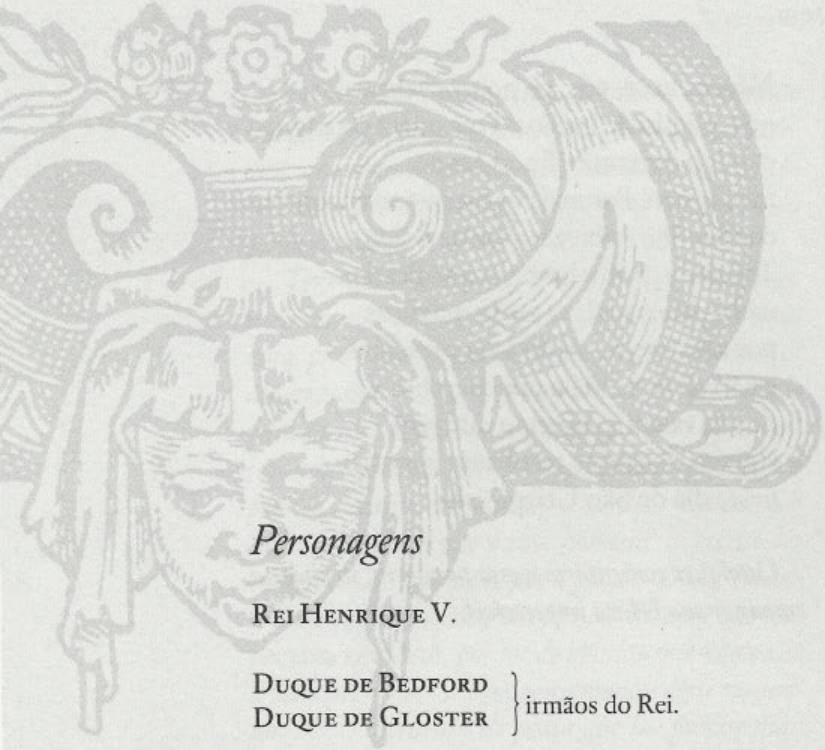
(Saem.)

Epílogo

(Dito por um dançarino.)

Primeiro, meu temor; depois minha cortesia; por último, meu discurso. Meu temor é vosso desagrado; minha cortesia, meu dever; e meu discurso, pedir-vos perdão. Se estiverdes esperando um bom discurso, estou perdido, porque o que vou dizer é de minha própria invenção, receando eu muito que o que devo dizer redunde em meu prejuízo. Mas, entremos logo no assunto, confiando na sorte. Sabereis, pois — como bem o sabeis — que já estive aqui no final de uma peça desagradável, para pedir a vossa complacência e prometer outra melhor. Era meu intento, sem dúvida, pagar-vos com esta; mas se for mal-sucedida como uma operação infeliz, irei à bancarrota e vós todos, gentis credores, perdereis. Prometi que aqui estaria, e aqui entrego minha pessoa a vossa generosidade. Se fizerdes algum abatimento, pagar-vos-ei alguma coisa, além de apresentar-vos promessas infinitas, no jeito da maioria dos devedores. Se minha língua não conseguir convencer-vos e obter quitação, mandareis que eu faça uso das pernas? Seria isso um modo muito fácil de pagamento, liquidar a dívida com danças. Mas uma boa consciência deve dar todas as satisfações imagináveis, que é o que eu vou fazer agora. As senhoras aqui presentes já me perdoaram; e se os cavalheiros o não fizerem, é porque não estão de acordo com as senhoras, coisa que nunca se viu em uma reunião como esta. Mais uma palavrinha, por obséquio. Se ainda não estiverdes enjoados de carne gorda, o nosso humilde autor continuará a história, com Sir John dentro, e vos fará rir com a bela Catarina de França, na qual história, tanto quanto posso saber, Falstaff morrerá de suor, a menos que já o tenha matado a vossa opinião severa, porque Oldcastle morreu como mártir, e esse não é nosso homem. Tenho a língua cansada; quando as pernas também o estiverem, dir-vos-ei boa noite; e assim me ajoelho diante de todos, mas, de fato para rogar pela rainha.

shakespearebrasileiro.org



Personagens

Rei Henrique V.

Duque de Bedford
Duque de Gloster } irmãos do Rei.

Duque de Exeter, tio do rei.
Duque de York, primo do rei.
Condes de Salisbury.
Westmoreland e Warwick.
Arcebispo de Cantuária.
Bispo de Ely.
Conde de Cambridge.
Lorde Scroop.
Sir Tomás Grey.

Sir Tomás Erpingham
Gower
Fluellen
Macmorris
Jamy } oficiais do exército do Rei Henrique.

Bates
Court
Williams } soldados do rei.

Pistola.
Nym.
Bardolfo.
Pajem.
Um arauto.
Carlos VI, Rei da França.
Luís, delfim.
Duques de Borgonha, Orleans e Bourbon.
O Condestável da França.

Rambures
Grandpré } nobres franceses.

Montjoy, arauto francês.
Governador de Harfleur.
Embaixadores do rei da Inglaterra.
Isabel, rainha da França.
Catarina, filha de Carlos e de Isabel.
Alice, dama de companhia da Princesa Catarina.
A dona da estalagem "Cabeça de Javali", anteriormente Mistress Quickly, agora casada com Pistola.
Nobres, senhoras, oficiais, soldados franceses e ingleses, cidadãos, mensageiros e criados. Coro.

Cena

Inglaterra; depois, França.

shakespearebrasileiro.org

Prólogo

Entra o Coro

CORO:
Se de musa de fogo eu dispusesse
para escalar o céu mais rutilante
da invenção! Por teatro, um grande reino,
príncipes como atores, e monarcas
para a cena admirável contemplarem!
Então viria o belicoso Henrique
tal como é mesmo: qual um novo Marte.
Como cães ajoujados, em seu rasto
seguiriam a fome, a espada e o fogo,
pedindo ocupação. Mas meus amáveis
espectadores, perdoai o espírito
pouco altanado que a ousadia teve
de evocar tal assunto em tão ridícula
armação. Poderá esta pequena
rinha de galos abranger os vastos
campos da França? Ou nos será possível
pôr neste O de madeira os capacetes
que os ares de Azincourt aterroraram?
Oh, mil perdões, que uma figura curva
representa milhões em pouco espaço.
Por isso, permiti que nós, os zeros
desta importância imensa, trabalhemos
por excitar a vossa fantasia.
Imaginai, portanto, que, reunidos,
contemplais no interior deste recinto
dois possantes impérios, cujas frontes
confinantes e altivas, separadas
se encontram pelo oceano estreito e inçado
de perigos. Supri com o pensamento
nossas imperfeições. Cortai cada homem
em mil partes e, assim, formai exércitos
imaginários. Quando vos falarmos
em cavalos, pensai que à vista os tendes
e que eles as altivas ferraduras
na terra branda imprimem, pois são vossos
pensamentos que a nossos reis, agora,
hão de vestir, levando-os para todos
os lados, dando saltos pelo tempo,
concentrando numa hora de relógio
fatos que demandaram muitos anos.
Porque nos saia bem todo esse agouro,
permiti que eu vos sirva ora de coro
e vos impetre paciência expressa
para julgardes esta nossa peça.

(Sai.)

Ato I · Cena I

Londres. Uma antecâmara no palácio do rei.
Entram o Arcebispo de Cantuária e o Bispo de Ely.

CANTUÁRIA ·
Milorde, é o que eu vos digo: a lei que intentam
fazer passar é a mesma que no décimo
primeiro ano do reino do nosso último
soberano teria certamente
passado contra nós, se a turbulência
e a inquietação do tempo não tivessem
contribuído para adiar o assunto.
ELY · E ora, milorde, como poderemos
impedir que ela passe?
CANTUÁRIA · É o que é preciso
ser bem considerado. Se esse intento
se realizar, perdemos a metade
melhor de nossas posses, porque todas
as terras temporais que por legado
nos deixaram pessoas religiosas,
nos serão confiscadas. Nestes termos
é a sua avaliação, para a mantença,
dizem eles, da corte do monarca.
Em números redondos: quinze condes
com seis mil e quinhentos cavaleiros,
bons escudeiros perfazendo o número
de seis mil e duzentos, e, por cima,
para alívio da doença e da velhice
desprotegida, de almas indigentes
e fracas, incapazes para os rudes
trabalhos corporais, uma centena
de hospitais bem supridos, sem falarmos
que para os cofres reais anualmente
mil libras têm de entrar. Eis os seus termos.
ELY · Isso é que é sede!

shakespearebrasileiro.org

CANTUÁRIA · Até a própria taça
beberiam.
ELY · E como evitar isso?
CANTUÁRIA · O rei é bem intencionado e cheio
de boas qualidades.
ELY · E um sincero
admirador da nossa santa Igreja.
CANTUÁRIA · Não prometiam isso as estroinices
de sua mocidade. Só parece
que ao exalar seu pai o último alento,
sua selvajaria também nele
viesse a morrer. Sim, nesse mesmo instante
veio-lhe a reflexão, tal como um anjo
que Adão, o pecador, dele expulsasse,
transformando-lhe o corpo em paraíso
reservado aos espíritos celestes.
Nunca um sábio se fez tão de improviso,
nunca a reforma veio numa enchente
assim tão forte, para, em seu decurso,
varrer tantos defeitos; nunca fora
vencida a teima de cabeças de Hidra
com tal facilidade, como vimos
com esse rei.
ELY · Para nós essa mudança
foi verdadeira bênção.
CANTUÁRIA · Ouvindo-o, acaso,
discutir teologia, no imo da alma
desejareis que o rei seja prelado.
Se a conversa versar sobre negócios
públicos, pensareis ser esse o assunto
a que se houvesse dedicado sempre.
Passe a falar de guerra, e uma terrível
batalha vos será narrada em música.
Fazei-o discorrer sobre política,
e o nó górdio do caso ele deslinda
tão facilmente como o faz com as ligas.
O ar, esse libertino irredutível,
quando ele fala, fica sossegado;
o mudo espanto acolhe-se aos ouvidos
dos homens para surpreender as doces
sentenças de sua fala, parecendo
que a arte da vida e sua parte prática
com sua teoria se juntaram.
É um milagre, de fato, como Sua
Graça aprendeu tudo isso, com as tendências
dispersivas de então, os companheiros
superficiais, ignaros e grosseiros.
Passava as horas todas em banquetes,
orgias e desportos, sem que nunca
mostrasse aplicação ou procurasse
recolher-se, ou evitar os logradouros
públicos e o bafejo da gentalha.
ELY · Cresce melhor o morangueiro embaixo
de urtigas; desenvolvem-se e maduram
as mais saudáveis bagas junto a frutos
de baixa qualidade: assim, o príncipe
sob o véu da loucura escondeu sempre
sua selvajaria que, no jeito
de erva do estio, cresce mais depressa
durante a noite calma, sem ser vista,
mas sem parar jamais no crescimento.
CANTUÁRIA · É isso, sim, pois já não há milagres.
Devemos aceitar, portanto, causas
naturais para as coisas.
ELY · Mas meu caro
lorde, como atenuar esse projeto
que os comuns propuseram? Sua Alteza
está contra ou a favor?
CANTUÁRIA · É indiferente,
parece; ou antes: mostra-se inclinado
mais para nós do que para os contrários,
porque eu propus a Sua Majestade —
seguindo nisso a sugestão do nosso
conselho espiritual, no que respeita
a questões sobre a França, ainda em litígio,
que com vagar expus a Sua Graça —,
de uma só vez lhe dar maior quantia
do que as dadas até hoje pelas ordens
religiosas a seus antecessores.
ELY · Como foi recebida essa proposta?
CANTUÁRIA · Com bom acolhimento de seu lado.
Faltou somente o tempo necessário
para ouvir com vagar — o que Sua Graça,
segundo percebi, desejaria —
a exposição singela de seus títulos
sobre certos ducados e, de modo
mais geral, do direito sobre o trono
da França, que lhe toca por Eduardo,
seu bisavô.
ELY · Que foi que o interrompeu?
CANTUÁRIA ·
O embaixador francês, nesse entrementes,
pediu audiência. Mas já está chegado
o momento de o ouvir: não são quatro horas?

shakespearebrasileiro.org

Ely · Justamente.
Cantuária · Então vamos tomar conhecimento
da embaixada, conquanto eu a adivinhe
sem que o francês tenha falado ainda.
Ely · Aguardo-vos ansioso por ouvir-vos.
(Saem.)

Ato I · Cena II

O mesmo. Sala do trono.
Entram o Rei Henrique, Gloster, Bedford, Exeter, Warwick, Westmoreland e séquito.

Rei Henrique · Onde se encontra o meu gracioso
Lorde de Cantuária?
Exeter · Não se acha aqui presente.
Rei Henrique · Tio, mandai chamá-lo.
Westmoreland · Poderemos
chamar o embaixador, meu soberano?
Rei Henrique ·
Espera um pouco, primo; antes de ouvi-lo
temos de esclarecer alguns assuntos
de importância, com que nos preocupamos,
relativos à França e ao nosso reino.
(Entram o Arcebispo de Cantuária e o Bispo de Ely.)
Cantuária · Deus e seus anjos queiram
conservar-vos por muito tempo no sagrado trono.
Rei Henrique · Muito obrigado.
Erudito senhor, nós vos pedimos
que continueis vossa última conversa,
expondo com clareza e com justiça
por que a Lei Sálica da França impede,
ou não impede, o que ora pretendemos.
Mas, meu caro e fiel lorde, Deus não queira
que venhais a forçar vosso discurso,
torcendo-o com sofismas, e a consciência
carregueis com valores ilegítimos
de cor não condizente com a verdade.
Deus sabe quanta gente, ora com vida,
vai derramar o sangue na defesa
do que formos por Vossa Reverência
concitado a fazer. Tende cuidado,
portanto, na maneira por que me ides
penhorar, como o gládio adormecido
da guerra espertareis. Recomendamo-vos,
pois, em nome de Deus: tende cuidado,
porque duas nações tão poderosas
nunca brigaram sem que derramassem
muito sangue, de que cada inocente
gota é uma maldição e queixa amarga
lançada contra quem tivesse sido
causa injusta de afiarem-se as espadas
para a devastação da curta vida.
Após essa advertência, digno lorde,
podeis falar, que vos escutaremos
e anotaremos tudo, convencido
de que vossas palavras são lavadas
em vossa consciência e estão tão puras
como o pecado após o batizado.
Cantuária · Então me ouvi, gracioso soberano,
e vós, pares, também, que dedicastes
a este trono imperial vossas pessoas,
os serviços e a vida. Nada pode
ser objetado contra a pretensão
de Vossa Alteza em relação à França,
senão tão-só o que os franceses fazem
provir de Faramond: "In terram Salicam
mulieres ne succedant". "Não sucede
mulher em terra Sálica". Por "Terra
Sálica", sem razão, eles entendem
toda a França, atribuindo a Faramond
o início dessa lei contra o direito
das mulheres ao trono. No entretanto,
são seus próprios autores que nos dizem
com toda a boa-fé que a terra Sálica
se encontra na Alemanha, entre as correntes
do Sala e do Elba, onde foi posto certo
francês por Carlos Magno, após vencido
ter os saxões, o qual tendo em desprezo
as mulheres germânicas por causa
da vida desonesta que levavam,
firmou o princípio de que em terra Sálica
jamais mulher alguma fosse herdeira,
terra essa, como disse, entre o Elba e o Sala,
chamada hoje de Meissen, na Alemanha.
Vê-se, pois, claramente, que a Lei Sálica
não diz respeito ao reino dos franceses,

shakespearebrasileiro.org

mesmo porque estes só tomaram conta
dessa terra depois de quatrocentos
e vinte e um anos após o passamento
de Faramond, aceito, falsamente,
como criador da lei, cujo trespasse,
como é sabido, se deu no ano quatro-
centos e vinte e seis, contados na era
da nossa redenção. Ora, foi no ano
de oitocentos e cinco, após a guerra
dos saxões, que os franceses foram postos
por Carlos Magno em terras de além Sala.
Há mais: seus escritores asseveram
que o Rei Pepino, após ter destronado
Quilderico, valeu-se de seu título
de herdeiro universal, por ser do sangue
de Blitilda, nascida de Clotário,
para na posse entrar do reino franco.
Hugo Capelo, que usurpara o trono
de Carlos, Duque de Lorena, herdeiro
masculino exclusivo da linhagem
de Carlos Magno, para uma aparência
de legitimidade dar ao título
de que então se valeu — conquanto fosse
falso e nulo, em verdade — apresentou-se
como direto herdeiro de Lingare,
filha de Carlomanho, que era filho
de Luís, o imperador, como Luís era
filho de Carlos Magno. Assim, Luís décimo,
do usurpador Capeto o único herdeiro,
não pôde conservar calma a consciência,
quando subiu ao trono dos franceses,
senão depois da prova de que a bela
Isabel, sua avó, era da estirpe
da senhora Ermengarda, que nascera
do mencionado Duque de Lorena,
com cujo casamento a descendência
de Carlos Magno se ligou de novo
à coroa da França. Assim se torna
tão claro como a luz do sol no estio
que o direito do Rei Pepino ao trono,
a pretensão de Hugo Capeto e a calma
de espírito de Luís, tudo se apóia,
sem exceção, no título e direito
das mulheres. Desta arte procederam
todos os reis da França até o presente.
Quando eles, pois, recorrem à Lei Sálica
para negar a Vossa Majestade
qualquer direito à herança feminina,
preferem ver-se envoltos numa teia
a patentear seus duvidosos títulos
usurpados a vossos ascendentes.

Rei Henrique ·
Posso, então, com direito e sã consciência,
fazer valer as minhas pretensões?

Cantuária · Caia o pecado sobre mim, severo
soberano, que está escrito no Livro
dos Números: "A herança cabe à filha,
sempre que o filho morre". Meu gracioso
monarca, defendei vossos direitos,
desenrolai vosso sangrento lábaro,
volvei a vista para os vossos grandes
antepassados, ide à sepultura
de vosso bisavô, de quem herdastes,
e lhe invocai o espírito guerreiro
e o de vosso tio-avô, Eduardo, o Príncipe
Negro, que fez da terra dos franceses
o grande palco em que ele uma tragédia
representou à custa da derrota
da força franca, enquanto, sorridente,
seu poderoso pai, do alto de um cômoro,
contemplava o leãozinho que no sangue
da nobreza francesa se fartava.
Oh nobre inglês que, com metade, apenas,
de suas forças, vencia todo o orgulho
dos franceses, enquanto a outra metade, à parte
se ficava, a sorrir, fora da pugna,
sem sofrer dano e inteiramente calma.
Ely · Despertai a lembrança desse morto
valoroso e com vosso braço forte
renovai-lhe o heroísmo. Sois-lhe o herdeiro,
no trono dele estais sentado agora;
o sangue e o ardor que ilustres os fizeram,
em vossas veias corre. Meu três vezes
poderoso senhor ora se encontra
precisamente na manhã de maio
de sua mocidade e, assim, maduro
para a ação e as grandiosas entrepresas.

Exeter · Os senhores e reis da terra, vossos
irmãos de cetro, que esperteis aguardam,
como os primeiros leões de vosso sangue.

Westmoreland ·
Todos estão bem certos de que Vossa
Graça dispõe da força e do direito,
como dispõe, de fato. Rei algum

shakespearebrasileiro.org

da Inglaterra já teve sob seu mando
nobres mais ricos e mais leais vassalos,
que os corações deixaram na Inglaterra,
para na França os corpos acamparem.
CANTUÁRIA · Oh meu caro senhor! deixai que os corpos
os acompanhem; com espada e sangue,
com ardor conquistai vosso direito.
Para isso, nós, do espiritual, daremos
a Vossa Alteza soma tão vultosa
como jamais foi dada pelo clero
a qualquer rei de vossa alta linhagem.
REI HENRIQUE ·
Pegaremos em armas não somente
para invadir a França, senão para
tomar medidas contra os escoceses,
que poderão, com todas as vantagens,
entrar por nossas terras.
CANTUÁRIA · Os que temos
na fronteira, gracioso soberano,
são suficientes para de muralha
nos valer na defesa de nossa ilha
contra nossos vizinhos ratoneiros.
REI HENRIQUE ·
Não falamos somente dessas forças
volantes da fronteira; mas receamos
que o escocês se levante em pé de guerra,
pois sempre nos tem sido um mau vizinho.
Na história podeis ler que nunca pôde
meu avô levar homens para a França,
sem que o escocês no reino enfraquecido
não fizesse incursões, como por uma
passagem faz o mar, com todo o peso
de suas forças, devastando as terras
desprotegidas, com penosos cercos
apertando as cidades e os castelos.
Carecente de forças, a Inglaterra
tremia diante de tão maus vizinhos.
CANTUÁRIA · Era maior o susto do que o dano,
nobre senhor. Ouvi como ela própria
vai prová-lo. No tempo em que na França
sua cavalaria toda estava
e ela, viúva chorosa de seus nobres,
não só pôde ela com bastante brilho
se defender, aprisionar o próprio
rei da Escócia, metê-lo numa jaula
como fera fugida, remetê-lo
para a França, porque ilustrasse o triunfo
do Rei Eduardo com um real cativo,
como deixar as crônicas tão cheias
de feitos valorosos, como o limo
dos abismos do mar se encontra pleno
de tesouros sem preço e de navios.
WESTMORELAND ·
Mas há um velho provérbio muito certo:
Se queres ganhar a França,
então pela Escócia avança.
Pois se a águia da Inglaterra saí à caça,
a doninha escocesa sobe ao ninho
desguarnecido e chupa os ovos reais,
fazendo como o rato quando o gato
se acha ausente, que estraga e suja tudo
quanto comer não possa.
EXETER · É, pois, preciso
que o gato fique em casa. Mas é muito
forçada a conclusão; temos ferrolhos
para em seguro pôr nossos haveres,
e armadilhas jeitosas para a caça
dos pequenos ladrões. Enquanto o braço
está lá fora, armado, aqui a cabeça
prudente se defende, que um governo
de diferentes partes é composto:
altas, baixas e mínimas. Contudo,
todas elas sempre hão de estar de acordo,
em completa e agradável harmonia,
como na música.
CANTUÁRIA · Por essa causa
deu o céu ao governo diferentes
funções que, em movimento ininterrupto,
uma finalidade, apenas, visam:
a obediência. Isso fazem as abelhas,
criaturas que, por lei da natureza,
o modo nos ensinam de pôr ordem
num reino populoso. Elas possuem
um rei e oficiais de toda sorte:
uns, como magistrados, incumbidos
são de aplicar em casa os corretivos;
outros, quais mercadores, negociam
no exterior; terceiros, os soldados,
armados de ferrões, pilham nos prados
estivais os botões aveludados,
álacres conduzindo o saque opimo
para casa e o depondo na real tenda
do seu imperador, que, azafamado
na sua majestade, não descuida

shakespearebrasileiro.org

na inspeção dos pedreiros cantadores
que elevam tetos de ouro, dos sisudos
e operosos civis que o mel amassam,
os vis carregadores que amontoam
na porta estreita da colmeia os fardos,
bem como o juiz severo, de zumbido
rezingueiro, que à estaca do carrasco
faz entrega do zangão preguiçoso.
Disso eu concluo que diversas coisas
concorrentes para uma só grandeza
podem obrar por modos diferentes.
Muitas setas, assim, de vários pontos
disparadas, a um alvo, só, convergem;
caminhos diferentes vão dar numa
só cidade; no mesmo mar salgado
rios de todo porte desaguam;
muitas linhas se tocam num só centro:
desse modo, milhares de entrepresas,
uma vez iniciadas, vão dar numa
finalidade apenas, sem prejuízo
de qualquer uma delas. Por tudo isso,
meu senhor, para a França! Em quatro partes
dividi vossa bela e feliz pátria:
levareis para a França um quarto, apenas,
com o que fareis tremer a Gália toda;
se nós, em casa, com três vezes isso,
nos mostrarmos ineptos para as portas
defender dos cachorros, merecemos
que nos dêem castigo e que a Inglaterra
venha a perder a sua antiga fama
de coragem na guerra e na política.

REI HENRIQUE ·
Chamai os mensageiros do delfim.

(Sai uma pessoa do séquito.)

Estamos decididos. Com a ajuda
de Deus e a vossa — os nobres ligamentos
de nosso poderio — uma vez donos
da França, havemos de prendê-la ao nosso
temor ou estraçalhá-la em mil pedaços.
Se lá não nos sentarmos, governando
com a mais ampla e irrestrita autoridade
toda a França e seus quase reais ducados,
estes ossos numa urna sem valia
repousarão, sem terem sepultura
nem qualquer inscrição indicativa.
Se nossa história não falar com plenos
pulmões de nossos atos, minha tumba,
como turco sem voz, há de ter boca
destituída de língua, sem o lustre
transitório de um simples epitáfio.

(Entram os embaixadores da França.)

Agora estamos preparados para
conhecer o prazer do nosso belo
primo, o delfim, pois cremos virem dele,
não da parte do rei, seus cumprimentos.

PRIMEIRO EMBAIXADOR ·
Consente Vossa Majestade em dar-nos
liberdade de expor nossa incumbência,
ou devemos mostrar-vos só de longe
a opinião do delfim e nosso encargo?

REI HENRIQUE ·
Somos um rei cristão, não feroz déspota;
à nossa graça está submissa a cólera,
como em nossas prisões os criminosos.
Por isso nos exponde com lhaneza
não forçada a palavra do delfim.

PRIMEIRO EMBAIXADOR ·
Então, sem mais rodeios: Vossa Alteza
recentemente reclamou da França
certos ducados, como pertencentes
a vosso antecessor, o grande Eduardo
terceiro. Manda vos dizer o príncipe,
nosso mestre, que tendes muito forte,
ainda, o gosto de vossa mocidade,
e vos adverte de que nada em França
pode ser conquistado à custa apenas
de uns compassos graciosos de galharda.
Não haveis de fazer vossas orgias
nos ducados da França. Por tudo isso,
como mais adequado a vosso gênio,
ele vos manda este barril de jóias,
pedindo-vos que, em troca dos ducados,
possa vir a ficar sem mais notícias
de Vossa Alteza. Assim falou o delfim.

REI HENRIQUE · Quais são as jóias, tio?

EXETER · Apenas bolas
de tênis, soberano.

REI HENRIQUE · Muito alegre
nos deixa a brincadeira do delfim.
Meus agradecimentos pelo mimo
e por vosso trabalho. Após nós termos
ajustado as raquetas a essas bolas,
jogaremos na França uma partida,
se Deus nos ajudar, que talvez ponha
em perigo a coroa de seu pai.

shakespearebrasileiro.org

Dizei-lhe que o adversário que ele acaba
de provocar vai pôr em sobressalto
toda a corte da França com seus pulos.
É compreensível que ele nos censure
por nossa turbulência de outros tempos,
visto não ter idéia do proveito
que dela nós tiramos. Nunca demos
muito valor ao trono da Inglaterra.
Vivendo longe dele, nos deixávamos
levar por uma bárbara licença.
Sempre os homens se mostram mais alegres,
todos o sabem, longe de seus lares.
Mas dizei ao delfim que hei de manter-me
como rei, desfraldando toda a vela
da grandeza no dia em que no trono
da França eu me assentar. Foi com esse intento
que eu pus de lado a minha majestade,
labutando qual rude jornaleiro.
Mas com tal glória eu me alçarei na França,
que deixarei seus olhos ofuscados.
Só de olhar-me, o delfim ficará cego.
Dizei ao vosso galhofeiro príncipe
que estas bolas a sua brincadeira
já transformou em pedras de canhão
e que sua alma vai ficar de luto
por causa da vingança destruidora
que vai voar com elas, pois tão tola
brincadeira milhares de viúvas
vai deixar sem maridos num brinquedo
de guerra, e muitas mães sem os filhinhos;
brincarão de ruir muitos castelos.
Nascituros sem conta, num só grito,
hão de atirar-lhe o apodo de maldito.
Mas tudo ainda depende da vontade
de Deus, a quem me entrego, e em cujo nome
devereis ao delfim dizer que eu parto
para vingar-me, como for possível,
e amparar com meu braço justiceiro
uma causa sagrada. É tudo. Em paz
podeis partir. Dizei ainda ao delfim
que a muitos esta sua brincadeira
com pranto há de amargar sobremaneira.
Dai-lhe uma boa escolta. Passai bem.

(Saem os embaixadores.)

EXETER · Uma alegre mensagem, não há dúvida.

REI HENRIQUE ·
Esperamos fazer que o dono venha,
por isso, a enrubescer. Mas não percamos,
milordes, nenhuma hora favorável
que possa acelerar nossa entrepresa,
que todo o meu pensar, agora, é a França,
sem contar o que a Deus se relaciona,
que à frente sempre está de nossos planos.
Reunamos, pois, depressa os nossos meios
para esta guerra e, assim, pesemos todas
as demais circunstâncias que nos possam
dar mais penas às asas. Deus à frente,
hei de dar ao delfim um corretivo
nas portas de seu pai. Por isso devem
todos agora afiar o pensamento
porque vença este belo empreendimento.

(Saem. Toque de clarins.)

Prólogo

Entra o Coro.

CORO · A mocidade toda da Inglaterra
se encontra agora em fogo; nos cabides,
os vestidos e seda. Só os armeiros
é que prosperam; nos humanos peitos
reina exclusivo o pensamento da honra.
Para comprar cavalos, vende os campos
o lavrador, seguindo nisso o exemplo
dos monarcas de toda a cristandade,
como alados Mercúrios da Inglaterra.
Por toda parte paira a Expectativa,
brandindo a espada que, da ponta aos copos,
se adorna com coroas de monarcas,
duques e condes, todas prometidas
a Henrique e aos que o acompanham. Os franceses,
sempre bem orientados a respeito
deste preparativo apavorante,
tremem de medo e, usando má política,
tentam desviar as intenções inglesas.
Oh Inglaterra, modelo de tua própria

shakespearebrasileiro.org

grandeza interior, corpo pequeno
com coração grandioso! De que foras
capaz, seguindo o que a honra te ditasse,
se naturais e bons fossem teus filhos!
Contempla o teu defeito: em ti a França
encontra um ninho de vazios peitos
que ela enche de coroas traiçoeiras.
Três ingleses corruptos: um, Ricardo,
Conde de Cambridge; o segundo, Henrique,
Lorde Scroop de Masham; e o terceiro,
o cavaleiro de Northumberland,
Sir Tomás Grey, pelo ouro cintilante
da França — oh crime escuro! — conspiraram
secretamente com a medrosa França.
Por suas mãos deve perder a vida
o mais gracioso rei — se o inferno e a negra
traição suas promessas mantiverem —
antes de ir para a França, ainda em Southampton.
Alongai a paciência, suportando
o abuso da distância a que esta peça
ora me obriga. A soma já está paga;
os traidores, de acordo; já não se acha
mais em Londres o rei. A cena, agora,
gentis espectadores, é em Southampton.
O teatro lá se encontra; é lá que todos
vos deveis assentar. De lá, sem risco
nenhum eu vos farei passar à França,
de onde, após, vos trarei, fazendo toda
sorte de encantos para que se deixe
o estreito atravessar como num vôo,
sem minha peça vos causar enjôo.
Mas ninguém a Southampton levarei,
enquanto em Londres estiver o rei.

(Sai.)

Ato II · Cena I

Londres. Eastcheap.
Entram Nym e Bardolfo.

BARDOLFO · Bem-vindo, caporal Nym.
NYM · Bom dia, tenente Bardolfo.
BARDOLFO · Dizei-me uma coisa: vós e o porta-bandeira Pistola ainda sois amigos?
NYM · Por mim, pouco se me dá; não digo nada, mas quando o tempo for servido, é possível que haja sorrisos entre nós. Não tenho coragem para brigar, mas posso fechar os olhos e segurar o ferro. Este é muito simples, de fato; mas, que importa? Serve para fritar queijo e agüenta o frio tão bem como a espada de quem quer que seja. E pronto!
BARDOLFO · Vou mandar aprontar um almoço para que façais as pazes; depois partiremos para a França, como irmãos de armas. Fazei-me essa vontade, caporal Nym.
NYM · Por minha fé, hei de viver quanto me for possível, é só o que eu sei dizer. Quando já não puder viver, verei o que faço. É essa a minha resolução e o rendez-vous do caso.
BARDOLFO · Eu sei, caporal, que ele se casou com Nell Quickly. Foi muito malfeito da parte dela, não há dúvida, porque estava comprometida convosco.
NYM · Sobre isso, nada digo; as coisas têm de ser como são mesmo. Muita gente pode dormir sem vir a perder as goelas, como há quem afirme que as facas têm corte. Tudo tem de ser como for possível; embora a paciência seja uma égua estafada, terá de arrastar-me de qualquer jeito. É preciso que haja conclusões. Muito bem, não sei dizer.

(Entram Pistola e a estalajadeira.)

BARDOLFO · Aí vem vindo o porta-bandeira Pistola com sua mulher. Ficai calmo, bondoso caporal. Então, estalajadeiro Pistola, como ides passando?
PISTOLA · Eu, estalajadeiro, cão imundo?
Juro por esta mão que o termo é baixo.
Pouco se importa a minha Nell com hóspedes.
ESTALAJADEIRA · Sim, por algum tempo, pelo menos; porque não podemos dar cama e mesa a doze ou quatorze senhoras de respeito, que vivam honestamente das picadas de suas agulhas, sem que se diga que sustentamos um bordel.

(Nym e Pistola sacam das espadas.)

Oh santa Mãe de Deus! Tomara que ele saque da espada, senão veremos aqui adultério proposital e crime.

shakespearebrasileiro.org

BARDOLFO · Meu bom tenente, bom caporal, acomodai-vos.
NYM · Bah!
PISTOLA · Bah para ti, cão da Islândia, sabujo islandês de orelha em pé!
ESTALAJADEIRA · Meu bom caporal Nym, mostra o teu valor e embainhai vossa espada.
NYM · Não ides embora? Desejava ter-vos "solus".
(Embainha a espada.)
PISTOLA ·
"Solus", cachorro egrégio? Oh vil serpente!
teu solus nesse rosto extraordinário;
teu solus nesses dentes, no teu peito,
nos teus pulmões odiosos, nessa pança,
e o que é pior, em tua boca imunda!
Devolvo o solus para as tuas tripas,
porque eu posso dar fogo; levantado
já está o cão de Pistola; falta pouco
para que a chama deslumbrante irrompa.
NYM · Não sou Barbason; não podeis conjurar-me. Sou dotado de humor para vos desancar indiferentemente bem. Se me insultardes, Pistola, eu vos limparei como puder com minha espada. Se vos retirantes, picar-vos-ei um pouco as tripas, da melhor maneira possível. É esse o humor do caso.
PISTOLA · Mesquinho fanfarrão, furioso réprobo!
Escancara-se o túmulo; já se acha
perto a Morte insaciável. Solta o espírito!
BARDOLFO *(arrancando a espada)* ·
Prestai atenção ao que eu vou dizer: quem der o primeiro golpe provará minha espada até aos copos. Palavra de soldado.
PISTOLA · Juramento de peso! A grande cólera
tem de ceder. Dá-me esse punho; dá-me
teu pé dianteiro, gigantesco espírito!
NYM · Mais hoje, mais amanhã, hei de cortar-te a garganta às maravilhas. Eis o humor do caso.
PISTOLA · "Coupe le gorge!"
Queres a minha esposa, cão de Creta?
Não; vai para o hospital
e da estufa da infâmia tira o abutre
leproso da família das Cressidas,
de nome Doll Tearsheat e a esposa logo,
que é minha, sempre minha, a *quondam* Quickly,
ela, a sem par! E *pauca*; é o suficiente.
Vai-te!
(Entra um pajem.)
PAJEM · Senhor estalajadeiro Pistola, é preciso que, juntamente com a senhora estalajadeira, vades ver o meu mestre. Ele está gravemente doente e não pode deixar a cama. Excelente Bardolfo, vai pôr o rosto nos lençóis dele, para fazeres de aquecedor. Ele está realmente muito mal.
BARDOLFO · Vai saindo, moleque!
ESTALAJADEIRA · Por minha fé, em qualquer destes dias ele aprestará um belo pudim para os corvos. O rei lhe quebrou o coração. Caro esposo, não demores.
(Saem a estalajadeira e o pajem.)
BARDOLFO · Vamos, quero fazer-vos amigos; temos de ir juntos para a França. Por que diabo havemos de pegar em faca para nos cortarmos os pescoços?
PISTOLA · Cresça o mar! Rujam diabos por comida!
NYM · Vou receber agora os oito xelins que me deveis daquela aposta?
PISTOLA · Vil escravo é quem paga as suas dívidas.
NYM · Mas quero reavê-los; é esse o humor do caso.
PISTOLA · Como o que decide é a virilidade, vamos a isso!
(Arrancam das espadas.)
BARDOLFO · Por esta espada, matarei quem der o primeiro golpe. Por esta espada, juro que o farei.
PISTOLA · Espada é juramento, e os juramentos de todo jeito devem ser mantidos.
BARDOLFO · Tornai-vos amigos, tornai-vos amigos, tu e o caporal Nym. Se te recusares a isso, passarás a ser também meu inimigo. Vamos, guarda essa espada.
NYM · Não me pagareis os oito xelins que eu ganhei na aposta?
PISTOLA · Vais ganhar neste instante um belo nobre. Além do mais, pagar-te-ei bebida.
Firmemos amizade; irmãos seremos;
eu e Nym viveremos um para o outro.
Não é justo? Eu vou ser um vivandeiro
no acampamento; o lucro há de buscar-me.
Dá-me essa mão!
NYM · Vou receber, de verdade, um nobre?
PISTOLA · Dinheiro de contado.
(Dá-lhe dinheiro.)
NYM · Muito bem; é esse o humor do caso.
(Volta a estalajadeira.)
ESTALAJADEIRA · Se nascestes de mulher, vinde ver Sir John. Ah, pobre coração! Encontra-se tão

shakespearebrasileiro.org

abalado por uma abrasadora terçã cotidiana, que dá pena vê-lo. Homens compassivos, entrai.

Nym · O rei introduziu mau humor no cavaleiro, essa é que é a verdade.

Pistola · Falas com siso; o coração tem ele corroborado e feito em pedacinhos.

Nym · O rei é um bom rei; mas as coisas são como são. Ele se compraz com humor e ditos espirituosos.

Pistola · Solidarizemo-nos com o cavaleiro. Vamos, que precisamos viver, meus cordeirinhos.

(Saem.)

Ato II · Cena II

Southampton. Sala do Conselho.
Entram Exeter, Bedford e Westmoreland.

Bedford · Como pode Sua Graça ter confiança
nesses traidores?

Exeter · Todos vão ser presos.

Westmoreland ·
Que macieza e doçura eles revelam
em tudo quanto fazem! Só parece
que no peito só têm a obediência,
pela honradez e pela fé coroada.

Bedford · O rei sabe de tudo o que eles fazem,
por processos de que eles nem suspeitam.

Exeter · Pensar que foi seu próprio camarada
de leito, que ele enchera de favores,
quem, por outro estrangeiro, o rei vendesse
para a traição e a morte! É inconcebível.

(Soam trombetas. Entram o Rei Henrique, Scroop, Cambridge, Grey, nobres e séquito.)

Rei Henrique ·
O vento é favorável; embarquemo-nos.
Ora dizei-me o que pensais, milorde
de Cambridge, meu bom Lorde de Masham
e vós aí, meu caro cavaleiro:
não sois de parecer que os nossos homens
conseguirão abrir caminho pelas
forças francesas, dando desempenho
às intenções que tínhamos no instante
de os reunir num só corpo?

Scroop · Não o duvido,
senhor, se todos seu dever cumprirem.

Rei Henrique ·
É o que não ponho em dúvida, que estamos
convencidos de que não conduzimos
coração que não viva em harmonia
conosco, nem deixamos, igualmente,
nenhum atrás, que votos não formule
para alcançarmos a final vitória.

Cambridge · Nenhum rei foi jamais temido e amado
como Vossa Grandeza; nenhum súdito,
quero crer, poderá sentir-se inquieto,
nem descontente, sob a amena sombra
do governo de Vossa Majestade.

Grey · É muito certo; os próprios inimigos
de vosso pai no doce mel a bile
mergulharam, servindo-vos agora
com corações nascidos para o zelo.

Rei Henrique · Razão, portanto, nos assiste para
sermos agradecidos. Mais depressa
virá esta mão a se esquecer do ofício
do que da recompensa da virtude
de acordo com seu peso e dignidade.

Scroop · O zelo, assim, trabalhará com músculos
de aço, achando o trabalho refrigério
na doce expectativa de, sem pausa,
se esforçar para Vossa Majestade.

Rei Henrique ·
Assim também pensamos. Tio de Exeter,
soltai o homem preso ontem por insultos
a nossa Majestade. Foi excesso
de vinho que o excitou, é o nosso aviso.
Se já se arrependeu, nós lhe perdoamos.

Scroop · É generosidade, mas excesso
de imprudência, senhor. Fora preciso
nesse caso o castigo; do contrário,
pode o exemplo gerar mais desatinos.

Rei Henrique ·
Deixai-nos ser bondoso.

Cambridge · Vossa Alteza
poderá sê-lo sem que impunes fiquem
os criminosos.

Grey · Mostrareis brandura
se o deixardes com vida, após lhe dardes
a correção precisa.

shakespearebrasileiro.org

Rei Henrique · Vosso excesso
de cuidado e de amor à nossa causa
pesa demais contra esse pobre-diabo.
Se os olhos não fecharmos para faltas
de importância somenos, produzidas
pela embriaguez, de que maneira os olhos
estenderemos para os grandes crimes
que foram ruminados, absorvidos
com tempo e digeridos? Pouco importa:
vamos soltar esse homem, embora Cambridge,
Scroop e Grey, por excesso de cuidado
para nossa pessoa, desejassem
que fosse castigado. E ora passemos
ao assunto da França. Quais os nomes
dos lordes escolhidos para o posto
de comissários?
Cambridge · Eu sou um, milorde;
autorizou-me Vossa Alteza a vir-vos
pedir a comissão.
Scroop · E a mim, também,
meu soberano.
Grey · E a mim, meu real senhor.
Rei Henrique · Nesse caso, eis a vossa, Lorde Scroop
de Masham; e a vossa aqui, Ricardo, Conde
de Cambridge; esta é a vossa, Cavaleiro
Grey de Northumberland. Lede-as; conheço-vos
o mérito. Meu caro tio de Exeter,
Lorde de Westmoreland, ainda esta noite
iremos para bordo. Então, senhores?
Que ledes nos papéis para ficardes
desse jeito? Ora vede que mudança!
Têm de papel as faces. Que estais lendo
que vos deixou covarde o bravo sangue,
e do rosto o expulsou?
Cambridge · Confesso a minha
grande falta e à clemência me submeto
de Vossa Majestade.
Grey e Scroop · Para a qual
todos nós apelamos.
Rei Henrique · Tal clemência,
notada em nós, há pouco, vossos próprios
conselhos suprimiram e mataram.
Contra vós se viraram vossos próprios
argumentos, tal como cães sanhosos
contra seus donos, para estraçalhá-los.
Vede, meus pares e meus nobres príncipes,
estes monstros ingleses! Eis o Lorde
de Cambridge... Sabeis até que ponto
nosso amor concordara em cumulá-lo
dos maiores favores, condizentes
com sua honra. Pois bem: este sujeito,
por algumas coroas destituídas
de peso, conspirou ligeiramente,
tendo jurado aos emissários francos
que aqui em Hampton a nos matar viria,
juramento que aquele cavaleiro
que não está menos preso do que Cambridge
à nossa grande generosidade
igualmente prestou. Mas oh! Que devo
dizer-te, Lorde Scroop? Oh tu, criatura
desumana, cruel, ingrata e bárbara!
Tu, que tinhas as chaves dos meus planos,
que sabias de tudo o que eu sentia
no mais profundo da alma, que terias
podido, quase, me cunhar em ouro,
se para tua vantagem tu tivesses
me querido explorar: como se explica
que o salário estrangeiro conseguisse
tirar de ti uma faúlha, ao menos,
diabólica que o dedo me queimasse?
É tão estranho tudo, que ainda mesmo
que a verdade do caso ressaltasse
como o branco no preto, mal podiam
meus olhos enxergá-la. Sempre o crime
e a traição se conluiaram, como junta
de demônios, acordes na maldade,
produzindo com tanta grosseria
seus naturais efeitos que contra elas
não grita a admiração. Mas no teu caso
fizeste contra toda a expectativa
seguir a admiração ao crime e à infâmia.
Qualquer que tenha sido o diabo astuto
que te amolgou por modo tão absurdo,
é certeza já ter obtido os votos
para primaz do inferno, porque os outros
demônios, que traições nos insinuam,
cobrem-nas de remendos, que alterando-lhes
a forma e a cor, emprestam a aparência
brilhante da piedade. Mas o diabo
que te enganou, mandou que, enfim, te erguess
sem que te desse justificativa
para seres traidor, senão armar-te
perfeito cavaleiro da traição.
Se esse mesmo demônio, que tão hábil

shakespearebrasileiro.org

se mostrou no iludir-te, com seus passos
leoninos percorresse o mundo todo,
poderia, de volta ao fundo Tártaro,
anunciar às legiões: jamais uma alma
foi ganha com tamanha indiferença
como a daquele inglês. Como a doçura
da amizade por ti foi infectada
pela suspeita! Alguém já fora fiel?
Eras tu esse alguém. Grave e erudito?
Eras tu esse alguém. De nobre estirpe?
Eras tu esse alguém. Piedoso e puro?
Eras tu esse alguém. Houve pessoa
de vida moderada, sem excessos
de cólera nem estos de alegria,
de espírito constante, não transviada
pelas ebulições do próprio sangue,
vestida, ornada de modesta essência,
seguindo os olhos só quando os ouvidos
em seu apoio viessem, não confiando
em ninguém sem madura reflexão?
Assim, de tal finura, parecias.
Por isso tudo, tua queda deixa
uma espécie de mancha, que há de a marca
da suspeita lançar no mais virtuoso
dos homens, o mais puro e mais completo.
Choro por ti, que a tua felonia
se me afigura uma outra queda do homem.
Seus crimes são patentes; conduzi-os
para a prisão, porque serão julgados.
Que Deus possa absolvê-los de seus crimes.

Exeter · Eu te prendo por alta traição, Ricardo,
Conde de Cambridge.
Eu te prendo por alta traição, Henrique, Lorde
Scroop de Masham.
Eu te prendo por alta traição, Tomás Grey, Cavaleiro
de Northumberland.

Scroop · Nossos intentos foram, com justiça,
revelados por Deus. Mais me compunge
meu erro do que a morte. A Vossa Alteza
suplico perdoar-me, embora o preço
do meu crime meu corpo vá pagá-lo.

Cambridge · Jamais me seduziu o ouro da França,
conquanto o houvesse aceito como meio
de realizar depressa o cometido.
Louvado seja Deus, por ter frustrado
minha intenção, do que eu hei de alegrar-me,
pedindo a Deus e a vós que me perdoeis.

Grey · Jamais se alegrou tanto um fiel súdito
à descoberta de insidiosa trama,
como eu comigo mesmo ora me alegro
por me ver impedido de dar cabo
dessa empresa maldita. Minha falta,
não meu corpo, perdoai, meu soberano.

Rei Henrique ·
Deus, em sua clemência, vos absolva.
Ouvi a sentença: conspirastes contra
nossa real pessoa e vos juntastes,
para isso, com um inimigo declarado,
recebendo dinheiro de seus cofres,
preço de nossa morte. Assim, queríeis
vender ao crime o vosso soberano,
à servidão seus príncipes e pares,
à opressão e ao desprezo seus vassalos
e ao estrago total o reino todo.
Quanto à nossa pessoa, não queremos
vingança. Mas nos toca tão de perto
a salvação do reino, cuja ruína
procurastes, que nós vos entregamos
às suas leis. Ide, pois, sem mais delongas,
míseros pecadores, para a morte.
Que em sua graça Deus vos dê coragem
de suportá-la e a contrição sincera
de vosso crime. Conduzi-os logo.

(Saem Cambridge, Scroop e Grey, escoltados.)

Agora, meus senhores, para a França.
Possa ser esta empresa gloriosa
para nós todos. Não mantemos dúvida
em uma guerra fácil e propícia,
já que Deus permitiu que se frustrasse
traição tão perigosa, que se achava
de emboscada por onde nós passávamos,
para impedir a nossa iniciativa.
Não duvidamos de que já se encontram
removidos da estrada os embaraços.
Partamos, pois, meus caros compatriotas.
Nas mãos de Deus ponhamos nossa força
e demos logo início à expedição.
Alegres, para o mar! A guerra avança;
só serei vosso rei, se o for da França.

(Saem.)

Ato II · Cena III

Londres. Diante da taberna de Eastcheap.
Entram Pistola, a estalajadeira, Nym, Bardolfo e o pajem.

ESTALAJADEIRA ·
Deixa, meu doce maridinho, que eu te acompanhe até Staines.
PISTOLA · Não, que o meu peito forte se afligira.
Bardolfo, sê jovial; desperta a veia,
Nym, da fanfarronada, que Falstaff
já não vive. É preciso que choremos.
BARDOLFO · Quisera estar com ele onde quer que se encontre: no céu ou no inferno.
ESTALAJADEIRA · Não, é certeza não estar no inferno; está no seio de Artur, se é que alguém já foi para o seio de Artur. Teve um fim muito bonito e se partiu como uma criança na pia batismal, entre as doze e uma hora, precisamente, na volta da maré. Quando o vi amarrotando o lençol, brincando com flores e rindo para a ponta dos dedos, compreendi que só havia um caminho. Estava com o nariz afilado como uma pena e delirava com campos verdes. "Então, Sir John", lhe disse, "que é isso, homem? É preciso ter coragem!" Ao que ele se pôs a gritar: "Deus! Deus! Deus!" três ou quatro vezes. Para consolá-lo, disse que não pensasse em Deus, por ser de opinião que não valia a pena perturbar-se com pensamentos dessa natureza. Nesse momento ele pediu que lhe pusesse mais roupa sobre os pés; enfiei a mão por baixo do lençol e os apalpei, percebendo que estavam frios que nem pedra. Então apalpei-lhe os joelhos, e mais acima, e mais acima, e tudo estava tão frio que nem pedra.
NYM · Dizem que ele gritou pedindo xerez.
ESTALAJADEIRA · É certo; pediu mesmo.
BARDOLFO · E por mulheres, também.
ESTALAJADEIRA · Não; isso não é verdade.
PAJEM · Gritou, sim, dizendo que elas eram diabos encarnados.
ESTALAJADEIRA · Tudo o que dizia respeito à carne não era com ele; não suportava o encarnado.
PAJEM · Certa vez ele disse que o demônio ainda haveria de levá-lo, só por causa das mulheres.
ESTALAJADEIRA · Sim, às vezes acontecia falar mal das mulheres; mas isso era quando estava reumático e falava da prostituta de Babilônia.
PAJEM · Estais lembrados da vez em que ele viu um mosquito pousado no nariz de Bardolfo e o comparou a uma alma negra a arder no fogo do inferno?
BARDOLFO · Já se foi o combustível que alimentava esse fogo. Foi essa a riqueza que eu ganhei em seu serviço.
NYM · Como é? Saímos ou não daqui? O rei já deve ter partido de Southampton.
PISTOLA ·
Vamos embora. Amor, dá-me esses lábios.
Cuida dos meus bens móveis e da casa.
Impere o juízo; a senha é: "Bebe e paga!"
Desconfia de todos,
pois as juras são palha; a fé dos homens,
broa que se desfaz, e "Agarra firme",
o único cão de guarda, minha pomba.
Teu conselheiro seja, pois, "Caveto".
Enxuga esses cristais. Vamos, amigos,
para a França e, tal como as sanguessugas,
suguemos, sim, suguemos quanto sangue
houver para sugar naquelas partes.
PAJEM · Dizem que é alimento pouco saudável.
PISTOLA · Toca-lhe na boca macia, e marcha!
BARDOLFO · Adeus, estalajadeira.

(Beija-a.)

NYM · Não posso beijá-la; eis o humor do caso. Mas adeus!
PISTOLA · Capricha na direção da casa; segura firme, é só o que te recomendo.
ESTALAJADEIRA · Passai bem. Adeus.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena IV

França. Uma sala no palácio do Rei da França. Toque de clarins.
Entram o Rei da França, com séquito, o delfim, os Duques de Berri e da Bretanha, o condestável e outros.

Rei da França ·
Desse modo, com suas forças todas,
cai sobre nós o inglês. Ora nos cumpre
ser muito cuidadosos na defesa,
para lhe darmos uma real resposta.
Para isso os Duques de Berri e Bretanha,
de Brabant e de Orleans vão para fora.
Vós, príncipe delfim, com toda a pressa
deveis dar novo brilho a nossas praças
de guerra, reforçando-as com soldados
corajosos e meios de defesa,
porque a Inglaterra, em suas investidas,
é tão violenta como os torvelinhos
d'água num grande abismo. É necessária,
toda a cautela, pois; ainda sentimos
o medo resultante das recentes
devastações que pelos nossos campos
fez o fatal inglês que desprezávamos.
Delfim · Meu pai muito temido, é conveniente,
de fato, nos armarmos contra o imigo.
A paz não deve entorpecer os reinos.
Embora em guerra e lutas não se pense,
os efetivos, a defesa, os meios
de combate, em geral, devem ser sempre
reforçados e a ponto sempre postos,
como na expectativa de uma guerra.
Sou de opinião, portanto, que é preciso
sairmos para ver as partes doentes
e mais fracas da França, o que faremos
sem revelar temor, sim, tão tranqüilos
como se a nova nos tivesse vindo
de que a Inglaterra se ocupava apenas
com bailados mouriscos e folias
do Pentecostes. Sim, meu soberano,
de tal modo ela se acha governada,
tão fantasticamente empunha o cetro
um moço vão, leviano e extravagante,
que em seu rasto não segue o frio medo.

Condestável ·
Oh! Tende mão, meu príncipe delfim;
estais muito enganado a esse respeito.
Vossa Graça interrogue os emissários
que ao rei foram por último enviados
sobre a maneira digna com que a todos
recebeu, como estava secundado
por nobres conselheiros, a modéstia
das respostas, sem quebra, no entretanto,
da decisão mais firme e inquietadora:
e vereis que as passadas estroinices
eram como o exterior, tão-só, de Bruto
da antiga Roma, que, sob a aparência
da loucura a razão dissimulava.
Assim com estrume os jardineiros fazem,
escondendo as raízes que prometem
dar flores mais precoces e preciosas.
Delfim · Não é tanto, milorde condestável.
Mas embora aceitássemos tudo isso,
pouco importa. No caso de defesa,
será melhor considerar o imigo
mais forte do que ele é na realidade.
Assim ficam preenchidas as medidas
da defesa; mostrarmo-nos sovinas
no traçado, é fazer como o avarento
que, por economia de um pedaço
de pano, a perder põe todo o casaco.
Rei da França ·
Que seja forte, pois, o Rei Henrique.
Vós, príncipes, deveis também ser fortes
para enfrentá-lo. Os seus antepassados
se fartaram, comendo-nos as carnes.
Ele provém do sanguinoso tronco
que o terror espalhou pelas estradas
da França. Como prova, citaremos
apenas a derrota, memorável
em demasia, na fatal batalha
de Cressy, em que todos os fidalgos
de nossa terra aprisionados foram
pelo Príncipe Negro, Eduardo, Príncipe
de Gales. No alto, em cima de alterosa
montanha, seu pai alto o contemplava,
sorrindo ao vê-lo devastar as obras

shakespearebrasileiro.org

da natureza e os moldes que durante
vinte anos Deus e os pais franceses tinham
demorado a fazer. Ora, ele é um ramo
desse tronco notável; há motivos,
pois, suficientes, para termos medo
de seu destino e do vigor inato.

(Entra um mensageiro.)

Mensageiro ·
Emissários de Henrique da Inglaterra
pedem audiência a Vossa Majestade.
Rei da França ·
Vamos ouvi-los logo; ide buscá-los.

(Saem o mensageiro e alguns nobres.)

É com calor, amigos, como vedes,
que esta caça vem sendo perseguida.
Delfim · Então ficai de frente, pondo um termo
a essa perseguição. Os cães medrosos
ladram com mais vigor quando a distância
vêem a caça a correr, imaginando
que estão sendo temidos. Sede curto
com esse inglês, meu caro soberano,
dando-lhe a perceber a monarquia
de que sois a cabeça. Caro príncipe,
o amor-próprio é pecado menos grave
do que o descuido próprio.

(Voltam os nobres, com Exeter e seu séquito.)

Rei da França · De Inglaterra,
nosso irmão, é que vindes?
Exeter · Dele mesmo,
que desta arte saúda Vossa Alteza:
É no nome de Deus onipotente
que, por mim, vos concita a renunciardes
a vós próprio, despindo-vos depressa
das glórias emprestadas que por dádiva
do alto empíreo, por lei da natureza,
por direito dos povos, lhe pertencem
e a seus herdeiros, a saber: o cetro
e assim as amplas honras que o costume
e o trabalho do tempo conferiram
à coroa da França. Como prova
de que sua pretensão não é injusta
nem absurda, arrancada de um passado
carunchoso e longínquo, nem da poeira
depositada pelo esquecimento,
vos manda este traçado memorável
com ramos de evidência irresistível,
pedindo que a atenção volvais para esta
árvore genealógica e, após verdes
que ele provém, de fato, sem rodeios,
do mais famoso dos seus ascendentes
sempre famosos, o terceiro Eduardo,
manda que resigneis o reino e o cetro
sem apoio legal nenhum tomados
do natural herdeiro.
Rei da França · Que se segue,
no caso de recusa?
Exeter · Sanguinária
violência, pois, embota no mais fundo
do coração pusésseis a coroa,
de lá ele a arrancara. Como escura
tempestade, por isso, ele se adianta,
outro Jove dispondo de tremores
de terra e de trovões, recurso extremo
de que se valerá, caso lhe seja
recusada a reqüesta. Pela graça
do Senhor vos intima a lhe entregardes
a coroa e a apiedar-vos das inúmeras
almas desventuradas que se encontram
ameaçadas pelas hiantes fauces
desta guerra faminta. Diz, ainda,
que sobre vós hão de cair as lágrimas
das viúvas, os gritos e gemidos
dos órfãos, todo o sangue derramado
nas lutas, as lamentações das jovens
pelos maridos, pais e caros noivos
que forem absorvidos pela guerra.
Eis sua pretensão; eis sua ameaça;
nisto consiste todo o meu recado,
caso o delfim não se ache aqui presente,
para quem trago saudações expressas.
Rei da França ·
Vamos considerar com mais sossego
quanto nos diz respeito. Amanhã cedo
recebereis uma cabal resposta
para o irmão Inglaterra.
Delfim · No que toca
ao delfim, aqui estou no lugar dele.
Que foi que lhe mandaram da Inglaterra?
Exeter · Desprezo e desafio, a merecida
desconsideração, desdém completo,
tudo de quanto ele vos julga digno
sem deslustrar o mandatário ilustre.
Assim falou meu rei; e se a grandeza
de vosso pai não atenuar o amargo

shakespearebrasileiro.org

de vossa graça insossa, concedendo-lhe
plena satisfação, há de chamar-vos
a contas, por maneira tão violenta,
que as abóbadas côncavas e as grotas
da França reboarão com a brincadeira
que os seus canhões ao rosto vos atirem.
Delfim · Podeis dizer-lhe que com o meu assenso
meu pai não lhe dará resposta afável.
Nada me agrada tanto como a guerra
com a Inglaterra. Para isso, tendo em vista
sua frivolidade e inexperiência,
mandei-lhe aquelas balas parisienses.
Exeter · Ele fará, por isso, que estremeça
vosso Louvre Paris, embora a corte
principal fosse ali da grande Europa.
Ficai certo, também, de que uma grande
diferença achareis — como nós todos,
espantados, seus súditos, achamos —
entre as promessas de seus verdes dias
e os que ora ele domina. Hoje ele o tempo
pesa até o último grão. As vossas perdas
vos hão de convencer dessa verdade,
no caso de ele demorar na França.
Rei da França · Amanhã vos daremos a resposta.
Exeter · Despachai-nos com pressa; poderia
dar-se que o nosso rei viesse em pessoa
para saber da causa da demora,
visto já ter tomado pé na França.
Rei da França ·
Heis de ser despachado como cumpre,
sem grandes dilações. Pequeno fôlego
e pausa diminuta é uma só noite
para assunto de tanta relevância.

(Saem.)

Prólogo

Entra o Coro.

Coro · Valendo-se tão-só de asas fictícias
a nossa cena voa e se desloca
com rapidez não menos admirável
do que a do pensamento. Figurai-vos
ter visto o bem provido soberano
no embarcadouro de Hampton pôr a bordo
sua realeza e com sedosas flâmulas
abanar sua esquadra o moço Febo.
Brincai com a fantasia e nela vede
subir pela cordoalha ágeis grumetes;
ouvi o apito agudo, transmitindo
ordens em meio de confusos gritos;
vede as velas de linho, intumescidas
por um vento invisível e insinuante
que impele as altas quilhas pelas águas
cavadas, a zombar das ondas bravas.
Imaginai que vos achais na praia
e que vedes dançar uma cidade
nas ondas inconstantes, sim, que tanto
parece ser a sua altiva esquadra
na rota para Harfleur. Adiante! Adiante!
Firmai o pensamento na grandeza
desta esquadra e deixai vossa Inglaterra
tão sossegada como a mortal hora
da meia-noite, sob a guarda, apenas,
de trêmulos avós, velhas e crianças,
os que o vigor e a força já perderam
ou longe ainda de alcançá-los se acham.
Sim, pois quem pode haver, se enriquecido
tiver o queixo de um cabelo apenas
que também não deseje ir para a França
com tantos e seletos cavaleiros?
Ponde em trabalho o pensamento e o cerco
vede de uma cidade; nas carretas
contemplai os canhões, com as fatais bocas
voltadas para Harfleur de pétreo cinto
O embaixador francês agora vede,
de volta, com recado para Henrique:
oferece-lhe o rei sua própria filha,
Catarina, e, com ela, como dote,
alguns ducados que não rendem nada.
Foi rejeitada a oferta. O canhoneiro
já encosta o fogo no canhão diabólico

(Rebate; descarga de canhões.)

e quanto se acha em frente vem abaixo.
Sede bondosos; demonstrai talento
e a peça completai com o pensamento.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena I

França. Diante de Harfleur.
Rebate. Entram o Rei Henrique, Exeter, Bedford, Gloster e soldados com escadas de assalto.

REI HENRIQUE ·
À brecha novamente, meus amigos,
ou de ingleses os fossos entupamos.
Quando há paz, nada assenta mais aos homens
do que a humildade e a singular modéstia.
Porém quando as rajadas dos combates
vos soa nos ouvidos, é de urgência
procurar imitar em tudo o tigre:
os nervos enrijai, chamai o sangue;
desfigurai a bela natureza
com os traços de uma cólera violenta;
aos olhos emprestai aspecto horrível,
permitindo que espreitem de suas órbitas
como canhões de bronze. Os supercílios
devem cobri-los tão terrivelmente
como o faz o penedo solapado
que sobre a base enfraquecida impende
pelo oceano selvagem circundada.
Rangei os dentes, dilatai as ventas,
sustai o fôlego e tendei o espírito
quanto vos for possível. Para a frente,
nobres ingleses, cujo sangue é oriundo
de pais postos à prova nos combates,
pais que, como outros tantos Alexandres,
de sol a sol nestas regiões lutaram,
só embainhando as espadas por carência
completa de pretexto para usá-las.
Não desonreis as vossas mães; agora
vos cumpre demonstrar que dais o nome
de pais aos que, de fato, vos geraram.
Servi de exemplo aos que têm sangue baixo,
ensinando-lhes a arte dos combates.
E vós, bons camponeses da Inglaterra,
chegou o momento de nos dardes prova
da pujança do solo em que crescestes.
Vamos jurar que sois merecedores
de vossa origem, do que eu não duvido,
que até nos olhos do mais baixo e simples
percebo um nobre ardor. Vejo que todos
sois como fortes galgos atrelados,
prontos para saltar. Aí vem a caça.
Segui vossa coragem neste ataque,
gritando: Deus combata por Henrique!
Inglaterra e São Jorge!

(Saem. Rebate e descarga de artilharia.)

Ato III · Cena II

O mesmo.
Entram Nym, Bardolfo, Pistola e o pajem.

BARDOLFO · Avante! Avante! Para a brecha! Para a brecha!

NYM · Parai, caporal, por favor; os tiros são muito quentes e eu não tenho provisão de vidas. O humor do caso é quente demais; eis o seu verdadeiro cantochão.

PISTOLA · O cantochão é certo; há humor bastante: os tiros vão e vêm; do mesmo modo
caem os filhos de Deus e a vida perdem.
No campo rubro
a espada e o escudo
se cobrem logo
de imortal fama.

PAJEM · Quem me dera estar em uma cervejaria de Londres! De bom grado daria a minha fama pelo sossego e uma caneca de cerveja.

PISTOLA · Eu também.
Se meus votos se cumprissem,
esforço não me faltara
para voar para lá.

PAJEM · Tão certo,
mas não tão verdadeiro
como o canoro pássaro no galho.

(Entra Fluellen.)

FLUELLEN ·
Para a precha, cães! Para a frente, covardes!

(Empurrando-os para diante.)

shakespearebrasileiro.org

PISTOLA · Mostra-te, grande duque, compassivo
com criaturas de argila!
Abate a fúria varonil, abate,
grande duque, essa fúria!
Sê compassivo, coração bondoso!
Minha beleza, calma!

NYM · Bom humor é isso; Vossa Honra só conquista mau humor.

(Saem Nym, Pistola e Bardolfo, seguidos por Fluellen.)

PAJEM · Embora eu tenha poucos anos, já observei bem esses três fanfarrões. Sou pajem dos três; mas eles todos, reunidos, se tivessem de me servir, não chegariam a fazer um homem; sim, que três bobos dessa marca, somados, ainda são menos do que um homem. Bardolfo tem o fígado branco e o nariz vermelho, motivo por que avança, mas não briga; Pistola é de língua mortífera e de espada calma, do que resulta quebrar bem as palavras, mas conservar intactas as armas. Quanto a Nym, ouviu dizer que os homens valentes falam pouco, razão por que não se rebaixa nem para rezar, com medo de ser tomado por medroso. Mas se são escassas as suas palavras ruins, mais, ainda, o são os feitos valorosos, pois a única cabeça humana que em toda a vida ele partiu foi a ele próprio, ao batê-la numa ponte, por estar embriagado. Os três dão o nome de compra a tudo o que roubam. De uma feita Bardolfo roubou uma caixa de alaúde e foi vendê-la a doze léguas por três pence e meio. Nym e Bardolfo são irmãos de gatunice; em Calais roubaram uma pá de fogão, do que eu concluo que ambos se sujam por pouca coisa. Eles queriam que eu me tornasse tão familiar com o bolso alheio, como as luvas e os lenços; mas não diz com a minha virilidade passar algo do bolso alheio para o meu: seria o mesmo que empalmar ações ruins. Preciso deixá-los e procurar coisa melhor. Meu estômago não agüenta essas vilanias, é obrigado a repeli-las.

(Sai.)

(Volta Fluellen; Gower o segue.)

GOWER · Capitão Fluellen, é preciso que vades imediatamente para as minas; o Duque de Gloster deseja falar-vos.

FLUELLEN · Para as minas? Dizei ao duque que não é nada pom ir para as minas. Ora vede, as minas não estão de acordo com as disciplinas da guerra; não têm concavidade suficiente; porque o atversário, ora vede — podeis dizer isso mesmo ao duque, ora vede — cavou quatro jardas de contramina. Por Chechus, penso que tudo irá pelos ares se ele não tomar outras brovidências.

GOWER · O Duque de Gloster, que está dirigindo o cerco, se deixa influenciar por um irlandês, gentil-homem muito valente, por minha fé.

FLUELLEN · É o Gabitão Macmorris, não é verdade?

GOWER · Penso que sim.

FLUELLEN · Por Chechus, é um asno, como não há outro igual no mundo todo, e isso mesmo eu lhe provarei na barba. Ele entende tanto da direção da verdadeira disciplina da guerra, ora vede, das disciplinas romanas, como qualquer criança.

(Entram Macmorris e Jamy.)

GOWER · Ele vem vindo aí, junto com o capitão escocês, o Capitão Jamy.

FLUELLEN · O Gabitão Jamy é um gentil-homem maravilhosamente faloroso, essa é que é a verdade, e de grande expedição e conhecimento nas guerras antigas, declaro-o pelo meu conhecimento barticular nessa direção. Por Chechus, ele mantém seus argumentos tão bem como qualquer militar do mundo, nas disciplinas das primitivas guerras dos romanos.

JAMY · Bom tia, Capitão Fluellen.

FLUELLEN · Pom dia a Vossa Senhoria, meu pom Gabitão James.

GOWER · Então, Capitão Macmorris! Abandonastes as minas? Os cavocadores já pararam?

MACMORRIS · Oh Deus, que pena! Chuspenderam o trapalho; já deram o toque de retirada. Juro por esta mão e pela alma de meu pai que o trapalho está malfeito; já foi chuspenso. Cristo me salve, mas eu teria feito saltar a cidade em uma hora. Foi malfeito, foi malfeito! Por esta mão, foi muito malfeito.

FLUELLEN · Gabitão Macmorris, sublico-vos agora que me concedais, ora vede, algumas disputações convosco em parte relativas às disciplinas da guerra, as guerras romanas, por via de argumento, ora vede, e amigável comunicação. Em parte para satisfazer a minha obinião e em parte, ora vede, para satisfazer o meu espírito no que diz respeito à direção da disciplina militar. Eis o ponto.

JAMY · Por minha fé, isso vai ser muito pom, meus pons capitães ambos. *(À parte.)* Mas vou tratar de me

shakespearebrasileiro.org

livrar de ambos, logo que o puder. Por Deus, é o que farei.

MACMORRIS · Cristo me proteja, mas o tempo não é para discussões; o dia está muito quente, e o tempo, e as guerras, e o rei, e os duques; o tempo não é para discussões. A cidade está cercada e a trombeta nos chama para a brecha, e nós aqui a falar — por Cristo! — sem fazermos nada. É vergonhoso. Deus me proteja, mas é vergonhoso ficarmos parados; sim, é vergonhoso, juro por esta mão. Tantas gargantas para serem cortadas, tanto trabalho por fazer, e nós aqui sem fazermos nada! Cristo me ampare, bah!

JAMY · Pela santa missa! Antes que estes olhos vão dormir, ou eu farei um pom serviço, ou ficarei em paixo da terra. Sim, ou hei de morrer. Vou prigar com tanto valor quanto me for bossível. Sem falta alguma; no curto e no comprido. Por minha fé, teria grande brazer em vos ouvir discutir algumas questões.

FLUELLEN · Gabitão Macmorris, eu penso, ora vede, salvo correção de vossa parte, que não há muitos indivíduos de vossa nação...

MACMORRIS · Da minha nação? Que é a minha nação? Algum vilão, por acaso, um bastardo, um escravo, algum maroto? Que é a minha nação? Quem está falando da minha nação?

FLUELLEN · Ora vede, se tomais as coisas por modo diferente do que eu digo, Gabitão Macmorris, virei a pensar porventura que não usais comigo da afapilidade que deveríeis ter comigo em discrição, ora vede, por eu ser um homem tão pom quanto vós, tanto nadisciplina das guerras como pela derivação do nascimento e em outras particularidades mais.

MACMORRIS · Não vos reconheço como meu igual. Cristo me salve, mas vou cortar-vos a cabeça.

GOWER · Senhores, senhores, estais equivocados!

JAMY · Que coisa lamentável!

(Ouve-se toque de parlamentar.)

GOWER · A cidade está chamando para parlamentar.

FLUELLEN · Gabitão Macmorris, quando se nos oferecer melhor ocasião, ora vede, eu tomarei a liberdade de vos demonstrar que conheço a disciplina das guerras. E por agora, ponto!

(Saem.)

Ato III · Cena III

O mesmo. Diante das portas de Harfleur.
Aparecem sobre os muros o governador e alguns cidadãos; embaixo, as forças inglesas. Entra o Rei Henrique com o seu séquito.

REI HENRIQUE · Que decide o governo da cidade?
Esta é a última vez que conversamos.
Entregai-vos, por isso, a nossa graça;
se não, como indivíduos desejosos
de morrer, abusai de nossa cólera.
Do contrário, em meu nome de soldado —
título que me assenta mais que todos,
segundo penso — caso novamente
eu fizer disparar a artilharia,
não deixarei Harfleur, já quase extinta,
senão depois de a soterrar em cinzas.
Fechadas ficarão todas as portas
da piedade; os soldados insaciáveis,
duros de coração e embrutecidos,
de consciência tão larga quanto o inferno,
não mais detendo o braço sanguinário,
como a erva ceifarão vossas donzelas
graciosas e os filhinhos florescentes.
A mim que importa se a impiedosa guerra,
de ornamentos de fogo como o príncipe
dos demônios, com rosto enegrecido,
cometa toda sorte de desmandos,
próprios do saque e da devastação?
Que terei eu que ver, se sois vós próprios
os culpados de virem vossas filhas
a ser presas da mais intolerável
e feroz violação? Que rédeas podem
deter a licenciosa impudicícia,
quando, montanha abaixo, se despenha?
Tão pouco resultado alcançaríamos
procurando pôr cobro nos excessos

shakespearebrasileiro.org

dos soldados entregues à pilhagem,
como se ao Leviatã determinássemos
que viesse para a praia. Por tudo isso,
homens de Harfleur, mostrai-vos compassivos
com vosso próprio povo e com a cidade,
enquanto os meus soldados me obedecem,
e enquanto o fresco e temperado vento
da graça espalha as nuvens tempestuosas
do assassínio violento, da pilhagem,
da infâmia inominável. Do contrário,
sem demora tereis de ver o cego,
sanguinário soldado, com mãos sujas
desmanchar o cabelo a vossas filhas,
em clamores desfeitas e angustiadas,
arrastar pelas barbas argentinas
vossos cansados pais e a veneranda
cabeça lhes quebrar de encontro aos muros,
atravessar com lanças vossos filhos
à vista, sim, das próprias mães dementes
em gritos de cortar no céu as nuvens,
como outrora as mulheres da Judéia
na caçada sangrenta dos carrascos
de Herodes. Que dizeis? Estais dispostos
a ceder, evitando esse castigo,
ou quereis ser destruídos desse modo,
mostrando-vos teimosos na defesa?

Governador · Terminam hoje nossas esperanças.
O delfim, a quem tínhamos pedido
que nos viesse ajudar, mandou dizer-nos
que não dispõe de forças suficientes
para se opor a um cerco de tal monta.
Por isso, grande rei, nós entregamos
nossa cidade a vossa alta clemência.
Nossas portas entrai; de nós disponde,
de tudo quanto é nosso, que é impossível
prolongar por mais tempo a resistência.

Rei Henrique ·
Abri as vossas portas. Tio de Exeter,
ide ocupar Harfleur, fortificando-a
contra os franceses. Perdoai a todos.
Quanto a nós, caro tio, já que o inverno
se acha às portas e a doença em nossas filas
parece ir num crescendo, retiramo-nos
para Calais. Hoje em Harfleur sou vosso,
mas já amanhã estar aqui não posso.

(Rebate. O Rei Henrique entra na cidade com suas tropas.)

Ato III · Cena IV

Ruão. Um quarto no palácio.
Entram Catarina e Alice.

Catarina · Alice, tu as esté en Angleterre, et tu parles bien le langage.
Alice · Un peu, madame.
Catarina · Je te prie, m'enseignez; il faut que j'apprenne à parler. Comment appellez vous la main en Anglois?
Alice · La main? elle est appellée, de hand.
Catarina · De hand. Et les doigts?
Alice · Les doigts? ma foy, j'oublie les doigts; mais je me souviendray. Les doigts? Je pense qu'ils sont appellés de fingres; ouy, de fingres.
Catarina · La main, de hand; les doigts, de fingres. Je pense que je suis le bon escolier. J'ai gagné deux mots d'Anglois vistement. Comment appellez vous les ongles?
Alice · Les ongles? nous les appellons, de nails.
Catarina · De nails. Escoutez; dites moy, si je parle bien: de hands, de fingres, et de mails.
Alice · C'est bien dict, madame; il est fort bon Anglois.
Catarina · Dites moy l'Anglois pour le bras.
Alice · De arm, madame.
Catarina · Et le coude?
Alice · De elbow.
Catarina · De elbow. Je m'en fais la répétition de tous les mots que vous m'avez appris dès à présent.
Alice · Il est trop difficile, madame, comme je pense.
Catarina · Excusez moy, Alice; escoutez: de hand, de fingres, de nailes, de arma, de bilbow.
Alice · De elbow, madame.
Catarina · O Seigneur Dieu! je m'en oublie; de elbow. Comment appellez vous le col?
Alice · De nick, madame.
Catarina · De nick. Et le menton?

shakespearebrasileiro.org

Alice · De chin.
Catarina · De sin. Le col, de nick; le menton, de sin.
Alice · Ouy. Sauf vostre honneur, en verité vous prononcez les mots aussi droict que les natifs d'Angleterre.
Catarina · Je ne doute point d'apprendre par la grace de Dieu, et en peu de temps.
Alice · N'avez vous déjà oublié ce que je vous ay enseignée?
Catarina · Non, je reciteray à vous promptement. De hand, de fingre, de mails...
Alice · De nails, madame.
Catarina · De nails, de arme, de ilbow.
Alice · Sauf vostre honneur, d'elbow.
Catarina · Ainsi dis je; d'elbow, de nick, et de sin. Comment appellez vous le pied et la robe?
Alice · De foot, madame; et le coun.
Catarina · De foot, et le coun? O Seigneur Dieu! ces sont mots de son mauvais, corruptible, gros, et impudique, et non pour les dames d'honneur d'user. Je ne voudrois prononcer ces mots devant les seigneurs de France, pour tout le monde. Foh! le foot, et le coun. Néantmoins je reciterai une autre fois ma leçon ensemble: de hand, de fingre, de nails, d'arm, d'elbow, de nick, de sin, de foot, le coun.
Alice · Excellent, madame!
Catarina · C'est assez pour une fois; allons nous à diner.

(Saem.)

Ato III · Cena V

O mesmo. Outro quarto no palácio.
Entram o Rei da França, o delfim, o Duque de Bourbon, o Condestável da França e outros.

Rei da França ·
Dizem que já passou o Rio Somme.
Condestável ·
Se não lutarmos, meu senhor, proponho
que deixemos a França, abandonando
nossas vidas e o mais a esses selvagens.
Delfim · Dieu vivant! Imaginar que poucas
vergônteas de nós mesmos, o supérfluo
da luxúria de nossos ascendentes,
nossos rebentos, postos numa cepa
primitiva e selvagem, de repente
se elevem até às nuvens, dominando
seu próprio enxertador?
Bourbon ·
Só normandos! Bastardos de normandos!
Mort de ma vie! Se eles assim prosseguem,
sem resistências, vendo o meu ducado
para comprar alguma herdade suja
nessa ilha de Álbion tão cheia de pontas.
Condestável ·
Dieu de battailes, de onde lhes viria
tamanha fúria? Acaso não possuem
clima enevoado, triste e sempre frio,
em que o sol, parecendo despeitado,
se mostra pálido e a colheita estiola
só com sua carranca? A água estagnada,
purga de égua estafada, um simples caldo
de cevada consegue cozinhar-lhes
o sangue regelado e lhes infunde
tão valente calor? E o nosso inquieto
sangue, que o vinho deixa ainda mais vivo,
parecer assim frio? Oh, pelo nome
de nossa terra, basta! Não fiquemos
mais como caramelos pendurados
nos telhados, enquanto um povo frio
suas gotas de ardente mocidade
nos nossos campos ricos, que merecem
ser chamados de pobres, tão-somente
por causa de seus donos.
Delfim · Por nossa honra,
nossas mulheres zombam de nós todos,
declarando que o brio já perdemos
e que ao vigor da mocidade inglesa
os corpos hão de dar, porque povoem
de bastardos valentes nossas terras.
Bourbon · Aconselham-nos a irmos para escolas
de danças aprender as altas voltas
e os corantos velozes, e acrescentam
que nossa graça está nos calcanhares
e que somos muito hábeis corredores.

shakespearebrasileiro.org

Rei da França · Onde se acha Montjoy, o nosso arauto? Despachai-o depressa; que transmita desafios altivos à Inglaterra. Todos de pé! Fidalgos, para a luta, com espírito de honra mais afiado do que as espadas. Grande Condestável da França, Charles Delabreth, vós, Duques de Orleans, Bourbon, Berri, Alençon, Brabant, Bar e Vaudemont, Borgonha, Jaques Chatillon, Rambures, Beaumont, Grandpré, Roussi e Fauconberg, Fois, Bouciqualt, Lestrale e Charolois; altos duques e príncipes, barões, nobres e cavaleiros, pelos feudos importantes que tendes, ora cumpre vos lavardes de tanto vitupério. Detende Harry Inglaterra, que passeia a França com pendões tintos no sangue de Harfleur. Caí sobre ele e seus soldados como no vale a neve derretida, sede ínfima e vassala em que os altivos Alpes cospem, jogando as suas sobras. Atirai-vos sobre ele — tende forças suficientes · e, como prisioneiro, numa carreta em Ruão no-lo entregai.

Condestável · Isso diz bem aos grandes. Fico triste somente por saber que seus soldados sejam poucos e que famintos se acham e alquebrados por causa das jornadas. Quando vir nossos homens, estou certo, há de cair-lhe o coração no esgoto do medo, oferecendo-nos, por último, em vez de resistência, um bom resgate.

Rei da França · Mandai, portanto, lorde condestável, à Inglaterra Montjoy, sem mais delongas, perguntar qual o importe do resgate que vai pagar-nos. Príncipe delfim, ficareis em Ruão, ao nosso lado.

Delfim · Se Vossa Majestade o permitisse, eu também seguiria.

Rei da França · Tende calma; preciso é que fiqueis aqui conosco. Meu grande condestável, e vós, príncipes, ide e trazei depressa a nossa terra a notícia da queda da Inglaterra.

(Saem.)

Ato III · Cena VI

O acampamento inglês na Picardia.
Entram Gower e Fluellen.

Gower · Então, Capitão Fluellen, estais chegando da ponte?

Fluellen · Bosso vos afiançar que na bonte foi feito um excelente serviço.

Gower · O Duque de Exeter está salvo.

Fluellen · O Duque de Exeter é tão magnânimo como Agamémnone, e um homem que eu amo e honro com a minha alma e o coração, o meu dever, e a minha vida, e minhas forças, e todo o meu poder. Sejam dados louvores e agradecimentos a Deus, mas não está ferido nem um tiquinho e defende a bonte valentemente e com excelente disciblina. Há na bonte um borta-pandeira que, em consciência, eu considero tão valente quanto Marco Antônio. O mundo não lhe dá o apreço devido, mas eu o vi realizando coisas admiráveis.

Gower · Como o denominais?

Fluellen · Chama-se o borta-pandeira Bistola.

Gower · Não sei quem seja.

(Entra Pistola.)

Fluellen · Eis aí o homem.

Pistola · Um favor, capitão, venho pedir-te. Muito amor te dedica o Duque de Exeter.

Fluellen · É certo, Deus seja louvado; esforcei-me por merecer alguma afeição de sua parte.

Pistola · Bardolfo, miliciano dos mais bravos, forte de coração, de sempre alegre coragem, por cilada do cruel Fado, bem como da volúvel e furiosa roda da deusa cega, a senhora Fortuna, que se equilibra sempre sobre a pedra que de rodar não cessa...

Fluellen · Com vossa bermissão, borta-pandeira Bistola, mas a Fortuna é pintada cega, com uma venda

shakespearebrasileiro.org

sobre os olhos para vos indicar que a Fortuna é cega, e é pintada, tampém, com uma roda para vos significar — e nisso consiste a moral da coisa — que ela é mudável e inconstante, e mutabilidade e variação, e tem o pé, vede bem, apoiado numa pedra esférica que roda, e roda, e roda. Com toda a seriedade, o poeta fez uma excelente descrição da Fortuna. A Fortuna, vede bem, é uma excelente moral.

PISTOLA · Pois a Fortuna é imiga de Bardolfo
e lhe faz carantonhas. Por ter ele
surrupiado um cibório, deve em pouco
ser enforcado. Morte amaldiçoada!
Alcem-se forcas para os cães; os homens
devem ser livres, sem que o imundo cânhamo
lhes sufoque a traquéia.
Mas Exeter lhe cominou sentença
de morte pelo roubo de um cibório
de valia somenos. Vai falar-lhe;
o duque há de escutar-te. Não consintas
que seja, assim, cortado o filamento
da vida de Bardolfo pelo gume
de uma corda barata e o vil opróbrio.
Vai, capitão, falar a favor dele,
que eu te serei eternamente grato.

FLUELLEN · Borta-pandeira Bistola, parece que compreendi mais ou menos o que dissestes.

PISTOLA · Então alegra-te por isso.

FLUELLEN · Não, borta-pandeira, não é o caso de gente se alegrar, porque, vede bem, ainda mesmo que ele fosse meu irmão, eu desejara que o duque fizesse como entendesse e o mandasse executar, porque a disciplina tem de ser mantida.

PISTOLA · Então vai para o inferno e uma figa para tua amizade.

FLUELLEN · Berfeitamente.

PISTOLA · Figa da Espanha.

(Sai.)

FLUELLEN · Muito pem.

GOWER · Ah! é um velhaco de mão cheia; estou me lembrando agora, um alcoviteiro, um batedor de carteira.

FLUELLEN · Eu vos afirmo que na bonte ele broferia balavras tão pravas como só se ouvem num dia de verão. Mas pouco imborta; o que ele me disse, está muito pem, posso asseverar-vos, quando for tempo.

GOWER · É um trapaceiro, um mentiroso, um velhaco, que vai à guerra para, de volta, fazer bonito em Londres, com o uniforme de soldado. As pessoas dessa laia sabem o nome de todos os comandantes e vos cantam de cor tudo o que aconteceu de importância neste ou naquele forte; quem lutou valentemente, quem foi baleado, quem se desmoralizou, quais as posições do inimigo. Tudo isso eles explanam com perfeição, num estilo ataviado de imprecações novas. Não podeis imaginar que influência tem uma barba cortada no jeito da do general e de um uniforme ainda sujo da campanha, entre garrafas espumantes e cabeças lavadas na cerveja. É preciso conhecerdes essas pragas para não serdes logrados em dois tempos.

FLUELLEN · Gabitão Gower, vou dizer-vos uma coisa: já percebi que ele não é o homem por quem ele quer passar. Se eu encontrar um só furo em seu casaco, dir-lhe-ei o que penso. *(Ouve-se toque de tambor.)* Ouvi! O rei vem chegando; breciso falar-lhe a resbeito da bonte.

(Entram o Rei Henrique, Gloster e soldados.)

Deus apençoe Vossa Majestade.

REI HENRIQUE · Então, Fluellen, vieste da ponte?

FLUELLEN · Sim, às ordens de Vossa Majestade. O Duque de Exeter defendeu galantemente a bonte; o francês foi repelido, ora vede; houve muitos atos de heroísmo. Com a preca! O atversário queria tomar-nos a bonte, mas foi obrigado a se retirar e o Duque de Exeter continuou senhor da bonte. Bosso afirmar a Vossa Majestade que o duque á um pravo.

REI HENRIQUE · Quantos homens perdeste, Fluellen?

FLUELLEN · A perdição do atversário foi muito grande, muito razoavelmente grande, com a preca! Pela minha parte, eu julgo que o duque só perdeu um homem, que está para ser executado por haver cometido um roubo numa igreja, um tal Bardolfo, não sei se Vossa Majestade o conhece. Tem o rosto que é só bústulas, garoços e brotuberâncias e chamas de fogo; os lábios sopram o nariz, que parece carvão em brasa, algumas vezes azul, outras vermelho. Mas o nariz foi executado e o fogo se extinguiu.

REI HENRIQUE · É nosso desejo eliminar todos os transgressores. Demos ordem rigorosa para que em nossas marchas pelo país nada seja tirado à força, para que seja pago tudo o que for tomado, e que não seja ultrajado nenhum francês nem tratado

shakespearebrasileiro.org

com expressões de menoscabo. Quando a doçura e
a crueldade disputam um reino, ganha primeiro o
jogador mais brando.

(Toque de clarins; entra Montjoy.)

Montjoy · Já me identificastes pelas vestes.

Rei Henrique · Conheço-te perfeitamente; que é
que vou ficar conhecendo de tua parte?

Montjoy · O pensamento de meu mestre.

Rei Henrique · Então declara-o.

Montjoy · Assim diz o meu rei: Dizei a Henrique
da Inglaterra que embora pareça que tínhamos
morrido, estávamos apenas dormindo. É melhor
soldado a superioridade do que a pressa. Dizei-lhe
que poderíamos tê-lo repelido em Harfleur, mas
achamos que não valia a pena castigar uma ofensa
antes de ter ela ficado madura. Chegou a nossa
vez de falar com voz imperiosa: a Inglaterra virá
a se arrepender de sua loucura, a convencer-se da
fraqueza própria e a admirar a nossa paciência.
Dizei-lhe que vá desde já pensando no resgate, que
deverá ser proporcional às perdas por nós sofridas,
aos súditos perdidos, às humilhações passadas,
e que se a resposta for proporcional à ofensa, a
insignificância dele sucumbirá sob o seu peso. É
por demais pobre o seu tesouro para indenizar as
nossas perdas; toda a população de seu reino não
bastará para reparar a efusão de nosso sangue, e
para a humilhação por que passamos, a sua pessoa,
de joelhos a nossos pés, é uma fraca e indigna
satisfação. Faze seguir a isso o desafio e, para
concluir, lhe dize que ele traiu os companheiros,
cuja condenação já está pronunciada. Foi isso o que
disse o meu rei e senhor, e nisso consiste a minha
incumbência.

Rei Henrique · Conheço a tua qualidade. Como
te chamas?

Montjoy · Montjoy.

Rei Henrique ·
Desempenhaste bem tua incumbência.
Podes voltar e ao teu senhor declara
que eu não vou procurá-lo, mas pretendo
seguir para Calais sem empecilhos.
Porque, para ser franco — muito embora
seja sinal de muito pouco siso
confessar estas coisas ao inimigo —
debilitados se acham meus soldados,
devido às doenças, muito diminuídos
os efetivos, e os que me ficaram
não melhores talvez do que os franceses.
Posso afirmar-te, arauto, que quando eles
tinham saúde eu sempre imaginava
que um par de pernas de homem da Inglaterra
três franceses levasse. Deus perdoe
semelhante jactância; mas o vício,
de que ora me arrependo, foi pegado
desse vosso ar francês. Volta, portanto,
e dize ao teu senhor que aqui me encontro.
Meu resgate é este corpo sem valia;
meu exército, apenas um punhado
de gente fraca e doente; mas, confiados
na ajuda do Senhor, nós haveremos
de seguir o caminho pretraçado,
embora França ou outro qualquer vizinho
tente opor-se-nos. Fica, pois, com isto,
Montjoy, por teu trabalho. Vai-te logo;
aconselha teu mestre a ter cautela.
Havemos de passar, se for possível;
se acharmos empecilhos, tingiremos
de sangue rubro vosso escuro solo.
E assim, Montjoy, adeus. A total soma
do que dissemos se resume nisto:
tal como estamos, não procuraremos
briga; mas, como estamos, não fugimos.
Dize isso ao teu senhor.

Montjoy · Di-lo-ei sem falta.
Muitas graças a Vossa Majestade.

(Sai.)

Gloster · Penso que desta vez não nos atacam.

Rei Henrique ·
Nas mãos de Deus estamos, caro mano,
não nas dele. Vai logo para a ponte;
já está caindo a noite. Acamparemos
na outra margem do rio e amanhã cedo
nos poremos em marcha com os soldados.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena VII

O acampamento francês, perto de Azincourt. Entram o Condestável da França, Lorde Rambures, o Duque de Orleans, o delfim e outros.

Condestável · Ora, a minha armadura é a melhor armadura do mundo. Quem dera que já fosse dia!

Orleans · Vossa armadura é excelente, de fato; mas fazei justiça ao meu cavalo.

Condestável · É o melhor cavalo de toda a Europa.

Orleans · Afinal, não amanhece? Que demora!

Delfim · Milorde de Orleans, e milorde grande condestável, estais falando de cavalos e armaduras...

Orleans · De ambas as coisas estais provido como nenhum príncipe em todo o mundo.

Delfim · Que noite interminável! Não troco o meu cavalo por nenhum outro que marche sobre quatro patas. Ah, ça! Salta do solo como se tivesse cabelo nas entranhas: le cheval volant, Pégaso, de narinas de fogo. Pairo no alto, quando monto nele; um verdadeiro falcão. Ele trota no ar; a terra canta ao contacto de seus pés; a mais ordinária matéria córnea de seus cascos é muito mais musical do que a flauta de Hermes.

Orleans · É cor de noz-moscada.

Delfim · Tem o calor do gengibre; é um animal para Perseu: somente ar puro e fogo. Nada revela dos elementos embotados, a terra e a água, a não ser na tranqüila paciência, quando montado por seu dono. É um cavalo de verdade; junto dele, os outros todos não passam de sendeiros.

Condestável · Tendes razão, milorde; é um cavalo admirável.

Delfim · É o príncipe dos palafréns; seu relincho é como ordem de rei; toda a sua figura nos obriga a lhe prestarmos homenagem.

Orleans · Basta, primo.

Delfim · Sim, carece de inteligência o indivíduo que, da subida da cotovia ao recolhimento da ovelha, não souber variar os elogios que o meu cavalo merece. É um tema transbordante como o mar. Transformai a areia em línguas eloqüentes, e o meu cavalo servirá de argumento para elas todas. É digno de que a seu respeito disserte um soberano, de que nele monte o soberano dos soberanos e de que o mundo — assim o que nos é familiar como o desconhecido — deixe de lado as suas ocupações habituais só para admirá-lo. De uma feita escrevi em seu louvor um soneto que principiava assim: "Espanto da natura..."

Orleans · Já ouvi recitarem um soneto que começava desse jeito, mas era dedicado à amada do poeta.

Delfim · Então, é porque o autor plagiou o que eu compus para o meu corcel, porque a minha amada é o meu cavalo.

Orleans · Vossa amada é muito dócil de montar.

Delfim · Por mim, sem dúvida; nisso consiste o melhor elogio da amada ideal de um só dono.

Condestável · Ma foi, quis parecer-me que ontem vossa amada vos fez tremer o dorso com certa dose de velhacaria.

Delfim · É mais certo ter sido a vossa.

Condestável · A minha amada não usa freio.

Delfim · Ah! Então é que ela é velha e dócil, e vós montais nela como um querne irlandês, sem as peúgas francesas e os calções justos.

Condestável · Sois versado em matéria de equitação.

Delfim · Se o reconheceis, deixai-vos aconselhar por mim: os que costumam montar desse jeito e não se precatam, caem facilmente em atoleiros. É por isso que eu prefiro que o meu cavalo seja a minha amada.

Condestável · Pois eu preferira que a minha fosse o meu cavalo.

Delfim · Afirmo-te, condestável, que os cabelos de minha amada são dela mesmo.

Condestável · O mesmo eu poderia dizer, se tivesse por amada uma porca.

Delfim · Le chien est retourné à son propre vomissement, et la truie lavée au bourbier; de tudo sabes tirar partido.

Condestável · Mas não transformo o meu cavalo em amada, nem faço provérbios desenxabidos.

Rambures · Milorde condestável, a armadura que eu vi esta noite em vossa tenda tem o sol ou estrelas como adorno?

shakespearebrasileiro.org

Condestável · Estrelas, milorde.
Delfim · É de esperar que algumas caiam amanhã.
Condestável · Mesmo que isso se dê, o meu firmamento não se ressentirá.
Delfim · É possível, que tendes estrelas demais; seria mais honroso diminuir-lhes o número.
Condestável · O mesmo se dá com os elogios a vosso cavalo, que trotaria do mesmo jeito, se as vossas bazófias ficassem desmontadas.
Delfim · Desejara carregá-lo com todo o seu merecimento. E esse dia que não chega! Amanhã quero galopar uma milha e deixar a estrada calçada de rostos de ingleses.
Condestável · Não digo a mesma coisa, de medo que a estrada me faça caretas; mas desejo que já seja dia, só para pegar os ingleses pelas orelhas.
Rambures · Quem quer apostar comigo em como vou fazer vinte prisioneiros ingleses?
Condestável · Será mais fácil jogardes vossa própria pessoa do que fazer esses prisioneiros.
Delfim · É meia-noite; vou armar-me.

(Sai.)

Orleans · O delfim está ansioso para que amanheça.
Rambures · E também para comer ingleses.
Condestável · Penso que ele vai comer todos os que matar.
Orleans · Pelas brancas mãos da minha amada, é um príncipe valente.
Condestável · Jurai por seus pés, para que ela possa pisar no juramento.
Orleans · Sem dúvida alguma, é o mais ativo gentil-homem da França.
Condestável · Fazer alguma coisa é ser ativo, e ele está sempre ocupado.
Orleans · Jamais ouvi dizer que ele houvesse feito mal a quem quer que seja.
Condestável · Nem o fará amanhã; ainda desta vez conservará intacta a reputação.
Orleans · Considero-o um homem de muita coragem.
Condestável · Já ouvi isso mesmo de alguém que o conhece melhor do que vós.
Orleans · Quem foi?
Condestável · Ora, ele mesmo, tendo acrescentado que não se importava de que o soubessem.
Orleans · Sim, nem precisa preocupar-se com isso, que não é virtude que se possa esconder.
Condestável · Pois é justamente o que se dá; a não ser o seu criado, nunca ninguém a viu até hoje. É bravura encapuçada, que, quando descoberta, fica desorientada.
Orleans · "A má-vontade não elogia."
Condestável · Responderei a vosso provérbio com o seguinte: "A amizade sempre adula".
Orleans · Que eu aceito com o acréscimo: "Sejamos justos até com o próprio demônio".
Condestável · Isso vem a calhar; o vosso amigo fará as vezes do diabo. E para vos retribuir na mesma moeda, direi somente: "Para o diabo que o parta!"
Orleans · Em matéria de provérbios sois mais forte do que eu. "O arco do tolo dispara depressa."
Condestável · Ultrapassastes a marca.
Orleans · Não seria a primeira vez que fôsseis ultrapassado. *(Entra um mensageiro.)*
Mensageiro · Milorde grande condestável, o inglês está acampado a mil e quinhentos passos de vossa tenda.
Condestável · Quem mediu o terreno?
Mensageiro · Lorde Grandpré.
Condestável · É um gentil-homem valente e experimentado. Quem dera que já fosse dia! Ah! Pobre Henrique da Inglaterra! Ele não está ansioso como nós, para que amanheça.
Orleans · Que sujeito imprevidente o rei da Inglaterra, para se arriscar, assim, tão longe, com os seus homens de cérebro enxundioso!
Condestável · Se os ingleses tivessem um tiquinho de senso, não ficariam aqui um só instante.
Orleans · Senso é o que eles não têm; porque se tivessem na cabeça armadura intelectual, não carregariam capacetes tão pesados.
Rambures · A ilha da Inglaterra alimenta criaturas valentes, em verdade: seus buldogues são de coragem sem igual.
Orleans · São cães estúpidos, isso sim, que se atiram de olhos fechados à boca de um urso da Rússia e se deixam esmagar a cabeça como maçãs podres. Com igual propriedade poderíeis afirmar que é corajosa a pulga que tira o seu almoço do beiço de um leão.
Condestável · Justo, justo; esses homens são como os seus mastins, na força e no ímpeto do

shakespearebrasileiro.org

ataque; deixam a inteligência com as mulheres. Dai-lhes bons bifes com ferro e aço, que eles comerão como lobos e combaterão como demônios.

Orleans · É certo; mas esses ingleses, o que eles não vêem há muito tempo é bife.

Condestável · Então amanhã vamos nos convencer de que eles só têm apetite para comer, não para brigar. Mas já é tempo de nos armarmos. Vamos?

Orleans · São duas horas; ponhamos os arneses para cada um trazer uns cem ingleses.

(Saem.)

Prólogo

Entra o Coro.

Coro · O tempo agora imaginar vos cumpre
do murmúrio insinuante em que a caligem,
que a meditar convida, ocupa a imensa
vastidão da vasilha do universo.
O sussurro dos dois acampamentos
tão de mansinho se insinua pelo
seio fosco da noite, que os soldados
de sentinela poderiam, quase,
ficar sabendo a senha dos contrários.
Fogo responde a fogo; cada exército
vê através das chamas descoradas
o rosto ensombrecido do inimigo;
com relinchos altivos, os cavalos
de um lado e de outro lançam desafios
que o ouvido cortam da morosa noite.
No interior das barracas, os armeiros
seus senhores aprontam, e as batidas
dos seus ágeis martelos nos rebites,
dão a terrível nota dos preparos.
Os galos cantam vigilantes, soam
os sinos, anunciando a hora terceira
à sonolenta noite. Envaidecido
pelo número, na alma a segurança,
o francês confiante e sempre alegre
joga no dado o inglês pouco temido,
rindo da noite retardada e coxa
que, como feiticeira imunda e feia,
tão devagar avança. Os condenados
ingleses, coitadinhos, como vítimas
à volta se colocam das fogueiras
vigilantes, e, cheios de paciência,
pensam interiormente nos perigos
que a manhã lhes trará. Seu triste aspecto
ressaltante dos rostos encovados
e das vestes rustidas nas campanhas,
à luz da lua faz que eles pareçam
outros tantos espectros horrorosos.
Oh, quem pudesse ver o grande chefe
deste bando arruinado, percorrendo
postos de guarda e tendas, não deixara
de lhe dizer: "Louvor e muita glória
sobre a tua cabeça!" Ele não pára;
visita suas tropas, dá Bom dia
a todos, sorridente, com modéstia,
chama-os de irmãos, amigos e patrícios.
Indício algum no rosto se lhe nota
do terrível exército que o cerca,
sem que na cor revele a mais pequena
concessão a uma noite de vigília;
tem aspecto loução, vence as canseiras
com gesto alegre e doce majestade,
de modo tal que os mais desanimados,
contemplando-o, de pronto se refazem.
Como a do sol, universal bondade
seu olhar liberal confere a todos,
fazendo derreter o frio medo.
Vós todos, grandes e pequenos, vede
na desvaliosa descrição que faço,
este retrato pálido de Henrique
na calada da noite. E assim, a cena
vai voar para o campo de batalha,
onde — oh pena! — seremos obrigados,
com quatro ou cinco míseros floretes,
dispostos por maneira atabalhoada,
em recontros ridículos, a o nome
estropiar de Azincourt. Mas pouco importa:
consenti que por passes de magia
tudo vos mude em grande a fantasia.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena I

O acampamento inglês em Azincourt.
Entram o Rei Henrique, Bedford e Gloster.

Rei Henrique ·
Decerto, Gloster, o perigo é enorme;
maior, portanto, deve ser nosso ânimo.
Bom dia, irmão Bedford. Deus poderoso!
No mal há sempre uma alma de bondade,
que os homens, se atenção a isso prestassem,
destilar poderiam. Desse modo,
nossos ruins vizinhos nos obrigam
a madrugar, o que é saudável e útil.
Além do mais, eles também nos servem
de consciência exterior e o papel fazem
de pregadores que a morrer ensinam.
Assim, tiramos mel de erva daninha
e aprendemos moral com o próprio diabo.
(Entra Erpingham.)
Meu bom Sir Tomás Erpingham, bom dia.
Melhor fora pousardes essa cândida
cabeça num macio travesseiro
do que nesta mesquinha erva da França.
Erpingham · Não é assim, senhor; é preferível
deitar-me desse modo, porque eu possa
dizer: Estou alojado como um rei.
Rei Henrique ·
Bom é que o exemplo dos presentes males
seja instrutivo aos homens. Isso o espírito
alivia e, uma vez este desperto,
os membros, antes mortos e sem vida,
saem do grave túmulo e se movem
com pele nova e fresca ligeireza.
Sir Tomás, emprestai-me vossa capa;
aos príncipes do vosso acampamento,
manos, recomendai-me, transmitindo
de minha parte, a todos, o Bom dia,
e lhes dizei que com a maior urgência
para a minha barraca se dirijam.
Gloster · Pois não, meu soberano.
(Saem Gloster e Bedford.)
Erpingham · E eu? Ficarei com Vossa Majestade?
Rei Henrique ·
Não, meu bom cavaleiro; ide, com eles,
para junto dos nobres da Inglaterra.
Preciso aconselhar-me com meu peito
mas, para isso, desejo estar sozinho.
Erpingham ·
Deus te abençoe, muito nobre Henrique.
(Sai.)
Rei Henrique ·
Obrigado, bom velho; isso me anima.
(Entra Pistola.)
Pistola · Qui va là?
Rei Henrique · Amigo.
Pistola · És, acaso, oficial? Responde logo;
ou gente popular, baixa e comum?
Rei Henrique ·
Sou gentil-homem de uma companhia.
Pistola · Trazes, acaso, a lança temerosa?
Rei Henrique ·
Precisamente. E tu, de onde provéns?
Pistola ·
Tal como o imperador, sou gentil-homem.
Rei Henrique ·
Vales, portanto, muito mais que o rei.
Pistola · O rei é um bom rapaz, coração de ouro,
favorito da Fama, alegre moço,
de nobres pais e pulso resistente.
Beijo-lhe as botas empoeiradas e amo
de todo o coração esse adorável
espadachim. E tu, como te chamas?
Rei Henrique · Henrique le Roy.
Pistola · Le Roy? Esse nome é da Cornualha.
Pertences ao pessoal da Cornualha?
Rei Henrique · Não; sou do País de Gales.
Pistola · Conheces Fluellen?
Rei Henrique · Conheço.
Pistola · Dize-lhe, então, que eu vou quebrar-lhe
na cabeça o alho do emblema de sua terra, quando
chegar o dia de São Davi.
Rei Henrique · Então, nesse dia não ponhas a
adaga no chapéu, para que ele não venha a parti-la
em tua cabeça.
Pistola · És amigo dele?
Rei Henrique · Amigo e parente.
Pistola · Então uma figa também para ti.
Rei Henrique · Muito agradecido. Deus esteja
contigo.

shakespearebrasileiro.org

PISTOLA · Meu nome é Pistola.

(Sai.)

REI HENRIQUE · Diz bem com tua valentia.

(Afasta-se.)

(Entram Fluellen e Gower, por diferentes lados.)

GOWER · Capitão Fluellen!

FLUELLEN · Chiu! Em nome de Chechus Cristo, falai mais baixo. A maior admiração no mundo universal é quando não são observadas as verdadeiras e antigas prerrogativas e as leis da guerra. Se vos désseis ao trapalho de examinar as guerras de Pompeu, o Grande, veríeis, posso afiançar-vos, que no acampamento de Pompeu não havia diz-que-diz-que nem chove-não-molha. Posso afiançar-vos que encontrareis as cerimônias da guerra, e suas precauções, e suas formas, e sua sobriedade, e sua modéstia, por modo inteiramente diferente.

GOWER · Ora, o inimigo é barulhento; ouviste-lo a noite toda.

FLUELLEN · Se o inimigo for um asno, e um louco, e um fanfarrão vaidoso, pensais que ficaria bem, ora vede, que nós também fôssemos asnos, loucos e fanfarrões como eles? Vamos, respondei em sã consciência.

GOWER · Bem; falarei mais baixo.

FLUELLEN · Beço-vos e sublico-vos isso mesmo.

(Saem Gower e Fluellen.)

REI HENRIQUE · Embora nos pareça um tanto excêntrico, é este galense bravo e cuidadoso.

(Entram John Bates, Alexandre Court e Michael Williams.)

COURT · Irmão John Bates, não é a manhã que vem rompendo daquele lado?

BATES · Penso que sim; mas não me parece que tenhamos razões para desejar a vinda do dia.

WILLIAMS · Estamos vendo o começo do dia; mas quero crer que não veremos o fim. Quem vem lá?

REI HENRIQUE · Amigo.

WILLIAMS · Com que capitão estais servindo?

REI HENRIQUE · Com Sir Tomás Erpingham.

WILLIAMS · É um velho e bravo comandante e gentil-homem de grande merecimento. Por obséquio, que é que ele pensa de nossa situação?

REI HENRIQUE · Considera-nos náufragos em um banco de areia, que só esperam ser arrastados pela primeira maré.

BATES · Mas com certeza ele não disse ao rei o que pensa?

REI HENRIQUE · Não, nem seria conveniente que o fizesse. Porque, aqui entre nós, eu penso que o rei é um homem como eu; a violeta tem para ele o mesmo aroma que para mim; ele sente como eu os efeitos dos elementos; todos os seus sentidos estão sujeitos às condições humanas: se lhe tirarmos as exterioridades, ele aparecerá em sua nudez como um simples homem, e, conquanto suas impressões se librem mais do que as nossas, quando descem, o fazem com o mesmo vôo. Por essa razão, quando ele encontra motivos para ter medo, como se dá agora conosco, seu medo, podeis ficar certos disso, tem o mesmo sabor que o nosso. Daí a razão de ninguém lhe dizer francamente o que pensa, para não acontecer que, dando a conhecer as suas inquietações, ele venha a causar desânimo nas tropas.

BATES · Ele pode demonstrar a coragem que quiser; mas estou certo de que apesar do frio desta noite, ele preferia estar mergulhado no Tâmisa até o pescoço, tal como eu também lhe desejo, se pudesse ficar ao seu lado, para o que desse e viesse. Pelo menos não estaríamos aqui.

REI HENRIQUE · Por minha fé, vou dizer-vos em consciência o que penso do rei: sou de opinião que ele não desejaria estar senão onde está mesmo.

BATES · Nesse caso, eu quisera que ele estivesse sozinho, porque seria resgatado e muitos coitados não perderiam a vida.

REI HENRIQUE · Atrevo-me a pensar que não lhe tendes tão pouco amor para desejardes que ele estivesse aqui sozinho; falais desse modo só para pôr à prova o sentimento dos outros. Enquanto a mim, em parte alguma poderia morrer tão satisfeito como na companhia do rei: sua causa é justa e a reqüesta, honrosa.

WILLIAMS · Isso é mais do que podemos saber.

BATES · Ou mais do que nos compete inquirir. Já é suficiente sabermos que somos súditos do rei. Se sua causa for injusta, nossa obediência nos limpará de toda culpa.

WILLIAMS · Sim, mas se for injusta, o rei terá de prestar contas muito sérias, quando todas as pernas, e braços, e cabeças, decepadas na batalha, se tornarem a juntar no dia de juízo, e gritarem a uma voz: "Foi em tal lugar que morremos!" alguns amaldiçoando, outros, em gritos, pedindo um cirurgião, outros pensando nas esposas que ficaram

shakespearebrasileiro.org

sem recursos, outros em suas dívidas, outros nos filhos prematuramente órfãos. Sou de opinião que muito pouca gente morre bem em um campo de batalha; pois como é possível cuidar da salvação da alma com preocupações sanguinárias? Ora, se todos esses homens não morreram em estado de graça, será um mau negócio para o rei, que os conduziu a isso, uma vez que, como súditos, não lhe podem desobedecer.

Rei Henrique · Nesse caso, quando naufraga em estado de culpa um filho que viaja a negócios do pai, por vossa regra o peso de sua maldade deve recair no pai, por conta de quem ele viajava; ou quando é assaltado na estrada um servo que, por ordem do patrão, transportasse determinada quantia, e morre carregado de iniqüidades, estais no direito de dizer que o negócio do patrão foi a causa de vir a ser condenado o servo. Mas não é assim; o rei não pode ser responsável pelo fim particular de seus soldados, nem o pai pelo do filho, nem o patrão pelo do criado, porque nenhum deles, ao lhes dar ocupação, desejava que morressem. Além do mais, não há rei nenhum, por mais justa que seja a sua causa, que, ao decidi-la pela espada, conte somente com soldados impecáveis. Alguns terão, porventura, cometido o pecado de homicídio premeditado; outros enganaram virgens, rasgando o selo do perjúrio; outros, fazendo da guerra baluarte, feriram o gentil seio da paz com pilhagens e roubos. Ora, se todos esses homens violaram a lei e conseguiram escapar da pena natural, conquanto tivessem podido fugir dos homens, não terão asas para escapar de Deus. A guerra é o seu preboste; a guerra é a sua vingança. Desse modo, são punidos na querela do rei os que antes transgrediram as leis do próprio rei: onde temiam a morte, saíram-se com vida, para morrerem onde esperavam salvar-se. Assim sendo, no caso de morrerem em estado de pecado, o rei não será responsável por sua danação, como o não era antes com relação às faltas por que são ora visitados. A alma dos súditos só a eles mesmos pertence. Por isso, os soldados deviam proceder nos campos de batalha como os doentes em seus leitos, que expungem a consciência dos argueiros que a inquiriam. Nessas condições, a morte lhes será vantajosa; mas ainda que não venham a morrer em combate, devem abençoar o tempo perdido na aquisição desses preparativos, não constituindo pecado, para quem vier a escapar nessas condições, imaginar que, tendo feito a Deus a oferta voluntária da vida, Deus a conservasse nesse dia, para que ele desse testemunho de sua grandeza e ensinasse aos outros como devem preparar-se para a morte.

Williams · Não há dúvida: os que morrem em estado de pecado, é sobre eles que o pecado recai; o rei não é responsável por isso.

Bates · Não pretendo que ele responda por mim, mas estou disposto a lutar por ele como me for possível.

Rei Henrique · Eu ouvi o rei dizer que não desejava ser resgatado.

Williams · Ora, ele falou desse jeito para que nós briguemos com mais disposição; mas quando estivermos com as gargantas cortadas, ele será resgatado, sem que por isso nos tornemos mais ajuizados.

Rei Henrique · Se eu ficar com vida para ver isso, jamais confiarei em sua palavra.

Williams · Quereis tomar-lhe satisfação, não é assim? É um tiro perigoso, disparado com uma espingarda de brinquedo, contra um monarca, pelo descontentamento de um simples particular. Seria o mesmo que pretender congelar o sol abanando-lhe o rosto com uma pena de pavão. Não confiareis mais na palavra do rei? Isso é que se chama falar sem nexo.

Rei Henrique · Vossa repreensão é um tanto pesada; em outras condições, eu poderia sentir-me ofendido.

Williams · No caso de não morrerdes, podemos resolver a questão.

Rei Henrique · De acordo.

Williams · E como eu poderei reconhecer-te?

Rei Henrique · Dá-me um penhor qualquer; trá-lo-ei no chapéu, e farei dele objeto de querela no momento em que ousares reconhecê-lo como teu.

Williams · Eis minha luva; agora dá-me uma das tuas.

Rei Henrique · Aqui a tens.

Williams · Vou trazê-la também no chapéu. Se, a partir de amanhã, tu te achegares para mim e me disseres: "Esta luva me pertence", juro por esta mão que te darei uma bofetada.

Rei Henrique · Se ficar vivo, não deixarei de reclamá-la.

shakespearebrasileiro.org

WILLIAMS · Será mais fácil deixares-te enforcar.
REI HENRIQUE · Pois hei de fazê-lo, ainda que eu te encontre na companhia do rei.
WILLIAMS · Vê lá! Mantém a palavra. Passa bem.
BATES · Fazei as pazes, ingleses desmiolados; tornai-vos amigos! Não nos faltarão brigas francesas; é só querer achar.
REI HENRIQUE · De fato, os franceses podem apostar vinte coroas francesas contra uma em como eles nos vão bater, porque as trazem sobre os ombros. Mas não se tornará traidor o inglês que cortar coroas francesas; amanhã até mesmo o rei vai transformar-se em um falsificador de moedas.

(Saem os soldados.)

Só sobre o rei! Ponhamos nossas vidas,
nossas almas, as dívidas, os filhos,
as esposas ansiosas, os pecados,
tudo, em cima do rei! Forçoso é tudo
suportarmos. Oh dura condição!
Ser gêmeo da grandeza e estar sujeito
ao capricho do sopro dos estultos
que só sabem sentir suas próprias dores.
Quantas satisfações são proibidas
aos reis para que os súditos se alegrem!
Que têm os reis a mais de seus vassalos,
além do rito, além das cerimônias
exteriores? Que vales, rito ocioso?
Que espécie és tu de deus, para sofreres
muito mais do que os teus adoradores
a condição humana! Onde os teus lucros?
Tuas rendas? Oh rito, ao menos mostra-me
o teu valor! Em que consiste o culto
que te prestam? És mais alguma coisa
do que um lugar, um título, uma forma
que nos homens infunde espanto e medo?
Temido, és muito menos venturoso
do que quantos te temem.
Que bebes tu, senão tão-só o veneno
da adulação, em vez de sã homenagem?
Oh grandeza soberba, fica doente,
mandando à Majestade que te cure!
Pensas que vai ceder a ardente febre
tão-somente com títulos soprados
pela bajulação? Que ela se aparte,
para ceder lugar às curvaturas
e às mesuras servis? Porque comandas
o joelho do mendigo, acaso pensas
que o seu vigor, também, te está sujeito?
Não é assim, sonho orgulhoso; brincas
com o repouso de um rei por modo absurdo.
Mas eu sou rei e há muito te conheço.
Sei que não é o bálsamo sagrado,
a coroa imperial, o cetro, o globo,
a espada, a maça, as vestes adornadas
de pedras reluzentes, o pomposo
título que precede o soberano,
o trono em que se assenta e, muito menos,
a maré de honras que na praia bate
do mundo transitório, nada disso,
cerimônia três vezes majestosa,
tudo isso posto num dossel esplêndido
não poderá gozar do sono calmo
do vil escravo que com o corpo cheio
e o espírito vazio vai deitar-se,
com o pão da desventura satisfeito,
sem que jamais contemple a noite horrenda,
essa filha do inferno. Como a escravo,
de sol a sol o queima o olhar de Febo,
mas repousa no Elísio a noite toda;
de manhã cedo a Hiperião ajuda
a atrelar os cavalos, e assim passa
o ano em seu curso eterno, até que ao túmulo
o conduza a tarefa proveitosa.
Desta arte, afora as pompas, um lacaio
que passe o dia inteiro no trabalho
e as noites a dormir, só tem vantagens
em relação a um rei. O vil escravo,
membro da paz da terra em que labuta,
dela se goza; mas no seu espírito
não fez nenhuma idéia das vigílias
que o rei tem de passar para que possa
conservar essa paz, cujos minutos
redundam em vantagem do campônio.

(Volta Erpingham.)

ERPINGHAM · Milorde, vossos lordes vos procuram por todo o campo; eles estão inquietos por não vos encontrarem.
REI HENRIQUE · Meu bom velho cavaleiro, levai-os para a minha barraca; chegarei lá antes deles.
ERPINGHAM · Fá-lo-ei, milorde.

(Sai.)

REI HENRIQUE ·
Deus das batalhas, endurece o peito
dos meus soldados! Tira-lhes o medo;

shakespearebrasileiro.org

da faculdade os priva, por instantes,
de calcular, no caso de se virem
desanimados pela quantidade
dos inimigos. Hoje não, Senhor!
Oh! hoje não! Esquece-te por hoje
do crime de meu pai, por ter do cetro
se apossado. Inumei de novo o corpo
de Ricardo, deitando em cima dele
mais lágrimas contritas do que as gotas
de sangue que a violência fez correr.
Anualmente sustento do meu bolso
cento e cinqüenta pobres que levantam
duas vezes por dia as mãos esquálidas
para expiação do crime. Dois conventos
foram por mim construídos, onde padres
solenes e severos ainda cantam
pela alma de Ricardo. Ainda pretendo
fazer mais; muito embora quanto eu possa
fazer de nada valha, que é tardio
meu arrependimento, pois só sabe
suplicar o perdão.

(Volta Gloster.)

Gloster · Meu soberano!
Rei Henrique ·
É a voz de Gloster, meu irmão? É certo;
sei a que vens. Partamos logo; o dia
e os amigos me aguardam com alegria.

(Saem.)

Ato IV · Cena II

O acampamento francês.
Entram o delfim, Orleans, Rambures e outros.

Orleans · O sol nos doura as armas. Despertai,
milordes, despertai!
Delfim · Montez à cheval! Meu cavalo! Valet!
Lacquais! Ah!
Orleans · Que admirável ardor!
Delfim · Via! Les eaux de la terre!
Orleans · Rien puis? L'air et le feu.
Delfim · Ciel, primo Orleans!

(Entra o condestável.)

Milorde condestável, que há de novo?
Condestável ·
Ouvi como relincham, de impacientes,
nossos cavalos.
Delfim · Montai logo neles
e cortai-lhes os flancos, porque o sangue
quente salte nos olhos dos ingleses
e lhes apague o excesso de coragem.
Rambures · Se chorarem o sangue dos cavalos
em que montarmos, como poderemos
contemplar-lhes as lágrimas?

(Entra um mensageiro.)

Mensageiro · Milordes,
os ingleses tomaram posição.
Condestável · A cavalo, depressa, bravos príncipes,
a cavalo! Será bastante olhardes
para aqueles coitados esfaimados,
e logo o vosso encantador aspecto
vai as almas sugar-lhes, não deixando
mais do que a casca e a forma, apenas, de homens.
Nossas mãos não vão ter, quase, trabalho.
Em suas veias fracas não há sangue
bastante para pôr pequena mancha
nas lâminas dos sabres que os heróicos
franceses vão sacar inutilmente,
para embainhá-los a seguir, por falta
de desporto adequado. Basta um sopro
de nossa parte, para que a fumaça
de nosso ardor por terra os ponha a todos.
É indiscutível, meus senhores, fora
de dúvida que apenas a supérflua
recovagem do exército e os campônios
que em inútil azáfama enxameiam
nossos quadrados bélicos, bastavam
para expurgar do campo os inimigos
tão desprezíveis, ainda que ficássemos
ociosos no sopé daquele monte,
o que a honra não permite. Que mais falta?
Façamos pouco, pouco, um quase nada,
e tudo estará feito. Que a trombeta
soe um prelúdio, apenas, animado:
tal medo infundirá nossa presença,
que o inglês se entregará sem mais detença.

(Entra Grandpré.)

shakespearebrasileiro.org

GRANDPRÉ · Nobres da França, que fazeis parados?
Os cadáveres da ilha, por não terem
mais nenhuma esperança da carcaça,
o campo matinal já estão manchando;
suas pobres bandeiras, em farrapos
estão flutuando, e nosso vento, irônico,
as sacode, ao passar. O grande Marte
parece ter falido nesse exército
de mendigos, lançando olhares fracos
através da viseira enferrujada;
os cavaleiros, segurando tochas,
se assemelham a imóveis candelabros;
as cabeças abaixam seus sendeiros,
reduzidos a pele sobre os ossos;
dos olhos mortos pinga-lhes remela;
nas bocas sem vigor o freio duplo
se acha manchado de erva mastigada,
rígido e imóvel; seus executores,
os corvos atrevidos, impacientes
de sua hora, por cima deles voam.
A descrição não pode achar palavras
para a vida pintar de um tal exército
que, em vida, tão sem vida já se mostra.
CONDESTÁVEL · Já rezaram; a morte agora esperam.
DELFIM · Deveremos mandar-lhes alimentos
e roupa nova e, assim, forragem para
seus cavalos famintos, só iniciando
depois disso o combate?
CONDESTÁVEL ·
Só espero a minha guarda. Ao campo! Ao campo!
Tomarei a bandeira a um corneteiro;
na pressa em que me encontro, isso me basta.
Vamos! Qual a razão desta demora?
O sol há muito tempo já está fora.

(Saem.)

Ato IV · Cena III

O acampamento inglês.
Entra o exército inglês; Gloster, Bedford, Exeter, Salisbury e Westmoreland.

GLOSTER · Onde está o rei?
BEDFORD · A cavalo saiu para revista
passar nas tropas.
WESTMORELAND · Eles têm sessenta
mil homens de combate.
EXETER · A proporção
é de cinco para um, sendo, além disso,
tropas frescas, somente.
SALISBURY · Que combata
de nosso lado o braço de Deus grande.
Terrível desvantagem! Deus esteja
com todos vós; vou assumir meu posto.
Se por acaso só nos encontrarmos
novamente no céu, então milorde
de Bedford e meu caro Lorde Gloster,
meu caro Lorde de Exeter, bondoso
primo, e vós meus soldados, até à vista!
BEDFORD · Adeus, bom Salisbury. Tenhas sorte.
EXETER · Adeus, bondoso lorde, sê valente.
Aliás, faço-te injúria assim falando,
que foste modelado na coragem.

(Sai Salisbury.)

BEDFORD · É nobre no valor e na bondade.

(Entra o Rei Henrique.)

WESTMORELAND · Oh, se agora tivéssemos ao menos
dez mil dos homens que imobilizados
se encontram na Inglaterra!
REI HENRIQUE · Quem deseja
tal coisa? Westmoreland? Não, caro primo;
se fadados estamos para a morte,
a pátria em nós, já perde muitos filhos;
mas se vivermos, quanto menos formos,
maior será nosso quinhão de glória.
Deus o decida. Não desejes, peço-te,
nenhum homem a mais dos que os que temos.
Por Jove! Não busco ouro nem riquezas;
não procuro saber quantas pessoas
à minha custa vivem; não me aflige
ver alguém envergando minhas roupas.
Essas coisas externas não me afetam.
Mas se é pecado ambicionar a glória,
sou o maior pecador que está com vida.
Não, por Deus, caro primo, não desejes
nenhum inglês a mais, que não me agrada
perder a parte da honra que me fora
preciso dividir com mais um homem.
Por minhas esperanças! Oh! não queiras
mais ninguém. Ao contrário: é de vantagem,

shakespearebrasileiro.org

Westmoreland, anunciar às tropas
que se alguém se sentir acovardado,
poderá retirar-se antes da luta;
obterá passaporte e, para a viagem,
coroas levará dentro da bolsa.
Não queremos morrer na companhia
de quem receia perecer conosco.
Hoje é dia de São Crispiniano;
quem conseguir ficar hoje com vida,
chegando salvo a casa, há de dar pulos
de alegria ao ouvir falar na data,
comovendo-se ao nome Crispiniano.
Quem neste dia não perder a vida
e chegar à velhice, há de todo ano,
na véspera, dizer para o vizinho:
"Mais um dia de São Crispiniano!"
Arregaçando as mangas, mostra as marcas
e dirá: "Todas estas cicatrizes
são do dia de São Crispiniano".
Tudo os velhos esquecem; mas embora
fique tudo esquecido, hão de lembrar-se
com minúcias dos feitos deste dia.
Em suas bocas serão nossos nomes
tão familiares como termos de uso
caseiro: o Rei Henrique, Salisbury,
Gloster, Bedford, Warwick, Talbot e Exeter
serão com alegria relembrados
ao toque de seus copos transbordantes.
Esta história os valentes hão de aos filhos
transmitir, e de agora ao fim do mundo
não poderá jamais ser pronunciado
o nome de Crispim Crispiniano
sem que lembrados todos nós sejamos.
Nós, poucos; nós, os poucos felizardos;
nós, pugilo de irmãos! Pois quem o sangue
comigo derramar, ficará sendo
meu irmão. Por mais baixo que se encontre,
confere-lhe nobreza o dia de hoje.
Todos os gentis-homens que ficaram
na Inglaterra julgar-se-ão malditos
por não terem estado aqui presentes,
e hão de fazer idéia pouco nobre
de sua valentia, quando ouvirem
alguém dizer que combateu conosco
neste dia de São Crispiniano.

(Volta Salisbury.)

Salisbury · Meu soberano lorde, vinde logo;
os franceses estão numa admirável
disposição de luta e se preparam
para nos atacar sem mais demora.

Rei Henrique · Tudo teremos, se tivermos brio.

Westmoreland ·
Morra quem se mostrar fraco e indeciso.

Rei Henrique ·
Então, primo, não queres mais auxílio
da Inglaterra?

Westmoreland · Prouvera a Deus, meu príncipe,
que vós e eu, tão-somente, aqui estivéssemos,
sem mais auxilio, para sustentarmos
esta batalha real.

Rei Henrique · Com isso tiras
do campo de combate dez mil homens.
Prefiro seja assim, a desejares
mais um que seja. Conheceis os postos.
Que Deus vos acompanhe.

(Toque de clarins. Entra Montjoy.)

Montjoy · Rei Henrique, procuro-te de novo
para saber de ti se estás disposto
a conversar acerca do resgate
antes de tua queda indubitável.
Tão perto tu te encontras da voragem,
que serás arrastado fatalmente.
Demais, compadecido, o condestável
deseja que concites teus soldados
ao arrependimento, porque possam
suas almas bater em retirada
pacífica dos campos em que os corpos
de tantos infelizes, é certeza,
vão jazer brevemente e decompor-se.

Rei Henrique ·
Da parte de quem vens?

Montjoy · Do Condestável
da França.

Rei Henrique · Então retorna e lhe transmite
minha anterior resposta. Que primeiro
me liquide, depois venda meus ossos.
Santo Deus! Por que zombam de uns coitados?
O homem que a pele de um leão vendera
ainda com vida, pereceu na caça.
Muitos de nossos corpos, não o duvido,
encontrarão na pátria a sepultura,
sobre as quais, ainda o espero, há de no bronze

shakespearebrasileiro.org

viver o testemunho deste dia.
E os que os ossos deixarem valorosos
na França, após morrerem como bravos,
serão famosos sempre, embora fiquem
sepultados em vossas esterqueiras,
porque lá mesmo o sol irá saudá-los,
levando ao céu suas honras fumegantes,
enquanto o que eles tinham de terreno
o clima vos abata, e o cheiro a peste
propaga em toda a França. Tomai nota
do transbordante brio dos ingleses
depois de mortos, que, como projétil
de encontro a um corpo duro, se divide
em novas trajetórias de desgraças
e extingue em ricochete a mortal vida.
Deixai que com orgulho eu vos declare:
dizei ao condestável que nós somos
guerreiros tão-somente para os dias
de trabalho e que as nossas vestimentas
domingueiras se encontram maculadas
pelas marchas, debaixo sempre de água,
nas árduas extensões; uma só pena
não nos ficou no exército — argumento,
quero crer, de que nós não fugiremos —
e mais: que o tempo nos deixou em trapos.
Mas, pela missa! estão ainda alentados
os nossos corações. Nossos modestos
soldados me asseveram que hoje, ainda,
eles envergarão vestes mais frescas
ou, à força, tirarão pelas cabeças
dos franceses seus belos sobretudos,
para inutilizá-los. Se o fizerem —
e hão de fazê-lo, Deus seja servido —
meu resgate será logo arranjado.
Arauto, não te canses mais com isso,
nem voltes a falar-nos em resgate.
Outro resgate, meu gentil arauto,
não heis de obter além destes meus membros,
que, se ficarem como tenho idéia
de deixá-los, bem pouco hão de valer.
Dize isso ao condestável.

MONTJOY · Rei Henrique,
farei como disseste. E agora, adeus;
não tornarás a ouvir falar no arauto.

(Sai.)

REI HENRIQUE ·
Receio que outra vez ainda aqui voltes
por causa do resgate.

(Entra York.)

YORK · Humildemente,
de joelhos, soberano, eu vos suplico
conceder-me o comando da vanguarda.

REI HENRIQUE ·
Pois não, bravo York. Amigos, alegria!
A teu talante, Oh Deus, dispõe do dia.

(Saem.)

Ato IV · Cena IV

O campo de batalha.
Alarma. Movimento de tropas. Entra um soldado francês, Pistola e o pajem.

PISTOLA · Rende-te, cão!

SOLDADO FRANCÊS · Je pense que vous estes le gentilhomme de bonne qualité.

PISTOLA · Dás-me o nome de Qualidade? Vamos, traduze-me isso. És gentil-homem? Como te chamas? Explica-te.

SOLDADO FRANCÊS · O Seigneur Dieu!

PISTOLA · Esse Ó Senhor Diê deve ser nobre.
Observa o que eu te digo, Ó Senhor Diê;
pesa minhas palavras: vais morrer,
Ó Senhor Diê, na ponta desta espada,
salvo, Oh Senhor, no caso de me dares
um resgate de vulto.

SOLDADO FRANCÊS · O, prenez miséncorde! Ayez pitié de moy!

PISTOLA · Moy não serve; quarenta moys, ao todo,
eis quanto hei de alcançar. Caso contrário,
em gotas rubras tiro-te o diafragma,
furando-te a garganta.

SOLDADO FRANCÊS · Est-il possible d'eschapper la force de ton bras?

PISTOLA · Tombar, cachorro?
O tombo tu vais ver dentro de pouco,
bode montês, danado e luxurioso.

shakespearebrasileiro.org

O que eu quero é dinheiro.
Soldado Francês · O pardonnez moy!
Pistola · Moy de novo? Tens um tonel de moys?
Pajem, vem cá; fala francês com ele:
pergunta o nome a esse lacaio infame.
Pajem · Escoutez: comment estes vous appellé?
Soldado Francês · Monsieur le Fer.
Pajem · Ele está dizendo que se chama mestre Fer.
Pistola · Mestre Fer? Pois eu vou ferrá-lo, fisgá-lo, ferretoá-lo. Dize-lhe isso em francês.
Pajem · Eu não sei como se diz em francês: ferrar, fisgar e ferretoar.
Pistola · Dize-lhe que se prepare, que eu vou cortar-lhe o pescoço.
Soldado Francês · Que dit-il, monsieur?
Pajem · Il me commande à vous dire que vous faites vous prest; car ce soldat icy est disposé tout à cette heure de couper votre gorge.
Pistola · Ouy, cuppele gorge, permafoy,
rústico, a menos que me dês coroas,
bravas coroas, ou serás picado
que nem bife por esta minha espada.
Soldado Francês · O! je vous supplie pour l'amour de Dieu, me pardonner! Je suis gentilhomme de bonne maison: gardez ma vie, et je vou donneray deux cents escus.
Pistola · Que foi que ele disse?
Pajem · Ele suplica que lhe poupeis a vida; é um gentil-homem de muito boa casa, e vos dará de resgate duzentas coroas.
Pistola · Minha cólera abate-se, anuncia-lhe; ficarei com as coroas.
Soldado Francês · Petit monsieur, que dit-il?
Pajem · Encore qu'il est contre son jurement de pardonner aucun prisonnier; néantmoins, pour les escus que vous l'avez promis, il est content de vous donner la liberte, lê franchisement.
Soldado Francês · Sur mes genoux, je vous donne mille remerciemens; et je m'estime heureux que je suis tombé entre les mains d'un chevalier, je pense, le plus brave, valiant, et très distingué seigneur d'Angleterre.
Pistola · Traduze-me isso, pequeno.
Pajem · Ele vos dá, de joelhos, mil agradecimentos e se julga feliz, por haver caído nas mãos de um — segundo crê — muito bravo, valoroso e três vezes digno senhor da Inglaterra.
Pistola · Pelo sangue que eu chupo, hei de ser brando. Acompanha-me!

(Sai Pistola.)

Pajem · Suivez vous le grand capitaine. *(Sai o soldado francês.)* Jamais ouvi uma voz tão retumbante sair de um peito tão vazio. É muito certo o provérbio: Vaso vazio faz muito barulho. Bardolfo e Nym tinham dez vezes mais coragem do que este demônio rugidor das velhas peças, cujas unhas poderiam ser cortadas com uma faca de brinquedo por qualquer pessoa. No entanto, foram enforcados, o que também aconteceria a este, se se aventurasse a praticar um roubo. Tenho de ficar com os criados, no acampamento, para tomarmos conta da bagagem. Os franceses poderiam fazer uma boa presa, se soubessem que só os pajens a defendem.

(Sai.)

Ato IV · Cena V

Outra parte do campo.
Rebate. Entram o delfim, Orleans, Bourbon, o condestável, Rambures e outros.

Condestável · O diable!
Orleans ·
O seígneur! le jour est perdu! tout est perdu!
Delfim · Mort de ma vie! Tudo perdido, tudo!
O desprezo e a vergonha sempiterna
se sentaram nos nossos capacetes,
de onde zombam de nós.
O mechante fortune, não nos fujas!

(Pequeno rebate.)

Condestável · Todas as nossas filas foram rotas.
Delfim · Vergonha sempiterna! Apunhalemo-nos.
São esses os famintos, cujas vidas
jogávamos nos dados?
Orleans · O monarca
cujo resgate havíamos pedido?
Bourbon · Vergonha, só vergonha, eterno opróbrio!

shakespearebrasileiro.org

Vamos voltar, vamos morrer com honra.
Quem não acompanhar Bourbon agora,
pode se retirar, indo postar-se,
chapéu na mão, qual baixo alcoviteiro,
frente à porta do quarto, enquanto um reles
escravo, de ascendência não mais nobre
do que a do meu cachorro, há de poluir-lhe
a filha mais bonita.
CONDESTÁVEL · Que a desordem
que vos prejudicou, ora nos sirva:
juntos, ofereçamos nossas vidas.
ORLEANS · Ainda temos no campo muita gente;
em nova arremetida fora fácil
esmagar os ingleses; bastaria
pôr ordem novamente em nossos homens.
BOURBON ·
Qual ordem! Quem quiser, no inferno a ponha;
curta é a vida, infindável a vergonha.

(Saem.)

Ato IV · Cena VI

Outra parte do campo.
Alarma. Entram o Rei Henrique, com forças, Exeter e outros.

REI HENRIQUE ·
Lutamos como heróis, meus conterrâneos
três vezes valorosos; mas ainda há algo
por fazer; o francês domina o campo.
EXETER · Recomenda-se o Duque de York a Vossa Majestade.
REI HENRIQUE · Está vivo, caro tio?
Vi-o cair três vezes em uma hora,
três vezes levantar-se para a luta
prosseguir, da cabeça aos pés só sangue.
EXETER · Com esse enfeite o bravo combatente
repousa na planície e a torna fértil.
Ao seu lado sangrento — companheiro
nas honrosas feridas — jaz o muito
nobre Conde de Suffolk. O primeiro
a morrer foi o conde; o duque, em tiras,
se lhe achegou onde nadava o corpo
num mar de sangue, toma-lhe da barba,
beija as feridas que, sanguinolentas,
se lhe abriam no rosto, e em brados disse:
"Espera-me, prezado primo Suffolk!
Vai minha alma no céu ficar com a tua.
Alma gentil, espera a minha, e, juntas,
voemos, como há pouco na batalha
em que de glória ingente nos cobrimos,
para a honra enaltecer de cavaleiros".
Aproximei-me dele nesse instante,
procurando animá-lo. Com um sorriso
no rosto, a mão me toma e, levemente
segurando-a, me disse: "Caro lorde,
recomendai meus préstimos ao rei".
Após falar, virou-se, e o lacerado
braço passando à volta do pescoço
de Suffolk lhe beijou a boca pálida.
Desposados na morte, assim, com sangue
selou o testamento da amizade
que com tanta nobreza ali findava.
Sua gentil maneira, e delicada,
o curso que forçaram destas águas
que eu quisera deter. Mas não conservo
quase mais nada de homem; nos meus olhos
minha mãe se postou, dando-me as lágrimas
que neste instante eu verto.
REI HENRIQUE · Não vos julgo
passível de censura; pois, ouvindo-vos,
sou obrigado a forçar os olhos turvos
para deter as lágrimas.

(Alarma.)

Que é isso?
Novo alarma? O francês reuniu seus homens
dispersados, decerto. Que os soldados
matem os prisioneiros. Dai essa ordem.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena VII

Outra parte do campo.
Alarma. Entram Fluellen e Gower.

FLUELLEN · Matar os pajens e as pagagens! É expressamente contra as leis da guerra, é o mais consumado ato de velhacaria, notai bem, que se possa conceper. Em consciência, que achais?
GOWER · É certo; não ficou um só pajem com vida. E pensar que foram os desertores sem coragem que praticaram semelhante matança. Fizeram mais: pilharam e queimaram tudo o que havia na tenda do rei. Daí ter este dado ordem, com toda a razão, para que os soldados degolassem os prisioneiros. Que valente rei!
FLUELLEN · O rei nasceu em Monmouth, Gabitão Gower. Que nome dais à cidade em que nasceu Alexandre, o Grosso?
GOWER · Alexandre, o Grande.
FLUELLEN · Ora, por opséquio: grosso e grande não é a mesma coisa? O grosso, ou o grande, ou o poderoso, ou o imenso, ou o magnânimo, é tudo uma coisa só, com pequena variação na frase.
GOWER · Penso que Alexandre, o Grande, nasceu na Macedônia; seu pai se chamava Filipe da Macedônia, segundo penso.
FLUELLEN · Creio que foi mesmo na Macedônia que Alexandre nasceu. Digo-vos, gabitão, que se abrirdes um mapa do mundo, e compararde Macedônia e Monmouth achareis que as situações, ora vede, são semelhantes. Há um rio na Macedônia e há também um em Monmouth: chama-se Wye de Monmouth; mas neste momento não tenho no cérepro o nome do outro rio. Pouco importa: é como se fossem um só, igualzinhos como estes dedos, sendo certo que há salmão em ambos. Se estudardes bem a vida de Alexandre, vereis que a de Henrique de Monmouth se lhe assemelha indiferentemente bem, porque em todas as coisas há semelhanças. Alexandre — Deus o sabe, como vós também o sabeis — em suas raivas, em suas fúrias, em seus acessos, em suas cóleras, em seus humores, em seus desgostos, em suas indignações e, também, por ter ficado um pouco intoxicado no cérepro, em suas cervejadas e nos seus arrebatamentos, ora vede, matou o seu melhor amigo, Clito.
GOWER · Nisso o nosso rei não se parece com ele, porque não matou nenhum dos seus amigos.
FLUELLEN · Não fica bem, tomai nota do que vos digo, tirardes-me da boca as histórias, antes de eu as ter contado e concluído. Estou falando por metáforas e gombarações: assim como Alexandre matou o seu amigo Clito, por estar em suas canecas e em suas cervejas, assim também Henrique de Monmouth, estando em seu juízo perfeito e pom entendimento, expulsou o cavaleiro avantajado, que era repleto de graças e princadeiras,
chacotas e zombarias. Esqueci-me do nome dele.
GOWER · Sir John Falstaff.
FLUELLEN · Esse mesmo. Posso afiançar-vos que em Monmouth nascem pravos cavaleiros.
GOWER · Sua Majestade vem chegando.

(Alarma. Entram o Rei Henrique, com parte das forças inglesas, Warwick, Gloster, Exeter e outros.)

REI HENRIQUE ·
Não me zangara ainda um só momento
desde que viera à França. Monta, arauto;
toma de uma corneta e corre aqueles
cavaleiros que estão no alto do monte.
Se eles quiserem combater conosco,
que venham para baixo; do contrário,
abandonem o campo; a vista ofendem-nos.
Se o não quiserem, nós iremos a eles
como pedras lançadas pelas fundas
dos antigos assírios. Além disso,
degolaremos nossos prisioneiros,
sem que brandura em nós encontrar possa
nenhum dos que prendermos. Vai falar-lhes.

(Entra Montjoy.)

EXETER · Eis o arauto francês, meu soberano.
REI HENRIQUE ·
Que é isso, arauto? Acaso não te disse
que o meu resgate só seria os ossos?
Voltas para tratar do mesmo assunto?
MONTJOY · Não, grande rei; retorno com o pedido
de que nos dês licença caridosa

shakespearebrasileiro.org

de percorrermos o sangrento campo
para que retiremos nossos mortos
e, separados dos comuns os nobres,
lhes demos sepultura. Muitos príncipes
dos nossos — oh desgraça! — mergulhados
e afogados estão em sangue baixo,
como também muitos do vulgo os membros
rústicos banham no cruor dos príncipes.
Os cavalos feridos, atolados
até os machinhos na sangueira extensa,
com suas patas armadas, nos cadáveres
batem dos donos, e de novo os matam.
Oh grande rei, dá-nos licença, agora,
de o campo, sem perigo, percorrermos
e de apartarmos, como disse, os corpos.

REI HENRIQUE · Para falar verdade, arauto, ignoro
se ganhamos o dia ou se o perdemos,
pois ainda galopam pelo campo
muitos dos vossos.

MONTJOY · Não, foi vosso o dia.

REI HENRIQUE ·
Louvado seja Deus, não nosso braço,
por esse resultado. Qual o nome
do castelo que se alça aqui bem perto?

MONTJOY · Azincourt.

REI HENRIQUE ·
Chamaremos, então, a este combate,
batalha de Azincourt, ganha com glória
no dia de Crispim Crispiniano.

FLUELLEN · Vosso avô, de famosa memória,
com licença de Vossa Majestade, e vosso tio-avô,
Eduardo, o Príncipe Negro de Gales, como o ouvi
das crônicas, ganharam uma prava batalha aqui em
França.

REI HENRIQUE · É verdade, Fluellen.

FLUELLEN · Vossa Majestade fala com acerto. Se
Vossa Majestade está lemprado, os galenses fizeram
pom serviço em um jardim em que havia muito alho,
e puseram alho em seus chapéus de Monmouth, o
que ficou sendo, como Vossa Majestade não ignora,
um emblema muito honroso. Penso que Vossa
Majestade não se envergonhará de trazer também
alho no dia de São Tavi.

REI HENRIQUE · Vou pô-lo em meu chapéu, em
sinal de honra, pois sou galense, caro conterrâneo.

FLUELLEN · Nem toda a água do Wye poderá tirar-
vos do corpo o sangue galense de Vossa Majestade,
é o que vos digo. Que Deus o apençoe e o broteja,
tanto tempo quanto for do agrado de Sua Graça e
também de Sua Majestade.

REI HENRIQUE · Muito obrigado, caro conterrâneo.

FLUELLEN · Por Chechus, eu sou gonterrâneo
de Vossa Majestade e não me preocupo de que os
outros o saibam. Confessarei a todo o mundo que
não tenho necessidade de me envergonhar de Vossa
Majestade, Deus seja louvado, enquanto Vossa
Majestade for um homem honesto.

REI HENRIQUE · Deus me conserve assim.
Arautos, ide com ele e me trazei a relação dos mortos
de ambas as partes.

(Saem Montjoy e outros.)

(Apontando para Williams.) · Chamai-me aquele
camarada.

EXETER · Soldado, aproxima-te do rei.

REI HENRIQUE ·
Soldado, por que motivo trazes essa luva
no chapéu?

WILLIAMS · Com licença de Vossa Majestade, é
penhor de um indivíduo com quem eu hei de me
bater, no caso de estar ele vivo.

REI HENRIQUE · Inglês?

WILLIAMS · Sim, com licença de Vossa Majestade,
um maroto que na noite passada se excedeu em
conversa comigo. Se não morreu e vier reclamar
esta luva, jurei que hei de dar-lhe uma bofetada; ou
então, no caso de o encontrar com a minha luva
no chapéu — o que ele jurou fazer, por sua fé de
soldado, enquanto estivesse vivo —, hei de dar-lhe
uma tunda de mestre.

REI HENRIQUE · Capitão Fluellen, que pensais
sobre o caso: deve este soldado cumprir o que
prometeu?

FLUELLEN · Com licença de Vossa Majestade, se
o não fizer, será um covarde e vilão; afirmo-o em
consciência.

REI HENRIQUE · Pode dar-se o caso de ser o seu
adversário um gentil-homem de alta nobreza, muito
acima de sua posição para poder aceitar o desafio.

FLUELLEN · Ainda que ele fosse tão pom fidalgo
como o diapo, o próprio Lúcifer e Pelcepu, é preciso,
tome nota Vossa Graça do que estou dizendo, que
ele mantenha seu voto e juramento. Se ficar perjuro,
vede agora, sua reputação seria a do mais consumado
velhaco, e do mais desprezível João-ninguém, cujos

shakespearebrasileiro.org

sapatos pretos hajam calcado o solo de Deus e sua terra, em minha consciência, lá!
Rei Henrique · Nesse caso, meu velho, quando encontrares essa pessoa, faze o que prometeste,
Williams · É o que pretendo fazer, meu soberano, se não morrer.
Rei Henrique · Com quem estás servindo?
Williams · Com o Capitão Gower, meu soberano.
Fluellen · Gower é um excelente gabitão e possui pons conhecimentos sobre a literatura da guerra.
Rei Henrique · Vai chamá-lo, soldado.
Williams · Pois não, meu soberano.

(Sai.)

Rei Henrique · Aproxima-te, Fluellen. Fica tu com este penhor e coloca-o no chapéu. Quando eu e Alençon caímos, ao lutarmos, tirei-lhe esta luva do capacete; para que alguém a reclame, é preciso que seja amigo de Alençon e, por conseguinte, inimigo de nossa pessoa. Se me tens amizade, prende esse homem onde quer que o encontres.
Fluellen · Vossa Graça me concede a maior honra que poderia ser almejada no goração de vossos súditos. Já desejo encontrar o homem de duas pernas que se mostre ofendido à vista desta luva, é só o que eu digo. Sim, desejo encontrá-lo; Deus e sua graça permitam que o consiga.
Rei Henrique · Conheces Gower?
Fluellen · Com licença de Vossa Majestade, somos amigos íntimos.
Rei Henrique ·
Então vai procurá-lo, por obséquio,
e leva-o à minha tenda.
Fluellen · Vou já buscá-lo.

(Sai.)

Rei Henrique ·
Caro irmão Gloster e milorde de Warwick,
segui Fluellen de perto, porque a luva
que eu lhe dei como raro distintivo,
pode uma bofetada ocasionar-lhe.
Segundo o apalavrado, eu deveria
trazê-la no chapéu. Bom primo de Warwick,
acompanhai-o; caso esse soldado
o esbofeteie — seu modo decidido
me diz que ele fará quanto promete —
poderá resultar dano imprevisto.
Considero Fluellen valente e bravo;
quando encolerizado, é como pólvora:
responde rápido a qualquer ofensa.
Acompanhai-os, para que não haja
entre eles nenhum dano a lastimar-se.
Vinde comigo, meu bom tio de Exeter.

(Saem.)

Ato IV · Cena VIII

Diante do pavilhão do Rei Henrique.
Entram Gower e Williams.

Williams · Aposto como é para vos fazer cavaleiro, capitão.

(Entra Fluellen.)

Fluellen · Pela vontade de Deus e seu brazer, gabitão, concito-vos a ir depressa à presença do rei. Talvez haja para vós em perspectiva mais penefícios do que possa sonhar vosso conhecimento.
Williams · Sabeis que luva é esta, senhor?
Fluellen · Se eu sei que luva é essa? Sei que a luva é uma luva.
Williams · Pois eu estou reconhecendo essa aí, e a reclamo como sendo minha.

(Dá-lhe uma bofetada.)

Fluellen · Pelo sangue de Deus! tu és o maior traidor do mundo universal, da França e da Inglaterra.
Gower · Que significa isso, maroto?
Williams · Queríeis que eu me tornasse perjuro?
Fluellen · Afastai-vos, gabitão Gower; vou pagar-lhe a traição com boas bauladas,
posso asseverar-vos.
Williams · Não sou traidor.
Fluellen · Mentes pela garganta! Em nome de Sua Majestade, eu vos intimo a prendê-lo; é um amigo do Duque de Alençon.

(Entram Warwick e Gloster.)

Warwick · Que é isso? Que é isso? Que foi que aconteceu?
Fluellen · Milorde de Warwick, eis aqui —

shakespearebrasileiro.org

louvado seja Deus por tal acontecimento! — a mais contagiosa traição que já se esclareceu, ora vede, como seria de desejar em um dia de verão. Aí vem vindo Sua Majestade.

(Entram o rei e Exeter.)

Rei Henrique · Então, que foi que aconteceu?

Fluellen · Meu soberano, aqui está um vilão e traidor, tome nota Vossa Graça, que deu na luva que Vossa Majestade tirou do capacete de Alençon.

Williams · Meu soberano, essa luva é minha e esta aqui é a sua companheira; aquele com quem eu fiz a troca prometeu trazê-la no chapéu, tendo-me eu comprometido a esbofeteá-lo, se ele tal fizesse. Ora, havendo encontrado este homem com minha luva, fiz o que tinha prometido.

Fluellen · Agora Vossa Majestade pode ver — salvo o respeito devido a Vossa Majestade — como este sujeito é um arrematado velhaco, um miserável e piolhento. Espero que Vossa Majestade confirme e ateste e me sirva de testemunha em como esta é a luva de Alençon que Vossa Majestade me deu, em toda consciência.

Rei Henrique · Soldado, dá-me a tua luva; olha aqui a sua companheira.
Realmente, foi em mim que prometeste
dar uma bofetada, usando termos
violentos por demais e indecorosos.

Fluellen · Seja agora do agrado da vossa majestade permitir que ele responda a isso com o pescoço, no caso de ainda haver lei marcial no mundo.

Rei Henrique · Que satisfação, agora, me apresentas?

Williams · Milorde, todas as ofensas vêm do coração; mas do meu não saiu nenhuma que pudesse magoar Vossa Majestade.

Rei Henrique · Nós somos o que tu ofendeste.

Williams · Naquele momento Vossa Majestade não se apresentava como vós mesmo, mas como um indivíduo qualquer. Sirvam-me de morte e testemunha vossas vestes de então e vossa aparência simples. Peço a Vossa Majestade atribuir a vossa própria falta o que sofreu sob essa forma. Se tivésseis sido a pessoa por quem eu vos tomara, eu não teria cometido nenhuma falta. Por isso, suplico a Vossa Alteza que me perdoe.

Rei Henrique · Tio, enchei de coroas esta luva
e a dai a este rapaz. Conserva-a, amigo;
em sinal de honra, traze-a no chapéu,
até que eu mesmo venha reclamá-la.
Dai-lhe as coroas. Capitão Fluellen,
agora precisais fazer as pazes.

Fluellen · Por este dia e por esta luz, este camarada tem fogo na barriga. Aceitai de minha parte estes dez pence. Peço-vos que sirvais a Deus e que evitais disbutas, prigas e falatórios, o que para vós será muito melhor, posso asseverar-vos.

Williams · Não quero o vosso dinheiro.

Fluellen · É dado de bom coração; posso garantir-vos que servirá para consertar os sapatos. Vamos; por que tantos escrúpulos? Vossos sapatos não estão em bom estado; o xelim é bom, posso asserverar-vos; mas, se tendes alguma dúvida poderei trocá-lo.

(Entra um arauto inglês.)

Rei Henrique ·
Foi feita, arauto, a relação dos mortos?

Arauto · A dos franceses já foi feita; é esta.

(Entrega-lhe um papel.)

Rei Henrique ·
Meu tio, quais os nobres prisioneiros?

Exeter · O sobrinho do rei, Carlos de Orleans;
João de Bourbon, senhor de Bouciqualt,
e mais mil e quinhentos gentis-homens,
barões, e cavaleiros, e escudeiros,
sem se falar da gente sem nobreza.

Rei Henrique ·
Fala esta nota de dez mil franceses
que ficaram no campo de batalha.
De príncipes, incluídos neste número,
e nobres com bandeira, estão sem vida
ao todo cento e vinte e seis. A esses
acrescentai agora os cavaleiros,
escudeiros e bravos gentis-homens,
num total de oito mil e quatrocentos,
dos quais quinhentos tinham sido armados
cavaleiros na véspera, de forma
que nos dez mil perdidos só se achavam
mil e seiscentos mercenários. Eram
príncipes os demais, barões, fidalgos,
senhores, escudeiros, gente, em suma,
de sangue e qualidade. Dos mais nobres

shakespearebrasileiro.org

tombados em combate, eis alguns nomes:
o grande Condestável Delabreth,
Jaques de Chatillon, grande almirante
da França; o comandante dos besteiros,
Lorde Rambures; o bravo Sir Guiscard
Delfim, grão-mestre; o Duque de Alençon;
Antônio, Duque de Brabant, irmão
do Duque de Borgonha; e Eduardo, Duque
de Bar. De condes valorosos, temos:
Grandpré e Roussi; Beaumont e Faulconberg;
Foix e Lestrale; Marle e Vaudemont.
Que real sociedade a Morte fez!
Onde está a lista dos ingleses mortos?

(O arauto entrega outro papel.)

Eduardo, Duque de York; mais o Conde
de Suffolk; Sir Ricardo Ketly e, ainda,
Davi Gam, escudeiro. Da nobreza,
mais ninguém, e somente vinte e cinco
dos demais homens. Deus, teu braço, apenas,
teve parte em tudo isso. A ele, somente,
não a nós, atribuímos a vitória.
Onde, em que tempo, sem traição nenhuma,
num choque leal, numa batalha franca,
se viu tão grande e tão pequena perda
de um lado e de outro? Aceita, Oh Deus, louvores,
porque tudo é obra tua.

Exeter · É admirável!

Rei Henrique ·
Vamos à aldeia em procissão. Proclame-se
que será condenado à pena máxima
quem se orgulhar do feito, a Deus privando
dos excelsos louvores que lhe cabem.

Fluellen · Será legal dizer, com permissão de Vossa Majestade, o número dos mortos?

Rei Henrique ·
Sim, capitão, porém reconhecendo
que Deus lutou por nós.

Fluellen · Realmente, em consciência, ele nos ajudou muito.

Rei Henrique ·
Observemos os ritos consagrados;
cantemos um Non vobis e um Te Deum;
com caridade os mortos sepultemos.
Depois, para Calais; daí, sigamos
para a Inglaterra. À pátria, sorridente,
nunca veio da França tanta gente.

(Saem.)

Prólogo

Entra o Coro.

Coro ·
Permitam-me os que a história ainda não leram
que os ponha a par do que houve. Aos que a conhecem,
humildemente peço me desculpem
no que tem relação com o tempo, o número
e o curso regular de tudo quanto
não pode ser aqui representado
com sua vida própria e grandiosa.
Vamos levar o rei para Calais;
dali, depois de contemplá-lo um pouco,
transportai-o, com vossos pensamentos
alados, pelo mar. Certificai-vos,
agora, de que a praia da Inglaterra
nas ondas apresenta estacas vivas,
de homens, mulheres e crianças, cujas
altas exclamações o ruído abalam
da forte voz do mar, que, na maneira
de um potente pioneiro, abre o caminho
para passar o rei. Vede-lo em terra,
e, já agora, seguir solenemente
para Londres. Tão rápida é a carreira
do pensamento, que nesta hora mesma
podeis vê-lo em Blackheath, onde seus nobres
a honra lhe solicitam de levarem
através da cidade o elmo amassado
e a espada arqueada, o que ele não consente
por ser de todo isento de vaidade,
de si tirando as honras do alto feito,
os emblemas e a glória, para dá-los
a Deus unicamente. Agora vede
na oficina e na forja azafamada
do pensamento o modo por que Londres
derrama os cidadãos. Eis o prefeito
com os vereadores, em custosas vestes,
como na antiga Roma os senadores,
tendo um enxame de plebeus no rasto,

shakespearebrasileiro.org

quando iam receber o grande César.
O mesmo se daria, em mais modesta
comparação, porém não menos grata,
se agora o general da nossa boa
imperatriz — o que há de ser em breve —
viesse da Irlanda e a rebelião trouxesse
na espada atravessada. Quanta gente
deixaria a pacífica cidade
para saudá-lo! Muito mais, com causas
mais sobejas, o fazem para Henrique.
Considerai-o já chegado a Londres,
que as lamúrias infindas dos franceses
a demorar-se na cidade o invitam,
a favor dos franceses interpondo-se
o imperador, para que paz firmassem.
Ora passai por cima do que possa
ter-se dado até que Harry novamente
voltasse para a França. É ali que o temos
de colocar, que o tempo intermediário
já vos foi relatado, ao relembrar-se
quanto havia ocorrido. E ora que tudo
de novo reavivastes na lembrança,
retornai sem demora para a França.

(Sai.)

Ato V · Cena I

França. No corpo da guarda inglesa.
Entram Fluellen e Gower.

GOWER · Sim, está certo. Mas por que razão ainda trazeis esse alho? Já passou o dia de São Davi.
FLUELLEN · Em todas as coisas há ocasiões e causas, porquês e por conseqüências. Vou dizer-vos uma coisa, Gabitão Gower, na qualidade de amigo: o velhaco, desprezível, tinhoso, piolhento, miserável, o fanfarrão Pistola, que vós, convosco e o mundo inteiro, sabeis perfeitamente, ora vede, não passar de um sujeito sem merecimento, procurou-me ontem e me deu pão e sal, ora vede, aconselhando-me a que comesse o meu alho. Isso se passou em lugar em que não me era possível brigar. Mas decidi andar com alho no chapéu até o encontrar de novo, para lhe dizer uma bequena parte do meu desejo.
GOWER · Aí vem ele, tão cheio como um peru.
FLUELLEN · Pouco me importam os seus enchimentos de peru e seus estouros. Deus vos apençoe, Borta-pandeira Pistola, velhaco sarnento e piolhento, Deus vos apençoe.
PISTOLA · Vieste de Bedlam, baixo e vil troiano?
Desejas que eu te corte o fatal fio
da Parca temerosa? Ide depressa;
causa-me engulhos esse cheiro de alho.
FLUELLEN · Eu vos sublico de coração, velhaco tinhoso e piolhento, que à minha betição e à minha reqüesta comais agora este alho. É justamente, ora vede, por não gostardes de alho e não combinarem com ele vossas afeições, e vossos abetites, e vossas digestões, que eu desejo que o comais.
PISTOLA · Não! Nem por Cadwallader e seus bodes.
FLUELLEN *(dá-lhe uma bofetada)* · Então, fica com este bode. E agora, não queres ter a bondade, maroto sarnento, de comer o meu alho?
PISTOLA · Vais morrer, vil troiano.
FLUELLEN · Dizeis a verdade, maroto sarnento; vou morrer, quando Deus o permitir. Mas enquanto isso não se dá, desejo que tenhais vida e que devoreis vossas vitualhas. Vamos, eis aqui mais um pouco de molho, para dar bom paladar. *(Bate-lhe de novo.)* Chamastes-me ontem de escudeiro montanhês; pois hoje eu vou fazer-vos escudeiro do chão raso. Por opséquio, comei. Já que sabeis zombar do alho, podeis também comê-lo.
GOWER · Basta, capitão; deixaste-lo atordoado.
FLUELLEN · Prometi que havia de oprigá-lo a comer um pedaço do meu alho, ou durante quatro dias lhe pateria na cabeça. Vamos, mordei, por obséquio: é muito pom para feridas recentes e para cabeça quebrada.
PISTOLA · É preciso que eu morda?
FLUELLEN · Sim, decerto; é fora de dúvida, e de questões, e de ampigüidades.
PISTOLA · Por este alho: terrível, oh, terrível vai ser minha vingança. Mordo, mordo, mas faço o juramento...
FLUELLEN · Mais um pouco, por obséquio. Quereis mais molho para o vosso alho? Não é muito alho para juramentos.

shakespearebrasileiro.org

PISTOLA · Deixa em repouso esse bastão; bem vês que já estou comendo.
FLUELLEN · É muito pom para ti, maroto piolhento, digo-o de coração. Não, não é para perder nada; a casca é muito poa, também, para capeça quebrada. Daqui em diante, quando vires algum alho, zomba dele, por opséquio, é só o que eu digo.
PISTOLA · Bom.
FLUELLEN · É isso mesmo; alho é muito pom. Esperai um pouco: aqui tendes um vintém para curardes a cabeça.
PISTOLA · Um vintém para mim?
FLUELLEN · Sim, decerto e em verdade, tereis de ficar com ele; do contrário, sereis obrigado a comer o outro alho que eu tenho aqui no bolso.
PISTOLA · Está bem; aceito o vosso vintém como penhor da minha vingança.
FLUELLEN · Se eu vos ficar devendo mais alguma coisa, pagarei em pastonadas; passareis a ser negociante de madeiras, que só me compra pastonadas. Deus vos acompanhe e conserve e vos cure a cabeça.

(Sai.)

PISTOLA · Todo o inferno vai se movimentar por causa disso.
GOWER · Ide embora logo! Não passais de um velhaco, de um impostor sem coragem. Quereis zombar de uma tradição vetusta, fundada em um fato honroso, perpetuada como troféu memorável da bravura de nossos antepassados, e não tendes coragem de sustentar o que dizeis. Já vos vi, por duas ou três vezes, zombar deste gentil-homem. Porque ele não sabe falar inglês com a elegância dos nativos, imaginastes que por isso ele não sabia manejar um bastão inglês. Mas já vos convencestes do contrário. Com esse corretivo galense aprendei a vos comportardes daqui por diante como inglês. Passai bem.

(Sai.)

PISTOLA · Como! A Fortuna agora me maltrata?
Tive notícia de que a minha Nell
morreu num hospital, de mal da França.
Assim, meu rendez-vous ficou fechado.
Estou ficando velho; destes membros
cansados foi a honra desancada.
Pois então vou tornar-me alcoviteiro,
tirando alheias bolsas com mão hábil;
voarei para a Inglaterra, onde há de tudo
voar para o meu bolso. Porei logo
grandes emplastros nestas pisaduras,
para afirmar na pátria muitas vezes
que as adquiri na guerra com os gauleses.

(Sai.)

Ato V · Cena II

Troyes, na Champanha. Sala no palácio do Rei da França. Entram, por um lado, o Rei Henrique, Bedford, Gloster, Exeter, Warwick, Westmoreland e outros nobres; pelo outro, o Rei da França, a Rainha Isabel, a Princesa Catarina, Alice e outras damas de companhia; o Duque de Borgonha e seu séquito.

REI HENRIQUE · Haja paz neste círculo, reunido
para esse fim. A nosso irmão da França,
a nossa irmã, saúde e belos dias;
a nossa real e incomparável prima
Catarina, bons votos e alegria;
ao ramo da realeza aqui reunida,
por quem foi concertada esta assembléia,
o Duque de Borgonha, nós saudamos.
Aos fidalgos e príncipes, saúde!

REI DA FRANÇA · Muito me alegra o rosto
contemplar-vos,
digno irmão da Inglaterra. Sois bem-vindo,
como vós todos, príncipes ingleses.
RAINHA ISABEL · Possa acabar alegre este bom dia,
caro irmão da Inglaterra, e esta graciosa
reunião, como alegre nós estamos
por ver os vossos olhos, esses olhos
que até há bem pouco, quando se viravam
para os franceses, só lançavam balas
fatais de basiliscos assassinos.
Quero crer que o veneno tão temido
de vosso olhar perdesse toda a força,
porque as dores e lutas, de ora em diante,
em afeição sincera se transformem.

shakespearebrasileiro.org

Rei Henrique · Foi para dizer Amém que aqui viemos.
Rainha Isabel · Eu vos saúdo, príncipes ingleses.
Borgonha · O meu amor e o meu dever a ambos,
Oh grandes reis da França e da Inglaterra!
Esforcei-me, valendo-me dos meios
em meu poder, com toda a diligência,
sem me furtar a nada, porque Vossas
Imperiais Majestades se encontrassem
nesta real conferência: eis o que espero
ver por Vossas Altezas confirmado
de ambos os lados. Mas, uma vez tendo
prevalecido tanto os meus esforços,
a ponto de ora vos cumprimentardes
frente a frente, olhos reais em olhos reais,
não me leveis à conta perguntar-vos
diante desta assembléia principesca,
que impedimento, que dificuldade,
que obstáculo se opõe a que a coitada
da Paz, a Paz despida e mutilada,
cara nutriz das artes, da abundância,
das gerações alegres, o semblante
gracioso mostre nos jardins mais belos
de todo o mundo, esta fecunda França?
Ai! Ela foi da França, há muito, expulsa.
Amontoados se encontram os produtos
da agricultura, apodrecendo todos
no próprio excesso da fertilidade;
suas vinhas, alegre estimulante
dos corações, abandonadas morrem;
as sebes bem tratadas, ora se acham
no jeito dos proscritos, como selvagens
cabeleiras de ramos em desordem;
nas terras descansadas medra o joio,
propaga-se a cicuta e a produtiva
fumária, enferrujando-se os arados
feitos para arrancar ervas daninhas;
os prados, que geravam noutros tempos
a primavera matizada, o verde
trifólio, a pimpinela, pela falta
de foice e tratamento, exuberantes,
concebem no ócio, dando à luz apenas
cardo silvestre, azedas detestáveis,
cicuta e urtiga, do nativo encanto
defraudados e, assim, da utilidade:
e como as vinhas, prados, campos, sebes,
faltos de trato tornam-se selvagens,
assim nossas famílias, nossos filhos
e nós próprios perdemos, ou deixamos
de aprender, por não termos tido tempo,
todas as ciências que o ornamento grato
deviam constituir de nossa terra;
crescemos como brutos, quais soldados
que em sangue, só, meditam, não cuidando
senão de juramentos, de carrancas,
vestes desordenadas e de tudo
que pareça contrário à natureza.
É para conquistarmos novamente
nosso primeiro aspecto que aqui estamos.
Meu discurso, em resumo, tem por móvel
pedir que me digais por que motivo
desfazer não consegue a Paz graciosa
esses inconvenientes e, de novo,
seus primitivos dons não nos concede.
Rei Henrique · Se desejais, milorde de Borgonha,
essa paz, cuja ausência é causadora
de todos os defeitos que citastes,
força será comprá-la, concordando
com as nossas exigências todas justas.
Nas mãos as tendes, brevemente expostas,
em conjunto e minúcias importantes.
Borgonha · O rei já as recebeu; mas até agora
ainda não deu resposta.
Rei Henrique · Nesse caso,
a paz por que anelais depende disso.
Rei da França · Examinei por cima esses artigos,
não faz muito. Se Vossa Graça, agora,
nomear alguns dos vossos conselheiros
para uma conferência, com mais calma
os examinaremos e, depressa,
se seguirá nossa resposta clara.
Rei Henrique · Concordamos, irmão. Ide, tio Exeter,
e vós também, irmãos Clarence e Gloster;
Warwick e Huntingdon, ide com o monarca.
Dispondes de poderes irrestritos
para ratificar, se o resolverdes,
aumentar ou alterar, conforme vossa
sabedoria achar mais vantajoso
para nosso prestígio e dignidade,
quanto se acha contido nos artigos,
pois antecipadamente concordamos
com tudo o que fizerdes. Cara irmã,
ficais conosco, ou quereis ir com os príncipes?

shakespearebrasileiro.org

Rainha Isabel ·
Gracioso irmão, irei também com eles.
Quem nos dirá que um voto feminino
não produza algum bem numa assembléia
em que tantos artigos de importância
discutidos vão ser?
Rei Henrique · Conosco fica
nossa graciosa prima Catarina.
Constitui ela a imposição precípua
que a lista dos artigos encabeça.
Rainha Isabel ·
Damos-lhe permissão.

(Saem todos, com exceção do Rei Henrique, Catarina e Alice.)

Rei Henrique · Oh Catarina,
formosa das formosas, quererias
a um soldado ensinar expressões ternas
que acolhida achar possam nos ouvidos
de uma mulher, para de amor sincero
falar-lhe ao coração bondoso e meigo?
Catarina · Vossa Majestade vai rir parra mim, porque mim não saber vossa Inglaterra.
Rei Henrique · Oh bela Catarina, se quiserdes amar-me sinceramente com vosso coração francês, acharei encantador ouvir-vos declarar isso mesmo de qualquer jeito na vossa língua inglesa. Amas-me deveras, Kate, como eu a ti?
Catarina · Pardonnez moy, mas mim não saber o que quer dizer "como eu".
Rei Henrique · Um anjo é como tu és, Catarina, e tu és como um anjo.
Catarina · Que dit-il? Que je suis semblabe à les anges?
Alice · Oui, vrayment, sauf vostre grace, ainsi dit-il.
Rei Henrique · Foi isso mesmo que eu disse, Catarina, e não enrubesço ao repeti-lo.
Catarina · O bon dieu! les langues des hommes sont pleines de tromperies.
Rei Henrique · O que foi que ela disse, bela menina? Que a língua dos homens é cheia de decepções?
Alice · Oui, a princesa tem falado que a língua parra os homens ter muitas enganações.
Rei Henrique · Das duas, a princesa ainda é a melhor inglesa. Realmente, Kate; a minha maneira de fazer declaração de amor está de acordo com o que podes compreender. Fico contente por ver que não compreendes inglês, que, do contrário, vendo em mim um rei tão vulgar, tu poderias pensar que eu havia vendido a minha herdade para comprar uma coroa. Desconheço as frases alambicadas dos namorados; tudo o que posso dizer-te é simplesmente: Amo-te. Se apertares comigo, perguntando se há sinceridade nas minhas palavras, não saberei mais o que dizer. Vamos, responde-me com franqueza; apertemos as mãos e negócio feito. Que dizeis a isso, minha senhora?
Catarina · Sauf vostre honneur, mim compreender bem.
Rei Henrique · Por Deus, Kate, eu estaria perdido, se fosse obrigado a escrever versos em vosso louvor, ou a dançar para vos ser agradável. Para os primeiros, faltam-me rimas e medida; com relaçãoà dança, sei que não sou forte no compasso, muito embora seja forte de verdade. Se me fosse possível conquistar uma dama com saltos de jogo de carniça, ou subindo para a sela de um só pulo, completamente armado, modéstia à parte, arranjaria depressa uma consorte. Ou, ainda, se fosse necessário trocar murros por causa de meu amor, ou fazer piruetas com o cavalo para lhe conquistar as graças, eu brigaria como um açougueiro e montaria como um macaco, sem despregar-me da sela. Mas podes crer no que eu digo, Kate: não sei fazer olhos morteiros, ignoro a arte de falar com eloqüência e não me sinto com a habilidade precisa para acumular protestos e juramentos; só sei empenhar a palavra, quando a isso me vejo obrigado, sem que por nada no mundo deixe de cumpri-la. Se puderes, Kate, amar um tipo desse temperamento, cujo rosto não merece ser queimado pelo sol, que jamais olha para um espelho só pelo prazer de contemplar o que possa aparecer nele, permite que os teus olhos o preparem para teu regalo. Falo-te como soldado; se puderes amar-me tal como sou, aceita-me; caso contrário, dizendo-te que morrerei, falarei a verdade; mas, juro por Deus, que não seria por tua causa. Mas a verdade é que te amo realmente. Aceita, querida Kate, para enquanto viveres, um homem de coração sincero e sem artifício, que, forçosamente, há de ser-te fiel, por carecer de habilidade de fazer a corte em outros lugares, porque esses tipos de língua sempre em movimento, que sabem insinuar-se no ânimo

shakespearebrasileiro.org

das mulheres, acham sempre jeito para fugirem ao compromisso. Todo orador é parlapatão; a poesia, simples balada; a mais resistente perna termina por encurvar-se, o dorso mais empertigado se inclina, a barba negra torna-se branca, a cabeça cheia de cachos acaba ficando calva, o rosto belo cobre-se de rugas, os olhos se esvaziam, mas um coração sincero, Kate, é o sol e a lua, ou melhor: o sol, apenas, não a lua, porque brilha sempre, sem se modificar nem se desviar de sua rota. Se desejas um marido desse jeito, toma-me; se me tomas, tomas um soldado; tomando um soldado, tomas um rei. E agora, como achas o meu amor? Responde-me, Oh bela, com sinceridade.

Catarina · Poderei amar o inimigo da França?

Rei Henrique · Não, Kate, não podes amar o inimigo da França; mas, amando-me, amarás o amigo da França, porque eu amo a França de tal modo, que não me conformo com perder uma só de suas aldeias: desejo-a inteirinha para mim. E então, Kate, quando a França for minha e eu for vosso, a França será vossa e vós sereis minha.

Catarina · Não compreender isso.

Rei Henrique · Não, Kate? Pois vou dizer-te isso mesmo em francês, que, em verdade, ficará suspenso de minha boca como do pescoço do marido uma recém-casada, difícil de ser arrancada. Je quand sur le possession de France, et quand vous avez le possession de moy... Espera um pouco... Que é que vem depois? São Dionísio me ajude!... donc vostre est France et vous êtes mienne. Ser-me-ia mais fácil, Kate, conquistar um reino, a dizer outro tanto em francês. Já vi que nunca poderei abalar-te nessa língua, a não ser para rires de mim.

Catarina · Sauf vostre honneur, le François que vous parlez est meilleur que l'Anglois lequel je parle.

Rei Henrique · Não, Kate, não é verdade; mas falando tu a minha língua, como o fazes, e eu a tua, por maneira tão errônea, forçoso é concordar que ficamos quites. No entanto, Kate, creio que podes compreender ao menos isto: amas-me?

Catarina · Não sei dizê-lo.

Rei Henrique · Poderá dizê-lo, Kate, alguém do vosso séquito? Bem; eu sei que tu me amas; e à noite, quando tu te recolheres para o quarto, conversa com esta senhorita a meu respeito. Tenho certeza, Kate, de que em conversa com ela tu depreciarás justamente as qualidades que mais apreciaste em mim. Mas sê caridosa, querida Kate, em tua zombaria; tanto mais, gentil princesa, que eu te adoro com furor. Se algum dia tu me pertenceres, Kate — e tenho esperança de que isso há de realizar-se — será de necessidade que tu te reveles uma ótima nutriz de guerreiros, visto eu te haver conquistado num assalto. Será possível que eu e tu, com a ajuda de São Dionísio e de São Jorge, não tenhamos um filho metade francês e metade inglês, que vá a Constantinopla puxar o turco pela barba? Que dizes a isso, minha bela flor-de-lis?

Catarina · Isso eu sei não.

Rei Henrique · Não é assim; mais tarde o saberás. Agora se trata apenas de prometer. Por enquanto é suficiente que me prometas, Kate, que tu te esforçarás quanto te for possível no que respeita à parte francesa do menino; quanto à minha metade inglesa, aceita a palavra de um rei celibatário. Que respondes a isso, la plus belle Katharine du monde, mon très cher et divine déesse?

Catarina · Vossa Majestade possuir fausse francês bastante para enganar a mais sage demoiselle que ter en France.

Rei Henrique · Pois então, fora o meu falso francês! Por minha honra, Kate, e em inglês verdadeiro: amo-te. Mas por essa mesma honra, não me atrevo a jurar que me ames; contudo, alguma coisa no sangue me lisonjeia, dizendo-me que sim, apesar deste rosto tão pouco tentador. Maldita seja a ambição de meu pai; ele pensava em guerra civil no momento de gerar-me. Daí ter eu nascido com esta aparência inflexível, este aspecto de ferro, que infunde medo nas mulheres de que venha a aproximar-me. Mas podes crer-me, Kate, que eu melhorei muito com a idade. Consola-me a idéia de que a velhice, essa maldosa depositária da beleza, não poderá deixar-me mais feio do que sou. Por isso, se me aceitares, aceitar-me-ás no pior estado concebível; mas hás de ver que com o tempo eu hei de melhorar um pouquinho. Agora me responde, belíssima Catarina: aceitas-me como esposo? Ponde de lado esses rubores virginais; deixai que o olhar de uma imperatriz revele os pensamentos do coração. Tomai-me pela mão e dizei-me: "Harry da Inglaterra, pertenço-te". E logo que me houverdes abençoado o ouvido com essas palavras, eu te direi com voz inteligível: "A Inglaterra é tua, a Irlanda é

shakespearebrasileiro.org

tua, a França é tua, e Henrique Plantegeneta é teu". E podes crer-me, Kate, que embora eu esteja falando em sua presença, que se ele não for o companheiro do melhor rei, será, decerto, o melhor rei dos bons companheiros. Vamos, responde-me agora em música errada, que a tua voz é musical e o teu inglês errado. Por isso, rainha do mundo, Catarina, quebra o silêncio e dize-me em teu inglês errado: queres-me para esposo?

Catarina · Isso como ser agradar le roy mon père.

Rei Henrique · Há de ser do agrado dele, Kate; há de ser do agrado dele, Kate.

Catarina · Enton, mim também ficar contente.

Rei Henrique · Nesse caso, beijo-vos a mão e vos chamo de minha rainha.

Catarina · Laissez, mon seigneur, laissez, laissez! Ma foy, je ne veux point que vous abaissez vostre grandeur, en baisant la main d'une vostre indigne serviteure excusez moy, je vous suplie, mont très puissant seigneur.

Rei Henrique · Então, Kate, beijarei esses lábios.

Catarina · Les dames, et demoiselles, pour estre baisées devant leur noces, il n'est pas la coutume de France.

Rei Henrique · Senhora intérprete, que foi que ela disse?

Alice · Que não é costume das senhoras da França... Eu não sei como se diz "baiser" em inglês.

Rei Henrique · To kiss.

Alice · Vossa Majestade entendre melhor que moy.

Rei Henrique · As senhoritas da França não costumam beijar antes do casamento. Foi isso que ela disse?

Alice · Ouy, vrayment.

Rei Henrique · Oh Kate! Os costumes rígidos se curvam diante dos reis. Vós e eu, querida Kate, não nos podemos confinar nos limites acanhados dos costumes de nenhum país. Nós somos os que fazemos os costumes, Kate, e a liberdade de que se goza nossa situação entope aos críticos a boca, tal como vou fazer agora com a vossa, por haverdes invocado o uso de vossa terra para me negardes um beijo. Por isso, paciência e submissão. *(Beija-a.)* Tendes feitiço nesses lábios, Kate; há mais eloqüência no seu contacto açucarado do que em todas as línguas do Conselho francês, podendo eles persuadir Henrique da Inglaterra com mais rapidez do que uma petição de todos os monarcas do mundo. Vosso pai vem chegando.

(Voltem o rei e a rainha, Borgonha, Bedford, Gloster, Exeter, Warwick, Westmoreland, e outros nobres franceses e ingleses.)

Borgonha · Deus guarde Vossa Majestade. Meu real primo, ensinais inglês a nossa princesa?

Rei Henrique · O meu intento, caro primo, é fazer-lhe compreender quão ardentemente eu a amo; é inglês legítimo esse.

Borgonha · E ela, revela jeito para aprender?

Rei Henrique · Temos a língua muito dura, primo, não sendo branda minha disposição; por isso, não possuindo nem a voz, nem o coração da adulação, mostro-me incapaz de invocar nela o espírito do amor em toda a sua sinceridade.

Borgonha · Perdoai a franqueza de minha alegria, se vos replico neste particular. Mas se quiserdes proceder com ela por via de invocação, será preciso, primeiro, traçardes um círculo. No caso de conseguirdes invocar o amor em sua verdadeira forma, ele terá de surgir nu e cego. Ora, podereis censurá-la, nesse caso, sendo ela uma jovem que ainda se mostra corada com o carmesim virginal da modéstia, por permitir que surja um menino nu e cego no âmbito despido de sua visão? É exigir muito de uma virgem, milorde.

Rei Henrique · No entanto, as mulheres fecham os olhos e cedem, quando o amor cego insta com elas.

Borgonha · Nisso consiste a sua melhor desculpa, milorde, porque não vêem o que estão fazendo.

Rei Henrique · Nesse caso, meu bom lorde, ensinai vossa prima a consentir fechando os olhos.

Borgonha · Vou acenar-lhe com os olhos, milorde, para que ela ceda; mas para isso será preciso ensinardes-lhe a compreender o meu pensamento. As jovens que o verão conserva quentes, são como as moscas de São Bartolomeu, cegas, embora dotadas de olhos, chegando ao ponto de se deixarem tocar até mesmo as que antes evitavam ser vistas.

Rei Henrique · A moral desse apólogo me anima a esperar por um verão quente, no fim do qual poderei apanhar a mosca, vossa prima, tornada finalmente cega.

Borgonha · Tal como o amor, milorde, antes de amar.

Rei Henrique · É certo; por isso mesmo deveis

shakespearebrasileiro.org

ser gratos ao amor, pela cegueira que me impede de ver muitas e belas cidades da França, por se interpor entre mim e elas uma bela e jovem francesa.

Rei da França · Sim, milorde; vós vedes essas cidades em perspectiva, sob a figura de uma jovem, porque todas estão cercadas de muralhas virgens, ainda não violadas pela guerra.

Rei Henrique · Kate vai ser a minha esposa?

Rei da França · Se isso for do vosso agrado.

Rei Henrique · Isso me alegra. As cidades virgens a que vos referistes, formarão o seu cortejo. Desse modo, a jovem que se me atravessou no caminho do desejo, vai apontar o caminho à minha vontade.

Rei da França · Concordamos com todas as condições razoáveis.

Rei Henrique · É certo, milordes da Inglaterra?

Westmoreland ·
O rei nos concedeu todos os pontos:
primeiro, a filha; e, após, as demais cláusulas,
em seu teor restrito.

Exeter · Somente deixou de subscrever o seguinte: Quando Vossa Majestade exige que o rei da França, sempre que se dirigir a Vossa Majestade em assunto diplomático, use das seguintes expressões: em francês: Notre très cher filz Henry Roy d'Angleterre, Héretier de France; e em latim: Praeclarissimus filius noster Henricus, Rex Angliae, et Haeres Franciae.

Rei da França ·
Não me neguei, irmão, a subscrevê-lo,
de modo que não possa ser mudada
minha resolução por vosso alvitre.

Rei Henrique ·
Então deixai, vos peço, como prova
da amizade e da aliança ora firmadas,
que ao lado dos demais fique esse artigo.
E agora dai-me a mão de vossa filha.

Rei da França ·
Recebe-a, então, meu filho, e de seu sangue
dá-me uma geração, porque os dois reinos
rivais, França e Inglaterra, cujas praias
de inveja empalidecem à só vista
da ventura recíproca, remate
ponham à roaz discórdia, e que estas gratas
núpcias façam gerar no doce peito
dos países aliados sentimentos
de bons vizinhos e cristão acordo,
sem que jamais, entre a Inglaterra e a França,
esteja a guerra a introduzir a lança.

Todos · Amém.

Rei Henrique ·
Agora, Kate, sê bem-vinda! E como
penhor, diante de todos, ora a beijo
como a minha legítima rainha.

Rainha Isabel ·
Possa Deus, o melhor e mais propício
medianeiro de todos os enlaces,
unificar os vossos corações
e, assim, vossos países. De igual modo
que marido e mulher, sendo distintos,
o amor os unifica, de igual modo
influam nos dois reinos estas núpcias:
que a maldade e o cruel ciúme, tão vezeiros
em perturbar o leito de benditos
enlaces, jamais venham interpor-se
no pacto ora firmado, jamais venham
promover o divórcio desta aliança;
que sigamos assim, futuro além,
sempre irmãos. E que Deus nos diga: Amém!

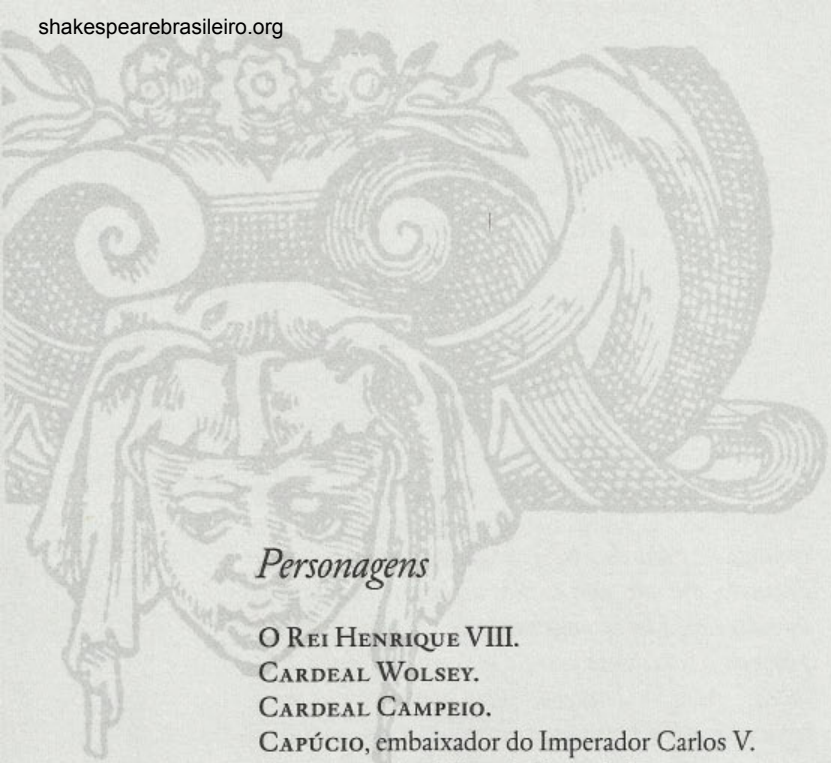
Rei Henrique · Aprestemos as núpcias; nesse dia,
milorde de Borgonha, tomaremos
o vosso juramento e, assim, dos pares,
para melhor penhor de vossa aliança.
Depois, Kate, faremos uma jura
que nos há de selar a fé mais pura.

(Clarins. Saem.)
(Entra o Coro.)

Coro · Assim, com pena inábil e grosseira,
o autor aflito arrematou a história,
seguindo, humilde, dos heróis na esteira
para cópia deixar de tanta glória.
Passou depressa a estrela da Inglaterra,
mas não se apagará nunca o seu brilho;
com a espada conquistou a bela terra
que deixou como herança ao real filho.
Henrique sexto, em cueiros ainda envolto,
subiu ao trono da Inglaterra e França;
mas tocou-lhe reinado tão revolto
que da pátria esgotou toda a pujança.
Tudo isso já tem sido em cena posto;
espero, pois, que nisto achareis gosto.

(Sai)

shakespearebrasileiro.org



Personagens

O Rei Henrique VIII.
Cardeal Wolsey.
Cardeal Campeio.
Capúcio, embaixador do Imperador Carlos V.
Cranmer, Arcebispo de Cantuária.
Duque de Norfolk.
Duque de Suffolk.
Duque de Buckingham.
Conde de Surrey.
Lorde Chanceler.
Lorde Camareiro.
Gardiner, Bispo de Winchester.
Bispo de Lincoln.
Lorde Abergavenny.
Lorde Sands.
Sir Tomás Lovell.
Sir Henrique Guildford.
Sir Antônio Denny.
Sir Nicolau Vaux.
Secretários de Wolsey.
Cromwell, criado de Wolsey.
Griffith, gentil-homem da câmara da Rainha Catarina.
Três gentis-homens.
Oficial da Ordem da Jarreteira.
Doutor Butts, médico do rei.
Intendente do Duque de Buckingham.
Brandon e um sargento de armas.
Porteiro da Câmara do Conselho.
Porteiro e seu ajudante.
Pajem de Gardiner.
Pregoeiro.
Rainha Catarina, esposa do Rei Henrique; depois, divorciada dele.
Ana Bolena, sua dama de honra; depois, rainha.
Uma velha dama, amiga de Ana Bolena.
Paciência, dama da Rainha Catarina.
Nobres e damas; criadas da rainha; espíritos que lhe aparecem; escrivães, oficiais, guardas e outros servidores.

Cena

Principalmente em Londres e Westminster; uma vez em Kimbolton.

shakespearebrasileiro.org

Prólogo

Hoje não venho provocar-vos riso.
Cenas agora de mais peso e siso,
sérias, graves e tristes, imponentes
e nobres quadros, que vos hão de ardentes
lágrimas arrancar é o que em verdade
viemos aqui trazer. Quem de piedade
for capaz, pode dar à nossa peça
uma lágrima ou duas, porque ela essa
homenagem merece. Quem dinheiro
só despende em assunto verdadeiro,
nela achará verdade. Quem se alegra
com uma ou duas vistas e, de regra,
não regateia aplausos, se paciente
se revelar e calmo, há de, contente,
multiplicar o seu vintém modesto
num rápido espetác'lo e em tudo honesto.
Somente quem deleite acha na vista
de cena alegre ou torpe, e que imprevista
barulheira agradece, golpes, duelo
de algum tipo vestido de amarelo,
será decepcionado. Pois, de fato,
gentis ouvintes, pôr um pugilato,
fazer entrar um bobo numa peça,
não seria faltar, tão-só, à promessa
de nosso próprio crédito, no intento
de vos representar algo a contento,
mas também alienar para o futuro
de um amigo sensato o afeto puro.
Em nome, pois, do céu, por serdes tido
na conta do auditório mais sabido,
do mais esclarecido da cidade,
mostrai, como o desejo, gravidade:
imaginai na forma mais notória
as pessoas de nossa nobre história,
tal como em vida foram. Na grandeza
própria as acompanhai, na mais acesa
companhia de tantos seguidores,
turba anelante que enche os corredores.
Mas vede agora como a cena séria
vai bater tristemente na miséria,
e vos direi, se rirdes um momento,
que é possível chorar num casamento.

Ato I · Cena I

Londres. Na antecâmara do palácio.
Entra por uma porta o Duque de Norfolk; por outra, o Duque de Buckingham e Lorde Abergavenny.

BUCKINGHAM · Feliz encontro e venturoso dia.
Como passastes desde que nos vimos
ultimamente em França?
NORFOLK · A Vossa Graça
muito agradeço. Com saúde, e sempre
admirador de quanto vi por lá.
BUCKINGHAM · Um acesso de febre inoportuna
me fez ficar no quarto prisioneiro,
quando esses sóis da glória, luminares
da humildade, em Ardres se encontraram.
NORFOLK · Foi entre Guines e Ardres. Eu me achava
presente e os vi saudarem-se a cavalo;
contemplei-os depois, quando se apearam,
e abraçarem-se os vi de tal maneira,
como se confundidos estivessem.
E se assim fosse, mesmo, onde acharíamos
quatro tronos que, postos na balança,
equivalessem a esse trono duplo?
BUCKINGHAM ·
Todo esse tempo eu prisioneiro estava
no meu quarto de doente.
NORFOLK · Então perdestes
a visão do que a terra tem de grande.
Poder-se-ia dizer que até aquela hora
solteira estava a pompa e que nesse ato
com algo se casou acima dela.
Cada dia vencia os anteriores,
até que chegasse o último e deixasse
como próprio o prodígio deles todos.
Quando os franceses, somente ouro e brilho,

shakespearebrasileiro.org

como deuses pagãos nos ofuscavam,
no dia imediato nós fazíamos
da Grã-Bretanha a Índia: qualquer homem
que se alçasse, uma mina parecia.
Os anõezinhos pajens dir-se-iam
querubins, todos de ouro; as próprias damas,
não afeitas à lida, quase suavam
sob o peso do orgulho, de tal forma
que o trabalho de enfeite lhes servia.
Se qualquer mascarada se dissesse
incomparável, a da subseqüente
noite a deixava estúpida e mendiga.
Cada um dos dois monarcas, de igual lustre,
mais ou menos brilhante se ostentava,
conforme aparecesse. Era louvado
de per si qualquer deles; quando juntos,
dizia-se que um só se percebia,
não se atrevendo os próprios entendidos
a confrontá-los nunca, que esses astros —
pois assim lhes chamavam — desafiavam,
por seus arautos, para as altas justas
seus espíritos nobres, realizavam
feitos além de quanto é concebível,
de tal forma que as fábulas de antanho,
como possíveis tendo-se afirmado,
ganharam novo crédito, levando-nos
a ter por certo o que nos conta Bevis.

Buckingham · Oh! ides muito longe.

Norfolk · Tão verdade
como eu ser nobre e a honestidade na honra
procurar sempre: os diferentes lances
dessa festa algum brilho perderiam
nos mais altos discursos, pois para eles
a melhor língua era dos próprios feitos.
Tudo ali era real; nenhuma parte
colidia com outra; a ordem fazia
ressaltar tudo, executando todas
as funções seu papel à maravilha.

Buckingham ·
Quem dirigiu, pergunto, quem, segundo
vossa opinião, reuniu o corpo e os membros
dessa esplêndida festa?

Norfolk · Alguém, decerto,
que inclinação nenhuma demonstrara
para um negócio desses.

Buckingham · Por obséquio,
milorde, quem fez isso?

Norfolk · Regulado
foi tudo pelo engenho extraordinário
do muito reverendo Cardeal de York.

Buckingham ·
O diabo que o carregue! Em todo bolo
mete o dedo ambicioso. Que tinha ele
que ver com tanto excesso de vaidade?
Espanto-me de ver que uma montanha
de sebo, só com seu volume, possa
os raios absorver do sol benéfico
e da terra desviá-los.

Norfolk · Certamente,
senhor, há nele estofo que assegura
tão grande resultado, pois o apoio
não tendo de linhagem mui notória,
cujo prestígio abre caminho aos netos,
nem havendo prestado altos serviços
à coroa, nem tendo como aliadas
pessoas de valor, mas, como a aranha
que de si própria tece a fina teia,
prova que é a força de seu próprio mérito
que lhe franqueia a estrada, dom celeste
que um lugar lhe assegura junto ao trono.

Abergavenny · O que lhe deu o céu, não sei dizê-lo;
que olhar mais penetrante isso descubra.
Mas seu orgulho posso ver, que espia
por todos os seus traços. De onde o obteve?
Se não do inferno, é que é mesquinho o diabo,
ou já deu quanto tinha, e ele outro inferno
dentro de si se pôs a criar de novo.

Buckingham ·
Nessa excursão de França, por que diabo
chamou a si o encargo, à revelia
do rei, de designar os que deviam
constituir seu séquito? Ele mesmo
a lista preparou dos gentis-homens,
de maneira geral só escolhendo
os a que ele pretende impor um fardo
muito grande para honra secundária.
Uma simples cartinha de seu punho —
sem consulta ao Conselho generoso —
faz do destinatário auxiliar dele.

Abergavenny ·
Sei de parentes meus — três, nesse caso,
pelo menos, se encontram — que com isso
de tal modo, esgotaram seus haveres,
que jamais poderão voltar ao prístino
bem-estar da família.

shakespearebrasileiro.org

Buckingham · Oh! muita gente
teve a espinha quebrada pelo peso
de suas propriedades, só para irem
nessa imponente viagem. Tanta mostra
de vaidade, no entanto, tão-somente
serviu para animar umas conversas
de consistência nula.
Norfolk · É pesaroso
que eu penso que essa paz entre os franceses
e nós não vale quanto nos custou.
Buckingham ·
Não houve quem, depois da tempestade
que veio logo após, não se sentisse
como inspirado e, sem consulta prévia,
não fizesse, de pronto, a profecia
de que essa tempestade, assim tirando
da paz o tênue véu, só pressagiava
sua ruptura súbita.
Norfolk · É bem claro,
pois já quebrou a França o compromisso
e embargou em Bordéus a carga toda
de nossos mercadores.
Abergavenny · Foi por isso
que nosso embaixador foi despedido?
Norfolk · Sim, sem dúvida alguma.
Abergavenny · Belo pacto,
comprado por um preço exorbitante.
Buckingham · E todo esse negócio, dirigido
foi por nosso cardeal mui reverendo.
Norfolk · Perdoe-me Vossa Graça, todo o Estado
conhecimento tem da desavença
que entre vós e o cardeal há muito existe.
Assim, vos aconselho — e aceitai isto
de um coração que vos deseja apenas
honra e prosperidade muito sólida —
considerardes como equivalentes
o poder do cardeal e sua astúcia;
e mais: que a tudo quanto seu grande ódio
deseje pôr em prática, não há de
faltar nunca o instrumento sempre a jeito.
Não ignorais a natureza dele;
sabeis que é vingativo, e eu tenho ciência
de que sua espada é de mui fino corte.
É comprida; podemos dizer, mesmo,
que alcança longe; e onde atingir não possa,
decidido ele a joga. No imo peito
guardai este conselho, pois haveis
de achá-lo salutar. Eis que vem vindo
a rocha que evitar vos aconselho.

(Entra o Cardeal Wolsey; a bolsa é trazida na sua frente; alguns guardas e dois secretários com papéis o seguem. De passagem, o cardeal e Buckingham trocam olhares desdenhosos.)

Wolsey · Olá! O processo do inspetor do Duque
de Buckingham está aí?
Primeiro Secretário ·
Aqui se encontra, senhor.
Wolsey · E ele está pronto, pessoalmente?
Primeiro Secretário ·
Sim, quando a Vossa Graça for servido.
Wolsey · Bem; depois trataremos desse assunto.
Buckingham vai baixar o olhar altivo.

(Sai Wolsey com seu séquito.)

Buckingham · Esse cão de açougueiro tem a boca
venenosa e eu não posso amordaçá-la.
Assim, não despertá-lo é aconselhável.
O livro do mendigo tem vantagem
sobre o sangue de um nobre.
Norfolk · Como assim!
Ficastes exaltado? É conveniente
pedir a Deus moderação, que é o único
remédio que reclama vossa doença.
Buckingham · Li algo contra mim nos olhos dele.
Seu olhar me humilhou, como ao mais ínfimo
dos servos, e ora mesmo me transpassa
traiçoeiramente. Foi falar com o rei;
sigo-lhe já no encalço, para os olhos
obrigá-lo a baixar.
Norfolk · Parai, milorde,
e que vossa razão com vossa cólera
se ponha a discutir sobre esse intento.
Quem altos montes galga, de começo
progride lentamente. A zanga é como
um cavalo ardoroso que, podendo
seguir por onde queira, o próprio fogo
logo o deixa cansado. Na Inglaterra
não há quem poderia aconselhar-me
como vós; sede pois para vós mesmo
o que seríeis para vosso amigo.
Buckingham · Vou procurar o rei, e pela boca
da honra aos gritos farei que a empáfia desse
tipo de Ipswich ao pó lançada seja;
se não, proclamarei que se anularam
todas as diferenças entre os homens.
Norfolk · Sede sensato, não deixando quente

shakespearebrasileiro.org

por demais a fornalha do inimigo,
para que não venhais a cair nela.
Ultrapassar podemos, por excesso
de rapidez, a meta a que almejávamos,
perdendo-a, assim, por esse próprio excesso.
Como o sabeis, a chama que o licor
faz subir na vasilha e derramar-se,
parecendo aumentá-lo, o esgota apenas.
Sede sensato, torno a aconselhar-vos.
Na Inglaterra não há cabeça alguma
capaz de dirigir-vos como a vossa,
se quiserdes com a seiva da prudência,
quando não apagar, deixar mais brando
o fogo da paixão.
BUCKINGHAM · Senhor, por isso
vos fico agradecido; vou guiar-me
por vossa prescrição. Mas esse tipo
arqui-orgulhoso — não me leva o excesso
de cólera a nomeá-lo desse modo,
mas honesta emoção — por muitos certos
indícios, provas claras como as fontes
no mês de julho, quando distinguimos
no fundo os grãos de areia, tenho em conta
de corrupto e traiçoeiro.
NORFOLK · Não "traiçoeiro";
não digais isso.
BUCKINGHAM · Vou dizê-lo ao rei,
e minhas provas hão de ser tão fortes
como praia de rocha. Sede atento.
Esta santa raposa, ou lobo, ou ambos —
pois tão voraz ele é quanto astucioso,
e tão propenso a excogitar maldades,
a executá-las sempre, de alma e posto
que reciprocamente se infeccionam,
contanto que estadeie aqui e em França
toda essa pompa — ao nosso soberano
sugeriu esse pacto tão custoso,
essa entrevista que absorveu tesouros
de tal valia e que acabou partindo-se,
qual vidro a ser limpado.
NORFOLK · É certo, é certo
por minha fé; fez isso.
BUCKINGHAM · Por obséquio,
senhor! Esse cardeal astuto e fino
redigiu os artigos do contrato
como bem entendeu, tendo sido eles
ratificados com ter declarado:
"Faça-se assim!" Mas são tão úteis como
muletas para um morto. Pouco importa!
Foi o conde-cardeal o autor de tudo;
o digno Wolsey, que errar não pode nunca,
foi quem fez isso. Mas o que se segue —
que a meu ver é uma espécie de ninhada
da velha mãe Traição — é apenas isto:
Carlos, o imperador, sob o pretexto
de vir ver a rainha sua tia —
foi apenas pretexto, que, em verdade,
veio ele para cochichar com Wolsey —
fez-nos uma visita. Ele temia
que do encontro marcado entre os monarcas
da Inglaterra e da França lhe pudesse
surgir qualquer prejuízo, que, em verdade,
nessa liga ele via qualquer coisa
que podia ameaçá-lo. Assim, com nosso
cardeal ele tratou muito em segredo —
como imagino, sim, tenho certeza,
pois convencido estou de que o monarca
pagou antes de obter o prometido,
com que teve a intenção assegurada
bem antes de enunciá-la. — Em suma, havendo
franqueado a estrada e de ouro atapetado,
desta arte o imperador manifestou-se:
que nele estava obter que o rei o curso
desviasse da política e o contrato
de paz viesse a romper. É necessário
que o rei saiba — e por mim virá a sabê-lo —
que o cardeal deste modo compra e vende
a honra do reino, e tudo em seu proveito.
NORFOLK · Entristece-me ouvir tais coisas dele;
desejara saber que há nisso equívoco.
BUCKINGHAM ·
Não, nem no menor ponto; apresentei-o
com os verdadeiros traços com que ele há de
desmascarado ser dentro de pouco.

(Entra Brandon, precedido de um sargento de armas.)

BRANDON · Vosso ofício, sargento, executai-o.
É convosco, senhor Duque de Buckingham
e Conde de Hereford, Stafford e Northampton;
em nome de nosso alto soberano,
por crime de traição eu te detenho.
BUCKINGHAM · Milorde, sobre mim caiu a rede;
a vida perco por traição e astúcia.

shakespearebrasileiro.org

Brandon · Pesa-me ver-vos sem a liberdade
e ter de ao fim levar esta incumbência.
A determinação de Sua Alteza
é que sejais levado para a Torre.
Buckingham · Protestar inocência fora inútil;
a mancha que em mim pesa deixa negra
minha própria brancura. Seja feita
a vontade do céu, agora e sempre.
Obedeço. Oh! adeus, adeus, milorde
de Abergavenny.
Brandon · Não; ele também
vos fará companhia. *(A Abergavenny.)*
É da vontade
do monarca que vades para a Torre
até poderdes ter certificado
do que ele decidir.
Abergavenny · Tal como o duque,
também direi que em tudo seja feita
a vontade do céu, e obediente
me declaro ao prazer do soberano.
Brandon · Ordem expressa aqui trago do rei
para a prisão de Lorde Montacute,
devendo, após, prender João de la Car,
o confessor do duque, um tal Gilberto
Peck, seu chanceler...
Buckingham · Bem, bem; os membros
dessa conspiração. É tudo, creio.
Brandon · Há um monge cartuxo.
Buckingham · Como! Como!
Nicolau Hopkins?
Brandon · Esse.
Buckingham · É um miserável
meu intendente. O cardeal imenso
lhe ofereceu dinheiro. Tenho os dias
contados; sou a pobre sombra, apenas,
de Buckingham, que neste instante a forma
de uma nuvem assume, para escuro
deixar meu claro sol. Milorde, adeus.

(Saem.)

Ato I · Cena II

Sala do Conselho.
Entra o rei, apoiado no ombro do cardeal, os nobres do Conselho, Sir Tomás Lovell, oficiais e pessoas do séquito. O cardeal vai sentar-se aos pés do rei, ao lado direito.

Rei Henrique · Sim, toda a minha vida, do mais fundo
do coração vos agradece tanto
cuidado e vigilância. Eu me encontrava
na iminência de ser estraçalhado
pela deflagração de uma conjura.
Mas frustraste-la; muito agradecido.
Trazei à nossa frente o gentil-homem
da família de Buckingham; desejo
ouvi-lo pessoalmente. Vai contar-me
mais uma vez, sem discrepância alguma,
as traições de seu amo.

(Ouvem-se vozes, dentro: "Passagem para a rainha!" Entra a Rainha Catarina, introduzida pelos Duques de Norfolk e de Suffolk. Ela ajoelha-se. O rei se alça do trono, levanta-a, beija-a e fá-la sentar-se ao seu lado.)

Rainha Catarina · Não; preciso
ficar de joelhos? vim como pedinte.
Rei Henrique ·
Levantai-vos e, ao nosso lado, vinde
tomar vosso lugar. Não é preciso
que nos digais metade do pedido.
A metade possuis de nosso mando;
sem ser pedida, a outra metade é vossa.
Dizei o que quereis, que já está feito.
Rainha Catarina ·
Muito agradeço a Vossa Majestade.
Que vos ameis e, nesse grande afeto,
não deixeis nunca de atender vossa honra,
nem de vosso alto posto a dignidade,
o objeto constitui de meu pedido.
Rei Henrique · Senhora, continuai.
Rainha Catarina · Tenho-me visto
solicitada por não poucos súditos,
os de maior apreço, que se queixam
de grandes aflições que todos sofrem.
Para eles comissões têm sido enviadas
que o coração estraçalhar conseguem
da lealdade de todos. E conquanto,
meu bom Lorde Cardeal, eles dirijam

shakespearebrasileiro.org

contra vós as censuras mais acerbas,
de serdes o fautor dessas violências,
o rei, nosso senhor — que o céu conserve
seu nome isento de qualquer vileza! —
escapar não consegue dos discursos
desrespeitosos, sim, dessa linguagem
que os flancos arrebenta da lealdade
e quase em rebelião se manifesta.
Norfolk · Não "quase"; manifesta-se, realmente.
Pois sob esses impostos tão pesados,
todos os fabricantes de tecidos,
sustentar não podendo tanta gente,
em massa despediram seus fiandeiros,
pisoeiros, tecelões e cardadores,
que, incapazes de uma outra atividade,
pela fome acossados, sem recurso,
premidos pelo desespero, os fatos
atacam pela frente. Todos se acham
presentemente em franca rebelião,
servindo em suas filas o perigo.
Rei Henrique ·
Impostos? De que espécie? Quais são eles?
Senhor cardeal, que vos achais conosco
censurado igualmente por tudo isso,
que sabeis a respeito desse imposto?
Wolsey · Se o permitis, senhor, conheço apenas
uma pequena parte dos negócios
relativos ao Estado e me coloco
junto dos outros que comigo marcham.
Rainha Catarina ·
Sim, milorde, é verdade: mais que os outros
não sabeis; mas sois vós o autor de coisas
que do conhecimento são de todos
e que não são saudáveis para quantos
ignorá-los de todo quereriam,
mas forcados se vêem a conhecê-las.
Sim, essas exações, de que informado
quer ser o soberano, só o ouvi-las
nos causa mal às ouças; suportá-las...
não resistimos sob o peso delas.
Dizem que fostes vós o autor da idéia;
não sendo assim, estais sendo inculpado
por maneira mui grave.
Rei Henrique · Como! Como!
Mais exações? Vejamos: de que espécie?
De que espécie são elas?
Rainha Catarina · Grande risco
existe em pôr à prova, desse modo,
vossa paciência; mas encontro apoio
na promessa de Vossa Majestade,
de que me perdoaria. A geral queixa
provém das comissões, que deles todos
exige a sexta parte dos haveres,
que arrecadada tem de ser com urgência,
sendo o pretexto que para isso alegam,
vossas guerras na França. Isso dá pábulo
às línguas atrevidas; longe as bocas
cospem todo o respeito e se congela
nos frios corações toda a lealdade.
Onde moravam preces, moram pragas,
chegando tudo ao ponto de que a dócil
obediência em escravo transformou-se
da vontade exaltada. Desejara
que sem delongas Vossa Alteza desse
a máxima atenção a esse negócio.
Mais urgente não há.
Rei Henrique · Por minha vida,
contraria isso tudo nosso gosto.
Wolsey · Por mim, não fui mais longe nisso tudo
do que por meio de um singelo voto,
só o tendo dado após o assentimento
de juízes ponderados. Se acusado
estou sendo por línguas ignorantes
que, sem nada saberem de meus planos
e de minha pessoa, de meus feitos
em crônica se arvoram, permiti-me
dizer-vos que essa é a sorte de meu posto,
a vereda de espinhos que a virtude
terá de atravessar. Não é possível
coibir-me de fazer o que é preciso,
com medo de ir bater nos maliciosos
censuradores, que procedam sempre
como peixes vorazes, que na esteira
se põem de barco de recente fábrica,
embora outra vantagem não consigam,
além da inveja inútil. Muitas vezes
o que fazemos de melhor, no juízo
dos fracos ou maldosos julgadores,
feito não foi por nós, ou implica abuso,
e nossos piores atos — é freqüente —
interpretados por grosseiro espírito,
são proclamados como grandes feitos.
Se imóveis nos pusermos, pelo medo
de que possam zombar de nossos passos,

shakespearebrasileiro.org

ou cobri-los de opróbrio, criaremos
raiz onde estivermos, ou ficamos
na posição de estátua, simplesmente.
REI HENRIQUE · A ação louvável, feita com cuidado,
a si mesma se isenta de censura,
mas de temer em suas conseqüências
é a que não acha apoio no passado.
Em algum precedente vos baseastes
para tal exação? Em nenhum, creio.
Arrancar não devemos nossos súditos
de nossas leis, nem menos amarrá-los
ao nosso despotismo. A sexta parte
dos haveres? Que imposto apavorante!
É como se tirássemos das árvores
a copa, a casca e parte, até, do tronco;
muito embora as raízes lhes deixássemos,
mutilada a esse ponto, o ar absorvera,
sem falta, toda a seiva. Que se enviem
cartas nossas a todos os condados
em que houve lançamento desse imposto,
perdão amplo anunciando a todos quantos
à nossa execução se revoltaram.
Por favor, cuidai logo desse assunto;
deixo isso a vosso encargo.
WOLSEY *(ao secretário)* · Uma palavra
muito em particular. Enviai missivas
a todos os condados, anunciando
graça e perdão da parte do monarca.
É-nos contrário o povo desgostoso.
Fazei, por isso, propalar o boato
de que houve nossa interferência nessa
revogação e no perdão de todos.
Sobre esse assunto vos darei em breve
maiores instruções.

(Sai o secretário.)
(Entra o intendente.)

RAINHA CATARINA ·
Sentida me deixou saber que o Duque
de Buckingham caiu recentemente
no vosso desagrado.
REI HENRIQUE · Muita gente,
também, ficou sentida. É um gentil-homem
muito instruído, orador de raros dotes,
com quem foi liberal a natureza,
de tal educação que poderia
conselhos ministrar e ensinamentos
aos mais conspícuos mestres, sem que nunca
para si próprio ajuda procurasse.
E, contudo, quando esses altos dotes
não são bem aplicados, corrompida
que a alma se torne, em vícios todos eles
se transformam, dez vezes mais horrendos
do que antes eram belos e atraentes.
Esse homem tão completo, que alistado
foi entre as maravilhas, que, do gozo
de ouvi-lo nos fazia ter uma hora
de conversa por um fugaz minuto;
esse mesmo, senhora, às qualidades
que lhe eram próprias emprestou roupagens
monstruosas e ficou tão negro como
se o próprio inferno o houvesse enegrecido.
Ao nosso lado vinde ora sentar-vos.
Ouvireis coisas — este gentil-homem
já foi de sua inteira confiança —
de deixar a honra triste. Ele que conte
mais uma vez os fatos horrorosos
de que fugir não poderemos nunca
bastantemente, como não quiséramos
sobre eles ouvir nada.
WOLSEY · Apresentai-vos
e relatai com corajoso espírito,
como compete a um súdito zeloso,
quanto pudestes arrancar do Duque
de Buckingham.
REI HENRIQUE · Com liberdade fala.
INTENDENTE · Primeiramente, como era costume
dele, todos os dias empestava
seu discurso dizendo que, no caso
de vir o rei a falecer sem prole,
arranjaria as coisas de maneira
que o cetro a obter viria. Ouvi quando ele
essas mesmas palavras disse ao genro,
Lorde Abergavenny, a quem ele a jura
fez de tomar vingança do cardeal.
WOLSEY · Observe Vossa Alteza a criminosa
traça desse projeto. Não se achando
com sua própria aspiração de acordo,
profundamente hostil sua vontade
se tornou contra vossa alta pessoa.
Vai mais além: vossos amigos fere.
RAINHA CATARINA · Interpretai com caridade tudo,
sábio Lorde Cardeal.
REI HENRIQUE · Vamos adiante.

Como ele a presunção justificava,
uma vez consumada nossa queda?
Ouviste-o discorrer sobre esse ponto?
INTENDENTE · Foi levado a pensar dessa maneira
por uma falsa e inútil profecia
de Nicolau Hopkins.
REI HENRIQUE · Quem é esse Hopkins?
INTENDENTE · É um cartuxo, senhor, confessor dele,
que a todos os momentos o alimenta
com palavras de trono e de realeza.
REI HENRIQUE · E como soubeste isso?
INTENDENTE · Pouco tempo
antes de Vossa Alteza ir para a França,
na Rosa estando o duque, na paróquia
de São Lourenço Poultney, perguntou-me
que se falava em Londres dessa viagem.
Temiam, respondi-lhe, uma perfídia
por parte dos franceses, perigosa
para nosso monarca. E logo o duque
retrucou que em verdade havia causa
para isso e que talvez se confirmasse
certo dito profético de um monge
de grande santidade, "que freqüentes
vezes", acrescentou, "me tem mandado
recado para que eu autorizasse
meu capelão, João de la Car, a assunto
de relevância dele ouvir em hora
previamente assentada. E após haver-lhe
solenemente o capelão jurado,
tal como em confissão, que quanto dele
pudesse ouvir, a ser nenhum com vida,
a não ser a mim mesmo, transmitira,
com toda a gravidade e segurança
disse ele devagar: Nem o monarca
nem seus herdeiros — contai isso ao duque —
poderão prosperar; que ele se esforce
por ganhar o favor do povo miúdo.
Reinar ainda há de o duque na Inglaterra".
RAINHA CATARINA ·
Se estou bem informada, já estivestes
como intendente dele, tendo o posto
perdido pela queixa dos rendeiros.
Tomai cuidado, para não manchardes
uma nobre pessoa com vosso ódio,
vindo a perder, assim, vossa nobre alma.
Digo: tende cuidado; sim, concito-vos
de todo o coração a fazer isso.
REI HENRIQUE · Deixai-o continuar; vamos, prossegue.
INTENDENTE · Só direi a verdade, por minha alma.
Disse a milorde, o duque, que esse monge
bem poderia vítima estar sendo
das ilusões do diabo, e que era muito
perigoso para ele demorar-se
num pensamento desses até o ponto
de formar algum plano que factível
lhe parecesse, tal como acontece
freqüentemente. Respondeu-me: "Cala-te!
nunca isso poderá prejudicar-me",
tendo dito depois que se o monarca
morrido houvesse na última doença,
Sir Tomás Lovell e o cardeal teriam
cortadas as cabeças.
REI HENRIQUE · Oh! que zelo!
Há maldade nesse homem. Tens alguma
coisa mais a contar?
INTENDENTE · Tenho, senhor.
REI HENRIQUE ·
Então, prossegue.
INTENDENTE · Achava-me em Greenwich,
de uma feita, depois que Vossa Alteza
censura fez ao duque, por motivo
de Sir Guilherme Blomer...
REI HENRIQUE · Lembro-me ainda
desse fato: sendo ele do meu feudo,
entre os vassalos dele o pôs o duque.
Bem; e depois?
INTENDENTE · No caso, disse-me ele,
de eu ter sido mandado para a Torre
por causa disso, como fora crível,
representado houvera a mesma parte
que meu pai quis representar no tempo
do usurpador Ricardo: em Salisbury
se achando, permissão pediu de à frente
comparecer do rei. Caso tivesse
sido atendido — e era pretexto as suas
homenagens prestar-lhe — apunhalado
haveria o monarca.
REI HENRIQUE · Oh gigantesco
traidor!
WOLSEY · Que achais, senhora: poderia
Sua Alteza viver tranqüilamente,
estando esse homem livre?
RAINHA CATARINA · Possa tudo

shakespearebrasileiro.org

em Deus achar remédio!
REI HENRIQUE · Alguma coisa
parece que ainda tens para contar-nos.
Continua.
INTENDENTE · Depois de ter falado
"na parte de meu pai" e, também, "faca",
pôs-se de pé e, a mão assim na espada,
a outra no peito, levantando os olhos,
soltou um juramento pavoroso,
dizendo que se viesse a sofrer algo,
tanto ao pai se adiantara, quanto dista
da execução o plano irresoluto.
REI HENRIQUE · Era seu fim fazer de nosso corpo
bainha para espada. Já está preso.
Levai-o sem demora ao julgamento.
Se puder encontrar na lei amparo,
concedido há de sê-lo; do contrário,
em nós não há de achá-lo. Oh! noite e dia!
revela na traição grande mestria!

(Saem.)

Ato I · Cena III

Um quarto no palácio.
Entram o Lorde Camareiro e Lorde Sands.

CAMAREIRO · Como! Será possível que os encantos
da França agora obriguem tanta gente
a seguir essas modas arbitrárias?
SANDS · A moda, embora chegue a ser ridícula,
indigna até dos homens, é seguida.
CAMAREIRO · Pelo que vejo, todas as vantagens
que os ingleses ganharam nessa viagem
não passam de uma ou duas carantonhas.
Mas são horrendas; pois, ao assumi-las,
poderíeis jurar no mesmo instante
que seus narizes foram conselheiros
de Pepino ou Clotário, tal a sua
majestade e imponência.
SANDS · Todos eles
têm pernas novas, porém sempre mancas.
Quem nunca antes os visse andar, pensara
que sofressem manqueira.
CAMAREIRO · Pela Morte,
milorde! A roupa deles é de talho
tão pagão, que é certeza haverem gasto
tudo o que de cristãos possuíam antes.

(Entra Sir Tomás Lovell.)

Então, Sir Tomás Lovell! Que há de novo?
LOVELL · Por minha fé, milorde, não conheço
novidade nenhuma, se tirarmos
o edito que acabaram de afixar
na porta do castelo.
CAMAREIRO · E seu objeto?
LOVELL · A reforma dos nossos perfumados
viajantes, que de brigas deixam cheia
a corte, de conversas e alfaiates.
CAMAREIRO · Isso me alegra. Agora pediria
a esses monsieurs que aos cortesãos ingleses
concedessem bom senso, embora nunca
tivessem visto o Louvre.
LOVELL · É necessário —
as condições são essas — que eles ponham
de lado as plumas e demais tolices
que trouxeram da França, juntamente
com os muito honrosos pontos da ignorância
que disso fazem parte, como duelos
e fogos de artifício, o menosprezo
de pessoas que valem mais do que eles
e que alvo são do pedantismo exótico...
Libertem-se da fé que têm no tênis,
nas meias altas e calções com fofos,
e todos esses símbolos da viagem,
voltando a ser, como antes, gente honesta,
ou as malas aprontem e retornem
para os seus companheiros de loucura,
onde eles poderão — é o que presumo —
gastar *cum privilegio* o que lhes resta
de impudicícia, à custa do ridículo.
SANDS · É tempo de lhes dar algum remédio;
a doença está ficando contagiosa.
CAMAREIRO · Que perda para nossas damas, essa
de tão raras vaidades!
LOVELL · Oh! decerto.
Vai haver muito choro, meus senhores;
esses bastardos astuciosos têm
manha para fazer que as damas caiam:
fazem grandes milagres.
SANDS · Que lhes sirva

shakespearebrasileiro.org

de rabequista o diabo! Bem, que partam
todos eles, pois, é certeza, nunca
virão a endireitar. Dagora em diante,
qualquer fidalgo honesto da campanha,
como eu, por tanto tempo conservado
fora do jogo, poderá sua ária
modesta apresentar e ser ouvido
durante uma hora, sim, pela Madona,
e até passar por músico aceitável.
Camareiro · Muito bem, Lorde Sands; ainda tendes
vossos dentes de leite.
Sands · E conservá-los
pretendo, enquanto me restar um coto.
Camareiro · Para onde ides agora, Sir Tomás?
Lovell · À casa do cardeal, e sei que Vossa
Senhoria também foi convidado.
Camareiro · Oh! decerto! Hoje à noite em casa dele
vai haver um banquete de mão-cheia,
para muitos fidalgos e senhoras.
As belezas do reino hão de presentes
estar à festa, posso asseverar-vos.
Lovell · De coração magnânimo é esse príncipe
da Igreja e mão fecunda como a terra,
que alimento nos dá. Por toda parte
se espalha o orvalho dele.
Camareiro · É certo: é nobre.
Boca negra há de ter quem outra coisa
disser a seu respeito.
Sands · Não lhe faltam
razões, milorde, para ser magnânimo.
No caso dele a economia fora
pecado mais nocivo que a heresia.
Os homens de seu timbre devem sempre
ser liberais. O exemplo parte deles.
Camareiro · Perfeitamente; porém poucos hoje
dão tão grandes exemplos. Minha barca
por mim espera; Vossa Senhoria
irá comigo. Vamos, meu bondoso
Sir Tomás; chegaremos atrasados;
com Sir Henrique Guildford indicado
fui para ser mordomo dessa festa.
Sands · Fico às ordens de Vossa Senhoria.

(Saem.)

Ato I · Cena IV

Sala no palácio de York.
Oboés. Uma pequena mesa sob um dossel, para o Cardeal Wolsey; uma mesa grande para os hóspedes. Por uma porta entra Ana Bolena acompanhada de várias damas e senhoras de qualidade, como hóspedes; pela outra entra Sir Henrique Guildford.

Guildford · Minhas senhoras, cordiais boas-vindas
vos trago aqui por parte de Sua Graça.
A todos vós e à distração dedica
esta noite o cardeal, estando certo
de que nenhum dos componentes deste
nobre bando de casa trouxe a mínima
preocupação. A todos ele almeja
a alacrídade que o bom vinho, as boas
companhias e o bom acolhimento,
de regra, a toda gente boa ensejam.

(Entram o Lorde Camareiro, Lorde Sands e Sir Tomás Lovell.)

Camareiro · Ainda sois moço, Sir Henrique Guildford.
Sands · Sir Tomás Lovell, se o cardeal tivesse
metade, apenas, de meus pensamentos
mundanos, asseguro-vos que muitas
destas senhoras hoje encontrariam,
antes de irem dormir, um bom refresco,
oh! muito mais do agrado delas todas.
Lovell · Se de uma ou duas Vossa Senhoria
fosse hoje o confessor!
Sands · Oh! quem me dera!
Encontrariam branda penitência.
Lovell · Branda, como?
Sands · Tão branda quanto um leito
de plumas ensejasse.
Camareiro · Caras senhoras, não quereis sentar-vos?
Sir Henrique, ficai daquele lado,
que eu me encarrego deste. Sua Graça
vem já. Não, não podeis ficar geladas;
quando se sentam juntas duas damas,
o tempo deixam frio. Lorde Sands,
vós é que ireis deixá-las sempre espertas;
vinde sentar-vos entre estas senhoras.
Sands · Por minha fé, a Vossa Senhoria

shakespearebrasileiro.org

sou muito agradecido. Com licença,
gentis senhoras.
(Senta-se entre Ana Bolena e outra dama.)
Se se der que eu fale
com certo estouvamento, desculpai-me,
que isso é herança paterna.
ANA · Ele era louco?
SANDS · Oh, em excesso! Louco, a conta inteira;
no amor, também. Mas a ninguém mordia;
como ora faço, poderia vinte
beijos vos dar num fôlego.
(Beija-a.)
CAMAREIRO · Bem dito,
milorde; agora, sim, estais sentado
num bom lugar. A culpa, cavalheiros,
será só vossa, se estas lindas damas
daqui saírem com fechado rosto.
SANDS · Deixai-me só com o pouco que me toca.
(Oboés. Entra o Cardeal Wolsey, acompanhado, e vai sentar-se sob o dossel.)
WOLSEY · Sede bem-vindos, belos convidados.
A gentil dama ou o nobre cavalheiro
que não mostrar franca alegria agora,
não tem amor a mim. Sede bem-vindos
novamente. À saúde de vós todos.
(Bebe.)
SANDS · Vossa Graça é gentil. Dêem-me uma taça
que conter possa os agradecimentos
e um discurso me poupe.
WOLSEY · Lorde Sands,
muito vos agradeço. Deixai ledas
vossas vizinhas; não estão alegres.
Cavalheiros, quem tem a culpa disso?
SANDS · Primeiro o rubro vinho há de subir-lhes,
senhor, às belas faces, para que elas
de tanto conversar nos deixem mudos.
ANA · Milorde Sands, sois um par alegre.
SANDS · Quando posso escolher a contraparte.
Eis vinho para Vossa Senhoria.
Se quiserdes beber... Porque se trata
de uma coisa...
ANA · Que não podeis mostrar-nos.
SANDS · Não disse a Vossa Graça que haveriam
de soltar logo a língua?
(Ouve-se toque de trombetas e de tambores; descarga de artilharia.)
WOLSEY · Que aconteceu?
CAMAREIRO · Alguém vá ver o que houve.
(Sai um criado.)
WOLSEY · Que ruído belicoso será esse?
Que significará? Minhas senhoras,
nada temais, pois tendes privilégios
assegurados pelas leis da guerra.
(Volta o criado.)
CAMAREIRO · Então, que aconteceu?
CRIADO · Um nobre bando
de estrangeiros, parece. Já saltaram
do barco e se aproximam como grandes
embaixadores de estrangeiros príncipes.
WOLSEY · Bondoso Lorde Camareiro, dai-lhes
as boas-vindas, pois falais francês,
e até nós os trazei, para que a todos
este céu de belezas ilumine
completamente. Alguns o ajudem nisso.
(Sai o Lorde Camareiro, acompanhado. Todos os convivas se levantam; são removidas as mesas.)
Tivestes o banquete interrompido;
mas saberei remediar isso. Boa
digestão a vós todos. E de novo
vos dou as boas-vindas. Sois bem-vindos.
(Oboés. Entram o rei e outros fidalgos, mascarados e fantasiados de pastores, introduzidos pelo Lorde Camareiro. Dirigem-se diretamente para o cardeal e o saúdam graciosamente.)
Que nobre companhia. Que desejam?
CAMAREIRO · Pedem que diga a Vossa Graça, visto
nenhum falar inglês, que, tendo ouvido
pela alta Fama que uma companhia
bela e nobre haveria de reunir-se
neste ponto hoje à noite, não puderam
menos de abandonar os seus rebanhos,
movidos do respeito que à beleza
sempre têm demonstrado, e sob o vosso
patrocínio licença vos impetram
para ver estas damas e uma hora
de distração passar com todas elas.
WOLSEY · Dizei-lhes, Lorde Camareiro, que eles
fazem muita honra à minha pobre casa;
muito lhes agradeço e a todos peço
que aqui procedam como bem quiserem.
(Cada um tira uma dama para dançar; o rei tira Ana Bolena.)

shakespearebrasileiro.org

Rei Henrique · A mão mais bela que eu jamais toquei.
Oh linda! Até hoje eu não te conhecera!
(Música. Dança.)
Wolsey · Milorde!
Camareiro · Vossa Graça?
Wolsey · De minha parte, por favor, dizei-lhes
que deve haver uma pessoa entre eles
mais digna deste assento do que eu próprio,
a quem, se a conhecesse, o cederia
com meu amor e todo o meu respeito.
Camareiro ·
Pois não, milorde.
(Os mascarados cochicham uns para os outros.)
Wolsey · Que é que estão dizendo?
Camareiro ·
Confessam que há, realmente, essa pessoa,
mas querem que a descubra Vossa Graça,
porque o lugar oferecido aceite.
Wolsey · Vou tentar.
(Levanta-se de seu lugar.)
Cavalheiros, com licença:
neste aqui faço a minha real escolha.
Rei Henrique *(tirando a máscara)* ·
Achaste-lo, cardeal. Encantadora
companhia aqui tendes. Bem pensado.
Sois um homem da Igreja; do contrário,
cardeal, eu vos teria em mau conceito.
Wolsey · Alegro-me por ver que Vossa Graça
se mostra espirituoso.
Rei Henrique · Por obséquio,
milorde camareiro, aproximai-vos:
quem é aquela dama encantadora?
Camareiro · Se me permite Vossa Graça, é filha
de Sir Tomás Bolena, do Visconde
de Rochefort; ela é dama da rainha.
Rei Henrique · Pelo céu, é adorável. Minha jóia,
descortesia fora rematada
tirar-vos para a dança sem beijar-vos.
Um brinde, meus senhores! Bebam todos.
Wolsey · Sir Tomás Lovell, pronto está o banquete
na câmara privada?
Lovell · Sim, milorde.
Wolsey · Vossa Graça, receio-o, pela dança
ficou algo animado.
Rei Henrique · Em demasia,
tenho muito receio.
Wolsey · Na outra sala,
milorde, o ar é mais fresco.
Rei Henrique · Levem todos
suas damas. Afável companheira,
não poderei deixar-vos por enquanto.
Alegremo-nos todos. Meu bondoso
Lorde Cardeal, beber ainda pretendo
meia dúzia de brindes com estas damas
e novamente à dança concitá-las.
Depois disso, cada um terá licença
de imaginar que foi o de mais sorte.
Vamos! que soe a música!
(Saem, com toque de trombetas.)

Ato II · Cena I

Westminster. Uma rua.
Entram dois gentis-homens, que se encontram.

Primeiro Gentil-Homem ·
Por que tamanha pressa?
Segundo Gentil-Homem · Oh! Deus vos guarde.
Ia direito à sala do conselho
para ouvir o que vão fazer do grande
Duque de Buckingham.
Primeiro Gentil-Homem · Então vos poupo,
senhor, esse trabalho. Já está tudo
concluído, tirante a cerimônia
de levar novamente o prisioneiro.
Segundo Gentil-Homem ·
Estivestes presente?
Primeiro Gentil-Homem · Sim, decerto.
Segundo Gentil-Homem ·
Que aconteceu? Dizei-me, por obséquio.
Primeiro Gentil-Homem ·
Adivinhar podeis mui facilmente.
Segundo Gentil-Homem ·
Ficou reconhecida a culpa dele?
Primeiro Gentil-Homem ·
Sem dúvida nenhuma, tendo sido,
como tal, condenado.

shakespearebrasileiro.org

Segundo Gentil-Homem · Triste fico
perante essa notícia.
Primeiro Gentil-Homem · Como muitas
outras pessoas.
Segundo Gentil-Homem · Mas, por gentileza,
como se passou tudo?
Primeiro Gentil-Homem · Vou contar-vos
em resumo o que vi. O grande duque
apresentou-se ao tribunal, e a todos
os itens que contra ele formularam
respondeu, declarando-se inocente
e alegando razões de muito peso
porque da lei livrar-se conseguisse.
O advogado do rei, por outro lado,
fazia carga sobre o questionário,
provas e confissões das testemunhas,
com as quais o duque quis ser confrontado
para, de viva voz, poder falar-lhes,
depois do que contra ele depuseram
seu intendente, Sir Gilberto Peck,
também chanceler dele e, assim, John Car,
que foi seu confessor, e aquele monge
diabólico, sim, Hopkins, que culpa
teve de tudo.
Segundo Gentil-Homem · Não foi esse monge
que o empanturrou com suas profecias?
Primeiro Gentil-Homem ·
Precisamente. Todos o acusaram
com veemência. De grado ele teria
destruído tantas provas; mas não pôde.
E assim, ante a evidência, os próprios pares
o declararam réu de alta traição.
Ele se defendeu por muito tempo
e com sabedoria, porque a vida
viesse a salvar; mas tudo foi somente
lastimado ou esquecido na mesma hora.
Segundo Gentil-Homem ·
E após isso, como ele se portou?
Primeiro Gentil-Homem ·
Ao ser trazido novamente à barra
do tribunal para o funéreo toque,
sua sentença, ouvir, de grande angústia
ficou tomado, em bagas lhe escorrendo
pelas faces o suor; falou colérico
qualquer coisa, apressado e sem sentido.
Porém voltou a si em pouco tempo
e, serenado, até o fim mui nobre
resignação mostrou.

Segundo Gentil-Homem · Não acredito
que tenha medo à morte.
Primeiro Gentil-Homem · Não, decerto;
jamais foi pusilânime. Contudo,
tinha razão para ficar nervoso.
Segundo Gentil-Homem ·
Com certeza o cardeal tem parte nisso.
Primeiro Gentil-Homem ·
A pensar desse modo nos obrigam
todas as conjeturas. De começo,
foi detido Kildare, quando ainda era
deputado da Irlanda. Uma vez ele
retirado do posto, foi mandado
para substituí-lo o Conde Surrey,
com toda a urgência, porque não pudesse
levar auxílio ao pai.
Segundo Gentil-Homem · Essa manobra
política revela muita astúcia.
Primeiro Gentil-Homem ·
Quando o conde voltar, isso é certeza,
há de querer vingar-se dele. É fato
mui notório que todas as pessoas
que o monarca distingue, logo arranja
jeito o cardeal para ocupá-la alhures,
bem distante da corte.
Segundo Gentil-Homem · Todo o povo
lhe vota ódio entranhado e, por minha alma,
desejaria de bom grado vê-lo
dez braças sob a terra, enquanto ao duque
todos são afeiçoados, só o chamando
de generoso Buckingham e espelho
de toda a cortesia.
Primeiro Gentil-Homem · Fazei pausa
nessa altura, senhor, e vede o nobre
par arruinado, sobre que faláveis.

(Entra Buckingham, reconduzido do julgamento; oficiais de justiça o precedem, de machado, com o corte virado para o lado dele; alabardeiros de ambos os lados. Vêm com ele Sir Tomás Lovell, Sir Nicolau Vaux, Sir William Sands e gente do povo.)

Segundo Gentil-Homem ·
Vamos ficar mais perto, para vê-lo.
Buckingham · Oh boa gente que de longe viestes
por vos compadecerdes de meu fado:
ouvi quanto vos digo e, abandonando-me,
retornai para casa. Hoje a sentença
recebi de traidor, sendo forçoso
morrer com esse labéu. Contudo, sirva-me

shakespearebrasileiro.org

o céu de testemunha: caso eu tenha
consciência, só desejo que, no instante
de cair o machado, ela me deixe,
tendo eu sido desleal. Não recrimino
por minha morte a lei: justa foi ela,
uma vez admitidas as premissas.
Porém que fossem mais cristãos quisera
aqueles que a aplicaram. Mas perdôo-lhes
quanto eles intentaram. Não se mostrem
jactanciosos, no entanto, na malícia,
nem pretendam construir sua maldade
no sepulcro dos grandes, que contra eles
meu inocente sangue clamaria.
Esperança não tenho de esta vida
terrena prolongar, nem imploro isso,
ainda que mais graças o rei tenha
do que eu pecados cometer ousasse.
Oh vós, pequeno número de amigos
que me tendes amor e revelastes
coragem de chorar a triste sorte
de Buckingham, seus nobres companheiros
e amigos, cuja despedida é a única
amargura, para ele como a morte:
como anjos bons vinde até o fim comigo.
E quando sobre mim cair o longo
divórcio de aço, um doce sacrifício
fazei com vossas preces, elevando
minha alma para o céu. Vamos; levai-me
logo, em nome de Deus.

Lovell · Por caridade
suplico a Vossa Graça: se algum ódio
em qualquer tempo contra mim guardastes
no coração, perdoai-me francamente.

Buckingham · Sir Tomás Lovell, tudo vos perdôo,
tal com desejara ser perdoado.
Perdôo tudo. Haver não pode ofensas
inumeráveis que eu capaz não seja
de esquecer por completo. A negra inveja
não há de assinalar-me a sepultura.
Recomendai-me a sua Graça; caso
a Buckingham venha ele a referir-se,
dizei-lhe, por obséquio, que o encontrastes
a caminho do céu. Meus votos todos
e as orações ao rei dizem respeito,
e enquanto não se despedir minha alma,
só há de suplicar bênçãos para ele.
Que mais anos viver ele consiga
do que tempo me sobra de contá-los.
Amado e amável seja seu governo.
E ao baixar ao sepulcro em muita idade,
num monumento viva com a bondade.

Lovell · É preciso que eu leve Vossa Graça
para o outro lado da água, onde este encargo
transmitirei a Sir Nicolau Vaux,
que ao vosso fim terá de acompanhar-vos.

Vaux · Preparei tudo! O duque está chegando.
Ponde a barca de jeito e decorai-a
de acordo com a grandeza que lhe é própria.

Buckingham ·
Não, não, Sir Nicolau; deixai tudo isso,
que minha posição de agora em diante,
de mim só poderá fazer chacota.
Quando aqui vim, era o alto condestável,
Duque de Buckingham; porém agora
sou apenas o nobre Eduardo Bohun.
Porém mais rico sou do que os meus baixos
acusadores, que jamais souberam
o que fosse a lealdade, que ora eu selo
com o próprio sangue, o qual há de fazê-los
algum dia gemer. Meu nobre pai,
Henrique de Buckingham,
que contra a tirania de Ricardo
foi o primeiro a rebelar-se, tendo
pedido asilo em casa de seu criado
Banister, porque estava na desgraça,
foi traído por esse miserável,
vindo logo a morrer sem julgamento.
Que a paz de Deus seja com ele! Henrique
VII, ao trono após tendo subido,
sinceramente lastimando a sorte
de meu pai, como príncipe às direitas,
reintegrou-me nas honras e das ruínas
fez meu nome sair com maior brilho.
Mas agora seu filho Henrique VIII
vida, honra e nome, quanto me deixava
feliz, de um golpe fez que para sempre
sumisse deste mundo. Julgamento
concedido me foi, sendo forçoso
que o declare; mui nobre. Isso me deixa
um pouco mais feliz do que o meu muito

shakespearebrasileiro.org

desventurado pai. Mas numa coisa
nos iguala o destino: o termos sido
traídos pelos criados, justamente
pelas pessoas a que mais amávamos.
Desleal serviço e contra a natureza!
Seus fins o céu em toda a parte mostra.
Porém vós que me ouvis, de um moribundo
recebei este aviso indubitável:
Sempre que fordes liberal com vossos
conselhos e afeição, tende cautela,
pois os próprios amigos que fizerdes,
o coração lhes dando, ao perceberem
a menor diferença em vossa sorte,
de vós se afastarão como o faz a água,
só retornando para assoberbar-vos
e tragar-vos por fim. Gente bondosa,
rezai por mim. Forçoso é que vos deixe.
A hora postrema já soou de minha
vida tão dilatada e cansativa.
Adeus.
Quando algo triste relatar quiserdes,
contai como eu caí. Aqui termino.
E que Deus me perdoe.

(Saem Buckingham e o séquito.)

Primeiro Gentil-Homem · Que coisa lamentável! Isso chama,
senhor, receio-o muito, inumeráveis
maldições sobre os próprios responsáveis.

Segundo Gentil-Homem · Se inocente estiver o duque disso,
é terrível, de fato. No entretanto,
poderia mostrar-vos uns indícios
de uma calamidade em perspectiva,
que, se vier a se dar, será, sem dúvida,
muito maior do que esta.

Primeiro Gentil-Homem · Anjos bondosos,
afastai-a de nós! Qual será ela?
Confiai, senhor, tenho certeza disso,
em minha discrição.

Segundo Gentil-Homem · Esse segredo
é de tal monta que requer a máxima
confiança porque possa ser contado.

Primeiro Gentil-Homem · Revelai-mo; não sou de muita prosa.

Segundo Gentil-Homem · Confio em vós, senhor; vou revelar-vo-lo.
Não ouvistes, acaso, alguns rumores
nestes últimos dias sobre o próximo
divórcio entre o monarca e Catarina?

Primeiro Gentil-Homem · Ouvi, mas já passou, pois o monarca
ficou encolerizado quando soube
do que se comentava e mandou ordem
para o Lorde Maior, porque fizesse
para incontinenti esses rumores
e as línguas responsáveis aquietasse.

Segundo Gentil-Homem · Contudo, meu senhor, essa calúnia
mostrou-se verdadeira, pois renasce
com mais viço que nunca, estando todos
convictos de que o rei vai tentar isso.
Se não foi o cardeal, um dos validos
da corte, por maldade tão-somente
contra a boa rainha, sugeriu-lhe
certo escrúpulo que há de arruiná-la.
Confirma-se a notícia com a chegada
muito recente do Cardeal Campeio,
que veio só para isso, julgam todos.

Primeiro Gentil-Homem · Foi o cardeal, é certo; e tão-somente
para do imperador tomar vingança,
por não haver obtido o arcebispado
de Toledo, conforme lhe pedira.

Segundo Gentil-Homem · Estou certo de que batestes no alvo.
Mas não é doloroso que seja ela,
justamente, que venha a pagar tudo?
Obterá o cardeal o que deseja,
que é a queda da rainha.

Primeiro Gentil-Homem · Oh! é terrível.
Mas aqui nos achamos muito à vista,
para falarmos disso, conversemos
mais de espaço em algum lugar seguro.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena II

Uma antecâmara do palácio.
Entra o Lorde Camareiro lendo uma carta.

CAMAREIRO · "Milorde: os cavalos que Vossa
Senhoria encomendou foram, com todo o zelo,
escolhidos por mim, montados e arreados. Eram
novos e vistosos, e da melhor raça do Norte. Quando
tudo já se achava no jeito de serem eles enviados para
Londres, um dos homens do Lorde Cardeal, munido
de comissão e de plenos poderes, mos arrebatou, sob
a alegação de que seu amo tinha de ser servido, antes
de qualquer súdito e até mesmo antes do rei, o que
nos entupiu a boca, senhor."
Sim, receio que o seja. Pois que fique
com eles! Quer ficar com tudo, penso.
(Entram os Duques de Norfolk e de Suffolk.)
NORFOLK · Feliz encontro, Lorde Camareiro.
CAMAREIRO · Muito bom dia para Vossas Graças.
SUFFOLK · Que faz o rei?
CAMAREIRO · Deixei-o só, entregue
a pensamentos tristes e a cuidados.
NORFOLK · E qual a causa disso?
CAMAREIRO · O casamento
com a mulher de seu mano, ao que parece,
mui de perto perturba-lhe a consciência.
SUFFOLK · Não; a consciência dele é que perturba
de perto outra senhora.
NORFOLK · É assim, realmente.
É obra do cardeal: do rei-cardeal.
Esse filho dileto da fortuna,
esse padre sem olhos, vira todas
as coisas pelo avesso. Mas um dia
quem ele é há de o rei ficar sabendo.
SUFFOLK · Deus o permita; pois, de outra maneira,
jamais há de a si mesmo conhecer-se.
NORFOLK · Que santidade em todos os seus atos!
Que zelo põe em tudo! Agora que ele
a liga pôs por terra que entre o grande
sobrinho da rainha e nós havia,
o imperador, no coração mergulha
do nosso rei, onde semeia dúvidas,
remorsos de consciência, desesperos,
perigos e temores, e tudo isso
só por motivo desse casamento.
E para o rei tirar desse embaraço
aconselha o divórcio, a jogar longe
de si próprio quem, como jóia rara,
lhe pendeu do pescoço por vinte anos,
sem que perdesse o brilho, a da que o ama
com esse amor inefável que dedicam
aos homens bons os anjos, juntamente
a ela, que até sob o mais rude golpe
da sorte, ainda abençoará o rei.
Tudo isso não revela santidade?
CAMAREIRO · Deus me proteja contra tais alvitres!
É bem verdade que essas novas andam
por toda a parte; todos as comentam,
sem que haver possa coração honesto
que por isso não chore. Quem de perto
se atreve a examinar esse negócio,
o fim supremo dele enxerga logo:
a irmã do Rei da França. O céu um dia
os olhos há de abrir ao rei, que, para
este homem mau, há tanto tempo dorme.
SUFFOLK · E livrar-nos de sua servidão.
NORFOLK · Precisamos rezar
com fervor para sermos libertados;
caso contrário, esse homem prepotente,
de príncipes que somos, a nós todos
vai transformar em pajens. Diante dele
todas as honrarias a aparência
tomam de massa informe que ele molda
como bem lhe parece.
SUFFOLK · Por meu lado,
senhores, nem amor ele me inspira,
nem medo em mim desperta. Eis o meu credo.
Não lhe devendo o meu estado, fico
sendo o que sou, se ao rei for isso grato.
Suas bênçãos me são indiferentes
e suas maldições: um simples vento
que passa sem ferir-me. Conheci-o
como o conheço ainda; assim, o entrego
a quem o fez tão orgulhoso: ao papa.
NORFOLK ·
Vamos entrar. Quem sabe se outro assunto
distrai o rei dessas idéias tristes
que tanto ora o deprimem? Companhia
não nos fareis, milorde?

shakespearebrasileiro.org

CAMAREIRO · Desculpai-me,
mas o monarca me enviou alhures.
Além do mais, receio que o momento
não seja muito próprio... A ambos desejo
muita e muita saúde.
NORFOLK · Agradecido,
meu mui bondoso Lorde Camareiro.
(Sai o Lorde Camareiro.)
(Norfolk abre uma porta de duas folhas; aparece o rei, sentado e lendo com ar pensativo.)
SUFFOLK · Que ar de tristeza! É fato: algo o
preocupa.
REI HENRIQUE · Olá! Quem está aí?
NORFOLK · Permita Deus que ele se encontre calmo.
REI HENRIQUE · Quem está aí? repito; como ousastes
intrometer-vos desse modo em minhas
meditações privadas? Quem sou eu?
NORFOLK · Um rei gracioso que perdoa a todas
as ofensas isentas de maldade.
Um negócio do Estado foi que a quebra
do dever nos impôs, para sabermos
qual seja a vossa decisão real.
REI HENRIQUE ·
Sois muito ousados. Ide! Hei de fizer-vos
conhecer vossas horas de serviço.
(Entram Wolsey e Campeio.)
Quem está aí? Meu bom Lorde Cardeal!
Oh meu Wolsey bondoso, o lenitivo
de minha consciência tão ferida!
És o remédio próprio de um monarca.
(A Campeio.) Sois bem-vindo, mui sábio e reverendo
senhor, a nosso reino. Podeis dele
dispor como de nós. *(A Wolsey.)* Bondoso lorde,
tomai cuidado para que eu não venha
a dizer coisas sem nenhum sentido.
WOLSEY · Senhor, não nas direis, se Vossa Graça
nos conceder uma hora apenas, para
conversarmos à parte.
REI HENRIQUE *(a Norfolk e Suffolk)* · Ide; estamos
ocupados agora.
NORFOLK *(à parte, a Suffolk)* · Não é certo
que esse padre é orgulhoso?
SUFFOLK *(à parte, a Norfolk)* · É insuportável.
Não quisera estar doente até esse ponto,
nem mesmo a troco de seu posto agora.
Mas é impossível que isso continue.
NORFOLK *(à parte, a Suffolk)* ·
Se tal se der, arriscarei medir-me
com ele numa queda.
SUFFOLK *(à parte, a Norfolk.)* · Eu também, noutra.
(Saem Norfolk e Suffolk.)
WOLSEY · Deu Vossa Graça uma lição de grande
sabedoria a todos os monarcas,
submetendo de grado vossas dúvidas
à voz da cristandade. Quem agora
poderia mostrar-se aborrecido?
Que ódio vos alcançara? A Espanha, pelo
sangue e pelos favores a ela presa,
terá de confessar, se for sincera,
que o debate foi justo e em tudo nobre.
Todo o clero — refiro-me aos mais sábios
da cristandade — têm opinião livre.
Roma, esse berço da sabedoria,
por vossa solicitação enviou-nos
uma língua geral, este bom homem,
este santo e erudito sacerdote,
Cardeal Campeio,
que de novo apresento a Vossa Alteza.
REI HENRIQUE · E, de braços abertos, eu de novo
lhe dou as boas-vindas, ao sagrado
conclave agradecendo o amor que todos
assim me certificam, pois me enviaram
o homem que desejar eu poderia.
CAMPEIO · Vossa Graça merece o amor de todos
os estrangeiros, por tão nobre serdes.
Nas mãos de Vossa Alteza ora deponho
minha alta comissão, por cuja força
e expressa ordem de Roma, associais-vos
comigo, servo dela, vós, milorde
Cardeal de York, para, com isenção de ânimo,
julgarmos esse assunto.
REI HENRIQUE · Ambos são dignos.
Vai ficar a rainha neste instante
sabendo o que vos trouxe. Onde está Gardiner?
WOLSEY · Sei bem que Vossa Majestade sempre
a amou com tantas veras, que impossível
vos será recusar-lhe o que outra dama
de menos posição exigiria
com base no direito: alguns juristas
com liberdade para defendê-la.
REI HENRIQUE · Sim, poderá dispor dos mais notáveis;
e desde já prometo o meu amparo

shakespearebrasileiro.org

para o que a defender com maior brilho.
Deus o contrário disso não permita.
Por obséquio, cardeal, chamai-me Gardiner,
meu novo secretário. Acho-o muito hábil.

(Sai Wolsey.)

(Volta Wolsey com Gardiner.)

WOLSEY *(à parte, a Gardiner.)* ·
Dai-me a mão; alegria vos desejo,
muita prosperidade. Desde agora
pertenceis ao monarca.

GARDINER *(à parte, a Wolsey)* · Porém para
mandado sempre ser por Vossa Graça,
cuja mão me elevou.

REI HENRIQUE · Vem para perto,
Gardiner.

(Conversam à parte.)

CAMPEIO · Por acaso, Lorde de York,
não ocupava um Doutor Pace o posto
que este homem ora ocupa?

WOLSEY · Justamente.

CAMPEIO · E não passava por um grande sábio?

WOLSEY · Sem dúvida nenhuma.

CAMPEIO · Podeis crer-me,
Lorde Cardeal, mas corre um boato feio
que vos toca de perto.

WOLSEY · A mim! Como isso?

CAMPEIO ·
Sem reservas proclamam que o invejáveis.
De medo que ele viesse a subir muito,
por ser de grande mérito, o mantínheis
ocupado nas cortes estrangeiras,
o que tanto o magoou, que morreu louco.

WOLSEY · Que a paz do céu seja com ele. Como
cristão é só o que digo. Para os vivos
que murmuram, castigos não lhes faltam.
Mas esse era um idiota, que queria
ser virtuoso. Aquele outro que ali vedes
faz tudo o que eu mandar, sem discrepância.
Só quero gente assim junto do trono.
Aprendei isto, irmão: não desejamos
ser perturbados pelos subalternos.

REI HENRIQUE · Entregai com respeito isto à rainha.

(Sai Gardiner.)

Quero crer que o lugar mais adequado
para essa erudição seja Black-Friars.
Ali vos reunireis para esse assunto
de tamanha importância. Meu caro Wolsey,
mandai arranjar tudo. Oh! como custa,
milorde, para quem tem sentimento,
abandonar tão doce companheira.
Mas, consciência, consciência! És delicada
por demais. É preciso abandoná-la.

(Saem.)

Ato II · Cena III

Uma antecâmara dos aposentos da rainha.
Entram Ana Bolena e uma velha dama da corte.

ANA · Por isso também não. Nisso é que o espinho
nos provoca mais dor. Tendo Sua Alteza
vivido ao lado dela tanto tempo,
e sendo ela senhora tão bondosa,
que jamais língua alguma dizer pôde
nada contra sua honra... Sim, de fato:
nunca a ninguém fez mal... E agora, tendo
ficado sobre o trono tantos cursos
do sol, em plena pompa e majestade,
que deixar é mil vezes mais amargo
do que é doce alcançar, ser repelida
depois de ter vivido desse modo,
comover poderia qualquer monstro.

A VELHA DAMA · Os corações da têmpera mais dura
se fundem em lamentações por ela.

ANA · O céu assim o quis. Bem melhor fora
não ter a pompa conhecido nunca.
Conquanto temporal, quando a Fortuna
rixenta nos obriga a abandoná-la,
produz-se um sofrimento tão pungente
como o de separar-se do corpo a alma.

A VELHA DAMA ·
Volta a ser estrangeira! Pobre dama!

ANA · Mais um motivo para que a piedade
se derrame sobre ela. Pois vos juro
que é preferível vir de um berço obscuro
e contente viver com gente humilde,
a pavonear-se numa dor brilhante
e carregar uma tristeza de ouro.

A VELHA DAMA · O que de melhor temos é a alegria.
ANA · Por minha fé e minha virgindade,
não desejara ser rainha nunca.
A VELHA DAMA · Pois eu quisera sê-lo, por minha alma,
e a própria virgindade arriscaria,
bem como vós, com todo esse tempero
de falsidade. Sendo possuidora,
como o sois, dos encantos femininos,
também tereis um coração de acordo,
que sempre ambicionou a preeminência,
soberania, bens, que são legítimas
bênçãos, para ser franca, sendo certo
que, a despeito de todos esses dengues,
vossa consciência branda como pele
de cabrito decerto aceitaria,
bastando que para isso a distendêsseis.
ANA · Não, não, por minha fé.
A VELHA DAMA · Qual fé, qual nada!
É certo: não quiséreis ser rainha?
ANA · Não, por quanto ouro sob o céu se encontra.
A VELHA DAMA · Interessante! Pois qualquer moedinha
me compraria — velha como me acho —
para subir ao trono. Mas dizei-me,
por favor, que pensais de uma duquesa?
Tendes força bastante para o peso
suportar desse título?
ANA · Nenhuma.
A VELHA DAMA · É que nascestes fraca. Diminuamos
a carga um pouco. Não quisera ver-me
em vossa estrada, como um conde jovem,
para deixar-vos mais do que corada.
Se vosso dorso não suporta o fardo,
é que para uma criança é muito fraco.
ANA · Como falais! Pois juro novamente
que nem por todo o mundo eu desejara
chegar a ser rainha.
A VELHA DAMA · É muito certo:
pela Inglaterrazinha arriscaríeis
empunhar firme o cetro. Eu, do meu lado,
fá-lo-ia pelo Carnavon, embora
não mais do que isso pertencesse ao trono.
Mas quem vem vindo aí?

(Entra o Lorde Camareiro.)

CAMAREIRO · Muito bom dia,
minhas senhoras. Quanto me pedíreis
para me revelardes o segredo
sobre que conversáveis?
ANA · Não compensa
vossa pergunta, meu bondoso lorde.
A falar nos achávamos da sorte
de nossa soberana.
CAMAREIRO · Mui louvável
tema, decerto, e em tudo condizente
com o sentimento de pessoas boas.
Mas há esperança de que tudo ainda
venha a terminar bem.
ANA · É só o que a Deus peço. Que assim seja.
CAMAREIRO · Tendes mui nobre coração. As bênçãos
celestes caem sempre nas pessoas
semelhantes a vós. E, bela dama,
para mostrar-vos quão sincero eu falo
e a que ponto têm sido apreciadas
vossas altas virtudes, a grandeza
do rei vos testemunha seu apreço,
determinando honrar-vos de maneira
não menos florescente do que o título
de Marquesa de Pembroke vos dando,
ao qual Sua Graça uma pensão ajunta
de mil libras anuais.
ANA · Saber não posso
de que maneira demonstrar-lhe todo
meu reconhecimento. Tudo quanto
sou é menos que nada; minhas preces
não são santificadas, não passando
meus votos de palavras sem substância.
Ainda assim, só posso oferecer-lhe
meus votos e orações. Suplico a Vossa
Senhoria que exprima toda a minha
gratidão e obediência a Sua Alteza,
como de jovem que enrubesce e reza
pela saúde dele e seu governo.
CAMAREIRO · De reforçar não deixarei, senhora,
a opinião favorável que o monarca
tem a vosso respeito. *(À parte.)* Examinei-a
muito bem. A beleza e a dignidade
de tal maneira nela se misturam,
que o rei deixaram preso. Quem nos diz
que desta dama não sairá uma jóia
capaz de iluminar toda nossa ilha? *(Alto.)*

shakespearebrasileiro.org

Vou ver o rei; direi que nos falamos.
ANA · Muito estimado lorde!
(Sai o Lorde Camareiro.)
A VELHA DAMA ·
Como as coisas se passam! Vede! Vede!
Dezesseis anos mendiguei na corte,
e ainda sou mendiga, sem que nunca
entre o cedo demais e o muito tarde
que pudesse achar o meio certo para
meus pedidos de libras. E, oh destino!
vós, um peixinho novo — fora! fora!
com a sorte tão forçada! — encheis a boca
antes mesmo de abri-la.
ANA · Estou perplexa.
A VELHA DAMA ·
Que gosto tem? É amargo? Não, aposto
quarenta pences em como é bem gostoso.
Era uma vez uma senhora — antigo
conto assim começava — que por nada
deste mundo quisera ser rainha;
em absoluto, nem por toda a lama
do Egito. Conhecei-lo?
ANA · Estais brincando.
A VELHA DAMA ·
Com vosso tema aos céus eu remontara.
Marquesa de Pembroke! Com uma renda
de mil libras, por pura reverência,
sem outra obrigação! Por minha vida,
isso promete mais alguns milheiros.
A cauda da grandeza é mais comprida
que a frente do vestido. Agora vejo
que podeis carregar uma duquesa.
Não é certo que agora estais mais forte?
ANA · Minha boa senhora, distraí-vos
com vossa fantasia, mas deixai-me
fora desse brinquedo. Morrer quero,
se isso é capaz de alvoroçar-me o sangue.
Desfalecer me sinto à só idéia
do que virá depois.
A rainha se encontra inconsolável
e nós nos esquecemos dela, ausentes
assim por tanto tempo. Por obséquio,
nada deveis dizer-lhe do que ouvistes.
A VELHA DAMA ·
Decerto! Que pensais a meu respeito?
(Saem.)

Ato II · Cena IV

Uma sala em Black-Friars.
Trombetas; fanfarras e toque de cornetas. Entram dois oficiais de justiça com varinhas de prata; seguem-nos dois escrivães com vestes de doutor; a seguir, o Arcebispo de Cantuária, sozinho; depois, os Bispos de Lincoln, Ely, Rochester e Santo Asaph. Depois deles, a pequena distância, vem um gentil-homem com uma bolsa, o grande selo e um chapéu cardinalício; depois, dois padres, trazendo cada um uma cruz de prata. A seguir, entra um gentil-homem da câmara do rei, com a cabeça descoberta, acompanhado de um sargento de armas, que traz um cetro de prata; depois, dois gentis-homens, carregando dois grandes pilares de prata. Depois deles, lado a lado, os dois cardeais, dois cavalheiros com espada e cetro. Depois entram o rei e a rainha, com os respectivos séquitos. O rei se assenta sob o baldaquim; os dois cardeais se sentam abaixo dele, como juízes; a rainha se assenta a certa distância do rei; os bispos se colocam de cada lado da corte, em forma de consistório. Abaixo deles, os escrivães. Os nobres se sentam junto dos bispos. O pregoeiro e os outros oficiais de serviço se colocam no palco em ordem conveniente.

WOLSEY · Até que nossa comissão de Roma
seja lida, mandai que haja silêncio.
REI HENRIQUE · Qual a necessidade disso? Feita
já foi publicamente essa leitura;
sua validez está reconhecida
de ponta a ponta. Assim, fora possível
poupardes esse tempo.
WOLSEY · Seja. Adiante!
ESCRIVÃO ·
Gritai: Rei Henrique da Inglaterra, comparecei
a este tribunal!
PREGOEIRO ·
Rei Henrique da Inglaterra, comparecei a este
tribunal!
REI HENRIQUE · Presente.
ESCRIVÃO ·
Gritai: Catarina, Rainha da Inglaterra, comparecei a
este tribunal!

shakespearebrasileiro.org

Pregoeiro · Catarina, Rainha da Ingraterra,
comparecei a este tribunal!
(A rainha não responde; levanta-se de seu lugar, atravessa a sala, dirige-se para o rei, ajoelha-se aos pés dele e depois fala.)

Rainha Catarina ·
Só direito e justiça é o que vos peço,
senhor, e que de mim tenhais piedade.
Sou uma pobre mulher, uma estrangeira,
que veio ao mundo longe dos domínios
que vos são próprios. Não disponho agora
nem de juiz imparcial nem de esperança
de tratamento equânime da corte.
Ai de mim! Em que posso, acaso, ter-vos
ofendido, milorde? Que motivo
de desgosto vos deu minha conduta,
para pensardes em mandar-me embora,
de vossa graça e afeto me privando?
O céu é testemunha de que sempre
vos fui esposa humilde e verdadeira;
sempre me conformei ao vosso alvitre;
com medo sempre, até, de despertar-vos
desgosto, busquei sempre acomodar-me
ao menor gesto vosso, alegre ou triste,
conforme vos notasse. Em que momento
tentei opor-me a qualquer ordem vossa,
sem que a fizesse minha? A qual dos vossos
amigos por amar não me esforcei,
muito embora na conta de inimigo
sempre o tivesse tido? Ou a que pessoa
de minhas relações eu continuei
revelando afeição, quando ela vossa
cólera provocasse? Na mesma hora
não lhe fazia ver que passaria
daí por diante a ser meu inimigo?
Recordai-vos, senhor, de que durante
mais de vinte anos, obediente sempre,
hei sido vossa esposa e tive a bênção
de vos dar muitos filhos. Se no curso
desse tempo puderdes um só fato
mencionar e provar contra minha honra,
minha fidelidade, meu afeto,
o respeito que devo a vossa sacra
pessoa: em nome, sim, de Deus, lançai-me
de vossa vista e que o mais negro opróbrio
venha fechar-me as portas, entregando-me
ao rigor mais severo da justiça.
Escutai-me, senhor: o soberano
vosso pai sempre foi considerado
um príncipe prudente, de excelente
julgamento e de muita perspicácia.
Ferdinando, meu pai e Rei da Espanha,
passava pelo príncipe mais sábio
daquela terra, desde muitos anos,
sendo fora de dúvida, portanto,
que em cada reino eles reunido houvessem
um conselho de sábios, que julgaram
legal nossa união, depois de haverem
bem estudado o assunto. Por tudo isso,
senhor, humildemente vos suplico
que me poupeis até que eu tenha tempo
de me comunicar com meus amigos
de Espanha e lhes pedir que me aconselhem.
Mas em nome de Deus, caso contrário,
também nisso se faça o que quiserdes.
Wolsey · Senhora, aqui dispondes destes padres
reverendos — a escolha tendes livre —
homens de singular integridade
e, todos eles, de saber mui raro.
a nata da nação, que aqui se encontram
para vos defender. Inútil fora,
por isso, adiar o julgamento, tanto
para vosso sossego como para
deixar o rei sem causa de inquietude.
Campeio · Com todo o acerto e muito sabiamente
Sua Graça falou. Por isso tudo,
senhora, é conveniente que prossiga
esta real sessão, devendo logo
ser apreciadas as razões das partes.
Rainha Catarina ·
Lorde Cardeal, é a vós que eu me dirijo.
Wolsey · Qual é o vosso prazer, minha senhora?
Rainha Catarina ·
Senhor, estou no ponto de chorar.
Mas refletindo que rainha somos —
pelo menos assim me vi em sonhos
por muito tempo — e com certeza filha
de um monarca, transformo minhas lágrimas
em chispas abrasantes.
Wolsey · Ficai calma.
Rainha Catarina ·
Ficarei, quando humilde vos mostrardes;
antes, não, porque Deus me puniria.
Creio, firmada em provas convincentes,

shakespearebrasileiro.org

que sois meu inimigo. Assim, declaro-vos
suspeito para funcionardes como
juiz em minha causa, pois as chamas
que se alçam entre mim e meu marido
nasceram de vosso hálito. Prouvera
que o orvalho do Senhor possa apagá-las!
Mais uma vez declaro: abominando-vos
como vos abomino, com toda a alma,
para meu julgador não vos aceito,
porque — torno a dizer — vos considero
inimigo maldoso, e não vos posso
ter em conta de amigo da verdade.

Wolsey · Preciso confessar que vos estranho
por causa da linguagem, que bondosa
sempre vos revelastes, demonstrando,
disposição gentil e em tudo branda,
sobre sabedoria patenteardes
que ultrapassava o sexo. Enormemente,
senhora, me ofendeis; ódio não tenho
com relação a vós, nem fui injusto
jamais convosco ou com qualquer pessoa.
Tudo quanto até agora tenho feito,
da comissão do consistório emana,
direi melhor: de todo o consistório
de Roma. Contra mim fizestes carga
de que eu soprei as chamas deste incêndio.
Não é assim. O rei está presente.
Se ele achasse que falso eu me mostrara,
em seu poder estava castigar-me
mui merecidamente a falsidade,
sim, com o mesmo rigor com que zurzistes
minha veracidade. Se ele sabe
que eu me encontro inocente dessa pecha,
sabe também que me fazeis ofensa.
Dele depende, assim, reabilitar-me,
o que pode fazer de vós tirando
semelhantes idéias. Por tudo isso,
antes que Sua Alteza a falar venha,
graciosa dama, instante vos conjuro
a retratar-vos, nunca mais voltando
a usar essa linguagem.

Rainha Catarina · Oh milorde!
eu sou uma mulher simples, muito fraca
para lutar com toda vossa astúcia.
Sois brando e de linguagem sempre humilde.
Exerceis vosso posto e ministério,
com mostras exteriores de brandura,
de perfeita humildade, mas de orgulho
tendes o coração inflado sempre,
de arrogância e rancor. Favorecido
pela fortuna e o amparo de Sua Graça,
subir pudestes com facilidade
os degraus mais de baixo, ora encontrando-vos
numa altura em que todos os poderes
se constituíram vossos seguidores.
Vossas palavras, como humildes servos,
prestam-se a executar vossos desejos
em tudo o que quiserdes. Sou-vos franca:
mostrai-vos mais zeloso do prestígio
pessoal do que mesmo dos deveres
de vossa profissão em tudo digna.
Como juiz recuso-vos, declaro-o
novamente; e ora, em frente de vós todos,
apelo para o papa, resolvida
a levar minha causa até à presença
de Sua Santidade, porque seja
julgada com justiça.

(Inclina-se diante do rei e faz menção de retirar-se.)

Campeio · Mui rebelde
contra a justiça mostra-se a rainha,
inclinada a acusá-la e desdenhosa
de suas decisões. Não é bom isso.
Já se vai retirando.

Rei Henrique · Convocai-a
novamente.

Pregoeiro · Catarina, Rainha da Inglaterra,
comparecei ante este tribunal!

Griffith · Chamaram-vos, senhora.

Rainha Catarina ·
Por que prestastes atenção a isso?
Segui vosso caminho, por obséquio.
Dai meia volta, quando vos chamarem.
Deus venha em minha ajuda; é insuportável.
Vamos; não ficarei aqui mais tempo,
nem nunca mais porei os pés nas cortes
convocadas por causa deste assunto.

(Sai a rainha com seu séquito.)

Rei Henrique · Vai, Kate; continua teu caminho.
Se houver no mundo quem ousar gabar-se
de ter acaso esposa mais valiosa,
que em nada seja crido após tão grande,
tão patente mentira. Estás sozinha
com tuas raras qualidades, tua
bondade natural, benignidade
como de santa, dignidade em tudo

shakespearebrasileiro.org

feminina, obediência no comando...
Todas essas virtudes soberanas
e religiosas, se falar pudessem,
te aclamariam, bem o sei, rainha
das rainhas da terra. Tem nobreza
de nascimento, e por maneira nobre,
com relação a mim, se portou sempre.
Wolsey · Mui gracioso senhor, humildemente
conjuro a Vossa Alteza que se digne
declarar ante todos os presentes —
pois onde eu fui roubado e acorrentado
solto tenho de ser, mesmo no caso
de não chegar a obter a merecida
satisfação — se todo este negócio
foi por mim sugerido a Vossa Alteza
ou se, de qualquer modo, fiz escrúpulos
em vós nascerem, que vos decidissem
a propor a questão; se qualquer dito
da boca me saiu — senão apenas
louvores ao Senhor, por alcançado
terdes tão alta esposa — que pudesse
em detrimento vir do estado dela
ou de leve atingir sua pessoa.
Rei Henrique ·
Milorde, eu vos desculpo. Por minha honra,
absolto vos declaro. Não preciso
dizer-vos quantos inimigos tendes,
que o motivo de o serem desconhecem,
aos cachorros de aldeia semelhantes,
que ladram por ouvir ladrar os outros.
Um desses contra vós fez irritar-se
o ânimo da rainha. Desculpado
de todo vos achais. Mas se quiserdes
que a justificação seja completa,
direi que sempre desejastes que este
negócio adormecesse, não querendo
que fosse despertado. Muitas vezes,
sim, muitos empecilhos levantastes
nos caminhos que fossem dar até ele.
Por minha honra declaro que o bondoso
Lorde Cardeal não teve parte nisso.
Absolvo-o por completo. Quanto às causas
que me determinaram neste passo,
da atenção dos presentes e do tempo
pretendo ora abusar. Vede o começo.
Foi assim; atenção prestai a tudo.
Minha consciência viu-se perturbada
pela primeira vez, com certo escrúpulo,
como que espicaçada, ante as palavras
do embaixador francês numa dada época,
o Bispo de Baiona, que aqui viera
para negociar o casamento
entre o Duque de Orléans e nossa filha
Maria. No decurso das conversas,
antes de termos assentado nada,
ele — a saber: o bispo — requereu-nos
que em suspenso deixássemos o assunto
para que ele consulta ao rei fizesse
sobre se nossa filha era legítima
com relação ao nosso casamento
com a rainha-mãe, que fora esposa
de nosso próprio irmão. Esse intervalo
abalou-me a consciência até ao mais fundo,
na alma me penetrou com força ingente,
a tremer o imo peito me deixando.
Abrindo, assim, caminho, inumeráveis
perplexidades em tropel afluíram,
assoberbado me deixando o espírito.
De início me ocorreu que o céu deixara
de sorrir para mim, pois, tendo o mando
sobre a natura, havia-lhe ordenado
que se um filho varão de mim o ventre
de minha esposa a conceber viesse,
não lhe haveria de fazer serviço
mais relevante do que faz aos mortos
a sepultura. Com efeito: todos
os filhos masculinos ou morriam
onde gerados tinham sido, ou logo
depois de respirarem o ar do mundo.
Daí me ter nascido o pensamento
de que isso era um castigo, que meu reino
digno de ter o mais brilhante herdeiro,
de mim não lhe viria essa alegria.
Pus-me a pensar, depois, todo o perigo
a que o país sujeito se encontrava,
pela falta de herdeiro, o que do peito
me arrancou sentidíssimos gemidos.
Desse modo, flutuando no agitado
mar de minha consciência, pus a mira
neste remédio que é o motivo certo
de nossa reunião. Por outros termos:
pretendia aliviar minha consciência,
que então sentia gravemente enferma
e que ainda não se acha muito boa,
em que possam ter feito os reverendos
prelados e os doutores cá da terra.

shakespearebrasileiro.org

Comecei, Lorde Lincoln, consultando-vos
em caráter privado. Certamente
deveis estar lembrado como ao peso
dessa opressão eu suspirava, quando
pela primeira vez vos falei nisso.
LINCOLN · Perfeitamente, meu senhor.
REI HENRIQUE · Falei-vos
longamente. Dizei vós mesmo agora
o que, por consolar-me, então fizestes.
LINCOLN · Se a Vossa Majestade for do agrado,
de tal modo confuso esse problema
de início me deixou, não só por sua
transcendente importância, como pelas
terríveis conseqüências que seriam
de esperar, que o conselho mais ousado
à dúvida confiei, havendo logo
proposto a Vossa Alteza a idéia que ora
se concretiza aqui.
REI HENRIQUE · Falei convosco,
Milorde de Cantuária, havendo obtido
vosso consentimento para que esta
reunião viesse a ser feita. Não há membro
desta colenda corte que eu deixasse
de consultar, foi tudo feito, tudo,
com o apoio formal e o selo expresso
de cada um e de todos. Por tudo isso;
prossegui, por nenhuma antipatia
contra a pessoa da gentil rainha,
mas aqueles acúleos lancinantes
das razões aduzidas suscitaram
semelhante debate. Se provardes
que nosso enlace é válido, por minha
vida, por minha régia dignidade,
felizes somos por participarmos
com ela deste nosso mortal curso,
com Catarina, nossa soberana,
que antepomos a todas as criaturas
do mundo, por mais primas e exemplares
que porventura sejam.
CAMPEIO · Vossa Alteza
me perdoe, mas a ausência da rainha
nos impõe o adiamento desta corte.
Até essa nova data deveremos
insistir com empenho junto dela
para que ela desista do recurso
que em mandar pensa a Sua Santidade.

(Levantam-se para sair.)

REI HENRIQUE ·
Noto que estes cardeais estão fazendo
troça de mim. Odeio essas delongas,
estas manhas de Roma. Oh meu fiel Cranmer,
meu sábio servidor e muito amado,
conjuro-te a voltar, pois tua vinda,
tenho certeza, me trará conforto. —
Suspendei a sessão, digo... Saiamos.

(Saem todos, na mesma ordem com que entraram.)

Ato III · Cena I

O palácio de Bridewell. Um quarto dos aposentos da rainha. A rainha e suas damas de companhia estão trabalhando.

RAINHA CATARINA · Menina, vai buscar teu alaúde,
que minha alma está aflita de cuidados.
Se puderes, dispersa-os com teu canto.
Larga o trabalho.

Canção

Com sua lira Orfeu fazia
dobrar-se a montanha fria
e os troncos, quando cantava.
Até, sem chuva e sem sol,
se via um lindo arrebol
e a primavera pompeava.
Ouvindo-o as coisas cantar,
as próprias ondas do mar
se quedavam pensativas.
Tem o canto tal condão
que as dores do coração
se tornam logo cativas.

(Entra um gentil-homem.)

RAINHA CATARINA · Que é que há?
GENTIL-HOMEM ·
Se Vossa Graça o permitir, encontram-se
os dois grandes cardeais aí fora, à espera.
RAINHA CATARINA ·
Querem falar-me?
GENTIL-HOMEM · Tenho instruções deles
para dizer que sim.

RAINHA CATARINA · Dizei-lhes que entrem.
(Sai o gentil-homem.)
Que quererão de mim, sendo eu tão pobre,
uma fraca mulher, já sem prestígio?
Quanto mais penso nisso, menos acho
prazer nessa visita. Homens virtuosos
deviam ser, de posição tão digna...
Mas o hábito não faz o monge, é certo.
(Entram Wolsey e Campeio.)
WOLSEY · Paz para Vossa Alteza.
RAINHA CATARINA · Vossas Graças
como dona de casa ora me encontram.
O medo do futuro é que me obriga
a estar em condições de fazer tudo.
Reverendos senhores, qual a causa
de quererdes falar-me?
WOLSEY · Se do agrado
vos for, nobre senhora, passaremos
para vosso aposento reservado,
onde vos exporemos os motivos
desta nossa visita.
RAINHA CATARINA · Mesmo aqui
poderemos falar, pois, em consciência,
até hoje nada fiz que não pudesse
revelar francamente em qualquer parte.
Prouvera ao céu que todas as mulheres
pudessem declarar a mesma coisa
com igual liberdade. Meus senhores,
uma felicidade sempre tive:
isso de não ligar nunca importância
ao fato de meus gestos comentados
serem por toda a gente, de ficarem
sob a vista de todos, e como alvo
dos ataques da inveja e da calúnia,
tão certa me acho de ter vida limpa.
Se vindes para examinar a minha
conduta como esposa, sede francos.
Sempre a verdade ama linguagem rude.
WOLSEY · Tanta est erga te mentis integritas,
regina serenissima.
RAINHA CATARINA ·
Oh! nada de latim, meu bom senhor.
Não tenho estado tão ociosa, desde
minha chegada, que não aprendesse
a língua dos que vivem no meu meio.
Em língua estranha minha causa torna-se
mais estranha e suspeita. Por obséquio,
dai forma inglesa ao vosso pensamento.
Se a verdade disserdes, as pessoas
presentes vos serão agradecidas
por sua pobre senhora. Acreditai-me:
tratada tem sido ela rudemente.
Lorde Cardeal, meu mais premeditado
pecado pode ser perfeitamente
absolvido em inglês.
WOLSEY · Nobre senhora,
pesa-me ver que a minha integridade,
e toda a devoção com que vos sirvo
e a Sua Majestade só despertam
suspeitas, apesar de toda a minha
boa fé e lealdade. Aqui não vimos
para acusar, para manchar uma honra
que recebido tem somente bênçãos
das almas bem formadas, nem, tampouco,
para vos provocar novas tristezas —
que é o que tendes bastante — mas apenas
para ficarmos conhecendo como
julgais a grave dissidência que houve
entre o monarca e vós, e para dar-vos —
como pessoas livres e sinceras —
nossa justa opinião e algum conforto.
CAMPEIO · Muito honrada senhora, o Lorde de York,
movido por sua nobre natureza,
pelo zelo e obediência que ele ainda
professa a Vossa Graça, e já esquecido,
por ser homem de bem, de vosso ataque
contra ele próprio — muito longe, muito,
vos deixastes levar — vos oferece,
como o faço, os serviços e conselhos.
RAINHA CATARINA *(à parte)* ·
Para trair-me. *(Alto.)* Meus senhores, a ambos
agradeço a intenção. Falaste como
gente honesta — prouvera ao céu que o fôsseis! —
Mas dar uma resposta tão de súbito
sobre assunto de tanta gravidade,
que tão de perto a honra vem ferir-me
e muito mais, talvez, a própria vida...
Com meu fraco juízo, diante de homens
de tanta erudição e gravidade,
com franqueza, não sei como fazê-lo.
Encontrava-me em meio às minhas damas
de companhia, longe — Deus o sabe —
de pensar em visitas de tal porte
e em semelhante assunto. Assim, em nome
do que eu fui — pois percebo que se encontra

shakespearebrasileiro.org

no fim minha grandeza — a Vossas Graças
suplico conceder à minha humilde
causa um pouco de tempo e reflexão.
Ah! sou uma mulher fraca, sem amigos,
sem esperança alguma.
WOLSEY · Nobre dama,
ofendeis a afeição do soberano
com semelhante medo. Não têm número
vossos amigos, vossas esperanças.
RAINHA CATARINA ·
Na Inglaterra, de quase nenhum préstimo.
Acreditais, senhores, que um inglês
se atreveria a dar-me algum conselho,
dizer-se amigo meu, abertamente,
contra o prazer agir de Sua Alteza —
dado que houvesse algum desesperado
que honesto se mostrasse — continuando,
depois disso, com vida? Não, decerto.
Os amigos que o fardo poderiam
sopesar de meu grande sofrimento,
em quem confiar de todo eu poderia,
aqui não vivem. Todos eles, como
qualquer outro consolo, muito longe
se acham daqui, na minha própria pátria.
CAMPEIO · Desejaria que por uns instantes
Vossa Graça deixasse essas tristezas
e ouvisse meu conselho.
RAINHA CATARINA · Qual é ele,
senhor?
CAMPEIO · À proteção do soberano
confiar a vossa causa. Ele é bondoso
e por demais amável. De vantagem
fora para vossa honra e vossa causa,
pois se vos atingir o legal juízo,
desonrada saireis.
WOLSEY · É com acerto
que ele vos aconselha.
RAINHA CATARINA · Ele aconselha
o que ambos desejais: minha ruína.
É um conselho cristão? Oh! que vergonha
para vós ambos! Ainda há céu, lá no alto
um juiz se encontra a que nenhum monarca
poderá corromper.
CAMPEIO · Vossa paixão
nos interpreta mal.
RAINHA CATARINA · Pois tanto pior
para ambos. Eu pensava que ambos fôsseis
homens santos; é certo, por minha alma,
duas cardeais virtudes e eminentes.
Mas ambos não passais, receio-o muito,
de pecados cardeais, corações falsos.
Que vergonha, senhores! Reformai-vos!
Esse é o vosso consolo, o lenitivo
que trazeis a uma dama desgraçada?
a uma mulher perdida neste meio,
ridicularizada, escarnecida?
Nem a metade, ao menos, vos desejo
das infelicidades que me oprimem.
Tenho mais caridade. Mas lembrai-vos
de que ora vos advirto. Tomai tento,
pelo céu, porque o fardo de meus males
sobre vós não recaia.
WOLSEY · Nobre dama,
estais fora de vós; isso é delírio;
em suspeita mudais os bons intentos.
RAINHA CATARINA ·
E vós a mim, em nada. Amaldiçoados
sejam todos os falsos conselheiros
como vós. Quereríeis — se piedade
tivésseis, sentimento de justiça,
se de membros da Igreja possuísseis
alguma coisa mais do que a roupagem —
que nas mãos minha causa eu depusesse
de quem só me tem ódio? Ai! há que tempo
da afeição do monarca estou banida,
e também do seu leito! Já estou velha,
meus senhores; agora só perdura
de nossa ligação minha obediência.
Que é que de pior podia acontecer-me
além dessa desgraça? Vosso esforço
me acarretou a maldição que vedes.
CAMPEIO · O pior é vosso medo.
RAINHA CATARINA · Vivi tanto —
deixai que eu mesma o diga, que a virtude
com amigos não conta — como esposa
dedicada e — declaro-o sem vanglória —
sem que a suspeita nunca me tivesse
lançado o seu ferrete; tendo sempre
dedicado ao monarca o meu afeto;
depois de Deus, amando-o; obedecendo-lhe,
levando meu amor à idolatria,
chegando mesmo, para ser-lhe amável,

shakespearebrasileiro.org

a descuidar das orações, e tudo
para premiada ser desta maneira?
Oh! é duro, senhores! Apontai-me
uma mulher constante a seu marido,
uma mulher que nunca uma alegria
sonhado houvesse além do prazer dele,
a após ter ela feito tudo, tudo,
a meu favor um mérito eu reclamo:
minha grande paciência.

Wolsey · Nobre dama,
fugis dos bons intuitos que nos movem.

Rainha Catarina ·
Não quero cometer, milorde, o crime
de renunciar de grado ao nobre título
que me ligou ao vosso soberano.
Somente a morte pode divorciar-me
de minha dignidade.

Wolsey · Ora atendei-me.

Rainha Catarina ·
Antes o pé nunca eu tivesse posto
no solo da Inglaterra, nem provado
da lisonja que nele cresce tanto.
Tendes o rosto de anjo, mas é certo
que vossos corações o céu conhece.
Qual será a sorte desta desgraçada?
Não há mulher tão infeliz quanto eu.

(A suas damas de companhia.)

Ah, pobrezinhas! que futuro tendes,
naufragadas num reino onde a esperança
não medra, nem amigos, nem piedade;
onde por mim não chora um só parente
e onde mal me concedem um sepulcro!
Como a açucena, outrora soberana
dos campos, onde havia florescido,
pendo a cabeça e morro.

Wolsey · Se pudesse
Vossa Graça chegar a convencer-se
de que nossos intuitos são honestos,
mais tranqüila ficara. Por que causa,
boa dama, por que motivo havíamos
de vos prejudicar? Ah! nossos postos,
o caráter de nossa dignidade,
nos impedem de tal. Curar as mágoas
é nossa missão própria, não semeá-las.
Pelo céu, refleti no que fizerdes,
como podeis prejudicar-vos, como,
com tal procedimento, poderíeis
afastar-vos de todo do monarca.
O coração dos príncipes dá beijos
na obediência, a tal ponto gosta dela;
mas, em frente aos espíritos teimosos,
levantam-se, explodindo tão terríveis
como as grandes tormentas. Estou certo
de que sois de gentil e nobre gênio,
de alma tão calma como o mar tranqüilo.
Pelo que somos, por favor, tomai-nos:
mediadores da paz, amigos, servos.

Campeio · Senhora, haveis de convencer-vos disso.
Prejudicais demais vossa virtude
com esse medo de mulheres débeis.
Um espírito nobre como o vosso
rejeita essas suspeitas como moedas
de cunho duvidoso. O rei vos ama.
Cuidai de conservar sempre o amor dele.
Se confiardes em nós, estamos prontos
a provar nosso zelo de servir-vos.

Rainha Catarina ·
Fazei o que quiserdes, meus senhores,
e desculpai-me, por favor, no caso
de eu me ter comportado incivilmente.
Sabeis que sou mulher e que careço
da arte de conversar com propriedade
com pessoas tão altas. Meus respeitos
oferecei a Sua Majestade;
fazei-me esse favor. Ele ainda é dono
do coração que neste peito bate,
e enquanto eu tiver vida, será dono
de minhas orações. Vinde, mui dignos
padres, aconselhai-me. Agora implora
quem não pensou desde o primeiro dia
que tão cara a realeza lhe sairia.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena II

Antecâmara dos apartamentos do rei.
Entram o Duque de Norfolk, o Duque de Suffolk, o Conde de Surrey e o Lorde Camareiro.

NORFOLK · Se em vossas queixas ora vos unirdes
e com vossa insistência as reforçardes,
ao cardeal resistir será impossível.
Mas no caso de não aproveitardes
esta oportunidade, só vos digo
que tereis de agüentar novas desgraças,
além das que já tendes.
SURREY · Rejubilo-me
por achar ocasião, embora mínima,
que lembrado me faz de que meu sogro,
o duque, tem de ser vingado nele.
SUFFOLK · Qual dos pares não foi menosprezado
por ele, ou, quando nada, por maneira
sempre estranha, esquecido? Em que pessoa,
tirante a própria, ao cunho da nobreza
respeito ele mostrou?
CAMAREIRO · Falais, milordes,
somente o que sentis. Sei bem o que ele
de mim e vós merece; mas, se há modo
de contra ele fazermos qualquer coisa,
nesta oportunidade, é o que duvido.
Se o caminho barrar-lhe não puderdes
que vai ter até ao rei, não tenteis nada
nesse sentido, pois a língua dele
sobre o monarca exerce poder mágico.
NORFOLK · Oh! nada de receios! Seu feitiço
sobre o rei já acabou, pois o monarca
contra ele descobriu alguma coisa
que há de estragar o mel de seus discursos
de uma vez para sempre. Ele se encontra
definitivamente mergulhado
no desprazer do rei.
SURREY · Como eu ficara
satisfeito de ouvir uma notícia
como essa de hora em hora!
NORFOLK · É verdadeira,
podeis acreditar. Sua conduta,
dúplice, no divórcio está patente.
Nisso ele apareceu como eu quisera
que aparecesse meu pior imigo.
SURREY · Como se descobriram seus embustes?
SUFFOLK ·
Do modo mais estranho.
SURREY · Oh! Como? Como?
SUFFOLK · A carta que o cardeal mandara ao papa
se extraviou, vindo ter às mãos do rei,
e o rei viu que o cardeal pedia instante
a Sua Santidade que parasse
com a sentença a respeito do divórcio,
"porque, sendo alcançado", acrescentava,
"é certo o rei achar-se apaixonado
por uma das criaturas da rainha,
Ana Bolena".
SURREY · O rei tem essa carta?
SUFFOLK · Ficai certo.
SURREY · E será de algum efeito?
CAMAREIRO · O rei, com isso, vê como ele corta
direito ou se desvia nos caminhos
de seus próprios intentos. Mas sobre isso
falham todas as artes; o remédio
chega depois da morte do paciente:
o rei já desposou a bela dama.
SURREY · Oh, quem nos dera!
SUFFOLK · Possa esse desejo
deixar-vos venturoso, pois afirmo-vos
que já está realizado.
SURREY · Alegremente
saúdo esse consórcio.
SUFFOLK · Digo amém.
NORFOLK · Como todos o fazem.
SUFFOLK · Já estão sendo
dadas as ordens para a coroação.
Mas isso é novidade muito fresca,
não é para ser dita a toda a gente.
Mas, meus senhores, ela é uma criatura
realmente extraordinária, assim no espírito
como na forma externa. Estou convicto
de que dela virá tal ou qual bênção
para esta terra, digna de memória.
SURREY · E o rei vai engolir aquela carta
do cardeal? Não permita Deus tal coisa.
NORFOLK ·
Com a breca! Amém.
SUFFOLK · Não, não! Há outras vespas

que em torno do nariz lhe estão zumbindo,
para apressar o efeito da picada.
Sem despedir-se, o Cardeal Campeio
partiu furtivamente para Roma.
Não deu remate à causa do monarca.
Foi despachado no papel de agente
do nosso Cardeal Wolsey, para força
dar a suas intrigas. Asseguro-vos
que o rei disse "Ah!" ao ter notícia disso.
CAMAREIRO · Que Deus o deixe exasperado, para
dizer "Ah!" com mais Força.
NORFOLK · Mas, milorde,
quando retorna Cranmer?
SUFFOLK · Já se encontra
de volta, sempre fiel à sua antiga
maneira de pensar, e, juntamente
com os colégios de mais subida fama
de toda a cristandade, justifica
o divórcio do rei. Dentro de pouco,
quero crer, o segundo casamento
será tornado público, assim como
a coroação da nova soberana.
Catarina não mais será chamada
de rainha, porém princesa e viúva
do falecido Artur. Oh! esse Cranmer
é um sujeito de peso; teve muito
trabalho com os negócios do monarca.
SUFFOLK · Decerto; e ainda havemos de, por isso,
vê-lo como arcebispo.
NORFOLK · Ouvi falar
a esse respeito.
SUFFOLK · É certo. Eis o cardeal!

(Entram Wolsey e Cromwell.)

NORFOLK · Observai-o! observai-o! Está zangado.
WOLSEY · Entregastes ao rei o embrulho, Cromwell?
CROMWELL ·
No quarto de dormir; dei-lho em mão própria.
WOLSEY · Viu de que se tratava?
CROMWELL · Na mesma hora
tirou o selo, e o que pegou primeiro
leu com ar muito sério, revelando
grande preocupação. Mandou dizer-vos
que hoje bem cedo viésseis esperá-lo.
WOLSEY · Pretende sair logo?
CROMWELL · Penso que ele
não deve demorar.
WOLSEY · Deixai-me agora
por uns instantes.

(Sai Cromwell.)

(À parte.) Deve ser a Duquesa de Alençon,
irmã do Rei da França. É essa que ele há de
escolher para esposa. Ana Bolena!
Não, não quero para ele a Ana Bolena.
Não basta ter uma bonita cara.
Ora, Bolena! Não queremos nada
com Bolena nenhuma. Que demora
com as notícias de Roma! Ora, a Marquesa
de Pembroke!
NORFOLK · Ele não está contente.
SUFFOLK · Talvez já saiba que contra ele a cólera
o rei já está afiando.
SURREY · Oh Deus! deixai-a
com bom corte, se fores justo em tudo.
WOLSEY · Dama de companhia da rainha,
filha de um cavaleiro, ama da ama,
rainha da rainha! Esta candeia
não está dando chama muito clara.
Tenho de espevitá-la. Então, que acabe.
Tem mérito e é virtuoso... Mas, que importa?
Sei que ela é luterana apaixonada.
Não é saudável para nossa causa
que ela repouse do monarca ao peito,
que tão dificilmente é governado.
Depois, apareceu recentemente
um herético, um herético dos piores,
esse Cranmer, que no ânimo do rei
soube insinuar-se e agora é dele o oráculo.
NORFOLK · Alguma coisa o deixa preocupado.
SURREY · Desejara que fosse alguma coisa
que lhe estragasse a corda, a corda mestra
do coração.

(Entra o rei, lendo um codicilo, e Lovell.)

SUFFOLK · O rei! O rei vem vindo!
REI HENRIQUE ·
Que quantidade imensa de riquezas
soube ele acumular para si próprio,
e que enormes despesas a toda hora
de suas mãos escoam! De que modo
pôde ele conciliar as duas coisas? —
Então, senhores, vistes o cardeal?
NORFOLK · Aqui nos encontrávamos, milorde,
a observá-lo. Algo estranho tem no cérebro:

shakespearebrasileiro.org

morde os lábios, assusta-se, detém-se
subitamente, os olhos no chão crava
e, de repente, leva o dedo à fronte;
sem que se espere, ágil estuga os passos;
depois, detém-se, o peito fere duro,
volvendo a olhar mais uma vez à lua.
Nas mais estranhas posições o vimos.

Rei Henrique ·
Pode ser que em revolta tenha o espírito.
Papéis do Estado esta manhã mandou-me,
conforme lhe pedira. Poderíeis
acaso imaginar o que entre os mesmos
fui encontrar, por pura inadvertência,
posso vos garantir, da parte dele?
O inventário, em verdade, relativo
à sua portaria, seus tesouros,
finíssimos tecidos, ornamentos
de sua casa que julga serem mostras
de excessiva opulência, que ultrapassa
de muito as posses de qualquer vassalo.

Norfolk · O céu tem parte nisso; algum espírito
decerto entre os papéis pôs essa lista
para com ela os olhos abençoar-vos.

Rei Henrique · Se acreditar pudéssemos que suas
meditações pairavam sobre a terra
e alguma multa espiritual visavam,
pudera prosseguir no devaneio.
Mas receio que sejam sublunares
suas idéias e, por isso, indignas
de séria reflexão.

(Senta-se no trono e fala baixo a Lovell, que se dirige a Wolsey.)

Wolsey · Deus me perdoe!
Que o céu proteja sempre Vossa Alteza.

Rei Henrique ·
Meu bondoso senhor, mostrais-vos cheio
de coisas celestiais e guardais na alma
o inventário da graça mais preciosa,
que decerto relíeis neste instante.
Será difícil para vós, desse ócio
pio tirar o mais fugaz momento
para as contas terrestres. Considero-vos
a esse respeito um péssimo intendente
e alegre me declaro por achar-vos
muito igual a mim mesmo neste ponto.

Wolsey · Meu soberano, eu tenho um tempo para
meus deveres sagrados, outro para
dedicar aos negócios que me forem
designados no Estado. A natureza,
por sua vez, a fim de conservar-se,
reclama alguns momentos que eu, por força,
como seu filho frágil e no jeito
de meus irmãos mortais, tenho de dar-lhe.

Rei Henrique · Palavras acertadas.

Wolsey · Desejara
que Vossa Alteza associasse sempre —
como por merecê-lo hei de esforçar-me —
com as palavras meus atos acertados.

Rei Henrique · Novamente bem dito; com acerto
já procede quem fala desse modo.
No entretanto, palavras não são atos.
Meu pai vos estimava; assim dizia,
tendo com os atos coroado o dito.
Desde que o sucedi, sempre vos tive
perto do coração. Assegurei-vos
posições de proventos vantajosos.
Mais: entrei em meu próprio patrimônio
para vos estender meus benefícios.

Wolsey *(à parte)* · Que quererá ele dizer com isso?

Surrey *(à parte)* ·
Deus faça prosperar este negócio.

Rei Henrique ·
Fiz de vós o primeiro homem do Estado,
o primeiro, pois não? Dizei-me, peço-vos,
se confirmais o que ora vos declaro.
No caso de o fazerdes, respondei-nos
se nos deveis obrigação por isso.
Que nos dizeis?

Wolsey · Meu digno soberano,
confesso que as reais graças diariamente
sobre mim derramadas ultrapassam
de muito quanto eu vos fazer pudesse.
Sim, vencem mesmo todo esforço humano.
Sempre aquém meus esforços se deixaram
ficar de meus desejos, porém nunca
de minha habilidade. Meus intuitos
pessoais só mereciam ser chamados
de pessoais na medida em que tendiam
para o bem da pessoa sacratíssima
de Vossa Majestade e o bem do Estado.
Por todas essas graças derramadas
sobre mim, tão indigno e pequenino,
só agradecimentos de vassalo
vos posso dirigir e minhas preces

shakespearebrasileiro.org

ao céu por vós, assim como a lealdade
muito própria, que tem sempre crescido
e sempre há de crescer, até que a morte,
esse inverno, a aniquile.
REI HENRIQUE · Bela frase;
retrata um obediente e fiel súdito.
A honra o recompensa, como o opróbrio;
caso contrário, será o seu castigo.
Penso que ao tempo em que com benefícios
vos estendia a mão, sincero afeto
por vós do coração se me expandia,
honras do trono sobre vós chovendo,
mais do que sobre outra qualquer pessoa.
Por isso tudo, vossa mão, o cérebro,
o coração e todas as partículas
de vosso ser deviam — não por força
dos deveres gerais da vassalagem,
mas, por assim dizer, por um afeto
muito particular — ser-me afeiçoados,
a mim, o vosso amigo, mais que aos outros.
WOLSEY · Só sei dizer que sempre hei trabalhado
mais para o bem de Vossa Majestade
do que para o meu próprio. Assim fui sempre,
assim sou e hei de ser. Embora todos
os homens viessem a quebrar as juras
que a vós os prendem, arrancando-as da alma;
muito embora os perigos se amontoassem
em maior quantidade do que pode
representar o próprio pensamento,
sob formas pavorosas me surgindo:
ainda assim, qual penedo em meio às ondas
impetuosas, o meu dever de súdito
desviaria a torrente irresistível
e se conservaria sempre vosso.
REI HENRIQUE ·
Palavras muito nobres. Tomai nota,
senhores, que ele tem muito leal peito,
pois o vistes aberto. Ora lede isto.
(Entrega-lhe uns papéis.)
E, em seguida, isto; e, após, o vosso almoço,
se apetite tiverdes para tanto.
(Sai o rei, lançando um olhar colérico para o Cardeal Wolsey; os nobres se apressam a segui-lo, sorrindo e cochichando uns com os outros.)
WOLSEY · Que quer dizer tudo isso? Essa ira súbita?
Como fui provocá-la? Ele afastou-se
com o rosto carrancudo, parecendo
dos olhos irradiar minha ruína.
É desse modo que o leão furioso
encara o ousado caçador; ferido,
muito embora, o aniquila. É necessário
que eu leia este papel. Temo que nele
se ache a história de toda a sua cólera.
É isso mesmo; esta folha aniquilou-me.
É a relação do mundo de riquezas
que eu amontoei para proveito próprio,
especialmente para ver se a sede
do papado alcançava, e meus amigos
de Roma, assim, pagar. Oh negligência!
digna de pôr um imbecil por terra!
Que demônio maldoso me teria
levado a colocar este segredo
de tamanha importância no pacote
que eu mandei para o rei? Não há recurso
para remediar isto? Traça alguma
que esta idéia do cérebro lhe tire?
Sei que ele vai ficar muito abalado;
mas um meio conheço, que no caso
de ser bem aplicado — embora a sorte
se possa opor — me tirará do aperto.
Que será isto? "Ao Papa!" A própria carta
que eu enviei a Sua Santidade!
Por minha vida! Agora está acabado.
Não há remédio. Já alcancei o ponto
mais alto da grandeza, e desse pleno
meridiano de minha grande glória
baixarei apressado para o ocaso.
Vou cair como um lúcido meteoro,
que ninguém mais enxerga.
(Voltam os Duques de Norfolk e de Suffolk, o Conde de Surrey e o Lorde Camareiro.)
NORFOLK · Escutai o prazer do rei, cardeal.
Entregar vos ordena sem delongas
em nossas mãos o selo e à casa de Asher
vos recolher, à sede do bispado
de Winchester, até novas mais precisas
terdes de Sua Alteza.
WOLSEY · Alto! Onde se acham
vossos plenos poderes? Só palavras
nunca trazem tão grande autoridade.
SUFFOLK · Quem pode contrariá-las, se da boca
do rei, diretamente, elas dimanam?
WOLSEY · Até que eu veja mais do que palavras,
ou vontade somente e a falsidade

shakespearebrasileiro.org

que vos caracteriza, ficai certos,
senhores oficiosos, que eu me atrevo,
que eu devo contestá-las. Vejo agora
de que metal grosseiro fostes feitos:
de inveja. Com que empenho seguis todos
minha desgraça, como se alimento
dela mesma tirásseis! Que brandura,
que maciez revelais em tudo quanto
pode apressar-me a queda! Em vosso curso
de inveja continuai, homens maldosos;
os deveres cristãos vos dão apoio;
mas há de vir o tempo em que, sem dúvida,
sereis recompensados. Este selo
que de mim reclamais com tanto empenho,
o soberano — meu senhor e vosso —
com suas mãos me deu, asseverando
que em toda a minha vida eu gozaria
do posto e dignidade a ele inerentes.
E para sua generosidade
deixar bem clara, confirmou o dito
com suas cartas patentes. Assim sendo,
quem se atreve a tomar-mo?
Surrey · O rei, que o deu.
Wolsey · Que seja ele em pessoa, então.
Surrey · Não passas
de um traidor arrogante, padre.
Wolsey · Mentes,
lorde atrevido! Há quarenta horas, Surrey
preferiria ter queimado a língua
a falar desse modo.
Surrey · Tua empáfia,
Oh pecado escarlate, esta chorosa
terra privou do muito nobre Buckingham,
meu sogro. Todas as cabeças, todas,
de teus irmãos cardeais, contigo e quanto
tiveres de melhor, pesavam menos
que um só cabelo dele. A peste leve
toda a vossa política. Enviastes-me
para a Irlanda, afastando-me da ajuda
que podia prestar-lhe, do monarca,
de quantos o teriam desculpado
do crime a ele imputado, enquanto a vossa
grande bondade, por piedade santa,
o absolveu com um machado.
Wolsey · Isso, e assim tudo
quanto este lorde falador quisesse
doravante assacar-me, afirmo, é falso.
Por lei o duque recebeu seu prêmio.
De como eu fui isento de maldade
particular na queda dele, prova-o
o nobre júri e a própria ação nefanda.
Milorde, se eu gostasse de discursos
muito compridos, ora vos diria
que sois destituído tanto de honra
como de honestidade e que a respeito
de lealdade e verdade ao soberano —
meu sempre leal senhor — me considero
melhor homem que Surrey e que todos
quantos suas loucuras aprovavam.
Surrey · Padre, essa roupa longa vos protege,
por minha alma. Se não fora isso, havias
de sentir minha espada no teu sangue.
Podeis, milordes, continuar ouvindo
por mais tempo tamanhas arrogâncias?
E logo deste tipo? Se mostrarmos
mansidão a esse ponto, que permita
a um retalho escarlate fazer pouco
de nós todos, então: adeus, nobreza!
Que prossiga Sua Graça e vos enxote
com seu chapéu, tal como a cotovias.
Wolsey · Para esse estômago é veneno o mérito.
Surrey · Sim, mas o mérito de haver reunido
por meio da extorsão toda a riqueza
da terra em vossas mãos, cardeal; o mérito
do embrulho interceptado, da missiva
que para o papa contra o rei mandastes.
Já que me provocastes, vosso mérito
vai ficar conhecido à saciedade.
Milorde de Norfolk, se é que de nobre
família descendeis e fazeis caso
do bem-estar de todos, da grandeza
de nossa condição espezinhada,
de nossos filhos que, dificilmente,
se ele viver, virão a ser fidalgos,
lede a lista de todos os seus crimes,
o resumo de todos os seus atos.
Muito mais assustado vou deixar-vos
do que o sagrado sino, quando aquela
rapariga morena em vossos braços
se recosta, cardeal, e vos dá beijos.
Wolsey · Como eu podia desprezar este homem,
se não Fosse impedir-me a caridade!
Norfolk · Milorde, a lista de seus crimes se acha
com o próprio rei, mas basta que o declare:
são todos horrorosos.

shakespearebrasileiro.org

WOLSEY · Mais formosa
com isso, e imaculada, há de mostrar-se
minha inocência, quando o soberano
conhecendo ficar minha lealdade.
SURREY · Isso não vai salvar-vos. Felizmente
tenho boa memória; ainda me lembro
de alguns itens da lista. Vou dizê-los.
Se capaz de corar ainda fordes,
cardeal, e de dizer "culpado" a tudo,
um resto mostrareis de honestidade.
WOLSEY · Falai, senhor, pois desafio vossas
acusações. Corar eu poderia,
mas por ver um fidalgo que de todo
perdeu a compostura.
SURREY · Antes perdê-la
que perder a cabeça. E agora ouvi-me.
Primeiro, sem que o rei tivesse tido
ciência disso ou nisso consentido,
conseguistes o posto de legado,
com o que mutilastes os direitos
de nossos bispos.
NORFOLK · A seguir, em tudo
quanto escrevíeis para o rei e para
príncipes estrangeiros, sempre usáveis
a pretensiosa fórmula seguinte:
"Ego et Rex meus" com o que do rei fazíeis
um subalterno vosso.
SUFFOLK · Mais, ainda:
sem ter o rei nem o Conselho ciência,
quando de embaixador servistes junto
do imperador, tivestes a ousadia
de a Flandres carregar o grande selo.
SURREY · Item, poderes plenos de vós teve
Gregório de Cassado, para um pacto
firmar entre Ferrara e Sua Alteza,
sem de nada saber o rei e o Estado.
SUFFOLK · Depois, por simples ambição, mandastes
gravar vosso chapéu sagrado em todas
as moedas do rei.
SURREY · Depois, enviastes
somas enormes — deixo agora à vossa
consciência os meios por que foram ganhas —
para Roma comprar e abrir caminho
para mais altos postos; isso tudo
sob as ruínas do país inteiro.
Há mais; porém por serem coisas vossas,
são odiosas; não vou sujar a boca.

CAMAREIRO ·
Oh senhor! não façais pressão tão grande
contra um homem que cai; é caridade.
Às leis estão patentes suas faltas;
que elas, não vós, se incumbam de puni-lo.
Aperta-se-me o coração por vê-lo
precipitado de tão grande altura.
SURREY · Por mim, perdôo-lhe.
SUFFOLK · Lorde Cardeal,
eis o que o rei decide: tendo em vista
que quanto ultimamente praticastes
dentro deste país, na qualidade
de legado, se encontra no domínio
de um *praemunire,* contra vós se expressa
uma ordem de confisco, relativa
a tudo o que possuis, terras, castelos
e quanto mais tiverdes, declarando-vos
fora da proteção do soberano.
Essa é a minha mensagem.
NORFOLK · E com isso
a vossas reflexões vos entregamos,
para vos reformardes. Quanto à vossa
resposta de há momentos, obstinada,
de não nos entregar o grande selo,
o rei será informado e, certamente,
vos agradecerá. E agora, adeus,
meu pequenino e bom Lorde Cardeal.

(Saem todos, com exceção de Wolsey.)

WOLSEY · Adeus ao pouco bem que me votáveis.
Adeus, um longo adeus a toda a minha
grandeza. Esse é o destino de todo homem:
hoje lhe nascem as folhinhas tenras
da esperança; amanhã ele floresce,
carregado ficando de honrarias;
mas no terceiro dia vem a geada,
uma geada mortal, e no momento
preciso em que ele — quão simplório e calmo! —
crê que sua grandeza está madura,
ela a raiz lhe morde, caindo ele
tal como agora eu caio. Aventurei-me
como crianças que nadam com bexigas,
durante estios vários num oceano
de glórias, mas profundo em demasia.
Minha vaidade, inflando-se ao extremo,
arrebentou sob mim, ora deixando-me
cansado e envelhecido no serviço,

shakespearebrasileiro.org

ao sabor de uma rude correnteza
que para sempre acabará tragando-me.
Glórias vãs deste mundo, pompas fúteis,
tenho-vos ódio! O coração se me abre
a novos sentimentos. Triste a sorte
de quem depende do favor dos príncipes!
Entre o sorriso a que ele aspira tanto,
o aspecto prazenteiro do monarca,
e sua ruína há mais angústias e medo
do que na guerra ocorre ou nas mulheres.
E quando a queda vem, quem cai é Lúcifer,
privado da esperança.

(Entra Cromwell, com aspecto consternado.)

Que é que há, Cromwell?

Cromwell · Para falar, senhor, não tenho forças.

Wolsey · Como! Minha desgraça te consterna?
Admitir teu espírito não pode
que um grande homem decline? Estais chorando!
Devo, então, ter caído de verdade.

Cromwell · Como vai Vossa Graça?

Wolsey · Bem, decerto;
nunca fui tão feliz, bondoso Cromwell.
Agora me conheço. No meu íntimo
sinto uma paz que paira sobre todas
as dignidades terrenas, uma consciência
clara e tranqüila. Devo ao rei a cura;
agradecido sou a Sua Graça,
humildemente o digo. Destes ombros,
por piedade, tirou pesado fardo
que afundar poderia até uma frota:
honra excessiva. Oh! que pesado fardo!
É um fardo, meu bom Cromwell, excessivo
para quem põe no céu toda a esperança.

Cromwell · Alegro-me por ver que Vossa Graça
compreende a situação por essa forma.

Wolsey · Penso que sim, convicto estando agora —
graças à força que no peito sinto —
de que suportarei mais sofrimentos
e muito mais intensos do que quantos
meus inimigos de ânimo mesquinho
a me infligir se atrevam. Que há de novo?

Cromwell · A novidade pior e mais penosa
é a boa graça do rei terdes perdido.

Wolsey · Deus o ampare!

Cromwell · A segunda é que nomeado
foi em vosso lugar Sir Tomás More;
é o Lorde Chanceler.

Wolsey · É um tanto súbita,
parece-me, a ascensão; mas é pessoa
de saber comprovado. Faço votos
para que ele por muito tempo saiba
conservar-se nas graças do monarca
e a justiça aplicar segundo as regras
imparciais do dever e da consciência.
Desse modo seus ossos, quando o curso
completado ele houver e já se achar
na bem-aventurança adormecido,
alcançarão um túmulo banhado
nas lágrimas dos órfãos. Há outra novas?

Cromwell · Cranmer voltou e foi bem recebido;
foi nomeado Arcebispo de Cantuária.

Wolsey · Oh! isso é novidade!

Cromwell · Finalmente,
que Lady Ana, com quem muito em segredo
havia muito tempo, o rei casara,
hoje foi vista em público, quando ia
para a capela real, sendo tratada
como rainha. Só se fala agora
em sua coroação.

Wolsey · Foi esse peso
que me jogou por terra. Oh Cromwell, Cromwell!
O rei se me escapou. É para sempre,
para sempre que eu perco minhas glórias
nessa única mulher. Jamais o sol
voltará a proclamar minha grandeza
nem a doirar de novo os novos grupos
que sempre meus sorrisos aguardavam.
Afasta-te de mim, bondoso Cromwell;
sou um pobre homem decaído, indigno
de ser agora teu senhor e mestre.
Vai procurar o rei. Jamais ocaso
há de ter este sol, é o que desejo.
Quem és lhe disse e quanto verdadeiro.
Decerto há de ajudar-te. Algum resquício
de consideração a meu respeito —
conheço-lhe a alma nobre — há de impedi-lo
de apagar teu serviço meritório.
Bondoso Cromwell, não te esqueças dele;
cuida de teu futuro, promovendo
tua estabilidade.

Cromwell · Oh meu senhor!
Vou deixar-vos? Forçoso é, então, que eu perca
tão bondoso senhor, tão leal e nobre?
Atestem-me as pessoas que de ferro

shakespearebrasileiro.org

não têm o coração, em como é cheio
de tristeza que Cromwell se despede
de seu senhor e mestre. O soberano
meus serviços terá; mas minhas preces
sempre vossas serão, oh! sempre, sempre!
Wolsey ·
Cromwell, nunca pensei que uma só lágrima
viria a derramar em minha queda.
Mas com tua lealdade e singeleza
ao papel de mulher me reduziste.
Enxuguemos os olhos. E ora escuta-me.
Quando esquecido eu já estiver — que é certo
vir a sê-lo — e dormir no frio mármore,
quando ninguém pronunciar meu nome,
dirás que eu te mostrei, dirás que Wolsey —
que as estradas da glória percorrera
e os abismos sondara mais profundos
e as sirtes do comando — em seu naufrágio
te mostrou o caminho da grandeza,
o caminho seguro e confortável
que ele próprio perdera. Observa apenas
minha queda e o que fez minha ruína.
Despe-te de ambição, Cromwell, te peço.
Esse pecado derrubou os anjos;
como útil poderia ser aos homens,
de Deus feitos à imagem? Não reveles
egoísmo; ama aos próprios inimigos.
Não lucrarás por meio do suborno
mais do que com a verdade. Traze sempre
na destra a doce paz, para que as línguas
invejosas reduzas ao silêncio.
Sê justo e nada temas. Que tuas metas
se identifiquem sempre com as da pátria,
de Deus e da verdade, pois, Oh Cromwell!
no caso de caíres, tua queda
será a de um grande mártir. Serve ao rei
e, por obséquio, deixa-me. O inventário
farás de tudo quanto tenho, tudo,
até o último pêni; ao rei pertence.
Minha lealdade ao rei e minhas vestes
é tudo o que me resta. Oh Cromwell, Cromwell!
Se ao meu Deus eu tivesse revelado
metade, só, do zelo com que sempre
servi o soberano, ele decerto
não me teria, nesta idade, entregue
nu aos meus inimigos.
Cromwell · Meu bondoso
senhor, tende paciência.
Wolsey · Tenho muita.
Esperança da corte, agora, adeus;
minha esperança se concentra em Deus.

(Saem.)

Ato IV · Cena I

Uma rua de Westminster.
Entram dois gentis-homens, que se encontram.

Primeiro Gentil-Homem ·
Mais uma vez, bem-vindo.
Segundo Gentil-Homem · Como vós.
Primeiro Gentil-Homem ·
Viestes tomar lugar, porque a Lady Ana
possais ver, quando vier da coroação?
Segundo Gentil-Homem ·
Perfeitamente. Ao nosso último encontro
deixava o tribunal o grande Duque
de Buckingham.
Primeiro Gentil-Homem · Porém naquele dia
tudo era só tristeza. Hoje, por toda
parte reina a alegria
Segundo Gentil-Homem · E com razão.
Os cidadãos revelam plenamente
que dedicados são ao rei e ao trono.
Façamos-lhe justiça: sempre se acham
prontos a celebrar esta efeméride
com representações, troféus e emblemas.
Primeiro Gentil-Homem ·
Mas nunca festivais houve tão belos,
isso asseguro, nem mais adequados.
Segundo Gentil-Homem ·
Se desculpardes a pergunta, posso
saber que papel é esse?
Primeiro Gentil-Homem · Ora, sem dúvida.
É a relação dos que vão pedir hoje
novos postos, de acordo com o costume
da coroação. É o primeiro o Duque
de Suffolk, que deseja ser nomeado

shakespearebrasileiro.org

grão-senescal; o duque de Norfolk
vem depois, como conde-marechal.
Lede o resto vós mesmo.

Segundo Gentil-Homem · Agradecido:
se eu já não conhecesse esse costume,
vosso papel muito útil me seria.
Mas, por favor, dizei-me: que foi feito
de Catarina? Falo da princesa
viúva. Em que pé está o seu negócio?

Primeiro Gentil-Homem ·
Poderei informar-vos. O Arcebispo
de Cantuária, com vários outros membros
reverendos e sábios de sua ordem,
reuniu uma corte de justiça há pouco,
em Dunstable, distante só seis milhas
de Ampthill, onde a princesa está morando,
a qual diversas vezes foi citada,
mas não apareceu. Para ser breve:
por causa de sua ausência e dos escrúpulos
recentes do monarca, proclamado
foi o divórcio por geral consenso
dos sábios personagens, sem efeito
tendo ficado o casamento de ambos.
Transferida depois foi ela para
Kimbolton, onde agora se acha doente.

Segundo Gentil-Homem ·
Pobre senhora!

(Toque de trombetas.)

Toque de trombetas!
Basta, basta! A rainha vem chegando.

(A ordem do cortejo.)
(Oboés)

1 — Dois juízes.
2 — O Lorde Chanceler, precedido da bolsa e da maça.
3 — Coristas cantando.

(Música)

4 — O prefeito de Londres, com a maça; depois, o rei de armas, em traje de rigor, trazendo na cabeça uma coroa de cobre dourado.
5 — O Marquês Dorset, com um cetro de ouro, trazendo na cabeça uma meia coroa de ouro. Com ele vem o Conde de Surrey com o bastão de prata encimado por uma pomba, trazendo na cabeça uma coroa de conde; ao pescoço, colar da ordem, em forma de SS.
6 — O Duque de Suffolk, com seu manto de Estado, coroa pequena na cabeça, empunhando a varinha branca do grão-senescal. Com ele, o Duque de Norfolk, com o bastão de marechalato e coroa pequena. Colar de SS.
7 — Um dossel carregado por quatro barões dos Cinco Portos; sob ele, a rainha, em traje de cerimônia; está coroada e com os cabelos enfeitados de pérolas. Ladeiam-na os Bispos de Londres e de Winchester.
8 — A velha Duquesa de Norfolk com uma grinalda de flores de ouro, sustentando a cauda da rainha.
9 — Numerosas damas nobres ou condessas com simples aros de ouro na cabeça, sem flores.

(Atravessam o palco em ordem e com solenidade.)

Segundo Gentil-Homem ·
Por minha vida! um séquito admirável!
Conheço aqueles. Quem carrega o cetro?

Primeiro Gentil-Homem ·
O Marquês Dorset: o bastão é o Conde
de Surrey que carrega.

Segundo Gentil-Homem · É um gentil-homem
nobre e valente. E aquele, porventura
não será o Duque de Suffolk?

Primeiro Gentil-Homem · O mesmo;
como grão-senescal.

Segundo Gentil-Homem · E esse, milorde
de Norfolk?

Primeiro Gentil-Homem · Ele mesmo.

Segundo Gentil-Homem *(olhando para a rainha)* ·
O céu te ampare!
Tens o mais belo rosto que eu já vi.
Senhor, por minha vida, ela é um anjo.
No braço leva o rei ambas as Índias,
sendo muito mais rico, oh! sem medida,
quando nos braços cinge esta senhora.
Não censuro a consciência do monarca.

Primeiro Gentil-Homem ·
Os que sobre ela o baldaquim sustentam,
são quatro dos barões de Cinco-Portos.

Segundo Gentil-Homem ·
Que homens felizes! E assim todos quantos
se encontram perto dela. E acaso aquela
que lhe segura a cauda do vestido
não será a veneranda e nobre dama,
a Duquesa de Norfolk?

Primeiro Gentil-Homem · Ela mesma,
como condessas são todas as outras.

Segundo Gentil-Homem ·
As coroas o dizem, São estrelas
todas elas; algumas, em declínio.

shakespearebrasileiro.org

Primeiro Gentil-Homem ·
Sobre isso não falemos.
(Sai a procissão ao toque estridente de fanfarras.)
(Entra um terceiro gentil-homem.)
Deus vos salve,
senhor! Onde ficastes tão assado?
Terceiro Gentil-Homem ·
Na abadia, onde o povo se aglomera
de modo tal, que nem um dedo fora
possível meter lá. Quase me matam
com tanta exuberância de alegria.
Segundo Gentil-Homem ·
Vistes a cerimônia?
Terceiro Gentil-Homem · Vi.
Primeiro Gentil-Homem · E o jeito?
Terceiro Gentil-Homem ·
Mui digno de ser visto.
Segundo Gentil-Homem · Bom amigo,
contai-nos como foi.
Terceiro Gentil-Homem · Do melhor modo
que possível me for. Tendo a rainha
levado até um lugar no coro, a esplêndida
onda de nobres damas e senhores
um tanto se afastou. Lá, Sua Graça
sentou-se um pouco, cerca de meia hora,
num trono rico, ao povo patenteando
toda a sua beleza. Acreditai-me,
senhor: ela é a mulher mais admirável
que ao lado já dormiu de qualquer homem.
Quando o povo a admirou assim de perto,
levantou-se um barulho como fazem
as enxárcias num mar em tempestade,
assim violento e vário: chapéus, matos,
creio que até casacos, tudo voava.
E se as cabeças fixas não se achassem,
nesse dia perdidas ficariam.
Nunca vi tanto júbilo; mulheres
grávidas, na semana já do parto,
como os velhos aríetes de guerra,
por entre a turba se metiam, brechas
abrindo facilmente. Não podia
ninguém dizer: "Minha mulher é aquela",
de tal maneira entrelaçados todos
num só bloco se achavam.
Segundo Gentil-Homem · E após isso?
Terceiro Gentil-Homem ·
Finalmente Sua Graça levantou-se
e com passos modestos dirigiu-se
para o altar, ajoelhou-se e, na postura
de uma santa, no céu fitando os olhos,
rezou devotadamente. Levantando-se,
fez uma reverência para o povo.
Após isso, o Arcebispo de Cantuária
lhe deu as reais insígnias de seu posto:
o óleo sagrado, a coroa que já fora
de Eduardo, o Confessor, a vara, a pomba
da paz e todos os demais emblemas
nobremente ao seu lado foram postos;
logo depois, o coro, acompanhado
da música melhor de todo o reino
cantou o Te Deum. Assim foi ela embora,
com a mesma cerimônia com que viera,
para o palácio de York, onde festejos
se estão realizando.
Primeiro Gentil-Homem · Doravante,
senhor, já não será palácio de York.
Isso foi no passado, pois o título
com a queda do cardeal ficou extinto.
Ora é do rei e o nome de Whitehall.
Terceiro Gentil-Homem ·
Perfeitamente. Porém tão recente
foi a mudança, que seu velho nome
me ocorre mais amiúde.
Segundo Gentil-Homem · Qual o nome
dos dois bispos tão graves que marchavam
ao lado da rainha?
Terceiro Gentil-Homem · Stokesly e Gardiner,
um, Bispo de Winchester; foi promovido;
secretário do rei era até há pouco.
O outro, Bispo de Londres.
Segundo Gentil-Homem · O de Winchester
não é tido na conta de afeiçoado
ao arcebispo, o virtuoso Cranmer.
Terceiro Gentil-Homem ·
Todo o país sabe isso. Por enquanto,
porém, a divergência ainda é pequena.
Mas se vier a aumentar, há de achar Cranmer
um amigo que nunca há de deixá-lo.
Segundo Gentil-Homem ·
Quem pode ser? Dizei-me.
Terceiro Gentil-Homem · Tomás Cromwell,
pessoa que desfruta de muito alto
prestígio junto ao rei; amigo certo,
sem dúvida nenhuma. O rei fez dele
o avaliador de seu real tesouro,
já tendo sido nomeado para

shakespearebrasileiro.org

seu conselho privado.
Segundo Gentil-Homem · Há de outros postos elevados obter.
Terceiro Gentil-Homem · Sim, nem há dúvida. Vamos juntos, senhores; vou à corte;
ali sereis meus hóspedes; disponho
de alguma autoridade. De caminho,
sobre isso falaremos mais de espaço.
Ambos · Estamos, meu senhor, às vossas ordens.
(Saem.)

Ato IV · Cena II

Kimbolton.
Entra a ex-Rainha Catarina, doente, conduzida por Griffith e Paciência.

Griffith · Como se sente agora Vossa Graça?
Catarina · Oh Griffith! É mortal minha doença.
Como galhos de chumbo tenho as pernas,
dobradas para a terra e desejosas
de se desvencilharem de seu fardo.
Trazei-me uma cadeira. Assim; agora
me sinto mais a gosto. Não disseste,
Griffith, quando me vinhas amparando,
que esse famoso filho da grandeza,
o Cardeal Wolsey, tinha falecido?
Griffith · Disse, minha senhora; mas pensava
que ouvido não me tinha Vossa Graça,
em virtude de vossos sofrimentos.
Catarina ·
Conta-me, por obséquio, meu bom Griffith,
de que modo morreu. Se morreu bem,
partiu na minha frente certamente
para me dar exemplo.
Griffith · Todos dizem,
senhora, que foi bem. Após ter sido
detido em York pelo altivo Conde
Northumberland e conduzido para
justificar-se das mais graves culpas
que pesavam sobre ele, mui de súbito
sentiu-se doente e de tal modo fraco
que nem pôde montar em sua mula.
Catarina · Pobre homem!
Griffith · Finalmente, a muito custo,
Leiscester alcançou, tendo apeado
na abadia, onde foi bem recebido
pelo abade com todos os seus monges,
a quem falou assim: "Oh padre abade,
um ancião alquebrado pelas grandes
tempestades do Estado, aqui se encontra
para entre vós deixar os lassos ossos.
Por caridade, concedei-lhe ao menos
uma pouca de terra". Conduziram-no
sem mais delongas para a cama, tendo
feito a doença rápido progresso.
E, já bem fraco, na terceira noite,
pelas oito horas — que ele próprio havia
predito que sua última seria —
arrependido, em lágrimas banhado,
contínuo meditar e ininterruptas
preocupações, restituiu ao mundo
suas pompas, ao céu a imortal parte,
e adormeceu em paz.
Catarina · E assim repouse.
Que não lhe pesem suas grandes faltas.
Mas uma coisa, Griffith, me permite
que a seu respeito eu diga, sem faltar-lhe
com a caridade. Ele era um indivíduo
de orgulho desmedido, que gostava
de se ombrear com os príncipes, um homem
que por meios secretos conseguira
dominar todo o reino. A simonia
para ele era o normal; seu próprio arbítrio,
toda a lei. Até mesmo ante a evidência
assoalhava mentiras; sempre dobre
nas intenções e em tudo o que dizia.
Piedade não mostrava, salvo quando
premeditava arruinar alguém.
No prometer, magnífico, tal como
era ele então; mas, quanto a realizá-las,
tal como é agora; nada. Pecou muito
na própria carne, dando, assim, exemplo
péssimo a todo o clero.
Griffith · Nobre dama,
os defeitos dos homens são gravados
no bronze, mas as boas qualidades

shakespearebrasileiro.org

escrevemo-las na água. Vossa Alteza
permitirá que bem eu fale dele?
Catarina · Pois não, bondoso Griffith; de outro
modo, maldosa eu me mostrara.
Griffith · Esse cardeal,
apesar de sua origem muito humilde,
foi fadado, decerto, desde o berço
para altas honrarias. Foi um sábio
maduro e mui capaz, de extraordinária
sagacidade, sempre bem falante
e de grande poder de persuasão.
Áspero e altivo para os desafetos,
mas, como o estio, doce para todos
os que o iam procurar. E muito embora
no adquirir ele fosse incontentável —
o que é grande pecado — revela-se
principesco no dar, nobre senhora.
Sempre hão de provar isso esses dois gêmeos
da ciência que ele para vós criou:
Oxford e Ipswich; um, que caiu com ele,
por não querer sobreviver ao próprio
benfeitor; o outro, embora ainda incompleto,
de marcha ascensional tão admirável,
que nunca deixará a cristandade
de tecer-lhe elogios. Sua queda
fez sobre ele chover felicidades,
pois a partir daí — nunca antes disso —
pôde adquirir consciência de si próprio,
felicidade achando na ventura
de ser pequeno, o que lhe deu mais honras
à velhice que os homens o fariam.
Morreu temente a Deus.
Catarina · Depois de eu morta,
não desejo outro arauto, mais brilhante
relator de meus atos, porque fique
da corrupção minha honra sempre isenta,
do que um cronista honesto como Griffith.
Quem em vida eu odiei, tu me obrigaste,
com tão pia modéstia e reverência,
a honrar depois de morto. Em paz descanse.
Fica perto de mim. Paciência; deixa-me
mais baixa um pouco; não vou dar-te incômodo
por muito tempo mais. Bondoso Griffith,
aos músicos ordena que ora toquem
a ária tristonha que eu chamar costumo
de meu dobre funéreo, pois sentada
me quedarei a meditar naquela
celestial harmonia que mui breve
terei de conhecer.

(Música triste e solene.)

Griffith · Está dormindo.
Sentemo-nos, menina, bem quietinhos,
para não despertá-la. Sem barulho,
gentil Paciência.

(A visão. Entram solenemente, uma após outra, seis personagens, vestidas de branco, com grinaldas de louro na cabeça e máscara de ouro no rosto; nas mãos trazem palmas de louro. Saúdam primeiro a rainha e depois dançam; a determinadas mudanças de figura, as duas primeiras sustentam sobre a cabeça da rainha uma grinalda pequena, ao tempo em que as outras quatro se inclinam com reverência. Depois, as duas que seguram a grinalda a passam para as duas seguintes, que observam a mesma ordem na mudança dos passos, mantendo-a sobre a cabeça da rainha. Depois, passam-na para as duas últimas, que repetem a cerimônia, com o que — como que por inspiração — a rainha faz no sono sinais de aprovação e levanta as mãos para o céu. As aparições, sem parar de dançar, desaparecem, levando a grinalda. A música continua.)

Catarina · Espíritos da paz, para onde fostes?
Já desaparecestes e na minha
miséria me deixastes?
Griffith · Aqui estamos,
minha senhora.
Catarina · Não falei convosco.
Vistes alguém entrar durante o tempo
em que a dormir fiquei?
Griffith · Ninguém, senhora.
Catarina · Não? Não vistes entrar neste momento
um coro de anjos que me convidavam
para um banquete? De brilhantes rostos,
me iluminavam como o sol radioso,
felicidade eterna me auguraram,
lindas grinaldas me trouxeram, Griffith,
que eu de aceitar ainda não sou digna.
É cedo, porventura.
Griffith · Regozijo-me
por ver, senhora, que tão belos sonhos
vos prendem os sentidos.
Catarina · Manda a música
parar; é dura e deixa-me abatida.

(Cessa a música.)

Paciência · Notastes a mudança que de súbito

shakespearebrasileiro.org

Sua Graça apresenta? Como o rosto
ficou mais longo! Como ela está pálida
e fria como argila! Os olhos vêde-lhos!
GRIFFITH · Está morrendo, filha. Reza! Reza!
PACIÊNCIA · Possa o céu ampará-la.
(Entra um mensageiro.)
MENSAGEIRO · Se Vossa Graça...
CATARINA · Sois impertinente.
Não merecemos mais respeito, acaso?
GRIFFITH · Censura mereceis, pois bem sabendo
que ela abdicar não quer da costumeira
majestade, falais com tal rudeza.
Ajoelhai! Ajoelhai!
MENSAGEIRO · Humildemente
peço perdão a Vossa Majestade.
A pressa foi que me deixou grosseiro.
Aí fora há um gentil-homem que deseja
falar-vos. Vem da parte do monarca.
CATARINA ·
Griffith, manda-o entrar, mas que este tipo
eu enxergar não torne.
(Saem Griffith e o mensageiro.)
(Volta Griffith com Capúcio.)
Se minha vista
não me engana, da parte agora vindes
do imperador, meu muito real sobrinho,
e vos chamais Capúcio.
CAPÚCIO · Ele, senhora,
servidor vosso.
CATARINA · Oh meu senhor, os tempos
e os títulos mudaram muito, muito,
desde que me ficastes conhecendo.
Mas, por obséquio, que quereis de mim?
CAPÚCIO · Em primeiro lugar, nobre senhora,
a Vossa Graça oferecer meus préstimos;
depois, o rei determinou que eu viesse
fazer esta visita. Muito aflito
ele está por saber-vos assim fraca
e por meu intermédio vos envia
suas reais condolências, desejando
sinceramente que crieis coragem.
CATARINA · Oh meu senhor! Este encorajamento
me chega muito tarde; é como graça
depois da execução. Esse remédio
benigno, administrado em tempo certo,
me teria curado. Mas agora,
consolo algum me serve, se excetuarmos
apenas a oração. E Sua Alteza
como passa?
CAPÚCIO · Senhora, com saúde.
CATARINA · Que continue assim, florente sempre,
quando eu morar com os vermes e meu pobre
nome estiver banido deste reino.
Paciência, foi enviada aquela carta
que eu te mandei fazer?
PACIÊNCIA · Ei-la, senhora.
(Entrega a carta a Catarina.)
CATARINA · Senhor, humildemente vos conjuro
a entregar isto ao rei, meu soberano.
CAPÚCIO · De bom grado, senhora.
CATARINA · Recomendo
nela à sua bondade a vera imagem
de nosso casto amor, a filha dele —
que em bênçãos incessantes caia o orvalho
sempre do céu sobre ela! — e lhe suplico
que lhe ministre educação virtuosa.
É muito nova e de modesta e nobre
natureza, esperando eu que ela saiba
praticar a virtude, e que um pouquinho
de amor lhe vote em consideração
da mãe que o amou tão ternamente como
só do céu é sabido. O outro pedido
que humildemente faço é que Sua Graça
tenha piedade destas infelizes
mulheres que durante tanto tempo
me acompanharam, sempre dedicadas,
na fortuna variável, não havendo,
posso afirmá-lo — e nisso falsidade
não poderei dizer — nenhuma delas
que, por virtudes e beleza da alma,
honestidade e nobre compostura
não mereça um marido de alto mérito.
Que seja nobre, até, pois, em verdade,
serão felizes os que as escolherem.
Meu último pedido é para os criados.
Pobres são todos, mas de mim não pôde
tirar nunca a pobreza nenhum deles.
Sejam-lhes pagos, pois, os ordenados,
sem falta alguma, com algum acréscimo,
como recordação de minha parte.
Se um pouco mais de vida o céu me houvesse
concedido, e recursos, nos teríamos
despedido melhor. Eis toda a carta,
senhor. Por tudo quanto neste mundo

shakespearebrasileiro.org

tendes de caro, pela paz cristã
que desejais aos mortos, sede amigo
destes coitados, insistindo junto
do soberano, para que ele esta última
justiça me conceda.
CAPÚCIO · Pelo céu,
assim farei, ou despojar-me quero
desta figura humana.
CATARINA · Agradecida,
muito digno senhor. Humildemente
falai de mim a Sua Majestade.
Dizei-lhe que já vai deixar o mundo
o autor de seus cuidados demorados.
Contai-lhe que eu o abençoei na morte,
pois vou fazê-lo. Tenho os olhos turvos.
Adeus, senhor; Griffith, adeus. Paciência,
não, não saias ainda. Chama as outras;
preciso ir para a cama. Estando eu morta,
boa menina, trata-me com honra.
Virginais flores põe no meu sepulcro,
para que todos saibam que uma esposa
casta eu fui até à morte. Embalsamai-me
e exibi-me. Conquanto não rainha,
como rainha quero que me enterrem,
como filha de rei. Não posso mais...

(Saem, levando Catarina.)

Ato V · Cena I

Londres. Uma galeria do palácio.
Entram Gardiner, Bispo de Winchester, um pajem com um archote, que encontram Sir Tomás Lovell.

GARDINER · Já é uma hora, menino?
PAJEM · Neste instante
acabou de bater.
GARDINER · Uma hora dessas
dicada deveria ser a nossas
necessidades, não a diversões,
momento para reparar as forças
com salutar repouso, sem o tempo
desperdiçarmos. Sir Tomás, boa noite.
Para onde ides tão tarde?
LOVELL · Acaso viestes
do rei, senhor?
GARDINER · Sim, Sir Tomás; deixei-o
jogando uma partida de "primero"
com o Duque de Suffolk.
LOVELL · Vou procurá-lo
antes de ir me deitar. De vós despeço-me.
GARDINER ·
Não, não, Sir Tomás Lovell. Que acontece?
Revelais muita pressa. Se puderdes —
não havendo mal nisso — alguma coisa
contai ao vosso amigo, do negócio
que tão tarde vos prende. Esses assuntos
que passeiam no jeito dos espíritos,
à meia-noite, são de natureza
mais estranha do que a dos que de dia
procuram seu despacho.
LOVELL · Muito afeto
vos dedico, milorde, e ouso confiar-vos
segredo de mais peso que estas minhas
ocupações. A soberana se acha
em trabalho de parto e em grande risco;
é o que dizem. Receio que sucumba.
GARDINER · Oro ferventemente pelo fruto
que ela carrega, para que a bom termo
venha a nascer e viva. Mas, quanto à árvore,
Sir Tomás, vê-la quero sem raízes.
LOVELL · Capaz me sinto de dizer amém.
Porém diz-me a consciência que ela é uma
criatura boníssima, senhora
de valor, que merece nossos votos.
GARDINER ·
Porém senhor, senhor! Prestai-me ouvidos,
Sir Tomás. Sois fidalgo do meu jeito.
Sei que sois muito sábio e religioso,
mas deixai que vos diga: nunca, nunca
há de isto acabar bem. Não, Sir Tomás,
podeis acreditar-me, enquanto Cranmer
e Cromwell, as mãos dela, juntamente
com ela não dormirem no sepulcro.
LOVELL · Ora vos referistes aos dois homens
mais notáveis do reino. Quanto a Cromwell,
além de auferidor do real tesouro,
foi nomeado arquivista e secretário

shakespearebrasileiro.org

de Sua Majestade, sem contarmos
que se acha mesmo no momento azado
de ter novos encargos. O arcebispo
é a língua e a mão do rei; quem ousaria
contra ele pronunciar uma só sílaba?
Gardiner ·
Há, sim, quem o ouse, Sir Tomás; eu próprio
me arrisquei a expressar o pensamento.
Hoje mesmo, senhor, posso dizer-vos,
inculquei nos senhores do Conselho
a idéia de que ele é — pois o conheço
como tal, o que todos também sabem —
um arqui-herético, uma pestilência
que o país todo infecta. Comovidos
com o que lhes disse, ao rei falaram logo,
e este, do alto de sua grande graça,
dos seus reais cuidados, pressentindo
os terríveis perigos que lhe expunham
nossas razões, ouviu nossos queixumes
e convocou para amanhã bem cedo
a reunião do Conselho. É erva daninha,
Sir Tomás, que precisa ser cortada.
Mas estou vos detendo muito tempo.
Boa noite, Sir Tomás.
Lovell · Muito boas noites.
Ainda e sempre vosso servidor.
(Saem Gardiner e o pajem.)
(Entram o rei e Suffolk.)
Rei Henrique ·
Carlos, deixemos de jogar por hoje.
Não me concentro; sois por demais forte.
Suffolk ·
Senhor, nunca antes de hoje eu vos vencera.
Rei Henrique ·
Sim, raras vezes, Carlos, e assim mesmo
quando me distraía na partida.
Lovell, então? Há alguma novidade
da parte da rainha?
Lovell · Pessoalmente
não lhe dei a mensagem que mandastes,
mas por uma de suas camareiras
fi-la chegar a ela, que em resposta
me disse que a rainha humildemente
vos agradece e pede a Vossa Alteza
rezar por ela com fervor agora.
Rei Henrique ·
Que disseste? Eu, rezar por ela? Como!
Está sentindo dores?
Lovell · Pelo menos,
foi o que disse a sua camareira,
havendo acrescentado que suas dores
à dor da morte mesma quase igualam.
Rei Henrique · Pobre senhora!
Suffolk · Possa Deus do fardo
aliviá-la com pouco sofrimento,
porque se alegre Vossa Majestade
com a vinda de um herdeiro.
Rei Henrique · É meia-noite,
Carlos; vamos dormir. Em tuas preces
não te esqueças de minha pobre esposa.
Deixa-me só, pois tenho pensamentos
que não vão bem na companhia de outrem.
Suffolk · São meus votos que Vossa Majestade
tenha uma noite calma. Hei de lembrar-me
da minha bondosíssima rainha
nas minhas orações.
Rei Henrique · Boa noite, Carlos.
(Sai Suffolk.)
(Entra Sir Antônio Denny.)
Então, senhor: que é que há?
Denny · Trouxe milorde
arcebispo, senhor, como o ordenastes.
Rei Henrique ·
Como! Cantuária?
Denny · Sim, meu bom senhor.
Rei Henrique ·
É certo, é certo. E onde está ele, Denny?
Denny · Aguarda o bom prazer de Vossa Alteza.
Rei Henrique · Faze-o entrar.
Lovell *(à parte)* · É sobre aquele assunto
de que o bispo falou: cheguei a tempo.
(Volta Denny com Cranmer.)
Rei Henrique · Deixai a galeria.
(Lovell faz menção de ficar.)
Não vos disse?
Retirai-vos!
(Saem Lovell e Denny.)
Cranmer · Bastante medo sinto.
Por que franze ele assim o sobrecenho?
O aspecto é do terror. Algo vai mal.
Rei Henrique ·
Então, milorde, desejais que eu diga
porque vos fiz chamar?

shakespearebrasileiro.org

Cranmer *(ajoelhando-se.)* · Ficar às ordens
de Vossa Alteza é meu dever de súdito.
Rei Henrique ·
Levantai-vos, vos peço, meu gracioso
Lorde de Cantuária. Vinde; juntos
vamos dar uma volta. Tenho novas
para contar-vos. Vamos; dai-me a mão.
Ah! meu bondoso lorde, é com tristeza
que vos falo; compunge-me o que tenho
de vos dizer. Ouvi recentemente —
contrariado, asseguro-vos — bastantes
queixas de vós. É certo, é o que vos digo,
milorde: queixas graves, que, tomadas
em consideração, nós e o Conselho
decidimos que à nossa frente viésseis
esta manhã. E como estou convicto
de que justificar-vos cabalmente
não podereis, enquanto organizado
não for o questionário a que resposta
tereis de dar, será preciso agora
que tenhais paciência muita, para
na Torre preparar vossa morada.
Por serdes par do reino, é necessário
que eu faça, como faço; do contrário,
não haverá ninguém que se resolva
contra vós a depor.
Cranmer *(ajoelhando-se.)* · Humildemente
vos agradeço. Mui feliz me sinto
por se me oferecer esta excelente
ocasião de no crivo ser passado,
vindo a ficar, assim, todo o meu trigo
separado do joio, pois é certo
que não há quem como eu — um pobrezinho —
se veja alvo das línguas caluniosas.
Rei Henrique ·
Bom Cantuária, levanta-te; a lealdade,
a integridade que te é própria, criaram
raiz profunda em nós, em teu amigo.
Dá-me tua mão; levanta-te; passeemos,
por obséquio. Mas, pela Mãe de Deus,
que espécie de homem sois? Eu estava certo,
milorde, de que havíeis de pedir-me
que eu me desse ao trabalho de levar-vos
à presença de vossos inimigos,
e mais; de vos ouvir em liberdade.
Cranmer · Augusto soberano, só me apóio
na minha honestidade e em meu direito.
Se eles me abandonarem, juntamente
com meus imigos cantarei triunfo,
por ver-me derrubado, pois sem eles
careço de valor. Não tenho medo
de quanto contra mim possa dizer-se.
Rei Henrique ·
Não sabeis o que todo o mundo sabe,
qual seja a vossa situação no mundo?
São numerosos vossos inimigos,
e não pequenos; suas artimanhas
são de igual importância, sendo certo
que nem sempre a justiça de uma causa
sentença favorável assegura.
Com que facilidade almas corruptas
podem peitar escravos corrompidos,
para em juízo deporem? Fatos desses
já têm acontecido. Muito fortes
são vossos inimigos, de maldade
que ao seu poder se iguala. Estais bem certo
de que nisso de falsas testemunhas
vireis a ter mais sorte do que o Mestre
de que ministro sois, durante o tempo
em que passou pela mesquinha terra?
Vamos, vamos! Julgais seja possível
sem perigo saltar um precipício,
e procurais a própria destruição.
Cranmer · Que Deus e Vossa Majestade amparem
minha inocência, pois de outra maneira
fugir não poderei desta armadilha.
Rei Henrique ·
Criai coragem. Não irão mais longe
do que eu lhes permitir. Tranqüilizai-vos,
sem que pela manhã à frente deles
deixeis de aparecer. Se porventura
vossa prisão pedirem, em virtude
das queixas contra vós acumuladas,
não deixeis de usar grandes argumentos
de poder persuasório, com a veemência
que a ocasião vos ditar. Se vosso esforço
não vos der resultado, apresentai-lhes
este anel e apelai para nós próprio,
na frente deles todos. Mas que é isso?
A chorar o bom homem! Por minha honra,
é honesto. Pela santa Mãe de Deus,
é de coração leal, posso jurá-lo.

shakespearebrasileiro.org

Alma melhor não se acha no meu reino.
Ide embora e fazei como vos disse.
(Sai Cranmer.)
As lágrimas a fala lhe abafavam.
(Entra uma velha dama.)
GENTIL-HOMEM *(dentro)* ·
Voltai! Que ides fazer?
VELHA DAMA · Não voltarei;
a notícia que eu tenho para dar-lhe
deixa cortês o meu atrevimento.
Que os bons anjos agora pairem sobre
tua real cabeça e com suas asas
benditas te protejam.
REI HENRIQUE · Leio tua
mensagem no teu rosto. Deu-se o parto?
Dize depressa "sim" e que é um menino.
VELHA DAMA ·
Sim, sim, meu soberano; e que menina!
Que ora e sempre a abençoe o Deus do céu.
É uma menina, que vos assegura
para o futuro um filho. Vossa esposa,
senhor, de vós reclama uma visita,
para que conheçais essa estrangeira.
Parece-se convosco como duas
cerejas de um só galho.
REI HENRIQUE · Lovell! Lovell!
(Volta Lovell.)
LOVELL · Senhor?
REI HENRIQUE · Dai-lhe cem marcos. Vou depressa
visitar a rainha.
(Sai.)
VELHA DAMA · Só cem marcos?
Por esta luz, mereço mais. A um criado
comum é que se paga desse modo.
Hei de obter mais, ou brigarei com ele.
Para ganhar tão pouco foi que eu disse
que ela era a cara dele? Hei de obter mais;
do contrário, desdigo-me. Batamos
com força, enquanto o ferro está vermelho.
(Saem.)

Ato V · Cena II

Um corredor que vai dar à Câmara do Conselho.
Entra Cranmer; pajens e oficiais, de pé.

CRANMER · Penso que não estou nada atrasado.
No entanto, o gentil-homem que mandado
me foi pelo Conselho, urgentemente
pediu que me apressasse. Quê! Fechado?
Que significará tal coisa? Olá!
Quem é que está de guarda?
(Entra o porteiro.)
Conheceis-me?
PORTEIRO · Sim, milorde, conheço-vos; mas hoje
não vos posso ajudar.
CRANMER · Por quê?
PORTEIRO · Forçoso
será que Vossa Graça aguarde o aviso.
(Entra o Doutor Butts.)
CRANMER · Está bem.
BUTTS · Em tudo isto há só maldade.
Fico contente por haver passado
por aqui sem tropeço. O soberano
vai ser logo informado.
CRANMER *(à parte)* · É Butts, o médico
do rei. Quando passava, que terrível
olhar me dirigiu! O céu permita
que com isso sondado não tivesse
minha infelicidade. Com certeza
concebido foi tudo por pessoas
que me têm ódio — queira Deus mudar-lhes
de todo o coração; nunca a malícia
provoquei de ninguém — para humilhar-me.
Deviam ter vergonha de deixar-me
à espera, assim, na porta, um conselheiro
como eles, entre pajens e lacaios!
Mas faça-se a vontade deles todos.
Paciente, esperarei.
(O rei e Butts aparecem em uma janela, no alto.)
BUTTS · A Vossa Graça
quero mostrar um quadro muito estranho.
REI HENRIQUE ·
Que quadro, Butts?
BUTTS · Decerto Vossa Graça
coisa igual não tem visto muitas vezes.
REI HENRIQUE ·
Com a breca! Onde é que há isso?
BUTTS · Ali, milorde;

shakespearebrasileiro.org

o alto posto ali vedes de Sua Graça
de Cantuária, de guarda ora postado
diante da porta, entre serventes, pajens
e oficiais.
Rei Henrique · Ah! é certo. É ele mesmo.
É assim que eles se acatam mutuamente?
É bom que ainda haja alguém acima deles.
Pensei que eles tivessem ainda um pouco
de honestidade, ou mesmo algum resquício
de decoro, que não lhes permitisse
deixar um homem da posição dele
e tão chegado a nós, numa antecâmara,
na expectativa apenas da vontade
de Suas Senhorias, como um criado
carregado de embrulhos. Pela Santa
Maria, Butts, isso é procedimento
de gente sem caráter. Mas deixemo-los;
corramos as cortinas; ainda havemos
de ouvir falar sobre isso mais de perto.
(Saem.)

Ato V · Cena III

A Câmara do Conselho.
Entram o Lorde Chanceler, o Duque de Suffolk, o Duque de Norfolk, o Conde de Surrey, Lorde Camareiro, Gardiner e Cromwell. O chanceler se coloca na ponta de cima da mesa, à esquerda, ficando acima dele vazia uma cadeira, como que destinada para o Arcebispo de Cantuária. Os demais se sentam por ordem, de ambos os lados da mesa. Cromwell, na ponta de baixo, como secretário. O porteiro, em seu lugar.

Chanceler · Abri a audiência, mestre secretário.
Que nos traz hoje aqui?
Cromwell · Se Vossas Honras
me permitem, o principal assunto
diz respeito à Sua Graça de Cantuária.
Gardiner · Já foi ele informado?
Cromwell · Já.
Norfolk · Quem se acha
à espera, aí?
Porteiro · Fora, meus nobres lordes?
Gardiner · Sim.
Porteiro · Milorde arcebispo; há meia hora
vossas ordens aguarda.
Chanceler · Então, que entre.
Porteiro · Vossa Graça já pode entrar na sala.
(Cranmer entra e se aproxima da mesa do Conselho.)
Chanceler · Meu bom lorde arcebispo, é com tristeza
que eu aqui me acho e vejo esta cadeira
privada de seu dono. Mas nós todos
somos homens, de natureza frágil
e sujeitos à carne; muito poucos
serão anjos. Assim, pela fraqueza
levado e a irreflexão, vós que a nós todos
devíeis dirigir, vos desmandastes,
gravemente, ofendendo o soberano,
depois, as leis, e enchendo o reino todo,
pelas prédicas próprias e dos vossos
vigários — já soubemos de tudo isso —
de doutrinas recentes, muito estranhas
e perigosas, puras heresias,
que, se não forem reformadas, podem
produzir grande dano.
Gardiner · Nobres lordes,
urge que essa reforma seja pronta.
Quem quer domar cavalos ardorosos,
pela mão não os leva, porque dóceis
a ficar venham, mas lhes tapa a boca
com freio resistente e a espora calca
nos flancos até que eles obedeçam.
Se permitirmos — por condescendência,
por piedade pueril, pelo conceito,
tão-só, de um homem — que se alastre doença
tão contagiosa: então, adeus remédio!
Quais serão do desídio as conseqüências?
Revoltas, comoções, o Estado todo
contaminado. Caro testemunho
disso mesmo nos dão nossos vizinhos
da alta Alemanha; é mui recente a coisa
que a memória dorida nos compunge.
Cranmer · Lutei até hoje, meus bondosos lordes,
assim na profissão como na vida,
não sem grande trabalho, porque as minhas
doutrinas e o decurso poderoso
de minha autoridade, sempre juntos

shakespearebrasileiro.org

a mesma via certa percorressem.
Sempre o bem tive em mira. Não existe —
falo, milordes, com sinceridade —
criatura que em consciência e no exercício
de sua profissão mais ódio sinta
do que eu aos destruidores da paz pública.
Permita o céu que nunca o soberano
venha a encontrar menos fiéis vassalos.
Os que vivem da inveja e da malícia
tortuosa ousam morder os mais prestantes.
Suplico instante a Vossas Senhorias
que nesta causa os meus acusadores,
sejam quais forem, sejam confrontados
comigo e falar possam livremente.
Suffolk · Não, não, milorde; sois um conselheiro;
assim, ninguém se atreverá a acusar-vos.
Gardiner · Visto termos assuntos de mor peso,
milorde, vamos ser convosco breves.
É parecer de Sua Alteza e nosso
que, visando à vantagem do processo,
sejais daqui levado para a Torre,
onde, voltando vós a ser um simples
particular, vereis que muita gente
contra vós deporá com ardimento
maior do que esperais, receio-o muito.
Cranmer ·
Agradecido, meu bom Lorde de Winchester,
sempre vos revelastes meu amigo.
Por vosso parecer, sereis a um tempo
jurado e juiz. Sois muito generoso.
Percebo vosso intento: arruinar-me.
Doçura e amor, milorde, mais assentam
a um sacerdote do que a vã cobiça.
Voltai a conquistar almas transviadas;
não repilais nenhuma. Porque eu possa
purificar-me, todo o peso ponde
sobre minha paciência; tão pequeno
trabalho isso há de dar-me, como escrúpulo
vos causa praticar o mal amiúde.
Poderia dizer muito mais coisas,
mas o respeito a vosso ministério
me obriga a moderar-me.
Gardiner · Não, milorde!
A verdade, milorde, pura e simples
é que sois um sectário. Vossas glosas
tão polidas, a quantos vos compreendam
não passam de palavras sem substância.
Cromwell ·
Milorde de Winchester, sois muito duro;
permiti que vos diga. Os indivíduos
de tal nobreza, ainda que faltosos,
respeito sempre merecer deviam
por tudo quanto foram. É crueldade
fazer pressão em quem já está caindo.
Gardiner · Peço perdão, meu caro secretário;
mas de quantos aqui na mesa se acham
sois o último a poder manifestar-se.
Cromwell · Por quê, milorde?
Gardiner · Pois não sei, acaso,
que sois adepto dessa nova seita?
Não sois limpo.
Cromwell · Limpo não sou?
Gardiner · Repito-o:
não sois limpo.
Cromwell · Quem dera que a metade
disso fôsseis honesto, que então preces
vos seguiriam, não o medo, apenas.
Gardiner · Nunca me esquecerei dessa linguagem
desaforada.
Cromwell · Nem de vossa vida
desaforada.
Chanceler · É muito! É muito! Basta,
milordes. Que vergonha!
Gardiner · Pronto.
Cromwell · Pronto.
Chanceler · Voltando a vós, milorde, decidido,
quero crer, foi por todos, que levado
para a Torre sejais sem mais delongas,
onde deveis ficar até sabermos
o que decide o rei. Concordam todos,
milordes?
Todos · Concordamos.
Cranmer · Não há outro
caminho de clemência? É inevitável
que eu seja conduzido para a Torre?
Gardiner ·
Que outro caminho achar pretenderíeis?
Sois enfadonho em demasia. Venham
alguns guardas daí, para levá-lo.
(Entra um guarda.)
Cranmer · Para levar-me? Dais-me o tratamento
que se dá aos traidores?
Gardiner · Recebei-o
e até à Torre o levai com segurança.

shakespearebrasileiro.org

CRANMER · Meus bons lordes, parai, pois ainda tenho
algo para dizer. Olhai para isto,
meus bons senhores. Pela só virtude
deste anel, eu retiro minha causa
das garras destes homens e a confio
a um mais nobre juiz: o rei meu mestre.
CHANCELER · É o próprio anel do rei.
SURREY · Sim, não é falso.
SUFFOLK · Sim, pelo céu, é o verdadeiro. A todos
eu vos disse, no instante de quererdes
tocar neste penhasco perigoso,
que viria acabar por esmagar-nos.
NORFOLK · Acreditais, milordes, que o monarca
permitirá que no dedinho, ao menos,
deste homem nós toquemos?
CAMAREIRO · Não há dúvida;
é mais que certo. E quanto a vida dele
não vale junto ao rei! Só desejara
poder sair decentemente disto.
CROMWELL · Tinha um pressentimento, quando fábulas
e acusações fictícias reunia
contra tal homem — cuja honestidade
somente o diabo inveja e seus discípulos —
que atiçáveis o fogo que vos queima.
Agora, suportai-o.

(Entra o rei, lança-lhes um olhar severo e se assenta.)

GARDINER · Terrível soberano, como todos
ao céu agradecemos diariamente
por brindado nos ter com um tal príncipe,
não só bondoso e sábio: religioso;
um rei que com a máxima humildade
da Igreja faz o principal objeto
da própria honra, e que para dar mais força
a esse dever sagrado, com respeito
piedoso comparece pessoalmente
ao nosso tribunal, porque sabendo
fique da luta que se trava entre ela
e seu grande ofensor.
REI HENRIQUE · Sempre mostrastes,
Bispo de Winchester, grande habilidade
no improvisar brilhantes elogios.
Mas sabei que não vim para ouvir essas
adulações de frente. São vazias
por demais, muito finas, porque possam
mascarar a maldade. Mas com isso
não me atingis. Adulador cãozinho
pareceis, que pretende conquistar-me
só com mexer a língua. Porém faças
de mim o juízo que fizeres, tenho-te
por um sujeito mau e sanguinário.

(A Cranmer.)

Senta-te, meu bom Cranmer. Só desejo
ver quem tem a ousadia, o atrevimento
de contra ti alçar um só dedinho.
Por quanto há de sagrado, melhor fora
morrer de inanição que um só momento
pensar que este lugar não te pertence.
SURREY · Se a Vossa Graça for do agrado...
REI HENRIQUE · Não!
não é do meu agrado! Imaginara
que tinha em meu Conselho homens sisudos,
de algum discernimento, mas não vejo
nenhum como o quisera. Achais decente
deixar que este homem, este bondoso homem —
dentre vós muito poucos esse título
podiam merecer — que este honesto homem
ficasse à espera diante de uma porta
como um sórdido criado? Uma pessoa
da vossa posição? Oh, que vergonha!
Estáveis obrigados pelas minhas
instruções a esquecer-vos de vós próprios?
Dei-vos poderes para que o julgásseis
não como a um criado, mas um conselheiro.
Entre vós vejo muitos que sem dúvida —
mais por malícia do que honesto zelo —
às mais terríveis provas o poriam,
se viessem para isso ter ensejo.
Mas tal não se dará, por certo, enquanto
eu estiver com vida.
CHANCELER · Queira Vossa
Graça, meu mui temido soberano,
deixar que a todos nós eu justifique.
A prisão dele foi deliberada —
se há boa fé nos homens — mais para ele
mesmo justificar-se plenamente
perante o mundo do que por malícia,
ao menos eu outro pensar não tive.
REI HENRIQUE · Bem, bem. Então honrai-o, meus senhores;
dai-lhe, acolhendo-o, todo o tratamento,
que ele o merece. A seu favor só digo
que se um rei devedor pode sentir-se

shakespearebrasileiro.org

com relação a um súdito, eu me sinto
desse modo a ele preso, não somente
pela sua afeição, mas por seus préstimos.
Assim, deixai de me criar tropeços.
Abraçai-o, abraçai-o! Sede amigos.
Oh! por pudor! Milorde de Cantuária,
quero fazer-vos um pedido e espero
que não mo refuseis: ainda se encontra
por batizar uma gentil menina.
Vós sereis o padrinho, respondendo
pelo futuro dela.
Cranmer · O mais potente
monarca vivo ficaria ufano
de uma tão subida honra. Como posso
merecê-la, tão pobre e humilde súdito?
Rei Henrique · Vamos, vamos, milorde; estais
querendo poupar vossas colheres. Tereis duas
companheiras para esse ato: a velha Duquesa de
Norfolk e a Marquesa de Dorset. São do vosso agrado?
Mais uma vez concito-vos, milorde
de Winchester: abraçai e amai este homem.
Gardiner · De todo o coração e amor fraterno.
Cranmer · O céu é testemunha de quão ledo
me deixa esta palavra.
Rei Henrique · Bom amigo!
Essas alegres lágrimas revelam
teu fido coração. A voz do povo
vejo em ti confirmada. É nestes termos:
"Fazei ao Lorde de Cantuária alguma
partida de mau gosto e um grande amigo
ganhareis para sempre". Vamos, vamos,
senhores; perdemos muito tempo.
Já não vejo o momento de fazermos
uma cristã da minha pequerrucha.
Unidos quero ver-vos até à morte.
Honrados ficareis; eu, sempre forte.

(Saem.)

Ato V · Cena IV

Pátio do palácio.
Barulho e tumulto por trás da cena.
Entram o porteiro e seu ajudante.

Porteiro · Não parais com esse barulho, marotos?
Pensais que a corte seja jardim de urso? Rústicos,
parai com esse falatório!
Uma Voz *(dentro)* · Bom mestre porteiro, eu faço
parte da despensa.
Porteiro · Pertenceis mas é à forca, para serdes
enforcado, biltre. Isto aqui é lugar para tamanhos urros?
Arranjem-me uma dúzia de varas de macieira, mas bem
fortes, que estas não passam de gravetos. Vou fazer-vos
cócegas na cabeça. Tereis de ver batizados. Grosseirões!
viestes procurar aqui cerveja e bolos?
Ajudante · Tende paciência, meu senhor; a menos
que usássemos canhões, tão impossível
nos será dispersá-los neste instante
como obrigá-los a dormir na cama
na primeira manhã do mês de maio.
Isso nunca acontecerá. Mais fácil
do que expulsá-los nos seria a igreja
de São Paulo abalar.
Porteiro · De que maneira
conseguiram entrar?
Ajudante · Como sabê-lo?
Como é que a maré sobe? Tanto quanto
distribuir pauladas foi possível
a um pau de quatro pés — os pobres restos
ainda podeis ver — não poupei nada,
senhor.
Porteiro · Nada fizestes; é isso mesmo.
Ajudante ·
Não sou Sansão, nem Güido, nem Colbrando,
para a todos ceifar. Mas se um, que fosse,
eu poupei, que tivesse uma cabeça
boa para alvo, seja moço ou velho,
ele ou ela, cornudo ou corneador,
que nunca mais um bom assado eu veja,
no que jamais consentirei, nem mesmo
por uma vaca inteira. Deus a livre!
Uma Voz *(dentro)* · Estais ouvindo, mestre
porteiro?
Porteiro · Não demora, já chego aí, meu bom
senhor velhaco. Toma conta da porta, maroto.
Ajudante · Que quereis que eu faça?

shakespearebrasileiro.org

Porteiro · Que tereis de fazer, senão derrubá-los às dúzias? Acaso isto aqui é Moorfield, para fazerem uma parada? Ou terá chegado a esta corte alguma índia do estrangeiro, com uma grande cauda, para que as mulheres nos venham sitiar dessa maneira? Deus me abençoe! Quanta sem-vergonhice está acontecendo atrás das portas! Por minha consciência de cristão, este batizado vai dar nascimento a um milheiro de outros batizados; vai haver aqui hoje pais e padrinhos, tudo junto.

Ajudante · Tanto maiores serão as colheres, senhor. Ali perto da porta há um sujeito que pelo rosto deve ser um caldeireiro, porque, por minha consciência, traz no nariz vinte dias de canícula. Todas as pessoas que se acham junto dele já passaram a linha; não precisam de outra penitência. Por três vezes bati na cabeça desse dragão de fogo, e três vezes seu nariz disparou para o meu lado; acha-se ali como um morteiro, para bombardear-nos. Ao lado dele está a mulher de um merceeiro, de muito pouco espírito, que tanto deblaterou contra mim, que lhe caiu da cabeça a sopeira de buracos, tal foi a conflagração que eu fiz despertar na república. De uma feita eu errei o meteoro e acertei na tal mulher, que começou a gritar: "Cacete, aqui!" Então percebi de longe que vinham em seu socorro uns quarenta bastoneiros, a esperança de Strand, onde ela tinha seus quartéis. Eles atacaram; eu resisti com galhardia; por último, vieram para cima de mim com cabos de vassoura. Continuei firme. Mas, de súbito, por trás deles, uma bateria de garotos, pequenos atiradores, dispararam para o meu lado tamanha saraivada de pedras, que eu tive de resguardar a honra e ceder-lhes o campo. O diabo estava no meio deles, por minha fé; tenho certeza disso.

Porteiro · São os rapazes que trovejam no teatro e se batem por pedaços de maçãs, e que nenhum auditório pode suportar, a não ser o da Tribulação de Towerhill ou os freqüentadores de Limehouse, seus dignos confrades. Já pus um par deles no Limbo Patrum, onde terão de dançar estes três dias, sem contar a sobremesa de duas chibatadas que ainda terão de receber.

(Entra o Lorde Camareiro.)

Camareiro ·
Santo Deus! quanta gente aqui reunida!
E sempre a chegar mais de toda parte!
Até parece feira. Onde se metem
esses porteiros, esses preguiçosos?
Belo trabalho, amigos, consentindo
que essa gentalha entrasse. Todos eles
são vossos fiéis amigos dos subúrbios?
Muitos lugares vão sobrar, decerto,
para as senhoras, quando retornarem
do batizado.

Porteiro · Como vê Vossa Honra,
somos homens, apenas. Tudo quanto
foi possível fazer sem que em pedaços
nos deixassem, fizemos. Um exército
não poderá contê-los.

Camareiro · Por minha honra,
se o rei me censurar por qualquer coisa,
hei de pôr-vos em ferros, e isso logo,
cingindo-vos as frontes, por castigo,
com uma multa redonda. Sois mandriões;
esvaziais os odres, quando tendes
tanta coisa a fazer! Ouvi: trombetas!
De retorno já estão do batizado.
Rompei a multidão e abri caminho
porque passe o cortejo livremente;
se não, hei de encontrar algum convento
em que possais vos divertir dois meses.

Porteiro · Ala para a princesa!

Ajudante · Olá, seu grandalhão! Saí do caminho, se não quiserdes que eu vos dê dor de cabeça.

Porteiro · E vós aí, de jaqueta de camelão: descei da grade, se não quiserdes que eu vos empale com um desses varapaus.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena V

O palácio.
Entram trombeteiros, tocando uma fanfarra; depois, dois vereadores, o Lorde Maior, o pregoeiro, Cranmer, o Duque de Norfolk com o seu bastão de marechalato, o Duque de Suffolk, dois nobres com duas grandes bacias para os presentes do batizado; depois, quatro nobres carregando um baldaquim, sob o qual vem a Duquesa de Norfolk, como madrinha, que carrega a criança envolvida em um rico manto; uma dama da corte sustenta a cauda de seu vestido; depois vem a Marquesa de Dorset como segunda madrinha, e outras damas da corte O cortejo atravessa a cena e o pregoeiro fala.

Pregoeiro · Oh céu! do alto de tua infinita
bondade envia uma vida próspera, longa e sempre
feliz para a muito alta e poderosa Princesa da
Inglaterra, Elisabete!
(Fanfarra. Entra o rei com seu séquito.)
Cranmer *(ajoelhando-se.)* ·
A Vossa Graça real e à boa rainha
eis a minha oração e a dos meus nobres
companheiros: que todas as venturas,
toda a alegria que o céu tem de parte
para a dita dos pais, a todo instante
caiam sobre esta mui graciosa dama.
Rei Henrique ·
Meu bom Lorde Arcebispo, agradecido.
Qual é o nome dela?
Cranmer · Elisabete.
Rei Henrique · Levantai-vos, senhor.
(O rei beija a menina.)
Com este beijo
recebe minha bênção. Deus te ampare;
nas mãos dele te entrego.
Cranmer · Amém.
Rei Henrique ·
Minhas nobres comadres, fostes pródigas.
De coração vos agradeço. O mesmo
fará esta senhorita, quando o inglês
dela for suficiente.
Cranmer · Permiti-me
falar, senhor, que o céu é que me inspira,
sem que ninguém como lisonja tome
minhas palavras, que há de o tempo dar-lhes
plena confirmação. Esta real criança —
que o céu a ampare sempre! — embora ainda
no berço se ache a este país promete
bênçãos inumeráveis, que maduras
hão de ficar com o tempo. Há de tornar-se —
dos presentes mui poucos hão de vida
ter para ver tal coisa — inigualável
modelo para todos os monarcas
de seu tempo e dos tempos porvindoiros.
Nunca a Rainha de Sabá foi vista
mais ávida e sequiosa de virtude
e de sabedoria do que esta alma
pura há de revelar-se. As graças todas
que as criaturas reais sempre exornaram
e as virtudes que aos bons servem de adorno
nela serão dobradas. A verdade
vai niná-la; os celestes e sagrados
pensamentos serão seus conselheiros.
Será temida e amada ao mesmo tempo;
os seus a abençoarão; seus inimigos
hão de tremer como no campo o trigo,
de tristeza cair deixando a fronte.
Crescerá o bem com ela; em seu reinado
todos hão de comer tranqüilamente,
no seu lar próprio, o que plantado houverem,
cantando para todos os vizinhos
belas canções de paz. Reconhecido
será Deus em verdade; os que a cercarem,
por ela guiados, entrarão na via
direita da honra, assim engrandecendo,
não por meio de sangue. Nem com ela
há de acabar a paz. Do mesmo modo
que essa ave prodigiosa, a virgem fênix,
das cinzas, ao morrer, engendra a herdeira
tal como ela, há de assim, Elisabete
deixar a alguém seus peregrinos dotes —
quando o céu a tirar desta caligem —
que das cinzas sagradas da honra dela
como astro se alçará a igual altura,
fixo aí se mantendo. O amor, o medo,
o sossego, a verdade, a plenitude
que tiverem servido a esta criança

shakespearebrasileiro.org

passarão a esse alguém, indo apegar-se-lhe
como a vinha ao tutor. Onde o brilhante
sol do céu irradiar, a glória dele
brilhará, a grandeza de seu nome
novas nações fundando. Há de florir;
e, como o cedro da montanha, os ramos
estenderá para a planície em torno.
Nossos bisnetos ou tataranetos
hão de ver isso e ao céu entoar louvores.

Rei Henrique · Maravilhas nos contas.

Cranmer · Para a dita
da Inglaterra será princesa idosa.
Muitos dias verá, mas nenhum dia
sem um feito qualquer para coroá-lo.
Oh! desejara não saber mais que isso.
Mas terá de morrer; sim, porque os santos
a querem ainda virgem; como lírio
imaculado baixará à terra
e o mundo todo chorará por ela.

Rei Henrique · Oh milorde arcebispo!
Homem de novo me fizeste. Nunca,
antes do nascimento desta criança,
tivera eu qualquer coisa. Esta inefável
profecia encantou-me de tal forma
que, ao me encontrar no céu, ver só desejo
o que esta criança faz e entoar louvores
ao meu Criador. A todos agradeço.
Meu bom Lorde Maior, a vós e aos vossos
bons colegas declaro-me obrigado.
A presença de todos me honrou muito;
haveis de achar-me sempre agradecido.
Sigamos, meus senhores; a rainha
tereis de ver. Ela há de agradecer-vos,
que, do contrário, ficaria doente.
Não cuide ora ninguém de ir para casa.
Hoje aqui todos ficarão, porque esta
menina o dia vai encher de festa.

(Saem.)

Epílogo

Aposto dez contra um em como a peça
não cumpriu para todos a promessa.
Uns aqui vieram só por desfastio,
para dormir um ato ou dois a fio,
tendo eu receio, assim, que despertado
tivessem com as trombetas. Nesse estado,
não admira que digam: "Bem fraquinha!"
Outros desejariam ver na espinha
toda a cidade e, assim: "Que espirituoso!"
gritar por entre palmas; o que é ocioso,
pois não fizemos tal. Dessa maneira,
receio que a acolhida lisonjeira
com que eu contava para nossa peça
dependa agora da alegria expressa
das nossas boas damas de virtude.
Uma assim lhes mostrei. Se de atitude
mudarem, pois, e rirem, afirmando:
"Até que não foi má!" já estou jurando
que, dentro de um minuto, os cavalheiros
aplausos nos darão muito fagueiros,
pois fora indício de viciosas almas
patear, quando as senhoras pedem palmas.

shakespearebrasileiro.org

Personagens

Rei Henrique VI.
Duque de Gloster, tio e protetor do rei.
Duque de Bedford, tio do rei, regente da França.
Tomás Beaufort, Duque de Exeter, tio-avô do rei.
Henrique Beaufort, tio-avô do rei, Bispo de Winchester, depois cardeal.
João Beaufort, Conde, depois Duque de Somerset.
Ricardo Plantageneta, filho de Ricardo, falecido Conde de Cambridge; depois Duque de York.
Conde de Warwick.
Conde de Salisbury.
Conde de Suffolk.
Lorde Talbot, depois Conde de Shrewsbury.
John Talbot, seu filho.
Edmundo Mortimer, Conde de March.
Sir John Fastolfe.
Sir William Lucy.
Sir William Glansdale.
Sir Tomás Gargrave.
Woodvile, tenente da Torre.
O prefeito de Londres. O carcereiro de Mortimer.
Um jurista.
Vernon, da Rosa branca, da facção de York.
Basset, da Rosa vermelha, da facção de Lancaster.
Carlos, delfim, depois rei da França.
Reignier, Duque de Anjou e rei titular de Nápoles.
Duque de Borgonha.
Duque de Alençon.
O bastardo de Orleans.
O governador de Paris.
O canhoneiro-mor de Orleans e seu filho.
O general das forças francesas em Bordéus.
Um sargento francês.
Um porteiro.
Um velho pastor, pai de Joana la Pucelle.
Margarida, filha de Reignier; depois casada com o Rei Henrique.
Condessa de Auvergne.
Joana la Pucelle, comumente chamada Joana d'Arc.
Nobres, guardas da Torre, arautos, oficiais, soldados, mensageiros e criados.
Demônios que aparecem a Pucela.

Cena

Parte na Inglaterra, parte na França.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Abadia de Westminster.
Marcha fúnebre. Vê-se o corpo do Rei Henrique V, cercado pelos Duques de Bedford, Gloster e Exeter, o Conde de Warwick, o Bispo de Winchester, arautos, etc.

BEDFORD · Cubra-se o céu de negro, em noite o dia
se transforme! Cometas, que as mudanças
do tempo revelais e dos Estados,
sacudi no alto empíreo vossas tranças
de cristal e açoitai as ruins estrelas
que na morte de Henrique concordaram!
Era grande demais Henrique, o quinto,
para viver por muito tempo! Nunca
a Inglaterra perdeu um rei tão grande.
GLOSTER · Antes dele não houve na Inglaterra
nenhum rei no sentido verdadeiro.
Era dotado de virtude e digno
de mandar; ao brandir a espada, os raios
dela a vista dos homens ofuscavam;
seus braços se estendiam mais ainda
do que asas de dragão; em ira aceso,
o olhar faulhante era de mais efeito
para atordoar e rechaçar imigos,
do que o sol, quando neles dardejava.
Como dizer? Seus feitos transcendiam
todo discurso; a mão jamais erguia
sem realizar de pronto uma conquista.
EXETER · Por que razão em vez de preto o nosso
luto por ele não será de sangue?
Henrique já morreu; não torna à vida;
achamo-nos ao pé de um caixão fúnebre
e à vitória sem mérito da Morte
damos honra, tão-só por nos portarmos
no jeito de vencidos que acompanham
o carro do triunfo. Como! Vamos,
então amaldiçoar os ruins planetas
que se ligaram contra a nossa glória?
Ou pensar que os franceses astuciosos
são todos feiticeiros e adivinhos
e que, por medo dele, versos mágicos
recitavam, a fim de aniquilá-lo?
WINCHESTER · Foi abençoado pelo Rei dos reis.
O pavoroso dia do juízo
não será mais terrível para os francos
do que o foi sua vista. Batalhava
para o Deus dos exércitos; as preces
da Igreja próspero o fizeram sempre.
GLOSTER · A Igreja? Onde se encontra? Não tivessem
rezado os padres, não se lhe teria
rompido cedo o fio da existência.
Só vos agradaríeis de um monarca
efeminado, em quem metêsseis medo
como num escolar inexperiente.
WINCHESTER ·
Seja o que for que nos agrade, Gloster,
o protetor és tu, que só trabalhas
para mandar no príncipe e no reino.
Tua esposa é orgulhosa; ela te infunde
mais medo do que Deus e os padres todos.
GLOSTER · Não tragas à conversa coisas santas;
amas a carne; nunca vais à Igreja,
senão somente a fim de pedir algo
de que redunde mal para os imigos.
BEDFORD · Basta de discussões! Acomodai-vos.
Vamos já para o altar. Arauto, segue-nos.
Ofereçamos armas em vez de ouro,
porque inúteis agora elas ficaram
depois de morto Henrique.
Posteridade, aguarda apenas anos
calamitosos, em que as crianças mamem
as lágrimas das mães. Nossa ilha, fonte
vai tornar-se de lágrimas salgadas,
com mulheres, somente, a se carpirem
pelos mortos. Henrique quinto, invoco-te
o espírito! Protege este teu reino!
Livra-o de comoções civis, combate
no alto céu os planetas inimigos!
Tua alma vai formar no firmamento
uma estrela de glória mais brilhante
do que a de Berenice ou Júlio César.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Saúde a todos vós, nobres senhores!
Sou portador de novas más da França,
de assassínios, de perdas e derrotas:
Guiena, Orleans, Champanha, Reims, Paris,
Poitiers, Gisors estão quase perdidas.
BEDFORD · Que dizes, homem, diante do cadáver
de Henrique? Fala baixo. À só notícia

shakespearebrasileiro.org

da perda de cidades tão valiosas,
rompe ele o chumbo e se alça de entre os mortos.
GLOSTER · Paris caiu? Rução capitulou?
Se Henrique revivesse, essa notícia
o faria exalar de novo o espírito.
EXETER · Como foi isso? Que traição usaram?
MENSAGEIRO ·
Traição nenhuma; foi por falta de homens
e de dinheiro. Entre os soldados fala-se
que mantendes aqui facções diversas
e que, em vez de ingressardes nos combates,
discutis sobre a escolha do comando.
Este opina que a luta se protele
sem despesas de vulto; outro quisera
voar ligeiro, mas carece de asas;
um terceiro é de aviso que, sem gastos
de espécie alguma, apenas com palavras
bonitas e escolhidas fora fácil
alcançarmos a paz. Nobres ingleses,
despertai! despertai! não consentindo
que a indolência conspurque vossos títulos
recentes. Vossas armas já perderam
todos os lírios; ora tendes menos
da metade do escudo da Inglaterra.
EXETER · Se carência de lágrimas tivéssemos
para estes funerais, tão ruins notícias
no-las trariam em marés estuantes.
BEDFORD · Excitam-me essas novas; sou regente
da França. Tragam minha cota de armas;
lutarei pela França. Despojemo-nos
destas vestes de luto vergonhosas.
Em vez de olhos, feridas nos franceses
abrirei, para que eles chorar possam
suas desgraças ora interrompidas.
(Entra outro mensageiro.)
SEGUNDO MENSAGEIRO ·
Nobres, lede estas cartas transbordantes
de notícias ruins. Contra o domínio
da Inglaterra está a França revoltada,
com exceção de cidades secundárias.
O delfim Carlos foi coroado em Reims;
o bastardo de Orleans a ele se uniu;
Reignier, Duque de Anjou, foi reforçá-lo;
o Duque de Alençon se acha a seu lado.
EXETER · Foi coroado o delfim? Para ele correm
todos os nobres? Oh! E nós para onde
de tão grande vergonha fugiremos?
GLOSTER · Corramos para o peito dos imigos;
Bedford, se ainda vacilas, eu combato.
BEDFORD · Por que duvidas, Gloster, do meu brio?
No pensamento trago ingentes forças
com que a França já está desbaratada.
(Entra terceiro mensageiro.)
TERCEIRO MENSAGEIRO ·
Meus graciosos senhores, porque lágrimas
acrescenteis às que o cadáver banham
do Rei Henrique, a nova ora vos trago
do combate terrível ocorrido
entre o altivo Talbot e as forças francas.
WINCHESTER ·
Em que Talbot venceu, não é verdade?
TERCEIRO MENSAGEIRO ·
Oh, não! em que o vencido foi Talbot.
Vou contar-vos por miúdo as circunstâncias.
A dez de agosto esse temível lorde,
que escassos seis mil homens comandava,
ao levantar o cerco de Orleans
se viu cercado pelas tropas francas,
vinte e três mil ao todo. Não dispondo
de tempo, para em ordem pôr seus homens,
nem de piques que à frente dos archeiros
colocasse, eis agudas varas tira
dos cercados de em torno, e manda à pressa
no chão fincá-las, como se pudesse,
para impedir o avanço dos cavalos.
O combate durou mais de três horas,
em que, de lança e espada o inimitável
Talbot perfez milagres que transcendem
a inteligência humana. Para o inferno
mandou ele centenas de franceses;
ninguém se abalançava a resistir-lhe.
Por aqui, por ali, por toda parte
enraivado corria; os inimigos
o tinham como autêntico demônio.
O exército francês, estarrecido
diante dele ficou; seus comandados,
presenciando tão grande valentia,
"Talbot! Talbot!" gritavam, atirando-se
em pleno coração da luta ingente.
E a vitória teria sido nossa,
se papel de covarde não fizesse
Sir John Fastolfe, que por trás se achava
da vanguarda com o fim de reforçá-la
no perigo e segui-la, e que, de súbito,

do campo desertou sem dar um tiro.
A chacina tornou-se pavorosa
no cerco posto pelos inimigos.
Um infame valão, para que as graças
do delfim conquistasse, a espada atira
no dorso de Talbot, que os adversários
em conjunto jamais fitar puderam.
BEDFORD · Talbot morreu? Então quero matar-me
por ter vivido ocioso nesta pompa,
enquanto um general de tanto préstimo
foi traído por falta de recursos
e entregue a seus covardes inimigos.
TERCEIRO MENSAGEIRO ·
Não, ainda está vivo, mas foi feito
prisioneiro e, com ele, Lorde Scales
e Lorde de Hungerford; os mais ficaram
no campo ou, de igual modo, prisioneiros.
BEDFORD · Pagarei eu sozinho o seu resgate.
Vou logo derrubar do próprio trono
o delfim Carlos e, com sua coroa,
resgatar meu amigo. Darei quatro
franceses por um nobre, só, dos nossos.
Adeus, mestres; reassumo o meu serviço.
Belas fogueiras vou fazer na França
a fim de celebrar nosso São Jorge.
Dez mil soldados levarei perfeitos,
que espantarão a Europa com seus feitos.

TERCEIRO MENSAGEIRO ·
É preciso, porque já está cercada
a cidade de Orleans. A força inglesa
se acha cansada e fraca, tendo o Conde
de Salisbury reclamado auxílio,
por não lhe ser possível, com tão poucos,
enfrentar multidão tão numerosa.
EXETER · Lembrai-vos do que a Henrique ora jurastes:
ou destruir o delfim completamente,
ou de todo dobrá-lo ao nosso jugo.
BEDFORD · Não esqueci; por isso me despeço
para aos preparativos consagrar-me.

(Sai.)

GLOSTER · Vou logo à torre ver a artilharia
e as munições, para depois o jovem
Henrique proclamar rei da Inglaterra.

(Sai.)

EXETER · Como especial guardião do novo rei,
vou para Eltham, onde ele ora se encontra;
lá cuidarei da sua segurança.

(Sai.)

WINCHESTER ·
Todos têm sua função e emprego à parte;
a mim me excluíram; não me sobrou nada.
Mas não hei de ficar por muito tempo
como um João sem papel; vou ver se tiro
de Eltham o novo rei, porque me assente
ao leme do tesouro incontinenti.

(Sai.)

Ato I · Cena II

França. Diante de Orleans.
Entram Carlos, com suas tropas, Alençon, Reignier e outros.

CARLOS · No céu, como na terra, o verdadeiro
curso de Marte ainda não se conhece.
Aos ingleses propício era ele, há pouco;
propício agora é a nós, pois que vencemos.
Que cidades de monta ainda nos faltam?
Diante de Orleans estamos sossegados,
e os ingleses, quais pálidos fantasmas,
uma hora só por mês nos dão combate.
ALENÇON · Necessitam de caldo e gordo bife;
ou no jeito de mulos são tratados,
com o saco de comida sempre perto
do focinho, ou se tornam miseráveis
como ratos no ponto de afogar-se.
REIGNIER · Levantemos o cerco. Por que estarmos
aqui sem fazer nada? Quem temíamos,
já está preso: Talbot. Só resta o louco
Salisbury, que pode a própria bile
gastar em pura perda, pois carece
de homens e de dinheiro para a guerra.
CARLOS · Mandai tocar alarma! Vamos a eles,
pela honra dos franceses que perdemos!
Perdoarei a quem quer que hoje me mate,
se eu recuar um só passo no combate.

(Saem.)

(Rebate; movimento de tropas; depois, retirada. Voltam Carlos, Alençon, Reignier e outros.)

shakespearebrasileiro.org

CARLOS ·
Quem tal coisa já viu? Que homens que tenho?
Cães! Covardes! Poltrões! Nunca eu teria
fugido, se sozinho não ficasse
em meio aos inimigos.
REIGNIER · Salisbury
é um matador terrível, que combate
como quem já não tenha amor à vida.
Os outros nobres, como leões famélicos
viam em nós a apetecida presa.
ALENÇON · Froissart, um nosso conterrâneo, lembra
que no reinado do terceiro Eduardo
a Inglaterra gerara só Rolandos
e Olivérios, o que hoje, mais que nunca,
se confirma, por ela ter enviado
contra nós só Golias e Sansões.
Um contra dez! Só pele em cima do osso!
Quem poderia imaginar que fossem
dotados de tal ímpeto e ousadia?
CARLOS · Larguemos a cidade; são escravos
teimosos, a que a fome poderia
levar ao desespero. Já os conheço
de muito tempo. Ser-lhes-á mais fácil
com os dentes arrancar uma a uma as pedras
da muralha, que o cerco suspenderem.
REIGNIER · Algum estranho mecanismo os braços
lhes movimenta, como o dos relógios
que as horas batem sempre. Não se pode
conceber que resistam de outro modo.
Penso que deveríamos deixá-los
aqui sozinhos.
ALENÇON · Seja!

(Entra o bastardo de Orleans.)

O BASTARDO · Onde está o príncipe delfim? Desejo
falar-lhe; trago novas importantes.
CARLOS ·
Bastardo de Orleans, sede três vezes bem-vindo.
O BASTARDO · Todos tendes a aparência
desanimada e os olhos abatidos.
Foi a última derrota a causa disso?
Coragem! que o socorro já vem perto.
Trago comigo uma donzela santa,
que uma visão do céu escolheu para
levantar este cerco fastidioso
e da França expulsar logo os ingleses.
É dotada de espírito profético
em grau mais acentuado do que as nove
sibilas da alta Roma; ela conhece
quanto passou e o que ainda está por vir.
Dizei: posso trazê-la? Ficai certo
de que é infalível quanto vos declaro.
CARLOS · Ide buscá-la.

(Sai o bastardo.)

Mas façamos antes
uma experiência. Em meu lugar tu ficas,
Reignier, como delfim. Encara-a firme;
fala-lhe sobranceiro. Desse modo
ficaremos sabendo quanto vale.

(Retira-se.)

(Volta o bastardo de Orleans, com Joana la Pucelle e outros.)

REIGNIER · Bela menina, é certo que desejas
realizar altos feitos?
JOANA · Imaginas,
Reignier, que te é possível enganar-me?
Onde se acha o delfim? Vem para a frente.
Eu te conheço, muito embora nunca
te haja visto. Não fiques assustado,
que para mim não há coisas ocultas.
Desejo conversar-te em separado.
Deixai-nos sós, senhores; afastai-vos!
REIGNIER · Porta-se com denodo na investida.
JOANA · Delfim, por nascimento eu sou pastora,
sem instrução alguma em qualquer arte;
mas quis o céu e, assim, nossa graciosa
Senhora iluminar minha humildade.
Quando eu guardava minhas ovelhinhas,
expondo o rosto aos raios esbraseantes
do sol, a mãe de Deus dignou-se em vir-me
visitar, em visão cheia de galas.
Mandou que abandonasse o baixo ofício
e dos males a pátria libertasse;
auxilio prometeu e êxito pleno.
Revelou-se-me em toda a sua glória;
e porque antes eu era mais trigueira,
quase preta, infundiu-me ela seus raios
ofuscantes, que logo me deixaram
com a beleza abençoada que estais vendo.
Dirige-me as perguntas que quiseres;
sem vacilar responderei a todas.

shakespearebrasileiro.org

Põe-me à prova em combate, se te atreves;
verás que me acho acima do meu sexo.
Resolve; serás sempre afortunado
se à luta me levares a teu lado.
CARLOS · Tua eloqüência me deixou perplexo;
só desejo uma prova do teu mérito:
medires-te comigo num combate
singular. Se saíres vencedora,
é que falaste certo; do contrário,
retiro-te de vez toda a confiança.
JOANA · Estou pronta; aqui se acha minha espada
cortadora, de lírios adornada,
que de um monte de ferro velho eu própria
em Touraine tirei, no cemitério
de Santa Catarina.
CARLOS · Vem, em nome
de Deus; não me arreceio de mulheres.
JOANA · Viva, não correrei de nenhum homem.
(Batem-se; vence Joana la Pucelle.)
CARLOS · Pára essa mão! És amazona! Lutas
com a espada de Débora.
JOANA · Auxilia-me
a mãe de Cristo; do contrário, eu fora
fraca demais.
CARLOS · Quem quer que te auxilie,
pouco importa. Tu, sim, é que precisas
socorrer-me. Venceste-me a um só tempo
o coração e as mãos. Pucela excelsa,
se o teu nome é esse mesmo, ora me deixa
ser teu criado, não teu soberano.
É o delfim que te fala desse modo.
JOANA · Os mistérios do amor não valem nada;
minha missão no céu foi consagrada.
Só poderei pensar em recompensa
depois de ter vencido esta pendença.
CARLOS · Mas até lá dispensa olhar benévolo
a este escravo que aos pés se te prosterna.
REIGNIER · Parece-me que o rei conversa muito.
ALENÇON · Ele a está confessando até à camisa;
senão, não falaria tanto tempo.
REIGNIER ·
Não tem mais fim! Convém interrompê-los?
ALENÇON · Decerto tem projetos que nós outros,
coitados, ignoramos. As mulheres
sabem tentar com lábia irresistível.
REIGNIER · Onde estais, meu senhor? Que decidis?
Largaremos Orleans ou resistimos?
JOANA · Não! velhacos sem crença, não! vos digo;
resisti até o último suspiro,
que eu vos protegerei.
CARLOS · Confirmo quanto
ela disse; até o fim resistiremos.
JOANA · O fado me destina para látego
dos ingleses. Sem dúvida possível,
suspenderei o cerco ainda esta noite.
Contai só com verões de São Martinho,
dias alciôneos, porque entrei na guerra.
A glória é como um círculo sobre a água,
que aumenta sempre mais, até que à força
de se alargar, termina em coisa alguma.
Com a morte de Henrique acaba o círculo
da Inglaterra; dispersas se acham todas
as glórias nele inclusas. Neste instante
eu sou como o insolente e altivo barco
que a César carregava e sua fortuna.
CARLOS · Se Maomé se inspirava em uma pomba,
em uma águia, decerto, tu te inspiras.
Helena, a mãe do grande Constantino,
não era como tu, nem mesmo as filhas
de São Filipe. Refulgente estrela
de Vênus, que na terra ora te encontras,
de que maneira revelar-te a minha
veneração?
ALENÇON · Deixemos de mesuras,
para ver como o cerco levantamos.
REIGNIER · Mulher, agora faze o que puderes
para a honra nos salvar. Atira-os longe
da cidade de Orleans e imortaliza-te.
CARLOS · Vamos logo tentá-lo. Às armas! Vamos!
Não mais terei confiança em profecias,
se ela se mostrar falsa neste passo.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena III

Londres. Diante da Torre.
Ante as portas apresenta-se o Duque de Gloster com seus criados de uniforme azul.

GLOSTER · Vim hoje inspecionar a Torre. Temo
que haja contravenção depois da morte
de Henrique. Abri! É Gloster que vos fala.
(Os criados batem.)
PRIMEIRO GUARDA *(dentro)* ·
Quem bate por tal modo autoritário?
PRIMEIRO CRIADO ·
É o nobre duque. Abri! Duque de Gloster.
SEGUNDO GUARDA *(dentro)* ·
Seja quem for, entrar é que não entra.
PRIMEIRO CRIADO ·
Vilãos! Usais de semelhantes termos
com o Lorde Protetor?
PRIMEIRO GUARDA *(dentro)* · Deus o proteja,
é o que podemos responder. Estamos
cumprindo ordens somente, e ordens são ordens.
GLOSTER · Que ordens são essas? Quem aqui dá ordens
senão eu, tão-só eu, que sou do reino
o único protetor? Quebrai as portas;
eu respondo por isso. Hei de deixar-me
ludibriar desse modo por uns sujos?
(Os homens de Gloster se arremessam contra a porta; da parte de dentro aproxima-se o Tenente Woodvile.)
WOODVILE ·
Quem faz esse barulho? Que traidores temos aí?
GLOSTER · Tenente, conheci-vos
pela voz; abri as portas; fala Gloster;
desejo entrar.
WOODVILE · Paciência, nobre duque;
não posso obedecer; foi o Cardeal
de Winchester que o mandou; recebi ordens
expressas de me opor à tua entrada
e à de qualquer pessoa do teu séquito.
GLOSTER ·
Oh fraco Woodvile! Tem-lo em maior conta
do que a mim? A esse estúpido prelado,
Winchester arrogante, que nosso último
soberano jamais suportar pôde?
Não tens amor a Deus nem a teu rei.
Abre logo; se não, jogar-te-ei fora.

PRIMEIRO CRIADO ·
Abri as portas, depressa, para o Lorde
Protetor; do contrário, as quebraremos.
(Entra Winchester, seguido de criados com uniforme aleonado.)
WINCHESTER ·
Que ora pretendes, Humphrey ambicioso?
GLOSTER · Padre careca, é certo que deste ordem
para impedir-me a entrada?
WINCHESTER · Dei, por seres
usurpador sem fé, não protetor
do reino nem do rei.
GLOSTER · Fora, patente
conspirador! A morte do nosso último
soberano por ti foi concertada.
Permitiste às rameiras o pecado.
Vou fazer logo uma devassa nesse
chapéu cardinalício, caso sigas
a pompear tua incrível insolência.
WINCHESTER · Recua tu; não cederei um passo.
Seja isto outro Damasco, e tu, se o queres,
o maldito Caim, para matares
a Abel, teu próprio irmão.
GLOSTER · Não vou matar-te;
vou fazer-te recuar usando dessa
vestimenta escarlate como se ela
fosse uma toalha de batismo para
te carregar e por longe daqui.
WINCHESTER ·
Faze como quiseres; desafio-te cara a cara.
GLOSTER · Ah! É assim? Tens a ousadia
de desafiar-me? Olá, meus homens, basta
de atenção ao lugar: espadas fora!
Uniformes azuis contra aleonados!
Padre, toma cuidado com tua barba.
(Gloster e seus homens atacam o cardeal.)
Vou arrancá-la e moer-te a cachações.
Quero pisar nesse chapéu de bicos;
em que pese ao teu papa e às dignidades
da Igreja, puxar-te-ei pelas bochechas
em todos os sentidos, hás de ver.
WINCHESTER · Gloster, responderás isto ante o papa.
GLOSTER ·
Winchester, ganso de uma figa! Tragam-me

shakespearebrasileiro.org

uma corda! Expulsai-os sem detença!
Que esperais? Quanto a ti, lobo fingido
de carneiro, vais ver! Fora, uniformes
azuis! Sai logo, hipócrita escarlate!

(Os criados de Gloster atacam os do cardeal; em meio à confusão entra o prefeito de Londres, com seus oficiais.)

PREFEITO · Ora, milordes! Vós, os magistrados
supremos, perturbando a paz por modo
tão vergonhoso!
GLOSTER · Não te metas nisso,
prefeito, pois não sabes que de afrontas
eu sofri. Aqui está Beaufort, que pouco
se incomoda com Deus ou com o monarca
e que em vantagem própria ocupa a Torre.
WINCHESTER · Eis Gloster, o inimigo da República,
que só promove guerras e não cuida
da paz, sobretaxando com impostos
exorbitantes vossas bolsas livres.
Porque ele é protetor, procura a ruína
da religião e desejara as armas
que na Torre se encontram, como meio
de se fazer coroar, burlando o príncipe.
GLOSTER · Minha resposta não será falada,
mas deste jeito.

(Tornam a engalfinhar-se.)

PREFEITO · Só me resta, em meio
a semelhante rixa, cuidar de uma
proclamação. Vem, oficial, e grita
com toda a força que puderes. Vamos!
OFICIAL · Homens de todas as posições, que hoje
vos congregastes para pegar em armas contra a paz
de Deus e do rei: em nome de Sua Alteza e sob
pena de morte, nós vos intimamos e ordenamos que
volteis para vossas casas e não tragais, não manejeis,
nem useis, daqui por diante, espada, adaga ou
qualquer outra arma ofensiva.
GLOSTER · Cardeal, não quero violar a lei.
Mas espero que ainda nos veremos
para nos entendermos à vontade.
CARDEAL · Nós nos veremos, Gloster. Este dia
vai-te sair caro; vou tirar-te o sangue
do coração por isto, podes crer-me.
PREFEITO · Se prosseguis, mando buscar cacetes.
Este cardeal é pior do que o demônio.
GLOSTER · Prefeito, adeus; fizeste o que devíeis.
WINCHESTER · Abominável Gloster, toma conta
da cabeça! Não tarda, irei buscá-la.

(Saem, por lugares diferentes, Gloster e Winchester, com seus homens.)

PREFEITO · Dispersai essa gente! Vamos logo!
Oh Deus! Como esses nobres são vesanos!
Não briguei um só dia em quarenta anos.

(Saem.)

Ato I · Cena IV

França. Diante de Orleans.
Aparece sobre os muros o canhoneiro-mestre com o filho.

CANHONEIRO-MESTRE ·
Maroto, não ignoras que a cidade
se acha cercada e que os ingleses donos
já são de seus subúrbios.
O FILHO · Pai, é certo;
e muitas vezes já atirei contra eles,
mas sem sorte, pois nunca acertei no alvo.
CANHONEIRO-MESTRE ·
Vais acertar; orienta-te por mim;
sou o canhoneiro-mestre da cidade;
preciso realizar alguma proeza
para obter graça. Os espiões do príncipe
me informaram há pouco que os ingleses
que estão entrincheirados nos subúrbios
vão até aquela torre por passagem
secreta, para espiar-nos a cidade,
a fim de verem qual o melhor meio
de nos causarem dano, seja a tiros
de artilharia, seja de escalada.
Para neutralizar o inconveniente,
coloquei uma peça na passagem
e, há três dias, estou de sentinela
com o fito de apanhá-los. Mas agora,
pequeno, fica tu, que me é impossível
demorar por mais tempo.

shakespearebrasileiro.org

Se descobrires algo, vai contar-me
sem mais demora; estou com o comandante.
(Sai.)

O FILHO · Asseguro-vos, pai; ficai tranqüilo;
se os surpreender, não vos darei cuidado.
(Sai.)

(Aparecem na Torre os Lordes Salisbury e Talbot, Sir William Glansdale, Sir Tomás Gargrave e outros.)

SALISBURY · Talbot, minha alegria, minha vida!
Novamente entre nós! Como o inimigo
te tratou? Como foste libertado?
Conta-nos isso do alto desta torre.

TALBOT · O Duque de Bedford fez prisioneiro
um bravo lorde, Ponton de Santrailles.
Paguei o meu resgate e fui trocado
por ele. Só com o fito de humilhar-me,
queriam permutar-me, no começo,
por outro prisioneiro sem nobreza,
o que, indignado, recusei, dizendo
que preferia a morte a tal ultraje
na minha avaliação. Por fim me deram
liberdade, segundo os meus desejos.
Mas sinto o coração despedaçar-se-me
por causa de Fastolfe, o vil traidor,
que eu mataria a murros, se ao alcance
dos braços o tivesse.

SALISBURY · Não contaste
ainda de que maneira te trataram.

TALBOT · Com zombarias, chufas e sarcasmos.
Puseram-me na praça do mercado
para servir ao povo de espetáculo.
Eis o terror, diziam, dos franceses,
que serve de espantalho aos nossos filhos.
Nessa altura, livrei-me dos soldados
que me prendiam e, com as próprias unhas,
tirei do solo pedras, que jogava
contra os espectadores da vergonha
por que estava passando. Meu aspecto
assustador os fez correr a todos.
Com receio de expor-se a morte súbita
ninguém chegava a mim. Nem férreos muros
poderiam prender-me, acreditavam.
O medo do meu nome se espalhara
de tal modo, que todos me supunham
capaz de desfazer grades de ferro
e de em pedaços reduzir vigotas
de diamante. Por isso, me puseram
sob a vista de guardas escolhidos,
hábeis atiradores, que a toda hora
vinham espiar-me e que me atirariam
em pleno coração, se, porventura,
do meu leito um só passo eu me afastasse.
(Entra um menino com um morrão.)

SALISBURY ·
Dói-me ouvir-te contar esses tormentos;
ainda havemos de vingar-nos deles.
Agora em Orleans é hora da ceia;
através desta grade eu posso os homens
contar e perceber como os franceses
se fortificam. Vamos espiá-los;
a vista vai te ser muito agradável.
Sir Tomás Gargrave e Sir William Glansdale,
deixai-me ouvir vossa opinião expressa
sobre o melhor lugar para assentarmos
nossos canhões.

GARGRAVE · Na porta norte, penso,
por ser lá que se reúnem sempre os nobres.

GLANSDALE · Eu, aqui mesmo, no bastião da ponte.

TALBOT · Pelo que posso ver, esta cidade
precisa passar fome ou ser aos poucos
enfraquecida por escaramuças.
(Ouve-se um tiro; Salisbury e Sir Tomás Gargrave caem.)

SALISBURY · Apiada-te, Senhor, dos pecadores!

GARGRAVE ·
Tem piedade, Senhor, de um desgraçado!

TALBOT · Que subitâneo acaso vem cruzar-nos
os projetos? Se falas, Salisbury,
dize como te sentes. Fala, espelho
dos guerreiros! Tiraram-te um dos olhos
e quase uma bochecha. Oh torre infame!
Maldita seja a fatal mão que teve
parte na execução desta tragédia!
Salisbury venceu treze batalhas;
foi ele que formou Henrique quinto
na arte da guerra; enquanto no ar soavam
trombetas ou rebates de tambores,
não deixava seu gládio de abater-se
sobre os cascos imigos. Ainda vives,
Salisbury? Se a voz já te falece,
sobra-te um olho para o céu fitares,
em procura de graça. Com um só olho
pode o sol enxergar o mundo todo.
Oh céu, não sejas bom para os que vivem,
se Salisbury carecer de graça.

shakespearebrasileiro.org

Levai-lhe o corpo; vamos sepultá-lo.
Ainda estás vivo, Sir Tomás Gargrave?
Conversa com Talbot, olha para ele.
Sirva-te, Salisbury, de consolo
saber que viverás até...
Faz-me sinal com a mão; sorri-me como
se me dissesse: após minha partida,
quando eu já não viver, lembra-te sempre
de vingar minha morte nos franceses.
Fá-lo-ei, Plantageneta e, tal qual Nero,
tocarei harpa contemplando o incêndio
da cidade. Infeliz vai ser a França
só com o meu nome.

(Trovões e relâmpagos; depois, alarma.)

Que tumulto é esse?
Que se passa no céu? De onde vem tanto
barulho e esse chamado para a luta?

(Entra um mensageiro.)

Mensageiro · Os franceses, milorde, nos atacam.
O delfim, com uma tal Joana Pucela,
que é santa e profetisa, vem com forças
consideráveis levantar o cerco.

(Salisbury geme e faz esforços para levantar-se.)

Talbot · Escutai como geme o moribundo
Salisbury! A impotência de vingar-se
lhe parte o coração. Vou ser, franceses,
para vós todos outro Salisbury.
Pucela ou prostituta,
delfim ou cão do mar, hei de marcar-vos
os corações a patas de cavalo
e a lama reduzir-vos os miolos.
Levai-me Salisbury para a tenda;
em seguida veremos até que ponto
os covardes franceses têm coragem.

(Saem.)

Ato I · Cena V

O mesmo. Diante de uma das portas.
Rebate; escaramuças. Entra Talbot perseguindo o delfim e obrigando-o a recuar. Depois, entra Joana la Pucelle, fazendo sair à força vários ingleses. Talbot torna a entrar.

Talbot · Onde está meu poder e minha força?
Meu valor onde se acha? Nossas tropas
inglesas se retiram; já não posso
nem detê-las; a vista, unicamente,
de arnesada mulher as põe em fuga.

(Torna a entrar Joana la Pucelle.)

Ei-la! Quero provar a minha força.
Demônio ou mãe do diabo, eu te conjuro!
És feiticeira; vou tirar-te sangue
para tua alma entregar logo ao diabo.

Joana · Vem, vem; ver-te-ás, assim, já derrotado.

(Combatem.)

Talbot · Consentes, céu, que o inferno prevaleça?
Farei o coração em pedacinhos
com a tensão da coragem, e dos ombros
os braços tirarei, contanto que hoje
castigue esta rameira corajosa.

(Tornam a lutar.)

Joana · Adeus, Talbot; tua hora ainda não veio.
Vou agora prover sobre alimentos
para a cidade.

(Pequeno rebate; a Pucela entra para a cidade, com seus soldados.)

Apanha-me, se o podes.
Desprezo-te o poder. Vai dar coragem
aos ingleses famintos; vai! Ajuda
Salisbury a fazer o testamento.
Foi nosso o dia; outros iguais teremos.

(Sai.)

Talbot · Giram-me os pensamentos como roda
de moleiro; não sei onde me encontro,
nem o que faço. Aquela feiticeira,
não por meio da força, como Aníbal,
mas influindo-lhes medo, expulsa as tropas
e vence onde lhe apraz, tal como o fumo
faz às abelhas e o mau-cheiro às pombas,
dos pombais e colmeias espantando-as.
Nossa fereza nos valeu a alcunha
de cães ingleses; tímidos, agora,
como cãezinhos, a ganir, fugimos.

(Pequeno rebate.)

Concidadãos, ou renovai o ataque,
ou retirai os leões desses escudos!

shakespearebrasileiro.org

Renunciai ao torrão pátrio, ponde
cordeiros nessas armas, que não correm
com mais temor dos lobos os cordeiros,
nem do leopardo os touros e os cavalos,
do que vós o fazeis diante de escravos
que nós já tantas vezes subjugamos.

(Alarma; outra escaramuça.)

Não pode ser. Às tendas recolhei-vos!
Vós todos sois culpados do trespasse
de Salisbury, pois ninguém se mexe
para dar um só golpe em sua defesa.
Penetrou a Pucela na cidade
apesar de nós próprios e de quanto
pudéssemos fazer. Oh! se eu tivesse
sorte igual à do grande Salisbury!
A vergonha me faz cobrir o rosto.

(Saem, carregando os corpos.)

Ato I · Cena VI

O mesmo.
Aparecem sobre os muros Joana la Pucelle, Carlos, Reignier, Alençon e soldados.

JOANA · Nossas cores ondeiam sobre os muros,
Orleans foi retomada dos ingleses;
assim cumpriu Joana o prometido.
CARLOS · Criatura divinal, filha de Astréia,
de que modo te honrar por tal vitória?
Como o jardim de Adônis é o teu voto:
um dia, todo em flor; no outro, só frutos.
França, exulta com tua profetisa
gloriosa: retomada foi Orleans!
Maior bênção jamais nos coube em sorte.
REIGNIER · Por que não repicarem logo os sinos
da cidade? Delfim, ordena a todos
os cidadãos que acendam ledos fogos
e que se banqueteiem ao ar livre,
pelas ruas, a fim de celebrarmos
o triunfo que por Deus nos foi mandado.
ALENÇON · Há que rejubilar a França inteira,
quando souber de como nos portamos.
CARLOS · Não fomos nós, foi Joana a vencedora.
Por isso, quero seja também dela
minha coroa. Seu louvor infindo,
hão de cantar em procissão os monges
e os padres do meu reino. Vou construir-lhe
pirâmide mais alta que a de Mênfis
ou de Ródope e em sua remembrança,
quando vier a morrer, pôr-lhe-ei as cinzas
numa urna mais preciosa do que o cofre
de Dario, com jóias recamado,
que levada será sempre nas festas,
diante dos reis da França e das rainhas.
Não mais diremos: "São Dionísio!" Joana
la Pucelle será a santa da França.
O banquete aprestemos; a vitória
de hoje vai nos trazer excelsa glória.

(Saem.)

Ato II · Cena I

Diante de Orleans.
Aparecem na porta um sargento francês e duas sentinelas.

SARGENTO · A postos e olho aberto, meus senhores.
Se ouvirdes algum ruído, ou perceberdes
soldados junto aos muros, logo ao corpo
da guarda nos mandai um claro aviso.
PRIMEIRA SENTINELA ·
Pois não, sargento.

(Sai o sargento.)

Assim se dá com os pobres
servidores. Enquanto os outros dormem
sossegados na cama, nós vigiamos
sem ter vontade disso, neste escuro,
tomando chuva e a tiritar de frio.

(Entram Talbot, Bedford, Borgonha, com tropas e escadas de escalar; os tambores tocam uma marcha fúnebre.)

TALBOT · Lorde regente e vós, Borgonha excelso,
cuja chegada nos valeu as terras

shakespearebrasileiro.org

de Artois, da Picardia e o país Valão,
os franceses se crêem muito seguros
nesta noite feliz, tendo passado
todo o dia em banquetes e festanças.
Aproveitemos a oportunidade
para lhes darmos quitação da fraude
que só puderam realizar por meio
de arte diabólica e da mais funesta
feitiçaria.
BEDFORD · França sem coragem!
É ele mesmo que mancha sua alta fama;
por não crer no vigor do próprio braço,
junta-se a bruxas e recorre ao inferno.
BORGONHA ·
Os traidores não têm outros comparsas.
Mas quem é essa Pucela que apregoam
ser tão casta?
TALBOT · Uma virgem, dizem todos.
BEDFORD · Uma virgem? E assim tão belicosa?
BORGONHA · Rezemos para que ela não se mostre
tão masculina assim por muito tempo,
caso armada prossiga sob as cores
dos franceses, tal como no começo.
TALBOT · Eles que continuem conversando
com os espíritos. Deus é o nosso burgo;
sob o seu nome incontrastável vamos
escalar estes muros de granito.
BEDFORD · Sobe, bravo Talbot, que te seguimos.
TALBOT · Juntos, não. É melhor, segundo penso,
entrarmos por lugares diferentes,
porque se acontecer que um de nós falhe,
o outro pode enfrentar os inimigos.
BEDFORD · Muito bem; eu escalo aquele canto.
BORGONHA · E eu este outro.
TALBOT · Talbot sobe por este,
ou cavará sua própria sepultura.
Salisbury, por ti e pelo direito
do inglês Henrique, eis-me em combate! Possa
revelar esta noite quanto eu me acho
pela dedicação a ambos ligado.

(Os ingleses escalam os muros aos gritos de "São Jorge! Talbot!" entrando todos na cidade.)

PRIMEIRA SENTINELA ·
Às armas! O inimigo nos assalta!

(Os franceses saltam os muros, em camisa. Entram por lados diferentes, o bastardo de Orleans, Alençon, Reignier, incompletamente vestidos.)

ALENÇON · Então, senhores! Ainda nestes trajos?
O BASTARDO ·
Ainda, e contentes por estarmos fora.
REIGNIER · Sim, já era tempo de deixar os leitos,
que o barulho até os quartos nos chegara.
ALENÇON · Desde que comecei a trazer armas,
jamais tive noticia de uma empresa
que se compare com esta em desespero
e lance de ousadia.
O BASTARDO · Esse Talbot,
quero crer, é um espírito do inferno.
REIGNIER · Se não o inferno, o céu o favorece.
ALENÇON · Eis Carlos; maravilha que escapasse.
O BASTARDO · Caluda! Santa Joana defendeu-o.

(Entram Carlos e Joana la Pucelle.)

CARLOS · Essa é a tua força, dama enganadora?
Quiseste lisonjear-nos, ensejando-nos
vitória no começo, para agora
ser dez vezes maior a nossa perda.
JOANA · Por que se mostra Carlos impaciente
com os amigos? Supondes ser possível
que o meu poder jamais se modifique?
Tenho de ganhar sempre, quer esteja
velando, quer dormindo, porque a culpa
não me atireis por tudo o que aconteça?
Imprevidentes! Se tivesses feito
boa guarda, esta súbita derrota
não poderia nunca ter-se dado.
CARLOS · Foi vossa a falta, Duque de Alençon,
pois como comandante dos vigias
desta noite, não destes a importância
devida a comissão tão delicada.
ALENÇON · Se em vossos quarteirões a vigilância
fosse tão eficiente como a minha,
não teríamos sido surpreendidos
tão vergonhosamente.
O BASTARDO · No meu lado
havia segurança.
REIGNIER · De igual modo
no meu.
CARLOS · Só sei dizer que toda a noite
passei andando de um para outro lado
na porção que tocou a mim e a Joana,
revistando sem pausa as sentinelas.
Mas afinal, por onde eles entraram?
JOANA · Não vem ao caso essa questão, milorde,

shakespearebrasileiro.org

por onde, ou de que modo. Não padece
dúvida que um lugar eles acharam
mal vigiado, por onde entrar puderam.
Agora só nos resta este recurso:
reunir as nossas forças tresmalhadas
e excogitar os meios de causarmos
novos e grandes danos ao inimigo.

(Rebate; entra um soldado inglês gritando "Talbot! Talbot!" Todos fogem, deixando as vestes.)

SOLDADO · Sou dono de quanto eles me deixaram.
O só nome "Talbot" me é como espada,
pois estou carregado de despojos
sem usar de outras armas que seu nome.

(Sai.)

Ato II · Cena II

Orleans. Dentro da cidade.
Entram Talbot, Bedford, Borgonha, um capitão e outros.

BEDFORD · O dia já começa; a noite foge
com seu manto de pez que nos cobria.
Mandai cessar a caça aos inimigos.

(Toque de retirada.)

TALBOT · Ponde o corpo do velho Salisbury
na praça do mercado, bem no meio
da cidade maldita. Considero
pago o voto dicado à sua alma nobre,
já que, por cada gota de seu sangue,
cinco franceses, pelo menos, esta
noite morreram. Para que as idades
futuras venham a saber da ruína
feita para vingá-lo, neste templo
principal vou mandar construir um túmulo
para nele depormos seus despojos,
e aí farei gravar, para que todos
possam ler, os horrores deste saque,
a maneira traiçoeira de sua morte
e o pavor que na França ele infundia.
Mas, senhores, admira-me que em nosso
cruento morticínio não tenhamos
encontrado o delfim nem sua nova
campeã, essa virtuosa Joana d'Arc,
nem qualquer de seus falsos companheiros.
BEDFORD · Dizem, Lorde Talbot, que eles saltaram
das camas sonolentas no começo
da refrega e pularam as muralhas
por entre homens armados, para abrigo
procurarem no campo.
BORGONHA · Eu próprio, — quanto
me era possível distinguir no meio
da fumaça e da névoa desta noite —
pus em fuga o delfim e sua amásia,
quando, de braços dados, eles iam
como um par de rolinhas amorosas,
que dia e noite estão sempre juntinhos.
Depois que tudo aqui ficar em ordem,
com toda a nossa força os persigamos.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Milordes, salve! Aqui, nesta assembléia,
quem tem o nome de Talbot guerreiro,
tão famoso e aplaudido em toda a França?
TALBOT · Talbot sou eu. Quem é que quer falar-me?
MENSAGEIRO ·
A Condessa de Auvergne, alta e virtuosa,
admirando, modesta, o teu renome,
por mim, grande senhor, te pede queiras
no seu pobre castelo visitá-la,
para que ela, orgulhosa, dizer possa
que contemplou o herói cuja alta glória
por todo o mundo em seu louvor ressoa.
BORGONHA · Sério? Pelo que vejo, nossa guerra
vai transformar-se em cômico desporto,
pois que as damas aprazam entrevistas.
Não podeis recusar esse convite,
milorde, tão gentil.
TALBOT · Decerto; crede-me.
O que a um mundo de gente nunca fora
possível com os recursos da oratória,
é fácil à bondade feminina.
Dizei-lhe que lhe envio muitas graças
e que, submisso, intento visitá-la.
Vossas Honras não querem secundar-me?
BEDFORD ·
De forma alguma; é contra os bons costumes.
Hóspede oferecido, como dizem,
só é bem-vindo quando se despede.

shakespearebrasileiro.org

TALBOT · Se não há outro jeito, irei sozinho
pôr à prova a hospedagem da senhora.
Capitão, vinde cá.

(Fala-lhe ao ouvido.)
Já me entendestes.
CAPITÃO · Sim, milorde; farei como o ordenastes.
(Saem.)

Ato II · Cena III

Auvergne. Pátio de um castelo.
Entram a condessa e o porteiro.

CONDESSA · Porteiro, tomai nota da incumbência
que vos dei. Uma vez cumprida a ponto,
trazei-me logo as chaves.
PORTEIRO · Sim, senhora.
CONDESSA · A cilada está pronta; se der tudo
certo até o fim, hei de ganhar mais nome
do que a rainha cítica, Tomíris,
com o trespasso de Ciro. É grande a fama
do temível herói, de acordo, em tudo,
com o que dele se conta. Só desejo
confirmar pela vista o que os ouvidos
já sabem de tão altas maravilhas.
(Entram o mensageiro e Talbot.)
MENSAGEIRO · Condessa,
de acordo com o desejo que expendestes,
chamado por mensagem, aqui se acha
Lorde Talbot.
CONDESSA · Bem-vindo seja. Como!
Esse homem?
MENSAGEIRO · Sim, senhora.
CONDESSA · Esse é o flagelo
da França? Esse é o Talbot que tanto aí fora
se faz temer, e cujo nome serve
para infundir pavor nas nossas crianças?
Vejo que a fama é fabulosa e falsa.
Esperava ora ver um segundo Hércules,
outro Heitor de terrível catadura,
membros fortes e em tudo bem talhado.
Este não passa de um menino, um simples
anão. Não pode ser; uma criatura
tão fraca e assim mirrada não pudera
causar tanto pavor aos inimigos.
TALBOT · Vejo que minha vinda é inoportuna.
Se Vossa Senhoria não se encontra
disposta, voltarei noutra ocasião.
CONDESSA · Que disse ele? Pergunta-lhe aonde vai.
MENSAGEIRO · Parai, Lorde Talbot; minha graciosa
senhora desejara que dissésseis
a razão de voltardes tão depressa.
TALBOT · Ora essa! Por estar ela enganada,
vou sair, para a prova, alfim, trazer-lhe
de que Talbot, de fato, está presente.
(Volta o porteiro, com as chaves.)
CONDESSA · Se és ele mesmo, então és prisioneiro.
TALBOT · Prisioneiro! De quem?
CONDESSA · Meu, sanguinário
senhor! Por isso mesmo quis que viesses
à minha casa. Tua sombra, há muito,
se encontra a meu dispor, pois teu retrato
já faz parte de minha galeria.
Mas sorte igual teu ser vai ter agora;
vou pôr-te a ferros, pés e mãos atados,
por haveres, tirano, tantos anos
dilapidado este país, matado
nossos homens e posto em cativeiro
nossos maridos e os filhinhos caros.
TALBOT · Ah, ah, ah!
CONDESSA · Estás rindo, bandido? Essa alegria
dentro em pouco em gemidos vai mudar-se.
TALBOT · Alegro-me, por ver Vossa Excelência
na ilusão de possuir mais do que a sombra
de Talbot, para nela exercitar
cruel severidade.
CONDESSA · Não sois ele?
TALBOT · Sim, em pessoa.
CONDESSA · O original, portanto.
TALBOT ·
Não sou mais do que a sombra de mim próprio.
Há engano; o original não está presente,
porque o que vedes é a menor das partes
de minha humanidade, porção mínima.
Afirmo-vos, senhora, se estivesse
toda a figura aqui, de tão notável

shakespearebrasileiro.org

proporção e grandeza, vosso teto
não fora suficiente a comportá-la.
CONDESSA · É um vencedor que fala por enigmas:
está aqui e está longe, ao mesmo tempo.
De que modo entender essa embrulhada?
TALBOT · Vou mostrar-vos já, já.
(Sopra na trompa. Ouve-se toque
de tambor e, logo após, uma descarga.
Os portões são arrombados; entram soldados.)
Então, senhora,
que dizeis disso? Não estais convicta
de que Talbot é a sombra de si próprio?
Eis a sua substância, a força, os braços
e os tendões. É com isto que ele ao jugo
os pescoços de vossa gente obriga
e vos arrasa os burgos, e as cidades
vos submete, deixando-as desoladas.
CONDESSA · Vitorioso Talbot, o erro perdoa-me;
em tudo és digno, vejo-o, da alta fama,
que de muito te excede essa aparência.
Não te zangues com meu atrevimento,
pois estou desolada pela falta
de reverência que mostrei, tratando-te
de modo tão contrário ao que mereces.
TALBOT · Não vos amotineis, graciosa dama;
não quero que Talbot vos desiluda
no que concerne ao espírito, tal como
sobre a forma do corpo o fez há pouco.
Vossos atos em nada me ofenderam.
Outra satisfação de vós não peço
senão, com vosso agrado, ser-nos dado
provar do vosso vinho e vera espécie
de iguarias que tendes, porque o estômago
do soldado está sempre bem-disposto.
CONDESSA · De todo o coração. E podeis crer-me
que muito honrada estou por ter agora
no castelo um guerreiro tão famoso.
(Saem.)

Ato II · Cena IV

Londres. O jardim do templo.
Entram os Condes de Somerset, Suffolk e Warwick;
Ricardo Plantageneta, Vernon e um jurista.

PLANTAGENETA ·
Que quer dizer este silêncio, ilustres
nobres e gentis-homens? Ninguém ousa
falar, quando se trata da verdade?
SUFFOLK · No templo tudo repercute muito;
acho o jardim lugar mais conveniente.
PLANTAGENETA · Ora dizei-me se eu falei verdade,
ou se o erro é do bulhento Somerset.
SUFFOLK · Sempre fui estudante preguiçoso
no que respeita à lei; por não ter nunca
podido submeter-me ao seu talante,
obriguei-a a dobrar-se a meus caprichos.
SOMERSET · Sereis, então, Lorde Warwick, o juiz.
WARWICK · Dos falcões, qual se libra a mor altura;
dos cachorros, qual uiva com mais força;
dos corcéis, qual tem marcha mais macia;
das jovens, qual é de olhos mais brilhantes...
É possível que em todos esses casos
eu decida com algum conhecimento;
mas em julgar coisas sutis não caio;
sou tão bisonho nisso como um gaio.
PLANTAGENETA · Isso é modo elegante de esquivar-se.
A nudez da verdade é tão patente
do meu lado, que até vista de míope
poderá discerni-la sem trabalho.
SOMERSET · E tão ataviada ela se encontra
do meu lado, tão clara e reluzente,
que até vista de cego pode vê-la.
PLANTAGENETA ·
Pois que sois assim parcos de discursos,
revelai por sinais o pensamento:
que todo verdadeiro gentil-homem,
zeloso de seus títulos nativos,
se estiver convencido do que eu disse,
colha uma rosa branca, como o faço.
SOMERSET · Pois quem não for adulador e fraco
e ousar ficar do lado da verdade,
tire destes espinhos uma rosa
vermelha, como o faço.
WARWICK · Não me agradam
corantes; sem as cores da lisonja
rastejante e jeitosa, eu me decido

shakespearebrasileiro.org

por uma rosa branca, justamente
como Plantageneta deu o exemplo.
Suffolk · E eu apanho uma rosa rubra, como
o jovem Somerset, por estar certo
de que ele em tudo se acha com a verdade.
Vernon · Parai de colher flores, meus senhores;
não prossigais sem decidirdes antes
que o lado que ficar com menos rosas
à opinião do adversário se submete.
Somerset ·
Meu bom mestre Vernon, bem observado;
se menos eu tiver, quieto subscrevo.
Plantageneta · Eu também.
Vernon · Então, em nome da verdade, como
da evidência da causa, esta flor pálida
e virginal eu colho, decidindo-me,
desta maneira, pela rosa branca.
Somerset · Cuidado! Não te piques ao colhê-la,
porque teu sangue não transforme a rosa
branca em rosa vermelha, o que faria
ficares do meu lado a contragosto.
Vernon · Se por minha opinião eu perder sangue,
milorde, essa opinião será meu médico,
para curar-me logo e, assim, deixar-me
do lado em que me encontro por vontade.
Somerset · Bem; vamos. Quem mais quer?
O Jurista *(a Somerset)* .
Se meus livros e o estudo não me enganam,
as razões que aduzis não vos amparam.
Por isso, eu colho uma das rosas brancas.
Plantageneta ·
E agora, Somerset, onde se encontra
vosso argumento?
Somerset · Aqui, nesta bainha,
pensando na maneira por que possa
deixar tinta de sangue a rosa branca.
Plantageneta · Nas faces, enquanto isso, falsificas
a cor de nossas rosas, pois se encontram
descoradas de medo, em testemunho
de que a verdade está do nosso lado.
Somerset · Perdão, Plantageneta, não de medo,
mas de cólera, à vista dessas faces
que imitam nossas rosas e se tornam
vermelhas de vergonha. Apesar disso,
não te confessa a língua o erro em que te achas.
Plantageneta · Tua rosa não tem bicho,
Somerset?
Somerset · Plantageneta, a tua tem espinhos?
Plantageneta ·
Sim, possui um, pontudo e de bom corte,
com que eu defenda o meu direito, ao passo
que a tua nutre o bicho da mentira.
Somerset ·
Hei de, certo, encontrar amigos que usem
minha rosa de sangue e que sustentem
a verdade de tudo quanto eu disse,
sendo que tu, Plantageneta hipócrita,
correrás com vergonha de ser visto.
Plantageneta · Por esta rosa virginal que tenho
na mão, eu te desprezo e aos teus comparsas,
rapazinho teimoso.
Suffolk · Não dirijas,
Plantageneta, para nós o escárnio.
Plantageneta ·
Faço-o, Pole orgulhoso; eu vos desprezo
a ambos sem distinção.
Suffolk · A minha parte
hei de enfiar-te no peito.
Somerset · Basta, basta,
bom William de la Pole; conferimos
muita honra a este labrego, discutindo
com ele tanto tempo.
Warwick · Por Deus, é ser injusto, Somerset.
O avô dele era o Duque de Clarence,
Lionel, terceiro filho do terceiro
Eduardo da Inglaterra. De raízes
tão fundas brotam rústicos sem títulos?
Plantageneta · Ele é aproveitador dos privilégios
do lugar. Não fora isso, o peito fraco
não lhe permitiria dizer nada.
Somerset · Por quem me deu à luz, hei de a palavra
sustentar em qualquer parte de nossa
cristandade. Teu pai, Ricardo, Conde
de Cambridge, não foi executado
como traidor, no tempo do rei morto?
E essa traição não te atingiu, manchando-te,
corrompendo-te e excluindo-te do quadro
da nobreza da terra? Ainda carregas
no sangue mancha do seu ato ignóbil.
És um labrego, até que não te limpes.
Plantageneta · Acusaram meu pai, porém contra ele
nada ficou provado. Muito embora,
de fato, o houvessem condenado à morte
como traidor, traidor não foi, jamais,

shakespearebrasileiro.org

e isso eu sustentarei contra pessoas
de títulos melhores que os do próprio
Somerset, quando o tempo, no seu curso,
madurar meu desejo. Quanto ao vosso
comparsa Pole, e a vós, hei de inscrever-vos
no livro da memória, a fim de dar-vos
o castigo por esta afronta de hoje.
Que vos acauteleis é o que vos digo.
SOMERSET ·
Pois que seja; estaremos sempre prontos
e hás de reconhecer-nos como imigos
por esta cor que, a teu mau grado, havemos
de trazer sempre.
PLANTAGENETA · Por minha alma, eu juro
que, em sinal do meu ódio sanguinário,
eu levarei, como do meu partido,
sempre uma rosa pálida e colérica,
até murchar comigo no meu túmulo
ou florescer na altura do meu posto.
SUFFOLK · Continua, até seres asfixiado
pela própria ambição. E agora, adeus,
até que eu venha a te encontrar de novo.

(Sai.)

SOMERSET · Eu te acompanho, Pole. Passai bem,
ambicioso Ricardo.

(Sai.)

PLANTAGENETA · Que de afrontas
sou forçado a agüentar sem fazer nada!
WARWICK · A mancha que eles atiraram contra
vossa casa há de ser limpa no próximo
parlamento, chamado para as tréguas
entre Winchester e Gloster. Se não fores
nessa ocasião criado Duque de York,
renuncio ao meu título de Warwick.
Enquanto espero e como testemunho
do amor que te dedico e do ódio imenso
ao orgulhoso Somerset e a William
de la Pole, contigo uso esta rosa,
profetizando que a disputa que hoje
criou no jardim do templo os dois partidos
vai mandar, de uma rosa e de outra rosa,
mil almas para a Morte tenebrosa.
PLANTAGENETA ·
Meu bom mestre Vernon, fico-vos grato
por terdes minha flor também colhido.
VERNON · Que hei de sempre trazer para louvar-vos.
O JURISTA · O mesmo farei eu.
PLANTAGENETA · Obrigado, senhores.
Ora vamos jantar, sem mais loqüela;
vai custar muito sangue esta querela.

(Saem.)

Ato II · Cena V

Londres. Um quarto na Torre.
Entra Mortimer, carregado por dois carcereiros, numa cadeira de braços.

MORTIMER · Cuidadosos guardiões da minha fraca
velhice, ora deixai que o moribundo
Mortimer fique aqui. Como pessoa
retirada do potro do suplício,
sinto os membros, após prisão tão longa.
Estes cabelos brancos, mensageiros
da Morte, envelhecidos em cuidados,
como o idoso Nestor, o fim de Edmundo
Mortimer já proclamam. Estes olhos,
como lâmpadas de óleo esperdiçado,
já se tornaram foscos, sinal certo
de estar chegando o fim; os ombros débeis
se curvam sob o fardo das agruras;
os braços dessangrados se assemelham
a vinha que no solo arrasta os ramos
sem seiva e sem vigor. Os pés, contudo,
entorpecidos da inação forçada,
não mais podendo suportar o peso
desta pouca de argila, asas revelam
do anelo do sepulcro, por saberem
que me falece outro qualquer recurso.
Mas meu sobrinho, carcereiro? Vem?
PRIMEIRO CARCEREIRO ·
Senhor, Plantageneta está em caminho;
mandamo-lo chamar no quarto dele,
no templo. Respondeu-nos que viria,
sem demora, aqui ter.
MORTIMER · É o suficiente.

Com isso vai rejubilar minha alma.
Pobre rapaz! Sofreu, como eu, afrontas.
Dês que Henrique Monmouth foi coroado,
antes de cuja glória eu era tido
como grande nas armas, vivo nesta
seqüestração odiosa, ao mesmo tempo
que Ricardo passou para a penumbra,
privado de suas honras e da herança.
No entanto, agora, o juiz do desespero,
a Morte, árbitro equânime de todas
as misérias humanas, vai soltar-me,
concedendo-me a doce liberdade.
Desejara que o fim de seus cuidados,
também, fosse chegado, para que ele
pudesse recobrar lodo o perdido.

(Entra Ricardo Plantageneta.)

PRIMEIRO CARCEREIRO · Vosso amado sobrinho vem chegando, milorde.

MORTIMER · Meu amigo aí está, Ricardo Plantageneta?

PLANTAGENETA · Sim, meu nobre tio; ofendido por modo ignominioso, chega vosso sobrinho, este Ricardo, com recentes injúrias.

MORTIMER · Põe-me os braços de modo que cingir-lhe o colo eu possa, e exalar-lhe no seio o último alento. Avisa-me no instante em que meus lábios lhe tocarem no rosto, porque um beijo fraco, mas afetuoso, eu possa dar-lhe. Ora, garfo gentil do grande tronco de York, por que motivo te referes a recentes injúrias?

PLANTAGENETA · O cansado corpo apóia, primeiro, neste braço para, mais à vontade, me escutares todos os sofrimentos. Hoje eu tive com Somerset uma disputa acerba. Na acalorada troca de palavras fez ele uso da língua extravagante, ao rosto me lançando a triste morte de meu pai. A censura me pôs trancas na boca; do contrário, eu lhe teria à justa revidado. Por tudo isso, meu tio, em nome de meu pai e da honra de um leal Plantageneta, de nós todos, dizei-me a causa de haver sido o Conde de Cambridge, meu pai, decapitado.

MORTIMER · A causa de eu ser preso, meu sobrinho, e haver passado toda a florescente mocidade num cárcere nojoso, para aí definhar, foi o instrumento maldito de sua morte.

PLANTAGENETA · Minuciosa explicação te peço dessa causa, que eu nada sei, nem faço conjeturas.

MORTIMER · Di-lo-ei, se o permitir o sopro exíguo e a morte não me vier sem que eu termine. O avô do rei atual, Henrique quarto, depôs Ricardo, seu sobrinho, filho de Eduardo, primogênito e legítimo de Eduardo, rei, terceiro dessa série. Mas os Percys do norte, parecendo-lhes injusta a usurpação, um movimento tentaram para ao trono me levarem. Baseavam-se os fidalgos belicosos no seguinte argumento: uma vez morto, sem herdeiro direto, o Rei Ricardo, quem mais perto do trono ficaria, por parentesco e sangue, era eu, pois minha mãe me ligava ao Duque de Clarence, Lionel, filho terceiro do terceiro Eduardo, sendo que ele vinha apenas do quarto garfo desse tronco heróico, João de Gaunt. Observa ora o que segue: enquanto nessa grande e altiva empresa tentavam eles pôr no trono o herdeiro legítimo, eu perdia a liberdade e eles a vida. Decorridos anos, reinando Henrique quinto, após a morte de seu pai Bolingbroke, o teu saudoso pai, Duque de Clarence, que de Edmundo Langley provinha, o grande Duque de York, tendo esposado minha irmã, tua mãe, de meu grande sofrer compadecido, reuniu forças, visando a libertar-me e a fronte me adornar com o diadema. Mas, como os outros, foi o nobre conde também decapitado. Assim ficaram os Mortimer, extintos, que podiam aspirar, com direito, à sucessão.

PLANTAGENETA · Dos quais Vossa Honra é o último, milorde.

shakespearebrasileiro.org

MORTIMER · Certo. Mas, como vês, não deixo filhos
e minha voz truncada inculca morte.
És meu herdeiro; o resto é só contigo;
mas sê prudente em tudo o que fizeres.
PLANTAGENETA · Jamais esquecerei esses conselhos.
Mas agora reflito que a sentença
dada contra meu pai foi simplesmente
ato de sanguinária tirania.
MORTIMER · Sobrinho, sem falar faze política.
A casa de Lencastre se acha fixa
mais do que uma montanha; é inabalável.
Ora o teu tio vai mudar de pouso,
tal como os reis o fazem com suas cortes,
quando lhes chega o enfado, após ficarem
parados muito tempo num só ponto.
PLANTAGENETA · Se eu pudesse, meu tio, com uma parte
de minha mocidade comprar esse
curso assaz apressado da velhice!
MORTIMER · Serias para mim como o açougueiro
que multiplica os golpes, quando fora
fácil tirar a vida com um somente.
Não chores, se o meu bem não te entristece.
Dá ordem, simplesmente, para o enterro.
E assim, adeus; que tudo te sorria;
sê próspero, na paz como na guerra.

(Morre.)

PLANTAGENETA · Que tenha paz, não guerra, tua alma nobre
no instante de partir. Naquele cárcere
tua existência inteira consumiste,
como eremita os dias aí passando.
Sim, vou trancar no peito o seu conselho:
nada direi, nem mesmo em frente ao espelho.
Carcereiros, levai-o daqui logo.
Eu próprio vou prover para que tenha
melhor enterro do que vida teve.

(Saem os carcereiros, carregando o corpo de Mortimer.)

Assim, a fosca tocha deste Mortimer
se extinguiu, abafada sob o peso
das ambições de seres inferiores.
Quanto às injúrias e as ofensas todas
lançadas contra os meus por Somerset,
não duvido: hei de obter condigna e plena
reparação. E agora, ao parlamento,
ou para ver-me ao sangue reintegrado,
ou transformar em bem o averso fado.

(Sai.)

Ato III · Cena I

Londres. Casa do parlamento.
Clarins. Entram o Rei Henrique, Exeter, Gloster, Warwick, Somerset e Suffolk; o Bispo de Winchester, Ricardo Plantageneta e outros. Gloster faz menção de entregar ao rei um memorial; Winchester lho arrebata e rasga.

WINCHESTER · Trazes linhas assim premeditadas,
panfletos com cuidado redigidos,
Humphrey de Gloster? Se acusar-me queres,
ou contra mim tramar alguma coisa,
faze-o espontaneamente, sem rebuços,
como eu falar pretendo, contestando-te
os argumentos todos, de improviso.
GLOSTER · Oh padre estulto! Este lugar me inculca
paciência. A não ser isso, eu te faria
sentir até que ponto me insultaste.
Não penses que, por ter eu preterido
escrever a falar sobre teus crimes
abomináveis, haja em qualquer ponto
deturpado a verdade, ou que não possa
verbatim repetir, inteiro, o escrito.
Não, prelado! A maldade que estadeias
é de tal imprudência, tão pestíferos
e lascivos teus planos de discórdia,
que até as crianças glosam teu orgulho.
Não passas de usurário pernicioso,
inimigo da paz, naturalmente
maldoso, mais lascivo e dissoluto
do que se esperaria de pessoa
de tua situação e de teu posto.
Quanto à tua traição, que há de mais claro?
Patenteia-se em todas as ciladas
que contra a minha vida arquitetaste,

shakespearebrasileiro.org

a da Ponte de Londres, e a da Torre.
Se fôssemos sondar-te os pensamentos,
receio que até o rei, teu soberano,
viria a cair presa da malícia
invejosa que te infla o coração.
WINCHESTER · Desafio-te, Gloster! Concedei-me,
senhores, à defesa, ouvido atento.
Se eu sou o que ele diz, perverso, torpe,
ambicioso, por que vivo assim tão pobre?
E como há de explicar-se que eu não cuide
de prosperar ou de auferir proventos,
sempre adstrito às minhas ordinárias
obrigações? No que respeita à pecha
de turbulento, quem, como eu, se mostra
mais amigo da paz, naturalmente,
quando não provocado? Não, milordes,
meu crime é outro; a causa de irritar-se
de tal maneira o duque, é não se ver
sozinho no governo. Ele, somente,
deveria estar junto do monarca.
Esse o motivo dos trovões, senhores,
que no peito lhe roncam, incitando-o
a rugir contra mim tantas diatribes.
Mas há de ver que eu sou tão bom...
GLOSTER · Tão bom?
tu, que és de meu avô simples bastardo?
WINCHESTER · Oh senhor importante! Por obséquio,
que sois mais do que um tipo prepotente
em um alheio trono?
GLOSTER · Por acaso
não sou eu o protetor, padre lascivo?
WINCHESTER ·
E um prelado eu não sou da santa Igreja?
GLOSTER · Como um proscrito, sim, que se apodera
de um castelo, onde esconde os próprios roubos.
WINCHESTER · Gloster irreverente!
GLOSTER · Reverendo
és nas funções, apenas, não na vida.
WINCHESTER ·
Para isso Roma há de prover os meios.
GLOSTER · Vai lá, em romaria.
SOMERSET · Deveríeis
comedir-vos, milorde.
WARWICK · Vede apenas
que o bispo não exceda seus limites.
SOMERSET · Penso que deveríeis ser mais pio,
reconhecendo o que à função compete.
WARWICK · E eu quero crer que Sua Senhoria
deveria mostrar-se mais humilde.
Não vão bem tais maneiras a um prelado.
SOMERSET ·
Vão bem, quando o seu posto sacrossanto
se vê tratado assim com tal desprezo.
WARWICK · Sacrossanto ou profano, a que isso agora?
Não é Sua Graça o protetor do rei?
PLANTAGENETA *(à parte)* ·
Plantageneta, importa que te cales,
para não se dizer: "Falai somente
quando fordes chamado. Acaso pode
vossa altiva opinião ser atendida,
quando os nobres discutem?" Não fora isso,
contra Winchester jogara o meu sarcasmo.
REI HENRIQUE ·
Tios de Winchester e de Gloster, guardas
especiais da Inglaterra; desejara,
se minhas preces fossem eficazes,
em amor e amizade conciliar-vos.
Constitui para o reino grande escândalo
dois fidalgos tão nobres digladiarem.
Podeis crer-me, milordes, que até os anos
inexperientes dizem que as discórdias
intestinas são víboras nocivas
que por dentro destroem a causa pública.
(Ouvem-se gritos de: "Abaixo os uniformes amarelos!")
Que barulho é esse?
WARWICK · Alguma rixa, aposto,
nascida da malícia dos do bispo.
(Novos gritos de: "Pedras! Pedras!")
(Entra o prefeito de Londres, com escolta.)
PREFEITO ·
Oh meus bons lordes, meu virtuoso Henrique!
tende pena de Londres e do povo!
Porque estavam proibidos de usar armas,
tanto os homens do bispo como a gente
do partido de Gloster, bolsos cheios
de pedras, em dois campos divididos,
com tal fúria uns aos outros as cabeças
apedrejaram, que o leviano cérebro
de alguns arrebentou. Por essas ruas
só se vêem estilhaços de vidraças
de janelas, razão por que ficamos
forçados a fechar as nossas lojas.
(Entram, a lutar, com as cabeças ensangüentadas, os homens de Gloster e de Winchester.)

shakespearebrasileiro.org

REI HENRIQUE ·
Intimo-vos, em nome da obediência
que me deveis, a vos absterdes desse
morticínio e a firmardes amizade.
Por favor, tio Gloster, acalmai-os.
PRIMEIRO CRIADO ·
Se nos proibirem pedras, brigaremos
a dentadas.
SEGUNDO CRIADO · Fazei como quiserdes,
que estamos de igual modo resolvidos.
GLOSTER · Homens da minha casa, tomai tento!
Deixai dessa contenda mais que tola.
TERCEIRO CRIADO ·
Milorde, todos nós sabemos quanto
Vossa Graça é direito e justiceiro,
e que só cede a Sua Majestade
na realeza do berço. E antes de vermos
um príncipe tão grande, um pai bondoso
da república assim tão maltratado
por essa gente que usa pena e tinta,
lutaremos, ao lado das esposas
e dos filhos, até que os adversários
nos reduzam os corpos a pedaços.
PRIMEIRO CRIADO ·
Quando estivermos mortos, as aparas
de nossas unhas cavarão os campos.
(Tornam a engalfinhar-se.)
GLOSTER · Parai, parai, vos digo!
Se me tendes amor, como o afirmastes,
escutai-me e abstende-vos de brigas.
REI HENRIQUE ·
Como essas rixas a alma me compungem!
Lorde de Winchester, como indiferente
ficais, vendo-me em lágrimas desfeito?
Se não só vós, quem mais será piedoso?
Quem há de promover a paz, se os homens
da Igreja se comprazem com a discórdia?
WARWICK · Cedei, milorde protetor! Cedei
Winchester! Salvo se quereis com essa
recusa desgraçar vosso monarca
juntamente com o reino. Estão patentes
os males, sim, os crimes de homicídio
decorrentes de vossa inimizade.
Acalmai-vos, portanto, se não tendes
sede de sangue.
WINCHESTER · Ceda ele primeiro,
que eu jamais me rebaixo.
GLOSTER · Por piedade
do rei, vou dar o exemplo. Não fora isso,
e desse padre o coração tirara
antes de vir a lhe ceder terreno.
WARWICK ·
Lorde de Winchester, vede como o duque
já baniu para longe a fúria e a cólera
descontentes; a fronte lisa o mostra.
Por que, então, esse olhar tão duro e trágico?
GLOSTER · Winchester, está bem; a mão te estendo.
REI HENRIQUE · Ora, tio Beaufort, já vos ouvira
pregar sobre o rancor, que condenáveis
como pecado grave. Ireis agora
desmentir vosso próprio ensinamento,
contumaz vos mostrando nesse ponto?
WARWICK · Bondoso soberano, é muito justa
essa vossa censura. Envergonhai-vos,
milorde! Cedei logo! Há de ensinar-vos
uma criança o que deveis fazer?
WINCHESTER · Duque de Gloster, seja! Retribuo-vos
a amizade; esta mão vos assegura.
GLOSTER *(à parte)* ·
Sim, mas receio muito que em tudo isso
não entre o coração. Caros amigos
e compatriotas! Sirva de bandeira
de tréguas esta marca, entre nós próprios
e nossos partidários. Deus me ampare
por eu ter sido em meu falar sincero.
WINCHESTER ·
Deus me ampare, se eu penso em ser sincero.
REI HENRIQUE · Bravo Duque de Gloster, caro tio,
que alegria me causa esse contrato!
Amigos, acabaram-se as disputas.
Reconciliai-vos, como os vossos amos.
PRIMEIRO CRIADO ·
Seja! Vou procurar um cirurgião.
SEGUNDO CRIADO ·
Eu também.
TERCEIRO CRIADO ·
E eu vou ver se encontro médico
numa boa taberna.
(Saem o prefeito, criados, etc.)
WARWICK · Recebei esta folha, meu gracioso
soberano, que, em nome do direito
de Ricardo Plantageneta
pomos nas mãos de Vossa Majestade.
GLOSTER ·
Lorde Warwick, muito bem! Bondoso príncipe,

shakespearebrasileiro.org

se observar Vossa Graça as circunstâncias
todas do caso, há de encontrar motivos
para dar a Ricardo o seu direito,
máxime pelas causas que eu em Eltham
com mais vagar já expus a Vossa Graça.
REI HENRIQUE ·
Essas causas, bom tio, eram de peso.
Por isso, caros lordes, nosso alvitre
decide que Ricardo seja ao sangue
reintegrado dos seus.
WARWICK · Ao próprio sangue
seja ele reintegrado, como justa
recompensa de quanto ao pai foi feito.
WINCHESTER ·
Winchester não discorda dos presentes.
REI HENRIQUE ·
Se Ricardo for fiel, não isso apenas
será dele, mas quanto por herança
pertence à casa de York, de onde em linha
direta descendeis.
PLANTAGENETA · O servo humilde
vos protesta obediência, prometendo
de grado vos servir, enquanto vivo.
REI HENRIQUE ·
Abaixai-vos, entanto, e o pé tocai-me
com o joelho, e em recompensa desse preito
de homenagem, à espada valorosa
vos cinjo dos de York. Levantai-vos,
como um Plantageneta, bom Ricardo;
levantai-vos criado Duque de York.
PLANTAGENETA ·
Que Ricardo prospere e abaixem vossos
inimigos. E assim como se eleve
minha fortuna, morram quantos ousem
murmurar contra Vossa Majestade.

TODOS · Salve o grande fidalgo, o poderoso
Duque de York!
SOMERSET *(à parte)* · Pereça o abjeto príncipe,
o ignóbil Duque de York!
GLOSTER · Fora só de vantagem para Vossa
Graça cortar o mar e ir até à França,
para lá ser coroado. O simples fato
da presença do rei aumenta o afeto
dos amigos leais e de seus súditos,
bem como desanima os inimigos.
REI HENRIQUE ·
O parecer de Gloster é uma ordem
para o rei. Um conselho de amizade
destrói muitos imigos.
GLOSTER · Os navios
de Vossa Majestade já estão prontos.
(Clarins. Saem todos, com exceção de Exeter.)
EXETER · Ir à França ou pisar na pátria é o mesmo,
se não podemos ver o que é provável
nos melhore o destino. Essa recente
briga dos pares arde sob as cinzas
fingidas de uma falsa cortesia,
mas vai logo explodir em chama ardente.
Como os membros aos poucos apodrecem
até caírem nervos, carnes e ossos:
assim vai dar-se com esta vil discórdia.
Ora receio venha a realizar-se
a fatal profecia que no tempo
de Henrique quinto andava até na boca
das crianças de peito: que um Henrique
de Monmouth chegaria a ganhar tudo,
e um Henrique nascido em Windsor, tudo
chegaria a perder, o que é tão claro
que Exeter só deseja que seus dias
terminem antes dessa triste idade.
(Sai.)

Ato III · Cena II

França. Diante de Ruão.
Entram Joana la Pucelle, disfarçada, e soldados, em trajos de camponeses, com sacos às costas.

JOANA · Eis a porta de Ruão, que nossa astúcia
precisa derrubar. Tomai cuidado
no modo de empregardes as palavras;
falai como pessoas que se reúnem
na praça do mercado, para o trigo
vender por bom dinheiro. Se obtivermos
entrada, como o espero, por acharmos
as sentinelas fracas e indolentes,

shakespearebrasileiro.org

farei sinal aos nossos companheiros
para o ataque de Carlos, o delfim.
PRIMEIRO SOLDADO ·
Os sacos vão servir-nos para o saque
da cidade, fazendo-nos senhores
de Ruão. Batamos logo.

(Batem.)

GUARDA *(dentro)* · Qui est là?
JOANA · Paysans, pauvres gens de France;
gente que vem à feira vender trigo.
GUARDA *(abrindo as portas)* ·
Entrai; já soou o sino do mercado.
JOANA · Vou derrubar-te, Ruão, as fortalezas.

(Joana la Pucelle, etc. penetram na cidade.)

(Entram Carlos, o bastardo de Orleans, Alençon e tropas.)

CARLOS · Abençoe-nos o plano São Dionísio,
para que consigamos novamente
dormir calmos em Ruão.
O BASTARDO · Por este ponto
foi que a Pucela entrou com seus sequazes.
Mas, uma vez lá dentro, de que modo
se arranjará para indicar o meio
mais seguro e melhor de a acompanharmos?
ALENÇON · Atirando uma tocha ali da torre.
Entenderá com isso prevenir-nos
de que a passagem se acha mal guardada.

(Aparece a Pucela em uma das ameias, sustentando uma tocha acesa.)

JOANA · Eis a tocha nupcial, de bons auspícios
para Ruão, de par com os patriotas,
mas de edaz fogo para os talbotistas.

(Sai.)

O BASTARDO · Eis ali, nobre Carlos; nossa amiga
nos envia o sinal do alto da torre.
CARLOS · Brilha como o cometa da vingança
que profetiza a ruína aos inimigos.
ALENÇON · Nada de perder tempo. Acabam sempre
mal as indecisões. Entremos todos
aos gritos de "O delfim!" e exterminemos
quantos guardas acharmos no caminho.

(Entram na cidade.)

(Alarma. Entra Talbot com alguns soldados.)

TALBOT ·
França, ainda hás de pagar com muitas lágrimas
esta traição, se à tua felonia
Talbot sobreviver. Essa maldita
feiticeira, a Pucela, bruxa infame,
os planos infernais com tal segredo
soube tecer, que mal nos foi possível
escapar de cair presa de França.

(Sai.)

(Alarma. Movimento de tropas. Trazido da cidade, doente, em uma cadeira, entra Bedford; entram Talbot e Borgonha, com soldados ingleses; depois, por cima dos muros, aparecem Joana la Pucelle, Carlos, o bastardo de Orleans, Alençon e outros.)

JOANA · Bom dia, meus valentes. Tendes falta
de trigo para pão? Penso que o Duque
de Borgonha terá de jejuar muito
antes de comprar outro por tal preço.
Continha muito joio? E o gosto, bom?
BORGONHA ·
Podes chasquear de nós, rameira imunda,
demônio sem pudor. Hei de asfixiar-te
sob o teu trigo, até que te arrependas
da colheita alcançada.
CARLOS · Vossa Graça
até lá poderá morrer de fome.
BEDFORD ·
Vinguemo-nos com feitos, não com frases.
JOANA · Que pretendes fazer, barba cinzenta?
Quebrar algumas lanças, num torneio
de morte, assim chumbado na cadeira?
TALBOT · Bruxa imunda da França, repelente
demônio, acompanhada por amantes
impudicos, arrogas-te o direito
de insultar a velhice valorosa
e tachar de covarde um moribundo?
Donzela, ainda hei de dar-te algum trabalho,
ou Talbot de vergonha a morrer venha.
JOANA · Tão quente, meu senhor? Calma, Pucela;
quando Talbot troveja, é que vem chuva.

(Talbot fala baixo com os do seu grupo.)

Deus faça prosperar o parlamento.
Quem vai ser o orador?
TALBOT · Tereis coragem
de vir nos encontrar aqui no campo?
JOANA · Vejo que Vossa Senhoria julga
que nós somos dementes. Ninguém briga
para alcançar o que já é seu, de tato.
TALBOT · Não me refiro a essa Hécate rilhenta,
mas a ti, Alençon, e aos outros todos;
quereis combater fora, corpo a corpo,
como a soldados cumpre?

shakespearebrasileiro.org

ALENÇON · Signior, no.
TALBOT · Signior, a forca! Baixos carroceiros
da França! Eles se postam nas muralhas
como campônios fracos, sem ousarem
pegar em armas como gentis-homens.
JOANA · Capitães, retiremo-nos; os olhos
de Talbot não inculcam boa coisa.
Deus vos guarde, milorde; só queríamos
dizer-vos que já estamos aqui dentro.
(A Pucela e os demais se retiram.)
TALBOT · Não demora e também nós aí estaremos,
se a fama de Talbot não for fictícia.
Jura, Borgonha, pelo nome honrado
de tua casa, ofendido pela França
publicamente, que hás de entrar de novo
na cidade ou aí deixar a vida.
Por meu lado, tão certo como Henrique
da Inglaterra ainda vive, e por ter sido
seu pai conquistador desta cidade,
tão certo como estar dentro dos muros,
que por traição perdemos, enterrado
o coração do nosso valoroso
Coração-de-Leão, juro a cidade
reconquistar ou aí deixar a vida.
BORGONHA · Meu voto corresponde ao que fizeste.
TALBOT · Antes de irmos, cuidemos deste bravo,
o quase morto Duque de Bedford.
Vinde, milorde, vamos transportar-vos
para um lugar melhor, mais condizente
com vossos anos fracos e achacosos.
BEDFORD ·
Não me humilheis, Lorde Talbot; desejo
continuar como estou, sentado diante
da cidade de Ruão, para que tome
parte em vossos pesares e alegrias.
BORGONHA · Bravo Bedford, deveis anuir a isso.
BEDFORD · Quero ficar; ocorre-me ter lido
que o altivo Pendragon foi carregado,
doente, em sua liteira, para o campo
de batalha e venceu os inimigos.
Penso que eu poderia dar mais ânimo
aos nossos combatentes, inflamando-lhes
o coração, por tê-los sempre achado
como eu em qualquer transe.
TALBOT · Oh força indômita
de um peito moribundo! Pois que seja!
Possa o céu conservar Bedford com vida!
E ora, bravo Borgonha, sem mais perda
de tempo congreguemos nossas forças
e ataquemos o imigo jactancioso.
(Saem todos, com exceção de Bedford e seus homens.)
(Alarma. Movimento de tropas. Entram Sir John Fastolfe e um capitão.)
CAPITÃO ·
Sir John Fastolfe, tanta pressa! Aonde ides?
FASTOLFE · Aonde vou? Vou salvar a pele; estamos
na iminência de nova derrocada.
CAPITÃO · Fugis, deixando aqui Lorde Talbot?
FASTOLFE · Contanto que eu me salve, pouca mossa
me fazem todos os Talbots do mundo.
(Sai.)
CAPITÃO · Covarde, a má fortuna te acompanhe!
(Sai.)
(Retirada. Movimento de tropas. Tornam a entrar, do lado da cidade, Joana la Pucelle, Alençon, Carlos, etc., em fuga.)
BEDFORD · Agora, alma tranqüila, te despede,
quando o quiser o céu, pois estes olhos
contemplaram a fuga do inimigo.
Em que consiste a resistência e o orgulho
do homem, que nada vale? Os que até há pouco
nos desprezavam com remoques, ora
se julgam bem felizes, tão-somente
por poderem salvar-se pela fuga.
(Morre; é retirado na cadeira.)
(Alarma. Voltam Talbot, Borgonha e outros.)
TALBOT · Perdida e recobrada num só dia!
A honra é dupla, Borgonha.
Cabe ao céu toda a glória deste feito.
BORGONHA · Talbot marcial e belicoso, o peito
de Borgonha te serve de sacrário,
onde ele vai construir um monumento
em louvor de teus feitos altanados.
TALBOT · Gentil duque, obrigado. Mas dizei-me:
onde se acha a Pucela? Seu demônio
familiar, quero crer, está dormindo.
E o bastardo com suas valentias,
e os dichotes de Carlos, em que deram?
Como! Todos sem vida? A fronte pende
Ruão esfeita em tristeza pela perda
de tão guapa e lustrosa companhia.
Ora cumpre tomar as providências
mais urgentes, deixando na cidade
oficiais de experiência comprovada.

shakespearebrasileiro.org

Ao soberano, após, nos juntaremos,
em Paris, onde o moço Henrique se acha,
com a nobreza da corte.
BORGONHA · Quanto Lorde
Talbot determinar, Borgonha aceita.
TALBOT · Mas antes de partirmos não esqueçamos
o nobre Duque de Bedford, há pouco
falecido, e o enterremos aqui mesmo,
na cidade de Ruão. Jamais fez uso
de lança cavalheiro tão valente;
mais gentil coração não se viu nunca.
Mas nem dos reis a morte tem piedade;
que esse é o fim da mesquinha humanidade.
(Saem.)

Ato III · Cena III

Planície nas proximidades de Ruão.
Entram Carlos, o bastardo de Orleans, Alençon, Joana la Pucelle e tropas.

JOANA · Não vos intimideis por isso, príncipes,
nem vos mostreis magoados por ter sido
retomada Ruão pelos ingleses.
Cuidado, só, não cura, agrava as coisas
para as quais não se pode achar remédio.
Deixemos que Talbot furioso exulte
mais algum tempo e a cauda pavoneie,
porque em breve haveremos de arrancar-lhe
todas as penas e abater-lhe o orgulho,
se o delfim e os demais me obedecerem.
CARLOS · Fomos por ti guiados até agora,
sem que suspeita alguma ainda tivéssemos
sobre o de que és capaz. Por um pequeno
revés não perderemos a confiança.
O BASTARDO · Inventa planos de secreto alcance,
e famosa hás de ser em todo o mundo.
ALENÇON · Em um lugar sagrado elevar-te-emos
estátua e cultuar-te-emos como santa.
Auxilia-nos, pois, virgem graciosa.
JOANA · Que seja! Eis o que Joana decidiu:
com palavras melosas e torneios
persuasivos devemos esforçar-nos
para que o Duque de Borgonha deixe
Talbot e se disponha a nos seguir.
CARLOS · Oh coração! Se conseguirmos isso,
deixa a França de ser lugar azado
para os homens de Henrique. Esses ingleses
vão parar de jactar-se à nossa custa,
forçados a evacuar nossas províncias.
ALENÇON · Deverão ser expulsos para sempre,
sem que lhes sobre aqui nenhum ducado.
JOANA · Hão de ver Vossas Honras meu trabalho
para o bom fim levar a nossa empresa.
(Ouve-se ao longe ruído de tambor.)
Escutai! Pelo rufo dos tambores
deduzo que eles vão para Paris.
(Marcha inglesa; ao longe passa Talbot com tropas.)
Eis Talbot com as bandeiras desfraldadas
e após ele os guerreiros da Inglaterra.
(Marcha francesa; entra o Duque de Borgonha, com tropas.)
Na retaguarda o duque e os seus vêm vindo.
A Fortuna dispôs que ele ficasse
para trás; sugeri uma conferência
porque possamos conversar com ele.
(Toque para parlamentar.)
CARLOS · Conferência com o Duque de Borgonha!
BORGONHA ·
Quem convida Borgonha a conferência?
JOANA · O real Carlos de França, teu patrício.
BORGONHA ·
Que queres, Carlos? Tenho de ir-me embora.
CARLOS · Fala, Pucela, e encanta-o com palavras.
JOANA · Borgonha valoroso, alta esperança
da França, ora consente que tua serva
te dirija a palavra; não te apresses.
BORGONHA · Fala, então, mas não sejas enfadonha.
JOANA · Contempla a fértil França, tua pátria;
as cidades e as vilas vê destruídas
pela devastação de cruel imigo.
Como olha a mãe o filho pequenino,
quando a morte lhe cerra os tenros olhos,
mira a doença da França moribunda,
contempla estas feridas, as feridas
mais contra a natureza, que tu próprio
lhe fizeste no peito dolorido.

shakespearebrasileiro.org

Oh! dirige a outra parte a tua espada
cortadora! Vulnera os que te ofendem,
não quem te traz auxílio Uma só gota
do sangue de tua pátria deveria
causar-te mais pesar do que torrentes
arrancadas dos peitos inimigos.
Volta, portanto, com efusão de lágrimas
e limpa a tua pátria conspurcada.
BORGONHA · Ela me enfeitiçou com suas palavras
ou a natureza me abrandou de súbito.
JOANA · Além do mais, a França inteira, todos
os franceses te exprobram a conduta,
duvidando de tua alta progênie.
A quem te aliaste? A um povo prepotente
que só confia em ti por interesse.
Quando Talbot firmar o pé na França
e tu te vires reduzido a um simples
instrumento do mal, quem será o dono
do país, a não ser o inglês Henrique,
que te vai expulsar como a um perverso?
Reflete, ainda é tempo, e vê bem isto:
Não caiu prisioneiro dos ingleses
teu inimigo, figadal, o Duque
de Orleans? Pois bem, quando os ingleses viram
que ele era teu imigo, libertaram-no
sem resgate nenhum, malgrado o nome
de Borgonha e de todos seus amigos.
Ora pois! Estás contra teus patrícios,
ao lado dos que vão ser teus carrascos.
Volta, nobre transviado, volta logo;
Carlos e os outros te abrirão os braços.
BORGONHA · Estou vencido; essas palavras dignas
o efeito em mim fizeram de bombardas
rugidoras, a ponto de obrigarem-me,
quase, a dobrar os joelhos. Compatriotas,
pátria amada, perdoai-me. Meus senhores,
aceitai este abraço mui sincero;
meu poder, minhas forças, tudo é vosso.
Adeus, Talbot; não mais confio em ti.
JOANA · Como um francês tal qual: virando sempre!
CARLOS · Valente duque, salve! Tua aliança
nos reanima.
O BASTARDO · E nos torna corajosos.
ALENÇON · O papel da Pucela foi brilhante;
ela merece uma coroa de ouro.
CARLOS · Reunamos, meus senhores, nossas forças
para dano causar aos inimigos.

(Saem.)

Ato III · Cena IV

Paris. Uma sala no palácio.
Entram o Rei Henrique, Gloster, o Bispo de Winchester, York, Suffolk, Somerset, Warwick, Exeter, Vernon, Basset e outros. Ao encontro destes vem Talbot com seus soldados.

TALBOT · Meu príncipe gracioso, honrados pares,
à nova de que estáveis neste reino,
dei tréguas, por momentos, aos combates
a fim de vir saudar meu soberano,
como penhor do que deixa este braço —
que trouxe para vossa obediência
cinqüenta fortalezas, sete vilas
defendidas por sólidas muralhas,
doze cidades, e que fez quinhentos
prisioneiros de prol — deixa este braço
cair a espada aos pés de Vossa Alteza,

(Ajoelha-se.)

com a lealdade de um peito humilde e franco
toda a glória atribuindo da conquista
primeiro a Deus, depois a Vossa Graça.
REI HENRIQUE ·
Este não é Lorde Talbot, tio Gloster,
que reside na França há muito tempo?
GLOSTER · Se não vos desagrada, Majestade.
REI HENRIQUE ·
Sede bem-vindo, heróico e vitorioso
capitão! No meu tempo de criança —,
e velho ainda não sou — meu pai, me lembro,
dizia nunca haver brandido espada
campeão de mais valor. Vossa lealdade,
há muito a apreciamos, vossos grandes
serviços, as fadigas da campanha,
sem que provado houvésseis até agora
recompensa nenhuma, ainda que fossem
os agradecimentos merecidos,

shakespearebrasileiro.org

porque o rosto jamais vos contemplara.
Por isso, levantai-vos; vossos grandes
serviços vos granjearam ora o título,
que vos damos, de Conde de Shrewsbury,
Tomareis parte em nossa coroação.
(Clarins. Saem todos, com exceção de Vernon e Basset.)
VERNON · Agora vós, senhor, que vos mostrastes
tão quente em pleno mar, fazendo pouco
caso da cor que em honra do meu nobre
Lorde de York eu ostento, ainda mantendes
vosso primeiro dito?
BASSET · Sim, senhor,
enquanto defenderdes o invejoso
latido dessa língua malfazeja
que ataca o meu senhor, o nobre Duque de Somerset.
VERNON · Dou a teu amo o apreço que merece.
BASSET · Qual é? Não é melhor do que ele York.
VERNON · Não? Escuta; em sinal, fica com isto.
(Esbofeteia-o.)
BASSET · Sabes, vilão, que pela lei das armas
quem da espada sacar é um homem morto;
não fora isso, esta injúria te custara
muito sangue. Mas Sua Majestade
ver-me-á dentro de breve a suplicar-lhe
me conceda lavar-me desta afronta.
VERNON · Vai, miserável; juntos pediremos
a licença almejada. Depois disso,
te buscarei mais cedo do que pensas.
(Saem.)

Ato IV · Cena I

Paris. Sala de audiência.
Entram o Rei Henrique, Gloster, Exeter, York, Suffolk, Somerset, o Bispo de Winchester, Talbot, o governador de Paris e outros.

GLOSTER · Colocai-lhe a coroa na cabeça,
senhor bispo.
WINCHESTER · Deus salve o Rei Henrique,
sexto de nome.
GLOSTER · Agora o juramento,
governador.
(O governador se ajoelha.)
Jurai que a não ser ele,
outro rei não tereis, que os seus amigos,
tão-somente, serão vossos amigos,
e que tereis como inimigo apenas
quem se entregar a práticas funestas
contra seu regimento. Fareis isso,
assim Deus justiceiro vos ampare.
(Sai o governador com o seu séquito.)
(Entra Sir John Fastolfe.)
FASTOLFE · Gracioso rei, ao vir eu de Calais,
depressa, para vossa coroação,
entregaram-me em mãos uma missiva
escrita pelo Duque de Borgonha
para a Vossa Grandeza ser entregue.
TALBOT · Vergonha a ti e ao Duque de Borgonha!
Vil cavaleiro, eu fiz um juramento
de que te arrancaria a jarreteira
dessa perna covarde, quando o acaso
me fizesse encontrar-te em meu caminho.
(Arranca-lhe a jarreteira.)
Assim o faço, por ver que não mereces
tão alta dignidade. Nobre Henrique,
e vós todos, perdoai-me. Na batalha
de Patay, quando ao todo eu só contava
com seis mil homens e os franceses eram
quase dez vezes mais, este covarde,
antes mesmo do encontro, sem que houvesse
sido dado um só golpe, pôs-se em fuga
como fiel escudeiro. Na refrega
perdi mil e duzentos combatentes,
além de termos sido, eu e outros nobres,
envolvidos e feitos prisioneiros.
Julgai agora, altos senhores; vede
se tenho ou não razão, e se é possível
usar este covarde o distintivo
da ordem dos cavaleiros. Sim ou não?
GLOSTER · Para falar verdade, o ato é infamante,
indigno de qualquer pessoa, máxime
de um cavaleiro, um capitão, um chefe.
TALBOT · Meus senhores, quando a ordem foi criada,
escolhiam-se para cavaleiros
da Jarreteira entre os de berço nobre,

shakespearebrasileiro.org

os virtuosos e bravos, transbordantes
de indômita coragem, de alta fama
conquistada nos campos de batalha,
os que sabiam desprezar a morte
e trabalhos e riscos não temiam,
mostrando-se extremados nos perigos.
Quem não seja adornado de tais dotes
usurpa simplesmente o sacrossanto
nome de cavaleiro, profanando
a ordem de mais nobreza, e bem merece —
a ter valor meu voto nesse caso —
ser degradado como vil labrego
que, em uma sebe achado, se ufanasse
de nascimento sublimado e nobre.

Rei Henrique · Vergonha dos ingleses, eis a tua
sentença. Sai daqui sem mais delongas;
já foste nobre. Sob pena de morte
te banimos da corte.

(Sai Fastolfe.)

Ora, milorde
protetor, vamos ler a carta escrita
por nosso tio, o Duque de Borgonha.

Gloster *(Examinando o sobrescrito.)* —
Que quererá Sua Graça com a mudança
de tratamento? Como! "Ao Rei", somente,
sem rodeio nenhum? Não mais se lembra
de que é seu soberano? Ou porventura
indica o sobrescrito assim grosseiro
alteração também do signatário?
Mas que vejo? "Levado por motivos
especiais, comovido ante as desgraças
de minha pátria, à vista dos lamentos
pungitivos causados pelas vossas
opressões, decidido me retiro
de vossa perniciosa companhia,
para juntar-me a Carlos, o legítimo
Rei da França." Oh traição mais que monstruosa!
Pode achar-se nas juras, na amizade,
na aliança, tal perfídia e falsidade?

Rei Henrique · Revoltou-se meu tio de Borgonha?

Gloster · Sim, milorde, tornou-se vosso imigo.

Rei Henrique · A carta não contém nada mais grave?

Gloster · O mais grave, milorde, é o que eu vos disse.

Rei Henrique · Então Lorde Talbot vai conversá-lo
e castigo condigno ministrar-lhe.
Milorde, que dizeis? Estais contente?

Talbot · Como não, Majestade! Apenas sinto
ter sido antecipado; deveria
ter eu próprio pedido esse serviço.

Rei Henrique ·
Não demores, então; reúne os teus homens;
possa ele sentir logo os ruins efeitos
de seu ato traiçoeiro, percebendo
quanto é prejudicial zombar de amigos.

Talbot · Vou já, milorde, no íntimo almejando
que possais derrotar vossos contrários.

(Sai.)

(Entram Vernon e Basset.)

Vernon · Permiti que eu me bata, soberano!

Basset · Meu gracioso senhor, o mesmo eu peço!

York · Este é um dos meus; favorecei-o, príncipe.

Somerset · E este é meu; escutai-o, doce Henrique.

Rei Henrique ·
Calma, milorde; eles que se expliquem.
Dizei-me cavalheiros, o motivo
dessas exclamações. Por que licença
para duelo? Com quem quereis bater-vos?

Vernon · Com ele, meu senhor; fui ofendido.

Basset · E eu com ele, também; sou o ofendido.

Henrique ·
Qual é a ofensa de que ambos vos queixais?
Revelai-me que eu possa responder-vos.

Basset · Este sujeito aqui, quando eu me achava
em viagem da Inglaterra para a França,
com falar invejoso e maldizente
zombou da minha rosa, asseverando
que sua cor sangüínea era o reflexo
do rubor da vergonha do meu mestre,
quando, de certa feita, renitente,
se negara a acatar toda a verdade
numa questão legal então travada
entre ele e o Duque de York, tudo em termos
baixos e ignominiosos, que ora omito.
Em resposta a essa ofensa tão grosseira,
para que a dignidade do meu mestre
não fique maculada, o benefício
vos impetro da lei das nossas armas.

Vernon · O mesmo vos suplico, nobre príncipe;
porque embora ele tudo tenha feito
para dar algum brilho a suas baixas
cavilações, forrando-as com conceitos
especiosos, sabei, meu soberano,

shakespearebrasileiro.org

que eu fui o provocado. Antes de tudo,
teve o desplante de atirar remoques
a este meu distintivo, asseverando
que a palidez da flor traía em tudo
a fraqueza do peito do meu mestre.
YORK · Vossa malícia, Somerset, não cansa?
SOMERSET · Vosso rancor há de explodir, milorde,
em que vos esforceis por sufocá-lo.
REI HENRIQUE ·
Oh grande Deus! Como delira a mente
transviada dos mortais! Como é que podem
coisas, assim tão frívolas, ser causa
de lutas partidárias dessa monta!
Amados primos de York e Somerset,
calma! vos peço, calma! e paz entre ambos.
YORK · Deixai que as armas a questão decidam,
para depois falar-nos Vossa Alteza
de amizade e de paz.
SOMERSET · A nós, somente,
diz respeito a pendência; decidamo-la
entre nós dois, portanto.
YORK · Ora, em penhor,
Somerset, aceita isto.
VERNON · Não, voltemos
para o ponto inicial da controvérsia.
BASSET · Consenti, meu gracioso soberano.
GLOSTER · Consentir? Para o diabo vossas rixas!
Antes morrêsseis todos, para que esse
falatório insolente se acabasse!
Não vos envergonhais, gente impudica,
de virdes perturbar o rei e a todos
com vossas discussões despudoradas?
E vós, milordes, fazeis mal, parece-me,
em dar apoio a discussões perversas,
mas, sobretudo, em vos aproveitardes
de suas discussões como pretexto
para vossas quizílias. Aconselho-vos
a assumir atitude mais decente.
EXETER · Sua Alteza está triste; sede amigos,
meus caros lordes.
REI HENRIQUE · Vós, que mostrais ânimo
combativo, achegai-vos. Se em apreço
tendes nosso favor, de agora em diante
vos intimo a esquecerdes essa rixa,
bem como seu motivo. E vós, milordes,
lembre-vos onde estamos, entre gente
caprichosa e volúvel. Se os franceses
perceberem discórdia na maneira
de olhardes, ou souberem do que passa,
com o ódio que nos têm, serão levados
a desobedecer e a revoltar-se.
Além do mais, é vergonhoso virem
a saber soberanos estrangeiros
que entre os pares de Henrique e a alta nobreza
se combate por coisa de nonada,
a ponto de perderem toda a França.
Oh! pensai na conquista de meu pai,
na minha inexperiência, não deixando
que se perca por uma ninharia
quanto nos custou sangue. Vou servir-vos
de juiz nesta causa. Não creio haja
razão, se a usar eu vier a rosa rubra,
(Colhendo uma rosa vermelha.)
para ser doravante suspeitado,
por ninguém, de mostrar-me favorável
a Somerset, em detrimento de York.
Ambos são meus parentes; a ambos voto
particular afeto. Com igual base
contestar-me a coroa poderiam,
sob o pretexto, apenas, de ter uma
o rei dos escoceses. Mas espero
que em vossa discrição heis de argumentos
achar mais persuasivos do que em minha
débil capacidade de ensinar-vos.
Viemos em paz; por isso, continuemos
em paz, como até agora. Primo de York,
nomeamo-vos regente destas partes
da França. Quanto a vós, meu caro Lorde
de Somerset, levai vossos cavalos
para junto da sua infantaria,
e como fiéis vassalos, dignos filhos
de vossos ascendentes, marchai juntos
e derramai em vossos inimigos
quanta inflamada bile vos agite.
Depois de algum repouso, nós, milorde
protetor e os demais retornaremos
a Calais, e, depois, para a Inglaterra,
onde espero que em breve os vossos feitos
me presenteiem com Alençon, com Carlos,
com toda essa cambada de traidores.
(Clarins. Saem todos, com exceção de York, Warwick, Exeter e Vernon.)
WARWICK · Dou-vos minha palavra, caro Lorde
de York, o rei se revelou fino orador.

shakespearebrasileiro.org

York · Realmente; desgostou-me, apenas, isso
de ele adotar de Somerset a insígnia.
Warwick · Ora! Não o censureis por este gesto.
Foi simples fantasia, doce príncipe,
sem malícia nenhuma, estou convicto.
York · Se tivesse certeza... Mas deixemos
isso de parte. Assuntos de mais peso
nos reclamam a atenção neste momento.
(Saem York, Warwick e Vernon.)
Exeter · Fizeste bem, Ricardo, em não falar;
porque se o coração se te expandisse
num surto de paixão, receio muito
que essas paixões despeito revelassem
mais rancoroso, mais rancor violento
do que o pode criar a fantasia.
De qualquer forma, uma pessoa simples
que visse estas discórdias da nobreza,
as intrigas da corte, as infindáveis
disputas partidárias, não deixara
de pressagiar eventos ominosos.
É mau que uma criança empunhe o cetro;
pior que gere a inveja a roaz discórdia:
é o princípio da ruína e da mixórdia.
(Sai.)

Ato IV · Cena II

Diante de Bordéus.
Entra Talbot com suas tropas.

Talbot · Vai, corneteiro, às portas de Bordéus
e chama o general para falar-me.
(O corneteiro dá o toque de parlamentar. Sobre os muros aparecem o general das forças francesas e outros.)
Capitães, João Talbot, inglês, vos chama,
servo do Rei Henrique da Inglaterra.
Eis o que ele pretende: patenteai-nos
as portas da cidade, submetei-vos,
reconhecei o nosso soberano
como vosso, prestando-lhe a homenagem
de obedientes vassalos, e, sem mora,
me afastarei daqui com minhas forças
sanguinárias. No caso de recusa
à paz proposta, alcançareis, apenas,
provocar meus três fortes auxilares:
a fome escaveirada, o aço cortante
e o fogo assolador, que, num momento,
reduzirão a nada vossas torres
orgulhosas, que os ventos desafiam.
Aceitai, pois, o amor que vos ofertam.
General · Agourenta coruja, anunciadora
da morte, Oh tu, terror de nossa gente,
flagelo sanguinário dos franceses,
a tua tirania está no ocaso.
Só poderás entrar depois de morto,
porque estamos, afirmo-o sem receio,
fortificados e bastante afoitos
para afrontar a luta em campo aberto.
Se quiseres voltar, com seus exércitos
o delfim te fará cair nas malhas
das ciladas da guerra; à tua esquerda
e à direita esquadrões a liberdade
de fugir te emparedam. Não te sobra
caminho algum, por onde fugir queiras,
em que a Morte não vejas com suas claras
devastações. Dez mil franceses, hoje,
juraram, ao tomar o sacramento,
que não dispariam em nenhuma
alma cristã, exceto o inglês Talbot,
a sua perigosa artilharia.
Acredita: ante nós ainda te encontras
com vida, como herói jamais vencido,
de espírito indomável. Esta é a última
glória do teu louvor, que eu, teu contrário,
te rendo, como preito merecido.
Mas antes de poder uma ampulheta,
posta agora a correr, chegar ao termo
de sua hora arenosa, hão de estes olhos
que sadio e corado te contemplam,
ver-te murcho, a sangrar, pálido e morto.
(Toque de tambor, ao longe.)
Escuta, escuta!
O tambor do delfim, sinto de alarma,
para tua alma angustiada canto triste.
Vou mandar que anunciem meus tambores
a nênia de tua bárbara partida.
(O general e seus homens se retiram do muro.)

shakespearebrasileiro.org

Talbot · Só nos disse a verdade; ouço o inimigo.
Sigam logo alguns homens da ligeira
cavalaria a examinar-lhe os planos.
Oh disciplina negligente! Quanto
descuido! Fomos presos num redil,
encurralados todos, um pequeno
rebanho de ovelhinhas timoratas,
oriundas da Inglaterra, ora acossadas
pela matilha dos mastins franceses.
Mas se somos carneiros da Inglaterra,
mostremos nosso brio, diferente
do desses gamos tímidos, que caem
com um simples beliscão. Sejamos cervos
irritados até quase à loucura
e os lebréus enfrentemos sanguinários
com nossas testas aêneas, conservando
sempre na defensiva esses covardes.
Se a cara vida todos estimarem
como eu, gamos bem caros os imigos
irão achar em nós. Deus e São Jorge,
Talbot e a causa inglesa, vitorioso
façam nosso pendão no prélio iroso.

(Saem.)

Ato IV · Cena III

Planície na Gasconha.
Entra York, com tropas; chega-se-lhe um mensageiro.

York · Ainda não retornaram os espias
velozes que seguiram nas pisadas
das poderosas forças do delfim?
Mensageiro ·
Já, milorde; e nos dizem que esses homens
seguem para Bordéus, com o fim precípuo
de lutar com Talbot. Quando de volta,
viram nossos espias dois exércitos
mais fortes, ainda, que ao delfim se uniram,
para Bordéus seguindo todos juntos.
York · Maldito seja Somerset, por ter-se
demorado com os homens de cavalo,
reforço prometido, para o cerco.
O famoso Talbot conta comigo;
mas um vilão traidor me ludibria,
deixando-me inativo, sem recursos
para auxiliar o nobre cavalheiro.
Deus o ampare em tão grave conjuntura;
se ele cair, adeus guerra da França!

(Entra Sir William Lucy.)

Lucy · Nobre chefe das forças da Inglaterra,
jamais, como nesta hora, sobre o solo
da França foi teu braço tão valioso.
Corre em socorro de Talbot magnânimo,
que num cinto de ferro se acha preso
e ameaçado por fera destruição.
A Bordéus, belicoso Duque de York!
A Bordéus! Do contrário, adeus, Talbot;
adeus, França; adeus, honra da Inglaterra!
York ·
Oh Deus! Se Somerset, que em seu orgulho
desmedido, retém meus cavaleiros,
no lugar de Talbot ora se achasse!
Um valente fidalgo, então, salváramos,
entregando um traidor que nada vale.
Choro de raiva, ao ver como esse biltre
negligente descansa sem cuidados,
enquanto nós morremos de cansados.
Lucy · Mandai gente em socorro do infeliz!
York · Quebro a minha palavra; ele, a cerviz.
Chora a Inglaterra; a França está tranqüila;
o traidor Somerset se rejubila.
Lucy · Então que Deus se apiade da alma grande
de Talbot e do moço João, seu filho,
que há duas horas encontrei, no ponto
de se ajuntar ao valoroso pai.
Há sete anos Talbot não via o filho;
vão se rever no instante de morrerem.
York · Como pode Talbot mostrar ternura
ao indicar ao filho a sepultura?
Aperta-se-me o peito ao pensamento
de uma entrevista alegre em tal momento.
Lucy, adeus! Seja infame — é só o que eu digo —
quem me força a deixar morrer o amigo.
Tours, Blois, Maine e Poitiers nos rouba o fado,
tão-só por Somerset ter-se atrasado.

(Sai com seus soldados.)

Lucy · Desta arte, enquanto o abutre da discórdia
se regala nas carnes de tão grandes
chefes, a negligência sonolenta
nos trai, nos faz perder a alta conquista
do guerreiro, ainda há pouco, falecido,
mas de memória viva entre seus súditos:
Henrique quinto! A intriga entre eles obra,
enquanto a honra, o país, tudo soçobra.

(Sai.)

Ato IV · Cena IV

Outra planície da Gasconha.
Entra Somerset, com suas tropas, acompanhado de um capitão de Talbot.

Somerset · É tarde por demais; é-me impossível
enviar-lhos agora. York e Talbot
foram muito imprudentes em seus planos.
Uma simples surtida da cidade
poderia esmagar as nossas forças.
O mais que intrépido Talbot, com este
ato de desespero irrefletido
comprometeu o brilho do seu nome.
York o envia a morrer sem glória alguma
para poder subir, como costuma.
Capitão · Eis aí Sir William Lucy, que comigo
veio impetrar socorro para os nossos
exércitos exaustos.

(Entra Sir William Lucy.)

Somerset · Que há de novo,
Sir William? Quem vos manda a estas paragens?
Lucy · Quem, milorde? Talbot, traído e vendido,
que, cercado de audaz adversidade,
suplica aos nobres York e Somerset
que afastem de seus homens esgotados
a morte assoladora. E enquanto o grande
capitão sua sangue dos cansados,
dos aguerridos membros, retardando
seu colapso, somente com a esperança
do socorro anelado, vós, sua falsa
expectativa, os guardas da honra inglesa,
vos enlevais com ciúmes e picuinhas.
Não consultais que vossas desavenças
o privem do socorro prometido,
deixando que o famoso gentil-homem
entregue a vida, em luta contra um mundo
de desvantagens. Carlos, o bastardo
de Orleans, Reignier, Borgonha, d'Alençon,
todos o cercam, e Talbot perece
tão-somente por culpa de vós outros.
Somerset · York o mandou; devia enviar-lhe auxílio.
Lucy · York exprobra, também, Vossa Grandeza,
jurando que o privais dos contingentes
levantados para esta expedição.
Somerset · Ele mente; era só mandar pedir-me,
e iriam logo aí ter meus cavaleiros.
Não lhe sou devedor de nenhum preito,
muito menos de amor; fora humilhar-me,
se lhos tivesse enviado sem pedido.
Lucy · Não as forças da França, a fraude inglesa
é que enleia o magnânimo Talbot.
Jamais a pátria o reverá com vida;
vossas rixas lhe dão mortal ferida.
Somerset ·
Pois vamos! Vou lhe enviar os cavaleiros;
terá socorro dentro de seis horas.
Lucy · Muito tarde. Até lá, terá morrido,
ou estará prisioneiro, pois nem mesmo
poderia fugir, se em tal pensasse.
Nem é para Talbot fugir, podendo.
Somerset · Não tocou a Talbot sorte risonha.
Lucy · Dele a glória há de ser; vossa, a vergonha.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena V

O acampamento inglês, perto de Bordéus.
Entram Talbot e seu filho João.

TALBOT · Oh jovem João Talbot, mandei buscar-te
a fim de te ensinar a arte da guerra,
para que em ti reviva o nosso nome,
quando a velhice murcha e os fracos membros
chumbarem teu bom pai numa poltrona.
Mas — Oh maldosos e agourentos astros! —
a uma festa da Morte é que chegaste,
perigo inevitável e terrível.
Monta, caro menino, no cavalo
mais veloz que tivermos, que eu te mostro
como a vida salvares pela fuga.
Vamos, não te demores; parte logo.
JOÃO · Eu me chamo Talbot; sou vosso filho;
como fugir, então? Oh! se ainda tendes
amor a minha mãe, não lhe mancheis
o nome venerável, rebaixando-me
à posição de um mísero bastardo.
Comigo o mundo inteiro não se importe,
se eu fugir, entregando-vos à morte.
TALBOT · Foge, porque me vingues algum dia.
JOÃO · Quem fugisse, jamais retornaria.
TALBOT · Se ficares, é a morte para os dois.
JOÃO · Vós fugireis, então; morra eu, depois.
É grande a vossa perda; pensai nisso.
Eu nada perco; morro antes do viço,
sem dar ansa nenhuma aos inimigos
de se julgarem livres de perigos,
como o dirão, decerto, em vosso caso,
por nos saberem próximos do ocaso.
Nada pode marear-vos o prestígio;
eu sou pássaro ainda sem remígio.
Se fugirdes, dirão que saístes cedo;
mas comigo, é certeza: foi por medo.
Quem poderá jamais confiar em mim,
se, ao primeiro recontro, eu corro assim?
De joelhos vos suplico: é melhor glória
morrer, do que viver sem ter história.
TALBOT · Murchará de tua mãe toda a esperança?
JOÃO · Antes assim, do que manchar-lhe a herança.
TALBOT · Por minha bênção, corre sem demora.
JOÃO · Contra o inimigo, sim; fá-lo-ei agora.
TALBOT · Parte de mim se salvará contigo.
JOÃO · Não, porém, a que foge do perigo.
TALBOT · És moço; esse ato em nada te deslustra.
JOÃO · Sim; vossa glória em mim ficará frustra.
TALBOT · Recebes ordens; serei eu o culpado.
JOÃO · Morto vós, quem dirá que eu fui mandado?
Se o perigo é tão grande, fugi logo.
TALBOT ·
Sem mim, no prélio os meus heróis não jogo.
Repelem minhas cãs tanta vergonha.
JOÃO · E a minha mocidade, já tem ronha?
Não podeis afastar-vos de vós mesmo,
nem a vós, nem a mim. Falais a esmo.
Ide embora, ou ficai; o mesmo eu faço;
viver não quero, após vosso trespasso.
TALBOT · Então, glorioso filho, eu me despeço
de ti; já deste mundo és um egresso.
Lado a lado enfrentemos o perigo;
nossas almas no céu terão abrigo.

(Saem.)

Ato IV · Cena VI

Um campo de batalha.
Rebate; escaramuças; o filho de Talbot é envolvido;
Talbot o salva.

TALBOT · Por São Jorge e a Vitória, avante, ingleses!
O regente quebrou a palavra dada
a Talbot; à mercê ora da espada
nos achamos colérica da França.
Onde está João Talbot? Pára, descansa,
toma fôlego, filho. Dei-te a vida;
ora da morte te livrei dorida.
JOÃO · Duas vezes meu pai, duas teu filho!
A vida que me deste, toda brilho,
ia em mim a tornar-se quase extinta,

shakespearebrasileiro.org

quando, apesar do fado, a espada tinta
dos combates, forçaste o tempo iroso
a ser comigo, desta vez, bondoso.
Talbot · Quando vi tua espada tirar fogo
da crista do elmo do delfim, o afogo
não mais pude conter, que me impelia
a te prestar esta alta cortesia,
conquistando a vitória de semblante
mais do que ousado. Nesse mesmo instante,
da velhice a ferrugem, transformada,
se alteou com fúria moça e sublimada,
que me fez derrubar Orleans, Borgonha
e d'Alençon, poupando-te à vergonha
de aos pés cair da Gália presunçosa.
O bastardo de Orleans, de espada irosa,
que em meio à pugna, caro filho, fora
quem primeiro da seiva promissora
te fizera sangrar, a virgindade
colhendo dessa tua heroicidade,
foi por mim, logo após, atravessado
na batalha. Depois de ter trocado
com ele vários golpes e de um pouco
de seu sangue bastardo ter, em troco
do teu, feito correr, assim lhe disse,
para humilhá-lo, não por gabolice:
"Derramo-te esse sangue baixo e imundo,
de relações ilícitas oriundo,
para pagar o meu, de fama e brilho,
que tiras a Talbot, meu grande filho."
Nisso advém, a salvá-lo, inesperado
socorro. Mas responde-me, cuidado
de teu pai: Como te achas? Dize, João,
se não queres, agora, sem pressão
de minha parte, abandonar a pugna
para a salvo te pores? Não repugna
tal proceder, que tua valentia
te consagrou herói neste alto dia.
Foge, meu filho, para minha morte
vingares. Mais um braço, por mais forte
que seja, pouco vale neste aperto.
Fora loucura, grande desacerto,
arriscar nossas vidas num barquinho,
porque se eu não morrer aqui, sozinho,
vítima dos franceses, é certeza
vir a ser da velhice, logo, presa.
Pouco lucro darei aos inimigos,
se ficar: um só dia de perigos
a menos. Mas em ti tua mãe perece,
nosso nome famoso, a grande messe
de nossos feitos, tua mocidade
e a glória da Inglaterra. Essa é a verdade.
Perderemos mais que isso, se ficares;
mas tudo salvaremos, se escapares.
João · Mais do que a espada de Orleans, nocivo
me é o que vos ouço. Isto é que sangue vivo
do coração me tira. A essa vantagem,
de vergonhosa e bárbara roupagem,
que a vida poupa e a fama altiva esmaga,
ao filho permitindo a fuga, em paga
do trespasse do pai, é preferível
que caia morto, logo, o desprezível
corcel que me sustenta e que eu me veja
igualado aos vilãos da malfazeja
França, objeto de escárnio e condenado
para sempre a ser títere do fado.
Por toda vossa glória, se eu fugisse,
vosso filho não fora. É caturrice
falar, pois, nesse assunto. Sendo eu filho
de Talbot, saberei morrer com brilho.
Talbot · Nesse caso, meu Ícaro, acompanha
teu pai de Creta em mais esta façanha
desesperada. Tua vida é quanto
eu tinha de mais caro. No entretanto,
se queres combater, fica ao meu lado,
e gloriosos morramos, filho amado.

(Saem.)

Ato IV · Cena VII

Outra parte do campo de batalha.
Alarma; movimento de tropas. Entra o velho Talbot, ferido, sustentado por um criado.

Talbot · Que é da outra minha vida? Foi-se azinha
a que eu dizia propriamente minha.
Onde está João, Talbot valente, onde anda?
Oh Morte vencedora e abominanda,
que o cativeiro mancha, a valentia
desse jovem comigo se associa
para rirmos de ti! No mais renhido
do combate, ao me ver no chão caído,

shakespearebrasileiro.org

ele, a espada mortífera arrancando,
vibrou-a sobre mim, qual formidando
faminto leão que, em situação premente,
o brio natural jamais desmente.
Quando o meu defensor ficou sozinho,
a me velar a ruína com carinho,
a cólera, que a vista sempre turva,
e o furor do imo peito, numa curva
repentina, arrancaram-no de mim
para atirá-lo ao tétrico festim.
Num mar de sangue, então, meu caro filho
o espírito afogou com grande brilho.
Desta arte pereceu minha esperança,
meu Ícaro indomável, uma criança.

(Entram soldados, carregando o corpo do jovem Talbot.)

CRIADO · Oh meu caro senhor, eis vosso filho!

TALBOT · Morte, jogral infame! Não partilho
já desta vida, para ser sensível
ao teu sarcasmo vão e contemptível.
A tua tirania insultadora
dois Talbots vão fugi-la sem demora,
a teu despeito conseguindo, unidos
por liames sempiternos, os luzidos
páramos alcançar, enfim libertos
de todos os humanos desconcertos.
Oh tu, que deixas bela a morte dura
com essa sanguinosa bordadura,
fala-me, se ainda vives! Não te importe
o que te possa opor a fera Morte.
Imagina que falas a inimigo
e que a Morte é um francês que está contigo.
Pobre criança! Sorri; dizer quisera
que se fosse um francês essa megera,
ela é que morreria. Nestes braços
o colocai; disponho só de escassos
momentos; suportar não me é possível
por mais tempo esta vida incompreensível.
Adeus, meus companheiros; ora alcanço
quanto almejar pudera: no remanso
destes braços concede-me a ventura
que achar possa meu filho a sepultura.

(Morre.)

(Alarma. Saem os soldados e o criado, levando os dois corpos. Entram Carlos, Alençon, Borgonha, o bastardo de Orleans, Joana la Pucelle e tropas.)

CARLOS · Se York e Somerset tivessem vindo
em socorro dos seus, para nós fora
sangrenta por demais esta jornada.

O BASTARDO ·
Como o leãozinho de Talbot, furioso,
nos franceses calava o gládio iroso!

JOANA · Encontrando-o na pugna, o apostrofei:
"Herói-menino, lutador de lei,
rende-te a uma mulher!" Mas, com desprezo,
me disse ele em resposta: "Jamais preso
se render a uma rameira imunda
o filho de Talbot". Com isso, afunda
pelas nossas fileiras, não querendo
perder tempo comigo. Era tremendo!

BORGONHA · Ele viria a dar um temeroso
cavaleiro. Ora vede-lo em repouso
nos braços do guerreiro — oh quadro belo! —
que o gerou para ser nosso flagelo.

O BASTARDO ·
Quebremos-lhes os ossos; sobre a terra
não fique inteira a glória da Inglaterra.

CARLOS ·
Oh, não! Se vivos, de ambos nós corremos,
seus heróicos despojos não manchemos.

(Entra Sir William Lucy, com séquito, precedido de um arauto francês.)

LUCY · Leva-me, arauto, à tenda do delfim,
para que eu saiba a quem coube a vitória
deste dia glorioso.

CARLOS · Que mensagem
de submissão nos trazes?

LUCY · Submissão,
delfim! Isso é vocábulo francês;
os ingleses ignoram-lhe o sentido.
Só desejo saber dos prisioneiros
e inspecionar os mortos em combate.

CARLOS · Falas em prisioneiros? Todos se acham
no inferno. Apesar disso, quem procuras?

LUCY · Onde está o grande Alcides deste embate,
o valente Talbot, o nobre Conde
de Shrewsbury? Por seus raros sucessos
nesta campanha, criado grande Conde
de Valência, de Washford e de Waterford,
Lorde Talbot de Goodrig e Urchinfield,
Lorde Strange de Blackmere, Lorde Verdun de Alton,
Lorde Cromwell de Wingfield, Lorde Furnival de
[Sheffield,

shakespearebrasileiro.org

Lorde de Faulconbridge vitorioso
três vezes, cavaleiro da nobre ordem
de São Miguel, São Jorge, e sempre digno
do Tosão de Ouro, o grande marechal
de Henrique sexto em terra dos franceses?
Joana · Mas que estilo vazio e majestoso!
O turco, que em cinqüenta e dois países
exerce o mando, não dispõe de estilo
mais tedioso e espichado. Quem procuras
com títulos tão grandes ora se acha
presa das moscas, podre, aos nossos pés.
Lucy · Morreu Talbot, o látego exclusivo
dos franceses, a Nêmesis sombria,
o terror deste reino? Oh! se de balas,
em vez de olhos, no rosto eu dispusesse,
para, na minha cólera, atirar-vo-las
nas faces! Oh! pudesse eu dar-lhe vida!
Tanto bastara para terror pânico
infundir nos franceses! Se o retrato
dele, apenas, aqui ora estivesse,
decerto confundira até os mais bravos.
Permiti que o cadáver para o campo
dos nossos eu transporte, para obséquias
condignas de seu mérito prestar-lhe.
Joana · Parece que é o espírito do morto
que está neste sujeito presumido,
tal o ar de mando com que diz as coisas.
Dai-lhe, por Deus, os mortos, que eles podem
viciar, envenenar o nosso ambiente.
Carlos · Levem os corpos, depressa.
Lucy · Vou levá-los;
vai sair de suas cinzas, muito cedo,
a Fênix que há de à França meter medo.
Carlos · Contanto que fiquemos livres deles,
faze o que te aprouver. E ora, a caminho
de Paris; a vitória será nossa;
Talbot já não nos pode fazer mossa.

(Saem.)

Ato V · Cena I

Londres. Um quarto no palácio.
Entram o Rei Henrique, Gloster e Exeter.

Rei Henrique ·
Lestes todas as cartas que nos vieram
do imperador, do papa e de Armagnac?
Gloster ·
Sim, milorde; eis o assunto de que tratam:
Junto a Vossa Excelência, humildemente
todos eles insistem porque seja
firmada a paz divina entre os dois reinos.
Rei Henrique · E que pensa da idéia Vossa Graça?
Gloster · Muito boa, milorde; é o meio único
de se pôr termo a essa efusão de sangue
cristão e de alcançar tranqüilidade.
Rei Henrique · Isso, meu tio; pareceu-me sempre
que era não só contrário à natureza,
como ímpio, que reinasse entre os adeptos
da mesma fé tão sanguinária guerra,
tantas barbaridades.
Gloster · Além disso,
milorde, porque logo consigamos
apertar esses laços de amizade
com mais firmeza, o Conde de Armagnac,
parente próximo de Carlos e homem
de grande autoridade em toda a França,
vos oferece a filha em casamento,
prometendo dotá-la regiamente.
Rei Henrique ·
Em casamento? Ainda sou moço, tio,
para pensar em núpcias. Com meus anos
acomoda-se mais o estudo e os livros
do que os fúteis prazeres dos amantes.
Contudo, mandai vir os emissários
e lhes dai a resposta que quiserdes,
que eu me contentarei de qualquer modo,
contanto que essa escolha tenda à glória
de Deus e ao bem-estar da minha pátria.

(Entram um legado e dois embaixadores, com Winchester, já agora Cardeal Beaufort, em trajos apropriados.)

Exeter *(à parte)* ·
Como! Milorde de Winchester se encontra
instalado no posto de cardeal?

shakespearebrasileiro.org

Vejo agora que vai concretizar-se
quanto profetizou Henrique quinto:
"Se em algum tempo ele alcançar o posto
de cardeal, do chapéu fará coroa".
REI HENRIQUE · Embaixadores meus, vossas propostas
foram devidamente apreciadas;
é razoável e justo o que dissestes.
Por isso, nos achamos resolvidos
a propor condições de paz amiga
que enviar pretendemos por Milorde
de Winchester, sem demora, ao rei da França.
GLOSTER · No que respeita à idéia de milorde
vosso mestre, informei Sua Grandeza
com minúcia. Por isso, tendo em vista
os altos dotes de moral da noiva,
sua grande beleza e o dote opimo,
resolvido está ele a desposá-la.
REI HENRIQUE *(ao embaixador)* ·
Como reforço e prova do contrato
dai-lhe esta jóia, gage do alto afeto
que lhe voto. Milorde protetor,
arranjai uma escolta para a Dover
acompanhá-los. Uma vez a bordo,
à fortuna do mar entregai todos.

(Saem o Rei Henrique, com séquito, Gloster, Exeter e embaixadores.)

CARDEAL · Ficai, Lorde Legado; heis de, primeiro,
receber a quantia prometida
de minha parte a Sua Santidade
por me ter dado esta roupagem digna.
LEGADO · Ao inteiro dispor de Vossa Graça.
CARDEAL *(à parte)* ·
Winchester, penso, não vai mais curvar-se
a esses pares altivos, por não ser-lhes
inferior. Hás de ver, Humphrey de Gloster,
que em dignidade, e força, e nascimento
não vencerás o bispo um só momento.
Hei de humilhar-te com esta viravolta,
ou o país jogarei numa revolta.

(Saem.)

Ato V · Cena II

França. Planície em Anjou.
Entram Carlos, Borgonha, Alençon, Joana la Pucelle e tropas em marcha.

CARLOS · Vão alegrar, milorde, essas notícias
os espíritos tristes. Os altivos
parisienses estão, diz-se, em revolta
novamente e ora se acham com os franceses.
ALENÇON ·
Marchemos, pois, contra Paris, real Carlos
de França; ponde em campo as vossas forças.
JOANA · Com eles seja a paz, se estão conosco;
se não, caiam em ruínas seus palácios.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Ao nosso general êxito pleno
e outro tanto aos seus dignos auxiliares.
CARLOS · Os espias que dizem? Vamos, fala.
MENSAGEIRO · Os ingleses, que estavam divididos
em duas partes, ora se reuniram
para vos atacar sem mais demora.
CARLOS · A notícia, milordes, nos apanha
de surpresa; contudo, preparemo-nos
conforme as circunstâncias.
BORGONHA · Penso que a alma
de Talbot não está lá; não tendes causa,
milorde, de temor.
JOANA · Das paixões ínfimas,
o medo é a mais maldita. Vamos, Carlos,
distribui ordens, que a vitória é certa;
anima os nossos homens com tua fala,
humilha Henrique, o mundo inteiro abala.
CARLOS · Avante, nobres; que prospere a França!

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena III

França. Diante de Angers.
Alarma; movimento de tropas; entra Joana la Pucelle.

JOANA · Vence o regente; os nossos não resistem.
Ora valei-me, encantos e amuletos!
E vós, também, espíritos seletos
que me guiais, mostrando-me o futuro!
(Troveja.)
Auxiliares velozes, que debaixo
vos achais do potente rei do norte,
aparecei-me! Vinde em meu auxílio!
(Entram demônios.)
A pressa com que viestes me dá prova
de vossa costumeira diligência
em me servir. Agora, familiares
espíritos, tirados das regiões
subtérreas poderosas, auxiliai-me
mais uma vez, para que a França vença.
(Os demônios passeiam e nada respondem.)
Não fiqueis por mais tempo assim calados.
Fostes alimentados com meu sangue;
ora estou pronta a me privar de um membro,
que vos entregarei, contanto que outro
benefício eu receba, se quiserdes
condescender em me auxiliar de novo.
(Abaixam a cabeça.)
Não há esperança? Se ora me atenderdes,
em meu corpo tereis o pagamento.
(Sacodem a cabeça.)
Como! Nem o meu corpo, nem a oferta
do próprio sangue vos incita agora
a me prestar a ajuda de costume?
Dou-vos a alma; a alma, o corpo; dou-vos tudo,
contanto que a Inglaterra não nos vença.
(Desaparecem.)
Abandonaram-me! É chegado o tempo
de curvar o penacho altivo a França
e de pousar a fronte no regaço
da Inglaterra. São fracos meus feitiços,
fracos demais, e o inferno muito forte
para me obedecer. Agora, França,
vai tua glória reduzir-se a nada.
(Sai.)
(Alarma. Entram franceses e ingleses, em luta.
Joana la Pucelle e York se batem;
Joana é feita prisioneira; os franceses fogem.)
YORK · Penso que, desta vez, dama francesa,
vos segurei de fato. Vede agora
se podeis, com os feitiços costumeiros,
soltar vossos espíritos, porque eles
liberdade vos dêem. Uma alta presa!
Parece que foi feita para o diabo.
Como franze os sobrolhos a megera!
Certo, qual outra Circe, ela quisera
metamorfosear-me.
JOANA · Que outra forma
puderas ter mais feia do que a tua?
YORK · O delfim Carlos, sim, que é um homem belo;
somente a forma dele é que é aprazível
para esses lindos olhos.
JOANA · Caia em Carlos
e em ti qualquer desgraça tormentosa.
Que no sono tranqüilo ambos se vejam
surpreendidos por mãos sanguinolentas.
YORK · Maldita feiticeira, cala a boca!
JOANA · Deixa-me amaldiçoar mais um pouquinho.
YORK · Falarás, bruxa imunda, na fogueira.
(Saem.)
(Rebate; entra Suffolk, conduzindo Margarida.)
SUFFOLK · Seja qual for teu nome, és prisioneira.
(Contemplando-a.)
Oh beleza admirável, nada temas,
nem procures fugir, que eu só te toco
com respeitosas mãos. Beijo-te os dedos,
em sinal de amizade, e, reverente,
nesses flancos gentis de novo os ponho.
Desejo honrar-te; dize-me o teu nome.
MARGARIDA · Chamo-me Margarida; sou princesa,
filha do rei de Nápoles. E tu?
SUFFOLK ·
Sou o Conde de Suffolk; esse é o meu nome.
Não te ofendas, milagre da natura;
nasceste para que eu te aprisionasse.
É assim que o cisne ampara os emplumados
cisnezinhos, prendendo-os sob as asas.
Contudo, se essa prática te ofende,
parte, és livre! Suffolk a ti se rende.
(Margarida faz menção de retirar-se.)

shakespearebrasileiro.org

Não te retires! Falta-me coragem
de deixá-la partir. A mão quisera
soltá-la; o coração não mo consente.
Como o sol nas correntes cristalinas
faz lucilar os raios refletidos,
assim sua beleza fascinante
nos meus olhos esplende. Desejara
dizer-lhe quanto sinto, mas não ouso
falar. Vou recorrer a pena e tinta.
Que fiasco, De la Pole! Não te estragues.
Não tens língua? Tens medo da aparência
de uma mulher? De tua prisioneira?
É assim que a principesca majestade
da beleza confunde a nossa língua
e nos deixa embotados os sentidos.

MARGARIDA ·
Conde de Suffolk — se esse for, realmente,
teu verdadeiro nome — que resgate
precisarei pagar, pois estou vendo
que fiquei prisioneira.

SUFFOLK *(à parte)* · Como podes
saber que ela se ofende, antes de à prova
pores o seu amor?

MARGARIDA · Por que não falas?
Que resgate é preciso que eu te pague?

SUFFOLK *(à parte)* · É formosa; por isso, cortejável;
sendo mulher, é força que se renda.

MARGARIDA · Aceitarás resgate, sim ou não?

SUFFOLK *(à parte)* ·
Lembra-te, louco, de que tens esposa.
Queres desta fazer sua comborça?

MARGARIDA · Melhor será deixá-lo; não me atende.

SUFFOLK *(à parte)* ·
Tudo perdido; a sorte não me ajuda.

MARGARIDA ·
Fala às tontas; decerto é algum lunático.

SUFFOLK *(à parte)* ·
Poderei conseguir uma dispensa.

MARGARIDA · Desejara alcançar qualquer resposta.

SUFFOLK *(à parte)* · Vou pedir esta Lady
Margarida...
Mas para quem? Ora essa! Para o rei.
Caluda, que o negócio é de madeira.

MARGARIDA · Fala agora em madeira; é carpinteiro.

SUFFOLK *(à parte)* ·
Minha paixão, dessa arte, eu premiaria,
sobre firmar a paz entre os dois reinos.
Remanesce, entretanto, certo escrúpulo:
embora seja o pai senhor de Nápoles,
Duque de Anjou e Maine, é muito pobre.
Vai opor-se a nobreza a esse consórcio.

MARGARIDA · Estais ouvindo, capitão? Que tendes?

SUFFOLK ·
Assim será, por mais que eles se oponham.
Henrique é moço, a tudo se acomoda.
Senhora, vou dizer-vos um segredo.

MARGARIDA ·
Que importa que eu me encontre prisioneira?
Parece nobre; saberá acatar-me.

SUFFOLK ·
Senhorita, atendei-me alguns instantes.

MARGARIDA *(à parte)* ·
Se ainda estivesse em tempo de salvarem-me
os franceses, ficara eu dispensada
de implorar-lhe o favor.

SUFFOLK · Meiga senhora,
atenção concedei-me numa causa...

MARGARIDA · Não sou eu a primeira mulher presa.

SUFFOLK · Por que falais, senhora, desse modo?

MARGARIDA · Peço que desculpeis o qüiproquó.

SUFFOLK · Gentil princesa, consideraríeis
feliz o cativeiro que acabasse
por vos fazer rainha?

MARGARIDA · Ser rainha
cativa é mor desgraça que a do escravo
nos mais baixos misteres, porque os príncipes
devem ser livres.

SUFFOLK · Como vós sereis,
também, se o muito nobre soberano
da feliz Inglaterra estiver livre.

MARGARIDA · Que tenho eu com a sua liberdade?

SUFFOLK · Esforçar-me-ei para fazer de ti
a rainha de Henrique, pôr-te um cetro
de ouro nas mãos e uma coroa rara
na cabeça, contanto que consintas
em seres minha...

MARGARIDA · O quê?

SUFFOLK · Sua querida.

MARGARIDA ·
Não sou digna de ser de Henrique esposa.

SUFFOLK ·
Não, gentil dama; eu, sim, que não sou digno
de cortejar para ele uma criatura
de tal beleza, sem ganhar na escolha.

shakespearebrasileiro.org

Que achais, senhora, disso? Estais contente?
Margarida · Se a meu pai agradar, fico contente.
Suffolk · Chamais depressa os capitães e nossos
porta-estandartes. A seguir, senhora,
iremos nos postar ante o castelo
de vosso pai, a quem convidaremos,
por mensageiro idôneo, a vir falar-nos.
(As tropas adiantam-se.)
(Toque para parlamentar, Reignier aparece sobre os muros.)
Suffolk · Reignier, olha tua filha prisioneira!
Reignier · Prisioneira de quem?
Suffolk · De mim.
Reignier · E agora,
Suffolk, que hei de fazer? Sou um soldado,
não sei chorar, nem mesmo lastimar-me
dos caprichos da sorte.
Suffolk · Sim, milorde.
há remédio bastante: consentires
pela tua honra, que se torne esposa
de meu rei tua filha, cujo assenso,
não sem custo, para isso, obtive agora.
Desta arte um cativeiro não penoso
valeu-lhe liberdade principesca.
Reignier ·
Fala Suffolk de acordo com o que pensa?
Suffolk · A bela Margarida atestar pode
que eu não minto, não finjo, nem adulo.
Reignier ·
Confiado em teus princípios de nobreza,
vou responder aí mesmo ao teu pedido.
(Retira-se.)
Suffolk · Aguardarei aqui tua chegada.
(Toque de trombetas. Entra Reignier.)
Reignier ·
Bem-vindo, bravo conde, em nossas terras!
Pedi de Anjou quanto Vossa Honra almeje.
Suffolk · Obrigado, Reignier; deves julgar-te
muito feliz por teres uma filha
digna de se tornar a companheira
de um grande soberano. Que resposta
dá Vossa Graça à minha pretensão?
Reignier · Já que com vossa escolha distinguistes
seu mérito modesto, para dela
fazer a noiva real de tal monarca:
com a condição de que me deixeis no uso
pacífico de minhas propriedades,
com os condados de Maine e Anjou isentos
de impostos e dos males resultantes
de conflitos armados, minha filha,
se Henrique o decidir, será sua esposa.
Suffolk · Esse vai ser o seu resgate: é livre.
Quanto aos condados, hei de fazer tudo
para que Vossa Graça os goze em paz.
Reignier ·
E eu, também, no real nome do monarca
de que és representante, a mão te cedo
de minha filha, em gage do contrato.
Suffolk · Reignier da França, eu te agradeço como
pessoa real, que fala um rei por mim.
(À parte.) Contudo, eu ficaria mais contente
de ser procurador em causa própria.
Vou já para a Inglaterra, com a notícia,
para solenizar o desposório.
Adeus, Reignier, guarda em palácio de ouro,
como convém, diamante tão valioso.
Reignier ·
Recebe o abraço que eu daria ao príncipe
cristão, Henrique, se ele aqui estivesse.
Margarida · Adeus, milorde; os votos de ventura,
louvores e orações de Margarida,
de Suffolk vão ser todos de ora em diante.
(Faz menção de retirar-se.)
Suffolk · Adeus, gentil senhora. Mas, ouvi-me,
Margarida: é possível que eu não leve
de vossa parte, para o rei, nenhuma
saudação principesca?
Margarida · Cumprimentos
que fiquem bem a uma donzela e virgem,
sua serva, dizei-lhe.
Suffolk · São palavras
amáveis e expressadas com modéstia.
Mas forçado me vejo a importunar-vos,
senhora, novamente: qual a prova
de amor que eu levarei para Sua Graça?
Margarida · Um coração, milorde, imaculado,
que o amor, até o presente, deixou livre.
Suffolk *(dando-lhe um beijo)* · E isto também.
Margarida ·
Não. Isso é teu, porque eu não ousaria
mandar a um rei lembrança tão pueril.
(Saem Reignier e Margarida.)
Suffolk · Se fosses para mim! Mas, como! Pára,

shakespearebrasileiro.org

Suffolk! Não te aventures pelos meandros
de semelhante labirinto, de onde
te espreita o Minotauro e a baixa intriga.
Comove Henrique com o retrato dela;
reflete em seus adornos admiráveis,
nas graças naturais que a arte ultrapassam;
quando no mar, renova-lhe a pintura,
porque, uma vez aos pés de Henrique, possa
privá-lo dos sentidos teu encanto.

(Sai.)

Ato V · Cena IV

Acampamento do Duque de York, em Anjou.
Entram York, Warwick e outros.

York · Trazei a bruxa que vai ser queimada!

(Entram Joana la Pucelle, escoltada, e um pastor.)

Pastor · Oh Joana! O coração, assim, me partes.
Procurei-te por tudo, longe e perto;
e ora que tive a sorte de encontrar-te,
verei tua morte cruel e prematura?
Ah, Joana, doce Joana, eu também morro!

Joana · Decrépito mendigo, baixo e ignóbil
labrego! Eu tenho sangue de fidalga;
não és meu pai; nem meu amigo, ao menos.

Pastor · Pára, pára! Senhores, escutai-me:
não é verdade, não. É minha filha;
na paróquia se sabe. Ainda está viva
a mãe dela, que pode dar-vos provas
de ter sido ela a minha primogênita.

Warwick · Depravada, renegas os parentes?

York · Isso mostra que vida ela levava,
perversa e vil, que a morte ora arremata.

Pastor · Ora, Joana, por que seres teimosa?
Deus sabe que és parcela de mim mesmo
e que eu já chorei muito por tua causa.
Não me renegues, Joana, eu te suplico.

Joana · Retira-te, labrego! Subornastes
este pobre campônio, com o propósito
de escurecer meu nascimento nobre.

Pastor · É certo; eu dei um nobre ao sacerdote
no dia em que a mãe dela eu desposei.
Ajoelha-te e recebe minha bênção,
rapariga. Ah, é assim? És renitente?
Maldita, então, seja a hora em que nasceste.
Só quisera que o leite que mamaste
no seio de tua mãe fosse veneno
de matar rato, ou que te houvesse um lobo
voraz estraçalhado, quando as cabras
no campo me guardavas. Não conheces
teu pai, mulher maldita? Então queimai-a,
queimai-a, que enforcá-la é honra excessiva!

(Sai.)

York · Levai-a logo; já viveu bastante
para encher o universo com seus vícios.

Joana · Primeiro vos direi quem condenastes:
não foi a mim, gerada na simpleza
da vida pastoril, mas a uma filha
de progênie real, virtuosa e santa,
escolhida no céu por alta graça
para milagres realizar na terra.
Jamais tive que ver com maus espíritos;
mas vós todos, poluídos pelo feio
pecado da luxúria, todos, tintos
de sangue derramado por criaturas
inocentes, sem mancha; todos, podres
de infindos vícios; todos, por não serdes
adornador da graça, julgais sempre
que só é possível realizar milagres
com a ajuda de demônios. Puro engano!
Desde a mais tenra infância Joana d'Arc
virgem se conservou, imaculada
nos próprios pensamentos. Se lhe o sangue
virginal tão cruelmente derramardes,
há de ele junto ao céu clamar vingança.

York · É isso mesmo; fazei-a executar.

Warwick · Senhores, atenção! Sendo ela virgem,
não poupeis lenha. Ponde, junto ao poste
fatal, tonéis de breu, porque a tortura,
desse modo, não dure muito tempo.

Joana · Nada o peito implacável vos abala?
Então, Joana, revela quanto és fraca,
porque possas gozar do privilégio
da lei. Oh sanguinários homicidas,
estou grávida! O fruto do meu ventre
não podereis matar, ainda que a morte

shakespearebrasileiro.org

violenta decidais ora levar-me.
YORK · Não o queira o céu! A santa virgem grávida!
WARWICK · Sem dúvida esse é o seu maior milagre.
Deram nisso, afinal, vossos escrúpulos?
YORK · Com o delfim ela andava emparelhada;
imaginei qual fosse o seu refúgio.
WARWICK · Levai-a com o bastardo. Que vale ele?
Máxime sendo o pai o delfim Carlos.
JOANA · Enganais-vos; o filho não é dele.
Foi Alençon que obteve o meu amor.
YORK · Como! Foi Alençon, esse notório
Maquiavel? Pois ainda que mil vidas
tenha, morra o bastardo!
JOANA · Oh! perdoai-me!
Não vos falei verdade. Nem foi Carlos,
nem o duque nomeado, mas o rei
de Nápoles, Reignier, o autor de tudo.
WARWICK ·
Como! Um homem casado? É intolerável.
YORK · Isso que é virgem! Foram tantos, que ela
nem sabe ao certo a quem acusar deva.
WARWICK · Sinal de que era livre e generosa.
YORK · Não há dúvida: é virgem, das mais puras.
Rameira imunda, condenaste, a um tempo,
teu fedelho e a ti própria. Fora inútil
procurares ainda comover-nos.
JOANA · Levai-me, então, daqui. Amaldiçôo-vos.
Jamais o sol glorioso lance os raios
sobre o lugar em que vos encontrardes,
envolvendo-vos sempre a noite e a triste
sombra da morte até que os infortúnios
e o desespero a todos vos obriguem
a quebrar o pescoço numa forca.
(Sai, escoltada.)
YORK · Em pedaços te faze, vira cinza,
maldito e imundo embaixador do inferno!
(Entra o Cardeal Beaufort, com séquito.)
CARDEAL · Portador de uma carta de poderes
da parte do monarca, eu vos saúdo,
lorde regente. Pois sabei, milordes:
movidos de piedade ante o espetáculo
destas lutas sangrentas, os estados
da Cristandade com ardor pediram
que a paz fosse firmada entre a ambiciosa
França e nosso país. Já se acha próximo
daqui o delfim que vem com os do seu séquito
para tratar conosco da matéria.
YORK · Todo o nosso trabalho vem dar nisso?
Depois de tantos pares chacinados,
capitães, gentis-homens e soldados,
que tombaram nos campos de batalha,
imolando-se aí em benefício
da pátria, ora seremos obrigados
a concluir uma paz efeminada?
Não perdemos, por falta de lealdade,
traições e intriga, quase tudo quanto
fora ganho por nossos ascendentes?
Warwick, Warwick! É triste que eu prevejo
a perda, para nós, de toda a França.
WARWICK · York, sê calmo; que se a paz firmarmos,
há de ser com tais cláusulas, que pouco
poderão os franceses alegrar-se.
(Entram Carlos com seu séquito, o bastardo de Orleans, Reignier e outros.)
CARLOS · Lordes ingleses, já que está assentado
que seja proclamada a paz na França,
viemos saber as condições do pacto.
YORK · Fala, Winchester, a cólera fervente
me tapa o tubo à voz envenenada,
na presença dos nossos inimigos.
CARDEAL · Carlos e os mais, assim ficou assentado:
que, tendo consentido o Rei Henrique,
por indulgência, apenas, e piedade,
em, dos males da guerra, vos poupar
a pátria, e em propiciar-vos melhor tempo
de paz frutuosa, ficareis vassalos
obedientes de sua potestade.
Quanto, Carlos, a ti, desde que jures
pagar tributo ao rei e a ele de grado
submeter-te, no posto ficarás
de vice-rei, sem que, por isso, em nada
se alterem tuas reais prerrogativas.
ALENÇON · Vai ele, então, ser sombra de si próprio?
As frontes adornar com uma coroa,
sem, contudo, em substância e autoridade,
se distinguir nem mesmo dos vassalos?
Semelhante proposta é absurda e iníqua.
CARLOS · Ninguém ignora que eu já estou de posse
de quase todo o território franco,
muito mais da metade, onde me acatam
como rei de direito. E ora é preciso
que pela renda, apenas, do que resta,
eu venha a renunciar tais privilégios,
para ser vice-rei, tão-só, da França?

shakespearebrasileiro.org

Não, lorde embaixador, é preferível
conservar o que tenho, com a esperança
de cedo conseguir o que me falta,
a abrir mão, desde já, de toda a posse.
YORK · És arrogante, Carlos! Por manobras
secretas procuraste o meio azado
para uma conferência, e ora que o assunto
chegou ao ponto crítico, recorres
a essas comparações e à parte ficas?
Ou o título aceitas que usurpaste,
e isso como uma dádiva do rei,
de nenhum modo imposta por teu mérito,
ou serás castigado com mais guerras.
REIGNIER · Não fazeis bem, milorde, por teimoso,
em criticar as cláusulas do pacto.
Aposto dez contra um que se perdermos
esta oportunidade, não teremos
nunca mais outra igual.
ALENÇON *(à parte, a Carlos)* · Para ser franco,
tendes obrigação de os vossos súditos
poupar de tantas perdas, tantas mortes,
quantas essas que surgem diariamente
por continuar a nossa hostilidade.
Aceitai a proposta, muito embora
disposto a não cumpri-la, quando virdes
que o momento vos é mais favorável.
WARWICK · Que dizes, Carlos; servem nossas
cláusulas?
CARLOS · Servem, sim,
mas faço uma objeção: não será vossa
nenhuma das cidades guarnecidas.
YORK · Então jura obediência a Sua Alteza;
por tua posição de cavaleiro
compromete-te a sempre obedecer-lhe,
sem rebelde jamais te revelares
contra a coroa inglesa, tu e teus nobres,
contra a coroa inglesa.

(Carlos, etc. prestam obediência.)

Já podeis despedir vossos exércitos
quando vos aprouver. Suspendei vossas
insígnias; deixai mudos os tambores,
que agora celebramos paz solene.

(Saem.)

Ato V · Cena V

Londres. Um quarto no palácio.
Entra o Rei Henrique conversando com Suffolk; Gloster e Exeter os seguem.

REI HENRIQUE · Estou pasmado, nobre conde, diante
do admirável retrato que fizestes
da bela Margarida. Suas virtudes,
realçadas por tais dotes exteriores,
me deixaram de pronto apaixonado.
Como o navio que o tufão obriga,
poderoso, a avançar, rompendo as ondas,
arrastado me sinto pelo sopro
de seu conceito a um mísero naufrágio
ou a alcançar o posto em que me seja
concedida a ventura de possuí-la.
SUFFOLK · Pois meu bom lorde, só falei por cima,
nada mais que o prefácio de seus méritos.
Todas as perfeições dessa adorável
criatura — se eu tivesse habilidade
para vo-las expor — integrariam
um volume de linhas tentadoras
que os mais duros sentidos despertaram.
É o que é mais: apesar de tão divina,
tão cheia de sublime encantamento,
só deseja, humildosa e reverente,
às ordens vir ficar de Vossa Alteza,
resultado de seu pendor virtuoso,
posso afirmá-lo, que ora a leva a amar-vos
e a honrar-vos como a seu senhor legítimo.
REI HENRIQUE ·
Henrique não almeja mais do que isso.
Consenti, pois, milorde protetor,
que do rei da Inglaterra Margarida
se torne a real esposa.
GLOSTER · Permitindo-o,
adularia, apenas o pecado.
Vossa Alteza, milorde, não ignora
que está comprometido com outra dama,
digna de toda estima. Como fora
possível anularmos o contrato?

shakespearebrasileiro.org

Como sairá Vossa Honra de tudo isso?
Suffolk · Como um rei, quando jura ilegalmente,
ou como alguém que, após o compromisso
de provar-se em torneio, se afastasse
do recinto da luta por ter visto
que o adversário era indigno. Muito baixo
se acha a filha de um conde sem fortuna.
Podemos retirar, pois, a palavra.
Gloster · Margarida que é mais do que isso, acaso?
Seu genitor não vale mais que um conde,
mas que tenha outros títulos gloriosos.
Suffolk · Seu pai é rei, milorde; rei de Nápoles
e de Jerusalém. Goza na França
de tanta autoridade, que este enlace
vai servir para a paz alicerçar-nos
e os franceses manter em obediência.
Gloster · O mesmo fará o Duque de Armagnac,
por ser parente próximo de Carlos.
Exeter · Além do mais, é de esperar que dote
liberalmente a filha, ao passo que o outro
vai ganhar muito mais do que o que entrega.
Suffolk · Ora, milordes, aludis ao dote!
Não humilheis, assim, vosso monarca,
imaginando-o abjeto, baixo e pobre
para escolher a noiva por dinheiro,
não por amor. Henrique pode a sua
rainha enriquecer, sem que precise
esposa procurar que o torne rico.
É próprio só de rudes camponeses
negociar as mulheres, como o fazem
no mercado com bois ou com cavalos.
O casamento é assunto muito sério
para ser resolvido desse modo.
Não depende de nós, mas de Sua Graça,
tão-somente, escolher a companheira
de seu leito nupcial. Ora, milordes,
se Margarida obteve a preferência,
não pode haver razão que prevaleça
no sentido de à escolha nos opormos.
Uma aliança forçada é puro inferno,
perspectiva de lutas e discórdias,
ao passo que o contrário só traz bênçãos,
é imagem de ventura celestial.
Sendo rei, onde esposa Henrique achara
melhor que Margarida, de real sangue?
A par do nascimento, a primorosa
beleza a torna digna de um monarca.
Seu espírito intrépido e indomável —
como em poucas mulheres se tem visto —
nos deixa esperançosos de um herdeiro
digno do nosso rei, que, sendo filho
de um guerreiro sem par, poderá dar-nos
descendente também de igual bravura,
no caso de se unir a uma senhora
da energia da bela Margarida.
Se vossa for, também, a opinião minha,
Margarida será nossa rainha.
Rei Henrique · Ou seja pela força da pintura,
meu bom Lorde de Suffolk, que fizestes,
ou pelo fato de, até agora, a minha
mocidade não ter sido abalada
pelas chamas do amor — não sei dizê-lo.
Mas uma coisa é certa: no imo peito
me encontro de tal modo dividido
entre o alarma do medo e o da esperança,
que me deixam prostrados os pensamentos.
Por isso, embarcai logo para a França,
milorde, e assinai lá qualquer tratado,
procurando que Lady Margarida
consinta em empreender a travessia
para a Inglaterra, a fim de ser coroada
e ungida como esposa fidelíssima
do Rei Henrique. Para os vossos gastos
de representação, cobrai do povo
o tributo do dízimo. Ide logo,
vos digo, pois até que retorneis,
perplexo ficarei com mil cuidados.
Vós, meu tio, bani qualquer ofensa.
Se me julgásseis pelo que já fostes,
não pelo que ora sois, desculparíeis
a brusca afirmação desta vontade.
Ora me conduzi para onde eu possa,
sozinho, refletir em meus cuidados.

(Sai.)

Gloster · Sim, cuidados, receio; agora e sempre.

(Saem Gloster e Exeter.)

Suffolk · Suffolk assim venceu; e, como o jovem
Páris, na Grécia, outrora, ele se apronta
para partir, movido da esperança
de vir a achar no amor igual ventura,
mas de ter melhor fim do que o troiano.
Vai mandar Margarida em nosso rei;
eu nela mandarei, no rei e no reino.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Personagens

Rei Henrique VI.
Humphrey, Duque de Gloster, seu tio.
Cardeal Beaufort, Bispo de Winchester, tio-avô do rei.
Ricardo Plantageneta, Duque de York.

Eduardo, Ricardo } seus filhos.

Duque de Somerset.
Duque de Suffolk.
Duque de Buckingham.
Lorde Clifford.
O Jovem Clifford, seu filho.
Conde de Salisbury.
Conde de Warwick.
Lorde Scales, governador da Torre.
Sir Humphrey Stafford.
William Stafford, seu irmão.
Lorde Say.
Um Capitão de navio, um patrão e seu ajudante.
Valter Whitmore.
Sir John Stanley.
Dois gentis-homens, prisioneiros juntamente com Suffolk.
Vaux.
Mateus Golfe.

John Hume, Southwell } sacerdotes.

Bolingbroke, feiticeiro.
Um espírito, invocado por ele.
Tomás Horner, armeiro.
Peter, seu aprendiz.
Escrivão de Chatham.
Prefeito de Santo Albano.
Simpcox, impostor.
Dois assassinos.
Jack Cade, rebelde.

Jorge Bevis.
John Holland.
O carniceiro Dick,
o tecelão Smith,
Micael, etc. } adeptos de Cade.

Alexandre Iden, nobre de Kent.
Margarida, esposa do Rei Henrique.
Eleonor, Duquesa de Gloster.
Margery Jourdain, feiticeira.
A mulher de Simpcox.
Nobres, senhoras da nobreza e séquito; arauto, peticionários, um bedel, xerife e oficiais; cidadãos, aprendizes, falcoeiros, guardas, soldados, mensageiros, etc.

Cena

Em várias partes da Inglaterra

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Londres. Uma sala do palácio.
Toque de trombetas; depois, de oboés. Entram, por um lado, o Rei Henrique, o Duque de Gloster, Salisbury, Warwick e o Cardeal Beaufort; por outro, a Rainha Margarida, conduzida por Suffolk; seguem-se York, Somerset, Buckingham e outros.

SUFFOLK · Ao partir para a França, fui por Vossa
Majestade Imperial encarregado,
como procurador de Vossa Graça,
de esposar a Princesa Margarida
para Vossa Excelência. E assim, na muito
famosa e antiga Tours, sendo presentes
os Reis da França e da Sicília, os Duques
de Orleans, Calábria, de Alençon, Bretanha,
doze barões, vinte colendos bispos
e sete condes, pude, enfim, pôr termo
à minha comissão e a desposei.
Agora, humildemente, dobro os joelhos
e, à vista da Inglaterra e de seus pares,
deponho o meu direito sobre a rainha
em vossas mãos, que a essência representam
do que eu era, tão-só, a grande sombra.
Nunca fez um marquês tão feliz mimo;
nenhum rei jamais viu tão linda esposa.
REI HENRIQUE ·
Levanta-te, Suffolk. Sede bem-vinda,
Rainha Margarida. É-me impossível
dar maior prova de afeição do que este
beijo afetuoso. Oh Deus, que me criaste!
dai-me, também, um peito agradecido,
pois nesta face linda me concedes
à alma extasiada um mundo de venturas
terrenas, se vier amor recíproco
unificar os nossos pensamentos.
RAINHA MARGARIDA ·
Grande Rei da Inglaterra e meu gracioso
senhor, das conferências que já tive
convosco em pensamento, assim de dia
como de noite, em sonhos e acordada,
em meio aos cortesãos ou a sós comigo,
me vem a audácia, meu estremecido
monarca, de saudar meu rei em termos
desornados, tal como o entendimento
me sugere e a alegria transbordante
me dita ao coração reconhecido.
REI HENRIQUE ·
É bela de extasiar; mas seu discurso
gracioso, as expressões apresentada
com toda a majestade da prudência,
o espanto me sufocam, provocando-me
lágrimas de alegria. É indescritível
a ventura que o peito ora me agita.
Lordes, com voz alegre saudai todos
o meu amor.
TODOS · Que tenha vida longa
Margarida, a ventura da Inglaterra!
RAINHA MARGARIDA · A todos agradeço.
(Fanfarras.)
SUFFOLK · Milorde protetor, se for do agrado
de Vossa Graça, os itens aqui se acham
do contrato da paz em que acordaram
nosso monarca e o Rei Carlos da França
durante o prazo de dezoito meses.
GLOSTER · *"Imprimis,* fica assentado entre o Rei da
França, Carlos, e William de la Pole, Marquês de
Suffolk, embaixador do Rei Henrique da Inglaterra,
que o dito Henrique desposará Lady Margarida,
filha de Reignier, Rei de Nápoles, Sicília e Jerusalém,
e a coroará Rainha da Inglaterra antes do dia 30 do
próximo mês de março. Item, que o ducado de Anjou
e o condado de Maine ficarão livres de qualquer
obrigação e serão entregues ao rei seu pai..."
(Deixa cair o papel.)
REI HENRIQUE ·
Tio, que estais sentindo?
GLOSTER · Meu gracioso
senhor, peço perdão, mas um mal súbito
me ataca o peito e a vista me perturba,
de todo me impedindo ora a leitura.
REI HENRIQUE ·
Tio de Winchester, por obséquio, lede.
CARDEAL · "Item, ficou, ainda, decidido entre
ambos que os ducados de Anjou e Maine ficarão
livres de qualquer obrigação e serão entregues ao rei
seu pai, e que ela será enviada ao Reí da Inglaterra à
custa deste, sem levar dote algum."
REI HENRIQUE ·
Agradam-nos os termos. Ajoelhai-vos,

shakespearebrasileiro.org

Lorde Marquês. Cingindo-vos a espada,
nós vos criamos o primeiro duque
de Suffolk. Primo de York, aliviamos
Vossa Graça do peso da regência
da França até que expirem os dezoito
meses estipulados. Obrigado,
meu tio Winchester, Gloster, Somerset,
Buckingham, York, Warwick e Salisbury;
meu reconhecimento a todos pela
recepção feita à minha real esposa.
Vamos logo cuidar da cerimônia
de sua coroação. Tratemos disso.

(Saem o rei, a rainha e Suffolk.)

Gloster · Valentes pares da Inglaterra, fortes
pilares da nação, o Duque de Humphrey
desabafa convosco seus cuidados,
vossos cuidados, sim, de toda a pátria.
Foi só para isso, então, que o mano Henrique
gastou a mocidade, o ouro e seu povo
nas guerras que empreendeu? Não dormiu ele,
tantas vezes, no campo, exposto a todas
as intempéries, frios e canículas,
para fazer valer o seu direito
como herdeiro legítimo da França?
E, ademais, meu irmão Beaufort não teve
de empregar toda a sua inteligência
a fim de conservar pela política
o que Henrique obtivera? E vós, bravo York,
Buckingham, Salisbury e Somerset,
não adquiristes fundas cicatrizes
na França e Normandia? E eu, porventura,
com meu tio Bedford e os mais provectos
conselheiros do reino, não ficávamos
de manhã até à noite no conselho,
considerando todas as maneiras
de trazer os franceses, sempre, e a França
na mesma sujeição? Sua Grandeza,
quando criança, em Paris não foi coroado,
a despeito do imigo? Terão sido
baldadas essas honras e os trabalhos,
a conquista de Henrique, a vigilância
de Bedford, vossos feitos nas campanhas
e assim nossos alvitres e conselhos?
Oh pares da Inglaterra! É vergonhoso
semelhante tratado, e o casamento
uma fatalidade que vos priva
de todo brilho, o nome vos apaga
dos livros da memória, os caracteres
riscando que a alta fama vos conservam,
derrubando as colunas erigidas
na França conquistada e desfazendo
tudo, como se nada houvesse sido.

Cardeal · Sobrinho, a que vem todo esse discurso,
essa peroração com tais rodeios?
A França é nossa, e nossa há de ser sempre.

Gloster · Sim, meu tio; sê-lo-á, se a conservarmos;
mas agora é impossível que o façamos.
Suffolk, o novo duque, que ora o reino
dirige como quer, deu os ducados
de Anjou e Maine ao pobre soberano
Reignier, cuja aparência alucinante
não condiz com a pobreza de sua bolsa.

Salisbury · Pela morte daquele que por todos
se ofereceu, esses condados eram
da Normandia a chave. Por que chora,
porém, Warwick, o meu valente filho?

Warwick · De tristeza, porque estarão perdidos
para sempre. Se fosse ainda possível
reconquistá-los, não derramaria
lágrimas, porém sangue com esta espada.
Anjou e Maine! Eu próprio os conquistei;
estes braços ganharam essas terras.
E ora vão entregar só por palavras
as cidades que o sangue me custaram?
Mort Dieu!

York · Pereça sufocado o novo duque
de Suffolk, por ter, assim, turvado
a honra da ilha guerreira. Mais depressa
me torturara a França e me arrancara
do peito o coração, do que obteria
que esse pacto eu firmasse. Nunca soube
senão que os reis ingleses recebiam
com as esposas enormes somas de ouro.
E agora o Rei Henrique o seu despende
para casar com quem não possui nada!

Gloster · Pilhéria fina, é certo, e nunca ouvida,
que Suffolk pedisse nada menos
do que quinze avos para fazer foce
às despesas com a viagem da rainha.
Ficasse ela na França e lá morresse
de fome, antes de ter...

Cardeal ·
Falais com muito ardor, Milorde Gloster.
A nosso rei aprouve o que foi feito.

shakespearebrasileiro.org

Gloster ·
Lorde Winchester, conheço-vos por dentro;
não são minhas palavras que vos causam
desagrado; sou eu que vos conturbo.
Manifestai logo o ódio. Nessas faces,
orgulhoso prelado, eu leio a cólera.
Se eu não me for embora, iniciaremos
de novo nossa velha altercação.
Senhores, passai bem. Após meu trânsito,
lembrai-vos desta minha profecia:
vamos perder a França fatalmente.

(Sai.)

Cardeal · O protetor se retirou furioso.
É sabido que ele é meu inimigo,
ou melhor, de nós todos e, receio-o
bastante, pouco amigo do monarca.
Considerai, senhores: pelo sangue,
ele é o primeiro herdeiro da coroa.
Se este consórcio houvesse dado a Henrique
um grande império e os reinos opulentos
do Oriente, é quase certo que ele achara
razões para mostrar-se desgostoso.
Vede bem, meus senhores, sem que suas
frases alambicadas vos seduzam:
prudentes sede em tudo e circunspectos.
O povo baixo o adula e Humphrey lhe chama,
o bom Duque de Gloster. Batem palmas,
gritando em altas vozes: Jesus guarde
nosso bom Duque de Humphrey! Todas essas
frases aduladoras, meus senhores,
receio-o muito, podem vir a dar-nos
um protetor realmente perigoso.
Buckingham · Por que dirigir ele o nosso rei,
se já tem este idade de orientar-se?
Primo de Somerset, a mim aliai-vos,
e em pouco tempo todos nós, com o auxílio
do Duque de Suffolk, derrubaremos
do seu lugar o altivo Duque de Humphrey.
Cardeal · Esse grave negócio exige urgência;
vou procurar o Duque de Suffolk.

(Sai.)

Somerset · Primo Buckingham, embora o orgulho
de Humphrey e sua posição nos sejam
motivo de desgosto, não percamos
de vista esse cardeal cheio de empáfia.
Sua insolência é mais intolerável
do que todos os príncipes reunidos.
No caso de ser Gloster demitido,
ele será o protetor.
Buckingham · Serás
tu, ou eu, Somerset, em que se oponham
a isso o Duque de Gloster e o cardeal.

(Saem Buckingham e Somerset.)

Salisbury ·
Foi-se o orgulho; a ambição lhe vai no encalço.
Enquanto eles só tratam de si próprios,
a nós cumpre cuidar do bem da pátria.
Nunca vi comportar-se o Duque de Humphrey
a não ser como um nobre gentil-homem;
mas, ao contrário, vi bastantes vezes
este altivo cardeal — que mais parece
soldado do que padre, sempre cheio
de si mesmo e insolente — sem propósito
jurar como um rufião e fazer coisas
de todo em todo indignas do alto nome
de um regente do império. Caro filho
Warwick, meu refrigério na velhice,
tua glória, a lhaneza que te é própria,
bem como a diligência no governo
de tua casa, há muito te granjearam
o favor dos comuns, entre os quais o único
que contigo se iguala é o Duque de Humphrey.
Mano York, o teu papel na governança
da Irlanda, conduzindo os habitantes
à civil disciplina, os altos feitos
que na tua regência realizaste
no coração da França, te tornaram
temido e honrado, a um tempo, dos do povo.
Reunamo-nos, agora, só com o fito
do bem público, e esforços envidemos
a fim de reprimir e aniquilar
o orgulho do cardeal e de Suffolk,
e a harta ambição de Somerset e desse
Buckingham, amparando o mais possível
o bom Duque de Gloster, enquanto ele
trabalhar tendo em vista o bem da pátria.
Warwick ·
Que Deus ampare Warwick, enquanto sua
pátria ele amar e o bem da causa pública.
York *(à parte)* ·
Diz York o mesmo, e sabe por que o faz.
Salisbury ·
Sem perder tempo, então, sejamos dignos
dos nossos manes.

shakespearebrasileiro.org

WARWICK · Nosso Maine foi-se,
querido pai! Perdemos o ducado
que Warwick havia ganho e poderia
ter conservado enquanto fosse vivo.
Pensais em manes, pai; eu, no ducado
de Maine, que hei de à França novamente
tomar ou perecer com minha gente.

(Saem Warwick e Salisbury.)

YORK · Entregamos à França Anjou e Maine;
Paris está perdida; a Normandia
sem aquelas cidades não se agüenta;
Suffolk houve por bem concluir o pacto,
os pares concordaram, contentíssimo
se acha Henrique por ter feito a barganha
de dois ducados pela bela filha
de um duque. Não me cabe censurá-los.
Que lhes importa o reino? Teus haveres
é que eles desperdiçam, não o próprio.
Podem gastar à larga os salteadores
quanto roubaram, conquistar amigos,
presentear cortesãs e viver vida
de fidalgos, em festas incessantes,
até esbanjarem tudo, enquanto o mísero
proprietário lastima os seus haveres,
a cabeça sacode, as mãos retorce,
desesperado, e à parte se conserva,
e, conquanto a partilha esteja vendo
de quanto lhe pertence, morto à fome,
em nada ousa tocar. Do mesmo modo
faz York, a língua morde, não se mexe,
atormenta-se, enquanto são vendidas
ou trocadas suas terras. Só parece
que os reinos da Inglaterra, França e Irlanda
no meu sangue e na minha carne queimam
assim como o fatal tição de Altéia
no peito do senhor de Calidona.
Anjou e Maine entregues aos franceses!
É triste essa notícia; era na França
que eu fundava o melhor das esperanças
e assim no fértil solo da Inglaterra.
Há de chegar o dia em que reclame
York o que lhe pertence. Eis o motivo
de eu com os Nevils ficar e de mostrar-me
dedicado a esse altivo Duque de Humphrey,
para, no instante azado, apoderar-me
da coroa, a áurea meta a que me esforço.
Jamais me privará de meus direitos
o orgulhoso Lencastre, nem o cetro
nas mãos fracas terá nem o diadema
na cabeça; o caráter religioso
não se coaduna com as insígnias régias.
Acalma-te, York, até que venha o tempo
favorecer-te; fica alerta e observa,
enquanto os outros dormem, porque possas
surpreender os segredos da política.
E quando Henrique, inteiramente entregue
às venturas do amor com a nova rainha,
por quem pagou tão caro o reino todo,
e Humphrey se desavierem com a nobreza,
então eu erguerei a rosa branca
que impregnará com seu perfume suave
todo o ambiente e farei gravar as armas
de York em meus estandartes, para a casa
de Lençastre atacar. Assim, valendo-me
da força, hei de fazer rolar por terra
o governo livresco da Inglaterra.

(Sai.)

Ato I · Cena II

O mesmo. Quarto em casa do Duque de Gloster. Entram Gloster e a duquesa.

DUQUESA · Por que a cabeça deixa meu esposo
pender, tal como espiga em demasia
carregada por Ceres? Por que causa
franze os cenhos o grande Duque de Humphrey,
como se o molestasse o belo mundo?
Por que cravas os olhos no chão sujo,
contemplando o que a vista te conturba?
Estarás à procura do diadema
do Rei Henrique, enaltecido pelas
honrarias do mundo? Se for isso,
continua a fixá-lo e as faces roja,
até que ele a cabeça te circunde.
Estende o braço e alcança o ouro glorioso.

shakespearebrasileiro.org

Não consegues tocá-lo? O meu te ajuda;
e uma vez que o tenhamos entre os dedos,
ao céu levantaremos a cabeça,
sem jamais consentirmos que ao chão baixo
a vista sobranceira se degrade.
Gloster · Oh Nell! Se tens amor a teu marido,
do peito expele o cancro da ambição!
Possa algum pensamento, concebido
contra o meu soberano, o pio Henrique,
transformar-se em meu último suspiro
neste mundo mortal. Ora me deixa
triste um sonho angustiante desta noite.
Duquesa ·
Que sonhou meu senhor? Nada me ocultes,
que eu te retribuirei com o doce conto
do que eu também sonhei de manhãzinha.
Gloster · Sonhei que este bastão, preclara insígnia
do meu posto na corte, se partira.
O causador do fato, não me lembra.
Sim, pensando melhor, foi o cardeal.
O certo é que, na ponta dos dois troços,
a cabeça fixaram do primeiro
Duque de Suffolk, William de la Pole
e do Duque Edmundo Somerset.
Só Deus sabe o que o sonho significa.
Duquesa · Muito simples: indica, tão-somente,
que se vier a quebrar alguém um galho
da alameda de Gloster, a cabeça
perderá sem demora pela audácia.
Mas agora me escuta, meu querido
duque, meu Humphrey: pareceu-me em sonhos
que eu estava sentada em majestosa
cadeira, em plena catedral de Westminster,
onde reis e rainhas vão sentar-se
para serem coroados; a meus pés
se achava Henrique e Lady Margarida,
que o diadema me punham na cabeça.
Gloster · Não, Eleonor! Terei de censurar-te.
Mulher louca! Eleonor de maus princípios!
És a segunda dama da Inglaterra,
mulher do protetor e dele amada.
Não desfrutas de todos os prazeres
mundanos, muito mais do que te possa
conceber e abarcar o pensamento?
E hás de forjar traições para, com isso,
derrubares a ti e a teu marido
do alto da honra para o pé da infâmia?
Para trás! Não me fales mais sobre isso.
Duquesa · Como assim, meu senhor!
[Aborrecestes-vos
com Eleonor, tão-só por vos ter ela
contado o que sonhara? De outra feita
ficarei com meu sonho, para ver-me
livre de repreensões.
Gloster · Não te amofines;
já estou de novo alegre.
(Entra um mensageiro.)
Mensageiro · Milorde, é do prazer de Sua Alteza
que vades a cavalo a Santo Albano
à caça do falcão com Suas Graças.
Gloster · Pois não! Não quererás, Nell, ir conosco?
Duquesa · Sim, meu caro senhor; não me demoro.
(Saem Gloster e o mensageiro.)
Se não posso ir na frente, vou segui-los
enquanto se mostrar Gloster de espírito
humilde e tão mesquinho. Fosse eu homem,
um duque, um príncipe de sangue, em pouco
tempo removeria esses escolhos
enfadonhos, andando sobre troncos
decapitados. Mas embora seja
mulher, não me permito por mais tempo
continuar negligente no pomposo
festival da Fortuna. Onde ficastes,
homem? Sir John! Por que tanto receio?
Estamos sós aqui; tu e eu, somente.
(Entra Hume.)
Hume · Jesus ampare Vossa Majestade.
Duquesa · Majestade! Sou Graça, simplesmente.
Hume ·
Mas com a graça de Deus e os bons conselhos
de Hume, vai Vossa Graça ver em pouco
que esse título cresce.
Duquesa · Homem, que dizes?
Já falaste com a bruxa inteligente,
a Margery Jourdain, e o feiticeiro
Rogério Bolingbroke? Estão dispostos
a empreender qualquer coisa em meu proveito?
Hume · Prometeram mostrar a Vossa Alteza
um espírito que eles chamariam
do insondável abismo subterrâneo
e que há de responder a tudo quanto
Vossa Graça entender de perguntar-lhe.
Duquesa · Está bem; pensarei sobre esse assunto.
Logo que retornarmos da caçada

shakespearebrasileiro.org

de Santo Albano, a cabo levaremos
semelhante projeto. Aceita a paga
de teu trabalho. Por enquanto cuida
tão-só de te alegrar com teus consócios
neste assunto de tanta relevância.

(Sai.)

HUME · Hume vai distrair-se com o dinheiro
da duquesa. É o que eu quero. Mas, cuidado,
Sir John Hume! Cuidado com essa boca;
não digais coisa alguma senão: Psiu!
O assunto exige o máximo segredo.
A senhora Eleonor me dá dinheiro
para eu trazer-lhe a bruxa; ainda que venha
do demônio, o ouro é sempre um bom presente.
Mas também, do outro lado, o ouro me chega;
não sei dizer se quem mo envia é o rico
cardeal ou o novo Duque de Suffolk.
De qualquer forma a coisa é deste jeito:
conhecendo eles a ambição sem peias
da senhora Eleonor, dão-me dinheiro
para miná-la e pôr-lhe na cabeça
essas conjurações. Um biltre astuto,
dizem eles, dispensa corretores.
No entanto eu sou o agente de Suffolk
e do cardeal. Cuidado, Hume, que acabas
chamando os dois de biltres astuciosos!
Tudo está neste pé; receio muito
que venha a ser a tratantagem de Hume
a ruína da duquesa. Uma vez ela
difamada, cairá também o esposo.
Assim ficarei rico e venturoso.

(Sai.)

Ato I · Cena III

O mesmo. Um quarto no palácio.
Entram três ou quatro peticionários, entre os quais o escudeiro Peter.

PRIMEIRO PETICIONÁRIO · Ficai perto, mestres!
Não demora, milorde protetor vai passar por aqui;
será o momento de lhe entregarmos as nossas
petições, com todas as formalidades.

SEGUNDO PETICIONÁRIO · Sim. Deus o proteja! É
um bom homem. Jesus o abençoe.

(Entram Suffolk e a Rainha Margarida.)

PRIMEIRO PETICIONÁRIO · Aí vem vindo ele, me
parece, juntamente com a rainha.
Com toda a certeza vou ser eu o primeiro.

SEGUNDO PETICIONÁRIO · Volta, maluco! É o
Duque de Suffolk; não é milorde protetor.

SUFFOLK · Então, amigo! Desejas alguma coisa de
mim?

PRIMEIRO PETICIONÁRIO · Perdão, milorde; mas eu
vos tomei por milorde protetor.

RAINHA MARGARIDA *(lendo os sobrescritos)* · "A
Milorde Protetor". Vossas petições são endereçadas
a Sua Senhoria? Deixai-me vê-las. Em que consiste
a tua?

PRIMEIRO PETICIONÁRIO · A minha, com licença
de Vossa Graça, é contra João Goodman, um dos
homens de milorde cardeal, por me ter tomado a
casa, terras, minha mulher e tudo o mais.

SUFFOLK · A mulher também? Grande violência,
não há que ver. E a tua, em que consiste? Mas, que é
isso? "Contra o Duque de Suffolk, por haver cercado
o pasto público de Melford." Que significa isso,
senhor velhaco?

SEGUNDO PETICIONÁRIO · Ai de mim, senhor! Eu
sou apenas um pobre peticionário, que falo em nome
do nosso distrito.

PETER *(apresentando a sua petição)* · Contra meu
mestre Tomás Horner, por ter dito
que o Duque de York era o legítimo herdeiro da coroa.

RAINHA MARGARIDA · Que estás a dizer? O
Duque de York disse que ele era o herdeiro legítimo
da coroa?

PETER · Que meu mestre era o herdeiro? Não; de
forma alguma. Foi o meu mestre que disse que ele o
era e que o rei não passava de um usurpador.

SUFFOLK · Não há ninguém aí?

(Entram criados.)

Prende este sujeito e manda imediatamente um
oficial de justiça à casa de seu mestre. Na presença do
rei iremos ouvir vosso assunto com mais vagar.

(Saem os criados com Peter.)

RAINHA MARGARIDA ·
Quanto a vós, que almejais ser protegidos
sob as asas do nosso protetor,

shakespearebrasileiro.org

recomeçai; Sua Graça vos espera
para fazer justiça.

(Rasga as petições.)

Fora, biltres!
Suffolk, manda sair toda essa gente.

Todos · Vamos; saiamos todos.

(Saem os peticionários.)

Rainha Margarida ·
Milorde de Suffolk, esse é o costume,
a maneira da corte da Inglaterra?
É assim que se governa a ilha Britânica
e de Álbion a realeza? O Rei Henrique
ainda está como simples tutelado
do rezingueiro Gloster? Tenho o título
e o posto de rainha, para ver-me
sujeita a um simples duque? Vou dizer-te,
Pole, uma coisa: quando na cidade
de Tours correste lança em homenagem
do meu amor, e os corações roubaste
às senhoras francesas, fiz idéia
de que como eras fosse o Rei Henrique,
em coragem, maneiras e elegância.
Mas ele só aspira à santidade,
rezar ave-marias no rosário;
os profetas e apóstolos o amparam;
por armas tem sentenças da Escritura;
seu gabinete é a liça de exercícios;
seus amores, apenas as imagens
dos santos que já estão canonizados.
Quisera que o colégio de cardeais
o escolhesse por papa e que ele fosse
para Roma, onde a tríplice coroa
na fronte lhe poriam. Fora o estado
mais de acordo com sua santidade.

Suffolk · Acalmai-vos, senhora; Vossa Alteza
foi trazida por mim para a Inglaterra.
Quanto em mim estiver, hei de esforçar-me
para que Vossa Graça fique alegre.

Rainha Margarida ·
Além do lorde protetor, nós temos
Somerset, Buckingham, esse imperioso
sacerdote, Beaufort, e o rezingueiro
Duque de York. O menor entre eles todos
manda mais, na Inglaterra, do que o rei.

Suffolk · E o maior ainda manda muito menos
do que os Nevils; Warwick e Salisbury
não são pares, sequer, da monarquia.

Rainha Margarida ·
Aliás, esses fidalgos não me causam
tanto aborrecimento como a esposa
do lorde protetor, que varre a corte
com seu bando de damas, parecendo
mais uma imperatriz do que a consorte
do Duque de Humphrey. Muitos estrangeiros
pela rainha a tomam. Porque às costas
traz as rendas de um duque, intimamente
escarnece de nós, por sermos pobres.
Não poderei jamais vingar-me dela?
Conquanto seja uma mulher à-toa,
de linhagem somenos, vangloriava-se
há dias, entre os seus admiradores,
de que a cauda, tão-só, do seu vestido
era de mais valor do que os domínios,
por junto, de meu pai, enquanto o Duque
de Suffolk os ducados não lhe havia
dado ainda, ao pedir-lhe a mão da filha
para o Rei da Inglaterra.

Suffolk ·
Senhora, eu próprio armei-lhe uma armadilha
e pus aí, como negaça, pássaros
de tão suaves cantos, que é certeza
deixar-se ela prender só para ouvi-los,
sem mais pensar em vos causar desgostos.
Deixai-a, pois, em paz. E agora dai-me
toda a atenção, que tenho o atrevimento
de vos aconselhar. Ainda no caso
de nos ser o cardeal insuportável,
forçoso é que com ele e os demais pares
nos aliemos, até que consigamos
alijar de uma vez o Duque de Humphrey.
No que respeita ao Duque de York, a nova
queixa lhe ensejará pouco proveito.
Livrar-nos-emos, desse modo, aos poucos,
deles todos, ficando Vossa Graça
sozinha a dirigir o feliz leme.

(Toque de fanfarra. Entram o Rei Henrique, York e Somerset, em conversa, o Duque e a Duquesa de Gloster, o Cardeal Beaufort, Buckingham, Salisbury e Warwick.)

Rei Henrique ·
Tanto faz para mim, meus nobres lordes,
escolher um ou outro: ou Somerset,
ou York, é indiferente.

York · Se na França

shakespearebrasileiro.org

York se comportou por modo indigno,
seja-lhe ora negada essa regência.
SOMERSET · Se Somerset é indigno desse posto,
nomeai York regente, que eu me afasto.
WARWICK · Ninguém se importa de saber, por ora,
se Vossa Graça é digno; York é o mais digno.
CARDEAL · Cala essa boca, Warwick; és presunçoso;
falam teus superiores.
WARWICK · O cardeal
não é meu superior em campo aberto.
BUCKINGHAM · Warwick, todos quantos aqui se acham
teus superiores são.
WARWICK · Mas Warwick há de
viver para ser mais do que eles todos.
SALISBURY · Quieto, meu filho! Dai-nos os motivos,
Buckingham, de dever ser preferido
Somerset para o cargo.
RAINHA MARGARIDA · É muito simples:
porque o rei determina que assim seja.
GLOSTER · Senhora, o rei já tem bastante idade
para determinar-se; esses assuntos
não são para mulheres.
RAINHA MARGARIDA · Nesse caso,
por que motivo insiste Vossa Graça
em ser o protetor de Sua Excelência?
GLOSTER · Eu sou apenas protetor do reino;
quando o rei decidir, resigno o posto.
SUFFOLK · Então resigna logo, pondo termo
nessa insolência. Desde que ficaste
como rei — quem é o rei, senão tu mesmo? —
a república marcha para a ruína;
do outro lado do mar vence o delfim;
todos os pares, a nobreza toda
do reino são escravos do teu mando.
CARDEAL · Supliciaste os comuns; raspaste as arcas
do clero, sem vintém deixando todas
com tuas extorsões.
SOMERSET · Tua suntuosa
moradia e os vestidos de tua esposa
arruinaram de todo o erário público.
BUCKINGHAM · A crueldade que te é característica
excede as leis na punição dos crimes,
tornando-te passível de castigo.
RAINHA MARGARIDA ·
Se os negócios com cargos e cidades —
do que temos suspeita — que fizeste
na França, se tornassem conhecidos,
a pular ficarias sem cabeça.
(Gloster sai; a rainha deixa cair o leque.)
Apanha o leque! Como! Petulante!
Isso não te compete? É assim?
(Dá uma bofetada na duquesa.)
Não tinha visto,
senhora, que éreis vós; peço perdão.
DUQUESA · Não, francesa atrevida? Não sabíeis
que era eu? Se com as unhas eu pudesse
tocar nessa beleza, mandaria
estes dez mandamentos afagá-la.
REI HENRIQUE · Boa tia, acalmai-vos; foi engano.
DUQUESA · Engano? Rei bondoso, toma tento,
que não tardará muito para que ela
se te ponha a ninar como a uma criança.
Mas embora pareça que estes homens
não usam calça, impune ela não há de
esbofetear, assim, Lady Eleonor.
(Sai.)
BUCKINGHAM · Vou seguir Eleonor, Lorde Cardeal,
e ao mesmo tempo ver o que faz Humphrey.
De esporas Eleonor não necessita;
vai galopar de encontro à destruição.
(Sai Buckingham.)
(Volta Gloster.)
GLOSTER · Ora que espaireci lá fora o espírito,
passeando no quadrângulo, falar-vos
pretendo dos negócios da república.
No que respeita a vossas desprezíveis
acusações, provai-as, que eu prometo
à lei obedecer. Seja à minha alma
benigno o Poderoso, em recompensa
do amor que a meu país e ao rei dedico.
Mas, voltando ao assumo de há momentos:
digo, meu soberano, que York é o homem
mais apto para ser vosso regente
no território franco.
SUFFOLK · Antes da escolha
desejara aduzir alguns motivos
de força não somenos, que demonstram
ser York o menos apto para o cargo.
YORK · Vou revelar-te esses motivos, Suffolk:
em primeiro lugar, por ser inábil
para adular-te o orgulho; o outro, é sabido:
se eu fosse designado para o posto,

shakespearebrasileiro.org

Milorde Somerset não me daria
licença de partir e me privara
de munições e tudo, até que a França
viesse a cair nas mãos do delfim Carlos.
De outra feita, eu fiquei dançando, à espera
de seu auxílio até que Paris fosse
cercada e se rendesse pela fome.
WARWICK · Posso dar testemunho desse fato.
Nunca jamais tão grande felonia
cometeu um traidor em nossa terra.
SUFFOLK · Paz, Warwick obstinado!
WARWICK · És a imagem do orgulho. Por que causa
devo calar-me?

(Entram os criados de Suffolk, conduzindo Horner e Peter.)

SUFFOLK · Por ter sido a pecha
de traição atirada contra alguém.
Deus queira que se escuse o Duque de York?
YORK · Alguém chamou traidor ao Duque de York?
REI HENRIQUE ·
Que significam, Suffolk, esses termos?
Que quer toda essa gente?
SUFFOLK · Com licença
de Vossa Majestade, esse indivíduo
acusa seu senhor de alta traição.
Afirmou que Ricardo, Duque de York,
era o herdeiro legítimo do trono
da Inglaterra e que Vossa Majestade
não passava de um mero usurpador.
REI HENRIQUE ·
Responde, homem: disseste essas palavras?
HORNER · Com licença de Vossa Majestade,
nunca disse tal coisa, nem em tal coisa pensei.
Deus é testemunha de que eu estou sendo acusado
falsamente por este vilão.
YORK · Vilão imundo, baixo mesteireiro,
vais pagar com a cabeça essas mentiras.
Suplico a Vossa Augusta Majestade
todo o rigor da lei contra este biltre.
HORNER · Ah, meu senhor! Quero que me
enforquem, se eu falei em semelhante coisa. Este
rapaz é meu aprendiz. Certa vez, quando o repreendi
por uma falta, ele prometeu de joelhos que se
vingaria. Tenho testemunhas do fato. Por isso peço a
Vossa Majestade não prejudicar um homem honrado
por causa da acusação de um bigorrilha.
REI HENRIQUE · Que dizem, tio, as leis sobre este caso?
GLOSTER · Milorde, eu julgaria deste modo,
caso fosse o juiz: daria o posto
de Regente da França a Somerset,
por York estar manchado de suspeita.
Quanto a esta gente, designemos dia
para um combate singular entre ambos,
em lugar apropriado. Afirma este homem
que pode aduzir provas da maldade
do aprendiz. Esta é a lei, e esta a sentença
que daria no caso Humphrey de Gloster.
REI HENRIQUE ·
Pois seja assim. Nomeamos Vossa Graça,
milorde Somerset, para o alto posto
de Regente da França.
SOMERSET · Humildemente
eu agradeço a Vossa Real Pessoa.
HORNER · E eu de grado ao combate me submeto.
PETER ·
Ah, meu senhor! Eu não posso bater-me. Por amor
de Deus, tende piedade de mim. A maldade deste
homem é poderosa contra mim, Deus tenha
compaixão de mim! Não serei capaz de dar um só
golpe. Ah, Deus! Meu coração!
GLOSTER · Tens de brigar; se não, te enforcaremos.
REI HENRIQUE · Ponham-nos na prisão; no último dia
do mês próximo, os dois hão de bater-se.
Somerset, vamos logo despachar-te.

(Saem.)

Ato I · Cena IV

O mesmo. Jardim do Duque de Gloster.
Entram Margery Jourdain, Hume, Southwell e Bolingbroke.

HUME · Vinde, mestres. Digo-vos que a duquesa
conta com a realização de vossas promessas.
BOLINGBROKE · Estamos prontos, mestre Hume.
Sua Senhoria está disposta a presenciar e a ouvir
nossos exorcismos?
HUME · Ora, por que não? Não vos preocupeis com
a sua coragem.

shakespearebrasileiro.org

BOLINGBROKE · Já ouvi dizer que ela é uma mulher
de espírito invencível. Mas será conveniente, mestre
Hume, ficardes lá em cima com ela, enquanto nós
fazemos o trabalho. E agora peço que vos vades em
nome de Deus.

(Sai Hume.)

Mãe Jourdain, abaixai-vos e rojai pelo chão. John
Southwell, lede. E agora, mãos à obra!

(Aparece a duquesa, no alto, seguida de Hume.)

DUQUESA · Muito bem dito, mestres; sede todos
bem-vindos. Para isto, quanto mais cedo, melhor.

BOLINGBROKE · Boa dama, paciência; os feiticeiros
a hora azada conhecem: noite escura,
noite profunda, noite silenciosa,
a hora em que Tróia foi entregue às chamas,
em que piam corujas agourentas
e uivam os cães de guarda, em que os espíritos
passeiam e os fantasmas saem dos túmulos:
eis o tempo adequado para a empresa
que vamos iniciar. Mas assentai-vos,
senhora, sem receio, porque o espírito
que vamos invocar ficará preso
nos limites de um círculo sagrado.

(Nessa altura, executam as cerimônias do estilo e traçam um círculo. Bolingbroke, ou Southwell, lê: Conjuro-te! *etc. Trovões e relâmpagos. Aparece o espírito.)*

ESPÍRITO · Adsum.

MARGERY JOURDAIN · Asmath!
Por esse Deus eterno cujo nome
te fez tremer de medo, dá-me pronta
resposta a quanto aqui vou perguntar-te.
Sem isso, não sairás de onde te encontras.

ESPÍRITO · Pergunta, então. Quisera o fim ver disto.

BOLINGBROKE *(lê)* ·
Primeiro sobre o rei: que será dele?

ESPÍRITO · Vive o duque que a Henrique há de depor;
mas por fim há de achar morte violenta.

(Enquanto o espírito fala, Southwell escreve a resposta.)

BOLINGBROKE ·
Que sorte aguarda o Duque de Suffolk?

ESPÍRITO ·
Morrerá na água, o fim nela encontrando.

BOLINGBROKE ·
E o Duque Somerset, como termina?

ESPÍRITO · Desconfie de castelos; mais a salvo
ele estará nos plainos arenosos
do que onde altos castelos se levantam.
Acabai! Prosseguir não me é possível.

BOLINGBROKE ·
Retorna à escuridão e ao fogo eterno
do lago abrasador. Vai-te, maldito!

(Trovões e relâmpagos. Desaparece o espírito.)

(Entram apressadamente York e Buckingham, com guardas e outras pessoas.)

YORK · Prendei esses traidores e toda essa
farandolagem. Bruxa, nós te tínhamos
de olho, é só o que eu te digo. O quê? A senhora
também neste lugar? O rei e o reino
vos saberão pagar a diligência.
Milorde protetor, não tenho dúvida,
vos recompensará pelo serviço.

DUQUESA · Não prejudica ao rei o meu serviço
nem a metade do que o teu costuma,
duque insolente, que sem causa ameaças.

BUCKINGHAM · É verdade, senhora; não há causa.
E disto, que dizeis?

(Mostra-lhe o papel.)

Levai-os logo;
prendei-os bem, deixando-os separados.
Vós, senhora, tereis de acompanhar-nos.
Stafford, fica com ela.

(Retiram-se do alto a duquesa e Hume, escoltados.)

Vão ser examinadas todas essas
bugigangas. Levai-os daqui todos!

(Saem Southwell, Bolingbroke etc., escoltados.)

YORK · Lorde Buckingham, vejo que a vigiastes
às maravilhas. Ótima conjura
para sobre ela levantarmos algo.
Deixai-me ler, milorde, essa escritura
do diabo. Mas, que vejo?
"Vive o duque que a Henrique há de depor,
mas por fim há de achar morte violenta."
Ora, isto é, justamente,
Aio, te, Aeacida, Romanos vincere posse.
Prossigamos:
"Que morte aguarda o Duque de Suffolk?
Morrerá na água, o fim nela encontrando.
E o Duque Somerset, como termina?
Desconfie de castelos; mais a salvo
ele estará nos plainos arenosos
do que onde altos castelos se levantam."
Vinde milorde, vinde; estes oráculos
foram duros de obter e são difíceis
de decifrar. O rei se acha a caminho

shakespearebrasileiro.org

de Santo Albano; com ele está o marido
desta adorável dama. Ora lhe enviemos
a notícia, gastando o tempo estrito
que exija um bom cavalo. Triste almoço
vai ter milorde protetor, realmente.
BUCKINGHAM ·
Suplico a Vossa Graça, Lorde de York,
consentir que seja eu o mensageiro
para que obtenha dele a recompensa.
YORK · Como o quiserdes, meu bom lorde. Olá!
Quem está aí?
(Entra um criado.)
Vai convidar de minha parte os Lordes
Warwick e Salisbury para cearem
esta noite comigo. Não demores!
(Fanfarras. Saem.)

Ato II · Cena I

Santo Albano.
Entram o Rei Henrique, a Rainha Margarida, Gloster, o Cardeal Beaufort e Suffolk, com falcoeiros que chamam pelos falcões.

RAINHA MARGARIDA ·
Podeis acreditar-me: a caça aquática
com falcões é desporto inigualável.
Nunca vi nada assim nestes sete anos.
No entanto, permiti que vos declare:
dez contra uma, tão forte estava o vento,
que mui dificilmente a velha Joana
levantaria o vôo.
REI HENRIQUE · Que saída
fez o vosso falcão, milorde! Como
pairava ele sereno sobre todos!
Deus se revela grande nas criaturas.
As aves e o homem se comprazem no alto.
SUFFOLK · Com permissão de Vossa Majestade,
não causa espanto que o falcão do lorde
protetor tenha vôo desse porte,
pois ele sabe que seu dono gosta
de pairar nas alturas e que joga,
de regra, o pensamento onde não podem
alcançar os falcões nos seus remígios.
GLOSTER · Considero, milorde, baixo o espírito
que não sobe mais alto do que um pássaro.
CARDEAL · É o que eu penso, também; ele quisera
ultrapassar as nuvens.
GLOSTER · Ah, milorde
cardeal, que estais dizendo? Vossa Graça
não gostaria de alcançar o céu?
REI HENRIQUE · A mansão da alegria sempiterna.
CARDEAL · Teu céu está na terra; o que esses olhos
e o espírito ambicionam é a coroa,
tesouro sem igual para o teu peito,
Protetor pernicioso, par nocivo
que o rei e o reino enganas com tua lábia!
GLOSTER · Como deixais, cardeal, que o sacerdócio
se vos torne, desta arte, peremptório?
Tantaene animis coelestibus irae?
SUFFOLK · Não há rancor, milorde, senão quanto
se faz mister para uma boa briga
e um par de tal ruindade.
GLOSTER · Quem, milorde?
SUFFOLK · Ora, milorde, vós, se a vosso grande
lorde protetorado isso não pesa.
GLOSTER · A Inglaterra conhece tua insolência,
Suffolk.
RAINHA MARGARIDA ·
E a tua ambição, Gloster.
REI HENRIQUE · Paz, querida!
Não concorrais para excitar os pares
já de si tão furiosos. São benditos
os que trabalham para a paz na terra.
CARDEAL ·
É o que eu serei, então, que minha espada
vai fazer que haja paz entre mim e este
protetor orgulhoso.
GLOSTER *(à parte, ao cardeal)* · Santo tio,
realmente, desejara que assim fosse.
CARDEAL *(à parte, a Gloster)* · É só teres coragem.
GLOSTER *(à parte, ao cardeal)* ·
Deixa à parte
teus asseclas; sozinho me respondas
pelo insulto de agora.
CARDEAL *(à parte, a Gloster)* · Embora eu saiba
que te falta coragem... Bem, se ousares

shakespearebrasileiro.org

aparecer: à tarde, no lado este
da alameda sombria.
REI HENRIQUE · Então, milordes?
CARDEAL · Podeis acreditar-me, primo Gloster:
se vosso falcoeiro não tivesse
sido tão apressado em chamar a ave,
nós teríamos tido melhor caça.
(À parte, a Gloster.)
Leva tua espada dupla.
GLOSTER · Está bem, tio.
CARDEAL *(à parte, a Gloster)* ·
Compreendestes? No lado este do bosque.
GLOSTER *(à parte, ao cardeal)* ·
Ficai certo, cardeal; lá nos veremos.
REI HENRIQUE ·
Tio Gloster, que é que há?
GLOSTER · Nós conversávamos
de falcoaria; nada mais, milorde.
(À parte, ao cardeal) Toma cuidado, padre! Pela mãe
de Deus, eu vou raspar essa coroa,
ou então não saberei pegar na espada.
CARDEAL · *Medice teipsum.*
Protetor, tomai tento, protegei-vos!
REI HENRIQUE ·
O vento ameaça tempestades, lordes,
como vossa coragem. Essa música
me desagrada. Quando desafinam
tais cordas, que esperança há de harmonia?
Deixai que eu solucione essa pendência.
(Entra um morador de Santo Albano, gritando: Um milagre!)
GLOSTER · Que significa esse barulho? Amigo,
que espécie de milagre vais contar-nos?
O MORADOR · Um milagre! Um milagre!
SUFFOLK · Vai até o rei e narra-lhe o milagre.
O MORADOR · Há meia hora, só, um cego, diante
do altar de Santo Albano, ficou vendo.
Nunca tinha enxergado em toda a vida.
REI HENRIQUE ·
Que Deus seja louvado! Para as almas
cheias de fé, faz ele luz das trevas
e ministra conforto na desgraça.
(Entra o prefeito de Santo Albano com seus confrades. Simpcox vem carregado em uma cadeira por dois homens; sua mulher e grande multidão o seguem.)
CARDEAL · Aí vêm em procissão os moradores
apresentar a Vossa Alteza o homem.
REI HENRIQUE ·
Grande vai ser o seu conforto neste
vale terreno; mas a vista pode
dar-lhe azo de pecar muito mais vezes.
GLOSTER · Parai aí, senhores! Trazei o homem
para perto do rei; é da vontade
de Sua Graça conversar com ele.
REI HENRIQUE ·
Conta-nos, caro amigo, as circunstâncias,
para que a Deus louvemos por tua causa.
Nasceste cego e agora estás com vista?
SIMPCOX · Com licença de Vossa Graça, sou cego
de nascença.
A MULHER · É isso mesmo; nasceu cego.
SUFFOLK · Quem é essa mulher?
A MULHER · Sou mulher dele, com licença de Vossa
Senhoria.
GLOSTER · Se fosses mãe poderias estar melhor
informada.
REI HENRIQUE · Onde nasceste?
SIMPCOX · Em Berwick, no norte, com licença de
Vossa Graça.
REI HENRIQUE ·
Pobre alma! Foi bondoso Deus contigo.
Não deixes mais passar uma só noite,
dia nenhum, sem orações; sê grato
por tudo o que te fez o Onipotente.
RAINHA MARGARIDA ·
Foi por acaso, amigo, ou de propósito
que procuraste o altar de Santo Albano?
SIMPCOX · Foi pura devoção, Deus é que o sabe.
Mais de cem vezes, muito mais, em sonhos
o santo generoso me chamava
pelo nome, dizendo: Vem, Simpcox,
rezar no meu altar, que eu te protejo.
A MULHER · É verdade, senhora; muitas vezes
eu própria ouvi a voz que lhe falava.
CARDEAL ·
Como! És coxo?
SIMPCOX · Que Deus não me abandone!
SUFFOLK · Por que ficaste assim?
SIMPCOX · Caí de uma árvore.
A MULHER · Sim, meu senhor, caiu de uma
ameixeira.
GLOSTER · Desde quando eras cego?
SIMPCOX · Oh! Nasci cego.
GLOSTER · E trepavas em árvores sem veres?

shakespearebrasileiro.org

SIMPCOX · Uma só vez, senhor, em toda a vida; quando era moço ainda.
A MULHER · É certo; e caro, muito caro pagou a tal subida.
GLOSTER · Para arriscares tanto, era preciso que fosses mesmo doido por ameixas.
SIMPCOX · Minha mulher, senhor, queria ameixas. Fez-me subir, senhor, por isso, na árvore, com perigo de vida.
GLOSTER · O rapazinho é esperto; mas de pouco isto lhe serve. Mostra-me os olhos! Vamos! Fecha-os! Abre-os! Quero crer que não vês ainda direito.
SIMPCOX · Tão claro como o dia, mestre, graças a Deus e a Santo Albano.
GLOSTER · Que me dizes? De que cor é este manto?
SIMPCOX · Cor de sangue; vermelho como sangue.
GLOSTER · Muito bem; e a cor do meu casaco?
SIMPCOX · É preto, mestre; preto como azeviche.
REI HENRIQUE · Como podes conhecer azeviche?
SUFFOLK · Penso que ele jamais teve ocasião de contemplá-lo.
GLOSTER · Mas casacos e mantos, aos milhares.
SIMPCOX · Jamais, senhor, em toda a minha vida.
GLOSTER · Dize, velhaco, então, qual é o meu nome.
SIMPCOX · Como posso sabê-lo, mestre? Ignoro-o.
GLOSTER · E o nome deste aqui?
SIMPCOX · Não sei, senhor.
GLOSTER · E o deste?
SIMPCOX · Também não sei, senhor.
GLOSTER · E tu, como te chamas?
SIMPCOX · Saunder Simpcox, com licença de Vossa Senhoria.
GLOSTER · Pois bem, Saunder, tu és o mais refinado velhaco de toda a cristandade. Se tivesses nascido cego, ser-te-ia tão fácil os nossos nomes, como as cores de nossas vestimentas. A visão permite distinguir cores, mas nomeá-las de súbito, é impossível. Meus senhores, Santo Albano fez um milagre neste caso; não julgais que seria prova de grande habilidade restituir as pernas a este aleijado?
SIMPCOX · Oh, mestre, se o conseguísseis!
GLOSTER · Senhores de Santo Albano, por acaso não tendes beleguins na cidade e essa coisa a que se dá o nome de chibata?
PREFEITO · Perfeitamente, milorde, com licença de Vossa Graça.
GLOSTER · Então ide buscar-mos, sem demora.
PREFEITO · Vai correndo, maroto, chamar um beleguim.

(Sai um dos moradores.)

GLOSTER · Ponham um banco neste lugar. *(Trazem-lhe um banco.)* E agora, meu velho, se não quiseres ser chibateado, pula por cima deste banco, e põe-te ao fresco.
SIMPCOX · Ah, meu senhor! Eu sou incapaz de ficar de pé, sozinho. Ides torturar-me inutilmente.

(Volta o morador, acompanhado de um beleguim com um chicote.)

GLOSTER · Não há dúvida, senhor; nós vamos restituir-vos as pernas. Beleguim, aplica-lhe umas chibatadas, até que ele salte por cima deste banco.
BELEGUIM · Pois não, milorde! Vamos, arranca o gibão!
SIMPCOX · Ah, mestre! Como o poderei fazer? Sou incapaz de ficar de pé.

(Depois da primeira chibatada, Simpcox salta por cima do banco e sai correndo. O povo o acompanha, gritando: Um milagre!)

REI HENRIQUE · Oh Deus! Como permites estas coisas!
RAINHA MARGARIDA · Fez-me rir o malandro, a correr tanto!
GLOSTER · Segui-o; levai presa esta rameira.
A MULHER · Oh, senhor! Só o fizemos por miséria.
GLOSTER · Que seja chibateado nas cidades, até Berwick, que é de onde eles vieram.

(Saem o prefeito, o beleguim, a mulher, etc.)

CARDEAL · Fez um grande milagre o protetor.
SUFFOLK · Um coxo transformou num corredor.
GLOSTER · Mais do que isso fizeste: num só dia; cidades a gritar, em correria.

(Entra Buckingham.)

REI HENRIQUE · Que novidades traz o primo Buckingham?
BUCKINGHAM · Novas que o coração me deixam trêmulo,

shakespearebrasileiro.org

à idéia de contar-vo-las. Um grupo
de malfeitores, gente sem princípios,
sob o amparo imediato da senhora
do lorde protetor, dama Eleonor,
cabeça dessa turba, se livraram
a atos nocivos para vosso Estado,
com bruxas conversando e feiticeiros.
Surpreendemos a todos em flagrante
ao chamarem espíritos do inferno,
para inquiri-los sobre a vida e a morte
do Rei Henrique e de outras personagens
do conselho privado da coroa,
como, com mais vagar, Vossa Grandeza
vai ser notificado inteiramente.
Cardeal · Desse modo, milorde, vossa esposa
se acha detida em Londres. A notícia,
quero crer, vos embota à espada o fio.
Faltareis, por sem dúvida, ao encontro.
Gloster · Deixa de me afligir, padre ambicioso;
a desgraça e a tristeza me venceram,
quebrando-me o vigor. E, assim, vencido,
te cedo em tudo, como cederia
ante o mais desprezível dos lacaios.

Rei Henrique ·
Oh Deus! De quanto dano os maus são causa,
provocando, dessa arte, a própria ruína?
Rainha Margarida ·
Gloster, vê nisso a mancha do teu ninho.
Cuida agora de ti com mais carinho.
Gloster · O céu é testemunho onisciente
do meu amor ao rei e à minha gente.
Quanto à minha mulher, não sei dizê-lo;
entristece-me ouvir o que contaram.
Ela é de origem nobre; mas, se acaso
da honra veio a esquecer-se e da virtude,
a ponto de tratar com gente baixa
que, igual ao piche, mancha a alta nobreza,
expulso-a do meu leito com tristeza,
entregando-a à vergonha, à lei e à morte,
por me haver desonrado desta sorte.
Rei Henrique · Por esta noite aqui repousaremos;
amanhã voltaremos para Londres,
para o assunto estudarmos mais de espaço
e chamarmos à conta os criminosos.
Peso igual será posto na balança;
a espada da justiça tudo alcança.

(Saem.)

Ato II · Cena II

Londres. Jardim do Duque de York.
Entram York, Salisbury e Warwick.

York · Caros Lordes de Warwick e Salisbury,
agora que concluímos nossa parca
refeição, permiti que, enquanto damos
um pequeno passeio, para minha
satisfação vos interrogue sobre
meu título à coroa da Inglaterra,
que a meu ver é seguro e irrefutável.
Salisbury · Desejo ouvir vossas razões, milorde.
Warwick · Meu caro York, aqui estamos; se for justo
tudo quanto pretendes, é certeza
porem-se os Nevils todos sob teu mando.
York · Eis o caso, senhores: teve Eduardo
terceiro sete filhos: o primeiro
foi o Príncipe Negro, de igual nome,
o Príncipe de Gales; o segundo
foi Guilherme de Hatfield; após, Lionel,
o Duque de Clarence; João de Gaunt
nasceu depois, o Duque de Lencastre;
depois desse nasceu o Duque de York,
Edmundo de Langley; Tomás Woodstock,
Duque de Gloster, foi o sexto; o sétimo
e último filho foi Guilherme de Windsor.
O Príncipe de Gales morreu antes
do próprio pai, deixando um filho apenas,
Ricardo, que foi rei depois da morte
de Eduardo, até que o Duque de Lencastre,
Henrique Bolingbroke, filho e herdeiro
de João de Gaunt, coroado sob o título
de Henrique quarto, viesse a tomar posse
do trono, após depor o rei legítimo,
enviando a pobre rainha para a França,
de onde ela viera, e o rei para Pomfret,
onde, como o sabeis, o inofensivo

shakespearebrasileiro.org

Ricardo foi traiçoeiramente morto.
WARWICK · Pai, o duque falou pura verdade;
foi desse modo que subiu ao trono
a casa de Lencastre.
YORK · Pela força,
não por nenhum direito, é que o conservam,
pois uma vez que faleceu Ricardo,
filho do primogênito, devia
ter reinado o nascido do mais próximo.
SALISBURY ·
Mas Guilherme morreu sem deixar filhos.
YORK · Sim, mas o Duque de Clarence, cujos
títulos eu reclamo, por vir dele,
que era o terceiro filho de Eduardo,
deixou prole: Filipa, com que veio
a se casar, depois, Mortimer, Conde
de March, de quem nasceu Rogério, Conde
de March, tal como o pai. Dele nasceram
Edmundo, Ana e Eleonor.
SALISBURY ·
Este Edmundo, conforme o li, no reino
de Bolingbroke, reclamou a coroa,
e rei teria sido a não ser Owen
Glendower, que até à morte o teve preso.
Mas ouçamos, enfim, a história toda.
YORK · Com Ana, minha mãe, sua irmã mais velha,
lídima herdeira da real coroa,
casou Ricardo, Conde de Cantuária,
que era filho de Edmundo, quinto filho
de Eduardo, o terceiro desse nome.
Apóio nele as minhas pretensões,
por ter sido ela herdeira de Rogério,
Conde de March, que foi filho de Mortimer,
marido de Filipa, única filha
do Duque de Clarence. Desse modo,
se sempre a descendência do mais velho
sobe primeiro ao trono, o rei sou eu.
WARWICK ·
Não pode haver nada mais claro. Henrique
reclama o trono pelo quarto filho,
João de Gaunt; York o fez pelo terceiro.
Enquanto a descendência de Lionel
não desaparecer de todo, a do outro
não poderá reinar. E o fato é que ela
não desapareceu; floresce em ti,
nos teus filhos, pimpolhos desse tronco.
Logo, pai Salisbury, ajoelhemo-nos
neste lugar quieto, para sermos
os primeiros que a nosso soberano
legítimo saudamos, acatando-lhe
a honra de seus direitos à coroa.
AMBOS · Juntos, um viva demos a Ricardo,
nosso rei, soberano da Inglaterra!
YORK · Nós vos agradecemos; mas não posso
ser vosso rei, antes de ser coroado
e sem que tinja a lâmina no sangue
da casa de Lencastre, e isso não pode
jamais ser conseguido de um só golpe,
mas com muita prudência e discrição.
Segui o meu exemplo nestes dias
perigosos, não vendo as insolências
do Duque de Suffolk, o insuportável
orgulho de Beaufort, a ambição grande
de Somerset, de Buckingham, do bando
deles, até que tenham liquidado
com o pastor do rebanho, esse virtuoso
príncipe, o Duque de Humphrey, de alma boa.
Isso busca essa gente e, buscando isso,
vão a morte encontrar, se York é profeta.
SALISBURY · Milorde, separemo-nos; já estamos
ao corrente de vossos pensamentos.
WARWICK ·
Diz-me o peito que um dia o Conde Warwick
há de fazer um rei do Duque de York.
YORK · Uma só coisa, Nevil, eu prometo:
Ricardo há de viver, para que o Conde
de Warwick fique sendo o maior homem
na Inglaterra, depois do soberano.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena III

O mesmo. Sala da Justiça.
Toque de trombetas. Entram o Rei Henrique, a Rainha Margarida, Gloster, York, Suffolk e Salisbury; a Duquesa de Gloster, Margery Jourdain, Southwell, Hume e Bolingbroke, escoltados.

REI HENRIQUE ·
Vinde, dama Eleonor Cobham, esposa
de Gloster; avançai. Aos nossos olhos
e aos de Deus, vosso crime é muito grande.
Recebei a sentença cominada
pela lei para crimes que no livro
de Deus merecedores são da morte.
Vós quatro voltareis para a prisão,
de onde sereis tirados para a pena
capital. Em Smithfield a feiticeira
será queimada e reduzida a cinzas;
vós três sereis na forca estrangulados.
Vós, senhora, de nobre nascimento,
em vida perdereis as regalias
e, depois de uma penitência pública
de três dias, íreis viver banida
em vossa própria terra, com Sir John
Stanley, na Ilha de Man.
DUQUESA · Aceito o exílio,
como aceitara alegremente a morte.
GLOSTER · Eleonor, como vês, a lei julgou-te;
justificar não posso o que a lei pune.
(Saem a duquesa e os demais prisioneiros, escoltados.)
Nos olhos tenho lágrimas, tristezas
sem fim no coração. Humphrey de Gloster,
semelhante desonra, em tua idade,
sob o peso das mágoas, a cabeça
te obrigará a baixar até o sepulcro.
Suplico permissão a Vossa Graça
para me retirar; consolo querem
minhas angústias; a velhice, calma.
REI HENRIQUE ·
Espera ainda um momento, Humphrey de Gloster;
entrega-me o bastão. Deseja Henrique
proteger-se a si próprio. Deus será
minha esperança, meu amparo e guia;
a luz que há de alumiar, enfim, meus passos.
E agora podes ir, Humphrey de Gloster,
não menos estimado que no tempo
em que eras protetor do rei.
RAINHA MARGARIDA · Não vejo
razão de precisar o rei adulto
de protetor, ao jeito de meninos.
Deus e o rei mandarão nesta Inglaterra.
Dai ao rei o bastão, senhor, e a terra.
GLOSTER ·
Meu bastão? Nobre Henrique, ei-lo; aqui o tens.
De tão bom grado agora aqui o resigno,
como teu pai Henrique ao confiar-mo;
e tão alegremente aos pés to deixo,
como ambiciosamente outros o esperam.
Adeus, bom rei; que em paz chegues ao porto,
quando eu for para longe e estiver morto.
(Sai.)
RAINHA MARGARIDA ·
Até que enfim Henrique é rei, de fato,
Margarida rainha e Humphrey de Gloster
menos do que ele próprio, de tal modo
sai mutilado sob tão duros golpes:
sim, que a esposa banida a isso equivale.
Confiscado o bastão... Pois que este fique
onde devera estar, na mão de Henrique.
SUFFOLK · Assim dobra Eleonor o altivo colo
como pinheiro os ramos para o solo.
YORK · Deixai-o ir, senhores. Com licença
de Vossa Majestade, está para hoje
marcado o duelo e prontos os dois homens,
o queixoso e o acusado. Para a liça
podem o armeiro e o aprendiz ser conduzidos,
se quiser ver a luta Vossa Alteza.
RAINHA MARGARIDA ·
Sim, meu bom lorde; vim da corte apenas
para ver o remate dessa briga.
REI HENRIQUE ·
Em nome, pois, de Deus, aprontai tudo;
acabemos com isso; Deus é justo.
YORK · Nunca vi ninguém mais apavorado
e em ruins disposições do que o apelante,
o aprendiz desse armeiro, meus senhores.
(Entram, por um lado, Horner e seus vizinhos, que bebem com ele, a ponto de o deixarem embriagado; Horner traz

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena III

O mesmo. Sala da Justiça.
Toque de trombetas. Entram o Rei Henrique, a Rainha Margarida, Gloster, York, Suffolk e Salisbury; a Duquesa de Gloster, Margery Jourdain, Southwell, Hume e Bolingbroke, escoltados.

REI HENRIQUE ·
Vinde, dama Eleonor Cobham, esposa
de Gloster; avançai. Aos nossos olhos
e aos de Deus, vosso crime é muito grande.
Recebei a sentença cominada
pela lei para crimes que no livro
de Deus merecedores são da morte.
Vós quatro voltareis para a prisão,
de onde sereis tirados para a pena
capital. Em Smithfield a feiticeira
será queimada e reduzida a cinzas;
vós três sereis na forca estrangulados.
Vós, senhora, de nobre nascimento,
em vida perdereis as regalias
e, depois de uma penitência pública
de três dias, íreis viver banida
em vossa própria terra, com Sir John
Stanley, na Ilha de Man.
DUQUESA · Aceito o exílio,
como aceitara alegremente a morte.
GLOSTER · Eleonor, como vês, a lei julgou-te;
justificar não posso o que a lei pune.
(Saem a duquesa e os demais prisioneiros, escoltados.)
Nos olhos tenho lágrimas, tristezas
sem fim no coração. Humphrey de Gloster,
semelhante desonra, em tua idade,
sob o peso das mágoas, a cabeça
te obrigará a baixar até o sepulcro.
Suplico permissão a Vossa Graça
para me retirar; consolo querem
minhas angústias; a velhice, calma.
REI HENRIQUE ·
Espera ainda um momento, Humphrey de Gloster;
entrega-me o bastão. Deseja Henrique
proteger-se a si próprio. Deus será
minha esperança, meu amparo e guia;
a luz que há de alumiar, enfim, meus passos.
E agora podes ir, Humphrey de Gloster,
não menos estimado que no tempo
em que eras protetor do rei.
RAINHA MARGARIDA · Não vejo
razão de precisar o rei adulto
de protetor, ao jeito de meninos.
Deus e o rei mandarão nesta Inglaterra.
Dai ao rei o bastão, senhor, e a terra.
GLOSTER ·
Meu bastão? Nobre Henrique, ei-lo; aqui o tens.
De tão bom grado agora aqui o resigno,
como teu pai Henrique ao confiar-mo;
e tão alegremente aos pés to deixo,
como ambiciosamente outros o esperam.
Adeus, bom rei; que em paz chegues ao porto,
quando eu for para longe e estiver morto.
(Sai.)
RAINHA MARGARIDA ·
Até que enfim Henrique é rei, de fato,
Margarida rainha e Humphrey de Gloster
menos do que ele próprio, de tal modo
sai mutilado sob tão duros golpes:
sim, que a esposa banida a isso equivale.
Confiscado o bastão... Pois que este fique
onde devera estar, na mão de Henrique.
SUFFOLK · Assim dobra Eleonor o altivo colo
como pinheiro os ramos para o solo.
YORK · Deixai-o ir, senhores. Com licença
de Vossa Majestade, está para hoje
marcado o duelo e prontos os dois homens,
o queixoso e o acusado. Para a liça
podem o armeiro e o aprendiz ser conduzidos,
se quiser ver a luta Vossa Alteza.
RAINHA MARGARIDA ·
Sim, meu bom lorde; vim da corte apenas
para ver o remate dessa briga.
REI HENRIQUE ·
Em nome, pois, de Deus, aprontai tudo;
acabemos com isso; Deus é justo.
YORK · Nunca vi ninguém mais apavorado
e em ruins disposições do que o apelante,
o aprendiz desse armeiro, meus senhores.
(Entram, por um lado, Horner e seus vizinhos, que bebem com ele, a ponto de o deixarem embriagado; Horner traz

shakespearebrasileiro.org

um bastão com um saco de areia numa das pontas; um tambor o precede. Por outro lado, entra Peter, com um tambor e um saco de areia, acompanhado de aprendizes, que bebem com ele.)

PRIMEIRO VIZINHO · Vizinho Horner, bebo convosco um copo de xerez. Nada de medo, vizinho; haveis de sair-vos bem.

SEGUNDO VIZINHO · E aqui, vizinho, um copinho de charneco.

TERCEIRO VIZINHO · E eu aqui uma caneca de boa cerveja dupla, vizinho. Bebei e não tenhais medo do vosso homem.

HORNER · Por minha fé, deixai-o vir, que haveis de ver como eu me arranjarei. Uma figa para Peter.

PRIMEIRO APRENDIZ · Peter, aqui! Bebo à tua saúde. Nada de medo.

SEGUNDO APRENDIZ · Alegra-te, Peter, e não tenhas medo de teu mestre. Defende o nome dos aprendizes.

PETER · Agradeço a todos. Bebei e rezai por mim, é o que vos peço, pois penso que já bebi o meu último trago neste mundo. Escuta, Robin, no caso de eu morrer, dou-te o meu avental; tu Will, ficarás com o meu martelo; Tom, fica desde já com todo o dinheiro que me resta. Só peço que Deus me abençoe; não é possível que eu resista ao meu mestre, que aprendeu muito bem a combater.

SALISBURY · Vamos, parai com a bebida e iniciai logo os golpes. Como te chamas, maroto?

PETER · Peter, ora essa!

SALISBURY · Peter de quê?

PETER · Peter Cachação.

SALISBURY · Cachação! Vê então se aplicas uns bons cachações em teu mestre.

HORNER · Meus mestres, eu vim aqui, como quem diz, por instigação de meu aprendiz, para provar que ele não passa de um velhaco e que eu sou homem de bem. No que respeita ao Duque de York, quero morrer se em algum tempo lhe desejei algum mal, ou ao rei, ou à rainha. E agora, Peter, cuida de ti, que vou malhar-te de rijo.

YORK · Já está engrolando a língua este velhaco. Tocai logo o sinal para o combate.

(Toque de trombetas. Batem-se; Peter derruba o mestre.)

HORNER · Pára, Peter! Pára! Confesso, confesso a minha traição.

(Morre.)

YORK · Tirai-lhe a arma. Amigo, rende graças a Deus e ao bom vinho que subiu à cabeça do teu mestre.

PETER · Oh Deus! Venci meus inimigos diante de uma assembléia como esta? Oh Peter! fizeste prevalecer o teu direito.

REI HENRIQUE · Tirai esse traidor de minha vista; com a morte demonstrou que era culpado.
Deus, em sua justiça, revelou-nos
a verdade e a inocência deste pobre
rapaz, que o criminoso desejara
matar injustamente. Amigo, vamos;
vais receber a tua recompensa.

(Trombetas; saem.)

Ato II · Cena IV

O mesmo. Uma rua.
Entra Gloster, com criados, em trajes de luto.

GLOSTER · Assim, não raro, no mais claro dia
há nuvem e ao verão sucede sempre
do seco inverno o frio navalhante.
As penas e alegrias se sucedem
tal como as estações. Que horas, senhores?

CRIADO · São dez horas, milorde.

GLOSTER · Então estamos
na hora precisa que me foi imposta
para vir ver passar minha duquesa
condenada. Difícil há de ser-lhe
suportar a aspereza do caminho,
pôr os pés delicados no chão duro.
Querida Nell, como tua alma nobre
deve a vista sofrer do populacho
desprezível que o rosto te contempla

shakespearebrasileiro.org

com olhares sarcásticos, zombando
de tua humilhação, essas pessoas
que costumavam ir empós de tua
carruagem soberba, quando as ruas
da cidade, em triunfo, atravessavas!
Quietinhos! Creio que ela vem chegando.
Vou limpar estes olhos macerados
pelo choro e a miséria contemplar-lhe.

(Entra a Duquesa de Gloster, vestida de camisa branca, com um papel preso às costas, descalça e uma tocha acesa na mão; acompanham-na Sir John Stanley, um xerife e oficiais.)

CRIADO · Se Vossa Graça, consentir, nós vamos
tomá-la do xerife.
GLOSTER · Não; quietinhos!
Deixemo-la passar, por vossa vida.
DUQUESA · Vieste ver, meu senhor, minha vergonha?
A penitência é de ambos. Vê que todos
nos contemplam; vê como eles te apontam
com o dedo, esses basbaques, como te olham,
sacudindo a cabeça. Ah, caro Gloster,
evita esses olhares rancorosos:
chora a minha vergonha no teu quarto,
sozinho e amaldiçoa os teus imigos,
os nossos inimigos.
GLOSTER · Sê paciente,
querida Nell; esquece a humilhação.
DUQUESA ·
Então, Gloster, me ensina como eu possa
de mim própria esquecer-me. Quando penso
que sou tua consorte e que és um príncipe,
protetor do país, quer parecer-me
que eu não devia ser assim levada,
coberta de vergonha, com um letreiro
no dorso e perseguida pela plebe
que acha prazer em ver as minhas lágrimas
e ouvir-me suspirar do fundo da alma.
As pedras impiedosas me machucam
os delicados pés, e, quando mostras
eu dou de sofrimento, o populacho
ri, mandando que eu veja onde me afirmo.
Ah, caro Gloster, pensas que é possível
suportar este jugo vergonhoso,
que eu possa contemplar de novo o mundo,
considerar felizes os que ainda
à luz do sol se alegram? Não; o escuro
minha luz há de ser; a noite, o dia;
meu inferno, pensar no antigo fausto.
Algumas vezes me direi que a esposa
eu sou de Humphrey de Gloster e ele um príncipe
e regente da terra. Mas embora
regesse e fosse príncipe, impassível
ele ficou, ao ver sua esquecida
duquesa transformada em maravilha
para os basbaques e alvo das graçolas
destes bobos ociosos. Sê paciente,
não te envergonhes com o que me fazem
e, impassível, espera que o machado
da morte sobre ti fique suspenso,
o que, poderás crer-me, não demora,
pois Suffolk, que tudo pode junto
daquela que te odeia, tem-nos ódio,
como York e o ímpio Beaufort, o padre falso.
Eles puseram visco pelos ramos
para prender-te as asas. Pouco importam
todos os teus esforços, serás preso.
Mas, enquanto tiveres os pés livres,
nada receies, nem te precipites
indo de encontro à traça dos imigos.
GLOSTER · Basta, querida Nell, falas à toa.
Para eu ser atingido, é necessário
cometer uma falta. Embora o número
de meus imigos fosse vinte vezes
maior e cada um deles se orgulhasse
de força vinte vezes aumentada,
mal algum poderão eles causar-me
enquanto eu for sincero, leal e puro.
Desejaras que eu fosse em teu socorro,
no opróbrio em que te encontras? Mas o escândalo,
ainda assim, de existir não deixaria,
e eu correra perigo, por ser tido
como infrator da lei. A calma é o único
consolo que te resta. Eu te suplico,
querida Nell, que o coração revistas
de paciência. Verás que não demoram
a passar estes dias humilhantes.

(Entra um arauto.)

ARAUTO · Intimo Vossa Graça a comparecer no
parlamento de Sua Majestade, que deverá reunir-se
em Bury, no primeiro dia do mês próximo.
GLOSTER · Sem que o consentimento me pedissem!
Esquisito... Está bem; não faltarei.

(Sai o arauto.)

Despeço-me de ti, querida Nell.

shakespearebrasileiro.org

Mestre xerife, não deixeis que a pena
vá além da cominada pelo rei.
XERIFE · Não se zangue com isso Vossa Graça,
mas minha comissão termina aqui.
Agora é a Sir John Stanley que compete
acompanhá-la até à Ilha de Man.
GLOSTER · Sir John, estais encarregado, agora,
de guardar minha esposa?
STANLEY · Com licença
de Vossa Graça, deram-me a incumbência.
GLOSTER · Não useis de aspereza por pedir-vos
que a trateis com bondade. É bem possível
que o mundo torne a rir e eu tenha vida
para recompensar-vos, se com ela
fordes bondoso. E assim, Sir John, adeus.
DUQUESA · Já vos ides, senhor, sem me dizerdes
adeus?
GLOSTER · Dão testemunho minhas lágrimas
de que não me é possível falar nada.
(Sai Gloster com os criados.)
DUQUESA · Já partiste? Levaste o meu consolo.
Nada me resta; a morte é que me alegra,
a morte, cujo nome tantas vezes
me pôs medo, por ter eu desejado
alcançar neste mundo a eternidade.
Peço-te, Stanley, leva-me depressa,
pouco importa para onde, pois dispenso
todo favor; depressa! Cumpre as ordens
que tens a meu respeito.
STANLEY · É a Ilha de Man,
minha senhora, onde sereis tratada
conforme o vosso estado.
DUQUESA · Neste caso,
muito mal, que é completo o meu opróbrio.
Tratar-me-eis por maneira vergonhosa?
STANLEY · Como duquesa é que sereis tratada,
como esposa do Duque Humphrey de Gloster.
DUQUESA · Xerife, passai bem, melhor do que eu,
embora o condutor tivésseis sido
de minha humilhação.
XERIFE · É meu ofício,
minha senhora. Por favor, perdoai-me.
DUQUESA · Sim, sim, adeus; estais desobrigado.
Vamos, Stanley; ficamos ou seguimos?
STANLEY · Senhora, terminada a penitência,
tirai essa camisa. Vamos logo
cuidar de preparar-vos para a viagem.
DUQUESA · Se a camisa eu tirar, não me despojo,
com isso, da vergonha. Não; nas vestes
mais ricas ficaria ela aderente,
e se mostrara a todos, fosse a minha
vestimenta qual fosse. Vamos, leva-me;
desejo ver minha prisão quanto antes.
(Saem.)

Ato III · Cena I

A abadia de Santo Edmundo, em Bury.
Toque de clarins. Entram para o parlamento o Rei Henrique, a Rainha Margarida, o Cardeal Beaufort, Suffolk, York, Buckingham e outros.

REI HENRIQUE ·
Estranho que Milorde Humphrey de Gloster
não tenha vindo. É contra o seu caráter
ser o último a chegar, qualquer que tenha
sido a razão de seu atraso agora.
RAINHA MARGARIDA ·
Não podeis ver, ou não quereis, apenas,
observar a mudança de seu todo,
a majestade com que diz as coisas,
quão insolente se tornou, em tudo
diferente, orgulhoso, peremptório?
Conhecemo-lo afável e bondoso;
bastava que de longe o relanceássemos,
para se pôr de joelhos. Toda a corte
lhe admirava, por isso, a submissão.
Mas agora, se o encontro, embora seja
pela manhã, no tempo em que é costume
desejar-se bom dia, o cenho franze,
lança olhar carrancudo e passa teso,
sem dobrar os joelhos, desdenhoso
das honras que nos cabem por direito.
Ninguém liga ao rosnado de cãezinhos;
mas até mesmo os homens corajosos,

shakespearebrasileiro.org

ao rugido do leão, tremem de susto.
Humphrey não é pessoa de somenos
importância no reino; se cairdes,
a ascensão será dele. Por tudo isso,
me parece não ser boa política —
conhecendo-lhe o gênio rancoroso
e quanto lucrará com vossa morte —
deixar que ele rodeie Vossa Alteza
ou que seja admitido no conselho
de Vossa Real Pessoa. Usando apenas
de adulação, granjeou as boas-graças
da gente miúda. É de temer, portanto,
que todos o acompanhem, se ele a idéia
tiver de revoltar-se. Nós estamos
na primavera, tempo em que a cizânia
é fácil de arrancar. Se permitirdes
que viceje, invade ela o jardim todo
e acaba sufocando a plantação,
por falta de cultivo. O respeitoso
cuidado que dedico a Vossa Graça
é que me leva a deduzir tais coisas
do semblante do duque. Se provarem
que não tenho razão, chamai a tudo
receios de mulher, e se estes forem
suscetíveis de serem dissipados
mediante o raciocínio, de bom grado
me desdirei de tudo, confessando
que caluniei o duque. Contestai-me,
Lordes de York, Suffolk e Buckingham,
se o puderdes, ou então concluí comigo
que em tudo que falei fui verdadeira.

SUFFOLK · Soube ver muito bem Vossa Grandeza
no interior desse duque. Se eu tivesse
dado minha opinião antes da vossa,
teria dito a história que acabamos
de ouvir de Vossa Graça. Aposto a vida
em como ele influiu sobre a duquesa
para entregar-se às práticas diabólicas.
Mas, mesmo que não fosse ele partícipe
do crime dela, o reputar-se de alta
estirpe, o ter-se em conta do mais próximo
herdeiro da coroa, e, ainda, quejandas
jactâncias de nobreza, influiriam
para excitar o cérebro doentio
da mulher, o que a fez usar de meios
pecaminosos para a total queda
do nosso soberano. As águas correm
mansamente onde o leito é mais profundo.
Dissimula traição seu todo simples.
Não regouga a raposa no momento
de roubar o cordeiro. Não, milorde,
Gloster é um homem que não foi sondado,
mas a sua perfídia é imperscrutável.

CARDEAL · Contra as formas da lei não criou ele
mortes estranhas para faltas leves?

YORK · E, quando protetor, não fez coletas
de dinheiro, no reino, para o soldo
do exército da França, dinheiro esse
que nunca foi enviado e que deu azo
às freqüentes revoltas das cidades?

BUCKINGHAM · Ora, são faltazinhas, em confronto
com as faltas ignoradas, mas que o tempo
mostrará no insinuante Duque de Humphrey.

REI HENRIQUE ·
Milordes, um momento. Esse cuidado,
que revelais, de remover espinhos
que aos pés nos poderiam ser nocivos,
é digno de louvor. Mas, em consciência,
nosso parente Gloster é tão pouco
capaz de excogitar qualquer tramóia
contra nossa pessoa, como a ovelha
recental ou a pombinha inofensiva.
O duque é muito bom, meigo e virtuoso
para pensar no mal ou, ainda, para
trabalhar com a intenção de me depor.

RAINHA MARGARIDA ·
Que pode haver de mais prejudicial
do que uma tal confiança? É uma pombinha?
Nesse caso, traz penas emprestadas,
pois na alma é como o corvo detestável.
É cordeiro? Sem dúvida, de pele
tomada de outrem, que o temperamento
como lobo roubaz o qualifica.
Quem não sabe mudar de compostura,
quando intenta enganar? Muito cuidado,
milorde! Nosso bem-estar depende
da supressão desse homem fraudulento.

(Entra Somerset.)

SOMERSET · Saúde a meu gracioso soberano!

REI HENRIQUE ·
Bem-vindo, Lorde Somerset! Que novas
nos trouxeste da França?

shakespearebrasileiro.org

SOMERSET · Que se encontram
prejudicados vossos interesses
naqueles territórios: quanto tínhamos
por lá, se acha perdido.
REI HENRIQUE · Más notícias,
Milorde Somerset; mas Deus é grande.
YORK *(à parte)* · Más novas para mim, que alimentava
na França tão risonhas esperanças,
como no fértil solo da Inglaterra.
Em botão minhas flores se estiolam
e os bichos me devoram a folhagem.
Mas eu arranjarei esse negócio
sem perder tempo, ou venderei meu título
por uma gloriosa sepultura.

(Entra Gloster.)

GLOSTER · Saúde e paz ao meu senhor e rei!
Desculpai-me, senhor, pela demora.
SUFFOLK · Não, Gloster; fica certo de que vieste
cedo demais, a menos que tu fosses
mais leal do que és, de fato. Eu te detenho
por crime de traição.
GLOSTER · Está bem, Duque
de Suffolk. Ainda assim tu não consegues
ver-me corar ou revelar receio.
Um coração sem mácula não treme.
A corrente mais límpida não se acha
tão isenta de lama, como estreme
de traição ao meu rei sempre eu me encontro.
Quem me acusa? Que falta ora me assacam?
YORK · Estão certos, milorde, de que fostes
peitado pela França e que no posto
de protetor desviastes o dinheiro
destinado aos soldados, o que dera
motivo de perder Sua Alteza a França.
GLOSTER · Estão certos? Quem pensa desse modo?
Jamais roubei o soldo a nossas tropas,
nem peita alguma recebi da França.
Deus me assista por ter eu vigilante
ficado sempre, sim, noites seguidas,
só cuidando do bem da nossa pátria.
Desejo que me seja computada
no último julgamento a menor moeda
que eu tivesse desviado do meu nobre
soberano, o ceitil que eu amealhasse
para meu uso. Não! Porque os impostos
nos comuns indigentes não pesassem,
quantas libras gastei dos meus haveres,
para dá-las às tropas, sem que nunca
tivesse reclamado pagamento?
CARDEAL · Essas alegações, milorde, podem
vos ser de utilidade.
GLOSTER · Nada afirmo
contrário aos fatos, assim Deus me ajude.
YORK · Quando éreis protetor criastes novas
modalidades de tortura, para
punir os criminosos, o que à nossa
pátria valeu a pecha de crueldade.
GLOSTER ·
Como assim? Todos sabem que no tempo
do meu protetorado me acoimavam
de indulgente demais, por comover-me
com as lágrimas dos réus, pois lhes bastava
falar humildemente, para livres
ficarem do castigo. Se excetuarmos
os autores de crimes sanguinários,
ou os ladrões que na estrada assaltam pobres
viajantes, à traição, jamais castigo
lhes infligi à altura de seus crimes.
O assassínio, de fato, esse pecado
que faz derramar sangue, era punido
com maiores torturas do que os outros,
mais, até, do que a própria felonia.
SUFFOLK · Essas faltas, milorde, foram fáceis
de responder. Mas contra vós são feitas
acusações mais graves, que não podem
ficar solucionadas tão sem custo.
Em nome de Sua Alteza eu vos detenho,
a milorde cardeal vos entregando,
para vos conservar sob custódia
até o dia do vosso julgamento.
REI HENRIQUE ·
Lorde de Gloster, anima-me a esperança
de vos ver limpo de qualquer suspeita.
A consciência me diz que não sois isso.
GLOSTER · Oh, gracioso senhor, é perigosa
a época em que vivemos. A virtude
pela negra ambição fica abafada,
sendo expulso pelo ódio o amor ao próximo.
Domina a corrupção; de vossas terras
é banida a eqüidade. Não me é estranho
que eles conspiram contra a minha vida.
Se eu soubesse que esta ilha se tornara
feliz com minha morte, pondo um termo
à tirania deles, de bom grado

shakespearebrasileiro.org

daria em sacrifício a própria vida.
Mas isso apenas constituíra o prólogo
de sua peça, pois milhares de outras
vidas, que não cogitam de perigo,
não verão o remate da tragédia
planejada por eles. A maldade
peculiar a Beaufort se lhe reflete
nos olhos faulhantes e congestos,
bem como a odiosidade tempestuosa
de Suffolk em seu cenho enevoado.
Escarninho, por meio de indiretas,
Buckingham se alivia do pesado
fardo de inveja que lhe oprime o peito.
York, esse cruel, que alcança a própria lua,
cujo braço insolente eu já retive,
está tramando contra a minha vida
por motivos sem base consistente.
E vós, minha senhora soberana,
juntamente com os outros, sem para isso
terdes razão alguma, acumulastes
desgraças sobre mim, não vos poupando
no afã de transformar meu soberano
no meu maior imigo. Sim, vós todos
contra mim conspirastes — tive aviso
de vossas reuniões — para da vida
sem mancha me privardes. Testemunhas
falsas não faltarão, nem mesmo montes
de traições, para a culpa me aumentarem.
Comprova-se o provérbio: "Para dar
num cão, sempre se encontra um pau à mão."

CARDEAL · Meu soberano, são intoleráveis
esses ultrajes. Sendo permitido
censurar, repreender assim de público
quantos cuidam de vossa real pessoa,
protegendo-a da sanha dos traidores
e dos punhais secretos, e, se inteira
liberdade se der aos ofensores
para falarem tudo o que entenderem,
temo que venha a arrefecer-se o zelo
dos que cuidam do bem de Vossa Graça.

SUFFOLK · Não acaba ele de lançar ao rosto
de nossa soberana ignominiosas
palavras, muito embora dirigidas
com grande habilidade, no sentido
de insinuar que ela houvesse subornado
testemunhas com o fim de derrubá-lo?

RAINHA MARGARIDA ·
Quem perde tem direito de gritar.

GLOSTER · Há mais verdade nisso do que acaso
pretendíeis dizer. Perdi, realmente;
outros ganharam. Mas malditos sejam
todos eles, por terem sido falsos
em nosso jogo. Quem desta arte perde
tem direito, por certo, de falar.

BUCKINGHAM · Com esse falatório vai deter-nos
ele aqui o dia todo. Tomai conta,
Lorde Cardeal, do vosso prisioneiro.

CARDEAL · Senhores, levai logo o duque e, preso,
guardai-o bem.

GLOSTER · Assim o Rei Henrique
joga fora a muleta, antes que as pernas
o possam sustentar. Assim te privam
do pastor, quando lobos já disputam,
rosnando, a primazia de comer-te.
Ah! se fosse infundado o meu receio!
Temo a tua queda, meu bondoso Henrique.

(Saem os guardas, com Gloster.)

REI HENRIQUE · Fazei e desfazei, milordes, como
vos ditar a prudência, comportando-vos,
como se aqui presente também fôssemos.

RAINHA MARGARIDA ·
Vossa Alteza abandona o parlamento?

REI HENRIQUE ·
Sim, Margarida, o peito se me afoga
na tristeza, sentindo eu que suas ondas
até os olhos me chegam. Tenho o corpo
cercado de misérias, porque nada
pode haver mais mesquinho e miserável
que o descontentamento. Ah, tio Gloster!
tens no rosto a lhaneza, a honra, a verdade.
No entanto, meu bom Gloster, chegou a hora
de eu ser esforçado a te julgar culposo
e a me temer do teu devotamento.
Qual a estrela funesta que te inveja,
desse modo, a fortuna, para que estes
nobres e a nossa esposa Margarida
se empenhem em destruir-te a vida inócua?
Jamais fizeste mal a nenhum deles,
como a ninguém. Tal como o carniceiro,
quando o bezerro arrasta, após laçá-lo,
batendo no coitado sempre que ele
se rebela, até o pôr no sanguinoso
matadouro: de modo igual levaram-no,
sem remorsos, daqui. E como corre,

shakespearebrasileiro.org

desorientada, a mãe, mugindo, e os olhos
não desvia da estrada em que sumira
o inocente filhinho, reduzida
tão-somente a chorar-lhe a perda imensa:
assim lastimo o caso do bom Gloster,
chorando tristes lágrimas e inúteis,
a procurá-lo com estes olhos baços,
sem que socorro algum possa prestar-lhe,
tão poderosos são seus inimigos
encarniçados. Hei de, pois, chorá-lo,
sem cessar de dizer na minha dor:
se há traição, não é Gloster o traidor.

(Sai.)

RAINHA MARGARIDA ·
Senhores livres, sob os quentes raios
do sol a fria neve se derrete.
Henrique, o meu senhor, é um tanto frio
nos negócios de monta, muito cheio
de piedade insensata. Humphrey de Gloster
soube prendê-lo como faz o triste
crocodilo, que finge ternas lágrimas
para pegar o incauto transeunte,
ou como a serpe enovelada em meio
do canteiro florido, que, com a pele
faiscante, atrai a criança que, levada
pelo brilho, a julgara algo excelente.
Podeis crer-me, senhores: se vós todos
fôsseis sábios como eu — e neste assunto
presumo que me julgo imparcialmente —
este Gloster em pouco se veria
livre do mundo, para que ficássemos
livres todos do medo que nos causa.
CARDEAL · Será boa política matá-lo.
Mas para isso é mister excogitarmos
algum pretexto. Fora conveniente
que aparência legal se desse ao caso.
SUFFOLK · A meu ver será isso má política.
O rei há de esforçar-se por salvá-lo.
O povo há de querer também salvá-lo,
sendo que não dispomos de argumento
valioso algum, senão suspeita, apenas,
de nossa parte, para condená-lo.
YORK · Não desejais, portanto, vê-lo morto.
SUFFOLK ·
Oh York! Ninguém me excede nesse ponto.
YORK · York é quem tem razões mais poderosas
de querer vê-lo morto. Mas, milorde
cardeal, e vós, Milorde de Suffolk,
dizei o que pensais sinceramente:
não fora o mesmo encarregar uma águia
famélica da guarda de um pintinho
contra abutre voraz, e pôr no cargo
de protetor do rei Humphrey de Gloster?
RAINHA MARGARIDA ·
Seria certa a morte do coitado.
SUFFOLK · Tendes razão, senhora. Então não fora
rematada loucura dar a guarda
do rebanho à raposa? Uma vez que haja
provas de que se trata de assassino
contumaz, é estultícia lhe negarmos
qualquer culpa tão-só por não ter tido
tempo de executar o seu projeto.
Que morra, então, antes que as fauces fiquem
maculadas de sangue carmesim.
É raposa, inimigo natural
do rebanho, como o é Humphrey de Gloster
do soberano; sobram-nos as provas.
Nem vos percais em sutilezas sobre
o modo de matá-lo: por astúcia
ou armadilha, acordado ou em pleno sono,
o modo pouco importa, uma vez que ele
venha a morrer. É sempre boa a fraude
para apanhar quem é vezeiro em fraude.
RAINHA MARGARIDA ·
Isso sim, é que é falar com decisão,
Suffolk três vezes nobre.
SUFFOLK · Não é tanto,
salvo se à decisão se seguir o ato,
pois nem sempre se diz o que se pensa.
Mas, para pôr de acordo a língua e o peito,
uma vez que a façanha é meritória,
além de preservar meu soberano
de seu feroz imigo, enunciai a ordem,
que eu serei logo dela o sacerdote.
CARDEAL · Milorde de Suffolk, eu desejara
que ele morresse, antes de terdes tempo
de fazer votos. Basta me dizerdes
que consentis no feito e que o aprovais,
para que do estante eu me encarregue,
tanto eu velo por nosso soberano.
SUFFOLK · Eis minha mão; a ação é meritória.
RAINHA MARGARIDA · É também o que eu digo.
YORK · Eu também; e uma vez que os três estamos
de acordo nesse ponto, é de somenos

shakespearebrasileiro.org

importância impugnar alguém o feito.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Cheguei neste momento, grandes lordes,
da Irlanda com a notícia de se terem
levantado os rebeldes, que aos ingleses
à espada a vida tiram. Enviai logo
socorro, meus senhores, porque à fúria
deles ponhamos termo, antes que a chaga
fique incurável, pois enquanto é fresca
sempre há esperanças de que a sarar venha.

CARDEAL · Eis uma brecha que requer urgente
reparação. Que aconselhais em caso
de tanta monta?

YORK · Opino que se mande
Somerset para lá como regente.
Governante de sorte é que é preciso;
e que ele a tem, o demonstrou na França.

SOMERSET · Se com sua política manhosa
tivesse em meu lugar estado York,
não ficara na França tanto tempo.

YORK · Não; como tu não viera a perder tudo.
Teria preferido ficar morto
a acarretar desonra de tal porte
para a pátria, na França demorando-me
até que tudo a se perder viesse.
Mostra uma cicatriz em todo o corpo!
Não revela nos prélios muito zelo
quem só cuida de pôr a salvo o pêlo.

RAINHA MARGARIDA · Basta! Basta! Bem pode essa faísca
vir a tornar-se em vorador incêndio,
se houver a jeito vento e combustível.
Cessa, bom York; amado Somerset,
fica mais calmo. Se tivesses sido
regente em lugar dele, York, é possível
que menos, ainda, tu tivesses feito.

YORK · Como! Menos que nada? Então, que a mancha
recaia em todos nós.

SOMERSET · Em ti, inclusive,
uma vez que desejas a vergonha.

CARDEAL · Milorde de York, a sorte ponde à prova.
Os quernes irlandeses revoltados
estão em armas, amassando argila
com sangue dos ingleses. Decidis-vos
a ir para a Irlanda à frente de um seleto
grupo de homens tirados dos condados,
para a sorte tentardes nesta empresa?

YORK · Sim, milorde cardeal, se for do agrado
de Sua Majestade.

SUFFOLK · Nesses casos,
nossa palavra é seu consentimento.
Ele confirma quanto decidirmos.
Aceita, pois, o encargo, nobre York.

YORK · Dou-me por satisfeito. Cuidai logo,
senhores, de reunir os meus soldados,
enquanto eu vou tratar de alguns negócios.

SUFFOLK · Incumbência, milorde, a que de grado
me entregarei. E agora, retornemos
a falar desse falso Duque de Humphrey.

CARDEAL · Não falemos mais dele; vou tratá-lo
de tal maneira, que daqui por diante
decerto há de deixar de incomodar-nos.
Parti logo, Suffolk, o dia finda;
hei de falar-vos deste caso ainda.

YORK · Milorde, esperarei quatorze dias,
em Bristol, a chegada dos meus homens,
para logo embarcá-los para a Irlanda.

SUFFOLK · Tudo a ponto obtereis, Milorde de York.

(Saem todos, com exceção de York.)

YORK · Agora, ou nunca mais, York, enrijéce
teus grandes pensamentos e transforma
em decisão a dúvida. Sê quanto
desejas ser ou vota o que és à morte,
como indigno, sequer, de ser vivido.
Deixa o pálido medo para os homens
de nascimento vil, não lhe permitas
que se abrigue num peito generoso.
Como da primavera os aguaceiros,
os pensamentos, rápidos, me ocorrem,
com o poder preocupados eles todos.
Mais ocupado, ainda, do que a aranha
laboriosa, meu cérebro arquiteta
ciladas, com que apanhe os meus imigos.
Muito bem, nobres! Ato é de política
mandar-me para fora com um exército.
Restituís, com isso, a vida à serpe
faminta que, afagada em vossos peitos,
acabaria — era fatal — mordendo-vos
o coração. Eu precisava de homens,
e vós mos arranjastes. Bem; aceito-os
de bom grado. Contudo, ficai certos
de que entregais a um louco armas afiadas.

shakespearebrasileiro.org

Ao mesmo tempo que, na Irlanda, minhas
tropas eu for mantendo, na Inglaterra
provocarei escura tempestade
que enviará para o céu ou para o inferno
dez mil almas, com ímpeto crescente,
até que eu tenha a fronte circundada
pelo diademo de ouro, que, no jeito
dos raios transparentes do sol claro,
fará aplacar o torvelinho insano.
Para esse fim, como instrumento azado,
seduzi um teimoso homem de Kent,
João Cade de Ashford,
para à vontade provocar distúrbios,
valendo-se do nome de João Mortimer.
Vi, certa vez, na Irlanda, esse teimoso
Cade opondo-se a quernes aguerridos.
Lutou tanto, que as coxas lhe deixaram
os dardos como iroso porco-espinho.
Socorrido, por fim, vi como dava
cabriolas, tal qual mouro dançarino
que sacudisse os dardos sanguinosos
como se fossem guisos. Muitas vezes
em ardiloso querme disfarçado,
cabelo em desalinho, conversava
ele como os inimigos e me vinha,
depois, incógnito, pôr a par de todas
as suas vilanias. Esse monstro
vai substituir-me aqui, pois se parece
muito, realmente, com o defunto Mortimer,
nos traços fisionômicos, no modo
de falar e de andar. Dessa maneira,
fico sabendo quanto à casa de York
é dedicado o povo e de que modo
receberiam muitas pretensões.
Admitindo-se que ele seja preso,
colocado no potro, torturado,
sei que por mais castigos que lhes inflijam,
jamais dirá que o aconselhei a armar-se.
Digamos que ele alcance o que deseja —
o que é muito provável — bem, da Irlanda
virei colher com minhas forças tudo
quanto esse vilanaz houver semeado.
Morto Humphrey — o que é certo — e Henrique
[posto
de parte, tudo o mais fica a meu gosto.

(Sai.)

Ato III · Cena II

Bury. Um quarto no palácio.
Entram apressadamente alguns assassinos.

Primeiro Assassino ·
Vai logo à casa de Milorde Suffolk
e dize-lhe que o duque despachamos,
conforme ele ordenara.
Segundo Assassino · Oh! quem nos dera
que tudo ainda estivesse por fazer!
Já ouviste alguém falar com tal espírito
de contrição?

(Entra Suffolk.)

Primeiro Assassino · Milorde vem chegando.
Suffolk · Liquidastes a coisa, camaradas?
Primeiro Assassino · Sim, milorde, está morto.
Suffolk · Belas palavras. Ora dirigi-vos
à minha casa; quero vos premiar
por esse empreendimento venturoso.
O rei e os pares todos estão perto.
Refizestes o leito? Tudo se acha
conforme as ordens que eu vos tinha dado?
Primeiro Assassino ·
Tudo, milorde.
Suffolk · Então parti. Depressa!

(Saem os assassinos.)

(Trombetas. Entram o Rei Henrique, a Rainha Margarida, o Cardeal Beaufort, Somerset, nobres e outros.)

Rei Henrique · Ide logo chamar o nosso tio.
Queremos julgar hoje Sua Graça,
para ver se é culpado, como o afirmam.
Suffolk · Vou chamá-lo já, já, meu nobre lorde.

(Sai.)

Rei Henrique ·
Lordes, tomai vossos lugares. Peço-vos
que não sejais com nosso tio Gloster

shakespearebrasileiro.org

rigorosos senão somente até onde
a opinião sã provar que ele é, realmente,
passível de castigo.
Rainha Margarida · Deus nos livre
de que o mal a tal ponto prevaleça,
fazendo condenar um gentil-homem
inocente. Permita Deus que o duque
se lave das suspeitas que lhe assacam.
Rei Henrique · Agradeço-te, Meg; essas palavras
me deixam satisfeito.

(Volta Suffolk.)

E então? Que causa
te faz tremer? Por que te achas tão pálido?
Suffolk, e nosso tio? Que acontece?
Suffolk · Está morto, milorde; Gloster se acha
morto no leito.
Rainha Margarida · Não! Deus não o permita!
Cardeal · Juízo incógnito de Deus! Sonhei
esta noite que o duque estava mudo,
que não podia pronunciar palavra.

(O rei desmaia.)

Rainha Margarida ·
Que tem o meu senhor? Socorro, lordes!
O rei está morto!
Somerset · O corpo levantai-lhe;
apertai-lhe o nariz.
Rainha Margarida · Correi! Socorro!
Socorro! Vamos! Abre, Henrique, os olhos!
Suffolk · Calma, senhora; ele já está voltando
a si.
Rei Henrique · Oh Deus do céu!
Rainha Margarida · Que está sentindo
meu gracioso senhor?
Suffolk · Coragem, ânimo,
meu soberano, meu gracioso Henrique!
Rei Henrique ·
Como! O Lorde de Suffolk me incita
a não desanimar? Não soltou ele,
neste momento, as notas do seu canto
de corvo, cuja lúgubre toada
me privou dos sentidos, e ora pensa
que com o chilreio da carriça, vindo
de um coração vazio e concitando-me
a não desanimar, será possível
fazer com que me esqueça do outro canto?
Não escondas o fel nessas palavras
açucaradas. Não me toques! Proíbo-te!
Como picada de serpente, assusta-me
o teu contacto. Sai da minha frente,
mensageiro sinistro! Tens nos olhos
a majestade cruel da tirania,
que o mundo atemoriza. Afasta a vista
de mim; esses teus olhos me lancinam.
Não te retires, não! Vem, basilisco;
deixa sem vida o espectador incauto!
Alegria hei de achar na morte escura.
É dupla morte para mim a vida,
uma vez que está morto Humphrey de Gloster.
Rainha Margarida ·
Por que razão tratais Milorde Suffolk
dessa maneira? Muito embora o duque
lhe fosse desafeto, ele deplora,
como cristão sincero, o seu trespasse.
Quanto a mim, muito embora ele tivesse
sido meu adversário, se possível
fosse chamá-lo à vida só com lágrimas
abundantes, gemidos do imo peito,
suspiros de fazer gelar o sangue,
quisera ficar cega só de tanto
chorar, adoecer com meus gemidos
e ter a cor da quaresmeira pálida
com suspiros que o sangue me chupassem,
contanto que vivesse o nobre duque.
Quem sabe o que de mim dirá o mundo?
Todos sabiam que éramos imigos
declarados. Talvez haja quem pense
que eu fiz desparecer o nobre duque.
Meu nome vai ficar, assim, ferido
pela calúnia; assunto de conversa
nas cortes há de ser minha vergonha.
É quanto eu vou ganhar com a morte dele.
Quem pode haver mais infeliz? Saber-me
rainha e ter a infâmia por coroa?
Rei Henrique ·
Choro o destino do infeliz amigo.
Rainha Margarida ·
Chora, então, minha sorte, que eu sou muito
mais infeliz do que ele. Como! Afastas-te
de mim? O rosto escondes? Porventura
sou alguma leprosa? Anda, contempla-me.
Como! Ficaste surdo como as víboras?
Então cria também veneno, para
matares a rainha que esqueceste.
Teu consolo se encontra circunscrito
no túmulo de Gloster? É que a Dama

shakespearebrasileiro.org

Margarida jamais te fora grata.
Deverias mandar fazer a estátua
do duque e ajoelhar-te diante dela,
deixando o meu retrato como escudo
de uma cervejaria. Foi por isso
que eu estive em perigo de naufrágio
e por mais de uma vez me vi jogada
das costas da Inglaterra pelos ventos
contrários, que de novo me levavam
para a terra nativa? Que presságio
se poderia tirar disso, afora
querer dizer-me o vento cauteloso:
"Não procures o ninho do escorpião,
nem ponhas pé nas praias inimigas"?
Que fiz senão amaldiçoar os ventos
meigos e quem de suas aêneas covas
os deixara escapar, pedindo, instante,
que soprassem do lado das benditas
praias inglesas, ou que nosso barco
dirigisse de encontro a algum penedo?
Contudo, Éolo não quis ser assassino;
a teu cargo deixou o odioso ofício.
O mar, também, em seus donosos saltos
não me quis afogar, porque sabia
que com tua dureza acabarias
afogando-me em lágrimas salgadas
como ele próprio. Os alcantis rachados,
humildosos baixavam-se até às praias,
para não me ferirem com seus flancos
lacerados, porque tinham consciência
de que teu coração de pederneira,
mais insensível que eles, terminara
por matar Margarida em teu palácio.
Enquanto eu enxergava as brancacentas
costas deste país, quando das praias
nos levava, sem rumo, a tempestade,
eu me deixava estar no tombadilho,
em meio ao temporal; e quando a minha
vista perscrutadora ante a caligem
do céu ficou turvada, eu do pescoço
retirei uma jóia inestimável,
um coração cercado de diamantes,
e a joguei para terra. Receberam-na
as ondas. De igual modo eu desejara
que tu meu coração em ti acolhesses.
E no momento em que eu perdi de vista
a formosa Inglaterra, disse aos olhos
que com meu coração se concertassem,
de cegos os chamando, de lunetas
sem préstimo nenhum, só por não verem
as costas de Álbion, por que eu tanto ansiava.
Que de vezes pedi a Lorde Suffolk,
o agente da inconstância que te é própria,
que me encantasse como fez Ascânio
com a tresloucada Dido, quando os feitos
do pai lhe enumerava desde o incêndio
de Tróia! Não estou enfeitiçada
tanto quanto ela? E tu, não és tão falso
quanto Ascânio? Ai de mim! Não me é possível
viver mais. Morre logo. Margarida;
lastima Henrique a tua vida longa.

(Barulho fora. Entram Warwick e Salisbury; o povo se aglomera nas portas.)

Warwick · Poderoso senhor, estão dizendo
que foi traiçoeiramente assassinado
o bom Duque de Gloster, e que o Conde
de Suffolk e o cardeal têm parte nisso.
Tal como abelhas irritadas, quando
lhes falta o guia, em toda parte o povo
corre sem direção, não se importando
com quem possam picar em represália.
A custo consegui pôr cobro à sua
frenética revolta, até que cheguem
a saber das minúcias do trespasse.

Rei Henrique ·
Bom Warwick, é verdade que está morto;
mas como isso se deu, só Deus o sabe,
não Henrique. Penetra até o seu quarto,
contempla o corpo inanimado e faze
conjeturas acerca dessa morte
repentina.

Warwick · Fá-lo-ei, meu soberano.
Aguarda o meu retorno, Salisbury,
junto da multidão enraivecida.

(Warwick entra para o quarto e Salisbury se retira.)

Rei Henrique · Oh tu, juiz de todos e de tudo,
pára os meus pensamentos, que se esforçam
por convencer-me de que mãos violentas
puseram termo à vida do bom Gloster!
Se carecer de base essa suspeita,
perdoa-me, senhor, que a ti, somente,
compete o julgamento. De bom grado
com mil beijos os lábios dessangrados
lhe aqueceria, as faces lhe banhara

shakespearebrasileiro.org

com um oceano de lágrimas salgadas,
ao corpo surdo e mudo repetira
toda a minha afeição e nestes dedos
apertara seus dedos insensíveis.
Mas são inúteis todas essas provas
de meu amor. De que valera, agora,
contemplar-lhe a figura perecível,
senão para aumentar minha tristeza?

(Volta Warwick com outras pessoas, trazendo num leito o corpo de Gloster.)

WARWICK · Avançai, meu gracioso soberano;
vinde ver o cadáver.

REI HENRIQUE · Fora o mesmo
que ver quanto é profundo o meu sepulcro.
Com sua alma fugiu todo o consolo
que eu tinha neste mundo. Contemplá-lo
equivale a me ver em vida morto.

WARWICK · Com tanta segurança como espera
minha alma ir para junto do terrível
rei que se humanizou, para que a todos
os homens libertasse da colérica
maldição de seu pai, estou convicto
de que violentas mãos foram culpadas
no extinguir-se a existência deste duque
três vezes afamado.

SUFFOLK · Juramento
terrível, em verdade, e por maneira
patética enunciado. Mas que pode
Lorde Warwick aduzir em seu reforço?

WARWICK · Vede como este rosto está congesto.
Já vi muitas pessoas falecidas
de morte natural; ficaram magros,
pálidos, cor de cinza, o rosto exangue,
que o sangue sempre aflui para o esforçado
coração, que na luta em que se empenha
contra o inimigo, o chama para perto,
porque possa lutar melhor com a morte.
Aí se esfria o sangue, sem que às faces
jamais retorne, para colori-las
e emprestar-lhes beleza. Agora vede
como o rosto ele tem congesto e negro.
Os olhos se apresentam mais saltados
do que em vida e nos fixam por maneira
pavorosa, tal como de pessoa
que tivesse morrido estrangulada.
Os cabelos ficaram levantados,
abertas as narículas com a luta,
distendidas as mãos como no gesto
de quem lutado houvesse, em desespero,
para ser dominado pela força.
Contemplai o lençol; vede cabelos
neste ponto. Ele tinha sempre a barba
bem tratada; ora se acha em desalinho,
como trigo no estio, derrubado
por grande tempestade. Não se pode
concluir de outra maneira: houve violência;
o menor destes dados os comprova.

SUFFOLK · Warwick, a ser assim, quem poderia
ter morto o Duque de Humphrey? Ele estava
sob minha proteção e de Beaufort.
E eu quero crer, senhor, que nós não somos
assassinos.

WARWICK · Vós éreis inimigos
declarados do duque, e, apesar disso,
ficastes incumbidos de guardá-lo.
Não tencionáveis, certamente, dar-lhe
tratamento amistoso. Está se vendo
que o bom duque encontrou um inimigo.

RAINHA MARGARIDA ·
Pelo que vejo, suspeitais que a morte
prematura do Duque Humphrey de Gloster
foi causada por estes gentis-homens?

WARWICK ·
Quem encontrasse morta uma vitela,
ainda a sangrar, e um carniceiro ao lado
com um machado na mão, não suspeitara,
com razão, ter sido ele o autor da morte?
Se no ninho do açor acaso virmos
uma perdiz, não nos será difícil
dizer como morreu, ainda que no alto
paire o milhano, sem mostrar no bico
recurvo nenhum sangue. De igual modo,
é por demais suspeita esta tragédia.

RAINHA MARGARIDA ·
Suffolk, sois carniceiro? Onde se encontra
vossa faca? Beaufort tem o apelido
de milhano? Onde estão suas fortes garras?

SUFFOLK · Não faço uso de faca, para a vida
tirar de quem esteja entregue ao sono;
mas aqui trago espada vingadora,
pela inação coberta de ferrugem,
que eu posso mergulhar no rancoroso
coração que se atreva a caluniar-me
com o estigma sangrento de assassino.

shakespearebrasileiro.org

Dize, orgulhoso Duque de Warwickshire,
se tiveres coragem, que na morte
do Duque de Humphrey eu fui parte ativa.
(Saem o Cardeal Beaufort e Somerset.)

Warwick · Quando o repto é lançado pelo falso
Suffolk, Warwick está disposto a tudo.

Rainha Margarida ·
Não se atreve ele a sofrear o gênio
insolente, nem pôr de parte o vezo
de censurar com arrogância, embora
fosse vinte mil vezes desafiado
por Suffolk.

Warwick · Oh senhora, ficai quieta,
digo com reverência, porque cada
palavra a favor dele compromete
vossa real dignidade.

Suffolk · Lorde bronco,
de proceder ignóbil! Se houve alguma
senhora da nobreza que o marido
desonrasse a tal ponto, foi tua mãe,
quando se rebaixou para no leito
culposo receber algum saloio
rude e mal educado, em tronco nobre
fazendo enxerto de selvagem galho,
de onde provéns, tu que, decerto, nunca
puderas descender da nobre raça
dos Nevils.

Warwick · Se amparado não te achasses
pelo escudo do crime, eu defraudara
de seus emolumentos o carrasco,
libertando-te, assim, de dez mil pechas.
E se a presença do meu rei não fosse
causa de moderar-me, eu te obrigara,
poltrão, falso e assassino, a vir de joelhos
dizer que era a tua mãe que tu aludias
há pouco, e que és bastardo de nascença.
E depois de te haveres retratado
covardemente, eu te daria a paga,
pernicioso vampiro dos que dormem,
enviando essa alma podre para o inferno.

Suffolk · Estarás acordado, quando o sangue
eu te fizer verter, se te atreveres
a me seguir, saindo deste círculo.

Warwick · Vamos logo; se não te arrasto à força.
Contenderemos, muito embora sejas
indigno. Vou prestar essa homenagem
tardia à alma do Duque Humphrey de Gloster.
(Saem Suffolk e Warwick.)

Rei Henrique ·
Não pode haver couraça mais potente
do que um coração limpo. Está três vezes
armado quem defende a causa justa;
ao passo que está nu, ainda que de aço
revestido, o indivíduo de consciência
manchada por ciúmes e injustiças.
(Ouve-se barulho.)

Rainha Margarida · Que será esse barulho?
(Tornam a entrar Suffolk e Warwick, com as espadas desembainhadas.)

Rei Henrique ·
Então, senhores, arrancais as armas
iracundas, estando nós presente?
Chega a esse ponto o vosso atrevimento?
De onde se originou esse tumulto?
(Ouve-se o rumor da multidão: Salisbury torna a entrar.)

Salisbury *(falando para dentro)* ·
Aguardai um momento, meus senhores;
o soberano vai ficar sabendo
de quanto pretendeis. Grande monarca,
por mim vos diz o povo que se o pérfido
Suffolk, esse traidor, não for agora
condenado à pena última, ou banido
do solo da Inglaterra, eles, valendo-se
da força, o arrancarão de vosso paço
e a pavorosos tratos o submetem,
até que morra aos poucos. É acusado
de haver assassinado o Duque de Humphrey.
Todos estão, por isso, preocupados
com o risco em que se encontra Vossa Alteza.
É por instinto de lealdade, apenas,
livre do baixo espírito da teima,
que os levasse a se opor a vosso alvitre,
que eles vêm exigir o banimento
do assassino. Cuidosos da pessoa
muito real de seu príncipe, eles dizem
que se acaso intentasse Vossa Alteza
descansar, e proibido a todos fosse
vos perturbar, sob pena de incorrerem
no vosso desfavor e, até, sob pena
de morte; não obstante o edito explícito,
se percebesse alguém uma serpente
de língua bífida a esgueirar-se, astuta,
para o lado de Vossa Majestade,
fora mais do que urgente despertar-vos
porque o verme mortal não transmudasse
vosso sono inocente em sono eterno.

shakespearebrasileiro.org

Por isso eles proclamam, muito embora
saibam que estão proibidos de fazê-lo,
que até contra o querer de Vossa Alteza
buscarão amparar-vos contra as falsas
serpentes como Suffolk, esse hipócrita,
cujo dardo fatal e envenenado,
dizem todos, privou traiçoeiramente
da vida vosso tio estremecido
que vale vinte vezes mais do que ele.
POVO *(dentro)* · Milorde Salisbury, vinde logo
trazer-nos a resposta do monarca!
SUFFOLK · Compreende-se que o povo, gente rude,
tivesse enviado esse recado ao rei.
Mas vós, milorde, alegre recebestes
a incumbência tão-só para poderdes
estadear vossos dotes de orador.
No entanto, as honrarias conquistadas
por Salisbury se resumem nisto:
em ter sido ele enviado por um bando
de caldeireiros com recado ao rei.
POVO *(dentro)* · A resposta! Se não, faremos força!
REI HENRIQUE · A todos agradece, Salisbury,
de minha parte o zelo carinhoso
de que ora deram provas, e acrescenta
que mesmo que eles não tivessem vindo
pedir-me essa medida, eu já me achava
resolvido a fazer o que me pedem.
É certo, a todo instante o pensamento
me fazia prever que, para o Estado,
só desgraças de Suffolk adviriam.
Por isso eu juro pela majestade
daquele de que sou representante
muito indigno, que mais do que três dias,
sob pena de morrer, não ficará
Suffolk em nossas terras, a empestar-nos
o ambiente com seu hálito pestífero.

(Sai Salisbury.)

RAINHA MARGARIDA ·
Henrique, deixa que a favor eu fale
do gracioso Suffolk.
REI HENRIQUE · Oh desgraciosa
rainha, por chamá-lo de gracioso
Suffolk! Nem mais uma palavra, digo.
Falando a seu favor, tu só consegues
aumentar minha cólera. Ainda mesmo
que eu só tivesse prometido, tinha
de cumprir a palavra que empenhara;
mas o meu juramento é irrevogável.
(A Suffolk.) Se após três dias fores visto dentro
de qualquer dependência do meu reino,
pouco há de ser o mundo todo para
te resgatar a vida. Vem comigo,
bondoso Warwick, vem, que necessito
falar-te sobre assuntos importantes.

(Saem o Rei Henrique, Warwick, nobres, etc.)

RAINHA MARGARIDA ·
Que a desgraça e a tristeza te acompanhem.
Sejam teus companheiros a apertura
do coração e o amargo desconsolo.
Com ambos forme o diabo um belo terno
e que tripla vingança vos abata.
SUFFOLK · Graciosa soberana, deixa dessas
maldições e consente que, tristonho,
Suffolk as despedidas te apresente.
RAINHA MARGARIDA ·
Fora, mulher covarde, desgraçado
de coração sem fibra! Não tens força
para amaldiçoar teus inimigos?
SUFFOLK · A peste atinja a todos! De que vale
lançar-lhes maldições? Se estas matassem,
como o fatal suspiro da mandrágora,
eu inventara os termos mais violentos,
penetrantes, malditos e horrorosos
de se ouvir, e deixara que dos dentes
cerrados me saíssem, com tais mostras
de ódio implacável, como o faz a Inveja
macilenta em seu antro repugnante.
Minha língua ficara embaraçada
no próprio turbilhão do que eu dissesse;
dos olhos me sairiam tantas chispas
como da pederneira; meus cabelos
ficariam de pé como os de um louco,
parecendo que todos os meus membros
falassem maldições, só maldições...
É isso: o coração sinto partir-se-me,
se os não amaldiçoar. Seja veneno
tudo quanto beberem! Seja bile...
não, muito mais amargo, o que mais grato
lhes souber ao paladar; não gozem sombra
mais agradável do que a do cipreste;
olhar de basiliscos matadores
lancem por toda parte; o mais macio

shakespearebrasileiro.org

contacto deles seja qual mordida
de lagarto; sua música, medonha
como o silvo da serpe, acompanhada
pelo agoureiro pio da coruja.
Que o negro inferno e os seus horrores todos...

RAINHA MARGARIDA ·
Caro Suffolk, é muito! Estás, com isso,
aumentando teu próprio sofrimento.
Todas as tuas maldições, no jeito
do sol de encontro ao espelho, ou de espingarda
carregada em excesso, acabarão
virando contra ti sua potência.

SUFFOLK · Mandastes que eu amaldiçoasse, e agora
desejais que me cale? Pelo solo
de que me acho banido, eu poderia
prosseguir neste tom, amaldiçoando
sem cessar, pelo prazo de uma noite
de inverno, embora nu eu me encontrasse
no alto de uma montanha em que o cortante
frio não deixa nunca crescer a erva,
e ainda assim pensara só ter gasto
no agradável desporto alguns minutos.

RAINHA MARGARIDA ·
Oh! pára, por obséquio! Dá-me a mão,
para eu rociá-la com meu triste pranto.
Este lugar não deve ser molhado
pela chuva do céu, porque perdurem
os sinais do meu triste monumento.
Oh! se este beijo se imprimisse nela,

(Beija-lhe a mão.)

para que, vendo o selo, tu pensasses
nos lábios que escapar deixam milhares
de suspiros por ti! Vai! Parte logo!
porque eu conhecer possa a imensidade
da minha dor. Enquanto estás presente,
não faço mais que simples conjeturas,
como alguém que no meio da abundância
pensasse em privações. Hei de chamar-te
novamente; confia no que digo,
em que com isso me arrisque a ser banida...
Sim, que já estou banida, embora apenas
de ti próprio. Não fales mais; retira-te.
Não! Ainda é cedo. Assim, dois condenados
abraçam-se, separam-se mil vezes,
sofrendo a dor imensa da partida
cem vezes mais pungente do que a morte.
E agora, adeus! Adeus a ti e à vida.

SUFFOLK · Banido, desse modo, se acha Suffolk
dez vezes: uma vez pelo monarca,
três vezes três por ti. Não me afligira
viver fora da pátria, se estivesses
longe dela também. Suffolk achara
populoso um deserto, se contasse
com tua companhia celestial.
Porque onde tu te encontras, o universo
todo está, com as venturas que ele implica;
ao passo que o lugar onde me faltes
equivale a um deserto. Já não posso
dizer mais nada. Vive, para teres
a alegria da vida, que minha única
alegria é saber que ainda estás viva.

(Entra Vaux.)

RAINHA MARGARIDA ·
Para onde se dirige Vaux com tantas
mostras de pressa? Dize: que há de novo?

VAUX · Vou levar a notícia a Sua Alteza
de que o Cardeal Beaufort está morrendo.
Foi hoje acometido por mal súbito.
Respira a custo abrindo muito a boca;
os olhos tem parados; diz blasfêmias
contra Deus e maldiz a terra e os homens.
Por vezes fala como se tivesse
junto de si o espírito de Gloster;
por vezes chama o rei e diz segredos
ao travesseiro, como se falasse
com Sua Majestade, confessando-lhe
os pecados de sua alma atribulada.
Vou procurar o rei para dizer-lhe
que o moribundo o chama a grandes brados.

RAINHA MARGARIDA ·
Vai; leva ao rei essa mensagem triste.

(Sai Vaux.)

Oh Deus! Que vale o mundo? Que notícias!
Mas por que lastimar a fugaz perda
de uma hora, sem lembrar-me da partida
de Suffolk, o tesouro de minha alma?
Por que não choro apenas por tua causa,
Suffolk, a compelir com as carregadas
nuvens do sul, para saber que lágrimas
serão mais abundantes: se as das nuvens,
em benefício da lavoura, ou as minhas,
para dar alimento às próprias dores?
Agora vai; o rei vem vindo, sabê-lo.
Se ele aqui te encontrar, és homem morto.

shakespearebrasileiro.org

SUFFOLK · Não poderei viver longe de ti.
E o que fora morrer sob os teus olhos,
senão adormecer nesse regaço?
Poderia exalar aqui o espírito
tão branda e gentilmente, como o infante
que deixa a vida no materno seio.
Longe de li, tornara-me furioso;
gritaria que os olhos me fechasses,
que a boca me tapasses com esses lábios,
porque, dessa maneira, ou apanharias
minha alma fugitiva, ou no teu corpo
viria eu a insuflá-la, para que ela
continuasse a viver no doce Elísio.
Morrer junto de ti fora um desporto;
mas, longe, é pior tortura do que a morte.
Deixa que eu fique. Aceito as conseqüências.

RAINHA MARGARIDA ·
Não, vai logo, conquanto essa partida
seja tão dolorosa como cáustico
posto em chaga mortal. Vai para a França,
meigo Suffolk. Manda-me notícias,
porque, onde quer que estejas neste globo
terrestre, eu hei de te enviar uma Íris
capaz de descobrir teu paradeiro.
SUFFOLK · Já vou.
RAINHA MARGARIDA ·
Leva meu coração para onde fores.
SUFFOLK · Como jóia no escrínio mais dorido
que jamais encerrou algo valioso.
Tal qual barco em naufrágio nos partimos:
caio aqui para a morte.
RAINHA MARGARIDA · Eu, deste lado.

(Saem.)

Ato III · Cena III

Londres. Quarto de dormir do Cardeal Beaufort. Entram o Rei Henrique, Salisbury, Warwick e outros. O cardeal se acha no leito, cercado de criados.

REI HENRIQUE ·
Beaufort, fala ao teu rei. Que estás sentindo?
CARDEAL · Se és a Morte, eu te dou todo o tesouro
da Inglaterra, bastante para a compra
de uma outra ilha, contanto que me largues
e me libertes logo destas dores.
REI HENRIQUE · Oh! Que sinal de vida mal vivida,
quando a morte é encarada desse jeito!
WARWICK · Beaufort, é o soberano que te fala.
CARDEAL ·
Chamai-me ao tribunal quando quiserdes.
Não faleceu no leito? Onde devia
morrer, então? Tenho eu poder, acaso,
para fazer alguém viver à força?
Não me tortures mais! Confesso tudo.
Tornou a viver? Mostrai-me onde ele se acha.
Darei mil libras, só para enxergá-lo.
Já não tem olhos; a poeira os cega.
Penteai-lhe a cabeleira. Vede! Vede!
como estão arrepiados os cabelos
como varas com visgo preparadas
para minha alma alada embaraçarem.
Quero água! Ide dizer ao boticário
que me traga o veneno encomendado.
REI HENRIQUE · Oh tu, Motor eterno das esferas,
lança os olhos benignos a este mísero!
Oh! Expulsa o demônio intrometido
que na alma se assentou deste coitado,
e tira-lhe do peito o desespero!
WARWICK · Que esgares ele faz com a dor da morte!
SALISBURY ·
Não o perturbeis; deixai que em paz se fine.
REI HENRIQUE ·
Se Deus assim quiser, paz à sua alma.
Lorde Cardeal, se acaso estás pensando
na salvação eterna, a mão levanta,
em sinal de esperança. Nada! Morre
sem fazer gesto algum. Oh Deus, perdoai-lhe!
WARWICK · Tão ruim morte inculca vida infame.
REI HENRIQUE ·
Não julgueis; somos todos pecadores.
Fechai-lhe os olhos; deixai bem cerradas
as cortinas e vamos meditar.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena I

Kent. Praia perto de Dover.
Canhoneio no mar. Depois, saltam de um bote um capitão de navio, o patrão, seu ajudante, Valter Whitmore e outros; com eles, Suffolk, disfarçado, e outros gentis-homens, prisioneiros.

Capitão · Já baixou para o mar o dia esplêndido,
falante e metediço. Agora o lúgrubre
uivar dos lobos despertou os sendeiros
que a Noite puxam, trágica e tristonha.
Com suas asas morosas e caídas
eles roçam os túmulos dos homens;
das fauces tenebrosas vão soltando
por toda parte escuridão pestífera.
Fazei, pois, avançar os prisioneiros,
porque enquanto estiver o nosso barco
nas dunas ancorado, todos eles
pagarão o resgate aqui na areia,
ou tingirão com sangue a praia pálida.
Patrão, fica com este prisioneiro;
e tu aí, como ajudante, tira
bom proveito deste outro. Este aqui perto,
(Apontando para Suffolk.)
Valter Whitmore, te tocou por sorte.
Primeiro Gentil-Homem ·
Patrão, dizei-me o preço do resgate.
Patrão · Apenas mil coroas, ou a cabeça.
Ajudante · É também o que eu peço; do contrário,
com o que me coube faço a mesma coisa.
Capitão · Como! Achais muito duas mil coroas
para vos comportardes como nobres?
Cortai a esses malandros o pescoço!
Sim, morrereis. A vida dos consócios
que perdemos não fica compensada
por uma soma assim tão irrisória.
Primeiro Gentil-Homem ·
Vou pagá-la, senhor; poupai-me a vida.
Segundo Gentil-Homem ·
E a minha; vou escrever já para casa.
Whitmore *(a Suffolk)* ·
Perdi um dos olhos, quando da abordagem
ao teu navio. Vou vingar-me, agora,
privando-te da vida, o que a teus sócios
também acontecera, se me ouvissem
neste negócio.
Capitão · Não te mostres duro.
Deixa-o viver, aceita-lhe o resgate.
Suffolk · Contempla esta medalha de São Jorge:
sou fidalgo. Estipula o meu resgate
na quantia que for, que eu não discuto.
Whitmore ·
Fidalgo eu também sou; chamo-me Valter
Whitmore. Mas, que vejo? Por que tremes?
A morte te apavora desse jeito?
Suffolk · É teu nome que assim me mete medo,
pois soa como a morte. De uma feita
um homem de saber leu meu horóscopo
e disse que eu viria a morrer na água
em circunstâncias tais como as que o nome
que ora pronunciaste me recordam.
Mas não seja isso causa de ficares
inexorável, que, a rigor, teu nome
deve ser pronunciado como Gualter.
Whitmore ·
Gualter ou Valter, pouco me preocupa.
O certo é que a desonra nunca o nome
nos conspurcou, sem que com nossa espada
limpássemos a mancha. Se eu tivesse,
portanto, de vingar-me como um baixo
mercador, merecera ver quebrada
esta espada, arrancados e manchados
os braços, e meu nome proclamado
no mundo inteiro como o de um covarde.
(Põe a mão em Suffolk.)
Suffolk ·
Pára, Whitmore! Teu prisioneiro é o Duque
de Suffolk; sou príncipe e me chamo
William de la Pole.
Whitmore ·
O Duque de Suffolk envolto em trapos?
Suffolk · Sim, mas do duque os trapos são apenas
parte acessória. Às vezes Jove usava
de disfarces. Por que não imitá-lo?
Capitão · Mas há uma diferença: Jove nunca
foi morto como tu vais ser agora.
Suffolk · Obscuro e vil campônio, o nobre sangue
do Rei Henrique, o sangue de um Lencastre
não pode ser vertido por um reles

shakespearebrasileiro.org

palafreneiro. A mão não me beijaste
muitas vezes e o estribo não firmaste
para eu montar? A trote não correste,
sem chapéu, junto à minha mula arreada
com custosos painéis, considerando-te
muito feliz se acaso eu te acenava?
A taça não me encheste tantas vezes,
não viveste das sobras dos banquetes,
não ficavas de joelho, quando, à mesa,
Margarida, a rainha, eu festejava?
Lembra-te de tudo isso e abaixa a crista,
pondo um cobro a esse orgulho sem proveito.
Quantas vezes ficaste em nossa alcova,
respeitoso, a aguardar minha passagem?
Esta mão que escreveu para fazer-te
benefícios, vai pôr agora um termo
nas sobras dessa língua escandalosa.
WHITMORE · Que dizeis, capitão? Posso dar logo
uma espetada neste pobre diabo?
CAPITÃO · Primeiro vou feri-lo com palavras
como ele fez comigo.
SUFFOLK · São rombudos,
como tu, vil escravo, os teus insultos.
CAPITÃO · Levai-o para bordo e, aí, a cabeça
cortai-lha já.
SUFFOLK · Duvido que te atrevas
a fazer isso; a tua arriscarias.
CAPITÃO · Como não, Pole?
SUFFOLK · Como! Pole?
CAPITÃO · Pole,
sim senhor; Pole ou pulo, meu fidalgo.
Fidalgo, uma ova! Pula para o lodo,
para o canil de origem, a privada
cuja imundície mal-cheirosa estraga
as argentinas águas onde bebe
nossa Inglaterra. Agora vou um batoque
pôr-te na ávida boca, que os tesouros
do reino devorou. Esses teus lábios,
que a rainha beijaram, vão, em pouco,
varrer o chão imundo. Riste na hora
da morte do bondoso Duque de Humphrey;
mas vais fazer esgares para os ventos
insensíveis, que assobiarão, mofando
de tuas carantonhas. Vais casar-te
com as megeras do inferno, pelo ousio
de haveres desposado um poderoso
senhor com a filha de um monarca pífio,
sem súditos, fortuna, nem diadema.
Cresceste só por artes do diabo;
como o ambicioso Sila, empanturraste
esse ventre insaciável com pedaços
do coração sangrento de tua mãe.
Por tua causa foi vendida à França
Maine e Anjou; por tua causa, ainda, os hipócritas
normandos se insurgiram, recusando-nos
a obediência devida a seus senhores;
os picardos mataram seus regentes,
de surpresa atacaram-nos os fortes,
e em trapos e feridos despacharam
para a terra nativa os nossos homens.
Os Nevils todos, Warwick, o altanado,
que em vão nunca sacaram da bainha
seus gládios vingadores, revoltaram-se
por ódio a tua pessoa. E a casa de York,
que, pela tirania usurpadora,
foi privada do trono pela morte
vergonhosa de um rei bondoso e puro,
no fogo da vindita ora se abrasa,
levantando a bandeira da esperança
com meio sol que por brilhar se esforça,
sob o qual se acha escrito: *Invitis nubibus.*
Todo o povo de Kent pegou em armas.
Enfim, para concluir: a mendicância
e o opróbrio se esgueiraram no palácio
do nosso rei, e tudo por tua causa.
Some daqui! Levai-o sem demora!
SUFFOLK · Oh! não ser eu um deus para meu raio
lançar sobre estes vis, rudes e abjetos
mesteireiros. As coisas mais mesquinhas
enchem de orgulho os indivíduos baixos.
Por ser este vilão chefe de um barco
sem importância, lança mais ameaças
do que Bargulus, o pirata ilírico.
Não do sangue das águias vive o zangão,
mas de pilhar o mel das abelhinhas.
Não é possível que me tire a vida
vassalo assim de tão mesquinha estirpe.
Tuas palavras deixam-me colérico,
não me causam remorso. Estou de viagem
para a França, por parte da rainha.
Intimo-te a me pores do outro lado
do canal, sem perigo e incontinenti.
CAPITÃO · Valter!

shakespearebrasileiro.org

WHITMORE · Vamos, Suffolk? eu vou te pôr depressa
do outro lado da vida.
SUFFOLK · É a ti que eu temo.
Gelidus timor occupat artus.
WHITMORE · Razão para ter medo vais ter antes
de eu me afastar de ti. Como! Estás manso?
Dobrarás, finalmente, esse pescoço?
PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·
Meu gracioso senhor, falai-lhe em termos
mais brandos; implorai-lhe os bons favores.
SUFFOLK · A voz de Suffolk é dominadora,
inflexível e altiva; não se humilha
para implorar, só sabe ditar ordens.
Jamais devemos nos dobrar a gente
como esta, para honrá-los com pedidos.
Poderei pôr no cepo esta cabeça,
porém só dobrarei os joelhos diante
de Deus que está no céu e do meu rei.
É preferível que ela dance numa
vara sangrenta a descobrir-me em frente
de um criado desprezível. A nobreza
verdadeira não sabe o que é ter medo.
Saberei suportar quantos suplícios
com vossa vilania me infligirdes.
CAPITÃO · Arrastai-o daqui; tapai-lhe a boca.
SUFFOLK · Não correrei. Soldados, mostrai toda
vossa crueldade, porque minha morte
jamais fique esquecida. Os grandes homens
são muitas vezes mortos por mendigos.
Um gladiador romano e um vil bandido
privaram da existência o doce Túlio.
Em Júlio César, com sua mão bastarda,
Bruto cravou o punhal; Pompeu, o Grande,
foi morto por selvagens insulanos.
Que muito que uns piratas matem Suffolk?
(Saem Whitmore, e outros, com Suffolk.)
CAPITÃO · É do nosso prazer que parta livre
um dos que concordaram com o resgate.
Pode sair. Venham comigo os outros.
(Saem todos, com exceção do Primeiro Gentil-Homem.)
(Volta Whitmore com o corpo de Suffolk.)
WHITMORE · Eis a cabeça dele e o corpo exangue.
Deixai-os, até vir para enterrá-los
sua amante, a Rainha Margarida.
(Sai.)
PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·
Oh! Que sangrento e bárbaro espetáculo!
Vou levar o cadáver para o rei.
Ainda que ele o não vingue, os seus amigos
o farão, ou a Rainha Margarida,
que em vida tanto lhe era dedicada.
(Sai com o corpo.)

Ato IV · Cena II

Blackheath.
Entram Jorge Bevis e John Holland.

JORGE · Vamos, trata de arranjar uma espada, nem
que seja só um pedaço de ripa. Há dois dias que eles
estão de pé.
JOHN · Razão para que estejam agora com sono.
JORGE · Digo-te que o tecelão Jack Cade tenciona
pôr pano novo na república, virá-lo e dar-lhe brilho.
JOHN · Já não é sem tempo, porque já está muito
usado. Só o que eu digo é que a alegria desapareceu
da Inglaterra, depois da vinda dos fidalgos.
JORGE · Que época miserável a nossa! A virtude não
é apreciada nos artesãos.
JOHN · A nobreza acha degradante usar avental de
couro.
JORGE · Se fosse só isso! O conselho do rei não é
composto de bons trabalhadores.
JOHN · É certo. No entanto, diz-se: "Trabalha em
tua profissão", o que equivale a afirmar que os
magistrados devem ser trabalhadores. Disso se
conclui que nós deveríamos ser magistrados.
JORGE · Falaste com acerto, porque não há melhor
indício de um espírito arguto do que a mão calosa.
JOHN · Lá vêm eles! Lá vêm eles! Estou
reconhecendo o filho de Best, o curtidor de
Wingham...
JORGE · Esse vai ficar com a pele de nossos inimigos,
para com elas preparar couro de cachorro.
JOHN · ...e o carniceiro Dick...
JORGE · Esse abaterá o pecado como o faz com as
reses, e cortará o pescoço à iniqüidade, como se fosse
o de um vitelo.

shakespearebrasileiro.org

JOHN · ...e o tecelão Smith...
JORGE · *Argo,* está com o fio da vida tecido.
JOHN · Vamos logo nos juntar a eles.

(Tambor. Entram Cade, o açougueiro Dick, o tecelão Smith, um serrador e muita gente do povo.)

CADE · Nós, John Cade, assim denominado por nosso pai putativo...
DICK *(à parte)* · Quem não te conhecer que te compre!
CADE · ...porque o inimigo vai cair diante de nós, levado pelo espírito de derrubar príncipes e reis, recomendamos silêncio.
DICK · Silêncio!
CADE · Meu pai foi um Mortimer...
DICK *(à parte)* · Homem honesto, de fato, e muito bom pedreiro.
CADE · Minha mãe, uma Plantageneta...
DICK *(à parte)* · Conheci-a muito bem; era parteira.
CADE · Minha mulher descendia dos Lacys...
DICK *(à parte)* · Não há dúvida; como filha de um mascate, devia ter vendido muitos laços.
SMITH *(à parte)* · Mas, ultimamente, por não poder mais com a mochila, passou a lavar em casa roupa na barrela.
CADE · Descendo, portanto, de uma casa honrada.
DICK *(à parte)* · É certo, por minha fé; o campo é honroso, onde ele nasceu, debaixo de uma sebe. A única casa que o pai dele teve foi a prisão.
CADE · Sou corajoso.
SMITH *(à parte)* · Por necessidade, porque, para pedir esmola, é preciso ter coragem.
CADE · Resisto ao sofrimento.
DICK *(à parte)* · Quem o duvida? Já o vi ser chibateado no mercado três dias seguidos.
CADE · Não tenho medo nem de espada nem de fogo.
SMITH *(à parte)* · Como ter medo de espada, com o casaco à prova de furo?
DICK *(à parte)* · Mas com o fogo precisa ter cautela, visto trazer nas mãos a marca dos ladrões de carneiro.
CADE · Sede bravos, portanto, que o vosso capitão é valente e vai proceder a uma reforma geral. De futuro, sete pães de meio pêni serão vendidos apenas por um pêni; as canecas de três aros passarão a conter dez, sendo considerado felonia beber cerveja fraca. Todo o reino ficará sendo propriedade comum e o meu palafrém irá pastar em Cheapside. Quando eu for rei... Sim, porque hei de ser rei...
TODOS · Deus guarde Vossa Majestade!
CADE · Obrigado, bom povo!... não haverá necessidade de dinheiro; todo o mundo há de comer e beber à minha custa. Farei que todos usem uniforme, para que se comportem como irmãos e me honrem como a seu senhor.
DICK · A primeira coisa que devemos fazer é matar os magistrados.
CADE · Está no meu programa. Pois não é lamentável que a pele de uma ovelha inocente sirva para fabricar pergaminho e que esse pergaminho, uma vez garatujado, possa matar uma pessoa? Dizem que a abelha dá ferroadas, mas eu afirmo que é a cera de abelha que o faz, porque já me aconteceu selar alguma coisa uma só vez, sem nunca mais poder ser dono de mim mesmo. Mas, que é isso? Quem vem lá?

(Entram alguns homens, trazendo o escrivão de Chatham.)

SMITH · O escrivão de Chatham. Ele sabe ler, escrever e contar.
CADE · Oh monstro!
SMITH · Surpreendemo-lo, quando preparava cópias para crianças.
CADE · Miserável!
SMITH · Traz no bolso um livro com letras encarnadas.
CADE · Então é feiticeiro.
DICK · Sim, e sabe também redigir obrigações e escrituras judiciais.
CADE · O homem me dá pena. Por minha honra, parece honesto; só virá a morrer, se eu descobrir nele alguma culpa. Chega mais para cá, maroto, que eu vou examinar-te. Como te chamas?
ESCRIVÃO · Emanuel.
DICK · É o que se costuma escrever no início das mensagens. Mau sinal para vossa causa.
CADE · Deixai o caso comigo. Costumas assinar o teu nome, ou usas algum sinal particular, como o fazem as pessoas de bem?
ESCRIVÃO · Graças a Deus, senhor, recebi educação suficiente para saber assinar o meu nome.
TODOS · Confessou! Confessou! Levai-o logo! É vilão e traidor!

shakespearebrasileiro.org

CADE · Levai-o logo, digo. Enforcai-o com a pena e o tinteiro pendurados ao pescoço.

(Saem alguns homens com o escrivão.)

(Entra Micael.)

MICAEL · Onde está o nosso general?

CADE · Aqui, meu caro amigo.

MICAEL · Foge! Foge! Sir Humphrey Stafford e o irmão estão aqui perto com o exército real.

CADE · Pára, vilão! Pára, ou eu te derrubo! Ele terá de se haver com um homem de sua marca. Não é ele, acaso, um cavaleiro?

MICAEL · Não.

CADE · Pois, para ficar sendo seu igual, vou também fazer-me cavaleiro.

(Ajoelha-se.)

Levanta-te, Sir John Mortimer!

(Levanta-se.)

E agora, vamos a eles!

(Entram Sir Humphrey Stafford e seu irmão William com um tambor e soldados.)

STAFFORD · Canalha revoltada, rebotalho
do condado de Kent, escória boa
para a forca, deponde logo as armas!
Deixai este lacaio e retornai
para vossas choupanas. Se o fizerdes,
o rei será benigno para todos.

WILLIAM STAFFORD ·
Mas vingativo, iroso e sanguinário,
se persistirdes. Rendição ou morte,
portanto: eis o dilema que vos resta.

CADE · Nada tenho que ver com esses escravos
de vestidos de seda. É a ti, bom povo,
que eu me dirijo, a ti que, dentro em breve,
espero governar, por ser o herdeiro
legítimo do trono.

STAFFORD · Miserável!
Teu pai era pedreiro e tu não passas
de um cortador de pano. É ou não certo?

CADE · E Adão foi jardineiro.

WILLIAM STAFFORD · A que vem isso?

CADE · É muito fácil. Vede: Edmundo Mortimer,
Duque de March, a filha desposou
do Duque de Clarence, não foi isso?

STAFFORD · Sim, senhor.

CADE · Dela teve dois filhos num só parto.

WILLIAM STAFFORD · É falso.

CADE · Eis a questão. Mas digo que é verdade.
Tendo sido o mais velho entregue a uma ama,
foi por uma mendiga, após, roubado.
Criado sem poder saber quem era,
quando adulto, ficou sendo pedreiro.
Sou filho dele. E, agora, contestai-me.

DICK · É isso mesmo. Por isso, ele há de ser rei.

SMITH ·
Senhor, ele construiu a chaminé da casa de meu pai. Os tijolos ainda vivem hoje, para confirmar o fato. Por isso, não o contesteis.

STAFFORD · E vós acreditais em tudo quanto
vos diz esse imbecil que fala à toa?

TODOS · Acreditamos. Por isso, tratai de vos retirar.

WILLIAM STAFFORD · Jack Cade, foi o Duque de York que te ensinou tudo isso.

CADE *(à parte)* · É mentira; fui eu que o inventei. *(Alto.)* Trata de ir saindo, maroto! Vai dizer ao rei que, por amor de seu pai, Henrique quinto, no tempo do qual os meninos brincavam com coroas francesas, eu permito que ele reine, mas com a condição de eu ficar como protetor.

DICK · Acrescentai que havemos de cortar a cabeça a Lorde Say, por ter vendido o ducado de Maine.

CADE · É justo, porque com isso a Inglaterra ficou mutilada, e necessitaria de um bastão para andar, se não fosse apoiar-se na minha resistência. Reis camaradas, digo-vos que esse Lorde Say castrou o nosso país, transformando-o em eunuco. Digo mais: ele fala francês; logo, é um traidor.

STAFFORD · Oh ignorância grosseira e miserável!

CADE · Se puderdes, respondei-me. Os franceses são nossos inimigos. Muito bem. Só pergunto uma coisa: quem fala a língua de um inimigo, pode ser um bom conselheiro?

TODOS · Não! Não! É por isso que exigimos a sua cabeça.

WILLIAM STAFFORD ·
Já que não valem termos brandos, vamos
atacá-los com o exército do rei.

STAFFORD · Proclama, arauto, em todas as cidades,
que os adeptos de Cade são traidores
e que quantos fugirem da batalha
enforcados serão nas próprias casas,

shakespearebrasileiro.org

à vista das mulheres e dos filhos,
para exemplo. Segui-me tropas leais.
(Saem os dois Staffords, com as tropas.)
Cade · Vós, amigos do povo, acompanhai-me!
É pela liberdade. Se sois homens,
mostrai-o agora. Não deixemos vivo
nenhum lorde, nenhum desses fidalgos.
Só poupai as pessoas que estiverem
de sapatos ferrados, que são todos
honestos e econômicos e, certo,
se bandeariam para o nosso lado,
se tivessem coragem para tanto.
Dick · Eles já estão em ordem e vêm para nos atacar.
Cade · Nós só ficamos em ordem, quando estamos
fora de ordem. Vamos! Para a frente!
(Saem.)

Ato IV · Cena III

Outra parte de Blackheath.
Alarma. Entram os dois partidos e lutam. Caem mortos os dois Staffords.

Cade · Onde está Dick, o açougueiro de Ashford?
Dick · Aqui, senhor.
Cade · Os inimigos caem diante de ti como
carneiros e bois e tu te comportas como se
estivesses no teu matadouro. Por isso, desejo
recompensar-te da seguinte maneira: a
quaresma vai durar outro tanto e tu terás
permissão de matar um cento menos um.
Dick · Não desejo mais do que isso.
Cade · Sim, e para ser franco, não mereces menos,
Vou pôr isto como lembrança da vitória.
(Veste a armadura de Sir Humphrey Stafford.)
Os dois corpos vão ser arrastados por meu cavalo
até Londres, onde me devem entregar a espada do
prefeito.
Dick · Se quisermos prosperar e fazer algo de bom,
abramos as prisões e soltemos os presos.
Cade · Não te preocupes com isso, posso
assegurar-te. Vamos! Marchemos para Londres.
(Saem.)

Ato IV · Cena IV

Londres. Um quarto no palácio.
Entra o Rei Henrique lendo uma súplica.
Acompanham-no o Duque de Buckingham e Lorde Say; entra depois a Rainha Margarida, chorando sobre a cabeça de Suffolk.

Rainha Margarida ·
Já ouvi dizer que as penas a alma abrandam,
degenerada e tímida deixando-a.
Cessa, pois, de chorar e pensa apenas
na vingança. Mas quem o conseguira
diante deste espetáculo? A cabeça
aperto no meu peito palpitante;
mas como poderei cingir-lhe o corpo?
Buckingham ·
Como responde Vossa Graça à súplica
dos rebeldes?
Rei Henrique · Mandando-lhes um bispo,
como parlamentar. Deus não permita
que a morrer venham pela espada tantas
almas simples. Eu próprio, porque a todos
não exponha a uma guerra sanguinária,
pretendo entrevistar-me com Jack Cade,
seu general. Mas, esperai; desejo
reler mais uma vez o que escreveram.
Rainha Margarida ·
Oh, que bárbaros! Tua majestosa
figura, que exercia poderio

shakespearebrasileiro.org

sobre mim, como o de um planeta imóvel,
não pôde enternecer aqueles olhos
indignos, mesmo, de te olhar de frente?
Rei Henrique · Jack Cade, Lorde Say, jurou que ainda há de vos cortar a cabeça.
Say · Mas espero que Vossa Alteza há de cortar a dele.
Rei Henrique · Então, senhora? Sempre a morte de Suffolk a chorar? Receio, amor, que se fosse eu o morto, não chorarias tanto.
Rainha Margarida · Não, querido, não te choraria; morreria junto.

(Entra um mensageiro.)

Rei Henrique · Que há de novo? Por que tamanha pressa?
Mensageiro · Fugi, milorde! Em Southwark os rebeldes já se encontram. Lorde Mortimer Cade se proclama descendente do Duque de Clarence, e chama abertamente Vossa Graça de usurpador, jurando coroar-se na abadia de Westminster. Seu exército é composto de um bando maltrapilho de campônios grosseiros e de criados que desconhecem compaixão. A morte de Stafford e do irmão lhes deu coragem para avançar. Todos os homens doutos, os magistrados, cortesãos, fidalgos, são por eles chamados de lagartas que, sem apelo, à morte condenaram.
Rei Henrique · Infelizes! Não sabem o que fazem.
Buckingham · Meu soberano, retirai-vos para Killingworth, até termos conseguido reunir forças para aniquilá-los.
Rainha Margarida · Se Suffolk vivesse, acalmar-se-iam os rebeldes de Kent em pouco tempo.
Rei Henrique · Lorde Say, os traidores te abominam. Vem, pois, comigo para Killingworth.
Say · Com isso Vossa Graça perigara, pois a todos é odiosa a minha vista. Ficarei aqui mesmo, procurando ocultar-me do povo baixo e infando.

(Entra o segundo mensageiro.)

Segundo Mensageiro · Em Londres Cade já tomou a ponte; os moradores fogem diante dele, abandonando as casas; a canalha, sequiosa de motim, fez com os traidores causa comum e juram, todos juntos, pôr em saque a cidade e vossa corte.
Buckingham · Pressa, milorde! Vamos, montai logo!
Rei Henrique · Vem, Margarida; Deus, nossa esperança, não há de nos deixar.
Rainha Margarida · Minha esperança não existe, pois Suffolk está morto.
Rei Henrique *(A Lorde Say)* · Milorde, adeus; não confieis nos homens de Kent.
Buckingham · Desconfiai de todo o mundo, para obviar a traição.
Say · Só deposito confiança na inocência de minha alma, que me faz corajoso e resoluto.

(Saem.)

Ato IV · Cena V

O mesmo. A Torre.

Lorde Scales e outros aparecem sobre os muros. Embaixo, alguns cidadãos.

Scales · Então, Jack Cade foi morto?
Primeiro Cidadão · Não, milorde, nem está com jeito de morrer tão cedo. Já tomaram a ponte, matando quantos se lhe opunham. O lorde prefeito pede que Vossa Honra lhe envie socorro da Torre, para defender a cidade contra os rebeldes.
Scales · Comandareis as forças que me seja possível dispensar. Mas os rebeldes me deixam preocupado, pois se empenham

shakespearebrasileiro.org

em conquistar a Torre. Ide depressa
reunir gente em Smithfield, que eu me incumbo
de mandar Mateus Goffe em vosso auxílio.

Combatei pelo rei, a pátria, as vidas.
E agora, adeus; preciso retirar-me.

(Saem.)

Ato IV · Cena VI

Londres. Rua Cannon.
Entra Jack Cade com seus partidários e bate com o bastão no marco de Londres.

CADE · O dono da cidade agora é Mortimer. E daqui, sentado no marco de Londres, eu determino e ordeno que, neste primeiro ano do nosso reinado, a fonte que mija não verta senão vinho por conta da cidade. Doravante será considerado traição darem-me outro nome além do de Lorde Mortimer.

(Entra um soldado, a correr.)

SOLDADO · Jack Cade! Jack Cade!
CADE · Prostrai-o morto!

(Matam-no.)

SMITH · Se este sujeito tiver juízo, nunca mais vos chamará de Jack Cade. A lição foi boa.
DICK · Milorde, está formado um exército em Smithfield.
CADE · Vamos dar-lhe combate. Mas primeiro ide pôr fogo na ponte de Londres e, se puderdes, incendiar também a Torre. Vamos! Marchai!

(Saem.)

Ato IV · Cena VII

O mesmo. Smithfield.
Alarma. Por um lado entra Cade com seu bando; por outro, cidadãos com as forças do rei, sob o comando de Mateus Goffe.
Batem-se; os cidadãos são derrotados e Mateus Goffe morto.

CADE · Assim, pessoal! Agora incumbam-se alguns de demolir o palácio Savóia; outros, as escolas de Direito. Destruí tudo!
DICK · Eu desejava fazer um pedido a Vossa Excelência.
CADE · Ainda que seja uma excelência, só por essa palavra vais obtê-la.
DICK · Desejo apenas que as leis da Inglaterra emanem de vossa boca.
JOHN *(à parte)* · Puxa! Serão leis bem doentias, por causa da lançada que ele recebeu na boca e que ainda não está cicatrizada.
SMITH *(à parte)* · Não é isso, John; serão leis fedorentas, porque ele tem o hálito de peixe podre.
CADE · Já refleti. Será isso que dizes. Vamos! Queimai todos os registros do reino! Minha boca vai ser, daqui por diante, o parlamento da Inglaterra.

JOHN *(à parte)* · Então vamos ter estatutos mordedores, a menos que lhe arrancassem os dentes.
CADE · Doravante todas as coisas serão em comum.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Milorde, uma presa! Uma presa! Aqui está Lorde Say, que vendeu as cidades da França e que nos fez pagar no último imposto de guerra vinte e um quinze avós e um xelim por libra.

(Entra Jorge Bevis com Lorde Say.)

CADE · Bem; ele vai ser decapitado dez vezes por isso. Ah, és tu, lorde seda, ou lorde sarja, ou de entretela? Encontras-te agora bem no alvo da nossa real jurisdição. Que poderás responder à minha majestade, por teres entregue a Normandia a Monsieur Basimecu, delfim da França? Torne-se do teu conhecimento, diante dos presentes e, ainda, da presença de Lorde Mortimer, que eu sou a vassoura que vai varrer da corte as podridões como tu. Corrompeste traiçoeiramente a mocidade do reino com a criação de uma escola de gramática; e enquanto os nossos pais não dispunham de outros livros além do giz e da talha, foste causa de se introduzir a imprensa e de se construir uma fábrica

shakespearebrasileiro.org

de papel, com prejuízo do rei, da coroa e da dignidade. Vamos provar em tua cara que tu te serves de pessoas que falam a toda hora em nome e verbo e outras palavras abomináveis, que ouvidos cristãos não podem suportar. Criaste juízes de paz para intimarem as pessoas pobres a comparecerem à sua presença, a fim de tratarem de questões de que elas não entendiam coisa alguma. Puseste-as na prisão e as mandaste para a forca, por elas não saberem ler, quando, só por isso, mereciam viver muito mais tempo. Tu montas em cavalos ajaezados, não é verdade?

Say · A que vem isso agora?

Cade · É que não devias pôr mantas em teu cavalo, quando muita gente mais honesta do que tu anda de gibão e calça.

Dick · E trabalham, também, de camisa, como eu, por exemplo, que sou açougueiro.

Say · Homens de Kent...

Dick · Que estais dizendo de Kent?

Say · Nada; disse apenas que é *bona terra, mala gens.*

Cade · Levai-o logo! Levai-o logo! Está falando latim.

Say · Escutai-me primeiro e, após, levai-me seja para onde for. Nos Comentários,
César trata de Kent e diz que é a zona
mais culta de toda a ilha. A terra, boa,
porque de bens repleta; o povo, ativo,
valente, liberal e muito próspero,
o que me faz confiar que sois piedosos.
Digo que não vendi a Normandia
nem o Maine; daria a própria vida
para poder reavê-los. A justiça
sempre foi distribuída com indulgência;
as lágrimas e as preces me abalavam,
jamais nenhum presente. Que podia
ter eu de vós tirado, que não fosse
para o rei sustentar, o reino e todos?
Fiz grandes donativos a pessoas
instruídas, por ver que o livro e a pena
me granjearam favor junto ao monarca,
e também por ter visto que a ignorância
é maldição de Deus, e o saber, asas
com que nos elevamos para o céu.
A menos que os espíritos diabólicos
vos dominem, não tendes causa alguma
para tirar-me a vida. Em quantas cortes
estrangeiras, diante de monarcas,
não pugnou por vós todos esta boca?

Cade · Ora! Quando foi que já deste um só golpe nos campos de batalha?

Say ·
Alcançam longe as mãos dos homens grandes.
Derrubei muitas vezes indivíduos
que eu não via sequer, e os prostrei mortos.

George · Que sujeito covarde! Então tu os atacavas por detrás, não é assim?

Say · Se tenho as faces pálidas, a causa
a achareis em ter eu por vós velado.

Cade · Dai-lhe um bofetão para que elas tornem a ficar vermelhas.

Say · À força de ficar sentado, quando
julgava causas de pessoas pobres,
fiquei cheio de incômodos e doenças.

Cade · Vamos dar-te caldo de cânhamo e fortificante de machado.

Dick · Por que estás tremendo, homem?

Say · É da paralisia, não de medo.

Cade · Vede como ele sacode a cabeça para o nosso lado, como quem dissesse: Esperem que eu ainda hei de haver-me com todos vós! Veremos se essa cabeça fica quieta na ponta de uma vara. Levai-o logo e decapitai-o!

Say · Dizei em que vos fui causa de ofensa.
Acaso cobicei riquezas, honras?
Dizei: minhas canastras regurgitam
de ouro extorquido aos pobres? É suntuoso
meu guarda-roupa? A quem já dei motivo
de alguma ofensa, para que me vote,
com tanto empenho, à morte? Estas mãos se acham
limpas de sangue de inocentes vítimas;
neste peito jamais entrou a perfídia.
Oh! Deixai-me viver!

Cade *(à parte)* · Essas palavras me despertam a compaixão; mas saberei resistir. Ele tem de morrer, quando mais não seja, por haver sabido defender-se tão bem. Levai-o logo! Traz um demônio embaixo da língua; não fala em nome de Deus. Vamos, levai-o logo, já o disse, e cortai-lhe imediatamente a cabeça. Depois, invadi a casa do seu genro, Sir James Cromer, fazei-lhe o mesmo, e trazei-me a cabeça de ambos na ponta de duas varas.

shakespearebrasileiro.org

Todos · Assim o faremos.
Say · Oh caros compatriotas! Se com vossas
orações fosse Deus tão obstinado,
que seria de vós no transe extremo?
Tende piedade, então; poupai-me a vida.
Cade · Levai-o logo e fazei o que vos disse.
(Saem alguns homens com Lorde Say.)
O mais orgulhoso par do reino não ficará com a
cabeça nos ombros, a menos que me pague tributo.
Nenhuma donzela se casará, sem me entregar,
primeiro, a virgindade. Todos os homens me serão
submissos *in capite,* e nós mandamos e ordenamos
que suas mulheres sejam tão livres quanto o
coração o desejar e a língua puder manifestar-se.
Dick · Milorde, quando iremos a Cheapside, para
negociar com os nossos chuços?
Cade · Neste instante.
Todos · Admirável!
(Voltam os rebeldes, com a cabeça de Lorde Say e a de seu genro.)
Cade · Não é isto mais admirável, ainda? Que
eles se beijem, agora, já que eram tão afeiçoados,
quando vivos. Agora os separai, para que eles não
combinem a maneira de entregar mais alguma
cidade da França. Soldados, deixai para a noite o
saque da cidade, porque vamos passar pelas ruas
a cavalo, levando à frente, por cetro, estas duas
cabeças. Fazei que se beijem em todas as esquinas.
Marchar!
(Saem.)

Ato IV · Cena VIII

O mesmo. Southwark.
Alarma. Entra Cade com todo o seu bando.

Cade · Subi pela Rua do Peixe! Descei pela esquina
de São Magno! Matai e derrubai a quantos
encontrardes! Atirai-os ao Tâmisa!
(Toque para parlamentar. Retirada.)
Que barulho é esse? Quem teve a ousadia de dar
o toque de retirada ou de parlamentar, quando eu
mandei que prosseguissem na chacina?
(Entram Buckingham e o velho Clifford, com forças.)
Buckingham ·
Aqui está quem te deu tantos incômodos.
Fica sabendo, Cade, que aqui viemos
da parte do monarca, como enviados
para tratar com o povo que iludiste,
com poder de perdoar os que deixarem
teu partido e voltarem para casa.
Clifford · Cidadãos, que dizeis? Cedereis logo,
aceitando o perdão que vos ofertam,
ou deixais que um rebelde vos conduza
para onde ireis morrer? Os que tiverem
amor ao rei, levantem os barretes
e gritem: Deus proteja o soberano!
E os que ódio lhe tiverem, não prezando
seu pai Henrique quinto, ante o qual tanto
toda a França tremeu, com suas armas
nos ameacem e sigam seu caminho.
Todos · Deus proteja o soberano! Deus proteja o
soberano!
Cade · Como! Buckingham e Clifford, sois assim
tão valentes? E vós, miseráveis campônios, acreditais
no que eles estão dizendo? Quereis ser enforcados
com o perdão à volta do pescoço? Minha espada abriu
caminho através das portas de Londres, para que
me abandonásseis no Cervo Branco em Southwark?
Pensei que não haveríeis de depor as armas,
enquanto não houvésseis conquistado vossa antiga
liberdade. Mas estou vendo que não passais de
uns covardes, uns maricas, que se comprazem em
viver como escravos dos nobres. Eles, pois, que vos
quebrem o dorso com fardos, e nas próprias barbas
vos tomem as casas e na vossa vista vos violem as
mulheres e filhas. Quanto a mim, vou tratar de
cuidar de uma só pessoa; e assim caia em todos vós a
maldição de Deus.
Todos · Ficamos com Cade! Ficamos com Cade!
Clifford ·
Filho de Henrique quinto é Cade, acaso,
para dizerdes que ficais com ele?
Decerto pretende ele conduzir-vos
até o centro da França, e dos mais simples

shakespearebrasileiro.org

dentre vós transformar em conde ou duque?
Não tem asilo ou casa onde se abrigue;
viver não pode se não for saqueando
nossos bens e de quantos vos estimam.
Não vos envergonhais de que essas lutas
fratricidas ensejem aos temíveis
franceses, que vencestes tantas vezes,
ocasião de fazer a travessia
do mar e vos vencer? Em meio às lutas
intestinas já os vejo tripudiando
pelas ruas de Londres e chamando-vos
a todos "Villageois!" É preferível
que morram dez mil Cades miseráveis,
a virdes ser vassalos dos franceses.
À França! À França! É tempo de ganhardes
tudo o que vos tomaram. Tende pena
da Inglaterra, que é a praia em que nascestes.
Henrique tem dinheiro; sois robustos
e destemidos; Deus está conosco:
não duvideis, portanto, da vitória.

Todos · Viva Clifford! Viva Clifford! Seguiremos o rei e Clifford!

Cade *(à parte)* · Quem já viu pena mais fácil de soprar do que esta multidão? O nome de Henrique quinto os leva a perpetrar centenas de ações más e lhes dá ânimo para me deixarem desolado. Estou percebendo que eles estão combinando em voz baixa para caírem sobre mim. Não há mais tempo a perder; vou abrir caminho com a minha espada. *(Alto)* Apesar dos demônios e do inferno, passarei pelo meio de vós! Os céus e a honra sejam testemunhas de que não é por falta de coragem, mas pela traição vil e ignominiosa de meus companheiros, que eu sou obrigado a rodar nos calcanhares.

(Sai.)

Buckingham ·
Como! Fugiu? Correi ao encalço dele.
Receberá de prêmio mil coroas
quem levar para o rei sua cabeça.

(Saem alguns homens.)

Soldados, vinde! Hei de arranjar um meio
de vos reconciliar com o soberano.

(Saem.)

Ato IV · Cena IX

Castelo de Kenilworth.
Trombetas. O Rei Henrique, a Rainha Margarida e Somerset aparecem no terraço do castelo.

Rei Henrique · Já houve soberano que em seu trono
terreno haja reinado com tão poucas
alegrias como eu? Não tinha o berço
de todo abandonado, aos nove meses
de idade, quando fui coroado rei.
Súdito algum mostrou tanto desejo
de ser rei como eu tenho de ser súdito.

(Entram Buckingham e o velho Clifford.)

Buckingham · Saúde a Vossa Majestade! Trago novas alvissareiras.

Rei Henrique · Dize, Buckingham,
foi preso o traidor Cade, ou tão-somente
fugiu para fazer-se ainda mais forte?

(Aparecem embaixo os partidários de Cade, com cordas ao pescoço.)

Clifford · Fugiu, milorde; todos os seus homens se renderam. De cordas ao pescoço,
a sentença, humildosos, ora aguardam
de Vossa Majestade: ou vida, ou morte.

Rei Henrique ·
Abra o céu suas portas sempiternas
para ouvir minhas graças e louvores.
Soldados, neste dia redimistes
as vidas e mostrastes toda a vossa
dedicação à pátria e a vosso príncipe.
Prossegui nesse mesmo estado de ânimo
que, por mais infeliz que seja Henrique,
podeis crer, não será jamais ingrato.
Perdôo-vos e agradeço-vos. E agora,
despeço cada um para seus lares.

Todos · Deus ampare o rei! Deus ampare o rei!

(Entra um mensageiro.)

Mensageiro · Permiti Vossa Graça que vos diga
que da Irlanda chegou o Duque de York
com poderoso e forte contingente
de gallowglasses e de altivos quernes.
Vem vindo para cá com grande séquito,
proclamando, por onde quer que passe,

shakespearebrasileiro.org

que suas armas visam tão-somente
retirar do teu lado Somerset,
a quem ele dá o nome de traidor.
REI HENRIQUE ·
Desta arte entre York e Cade eu me acho aflito,
como barco que, após a tempestade,
no início da bonança, por piratas
abordado se visse. Mal foi Cade
repelido e seus homens dispersados,
vem York em pé de guerra em sua ajuda.
Buckingham, vai depressa ao seu encontro
e pergunta a razão dessa atitude.
Mandarei para a Torre o Duque Edmundo,
podes dizer-lhe. Somerset, pretendo
conservar-te em custódia o tempo apenas
preciso para que ele os seus disperse.
SOMERSET · Milorde,
entrego-me à prisão de mui bom grado,
como também a morte aceitaria,
se de mim tanto a pátria reclamasse.
REI HENRIQUE ·
Em caso algum usai de termos ásperos,
que ele é altivo e detesta o falar duro.
BUCKINGHAM ·
Podeis ficar tranqüilo; hei de esforçar-me
para que tudo em vosso bem redunde.
REI HENRIQUE ·
Querida esposa, entremos. Aprendamos
a reinar; a Inglaterra vai ter causa
de maldizer meu infeliz reinado.

(Saem.)

Ato IV · Cena X

Kent. Jardim de Iden.
Entra Cade.

CADE · De que vale a ambição? Que valho eu próprio, armado de espada e a ponto de morrer de fome? Há cinco dias me escondo nesta mata, sem me atrever a sair dela, porque todo o país anda no meu encalço. Mas agora me encontro de tal modo esfomeado, que embora tivesse de arrendar a vida por mil anos, não me seria possível esperar mais tempo. Por isso saltei o muro deste jardim, esperando comer uma pouca de erva, ou colher alguma salada, o que seria um ótimo refresco para o estômago nesta época de calor. Não há que ver: salada ou celada, tanto faz; sempre me foi de grande proveito. Quantas vezes a celada do meu capacete, ou ele por inteiro, não impediu que me abrissem o crânio com umas alabardadas? E quantas vezes, ainda, depois de uma caminhada longa, não me serviu de quartilho o casco, para refrescar a língua? Pois vai servir-me, agora, de alimento.

(Entra Iden, com criados.)

IDEN · Quem trocara, senhor, este aprazível
recanto pela corte tumultuosa?
Esta modesta herança, recebida
de meu pai, vale tanto quanto um reino.
Não cobiço crescer à custa de outrem,
nem cumular riquezas ou desonras;
o que tenho me basta; é o suficiente
para os pobres e toda a minha gente.
CADE *(à parte)* · Aí vem o dono do terreno, para me pegar como se eu fosse uma besta perdida, que houvesse entrado aqui sem sua licença. Ah, vilão! Tencionas trair-me, para ganhares do rei mil coroas, por lhe levares a minha cabeça. Mas antes de nos separarmos, vou obrigar-te a comer ferro, como um avestruz, e a engolir minha espada, como se fosse um alfinete grande.
IDEN · Quem quer que sejas, rude companheiro,
não te conheço. Por que causa havia
de te trair? Não basta teres vindo
como um ladrão e entrado em meus domínios
para roubar, após saltar o muro?
Ainda por cima queres provocar-me
com esses palavrões desatinados?
CADE · Provocar-te? Sim, pelo melhor sangue que já foi vertido, e também dizer-te muita coisa na cara. Olha bem para mim. Há cinco dias que não como nada; mas, ainda assim, podes vir com os teus cinco criados, porque se eu não vos deixar tão mortos como um prego de porta, não quero que Deus me dê mais capim para comer.

shakespearebrasileiro.org

Iden · Não se dirá jamais, enquanto viva
for a Inglaterra, que eu, Alexandre Iden,
escudeiro de Kent, aceitei luta
desigual com um faminto miserável.
Fixa nos meus teus olhos esgazeados;
vê se me obrigas a abaixar a vista.
Compara os nossos membros; és mais fraco.
Tua mão, em confronto com meu punho,
parece um dedo; cabos de vassoura
são tuas pernas junto destes troncos;
meu pé pode lutar contra o conjunto
de tua força, e se eu no ar levantasse,
tão-somente, este braço, já se achara
cavada para ti a sepultura.
Mas em vez de palavras, que respostas
pomposas sempre obtém no mesmo estilo,
diga esta espada o que é vedado à língua.
Cade · Por minha valentia, eis o mais completo
campeão que já ouvi em toda a minha vida. Aço, se
entortares a ponta ou não picares em pedacinhos
este palhaço ossudo antes de voltares a dormir na
bainha, suplico de joelhos a Jove que te transforme
em cravo de ferradura.

(Batem-se; Cade cai.)

Oh! Estou morto! É a fome que me mata, nada mais.
Se dez mil demônios me agredissem depois de eu
ter recuperado as dez refeições perdidas, eu resistiria
abertamente a todos. Resseca-te, jardim! Doravante
fica sendo o cemitério de todos os moradores desta
casa, por se ter evolado neste ponto a alma invencível
de Cade.
Iden · Foi Cade que eu matei, esse monstruoso
traidor? Espada, só por esse feito
eu te consagrarei e, quando morto,
te porei sobre a minha sepultura.
Este sangue jamais será apagado
de tua ponta. Hás de trazê-lo sempre
como manto de arauto, que anuncie
a glória hoje alcançada por teu dono.
Cade · Iden, adeus. Podes orgulhar-te de tua vitória.
Dize de minha parte ao condado de Kent que ele
perdeu seu melhor homem, e exorta o mundo inteiro
a se tornar covarde, porque, eu, que nunca tive medo
de ninguém, fui vencido pela fome, não pela bravura.

(Morre.)

Iden · Quanto me ultrajas, pode o céu dizê-lo.
Morre, malvado, infame, maldição
de quem te deu à luz. Do mesmo modo
que eu mergulhei a espada no teu corpo,
queria mergulhar tua alma no inferno.
Vou te levar de rasto pelos pés,
dando-te por condigna sepultura
um muladar; após, hei de a cabeça
cortar-te, monstruosa, e, triunfalmente,
apresentá-la ao rei, deixando o corpo
como grato repasto dos abutres.

(Sai, com os criados, arrastando o corpo.)

Ato V · Cena I

Kent. Campo de batalha entre Darford e Blackheath.
De um lado, o acampamento do rei;
do outro, entra York com seu exército de irlandeses, com
bandeiras e tambores.

York · Assim chega da Irlanda o Duque de York,
com o fim de reclamar os seus direitos
e arrancar a coroa da cabeça
do fraco Henrique. Sinos, repicai!
Queimai, fogueiras! Avivais as chamas
a fim de receberdes o legítimo,
o grande soberano da Inglaterra.
Sancta Majestas, quem não te comprara,
por mais caro que fosses? Quem não sabe
reger, deve aprender a ser mandado.
Só foi feita para o ouro esta mão forte.
Não posso transformar minhas palavras
em ações sem brandir a espada ou o cetro.
E um cetro hei de possuir, tão certo como
ser eu dotado de alma, para nele
mandar gravar o lírio dos franceses.

(Entra Buckingham.)

Quem vem chegando aqui? Buckingham, para
me perturbar? Mandou-o o rei, decerto.

shakespearebrasileiro.org

Dissimulemos, pois.
BUCKINGHAM · Se chegaste, York,
com boas intenções, eu te saúdo.
YORK · Humphrey de Buckingham, aceito as tuas
saudações. Aqui te achas no caráter
de mensageiro, ou vieste por ti próprio?
BUCKINGHAM ·
Mensageiro de Henrique, nosso digno
soberano, com o fim de me informar
sobre o motivo deste movimento
guerreiro em plena paz, e por que causa
sendo tu, como eu sou, súdito dele,
mau grado o juramento de obediência,
sem sua permissão, reuniste forças
consideráveis e tiveste o ousio
de as trazer para perto de sua corte.
YORK *(à parte)* · Mal consigo falar, de tanta cólera.
Arrancaria rochas, combatera
com pedras, a tal ponto essas abjetas
expressões me deixaram transtornado.
Como Ajax Telamônio, empregaria
em carneiros e bois a minha fúria.
Sou de melhor estirpe do que o rei;
sou mais real do que ele até no modo
de pensar; mas preciso ter cautela.
Dissimulemos, pois, até que Henrique
fique mais fraco e minha força cresça.
(Alto.) Peço-te, Buckingham, que me perdoes
por não te responder todo esse tempo.
Mas tinha a alma turvada de profunda
melancolia. Vou dizer-te a causa
de eu ter trazido o exército comigo:
para afastar do rei esse orgulhoso
Somerset, que perigo constitui
para Sua Graça e, ainda, para o Estado.
BUCKINGHAM · É muita presunção de tua parte.
Mas se a razão for essa, comunico-te
que o monarca cedeu sobre esse ponto:
o Duque Somerset já está na Torre.
YORK · Empenhas a palavra? Já está preso?
BUCKINGHAM ·
Palavra de honra; o duque foi detido.
YORK · Buckingham, nesse caso eu licencio
minhas tropas. Soldados, agradeço-vos.
Dispersai. Procurai-me amanhã cedo
no campo de São Jorge; aí, então, o soldo
tereis e tudo mais quanto quiserdes.
Pode o meu soberano, o bom Henrique,
exigir o meu filho primogênito,
não, todos os meus filhos, porque sirvam
como reféns de minha vassalagem.
Hei de os mandar, tão certo como eu vivo.
Tudo o que é meu: riquezas, armaduras,
cavalos, terras, é de Sua Alteza,
desde que Somerset a morrer venha.
BUCKINGHAM ·
Louvo-te, York, essa branda submissão.
Vamos juntos à tenda de Sua Graça.
(Entra o Rei Henrique, com séquito.)
REI HENRIQUE ·
Buckingham, contra nós não planeja York
nenhum mal, para andardes assim juntos?
YORK · Com humildade e toda submissão
apresenta-se ora York a Vossa Alteza.
REI HENRIQUE ·
Então, por que reuniste tantos homens?
YORK · Para expulsar esse traidor do reino,
Somerset, e lutar contra o monstruoso
Cade, esse rebelde que, segundo
o que se anda a dizer, já foi vencido.
(Entra Iden, com a cabeça de Cade.)
IDEN · Se uma pessoa simples e grosseira
pode vir à presença do monarca,
eis-me a cabeça de um traidor trazendo-vos,
a cabeça de Cade, por mim morto.
REI HENRIQUE ·
A cabeça de Cade? Deus grandioso,
como és justo! Deixai-me ver o rosto
sem vida de quem, vivo, me foi causa
de tanta inquietação. Dizei, amigo,
se é certo que tu mesmo a decepaste?
IDEN · Eu, sim, com permissão de Vossa Graça.
REI HENRIQUE ·
Como te chamas, e qual é teu posto
no Estado?
IDEN · Alexandre Iden é o meu nome,
um simples escudeiro do condado
de Kent, mas devotado ao soberano.
BUCKINGHAM · Se milorde o aprovar, fora acertado
criá-lo cavaleiro por tal feito.
REI HENRIQUE · Iden, ajoelha-te.
(Iden se ajoelha.)
Ora te levanta
já feito cavaleiro. Como prêmio,

shakespearebrasileiro.org

te dou mil marcos e também licença
para fazeres parte do meu séquito.
Iden · Deus queira que Iden viva o suficiente
para tal galardão, e viva apenas
para ser fiel a Vossa Majestade.
(Entram a Rainha Margarida e Somerset.)
Rei Henrique ·
Vê, Buckingham, vem vindo Somerset
com a rainha. Depressa, vai dizer-lhe
que se esconda do duque.
Rainha Margarida · Nem mil Yorkes
o obrigariam a esconder o rosto;
mas frente a frente, e altivo, há de encará-lo.
York · Como assim! Somerset se encontra livre?
Nesse caso, York, os pensamentos solta
que há tanto se acham presos, e de acordo
com o coração a língua deixa agora.
Terei, então, de suportar a vista
de Somerset? Rei falso, por que causa
faltaste com a palavra, se sabias
que eu não suporto ultrajes dessa monta?
Dei-te o nome de rei? Rei nunca foste.
Não pode governar nem ser o guia
das multidões quem tanto se revela
destituído de brio e de coragem
para se impor a um vil traidor como ele.
Essa cabeça é indigna da coroa.
Não foi feita essa mão para dar nome
a um cetro temeroso, mas apenas
para o bastão cingir de peregrinos.
Eu, sim, é que devera ter a fronte
cingida por esse ouro, pois com o cenho
fechado ou com um sorriso, como a lança
de Aquiles, causo a morte ou ensejo a cura.
Eis a mão que devera estar com o cetro,
para leis decretar e dirigi-las.
Sai daí! Pelo céu, não continues
a mandar por mais tempo em quem foi criado
pelo céu para ser teu soberano.
Somerset ·
Oh monstruoso traidor! York, eu te prendo
por causa da traição que ora perpetras
contra o rei e a coroa. Petulante
traidor, vamos, retrata-te de joelhos.
York · Queres que eu me ajoelhe? Então pergunta
a estes, primeiro, se eles gostariam
que eu me dobrasse diante de quem fosse.
Olá! Chamai meus filhos, para virem
servir-me de caução.
(Sai um dos criados.)
Sei que as espadas
eles hão de arrancar para livrar-me,
antes de permitirem que me prendam.
Rainha Margarida ·
Chamai Clifford aqui; venha depressa
dizer-nos se os bastardos deste duque
estão em condições de ser fiadores
do pai, do vil traidor.
(Sai Buckingham.)
York · Napolitana
de sangue maculado, desterrada
de Nápoles, flagelo sanguinário
da Inglaterra! Meus filhos, todos eles
de melhor nascimento do que tu,
vão servir de caução do Duque de York.
Ai de quem se opuser a esse direito!
(Entram, por um lado, Eduardo e Ricardo Plantageneta, com forças; por outro, também com forças, o velho Clifford e seu filho.)
Ei-los que vêm chegando; agora é certo
fazerem bom trabalho.
Rainha Margarida · Eis também Clifford,
para impedir que o pai eles afiancem.
Clifford *(ajoelhando-se)* ·
Saúde ao meu senhor e soberano!
York · Clifford, eu te agradeço. Que notícias
nos trazes? Não procures espantar-nos
com esse olhar colérico. Nós somos
teu soberano, Clifford. Ajoelha-te
novamente. Perdoamos-te esse equívoco.
Clifford ·
Eis o meu rei. Não houve equívoco, York.
Foi teu o engano, ao presumires lapso
de minha parte. Levem-no depressa
para Bedlam. Terá ficado louco?
Rei Henrique ·
Sim, Clifford, um humor louco e ambicioso
o leva a, assim, se opor ao soberano.
Clifford ·
É um traidor; para a Torre o mandai logo,
e ordenai que a cabeça lhe decepem.
Rainha Margarida ·
Já está detido, mas não se submete;
diz que os filhos o afiançam sob palavra.

shakespearebrasileiro.org

YORK · Não o fareis, meus filhos?
EDUARDO · Fá-lo-emos, nobre pai; se for bastante nossa palavra.
RICARDO · Caso ela não baste,
farão nossas espadas o restante.
CLIFFORD · Que estupenda ninhada de traidores!
YORK · Mira-te num espelho e dá esse nome
à tua imagem. Eu sou teu soberano;
tu, um arquitraidor. Ponde no poste
meus dois ursos valentes, para que eles,
só com o ruído das cadeias, possam
apavorar estes sabujos tímidos.
Chamai depressa Warwick e Salisbury.
(Tambores; entram Warwick e Salisbury, com forças.)
CLIFFORD · São estes os teus ursos? Vou moê-los
de pancada e tirar-lhes as cadeias
para com elas amarrar o guarda,
caso tenhas coragem de trazê-los
para o meio da arena.
RICARDO · Já vi muitas,
muitas vezes cãezinhos presunçosos
morder a mão de quem os segurava;
mas quando as garras do urso lhes calava
fundo no pêlo, o rabo logo enfiavam
por entre as pernas e a ganir fugiam.
Papel igual é o que farás, no caso
de quereres te opor a Lorde de Warwick.
CLIFFORD · Sai, montão de ira, massa indigerível,
deformado no corpo e nas maneiras.
YORK · Já vamos aquecer-te.
CLIFFORD · Mas cuidado,
porque não vos queimeis no próprio fogo.
REI HENRIQUE ·
Por que motivo os teus joelhos, Warwick,
não se lembraram de dobrar agora?
Vergonha a esses cabelos brancos, velho
Salisbury, que assim guiar-te deixas
por um filho lunático. Pretendes
assumir o papel de bandoleiro
no teu leito de morte e com teus óculos
agruras procurar? Onde há lealdade?
Onde há dedicação? Se está banida
da fronte encanecida, como pode
qualquer abrigo achar ainda na terra?
Queres cavar um túmulo, com o fito
de achar a guerra e, assim, manchar de sangue
tua honrada velhice? Por que és velho,
se te falta a experiência? E se a possuis,
por que dela abusares? Que vergonha!
Ouve a voz do dever, dobra esses joelhos
que, de velhos, se vergam para o túmulo.
SALISBURY · Milorde, refleti comigo acerca
da pretensão deste famoso duque,
e reputo, em consciência, Sua Graça
o legítimo herdeiro do real trono
da Inglaterra.
REI HENRIQUE · Jurastes-me obediência,
não é verdade?
SALISBURY · É certo.
REI HENRIQUE · E como pensas
desobrigar-te desse juramento
perante Deus?
SALISBURY · Pecado inominável
é jurar um pecado, mas pecado
ainda maior é procurar mantê-lo.
Quem se julga obrigado por solene
juramento a matar qualquer pessoa,
a roubar, a forçar a castidade
de uma virgem sem mancha, a se apropriar
da herança que coubera a uns pobres órfãos,
e a negar à viúva o seu direito,
sem ter outras razões para tais crimes,
afora a alegação de um juramento?
RAINHA MARGARIDA ·
Um traidor astucioso não precisa
lançar mão de sofismas.
REI HENRIQUE · Ide logo
dizer a Buckingham que venha armado.
YORK · Manda buscá-lo; chama os teus amigos;
estou por tudo, agora: a morte ou o trono.
CLIFFORD ·
Se os sonhos não nos mentem, a primeira.
WARWICK · Andarias melhor, se te deitasses
para sonhar de novo; assim fugirias
das borrascas do campo de batalha.
CLIFFORD · Estou disposto a suportar maiores
borrascas do que quantas tu pudesses
hoje desencadear, e isso pretendo
deixar escrito nesse capacete,
pois que até agora eu te conheço apenas
pelo lema dos teus.
WARWICK · Bem, a divisa
dos velhos Nevils, por meu pai usada,
um urso preso a uma nodosa estaca,

shakespearebrasileiro.org

hoje me encimará o arnez altivo,
como cedro no cimo da montanha
que em meio aos furacões conserva as folhas.
Até da visão disso terás medo.
CLIFFORD · Pois hei de te arrancar do capacete
esse urso e espezinhá-lo com desprezo,
sem que me faça mossa o guarda dele.
O MOÇO CLIFFORD ·
Pai vitorioso, às armas! Esmaguemos
os rebeldes e todos os seus cúmplices.
RICARDO ·
Não mostreis tanto orgulho ao falar nisto,
que hoje mesmo cearei com Jesus Cristo.
O MOÇO CLIFFORD ·
Não sabes nada, monstro subalterno.
RICARDO · Se não no céu, ireis cear no inferno.

(Saem por lados diferentes.)

Ato V · Cena II

Santo Albano.
Alarma. Movimento de tropas. Entra Warwick.

WARWICK ·
Clifford de Cumberland, Warwick te chama!
Se não evitas o urso, agora, ao ouvires
a trombeta colérica, e os gemidos
dos moribundos que o ar vazio ocupam,
Clifford, torno a dizer, vem para a luta!
Clifford de Cumberland, lorde orgulhoso
do norte, Warwick está quase sem voz
de tanto te chamar para o combate.

(Entra York.)

Perdestes o cavalo, nobre lorde?
YORK · Matou-o a mão de Clifford destruidora;
mas a minha lhe deu troco na altura,
transformando em carniça para as gralhas
e os corvos o corcel que ele apreciava.

(Entra o velho Clifford.)

WARWICK ·
Chegou a hora de um de nós, ou de ambos.
YORK · Warwick, busca outra caça; deixa-me esta,
que eu lhe vou dar o golpe derradeiro.
WARWICK · Faze-o, então, nobremente; é por um
[trono
que te bates. Afirmo-o, com a certeza
que tenho de vencer: é pesaroso,
Clifford, que eu te abandono sem combate.

(Sai.)

CLIFFORD ·
Que estás vendo, York, em mim? Por que paraste?
YORK · Tua viril figura poderia
deixar-me por ti preso, se não fosse
seres meu inimigo encarniçado.
CLIFFORD · Eu poderia despender louvores
à tua valentia, se a não visse
posta a serviço da traição, da infâmia.
YORK · Ela vai me amparar contra o teu gládio,
por a ter sempre usado na defesa
da justiça e do bem.
CLIFFORD · Jogo a alma e o corpo.
YORK · Parada formidanda. A postos, vamos!

(Batem-se. Clifford cai.)

CLIFFORD · *La fin couronne les oeuvres.*

(Morre.)

YORK · A guerra te deu paz, achaste a calma.
Se lhe permites, Deus, paz a sua alma.

(Sai.)

(Entra o moço Clifford.)

O MOÇO CLIFFORD ·
Vergonha e confusão! Debandam todos!
Nasce a desordem do pavor, ferindo
quem amparar devera. Ó Guerra, filha
do inferno, transformada em instrumento
da cólera dos céus, lança nos frios
peitos dos nossos homens os carvões
ardentes da vingança! Não permitas
que nossa gente fuja. Quem à guerra
se consagra, descuida de si próprio;
só por acaso o egoísta é valoroso,
jamais por natureza.

(Vê o corpo do pai.)

Acabe o mundo
desprezível! As chamas prometidas
do último dia a terra e o céu confundam!
Abafe a universal trombeta os ruídos

shakespearebrasileiro.org

particulares e as mesquinhas vozes.
Querido pai, estava destinado
que vivesses em paz na mocidade,
que usasses a argentina vestimenta
da velhice experiente, e, assim, viesses
a acabar em batalha desalmada
os teus dias de calma e de respeito?
à vista deste quadro transformou-se-me
em pedra o coração, que, enquanto vida
me restar, ficará duro e insensível.
York os velhos não poupa; o mesmo aos filhos
farei dos inimigos. Como o orvalho
sobre o fogo, serão virgíneas lágrimas
para mim, e a beleza que por vezes
abranda a tirania, para a minha
cólera, em chama, vai ser óleo e cera.
Nada terei que ver, daqui por diante,
com a compaixão. Se eu me encontrar com um filho
da casa de York, o deixarei em postas
como a doce Medéia fez com Absirto.
A crueldade me vai deixar famoso,
daqui por diante. Vamos, nova ruína
de um solar tão antigo.

(Carrega o corpo.)

Como Enéias
outrora carregou o velho Anquises,
nos meus ombros viris eu te carrego.
Mas Enéias levava um fardo vivo,
mais leve do que as minhas amarguras.

(Sai.)

(Entram Ricardo e Somerset, lutando; Somerset é morto.)

RICARDO · Fica-te aí!
Debaixo deste escudo desprezível
de uma cervejaria, no castelo
de Santo Albano, Somerset, morrendo,
dá fama à feiticeira. Espada, a têmpera
conserva; coração, prossegue iroso.
Pode o padre rezar pelo inimigo;
a um rei cumpre matar, dar o castigo.

(Alarma; movimento de tropas. Entram o Rei Henrique, a Rainha Margarida e outras pessoas, em retirada.)

RAINHA MARGARIDA ·
Que lerdeza, senhor! Tende mais vida!

REI HENRIQUE ·
Ninguém escapa ao fado, Margarida.

RAINHA MARGARIDA ·
Afinal? Nem fugis, nem vos dispondes
a lutar. É preceito da coragem,
sim, da sabedoria, do sentido
de defesa, saber perder terreno,
tentando a salvação de qualquer jeito;
e ora há um jeito, somente: a retirada.

(Sinal de alarma, ao longe.)

Se fordes preso, adeus tudo que temos!
Mas se tivermos sorte e conseguirmos
fugir, o que faremos facilmente,
se não negligenciardes, chegaremos
a Londres, onde somos estimados
e onde reparo se fará depressa
na brecha que sofreu nossa fortuna.

(Torna a entrar o moço Clifford.)

O MOÇO CLIFFORD ·
Se o coração não me pressagiasse
maiores infortúnios, eu pudera
blasfemar, sem pedir-vos que partísseis.
Mas importa fugirdes; desenfreada
balbúrdia o coração dos nossos homens
domina por completo. Fugi logo,
se quereis escapar. Ainda haveremos
de viver para o dia da ventura,
ao imigo cedendo a sorte dura.

(Saem.)

Ato V · Cena III

Campo perto de Santo Albano.
Alarma. Retirada. Toque de clarins;
depois, entram York, Ricardo, Warwick e soldados, com tambores e bandeiras.

YORK · De Salisbury quem me dá notícias,
o leão idoso que na sua cólera
se esquece dos embates e de todas
as contusões do tempo e, como um bravo
na flor da idade, sabe achar recursos
em qualquer ocasião? Não poderemos
considerar feliz esta jornada,
nem dizer que ganhamos um só palmo,
se ele, acaso, morreu.

shakespearebrasileiro.org

Ricardo · Meu nobre pai,
hoje o ajudei três vezes a montar,
três vezes o amparei quando caído,
três o tirei do campo, suplicando-lhe
que se poupasse; mas sempre ia achá-lo
onde era grande o risco. Qual vistoso
tapete em casa pobre, era a vontade
naquele corpo fraco e envelhecido.
Mas, com toda a nobreza, ei-lo que chega!

(Entra Salisbury.)

Salisbury · Por minha espada, hoje lutaste bem.
Pela missa, nós todos. Agradeço-vos,
Ricardo. Só Deus sabe quanto tempo
ainda eu tenho de vida; mas três vezes,
hoje, ele quis que vós me protegêsseis
contra a morte iminente. Meus senhores,
não é bastante terem debandado
os nossos inimigos, porque sempre
com muita rapidez se refizeram.

York · É certo, nossa segurança exige
que lhes vamos no encalço, pois, segundo
me disseram, o rei foi para Londres
a fim de convocar o parlamento.
Persigamo-los, antes que eles possam
enviar as circulares. Lorde de Warwick,
que opinais? Correremos atrás deles?

Warwick · Atrás deles? De forma alguma; à frente
deles, se for possível. Por minha honra,
meus senhores, o dia foi glorioso.
Há de ficar famosa esta batalha
de Santo Albano, em que York é o vencedor.
Sigamos para Londres, para a festa!
Se outras horas contássemos como esta!

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Personagens

Rei Henrique VI.
Eduardo, Príncipe de Gales, seu filho.

Luís IX, Rei da França
Duque de Somerset
Duque de Exeter
Conde de Oxford
Conde de Northumberland
Conde de Westmoreland
Lorde Clifford
} partidários do Rei Henrique.

Ricardo Plantageneta, Duque de York.

Eduardo, Conde de March depois Rei Eduardo IV
Edmundo, Conde de Rutland
Jorge, depois Duque de Clarence
Ricardo, depois Duque de Gloster
} seus filhos.

Duque de Norfolk
Marquês de Montague
Conde de Warwick
Conde de Pembroke
Lorde Hastings
Lorde Stafford
} partidários do Duque de York.

Sir John Mortimer
Sir Hugo Mortimer
} tios do Duque de York

Henrique, Conde de Richmond, um jovem.
Lorde Rivers, irmão de Lady Grey.
Sir William Stanley.
Sir John Montgomery.
Sir John Smerville.
O tutor de Rutland.
O prefeito de York.
O tenente da Torre.
Um nobre.
Dois guardas.
Um caçador.
Um filho que matou o pai.
Um pai que matou o filho.
Rainha Margarida.
Lady Grey, depois esposa de Eduardo IV.
Bona, irmã da Rainha da França.
Soldados e outras pessoas do séquito do Rei Henrique e do Rei Eduardo, mensageiros, vigias, etc.

Cena

Parte do ato terceiro, na França; as demais cenas, na Inglaterra.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Londres, Casa do parlamento.
Tambores. Irrompem alguns soldados do partido de York. Depois entram o Duque de York, Eduardo, Ricardo, Norfolk, Montague, Warwick e outros, com rosas brancas no chapéu.

WARWICK · Admira-me que o rei haja escapado.
YORK · Enquanto nós seguíamos os homens
de cavalo do norte, ele achou modo
de se esgueirar da luta, abandonando
no campo os seus soldados. Entrementes,
o grande Lorde de Northumberland,
cujo ouvido guerreiro nunca o toque
de recuar suportou, soube dar ânimo
ao exército exausto; ele, com Lordes
de Stafford e de Clifford, a um só tempo,
se lançaram de encontro a nossa frente
principal e a abalaram; mas por simples
soldados foram mortos a espadadas.
EDUARDO · O genitor de Lorde Stafford, Duque
de Buckingham, achava-se ferido
de morte, ou morto já, provavelmente.
A viseira lhe abri com mão certeira.
Digo a verdade, pai; vede-lhe o sangue.
(Mostra a espada ensangüentada)
MONTAGUE ·
E aqui, este sangue, mano, em minha espada,
(Mostrando a espada a York.)
é do Conde de Wiltshire, que ferido
foi por mim no entrechoque dos exércitos.
RICARDO *(atirando ao solo a cabeça de Somerset.)*
Fala por mim e dize quanto eu fiz.
YORK · De todos os meus filhos foi Ricardo
quem mais hoje brilhou. Mas Vossa Graça,
Lorde de Somerset, morreu de fato?
NORFOLK · Pereça desse modo toda a casa
de João de Gaunt.
RICARDO · Do mesmo modo espero
proceder com a cabeça do monarca.
WARWICK · É o que eu digo, também. Vitorioso
Príncipe de York, enquanto eu não te vir
no trono ora ocupado pela casa
de Lencastre, por tudo quanto é santo,
não fecharei os olhos. Encontramo-nos
no palácio do tímido monarca.
Eis seu real assento; toma posse
dele, York; és o seu dono verdadeiro,
não os filhos de Henrique.
YORK · Então me ajuda,
suave Warwick, a obtê-lo, já que viemos
até aqui tão-só à custa de violência.
NORFOLK · Ajudar-te-emos; morra o que fugir.
YORK · Muito obrigado, meu querido Norfolk.
Londres, ficai comigo; vós, soldados,
ficareis alojados esta noite
junto de mim.
WARWICK · Não empregueis violência,
quando o rei vier, a menos que ele tente
vos expulsar, valendo-se da força.
(Os soldados se retiram.)
YORK · A rainha pretende reunir hoje
seu parlamento, mas não tem suspeita
de que fazemos parte do conselho.
Ou com discursos, ou por meios drásticos,
vamos fazer valer nossos direitos.
RICARDO · Já que estamos armados, não saiamos.
WARWICK ·
Parlamento sangrento, é como a história
vai chamar a este, caso o Duque de York,
Plantageneta, não ocupe o trono
do fraco Henrique, cuja covardia
nos faz alvo de chufas inimigas.
YORK · Ficai, então, comigo e destemidos
vos mostrai, que eu pretendo entrar na posse
dos meus direitos.
WARWICK · Nem o rei, nem mesmo
quem mais amor lhe vote, o mais altivo
dos adeptos da casa de Lencastre,
ousará mover a asa, caso os guisos
venha Warwick a agitar. Hoje eu pretendo
plantar Plantageneta e, com as raízes,
arrancar quem ousar fazer-me frente.
Resolve-te, Ricardo; exige o trono.
(Warwick conduz York até o trono, onde este se assenta.)
(Toque de clarins. Entram o Rei Henrique, Clifford, Northumberland, Westmoreland, Exeter, e outros, com rosas vermelhas no chapéu.)

shakespearebrasileiro.org

REI HENRIQUE · Vede, milordes, onde está sentado
esse ousado rebelde: na cadeira
do reino! Secundado pela força
de Warwick, o falso par, ele ora intenta,
parece apoderar-se da coroa
para reinar qual rei. Northumberland,
ele matou teu pai; e o teu também,
Lorde Clifford; jurastes de vingar-vos
nele, nos filhos, e nos seus amigos
e partidários.
NORTHUMBERLAND · Caso o não confirme,
tome o céu contra mim crua vingança.
CLIFFORD · Clifford nessa esperança passa o luto
vestido de aço.
WESTMORELAND · Como! É então possível
tamanho ultraje? Vamos sem demora
derrubá-lo do trono. Sinto em cólera
abrasar-se-me o peito. Não mais posso
continuar a ver isso.
REI HENRIQUE · Gentil Conde
de Westmoreland, paciência.
CLIFFORD · Paciência
é para os pusilânimes como ele!
Se vosso pai, milorde, ainda vivesse,
não teria ele o ousio de sentar-se
onde ora está. Gracioso soberano,
permiti que mesmo aqui no parlamento,
contra a família de York nos lancemos.
NORTHUMBERLAND ·
Primo, falaste bem; seja assim mesmo.
REI HENRIQUE ·
Ignorais que a cidade os favorece
e que eles têm soldados de reforço?
EXETER · Mas, morto o duque, todos se dispersam.
REI HENRIQUE ·
No coração de Henrique jamais entre
a idéia de fazer do parlamento
inglês um matadouro. Só, primo Exeter,
palavras, ameaças e carrancas
é que hão de constituir os belicosos
recursos de que Henrique vai servir-se.
(Avança para o duque.)
Faccioso Duque de York, sai do trono!
Ajoelha-te a meus pés e pede graça,
que eu sou teu rei.
YORK · Eu é que o sou de ti.
EXETER · Envergonha-te disso! Desce logo!
Foste criado por ele Duque de York.
YORK · O ducado e o condado herdei-os ambos.
EXETER · Teu pai foi um traidor do soberano.
WARWICK · Exeter, és traidor, caso acompanhes
o usurpador Henrique.
CLIFFORD · Quem deve ele
acompanhar, senão o seu rei legítimo?
WARWICK ·
Certo, Clifford: Ricardo, Duque de York.
REI HENRIQUE ·
Ficarei eu de pé e tu em meu trono?
YORK · Claro que sim; contenta-te com isso.
WARWICK ·
Sê o Duque de Lencastre; ele é o monarca.
WESTMORELAND ·
Ele é monarca e Duque de Lencastre;
Lorde de Westmoreland isso confirma.
WARWICK · E Warwick o desaprova. Já esquecestes
que nós somos os que vos expulsamos
do campo de batalha, a morte demos
a vossos pais e, com bandeiras soltas,
atravessamos a cidade, rumo
às portas do palácio?
NORTHUMBERLAND · Warwick, é certo;
para minha tristeza, ainda me lembra.
Pela alma de meu pai, tu e tua casa
ainda me pagareis.
WESTMORELAND · Plantageneta,
de ti, desses teus filhos, dos parentes,
de teus amigos, ceifarei mais vidas
do que gotas de sangue se encontravam
nas veias de meu pai.
CLIFFORD · Sobre isso, basta;
se não, Warwick, em vez de usar palavras,
te envio um mensageiro que o trespasso
me vingue de meu pai, sem que eu me mexa.
WARWICK · Pobre Clifford, como eu desprezo as
suas fúteis ameaças!
YORK · Desejais que eu mostre
meus títulos ao trono? Do contrário,
nos campos o farão nossas espadas.
REI HENRIQUE · Qual é, traidor, teu título à coroa?
Foi teu pai Duque de York, o que és agora;
Mortimer, teu avô, Conde de March.
De Henrique quinto, no entanto, eu venho,
que o delfim e os franceses fez curvar-se
e conquistou cidades e províncias.

shakespearebrasileiro.org

WARWICK · Muda de assunto, pois perdeste a França.
REI HENRIQUE · Eu, não; foi Lorde Protetor; eu tinha só nove meses, quando fui coroado.
RICARDO · Agora sois idoso, mas parece que continuais perdendo. Pai, depressa, tiremos a coroa da cabeça do usurpador.
EDUARDO · Fazei-o, pai querido; colocai-a na vossa.
MONTAGUE *(a York)* · Caro mano, se amas e honras as armas, combatamos e ponhamos um termo a estas parlendas.
RICARDO · Fazei soar tambores e trombetas, para que fuja o rei.
YORK · Quietos, meus filhos!
REI HENRIQUE · Fica tu quieto e deixa o rei falar.
WARWICK · Primeiro falará Plantageneta. Lordes, ouvi-o. E vós aí, silêncio! pois quem o interromper será homem morto.
REI HENRIQUE · Pensas que vou, assim, deixar o trono onde meu pai e meu avô reinaram? Não! Antes disso, a guerra há de o meu reino todo arrasar. Sim, as bandeiras deles, tantas vezes levadas até à França, e ora, com grande mágoa do meu peito, imotas na Inglaterra, vão servir-me de mortalha. Por que temeis, senhores? Melhores do que os dele são meus títulos.
WARWICK · Se o provares, Henrique, serás rei.
REI HENRIQUE · Por conquista, foi rei Henrique quarto.
YORK · Contra o seu rei, portanto, se insurgindo.
REI HENRIQUE *(à parte)* · Que responder? Percebo que meu título é precário. *(Alto.)* Dizei-me: um rei não pode nomear seu próprio herdeiro?
YORK · Bem; e o resto?
REI HENRIQUE · Caso possa, eu sou rei, porque Ricardo, presentes muitos nobres, a coroa resignou a favor de Henrique quarto. Dele meu pai a herdou; de meu pai, eu.
YORK · Ele se revoltou contra o monarca, levando-o a resignar o trono à força.
WARWICK · Suponde, agora, que ele não tivesse sido coagido: julgais mesmo que ele poderia lesar em algo o trono?
EXETER · Não podia abdicar a real coroa, a não ser para o herdeiro mais chegado.
REI HENRIQUE · Contra nós também te achas, Duque de Exeter?
EXETER · Não vos zangueis, mas o direito é dele.
YORK · Por que tantos cochichos, meus senhores?
EXETER · Diz-me a consciência que ele é o rei legítimo.
REI HENRIQUE *(à parte)* · Todos me deixam; voltam-se para ele.
NORTHUMBERLAND · Plantageneta, embora arrogues títulos, não presumas que Henrique perca o trono.
WARWICK · A despeito de tudo, vai perdê-lo.
NORTHUMBERLAND · É engano teu; a força com que contas no sul: Essex, Norfolk, Suffolk e Kent, de que tanto te orgulhas, não tem meios para elevar o duque a meu mau grado.
CLIFFORD · Rei Henrique, ainda mesmo que os teus títulos legítimos não sejam, compromete-se a defender-te a causa Lorde Clifford. Abra-se a terra e me devore vivo, onde eu vier a ajoelhar-me ante o assassino de meu pai.
REI HENRIQUE · Como o peito me reanimas, Clifford!
YORK · Henrique de Lencastre, abdica logo a coroa. E vós aí, milordes, que conspirais? Que estais falando baixo?
WARWICK · Se não reconhecerdes o direito do nobre Duque de York, com meus homens invadirei a casa e, no alto trono que ele ora ocupa, escreverei seus títulos com o sangue de um traidor.
(Bate com o pé; aparecem soldados.)
REI HENRIQUE · Uma palavra somente, Milorde Warwick: permiti que eu seja rei, enquanto estiver vivo.
YORK · Assegura-me, a mim e aos meus herdeiros, a coroa, e hás de ser o soberano enquanto fores vivo.
REI HENRIQUE · Isso me basta.

shakespearebrasileiro.org

Plantageneta, após o meu trespasso,
tu gozarás do reino.
CLIFFORD · Que injustiça
para o príncipe herdeiro, vosso filho!
WARWICK ·
Que bem para ele próprio e para o reino!
WESTMORELAND ·
Baixo e medroso Henrique, sem confiança!
CLIFFORD · Que prejuízo nos causas e a ti próprio!
WESTMORELAND · Depois disso, preciso retirar-me.
NORTHUMBERLAND ·
Eu também.
CLIFFORD · Vamos, primo, dar a nova
à rainha.
WESTMORELAND · Adeus, rei degenerado,
sem brio algum; guarida não encontra
nesse sangue gelado a chispa da honra.
NORTHUMBERLAND · Possas vir a cair presa da casa
de York e a morrer acorrentado, em vista
deste ato pusilânime.
CLIFFORD · Em terrível
guerra sejas vencido; em tempos calmos
possas viver odiado e desprezado.
(Saem Northumberland, Clifford e Westmoreland.)
WARWICK · Vira-te Henrique, para cá; não olhes
mais para o lado deles.
EXETER · Só procuram
vingança, nada mais; não cederão.
REI HENRIQUE ·
Ah, Exeter!
WARWICK · Que coisa vos compunge,
milorde?
REI HENRIQUE · Não lastimo, Milorde Warwick,
minha sorte, senão a de meu filho,
que eu deserdo por modo desumano.
Seja o que for: agora e para sempre,
te lego, e aos teus herdeiros, a coroa,
com a condição de pores um remate
a esta guerra civil e de jurares
que me honrarás, enquanto estiver vivo,
como a rei e senhor, não procurando,
por astúcia ou violência, derrubar-me
do trono para, alfim, a ele subires.
YORK · De grado o juro e voluntário o cumpro.
(Desce do trono.)
WARWICK · Viva Henrique! Plantageneta, abraça-o.
REI HENRIQUE · Vive tu com teus filhos
promissores!
YORK · York e Lencastre, agora, estão amigos.
EXETER · Maldito seja quem quiser cindi-los.
(Toque de clarins. Os nobres avançam.)
YORK · Adeus, meu gracioso príncipe; recolho-me
ao meu castelo.
WARWICK · Parto, com meus homens,
a ocupar Londres.
NORFOLK · Eu, com minha tropa,
sigo para Norfolk.
MONTAGUE · Eu, para o mar,
o ponto de onde vim.
(Saem York e os filhos. Warwick, Norfolk, Montague, soldados e séquito.)
REI HENRIQUE · Eu, para a corte,
com meu fardo de dores e de agruras.
(Entram a Rainha Margarida e Príncipe de Gales.)
EXETER · Aí vem vindo a rainha; traz a cólera
no olhar. Vou ver se escapo.
REI HENRIQUE · Eu faço o mesmo,
Exeter.
RAINHA MARGARIDA ·
Não me fujas, que eu te sigo!
REI HENRIQUE ·
Se prometeres que hás de ter paciência,
querida esposa, eu fico.
RAINHA MARGARIDA · Quem pudera
dar mostras de paciência em tal extremo?
Desgraçado! Por que não morri virgem?
Não te teria visto, não teria
sido mãe de teu filho, nem ficara
sabendo que és um pai falto de entranhas.
Por que ele mereceu ser deserdado
dessa maneira? Se metade, ao menos,
tu sentisses, do amor que lhe dedico,
ou tivesses passado pelas dores
por que passei, ou com teu sangue a vida
lhe houvesses dado, como fiz, por certo
verteras, aqui mesmo, o mais prezado
sangue do coração e não fizeras
teu herdeiro esse duque sem princípios,
deixando sem herança teu filho único.
PRÍNCIPE ·
Não podereis deserdar-me, pai. Que impede
que eu vos suceda, se sois rei, de fato?
REI HENRIQUE ·
Margarida, perdão; perdão, meu filho;
o Conde Warwick e o duque me forçaram.

shakespearebrasileiro.org

Rainha Margarida · Forçaram-te? És rei e te forçaram?
Envergonha-me ouvir-te. Oh desgraçado,
sem coragem! Causaste a nossa ruína,
a tua, a minha, a de teu filho, e à casa
de York deste tal força, que só podes
doravante reinar se o consentirem.
Legar-lhe, e aos seus herdeiros, a coroa,
que foi, senão abrir o teu sepulcro
para nele baixares antes da hora?
Warwick é chanceler e se acha à frente
de Calais; o severo Faulconbridge
domina o estreito; o duque foi nomeado
protetor, e, ainda assim, te julgas firme?
Sim, estás muito firme, como o trêmulo
cordeirinho entre lobos. Se eu me achasse
presente, embora eu seja mulher fraca,
deixar-me-ia ferir pelos soldados,
antes de consentir nesse contrato.
Mas preferiste a vida com a desonra.
Por isso, Henrique, a decisão eu tomo
de abandonar teu leito e a tua mesa,
até ver anulado esse ato absurdo
do parlamento, que privou meu filho
de suas esperanças. Os senhores
do norte, que abjuraram tuas cores,
seguirão meus pendões logo que os virem
desfraldados, e breve será isso,
para tua vergonha e inteira ruína
da casa de York. E assim, te deixo. Vamos,
meu filho; nosso exército está a postos;
vamos ao seu encontro.

Rei Henrique · Margarida
gentil, espera um pouco; ouve-me, ao menos.

Rainha Margarida · Já falaste demais; some daqui.

Rei Henrique · Ficarás com teu pai, meu caro Eduardo?

Rainha Margarida · Para ser morto pelos inimigos?

Príncipe · Quando eu voltar do campo de batalha,
vitorioso, virei ver Vossa Graça.
Até lá, meu lugar é junto dela.

Rainha Margarida · Vamos, meu filho; o tempo está correndo.

(Saem a Rainha Margarida e o Príncipe de Gales.)

Rei Henrique · Pobre rainha! O amor que a mim e ao filho
sempre ela dedicou, fê-la valer-se
de expressões menos brandas. É preciso
que nos vinguemos desse duque odioso,
cujo espírito altivo, alado agora
pela cobiça, o trono me corveja,
procurando, como águia esfomeada,
as carnes me comer e de meu filho.
A perda dos três lordes me compunge
demais o coração. Vou escrever-lhes,
em termos amigáveis. Vamos, primo;
sereis o mensageiro.

Exeter · De bom grado,
esperando alcançar que todos voltem.

(Saem.)

Ato I · Cena II

Um quarto no castelo de Sandal, perto de Wakefield, em Yorkshire.
Entram Eduardo, Ricardo e Montague.

Ricardo · Deixa, mano, que eu fale, embora eu seja
de todos o mais moço.

Eduardo · Não; eu posso
fazer esse papel com mais aprumo.

Montague · Darei fortes razões e convincentes.

(Entra York.)

York · Que é isso, mano? Filhos, discutindo?
Qual o motivo? Como principiastes?

Eduardo · Não é briga; pequena divergência.

York · A respeito de quê?

Ricardo · De algo que tanto
vos diz respeito como a nós: o trono
da Inglaterra, meu pai, que vos pertence.

York · A mim, rapaz? Mas só depois da morte
do Rei Henrique.

Ricardo · A morte ou a vida dele,
sobre vossos direitos nada influem.

Eduardo · Sois herdeiro; gozai, pois, dessa herança.

shakespearebrasileiro.org

Se deixardes que a casa de Lencastre
respire muito tempo, ela termina
passando-vos na frente.
YORK · Fiz a jura
de não me intrometer no seu reinado.
EDUARDO · Por um reino se quebra um juramento.
Perjuraria dez mil vezes, para
reinar um ano apenas.
RICARDO · Deus não queira
que Sua Graça se torne, assim, perjuro.
YORK · É o que eu serei, se reclamar o trono.
RICARDO · Provarei o contrário, se me ouvirdes.
YORK · Não nos farás; não pode ser, meu filho.
RICARDO · Carece de valor o juramento
que não for feito diante de um legítimo
magistrado que tenha autoridade
sobre quem o defere. Ora, é evidente
que a de Henrique, no caso, era usurpada.
Se ele, pois, vos tomou o compromisso,
vossa jura, milorde, é irrita e nula.
Por isso, às armas, pai! Pensai apenas
na delícia que é ter uma coroa
cujo âmbito compreende todo o Elísio,
quanto os poetas sonharam de alegrias
e bem-aventuranças. Que fazemos
nesta inação? Não posso achar sossego,
enquanto não tingir a rosa branca
no sangue morno do covarde Henrique.
YORK · Já decidi, Ricardo; não prossigas:
ou morro, ou serei rei. Mano, vai logo
para Londres, a fim de estimulares
Warwick para a empresa. Tu, Ricardo,
busca o Duque de Norfolk e, em segredo,
dá-lhe conta de todo o nosso plano.
Vós, Eduardo, deveis falar com Lorde
Cobham, com quem os homens do condado
de Kent de boa sombra se levantam.
Confio neles, porque são soldados
liberais, corajosos e corteses.
E enquanto vós cuidais de todos esses
pontos, eu vou pensar nalgum pretexto
para a revolta, sem, com isso, darmos
suspeitas ao monarca ou aos demais membros
da casa de Lencastre.

(Entra um mensageiro.)

Um instante, ainda.
Que novidades há? Por que essa pressa?
MENSAGEIRO · A rainha, com os condes e senhores
do norte, vem cercar-vos o castelo.
Já está perto, com vinte mil soldados.
Cuidai de defender a fortaleza.
YORK · Pois não, com minha espada. Acaso pensas
que eu tenho medo? Ficareis comigo,
Ricardo e Eduardo. Para Londres, siga
logo o mano Montague. O Conde de Warwick,
Cobham e os outros que deixamos como
protetores do rei, que tratem logo
de se fazerem fortes com política
poderosa, não dando ouvido às juras
do fraco Henrique.
MONTAGUE · Bem, mano; vou já;
nada receies; hei de conquistá-los.
E assim, humildemente me despeço.

(Sai.)

(Entram Sir John e Sir Hugo Mortimer.)

YORK · Caros tios Sir John e Hugo Mortimer,
chegais a Sandal no momento azado;
a rainha vem pôr cerco ao castelo.
SIR JOHN · Não no fará; saiamos a encontrá-la.
YORK · Só com cinco mil homens?
RICARDO · Com quinhentos,
até, meu pai, se for preciso. Quando
comanda uma mulher, de que ter medo?

(Marcha, ao longe.)

EDUARDO · Ouço tambores; arranjemos logo
nossos homens e vamos ao encontro
do inimigo.
YORK · Cinco homens contra vinte!
A diferença é grande. Apesar disso,
tio, não ponho em dúvida a vitória.
Muitas batalhas eu ganhei na França
lutando um contra dez. Por que motivo
não terei neste embate a mesma sorte?

(Alarma; saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena III

Campo de batalha entre o castelo de Sandal e Wakefield. Alarma. Movimento de tropas. Entram Rutland e seu preceptor.

RUTLAND · Ah! Como escapar deles? Mestre, vede,
Clifford vem vindo ali, o sanguinário!
(Entra Clifford com soldados.)
CLIFFORD · Para trás, capelão! Salva-te esse hábito.
Quanto ao fedelho do maldito duque,
cujo pai matou o meu, vou trucidá-lo.
PRECEPTOR · Pois companhia lhe farei, milorde.
CLIFFORD · Soldados, carregai-o daqui, logo.
PRECEPTOR · Poupa, Clifford, a vida a este inocente,
para objeto não seres da repulsa
dos homens e de Deus.
(É levado à força pelos soldados.)
CLIFFORD · Como! Está morto?
Fecha os olhos de medo? Vou abri-los.
RUTLAND · Desta arte faz o leão enclausurado
com a pobre presa que de medo treme
sob suas patas fortes; de igual modo
passeia ele a insultar a sua vítima,
e assim, também, avança para os membros
lhe quebrar. Dá-me a morte, meu bom Clifford,
com tua espada, não com esses olhos
cruéis e ameaçadores. Mas permite,
meu bom Clifford, primeiro, que eu te fale.
Para tua fúria eu sou presa mesquinha;
vinga-te em homens; poupa-me a existência.
CLIFFORD · Pobre menino; é inútil quanto falas;
o sangue de meu pai trancou o caminho
para tuas palavras.
RUTLAND · Então deixa
que o franqueie de novo o de meu pai.
Vai procurá-lo; é homem; desafia-o.
CLIFFORD · Se cá estivessem teus irmãos, a vida
deles todos, e a tua, me seriam
poucas para a vingança. Não; embora
eu escavasse o túmulo de todos
os teus antepassados, e em cadeias
pendurasse os caixões quase desfeitos,
não achara sossego, nem pudera
ministrar lenimento à minha cólera.
À só vista de alguém da casa de York
fica minha alma em fúria tormentosa.
Enquanto eu não destruir essa maldita
geração, sem deixar um só com vida,
continuarei no inferno. Logo...
(Levantando o braço.)
RUTLAND · Oh! Pára,
bom Clifford, eu te peço! Dá-me tempo,
primeiro, de rezar; mostra piedade.
CLIFFORD · A piedade da ponta desta espada.
RUTLAND · Se eu nunca te fiz mal, por que me
matas?
CLIFFORD ·
Por quanto fez teu pai.
RUTLAND · Mas eu não tinha
nascido ainda. Sei que tens um filho;
por amor dele, tem de mim piedade,
de temor — porque Deus é justiceiro —
que ele venha a morrer como eu agora,
tão miseravelmente. Toda a vida
passarei na prisão, se o consentires,
e, quando eu te der causa, dá-me a morte.
Mas agora não tens razão para isso.
CLIFFORD ·
Razões? Teu pai matou o meu; morre, portanto.
(Apunhala-o.)
RUTLAND · *Dii faciant laudis summa sit ista tuae!*
(Morre.)
CLIFFORD · Plantageneta! Aqui, Plantageneta!
O sangue de teu filho, que se encontra
grudado nesta espada, há de deixá-la
com ferrugem até que se derrame
sobre ele o teu e a folha eu deixe limpa.
(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena IV

Outra parte da planície.
Alarma. Entra York.

YORK · A rainha domina todo o campo,
meus tios foram mortos ao quererem
me socorrer, e todos os meus homens,
ante o ímpeto do imigo, viram costas
e fogem, como o fazem caravelas
com o vento forte, ou ovelhas perseguidas
por famélicos lobos. Só Deus sabe
da sorte de meus filhos. De uma coisa,
porém, tenho certeza: que a conduta
de todos foi a de homens que nasceram
para viver e perecer com glória.
Por três vezes Ricardo abriu caminho
até onde eu me encontrava, e por três vezes
gritou: "Coragem, pai! De novo à luta!"
Outras tantas, Eduardo me secunda,
rubra a espada até os copos, pelo sangue
dos que lhe tinham resistido. E quando
recuavam na refrega os mais valentes,
Ricardo lhes gritava: "Não cedamos
terreno! À carga!" Ou então, vociferando:
"A coroa, ou um túmulo glorioso!
Um cetro, um cetro, ou humilde sepultura!"
Nesse ponto, de novo carregamos;
mas, ai! para nos vermos obrigados
a recuar novamente, como um cisne,
que uma vez contemplei, fazendo esforços
inúteis, a nadar contra a corrente,
em luta contra as ondas poderosas.

(Curto alarma.)

Mas que é isso? O implacável inimigo
me vem no encalço. Estou debilitado;
escapar de sua cólera é impossível;
ainda mesmo com forças, fora inútil
tentar fugir. A areia da ampulheta
da minha vida está toda contada.
Ficarei aqui mesmo; aqui me extingo.

(Entram a Rainha Margarida, Clifford, Northumberland, o moço Henrique e soldados.)

Northumberland violento, sanguinário
Clifford, aqui me tendes. Estou forte,
ainda, para irritar vossa insaciável
ferocidade. Vinde! Sou vosso alvo;
aqui fico, aguardando vossos tiros.

NORTHUMBERLAND ·
Recorre a nossa graça, York arrogante.

CLIFFORD · À graça igual à do seu braço, quando
cruelmente justou contas com meu pai.
Ora Faetonte foi precipitado
do seu carro, deixando tudo escuro,
quando devera estar o sol a pino.

YORK · Como a fênix, as minhas cinzas podem
dar nascimento a outra ave que, enfim, tome
vingança de vós todos. Lanço os olhos
para o céu, desprezando quantos males
possais ora infligir-me. Mas, que vejo!
Tanta gente com medo? Que esperais?

CLIFFORD · É desse modo que os covardes lutam,
quando fugir não podem. De igual jeito
mordem as garras do falcão as pombas,
e os ladrões, quando acuados, não contando
mais com a vida, os soldados invectivam.

YORK · Oh Clifford, pensa um pouco no passado,
repassa na memória a minha vida.
Se me fitares sem enrubesceres,
morde a língua que o apodo de covarde
lança ao rosto de quem com um simples gesto
das sobrancelhas já te pôs em fuga.

CLIFFORD · Não trocarei palavras, senão golpes;
dois mais dois, contra um só da tua espada.

(Saca da espada.)

RAINHA MARGARIDA ·
Pára, Clifford valente! Por mil causas
desejo prolongar a vida desse
traidor infame. A raiva o deixa surdo...
Fala, Northumberland.

NORTHUMBERLAND · Clifford, detém-te!
Não lhe concedas a honra de picar-te
ainda que fosse um dedo, embora para
ferir-lhe o coração. Quem demonstrara
coragem, quando um cão rosnasse iroso,
uma das mãos enfiando-lhe entre os dentes,

shakespearebrasileiro.org

quando pudesse a pontapés tocá-lo?
Precisamos saber tirar partido
de tudo; é lei da guerra. Muitas vezes
a proporção de dez para um em nada
diminui o valor dos vencedores.

(Seguram York, que resiste.)

CLIFFORD · Oh, oh! É assim que faz a galinhola,
quando laçada.
NORTHUMBERLAND · E o coelho, emaranhado
na rede em que caíra.
YORK · Assim triunfam
ladrões com a presa obtida; assim sucumbem
os heróis, dominados por bandidos.
NORTHUMBERLAND ·
Que determina agora Vossa Graça?
RAINHA MARGARIDA ·
Clifford, Northumberland, bravos guerreiros,
vamos pô-lo aqui em cima desta terra
que as toupeiras, cavando, amontoaram.
Tempo houve em que ele os braços alongava
para alcançar montanhas, conseguindo
tão-somente cortar com a mão a sombra.
Então, queríeis ser o soberano
da Inglaterra? Sois vós o que fizestes
tanta folia em nosso parlamento,
proclamando vossa alta descendência?
E vossos filhos todos, onde se acham,
que vos não vêm salvar? O belo Eduardo,
o vigoroso Jorge? Onde se encontra
vosso Dick, o valente, esse prodígio,
corcunda, que incitava o seu paizinho,
com voz roufenha, a cometer mais crimes?
Que foi feito do vosso favorito
Rutland? Vede, York, eu vou dizer-vos: este
lenço, eu própria o tingi no sangue vivo
que o destemido Clifford com a espada
tirou do infantil peito. Se molhares
os olhos, lastimando-lhe o trespasse,
eu te darei o lenço para o rosto
enxugares com ele. Ah, meu pobre York!
Se ódio mortal por ti eu não tivesse,
poderia sentir alguma pena
de tua situação. Por obséquio, York,
mostra-te triste, para que eu me alegre.
Como! Teu coração sempre fervente,
de tal modo as entranhas deixou secas
que uma lágrima, ao menos, não te sobra
para a morte chorares de teu Rutland?
Homem, por que estás calmo? Deverias
desvairar, pois te lanço estes insultos
para deixar-te louco. Sapateia,
range os dentes de raiva, desespera-te,
para que eu dance e cante. Só parece
que exiges pagamento; do contrário
não me divertirás. Sem ter a fronte
coroada, York é incapaz de dizer algo.
Uma coroa, meus senhores! Vinde
prostrar-vos diante de York. Enquanto eu ponho
isto na fronte dele, segurai-lhe
bem as mãos.

(Põe uma coroa de papel em York.)

Oh! Parece mesmo um rei!
Foi este homem que teve a petulância
de se sentar no trono da Inglaterra,
de se fazer herdeiro presuntivo
do Rei Henrique. Então, por que motivo
se fez coroar Plantageneta, o grande,
quebrando seu solene juramento?
Sempre pensei que a rei não chegarias,
enquanto o nosso Henrique não houvesse
cerrado a mão da Morte; ao invés disso,
cinges a fronte com o fulgor de Henrique
e em vida dele o privas do diadema,
contra o teu juramento sacrossanto?
Oh! que falta imperdoável! Vamos logo:
tiremos-lhe a coroa e, ao mesmo tempo,
cortemos-lhe a cabeça. Enquanto fôlego
tomamos, aplicai-lhe o golpe extremo.
CLIFFORD · Isso é comigo; é meu ofício; quero
vingar meu pai.
RAINHA MARGARIDA · Espera um bocadinho;
vamos ouvir as orações do monstro.
YORK · Loba da França, muito mais sanhosa
do que os lobos da França, cuja língua
encerra mais veneno do que as presas
das serpentes: quão mal te assenta ao sexo
tripudiar como reles amazona
nos inimigos que a fortuna abate!
Se esse rosto não fosse indiferente
como as máscaras, e o hábito dos atos
pecaminosos não tivesse dele
tirado todo o brio, eu tentaria
fazer-te enrubescer, rainha altiva.
Dizer a tua origem, de onde vieste,
fora mais do que opróbrio se algum laivo
tivesses de vergonha. Assume o título

shakespearebrasileiro.org

teu pai de Rei de Nápoles, das Duas
Sicílias, de Jerusalém; no entanto
possui qualquer dos nossos lavradores
mais riquezas do que ele. Foi com esse
pobre rei que aprendeste tais insultos?
Não te podem ser úteis, orgulhosa
rainha, e só te assentam, se quiseres
demonstrar a verdade do provérbio:
Quando o mendigo monta, calca a espora
no cavalo, até que ele a morrer venha.
Na beleza consiste, muitas vezes,
o orgulho das mulheres; mas Deus sabe
que o teu quinhão foi nulo neste ponto.
A virtude as faz dignas de respeito;
mas o contrário, justamente, disso,
te impõe à admiração. O pudor torna-as
santas; a feita dele te transforma
num ser abominável. Tão oposta
és de tudo o que é bom, como os antípodas
o são de nós e o sul do setentrião.
Oh coração de tigre envolto em pele
de mulher! Como foi que tu pudeste,
sem de mulher haver perdido a forma,
fazer o pai de uma criança os olhos
enxugar com o lenço que tu mesma
embeberas, feroz, no sangue dela?
As mulheres são brancas, delicadas,
sensíveis e piedosas; tu, insensível,
sem remorsos, de pedra, sem piedade.
Querias que eu ficasse enfurecido?
Agora estás contente. Que eu chorasse?
Conseguiste o almejado. Os aguaceiros
são tocados por ventos impetuosos;
mas quando estes se aplacam, cai a chuva.
Vão servir estas lágrimas de obséquias
ao meu Rutland, clamando cada gota
vingança contra ti, malvado Clifford,
e contra esta francesa falsa e hipócrita!

NORTHUMBERLAND ·
Maldição sobre mim! Mas de tal modo
me comove a dor dele, que não posso
quase reter o pranto.

YORK · Nem os próprios
canibais esfomeados tocariam
o rosto da criança, maculando-o
de sangue. Mas sois todos desumanos,
inexoráveis como... Não! Dez vezes
mais cruéis e insensíveis do que os tigres
da Hircânia. Vê, rainha sem piedade,
as lágrimas de um pai desventurado.
O pano que no sangue do meu filho
tu molhaste, ora eu lavo com este pranto.
Conserva o lenço e orgulha-te do feito.

(Restitui-lhe o lenço.)

E se contares esta triste história
como ela foi, de fato — por minha alma! —
chorarão os ouvintes; até mesmo
meus inimigos, derramando lágrimas
exclamarão: Meu Deus! Quanta crueldade!
Toma, toma a coroa! Leva a minha
maldição. Só desejo que na tua
necessidade achar possas consolo
como essa cruel mão me proporciona.
Tira-me logo deste mundo, duro
Clifford; minha alma suba para o céu;
caia em vossas cabeças o meu sangue.

NORTHUMBERLAND ·
Se o carrasco de toda a minha gente
ele tivesse sido, por minha alma,
não deixaria de chorar por ele,
só por ver como a dor o mortifica.

RAINHA MARGARIDA ·
Estais a ponto de chorar, Milorde
Northumberland? Pensai somente em tudo
que de ruim ele nos fez, e logo
secarão essas lágrimas dolentes.

CLIFFORD ·
Eis, por meu juramento; esta, em vingança
de meu pai.

(Apunhala-o.)

RAINHA MARGARIDA · Esta vai pelo direito
do nosso rei bondoso.

(Apunhala-o.)

YORK · Deus clemente,
abre-me as largas portas de tua graça!
Escapa-se por estes ferimentos
minha alma, a procurar-te.

(Morre.)

RAINHA MARGARIDA · Decepai-lhe
a cabeça e nas portas de York a ponde,
Pode York, assim vigiar a vila de York.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena I

Planície perto da cruz de Mortimer, em Herefordshire. Tambores; entram Eduardo e Ricardo, com tropas, em marcha.

EDUARDO · Como teria conseguido o nosso
nobre pai escapar? É o que pergunto,
se é que ele conseguiu fugir de Clifford
e de Northumberland. Se ele tivesse
caído prisioneiro, já o teríamos
sabido; se tivesse sido morto,
teríamos sabido; e caso, creio,
conseguisse escapar, a boa nova
já nos teria vindo de sua fuga.
Mano, e vós? Por que estais assim tão triste?
RICARDO · Enquanto não souber do paradeiro
de nosso bravo pai, é-me impossível
ficar alegre. Vi-o na batalha
provendo a tudo, tendo percebido
que ele Clifford visava. Pareceu-me
que se portava sempre, no mais denso
da peleja, qual leão numa manada,
ou como urso cercado de rafeiros
que morde uns poucos e a ganir os deixa,
ficando os outros a ladrar de longe.
Assim fez nosso pai com os inimigos;
desta arte os inimigos escapavam
da belicosa valentia dele.
Creio ser prêmio sem igual o termos
o pai que temos. Vede como a Aurora
abre suas portas de ouro e se despede
do sol glorioso; em sua mocidade
resplandecente se assemelha ao jovem
cheio de garbo em frente à bem-amada.
EDUARDO · Estarei ofuscado, ou vejo mesmo
três sóis?
RICARDO · Três sóis gloriosos, em verdade,
todos eles perfeitos sem que estejam
separados por nuvens transitórias,
mas bem distintos no céu claro e escampo.
Vede! Vede! Juntaram-se, abraçaram-se!
Parece que se beijam, como no ato
de firmarem um pacto inquebrantável.
Agora eles não formam mais do que uma
lâmpada, um sol apenas, uma luz.
Assim nos prognostica o céu eventos.
EDUARDO ·
Realmente, é extraordinário, nunca visto.
Penso, irmão, que o prodígio nos impele
para o campo de luta. Nós, os filhos
do alto Plantageneta, que brilhamos
por nosso próprio mérito, devemos
reunir as nossas luzes e espargi-la
na terra, como o faz o sol no mundo.
Seja o que for, daqui por diante eu hei de
pôr no escudo três sóis resplandecentes.
RICARDO · Se o permitis, direi que é preferível
pordes três luas; sempre antepusestes
as mulheres aos homens.

(Entra um mensageiro.)

Quem és tu,
cujo olhar carregado nos revela,
por antecipação, alguma história
terrível, que da língua tens suspensa?
MENSAGEIRO · Ai, eu sou a dolente testemunha
do trespasse do grande Duque de York,
vosso pai, meu senhor sempre lembrado.
EDUARDO · Não fales mais; já basta o que disseste.
RICARDO · Dize como morreu; quero ouvir tudo.
MENSAGEIRO · Cercado ele se viu por incontáveis
inimigos, lutando contra todos,
como o fez a esperança da alta Tróia,
quando os gregos queriam tomar Tróia.
Nem Hércules, porém, resiste ao número;
à ação de muitos golpes, desferidos
por uma machadinha, o mais possante
carvalho oscila e acaba vindo ao solo.
Por muitas mãos foi vosso pai vencido,
mas trucidado apenas pelo braço
furioso e atroz do inexorável Clifford
e o da rainha, que ao bondoso duque,
por escárnio, coroou; riu-lhe no rosto;
e como ele chorasse de tristeza,
a malvada lhe deu, para o seu próprio
rosto enxugar, um lenço que embebera
no sangue inócuo do inocente e jovem
Rutland, a quem matara o infando Clifford.
E assim, depois de chufas e escarninhos,
cortaram-lhe a cabeça, que puseram

shakespearebrasileiro.org

numa das portas de York, onde até agora
ainda se encontra. Nunca vi espetáculo
tão triste assim, em toda a minha vida.
EDUARDO · Querido Duque de York, eras o esteio
de nós todos; e agora, que partiste,
ficamos sem firmeza e sem apoio.
Oh Clifford implacável, trucidaste,
com esse golpe, a flor dos cavaleiros
da Europa. Só pudeste subjugá-lo
usando de traição, que, frente a frente,
vencido ele te houvera sem trabalho.
Doravante o palácio de minha alma
se transmuda em prisão. Pudesse logo
fugir a prisioneira, porque o corpo,
sepultado, na terra repousasse!
Nunca mais eu terei um dia alegre;
não, nunca mais eu viverei contente.
RICARDO · Chorar é-me impossível, que a umidade
de todo o corpo é certamente escassa
para acalmar o ardor desta fornalha
que o coração me abrasa. De igual modo
não pode a língua aliviar o peito
do fardo que o comprime, pois o próprio
sopro de que eu me valho para a fala,
deixa as brasas do peito mais envoltas
nas chamas, que este pranto quereria,
de uma vez, extinguir. Quem chora, alcança
alívio para a dor; o choro é próprio
de crianças; os golpes do desforço
dizem melhor comigo. Tenho o mesmo
nome que tu, Ricardo; hei de vingar-te,
ou perecer com glória, após tentá-lo.
EDUARDO · O nome te deixou esse valente
duque; eu herdo o ducado e sua sede.
RICARDO · Se dessa águia real provéns, de fato,
prova-o fitando o sol. Não te refiras
ao ducado e sua sede, mas ao reino
que ele deixou, e o trono; ou te pertencem,
ou não deves dizer que és filho dele.

(Marcha. Entram Warwick e o Marquês de Montague, com tropas.)

WARWICK ·
Então, meus caros lordes, para onde ides?
Que novidades há?
RICARDO · Se eu vos contasse,
Oh meu grande Lorde Warwick! nossas tristes
notícias, aplicando-nos a cada
palavra uma estocada, até que tudo
vos dissesse, as palavras causariam
muito maior angústia do que os golpes.
Nobre lorde, foi morto o Duque de York.
EDUARDO · Esse Plantageneta, querido Warwick,
que te estimava tanto como à própria
salvação de sua alma, as mãos
do cruel Lorde Clifford a vida a perder veio.
WARWICK · Afoguei essas novas, há dez dias,
em lágrimas, e agora vou contar-vos
coisas que aconteceram depois disso,
para vos aumentar o sofrimento.
Depois do prélio sanguinoso havido
em Wakefield, no qual vosso galhardo
genitor exalou o último alento,
eu recebi, com a rapidez possível
dos melhores correios, a notícia
de vossa perda, a um tempo, e de sua morte.
Eu me encontrava em Londres, no meu posto
de guardador do rei. Incontinenti,
reuni nossos amigos, meus soldados
e, bem armados todos, como creio,
fui para Santo Albano, tencionando
interceptar a marcha da rainha.
Comigo esteve o rei todo esse tempo,
porque tinha sabido pelos nossos
espias que ela vinha com o propósito
de anular o decreto referente
à vossa sucessão e ao juramento
do Rei Henrique. Para não ser longo.
Em Santo Albano as forças se encontraram,
tendo havido bravura dos dois lados.
Mas, ou fosse por causa da frieza
que o rei mostrava, olhando ternamente
para a esposa aguerrida, o que a coragem
fez abater dos nossos combatentes;
ou fosse pela nova das vitórias
da rainha, ou, também, medo excessivo
das ameaças de Clifford, que trovoava
para os presos apenas sangue e morte:
não sei dizer. Mas para ser verídico:
as armas inimigas rebrilhavam
como o raio, cruzando os horizontes;
as dos nossos soldados — mais semelhas
ao indolente vôo das corujas
ou ao mangual nas mãos de preguiçoso
debulhador — caíam molemente

como quando atiradas contra amigos.
Procurava animá-los, relembrando-lhes
a justiça da causa e prometendo
maior soldo e outras grandes recompensas.
Mas foi tudo baldado, que já estavam
sem coragem nenhuma e nós sem réstia
de esperança de obtermos a vitória
com tais soldados. Assim, pois, fugimos:
o rei, para juntar-se à sua esposa;
vosso irmão Lorde Jorge, eu e mais Norfolk
a toda pressa viemos procurar-vos
porque tivemos, em caminho, a nova
de que estáveis aqui reunindo forças
para vos empenhardes noutra luta.

EDUARDO ·
Onde está, gentil Warwick, onde, o Duque
de Norfolk e em que data Jorge veio
de Borgonha?

WARWICK · A seis milhas, mais ou menos,
daqui se encontra o duque com seus homens;
vosso irmão foi enviado, há pouco tempo,
pela Duquesa de Borgonha, vossa
bondosa tia, com reforços para
vos tirar dos apertos desta guerra.

RICARDO · Coisa rara, fugir o valente Warwick!
Já ouvi, mais de uma vez, elogiarem-no
por perseguir os adversários; nunca,
porém, censura, porque tenha, acaso,
praticado a vergonha de fugir.

WARWICK · Nem agora, Ricardo, ouvirás isso.
Fica sabendo que esta mão temível
poderia arrancar o diadema
da cabeça do tímido monarca
e de sua mão o cetro, em que ele fosse
tão famoso por força e valentia
como o é por devoção, piedade e calma.

RICARDO ·
Sei disso, e escusa peço, Milorde Warwick;
o zelo à vossa glória é que em mim fala.
Mas que fazer num tempo de atropelos
como o nosso? Deixarmos nossas cotas
de aço para de preto nos vestirmos
e ave-marias a rezar nos pormos?
Ou mostraremos nossos sentimentos
religiosos nos cascos dos imigos,
com braço vingador? Se concordardes,
milordes, dizei "sim" e o fazei logo.

WARWICK · Ora, para isso mesmo Warwick veio
vos procurar e, assim, o irmão Montague.
Senhores, atendei-me: a intolerável
rainha, juntamente com o arrogante
Northumberland, e Clifford, e outros, e outros
pássaros, orgulhosos da plumagem,
conseguiram deixar o soberano
tão mole quanto cera. Ele se tinha
comprometido a vos deixar o trono,
compromisso que se acha registrado
no parlamento. No entretanto, a turba
toda foi para Londres, só com o fito
de anular essa jura e contra a casa
de Lencastre fazer todo o possível.
Trinta mil homens, creio, é toda a força
de que dispõem. Ora, se contarmos
os meus homens, o auxílio ainda de Norfolk
e os amigos que tu, meu bravo Conde
de March, entre os galenses devotados
poderás levantar, conseguiremos
perfazer um total de vinte e cinco
mil homens. Muito bem. *Via!* Sigamos
para Londres depressa; cavalguemos
os Corcéis espumantes e de novo
soltemos nosso grito: "Aos inimigos!"
sem nunca mais fugir, voltando costas.

RICARDO · Agora, sim, falou o valente Warwick.
Apague-se a luz bela ao vil escravo
que der ordens contrárias a este bravo.

EDUARDO ·
São meu suporte esses teus ombros, Warwick.
Se caíres — Que o céu tal não permita! —
Eduardo cairá; Deus o proteja.

WARWICK ·
Não mais Conde de March: Duque de York!
O outro degrau é o trono da Inglaterra,
porque serás, de fato, proclamado
Rei da Inglaterra em todas as aldeias
por que passarmos, e quem não der mostras
de alegria, para o ar jogando o gorro,
pagará com a cabeça a grande falta.
Rei Eduardo, Ricardo valoroso,
Montague, não fiquemos por mais tempo
sonhando com heroísmos, mas façamos
soar logo as trombetas. A caminho!

RICARDO · Se tão duro como o aço tu tivesses,
Clifford, o coração — como o demonstras

shakespearebrasileiro.org

com a rigidez do teu procedimento —
eu o ferira ou daria o meu em troca.
EDUARDO · Os tambores! Tocai! Deus e São Jorge
nos amparem.

(Entra um mensageiro.)

WARWICK · Então, que novidades?
MENSAGEIRO ·
Manda o Duque de Norfolk anunciar-vos
por mim, que vem a este lugar chegando
a rainha com forças poderosas.
Ele deseja vossa companhia
para um conselho urgente.
WARWICK · Tudo marcha
pelo melhor. Bravos soldados, vamos!

(Saem.)

Ato II · Cena II

Diante de York.
Toque de clarins. Entram o Rei Henrique, a Rainha Margarida, o Príncipe de Gales, Clifford e Northumberland, com tambores e trombetas.

RAINHA MARGARIDA ·
Bem-vindo sois, milorde, a esta notável
cidade de York. Vede ali a cabeça
do arqui-imigo que tanto desejava
cingir vossa coroa. Esse espetáculo
não vos alegra o peito?
REI HENRIQUE · Sim, no jeito
das rochas, para quem teme naufrágio.
Constringe-se-me o peito à vista disto.
Detém tua vingança, Deus bondoso;
não foi por gosto que infringi meu voto.
CLIFFORD · Meu gracioso senhor, é necessário
pôr de parte a brandura, essa piedade
prejudicial. A quem dirige olhares
amigáveis o leão? Decerto, nunca
ao animal que lhe usurpasse a cova.
Que mãos, acaso, lambe o urso selvagem?
Não as que tentam extinguir-lhe a prole.
Quem evita a picada da serpente?
Não, certamente, quem lhe calca o dorso.
Pisado, o menor verme se revira.
As próprias pombas dão bicadas, quando
na defesa do ninho. O ambicioso York
quis tomar-te a coroa; tu sorrias,
quando ele carregava o sobrecenho;
não passando de um duque, ele queria
que fosse rei seu filho, procurando,
como pai cuidadoso, enaltecê-lo.
Tu, sendo rei, com a bênção de um tal filho,
deste o consentimento que o privava
da herança da coroa, revelando-te,
por esse modo, um pai desnaturado.
Os seres brutos tratam dos filhinhos;
e embora o rosto humano lhes repugne,
quem já não os viu, no afã de protegê-los
com as asas, que por vezes lhes servira
na fuga temerosa, fazer frente
a quem quer que até o ninho lhes subisse,
e pôr em risco a vida, na defesa
dos caros filhos? Que vergonha, príncipe!
Mirai-vos nesse espelho. Pois não fora
de lastimar que este gentil menino
viesse a perder, por fim, a realeza,
só por culpa do pai? E que dissesse,
mais tarde, para o filho: "Tudo quanto
meu bisavô e meu avô ganharam,
meu negligente pai perdeu sem tino"?
Fora grande vergonha. Olha para ele!
Que estes traços viris, anunciadores
de futuro auspicioso, te enrijeçam
o coração, deixando-te disposto
a conservar o trono e a transmitir-lho.
REI HENRIQUE ·
Clifford representou à maravilha
o papel de orador, desenvolvendo
convincentes razões. Mas uma coisa,
Clifford, me dize: acaso nunca ouviste
falar que o que é mal ganho, raramente
produz o bem? Ou que tivesse sido
feliz o filho cujo pai baixasse
para o inferno por ter entesourado
muitas riquezas? Deixarei de herança
para meu filho as minhas ações boas.
Quem dera que outro tanto me tivesse
meu pai deixado! Tudo o mais é indigno

shakespearebrasileiro.org

de grande apreço, pois produz mil vezes
mais desgosto, no afã de ser obtido,
do que prazer depois de conquistado.
Ah, primo York, eu quisera que soubessem
teus melhores amigos quanto eu sinto
por ver tua cabeça aqui espetada!
Rainha Margarida ·
Despertai os espíritos, milorde;
o inimigo está perto. Essa coragem
delicada tira o ânimo dos vossos
adeptos. Prometestes que armaríeis
cavaleiro meu filho esperançoso.
Desembainhai a espada e, sem delongas,
dai-lhe a pancada no ombro. Vamos, filho,
põe-te de joelhos.
Rei Henrique · Alça-te, Eduardo
Plantageneta, feito cavaleiro.
Aprende esta lição: usa da espada
em defesa somente da justiça.
Príncipe ·
Com vossa permissão, meu pai gracioso,
prometo dela usar como legítimo
herdeiro da coroa, sem que o braço
descanse, até eu morrer, nesta pendência.
Clifford · É assim que fala um príncipe arrojado.
(Entra um mensageiro.)
Mensageiro ·
Assumi vossos postos, reais caudilhos,
pois com trinta mil homens de peleja
chega Warwick, empenhado na defesa
do Duque de York, e em todas as cidades
como rei o proclama. Muitos fogem
para ele. Preparai vossas colunas,
que ele já se acha perto.
Clifford · Desejara
que Vossa Alteza abandonasse o campo;
vós ausente, a rainha tem mais sorte.
Rainha Margarida ·
É isso mesmo, milorde; é conveniente
que nos deixeis entregues ao destino.
Rei Henrique ·
Vosso destino é o meu; por isso eu fico.
Northumberland ·
Resolvei-vos, então, a entrar na pugna.
Príncipe · Meu nobre pai, encorajai os nobres
fidalgos e quem quer que vos defenda
Desembainhai a espada, pai querido,
e gritai com entusiasmo: "Por São Jorge!"
(Marcha. Entram Eduardo, Jorge, Ricardo, Warwick, Norfolk, Montague e soldados.)
Eduardo · Perjuro Henrique, queres ajoelhar-te
para pedir perdão e o teu diadema
na cabeça me pores, ou preferes
tentar a mortal sorte em um combate?
Rainha Margarida ·
Lança essas repreensões em tua gente,
rapazinho atrevido e presunçoso.
Fica bem para ti falar em termos
de tão grande filáucia ao teu legítimo
soberano e senhor?
Eduardo · Seu rei sou eu;
ele é que deve vir dobrar os joelhos.
Concordou em fazer-me seu herdeiro.
Depois disso, quebrou o juramento,
sim, porque me disseram que o obrigaste —
uma vez que és o rei, de fato embora
dele seja a coroa — por um novo
ato do parlamento a pôr o nome
do filho no lugar que ao meu compete.
Clifford · E com razão,
pois quem sucede ao pai, senão o filho?
Ricardo · Açougueiro, é tua voz? Oh! já não posso
dizer mais nada; faltam-me palavras.
Clifford ·
Sim, corcunda, sou eu. Aqui me encontro
para te responder e aos insolentes
iguais a ti.
Ricardo · O matador tu foste
de Rutland, o inocente, não é verdade?
Clifford ·
E também do velho York, o que ainda é pouco
para que eu me confesse satisfeito.
Ricardo ·
Por Deus, senhores, transmiti logo ordens
para o sinal da luta.
Warwick · E tu, que dizes,
Henrique: estás disposto a resignar?
Rainha Margarida ·
Warwick espevitado, o ousio tendes
de tomar a palavra? No nosso último
encontro, em Santo Albano, vossas pernas
foram de mais proveito do que os braços.

shakespearebrasileiro.org

WARWICK · Minha era a vez, então, de pôr-me em fuga;
ora a tua chegou.
CLIFFORD · A mesma coisa
disseste da outra vez, e, alfim, fugiste.
WARWICK · Clifford, não foi a tua valentia
que a isto me obrigou.
NORTHUMBERLAND · Nem vosso brio
o que vos poderia dar coragem.
RICARDO · Northumberland, consagro-te respeito;
põe fim logo à parlenda, pois a custo
posso conter o coração inflado,
em frente a Clifford, o cruel carrasco
de crianças.
CLIFFORD · Matei também teu pai;
chamas-lhe criança?
RICARDO · Sim, por teres sido
covarde e vil traidor, como ao matares
nosso caro irmão Rutland. Porém antes
de o sol se pôr, eu hei de te obrigar
a maldizer esse ato repugnante.
REI HENRIQUE · Parai, senhores, e escutai-me agora.
RAINHA MARGARIDA · Desafia-os de vez ou cala a boca.
REI HENRIQUE · Por favor, não me ponhas freio à língua;
sou rei; tenho direito de falar.
CLIFFORD · A ferida, milorde, que deu azo
a esta assembléia não se cura à custa
de conversas; por isso, ficai quieto.
RICARDO · Então, carrasco, arranca logo a espada.
Por Deus, estou convicto de que o brio
de Clifford se concentra só na língua.
EDUARDO · Henrique, dize logo: o meu direito
me será concedido? Alguns milhares
de homens que hoje almoçaram, certamente
deixarão de jantar, se te obstinares
em deter o meu cetro.
WARWICK · Sobre a tua
cabeça caia o sangue deles todos,
no caso de renuíres, pois em armas
pegou York em defesa da justiça.
PRÍNCIPE · Se for justo o que é justo ao juízo de Warwick,
não há mais injustiça: tudo é justo.
RICARDO · Embora eu não soubesse a tua origem,
tua mãe está ali: tens a sua língua.
RAINHA MARGARIDA · Tu não saíste ao pai, mas a algum monstro
marcado a fogo, que o destino aponta
para ser evitado pelos homens,
como os sapos de aspecto repugnante,
ou lagartos de dentes pavorosos.
RICARDO · Ferro napolitano com camada
de ouro inglês, cujo pai se arroga o título
de rei — como se simples poça d'água
pudesse ser o mar — não te envergonhas,
conhecendo tua origem, de que a língua
te revele a baixeza do imo peito?
EDUARDO · Qualquer feixe de varas valeria
mil coroas, se com elas se pudesse
fazer que esta desbriada marafona
a si mesma chegasse a conhecer-se.
Foi Helena da Grécia mais bonita
cem vezes do que tu, conquanto possa
ser outro Menelau o teu marido.
Nunca o irmão de Agamêmnone sofreu
tanto ultraje de sua mulher falsa,
como de ti este rei. Chegou o pai deste
a ser feliz no coração da França;
domou o rei, pôs no jugo o delfim Carlos.
Se Henrique houvesse tido por consorte
mulher da sua posição, possível
fora ter até hoje a glória herdada.
Mas fazendo subir uma mendiga
para o seu leito, e honrando, com esse enlace,
teu pobre pai, assinalou o dia
para ele de aguaceiros que os troféus
submergiram do pai, ganhos na França,
e fez nascer revoltas na Inglaterra.
Sim, pois que causa, além do teu orgulho,
deu nascimento a todo este tumulto?
Se te houvesses mostrado complacente,
nossas reclamações, agora ouvidas,
dormiriam ainda e, por piedade
para com o rei, mais tarde é que viríamos
a campo pleitear nosso direito.
JORGE · Mas quando vimos nosso sol mudado
em tua primavera e que era estéril
para nós teu verão, determinamos
pôr o machado em tua usurpadora

raiz. E embora o corte nos ferisse
por vezes, fica certa de que, havendo
dado princípio aos golpes, é impossível
pararmos sem havermos conseguido
derrubar-te ou, de vez, contribuirmos
para te reforçar com nosso sangue.
Eduardo — Neste propósito eu te desafio,
sem querer mais saber de conferências,
pois impediste ao rei bondoso a fala.
Soai logo trombetas; desfraldemos
nosso estandarte, unidos na alta jura:
ou para a glória, ou para a sepultura!
Rainha Margarida · Eduardo, espera.
Eduardo · Não mais! tuas palavras atrevidas
vão custar hoje aos homens dez mil vidas.
(Saem.)

Ato II · Cena III

Campo de batalha entre Towton e Saxton, em Yorkshire. Rebate; movimento de tropas. Entra Warwick.

Warwick · Depois de ter lutado, com estrênuo
corredor em compita, vou agora
sentar-me um pouco, a fim de tomar fôlego,
porque os golpes, sem conta, recebidos
e os inúmeros dados em revide
me deixaram sem força, quase, os músculos.
Queira ou não, é preciso que eu repouse.
(Entra Eduardo, a correr.)
Eduardo · Ri, céu bondoso! Ataca logo, Morte!
que o mundo me é contrário, ou o sol de Eduardo
de nuvens se acha envolto.
Warwick · Que há de novo,
milorde? Que esperança há para os nossos?
(Entra Jorge.)
Jorge · Nossa sorte e a derrota; o que esperamos,
o triste desespero. Nossas filas
se partiram; a ruína nos persegue.
Que aconselhais? Para onde fugiremos?
Eduardo · Tentar a fuga é inútil, que com asas
eles nos vêm no encalço. Estamos fracos
por demais; é impossível resistir-lhes.
(Entra Ricardo.)
Ricardo · Warwick, por que motivo te afastaste?
Já se abrevou a ressequida terra
no sangue de teu irmão, que a fina lança
de Clifford derramara. Ainda nos transes
da morte ele clamava, como horrendo
sinal que muito ao longe se escutasse:
"Vingança, Warwick! Irmão, vinga-me, vinga-me!"
Desta arte, sob o ventre dos cavalos
que os machinhos molhavam em seu sangue
fumegante, esse pobre gentil-homem
o espírito exaltou.
Warwick · Então que a terra
se embebede com todo o nosso sangue.
A fim de não fugir, mato o cavalo.
Por que estarmos aqui, como mulheres
sentimentais, a lastimar as perdas
que sofremos, enquanto, em fúria, o imigo
tudo domina, e os fatos contemplamos,
como se se tratasse de tragédia
levada a cena por atores falsos?
Ao Deus do alto, de joelhos, aqui juro
não descansar jamais, não parar nunca,
té que os olhos cerrar me venha a morte,
ou vingar-me a fortuna me permita.
Eduardo · Oh Warwick! Eu também dobro os joelhos
ao teu lado e minha alma ligo à tua
no mesmo juramento. Antes que a face
fria da terra os meus joelhos deixem,
elevo o coração, e as mãos, e os olhos
para Ti, que entronizas e derrubas
todos os reis, pedindo-te, se acaso
for da tua vontade vir meu corpo
a ser presa, afinal, dos inimigos,
que as portas celestiais, ao menos, me abras
e deixes que minha alma pecadora
seja benignamente recebida.
E agora, meus senhores, despeçamo-nos
até novo recontro, sem cuidarmos
de saber o local: o céu ou a terra.
Ricardo · Dá-me a mão, Eduardo; gentil Warwick,
com estes braços cansados te uno ao peito.
Eu, que nunca chorei, agora em lágrimas

shakespearebrasileiro.org

shakespearebrasileiro.org

me desfaço, por ver que, prematuro,
me corta o inverno as flores do futuro.
WARWICK · À luta, amigos! Novamente: adeus!
JORGE · Voltemos juntos para os nossos homens
e a todos demos liberdade para
sair. Serão nossos esteios fortes
os poucos que ficarem. Se der certo,
prometamos-lhes prêmios, como era uso
ganhar o vencedor nas Olimpíadas.
Nos peitos vacilantes, por sem dúvida,
isso afirma a coragem. Ainda há esperança
de vida e de vitória. Não percamos
mais tempo. Vamos logo. Avante todos!

(Saem.)

Ato II · Cena IV

Outra parte do campo.
Rebate. Entra o Rei Henrique.

REI HENRIQUE · Esta batalha faz lembrar a luta
da manhã, quando as nuvens moribundas
brigam com a luz nascente, não podendo,
nesse tempo, o pastor, que nas mãos sopra,
dizer com exatidão se é dia ou noite.
Às vezes ela pende para um lado
como mar poderoso compelido,
pela maré, a se medir com os ventos;
às vezes vai para o outro, como o próprio
mar, que a ceder os ventos obrigassem.
Agora o mar domina, agora o vento;
ora um é forte; após, o outro o suplanta.
Nessa compita, assim, peito com peito,
nenhum vence, vencido nenhum fica,
a tal ponto esta guerra sanguinosa
se mostra equilibrada. Vou sentar-me
neste monte de terra de toupeiras.
Seja a vitória de quem Deus quiser.
Do campo de batalha me tiraram
minha consorte Margarida e Clifford,
jurando ambos que sempre lhes corria
tudo pelo melhor estando eu longe.
Quem me dera que morto eu já me achasse!
Assim Deus o quisesse. Neste mundo
tudo é aflição, tudo pesar profundo.
Oh Senhor, quero crer que fora a vida
muito para invejar, se eu mais não fosse
do que um simples pastor e me sentasse,
em cômoros, tal como o faço agora,
a observar o relógio atentamente
e ver como os minutos se sucedem,
quantos são necessários para uma hora,
quantas horas se somam num só dia,
quantos dias um ano inteiro fazem,
quantos anos a vida humana alcança.
Sabido isso, partir desta arte o tempo:
tantas horas dedico ao meu rebanho,
tantas horas ao sono são votadas,
tantas horas são dadas à oração,
tantas horas ocupo-me em desporto;
tantos dias gravidam-se as ovelhas,
tantas semanas mais, e darão cria,
tantos anos, até que a lã lhes tose.
Minutos, horas, meses, dias, anos,
assim, sendo empregados como devem
de ser, conduziriam para quieta
sepultura os cabelos descorados.
Oh, que vida fora essa! Que inefável
doçura! Não é certo que o espinheiro
fornece sombra muito mais amena
ao pastor que contempla as inocentes
ovelhas, do que o fazem recamados
dosséis aos reis que de seus próprios súditos
a toda hora se temem? Oh! de fato,
mil vezes mais amena. Finalmente,
a coalhada tão simples do pastor,
a água bebida no odre, fria e clara,
o costumeiro sono à fresca sombra
do bosque; em suma, tudo o que ele goza
feliz e sem cuidados, ultrapassa
muito e muito as delícias dos monarcas,
os vinhos que nas copas áureas brilham,
o corpo em raro leito recostado,
quando os cuidados e a traição o espreitam.

(Alarma. Entra um filho que matou o pai, arrastando o corpo.)

FILHO · Ruim é o vento que a ninguém dá lucro.
Este sujeito que eu matei em luta
mão por mão, pode ter muitas coroas;

shakespearebrasileiro.org

e eu que lhas tomo agora, alegremente,
talvez antes da noite a vida entregue
nas mãos de outra pessoa, como acaba
de me fazer o morto. Mas, que vejo!
Oh Deus! O rosto de meu pai! Matei-o
sem o querer, na luta. Fui, em Londres,
forçado a me alistar entre os soldados
do monarca. Meu pai, que era da casa
do Conde Warwick, a instâncias do seu mestre,
veio em defesa do partido de York.
E eu, que lhe devo a vida, acabo agora
de, com estas mãos, privá-lo da existência.
Perdão, meu Deus, eu não sabia nada!
Perdão, meu pai, eu não te conheci!
Estas manchas de sangue, vou lavá-las
com lágrimas sentidas. Nenhuma outra
palavra hei de dizer, enquanto o pranto
com abundância não houver corrido.

Rei Henrique ·
Oh cena triste! Oh tempo sanguinário!
Enquanto os leões as covas se disputam,
os cordeirinhos inocentes ficam
à mercê de seu ódio. Desgraçado,
chora, chora, que, lágrima por lágrima,
hei de ajudar-te nisso, porque os olhos
e os corações, tal como em civil guerra,
ceguemos de chorar e arrebentemos
sob o fardo pesado das agruras.

(Entra um pai que matou o filho, com o corpo nos braços.)

Pai · Tu, que me resististe tanto tempo,
dá-me o teu ouro, caso algum possuas,
pois o paguei ao preço de cem golpes.
Mas vejamos; teria o inimigo
semelhante feições? Não, não! É o rosto
do meu único filho. Oh filho amado,
se uma pouca de vida ainda conservas,
abre os olhos e vê todo o aguaceiro
que o vento tempestuoso do meu peito
lança em tuas feridas, afogando-me
o coração e os olhos. Deus, apiada-te
do desgraçado tempo em que vivemos!
Quantas ações violentas, sanguinárias,
sediciosas, errôneas, desumanas,
faz nascer diariamente esta contenda!
Muito moço, meu filho, eu te dei vida,
é dela te privei, ai! muito velho.

Rei Henrique ·
Dor sobre dor, tristeza mais que humana!
Se eu pudesse, morrendo, pôr um término
a todas estas cenas de crueldade!
Compaixão, céu bondoso, compaixão!
Distingo-lhe no rosto as duas rosas:
a branca e a rubra, as cores infelizes
dos partidos rivais. Uma se encontra
retrada no sangue purpurino;
outra nas faces pálidas, parece-me,
se faz representar. Murche uma rosa,
para que outra floresça! Se brigardes,
será forçoso que mil vidas sequem.

Filho · Como por minha mãe eu serei visto,
eu, que matei meu pai e que ora a deixo
privada para sempre de consolo!

Pai · Minha mulher! Que mares não vai ela
verter de pranto, sem que venha nunca
para a morte do filho a achar consolo!

Rei Henrique ·
Como há de o povo desta terra ao próprio
soberano assacar pesadas culpas
por tudo isto, sem nunca achar consolo!

Filho · Que filho já terá chorado tanto
a morte de seu pai?

Pai · Que pai terá
chorado tanto a morte de seu filho?

Rei Henrique ·
Algum rei já sofreu tanto as desgraças
do próprio povo? Vossa dor é grande;
mas a minha é dez vezes mais pungente.

Filho · Vou levar-te para onde eu chorar possa.

(Sai com o corpo.)

Pai · De mortalha estes braços vão servir-te;
campa ser-te-á meu coração, criança.
Jamais hei de deixar que a tua imagem
do peito se me apague; meus suspiros
vão tocar a finados por tua morte.
Os funerais teu pai vai preparar-te
com tal tristeza, por não ter mais filhos,
como Príamo o fez, quando da perda
de seus filhos valentes. Vou levar-te
daqui. Foi-me na guerra averso o fado;
assassinei meu filho idolatrado.

(Sai com o corpo.)

shakespearebrasileiro.org

Rei Henrique · Dobrai-vos sob o jugo da desgraça;
mas eis um rei que em dor vos ultrapassa.

(Alarma. Movimento de tropas. Entram a Rainha Margarida, o Príncipe de Gales e Exeter.)

Príncipe · Fugi, meu pai, fugi! Vossos amigos
já a salvação na fuga procuraram.
Qual touro espicaçado, aí vem Warwick.
Vamos! Que a morte está no nosso encalço.

Rainha Margarida · Montai, milorde, e dirigi-vos logo
para Berwick. Ricardo e Eduardo, como
dois galgos, quando à vista de medrosa
lebre a fugir, os olhos injetados
a brilharem de raiva, com sangrentos
gládios nas mãos irosas, vêm chegando
nos nossos calcanhares. Vamos logo!

Exeter · Vamos logo; a vingança vem com eles.
Nada de reflexões; vamos depressa.
Ou então, segui-nos, que eu já vou na frente.

Rei Henrique · Bondoso Exeter, leva-me contigo.
Não tenho medo de ficar, é certo;
porém apraz-me sempre estar ao lado
de Margarida. Avante, pois! Depressa!

(Saem.)

Ato II · Cena V

O mesmo. Grande alarma. Entra Clifford, ferido.

Clifford · Vai se extinguir aqui o meu archote
que tanta luz já deu ao Rei Henrique.
Receio muito mais, Lencastre, a tua
queda do que a partida de minha alma.
O amor ou o medo a mim te conquistaram
muitos amigos; e ora que eu sucumbo,
vais perder teu cimento consistente.
Henrique se enfraquece; ganha forças
o insuportável York. O populacho
voa como, no estio, em bando, as moscas.
E para onde hão de voar tantos mosquitos,
a não ser para o sol? Quem brilha, agora,
senão os inimigos do monarca?
Oh Febo, se jamais tivesses dado
consentimento a Faetonte para
dirigir teus fogosos corredores,
nunca teu carro, em labaredas, viera
a estorricar a terra. E tu, Henrique,
se houvesses sido rei, como cumpria,
o pai e o avô seguindo neste ponto,
sem terreno ceder à casa de York,
jamais a gente dela enxamearia
como as moscas do estio; eu e milhares
de outras pessoas deste infeliz reino
viúvas não deixáramos de luto
por nossa morte, e tu ainda estarias
governando, pacífico, o teu povo.
Que é que faz pulular a erva daninha,
afora o ar generoso? Que é que torna
mais audaciosos os ladrões de estrada,
senão muita bondade? Infrutuosas
são todas estas queixas, incuráveis
minhas feridas. Acham-se trancados
os caminhos da fuga e inteiramente
gastas as forças que a esse fim servissem.
O inimigo é impiedoso e não se abranda;
não lhe mereço complacência alguma.
O ar penetrou nestas mortais feridas;
a hemorragia me deixou abatido.
York e Ricardo, vinde! Apunhalai-me
logo o peito; matei o vosso pai.

(Desmaia.)

(Alarma e retirada. Entram Eduardo, Jorge, Ricardo, Montague, Warwick e soldados.)

Eduardo · Repousemos, senhores; a Fortuna
nos concede esta pausa e alisa a rude
face da guerra com olhar pacífico.
No encalço algumas tropas já partiram
da sanguinosa e tétrica rainha
que leva o calmo Henrique — muito embora
seja ele o rei — tal como o faz a vela
pelos ventos inflada, quando obriga
o navio a arrostar as ondas bravas.
Mas supondes que Clifford, meus senhores,
os acompanhe?

Warwick · Não, não poderia

shakespearebrasileiro.org

ter fugido. Conquanto aqui presente
se ache Ricardo, devo declarar-vos
que vosso irmão o assinalou de morte.
Onde quer que se encontre, está sem vida.
(Clifford solta um gemido e morre.)
EDUARDO · Que alma se parte assim, pesadamente?
RICARDO · O gemido é sentido e inculca morte.
EDUARDO · Vê quem é: uma vez que a luta é finda,
como amigos tratai dos inimigos.
RICARDO ·
Suspende essa ordem piedosa. É Clifford,
Clifford que, não contente de podar
o ramo promissor de verdes folhas,
Rutland, ainda mergulhou, mortífera,
a faca na raiz de onde proviera
esse broto de tanta suavidade.
Falo de nosso pai, o Duque de York.
WARWICK · Tirai das portas de York, sem demora,
a cabeça do duque, vosso pai,
colocada aí por Clifford, e a de Clifford
ponde nesse lugar. É de justiça:
medida por medida para o caso.
EDUARDO · Transportai logo para nossa casa
essa coruja de tão mau agouro,
que, fatal, só o exício nos cantava
de todos nós. Até que enfim a morte
pôs remate a esses sons ameaçadores.
Sua língua agourenta já está muda.
(Alguns criados seguram o corpo.)
WARWICK ·
Quero crer que a consciência está apagada.
Dize, Clifford, conheces quem te fala?
Em seus raios vitais faz sombra a morte;
não nos vê, nem compreende o que dizemos.
RICARDO · Oh, se o pudesse! E quem nos diz que não?
Talvez que nada passe de artifício
da parte dele, para dos insultos
se esquivar, em resposta aos que ele ao nosso
pai dirigiu, ao lhe aprestar a morte.
JORGE · Se assim pensas, irrita-o com chacotas.
RICARDO ·
Clifford, pede perdão, sem que o consigas!
EDUARDO · Clifford, penitencia-te debalde!
WARWICK · Inventa escusas para as tuas culpas!
JORGE · Que nós inventaremos os castigos.
RICARDO · Tinhas amor a York; eu nasci dele.
EDUARDO · De Rutland te apiedaste; nós de ti.
JORGE · Onde está a Generala Margarida,
que não te vem salvar?
WARWICK · É zombaria,
Clifford! Insulta como costumavas.
RICARDO ·
Como! Nenhum insulto? O mundo se acha,
realmente, muito mal, para que poupe
Clifford de imprecações os seus amigos.
Só por isso concedo que está morto.
Juro que, se, para ele, a minha destra
comprar pudesse ao menos duas horas
de vida, para que eu o acabrunhasse
com sarcasmos, a esquerda a decepara
e no sangue do golpe, borbulhante,
eu afogara o biltre, cuja sede
o jovem Rutland e York não saciaram.
WARWICK · Sim, mas morreu. Cortai logo a cabeça
do traidor e a trocai pela do duque
vosso pai. Depois disso, para Londres
sigamos triunfalmente, a fim de serdes
coroado soberano da Inglaterra.
De lá Warwick irá cortando as ondas
em direção da França, com a incumbência
de fazer Lady Bona tua esposa.
Unirás, desse modo, os dois países.
Tendo a França por ti, perderás todo
receio dos imigos tresmalhados
que ainda têm esperança de revolta.
Embora seus ferrões estejam rombos,
incomodam a gente com os zumbidos.
Primeiro hei de assistir à coroação;
depois, far-me-ei ao mar para a Bretanha,
para levar a termo esse consórcio,
se milorde me der consentimento.
EDUARDO ·
Como o determinares, querido Warwick,
assim ficará sendo; é nesses ombros
que eu me firmo. Não hei de tomar nunca
nenhuma decisão sem teu conselho.
Ricardo, decidi nomear-te Duque
de Gloster; e a ti, Jorge, de Clarence.
Tal como nós, no reino vai ser Warwick:
fará e desfará como lhe agrade.
RICARDO · Deixai que eu seja o Duque de Clarence;
dai Gloster para Jorge; este ducado

shakespearebrasileiro.org

traz infelicidade.
Warwick · Oh, que tolice!
Ficas assim; serás Duque de Gloster.
E agora, para Londres, porque sejam
positivados todos esses títulos.

(Saem.)

Ato III · Cena I

Uma montearia no Norte da Inglaterra.
Entram dois guardas-florestais, com bestas nas mãos.

Primeiro Guarda ·
Escondamo-nos dentro desta moita
porque o veado há de vir para a clareira.
Encobertos, assim, nos será fácil
matar o mais bonito do rebanho.
Segundo Guarda ·
Vou para o alto do morro; assim podemos
disparar à vontade.
Primeiro Guarda · Isso é impossível:
teu tiro espantará logo o rebanho,
vindo o meu a perder-se. Ficaremos
junto para fazermos pontaria.
Para matar o tempo, vou contar-te
quanto se deu comigo, de uma feita,
neste mesmo lugar em que ora estamos.
Segundo Guarda ·
Vem vindo alguém; deixemos que se afaste.

(Entra o Rei Henrique, disfarçado,
com um livro de orações.)

Rei Henrique ·
Por puro amor eu me evadi da Escócia,
para lançar a meu país olhares
repassados de afeto. Não, Henrique,
já não é teu país; já não tens trono;
foi-te da mão arrebatado o cetro;
tiram-te da fronte o óleo sagrado;
ninguém mais dobra os joelhos para dar-te
o título de César; suplicante
nenhum vem reclamar os seus direitos;
não, ninguém mais te vem pedir justiça,
pois como eu poderia ser-lhes útil,
se para mim não posso fazer nada?
Primeiro Guarda ·
Eis um veado de pele muito rica;
vamos pegá-lo: é o quondam soberano.
Rei Henrique ·
Aceitemos a cruel adversidade,
seguindo nisso o parecer dos sábios.
Segundo Guarda ·
Que estamos esperando? Mãos a ele.
Primeiro Guarda ·
Um momento; deixemo-lo falar.
Rei Henrique ·
Minha mulher e o filho estão na França,
em busca de socorro. O valente Warwick,
segundo dizem, também lá se encontra
com o fim de obter a irmã do soberano
para esposa de Eduardo. Se a notícia
for verdadeira, pobre esposa e filho,
todo o vosso trabalho está perdido,
porque Warwick é orador de sutil lábia
e Luís um monarca que se deixa
conquistar por palavras persuasivas.
Sobre este ponto fora, até, possível
que Margarida viesse a convencê-lo,
por ser pessoa de inspirar piedade.
O peito há de abalar-lhe com suspiros.
Suas lágrimas calam no mais duro
coração; mostrar-se-ia manso o tigre
ante o que ela dissesse; o próprio Nero
revelara remorsos, se pudesse
ver-lhe o pranto e escutar os seus queixumes.
Mas ela foi pedir, e dar foi Warwick.
À esquerda do monarca ela reclama
socorro para Henrique; Warwick, à destra,
solicita uma esposa para Eduardo.
Ela, a chorar, declara que deposto
Henrique ora se encontra; ele, sorrindo,
comunica que Eduardo ocupa o trono.
A coitada, de dor, ficará muda,
enquanto Warwick os títulos desdobra
do soberano, as faltas lhe atenua,
excogita argumentos poderosos,
ganhando, em suma, o rei, apesar dela
e obtendo dele a irmã e o mais que seja
preciso para Eduardo ficar firme
no trono da Inglaterra. Oh Margarida!
Tudo vai ser assim como o predigo.
E tu, pobre alma, voltarás sozinha,

shakespearebrasileiro.org

como desamparada te partiste.
Segundo Guarda ·
Quem és tu, que só falas de rainhas
e de reis?
Rei Henrique · Muito mais do que aparento,
menos do que mereço: um homem, certo,
que menos é impossível. Ora, os homens
podem falar de reis. Que mal há nisso?
Segundo Guarda ·
Sim, mas tu falas como se rei fosses.
Rei Henrique ·
Em pensamento o sou; é quanto basta.
Segundo Guarda ·
Se és rei, tua coroa onde é que está?
Rei Henrique ·
Trago-a no coração, não na cabeça;
não tem diamantes, não tem pedras da Índia;
nem se destina a andar à vista nunca.
Contentamento é o nome da coroa,
de que mui raramente os reis se gozam.
Segundo Guarda ·
Nesse caso, se sois um soberano
que de contentamento se coroa,
vosso contentamento, e vós com ele,
ficareis bem contentes de seguir-nos,
pois pensamos que sois o rei deposto
por nosso Rei Eduardo, e nós, seus súditos,
que lhe juramos obediência, agora
vos prendemos, por serdes seu contrário.
Rei Henrique ·
Nunca quebrastes vosso juramento?
Segundo Guarda ·
Tal juramento, nunca, e não o faremos.
Rei Henrique ·
Onde habitáveis, quando eu era rei?
Segundo Guarda ·
Nesta mesma região em que ora estamos.
Rei Henrique ·
Subi ao trono quando tinha apenas
nove meses de idade. Soberanos
foram meu pai e meu avô; jurastes-me
fidelidade, então. Dizei-me agora:
nunca quebrastes vosso juramento?
Segundo Guarda ·
Não, porque fomos súditos apenas
enquanto fostes rei.
Rei Henrique · Como! Estou morto?
Não respiro como homem? Sois ingênuos,
ignorais vossas juras. Vede como
sopro esta pena e do meu rosto a afasto,
e depois como o vento a traz de volta.
Agora ao meu impulso ela obedece,
para ceder depois a força estranha,
sempre do lado do mais forte sopro.
Desse modo, leviano, é sempre o povo.
Não quebreis vossa jura; minha branda
persuasão não vos leve a esse delito.
Bem, conduzi-me; o rei será mandado:
sois reis; dai ordens, que eu vos obedeço.
Primeiro Guarda ·
Somos súditos fiéis do Rei Eduardo.
Rei Henrique ·
Mas a sê-lo de Henrique voltaríeis,
se o trono, como Eduardo, ele ocupasse.
Primeiro Guarda ·
Em nome, pois, de Deus e do monarca
vos intimamos a irdes à presença
do oficial de justiça.
Rei Henrique · Conduzi-me,
pois, em nome de Deus. Obedecido
deve ser vosso rei, quando nomeado.
possa cumprir o rei o que Deus manda;
a quanto ele mandar eu me submeto.

(Saem.)

Ato III · Cena II

Londres. Um quarto no palácio.
Entram o Rei Eduardo, Gloster, Clarence e Lady Grey.

Rei Eduardo · Mano de Gloster, o marido desta
senhora, Sir John Grey, em Santo Albano
veio a perder a vida. Suas terras,
o vencedor as teve. Ela deseja
ser reintegrada, agora, nessas posses.
Penso que fora injusto lhe negarmos
o que nos pede, em vista de ter sido

shakespearebrasileiro.org

morto esse gentil-homem tão conspícuo
quando em defesa dos direitos de York.
GLOSTER · Vossa Alteza faz bem em conceder-lhas;
fora desonra agir de outra maneira.
REI EDUARDO ·
É o que eu penso, também; mas esperemos.
GLOSTER *(à parte, para Clarence)* ·
Como! É assim? Pelo que veio a dama
deverá conceder algo, primeiro,
para que o rei lhe satisfaça a súplica.
CLARENCE *(à parte, a Gloster)* ·
Ele conhece o jogo; vede como
sabe sondar o vento.
GLOSTER *(à parte, a Clarence)* · Ficai quieto!
REI EDUARDO · Viúva, estudaremos com o devido
cuidado vossa súplica. Voltai
depois para saberdes a resposta.
LADY GREY · Gracioso soberano, é-me impossível
suportar dilação. Seja do agrado
de Vossa Alteza responder-me logo.
Vosso prazer me deixará contente.
GLOSTER *(à parte, a Clarence)* ·
Assim, viúva! Eu vos prometo todas
as terras, se o prazer dele, realmente,
vos deixar satisfeita. Sede firme;
do contrário, apanhais um golpe certo.
CLARENCE *(à parte, a Gloster)* ·
Não receio isso; a menos que ela caia.
GLOSTER *(à parte, a Clarence)* ·
Deus nos livre! Então o rei se aproveitara.
REI EDUARDO ·
Dizei-me, viúva: quantos filhos tendes?
CLARENCE *(à parte, a Gloster)* ·
Creio que ele deseja um filho dela.
GLOSTER *(à parte, a Clarence)* ·
Deixar-me-ei chibatear, se for só isso;
ele preferiria obter dois filhos.
LADY GREY · Três, ao todo, gracioso soberano.
GLOSTER *(à parte, Clarence)* ·
Ficareis com mais um, se a ele cederdes.
REI EDUARDO · De lastimar seria, se eles viessem
a perder o que o pai possuiu em terras.
LADY GREY · Sede, pois, generoso, mui temível
monarca, e concedei o que vos peço.
REI EDUARDO ·
Senhores, um momento: é meu desejo
sondar a inteligência desta viúva.

GLOSTER *(à parte, a Clarence)* ·
Um momento vos damos; ora tendes
momentos à vontade, até que os anos
num momento vos deixem de muletas.
(Afasta-se com Clarence.)
REI EDUARDO ·
Senhora, amais realmente vossos filhos?
LADY GREY ·
Tanto quanto a mim mesma.
REI EDUARDO · E que faríeis
para que eles pudessem ser felizes?
LADY GREY · Suportaria toda adversidade.
REI EDUARDO ·
Readquiri, pois, a bem de vossos filhos,
as terras que já foram do pai deles.
LADY GREY ·
É com esse fim que venho a Vossa Alteza.
REI EDUARDO · Vou dizer-vos o modo de as obter.
LADY GREY · Isso me obrigará ao serviço vosso.
REI EDUARDO · E que serviço me fareis em paga?
LADY GREY · O que mandardes, se me for possível.
REI EDUARDO ·
Decerto direis "não" ao meu pedido.
LADY GREY · Salvo se eu não puder satisfazer-vo-lo.
REI EDUARDO · Ser-te-á fácil fazer o que eu pretendo.
LADY GREY · Nesse caso farei quanto ordenardes.
GLOSTER *(à parte, a Clarence)* ·
Ele insiste. Água mole em pedra dura...
CLARENCE *(à parte, a Gloster)* ·
Vermelho que nem fogo! A cera é mole.
LADY GREY · Por que parais, milorde? Que serviço
me compete fazer?
REI EDUARDO · É muito fácil:
amar a um rei.
LADY GREY · É fácil e está feito,
porque eu sou vossa súdita.
REI EDUARDO · Devolvo-te,
então, os bens que foram do finado.
LADY GREY · Contente, e com mil graças; me
despeço.
GLOSTER *(à parte, a Clarence)* ·
Contrato pronto; a dama faz mesuras.
REI EDUARDO ·
São os frutos do amor que eu tenho em mente.
LADY GREY · Sim, os frutos do amor, meu
soberano.

shakespearebrasileiro.org

Rei Eduardo ·
Sim, mas noutro sentido, é o que eu receio.
Que amor calculas que eu estou a pedir-te?
Lady Grey · Meu amor até à morte, minhas preces,
meus agradecimentos irrestritos;
o amor que puder ser pela virtude
ao mesmo tempo dado e recebido.
Rei Eduardo ·
Diferente era o amor em que eu pensava.
Lady Grey ·
Então não compreendi vossas palavras.
Rei Eduardo ·
Creio que as entendeis, agora, em parte.
Lady Grey · Jamais consentirá meu sentimento
no que Vossa Grandeza me sugere,
se é certo o que imagino.
Rei Eduardo · Sem rebuços
direi que almejo me deitar contigo.
Lady Grey · Sem rebuços direi que é preferível
viver numa prisão.
Rei Eduardo · Pois, nesse caso,
não reaverás os bens do teu marido.
Lady Grey · Pois, nesse caso, todos os meus bens
consistirão na minha honestidade,
com cuja perda eu nada possuiria.
Rei Eduardo · Assim, teus filhos ficarão lesados.
Lady Grey · Assim, por Vossa Alteza ficaremos
lesados eles e eu. Mas, poderoso
senhor, esses alegres devaneios
não vão bem com a tristeza do pedido
que vos apresentei. Mandai-me logo
despachada, dizendo "sim" ou "não".
Rei Eduardo ·
Sim, se disseres "sim" ao meu pedido;
não, se disseres "não" à minha súplica.
Lady Grey · Então não, meu senhor; já me retiro.
Gloster *(à parte, a Clarence)* ·
A viúva está zangada; franze o cenho.
Clarence *(à parte, a Gloster)* ·
O mais desajeitado namorado
de toda a cristandade.
Rei Eduardo *(à parte)* · Na maneira
de olhar, lê-se modéstia; no discurso
revela inteligência incomparável.
Todas as suas perfeições exigem
soberania. De qualquer maneira,
foi feita para um rei. Será, portanto,
minha amante, ou será minha rainha.
Digamos que Eduardo te esposasse?
Lady Grey · Meu senhor, isso é fácil de ser dito,
mas não tão fácil de ser posto em prática.
Como súdita, eu sirvo para objeto
de galhofa, mas me acho muito longe
de servir para o posto de rainha.
Rei Eduardo · Meiga viúva, juro por meu trono
que eu falei quanto almejo no mais íntimo
da alma: possuir-te como o meu amor.
Lady Grey · É mais do que pudera prometer-vos.
Sei que sou muito humilde para esposa
de Vossa Alteza, mas bastante boa
para tornar-me vossa concubina.
Rei Eduardo · Viúva, estais usando de malícia;
o que eu pretendo é vos fazer rainha.
Lady Grey · Ofenderia Vossa Graça, acaso,
ser chamado de pai pelos meus filhos.
Rei Eduardo ·
Não mais do que se minhas filhas viessem
a te chamar de mãe. Tens alguns filhos,
e — pela mãe de Deus — embora eu seja
celibatário, alguns, também, possuo.
Como é belo ser pai de muitos filhos!
Não me retruques; vais ser minha esposa.
Gloster *(à parte, a Clarence)* ·
O padre já acabou a confissão.
Clarence *(à parte, a Gloster)* ·
Fez-se padre por pura malandragem.
Rei Eduardo · Manos, adivinhais o que falamos?
Gloster · A viúva não gostou; tem o ar tristonho.
Rei Eduardo · Julgaríeis estranho desposá-la?
Clarence ·
Com quem, senhor?
Rei Eduardo · Comigo mesmo, ora essa!
Gloster · Provocaria espanto de dez dias.
Clarence · Um dia mais do que perdura o espanto.
Gloster · Fora infinito espanto assim tão grande.
Rei Eduardo ·
Podeis brincar, irmãos, quanto quiserdes;
digo-vos que ela obteve bom despacho
no que respeita às terras do marido.
(Entra um nobre.)
Nobre · Vosso inimigo Henrique, meu gracioso
soberano, foi feito prisioneiro
e conduzido às portas do palácio.
Rei Eduardo ·
Levai-o para a Torre. Vamos, manos,

shakespearebrasileiro.org

saber quem o prendeu, a fim de obtermos
informações seguras sobre o modo
por que foi preso. Podeis ir, viúva.
Meus senhores, tratai-a honrosamente.

(Saem todos, menos Gloster.)

GLOSTER · Eduardo trata honrosamente todas
as mulheres. Pudesse ele esgotado
vir a ficar, medula, ossos e tudo,
para que de seus rins ramo auspicioso
não nascesse, capaz de separar-me
da idade de ouro com que sempre eu sonho!
Mas, entre mim e o anseio de minha alma —
enterrado que seja, finalmente,
o direito do lúbrico Eduardo —
está Clarence, Henrique, o moço Eduardo
seu filho e todos quantos ainda se acham
por nascer deles e que certamente
se sentarão no trono antes que chegue
minha esperada vez. Considerandos
bem frios, estes, para os meus projetos!
Mas, afinal, tudo isto é simples sonho.
Assemelho-me a alguém que, divisando
de um promontório a praia ambicionada,
pretendesse igualar os pés aos olhos
e amaldiçoasse o mar que o separasse
da meta cobiçada, prometendo
deixá-lo seco e, assim, abrir caminho.
Assim desejo o trono tão distante,
e assim maldigo os meios que me impedem
de chegar até ele, prometendo
destruí-los, mas, com isso, mais não faço
que me encantar com coisas impossíveis.
Aguda tenho a vista, ambicioso
demais o coração, para que possam
igualá-los os braços e os recursos.
Bem; concordemos que não há coroa
para Ricardo. Então, que outra ventura
poderá conceder-lhe o mundo todo?
Transformarei em céu o belo colo
de uma mulher, com ricos ornamentos
o corpo cobrirei, e com palavras
e olhares renderei damas galantes.
Oh pensamentos miseráveis! Fora
mais fácil conquistar vinte coroas.
O amor me repudiou ainda no ventre
de minha mãe. De medo que eu ficasse
sob o seu regimento delicado,
peitou a natureza criminosa
para que me deixasse o braço seco
como galho sem seiva, e uma montanha
invejosa no dorso me pusesse,
de onde a deformidade zomba à grande
do meu corpo, estas pernas me deixasse
desiguais, afastando-me de toda
proporção, como ainda informe filho
de urso, que à mãe em nada se parece.
Sou tipo, acaso, para ser amado?
Oh monstruosa ilusão, pensar desta arte!
Ora, se a terra só me proporciona
a alegria do mando, do domínio,
de subjugar pessoas bem formadas,
seja o meu céu sonhar com a coroa.
Enquanto eu tiver vida, puro inferno
vai ser o mundo, a menos que a cabeça
firmada, assim, neste disforme corpo,
me circunde coroa gloriosa.
Contudo, ainda não sei como alcançá-la,
que muitas vidas entre mim e a pátria
se interpõem, e eu me vejo qual pessoa
que num bosque de espinhos se encontrasse,
quebrando, a um tempo, espinhos, e por eles
sendo quebrado, a procurar caminho,
mas dele cada vez mais se afastando,
sem saber como possa obter ar puro,
sempre enleado a lutar em desespero:
desta arte eu me atormento, só com o fito
de apanhar a coroa da Inglaterra.
Hei de livrar-me, alfim, deste martírio,
muito embora precise abrir caminho
com um machado sangrento. Sim, que eu posso
vir a matar, matar, enquanto rio,
gritar "Viva!" ao que o peito me compunge,
banhar o rosto com fingidas lágrimas
e adotar aparência condizente
com qualquer situação. Mais marinheiros
afogarei no mar do que a sereia;
sem vida vou deixar muito mais gente
que me olhar, do que o próprio basilisco;
mostrarei a eloqüência de Nestor;
como Ulisses, serei astuto e fino;
qual Sinão, ganharei mais uma Tróia.
Ao camaleão eu posso emprestar cores,
muito mais que Proteu mudar de formas,
ao próprio Maquiavel servir de mestre.
Posso tudo isso e não consigo o trono?
Ora, hão de ver que dele eu vou ser dono.

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena III

França. Um quarto no palácio.
Toque de clarins. Entram Luís, Rei da França, sua irmã Lady Bona, com séquito; seu almirante, de nome Bourbon. O rei se assenta no trono. Depois entram a Rainha Margarida, o Príncipe Eduardo e o Conde de Oxford. Luís se levanta.

Rei Luís · Bela Rainha da Inglaterra, digna
Margarida, ao meu lado vem sentar-te;
não condiz com o teu berço e dignidade
de pé te conservares e eu sentado.
Rainha Margarida ·
Não, Rei da França, agora Margarida
vai amainar a vela, porque possa,
por momentos, servir quando os reis mandam.
Fui, confesso, rainha da grandeza
de Álbion, nos dias áureos; mas agora
a desventura conculcou meus títulos,
com pesar para mim me pôs por terra,
cumprindo-me viver, agora, acorde
com minha infeliz sorte, e conformar-me
com a humilde posição que me compete.
Rei Luís · Bela rainha, a origem me revela
desse teu desespero tão profundo.
Rainha Margarida ·
Provém de causa que meus olhos enche
de lágrimas sentidas, muda a língua
me deixa e o peito cheio de cuidados.
Rei Luís · Seja qual for, retorna ao teu estado,
e ao lado meu te senta.

(Fá-la sentar-se ao seu lado.)

Não consintas
que a Fortuna te ponha sob o jugo,
mas pisa triunfalmente nas desgraças.
Se em França isso estiver, terás alívio.
Rainha Margarida ·
Essas belas palavras me dão vida,
de novo, ao pensamento, permitindo
que a mágoa emudecida a falar torne.
Saiba o nobre Luís que Henrique, o único
dono do meu afeto, de rei que era
se transformou em súdito banido
que vive ora na Escócia, sem recursos,
enquanto Eduardo, o altivo Duque de York,
o titulo real e o trono usurpa
do monarca, de fato, da Inglaterra.
Eis porque eu, esta pobre Margarida,
com meu filho, este Príncipe Eduardo,
de Henrique o único herdeiro, vim pedir-te
legal e justo auxílio. Se renuíres,
nossa esperança ficará perdida.
Ajudar-nos a Escócia desejara,
mas carece de meios; nossos pares
e o povo estão sem guias, os soldados
fugiram, o tesouro foi tomado.
Como estás vendo, averso nos é o Fado.
Rei Luís · Rainha ilustre; acalma a tempestade,
enquanto um meio excogitamos para
dissipá-la de vez.
Rainha Margarida · Quanto mais tempo
ficarmos, mais o imigo cria força.
Rei Luís · Quanto mais eu ficar, mais tenho meios
para te socorrer.
Rainha Margarida · Mas a impaciência
ao lado sempre está das grandes mágoas.
Mas eis o causador das minhas mágoas.

(Entra Warwick, com séquito.)

Rei Luís · Quem de nossa presença se aproxima
com tamanha ousadia?
Rainha Margarida · É o Conde de Warwick,
de Eduardo o grande amigo.
Rei Luís · Valente Warwick,
sê bem-vindo. Que vens fazer na França?

(O rei desce do trono. A Rainha Margarida se levanta.)

Rainha Margarida ·
Ora começa nova tempestade,
pois as ondas e os ventos ele os move.
Warwick · Meu amo e soberano, o digno Eduardo,
Rei de Álbion, teu amigo dedicado,
me enviou, por afeição e amor sincero,
primeiro, para que tua real pessoa
fosse saudada; após, para pedir-te
aliança de amizade; finalmente,
para fortificá-la por um laço
nupcial, caso consintas em que tua
bela irmã, a virtuosa Lady Bona,
esposa venha a ser do Rei Eduardo.

shakespearebrasileiro.org

RAINHA MARGARIDA ·
Se isso se der, Henrique está perdido.
WARWICK *(a Bona)* ·
Graciosa dama, trouxe do monarca
a alta incumbência de, se o permitirdes,
a vossa mão beijar, humildemente,
e de vos patentear os elevados
sentimentos que o rei no peito abriga,
onde a Fama, através de seus ouvidos
atentos evocou tua inefável
imagem, adornada de virtude.
RAINHA MARGARIDA ·
Rei Luís, Lady Bona, antes de dardes
resposta a Warwick, ouvi-me atentamente.
O que ele vos pediu não vem do honesto
nem bem intencionado amor de Eduardo,
mas apenas da astúcia, alimentada
pela necessidade. Como podem
governar os tiranos, sem que obtenham
poderosos aliados no estrangeiro?
Ora, para provar que ele não passa
de um tirano, direi apenas isto:
que Henrique ainda está vivo. Mas embora
já tivesse morrido, aqui vós vedes
o Príncipe Eduardo, descendente
do Rei Henrique. Cuida, Luís, portanto,
de evitar a desonra e os dissabores,
não consentindo no proposto enlace,
pois embora a Fortuna, por momentos,
se ponha ao lado dos usurpadores,
o céu é justo e o tempo apaga todas
as faltas sobre a terra.
WARWICK · Insultuosa
Margarida!
PRÍNCIPE · Rainha, por que não?
WARWICK · Por ter sido teu pai usurpador;
ela é rainha como tu és príncipe.
OXFORD · Warwick, desse modo, anula o grande
João de Gaunt, que a parte mais valiosa
da Espanha conquistou, e, depois dele,
Henrique quarto, o rei cuja prudência
como espelho era tida pelos sábios,
e, após esse rei sábio, Henrique quinto,
cujo braço ganhou a França toda:
provém deles, direto, o nosso Henrique.
WARWICK · Oxford, por que motivo nessa tua
fala melosa não disseste a causa
de haver perdido Henrique sexto tudo
quanto havia alcançado Henrique quinto?
Estes pares da França certamente
sorririam, ouvindo-te o discurso.
Quanto ao resto, nos falas de ascendência
de sessenta e dois anos, tão-somente,
tempo ridículo, decerto, para
tornar incontestável esse título.
OXFORD · Como é que desse jeito podes, Warwick,
falar tanto de um rei a quem durante
trinta e seis anos tu rendeste preito,
sem que o rubor se traia a felonia?
WARWICK ·
Dar-se-á que Oxford, que sempre paladino
se mostrou do direito, ora procure
fazer escudo da mentira de uma
árvore genealógica? Envergonha-te!
A Henrique deixa; a Eduardo chama rei.
OXFORD · Dar o nome de rei a quem foi causa,
por áspero decreto, de que a vida
viesse a perder o meu irmão mais velho,
Lorde Aubrey Vere? E mais, meu pai querido,
quando no ocaso dos maduros anos
já o tinha a natureza colocado
na soleira da morte? Isso não, Warwick!
Enquanto a vida sustentar-me o braço,
sustentarei a casa de Lencastre.
WARWICK · Como eu a casa de York.
REI LUÍS · Rainha Margarida, juntamente
com o Príncipe Eduardo e Oxford fazei-nos
o obséquio de vos pordes a departe
por momentos, enquanto eu continuo
conferenciando com o Conde de Warwick.
(A rainha, o príncipe e Oxford se afastam.)
RAINHA MARGARIDA ·
Não queira o céu que venha a dominá-lo
Warwick, com o feitiço de sua fala.
REI LUÍS ·
Agora dize-me, Warwick: em consciência
consideras Eduardo o rei legítimo
dos ingleses? A mim repugnaria
ligar-me a quem não o fosse de direito.
WARWICK · A palavra, sobre isso, empenho e a honra.
REI LUÍS · E no conceito popular? É amado?
WARWICK · Tanto quanto execrado fora Henrique.
REI LUÍS · Prossigamos, então: pondo de parte

shakespearebrasileiro.org

qualquer simulação, toda a medida
do amor ora revela que ele a Bona
dedica, minha irmã.
WARWICK · Parece digno
de um monarca como ele. Muitas vezes
o ouvi asseverar, com juramentos,
que o seu amor era uma eterna planta,
com raízes no solo da virtude
e com folhas e frutos sazonados
pelo sol da beleza, em tudo isenta
de maldade, mas muito dolorida,
até que Bona corra a lhe dar vida.
REI LUÍS · Irmã, ouçamos ora o que decides.
BONA · Concordarei com quanto resolverdes.
(A Warwick) Entretanto confesso que até agora,
ouvindo elogiar vosso monarca,
tem meu ouvido imposto julgamento,
que aceitável o torna.
REI LUÍS · Nesse caso,
Warwick, nossa irmã será de Eduardo.
E desde agora os pontos assentemos
relativos aos bens que o soberano
nos deve dar, o que sobejamente
serão recompensados pelo dote
de minha irmã. Rainha Margarida,
vem para perto, vem; sê testemunha
de que Bona desposa o rei inglês.
PRÍNCIPE · Desposa Eduardo, não o rei inglês.
RAINHA MARGARIDA ·
Warwick malicioso, tua astúcia
concebeu este enlace, porque minhas
esperanças morressem. Luís era
de Henrique amigo antes de tu chegares.
REI LUÍS · E ainda é amigo dele e da Rainha
Margarida. Mas, sendo o vosso título
à coroa precário, como o deixa
parecer o bom êxito de Eduardo,
é justo que eu me sinta dispensado
da promessa de auxílio de há momentos.
Contudo, em mim achareis sempre quanto
merecer vosso estado e for possível.
WARWICK · Henrique está na Escócia, inteiramente
à vontade; de seu não tendo nada,
nada pode perder. Quanto a vós mesma,
nossa quondam rainha, é bem sabido
que tendes pai capaz de sustentar-vos.
Fora curial, assim, que recaísse
sobre ele vosso peso, não na França.
RAINHA MARGARIDA ·
Não fales, Warwick sem pudor! Silêncio,
fazedor orgulhoso de monarcas!
Daqui não sairei, sem ter, com lágrimas
sinceras e discursos comovidos,
feito ver a Luís toda a verdade
de tua astúcia e da amizade falsa
daquele que te enviou, porque sois aves
de plumagem em tudo parecida.
(Ouve-se toque de buzina.)
REI LUÍS · Warwick, é algum correio, certamente,
para um de nós; vejamos a mensagem.
(Entra um mensageiro.)
MENSAGEIRO · Essa carta, milorde embaixador,
vos pertence, por vosso irmão enviada,
o Marquês de Montague. Esta, do nosso
monarca, para Vossa Majestade.
(A Margarida) Esta é vossa, senhora; ignoro a origem.
(Todos lêem as suas cartas.)
OXFORD · Percebo com prazer que nossa bela
rainha e dona ri com as notícias,
enquanto Warwick o cenho franze, ao lê-las.
PRÍNCIPE · Vede como Luís se agita e bate
com os pés, como picado de alfinete.
Ainda espero que tudo bem nos corra.
REI LUÍS · Warwick, as novidades? Que notícias
vós recebestes, bela Margarida?
RAINHA MARGARIDA ·
As minhas são de molde que nos fazem
transbordar de alegria o coração.
WARWICK · As minhas me ocasionam só tristezas.
REI LUÍS · É verdade que o vosso soberano
desposou Lady Grey? E ora, com o fito
de mascarar a falsidade de ambos,
me aconselha paciência nesta carta?
É essa a aliança que ele busca em Franca?
Pensa que, impune, zombará de nós?
RAINHA MARGARIDA ·
Que tinha eu dito a Vossa Majestade?
Tudo isso vem provar o amor de Eduardo
e a singular honestidade de Warwick.
WARWICK · Eu juro, Rei Luís, diante da face
do céu, pela esperança que ainda tenho
da salvação celeste, que estou isento
de culpa neste crime de Eduardo.
Deixou de ser meu rei, pois me desonra,

shakespearebrasileiro.org

e a si próprio ainda mais, se consciência
pudesse ter da infâmia praticada.
Como pude esquecer-me de que fora
muito moço meu pai assassinado
pelos da casa de York? De que minha
sobrinha foi violada? A real coroa
pus-lhe em torno da fronte, dos direitos
de nascimento destituí Henrique,
para me ver, por fim, recompensado
com tamanha vergonha? Nele, apenas,
recaia o opróbrio, que honra é o que mereço.
Por isso, para reparar minha honra,
que Eduardo conspurcou, eu me separo
dele, agora, e retorno para Henrique.
Minha nobre rainha, esquece antigas
desavenças, que eu sou daqui por diante,
teu servidor fiel. E juro que hei de
vingar a afronta feita a Lady Bona
e restaurar Henrique no seu trono.

RAINHA MARGARIDA ·
Warwick, essas palavras conseguiram
transformar em amor todo o meu ódio.
Perdôo, e quase esqueço, antigas faltas,
e me alegro por ver que te tornaste
do Rei Henrique novamente amigo.

WARWICK · E de tal forma amigo, e tão sincero,
que se quiser o Rei Luís, acaso,
nos fornecer algumas companhias
de soldados de prol, eu vos prometo
que os desembarcarei nas nossas costas
para, com eles, o tirano, à força,
do trono derrubar. Nenhuma ajuda
lhe pode dar, decerto, a nova esposa.
Quanto a Clarence, como as minhas cartas
o anunciam, no ponto ora se encontra
de o abandonar, em vista desse enlace
determinado mais pela luxúria
do que pela honra ou pela segurança,
poderio ou defesa da Inglaterra.

BONA · Caro irmão, que vingança poderia
ser a de Bona, senão vossa ajuda
a esta rainha aflita e desgraçada?

RAINHA MARGARIDA ·
Como será possível, grande príncipe,
que Henrique viva, a menos que o libertes
do atroz e insuportável desespero?

BONA · A causa da Rainha da Inglaterra
se confunde com a minha.

WARWICK · O mesmo eu digo,
graciosa Lady Bona: a minha e as vossas
não fazem mais do que uma.

REI LUÍS · E a minha, inclusa.
Para finalizar, digo que me acho
resoluto a vos dar as almejadas
companhias.

RAINHA MARGARIDA · Deixai que, humildemente,
eu vos proteste a minha gratidão.

REI LUÍS · Sendo assim, mensageiro da Inglaterra,
volta depressa e dize ao falso Eduardo,
teu rei suposto, que Luís da França
lhe enviará mascarados para o bródio
que ele com a nova esposa vão fazer.
Ouviste tudo; vai, teu rei espanta.

BONA · Dize-lhe que, esperando que ele fique
viúvo dentro de pouco, desde logo
vou tecer a guirlanda de salgueiro.

RAINHA MARGARIDA ·
Dize-lhe que eu tirei as vestes pretas
e estou pronta a envergar uma armadura.

WARWICK · Dize-lhe que foi grande a sua ofensa;
vou destroná-lo, assim, sem mais detença.
Eis tua paga; Vai-te.

(Sai o mensageiro.)

REI LUÍS ·
Agora, Warwick, tu e Oxford, e mais cinco
mil homens cortareis os mares, para
fazerdes guerra ao embusteiro Eduardo.
Quando o tempo o ensejar, há de ir a nobre
rainha e o príncipe e, com eles ambos,
tropa irá de reforço. Mas um ponto
desejava que tu me esclarecesses
antes de te partires: qual a prova
que nos dás de tua firme lealdade?

WARWICK · Para confirmação de minha eterna
lealdade, proponho isto, caso a nossa
rainha e o moço príncipe concordem:
com ele, agora mesmo, a minha filha
mais velha eu unirei, minha alegria,
pelos laços sagrados do consórcio.

RAINHA MARGARIDA ·
Sim, concordo, e agradeço o vosso alvitre.
Filho Eduardo, ela é bela e virtuosa;
não hesites, portanto. Dá logo a Warwick
a tua mão e, com ela, a morredoira

shakespearebrasileiro.org

promessa de que a filha, tão-só, de Warwick
poderá vir a ser esposa tua.
Príncipe · Ela é merecedora; aceito-a, alegre.
Como penhor, a minha mão estendo.
Rei Luís ·
Que esperamos? Importa que aprestemos
a expedição. E tu, Lorde Bourbon,
nosso grande almirante, vais levá-los
em nossa armada. O instante já desejo
de ver Eduardo sucumbir na empresa,
por ter zombado, assim, de uma francesa.
(Saem todos, exceto Warwick.)

Warwick · Vim da parte de Eduardo como enviado,
as como imigo declarado volto.
Deu-me a incumbência de tratar de enlace
matrimonial, mas guerra pavorosa
será toda a resposta a seu pedido.
Não podia ele achar outro palhaço?
Pois vou mudar em dor a brincadeira.
Eu sou o que no trono o pus primeiro;
o primeiro serei em derrubá-lo,
não tanto porque a Henrique os males suste,
mas, antes, por vingar de Eduardo o embuste.
(Sai.)

Ato IV · Cena I

Londres. Um quarto no palácio.
Entram Gloster, Clarence, Somerset, Montague e outros.

Gloster · Irmão Clarence, agora me revela
tudo o que pensas desse casamento
com Lady Grey. A escolha não foi digna?
Clarence · Sabeis que muitas milhas nos separam
da França. Como fora, então, possível
que ele o regresso de Warwick esperasse?
Somerset · Ponde fim, meus senhores, à conversa,
que o rei já vem chegando.
Gloster · Juntamente
com o consorte sabiamente eleita.
Clarence · Tenciono ser-lhe franco neste assunto.
(Toque de clarins. Entram o Rei Eduardo e seu séquito, Lady Grey, como rainha; Pembroke, Stafford, Hastings e outros.)

Rei Eduardo ·
Irmão Clarence, que pensais, dizei-me,
de nossa escolha? Estais meditabundo,
com jeito assim de meio descontente.
Clarence · Acho-me tão contente como Luís
da França ou como o Conde de Warwick, ambos
tão vazios de juízo e de coragem
que nenhuma reação terá o nosso ato.
Rei Eduardo ·
Suponde que se ofendam sem motivo.
Eles não passarão de Luís e de Warwick;
eu, Eduardo, sou rei de Warwick e vosso;
posso fazer o que entender, portanto.

Gloster · Certo o podeis, que sois o soberano.
Mas raramente em bem redundam núpcias
resolvidas assim, de afogadilho.
Rei Eduardo ·
Também, mano Ricardo, te ofendeste?
Gloster · De forma alguma.
Deus não consinta que eu separar queira
quem Deus soube juntar. Sim, fora pena
tirar do jugo um par tão bem formado.
Rei Eduardo · Pondo à parte gracejos e desgostos,
dizei-me por que causa não podia
Lady Grey se tornar minha consorte
e, com isso, Rainha da Inglaterra?
A vós, também, Montague e Somerset,
dirijo essa pergunta. Sede francos.
Clarence · Direi, pois, o que penso; o soberano
da França vai ficar vosso inimigo,
por ter sido humilhado neste assunto
do pedido da irmã, de Lady Bona.
Gloster ·
Considerando-se a incumbência de Warwick,
em face deste novo casamento,
ficou ele desonrado.
Rei Eduardo · E se eu, acaso,
acomodar os dois com alguma traça
por mim mesmo inventada?
Montague · Embora; à vista
da nossa situação, a união com a França
reforçaria mais nossa república
contra ataques de fora do que o possa
fazer qualquer enlace entre os de casa.

shakespearebrasileiro.org

HASTINGS · Mas Montague não sabe que a Inglaterra nada tem a temer se estiver sempre fiel a si própria?
MONTAGUE · Sim, mas ficaria mais forte se tivesse a França ao lado.
HASTINGS · Mas é melhor servirmo-nos da França do que nela confiarmos. Atenhamo-nos a Deus e ao mar, que ele nos deu, decerto, como barreira sempre intransponível. Com essa ajuda apenas procuremos defender-nos. A nossa segurança consiste neles; neles e em nós próprios.
CLARENCE · Só por esse discurso se revela Lorde Hastings digno de esposar a herdeira de Hungerford.
REI EDUARDO · A propósito de que isso? Assim o quis; foi minha a concessão. Desta vez será lei minha vontade.
GLOSTER · Parece-me, no entanto, que não teve Vossa Graça razão de dar a herdeira de Lorde Scales para o irmão de vossa muito extremada esposa. Ela ficara mais de acordo comigo ou com Clarence. Mas na esposa enterrastes a amizade fraternal.
CLARENCE · Não fora isso, e não teríeis dado a herdeira de Lorde de Bonville a um dos filhos de vossa nova esposa, com o que vossos irmãos se vêm forçados a procurar fortuna noutra parte.
REI EDUARDO · Pobre Clarence! Estás tão descontente por não teres esposa? Vou dar-te uma.
CLARENCE · Na escolha que fizestes revelastes pouco discernimento. Diante disso, quero eu próprio fazer de intermediário no que me diz respeito. Para tanto, tenciono vos deixar dentro de pouco.
REI EDUARDO · É indiferente: parte ou fica. Eduardo deseja ser o rei, não se deixando pear pelos irmãos.
RAINHA ELISABETE · Milordes, antes de ter sido do agrado de Sua Graça levantar-me até o posto de rainha, sede justos comigo, confessando que eu não era de ignóbil nascimento. Pessoas mais modestas já tiveram semelhante fortuna. Mas como esse título me honra e aos meus, vossos reparos — muito embora agradar-vos eu quisesse — minha alegria enublam com a idéia de futuros perigos e desgostos.
REI EDUARDO · Não lisonjeies, querida, a casmurrice. Que perigo ou desgosto poderiam tocar-te em sorte, enquanto for Eduardo teu amigo constante e o rei a que eles terão de obedecer? Hão de prestar-me, sim, obediência e amar-te, salvo o caso de quererem ser alvo do meu ódio. Se é isso o que desejam, terei meios de te amparar contra eles e fazer-lhes sentir quanto é pesada a minha cólera.
GLOSTER *(à parte)* · Tomo nota; não falo, penso apenas.

(Entra um mensageiro)

REI EDUARDO · Mensageiro, que cartas ou notícias trazes da França?
MENSAGEIRO · Meu muito acatado soberano, nenhuma carta; poucas palavras, mas são tais que eu não me atrevo a vo-las relatar sem me perdoardes.
REI EDUARDO · Fala, nós te perdoamos; mas sê breve. Repete-me as palavras deles todos com a exatidão possível. Que resposta mandou o Rei Luís a nossas cartas?
MENSAGEIRO · Quando eu parti, me deu este recado: "Volta depressa e dize ao falso Eduardo, teu rei suposto, que Luís de França lhe enviará mascarados para o bródio que ele com a nova esposa vão fazer".
REI EDUARDO · Luís é tão valente? Ele, decerto, me confunde com Henrique. E Lady Bona, que disse, quando soube do consórcio?
MENSAGEIRO · Eis o que disse, com desdém suave: "Dize-lhe que, esperando que ele fique viúvo dentro de pouco, desde logo vou tecer a guirlanda de salgueiro".
REI EDUARDO · Não a censuro; menos não podia dizer: foi a ofendida. Mas, e a esposa de Henrique, que falou? Pois me disseram

shakespearebrasileiro.org

que ela estava presente.
Mensageiro · Eis seu recado:
"Dize-lhe que eu tirei as vestes pretas
e estou pronta a envergar uma armadura".
Rei Eduardo ·
Vejo bem que em tudo isso ela se agrada
do papel de Amazona. Mas à afronta,
que resposta deu Warwick?
Mensageiro · Mais furioso
contra Vossa Grandeza do que os outros,
me despachou, por último, dizendo:
"Dize-lhe que foi grande a sua ofensa;
vou destroná-lo, assim, sem mais detença".
Rei Eduardo ·
Como! O traidor me ameaça desse modo?
Bem, vou armar-me e ficar de sobreaviso.
Terão guerra; a insolência hão de pagar-me.
Mas dize-me uma coisa: Margarida
e Warwick estão amigos?
Mensageiro · Sim, gracioso
soberano, a tal ponto estão ligados
pelos laços do afeto, que uma filha
de Warwick o moço príncipe desposa.
Clarence ·
A mais velha, decerto; a outra, Clarence
a terá por consorte. Agora, mano
monarca, passai bem. Senta-te firme,
que eu vou logo pedir em casamento
a outra filha de Warwick, porque, embora
de um trono eu não disponha, não vos seja
no consórcio interior. Sigam-me quantos
a mim e a Warwick forem devotados.
(Sai Clarence; Somerset o segue.)
Gloster *(à parte)* ·
Eu não; meu pensamento vai mais longe.
A coroa me prende, não Eduardo.
Rei Eduardo · Clarence e Somerset estão do lado
de Warwick, mas eu me encontro preparado
para enfrentar as piores ocorrências.
É necessário pressa neste aperto.
Pembroke e Stafford, ide aliciar tropas,
em meu nome, e tomai outras medidas
para a guerra. O inimigo já se encontra
nas nossas praias, ou está perto disso.
Sem demora, em pessoa vou seguir-vos.
(Saem Pembroke e Stafford.)
Mas antes de eu sair, Montague e Hastings,
resolvei-me uma dúvida: entre todos,
os mais próximos de Warwick sois vós ambos,
pelo sangue e por laços de consórcio.
Dizei se a Warwick amais mais do que a mim?
Se mo afirmais, ficai do lado dele.
Prefiro ter-vos como meus imigos,
a vos considerar amigos falsos.
Mas se, em verdade, tencionais prestar-me
leal obediência, confirmai-a, agora,
com algum voto amistoso, porque eu nunca,
de modo algum, vos tenha por suspeitos.
Montague · Deus ajude a Montague, por ser fiel.
Hastings ·
E a Hastings, por defender o Rei Eduardo.
Rei Eduardo ·
E vós, irmão Ricardo, estais conosco?
Gloster · Contra todos que acaso vos combatam.
Rei Eduardo · Então, tenho certeza da vitória.
Não percamos mais tempo, até que Warwick
com os estrangeiros derrotado fique.
(Saem.)

Ato IV · Cena II

Planície em Warwickshire.
Entram Warwick e Oxford, com tropas francesas e outras.

Warwick · Milorde, podeis crer: tudo nos corre
pelo melhor; o povo aflui aos bandos.
(Entram Clarence e Somerset.)
Mas eis Clarence e Somerset que chegam.
Dizei depressa: amigos somos todos?
Clarence · Nada receeis, milorde.
Warwick · Então, gentil Clarence, sê bem-vindo
para o partido de Warwick, e bem-vindo
Somerset. Tem de ser, por certo, grande
covardia mostrar-me desconfiado,
depois de nos haver um nobre peito,

shakespearebrasileiro.org

com larga mão hipotecado afeto.
Não fora isso, eu julgara que Clarence,
por ser irmão de Eduardo, era das nossas
ações amigo falso. Sê bem-vindo,
meigo Clarence. Minha filha é tua.
Que nos resta, senão aproveitarmos
a proteção da noite, por achar-se
teu irmão acampado sem medidas
convenientes, esparsos os soldados
nas cidades de em torno, tendo apenas
por escolta uma guarda, para nele
cairmos de surpresa e aprisioná-lo?
Nossos espias acham que a aventura
será fácil. Tal como o astuto Ulisses
e o possante Diomedes, revestidos
de manha e valentia, conseguiram
ir à tenda de Reso, de onde os trácios
fatídicos corcéis arrebataram:
nós, assim, sob o manto de caligem
da noite, poderemos, de surpresa,
pôr a guarda por terra e apoderar-nos
de Eduardo. Não sugiro que o matemos;
meu intuito é somente surpreendê-lo.
Vós que me acompanhais nessa aventura
com vosso chefe, alto aclamai: "Henrique!"

(Todos gritam: "Henrique!")

Partamos em silêncio, então. Por Warwick
e os amigos, por Deus e por São Jorge!

(Saem.)

Ato IV · Cena III

Acampamento de Eduardo, perto de Warwick.
Entram sentinelas, para guardar a tenda do rei.

PRIMEIRA SENTINELA ·
Vamos, senhores; todos em seus postos.
Perto daqui o rei se acha dormindo.
SEGUNDA SENTINELA ·
Como! Então não vai ele para o leito?
PRIMEIRA SENTINELA ·
Fez ele um voto de jamais deitar-se
para fruir o natural repouso,
enquanto não morrer Warwick ou ele.
SEGUNDA SENTINELA ·
Então será amanhã o fatal dia,
se Warwick está tão perto como dizem.
TERCEIRA SENTINELA ·
Mas dizei-me, quem é o gentil-homem
que se acha no interior de sua tenda?
PRIMEIRA SENTINELA ·
É Lorde Hastings, o seu melhor amigo.
TERCEIRA SENTINELA ·
De fato; mas por que mandou o monarca
que seus principais chefes pernoitassem
nas cidades de em torno, ao passo que ele
na campina gelada pôs a tenda?
SEGUNDA SENTINELA ·
Quanto maior o risco, maior a honra.
TERCEIRA SENTINELA ·
Muito melhor é calma e dignidade;
prefiro isso à tal honra perigosa.
Se Warwick adivinhasse o que se passa,
viria despertar o soberano.
PRIMEIRA SENTINELA ·
Salvo se viesse dar em nossas armas.
SEGUNDA SENTINELA ·
Sim, qual a causa por que nós guardamos
a tenda real, senão tão-só a defesa
do nosso rei, no decorrer da noite?

(Entram Warwick, Clarence, Oxford, Somerset e forças.)

WARWICK · Eis sua tenda; os guardas ali se acham.
Coragem, mestres. Honra, agora, ou nunca.
Acompanhai-me; Eduardo será nosso.
PRIMEIRA SENTINELA · Quem vem lá?
SEGUNDA SENTINELA ·
Se não parares, morres.

(Warwick e os demais, aos gritos de "Warwick! Warwick!" atacam as sentinelas, que fogem, gritando: "Às armas! Às armas!" Warwick e os demais os perseguem.)

(Ao som de trombetas e tambores, tornam a entrar Warwick e os demais, trazendo o rei, em trajos de dormir, sentado em uma cadeira. Gloster e Hastings fogem pelo palco.)

SOMERSET · Quem são esses
que vão ali fugindo?

shakespearebrasileiro.org

WARWICK · Ricardo e Hastings;
deixai-os ir; o duque está conosco.
REI EDUARDO ·
O duque! A última vez que nos falamos.
chamaste-me de rei.
WARWICK · Sim, mas o caso
mudou bastante. Quando me insultaste
na minha comissão, ao mesmo tempo
ficaste destituído da realeza.
Vim agora criar-te Duque de York.
Como é possível governar um reino
quem não sabe tratar seus emissários,
nem contentar-se com uma só esposa,
nem os irmãos tratar fraternalmente,
nem cuidar do sossego do seu povo,
nem guardar-se dos próprios inimigos?
REI EDUARDO ·
Como! Irmão de Clarence, também te achas
aqui com eles? Vejo, então, que Eduardo
precisa sucumbir. Entretanto, Warwick,
apesar do infortúnio, de teus cúmplices
e de ti próprio, Eduardo vai portar-se
como rei. Muito embora haja a Fortuna
destruído o meu poder, meu pensamento
é maior do que a roda em que ela voa.
WARWICK · Seja, Eduardo, então, em pensamento
Rei da Inglaterra.

(Tira-lhe a coroa.)

Mas de agora em diante
com a coroa ficará Henrique,
rei de verdade; tu, somente a sombra.
Fazei, milorde Somerset, vos peço,
que o Duque Eduardo seja entregue logo
a meu mano, o Arcebispo de York. Após
ter batido Pembroke e seus comparsas,
vos seguirei, para desincumbir-me
do recado de Luís e Lady Bona.
E por enquanto, adeus, bom Duque de York!
REI EDUARDO ·
O homem suporta o que lhe impõe o Fado;
nadar contra a maré, fora escusado.

(O Rei Eduardo é levado preso; Somerset o acompanha.)

OXFORD · Milordes, que nos resta, depois disso,
senão ir para Londres com os soldados?
WARWICK · Sim, é a primeira coisa que devemos
ora fazer, tirar o Rei Henrique
da prisão e repô-lo no seu trono.

(Saem.)

Ato IV · Cena IV

Londres. Um quarto no palácio.
Entram a Rainha Elisabete e Rivers.

RIVERS · Qual a causa, senhora, desta vossa
transformação?
RAINHA ELISABETE · Não sabeis, ainda, mano
Rivers, qual a desgraça acontecida
ao Rei Eduardo?
RIVERS · Perda, certamente,
de algum combate contra o Conde de Warwick?
RAINHA ELISABETE ·
Não só disso; de sua real pessoa.
RIVERS · Morreu meu soberano?
RAINHA ELISABETE ·
Quase morreu: foi feito prisioneiro,
ou fosse por traição da própria guarda,
ou por ataque súbito do imigo.
E, pelo que disseram, foi entregue
ao Bispo de York, irmão do fero Warwick
e inimigo, portanto, de nós todos.
RIVERS · Confesso ser desoladora a nova;
mas revesti-vos de coragem, minha
digna senhora. O vencedor do dia
pode vir a perder toda a alegria.
RAINHA ELISABETE ·
A esperança, até lá, vai sustentar-me.
Aliás, vou resistir contra os efeitos
do desespero, por amor ao filho
de Eduardo, que no ventre eu mexer sinto.
Isso me ensina a refrear os ímpetos
e suportar a crua dos infortúnios.
Sim, só por isso as lágrimas enxugo
e os suspiros abafo, que me secam
todo o sangue, de medo que essas lágrimas

shakespearebrasileiro.org

e esses suspiros afogar consigam
ou deixar seco o fruto estremecido
do Rei Eduardo, o herdeiro da coroa.
RIVERS · Mas, que foi feito de Warwick, senhora?
RAINHA ELISABETE ·
Disseram-me que veio para Londres,
para pôr a coroa novamente
na cabeça de Henrique. Tira, agora,
tu próprio a conclusão: os partidários
do Rei Eduardo cairão com ele.
Para fugir da cólera do monstro —
pois não merece fé quem é perjuro —
vou logo recolher-me ao santuário.
Assim, ao menos, fica a salvo o herdeiro
do direito de Eduardo. Ali me deixo
estar, longe da fraude e da violência.
Fujamos, que vem vindo atrás Warwick;
para a onda da violência não há dique.

(Saem.)

Ato IV · Cena V

Um parque, perto do castelo de Midleham, em Yorkshire.
Entram Gloster, Hastings, Sir William Stanley e outros.

GLOSTER ·
Ora, Sir William Stanley e Lorde Hastings,
não vos espante o haver-vos eu trazido
para o ponto mais denso deste parque.
O caso é este: o nosso rei, meu mano,
está, sabei-lo, aqui; é prisioneiro
do bispo, em cujas mãos tem sempre
bom tratamento e grande liberdade.
Muitas vezes, até, em companhia
de escolta reduzida ele se alonga
por estas redondezas, no desporto
da caçada. Mandei-lhe aviso oculto
de que se, sob o usual pretexto, viesse
mais ou menos a esta hora até onde estamos,
encontraria amigos com cavalos
e criados, para pô-lo em liberdade.

(Entra Eduardo com um caçador.)

O CAÇADOR · Milorde, por aqui; o rasto é certo.
REI EDUARDO · Não, rapaz, por aqui; os caçadores
se encontram deste lado. Mano Gloster,
Lorde Hastings e os demais, ficastes perto
para roubar o cervo do arcebispo?
GLOSTER · Irmão, o tempo e o caso exigem pressa;
vosso cavalo está no fim do parque.
REI EDUARDO ·
Para onde iremos?
HASTINGS · Para Lynn, milorde;
lá nos embarcaremos para Flandres.
GLOSTER ·
Bem pensado, realmente; era o meu plano.
REI EDUARDO ·
Hei de recompensar-te o zelo, Stanley.
GLOSTER ·
Não percamos mais tempo; que fazemos?
REI EDUARDO ·
Caçador, que é que dizes: vais conosco?
CAÇADOR · É melhor ir, do que ser enforcado.
GLOSTER · Vamos, então, sem mais falar do caso.
REI EDUARDO ·
Adeus bispo; acautela-te como entono
de Warwick e reza porque eu volte ao trono.

(Saem.)

Ato IV · Cena VI

Um quarto na Torre.
Entram o Rei Henrique, Clarence, Warwick, Somerset, o jovem Richmond, Oxford, Montague, o tenente da Torre e outros.

REI HENRIQUE ·
Mestre tenente, agora que, com a ajuda
de Deus e dos amigos, expulsamos
do trono real Eduardo e convertemos
meu cativeiro em liberdade, o medo
em esperanças, a tristeza em júbilo,
por nossa remissão qual é tua paga?
TENENTE ·
Aos reis não devem pedir nada os súditos.
Mas se, acaso, uma prece humilde pode
ser de alguma valia, eu suplicara

que Vossa Majestade me perdoasse.
REI HENRIQUE ·
O quê, tenente? O teres-me ensejado
bom tratamento? Podes ter certeza
de que hás de ter a tua recompensa.
Transformaste em prazer meu cativeiro.
Sim, o prazer que sentem alguns pássaros
engaiolados, quando, após tristezas
incontáveis, ouvindo as harmonias
de canção familiar, esquecem, quase,
seus próprios infortúnios. Porém, Warwick,
é a ti, depois de Deus, que eu devo esta hora;
a ele e a ti agradeço esta outra aurora.
Foi ele, o autor; e tu, seu instrumento.
Por isso, por querer dobrar a inveja
da Fortuna, vivendo humildemente
onde prejudicar-me ela não possa,
e mais: para que o povo desta terra
bendita não padeça vitupério
por minha estrela adversa, embora seja,
Warwick, minha a coroa, em ti resigno
meu regimento. Sempre foi notória
tua estrela na senda da vitória.
WARWICK · Sempre foi Vossa Graça conhecido
como virtuoso e pio; agora a prova
nos dá de que é tão sábio quanto santo,
por espreitar os botes da Fortuna
e deles se esquivar. Bem pouca gente
sabe, assim, conformar-se com sua estrela.
Mas objetar um ponto me pertence:
ser eu o eleito, estando aqui Clarence.
CLARENCE · Warwick, não; tu és digno desse posto.
Ao nasceres, os céus te concederam
um ramo de oliveira e uma coroa
de louros, em sinal de que serias
venturoso na paz como na guerra.
Dou-te, de grado, o meu consentimento.
WARWICK · Então, vai ser Clarence o protetor.
REI HENRIQUE ·
Warwick, dai-me essa mão; e vós, Clarence,
fazei como ele. Agora, juntamente
com as mãos os corações deixai unidos,
para que nada empane o bem do Estado.
Protetores do reino a ambos eu faço,
pois desejo viver tranqüilamente
e em devoção passar o que me resta
de vida, em penitência dos pecados
e sinceros louvores ao Criador.
WARWICK · Que responde Clarence ao que estipula
seu soberano?
CLARENCE · Que consente, caso
Warwick não se oponha; é em tua boa
fortuna que eu repouso.
WARWICK · Então, embora
contra a vontade, dou-me por contente.
Juntos trabalharemos, como dupla
sombra ao corpo de Henrique sempre juntos,
quero dizer: a suportar o peso
da governança, a ele cabendo sempre
toda a honra, sem trabalho. Ora, Clarence,
cumpre que, sem demora, declaremos
como traidor Eduardo, e suas terras
confisquemos com tudo o que for dele.
CLARENCE · Vamos tratar também da sucessão.
WARWICK · No que há de ter Clarence a sua parte.
REI HENRIQUE ·
Antes desses assuntos de importância,
permiti que vos peça — pois que é certo
não ordenar eu nada mais — que a vossa
rainha, Margarida, com meu filho
façais voltar da França urgentemente.
Enquanto aqui os não vir, horrível dúvida
me eclipsará a alegre liberdade.
CLARENCE · Far-se-á isso, meu rei, com toda a urgência
REI HENRIQUE · Milorde Somerset, quem é esse jovem
com quem vos revelais tão cuidadosos?
SOMERSET ·
O moço Henrique, Conde de Richmond.
REI HENRIQUE ·
Vem a mim, esperança da Inglaterra.
(Pondo as mãos sobre a cabeça de Richmond.)
Se os poderes secretos me sugerem
a verdade ao espírito profético,
este belo menino há de mostrar-se
merecedor das bênçãos do país.
No olhar revela branda majestade.
Fez-lhe a cabeça a natureza para
suportar a coroa; estas mãos finas
para o cetro; ele todo para adorno
de um trono real, quando a hora for chegada.
Cuidai, milordes, dele; para todos
dele virá mais bem, se me afigura,
do que o dano da minha desventura.
(Entra um mensageiro.)

shakespearebrasileiro.org

WARWICK · Que novidades há, meu caro?
MENSAGEIRO · Eduardo
conseguiu escapar do vosso irmão:
pelo que ouço, fugiu para a Borgonha.
WARWICK · Desagradáveis novas, em verdade.
Mas como o conseguiu?
MENSAGEIRO · Foi auxiliado
na fuga por Lorde Hastings e Ricardo,
Duque de Gloster, que no mais esconso
da floresta o esperavam e o livraram
dos caçadores, servos do arcebispo,
pois a caçar passava o dia todo.
WARWICK · Foi negligente o mano. Mas tomemos,
meu soberano, logo, as providências,
visando a reparar as conseqüências.
(Saem o Rei Henrique, Warwick, Clarence, o tenente e séquito.)

SOMERSET · Não me agrada, milorde, essa notícia,
pois sem dúvida Eduardo encontra ajuda
por parte de Borgonha, e nós teremos,
muito cedo, outra guerra. Se as palavras
proféticas de Henrique me deixaram
alegre o coração com as esperanças
fundadas em Richmond, receio agora
que possa este conflito ser motivo,
para ele e para nós, de desventuras.
Assim, Lorde Oxford, prevenindo males
maiores, na Bretanha o deteremos,
até que da intestina inimizade
vejamos amainada a tempestade.
OXFORD · Com efeito; se Eduardo for posto
Richmond a vida perderá e o posto.
SOMERSET · Será fatal. Irá para Bretanha.
Quem dos perigos foge, tudo ganha.
(Saem).

Ato IV · Cena VII

Diante de York.
Entram o Rei Eduardo, Gloster, Hastings e tropas.

REI EDUARDO ·
Agora, irmão Ricardo, Lorde de Hastings
e os demais, a Fortuna se desculpa
conosco de tal forma, que promete
trocar a minha situação precária
pelo trono de Henrique. Duas vezes
o mar atravessamos e trouxemos
o auxílio desejado. Que nos resta
fazer, pois já marchamos desde o porto
de Revenspurg até a estas portas de York,
senão entrar por elas como em nosso
próprio ducado?
GLOSTER · Estão trancadas! Mano,
não me agrada este fato. Quando a gente
tropeça na soleira, é sinal certo
de que o perigo espreita no de dentro.
REI EDUARDO ·
Ora, amigo, os presságios não nos devem
causar medo nesta hora. É necessário
que penetremos, importando pouco
quais os meios para isso. Neste ponto
virão nossos amigos procurar-nos.

HASTINGS · Meu soberano, vou bater de novo
e intimar a que as portas nos franqueiem.
(Sobre os muros aparecem o prefeito de York e seus vereadores.)
PREFEITO · Milordes, já nos tinham prevenido
de vossa vinda; foi por segurança,
tão-somente, que as portas vos fechamos.
Devemos obediência, agora, a Henrique.
REI EDUARDO ·
Mas prefeito, se vosso rei é Henrique,
quando menos, Eduardo é Duque de York.
PREFEITO · É verdade, milorde; reconheço-o.
REI EDUARDO ·
Ora, só o meu ducado é que eu reclamo;
dou-me por satisfeito só com isso.
GLOSTER *(à parte)* ·
Mas se a raposa enfiar a ponta, ao menos,
do nariz, logo passa o corpo todo.
HASTINGS · Ora, Mestre prefeito, por que causa
vacilais desse modo? Abri essas portas;
somos todos amigos do monarca.
PREFEITO · Nesse caso, não ponho mais obstáculos.
(Retira-se dos muros com os vereadores.)
GLOSTER · Fácil de convencer, esse valente!
HASTINGS · Quisera o bom do velho abrir as portas,

mas sem correr perigo. Uma vez dentro,
não o duvido, encontraremos meios
de o chamar, e os amigos, à razão.
(Entra o prefeito com os vereadores.)
REI EDUARDO · Mestre prefeito, só durante a noite,
ou em tempo de guerra, é que estas portas
devem ficar fechadas. Que é isso, homem?
Nada de mostrar medo. Dá-me as chaves.
(Toma-lhe as chaves.)
Vai amparar-te Eduardo e aos da cidade,
bem como a quem o siga com lealdade.
(Entra Montgomery, com tropas.)
GLOSTER · Irmão, este é, se não estou enganado,
Sir John Montgomery, um provado amigo.
MONTGOMERY · Para ajudar o Rei Eduardo neste
tempo de tempestade, como a todo
vassalo fazer cumpre.
REI EDUARDO · Bom Montgomery,
muito obrigado; mas não nos lembramos,
neste momento, mais do nosso título
à coroa. Pedimos, tão-somente,
nosso ducado, até que a Deus apraza
dar-nos o resto.
MONTGOMERY · Então, em paz vos deixo.
Vim servir a um monarca, não a um duque.
Tocai, tambores!
REI EDUARDO · Não; ficai, Sir John,
mais um momento, até que conversemos
sobre o modo mais certo de voltarmos
à posse da coroa.
MONTGOMERY · Por que causa
falais em conversar? Em termos simples:
se, neste instante, não vos proclamardes
nosso rei, abandono-vos à vossa
fortuna e vou impedir que vos ajudem
quantos ora pretendem socorrer-vos.
Por que lutar, se nada pretendeis?
GLOSTER ·
Realmente, irmão, por que tamanho escrúpulo?
REI EDUARDO ·
No instante em que mais forte nos tornamos,
a coroa de novo será nossa.
Manda a prudência que, até lá, calemos.
HASTINGS ·
Nada disso! O que manda, agora, é a espada.
GLOSTER · Quem não vacila, alcança cedo o trono.
Irmão, vamos tratar, já já, do caso,
proclamando-te rei. Quando a notícia
se espalhar, afluirão muitos amigos.
REI EDUARDO ·
Seja como o dizeis, que é meu direito;
Henrique usurpa, apenas, o diadema.
MONTGOMERY · Agora, sim falou meu soberano;
eu volto a ser o campeão de Eduardo.
HASTINGS · Soem trombetas, que vai ser Eduardo
proclamado aqui mesmo. Camarada,
lê a proclamação.
(Entrega um papel a um dos soldados.)
SOLDADO *(lê)* · "Eduardo quarto, pela graça de
Deus Rei da Inglaterra e da França e senhor da
Irlanda, etc."
MONTGOMERY ·
Quem contestar o título de Eduardo,
contra meu guante não terá resguardo.
(Joga a luva.)
TODOS · Viva Eduardo quarto!
REI EDUARDO ·
Bravo Montgomery, obrigado. A todos
digo o mesmo. Ajudando-me a Fortuna,
saberei retribuir essa bondade.
Já que é noite, durmamos aqui mesmo.
Quando o sol da manhã trouxer o carro
na linha do horizonte, marcharemos
em busca de Warwick e de seus comparsas,
sim, porque Henrique, eu sei, não é soldado.
Ah, Clarence teimoso, como é feio
deixar o irmão e lisonjear Henrique!
Mas hei de vos achar de qualquer jeito.
Vamos, soldados! Vai ser nosso o dia.
Venceremos; será grande a alegria.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena VIII

Londres. Um quarto no palácio.
Toque de clarins. Entram o Rei Henrique, Warwick, Clarence, Montague, Exeter e Oxford.

Warwick · Milorde, que fazer? Voltou Eduardo
da Bélgica com tropas de ligeiros
alemães e pesados holandeses,
passou seguramente o braço estreito
e ora em marcha vem vindo para Londres.
Muita gente leviana se lhe agrega.
Oxford · Juntemos gente para o repelirmos.
Clarence · Fogo pequeno é fácil de pisar;
mas, com o tempo, nem rios o sufocam.
Warwick · Em Warwickshire tenho amigos certos,
fiéis em tempo de paz, bravos na guerra;
vou reuni-los. E tu, filho de Clarence,
procura estimular os gentis-homens
e cavaleiros de Suffolk, Norfolk
e Kent, para que venham reforçar-nos.
Tu em Leicestershire, irmão Montague,
Buckingham e Northampton, heis de muitos
homens achar dispostos à obediência.
E tu, Oxford valente, em Oxfordshire,
maravilhosamente idolatrado
como és, heis de aliciar os teus amigos.
Meu soberano, neste meio-tempo,
cercado por seus súditos amados,
como se acha esta ilha pelo oceano
ou pelas ninfas a pudica Diana,
em Londres ficará, até que eu retorne.
Despedi-vos, milordes, sem fazerdes
objeções. Passai bem, meu soberano.
Rei Henrique ·
Passai bem, meu Heitor, minha de Tróia
verdadeira esperança.
Clarence · Em testemunho
de lealdade, eu vos beijo a mão, Alteza.
Rei Henrique · Meu bondoso Clarence, sê feliz.
Montague · Sede forte, meu príncipe; até à vista.
Oxford *(beijando a mão de Henrique)* ·
Selo a minha lealdade e me despeço.
Rei Henrique ·
Querido Oxford, Montague muito amado,
a todos vós, mais uma vez: adeus.
Warwick · Em Coventry, milordes, nos veremos.
(Saem todos, menos o Rei Henrique e Exeter.)
Rei Henrique ·
Descansarei neste palácio uns dias.
Que pensa Vossa Senhoria, primo
de Exeter? Quero crer que toda a força
de Eduardo não resiste ao nosso embate.
Exeter · Sim, se os nossos para ele não passarem.
Rei Henrique ·
Não tenho medo disso, que meu mérito
me granjeou alta fama entre os soldados.
A seus apelos nunca fiz ouvidos
de mercador, nem dilatei respostas
a quanto me impetrassem. A piedade
que me é própria curou-lhes as feridas;
para muitas agruras foi-lhes bálsamo
minha bondade. Fazendo uso apenas
da clemência, sequei-lhes muitas lágrimas;
não cobicei jamais quanto possuem,
nem lhes impus impostos excessivos.
Também nunca tomei vingança à pressa,
por mais que eles errassem. Por que causa
hão de mostrar mais afeição a Eduardo?
Não, Exeter; com o bem o bem se paga.
Quando o leão fez carícias ao cordeiro,
não deixa este, jamais, de acompanhá-lo.
(Aclamações, fora: "Viva Lencastre!")
Exeter · Ouvi, milorde, ouvi! Que será isso?
(Entram o Rei Eduardo, Gloster e soldados.)
Rei Eduardo ·
Prendei Henrique, o tímido, e levai-o
logo daqui. De novo proclamai-me
Rei da Inglaterra. A fonte originária
sois vós, que alimentais muitos regatos.
Agora vai secar tua nascente;
meu mar vai absorvê-los e tornar-se,
com suas águas, mais inchado, ainda.
Levai-o para a Torre, sem lhe dardes
mais tempo de falar.
(Saem alguns soldados com o Rei Henrique.)
Ora, milordes,
a Coventry nos vamos, onde se acha
Warwick, o peremptório. O sol escalda;
se demorarmos, a mordente geada

shakespearebrasileiro.org

do inverno nosso feno deixa em nada.
Gloster · Não devemos deixar que eles se reúnam.
Apanhemos o grande e perigoso
traidor desprevenido. Valorosos
guerreiros, para Coventry. Depressa!

(Saem.)

Ato V · Cena I

Coventry.
Aparecem sobre os muros Warwick, o prefeito de Coventry, dois mensageiros e outras pessoas.

Warwick · Onde se acha o correio que nos veio
do valoroso Oxford? A que distância,
meu caro amigo, o teu senhor se encontra?
Primeiro Mensageiro ·
Em Dunsmore, em caminho para cá.
Warwick ·
E a que distância se acha o irmão Montague?
Onde está o correio de Montague?
Segundo Mensageiro ·
Em Daintry, com reforços excelentes.

(Entra Sir John Somerville.)

Warwick · Somerville, que disse o amado filho?
Onde calculas que Clarence esteja?
Somerville ·
Em Southam o deixei com suas forças;
espero-o aqui por estas duas horas.

(Ouve-se rufo de tambores.)

Warwick ·
Clarence vem chegando; ouço tambores.
Somerville · Não pode ser, milorde; Southam fica
deste lado. Vem de Warwick o barulho
de tambores ouvido por Vossa Honra.
Warwick · Quem pode ser? Alguns amigos, certo.
Somerville · Já ficareis sabendo; estão chegando.

(Entram o Rei Eduardo, Gloster e tropas.)

Rei Eduardo · Vai para os muros, trombeteiro, e chama
para parlamentar.
Gloster · O rabugento
Warwick já está dentro da muralha!
Olhai ali.
Warwick · Oh caso inesperado!
O folgazão Eduardo com seus homens!
Nossos espias onde se acham? Como
foram comprados, para que de todo
nos escapasse a nova da chegada?
Rei Eduardo ·
Estás disposto, Warwick, a abrir as portas,
usar boas palavras e, humildoso,
dobrar os joelhos? A chamar Eduardo
de rei e lhe implorar misericórdia?
Warwick · Antes, retirarias essas tropas.
Reconheces quem teve forças para
te pôr no trono e dele derrubar-te?
Mostra-te penitente, a Warwick chama
teu protetor, e serás Duque de York.
Gloster · Pensei que ele dissesse rei, ao menos.
Brincadeira, talvez, involuntária?
Warwick · Um ducado não é belo presente?
Gloster · Mormente quando o doador é um conde
sem recursos. Servir-te eu desejara
para ganhar presentes tão valiosos.
Warwick · Por isso a teu irmão eu dei um reino.
Rei Eduardo ·
Então é meu, embora seja um mimo.
Warwick · Não és Atlante para um peso desses.
Por fraco seres, Warwick to retoma.
Meu rei é Henrique; Warwick é seu vassalo.
Rei Eduardo ·
Mas é meu prisioneiro o rei de Warwick.
Ora, meu galante Warwick, me responde
isto somente; que acontece ao corpo,
quando falta a cabeça?
Gloster · Ah, ter faltado
a Warwick previsão! Enquanto estava
pensando em se apossar de um simples dez,
o rei lhe foi tirado do baralho.
Deixaste o pobre Henrique no palácio
do bispo; agora aposto dez contra um
como te encontrarás com ele na Torre.
Rei Eduardo ·
Disse a verdade; e tu és ainda Warwick.
Gloster · Aproveita a ocasião, Warwick, ajoelha-te,
ajoelha-te! Ah! Não queres? Malha o ferro,
enquanto é tempo; do contrário, esfria.

shakespearebrasileiro.org

WARWICK · Preferira esta mão cortar de um golpe
e com a outra ao teu rosto arremessá-la,
a me humilhar, em tão indigna viagem,
amainando-te a vela.
REI EDUARDO · Então viaja
como puderes, tendo por amigos
os ventos e a maré, que esta mão forte
te pegará pelos cabelos negros
como carvão — no tempo em que a cabeça,
ainda quente, cortada te houver sido —
para escrever na poeira, com teu sangue,
esta sentença: Warwick, o catavento,
já não pode mudar de direção.
(Entra Oxford, com soldados, tambores e bandeiras.)
WARWICK · Alegres cores! Vede que Oxford chega!
OXFORD · Oxford, Oxford, por Lencastre!
(Oxford entra na cidade, com as tropas.)
GLOSTER · Aproveitemos para entrar com eles.
REI EDUARDO · Outras forças imigas poderiam
tomar-nos pelas costas. Não; fiquemos
em boa ordem, que eles, certamente,
hão de voltar e oferecer batalha.
Se não, já que a cidade não se agüenta,
castigaremos logo esses traidores.
(Entra Montague, com soldados, bandeiras e tambores.)
MONTAGUE · Montague, Montague, por Lencastre!
(Montague entra na cidade, com as tropas.)
GLOSTER · Vós dois me pagareis essa traição
com o sangue mais precioso que tiverdes.
REI EDUARDO · Quanto maior a luta, maior glória.
Presságio vitória e espólio opimo.
(Entra Somerset, com soldados, bandeiras e tambores.)
SOMERSET · Somerset, Somerset, por Lencastre!
(Somerset entra na cidade, com as tropas.)
GLOSTER · Duas pessoas de teu nome, duques,
ambos, de Somerset, pagaram caro,
com a vida, a oposição à casa de York.
Serás mais um, se eu não quebrar a espada.
(Entra Clarence, com soldados, tambores e bandeiras.)
WARWICK · Vede que chega Jorge de Clarence
com poder suficiente para em campo
contra o irmão se atrever. O zelo à causa
da justiça a tal ponto é sublimado,
que sobrepuja nele o amor fraterno.
Vem Clarence! Virás; Warwick chama.
CLARENCE · Pai Warwick, compreendes o que é isto?
(Arrancando do chapéu a rosa vermelha.)
Jogo-te a minha infâmia; não arruino
a casa de meu pai, que deu o sangue
para firmar as pedras, trabalhando
por levantar Lencastre. Então, pensavas,
Warwick, que Clarence tão grosseiro
fosse, e desnaturado, tão sem luzes,
que quisesse virar a fatal arma
da guerra contra o irmão, seu soberano
legítimo? Talvez queiras lembrar-me
da jura sacrossanta por mim feita.
Mas respeitar o voto, no meu caso,
fora ficar mais impiedoso ainda
do que Jefté ao imolar a filha.
A tal ponto lamento o meu passado,
que para às boas me tornar, de novo,
com meu irmão, declaro-me aqui mesmo
teu mortal inimigo, resolvido,
onde quer que te encontras — sim, que é certo
encontrar-te, se vieres para fora —
a te dar o castigo que mereces
por vilmente me haveres transviado.
Por causa disso tudo, vaidoso Warwick,
lanço-te um desafio e volto as faces
ruborizadas para o irmão querido.
Eduardo, esquece, que hei de corrigir-me.
E tu, Ricardo, não te mostres ríspido
por causa dos meus erros, que eu prometo
não ser mais inconstante no futuro.
REI EDUARDO · És bem-vindo e dez vezes mais amado
do que se nunca houvesses merecido
todo o meu ódio.
GLOSTER · Bravo, bom Clarence!
Isso é que é ser irmão!
WARWICK · Perjuro, injusto,
traidor sem semelhante!
REI EDUARDO · Warwick, então,
sais da cidade e vens lutar, ou queres
que te atiremos pedras às orelhas?
WARWICK · Ai de mim! Ai! Não me acho preparado
para a defesa. Sem demora sigo
para Barnet, a fim de oferecer-te
batalha, Eduardo, caso a isso te atrevas.
REI EDUARDO ·
Pois não, Warwick; Eduardo a isso se atreve.
Vou mostrar-te o caminho. Para o campo,
milordes! A vitória, por São Jorge!
(Marcha. Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena II

Campo de batalha perto de Barnet. Alarma. Movimento de tropas.
Entra o Rei Eduardo, trazendo Warwick ferido.

REI EDUARDO · Fica aí; morreu tu e o nosso medo,
que Warwick era o espantalho de nós todos.
E tu, Montague, senta-te bem firme;
vou procurar-te, para que teus ossos
possam ficar junto com os ossos de Warwick.

(Sai.)

WARWICK ·
Há alguém perto? Inimigo ou partidário,
venha dizer-me quem ganhou o dia,
Warwick ou York? Mas por que pergunto?
Este sangue, este corpo mutilado,
tanta fraqueza, o coração sem forças
provam que à terra eu devo dar o corpo
e a vitória, com isso, aos inimigos.
Assim cede ao machado o cedro altivo,
cujos braços já deram gasalhado
à águia real, a cuja sombra vinha
dormir o forte leão, e que vencia
na altura a copa da árvore de Júpiter
e protegia os tímidos arbustos
dos invernais e assoladores ventos.
Estes olhos, que o véu da Morte empana,
já foram tão agudos quanto os raios
do sol do meio-dia, no propósito
de devassar as mais escuras tramas.
Estes sulcos da fronte, ora com sangue,
já foram muitas vezes comparados
a sepulcros de reis. Onde existia
monarca, cuja cova eu não pudesse
cavar a meu talante? Quem sorria,
quando Warwick franzia o sobrecenho?
Ora se encontra minha glória suja
de terra e sangue. Meus jardins, meus parques,
meus senhorios todos me abandonam,
só me ficando de tão largas terras
o comprimento exato do meu corpo.
Que vale a pompa e o reino? Terra e poeira.
Do nada, certo, a Morte é a grande obreira.

(Entram Oxford e Somerset.)

SOMERSET · Ah, Warwick, se estivesses como
nós estamos, depressa ganharíamos
tudo quanto perdemos. A rainha
trouxe da França poderoso exército;
soube-o agora. Ah! Se tu fugir pudesses!

WARWICK · Então, não fugiria, bom Montague.
Caro irmão, se estiveres aqui perto,
a mão me toma e com teus lábios prende
mais um pouco minha alma. Tu não me amas;
se me amasses, irmão, com tuas lágrimas
lavarias o sangue congelado
que estes lábios me cola e quem me tolhe
completamente a fala. Vem depressa,
Montague! Do contrário, estarei morto.

SOMERSET ·
Ah, Warwick, ao seu fim chegou Montague.
Até o último alento ele bradava
por Warwick, dizendo: "Recomenda-me
ao meu valente irmão". E mais ainda
diria, se pudesse falar mais.
Mas, tal como clamor numa caverna,
era tudo indistinto. Finalmente,
compreendi, balbuciado entre suspiros:
"Adeus, Warwick, adeus!"

WARWICK ·
Que sua alma em paz repouse. Fugi, lordes;
salvai-vos, porque Warwick se despede.
Ver-nos-emos no céu.

(Morre.)

OXFORD · Vamos, vamos
ao encontro das forças da rainha!

(Saem, levando o corpo de Warwick.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena III

Outra parte do campo.
Rebate. Entra o Rei Eduardo, em triunfo, com Clarence, Gloster e outros.

REI EDUARDO · Não cessou de subir nossa fortuna;
enfeitam-nos os louros da vitória.
Mas no esplendor deste irradiante dia
percebo nuvem negra e duvidosa
que ameaçadoramente se dirige
ao sol da nossa glória, antes que a oeste
se possa ele deitar no leito calmo.
Quero dizer, milordes, que essas forças
que a rainha nas Gálias aliciou
já estão desembarcadas, parecendo
que vêm ao nosso encontro para a luta.
CLARENCE · A menor brisa há de fazer que logo
se disperse essa nuvem, obrigando-a
a voltar para o ponto de partida.
Absorverão teus raios os vapores.
Nem toda nuvem gera tempestades.
GLOSTER · Avalia-se em trinta mil soldados
a força da rainha. Vem com ela Oxford
e Somerset. Se tempo lhe deixarmos
para que tome fôlego, é certeza
vir a ficar tão forte quanto nós.
REI EDUARDO · Amigos fiéis nos avisaram que eles
marcham para Tewcksbury. Já que estamos
em Barnet vitoriosos, sem demora
sigamos para lá, porque a alegria
nos encurta o caminho, sobre termos
certeza de aumentar o contingente
de tropas nas regiões por que passarmos.
Tocai tambores! Vamos! Sem desânimo!
(Rebate. Saem.)

Ato V · Cena IV

Planície perto de Tewcksbury.
Marcha. Entram a Rainha Margarida, o Príncipe Eduardo, Somerset, Oxford e soldados.
RAINHA MARGARIDA ·
Grandes lordes, os sábios nunca param
para chorar as perdas, mas procuram
repará-las com ânimo disposto.
O mastro se quebrou? Partiu-se a amarra?
Perdeu-se a âncora e as ondas já tragaram
metade dos marujos? Mas ainda
vive o piloto. É crível que ele possa
soltar o leme e, como um rapazinho
cheio de medo, com as próprias lágrimas
dos olhos marejados, a água aumente
do mar e dê mais força ao que já mostra
força excessiva, ao tempo em que o navio
vai de encontro ao rochedo e se espedaça,
mau grado seus gemidos, quando fora
fácil, com decisão, salvar o barco?
Que vergonha, senhores, e que falta
fora tal coisa! Bem; dizeis-me que Warwick
era uma âncora. E depois? Montague,
o nosso mastaréu. Que importa? Nossos
amigos mortos, os calabres rotos.
Que tem isso? em Oxford, não possuímos
uma âncora tão boa, e mais, não temos
em Somerset um mastro resistente?
Nos amigos da França ovéns e enxárcias?
E nós, por mais bisonhos que sejamos,
eu e o Ned, não teremos, porventura,
capacidade para dirigirmos,
ao menos uma vez, o leme? É quase
certo que não o deixáramos, fugindo,
esfeitos em lamentos; prosseguíramos
em nossa rota, muito embora os ventos
dissessem "não", por entre os arrecifes
e as pedras ameaçadoras de naufrágio.
Tanto vai repreender as ondas bravas,
como falar-lhes brando. Que é Eduardo
senão um mar em fúria e sem piedade?
E Clarence, esse banco movediço
de astúcias? E Ricardo, a fatal rocha
que se levanta a pique? Estes são todos
os que ameaçam nosso pobre barco
Alegais que podeis nadar. Mas quanto
tempo resistiríeis? Que na areia

shakespearebrasileiro.org

poderíeis marchar. Mas afundáreis
nos primeiros momentos. Que seria
fácil galgar a rocha. Mas as ondas
vos iriam buscar, ou morreríeis
de inanição, o que é morrer três vezes.
Digo-vos isso, lordes, porque todos
possais ver que, no caso de quererdes
fugir de nós, encontraríeis tanta
piedade nos irmãos como nas ondas
insensíveis, nas rochas ou na areia.
Coragem, pois! Fora infantil fraqueza
temer ou lamentar o inevitável.

PRÍNCIPE · Uma mulher de tão valente espírito,
quero crer, infundira tanto brio
no peito de um covarde que a escutasse,
que, embora nu, enfrentaria um homem
armado e o derrubara. Não digo isso
por duvidar de algum dos que aqui se acham,
porque se eu suspeitasse que um medroso
existisse entre nós, lhe franquearia
permissão para se ir, enquanto é tempo,
porque na situação em que ora estamos
não fosse ele infectar outra pessoa,
emprestando-lhe a própria covardia.
Se for o caso — Deus tal não permita! —
saia, enquanto não foi por nós chamado.

OXFORD · Mulheres e crianças dando o exemplo
de tal coragem, e os guerreiros fracos!
Fora eterna vergonha. Oh bravo príncipe!
O teu famoso avô em ti revive.
Possas ter vida suficiente para
renovar-lhe a figura e a glória imensa.

SOMERSET · Quem não quiser lutar por um rebento
como este, esperançoso, vá depressa
para a cama, e, no jeito de coruja
durante o dia, caso se levante,
seja objeto de espanto e de galhofa.

RAINHA MARGARIDA ·
Oxford gentil, muito obrigada; caro
Somerset, obrigada.

PRÍNCIPE · Só vos posso,
por enquanto, dizer essa palavra.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO ·
Preparai-vos; Eduardo vem chegando
para lutar. Mostrai-vos resolutos.

OXFORD · Já o esperava, por ser sua política
apressar-se e tomar-nos de surpresa.

SOMERSET · Mas engana-se; estamos preparados.

RAINHA MARGARIDA ·
Sinto o peito animar-se-me, escutando
vossos altos propósitos.

OXFORD · Fiquemos
aqui mesmo e tomemos posição.

(Marcha. Entra, a distância, o Rei Eduardo, Clarence, Gloster e tropas.)

REI EDUARDO · Caros amigos, ali se acha o bosque
de espinheiros que deve ser cortado
pela raiz antes que baixe a noite,
se Deus nos ajudar e vos der força.
Sei que não necessito pôr mais lenha
em vosso fogo, pois ardeis, há muito,
por os queimar. Vamos, milordes; a eles!
Mandai tocar logo o sinal de ataque.

RAINHA MARGARIDA ·
Milordes, cavaleiros, gentis-homens,
quanto eu desejo vos dizer as minhas
lágrimas o desmentem, pois a cada
vocábulo que eu emito, bem o vedes,
bebo a água destes olhos. Por tudo isso,
direi somente; o vosso soberano
se encontra prisioneiro do inimigo;
o trono está ocupado; em matadouro
se encontra transformado todo o reino;
seu povo, massacrado; os estatutos,
violados; esbanjado todo o erário.
Eis o lobo fautor de toda a ruína.
Em nome, pois, de Deus sede valentes.
Tocai logo o sinal para o combate.

(Saem os dois exércitos.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena V

Outra parte do campo.
Alarma. Movimento de tropas; depois, retirada. Aparecem, então, o Rei Eduardo, Clarence, Gloster e tropas, com a Rainha Margarida, Oxford e Somerset, prisioneiros.

REI EDUARDO · Eis o termo de lutas tumultuosas.
Para o castelo de Hames levai Oxford
depressa. Quanto a Somerset, cortai-lhe
a cabeça culposa. Retirai-os
daqui; não quero ouvi-los dizer nada.
OXFORD · Não te incomodarão minhas palavras.
SOMERSET · Nem as minhas; aceito o meu destino.
(Saem Oxford e Somerset, escoltados.)
RAINHA MARGARIDA ·
Assim nos separamos neste vale
de lágrimas, confiantes de que ainda
nos veremos na doce e idolatrada
Jerusalém.
REI EDUARDO · Dizei: foi proclamado
que quem achar Eduardo ganha boa
recompensa e que a vida ele não perde?
GLOSTER ·
Sim, foi; mas vede; eis chega o moço Eduardo.
(Entram soldados com o Príncipe Eduardo.)
REI EDUARDO · Trazei o bravo; ouçamo-lo falar.
Como! Espinho, assim jovem, pica tanto?
Que explicações, Eduardo, ora tencionas
apresentar, por teres rebelado
meus súditos, pegado em armas, dado
motivo, enfim, a tantos dissabores?
PRÍNCIPE · Fala como vassalo, York ambicioso.
Imagina que em mim fala meu pai.
Resigna o trono e vem dobrar o joelho.
onde eu me encontro, que eu, traidor infame,
te farei a pergunta que me fazes.
RAINHA MARGARIDA ·
Ah, se fosse teu pai tão decidido!
GLOSTER · Trarias, ainda, vestes femininas,
sem que as calças roubasses a Lencastre.
PRÍNCIPE · Esopo, deixa os contos para as noites
de inverno; no lugar em que ora estamos
não ficam bem charadas duvidosas.
GLOSTER · Pelo céu, vais pagar-me isso, fedelho.
RAINHA MARGARIDA ·
Nasceste para ser peste dos homens.
GLOSTER · Levai esta cativa rabugenta!
PRÍNCIPE · Não; levai o corcunda rabugento!
REI EDUARDO ·
Quieto, pirralho, ou te adormeço a língua.
CLARENCE · Rapaz mal educado, és insolente.
PRÍNCIPE ·
Conheço o meu dever; mas vós sois todos
desobedientes. Impudico Eduardo,
e tu, Jorge perjuro, e tu, corcunda,
Dick desengonçado, a todos digo
que eu sou superior, e vós, traidores.
Tu a meu pai e a mim roubaste o trono.
REI EDUARDO · Toma isto, cópia desta injuriadora!
(Apunhala-o.)
GLOSTER · Ainda estrebuchas? Pára essa agonia.
(Apunhala-o.)
CLARENCE · Isto é por me chamares de perjuro.
(Apunhala-o.)
RAINHA MARGARIDA · Ah! Matai-me também!
GLOSTER · Pois não! E já!
(Faz menção de matá-la.)
REI EDUARDO · Pára, Ricardo! Já fizemos muito.
GLOSTER · Por que viver, para inundar o mundo
com palavras?
REI EDUARDO · Que vejo! Desmaiou?
Empregai meios para reanimá-la.
GLOSTER · Desculpa-me, Clarence, junto ao mano,
meu rei. Vou para Londres, em negócio
de muita urgência. A nova há de alcançar-vos
antes de lá chegardes.
CLARENCE · Que é que há?
GLOSTER · A Torre! A Torre!
(Sai.)
RAINHA MARGARIDA ·
Oh Ned, meu doce Ned! Meu bem! Menino,
fala à tua mãe! Não podes? Oh, traidores!
Assassinos! Nenhum sangue verteram
os que César no foro apunhalaram,
ofensa não fizeram, não merecem
censura alguma, caso comparemos
esta monstruosa ação ao crime deles.

shakespearebrasileiro.org

Era homem César: este, comparado
com ele, uma criança. Nenhum homem
jamais volve o furor contra uma criança.
Qual o nome pior que o de assassino?
Sinto que o coração se me arrebenta
por eu querer falar. Mas pouco importa:
vou falar, ainda mesmo que ele estoure.
Carniceiros, bandidos, sanguinários
canibais! Que mimosa plantazinha
brutalmente cortastes ante tempo!
Não tendes filho, monstros; se os tivésseis,
sua lembrança vos teria feito
sentir remorsos. Mas se em qualquer tempo
vos nascer algum filho, ficai certos
de que em botão ele será pisado,
tal como vós, carrascos, acabastes
de fazer com este príncipe tão meigo!

REI EDUARDO · Levai-a logo, usando, até, de força.

RAINHA MARGARIDA ·
Não me tires daqui; mata-me logo.
Desembainha a espada; eu te perdôo
minha morte. Que é isso? Não me atendes?
Então, Clarence, vem, aceita o encargo.

CLARENCE · Pelo céu! Não te dou tão grande alívio.

RAINHA MARGARIDA ·
Atende-me, Clarence! Bom Clarence,
não me recuses isso.

CLARENCE · Não ouviste
como eu jurei que não te mataria?

RAINHA MARGARIDA ·
Ouvi; mas és perjuro por ofício.
Isso antes era crime; hoje seria
ato de caridade. Então, não queres?
Onde está o açougueiro do demônio,
o disforme Ricardo? Vem, Ricardo!
Ricardo, onde te encontras? Já te foste?
No entretanto, ao teu ver, tirar a vida
é conceder esmola. Nunca mandas
de mãos vazias os que pedem sangue.

REI EDUARDO · Já vos disse: levai-a daqui logo!

RAINHA MARGARIDA ·
A vós e aos vossos toque em sorte o mesmo
que aconteceu ao meu fanado príncipe.

(É levada à força.)

REI EDUARDO ·
Para onde foi Ricardo?

CLARENCE · Foi à pressa
para Londres, cuidar, segundo penso,
na Torre, de uma ceia sanguinária.

REI EDUARDO ·
Não perde tempo, quando alguma idéia
se lhe aninha no cérebro. Despede
nossos homens, depois de agradecer-lhes
e lhes ter pago o soldo, que nós vamos
para Londres em busca de notícias
de nossa amada esposa. Penso que ela,
por este tempo, me haja dado um filho.

(Saem.)

Ato V · Cena VI

Londres. Um quarto na Torre.
Aparece o Rei Henrique, com um livro na mão; junto dele se acha o tenente. Entra Gloster.

GLOSTER · Bom dia, é o que eu desejo. Como! Preso
com tamanha atenção ao vosso livro?

REI HENRIQUE ·
Sim, meu bom lorde... Não, milorde apenas.
Adular é pecado. "Bom" seria
menor erro: "Bom Gloster" ou "bom diabo"
se equivalem; são ambos contra o senso.
Por tudo isso não direi "bom Gloster".

GLOSTER · Deixa-nos sós; preciso conversá-lo.

(Sai o tenente.)

REI HENRIQUE ·
Assim foge do lobo o negligente
pastor; assim a ovelha inofensiva
primeiro entrega a lã, para a garganta
apresentar depois ao carniceiro.
Qual é a cena de morte que pretende
Roscius representar neste momento?

GLOSTER · O espírito culpado abriga sempre
suspeita. Em cada moita o ladrão pensa
que se esconde um soldado.

shakespearebrasileiro.org

REI HENRIQUE · O passarinho
que já caiu no visgo, receoso
vê perigo nas moitas por que passa.
Sendo eu o pobre pai de um tão mimoso
passarinho, ante os olhos ora tenho
o instrumento fatal que o meu menino
prendeu, tolheu com o visgo e deixou morto.
GLOSTER · Que tolo impertinente foi aquele
cretense, quando ao filho quis o ofício
das aves ensinar. Mas não lhe foram
as asas de proveito, que o pateta
acabou mesmo perecendo na água.
REI HENRIQUE ·
Eu, Dédalo; meu filho foi outro Ícaro;
Minos, teu pai, que nos cortou o caminho,
o sol que derreteu as frágeis asas
ao meu querido filho; tu e Eduardo,
teu irmão, sois o mar, cujos abismos
invejosos a vida lhe tragaram.
Tira-me a vida logo com tua espada,
não com palavras, que este peito muito
mais facilmente teu punhal suporta
do que os ouvidos essa história trágica.
Mas por que vieste? Foi para matar-me?
GLOSTER ·
Pensas que eu seja, acaso, algum carrasco?
REI HENRIQUE ·
Que és um perseguidor, tenho certeza.
Se matar inocentes for o mesmo
que executar, carrasco és tu, também.
GLOSTER · Matei teu filho por sua insolência.
REI HENRIQUE ·
Se te houvessem matado, logo quando
deste a primeira prova de insolência,
não terias vivido para a vida
tirares a meu filho. Profetizo,
portanto, que milhares de pessoas
que não têm nem suspeita dos receios
que me abalam, suspiros incontáveis
de viúvas e de velhos, muitos olhos
banhados pelo pranto de orfãozinhos,
pais que perderam filhos, desgraçadas
esposas sem marido, miseráveis
crianças cujos pais morreram cedo,
a hora amaldiçoarão em que nasceste.
A coruja piou, sinal de agouro;
gritou a gralha noturna, pressagiando
época de desgraça; os cães uivaram;
tempestade medonha pôs na terra
árvores da floresta; o corvo, no alto
da chaminé, grasnou; as pegas gárrulas
cantaram num terrível desconcerto;
tua mãe sentiu dores mais que humanas,
para dar, afinal, à luz mesquinhas
esperanças: um monstro deformado,
fruto indigno de uma árvore tão boa.
Já nasceste com dentes, sinal certo
de que mordendo o mundo viverias.
E se o resto que ouvi for verdadeiro,
vieste...
GLOSTER · Mas não desejo ouvir. Morre, profeta,
no teu discurso.

(Apunhala-o.)

Fui também fadado
para fazer o que te faço agora.
REI HENRIQUE ·
E para muitos outros crimes, ainda.
Possa Deus absolver-me e perdoar-te.

(Morre.)

GLOSTER ·
Como! O sangue ambicioso dos Lencastres
cai para o chão? Pensei que se elevasse.
Vede como esta espada está chorando
o trespasso de um pobre soberano!
Possam sempre correr essas purpúreas
lágrimas dos que a ruína maquinarem
de nossa casa. Se ainda remanesce
qualquer centelha viva, para o inferno,
para o inferno vai logo, e comunica
que eu sou o que te enviei.

(apunhala-o de novo.)

eu, que não tenho
piedade e desconheço o amor e o medo.
Sim, é verdade tudo quanto Henrique
disse de mim, que muitas vezes, lembra-me,
me contou minha mãe que eu vim ao mundo
com as pernas para a frente. Não me assiste
razão — que pensais disso? — de mostrar-me
diligente em causar a ruína a quantos
procurem usurpar nosso direito?
A parteira espantou-se; prorromperam
as mulheres em grita: "Deus nos valha!
Nasceu com dentes!" E assim foi, de fato,
prova segura de que eu rosnaria,
morderia, e seria em tudo um cão.
Já que me fez o céu assim disforme,

shakespearebrasileiro.org

torça-me o inferno o espírito também.
Não tenho irmãos; de irmão sou diferente.
Esta palavra "Amor", que os barbas-brancas
chamam divina, pode ter guarida
nas pessoas que em tudo se assemelham,
mas não em mim, que eu sou sozinho: eu próprio.
Clarence, tem cuidado! Tu me roubas
a luz, mas eu me incumbo de aprestar-te
um dia de caligem. Com tal jeito
espalharei no reino profecias,
que Eduardo há de mostrar-se receoso
de vir a falecer. Para curá-lo
do medo, eu para ti vou ser a morte.
Mortos já estão o Rei Henrique e o filho.
Clarence, a tua hora se aproxima.
Depois, virá a dos outros. Só me agrada
ser no reino o primeiro: ou isso, ou nada.
Vou te mudar, Henrique, de aposento
e rir-me de tua sorte a meu contento.
(Sai com o corpo.)

Ato V · Cena VII

O mesmo. Um quarto no palácio.
Aparece o Rei Eduardo sentado no trono; perto dele se acham a Rainha Elisabete com o Príncipe Infante, Clarence, Gloster, Hastings e outros.

REI EDUARDO · De novo nos sentamos no real trono
da Inglaterra, que sangue dos imigos
nos custou. Que de altivos adversários
ceifamos, como trigo em pleno outono,
no mais alto do orgulho! Três famosos
Duques de Somerset, campeões três vezes
ilustres, de alta fama nos combates;
dois Cliffords, pai e filho, ambos notáveis;
e dois Northumberlands. Mais valorosos
cavaleiros jamais aos márcios toques
os corcéis esporearam. Junto com eles,
os dois ursos temíveis, Montague e Warwick,
que nas suas cadeias agrilhoaram
o rei leão, fazendo toda a selva
encher-se de pavor, quando rugiam.
O trono, assim, limpamos de suspeita,
e escabelo fizemos do sossego.
Aproxima-te, Bess, porque eu desejo
beijar meu filho. Foi por ti, meu Ned,
que eu e teus tios muitas noites frias
passamos sob as armas, ou marchamos
debaixo da canícula do estio;
vais ter em paz, assim, tua coroa.
Os frutos colherás do nosso esforço.
GLOSTER *(à parte)* ·
Arruinarei essa colheita, quando
deitardes a cabeça, pois no mundo
ninguém me tem ainda em conta alguma.
Meus ombros foram feitos para carga;
carga hão de ter, embora eu quebre os lombos.
Se esta os meios mostrar, este o realiza.
REI EDUARDO · Clarence e Gloster, sede dedicados
à minha esposa. Dai um beijo,
caros irmãos, em vosso real sobrinho.
CLARENCE · A obediência que eu devo a Vossa Graça,
selo-a nos lábios desta bela criança.
REI EDUARDO ·
Digno mano, obrigado, bom Clarence.
GLOSTER · O amor que eu voto ao trono de onde vieste
se revela no beijo devotado
que eu dou no fruto.
(À parte) Para falar franco,
Judas não procedeu de outra maneira,
quando beijou seu mestre, dizendo alto
"Viva!", quando pensava em dizer "Morra!"
REI EDUARDO · No trono ora me assento, satisfeito,
como ambiciava, vendo em paz o povo
e sabendo-me amado dos irmãos.
CLARENCE · Que tenciona fazer de Margarida
Vossa Graça? Empenhou Reignier, seu pai,
ao Rei Luís Jerusalém e as Duas
Sicílias, e mandou-nos mensageiros
para tratarem logo do resgate.
REI EDUARDO · Embarcai-a depressa para a França.
E agora, que nos resta, afora o tempo
gastarmos em pomposos espetáculos
e cenas aprazíveis de galhofa,
como convém à vida de uma corte?
Adeus, tristeza! Adeus, melancolia!
Vai durar muito tempo esta alegria.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Personagens

Rei Eduardo IV.

Eduardo, Príncipe de Gales, depois Rei Eduardo V
Ricardo, Duque de York
} filhos do Rei.

Jorge, Duque de Clarence
Ricardo, Duque de Gloster depois Rei Ricardo III
} irmãos do Rei.

Um jovem filho de Clarence.
Henrique, Conde de Richmond, depois Rei Henrique VII.
Cardeal Bourchier, Arcebispo de Cantuária.
Tomás Rotherham, Arcebispo de York.
John Morton, Bispo de Ely.
Duque de Buckingham.
Duque de Norfolk.
Conde de Surrey, seu filho.
Conde de Rivers, irmão da esposa do Rei Eduardo.

Marquês de Dorset
Lorde Grey
} seus filhos.

Conde de Oxford.
Lorde Hastings.
Lorde Stanley, denominado também Conde de Derby.
Lorde Lovel.
Sir Tomas Vaughan.
Sir Ricardo Ratcliff.
Sir William Catesby.
Sir James Tyrrell.
Sir James Blount.
Sir Walter Herbert.
Sir Robert Brakenbury, tenente da Torre.
Sir Wiliam Brandon.
Cristóvão Urswick, padre.
Outro padre.
Lorde Prefeito de Londres. Xerife de Wiltshire.

Tressel
Berkeley
} gentis-homens do séquito de Lady Ana.

Elisabete, esposa do Rei Eduardo IV.
Margarida, viúva do Rei Henrique VI.
Duquesa de York, mãe do Rei Eduardo IV, de Clarence e de Gloster.
Lady Ana, viúva de Eduardo, Príncipe de Gales, filho do Rei Henrique VI; depois, casada com o Duque de Gloster.
Lady Margarida Plantageneta, jovem filha de Clarence.
Nobres e outros servidores; dois gentis-homens, um passavante, escrivão, cidadãos, assassinos, mensageiros, espectros das pessoas assassinadas por Ricardo III, soldados, etc.

Cena

Inglaterra.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Londres. Uma rua.
Entra Gloster.

GLOSTER · Ora pelo sol de York o frio inverno
do descontentamento foi mudado
em glorioso verão. As negras nuvens
que sobre nós pendiam já se encontram
sepultadas no seio do oceano.
Agora as fontes temos circundadas
por grinaldas vistosas; nossas armas
amalgadas estão como troféus;
os severos alarmas se mudaram
em reuniões alegres, nossas marchas
temerosas em danças aprazíveis.
A guerra carrancuda as fundas rugas
da fronte já apagou, e em vez, agora,
de montar em cavalos ajaezados
para a alma amedrontar de seus contrários
cheios de medo, lestemente salta
num quarto de mulher, aos sons alegres
de um lascivo alaúde. Eu, no entretanto,
que não nasci para essas travessuras
desportivas, nem para declarar-me
a um espelho amoroso; eu, que me vejo
cunhado por maneira tão grosseira,
carecente de dotes insinuantes
para me pavonear ante uma ninfa
de frívolos requebros; eu, que me acho
falto de proporção, logrado em tudo
por uma natureza enganadora,
deformado, incompleto, antes do tempo
lançado ao mundo vivo, apenas feito
pela metade, tão monstruoso e feio
que os cães me ladram, se por eles passo...
eu, em suma, nesta época abatida
de paz amolentada, não conheço
outra maneira de passar o tempo,
a não ser contemplando a própria sombra,
quando o sol a projeta, ou comentando
minha deformidade. Se não posso
tornar-me o amante que divirta os dias
eloqüentes e alegres, determino
conduzir-me qual biltre rematado
e odiar os vãos prazeres de nossa época.
Por meio de conjuras, arriscadas
insinuações, insanas profecias,
pasquins e invencionices, mortal ódio
mantenho entre o monarca e o irmão Clarence.
Ora, se o Rei Eduardo for tão justo,
tão veraz quanto eu sou falso e traiçoeiro,
Clarence vai ser hoje transferido
por causa de uma tola profecia
segundo a qual um G será o assassino
dos herdeiros de Eduardo. Pensamentos,
mergulhai, pois Clarence vem chegando.

(Entram Clarence, escoltado, e Brakenbury.)

Bom dia, irmão; a guarda que é que indica
junto de Vossa Graça?
CLARENCE · Interessando-se
Sua Alteza por minha segurança,
envia-me escoltado para a Torre.
GLOSTER · E o motivo?
CLARENCE · Porque me chamo Jorge.
GLOSTER · Ora, milorde, não é vossa a culpa.
Prender devia, então, vossos padrinhos.
Oh! Com certeza Sua Majestade
pretende vos rebatizar na Torre.
Mas Clarence, que é que há? Posso sabê-lo?
CLARENCE · Sim, Ricardo, depois que eu tiver ciência
do que se deu; mas juro que até agora
não sei de que se trata. No entretanto,
pelo que dizem, ele se impressiona
com profecias, sonhos e outras coisas
desse gênero: risca do alfabeto
a letra G por lhe ter dito um mágico
que por G seus herdeiros morreriam;
e como G é a letra do meu nome,
julga que eu sou o G de que se trata.
Foi essa ninharia e outras quejandas
que Sua Alteza a me prender levaram.
GLOSTER ·
Sim, eis o que acontece quando os homens
se deixam governar pelas mulheres.
Não é o rei que vos envia à Torre;
é sua esposa, Lady Grey, Clarence;
ela é que o faz fazer esses extremos.
Pois não foi ela e aquele senhor digno,
Antônio Woodville, seu mui digno irmão,

shakespearebrasileiro.org

que o forçaram, também, a pôr na Torre
Lorde Hastings, que hoje, apenas, saiu livre?
Ah, Clarence! não temos segurança;
Clarence! todos nós corremos riscos.
Clarence · Pelo céu, segurança, nestes tempos,
só a possuem os parentes da rainha
e os arautos que o rei todas as noites
a Mistress Shore envia. Não soubestes
da súplica humilhante de Lorde Hastings
porque ela a seu favor intercedesse?
Gloster · Humilde suplicando à divindade,
obteve o camareiro a liberdade.
Ouvi, pois, o que penso: o melhor modo
de estarmos sempre bem com o soberano
é entrarmos para a casa da rainha
e usarmos sua farda, como todos.
A ciumenta e estragada viúva e ela,
desde que nosso irmão as deixou nobres
são comadres influentes no governo.
Brakenbury ·
Suplico a ambas as Graças me perdoarem,
mas Sua Majestade me deu ordens
expressas para que pessoa alguma
de qualquer posição ou qualidade,
com vosso irmão à parte conversasse.
Gloster · Sim? Se Vossa Excelência for servido,
Brakenbury, podeis ficar sabendo
quanto nós conversamos. Não fazemos
traição, homem! Só disse que o monarca
era sábio e virtuoso e sua esposa
muito nobre, de idade já passada,
bela e nada ciumenta. Sim, falamos
da consorte de Shore, que tem lábios
de cereja, pezinhos delicados,
olhinhos de boneca e língua afável.
Por último dissemos que os parentes
da rainha são finos gentis-homens.
Que dizeis? Podereis negar tudo isso?
Brakenbury · Não me meto, milorde, nessas coisas.
Gloster · Com Mistress Shore não te metes? Digo-te,
amigo, que, tirante um consulente,
devem agir os mais secretamente.
Brakenbury · Visando quem, milorde, ressalvastes?
Gloster · O marido, imbecil! Quereis trair-me?
Brakenbury · Peço que Vossa Graça me perdoe
e que ponha remate à conferência
com o nobre duque.
Clarence · Sei perfeitamente,
Brakenbury, a missão que te confiaram;
desejo obedecer-te.
Gloster · Somos súditos
da rainha; forçoso é obedecer-lhe.
Adeus, irmão; vou procurar o rei.
De bom grado farei quanto quiserdes,
até mesmo chamar de irmã à viúva
do Rei Eduardo, se assim for preciso,
para vos libertar. Esta profunda
desgraça que atingiu nossa irmandade
me toca mais no fundo do que acaso
possais imaginar.
Clarence · Sei que é assim mesmo;
a nenhum pode ser ela agradável.
Gloster · Bem; vossa detenção não será longa;
hei de livrar-nos ou ficar convosco.
Mas, até lá, paciência.
Clarence · Que remédio!
(Saem Clarence, Brakenbury e o guarda.)
Gloster · Vai, percorre o caminho de onde nunca
retornarás, Clarence ingênuo e simples.
Tenho-te tal amor que dentro em pouco
mandarei para o céu tua alma cândida,
se aceitar destas mãos o céu a oferta.
Mas quem vem vindo? É Hastings, já liberto?
(Entra Hastings.)
Hastings ·
Ao meu gracioso lorde um dia esplêndido.
Gloster · Outro tanto desejo ao meu bondoso
camareiro. Ao ar livre sois bem-vindo.
Mas como suportares a prisão?
Hastings · Meu nobre lorde, com paciência, como
compete aos prisioneiros. Mas ainda,
milorde, hei de ter vida porque possa
dar agradecimentos às pessoas
que foram causa de eu ter sido preso.
Gloster · Sem dúvida, sem dúvida, tal como
se vai dar com Clarence; são os mesmos
os inimigos de ambos, que contra ele
prevalecem agora de igual modo.
Hastings · Dá muita pena ver engaioladas
as águias e com plena liberdade
para prear os bútios e os milhanos.
Gloster · E aí por fora, quais as novidades?
Hastings · Nenhuma tão ruim como as de casa;
o rei está doente, melancólico

shakespearebrasileiro.org

e fraco; os médicos estão receosos.
Gloster · Por São Paulo, a notícia é ruim, de fato.
Abusou, por demais, de um mau regime,
prejudicando a sua real pessoa.
Só de pensar, dá pena. Está de cama?
Hastings · Está.
Gloster · Ide na frente; já vos sigo.
(Sai Hastings.)
Viver não pode, espero-o; mas não deve
morrer enquanto Jorge despachado
não for em extraposta para o céu.
Vou ver se o encontro, para espicaçá-lo
contra Clarence com bem aceradas
mentiras e argumentos ponderosos.
Se não gorar meu plano meditado,
não viverá Clarence mais um dia.
Feito isso, Deus receba o Rei Eduardo
na sua graça e me conceda o mundo
para nele agitar-me. Logo tomo
por mulher a mais nova filha de Warwick.
Que importa que ao seu pai e a seu marido
tivesse eu dado a morte? O melhor meio
de dar satisfações a essa donzela
é ficar sendo dela pai e esposo,
o que farei, não por amor, decerto,
mas por um fim profundamente oculto
que preciso alcançar com o casamento.
Mas desse jeito estou indo na frente
do cavalo. Clarence ainda respira;
Eduardo está com vida e ocupa o trono:
só depois que tiverem ido embora
é que me vai raiar a nova aurora.
(Sai.)

Ato I · Cena II

Londres. Outra rua.
Entra o corpo do Rei Henrique VI em um esquife aberto. Gentis-homens com alabardas fazem a guarda; Lady Ana, como carpideira.

Ana · Deponde aí mesmo vosso fardo honroso —
se é que pode ficar amortalhada
a honra num ataúde — enquanto o pranto
dos funerais eu verto, lastimando
a queda prematura de Lencastre.
Pobre figura fria de um rei santo!
Pálidas cinzas de uma casa nobre!
Restos exangues desse sangue real!
Permite que ora o espírito eu te invoque,
porque ele ouça os gemidos da pobre Ana,
mulher do teu Eduardo, de teu filho,
de teu filho que foi apunhalado
pela mão que te fez essas feridas.
Nas janelas por onde a tua vida
se escapou eu derramo o triste bálsamo
destes doridos olhos. Oh! Maldita
seja a mão que estes furos praticou!
Maldito o coração que para tanto
teve coragem! Sim, maldito o sangue
que este sangue verteu. Caiam maiores
calamidades sobre o miserável
que nos tez miseráveis com tua morte
do que a aranhas e sapos eu deseje
e a quanto verme venenoso exista.
Se filho vier a ter, seja ele aborto
monstruoso, prematuro à luz trazido,
cujo aspecto medonho e extravagante
à esperançosa mãe pavor infunda.
A maldade do pai lhe seja herança.
Se algum dia casar, torne-se a esposa
mais infeliz com a morte do marido
do que eu com a tua e a do meu jovem dono.
Levai agora o vosso fardo santo
para Chertsey, tirado de São Paulo,
a fim de ser ali posto no túmulo.
Sempre que o peso vos deixar cansados,
parai, para que eu possa novamente
sobre o corpo chorar do Rei Henrique.
(Os carregadores levantam o ataúde e dão alguns passos.)
(Entra Gloster.)
Gloster · Ponde o corpo no chão, carregadores!
Ana · Qual foi o negro mágico que o diabo
conjurou para vir se opor aos atos
de caridade?
Gloster · Biltres! Ponde o corpo

shakespearebrasileiro.org

no chão! Caso contrário, por São Paulo,
há de morto ficar aqui o rebelde.
PRIMEIRO GENTIL-HOMEM · Afastai-vos, milorde, porque o féretro
possa passar.
GLOSTER · Cachorro descarado,
pára, quando eu mandar! Se levantares
tua alabarda à altura deste peito
por São Paulo, a meus pés hei de prostrar-te
e de pisar em ti, para castigo
dessa temeridade.
(Os carregadores depõem o ataúde no chão.)
ANA · Como! Todos
ficastes trêmulos? Estais com medo?
Ah! não vos culpo, porque sois humanos
e o olhar humano suportar não pode
a vista do demônio. Fora, horrendo
comissário do inferno! Tu só tinhas
poder sobre o seu corpo transitório;
sobre tua alma, não. Por isso, vai-te!
GLOSTER · Pelo céu, doce santa, não te mostres
tão zangada.
ANA · Por Deus, demônio horrível,
não nos perturbes! Transformaste a terra
feliz em teu inferno, transbordante
de maldições e de profundas queixas.
Se achas prazer em contemplar teus feitos
horripilantes, olha esta obra-prima
de toda a tua matança. Oh gentis-homens,
vede as feridas do defunto Henrique
que as frias bocas abrem e, de novo,
põem-se a sangrar. Cria vergonha, monte
de atroz e vil deformidade! É a tua
presença que provoca esta sangueira
das frias veias que já não têm sangue.
Teu feio ato contra a natureza
faz um dilúvio contra a natureza.
Oh Deus! Criaste este sangue; a morte vinga-lhe!
Terra, tu o bebes; vinga-lhe o trespasse!
Que um dos teus raios, céu, mate o assassino!
Ou então, terra, escancara a larga boca
para logo tragá-lo, como o fazes
com o sangue deste rei de alma bondosa
que o seu braço infernal privou da vida.
GLOSTER · Desconheceis, senhora, a caridade,
que paga o mal com o bem e retribui
as maldições com bênçãos.
ANA · Desconheces,
vilão, as leis divinas e as humanas.
As próprias feras mostram-se piedosas.
GLOSTER · Não sou fera; no entanto, sou impiedoso.
ANA · O diabo falou certo... Oh coisa estranha!
GLOSTER · Mais estranho é haver anjo tão zangado.
Divina perfeição do belo sexo,
consente que eu me absolva, nestas mesmas
circunstâncias, de todos esses crimes
imaginários.
ANA · Infecção monstruosa
de homem, deixa que nestas circunstâncias,
por todos os teus crimes conhecidos,
maldito, eu te maldiga.
GLOSTER · Oh mulher linda,
muito mais do que cabe nas palavras,
ouve-me com paciência, porque eu possa
desculpar-me, afinal.
ANA · Oh monstro horrendo
mais do que pode crer a mente humana,
só te enforcando é que terás desculpa.
GLOSTER · Com esse desespero eu me acusara.
ANA · Por esse desespero te escusaras,
infligindo-te a pena merecida
por teres morto tantos inocentes.
GLOSTER · Dize que os não matei.
ANA · Então declara
que os não mataram; mas matados foram
e por ti, justamente, infernal monstro.
GLOSTER · Não matei vosso esposo.
ANA · Ele está vivo?
GLOSTER · Não, já morreu; mas pela mão de
Eduardo.
ANA · Mentes pela garganta! Margarida
viu teu gládio assassino, fumegante
de seu sangue; e contra ela o dirigiras,
se acaso o não desviassem teus irmãos.
GLOSTER · Sua língua aleivosa me irritara,
pondo a culpa de todos nos meus ombros
inocentes.
ANA · Foi tua alma sanguinária
que te irritou, porque ela só cogita
de matanças e crimes. E o monarca
não foi morto por ti?
GLOSTER · Isso eu concedo.
ANA · Concedes isso, monstro? Então conceda-me
também Deus que danado tu te vejas

shakespearebrasileiro.org

por esse crime horrível. Doce ele era,
amável e virtuoso.
Gloster · Merecia
morar com o rei do céu, que o tinha criado.
Ana · Está no céu, para onde nunca irás.
Gloster · Deve-me, então, ser grato pela ajuda.
Está melhor no céu do que na terra.
Ana · E tu não tens melhor lugar que o inferno.
Gloster · Não; há outro: quereis que vo-lo diga?
Ana · A prisão, certamente.
Gloster · Vossa alcova.
Ana · Seja o sono banido do teu quarto!
Gloster · Sê-lo-á, enquanto não dormirmos juntos.
Ana · Espero que assim seja.
Gloster · Sei que é assim.
Porém gentil Lady Ana, arrematemos
de uma vez estes ásperos assaltos
de nossa inteligência, para um método
mais seguro empregar, embora lento.
A causa do trespasse prematuro
de Eduardo e Henrique, esses Plantagenetas,
não será, por acaso, tão culpável
como o seu próprio autor?
Ana · Tu foste a causa;
tu és o que fizeste a ação maldita.
Gloster · A causa desse efeito a tentes perto:
vossa beleza. Sim, essa beleza
que até durante o sono me mandava
matar o mundo todo, porque uma hora
viesse a gozar em vosso brando seio.
Ana · Afirmo-te, homicida, que no caso
de eu pensar desse jeito, essa beleza
com estas unhas eu própria a destruiria.
Gloster · Jamais suportariam estes olhos
a vista de tal quadro. Estando eu perto,
não fareis nenhum dano a essa beleza.
Tal como o sol ao mundo, ela me anima:
é meu dia e, ainda mais, é minha vida.
Ana · Que a noite deixe escuro esse teu dia,
e a tua vida a morte.
Gloster · Não maldigas,
criatura encantadora, de ti mesma,
que para mim és ambos.
Ana · Desejara
sê-lo, para tomar de ti vingança.
Gloster · Seria uma contenda absurda e injusta
na pessoa vingares-te que te ama.
Ana · Seria uma contenda mui razoável
matar o matador do meu marido.
Gloster · Quem te privou, senhora, do marido,
vai-te ajudar a achar melhor marido.
Ana · Melhor, nenhum respira sobre a terra.
Gloster · Vive quem te ama muito mais do
que ele.
Ana · Quem é?
Gloster · Plantageneta.
Ana · Era o seu nome.
Gloster · O nome é o mesmo, mas melhor
pessoa.
Ana · Onde se encontra?
Gloster · Aqui.
(Ana lhe cospe no rosto.)
Gloster · Por que me cospes?
Ana · Que bem que te seria esse meu cuspo,
se ele atirasse qual mortal veneno!
Gloster · Jamais o produziu lugar tão doce.
Ana · Jamais caiu num sapo tão medonho.
Fora daqui! Os olhos me infeccionas!
Gloster · Esses olhos, senhora, é que me cegam.
Ana · Quem dera que eles fossem basiliscos,
para a morte te darem!
Gloster · Desejara
isso mesmo; que, assim, morrera logo;
eles me estão matando lentamente.
Dos meus esses teus olhos tiram lágrimas,
deixando-lhes a luz envergonhada
com as gotas infantis. Jamais haviam
estes olhos chorado. Não, nem mesmo
quando choraram meu pai York e Eduardo,
aos gemidos de Rutland, atingido
pela espada do negro e horrendo Clifford,
nem quando teu valente pai contava,
como uma criança, a história comovente
da morte de meu pai e vinte vezes
parava a suspirar, deixando o rosto
dos presentes como árvores molhadas
pela chuva. Naquela época triste
meus olhos varonis sempre metiam
a ridículo as lágrimas humildes.
Ora bem: o que à dor fora impossível,
tua beleza o fez, deixando-os cegos
de chorar. Jamais fiz nenhuma súplica
a amigos ou inimigos; nunca soube
esta boca dizer palavras ternas.

shakespearebrasileiro.org

Mas agora que a tua formosura
meu feudo se tornou, vencido abate-se-me
o altivo coração e a língua fala.
(Ela lhe lança olhar desdenhoso.)
Não ensines aos lábios o desprezo,
que para os beijos foram eles feitos,
senhora, não para esses sentimentos.
Se não sabe perdoar esse orgulhoso
coração, aqui tens a aguda espada:
esconde-a neste peito verdadeiro,
e a alma deixa escapar que te idolatra.
Ei-lo: ofereço-o, aberto, ao mortal golpe,
e, de joelhos, humilde, a morte imploro.
(Descobre o peito; ela faz menção de feri-lo.)
Não pares, que eu matei o Rei Henrique,
mas foi tua beleza o móvel disso.
Despacha-me depressa; o moço Eduardo
foi por mim trespassado...
(Ela faz novamente menção de feri-lo.)
...mas foi esse
rosto divino o instigador de tudo.
(Ela deixa tombar a espada.)
Toma de novo a espada, ou me levanta.
Ana · Hipócrita, levanta-te! Conquanto
eu deseje tua morte, não me agrada
ser teu carrasco.
Gloster · Manda que eu me mate,
nesse caso, que logo eu te obedeço.
Ana · Já o fiz.
Gloster · Mas fizeste-o transtornada
pela cólera. Ordena-o novamente,
que no mesmo momento esta mão forte,
que, por amor de ti, fez que morresse
teu amor, por amor de ti, igualmente,
matará outro amor mais verdadeiro:
e, assim, tu ficarás, decerto, cúmplice
na morte de ambos.
Ana · Conhecer quisera
como é esse coração.
Gloster · Na língua o trago.
Ana · Tenho receio que ambos sejam falsos.
Gloster · Então, ninguém jamais disse a verdade.
Ana · Está bem, está bem; guardai a espada.
Gloster · Estamos, pois, em paz?
Ana · Depois vereis.
Gloster · Posso ter esperanças?
Ana · Quem tem vida
sempre espera, é ditado muito certo.
Gloster · Ficai, pois, com este anel de minha parte.
Ana · Aceitar não é dar.
(Coloca o anel no dedo.)
Gloster · Vê como o anel o dedo te circunda:
assim teu peito faz com meu sofrido
coração. Usa os dois, que te pertencem.
E se este servo fiel pode uma graça
solicitar de tua mão graciosa,
confirma para sempre esta ventura.
Ana · De que se trata?
Gloster · Deixar este dever dorido e triste
para quem tem mais causa de tristeza
e ir para *Crosby-place* sem demora,
onde, depois de eu ter solenemente
feito baixar à terra, no mosteiro
de Chertsey, este nobre soberano,
e lavado seu túmulo com lágrimas
de meu pesar sincero, in continenti
vos apresentarei meus cumprimentos.
Por diversos motivos ainda ocultos
concedei-me essa graça, vos suplico.
Ana · De todo coração. Muito me alegra
ter visto que ficastes penitente.
Vinde comigo, Berkeley e Tressel.
Gloster · Dizei-me adeus.
Ana · Não mereceis tal coisa.
Mas já que me ensinastes a adular-vos,
pensai que já vos tenha dito adeus.
(Saem Lady Ana, Tressel e Berkeley.)
Gloster · Senhores, carregai de novo o corpo.
Gentil-Homem · Para Chertsey, milorde?
Gloster ·
Não, para White-Friars; lá me aguardareis.
(Saem todos, menos Gloster.)
Já houve, acaso, mulher, em todo o mundo,
que fosse cortejada desse modo?
Já houve mulher que assim ficasse noiva?
Vai ser minha, mas não por muito tempo.
Já se viu coisa igual? Matei-lhe o esposo,
matei-lhe o sogro, apanho-a no momento
do ódio mais acirrado, quando a boca
de maldições estava transbordante,
de lágrimas os olhos, e, ao seu lado,
sangrando, a causa do seu ódio imenso:
tendo Deus contra mim, sua consciência
e este ataúde, sem que do meu lado

shakespearebrasileiro.org

ninguém viesse o pedido reforçar-me;
contando apenas com o favor do diabo,
com olhares fingidos... e, no entanto,
conquistá-la! Isso é o mundo contra nada!
Ah!
Já se esqueceu, talvez, do bravo Príncipe
Eduardo, seu marido, que, furioso,
eu próprio apunhalei não há três meses,
em Tewksbury? Um mais doce gentil-homem
do que ele, mais amável, resultante
da natureza pródiga, valente,
sábio e moço, real em toda a linha,
não poderá mostrar o vasto mundo.
Baixará para mim, agora, os olhos
tendo sido eu o ceifador das áureas
primícias desse príncipe adorável,
eu, que a joguei ao leito doloroso
da viuvez? Eu, que valho muito menos
da metade de Eduardo? Eu, que sou coxo,
disforme deste jeito? Meu ducado
contra o vintém de um pobre: mas até hoje
eu andava iludido a meu respeito.
Por minha vida, embora eu não concorde,
pareço encantador aos olhos dela.
Vou tratar de adquirir um bom espelho
e de pagar uma vintena ou duas
de alfaiates que cuidem da maneira
de me adornar o corpo. Já que tanto
subi no meu conceito, vou mantê-lo
com pequena despesa. Mas primeiro
porei na sepultura aquele gajo,
para depois voltar a lamentar-me
junto do meu amor. Sol admirável,
brilha até que eu adquira um bom espelho
para eu ver com que monstro eu me assemelho.

(Sai.)

Ato I · Cena III

Londres. Um quarto no palácio.
Entram a Rainha Elisabete, Lorde Rivers e Lorde Grey.

Rivers · Minha senhora, calma! Sua Graça
ficará bom, de novo, em pouco tempo.
Grey · Calma, senhora! Vosso desespero
deixa-o pior. Por isso, sede forte.
Tende confiança em Deus, reconfortando
Sua Graça com modos mais alegres.
Rainha Elisabete ·
Se ele vier a morrer, como é que eu fico?
Grey · Perdereis tão-somente tal esposo.
Rainha Elisabete ·
A morte desse esposo é total perda.
Grey · O céu vos abençoou com um bravo filho,
para que na viuvez vos consolasse.
Rainha Elisabete ·
Ah! Mas é muito criança e está confiada
sua minoridade inexperiente
a Ricardo de Gloster, que, é sabido,
me vota, e a todos vós, ódio de morte.
Rivers · Vai ser ele, de fato, o protetor?
Rainha Elisabete ·
Foi indicado, apenas; mas no caso
de falecer o rei, será nomeado.

(Entram Buckingham e Stanley.)

Grey · Lordes de Buckingham e Stanley chegam.
Buckingham · Muito bom dia a Vossa Real Graça!
Stanley · Alegre Deus a Vossa Majestade
como nos dias idos!
Rainha Elisabete · A Condessa
de Richmond, meu bondoso Lorde Stanley,
decerto não diria Amém ao vosso
cumprimento amistoso. Mas, conquanto
seja ela vossa esposa, caro Stanley,
e não me ame, podeis, bondoso lorde,
ficar certo de que eu não vos odeio
por sua insuportável arrogância.
Stanley ·
Suplico-vos não dardes nenhum crédito
à calúnia invejosa de seus falsos
acusadores. Mas, se porventura
for acusada com alguma base,
considerai, vos peço, essa fraqueza
como produto dos achaques dela
e não como produto de malícia.
Rainha Elisabete ·
Vistes hoje o monarca, Lorde Stanley?
Stanley · Eu e o Duque de Buckingham estamos
vindo de visitar Sua Majestade.
Rainha Elisabete ·
Notastes nele indícios de melhora?

shakespearebrasileiro.org

Buckingham · Há muitas esperanças; Sua Graça
discorre alegremente.
Rainha Elisabete · A Deus prouvera
deixá-lo com saúde! E lhe falastes?
Buckingham · Sim, senhora; deseja fazer pazes
entre o Duque de Gloster e milordes
vossos irmãos, e entre estes e milorde
camareiro. Com esse pio intento
à sua real presença a todos chama.
Rainha Elisabete ·
Oh, se isso acontecesse! Mas não creio;
é impossível. Receio que já esteja
nossa felicidade no declínio.
(Entram Gloster, Hastings e Dorset.)
Gloster · Ofendem-me; não posso suportá-lo.
Quem são os que se queixam junto ao rei
de que eu — vejam só isto! — sou severo,
que amor não lhes dedico? Por São Paulo,
é preciso amar pouco a Sua Graça,
para as onças lhe encherem com rumores.
Porque adular não sei, nem falar muito,
rir na face dos homens, alisá-los
ludibriá-los, fazer-lhes reverências
à francesa, tal qual momo ensinado,
passo por inimigo rancoroso.
Viver não pode alguém de gênio simples,
alheio a qualquer mal, sem que lhe sejam
torcidos os intentos generosos
por qualquer João meloso, astuto e hipócrita?
Grey · A quem, dentre os presentes, se refere
Vossa Graça?
Gloster · É a ti mesmo, que careces
de honestidade e graça. Quando, acaso,
te fiz alguma ofensa, ou fui injusto?
Ou a ti? Ou a ti? Ou a algum do vosso bando?
A peste em todos! Sua Real Graça —
Deus o conserve além de vosso gosto —
não pode respirar um só momento,
sem com queixas idiotas o inquietardes.
Rainha Elisabete ·
Alterais, mano Gloster, esse assunto.
Por sua real disposição, Sua Graça,
sem ser solicitado por estranhos,
vosso ódio interior talvez visando,
ódio que transparece em vosso todo,
contra meus filhos, meus irmãos e eu própria,
mandou chamar-vos, porque saber possa
qual é o motivo dessa mal-querença
e, esclarecido o fato, removê-lo.
Gloster · Não sei dizê-lo; o mundo piorou tanto,
que a carriça se atreve onde a própria águia
mal ousa debicar. Desde que todos
os joãos-ninguém ficaram gentis-homens,
virou muito fidalgo um joão-ninguém.
Rainha Elisabete ·
Está bem, mano Gloster; nós sabemos
perfeitamente o que visais com isso.
Invejais minha dita e a de meus manos.
Deus queira que nós nunca precisemos
de vós em coisa alguma.
Gloster · Pois Deus queira
que nós de vós a precisar venhamos.
Por tricas vossas nosso irmão foi preso;
no desagrado eu me acho; os nobres todos
desprezados se vêem, enquanto grandes
prêmios são diariamente conferidos
a pessoas que apenas há dois dias
não valiam sequer um simples nobre.
Rainha Elisabete ·
Pelo que me elevou de minha humilde
felicidade à altura em que me encontro,
jamais espicacei Sua Majestade
contra Clarence. Muito longe disso:
eu sou a que falei a favor dele,
sempre com muito empenho. Injuriais-me,
milorde, por maneira vergonhosa,
contra mim levantando essas suspeitas.
Gloster · Podeis negar a vossa conivência
na recente prisão de milorde Hastings?
Rivers · Ela pode, milorde, que...
Gloster · Ela pode,
Lorde Rivers! Ora essa! Quem o ignora?
Ela pode, senhor, fazer mais que isso:
colocar-vos em cargos mais rendosos,
para depois negar que houvesse tido
qualquer influência, atribuindo todas
as honras tão-somente ao vosso mérito.
O que é que ela não pode? Ora, ela pode...
Sim, poderia, acaso... poderia...
Rivers · Que poderia, acaso?
Gloster · Poderia
casar com um rei solteiro, um rapazola
de aparência agradável. Pior negócio
fez vossa avó, tenho certeza disso.

shakespearebrasileiro.org

Rainha Elisabete ·
Há muito tempo já milorde Gloster,
venho agüentando vossas grosserias
e pesados gracejos. Mas por tudo
quanto há de mais sagrado, estou disposta,
desta vez, a contar a Sua Graça
quantos rudes sarcasmos tenho ouvido.
Preferia viver como uma simples
campônia, a ser rainha e majestade,
para ser assaltada desse jeito,
pisada e escarnecida. Muito poucas
alegrias, de fato, me tocaram
desde que eu sou Rainha da Inglaterra.

(Aparece no fundo a Rainha Margarida.)

Rainha Margarida *(à parte)* ·
Diminui ainda mais essas pequenas
alegrias, Oh Deus, é o que eu te peço!
Tudo me deves: honra, estado e trono.

Gloster · Como! Ameaçais-me de contar ao rei?
Contai-lhe tudo, sem vos esquecerdes
de coisa alguma. Olhai: quanto vos disse,
na presença do rei vou confirmá-lo.
Desta arte arrisco ser mandado preso
para a Torre; mas urge que alguém fale.
Meus serviços estão quase esquecidos.

Rainha Margarida *(à parte)* ·
Fora, demônio! Tenho-os na memória:
na Torre assassinaste meu marido,
meu Henrique; em Tewksbury, meu Eduardo
por ti também veio a perder a vida.

Gloster · Antes de terdes vindo a ser rainha,
ou o vosso esposo rei, eu era o burro
de carga de seus múltiplos negócios,
o destruidor de seus inumeráveis
adversários; era eu que seus amigos
com bolsa liberal recompensava.
Cheguei mesmo a verter o próprio sangue
para o seu deixar real.

Rainha Margarida *(à parte)* · Sim, derramaste
sangue muito mais nobre do que o de ambos.

Gloster · Todo esse tempo, vós e vosso esposo
Grey contra a casa de Lencastre estáveis.
E vós, Rivers, também. Vosso marido
não morreu, porventura, na batalha
de Santo Albano, ao lado dos adeptos
de Margarida? Vejo-me forçado
a vos fazer lembrada dessas coisas,
o que éreis antes e o que sois agora;
bem como eu: quanto fui e como me acho.

Rainha Elisabete *(à parte)* ·
Um vilão assassino é o que és ainda.

Gloster ·
O bom Clarence não deixou o pai Warwick,
tornando-se perjuro?... Que Jesus
lhe perdoe esse passo!...

Rainha Margarida *(à parte)* · Deus o puna!

Gloster · ... para lutar ao lado de Eduardo
na conquista do trono? A recompensa
foi ter sido o coitado encarcerado.
Quem me dera que me houvesse Deus provido
de um coração de pedra, ou que tivesse
feito o de Eduardo como o meu: suave
e inclinado à piedade. Sou inocente
por demais, e infantil, para este mundo.

Rainha Margarida *(à parte)* ·
Então vai para o inferno e deixa o mundo,
cacodemônio! É lá que tens o reino.

Rivers · Naqueles dias tumultuosos, Lorde
de Gloster, que citais com tanto empenho,
para provar a nossa inimizade,
nós seguíamos nosso soberano
legítimo, tal como hoje o faríamos
convosco, se chegásseis a ser rei.

Gloster · Se eu chegasse a ser rei? Antes mascate!
Longe do coração tal pensamento!

Rainha Elisabete ·
Pela pouca alegria, Lorde Gloster
que imaginais vos tocaria em sorte
no caso de reinardes, é possível
fazerdes uma idéia de quão pouca
devo eu sentir depois de ser rainha.

Rainha Margarida *(à parte)* ·
Tão pouco quanto goza a verdadeira
rainha, que sou eu, inteiramente
privada de alegria. Mas não posso
sopear a paciência por mais tempo.

(Avançando.)

Escutai-me, piratas querelantes,
que discordais na divisão de quanto
me foi roubado. Qual de vós não treme
só de me olhar? Se como soberana
não vos dobro, tal como cumpre a súditos,
tremer vos faço como a rebelados?
O meu caro vilão! não te escapulas.

shakespearebrasileiro.org

GLOSTER · Que vens fazer de novo em minha frente,
bruxa louca e enrugada?
RAINHA MARGARIDA · Repetir-te
a história dos teus crimes; vou contá-la
antes de te deixar.
GLOSTER · Sob pena, acaso,
de morte não te encontras exilada?
RAINHA MARGARIDA ·
Sim, mas achei o exílio mais penoso
de quanto possa a morte aqui aprestar-me.
Um esposo me deves e um filhinho;
deves-me um reino. E vós aí, deveis-me
fidelidade. Esta tristeza imensa,
por direito a só vós é que tocara,
e a mim vossos prazeres usurpados.
GLOSTER · A maldição que te lançou meu pai,
quando a fronte guerreira lhe coroaste
com papel, quando, à força de sarcasmos,
o fizeste verter rios de lágrimas
e, para os olhos enxugar, ao duque
deste um lenço molhado no inocente
sangue do meigo Rutland: as palavras
de maldição que sua alma amargurada
te lançou, ora sobre ti caíram.
Não somos nós, é Deus que te castiga.
RAINHA ELISABETE ·
Sim, Deus é justo e protege os inocentes.
HASTINGS · Oh, pode haver ação mais sanguinária
do que a morte daquele inocentinho?
Jamais se ouviu falar em tal barbárie.
RIVERS · Até os próprios tiranos derramaram
lágrimas, ao ouvir contar o caso.
DORSET · Não houve quem vingança não previsse.
BUCKINGHAM ·
Northumberland chorou, vendo o homicídio.
RAINHA MARGARIDA ·
Mas que acontece! Antes de minha vinda,
rosnáveis, prontos a vos atracardes
pelo pescoço, e agora todo esse ódio
virastes contra mim? Teve tal força
no céu a maldição terrível de York,
que o trespasse de Henrique e o do adorável
Eduardo, a usurpação brutal do reino,
meu banimento odioso prevaleçam
em confronto com a perda de um fedelho?
Conseguem maldições cortar as nuvens
e ao céu chegar? Então, nuvens pesadas,
abri caminho para as minhas rápidas
maldições! Se não vier o vosso chefe
a falecer na guerra, que se extinga
pela devassidão, tal como o nosso
pelo assassínio, para dar-lhe o trono.
Possa teu filho Eduardo, que ora é Príncipe
de Gales, por Eduardo, que foi Príncipe
de Gales, meu filhinho, prematuro
como este, perecer pela violência!
És rainha; rainha também fui:
possas sobreviver à tua glória
na miséria em que a minha eu sobrevivo.
Vive bastante, para lastimares
a perda de teus filhos, para veres
outra mulher, tal como ora eu te vejo,
na posse dos teus títulos, do mesmo
modo que ora me fazes. Que muito antes
de ti morram teus dias de alegria;
e após compridas horas de amargura,
morras, por fim, sem seres nem esposa,
nem mãe, nem mais rainha da Inglaterra!
Rivers e Dorset, ambos vos acháveis
presentes — como vós, também Lorde Hastings —
quando foi transpassado o meu filhinho
por punhais sanguinários. Deus, suplico
que nenhum de vós viva o normal curso
da natureza, mas, antes do tempo,
pereçais por qualquer caso imprevisto!
GLOSTER ·
Chegaste ao fim dos teus encantamentos,
bruxa enrugada?
RAINHA MARGARIDA · E ficarias fora?
Espera aí, cachorro, que hás de ouvir-me.
Se o céu guardar alguma peste estranha,
que exceda a tudo quanto eu te pudesse
desejar, oh! retenha-a até que fiquem
maduros teus pecados indizíveis,
para atirar-te a tua indignação,
perturbador da paz do pobre mundo.
Roa-te o peito o verme do remorso!
Que por traidores tenhas os amigos,
enquanto fores vivo, e dos traidores
faças os teus amigos mais chegados.
Que o sono jamais pouse nesses olhos
assassinos, a menos que terríveis
pesadelos te oprimam nessas horas
com legiões de demônios horrorosos.

shakespearebrasileiro.org

Monstro marcado, cerdo imundo, aborto
que assinalado foste ao nascimento
como filho do inferno e baixo escravo
da natureza! Oh tu, caluniador
do ventre de tua mãe, Oh detestável
produto, e infame, dos paternos lombos,
farrapo da honra, desprezível, ouve...
Gloster · Margarida!
Rainha Margarida · ... Ricardo!
Gloster · Aqui presente!
Rainha Margarida ·
Não te chamei.
Gloster · Então peço desculpas,
porque pensei que o tinhas feito, logo
depois de me jogares esses nomes.
Rainha Margarida ·
Foi o que fiz; mas não pedi resposta.
Mas deixai-me acabar a maldição.
Gloster · Já está feito; termina em "Margarida".
Rainha Elisabete ·
Assim, amaldiçoastes a vós mesma.
Rainha Margarida ·
Rainha rebocada, estulta efígie
do que foi minha dita, por que lanças
açúcar sobre a aranha barriguda
cuja teia mortal já te asfixia?
Louca! Tu própria estás afiando a faca
que te vai dar a morte. Há de haver dia
em que anseies por mim para ensinar-te
como lançar as maldições mais raras
neste sapo nocivo e deformado.
Hastings · Acaba, falsa profetisa, com essas
maldições de maníaca. Não queiras
cansar-nos a paciência, em teu prejuízo.
Rainha Margarida ·
Envergonhai-vos todos, por me terdes
atribulado tanto a paciência.
Rivers · Se aceitásseis conselhos, saberíeis
qual é o vosso dever.
Rainha Margarida · O mais sensato
conselho é que homenagem me presteis.
Oh! Ensinai-me a ser vossa rainha,
vós, meus vassalos. Oh! Aconselhai-me
desse jeito e aprendei vosso dever!
Dorset · Não discutais com ela; está demente.
Rainha Margarida ·
Mestre marquês, silêncio! Sois confiado
por demais. Vosso título honorífico
emitido de pouco ainda não corre.
Oh! Se pudesse essa nobreza jovem
ter consciência do que é vir a perder-se
e ficar miserável! Os que se acham
no alto suportam muitas tempestades;
ao caírem, reduzem-se a pedaços.
Gloster · Excelente conselho, pelo demo!
Tomai nota, marquês.
Dorset · Ele se aplica
tanto a mim quanto a vós, milorde Gloster.
Gloster · Sim, mais ainda; mas nasci muito alto.
Nossos filhotes de águia são criados
nos cedros mais altivos; não se importam
com os ventos e do sol não fazem conta.
Rainha Margarida ·
Fazem sombra até ao sol! Ah! muito certo!
Haja vista meu filho, ora na sombra
da morte, cujos raios resplendentes
tua sombria cólera de pronto
mergulhou na caligem sempiterna.
No nosso ninho de águias foi que os vossos
filhotes se criaram. Não consintas,
Deus, em tal coisa! Nada se te oculta.
Dá que venha a extinguir-se pelo sangue
quanto foi conquistado pelo crime!
Buckingham · Calma, por caridade! Ficai quieta!
Envergonhai-vos disso!
Rainha Margarida · Nem vergonha
nem caridade deve vir à baila.
Sem caridade todos procedestes
e asfixiastes as minhas esperanças.
Vergonha é a minha vida e afronta a minha
caridade. Ainda vive toda a cólera
da minha dor nessa vergonha imensa.
Buckingham · Acabai! Acabai!
Rainha Margarida ·
Oh nobre Buckingham, as mãos te beijo,
como sinal de aliança e de amizade.
Sejas feliz com tua nobre casa.
Não estão tuas vestes salpicadas
com nosso sangue, nem te encontras dentro
do círculo de minhas maldições.
Buckingham ·
Nem nenhum dos presentes; nunca passam
as maldições dos lábios que as proferem.
Rainha Margarida ·
Não; creio que até ao céu elas se elevam

shakespearebrasileiro.org

e a Deus despertam de seu sono plácido.
Oh Buckingham! Cautela com esse cão!
Quando ele adula, morde; e quando morde,
seu dente venenoso a morte causa.
Assinalaram-no o pecado e a morte;
marcou-o o inferno, e seus ministros todos
lhe vão no rasto e como a chefe o servem.
GLOSTER · Que diz essa mulher, milorde
Buckingham?
BUCKINGHAM ·
Nada que eu preze, meu gracioso lorde.
RAINHA MARGARIDA ·
Como! Ainda zombas de meu bom conselho
e afagas o demônio de que eu tanto
te queria livrar? Oh, não te esqueças
do que se está passando, quando as mágoas
o coração te houverem triturado.
Então dirás que a pobre Margarida
foi boa profetisa. Que em futuro
passeis a ser o objeto de seu ódio,
ele do vosso, e todos do de Deus.

(Sai.)

HASTINGS · Só de ouvi-la, os cabelos se me eriçam.
RIVERS ·
E os meus também; não sei como anda solta.
GLOSTER · Tem razão. Pela santa mãe de Deus,
sofreu demais. Eu próprio me arrependo
de ter causado a ela desventura.
RAINHA ELISABETE ·
Que eu saiba, não lhe dei nenhum desgosto.
GLOSTER · Mas ficastes com todas as vantagens
do mal que lhe fizeram. Fui ardente
por demais ao pensar no bem dos outros,
que hoje recordam disso friamente.
É o que se está passando com Clarence;
por se ter esforçado, está engordando
num chiqueiro: foi boa a recompensa.
Deus perdoe aos que têm culpa no caso.
RIVERS · Eis uma conclusão cristã e virtuosa,
pedir o bem dos que nos são nocivos.
GLOSTER ·
Sempre procedo assim. *(À parte.)* Por ser ladino;
que, do contrário, eu me amaldiçoaria.

(Entra Catesby.)

CATESBY ·
Senhora, o rei vos chama, e a Vossa Graça
também, e a todos vós, meus nobres lordes.
RAINHA ELISABETE ·
Catesby, não demoro. Vindes, lordes?
RIVERS · Estamos ao dispor de Vossa Graça.

(Saem todos, com exceção de Gloster.)

GLOSTER ·
Promovo uma desgraça e sou o primeiro
a levantar o alarma. Sobre os outros
faço pesar o alarma dos malfeitos
que eu próprio ocasionei. Assim, Clarence,
por minha instigação, se acha no escuro,
mas lhe choro o destino, quando em frente
desses simplórios: Hastings, Stanley, Buckingham,
e digo que a rainha e os do seu grupo
são os que o rei atiram contra o duque,
meu irmão. Eles todos acreditam
no que eu afirmo e a me vingar concitam-me
de Grey, Rivers e Vaugham. Nessa altura
lhes cito a Bíblia, suspirando fundo,
que o mal com o bem retribuir nos manda:
é a palavra de Deus. Dessa maneira,
visto a minha despida vilania
com farrapos sediços da Escritura.
Pareço um santo, quando sou o diabo.

(Entram dois assassinos.)

Devagar! Eis os meus executores!
Então, meus camaradas destemidos,
dispostos e valentes, estais mesmo
resolvidos a dar remate à coisa?
PRIMEIRO ASSASSINO ·
Estamos, sim, milorde; só nos falta
receber a ordem que nos facilite
penetrar no local em que ele se acha.
GLOSTER · Foi bem pensado: tenho-a aqui comigo.

(Dá-lhes uma autorização escrita.)

Depois de tudo feito, voltai para
Crosby-place. Porém, meus camaradas,
sede prontos na ação. Além de duros,
não lhe atendais às súplicas. Clarence
tem lábia e poderá vir a abalar-vos
o coração, se ouvido lhe prestardes.
PRIMEIRO ASSASSINO ·
Ora, milorde! Nós não perderemos
tempo com muita prosa. Os faladores
são maus executores. Ficai certo:

shakespearebrasileiro.org

vamos usar os braços, não a língua.
Gloster ·
Chorais pedra de moinho, enquanto os bobos
choram apenas lágrimas. Agrado-me,
rapazes, de vós ambos. Mas, depressa!
Despachai-vos!
Primeiro Assassino · Pois não, meu nobre lorde.
(Saem.)

Ato I · Cena IV

O mesmo. A Torre.
Entram Clarence e Brakenbury.

Brakenbury ·
Por que está Sua Graça hoje tão triste?
Clarence · Oh! Passei uma noite miserável,
cheia de visões lúgubres e horríveis
pesadelos. Por minha fé cristã,
noite igual não desejo, nem que seja
para comprar um mundo de bons dias,
tal o pavor sentido nessas horas.
Brakenbury · Que sonhastes, milorde? Revelai-mo.
Clarence · Pareceu-me estar já fora da Torre,
a bordo de um navio que singrava
para Borgonha, onde também se achava
meu mano Gloster, que com seus conselhos
me fez sair do camarote, para
passear pelo convés. De lá nós víamos
a Inglaterra e lembravam-nos os tempos
tão difíceis que tínhamos passado
durante a guerra de York e de Lencastre.
Ao passarmos por sobre a ponte móvel,
pareceu-me que Gloster tropeçara;
na queda, me jogou, quando eu tentava
segurá-lo, por cima da amurada,
nas agitadas ondas do oceano.
Oh Deus! como é dorida a morte na água!
Que cachoeira medonha nos ouvidos,
que de visões terríveis ante os olhos!
Pareceu-me estar vendo mil naufrágios;
entre cadáveres por peixes roídos,
em meio a barras de ouro e grandes âncoras,
espalhavam-se pedras preciosas,
jóias de alto valor, montões de pérolas,
pelo fundo do mar. Umas se achavam
nas cabeças dos mortos; e nas órbitas
onde outrora brilharam vivos olhos,
como em mofa a eles próprios, se insinuaram
belas gemas que o limo do oceano
namoravam, sem ver os mortos ossos
esparsos em redor inumeráveis.
Brakenbury ·
No instante de morrer tivestes tempo
de surpreender o abismo e seus segredos?
Clarence · Pareceu-me que sim. Por várias vezes
quis exalar o espírito, mas vinha
sempre uma onda invejosa a alma deter-me,
não consentindo que saísse e fosse
procurar o ar vazio, imenso e livre,
e a tal ponto no corpo a comprimia
que este quase estourava, pelo esforço
de cuspi-la nas ondas do mar fundo.
Brakenbury · E não vos despertou tanta agonia?
Clarence · Não; foi além da vida o sonho horrível.
Foi só então que teve início na alma,
de fato, a tempestade. Pareceu-me
ter passado a corrente melancólica
com o terrível arrais que os poetas cantam
e alcançado a região da noite eterna.
O primeiro a saudar a alma estrangeira
foi meu sogro eminente, o famoso Warwick,
que a gritar começou: "Qual o castigo
para o perjúrio que esta monarquia
sinistra inventar pode para o falso
Clarence?" Após falar, sumiu-se a sombra.
Depois veio outra, semelhante a um anjo,
de cabeleira clara, toda suja
de sangue coagulado, que em voz alta
começou de dizer: "Clarence veio,
Clarence o falso, o trânsfuga, o perjuro,
que me matou no campo de Tewksbury!
Prendei-o, Fúrias! A ele! Atormentai-o!"
Quis parecer-me, então, que um bando enorme
de demônios hediondos me cercavam,
gritando-me aos ouvidos tais horrores
que, com o barulho, despertei tremendo,
por algum tempo, ainda, acreditando

shakespearebrasileiro.org

que me achava no inferno, tão horrível
foi a impressão que me ficou do sonho.
BRAKENBURY · Não admira, milorde, que tivésseis
ficado horrorizado. Só de ouvir-vos,
me sinto dominado pelo medo.
CLARENCE · Oh Brakenbury, todas essas coisas
que ora me pesam na alma atribulada,
eu as fiz por amor tão-só de Eduardo.
E vede a recompensa! Oh Deus, se as minhas
orações mais sentidas forem fracas
para te comover, e se quiseres
castigar-me por todos esses crimes,
que em mim, somente, caia a tua cólera!
Poupa-me os filhos, poupa-me a consorte,
que não têm culpa alguma! Carcereiro,
suplico-te, não saias do meu lado;
tenho a alma carregada e estou com sono.
BRAKENBURY ·
Pois não, milorde. Deus vos dê bom sono.
(Clarence adormece.)
O cuidado transtorna as horas de ócio
e as próprias estações, mudando a noite
em manhã clara e em noite o meio-dia.
Os reis não têm mais glória do que o título,
honras externas por infindas dores.
Por imaginações, apenas ganham,
muitas vezes, um mundo de cuidados.
Seus altos nomes e os do povo, em nada
se distinguem, senão pela fachada.
(Entram os dois assassinos.)
PRIMEIRO ASSASSINO · Oh! Quem está aí?
BRAKENBURY · Oh camarada, que desejas? Como
conseguiste entrar?
PRIMEIRO ASSASSINO · Desejo falar com Clarence
e vim por minhas pernas.
BRAKENBURY · Assim! Tão lacônico!
SEGUNDO ASSASSINO ·
É melhor isso do que ser tedioso.
Mostra-lhe a nossa comissão, e pronto!
(Entregam um papel a Brakenbury, que o lê.)
BRAKENBURY · Esse papel me ordena de entregar-vos
em mãos o nobre Duque de Clarence.
Não desejo saber o que ele implica,
pois inocente quero conservar-me
quanto ao que ele sugere. Eis ali o duque;
está dormindo, e as chaves aqui as tendes.
Vou procurar o rei para dizer-lhe
que em vós eu resignei minhas funções.
PRIMEIRO ASSASSINO · Podeis ir, meu senhor;
mostrai com isso que sois sabido. Passai bem.
(Sai Brakenbury.)
SEGUNDO ASSASSINO · Como! Devemos apunhalá-
lo, enquanto está dormindo?
PRIMEIRO ASSASSINO · Não, que, ao despertar,
poderá dizer que procedemos como covardes.
SEGUNDO ASSASSINO · Ao despertar, louco! Ele só
vai despertar no dia do Juízo Final.
PRIMEIRO ASSASSINO · Pois é isso mesmo; então,
ele dirá que o apunhalamos durante o sono.
SEGUNDO ASSASSINO · A palavra "Juízo Final"
despertou dentro de mim uma espécie de remorso.
PRIMEIRO ASSASSINO · Como! Estás com medo?
SEGUNDO ASSASSINO · Não de matá-lo, porque
tenho autorização para isso; mas de ser condenado
às penas eternas por o ter feito, que disso não há
autorização que me livre.
PRIMEIRO ASSASSINO · Pensei que estivesses resolvido.
SEGUNDO ASSASSINO · Sim, estou resolvido a
deixá-lo viver.
PRIMEIRO ASSASSINO · Vou procurar de novo o
Duque de Gloster, para contar-lhe isso.
SEGUNDO ASSASSINO · Não, não; demora um
pouco; espero que desapareça logo esta minha
disposição pacífica. Em geral, essas coisas só duram
o tempo de a gente contar até vinte.
PRIMEIRO ASSASSINO · Como te sentes agora?
SEGUNDO ASSASSINO · Ainda percebo no meu
íntimo algumas borras e consciência.
PRIMEIRO ASSASSINO · Lembra-te da nossa
recompensa, depois de liquidado o caso.
SEGUNDO ASSASSINO · Com a breca! Vai morrer;
tinha-me esquecido da recompensa.
PRIMEIRO ASSASSINO · Onde se encontra agora a
tua consciência?
SEGUNDO ASSASSINO · Na bolsa do Duque de Gloster.
PRIMEIRO ASSASSINO · Desse jeito, quando ele
abrir a bolsa para nos dar a recompensa, a tua
consciência escapa.
SEGUNDO ASSASSINO · Não importa; que escape.
Pouca gente, ou mesmo ninguém cuidará dela.
PRIMEIRO ASSASSINO · E se voltar?
SEGUNDO ASSASSINO · Não me meterei com ela.
É uma coisa perigosa, a consciência; deixa a gente
covarde. Um indivíduo não pode roubar coisa

shakespearebrasileiro.org

alguma, sem que ela o acuse; não pode blasfemar,
sem que ela o contenha; não pode deitar-se com
a mulher do vizinho, sem que o denuncie: é um
espírito tímido e envergonhado, que promove revolta
no coração da gente e levanta obstáculos a toda hora.
De uma feita obrigou-me a restituir uma bolsa de
ouro que eu havia encontrado. Quem lhe dá guarida
vira mendigo; expulsam-na das cidades e dos burgos,
com coisa perigosa; e quem quer que deseje viver
bem, trata de confiar apenas em si próprio e de
passar sem ela.

Primeiro Assassino · Com os diabos! Sinto-a
neste momento aqui no cotovelo, a persuadir-me de
que não mate o duque.

Segundo Assassino · Firma no espírito o diabo e
não lhe dês crédito; o que ela deseja, insinuando-se-
te, desse modo, no ânimo, é que te ponhas a suspirar.

Primeiro Assassino · Não adianta; tenho uma
natureza forte; comigo ela não arranjará nada.

Segundo Assassino · Isso é que é fala de quem
presa a reputação própria. Como é, começamos o
trabalhinho?

Primeiro Assassino · Arruma-lhe uma pancada
no coco com o punho da espada, e depois o joga no
barril de malvasia que se acha no quarto vizinho.

Segundo Assassino · Ótimo conselho! Faremos
uma sopa dele.

Primeiro Assassino · Devagar! Está acordando.

Segundo Assassino · Dá logo a pancada!

Primeiro Assassino · Não; primeiro vamos
conversar com ele.

Clarence · Guarda, onde estás? Dá-me um copo
de vinho.

Primeiro Assassino · Não falta muito, milorde,
para terdes vinho à vontade.

Clarence · Em nome de Deus, quem és?

Primeiro Assassino · Um homem, como vós.

Clarence · Mas não sois como eu, de condição
real.

Primeiro Assassino · Nem vós sois como nós, de
condição leal.

Clarence · Tens a voz de trovão, mas o olhar é
humilde.

Primeiro Assassino · Neste momento a minha
voz é a do rei e o olhar é meu mesmo.

Clarence · Que fala escura, que mortais palavras!
Esses olhos me ameaçam. Que se passa
convosco? Por que estais assim tão pálido?
Quem vos mandou? Por que motivo viestes?

Ambos os Assassinos · Para... para...

Clarence · Para matar-me?

Ambos os Assassinos · Sim.

Clarence · Falta-vos ânimo
sequer para dizerdes o a que viestes;
não heis de tê-lo para pô-lo em prática.
Em que vos ofendi, caros amigos?

Primeiro Assassino ·
A nós, em nada; mas ao soberano.

Clarence · Farei as pazes com ele novamente.

Segundo Assassino ·
Jamais, milorde. É tempo: preparai-vos.

Clarence · Escolheram-vos entre tantos homens
para dardes a morte a um inocente?
Qual é o meu crime? Qual a testemunha
que me acusa? Quais foram os jurados
que se manifestaram legalmente
diante de um magistrado rigoroso?
Quem pronunciou o amargo veredicto
para a morte do mísero Clarence?
É cometer iniqüidade, à morte
me condenar sem ser a lei ouvida.
Eu vos suplico, pois, por vossa crença
na salvação obtida pelo sangue
de Cristo, derramado por nós todos,
que vos retireis logo, sem tocar-me.
É condenável o ato que intentastes.

Primeiro Assassino ·
O que vamos fazer é por mandado.

Segundo Assassino ·
Foi o rei que para isto nos deu ordens.

Clarence · Oh vassalos transviados e iludidos!
O grande Rei dos reis, na sua tábua
das leis expressamente vos ordena:
Não matarás! Quereis zombar agora,
de seu edito santo, para as ordens
obedecer de um homem? Sede cautos,
que nas mãos ele tem sempre o castigo,
para atirá-lo sobre os transgressores.

Segundo Assassino ·
E esse mesmo castigo ele te joga,
por teres sido criminoso e falso.
Tomaste o sacramento para a causa
defenderes da casa de Lencastre.

Primeiro Assassino ·
Como traidor, quebraste o juramento

shakespearebrasileiro.org

de Deus, e com essa lâmina traidora
ao filho de teu rei furaste as tripas.
Segundo Assassino · Que a defender te achavas obrigado
pelo teu juramento.
Primeiro Assassino · Como podes
ameaçar-nos, então, com a lei divina,
se a tal ponto perjuro te tornaste?
Clarence · Ah! Por quem cometi tantas vilezas?
Por meu irmão Eduardo. Não posso isso,
decerto, ele mandou que me matásseis,
que esse crime em nós dois pesa igualmente.
Se Deus quiser a falta castigar-me,
ficai sabendo, a pena será pública.
Não lhe tireis a causa da mão forte,
que ele não necessita de processos
indiretos ou contra as leis eternas
para o aniquilamento dos culpados.
Primeiro Assassino ·
Quem, pois te fez seu sanguinário agente,
quando mataste aquele meigo broto
que em beleza crescia, o bravo Príncipe
Plantageneta?
Clarence · O amor que então eu tinha
a meu irmão, o diabo e minha cólera.
Primeiro Assassino ·
Pois esse mesmo amor, teu próprio crime,
nosso dever é que ora nos instigam
a te tirar a vida.
Clarence · Se amor tendes
a meu irmão, não me odieis por isso.
Sou seu irmão e lhe dedico amor.
Se vos foi prometido recompensa,
voltai, que eu vos envio ao mano Gloster
que pela minha vida melhor paga
vos há dar do que pela notícia
da minha morte vos daria Eduardo.
Segundo Assassino ·
Nisso vos enganais: vosso irmão Gloster
vos odeia.
Clarence · Impossível! Ele me ama,
tem-me grande afeição. Ide falar-lhe.
Ambos os Assassinos ·
É o que faremos logo.
Clarence · Sim, dizei-lhe
que no dia em que o nosso real pai York
abençoou os três filhos com seu braço
vitorioso, incitando-nos a amarmo-nos
mutuamente, de leve não pensava
que essa amizade a se partir viesse.
Se relembrardes tudo isso a Gloster
ele há de chorar lágrimas sinceras.
Primeiro Assassino ·
Chorará, mas é pedra, tal como ele
nos ensinou.
Clarence · Oh! Não sejais injustos,
caluniando-o, pois Gloster é bondoso,
Primeiro Assassino · Certo,
como neve na ceifa. Tu te enganas;
ele é que nos mandou matar-te.
Clarence · Não pode ser! Nos braços apertou-me,
lastimando-me a sorte e, entre soluços,
jurou tudo fazer por libertar-me.
Primeiro Assassino ·
É o que ele ora pretende, libertando-vos
da servidão terrena, para dar-vos
as ditas celestiais.
Segundo Assassino · Reconciliai-vos
com Deus, milorde, que a hora está chegada.
Clarence · Abrigas na alma tão piedoso instinto
para me aconselhares desse modo,
e tão cego te mostras no que toca
à tua própria alma, que de Deus te afastas,
procurando matar-me? Oh, meus senhores,
considerai que quem vos deu tal cargo,
ódio vos votará depois do feito.
Segundo Assassino · Que faremos?
Clarence · Mostrai-vos compassivos,
para que a alma salveis.
Primeiro Assassino · Nós, compassivos?
Isto é para mulheres e maricas.
Clarence · Não revelar piedade é ser selvagem.
diabólico, bestial. Se fôsseis filho
de príncipe e, como eu, neste momento,
da bela luz privados vos achásseis,
qual de vós não pedira instantemente
que o deixassem com vida, se a visita
recebesse de feros assassinos?
Caro amigo, piedade tens nos olhos,
vejo-bem. Se esses olhos não são falsos,
vem pôr-te do meu lado e por mim fala,
como o farias caso te encontrasses
na minha situação. Como não há de
comover a um mendigo um real mendigo?

shakespearebrasileiro.org

Segundo Assassino · Milorde, olhas as costas.
Primeiro Assassino *(apunhalando-o)* · Tomai isto,
e isto também. No caso de ser pouco,
vos darei um barril de malvasia.
(Sai com o corpo.)
Segundo Assassino ·
Façanha sanguinária, despachada
desesperadamente. Desejara
lavar as mãos, também, como Pilatos,
deste horroroso e abominável crime.
(Volta o primeiro assassino.)
Primeiro Assassino ·
Em que estás a pensar, que não me ajudas?
O duque vai ficar a par de tudo;
dir-lhe-ei que amoleceste.
Segundo Assassino · Desejara
que soubesse que o irmão eu lhe salvara.
Fica com a recompensa e dize-lhe isso.
Sinto-me arrependido desta morte.
(Sai.)
Primeiro Assassino ·
Pois eu não me arrependo. Sai, covarde!
Moleirão! Vou tratar de pôr o corpo
nalgum buraco, até mandar o duque
ordens para que seja sepultado.
Recebido o dinheiro, caio fora,
que espalhar-se a notícia não demora.
(Sai.)

Ato II · Cena I

Londres. Um quarto no palácio.
Entram o Rei Eduardo, doente, a Rainha Elisabete, Dorset, Hastings, Buckingham e outros.

Rei Eduardo · Foi muito bem aproveitado o dia.
Vós, pares, continuar assim unidos.
A todo instante espero uma embaixada
do Redentor, que deste mundo me há de
redimir. Mais tranqüila vai alar-se
minha alma para o céu, depois que eu pude
firmar na terra a paz entre os amigos.
Apertai-vos as mãos, Hastings e Rivers;
sede francos, jurando amor sincero.
Rivers · Pelo céu, sinto que a alma está expungida
de qualquer sentimento rancoroso.
Selo com esta mão minha amizade.
Hastings · Por minha dita, o mesmo afirmo e juro.
Rei Eduardo · Tende cuidado, para não brincardes
com vosso rei; se não, o que é o supremo
Rei dos reis vos confunde a falsidade,
determinando que vos torneis ambos
o motivo da morte do contrário.
Hastings · Por minha dita, juro amor sincero.
Rivers · De todo coração, juro amar a Hastings.
Rei Eduardo · Não estás dispensada, cara esposa,
também, do compromisso; nem vós, Dorset,
nem vós, milorde Buckingham, que todos
tendes sido facciosos mutuamente.
Querida, amai Lorde Hastings; deixar que ele
vos beije a mão: haja lealdade em tudo.
Rainha Elisabete ·
Hastings, eis minha mão; já não me lembro
de nossas dissensões: assim eu venha,
com os meus, a ser feliz.
Rei Eduardo · Dorset, abraça-o;
Hastings, vê sempre amigo do marquês.
Dorset · Juro que estes protestos de amizade
serão de minha parte invioláveis.
Hastings · A mesma coisa eu juro.
(Abraçam-se.)
Rei Eduardo · Agora sela o pacto, nobre Buckingham,
abraçando os parentes da rainha,
para que essa união me deixe alegre.
Buckingham *(à rainha)* ·
Se contra Vossa Graça em algum tempo
virar seu ódio Buckingham, sem mostras
de respeitoso amor a vós e aos vossos,
Deus me puna com o ódio das pessoas
de quem maior amor eu esperasse.
Quando eu tiver necessidade extrema
de recorrer a algum dos meus amigos,
pondo sua amizade a toda a prova,
falso, vazio, traiçoeiro e pérfido
se revele ele então. É o que a Deus peço,
se a vós e aos vossos eu me mostrar frio.
(Abraçam-se.)

shakespearebrasileiro.org

REI EDUARDO · Teu juramento é um tônico, milorde,
para este coração tão combalido.
Só falta estar presente o mano Gloster
para que a paz tão grata arrematemos.
BUCKINGHAM ·
O nobre duque vem chegando a tempo.
(Entra Gloster.)
GLOSTER · Bom dia ao real casal, meus soberanos!
Nobres pares, a vós um feliz dia.
REI EDUARDO · Dia feliz, de fato, foi o de hoje.
Gloster, fizemos obra meritória:
mudamos em amor o ódio entranhável,
em paz a inimizade entre estes pares
que de ponta se achavam desde muito.
GLOSTER · Abençoado esforço, nobre príncipe.
Se neste grupo de pessoas nobres
há alguém que por suspeitas infundadas
ou falsa inteligência, como imigo
me considere;
se involuntariamente ou num momento
de cólera eu tivesse sido causa
de ofender qualquer um dos circunstantes:
reconciliar-me é meu desejo, agora,
com ele, em amizade e paz sinceras.
A inimizade é para mim a morte;
odeio-a; só desejo o bem de todos.
Começando por vós, nobre senhora,
reine paz entre nós, paz verdadeira,
que saberei comprar com meus respeitos.
Entre nós, igualmente, nobre primo
Buckingham, caso algum ressentimento
tenha achado acolhida em nosso peito;
Lorde Grey, Lorde Rivers, a ambos falo,
que sem causa me haveis franzido o cenho;
vós, também, Lorde Scales, Lorde Woodvile,
duques, condes, fidalgos, gentis-homens:
todos, em suma. O nome eu desejara
saber do inglês com vida a que minha alma
possa odiar com mais intensidade
do que a criança que hoje ao mundo viesse.
É a Deus, tão-só, que eu devo esta humildade.
RAINHA ELISABETE · O dia de hoje vai ficar sagrado.
Deus permita que todas as discórdias
havidas entre nós assim terminem.
Meu nobre soberano, a Vossa Alteza
suplico receber o irmão Clarence
de novo em vossa graça.
GLOSTER · Então, senhora,
ofereci-vos meu amor para isso,
para me ver, num círculo como este,
alvo de tanto escárnio? Quem não sabe,
quem não sabe que é morto o gentil duque?
(Todos revelam susto.)
Não ficam bem tais chufas ao cadáver.
REI EDUARDO ·
Quem não sabe que é morto o gentil duque?
Quem sabe que morreu?
RAINHA ELISABETE · Oh céu potente!
em que mundo vivemos?
BUCKINGHAM · Lorde Dorset,
eu me tornei tão branco quanto os outros?
DORSET · Sim, milorde; não há pessoa alguma
que o róseo das faces não fugisse.
REI EDUARDO · Clarence já não vive? Mas eu tinha
mandado retirar a ordem de morte.
GLOSTER · Sim, coitadinho, a vida a perder veio
por vossa primeira ordem terminante,
por um Mercúrio alado apresentada.
A contra-ordem decerto foi levada
por algum aleijado que só pôde
ver-lhe o sepultamento. Deus permita
que alguém, menos leal e menos nobre,
mais perto de sanguíneos pensamentos
do que do sangue real e que ainda isento
se encontre de suspeita, não proceda
com mais culpa do que o infeliz Clarence.
(Entra Stanley.)
STANLEY · Uma graça, senhor, por meus serviços!
REI EDUARDO ·
Deixa-me em paz; minha alma está de luto.
STANLEY · Não me levantarei, sem Vossa Alteza
me atender.
REI EDUARDO · Então dize o que pretendes.
STANLEY · O perdão para um servo que hoje a vida
tirou de um gentil-homem turbulento
até há pouco, do séquito de Norfolk.
REI EDUARDO · Então eu tive língua para a vida
tirar a meu irmão e terei língua
para não condenar um vil escravo?
Meu irmão não matou; o seu delito
único foi pensar; no entanto teve
como castigo a inexorável morte.
Quem por ele pediu? Quem, no mais forte
de minha cólera, se pôs de joelhos
para me concitar à reflexão?

shakespearebrasileiro.org

Quem me falou de amor? Quem, de amizade
fraternal, e me fez então lembrado
do momento em que aquela alma inocente
por mim deixara o incontrastável Warwick?
Quem me contou como ele, na batalha
de Tewksbury viera em meu socorro,
e disse: "Caro irmão, vive e sê rei!"
Quem me trouxe à memória o dia em que ambos,
enregelados e sem vida, quase,
no campo de batalha, ele envolveu-me
nas suas próprias vestes, entregando-se,
franzino e nu à noite entorpecente?
Tudo isso, uma brutal e feroz cólera
já me havia tirado da memória
por modo criminoso, sem que houvesse
tido nenhum de vós a caridade
de me fazer lembrado. Mas no instante
em que um carreiro, ou um dos vossos criados,
pratica um crime, por haver bebido,
desfigurando a efígie inestimável
do nosso Redentor, sem mais delongas
sabeis dizer: Perdão! Perdão! de joelhos,
sendo preciso, contra o sentimento
da justiça, que eu ceda! Por meu mano
ninguém me disse uma palavra, ao menos,
nem eu próprio falei comigo mesmo
a favor do coitado. Ingrato! Ingrato!
Os mais altivos dentre vós devíeis-lhe
obrigações; no entanto, nenhum veio
interceder por ele. Oh Deus, receio
que, por isso, recaia o teu castigo
sobre mim, sobre os meus, sobre vós todos.
Hastings, vamos daqui, Pobre Clarence!

(Saem o Rei Eduardo, a rainha, Hastings, Rivers, Dorset e Grey.)

Gloster · É a precipitação que faz tudo isso.
Vistes como os parentes da rainha
pálidos se tornaram, ao saberem
que Clarence morrera? Oh! não cessavam
de espicaçar o rei para isso mesmo.
Mas Deus guarda o castigo. Vamos, lordes,
levar ao mano Eduardo algum conforto.
Buckingham · Estamos ao dispor de Vossa Graça.

(Saem.)

Ato II · Cena II

O mesmo. Um quarto no palácio.
Entra a Duquesa de York com o filho e a filha de Clarence.

Filho · Dize-nos, boa avó: papai morreu?
Duquesa · Não, meu filho.
Filha · Então por que fazeis assim com as mãos
e no peito bateis a todo instante,
repetindo: Oh Clarence, infeliz filho!
Filho · Por que nos contemplais dessa maneira,
sacudindo a cabeça, e de infelizes
nos chamais, órfãos, míseros, largados,
se o nosso nobre pai ainda está vivo?
Duquesa · Estais equivocados, meus netinhos;
choro a doença do rei, não choro a morte
de vosso pai; perdida fora a mágoa
despendida por quem já está perdido.
Filho · Então, avó, concluís que ele está morto.
É o rei meu tio o causador de tudo.
Deus lhe reserva o merecido prêmio.
Para isso hei de assaltá-lo diariamente
com minhas orações.
Filha · Farei o mesmo.
Duquesa · Quietinhos, filhos; não faleis assim.
O rei vos tem amor. Meus inocentes,
não podeis suspeitar quem fosse a causa
de ter vosso bom pai perdido a vida.
Filho · Podemos, avozinha; que o bondoso
tio Gloster nos pôs a par de tudo,
contando como o rei fora levado
pela esposa a inventar falsos motivos
de o encerrar na prisão. Ao contar isso,
nosso tio chorava, lastimando-nos,
e o rosto me beijou, sem que cessasse
de dizer que eu podia confiar nele
como num pai, porque ele me haveria
de estimar como a seu querido filho.
Duquesa · Como pode assumir a falsidade
forma tão delicada, o vício imundo
dissimulando com feições virtuosas?

shakespearebrasileiro.org

É meu filho, de fato, e o meu opróbrio;
mas não bebeu, decerto, a hipocrisia
no leite destes peitos.
Filho · A avozinha
pensa que nosso tio está fingindo?
Duquesa · Sim, meu filho.
Filho · Não posso crer. Mas que barulho é esse?
(Entra a Rainha Elisabete, fora de si; Rivers e Dorset a seguem.)
Rainha Elisabete ·
Oh! Quem me impedirá de lastimar-me,
de gemer, de acusar a sorte ingrata?
Lanço contra minha alma o desespero,
para imiga tornar-me de mim própria.
Duquesa · A que vem a selvagem impaciência?
Rainha Elisabete · Para um ato de trágica violência.
Eduardo, meu senhor, teu filho, nosso
soberano, morreu! Por que florirem
os galhos, quando o tronco já está seco?
Por que as folhas não murcham, por carência
de seiva? Se quereis viver, chorai;
se morrer, sede breve, porque possam
nossas almas aladas e velozes
alcançar a do rei, ou, como súditos
obedientes, ficar ao lado dele
no novo reino do repouso eterno.
Duquesa · Tomo tanto interesse por tua mágoa
quanto direito eu tinha em teu marido.
Chorei a morte de um consorte digno,
tendo passado a vida tão-somente
a contemplar seus vívidos rebentos.
Mas dois espelhos de seus nobres traços
foram quebrados pela dura morte,
só me tendo ficado por consolo
um vidro enganador que me tortura,
quando nele contemplo o meu opróbrio.
Ficaste viúva, mas és mãe ainda
com o consolo dos filhos. Mas a morte
dos braços me arrancou o caro esposo,
para, logo depois, duas muletas
dos membros me tomar: Clarence e Eduardo.
Oh! Como tenho causa suficiente —
não sendo a tua dor senão metade
de todo o meu sofrer — para com as minhas
lamentações sobrepujar as tuas!
Filho · É isso, tia; a morte não chorastes
do nosso pai; por que, com nossas lágrimas
infantis ajudar-vos neste transe?
Filha · Sem lágrimas ficou nossa orfandade;
fique vossa viuvez também sem prantos.
Rainha Elisabete ·
Ajuda não vos peço na tristeza
que estéril eu não sou para queixar-me.
Sinto nos olhos concentrados todos
os cursos d'água, porque a lua
úmida me governe e eu possa lágrimas
sem conta derramar que o mundo afoguem.
Meu caro esposo, caro Lorde Eduardo!
Filhos · Caro Lorde Clarence, pai querido!
Duquesa ·
Choro a perda dos dois, Clarence e Eduardo.
Rainha Elisabete ·
Eduardo, o meu arrimo, já não vive!
Filhos · Clarence, nosso arrimo, já não vive!
Duquesa ·
Ambos, meus dois arrimos, já não vivem!
Rainha Elisabete ·
Jamais sofreu viúva tão cruel perda.
Filhos · Jamais filhos sofreram tão cruel perda.
Duquesa · Não sofreu mãe alguma tão cruel perda.
Ai de mim! Sou a mãe desses queixumes.
Dividido é o sofrer de cada um deles;
somente o meu é inteiro. Ela lastima
a morte de um Eduardo: o mesmo eu faço.
Mas, como eu, por Clarence ela não chora.
Os meninos a morte de Clarence
lastimam, como o faço; mas não choram
a de Eduardo, como eu. Ah! desgraçada
três vezes! Sobre mim é que recaem
todas as vossas lágrimas; sou a ama
de vossa dor conjunta; vou deixá-la
saciada e farta só com meus soluços.
Dorset · Boa mãe, acalmai-vos! Deus se zanga
por terdes recebido desse modo
quanto ele decidiu. No baixo mundo
se chama ingratidão pagar a dívida
com mostras de desgosto, quando fora
concedida por mão bondosa e franca.
Muito mais grave é contra o céu virardes,
quando ele pede contas da real dívida
que com ele fizéreis neste mundo.
Rivers · Minha senhora, com mãe cuidosa
pensai no vosso filho, o moço príncipe.
Mandai buscá-lo para ser coroado.

shakespearebrasileiro.org

Ele é o vosso consolo neste transe.
Enterrai vossa dor na sepultura
do morto Eduardo, e vossas alegrias
no trono colocai do vivo Eduardo.
(Entram Gloster, Buckingham, Stanley, Hastings, Ratcliff e outros.)

Gloster · Calma, irmã! Todos nós temos motivos
de lastimar o triste apagamento
do nosso brilhante astro. Mas tristezas
não se curam com lágrimas. Suplico-vos
que me perdoeis, minha bondosa mãe;
mas eu não tinha visto Vossa Graça.
De joelho, humilde, peço a vossa bênção.

Duquesa · Deus te abençoe e ponha-te no peito
brandura, caridade, obediência,
fidelidade e amor.

Gloster · Amém.
(À parte) · E me faça morrer depois de velho.
Eis como a bênção de uma mãe termina.
Não sei porque Sua Graça esqueceu isso.

Buckingham · Príncipes enublados, pares tristes,
que o comum fardo suportais das dores:
em vosso amor recíproco alegrai-vos.
Conquanto esteja gasta toda a ceifa
do nosso soberano, ainda nos resta
colher os frutos que promete o filho.
A discórdia de há pouco, abandonada
por vossos corações intumescidos,
já agora transformada no contrário,
deve ser preservada com carinho.
Parece-me que fora conveniente
sem demora mandar trazer de Ludlow
o príncipe, com séquito pequeno,
para ser logo coroado em Londres.

Rivers ·
Por que com pouca gente, Lorde Buckingham?

Buckingham · Ora, milorde, para que as feridas
do ódio, há pouco fechadas, não se reabram
ante um grande cortejo, o que seria
tanto mais perigoso, por achar-se
nosso Estado ainda novo e sem governo.
Quando os cavalos correm desenfreados,
tomando a direção que bem entendem,
não só o perigo, mas o medo dele,
é o que penso, precisam ser banidos.

Gloster · Penso que o rei fez paz com todos nós.
Do meu lado a promessa é leal e firme.

Rivers · Do meu também e, quero crer, de todos.
Mas, sendo nova a paz, é conveniente
protegê-la do risco de partir-se
por excesso de gente. Eis porque faço
meu, também, o pensar do nobre Buckingham,
de que deve constar de poucos membros
a comissão que for buscar o príncipe.

Hastings · É o que penso, também.

Gloster · Então, que seja assim. E ora nomeemos
os que vão ser enviados para Ludlow.
Querida mãe, e vós, minha senhora,
não quereis dar vossa opinião valiosa
sobre assunto de tanta relevância?
(Saem todos, com exceção de Buckingham e de Gloster.)

Buckingham ·
Pouco importam, milorde, os escolhidos;
mas, por amor de Deus, não nos excluamos.
Hei de encontrar ensejo, no caminho,
para início do assunto combinado:
razões para afastar o jovem príncipe
da orgulhosa família da rainha.

Gloster · Oh tu, meu outro eu, meu consistório,
querido primo, meu profeta e oráculo!
Seguirei, como criança, os teus conselhos.
Não ficaremos; vamos para Ludlow.
(Saem.)

Ato II · Cena III

O mesmo. Uma rua.
Entram dois cidadãos por lados diferentes.

Primeiro Cidadão ·
Bom dia, amigo; por que tanta pressa?

Segundo Cidadão ·
Nem eu sei mesmo a causa; é o que vos digo.
Acaso sabes a última notícia?

Primeiro Cidadão ·
Já sei: o rei morreu.

Segundo Cidadão · Pior é impossível,
pelo céu! Coisa boa ninguém conta.
O mundo vai virar de catrapus.
(Entra o terceiro cidadão.)

shakespearebrasileiro.org

TERCEIRO CIDADÃO · Vizinhos, Deus vos guarde!
PRIMEIRO CIDADÃO · E vos conceda muito bom dia.
TERCEIRO CIDADÃO · Sabereis, acaso: confirmou-se a notícia do trespasse do nosso Rei Eduardo?
SEGUNDO CIDADÃO · É certo, amigo; foi confirmada. Deus nos seja plácido.
TERCEIRO CIDADÃO · Aguardai, pois, um mundo tempestuoso.
PRIMEIRO CIDADÃO · Não, pelo céu! Vai para o trono o herdeiro.
TERCEIRO CIDADÃO · Ai do país em que uma criança reina!
SEGUNDO CIDADÃO · Há esperanças de termos bom governo, pois enquanto for criança, o seu conselho governará por ele, e, quando adulto, tomará a direção da causa pública. Fará um bom governo, não há dúvida.
PRIMEIRO CIDADÃO · Era essa a situação do Estado, quando em Paris foi coroado Henrique VI, com apenas nove meses.
TERCEIRO CIDADÃO · Era idêntica a situação do Estado? Não, amigos, só Deus o sabe; pois naqueles tempos se orgulhava o país de ter um grave conselho de políticos, e tios virtuosos ao monarca não faltavam, para amparar o rei.
PRIMEIRO CIDADÃO · Ora, isso mesmo possui o nosso, agora, e dos dois lados, do pai, como da mãe.
TERCEIRO CIDADÃO · Melhor lhe fora ter só tios paternos, ou de todo carecer desses tios, que o problema de quem do trono ficará mais próximo vai nos tocar de perto, se Deus grande não nos desviar o mal. Oh, como o Duque de Gloster é daninho! Como os filhos e os irmãos da rainha são soberbos e intoleráveis! Se mandados fossem todos eles, em vez de governarem, nossa terra achacada melhorara.
PRIMEIRO CIDADÃO · É muito pessimismo! Ainda há esperança.
TERCEIRO CIDADÃO · Quando as nuvens se adensam, as pessoas sensatas põem capa; quando as folhas começam de cair, o inverno é próximo; quem não espera pela noite, quando se deita o sol no ocaso? Tempestades fora de tempo são sinal de ruína, de colheita estragada. É bem possível que tudo venha a acabar bem; mas caso Deus assim determine, é mais, sem dúvida, do que nós merecemos e eu espero.
SEGUNDO CIDADÃO · De fato. O coração dos homens se acha cheio de inquietações. Não é possível conversar com ninguém sem que possamos ler-lhe nos olhos o que na alma sente.
TERCEIRO CIDADÃO · Isso acontece sempre que há mudança. Por instinto divino, o entendimento do homem sente o perigo, tal como a água que cresce antes de grande tempestade. Mas Deus cuidará disso. Para onde ides?
SEGUNDO CIDADÃO · Fomos chamados pelo juiz.
TERCEIRO CIDADÃO · O mesmo se dá comigo; assim, iremos juntos.

(Saem.)

Ato II · Cena IV

O mesmo. Um quarto no palácio.
Entram o Arcebispo de York, o jovem Duque de York, a Rainha Elisabete e a Duquesa de York.

ARCEBISPO · Ouvi dizer que eles dormiram ontem em Northampton e que hoje à noite dormem em Stony-Stratford. É certo, pois, chegarem amanhã ou depois.
DUQUESA · Estou ansiosa por ver de novo o príncipe. Desde a última vez que o vi deve ter crescido muito.
RAINHA ELISABETE · Dizem que não; pretendem que meu filho York o alcançou.
YORK · É certo, mãe; contudo, preferia não ter crescido tanto.

shakespearebrasileiro.org

Duquesa · Por quê, primo? Crescer é sempre bom.
York · Uma noite, avozinha, quando ceávamos,
meu tio Rivers disse que eu crescia
mais depressa que o mano. "Sim", meu tio
Gloster lhe respondeu, "erva pequena
tem graça; o joio só produz desgraça".
Desde aí não me agrada o crescimento,
que as flores perfumadas são morosas
e o joio e as outras pragas correm muito.
Duquesa · É certo; mas o dito não se aplica
à pessoa que fez esse reparo.
Dava dó contemplá-lo quando criança.
Crescia devagar e retardado.
Pela regra, devera ser gracioso.
Arcebispo · O que, em verdade, ele é, graciosa dama.
Duquesa · Penso que sim. Contudo, as mães
duvidam.
York · Por minha fé, tivesse eu me lembrado,
poderia ter feito uma pilhéria
com meu gracioso tio, que saísse
muito mais acertada do que a dele.
Duquesa · Qual seria ela? Dize-a, jovem York.
York · Consta que o crescimento de meu tio
tão depressa se deu, que após duas horas
do nascimento ele morder podia
uma côdea de pão, ao passo que eu
levei dois anos para ter um dente.
A graça morderia, não, avó?
Duquesa · Quem foi que te disse isso, gentil York?
York · Ora, avó, a ama dele.
Duquesa · A ama dele? Impossível, que morrera
antes de tu nasceres.
York · Nesse caso,
não sei dizer de quem soube tal coisa.
Rainha Elisabete ·
Menino espirituoso! É muito fino.
Arcebispo · Não se zangue com ele Vossa Graça.
Rainha Elisabete · Têm ouvido as paredes.

(Entra um mensageiro.)

Arcebispo · Um mensageiro! Que notícias trazes?
Mensageiro · De tal monta, milorde, que me sinto
sem saber como vo-las anuncie.
Rainha Elisabete ·
Como ficou o príncipe?
Mensageiro · Senhora,
ficou bem de saúde.
Duquesa · Quais as novas,
afinal?
Mensageiro · Lorde Grey e Lorde Rivers
se acham presos em Pomfret e, com eles,
Sir Tomás Vaughan.
Duquesa · Quem deu essa ordem?
Mensageiro ·
Os grandes Duques Buckingham e Gloster.
Arcebispo · Que crimes cometeram?
Mensageiro · Já vos disse
tudo quanto sabia a esse respeito.
Quanto às razões de terem sido presos
os nobres, meu senhor, não sei de nada.
Rainha Elisabete ·
Ai de mim! Vejo a minha casa em ruínas!
O tigre já apanhou a corça tímida.
Começou a injuriosa tirania
a atacar o inocente e fraco trono.
Sejam bem-vindos, pois, a morte e o crime,
bem-vinda a destruição! Como num mapa,
já vejo desenhado o fim de tudo.
Duquesa · Malditos dias de agitadas lutas
que tantas vezes estes olhos viram!
No afã de obter o trono, o meu marido
perdeu a vida; com variável sorte,
meus filhos se têm visto sacudidos
para meu gáudio e minha dor, conforme
perdessem tudo, ou tudo conquistassem.
Depois de tudo ganho, quando a rixas
domésticas já estavam removidas,
eles mesmos, os próprios vencedores,
a guerrear uns aos outros começaram:
irmão com irmão, sangue com sangue, todos
contra si mesmos. Oh inaudito ultraje,
fúria insensata, esse rancor aplaca,
ou me deixa morrer para que ao menos
contemplar eu não possa a cruel morte!
Rainha Elisabete ·
Vamos, meu filho, procurar abrigo
nalgum lugar sagrado. Adeus, senhora.
Duquesa · Esperai um momento; irei convosco.
Rainha Elisabete · Não tendes causa.
Arcebispo *(à rainha)* · Não fiqueis, senhora;
levai vosso tesouro e vossos bens.
Por minha parte, o selo ora deponho
nas mãos de Vossa Graça. Só desejo
que o céu me trate sempre com carinho
tal qual o meu para convosco e os vossos.
Vamos; levar-vos-ei para o santuário.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena I

O mesmo. Uma rua.
Clarins. Entram o Príncipe de Gales, Gloster, Buckingham, Catesby, o Cardeal Bourchier e outros.

BUCKINGHAM · Sede bem-vindo a Londres, vossa câmara, meu doce príncipe.
GLOSTER · Bem-vindo, primo, rei dos meus pensamentos. Estou vendo que a viagem vos deixou cansado e triste.
PRÍNCIPE · Não, tio; os desagrados muito próprios da viagem a fizeram cansativa, carregada e enfadonha. Desejara ver, à minha chegada, os outros tios.
GLOSTER · Meu doce príncipe, a virtude pura de vossos anos não sondou ainda toda a maldade deste baixo mundo. Só distinguis os homens pelas formas exteriores, que muito raramente, Deus o sabe, ou jamais, estão acordes com o coração. Os tios que acabastes de reclamar vos eram perigosos. Vossa Graça escutava os seus dizeres açucarados, mas não atendia ao veneno que no íntimo eles trazem. Deus vos proteja dos amigos falsos.
PRÍNCIPE · Deus me proteja dos amigos falsos! Mas falso nenhum deles me parece.
GLOSTER · Eis, milorde, o prefeito da cidade; vem vos cumprimentar.

(Entra o prefeito de Londres, com séquito.)

PREFEITO · Deus abençoe Vossa Graça e vos dê muita alegria.
PRÍNCIPE · Muito obrigado; a todos agradeço. Pensei que minha mãe e meu mano York nos desejassem ver ainda em caminho. Oh! Como Hastings se mostra preguiçoso, que não nos vem contar onde eles se acham!

(Entra Hastings.)

BUCKINGHAM · Eis que chega, a suar, o nosso lorde.
PRÍNCIPE · Bem-vindo, milorde Hastings. Que notícias trazeis de nossa mãe? Não virá ver-nos?
HASTINGS · Só Deus sabe o motivo verdadeiro; vossa mãe a rainha e, junto com ela, vosso mano York o amparo procuraram de um lugar inviolável. Desejara vir saudar Vossa Graça o doce príncipe; mas sua mãe o dissuadiu do intento.
BUCKINGHAM · Que ato pueril e impertinente o deles! Lorde Cardeal, apraz a Vossa Graça convencer a rainha de enviar logo o Duque de York ao príncipe seu mano? Ide também, Lorde Hastings, arrancai-o dos ciumentos braços da rainha, caso infensa ao pedido ela se mostre.
CARDEAL · Se minha débil eloqüência, caro milorde Buckingham, tiver prestígio para tirar à mãe o Duque de York, contai com ele aqui dentro de pouco. Mas se às minhas palavras a rainha se mostrar obstinada, Deus não queira que eu violar possa o privilégio sacro de um santuário abençoado. Não me torno passível de um pecado tão monstruoso nem por toda a Inglaterra.
BUCKINGHAM · Sois demasiadamente escrupuloso, milorde, muito cheio de pontinhos tradicionais, de cerimônias fúteis. Deveis pesar as coisas tendo em conta nosso tempo grosseiro. Apoderando-vos do duque, não violais nenhum santuário. A Igreja só concede tal vantagem a quem dela faz jus por seus princípios normativos, ou a quem revela senso para pedir o necessário amparo. Ora, não tendo o duque merecido tal proteção, nem a ela recorrido — este é o meu parecer — não pode tê-la. Retirando-o, portanto, do santuário,

shakespearebrasileiro.org

que para ele o não é, não violais carta
de liberdade alguma ou privilégio.
De homens já ouvi falar que se acolheram
a lugares sagrados, não de crianças.
CARDEAL · Vossas razões, milorde, me convencem.
Não quereis ir comigo, milorde Hastings?
HASTINGS · Pois não, milorde.
PRÍNCIPE ·
Fazei, bons lordes, toda a diligência
possível.
(Saem o Cardeal Bourchier e Hastings,)
Tio Gloster, quando o mano
chegar, onde ficamos até o dia
de nossa coroação?
GLOSTER · Onde do agrado
for de Vossa Grandeza. Mas no caso
de me ser permitido dar conselhos,
um dia ou dois vossa real pessoa
repousará na Torre; com mais calma,
depois, escolhereis o melhor ponto
para a saúde e, assim, para recreio.
PRÍNCIPE · De todos os lugares, o que menos
me agrada é a Torre. Não foi Júlio César
que a construiu, milorde?
BUCKINGHAM · Sim, gracioso
senhor; foi ele que lhe deu início;
mas as idades sucessivas foram
as que a reedificaram.
PRÍNCIPE · Essa notícia
consta da história, ou tudo é simples lenda
que através das idades nos vem vindo?
BUCKINGHAM ·
Consta da história, meu gracioso lorde.
PRÍNCIPE · Mas embora, milorde, essa notícia
não tivesse ficado registrada,
quero crer que a verdade passaria
de um século para outro, como se ela,
desse modo, ficasse dividida
pela posteridade, até que fosse
chegado o último dia.
GLOSTER *(à parte)* · Todos dizem
que as crianças precoces vivem pouco.
PRÍNCIPE ·
Tio, que estais dizendo?
GLOSTER · Que ainda mesmo
sem o auxílio da escrita, a fama vive
por muito tempo. *(À parte.)* Assim, como no teatro
discorre a Hipocrisia, eu moralizo
com termos dúbios.
PRÍNCIPE · Esse Júlio César
foi um grande homem. Seu valor deu brilho
ao próprio gênio, e o gênio emprestou vida
sempiterna a seus feitos valorosos.
Não pôde conquistar a Morte o grande
conquistador, que embora já não viva,
ainda vive na fama. Desejara
dizer-vos uma coisa, primo Buckingham...
BUCKINGHAM · Quê, meu gracioso lorde?
PRÍNCIPE · Se eu tiver vida até me tornar homem,
hei de reconquistar nossos direitos
sobre a França, ou morrer como soldado,
depois de ter vivido como rei.
GLOSTER *(à parte)* ·
Primavera precoce vem, de regra,
depois de verão curto.
(Entram York, Hastings e o Cardeal Bourchier.)
BUCKINGHAM · O Duque de York
chega a tempo.
PRÍNCIPE · Ricardo de York, como
se sente o amado irmão?
YORK · Bem, tremendíssimo
senhor, que é assim que eu devo ora chamar-vos.
PRÍNCIPE ·
Sim, mano; ao meu mau grado, como ao vosso.
Morreu de pouco o dono desse título
que muita majestade a perder veio.
GLOSTER · Como se sente o nobre Lorde de York,
nosso primo?
YORK · Obrigado, gentil tio.
Oh milorde, dissestes que erva inútil
cresce depressa. O príncipe, meu mano,
já me passou de muito em crescimento.
GLOSTER · É verdade, milorde.
YORK · É, pois, inútil?
GLOSTER · Oh, belo primo, não direi tal coisa.
YORK · Ele vos é obrigado mais do que eu.
GLOSTER · Como rei, ele pode me dar ordens;
mas vós em mim mandais como parente.
YORK · Tio, podereis dar-me esse punhal?
GLOSTER · De todo coração, pequeno primo.
PRÍNCIPE · Que é isso, mano! És um pedinte, acaso?
YORK · Do meu bom tio; nada ele me nega.
Mormente coisa pouca ele não nega.
GLOSTER · Mas valioso presente eu vos daria.

shakespearebrasileiro.org

York · Mais valioso? Dar-me-eis também a espada?
Gloster · Sim, poderia dar-vo-la, se fosse
leve bastante para a carregardes.
York · Oh! Já sei! Só me dais presentes leves.
Em coisas de mais peso dizeis "não".
Gloster · O peso é muito para Vossa Graça.
York · Fosse ela mais pesada, eu a levara
facilmente.
Gloster · Quereis, pequeno lorde,
ficar com a minha espada?
York · Sim, que, em paga,
eu agradecimentos vos daria
de acordo como trato que me derdes.
Gloster · Como?
York · Pequeno.
Príncipe · Tem gênio brincalhão milorde de York.
Vossa Graça, meu tio, sabe o jeito
de suportá-lo.
York · Sim, de carregar-me,
que é o que quereis dizer, não, suportar-me.
O mano, tio, zomba de nós ambos.
Por eu ser quase, quase um macaquinho,
ele diz que deveis levar-me ao ombro.
Buckingham · Com que espírito afiado ele responde!
Para atenuar o modo zombeteiro
com que se ri do tio, ele a si próprio
com jeito e graça atira alguns remoques.
É admirável: tão moço e tão astuto.
Gloster · Não vos agrada prosseguir, milorde?
eu e o primo de Buckingham iremos
procurar vossa mãe para pedir-lhe
que vá à Torre vos dar as boas-vindas.
York · Como, milorde! Ireis ficar na Torre?
Príncipe · Milorde protetor acha que o devo.
York · Não dormiria lá tranqüilamente.
Gloster · Por que razão? De que teríeis medo?
York · Ora, decerto da alma enraivecida
de meu tio Clarence. A avó me disse
que ele fora na Torre assassinado.
Príncipe · Não tenho medo dos meus tios mortos.
Gloster · Nem dos vivos, espero.
Príncipe · Não preciso
ter medo deles, se estão vivos, creio.
Mas sigamos, milorde; é preocupado,
por pensar neles, que na Torre eu entro.

(Clarins. Saem todos, com exceção de Gloster, Buckingham e Catesby.)

Buckingham ·
Milorde, não pensais que esse pequeno
tagarela haja sido orientado
por sua sutil mãe, para tratar-vos
por modo tão grosseiro e oprobrioso?
Gloster · Sem dúvida, sem dúvida. É um menino
falador, vivo, ousado, inteligente,
precoce e muito fino: é a mãe em tudo,
de cabeça até aos pés.
Buckingham · Mas não falemos
mais nisso. Catesby, vem para perto,
Juraste que serias tão zeloso
na execução de quanto pretendemos,
como discreto sobre o que dissermos.
Em caminho já ouviste os argumentos.
Qual é tua opinião: não te parece
fácil ganharmos William Lorde Hastings
para o nosso projeto de instalarmos
o nobre duque no real assento
desta ilha tão famosa?
Catesby · Ele dedica
tanta afeição ao príncipe, por causa
do rei defunto, que não se deixara
conquistar para lhe ir de encontro em nada.
Buckingham · E de Stanley, que pensas? Cederá?
Catesby · Esse fará em tudo tal qual Hastings.
Buckingham · Bem; então, somente isto: vai, amável
Catesby, ver, por alto, o que Lorde Hastings
pensa do nosso plano e lhe transmite
nosso convite para ir à Torre,
amanhã, fazer parte do conselho
em que se vai tratar da coroação.
Se o achares acessível, encoraja-o
e expõe nossos motivos. Mas no caso
de se mostrar com má vontade, frio,
pesado como chumbo, faze o mesmo:
corta logo a conversa e vem contar-nos
o que achaste de suas preferências.
Amanhã reuniremos dois conselhos
diferentes, estando reservado
para ti, em tudo isso, um grande posto.
Gloster · Recomenda-me a Lorde William e dize-lhe
que à velha malta de seus perigosos
adversários sangria será feita
no Castelo de Pomfret, amanhã.
Em regozijo dessas boas novas,
recomenda a milorde que dê um beijo
a mais em Mistress Shore.

shakespearebrasileiro.org

Buckingham · Desincumbe-te,
Catesby, de tudo com prudência.
Catesby ·
Quanto em mim estiver, meus bons senhores.
Gloster · Antes de nos deitarmos, ouviremos
falar de vós, milorde?
Catesby · Sim, milorde.
Gloster · Em Crosby-place podereis achar-nos.
(Sai Catesby.)
Buckingham · Ora dizei, milorde: que faremos
no caso de observarmos que Lorde Hastings
se recusa a ficar do nosso lado?
Gloster · Será decapitado; alguma coisa
precisamos fazer. E agora me ouve:
quando eu for rei, reclama-me o condado
de Hereford, juntamente com os bens móveis
que eram do rei meu mano.
Buckingham · Hei de, sem falta,
lembrar essa promessa a Vossa Graça.
Gloster · Com o máximo prazer será cumprida.
Vamos jantar; já é hora. Depois disso,
cuidemos de dar forma aos nossos planos.
(Saem.)

Ato III · Cena II

O mesmo. Diante da casa de Lorde Hastings.
Entra um mensageiro.

Mensageiro *(batendo)* · Milorde! Milorde!
Hastings *(dentro)* · Quem bate?
Mensageiro · Alguém da parte de Lorde Stanley.
Hastings · Que horas são?
Mensageiro · Quatro horas já batidas.
(Entra Hastings.)
Hastings · Não poderá dormir milorde Stanley,
nesta noite tediosa?
Mensageiro · Assim parece,
pelo que tenho a vos dizer. Primeiro,
ele se recomenda a Vossa Graça.
Hastings · Bem; e depois?
Mensageiro · Depois, vos comunica
que esta noite sonhou que o javali
o elmo lhe derrubou. Mais; dois conselhos
vão se reunir, diz ele, e que é possível
num deles se resolva o que para ambos,
ele e vós, seja causa de desgosto
por não estardes nele. Esse o motivo
de perguntar a Vossa Senhoria
se a cavalo quereis montar com ele,
já já, e a toda pressa galopar
na direção do norte, por fugirdes
dos perigos que na alma ele pressente.
Hastings · Amigo, volta para o teu senhor;
dize-lhe que não tema os dois conselhos:
num estou eu e Sua Honra; no outro.
Catesby se acha, meu prezado amigo,
nada podendo acontecer neste último
que nos toque de perto, sem que logo
não venha eu a saber. Os seus receios,
dize-lhe, são risíveis, não têm base.
Quanto ao sonho, causou-me admiração
vê-lo insensato a ponto de dar crédito
às zombarias de um dormir inquieto.
Fugir do javali, sem que por ele
vistos ainda estivéssemos, é o mesmo
que espicaçá-lo a vir em nosso encalço,
e obrigá-lo a caçar contra a vontade.
Vai; dize ao teu senhor que me procure;
juntos à Torre iremos, onde logo
se certificará do tratamento
carinhoso que a fera nos vai dar.
Mensageiro · Irei, milorde, e lhe direi tudo isso.
(Sai)
(Entra Catesby.)
Catesby · Muitos bons dias ao meu nobre lorde!
Hastings · Bom dia, Catesby; acordaste cedo.
Que é que há em nosso vacilante estado?
Catesby · É certo, nobre lorde, o mundo oscila;
sendo eu de parecer que ele só pode
ficar firme de novo se Ricardo
vier a usar a guirlanda da Inglaterra.
Hastings ·
Como! Usar a guirlanda? Com isso queres
referir-te à coroa?
Catesby · Sim, milorde.
Hastings · Dos ombros cortar-me-ão esta coroa,

shakespearebrasileiro.org

antes, decerto, que a coroa eu veja
tão vergonhosamente colocada.
Pensas que ele, realmente, aspira ao trono?
Catesby · Por minha vida, sim, estando certo
de à testa vos achar de seu partido,
para poder obtê-lo. A esse respeito,
manda-vos a notícia alvissareira
de que hoje mesmo vossos inimigos,
os parentes e adeptos da rainha
hão de morrer em Pomfret.
Hastings · Tal notícia
não me arranca lamentos, que eles todos
sempre adversos me foram. Mas dar voto —
meu voto! — aos partidários de Ricardo,
com prejuízo patente dos legítimos
herdeiros do meu mestre! Deus o sabe,
jamais farei tal coisa, embora morra.
Catesby · Que Deus conserve Vossa Senhoria
com tão gracioso espírito.
Hastings · Mas hei de
rir sem parar, durante doze meses,
por ter visto a tragédia das pessoas
que junto ao meu monarca me intrigaram.
Catesby, é certo: antes de ter o tempo
me deixado mais velho uma quinzena,
hei de outros expedir que nem suspeitam.
Catesby · É coisa horrível, meu gracioso lorde,
morrer sem que se esteja preparado.
Hastings ·
Oh! Monstruoso, monstruoso! Isso acontece
com Rivers, Vaughan, Grey, e o mesmo se há de
verificar com mais alguns sujeitos
que se julgam tão firmes quanto nós,
nós, sempre caros, como não o ignoras,
a Buckingham e ao ínclito Ricardo.
Catesby · Têm-vos em alta estima esses dois príncipes.
(À parte.) Pois a cabeça dele já contemplam
sobre a ponte de Londres.
Hastings · Estou certo
disso mesmo, e mereço esse conceito.

(Entra Stanley.)

Entrai, amigo. E o vosso javali?
Receais o javali e andais sem armas?
Stanley · Hastings, bom dia; Catesby, bom dia.
Podeis zombar; mas, pela cruz sagrada,
receio esses conselhos separados.
Hastings · Milorde, tenho tanto amor à vida
quanto vós, porém nunca — assim protesto —
me foi ela tão cara como agora.
Se eu não soubesse, então, que estamos firmes,
poderia mostrar-me tão contente?
Stanley · Ao viajarem de Pomfret para Londres,
os fidalgos estavam muito alegres,
considerando firme o seu estado,
pois não tinham razão de desconfiança.
Mas bem vedes que o dia ficou turvo.
Tenho receio deste surto de ódio.
Queira Deus não me mostre, neste passo,
covarde sem motivo. Então, iremos
à Torre? O dia já está quase gasto.
Hastings · Calma, milorde! Não sabeis o que houve?
Serão decapitados hoje todos
os lordes que nomeastes.
Stanley · Sob as luzes
da lealdade, estes todos a cabeça
poderiam usar com mais direito
do que o chapéu seus próprios inimigos.
Mas, milorde, partamos.

(Entra um passavante.)

Hastings · Ide adiante,
que eu vou falar com este camarada.

(Saem Stanley e Catesby.)

Então, malandro! Como vai o mundo,
no que te diz respeito?
Passavante · Bem, milorde;
principalmente por mo perguntardes.
Hastings · Uma coisa eu te digo: meus negócios
vão bem melhor agora do que quando
nos falamos aqui. Então, eu ia
levado para a Torre, por intrigas
dos aliados da rainha. Mas agora —
não o digas a ninguém — hoje esses mesmos
adversários vão ser decapitados,
e o meu prestígio está maior que nunca.
Passavante · Deus o mantenha assim, para deleite
de Vossa Senhoria.
Hastings · Agradecido,
meu caro. Vai; bebe isto em meu louvor.

(Atira-lhe a bolsa.)

Passavante · Deus guarde a Vossa Senhoria.
Adeus.

(Sai.)

(Entra um padre.)

shakespearebrasileiro.org

Padre · Belo encontro, milorde; estou contente
por ver Vossa Honra.
Hastings · Muito agradecido
de todo o coração, meu bom Sir John.
Estou vos devendo ainda algum serviço;
procurai-me no sábado para isso.
(Entra Buckingham.)
Buckingham ·
Falais com o padre, Lorde Camareiro?
Dele precisam só vossos amigos
de Pomfret; Vossa Graça não tem nada
que ver com confissões.
Hastings · Por minha fé,
ao ver este santo homem, vêm-me à mente
as pessoas a que vos referistes.
Então, ides à Torre?
Buckingham · Sim, milorde,
mas não demoro; penso estar de volta
um pouco antes de Vossa Senhoria.
Hastings · É possível, que eu penso em jantar lá.
Buckingham *(à parte)* ·
E cear, muito embora a contragosto.
(Alto.) Como é? não vindes?
Hastings · Vou com Vossa Graça.
(Saem.)

Ato III · Cena III

Pomfret. Diante do castelo
Entra Ratcliff com alabardeiros, conduzindo, para serem executados, Rivers, Grey e Vaughan.

Rivers · Quero dizer-te apenas, Sir Ricardo
Ratcliff, que hoje verás morrer um súdito
pela verdade, o seu dever e a honra.
Grey · De vossa malta Deus preserve o príncipe;
não passais de vampiros sugadores.
Vaughan · Os vivos ainda haveis de lastimar-vos
pelo que hoje se passa.
Ratcliff · Vamos logo!
A hora de vossa morte já soou.
Rivers · Oh Pomfret, Pomfret, sanguinário cárcere,
ominoso e fatal para a nobreza!
No âmbito criminoso de teus muros
em pedaços foi feito o Rei Ricardo
segundo, e, para aumento da ignomínia
de tua sede horrenda, ora te damos
para beber o sangue de inocentes.
Grey · Caiu a maldição de Margarida
sobre nossas cabeças, quando queixas
amargas me lançou, em vós e em Hastings,
por impassíveis termos presenciado
Ricardo apunhalar seu caro filho.
Rivers · Então, amaldiçoou também Ricardo;
então, amaldiçoou Hastings e Buckingham.
Oh Deus! Exalça-lhe as ferventes preces
contra eles, como contra nós fizeste.
Mas quanto à minha irmã, Oh Deus bondoso,
que o nosso sangue leal te satisfaça
que, como o sabes, vai ser derramado
contra toda justiça.
Ratcliff · Vamos logo!
A hora de vossa morte já passou.
Rivers ·
Vamos, Grey; Vaughan, vamos; abracemo-nos
para no céu nos vermos novamente.
(Saem.)

Ato III · Cena IV

Londres. A Torre.
Buckingham, Stanley, Hastings, o Bispo de Ely, Ratcliff, Lovel e outros, sentados à volta de uma mesa; atrás, oficiais do Conselho.

Hastings · Digo-vos sem rodeios, meus senhores,
que a causa de aqui estarmos é o problema
da coroação. Em nome, pois, de Deus,
dizei quando será o real dia.
Buckingham · Tudo está pronto para o tempo real?
Stanley · Sim; falta apenas indicar a data.
Ely · Para mim, amanhã é um feliz dia.
Buckingham ·
Quem está a par do que sobre isso pensa

shakespearebrasileiro.org

o lorde protetor? Quem é o mais íntimo
confidente do muito nobre duque?
ELY · Vossa Graça é o primeiro a saber sempre
quanto lhe diz respeito, é o que pensamos.
Conhecemos somente nossos rostos;
quanto ao que diz com o coração, nem ele
conhece o meu, nem eu, milorde, o vosso,
ou eu o dele, acaso, ou vós o meu.
Lorde Hastings, vós e o duque sois amigos.
HASTINGS · Agradeço a Sua Graça; sei que o duque
me tem amor. Mas quanto a seus projetos
respeito à coroação, não sei de nada
por não tê-lo sondado nem ter-me ele
comunicado o seu prazer gracioso.
Mas vós podeis fixar a data, nobres
lordes; darei o voto pelo duque,
certo de que ele há de ficar contente.

(Entra Gloster.)

ELY · Eis o duque chegando na hora azada.
GLOSTER · Bom dia primos e meus nobres lordes.
Sempre fui dorminhoco, mas espero
que minha ausência ora não tenha sido
prejudicial à marcha do projeto
que, eu presente, haveria resolvido.
BUCKINGHAM · Mas embora, milorde, não tivésseis
entrado à vossa deixa, William Lorde Hastings
teria pronunciado vossa parte...
Quero dizer: teria dado o voto
por vós para a coroação do rei.
GLOSTER · Ninguém é mais autorizado nisso
do que Lorde Hastings. Sua Senhoria
perfeitamente me conhece e tem-me
bastante amor. Milorde de Ely, quando
em Holborn eu estive, há pouco tempo,
vi em vosso pomar belos morangos.
Por obséquio, mandai buscar alguns.
ELY · De todo o coração, meu caro lorde.

(Sai.)

GLOSTER · Uma palavra à parte, primo Buckingham.

(Tomando-o à parte.)

Sobre este assunto Catesby sondou o Hastings,
tendo achado o fidalgo rabugento
de tal modo rebelde, que prefere
vir a morrer a dar consentimento
a que o filho do seu prezado mestre,
como ele, respeitoso, o denomina,
venha a perder o trono da Inglaterra.

BUCKINGHAM · Vamos sair daqui por uns instantes.

(Saem Gloster e Buckingham.)

STANLEY · Não marcamos ainda o grande dia.
Amanhã, quero crer, é muito cedo,
pois não estou ainda preparado
como o estarei se houver adiamento.

(Volta o Bispo de Ely.)

ELY · Para onde foi milorde protetor?
Mandei alguém buscar estes morangos.
HASTINGS · Hoje Sua Graça está contente e brando.
Algo bom lhe sorri ao pensamento,
para nos desejar um dia alegre.
Em toda a cristandade não conheço
homem nenhum que, como o nobre duque,
não consiga ocultar os sentimentos.
O coração no rosto se lhe estampa.
STANLEY · Vendo-lhe o rosto, que dizeis de quanto
lhe vai no coração, tendo-se em conta
que hoje ele está contente?
HASTINGS · Que não se acha
zangado com nenhum dos circunstantes;
aliás, no olhar de pronto o revelara.

(Voltam Gloster e Buckingham.)

GLOSTER · Dizei-me, por obséquio, que castigo
merece quem conspira minha morte
por diabólicos planos e a maldita
feitiçaria, a dominar chegando
com seus encantos infernais meu corpo?
HASTINGS ·
O terno amor que a Vossa Graça eu voto
me dá coragem neste nobre círculo,
para punir os ofensores, sejam
eles quais forem. Digo, pois, milorde,
que são merecedores da pena última.
GLOSTER · Sejam, pois, vossos olhos testemunha
do mal que me fizeram. Vede como
me encontro enfeitiçado: o braço vede-me
desmedrado, qual broto emurchecido.
Foi a mulher de Eduardo, essa monstruosa
feiticeira, de par com a marafona
da Shore, que, com suas artes negras,
me deixaram marcado deste jeito.
HASTINGS · Se tal coisa fizeram, nobre lorde...
GLOSTER · "Sei!" protetor da marafona imunda!
Vens falar-me de "se"? És um traidor.
Fora a cabeça dele! Por São Paulo,
juro não comer nada, até ver isso.

Ratcliff e Lovel, incumbi-vos disso.
Os demais, que me amarem, acompanhem-me.
(Saem todos, com exceção de Hastings, Ratcliff e Lovel.)
HASTINGS · Desgraçada Inglaterra! Não me queixo,
porque eu podia ter evitado isto,
mas fui um louco: Stanley viu em sonhos
que o javali lhe derrubara o casco.
Dele me ri e a salvo não quis pôr-me.
Tropeçou meu cavalo hoje três vezes,
três vezes empinou diante da Torre,
como se não quisesse carregar-me
para este matadouro. Ora preciso
do padre que há momentos me falava;
pesa-me o que eu falei ao passavante
com ar de triunfo, sobre os meus imigos
que hoje em Pomfret seriam massacrados
e que em favor e graça eu me encontrava.
Oh Margarida, Margarida! A tua
pesada maldição caiu agora
na cabeça infeliz do mísero Hastings.

RATCLIFF · Vamos, milorde! O duque quer cear.
Confessai-vos depressa; ele está ansioso
por ver vossa cabeça decepada.
HASTINGS · Oh graça transitória dos mortais,
que procuramos mais do que a de Deus!
Quem no ar de teus sorrisos põe as suas
esperanças, a vida passa como
marinheiro embriagado, junto ao mastro,
pronto, a cada balanço, a ser cuspido
nas entranhas fatais do imenso abismo.
LOVEL · Despachai-vos! É inútil falar muito.
HASTINGS · Ricardo sanguinário! Oh pobre pátria!
Profetizo-te tempos ominosos,
como idade infeliz alguma viu.
Levai-me logo para o cruel cepo;
decepa-me a cabeça e ao duque a leva.
Muitos que hoje se riem do meu fado,
morrerão também cedo, a seu mau grado.
(Saem.)

Ato III · Cena V

Londres. O parapeito da Torre.
Entram Gloster e Buckingham, com armaduras enferrujadas e numa admirável desordem.

GLOSTER · Vamos, primo; tremer podes, acaso,
mudar de cor, interromper o fôlego
no meio do discurso e, após, de novo,
começar a falar uma e mais vezes
como quem estivesse delirando
transido de terror?
BUCKINGHAM · Perfeitamente.
Sei imitar o trágico solene,
olhar atrás, espiar à volta, em grandes
discursos estirar-me, ficar trêmulo,
estremecer de susto por um nada,
suspeita aventar de grande alcance.
A meu serviço tenho olhares fúnebres,
sorrisos contrafeitos, que executam
de grado seus ofícios a toda hora,
porque meus planos todos favoreçam.
Mas Catesby partiu?
GLOSTER · Sim; mas ei-lo de volta com o prefeito.
(Entram o lorde prefeito e Catesby.)

BUCKINGHAM · Lorde prefeito...
GLOSTER · A ponte movediça!
BUCKINGHAM ·
Ouvi: som de tambores!
GLOSTER · A muralha,
Catesby! Cuidai disso.
BUCKINGHAM · Ao vos mandar
buscar, lorde prefeito...
GLOSTER · Olha tuas costas!
Defende-te! São todos inimigos!
BUCKINGHAM · Deus e nossa inocência nos protejam!
(Entram Lovel e Ratcliff com a cabeça de Hastings.)
GLOSTER ·
Calma! Calma! São nossos companheiros:
Ratcliff e Lovel.
LOVEL · Vedes a cabeça
daquele vil traidor, o perigoso
Hastings não suspeitado.
GLOSTER · Tanto afeto
lhe dedicava, que conter as lágrimas
a esta vista é impossível. Tive-o sempre
pela criatura mais veraz e inócua
que respirasse em toda a cristandade.

shakespearebrasileiro.org

Fizera dele o livro em que minha alma
fixara a história de seus mais secretos
pensamentos. Com tanta habilidade
soube ele disfarçar seus feios vícios
com mostras de virtude que, tirante
seu crime demonstrado, digo, o trato
que ele mantinha com a mulher de Shore,
a coberto vivia de suspeita.

Buckingham ·
Certo; foi o traidor mais resguardado
que já viveu.
Poderíeis pensar, ou crer, ao menos,
se por milagre, quase, não vivêssemos
para vo-lo contar, que este astucioso
traidor imaginara assassinar-nos
hoje, em pleno Conselho, a mim e ao nobre
Lorde de Gloster?

Prefeito · Intentou tal coisa?

Gloster ·
Como! Tomais-nos por infiéis ou turcos?
Ou pensais que teríamos, acaso,
ido de encontro às normas do direito
no dar, com tanta urgência, a morte ao biltre,
se não fosse o perigo que ameaçava
nossas pessoas e até mesmo o reino
nos ter forçado a esse ato decisivo?

Prefeito · Que tudo vos sorria. Vossas Graças
fizeram muito bem em dar-lhe a morte;
é o que ele merecia. Isso há de medo
infundir nos traidores do futuro.
Nunca esperei coisa nenhuma dele,
desde que se meteu com Mistress Shore.

Buckingham ·
Não queríamos que ele a morrer viesse
sem Vossa Senhoria ver-lhe o fim,
o que o zelo impediu destes amigos,
em parte contra nosso próprio alvitre.
Desejara, milorde, que tivésseis
ouvido como o biltre confessava
trêmulo seus propósitos traiçoeiros,
para que aos cidadãos os repetísseis,
capazes, porventura, de atribuir-nos
más intenções e lastimar-lhe a morte.

Prefeito · Mas meu caro senhor, basta-me quanto
me dissestes; é como se eu o tivesse
visto e ouvido falar. Não tenhais dúvida,
mui nobres e leais príncipes, eu próprio
relatarei aos cidadãos virtuosos
como andastes corretos nesta causa.

Gloster · Pois foi para esse fim que desejamos
que Vossa Senhoria aqui estivesse,
para evitar as críticas do mundo
sempre pronto a ajuizar pela aparência.

Buckingham ·
Mais uma vez que, contra o nosso intento,
não chegastes a tempo, testemunho
dareis pelo que ouvistes sobre nossas
intenções nisso tudo. E ora, meu caro
lorde prefeito, aqui nos despedimos.

(Sai o lorde prefeito.)

Gloster · Vai atrás dele, corre, primo Buckingham;
vai a Guildhall com ele a toda pressa.
Chegando lá, no instante mais azado
alude à bastardia dos dois filhos
de Eduardo e conta ao povo como Eduardo
mandou matar um cidadão, somente
por haver ele dito que faria
do filho o herdeiro da coroa, sendo
que aludia tão-só à própria casa
que, pelo emblema, assim era nomeada.
Descreve mais sua bestial luxúria
sempre à procura de prazeres novos,
que esposas atingia, filhas, servas,
onde quer que seus olhos de rapina
e o coração selvagem sem governo
achassem fácil presa. Sendo o caso,
podes chegar até minha pessoa.
Conta-lhes que no tempo em que se achava
grávida minha mãe desse insaciável
Eduardo, combatia em França o nobre
Duque de York, o meu pai de régia estirpe,
que à conclusão chegou, fazendo o cômputo
exato das semanas, que o rebento
não podia ser dele, o que em seus traços,
aliás, se patenteava, diferentes
em tudo aos do meu nobre pai, o duque.
Mas tocai nisso muito pela rama,
como que de passagem, pois, milorde,
sabei-lo: minha mãe ainda está viva.

Buckingham ·
Não o duvideis, milorde, que o papel
de orador eu farei como se a paga
de ouro, por que me bato, fosse minha.
E assim, milorde, adeus.

shakespearebrasileiro.org

Gloster · Se conseguirdes
tudo a contento, conduzi-os prestes
ao Castelo Baynard onde hei de achar-me
na santa companhia de eruditos
bispos e reverendos sacerdotes.
Buckingham · Sigo já. Esperai pelas notícias
de Guildhall mais ou menos às quatro horas.

(Sai.)

Gloster ·
Com toda a urgência, Lovel, vai em busca
do Doutor Shaw.

(A Catesby.) Vai tu buscar frei Penker.
Dizei-lhes que me venham ver no prazo
de uma hora no Castelo de Baynard.

(Saem Lovel e Catesby.)

Agora vou entrar, para que possa
confeccionar uma ordem reservada
que liquide os fedelhos de Clarence,
e ordenar que ninguém, em hora alguma,
possa ser admitido junto aos príncipes.

(Sai.)

Ato III · Cena VI

O mesmo. Uma rua.
Entra um copista.

Copista · O ato de acusação contra o bom Lorde
Hastings já está copiado, uma bela
folha com letra grande, porque possa
ser lido hoje em São Paulo. Agora vede
como as coisas se seguem por si mesmas.
Onze horas eu gastei neste trabalho,
pois Catesby me enviou ontem à tarde
o original, que em tempo igual foi feito.
No entanto apenas há cinco horas Hastings
ainda vivia sem ser suspeitado,
imaculado, livre, em liberdade.
Belo mundo, realmente! Quem seria
tão bronco que não visse tal embuste?
Mas quem tão corajoso que o declare?
Péssimo é o mundo, e acabará em nada
porque tamanha infâmia é tolerada.

(Sai.)

Ato III · Cena VII

O mesmo. Pátio do Castelo Baynard.
Entram Gloster e Buckingham, por lados diferentes.

Gloster · Então, que tal? Os cidadãos que dizem?
Buckingham · Ora, ficaram mudos. Pela santa
Mãe de Deus, ninguém disse uma palavra.
Gloster · Fizestes alusão à bastardia
dos dois filhos de Eduardo?
Buckingham · Fiz; falei-lhes
do contrato, também, com Lady Lucy,
do casamento por procuração
realizado na França, da insaciável
avidez dos desejos, da violência
feita a tantas mulheres da cidade,
de sua tirania por nonadas,
de sua bastardia, por ter sido
concebido no tempo em que se achava
na França vosso pai, das feições dele
que não fazem lembradas as do duque.
Depois, passei-lhes a falar de vossa
fisionomia, como sendo a cópia
fiel da de vosso pai, não só na forma,
como quanto à nobreza do intelecto.
Relatei-lhes os vossos grandes feitos
na Escócia, a disciplina nas campanhas,
vosso saber na paz, vossa bondade,
a virtude, a modéstia muito próprias...
Cuidei de tudo, em suma, não deixando
esquecido nenhum ponto importante
que podia vos ser de algum proveito.
E ao ver minha oratória terminada,
disse-lhes: quem quiser o bem da pátria

shakespearebrasileiro.org

grite comigo: "Deus guarde Ricardo,
o mui nobre monarca da Inglaterra!"
GLOSTER · E eles assim fizeram?
BUCKINGHAM · Não, por Deus!
Ninguém falou palavra. Como estátuas
ou pedras insensíveis, entreolhavam-se
pálidos como a morte. A esse espetáculo,
fiz-lhes censuras, tendo interrogado
o prefeito a respeito do sentido
daquela teimosia em não falarem.
Respondeu-me que o povo não tinha hábito
de ser interpelado senão pelos
prefeitos tão-somente. Então, forçado
se viu a repetir minhas palavras:
"O duque assim concluiu, o duque disse
deste modo..." mas nada em nome próprio.
Ao terminar, alguns dos meus criados,
no fundo do recinto, sacudiram
os chapéus, exclamando umas dez vozes:
"Deus salve o Rei Ricardo!" Ao que eu, valendo-me
dessa oportunidade, ripostei-lhes:
"Concidadãos e amigos, obrigado;
estas exclamações francas e unânimes
revelam vossa grande discrição
e o amor que todos tendes a Ricardo".
Neste ponto parei e vim embora.
GLOSTER · Que cepos mudos toda essa cambada!
Não quiseram falar? E acaso o lorde
prefeito não virá com os vereadores?
BUCKINGHAM · Está à mão. Revelai algum receio;
não faleis se não fordes muito instado.
Deveis apresentar-vos, caro lorde,
com um livro de orações e entre dois pios
sacerdotes, e, assim, com essa base
construirei meu discurso edificante.
Não cedais facilmente aos nossos rogos;
neste ponto fazei como as donzelas
que dizem sempre não, mas vão cedendo.
GLOSTER · Bem; se pleiteardes com firmeza igual
à que eu empregarei para esquivar-me,
é certeza alcançarmos o objetivo.
BUCKINGHAM · Ide para o terraço. Eis o prefeito.

(Sai Gloster.)

(Entram o lorde prefeito, vereadores e cidadãos.)

Sois bem-vindo, milorde. Estou cansado
de esperar pelo duque. Penso que ele
não recebe ninguém.

(Entra Catesby, saindo do castelo.)

Catesby, e então?
Vosso mestre que disse ao meu pedido?
CATESBY · Ele suplica, instante, a Vossa Graça,
nobre lorde, voltardes outro dia,
amanhã ou depois. Está lá dentro
com dois padres de muita reverência,
inteiramente entregue às mais sublimes
meditações. Assunto algum, terreno,
poderá demovê-lo dessa prática.
BUCKINGHAM ·
Catesby, volta e ao nobre duque dize
que eu, o prefeito e seus vereadores
desejamos falar com Sua Graça
sobre assunto de grande relevância
que visa nada menos que ao bem público.
CATESBY · Sem demora vou pô-lo a par de tudo.

(Sai.)

BUCKINGHAM ·
Ah, milorde! bem vedes: este príncipe
não é nenhum Eduardo! Este não vive
recostado no leito da luxúria
mas, de joelhos, passa todo o tempo
rezando e meditando; não graceja
com fúteis cortesãs, não; mas discute
com teólogos assuntos de importância.
A dormir, não engorda o corpo ocioso;
opulenta, a rezar, a alma desperta.
Feliz da nossa pátria se este príncipe
virtuoso a si chamasse o duro encargo
de dirigir o reino. Mas receio
que jamais consigamos demovê-lo.
PREFEITO · Deus não queira que o duque se recuse!
BUCKINGHAM ·
Estou muito apreensivo. Mas eis Catesby.

(Volta Catesby.)

Catesby, e então? Que disse Sua Graça?
CATESBY · Não atina com a causa que vos trouxe
com tantos cidadãos a procurá-lo,
sem ter sido Sua Graça previamente
advertido de nada. Ele se teme,
milorde, de algum mal de vossa parte.
BUCKINGHAM ·
Entristece-me ver que o nobre primo
possa me suspeitar de não querer-lhe
somente bem. Por Deus! Nossa visita
só tem por móvel boas intenções.
Volta e dize isso mesmo a Sua Graça.

(Sai Catesby.)

shakespearebrasileiro.org

Quando as pessoas santas e devotas
estão com seus rosários, é difícil
demovê-las do zelo religioso:
tanto a contemplação é doce e grata!

(Gloster aparece na galeria superior entre dois bispos. Volta Catesby.)

Prefeito · Sua Graça ali está entre dois padres!

Buckingham · Duas estacas da virtude, próprias
para impedir um príncipe cristão
de cair em vaidade. Vede: um livro
traz ele, de orações, sinal certíssimo
por que reconhecemos o homem pio,
Plantageneta ilustre, grande príncipe,
concede-nos ouvidos favoráveis
a este requerimento e nos perdoa
por termos vindo interromper a tua
devoção de cristão muito sincero.

Gloster · Não precisais, milorde, desculpar-vos.
Eu, sim, é que suplico a Vossa Graça
que me perdoe por haver posposto
ao serviço de Deus os meus amigos
que me vêm visitar. Mas, isso à parte,
que deseja nesta hora Vossa Graça?

Buckingham · O que deseja Deus lá das alturas
e os vassalos desta ilha sem governo.

Gloster · Temo haver perpetrado algum deslize
que haja ofendido os olhos da cidade.
Viestes me repreender por essa falta.

Buckingham · Com efeito, milorde, Vossa Graça
quererá nos ouvir alguns momentos,
para poderdes reparar a falta?

Gloster · Por isso vivo num país cristão.

Buckingham · Então ficai sabendo que consiste
vossa falta em ceder a sede augusta,
o majestoso trono, o ofício régio
de vossos ascendentes, vosso estado
natural, que no berço recebestes,
a glória da real casa de onde vindes
à corrupção de um galho desonrado.
A brandura dos vossos pensamentos
adormecidos — que ora despertamos
em bem da pátria — priva de seus membros
esta ilha tão garrida. As cicatrizes
da infâmia o belo rosto lhe deformam;
seu tronco régio se acha sufocado
pelos enxertos de daninhas plantas,
quase imerso no pântano absorvente
da negra indiferença e o escuro oblívio.
Para isso remediar, instantemente
viemos pedir que vossa própria Graça
chame a si o mais alto regimento
deste vosso país, não como simples
protetor, delegado ou substituto,
nem obscuro feitor a cargo de outrem,
mas como sucessor de sangue a sangue
que a natural herança tem direito,
vosso império, vós próprio. Por tudo isso,
com estes cidadãos, vossos amigos
respeitosos e fiéis, cedendo às suas
instigações, em nome da justiça
de nossa causa, venho a Vossa Graça
certo de que hei de demover-nos o ânimo.

Gloster · Não sei se o retirar-me silencioso
ou vos encher de repreensões amargas
será mais condizente com o meu posto
e vossa condição de requerentes.
Se nada eu responder, talvez com isso
calculeis que a ambição de língua presa,
por ter ficado muda, consentira
em levar o áureo jugo do governo
que me quereis impor a meu mau grado.
Mas se eu vos censurar pelo pedido
sazonado por vosso amor sincero,
decerto irei magoar muitos amigos.
Assim, para falar, mas evitando
bater naquele escolho, e, no decurso
do que eu disser, não incidir no outro,
definitivamente vos respondo:
Meus agradecimentos irrestritos
merece o vosso amor; mas meu demérito
não corresponde ao vosso alto pedido.
Primeiro, caso todos os obstáculos
ficassem removidos, patenteando-se-me
a estrada para o trono, como herança
madura e jus do próprio nascimento,
de tal maneira tenho pobre o espírito,
tão grandes são os meus defeitos, tantos,
que da minha grandeza eu me escondera —
pequeno barco que o mar alto evita —
antes de ser por ela dominado
e asfixiado nos fumos da vanglória.
Mas, graças ao bom Deus, necessidade
de mim não tendes. Mesmo que a tivésseis,
não estaria em mim vos dar ajuda.

shakespearebrasileiro.org

Deixou-nos um real fruto a árvore real,
que, sazonado pelas horas bentas,
adornará, decerto, o trono augusto
da Majestade e nos fará felizes
com seu governo. Ponho-lhe nos ombros
todo o peso que viestes ora impor-me:
o direito e a fortuna de seu signo.
Não queira Deus que a defraudá-lo eu venha.

BUCKINGHAM ·
Consciência em Vossa Graça isso revela;
mas as vossas razões se nos antolham,
se bem considerarmos o problema,
sem valor e triviais. Que seja Eduardo
filho de vosso irmão, como o dissestes,
é o que não contestamos; mas é filho
de outra mulher, não da mulher de Eduardo.
Primeiro, ele pedira Lady Lucy;
vossa mãe, que ainda vive, é testemunha
do que se deu. Depois, por delegados,
o noivado firmou com Lady Bona,
irmã do Rei da França. Postas ambas
de lado, uma mesquinha suplicante,
atribulada mãe de muitos filhos,
beleza já fanada, infeliz viúva,
que no ocaso se achava dos bons dias,
fez presa e compra de seus olhos lúbricos,
seduziu a grandeza de seu posto,
ignominiosamente rebaixando-a
ao estado de infame bigamia.
Nesse leito ilegítimo ele teve
dela esse Eduardo a que chamamos príncipe,
segundo velha praxe. Eu poderia
prosseguir por maneira mais amarga,
se o respeito a pessoa que ainda vive
não me traçasse à língua estreitos lindes.
Por isso, meu bom lorde, aceitar deve
vossa real pessoa o oferecido
benefício da suma dignidade,
se não por nosso bem e da Inglaterra,
para livrar a vossa nobre casa
da corrupção de uma época mesquinha
por meio de uma sucessão legítima.

PREFEITO · Cedei, milorde; os cidadãos o pedem.

BUCKINGHAM · Não recuseis, milorde poderoso,
tal oferta de amor.

CATESBY · Oh! Fazei todos
felizes, concedendo o que vos pedem.

GLOSTER ·
Ai! Por que me depondes sobre os ombros
tal fardo de cuidados? Eu não sirvo
para o governo ou para a majestade.
Não me leveis a mal, instante o peço,
mas não quero nem posso ceder nisso.

BUCKINGHAM · Se por amor e zelo vos negardes
a depor o menino, por ser ele
filho de vosso irmão, pois conhecemos
toda a ternura que vos enche o peito
e a compaixão gentil e feminina
que vos é própria, sempre que se trata
de assuntos pertinentes à família
e a muitas outras dignidades ainda:
sabei que em qualquer caso, ou de anuência
ou de recusa a quanto vos pedimos,
jamais em nós há de reinar o filho
de vosso irmão. No trono plantaremos
qualquer pessoa, para eterno opróbrio
e desgraça de toda vossa casa.
Com esta decisão nos despedimos.
Vamos, amigos; já falamos muito.

(Saem Buckingham e os cidadãos.)

CATESBY · Chamai-os, doce príncipe, de novo;
acedei ao que pedem. Se reunirdes,
todo o país virá a sofrer por isso.

GLOSTER · Quereis impor-me um mundo de cuidados?
Chamai-os, pois.

(Sai Catesby.)

Não sou feito de pedra;
por vossas carinhosas insistências
me sinto penetrado, muito embora
contra a minha consciência e o próprio gênio.

(Tornam a entrar Buckingham e os outros.)

Primo de Buckingham, e vós, sensatos
concidadãos, já que quereis a sorte
no dorso me depor, para que o peso
dela eu suporte, a meu mau grado, embora,
força é ter paciência e conformar-me.
Mas se a negra calúnia ou o opróbrio horrendo
no rasto dessa imposição me vierem,
vossa própria insistência há de limpar-me
de qualquer jaça, qualquer mancha impura,
pois Deus o sabe e vós em parte vedes
como estou longe de almejar tal coisa.

PREFEITO · Deus abençoe Vossa Graça! Vemos
tudo isso, sim, e iremos proclamá-lo.

shakespearebrasileiro.org

Gloster · Com o que não falareis senão verdade.
Buckingham · Então eu vos saúdo com o real título:
Longa vida a Ricardo da Inglaterra!
Todos · Amém!
Buckingham · Consentireis em ser coroado logo?
Gloster ·
Já que o quereis, será quando o marcardes.
Buckingham ·
Amanhã, pois, por vós esperaremos.
E assim nos despedimos satisfeitos.
Gloster *(aos bispos).*
Recomecemos nosso pio estudo.
Adeus, meu primo; adeus, gentis amigos.
(Saem.)

Ato IV · Cena I

Londres. Diante da Torre.
Entram, por um lado, a Rainha Elisabete, a Duquesa de York e o Marquês de Dorset; pelo outro, Ana, Duquesa de Gloster, conduzindo Lady Margarida Plantageneta, filha pequena de Clarence.

Duquesa · Quem vim eu encontrar? Minha sobrinha
Plantageneta, pela mão trazida
da tia Gloster? Pela minha vida,
ela vai indo à Torre, por impulso
do terno coração, saudar os príncipes.
Sede bem-vinda, filha.
Ana · Deus conceda
a ambas dias alegres e felizes.
Rainha Elisabete ·
E a vós, boa irmãzinha. Para onde ides?
Ana · Até à Torre, somente, e, como creio,
com as mesmas pias intenções que vós:
para felicitar os gentis príncipes.
Rainha Elisabete ·
Obrigada, irmãzinha; entremos juntas.
(Entra Brakenbury.)
Eis o tenente que vem vindo a tempo.
Mestre tenente, por obséquio, como
está passando o príncipe e o moço York?
Brakenbury · Perfeitamente bem, minha senhora,
Mas desculpai-me: consentir não posso
que os visiteis. O rei me deu severas
ordens nesse sentido.
Rainha Elisabete · O rei! Quem é ele?
Brakenbury · Quero dizer, o lorde protetor.
Rainha Elisabete ·
Que o Senhor o proteja do real título.
Pensa ele, acaso, em levantar barreiras
entre mim e meus filhos? Sou mãe deles.
Quem, pois, me impedirá de visitá-los?
Duquesa · Sou a mãe do pai deles; quero vê-los.
Ana · Por lei sou tia deles; no amor, mãe.
Leva-me aonde estão; assumo o risco,
limpando-te de toda e qualquer culpa.
Brakenbury ·
Não, senhora; é impossível; não o consinto.
Prende-me um juramento; desculpai-me.
(Sai.)
(Entra Stanley.)
Stanley · Nobre senhora, caso eu vos encontre
dentro de uma hora, é certo que no posto
de respeitoso espectador eu posso
cumprimentar a Vossa Graça de York
como graciosa mãe de duas belas
rainhas.
(À Duquesa de Gloster.) É preciso que, depressa,
vades a Westminster, muito real princesa,
para serdes coroada, como esposa
do Rei Ricardo.
Rainha Elisabete · Oh! Desatai-me o laço,
porque possa bater o comprimido
coração. Do contrário, ante essas novas
perderei os sentidos.
Ana · Oh! que odioso
recado! Que notícia abominável!
Dorset · Coragem, mãe! Que sente Vossa Graça?
Rainha Elisabete ·
Oh! Não me fales, não, Dorset! Retira-te!
A morte e a destruição atrás te ladram.
É fatal para os filhos o só nome
de tua mãe. Se a morte evitar queres,
os mares atravessa e vai em busca
de Richmond, longe do poder do inferno.

shakespearebrasileiro.org

Vai! Foge, foge deste matadouro,
se acrescentar não queres mais um número
aos que morreram, e fazer que eu morra
conforme a maldição de Margarida:
nem esposa, nem mãe, nem soberana
da Inglaterra.
STANLEY · Prudente é este conselho,
minha senhora.
(A Dorset.) Aproveitai com urgência
a vantagem das horas. Hei de cartas
vos dar para meu filho, apresentando-vos.
Haveis de achá-lo a vos servir disposto;
que nada aqui vos poderá dar gosto.
DUQUESA · Oh vento portador só de misérias!
Oh ventre amaldiçoado, leito fúnebre
que lançaste no mundo um basilisco
de olhar fatal, de que ninguém escapa!
STANLEY · Vinde, senhora; é urgente o meu recado.
ANA · Sigo-vos sem vontade alguma disso.
Oh! Se o céu permitisse que a orla de ouro
que a fronte vai cingir-me fosse de aço
até ao rubro aquecido, para o cérebro
me destruir de uma vez! Mortal veneno
seja o óleo sacrossanto, porque eu morra
antes de ouvir dizer: Deus salve a rainha!
RAINHA ELISABETE ·
Vai, coitadinha; não te invejo a glória;
nenhum mal te deseja o meu destino.
ANA · Não! Por quê? Quando o meu presente esposo
para mim veio, ao tempo em que eu seguia
o cadáver de Henrique; quando apenas
podia ter lavado as mãos do sangue
daquele anjo que fora meu esposo
e do defunto santo que eu seguia
desfeita em lágrimas, ao ver Ricardo
fiz-lhe este voto: "Sê maldito", disse-lhe,
"por de mim teres feito uma viúva
velha, sendo eu tão moça. Que a tristeza,
quando casares, te circunde o leito;
que a tua esposa — se uma louca achares —
seja mais infeliz com a tua vida
do que eu com a morte do meu jovem dono!"
Mas vede! Antes que o tempo me sobrasse
para dizer a maldição de novo,
o fraco coração senti cativo
de suas expressões açucaradas,
tornando-me, desta arte, a própria vítima
da minha maldição, que desde essa hora
dos olhos me baniu todo sossego,
porque em seu leito nunca o orvalho de ouro
do sono me alegrou, sim pesadelos
me traziam desperta a todo instante.
Além do mais, ele me odeia, em vista
de ser eu filha de Warwick. É certeza
desfazer-se de mim em pouco tempo.
RAINHA ELISABETE ·
Coitada! Adeus! Lastimo-te o destino.
ANA · Como eu, de coração, lastimo o vosso.
RAINHA ELISABETE ·
Saudadora infeliz da glória, adeus!
ANA · Mísera, adeus, que dela te despedes!
DUQUESA *(a Dorset)* ·
Vai procurar Richmond. Felicidades!
(A Ana.) Dirige-te para onde está Ricardo.
Que os anjos te acompanhem.
(À Rainha Elisabete.) Ao santuário
te dirige, onde achar possas consolo.
Eu vou para o meu túmulo, esperando
vir a encontrar repouso e paz eterna.
Oitenta anos vivi, em que eram presas
as poucas alegrias das tristezas.
RAINHA ELISABETE ·
Ainda um momento. Olhemos para a Torre.
Compaixão, pedras velhas, dos meninos
que a inveja emparedou nos vossos muros!
Leito duro demais para os pequenos,
ama áspera e selvagem, companheiros
velhos e taciturnos dos folguedos
de príncipes tão moços, cuidai deles!
Assim, de vossas pedras, como adrede,
minha louca tristeza se despede.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena II

O mesmo. Uma sala de Estado do palácio. Clarins. Ricardo, em pompa, coroado; Buckingham, Catesby, um pajem e outros.

Rei Ricardo · Fiquem todos de lado. Primo Buckingham!
Buckingham · Meu gracioso soberano!
Rei Ricardo ·
Dá-me a mão.
(Sobe para o trono.)
Desse modo, nesta altura,
por teu conselho e teu auxílio, se acha
sentado o Rei Ricardo. Mas devemos
vestir toda esta glória um dia apenas,
ou será perdurável, porque sempre
tenhamos alegria?
Buckingham · Viva a glória
quanto tempo de vida vós tiverdes!
Rei Ricardo ·
Ah, Buckingham, agora eu faço o toque
para ver se és, realmente, ouro legítimo.
Vive o jovem Eduardo; ora adivinha
quanto quero dizer.
Buckingham · Dizei-o, embora,
meu caro soberano.
Rei Ricardo · Ora meu primo,
desejara ser rei.
Buckingham ·
Rei sois, de fato, meu três vezes ilustre soberano.
Rei Ricardo ·
Sou rei? Que o seja: mas Eduardo vive.
Buckingham ·
É certo, nobre príncipe
Rei Ricardo · Oh! Que amarga
conseqüência que Eduardo esteja vivo:
"É certo, nobre príncipe!" Antes, primo,
não eras tão obtuso. É, pois, preciso
que eu me torne mais claro: quero a morte
dos bastardos e quero que isso seja
resolvido depressa. Então, que dizes
agora? Fala logo e sê conciso.
Buckingham ·
Vossa Graça fará como entender.
Rei Ricardo · Bá, bá! Ficaste frio! Congelou-se
todo o teu zelo! Dize-me se eu posso
contar contigo para que eles morram?
Buckingham · Deixai-me respirar, meu soberano,
refletir um momento. Não demora,
virei vos dizer algo sobre o assunto.
(Sai.)
Catesby *(à parte)* ·
O rei está zangado; morde os lábios.
Rei Ricardo *(descendo do trono)* ·
Vou tratar desse assunto com malucos
de espírito maciço, com rapazes
de pouca reflexão. Não se coadunam
com meus planos pessoas que me espiam
com olhares muito atentos. Nas alturas
Buckingham vai ficando circunspecto.
Rapaz!
Pajem · Milorde!
Rei Ricardo ·
Conheces algum homem que se deixe
levar pelo ouro sedutor a um ato
secreto de homicídio?
Pajem · Um gentil-homem
conheço, descontente, cuja humilde
posição não condiz com seu espírito
por demais ambicioso. Junto dele
o ouro tem a eloqüência de vinte hábeis
oradores, capaz de demovê-lo
a fazer não importa que façanha.
Rei Ricardo · Como se chama?
Pajem · Chama-se, milorde,
Tyrrell.
Rei Ricardo · Parece que o conheço. Corre,
pequeno, vai chamá-lo.
(Sai o pajem.)
Esse finório
Buckingham, cujo espírito não pára
de remexer as coisas, por mais tempo
não será meu vizinho de conselho.
Até agora pôde ele acompanhar-me
sem se mostrar cansado. De repente,
precisa tomar fôlego? Que seja!
(Entra Stanley.)
Lorde Stanley, então! Quais são as últimas?
Stanley · Sabei, caro senhor,
que o Marquês Dorset, pelo que me dizem,
fugiu para Richmond, indo juntar-se-lhe
na terra em que ele habita.

shakespearebrasileiro.org

REI RICARDO · Ouve-me, Catesby,
espalha por aí que minha esposa
Ana está muito mal. Vou tomar todas
as precauções para retê-la em casa.
Procura-me, também, um gentil-homem
sem recursos, que sirva para esposo
da filha de Clarence. É caso urgente.
O rapaz é tontinho; não o temo.
Estás sonhando em pé? Torno a dizer-te
que espalhes a notícia da doença
de Ana, minha mulher: acha-se à morte.
Mãos à obra! Desde já me importa muito
cercear as esperanças cujo aumento
possa vir a me ser prejudicial.

(Sai Catesby.)

Preciso desposar minha sobrinha,
sem perder tempo. Do contrário, é como
se estivesse o meu reino em vidro frágil.
Privá-la dos irmãos e desposá-la!
Estranho modo de jogar as cartas!
Mas tão metido em sangue ora me encontro,
que um crime provoca outro. Nestes olhos
não se aloja a piedade choraminga.

(Volta o pajem, com Tyrrell.)

Teu nome é Tyrrell?
TYRRELL · James Tyrrell, vosso
súdito devotado.
REI RICARDO · Com certeza?
TYRRELL · Ponde-me à prova, meu gracioso lorde.
REI RICARDO · Estarias, então, determinado
a matar um amigo que eu mostrasse?
TYRRELL · Se isso vos agradar; mas preferira
que fossem dois imigos.
REI RICARDO · Pois vais tê-los.
São justamente dois grandes imigos,
perturbadores do meu doce sono
os que vais liquidar. Tyrrell, refiro-me
aos dois bastardos que na Torre se acham.
TYRRELL · Mostrai-me o meio de chegar até eles
e livre ficareis do medo deles.
REI RICARDO ·
Doce música é a tua. Ouve-me, Tyrrell:
fica com este penhor. Vem para perto.

(Fala-lhe ao ouvido.)

Não precisa mais nada; vem dizer-me
que já está feita a coisa, e obterás todo
meu afeto, fazendo-te eu ditoso.
TYRRELL · Vou cuidar disso já.

(Sai.)

(Volta Buckingham.)

BUCKINGHAM · Milorde, refleti bastante acerca
da pergunta que há pouco me fizestes.
REI RICARDO ·
Deixai. Dorset fugiu para Richmond.
BUCKINGHAM · Sim, milorde, disseram-me.
REI RICARDO ·
É vosso enteado, Stanley. Bem; cuidado!
BUCKINGHAM ·
Vim vos lembrar, milorde, da promessa
que me fizestes, penhorando nisso
a honra e a palavra: falo do condado
de Hereford e de todos os bens móveis
que, segundo o dissestes, meus seriam.
REI RICARDO ·
Vigiai de perto vossa esposa, Stanley.
Se ela vier a cartear-se com Richmond,
respondereis por isso.
BUCKINGHAM · Que responde
Vossa Grandeza ao meu pedido justo?
REI RICARDO ·
Lembro-me muito bem que Henrique VI
profetizou um dia que Richmond
viria a ser coroado, quando ainda
não passava este de um rapaz franzino.
Rei!... Pode ser...
BUCKINGHAM · Milorde!
REI RICARDO · Por que causa o profeta não me disse
nessa ocasião, se perto eu me encontrava,
que eu viria a matá-lo?
BUCKINGHAM · Prometestes,
milorde que o ducado me daríeis...
REI RICARDO ·
Richmond! Quando eu estive, há pouco tempo,
em Exeter, o prefeito, gentilmente
me levou ao castelo, a que deu nome
de Rougemont... Estremeci, ouvindo-o,
porque um bardo, na Irlanda, me dissera
que eu não teria vida muito longa
depois de ver Richmond.
BUCKINGHAM ·
Milorde!
REI RICARDO · Ah! Que horas são?
BUCKINGHAM · Tenho a ousadia
de lembrar Vossa Graça da promessa
que me foi feita.
REI RICARDO · Bem; mas que horas são?

shakespearebrasileiro.org

Buckingham · Dez horas, quase.
Rei Ricardo · Pois deixai que soem.
Buckingham · Por que deixar que soem?
Rei Ricardo · Porque te [achas,
como o João do relógio, colocado
entre o meu pensamento e o teu pedido.
Não estou hoje em veia de presentes.

Buckingham · Dizei apenas se o quereis ou não.
Rei Ricardo · Tu me incomodas; não estou de veia.
(Sai o Rei Ricardo com o séquito.)
Buckingham · Ah, é assim? É com esse pouco caso
que paga tudo o que lhe fiz? Para isso
foi que o fiz rei? Pensemos no pobre Hastings.
Irei para Brecknock, enquanto posso,
enquanto não me cortam o pescoço.

Ato IV · Cena III

O mesmo.
Entra Tyrrell.

Tyrrell · Já fiz a ação tirana e sanguinária,
o mais infame e abominável feito
de que esta terra se tornou culpada.
Dighton e Forrest, subornados para
levar a cabo essa carnificina
despiedosa, conquanto requintados
vilões, cães sanguinários, derretendo-se
de piedade e de doce compaixão,
choravam como crianças ante o quadro
da morte deles. "Desse modo", disse
Dighton, "estavam os gentis meninos".
"Sim", disse Forrest, "ambos enlaçando-se
nos inocentes braços de alabastro.
Os lábios tinham como quatro rosas
que se beijassem no mais belo estio.
Um livro de orações se achava em cima
da almofada dos dois; por pouco," disse
Forrest, "não se alterou meu pensamento.
Mas o demônio..." Nessa altura o biltre
se deteve. Porém continuou Dighton:
"Asfixiamos as duas obras-primas
mais admiráveis, certo, do que quantas
já havia a natureza dado ao mundo".
Ambos se foram, com a consciência cheia
de remorsos. Falar nenhum podia.
Desse modo os deixei, para a notícia
levar ao sanguinário soberano.
Ei-lo que chega.
(Entra o Rei Ricardo.)
Salve, meu rei lorde!

Rei Ricardo · Vão deixar-me feliz tuas notícias,
amado Tyrrell?
Tyrrell · Se feliz ficardes
com saber que está feito o que ordenastes,
ficai feliz, então, porque está feito.
Rei Ricardo ·
Mas viste os mortos?
Tyrrell · Vi, meu soberano.
Rei Ricardo ·
E enterrados também, meu caro Tyrrell?
Tyrrell · O capelão da Torre os enterrou,
mas como e em que lugar, não sei dizer-vos.
Rei Ricardo ·
Vem ver-me, Tyrrell, logo após a ceia,
para me relatares a sua morte.
Pensa, entrementes, no que eu possa dar-te
e o herdeiro sejas do teu próprio anelo.
Adeus.
Tyrrell · Humildemente me despeço.
(Sai.)
Rei Ricardo · Mandei prender o filho de Clarence;
dei um marido desigual à filha;
os dois filhos de Eduardo estão dormindo
no seio de Abraão; minha esposa Ana
já deu Boa noite ao mundo. Ora, sabendo
que pretende o bretão Richmond casar-se
com a minha sobrinha Elisabete
e que olha altivo para o trono, graças
a esse enlace, para ela me dirijo,
pretendente jovial e prazenteiro.
(Entra Catesby.)
Catesby · Milorde!
Rei Ricardo · Para entrares assim, trazes notícias
boas ou más?

shakespearebrasileiro.org

CATESBY · Ruins notícias. Morton
fugiu para Richmond. Há mais, que Buckingham,
por audazes galenses reforçado,
se acha em campo; sua força está crescendo.
REI RICARDO · Muito mais apreensivo fico à nova
de Ely e Richmond do que ante o que me dizes
dos recrutas de Buckingham. Em campo!
Aprendi que o medroso comentário
é o servidor de chumbo da demora
sonolenta. A demora traz consigo
a pobreza impotente e rastejante.
Seja a celeridade minhas asas,
o Mercúrio de Jove, real arauto!
Arranja tropas; meu conselho é escudo
resistente; sejamos expeditos,
quando a revolta nos acorda a gritos.

(Saem.)

Ato IV · Cena IV

O mesmo. Diante do palácio.
Entra a Rainha Margarida.

RAINHA MARGARIDA ·
Fica a prosperidade, assim, madura
e cai nas fauces pútridas da morte.
Pus-me astuciosamente neste ponto
para o ocaso espreitar dos meus imigos.
Já presenciei um bárbaro prefácio.
Vou para a França, com a expectativa
de que a continuação seja igualmente
negra, amargosa e trágica. Retira-te,
infeliz Margarida. Quem vem vindo?

(Entram a Rainha Elisabete e a Duquesa de York.)

RAINHA ELISABETE ·
Ah, meus filhos, meus príncipes queridos,
botões mimosos, doces esperanças,
se vossas gentis almas ainda pairam
pelo ar, se acaso imóveis não se encontram
por nenhuma sentença permanente,
adejai ao redor de mim com vossas
asas aéreas e escutai as queixas
e vossa aflita mãe.
RAINHA MARGARIDA · Vinde dizer-lhe
que da justiça eterna o duro açoite
mudou vossa manhã em velha noite.
DUQUESA · Tão fraca tenho a voz pelo infortúnio,
que a língua, fatigada de queixumes,
se me torna parada e silenciosa.
Como foste morrer, Plantageneta?
Por que deixaste de viver, Eduardo?
RAINHA MARGARIDA ·
Paga a dívida, assim, Plantageneta
a outro Plantageneta; um Eduardo a outro,
morrendo, a mortal dívida resgata.
RAINHA ELISABETE ·
Oh Deus! Atiras tenras ovelhinhas
às entranhas do lobo? Onde dormias,
quando esta feia ação foi praticada?
RAINHA MARGARIDA ·
Onde a morte não viu do santo Henrique
nem do meu doce filho.
DUQUESA · Vida morta,
vista cega, fantasma de um vivente,
sede da dor, vergonha do universo,
propriedade do túmulo, que a vida
já de muito usurpou, resumo rápido,
recordação de dias infindáveis
de sofrimento, oh alma inquieta sempre!
repousa um pouco sobre o legal solo
da Inglaterra, tornado ilegalmente
bêbedo com o sangue de inocentes.

(Senta-se no chão.)

RAINHA ELISABETE ·
Oh terra! Se pudesses conceder-me
logo uma sepultura, como podes
arranjar-me um repouso melancólico!
Então, em vez de dar repouso aos ossos,
aqui mesmo os guardara. Quem tem causas,
senão só eu, de se queixar da vida?

(Senta-se ao lado da duquesa.)

RAINHA MARGARIDA ·
Se a dor antiga inspira reverência
mais do que as outras, concedei à minha,
pelo menos nesta hora, o privilégio
da ancianidade, permitindo que ela
fique em primeira plana.

(Senta-se ao lado das duas.)

Caso as mágoas
admitam sociedade, novamente
contai as vossas, tendo ao lado as minhas.

shakespearebrasileiro.org

Tive um Eduardo, até ser ele morto
por um Ricardo; meu era um Henrique,
mas um Ricardo mo tirou dos braços;
um Eduardo tiveste, enquanto a morte
pela mão de Ricardo o não levou;
um Ricardo tiveste, até que morto
fosse por um Ricardo.
Duquesa · Eu também tive
um Ricardo; por ti foi ele morto;
um Rutland também tive, e foste parte
na morte dele.
Rainha Margarida · Teu foi um Clarence,
também, mas morto foi por um Ricardo.
Esgueirou-se da cova de teu ventre
um mastim infernal que se diverte
caçando-nos de morte, um cão que teve
dentes antes dos olhos, porque ovelhas
dilacerasse e lhes bebesse o sangue.
O fero destruidor da obra divina,
esse tirano sem igual na terra,
que o império tem em olhos tumefeitos
de pessoas que choram, de teu ventre
pôde fugir, tão-só para lançar-nos
na sepultura. Oh Deus, o verdadeiro
distribuidor da celestial justiça!
como te sou agradecida, em vista
de devorar esse mastim os frutos
do ventre de sua mãe e de obrigá-la
a se associar ao sofrimento alheio!
Duquesa · Mulher de Henrique, não te rejubiles
com a minha dor, que Deus é testemunha
de que eu também sofri como que sofreste.
Rainha Margarida ·
Perdão; eu tenho fome de vingança
e fico satisfeita em contemplá-la.
Morreu o teu Eduardo, que matara
meu Eduardo; morreu teu outro Eduardo,
para me compensar do meu Eduardo.
Ao lado deles, York é secundário,
que ambos muito aquém ficam da grandeza
da minha imensa perda. O teu Clarence
que matou meu Eduardo, já foi morto,
bem como todos os espectadores
daquela peça trágica: o falso Hastings,
Vaughan, Rivers e Grey, já, prematuros,
foram lançados na sombria cova.
Ricardo apenas vive, o negro agente
do inferno, a quem foi dado o triste encargo
de comprar almas para o reino escuro.
Mas não demora, não demora! Perto
já vem seu triste fim e não chorado.
A terra se escancara, o inferno abrasa,
os demônios regougam, rezam santos
para que ele daqui seja levado
sem mais tardança. Oh Deus! Rasga-lhe o título
da existência, porque ainda eu tenha vida
para dizer: Morreu esse cachorro!
Rainha Elisabete ·
Oh! Tu profetizaste que haveria
de chegar o momento em que eu te fosse
pedir auxílio para lançar minha
maldição nessa aranha barriguda,
nesse sapo disforme e repugnante!
Rainha Margarida ·
Então, eu disse que eras tão-somente
o fantasma da minha antiga dita,
pobre sombra, rainha de pintura,
arremedo do que eu havia sido,
lisonjeira feição de uma tragédia
dolorosa, mulher posta nos píncaros
para ser logo derrubada,
mãe irrisória de dois filhos belos,
um sonho do que foras, um suspiro,
simples bolha, uma insígnia de nobreza,
pendão vistoso para ficar alvo
de tiros perigosos, soberana
de brincadeira para encher a cena.
Onde está teu marido? Onde os irmãos?
Teus dois filhos? As tuas alegrias?
Quem te faz um pedido e se ajoelha,
para gritar que Deus proteja a rainha?
Os pares onde estão, que te adulavam?
As grandes multidões que te seguiam?
Relembra agora quanto foste, para
veres ao que desceste: em vez de esposa
feliz, uma viúva desditosa;
em vez de mãe alegre, em desespero
ao só nome de mãe; em vez de ver-se
solicitada, alguém que humilde pede;
em vez de uma rainha, verdadeira
cativa coroada de cuidados;
em vez de uma criatura que me tinha

shakespearebrasileiro.org

desprezo, desprezada por mim própria;
em vez de comandar a todo o mundo,
não ser obedecida por ninguém.
Assim virou a roda da justiça
para de ti fazer presa do tempo,
deixando-te a lembrança do que foste
para que sofras mais com o que és agora.
O lugar me usurpaste; por que causa
não haverias de usurpar-me as dores?
Metade do meu fardo já se encontra
nesse pescoço altivo; desprendendo
de sob ele a cabeça fatigada,
deixo que por inteiro em ti ele pese.
Adeus, esposa de York; adeus, rainha
de sorte desditosa; a dor inglesa
vai-me deixar na França sem tristeza.

Rainha Elisabete ·
Oh tu que em maldições tens experiência,
a amaldiçoar me ensina os inimigos.

Rainha Margarida ·
Passa vígil as noites e jejuna
todos os dias; as tristezas vivas
compara com as venturas do passado;
imagina teus filhos mais bonitos
do que eles eram e o assassino deles
mais monstruoso do que é. Se exagerares
tua perda, de pronto o mal se agrava
e a maldizer aprendes como escrava.

Rainha Elisabete ·
São fracos os meus termos; dá-me os teus.

Rainha Margarida ·
A dor os deixará iguais aos meus.

(Sai.)

Duquesa · Por que a calamidade é faladora?

Rainha Elisabete ·
Procuradores aéreos da desgraça,
sucessores vazios de alegrias
que não foram testadas, oradores
infelizes de males: dai-lhes ansa!
Muito embora não sirvam para nada,
a alma deixam da dor desabafada.

Duquesa · Então não fiques muda; vem comigo;
com o sopro de palavras amargosas
asfixiemos meu filho amaldiçoado
que asfixiou teus dois filhos tão mimosos.

(Ouve-se toque de trombeta.)

Estás ouvindo? Em maldições sê pródiga.

(Entra o Rei Ricardo, com sua comitiva, em marcha.)

Rei Ricardo ·
Quem ousa interceptar o meu caminho?

Duquesa · Quem teria podido interceptar-se,
em seu maldito ventre te asfixiando,
para evitar os crimes, miserável,
que no mundo fizeste!

Rainha Elisabete · A fronte escondes
nessa coroa de ouro? Se a justiça
fosse justiça, nela se veria
com fogo assinalada a triste morte
do verdadeiro dono da coroa,
de meus irmãos, dos meus queridos filhos.
Oh miserável, onde estão meus filhos?

Duquesa · Sapo, onde está o teu irmão Clarence?
Onde o seu filho, o pequenino Ned
Plantageneta?

Rainha Elisabete · E Rivers, Vaughan, Grey?

Duquesa ·
E o bondoso Hastings? Que foi feito dele?

Rei Ricardo ·
Clarins! Trombetas! Toques de tambores!
Que o céu não ouça essas mulheres loucas
no ungido do Senhor lançar insultos.

(Clarins, tambores.)

Ou me falai em termos e com calma,
ou afogarei nestes clamores bélicos
vossas exclamações disparatadas.

Duquesa · És meu filho?

Rei Ricardo · Decerto; a Deus dou graças,
a meu pai e a vós mesma.

Duquesa · Então escuta
pacientemente a minha impaciência.

Rei Ricardo ·
Tenho o gênio, senhora, como o vosso,
incapaz de agüentar qualquer censura.

Duquesa · Oh! Deixa-me falar!

Rei Ricardo · Seja! Eu não ouço.

Duquesa · Só direi termos brandos e afetuosos.

Rei Ricardo ·
Sede concisa, mãe, que eu tenho pressa.

Duquesa · Estás tão apressado? Só Deus sabe
quanto esperei por ti no meu tormento.

Rei Ricardo ·
E, afinal, não vos trouxe algum consolo?

shakespearebrasileiro.org

Duquesa · Sabes que não, pelo sagrado lenho.
Tua vinda me fez da terra o inferno;
teu nascimento foi pesado fardo;
impertinente e má foi tua infância;
como escolar, terrível e selvagem,
ruim, furioso, bárbaro; no tempo
da adolescência, audaz e aventuroso;
como homem, sanguinário, cruel, hipócrita,
orgulhoso e sutil; no ódio, mais calmo,
por isso mesmo muito mais daninho.
Poderias mostrar-me uma hora, ao menos,
de prazer que me houvesses ensejado
com tua companhia?
Rei Ricardo · Não, decerto,
se não for a hora de Humphrey, como era hábito
Vossa Graça dizer quando almoçava
sem minha companhia. Mas se eu causo
tão grande desconforto a vossa vista,
deixai que eu parta, sem vos dar desgosto.
Tocai, tambores!
Duquesa · Por obséquio, escuta-me!
Rei Ricardo · Soi muito azeda.
Duquesa · Uma palavra apenas.
Rei Ricardo · Que seja!
Duquesa · Ou morres por decreto de Deus justo,
antes de vitorioso retornares
desta guerra, ou, de velha e de tristeza
morrerei sem tornar a ver-te o rosto.
A minha maldição, por isso, leva,
que te deixe no dia da batalha
mais cansado que o peso da armadura
que nessa hora envergares. Minhas preces
ao lado lutarão dos teus contrários;
as pequeninas almas dos dois filhos
de Eduardo hão de, em segredo, nos ouvidos
falar dos teus imigos, prometendo-lhes
vitória e êxito pleno. És sanguinário;
vais ter banhado em sangue o teu sudário.

(Sai.)

Rainha Elisabete ·
Embora eu tenha muito mais motivos
para te amaldiçoar, falta-me o espírito
necessário; só sei dizer Amém.

(Faz menção de se retirar.)

Rei Ricardo · Senhora, uma palavra, por obséquio!
Rainha Elisabete ·
Já não tenho outros filhos de real sangue
que tu possas matar, que minhas filhas,
Ricardo, vão rezar dentro de um claustro,
não chorar sobre o trono. Não atentes,
por isso, contra a vida das coitadas.
Rei Ricardo · Elisabete, vossa filha é bela,
de condição real e muito digna.
Rainha Elisabete ·
E vai morrer, por isso, a coitadinha?
Oh! Deixai-a viver! Vou conspurcar-lhe
toda a beleza e corromper-lhe os hábitos;
direi que eu própria fui infiel a Eduardo;
sobre ela atirarei o véu da infâmia.
Porque não caia do assassino à fúria,
proclamarei ser ela filha espúria.
Rei Ricardo ·
Não lhe manches o berço; é de real sangue.
Rainha Elisabete ·
Para salvá-la, negarei até isso.
Rei Ricardo ·
Assegura-lhe a vida o nascimento.
Rainha Elisabete ·
Assim, seguros, seus irmãos morreram.
Rei Ricardo · Foi tudo força de funestos astros.
Rainha Elisabete ·
Não; inimigos maus é que o quiseram.
Rei Ricardo · São fatais os decretos do destino.
Rainha Elisabete ·
Quando o destino pelos maus é feito.
Aos meus filhos tocara pela morte,
se o céu te houvesse dado vida bela.
Rei Ricardo ·
Dais a entender que assassinei meus primos.
Rainha Elisabete ·
Primos, realmente, as minhas obras-primas,
pelo tio privados do conforto,
da liberdade, da família, reino,
da própria vida, enfim. Fosse qual fosse
a mão que lhes furasse o terno peito,
partiu dessa cabeça a ordem para isso,
por caminhos tortuosos. É verdade
que o cutelo assassino ficaria
sem corte algum, se afiado ele não fosse
no coração de pedra do teu peito,
para orgia fazer nas tenras carnes
das minhas ovelhinhas. Se a dor bárbara
com o próprio tempo não ficasse branda,
não te gritara o nome de meus filhos
sem que estas unhas encontrassem porto
para âncora lançarem nos teus olhos.

shakespearebrasileiro.org

E eu, pobre barco, na mortal baía,
a vela rota, a cordoalha esfeita,
me quebrantara nesse pétreo peito.
Rei Ricardo ·
Senhora, possa eu ter um bom sucesso
nesta empresa de guerra sanguinosa,
como desejo bem a vós e as vossos,
sem nunca vos ter feito nenhum dano.
Rainha Elisabete ·
Que bem o céu encobre e vai ser visto,
porque eu senti-lo possa?
Rei Ricardo · A elevação
de vossos próprios filhos, gentil dama.
Rainha Elisabete ·
Ao cadafalso, para aí morrerem?
Rei Ricardo · À dignidade, aos cimos da fortuna,
à real imagem da terrena glória.
Rainha Elisabete ·
Adula a minha dor com tua fala:
dize-me o estado, a dignidade, o título
que a qualquer filho meu conceder podes.
Rei Ricardo ·
Tudo o que tenho; sim, eu próprio, tudo
doarei a um dos teus filhos, porque possas
no Letes do teu peito atribulado
mergulhar a lembrança dolorosa
dos males que supões te haver eu feito.
Rainha Elisabete ·
Então sê breve, para que este acesso
de bondade, ao ser dito, tenha dura
maior do que a bondade que te é própria.
Rei Ricardo · De coração direi que amo tua filha.
Rainha Elisabete ·
De coração a mãe de minha filha
pensa isso mesmo.
Rei Ricardo · Que pensais, portanto?
Rainha Elisabete ·
Que amas a minha filha idolatrada,
de todo o coração, tal como amavas
seus irmãos. De igual modo, do mais fundo
do coração, eu te agradeço tudo.
Rei Ricardo · Não dês sentido irônico ao que digo.
Disse que amo tua filha do mais fundo
do coração, e assim, vou fazer dela
Rainha da Inglaterra.
Rainha Elisabete · Bem; e o esposo,
quem pretendes que seja?
Rei Ricardo · Justamente
quem dela vai fazer rainha, não?
Rainha Elisabete · Como! Tu?
Rei Ricardo · Precisamente. Que pensais do caso?
Rainha Elisabete ·
De que maneira a corte lhe farias?
Rei Ricardo · Isso convosco aprenderei, por terdes
cabal conhecimento do seu gênio.
Rainha Elisabete ·
Quererás que to ensine?
Rei Ricardo · Sim, senhora;
de todo o coração.
Rainha Elisabete · Então lhe envia
pelo homem que matou seus irmãozinhos
dois corações sangrentos, em que estejam
gravadas as palavras: York e Eduardo.
É possível que chore; de presente,
lhe manda um lenço — como Margarida
fez com teu pai, mandando-lhe um no sangue
de Rutland mergulhado — que tivesse
bebido a seiva rútila do corpo
de seu irmão, e dize-lhe que enxugue
com ele as ternas lágrimas. Se o mimo
não tiver o poder de demovê-la,
escreve-lhe uma carta em que relates
tuas nobres ações; conta-lhe como
liquidados por ti foram seus tios
Clarence e Rivers e, por causa dela,
tão-somente, apressaste a despedida
de Ana, sua boa tia. Conta-lhe isso.
Rei Ricardo ·
Senhora, estais zombando; desse modo,
não poderei chegar a vossa filha.
Rainha Elisabete ·
Não conheço outro; a menos que pudesses
assumir outra forma, sem mais seres
o Ricardo assassino deles todos.
Rei Ricardo · Dizei-lhe que por ela fiz tudo isso.
Rainha Elisabete ·
Ela terá de odiar-te, por haveres
comprado o amor com tão sangrento espólio.
Rei Ricardo · Vede,
o que está feito já não tem remédio.
Por vezes o homem faz algum dislate,
de que venha mais tarde a arrepender-se.
Se a vossos filhos eu privei do trono,
em recompensa a vossa filha o entrego.

shakespearebrasileiro.org

Se os frutos eu matei de vosso ventre,
para vos aumentar os descendentes,
em vossa filha gerarei herdeiros
de quem serás avó, nome não menos
caro do que o de mãe. Vossos serão
do mesmo modo, um grau, somente, abaixo,
mas do mesmo vigor, do mesmo sangue.
Os mesmos sofrimentos vos custaram,
salva uma noite, apenas, de gemidos,
sofridos por quem vós iguais sofrestes.
Vossos filhos encheram-vos de luto
na mocidade; os meus só de consolo
vos servirão nos dias da velhice.
Vossa perda consiste só num filho
que deixou de ser rei; mas dessa perda
resulta ser rainha vossa filha.
Dar-vos não me é possível mais escusas;
aceitai, pois, o bem que dar vos posso.
Dorset, o vosso filho, que a alma tímida
passeia, descontente, no estrangeiro,
será, por essa aliança, incontinenti,
chamado para a pátria, porque seja
promovido às mais altas dignidades.
O rei que chama esposa à vossa filha,
familiarmente o chamará de irmão.
Sereis de novo mãe de um soberano,
ficando reparadas as ruínas
de um passado infeliz, pelos tesouros
duplamente valiosos da alegria.
Ainda temos na frente belos dias;
as claras gotas de água que chorastes
se mudarão em pérolas do Oriente,
pagando-vos o empréstimo com juros
vinte vezes maior, só de venturas.
Ide, mãe; ide; vede vossa filha;
vossa experiência há de infundir coragem
a seus tímidos anos; os ouvidos
lhe preparai para escutar o canto
de um pretendente; no seu tenro peito
lançai a chama altiva da realeza;
tornai-a familiar com as silenciosas
e doces horas das felizes núpcias.
Quando este braço houver dado o castigo
ao pequeno rebelde e cabeçudo
Buckingham, voltarei com a fronte ornada
dos louros da vitória, para ao leito
de um vencedor encaminhar tua filha,
a quem entregarei o rico espólio,
assim tornando-a o César deste César.

Rainha Elisabete ·
Como devo dizer-lhe: que esposá-la
deseja o irmão do pai, ou é preferível
chamar-lhe tio? Ou o homem, simplesmente,
que os tios lhe matou e os irmãozinhos?
Que título escolher, para pedi-la,
que Deus, a lei, minha honra deixar possam
mais agradável a seus tenros anos?
Rei Ricardo · Dizei-lhe que decorre dessa aliança
tranqüilidade para a nossa pátria.
Rainha Elisabete ·
Que ela há de conseguir com dura guerra.
Rei Ricardo ·
Dizei-lhe que lhe pede um rei que manda.
Rainha Elisabete ·
Pede-lhe o que proíbe o Rei dos reis.
Rei Ricardo · Ela se tornará grande rainha.
Rainha Elisabete ·
Para, como sua mãe, chorar o título.
Rei Ricardo ·
Dizei-lhe que hei de amá-la eternamente.
Rainha Elisabete ·
Mas quanto tempo o "eternamente" dura?
Rei Ricardo · Durará tanto quanto a vida dela.
Rainha Elisabete ·
E a sua bela vida será longa?
Rei Ricardo · Quanto o céu o quiser e a natureza.
Rainha Elisabete ·
Quanto o quiser Ricardo e o negro inferno.
Rei Ricardo ·
Dizei-lhe que eu, seu rei, sou seu vassalo.
Rainha Elisabete ·
Mas, vassala, tem ela ódio à realeza.
Rei Ricardo · Sede eloqüente a meu favor junto a ela.
Rainha Elisabete ·
Deve ser curta uma proposta honesta.
Rei Ricardo ·
Sede, pois, breve, ao lhe dizer que a adoro.
Rainha Elisabete ·
Breve mas desonesto, é estilo duro.
Rei Ricardo · Argumentais por cima e com viveza.
Rainha Elisabete ·
Não, com profundidade e em tom funéreo,
como meus filhos, mortos, em seus túmulos.
Rei Ricardo · Não insistais, senhora, nessa corda.
Rainha Elisabete ·
Hei de insistir, contudo, até que a corda
do coração se parta.

shakespearebrasileiro.org

Rei Ricardo · Por meu Jorge,
minha liga, meu trono...
Rainha Elisabete · Profanado,
desonrada, usurpado...
Rei Ricardo · Juro...
Rainha Elisabete · Nada!
Não jureis, que essa jura não vos prende.
Teu Jorge já perdeu a honra sagrada;
manchada, a liga sem virtude se acha;
usurpado, o real trono não tem glória.
Se queres que eu te creia, faze a jura
por algo que não tenhas conspurcado.
Rei Ricardo ·
Está bem: pelo mundo...
Rainha Elisabete · Esse está cheio
de teus crimes.
Rei Ricardo · A morte de meu pai...
Rainha Elisabete ·
Tua vida a manchou.
Rei Ricardo · Então, por mim...
Rainha Elisabete ·
Tu próprio te aviltaste.
Rei Ricardo · Nesse caso,
por Deus...
Rainha Elisabete · Deus em tudo isso está ofendido.
Se temesses quebrar um juramento
feito em seu nome, não terias nunca
quebrado a união feita por meu marido;
meus irmãos ainda vivos estariam.
Se temesses quebrar um juramento
feito em seu nome, essa imperial coroa
que te cinge a cabeça, fora posta
na mimosa cabeça de meu filho,
vivos estando, ainda, os meus dois príncipes,
que ora, associados à poeira dura,
tua perfídia fez presa dos vermes.
Por que podes jurar?
Rei Ricardo · Pelo futuro.
Rainha Elisabete ·
Ofendido por ti foi no passado.
Eu própria hei de lavar com minhas lágrimas
o futuro por quanto me fizeste;
vivem ainda os filhos das pessoas
que assassinaste, abandonados jovens
que se hão de lastimar por toda a vida;
ainda vivem os pais dos que mataste,
velhas plantas mirradas, que hão de o grande
infortúnio chorar por toda a vida.
Pelo futuro, não; isto te baste:
com teus crimes passados o manchaste.
Rei Ricardo · Se sincero não for o meu propósito
de reparar todas as minhas faltas,
desejo fracassar neste guerreiro
cometimento. Eu próprio me confunda!
Privem-me da alegria o céu e a sorte.
Dia, tira-me a luz! Noite, o repouso!
Que os astros bons a mim sejam adversos,
se não for com os mais puros sentimentos,
imaculada devoção e pias
intenções que eu aspiro a ser o dono
da beleza de tua nobre filha.
Nossa felicidade nela se acha.
Sem ela, sobre mim cair já vejo,
sobre ela própria, sobre ti, sobre almas
cristãs inumeráveis, sobre a pátria,
morte e desolação, ruína e ocaso.
Só esse enlace poderá evitá-lo.
Por isso, cara mãe — assim vos chamo —
sede o advogado do meu puro amor;
mostrai-lhe o que hei de ser, não meu passado;
não quanto sou, mas quanto ainda me espera.
Falai-lhe sobre as condições do tempo,
sobre a necessidade, sem mostrar-vos
mesquinha em se tratando de altos planos.
Rainha Elisabete ·
Terei de ser tentada pelo diabo?
Rei Ricardo · Sim, se para algo bom fores tentada.
Rainha Elisabete ·
Eu própria esquecerei que sou eu mesma?
Rei Ricardo · Sim, se a vossa lembrança prejudica.
Rainha Elisabete ·
No entanto, és o assassino de meus filhos.
Rei Ricardo · Para enterrá-los, sim, em vossa filha.
É nesse seio odoro que eles hão de
renascer para vosso próprio alívio.
Rainha Elisabete ·
Terei de lhe falar a teu respeito?
Rei Ricardo ·
Mãe feliz ficareis, se assim fizerdes.
Rainha Elisabete ·
Pois bem, fá-lo-ei. Escreve-me depressa,
porque saibas o que ela tiver dito.
Rei Ricardo ·
Meu beijo lhe levai. E agora, adeus!

(Beija-a.)

(Sai a Rainha Elisabete.)

Louca sentimental! Mulher mudável!

(Entra Ratcliff; Catesby o segue.)

shakespearebrasileiro.org

Então, que novidades?
Ratcliff · Poderoso senhor, na costa oeste
vê-se uma grande armada. Pelas praias
se apinha multidão de amigos dúbios,
de coração vazio, desarmados
e incapazes da mínima defesa.
Richmond é o almirante, é o que eles dizem,
parados todos, a esperarem Buckingham,
que deve vir desembarcar o imigo.
Rei Ricardo ·
Manda ao Duque de Norfolk um dos nossos
amigos expeditos; vai tu próprio,
ou Catesby. Onde Catesby se encontra?
Catesby · Aqui, milorde.
Rei Ricardo · Catesby, depressa,
vai procurar o duque.
Catesby · Irei, milorde,
com a maior rapidez que for possível.
Rei Ricardo · Ouve-me, Ratcliff; corre a Salisbury,
chegando lá...
(A Catesby.) Idiota, desmiolado,
que fazes que não corres para o duque?
Catesby · Primeiro, poderoso soberano,
me deverá dizer Vossa Grandeza
o que é preciso que eu lhe comunique.
Rei Ricardo · É verdade, bom Catesby. Ele deve
levantar, sem demora, toda a força
que possível lhe for e vir reunir-se-me
em Salisbury com a maior urgência.
Catesby · Irei.

(Sai.)

Ratcliff · E em Salisbury que farei, milorde?
Rei Ricardo ·
Que poderás fazer na minha ausência?
Ratcliff · Vossa Grandeza disse que eu fosse antes.

(Entra Stanley.)

Rei Ricardo · Mas já mudei de idéia. Que notícias,
Stanley, nos vens trazer?
Stanley · Nenhuma boa
bastante para ouvirdes com agrado,
mas nenhuma, também, tão grave, acaso,
que não vos possa ser logo contada.
Rei Ricardo · Olá! Temos charada? Nem tão boa,
nem tão ruim... Por que dás tantas voltas,
se contar podes toda a tua história
pelo atalho mais curto? Novamente:
que notícias?
Stanley · Richmond está nos mares.
Rei Ricardo ·
Que naufrague e sobre ele os mares fiquem.
Que faz nos mares esse vagabundo
de fígado sem sangue?
Stanley · A causa, a ignoro;
mas creio adivinhá-la.
Rei Ricardo · Que adivinhas?
Stanley ·
Talvez por Morton, Buckingham e Dorset
espicaçado, vem para a Inglaterra
com o fim de reclamar o real trono.
Rei Ricardo · Está vazio o trono? A espada pende
sem dono, acaso? O rei já não respira?
Já não tem dono o império? A quem podemos
chamar Rei da Inglaterra, afora o herdeiro,
somente, do grande York? E agora dize:
que pode ele no mar estar fazendo?
Stanley · Afora esse motivo, nada posso
conjeturar.
Rei Ricardo · Afora esse motivo,
ele vem para ser o vosso mestre.
Não sabeis porque vem esse galense,
não é assim? Estou bem desconfiado
de que queres passar para o seu lado.
Stanley · Não desconfieis de mim, meu soberano.
Rei Ricardo · Nesse caso, onde estão teus efetivos,
para ires combatê-lo? Os teus tenentes?
Teus seguidores? Não se encontram todos
na praia ocidental, para os rebeldes
desembarcar a salvo?
Stanley · Estão no norte
todos os meus amigos, soberano.
Rei Ricardo · Frios amigos para mim. Que fazem
eles no norte, em vez de no ocidente
servirem seu monarca?
Stanley · Ordem nenhuma
receberam, senhor, nesse sentido.
Se a Vossa Majestade for do agrado,
vos reunir os amigos e encontrar-me
com Vossa Graça no lugar e em tempo
que a Vossa Majestade for mais útil.
Rei Ricardo · Eu sei! Queres partir para juntar-te
a Richmond. Desconfio de tudo isso.
Stanley · Poderoso senhor, não tendes causa
para em dúvida pôr minha amizade.
Jamais traidor eu fui; nunca hei de sê-lo.

shakespearebrasileiro.org

Rei Ricardo · Está bem; vai reunir os teus amigos.
Mas deixa aqui teu filho Jorge Stanley.
Se firme o coração não revelares,
perigo correrá a cabeça dele.
Stanley · Com ele procedei como eu convosco.
(Sai.)
(Entra um mensageiro.)
Mensageiro ·
Gracioso, soberano, em Devonshire,
como estou informado por amigos,
estão em armas Sir Eduardo Courtney,
o altanado prelado, Bispo de Exeter
seu irmão, e outros muitos associados.
(Entram outros mensageiros.)
Segundo Mensageiro ·
Meu soberano, em Kent, armados, se acham
os Guildfords; sem cessar, para eles chegam
grupos frescos de novos rebelados
que lhes reforçam, desse modo, o exército.
(Entra terceiro mensageiro.)
Terceiro Mensageiro ·
As forças, meu senhor, do grande Buckingham...
Rei Ricardo ·
Fora daqui, corujas! Cantos fúnebres
é toda vossa fala? Então toma isto,
(esbofeteia-o.)
para contares novas mais alegres.
Terceiro Mensageiro ·
O que eu vinha dizer é que por súbitas
inundações e chuvas abundantes,
ficou disperso o exército de Buckingham
e ele errante, por onde ninguém sabe.
Rei Ricardo · Então, perdoa. Toma a minha bolsa
para que te refaças das pancadas.
Fez proclamar algum discreto amigo
que será concedida recompensa
para quem o traidor me trouxer preso?
Terceiro Mensageiro ·
Isso foi proclamado, soberano.
(Entra quarto mensageiro.)
Quarto Mensageiro ·
Dizem, milorde, que Sir Tomás Lovel
e o Marquês Dorset se acham em Yorkshire,
em armas. Mas decerto Vossa Alteza
vai se alegrar, ouvindo outra notícia:
a esquadra do bretão foi dispersada
por temporal violento. Em Dorsetshire
Richmond mandou um dos batéis à praia
para inquirir dos que por lá se achassem
se podia contar ou não com eles.
Responderam-lhe que eram todos homens
de Buckingham, dispostos a servi-lo.
Mas ele, desconfiando, fez-se à vela,
tomando o rumo, logo, da Bretanha.
Rei Ricardo ·
Marchemos logo, enquanto temos armas;
se não para lutar contra os de fora,
para em casa bater os rebelados.
(Volta Catesby.)
Catesby · Meu soberano, Buckingham foi preso:
essa é a notícia boa. A outra, que o Conde
de Richmond, com possante contingente
desembarcou em Milford, é mais fria,
mas precisa ser dita sem rebuços.
Rei Ricardo · Corramos logo para Salisbury.
Enquanto conversamos, é possível
que se perca ou se ganhe uma batalha.
Providencie alguém para que Buckingham
seja levado para Salisbury.
Os demais me acompanhem.
(Saem.)

Ato IV · Cena V

O mesmo. Um quarto em casa de Lorde Stanley.
Entra Stanley com Sir Cristovão Urswick.

Stanley · De minha parte, Sir Cristovão, dize
a Richmond que meu filho Jorge Stanley
se acha agora trancado na pocilga
do fero e sanguinário javali.
Se eu me passar para ele, o moço Jorge
será decapitado. O medo disso
é que me impede de ir em seu socorro.
Vai logo; recomenda-me ao teu amo.
Ao mesmo tempo dá-lhe a boa nova
de que a rainha consentiu, de grado,
em que ele Elisabete a esposar venha.

shakespearebrasileiro.org

que o sangue vos aspira como se ele
fosse lavagem suja, e em vossos troncos
estripados constrói o imundo cocho:
esse porco monstruoso se rebolca
presentemente bem no centro da ilha,
na cidade de Leicester, segundo
com certeza o soubemos. De Tamworth
até lá é um só dia de caminho.
Em nome, pois, de Deus, bravos amigos,
por meio desta sanguinosa prova
de um áspero combate, preparemo-nos
para a colheita de uma paz durável.

Oxford · Cada consciência vale por mil homens
para lutar contra o homicida horrendo.
Herbert · Não duvido de que seus partidários
nos virão procurar.
Blunt · Seus partidários
só o são forçados pelo medo. No auge
da precisão, sozinho há de encontrar-se.
Richmond · Só temos a lucrar. Com Deus, avante!
Veloz como a andorinha é a fé, eu o sei:
de reis faz deuses, de um campônio, um rei.

(Saem.)

Ato V · Cena III

Campo de Bosworth.
Entra o Rei Ricardo, com tropas; o Duque de Norfolk, o Conde de Surrey e outros.

Rei Ricardo · Neste lugar armai a tenda: aqui,
no campo de Bosworth. Milorde Surrey,
por que vos mostrais triste?
Surrey · Vinte vezes
mais leve tenho o coração que o rosto.
Rei Ricardo ·
Milorde Norfolk...
Norfolk · Aqui estou, meu príncipe!
Rei Ricardo · Que te parece? Vamos ter, decerto,
pancadaria grossa.
Norfolk · Sim, havemos
de dar e receber, meu soberano.
Rei Ricardo · Armai a tenda! Aqui dormirei hoje.
(Os soldados começam a armar a tenda.)
E amanhã? Pouco importa? Quem já sabe
qual o número certo dos traidores?
Norfolk · Ao todo seis ou sete mil, se tanto.
Rei Ricardo ·
Temos, então, três vezes mais do que isso.
Depois, o nome "Rei" é um burgo forte
com que não contam nossos adversários.
Vamos, à tenda! Vinde, gentis-homens,
vejamos as vantagens do terreno.
Chamai pessoas de provado senso.
Transmiti ordens; ninguém fique ocioso,
que amanhã vai ser dia trabalhoso.

(Saem.)

(No outro lado do campo entram Richmond, Sir William Brandon, Oxford e outros oficiais. Alguns soldados armam a tenda de Richmond.)

Richmond · O sol cansado teve ocaso de ouro
e pelo rasto claro de seu carro
flamejante promete um belo dia.
Sir William Brandon, levareis meu lábaro.
Papel e tinta me trazei à tenda,
para eu traçar o plano de batalha,
determinar a cada um seu posto
e distribuir nossa pequena força
com justa proporção. Milorde de Oxford,
Sir William Brandon, vós, Sir Walter Herbert,
ficai comigo. Com seu regimento
fica o Conde de Pembroke. Bondoso
Capitão Blunt, por mim dai-lhe boa noite
e lhe dizei que na segunda hora
da manhã ele deve procurar-me.
Mais uma coisa, capitão, dizei-me:
sabeis da posição de Lorde Stanley?
Blunt ·
Se eu não me equivoquei com suas cores —
o que é quase certeza não ter feito —
seu regimento a meia milha se acha,
para o sul, quando muito, das reais forças.
Richmond · Se for possível vê-lo sem perigo,
bondoso capitão, de minha parte
lhe dai este papel; é caso urgente.
Blunt · Fá-lo-ei, por minha vida. E assim, milorde,
Deus vos conceda uma tranqüila noite.

shakespearebrasileiro.org

Richmond · Boa noite, caro Blunt. E ora, senhores,
passemos à consulta dos negócios
de amanhã. Minha tenda à mão se encontra;
o ar aqui fora está cortante e frio.

(Entram para a tenda.)

(Ricardo entra para a sua tenda, com Norfolk, Ratcliff e Catesby.)

Rei Ricardo ·
Que horas já são?
Catesby · Milorde, é hora da ceia:
são nove horas.
Rei Ricardo · Não quero cear hoje.
Dá-me papel e tinta.
Minha viseira corre facilmente?
A armadura na tenda já foi posta?
Catesby · Perfeitamente; tudo está de jeito.
Rei Ricardo ·
Assume, meu bom Norfolk, o teu posto;
cuida da guarda; escolhe bons vigias.
Norfolk · Pois não, meu soberano.
Rei Ricardo · Levanta-te amanhã com as cotovias,
gentil Norfolk.
Norfolk · Prometo-o, soberano.

(Sai.)

Rei Ricardo · Ratcliff!
Ratcliff · Milorde?
Rei Ricardo · Manda um passavante de armas
dizer a Stanley, em seu regimento,
que antes de o sol nascer traga seus homens;
do contrário, cairá seu filho Jorge
na cova cega da eternal caligem.
Dá-me um copo de vinho... Traze um facho.
Sela para amanhã meu Surrey branco.
Vê o estado das lanças; todas devem
ser resistentes, mas sem muito peso.
Ratcliff!
Ratcliff · Milorde?
Rei Ricardo · Viste, acaso, o melancólico
Lorde Northumberland?
Ratcliff · Vi-o, em pessoa,
junto com o Conde Surrey, à tardinha;
iam de tropa em tropa, percorrendo
todas as filas, a animar os homens.
Rei Ricardo · Isso me deixa alegre. Dá-me vinho.
Não sinto a alacridade costumeira,
nem a coragem de antes... Deixa aí!...
E o papel, já está pronto?
Ratcliff · Sim, milorde.
Rei Ricardo · Deixa-me, e recomenda à sentinela
que faça boa guarda. Em meio à noite,
Ratcliff, retorna à minha tenda, para
me ajudares a armar-me. Sai, já o disse.

(O Rei Ricardo se retira para a sua tenda. Saem Ratcliff e Catesby.)

(Abre-se a tenda de Richmond, deixando vê-lo com seus oficiais.)

(Entra Stanley.)

Stanley ·
Que a sorte e o triunfo no elmo se te aninhem.
Richmond ·
Meu nobre sogro, almejo-te o conforto
que possa conceder-te a negra noite.
E a nossa cara mãe, como se encontra?
Stanley · Tenho procuração para abençoar-te
da parte dela que, sem pausa, reza
pela prosperidade de Richmond.
Quanto a isso, basta. As horas silenciosas
deslizam e o negrume floconoso
se esbate no nascente. Resumindo,
que o tempo não nos deixa ser prolixos:
dispõe teus homens para amanhã cedo
e entrega à decisão dos rubros golpes
e à guerra de fatais e fixos olhos
toda tua fortuna. Do meu lado,
quanto me for possível — que não posso
fazer tudo o que quero — hei de esforçar-me
por enganar o tempo e para ser-te
de vantagem no embate duvidoso.
Mas não posso mostrar-me diligente
para te socorrer, que, se for visto,
Jorge, teu terno irmão, executado
será à vista de seu próprio pai.
Passa bem; o vagar e o tempo incerto
não nos permitem mostras afetuosas
nem troca demorada de palavras
agradáveis, tal como é de costume
entre amigos, há muito, separados.
Deus nos conceda tempo para os ritos
da amizade. Mais uma vez: adeus!
Não esmoreças e conquista a glória.
Richmond · Lordes, reconduzi-o às suas tropas.
Não obstante os cuidados que me afligem,
vou procurar dormir um pouco, para
sobre mim não pesar o plúmbeo sono,

shakespearebrasileiro.org

quando raiar o dia em que é forçoso
que eu me libre nas asas da vitória.
Mais uma vez, boa noite, caros lordes.
(Saem todos, menos Richmond.)
Oh tu, de quem eu me confesso simples
capitão, lança a vista compassiva
para os meus homens! Dá que eles manejem
os destruidores ferros de tua cólera,
porque amassar consigam com seus golpes
os orgulhosos elmos dos imigos!
Usa-nos como meio de castigo
porque em tua vitória te exaltemos!
Entrego-te minha alma vigilante
ao cerrar as janelas destes olhos.
Que eu durma e vele... Oh! Não me desampares!
(Dorme.)
(O espectro do Príncipe Eduardo, filho de Henrique VI, aparece entre as duas tendas.)
ESPECTRO *(ao Rei Ricardo)* ·
Amanhã pesarei sobre tua alma!
Relembra a punhalada que me deste
em Tewksbury, no albor da mocidade.
Enche-te, pois, de desespero, e morre!
(A Richmond.) Alegra-te, Richmond, porque
[combatem
de teu lado os espíritos dos príncipes
mortos injustamente antes do tempo.
Filho do Rei Henrique eu sou; coragem!
(Aparece o espectro do Rei Henrique VI.)
ESPECTRO *(ao Rei Ricardo)* ·
O corpo ungido, em vida, me crivaste
de feridas mortais. Pensa na Torre;
enche-te, pois, de desprezo, e morre!
(A Richmond.) Santo e virtuoso, vence! O mesmo
[Henrique
que predisse que havias de ser rei,
no sono ora te anima. Vive e cresce!
(Aparece o espectro de Clarence.)
ESPECTRO *(ao Rei Ricardo)* ·
Amanhã pesarei sobre tua alma,
eu, que fui afogado em vinho infame,
pobre Clarence, que entregaste à morte.
Pensa em mim na batalha de amanhã
e cair deixa a tua espada romba.
Enche-te, pois, de desespero, e morre!
(A Richmond.) Salve, broto a casa de Lencastre!
Rezam por ti os ultrajados Yorkes.
Que os anjos te protejam. Vive e cresce!
(Aparecem os espectros de Rivers, Grey e Vaughan.)
ESPECTRO DE RIVERS *(ao Rei Ricardo)* ·
Amanhã pesarei sobre tua alma!
Fala-te Rivers, por ti morto em Pomfret.
Enche-te, pois, de desespero, e morre!
ESPECTRO DE GREY *(ao Rei Ricardo)* ·
Pensa em Grey e que tua alma desespere!
ESPECTRO DE VAUGHAN *(ao Rei Ricardo)* ·
Pensa em Vaughan com medo criminoso
e cair deixa tua lança romba!
Enche-te, pois, de desespero, e morre!
OS TRÊS ESPECTROS *(a Richmond)* ·
Desperta e pensa que por ti combate
no peito de Ricardo o que sofremos.
Desperta e sê o vencedor do dia!
(Aparece o espectro de Hastings.)
ESPECTRO *(ao Rei Ricardo)* ·
Sanguinário e culpado, acorda em culpa
e em batalha sangrenta acaba os dias.
Pensa em Lorde Hastings, desespera e morre!
(A Richmond.) Alma tranqüila, acorda, e nesta guerra
mostra-te o braço forte da Inglaterra!
(Aparecem os espectros dos dois jovens príncipes.)
ESPECTROS *(ao Rei Ricardo)* ·
Sonha com teus dois primos asfixiados
na Torre! Como chumbo pesaremos
em teu peito, Ricardo, para a ruína
te obrigar a baixar e para a morte.
Falam-te as almas de teus dois sobrinhos;
enche-te, pois, de desespero, e morre!
(A Richmond.) Dorme, Richmond, em paz e acorda
[alegre!
Que os anjos te protejam do javardo!
Vive e dá nascimento a florescente
casa de sangue real. Os infelizes
filhos de Eduardo querem que prosperes.
(Aparece o espectro de Lady Ana.)
ESPECTRO *(ao rei Ricardo)* ·
Ricardo, tua esposa, a desgraçada
Ana, tua esposa que, jamais, uma hora
pôde junto de ti dormir tranqüila,
com pesadelos ora te enche o sono.
Pensa em mim na batalha de amanhã
e cair deixa a tua espada romba.
(A Richmond.) Alma tranqüila, dorme um sono
[calmo.

shakespearebrasileiro.org

Sonha com a glória, a paz seja contigo,
que por ti reza a esposa do inimigo.
(Aparece o espectro de Buckingham.)
Espectro *(ao Rei Ricardo)* ·
Fui o primeiro a te elevar ao trono,
o último a te provar a tirania.
Oh! Durante a batalha pensa em Buckingham
e morre no terror de tua infâmia.
Sonha com sangue, com traições e morte,
sem que na vida encontres mais suporte.
(A Richmond.) Morri sem te poder ser ajudante.
Não reveles temor; luta confiante.
Estarão Deus e os anjos ao teu lado;
Ricardo vai cair presa do fado.
(Desaparecem os espectros; o Rei Ricardo acorda Sobressaltado.)
Rei Ricardo ·
Outro cavalo, outro cavalo! Os golpes
me pensai! Meu Jesus, tende piedade!
Devagar! Devagar! Foi tudo sonho.
Oh consciência covarde, tu me assustas!
Azul a chama se acha; é meia-noite,
hora mortal. Um suor frio escorre-me
pelos trêmulos membros. Como! Medo?
Medo de quê? Não há ninguém por perto.
Ricardo ama Ricardo; eu sou eu mesmo.
Haverá aqui dentro um criminoso?
Não... Sim: eu próprio. Então, foge depressa.
Mas, fugir de mim mesmo? Justifica-se:
poderia vingar-me. Como! Eu próprio
de mim tomar vingança? Amo-me muito.
Por quê? Por algum bem que eu me fizesse?
Oh, não! Antes me odeio, por odiosas
ações que eu pratiquei. Sou um miserável!
Minto; não o sou. Não digas, tolo, coisas
feias de ti! Oh tolo, não te adules!
De mil línguas distintas é dotada
minha consciência; uma por uma, as línguas,
conta uma história à parte, e todas elas
me chamam miserável. O perjúrio
em seu mais alto grau, crimes horrendos
em seu mais alto grau, todos os crimes
nos mais variados graus, me gritam do alto
do tribunal: Culpado! Criminoso!
Desespero; criatura alguma me ama.
Se eu morrer, nenhuma alma há de chorar-me.
Aliás, por que o fariam, se eu não tenho
piedade de mim próprio? Pareceu-me
que à minha tenda tinham vindo as almas
de quantos eu matei e que elas todas
prometiam lançar dura vingança
amanhã na cabeça de Ricardo.
(Entra Ratcliff.)
Ratcliff · Milorde!
Rei Ricardo · Quem está aí?
Ratcliff · Sou eu, milorde,
[Ratcliff.
o matutino galo do povoado
a aurora já saudou por duas vezes.
De pé, vossos amigos se preparam.
Rei Ricardo ·
Oh Ratcliff! Eu sonhei um sonho horrível!
Que pensas? Estarão eles conosco?
Ratcliff · Sem dúvida, milorde.
Rei Ricardo · Oh! temo... temo...
Ratcliff · Não reveleis, senhor, medo de sombra.
Rei Ricardo ·
Sim, por São Paulo Apóstolo, esta noite
sombras lançaram na alma de Ricardo
muito mais medo do que poderiam
fazê-lo mil soldados aguerridos
sob o comando do imbecil Richmond.
Ainda é noite. Vem; saiamos juntos.
Vamos ficar de escuta junto às tendas
para saber se alguém pensa em trair-nos.
(Saem.)
(Richmond desperta; entra Oxford e outros.)
Lordes · Bom dia, Richmond!
Richmond · Peço perdão, zelosos gentis-homens,
por terdes surpreendido um dorminhoco.
Lordes · Dormistes bem, milorde?
Richmond · Desde a vossa saída, meus senhores,
tive o mais doce sono, os mais risonhos
e promissores sonhos que podiam
penetrar num espírito cansado.
Pareceu-me que as almas cujos corpos
Ricardo assassinara, tinham vindo
à minha tenda me gritar: Vitória!
O coração, afirmo-o, ora se encontra
jucundo à só lembrança desse sonho.
A quanto estamos da manhã, milordes?
Lordes · Prestes a bater quatro.
Richmond ·
Tempo é de nos armarmos e ordens darmos.

shakespearebrasileiro.org

(Oração de Richmond aos soldados.)
Além do que eu vos disse, compatriotas,
me impede ora falar-vos a premência
do tempo e as circunstâncias. Fervorosas
preces de santos e de violentadas
almas à nossa frente se levantam
como fortes baluartes. Se excetuarmos
Ricardo, os que no campo oposto se acham
preferem que tenhamos a vitória
a dá-la ao que eles seguem. Pois que espécie
de chefe é que eles seguem? Gentis-homens,
um assassino e um tirano sanguinário,
que subiu pelo sangue e pelo sangue
se firmou, que lançou mão dos recursos
mais vis para chegar onde ora se acha,
e que sacrificou seus auxiliares,
horrível pedra sem valor, tornada
preciosa tão-somente pelo engaste
do trono da Inglaterra que ele usurpa,
declarado inimigo de Deus grande.
Se fordes contra o imigo de Deus grande,
Deus, em sua justiça, há de amparar-vos,
por serdes seus soldados. Se suardes
para depor o monstro, heis de ter sono
sossegado, uma vez morto o tirano.
Se os imigos da pátria combaterdes,
tereis a recompensa das canseiras
no bem-estar da pátria. Se lutardes
para as esposas libertar, por elas
sereis saudados como vencedores
de volta a vossos lares. Se livrardes
da espada vossos filhos, vossos netos
vos darão na velhice a recompensa.
Em nome, pois, de Deus e do Direito
desfraldai as bandeiras, empunhando
vossas espadas prestes. O resgate
desta minha audaciosa tentativa
consistirá em dar o frio corpo
à terra também fria. Mas no caso
de eu sair vencedor, heis de ter todos
vossa parte nos lucros deste dia.
Clarins, tambores, eia! Para a glória!
Deus e São Jorge! Richmond e vitória!

(Saem.)

(Voltam o Rei Ricardo, Ratcliff, auxiliares e soldados.)

REI RICARDO ·
Northumberland que disse de Richmond?

RATCLIFF · Que desconhece quanto à guerra toca.

REI RICARDO ·
Falou a verdade. E Surrey, que lhe disse?

RATCLIFF · Sorrindo, acrescentou: "Melhor assim".

REI RICARDO ·
Ele está com a razão; é assim, de fato.

(O relógio bate horas.)
Soam horas... Trazei-me um calendário.
Quem já viu hoje o sol?

RATCLIFF · Eu não, milorde.

REI RICARDO · É que ele, então, a aparecer se nega;
porque, pelo almanaque, já devia
há uma hora ter surgido no nascente.
Para alguém será negro o dia de hoje.
Ratcliff!

RATCLIFF · Milorde?

REI RICARDO · Não veremos hoje o sol.
O céu se adensa sobre os nossos homens;
quisera que essas lágrimas de orvalho
viessem da terra. Não haver sol hoje!
Mas por que para mim será mais grave
do que para Richmond? O mesmo céu
que para mim se mostra carrancudo,
lança sobre ele olhares também tristes.

(Entra Norfolk.)

NORFOLK · Milorde, às armas! O inimigo avança!

REI RICARDO ·
Vamos, depressa! Aprontem meu cavalo!
Dizei a Lorde Stanley que nos traga
seus contingentes. Levarei meus homens
para a planície. Assim vou distribuí-los:
disporei a vanguarda numa linha,
partes iguais de peões e de cavalos;
os archeiros no centro serão postos.
João, Duque de Norfolk, e Tomás,
Conde de Surrey ficarão com o mando
desses homens de pé e de cavalo.
Desse modo disposto, seguiremos
com o corpo principal, cuja potência
reforçada será de cada lado
pela nossa melhor cavalaria.
São Jorge nos proteja. Que achas, Norfolk?

NORFOLK · Plano excelente, belicoso príncipe.
Encontrei isto, cedo, em minha tenda.

(Dá-lhe um papel enrolado.)

REI RICARDO ·
"Jóquei de Norfolk, sê mais precavido,

shakespearebrasileiro.org

porque teu mestre Dick está vendido."
Não passa de invenção dos inimigos.
Ide, senhores, para os vossos postos.
Não nos perturbem a alma nossos sonhos
faladores. Consciência é uma palavra
que os covardes empregam, inventada
para infundir temor nos homens fortes.
Seja nossa consciência o braço forte;
nossa lei, as espadas. Eia, avante!
Juntos conquistaremos nome eterno,
ou baixaremos juntos para o inferno.
(Sua oração para os soldados.)
Que vos direi, além do que já disse?
Pensai em quem tereis de dar combate:
um bando de velhacos, vagabundos,
desertores, a borra da Bretanha,
vis lacaios do campo, vomitados
pelo país saciado, para a todos
destruir com jogá-los nesta empresa.
Dormíeis calmamente; eles vos trazem
somente inquietação. Possuís terras,
tendes belas esposas; eles querem
tomar-vos umas, desonrar as outras.
Quem lhes serve de chefe? Um ser risível,
desde muito criado na Bretanha
a expensas da Inglaterra idolatrada,
um fracalhão que nunca, em toda a vida,
sentiu mais frio do que o dos sapatos,
quando a neve os recobre. Eia! Obriguemos
essa corja a cruzar de novo os mares,
metamos o chicote na canalha
da França, esses mendigos esfaimados,
fatigados da vida, que enforcado
se teriam, decerto, por penúria —
pobres ratos famintos! — se não fosse
terem sonhado com esta bela empresa.
Se tivermos de ser hoje vencidos,
que o sejamos por homens, não por esses
bastardos da Bretanha, que se viram
por nossos pais batidos em seu próprio
país, espezinhados, amassados
e herdeiros se tornaram de vergonha.
Essa gente virá a ficar de posse
do que é nosso? Tomar-nos as esposas?
Desonrar-nos as filhas?
(Tambores, ao longe.)
Atenção!
Ouço os tambores deles! Gentis-homens
da Inglaterra, ao combate! Para a luta,
valorosos campônios! Pontaria,
meus archeiros! Visai-lhes as cabeças!
Metei esporas nos cavalos árdegos!
Atolai-vos em sangue; estupefacto
deixai o céu com os cotos dessas lanças!
(Entra um mensageiro.)
Que disse Lorde Stanley? Traz seus homens?
Mensageiro · Milorde, ele se nega a obedecer.
Rei Ricardo · Fora a cabeça de seu filho Jorge!
Norfolk · Milorde, o imigo já passou o pântano;
deixai a execução de Jorge Stanley
para depois do encontro e da vitória.
Rei Ricardo ·
Mil corações me pulsam no imo peito.
As bandeiras à frente! Aos inimigos!
Que o nosso antigo grito de combate:
"Por São Jorge!" a coragem nos insufle
dos dragões ardorosos. Vamos! A eles!
Paira a vitória sobre os nossos elmos!
(Saem.)

Ato V · Cena IV

Outra parte do campo de batalha.
Alarma. Movimento de tropas. Entra Norfolk, com tropas. Catesby corre ao seu encontro.

Catesby · Vinde em socorro, caro Lorde Norfolk!
O rei realiza coisas sobre-humanas
sem temor enfrentando os inimigos.
Mataram-lhe o cavalo; a pé combate.
Anda à procura de Richmond té mesmo
na garganta da morte. Vinde logo,
meu caro lorde, ou tudo está perdido.
(Alarma. Entra o Rei Ricardo.)
Rei Ricardo · Um cavalo! Um cavalo! Dou meu reino
por um cavalo!

shakespearebrasileiro.org

Catesby · Retirai-vos, príncipe;
que eu vos arranjarei outro cavalo.
Rei Ricardo · Joguei a vida num só lanço, escravo;
aceito o que me der o azar dos dados.
Parece que no campo há seis Richmonds,
já matei cinco, em vez do verdadeiro...
Um cavalo! Um cavalo! Dou meu reino
por um cavalo!

(Saem.)

(Alarma. Entram, por diferentes lados, o Rei Ricardo e Richmond, e saem, combatendo. A seguir, tornam a entrar Richmond, Stanley, que traz a coroa, com diversos outros nobres e tropas.)

Richmond · Seja louvado Deus e vossas armas,
amigos vitoriosos. Nosso é o dia:
o sanguinário cão está sem vida.
Stanley · Corajoso Richmond, foi com bravura
que te desobrigaste. Aqui te trago
esta real jóia há muito profanada,
que eu próprio retirei da fronte morta
do monstro sanguinário, porque ornasses
com ela o teu conspecto. Ei-la! Recebe-a,
usa-a, dela te goza e dá-lhe brilho.
Richmond · Que a tudo isso diga Deus Amém.
E o moço Jorge Stanley, está vivo?
Stanley · Está salvo, milorde, na cidade
de Leicester, para onde poderemos
retirar-nos, se for do vosso agrado.
Richmond ·
Que homens de prol caíram dos dois lados?
Stanley ·
João, Duque de Norfolk, Walter, Lorde Ferrers,
Sir Roberto Brakenbury e Sir William Brandon.
Richmond ·
Sepultai-os de acordo com seus títulos.
Proclamai que serão perdoados todos
os fugitivos que nos procurarem
para se submeter. E após, conforme
juramos ao tomar o sacramento,
uniremos as rosas branca e rubra.
Sorri, Oh céu, para esta união sincera,
já que tanto ensombraste antigos ódios!
Que traidor, ao me ouvir, não diz amém?
Louca estava a Inglaterra, havia muito;
feria-se a si própria. Dementado,
sangue fraterno o irmão, cego, vertia;
furioso, o pai matava o próprio filho;
forçado, o filho ao pai sacrificava.
Tudo isso York e Lencastre ocasionavam,
em horrível discórdia divididos.
Ora deixai que os lídimos herdeiros
das duas casas reais de tanto brilho,
Richmond e Elisabete, por desígnio
de Deus a se unir venham. Que seus netos —
se assim, Deus o quiseres! — o futuro
enriqueçam com a paz de faces brandas,
com fartura risonha e dias prósperos.
Oh gracioso Senhor, embota as armas
dos traidores que queiram novamente
nos trazer esses dias sanguinários
e forçar a Inglaterra desditosa
a se afogar num mar de sangue e lágrimas.
Não chegue a ver a pátria sorridente
quem nos privar da paz traiçoeiramente.
Unidos, todos, ora a paz mantém;
para ser longa, diga Deus: Amém.

(Saem.)